Detalhe do quadro "Bandeirinhas", Alfredo Volpi,
Acervo Banco Central

. . . .

MANUAL BIBLIOGRÁFICO DE ESTUDOS BRASILEIROS

Sob a direção de

RUBENS BORBA DE MORAIS
Subdiretor dos Serviços Bibliotecários da ONU

e

WILLIAM BERRIEN
Professor da Universidade de Harvard

1º VOLUME

Brasília – 1998

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA

COLEÇÃO BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA

A Querela do Estatismo, de Antonio Paim
Minha Formação, de Joaquim Nabuco
A Política Exterior do Império, de J. Pandiá Calógeras
O Brasil Social, de Sílvio Romero
Os Sertões, de Euclides de Cunha
Capítulos de História Colonial, de Capistrano de Abreu
Instituições Políticas Brasileiras, de Oliveira Viana
A Cultura Brasileira, de Fernando Azevedo
A Organização Nacional, de Alberto Torres

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

Congresso Nacional
Praça dos Tres Poderes s/nº
CEP 70168-970
Brasília – DF

. . . .

Manual bibliográfico de estudos brasileiros / sob a direção de Rubens Borba de Morais e Willian Berrien. - Brasília : Senado Federal, 1998.

2v. - (Coleção Brasil 500 Anos)

1. Bibliografia, Brasil. I. Morais, Rubens Borba de, 1899 - II .Berrien, William. III. Série.

. . . .

. . . .

Nota Editorial

A *reedição pelo Senado Federal do* Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros *organizado por Rubens Borba de Morais e William Berrien, publicado em 1949, e que se encontrava esgotado há décadas, é um marcante evento cultural.*

A obra foi dividida pelos organizadores em 12 áreas que foram entregues a destacados intelectuais brasileiros e estrangeiros que escreveram ensaios temáticos de grande utilidade. Figuram nesse elenco, por exemplo: Geografia, *Pierre Monbeig;* Etnologia, *Herbert Baldus;* Período Colonial, *Sérgio Buarque de Hollanda;* Independência, *Otávio Tarquínio de Sousa;* Segundo Reinado, *Caio Prado Júnior;* República, *Gilberto Freyre; e* Poesia, *Manuel Bandeira.*

A concepção de Rubens Borba de Morais e de William Berrien de um manual de estudos brasileiros inovou ao incluir antes de cada listagem de obras um estudo introdutório, e de oferecer resumos dos títulos selecionados, enriquecendo, sobremaneira, a obra, diferenciando-a no campo das bibliografias sobre temas brasileiros. É curioso notar que um livro de tamanha relevância tenha tido somente uma edição, no final da década de 40, que se esgotou em pouco tempo, transformando-se em "espécie rara" somente encontrada em "sebos especializados" a altíssimos preços. Assim sendo, o Senado Federal presta inestimável serviço cultural ao tornar acessível ao público uma nova edição do famoso Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, *obra de consulta obrigatória para estudantes, professores, profissionais liberais e todos os interessados no conhecimento da realidade nacional.*

Registre-se, ainda, que na década de 80 houve um projeto para atualizar o Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, *tarefa que infelizmente não se concluiu. É, sem dúvida, um projeto que mereceria ser retomado. Porém, enquanto tal empreendimento não é levado a efeito, é necessário que a obra seja reeditada para estar à ampla disposição do público leitor interessado.*

. . . .

SUMÁRIO

. . . .

Prefácio

William Berrien

Circunstâncias de vária natureza e de todo imprevistas retardaram o aparecimento deste livro, cuja publicação fora calculada para 1943, quando os seus diretores planejaram uma bibliografia crítica e seletiva, que pudesse servir de guia introdutório aos estudos brasileiros. Cumpre-nos agora esclarecer as razões desse atraso, fazendo o histórico do projeto em si e das medidas preliminares para a sua realização.

Um dos aspectos significativos, no programa do Instituto de Estudos Latino-Americanos, foi a Conferência Bibliográfica, que se reuniu nos meses de julho e agosto de 1939 na Universidade de Michigan, com o escopo de discutir as necessidades atuais e futuras dos estudos relativos às culturas do Brasil e da América espanhola. Nessa Conferência, em sessão presidida pelos professores Robert C. Smith e Gilberto Freire, destinada à análise conjunta de desiderata *no campo de estudos brasileiros, a maioria dos participantes salientou a necessidade de um guia para o material básico do estudo de humanidades e ciências sociais, com relação às origens e ao desenvolvimento da cultura brasileira. Nessa ocasião, aventou-se a idéia de incorporar-se à agenda de tópicos daquele Comitê a elaboração de um plano para a publicação de tal guia. Por participantes da Conferência, inclusive pelos diretores deste trabalho, foram feitas outras sugestões, relativas aos problemas de organização da obra, especialmente no sentido de obter uma representação internacional no seu corpo de colaboradores e uma orientação de matérias que visasse aos interesses do leitor culto em geral e do pesquisador de estudos brasileiros, interessado em obter um guia introdutório às disciplinas ligadas aos mais amplos interesses do seu próprio estudo especializado.*

Já em 1939, bem antes de Pearl Harbor, deveriam refletir-se nas Américas os efeitos da crise por que passava a Europa. A complexidade crescente dos acontecimentos, em todo o mundo ocidental, se fez sentir por meio de uma atmosfera de emergência, que modificou profundamente os padrões das atividades intelectuais e acadêmicas, criou sérios problemas no que se refere ao intercâmbio internacional, indispensável aos

programas de pesquisas em cooperação, e tornou impossível a participação ativa de vários pesquisadores de estudos brasileiros, cujos nomes haviam se destacado nos debates bibliográficos de poucas semanas antes. A situação de depressiva incerteza, que caracterizou os meses que se seguiram à Conferência da Universidade de Michigan, trouxe sérias dúvidas quanto à praticabilidade de levar-se avante as propostas sugeridas. Mas, em dezembro de 1939, o professor C. H. Haring, presidente do Comitê de Estudos Latino-Americanos, pediu-me que preparasse um memorando sobre os problemas e as possibilidades de publicação de um manual de estudos brasileiros a ser discutido na reunião do Comitê a realizar-se em princípios de 1940. Estudado o assunto, o professor Haring designou-me e ao Dr. Rubens de Morais para dirigir a obra projetada, com poderes para organizar um plano geral da matéria, escolher os redatores dos vários capítulos e dispor quanto à respectiva participação no prosseguimento do trabalho, bem como estudar os problemas inerentes à sua publicação. O Comitê concordou plenamente em que se procurasse obter, por intermédio do Conselho Americano das Sociedades Eruditas, um modesto subsídio, que permitisse o início da obra, atendendo as despesas com os serviços de secretaria, durante dois ou três anos, prazo calculado de início pelos diretores para o preparo do volume e organização da matéria, de acordo com os processos bibliográficos modernos. Por conseguinte, um ano depois das primeiras discussões da Conferência de Michigan, o Comitê de Estudos Latino-Americanos havia apresentado um plano para a elaboração da obra e confiado a execução aos seus diretores, que esperavam ter o trabalho pronto para o prelo em fins de 1943. Neste ponto, os acontecimentos dos anos que se seguiram provaram ser esse projeto excessivamente otimista.

Para a eficiência da elaboração de um manual bibliográfico como este, um dos fatores mais importantes é o da estabilidade, com relação aos colaboradores, não só quanto ao local de trabalho como ao que diz respeito a uma troca de pontos de vista, suficiente independência de compromissos, de sorte a permitir que dediquem, em intervalos regulares, o necessário tempo e atenção às tarefas de cooperação indispensáveis a cometimentos dessa natureza. Essas facilidades preliminares seriam sobremodo importantes num trabalho de cooperação entre especialistas internacionais, num estudo sem precedentes no gênero. Ao fim de quatro anos, quando o volume ficou pronto para o prelo, sucederam-se contratempos, por circunstâncias e delongas, que não ha-

viam sido previstas nem pelo Dr. Rubens Borba de Morais nem por mim, que exigiram repetidas alterações no plano inicial. De nada adiantaria relembrar agora a natureza desses vários contratempos, nem a maneira pela qual influenciaram de forma adversa na organização e progresso do nosso trabalho; mas ambos lamentamos a deficiência de condições favoráveis à sua realização, tal como foi originariamente concebido. No entanto, acreditamos que a obra realizada, a despeito de suas inevitáveis imperfeições, seja útil àqueles que desejam orientar-se sobre estudos brasileiros nas várias disciplinas e que as imperfeições do Manual *possam estimular outros a desenvolver e melhorar, de futuro, o esforço atual.*

Somente no segundo trimestre de 1941 os diretores puderam reunir no Rio de Janeiro os redatores escolhidos para preparar as diversas partes do Manual*; logo em seguida, segunda reunião teve lugar em São Paulo, entre os redatores ali residentes. Por essa ocasião, tornara-se evidente que já não se podia contar com a participação de vários estudiosos de reconhecida capacidade, cuja colaboração teria prestigiado o corpo de redatores com a almejada representação internacional. A morte repentina do professor Percy A. Martin privou a obra de um colaborador ilustre e entusiasta no campo da História do Brasil; com a malograda perda do professor Max Handmann teve de ser abandonada a parte especial relativa à Economia.*

Em virtude de compromissos assumidos em serviços de guerra nos seus respectivos países, não foi possível obter-se a participação ativa dos professores Preston E. James e Lévi-Strauss, cuja autoridade e experiência nos campos da Geografia e da Antropologia Social fariam deles, indubitavelmente, membros naturais de qualquer corpo de redatores que se ocupasse de estudos brasileiros. Depois de um período de pesquisas no Brasil, o professor Engel Sluiter, assoberbado de compromissos, ao voltar para a Universidade da Califórnia, não pôde aceitar a incumbência de coordenar as várias subdivisões do capítulo de História. Os nossos esforços em obter a colaboração de outros especialistas estrangeiros foram igualmente frustrados, em virtude da situação de instabilidade da época em que foi empreendido o trabalho. Lamentamos que a representação internacional do corpo de redatores tenha sido menor do que se pretendeu de começo, mas levando em conta o valor das sugestões feitas na Conferência Bibliográfica de 1939, na qual a necessidade de um guia de estudos brasileiros foi discutida pela primeira vez, e, examinando, ainda que rapidamente, o conteúdo da

obra, verifica-se que a participação de pesquisadores de estudos brasileiros de várias nacionalidades é ainda bastante grande a despeito de tantos obstáculos. Isso constitui um bom indício do crescente interesse, entre eruditos de vários países, pelos estudos brasileiros.

Embora reconhecendo a significação que confere a uma obra de colaboração sobre a cultura de qualquer país a presença no seu corpo de redatores de um grande número de escritores estrangeiros, cumpre ressaltar a boa oportunidade que tivemos ao conseguirmos interessar no nosso trabalho vários dos intelectuais mais representativos do Brasil. A reconhecida competência dos especialistas brasileiros, que escreveram a maioria dos capítulos desta obra, é a primeira garantia do seu sucesso e utilidade. Eles demonstraram, em verdade, uma isenção e objetividade que constituem por si sós valiosa contribuição ao progresso dos estudos bibliográficos brasileiros. Sua experiência e discernimento emprestam uma importância toda especial à parte crítica deste trabalho. Na maioria dos casos, os redatores brasileiros não se haviam ocupado antes com trabalhos bibliográficos da índole do presente volume. Sua boa vontade na execução dessa tarefa é, pois, de grande relevância para o desenvolvimento da bibliografia no Brasil.

Na feitura do presente volume, procurou-se o máximo de uniformidade para os capítulos, observando-se o mais possível os processos bibliográficos modernos, destinados a facilitar a consulta. As normas seguidas na indexação dos nomes próprios são as estabelecidas nos últimos anos por especialistas em Biblioteconomia no Brasil (Biblioteca Pública Municipal de São Paulo). Tal medida poderá talvez desconcertar o leitor, no Brasil e fora dele, acostumado à rotina, que persistia no assunto por mais de um século. De acordo com a prática recentemente firmada, esperamos que o tempo poupado ao final venha compensá-lo de qualquer atraso ou confusão, porventura ocorridos.

O critério adotado foi o de dar aos redatores dos capítulos a máxima liberdade, permitida para os fins a que se destinava o livro como um todo. Preliminarmente, ficou assentado que a organização geral dos capítulos deveria seguir, dentro dos limites indicados pela natureza do trabalho, os padrões estabelecidos pelo Handbook of Latin America Studies, *publicado anualmente e desde 1936 pela Harvard University Press, sob os auspícios do Comitê de Estudos Latino-Americanos. Os leitores, que consultarem este livro, observarão que alguns capítulos trazem referências a estudos publicados depois de 1942, ao passo que outros terminam justamente nesse ano.*

Essa pequena falta de uniformidade pode ser facilmente explicada pelo fato de terem alguns redatores suas respectivas partes em 1942, época em que ficou estabelecido o término do trabalho, ao passo que outros não o fizeram na ocasião, tendo, portanto, oportunidade de atualizar seus trabalhos até 1945.

A apresentação dos capítulos é suficientemente simples para exigir mais longa descrição. Trata-se de breve histórico sobre o desenvolvimento e a situação das disciplinas selecionadas, acompanhado de uma bibliografia crítica e seletiva de itens, que devem ser básicos para o estudo do assunto. O leitor, que utilizar o presente trabalho como guia de referência e orientação de estudos, encontrará falhas eventuais, no sentido da proporção, que deveriam existir entre os diferentes capítulos, relativamente à extensão ou à minúcia, falhas essas que os diretores não puderam evitar, dada a falta de tempo disponível, aliada às constantes oscilações que sofreu o trabalho na sua evolução e ao desejo de respeitar o limite de autonomia de cada um dos redatores, que tiveram de restringir, no interesse do conjunto, as necessárias alterações. Certas subdivisões poderão parecer excessivamente longas e minuciosas dentro das respectivas partes, mas é que, nesses casos, verificaram os diretores que a complexidade se torna inevitável onde pouca ou nenhuma orientação bibliográfica tenha existido previamente. O professor Smith, quando nos remeteu a sua parte sobre Arte, autorizou-nos a reduzir muito do seu trabalho, mediante consulta a especialistas residentes no Rio de Janeiro. Realizadas essas consultas, ficou decidido que, mesmo a custo de violar a uniformidade a que estávamos autorizados a obedecer, fosse impresso o trabalho completo, dado o seu valor orientador num campo em que um guia dessa natureza estava falho, tanto para o pesquisador de estudos brasileiros como para o de história da arte. Outros casos similares se deparam, determinando aparentes desvios que não devem, de forma alguma, ser interpretados como índice de menor importância das disciplinas representadas pelos capítulos de proporções mais modestas. A responsabilidade de uma verificação quanto à situação das várias disciplinas, no campo geral dos estudos brasileiros, deve naturalmente ser dada aos redatores. Aqueles que manusearem o presente volume deverão, sem dúvida, concordar com os diretores, quando afirmam que os redatores foram todos em seu conjunto admiravelmente objetivos, libertando-se desses aspectos de menos importância na execução de suas respectivas tarefas.

A língua ou línguas em que este manual deveria aparecer constituiu assunto de animadas controvérsias entre os interessados na época em que o projeto foi discutido. Inicialmente, acreditou-se que, em vista das várias representações internacionais, deveria ser facultado a cada redator uso de sua própria língua na parte que lhe competisse. O alto custo de uma publicação assim organizada e, ainda, para atender aos interesses e à conveniência da maior parte dos consulentes levou-nos a duvidar da utilidade prática de tal esforço.

Durante os primeiros dois anos de compilação do volume, os diretores resolveram adotar a sugestão da maioria dos redatores brasileiros, que consideravam de maior interesse ser o Manual *editado em língua inglesa. Desse modo, não se poupou esforços em dar cumprimento à sugestão, fazendo traduzir para o inglês a maior parte das colaborações brasileiras. Em 1944 ficou patenteado que as dificuldades e despesas decorrentes de tal empreendimento não teriam justificativa em serem levadas a termo. Decidiu-se, portanto, em definitivo, que uma obra destinada a servir de introdução a estudos brasileiros, e escrita na sua maior parte por colaboradores brasileiros, não deveria ser dada a público em outra língua que não a portuguesa. As vantagens práticas desta decisão são por demais óbvias para que requeiram maior justificativa.*

Firmada essa decisão, foram tomadas providências para a organização da obra na sua fase final, compreendendo o estudo dos problemas atinentes à sua publicação em português no Rio de Janeiro e conseqüente distribuição entre as pessoas e entidades que, no Brasil e fora dele, têm demonstrado interesse por estudos deste gênero. Uma série de embaraços, de natureza vária, adiou consideravelmente a publicação da obra, ocorrência deveras lamentável, não só para os diretores como para os redatores, que de há muito haviam concluído os seus trabalhos. Não adianta enumerar os fatores que contribuíram para que o Manual *tivesse a sua entrega ao público tão retardada. O que importa assinalar agora é a providencial ajuda prestada ao* Manual *pelos Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e Instituto Nacional do Livro, que tornou possível a sua publicação, bem como a assistência das pessoas que colaboraram no assunto, e expressar o desejo de que* Manual *seja de tal utilidade aos estudiosos das coisas do Brasil e de sua cultura, que venha, de certo modo, compensar essa generosa cooperação.*

Como foi dito acima, tanto a ajuda inicial como as subseqüentes, prestadas pelo Comitê de Estudos Latino-Americanos do Conselho Americano das Sociedades Eruditas, constituíram fator de grande importância para o nosso trabalho, o que o Dr. Borba de Morais e eu tivemos repetidamente a oportunidade de encarecer. Dos recursos fornecidos pela Fundação Rockefeller ao Conselho Americano das Sociedades Eruditas à execução do seu programa, no desenvolvimento dos estudos latino-americanos, foi aprovado um subsídio para garantir o preparo do presente volume e também de uma série de índices bibliográficos para revistas brasileiras. Esse subsídio habilitou os diretores a contratar trabalhos auxiliares e de pesquisa, o que facilitou a tarefa dos redatores e tornou possível completar o trabalho de acordo com os processos bibliográficos modernos. Assim sendo, conseguimos a colaboração do Sr. Francisco de Assis Barbosa, na qualidade de assistente do Dr. Borba de Morais, como coordenador dos trabalhos, de 1942 a 1943.

No início do projeto, o Conselho Americano das Sociedades Eruditas facilitou a três jovens intelectuais americanos, Srs. Frank P. Hebblethwaite, Hubert Mate e John B. Watson, uma ajuda de estudos no Brasil, de forma a combinar esses estudos com serviços auxiliares de pesquisa em diversas disciplinas, incluídas no Manual. Os serviços da professora Alice Canabrava, como colaboradora do Dr. Borba de Morais, na organização e coordenação de várias subdivisões de história, e da Srª Oneida Alvarenga no capítulo de folclore, foram igualmente facilitados pela assistência fornecida por aquele Conselho.

Além de assistência técnica na preparação dos vários capítulos, prestaram esses pesquisadores uma entusiasta e espontânea cooperação ao partilharem nosso interesse em apresentar um Manual de orientação útil para o número sempre crescente de estudiosos dos assuntos brasileiros. Há, também, algumas pessoas no Brasil e no estrangeiro a quem devemos gratidão por valiosa assistência, gentilmente prestada. Somos gratos, por exemplo, ao professor Engel Sluiter por ter focalizado grande número de estudos históricos, publicados nos Estados Unidos, os quais foram incorporados ao Manual. Agradecemos sobremodo essa assistência e expressamos nossa sincera gratidão pelo generoso espírito de cooperação dos distintos intelectuais que escreverem os diversos capítulos, além de contribuírem com o prestígio de seus nomes e a qualidade de seu trabalho para maior valorização do Manual.

Já fizemos menção às dificuldades por que passou este trabalho, principalmente quanto às circunstâncias que motivaram mudanças de local da secretaria do Manual *e, também, o afastamento de seus diretores. Esses contratempos poderiam ter redundado em alterações desastrosas para a continuidade do projeto, não fora a lealdade e eficiência dos assistentes com cuja colaboração tivemos o privilégio de contar. Neste sentido, devemos os mais sinceros agradecimentos à Srª Erina de Assunção Machado, pela sua eficiente ajuda na confecção das fichas; ao professor Odilon Nogueira de Matos, pela contribuição que prestou nas pesquisas bibliográficas sobre História; e à Srª Frances Kirschenbaum, que colaborou nos serviços de revisão de vários itens.*

Se deixamos para o final a expressão de nossa gratidão à Srª Irene de Meneses Dória, secretária do Manual, *foi porque em todas as fases de nosso trabalho e, especialmente nas mais difíceis do último período, a sua inteligência, seu constante bom humor e a sua reconhecida eficiência na aplicação de princípios bibliográficos constituíram, durante esses anos, uma das nossas mais agradáveis recordações de uma longa e difícil tarefa. A sua colaboração, no que diz respeito à responsabilidade, é equivalente à de qualquer indivíduo que participou desta obra. Este* Manual *muito deve, sem, dúvida, à sua fé no valor e utilidade da obra e, também, à comprovada competência e boa vontade com que tomou a si a responsabilidade dos detalhes técnicos relativos à organização e revisão do trabalho, até final publicação.*

É possível que o leitor, folheando o Manual, *venha a notar que alguns capítulos já foram publicados no todo ou em parte. À vista do atraso, pareceu-nos razoável permitir a alguns colaboradores que antecipassem a publicação dos resultados das pesquisas realizadas na preparação deste volume. É de prever-se que os que já se familiarizaram com alguns capítulos do* Manual, *em consultas anteriores, feitas em outras publicações, maior proveito experimentem no trato dos assuntos destes capítulos, dentro da visão panorâmica dos estudos brasileiros, para os quais foram destinados originariamente. É necessário lembrar novamente ao leitor que as publicações posteriores a 1940-1942, que aparecem esporadicamente na bibliografia de alguns capítulos, não devem ser consideradas como índice de valorização desses capítulos, com relação a outros, em que não se registram estudos publicados depois desta data, que foi estabelecida nas reuniões preliminares como a de terminação do* Manual. *O leitor que desejar orientação concernen-*

tes aos estudos mais importantes publicados no Brasil, depois de 1940-1942, deve recorrer aos volumes anuais do Handbook of Latin American Studies, *que trazem uma estimativa dos recentes trabalhos no campo de estudos brasileiros.*

Os especialistas das várias disciplinas versadas nas páginas que se seguem e experimentados bibliógrafos do Brasil e do estrangeiro hão de naturalmente encontrar falhas nos capítulos de sua especialidade e na concepção e organização geral do volume. Lacunas de várias modalidades que possam ter escapado à atenção dos diretores e da secretária do projeto, ou que circunstâncias desfavoráveis tenham impossibilitado de corrigir, no momento, ocorrerão decerto ao leitor que, no estrangeiro, compulsar o Manual. *Desejamos sinceramente uma crítica livre sobre a nossa iniciativa de produzir um guia geral de estudos brasileiros, contendo sugestões para um futuro trabalho, pois, sabemos perfeitamente que o* Manual *está longe de se encontrar isento das imperfeições, que caraceterizam aliás os primeiros empreendimentos, embora tenha sido nosso desejo apresentar uma introdução completa e segura no campo dos estudos brasileiros. São nossos votos, também, que sejam planejadas e realizadas futuras iniciativas, destinadas a dar uma orientação geral a esses estudos. Seus autores terão, assim, no presente* Manual, *um ponto de partida, aproveitando as críticas por ele sugeridas. Se, nos anos que se sucederem, entre o aparecimento desta obra e o de um guia mais geral dos estudos brasileiros, nosso trabalho vier a ser de utilidade ao público crescente, que em todo o mundo se interessa pelo estudo do Brasil e da riqueza e complexidade de sua cultura, os Diretores do Manual sentirão que foram bem recompensados os esforços e esperanças que, juntamente com o seu diligente corpo de colaboradores, dedicaram a esta empresa comum.*

Harvard University
Cambridge, 38 -- Massachusetts

. . . .

Arte

Robert C. Smith

A história da arte é um estudo relativamente recente no Brasil, tal como acontece em outros países. Por conseguinte, qualquer bibliografia da arte brasileira precisa necessariamente limitar-se ao número de peças que é possível reunir em comparação com uma bibliografia de história, de leis ou de literatura brasileira. É preciso que ela se ocupe, também, de muitas publicações que dizem respeito ao assunto, apenas indiretamente. Ainda não se procurou escrever sistematicamente a história da arte brasileira, período por período, região por região, num único volume ou numa série de volumes. Conseqüentemente, não há obra de referência básica sobre o assunto, nem têm sido cuidadosamente estudados os principais arquitetos, pintores e escultores brasileiros sob o ponto de vista da bibliografia ou da análise crítica. São ainda raras e esporádicas as monografias sobre aspectos especiais da arte brasileira, e o resultado é que a arte brasileira é um grande campo a explorar. Entretanto, as recentes realizações de estudiosos brasileiros e de órgãos do Governo brasileiro indicam que se acha agora em campo um corpo de "bandeirantes" em belas-artes. Suas descobertas nos próximos anos prometem rivalizar e mesmo superar tudo quanto se fez antes. O presente momento, portanto, pareceu especialmente adequado para se tentar fazer um inventário do que se tem escrito sobre a matéria, de forma a dar uma introdução ao assunto e proporcionar talvez alguns meios de assistir os estudiosos brasileiros e estrangeiros agora empenhados no estudo da arte brasileira.

Esta bibliografia tem a desvantagem de ter sido preparada em grande parte fora do Brasil. Longe está, portanto, de ser completa. Não só tornou-se impossível consultar todos os exemplares de um dado jornal, devido à falta de coleções completas nas bibliotecas norte-americanas,

como também não foi possível ter conhecimento de muitos livros e folhetos raros que nunca chegaram aos Estados Unidos e dos quais existem apenas alguns exemplares no Brasil.

Esta bibliografia se baseia nos esforços feitos pelo autor em 1937 em várias bibliotecas e arquivos brasileiros, na qualidade de membro do American Council of Learned Societies para estudo de arte colonial brasileira. Seus contatos bibliográficos com a arte brasileira foram continuados numa série de bibliografias anuais que desde 1938 vêm sendo publicadas no *Handbook of Latin American Studies.* Em 1940, na qualidade de Chefe do Arquivo de Cultura Hispânica da Fundação Hispânica na Biblioteca do Congresso, iniciou o autor uma análise cuidadosa da coleção, existente na biblioteca, de publicações sobre arte latino-americana para uma bibliografia daquele assunto a ser incluída no próximo *Guide to the art of Latin America,* do Arquivo. Todos os dados examinados para aquela bibliografia e para as bibliografias do *Handbook of Latin American Studies* constam desta bibliografia. Foram aproveitadas também as pesquisas feitas por uma colega do Arquivo de Cultura Hispânica, Miss Elizabeth Wilder, que, em 1941, consultou nas bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo publicações que não podiam ser encontradas na Biblioteca do Congresso. Finalmente, foram visitadas a Biblioteca Pública de New York, a Widemer Library da Universidade de Harvard, e a Coleção Oliveira Lima da Biblioteca da Universidade Católica da América e da Columbus Library da União Pan-Americana, bem como outras notáveis coleções latino-americanas, nos Estados Unidos.

A despeito desses esforços, a bibliografia da arte brasileira está, por certo, longe de ser completa. Há omissões graves de seqüências periódicas, de antigas peças raras e de publicações oficiais. Tudo isso só poderia ter sido obtido por meio de uma busca intensiva em todo o Brasil durante vários meses. Nem se podem basear na seletividade as desculpas para essas omissões. Esta não é uma bibliografia seletiva pelo fato de excluir todas as peças que não sejam as mais pertinentes. Quando uma bibliografia, por falta de material que se refira, direta e exclusivamente, ao assunto, precisa ser compilada em grande parte com dados secundá-

rios, tais como livros guias, diários de viagens, albuns *costumbristas* e fotográficos, sem falar em histórias e biografias regionais, tal como acontece com esta, não se pode observar tal seletividade. Em muitos casos as chamadas publicações secundárias e outras de valor inferior são os únicos documentos escritos que tocam em determinado assunto. Essas peças têm, portanto, de ser incluídas, ao passo que num campo mais profundamente estudado, elas teriam de ser eliminadas automaticamente de uma bibliografia geral. Em tais casos, porém, tentou-se explicar nos comentários críticos a razão para a inclusão das peças ou procurou-se advertir o leitor sobre o valor limitado de certo material.

Embora não seja esta bibliografia nem completa, nem seletiva, pode ser considerada uma bibliografia representativa. Todo aspecto de arte brasileira de qualquer importância acha-se aqui representado por uma ou mais publicações. Assim pode o leitor consultar esta relação para encontrar os meios de fazer pelo menos um reconhecimento preliminar, por mais limitado que seja, em quase todos os ângulos do campo. Talvez a principal justificativa desta bibliografia seja precisamente este característico – que ela é uma introdução a um assunto pouco explorado, uma bibliografia introdutória de um campo que está prestes a tornar-se uma disciplina de estudos brasileiros em pleno desenvolvimento.

DISPOSIÇÃO

As publicações aqui incluídas estão divididas primeiro em cinco amplas classificações, de natureza parcialmente cronológica. A primeira é uma categoria geral, consistindo de obras que representam dois ou mais períodos da arte brasileira. Quando um volume compreende vários ensaios independentes sobre diferentes aspectos ou épocas, esses ensaios são relacionados separadamente nas respectivas categorias subseqüentes. Nessa primeira classificação geral estão incluídos, além das peças sobre história da arte, bibliografias, publicações sobre museus e coleções de arte, trabalhos sobre escolas e ensino de arte no Brasil, assim como sobre a proteção de monumentos. Esta seção pode ser considera-

da como introdução à bibliografia. A segunda parte da categoria geral é mais precisa. Aí são apresentados trabalhos em geral, mas somente os que tratam de um único ramo de arte brasileira em dois ou mais períodos, tal como arquitetura, pinturas, esculturas e arte popular. O grupo de arquitetura é subdividido por regiões em seqüência alfabética e uma outra seção é destinada às publicações no campo que trata de urbanismo.

A segunda categoria importante, a indígena, apresentou um problema especial. Define-se a arte brasileira, para os fins desta bibliografia, como compreendendo todas as obras de belas-artes e de arte popular produzidas por brasileiros, e as obras de belas-artes e de arte popular criadas por pessoas residentes no Brasil ou de passagem pelo país, obras essas que podem ser consideradas brasileiras, pelo assunto ou pelo espírito, ou que tenham feito uma contribuição essencial à arte brasileira. Na maioria dos casos, essas definições são de fácil aplicação. As recentes pinturas feitas por Cândido Portinari nas paredes da Fundação Hispânica na Biblioteca do Congresso, embora não tivessem sido executadas no Brasil, são por certo exemplo de arte brasileira. Igualmente, a longa série de pinturas, desenhos e gravuras de assuntos brasileiros feitos por estrangeiros no Brasil ou como conseqüência de suas viagens pelo Brasil, desde os holandeses do século XVII em Pernambuco, até os membros da missão francesa de 1816 e os artistas *costumbristas* de meados do século XIX, pertencem evidentemente à tradição da arte brasileira. A obra de expatriados europeus como Lasar Segall acha-se ligada inextricavelmente, em matéria, espírito e influência, à pintura corrente no Brasil. Por outro lado, os murais pintados por George Biddle na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro não se relacionam em qualquer sentido com a pintura brasileira, quer pela influência exercida, quer pelo espírito ou assunto que encerram.

Em arquitetura, além disso, onde não se encontrem geralmente elementos indígenas, é costume considerar-se a obra de arquitetos estrangeiros no Brasil como arquitetura brasileira, como no caso de Giovanni

Battista Primoli, no século XVIII, Grandjean de Montigny, no século XIX, ou o internacionalista polonês contemporâneo, Bernard Rudofsky.

Mas, e a arte dos índios brasileiros? Em todos os sentidos constitui ela parte essencial da arte brasileira. Tradicionalmente, a arte indígena da região amazônica, que é a melhor expressão da arte indígena no Brasil, faz parte do grupo de arqueologia latino-americana de antes da conquista. Se assim fosse considerada exclusivamente, deveria ser-lhe dada uma classificação separada, a primeira em seqüência cronológica dentro da bibliografia. Mas a arte indígena não cessa com a conquista. Aliás, acredita-se agora que alguns dos objetos mais belos da Amazônia datem dos séculos XVI e XVII. Além disso, a arte indígena está sendo ainda produzida. Tendo isto em mente, foi considerada a possibilidade de acrescentar uma seção indígena a cada divisão cronológica, incluindo assim uma subdivisão indígena na arte colonial, na arte do século XIX e na arte moderna. Mas isto é impossível, desde que em muitos casos os trabalhos de artífices indígenas no Brasil não podem ainda ser definitivamente datados e muitos escritores sobre o assunto têm evitado inteiramente o problema de datar. Em vista dessa dificuldade, pareceu mais sensato calcular toda a arte indígena em uma categoria independente da ordem cronológica dos vários períodos, colocando-a imediatamente antes dessa seqüência, de forma a indicar que em muitos casos precedeu ela o desenvolvimento da arte européia e afro-brasileira. Ao mesmo tempo, sua posição independente deveria mostrar que ela foi também contemporânea das principais correntes da tradição artística nacional. Por esses motivos, a arte indígena figura como a segunda categoria desta bibliografia.

As três principais classificações finais, colonial, século XIX e moderna, compreendem uma subdivisão das obras gerais que representam dois ou mais ramos de arte num período especial, com divisões separadas para os diferentes ramos, como na categoria geral. Há uma seção especial sobre artes secundárias para os três períodos e uma subdivisão especial de artes gráficas no século XIX e arte popular, que compreende a arte negra, no período moderno.

Nesta bibliografia, o fim do período colonial é colocado arbitrariamente no fim do século XVIII. Isto foi feito a fim de colocar a bibliografia da missão francesa de 1816 juntamente com as outras obras de arte do século XIX, a que ela pertence. Se tivesse sido observada a terminação histórica exata do período colonial, este movimento, tão importante para o estudo de toda a tradição acadêmica da arte brasileira do século XIX, teria sido relegado a um período diferente e grande número de publicações, que indicam a obra dos membros do grupo oficial que veio da França depois de 1821, teriam sido separados por muitos anos de sua posição certa. Por outro lado, essa terminação arbitrária do período colonial em 1799 apresenta certas desvantagens, desde que a maior parte da produção nativa brasileira do período que vai de 1800 a 1821 se relaciona de perto, em espírito e em estilo, com a obra da tradição colonial do século XVIII. Sente-se, porém, que isto é superado pela vantagem acima mencionada de colocar a bibliografia da missão de 1816 com a restante do século XIX.

Entre os dados mais valiosos para o estudo da arte desse período, contam-se os trabalhos escritos por europeus e norte-americanos que visitaram o Brasil durante o século XIX. Procurou-se em cada caso consultar e relacionar a edição original. Sempre que foi possível encontrar uma tradução portuguesa, quer da época do original, quer moderna, foi a mesma incluída na relação. Em alguns casos, quando a versão original era em alemão, francês ou alguma outra língua, consta também da relação uma tradução inglesa.

A última categoria da bibliografia – arte moderna – apresentou também um problema de limites cronológicos. Deveria ser ela exclusivamente contemporânea, e quando deveria começar? Poder-se-ia apresentar um excelente argumento de que o período deveria começar com a célebre Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922 e continuar até o ano de 1942, em que esta bibliografia se encerra. Mas isto excluiria as primeiras experiências com o estilo moderno e naturalmente a importante visita de Lasar Segall ao Brasil em 1913. Além disso, se essa

disposição tivesse sido observada, teria sido difícil encontrar um lugar para as peças que se referiam ao período de 22 anos entre 1900 e a época da "Semana". Elas não poderiam ser encaixadas na categoria anterior do século XIX, embora, em espírito, muito da obra daquela época fosse idêntica à produção do período anterior. Para evitar esta dificuldade, portanto, e para dar ao período moderno um campo bastante amplo para incluir toda a evolução do período contemporâneo, decidiu-se prolongar o período de 1900 até o de hoje. Esta é a praxe estabelecida na seção brasileira da bibliografia de arte do *Handbook of Latin American Studies*. Assim, a seção de arte moderna é na realidade uma seção do século XX. Ela não teve esse rótulo, porém, porque o termo "moderno" parecia apresentar uma idéia mais precisa e porque se equilibrava com a denominação "colonial" já empregada aqui.

Em toda a bibliografia procurou-se revelar a localização, nas bibliotecas norte-americanas, das publicações mencionadas. A grande maioria das peças foi consultada na Biblioteca do Congresso. São incluídas com os seus números de chamada para conveniência dos leitores que quiserem consultá-las. Quando se encontrar um livro ou um periódico na Biblioteca do Congresso, mas que por um motivo ou por outro não tenha recebido um número de chamada, acha-se apenso o símbolo "DLC uncat" (DLC não catalogado). Do mesmo modo, são usados outros símbolos do "Union Catalog" para indicar outras bibliotecas norte-americanas onde podem ser encontradas as peças constantes desta bibliografia que não se acham na Biblioteca do Congresso.[1]

Finalmente, são incluídas várias publicações sem comentário. São peças que, em sua maior parte, constam de catálogos de bibliote-

(1) A chave para esses símbolos é a seguinte: MH (Harvard University, Cambridge, Mass.); ICN (Newberry Library, Chicago, Ill.); NN (New York Public Library); NNC (Columbia University, New York City); CSt (Stanford University, Palo Alto, Cal.); DCU-IA (Catholic University, Washington, D.C.); DPU (Pan American Union, Washington, D.C.).

cas, mas que não puderam ser encontradas. Outras representam livros muito recentes constantes de catálogos de editores ou de revistas literárias, mas que não foram recebidos em Washington com tempo de serem vistos e comentados nesta bibliografia. Pareceu mais útil incluí-los sem anotação do que omiti-los inteiramente.

HISTORIADORES DA ARTE BRASILEIRA

Tendo preparado uma bibliografia anotada, mais ou menos seletiva e crítica, o compilador é algumas vezes tentado a encher a sua introdução com uma justificativa de sua escolha de peças, declarando qual o livro que, na sua opinião, é o melhor sobre cada assunto. Assim procedendo, é obrigado a repetir a substância de seu comentário sobre trabalhos individuais na bibliografia, duplicando assim o material. Por outro lado, esses comentários, que numa bibliografia geral são naturalmente de tamanho restrito, não permitem por aí só ao leitor acompanhar o desenvolvimento dos estudos num determinado campo. Para preencher essa lacuna, portanto, uma parte desta introdução é dedicada aos homens que escreveram sobre arte brasileira, tanto aqueles que, como historiadores de artes, se ocuparam diretamente do assunto como aqueles cujos trabalhos sobre determinados temas prestaram, indiretamente, contribuições notáveis ao nosso conhecimento da arte brasileira.

Assim como Frans Post, um holandês que visitou o Brasil como artista topográfico a serviço do Conde Maurício de Nassau, pintou as primeiras paisagens brasileiras, seu compatriota, Kaspar van Baerle, foi o primeiro escritor que descreveu detalhadamente a construção convencional no Brasil. Esse conhecido latinista dos Países-Baixos incluiu em seu panegírico à administração do Conde de Nassau, *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum...* (376), interessantes descrições dos palácios e edifícios públicos que os holandeses erigiram em Recife durante o seu breve período de ocupação (1633-1654). Baseadas antes em informações detalhadas em segunda mão do que no conhecimento pessoal dos monumentos, essas descrições são um exemplo remoto do valor do

que se poderia chamar de fontes indiretas para estudo da arte brasileira. Já no século XVI, os chamados cronistas Gabriel Soares de Sousa e o jesuíta Fernão Cardim tinham coligido em seus trabalhos informações sobre os primeiros edifícios do Brasil. Essas informações são completadas pela correspondência dos governadores coloniais, pelas provisões, assentamentos de contas e de outros atos oficiais daquele período e, ainda, as denunciações e confissões promovidas pelo Santo Ofício na Bahia e em Pernambuco, as Cartas Jesuíticas e as Atas das Câmaras das cidades e vilas.

O frade português Agostinho de Santa Maria foi o primeiro historiador *per se* da arte brasileira, uma vez que o seu livro, *Santuário Mariano*, de 1722 (263), se dedica à descrição de igrejas portuguesas e brasileiras, registrando sua estrutura e catalogando suas decorações. No mesmo século, mais tarde, o poeta colonial de Minas Gerais, Cláudio Manuel da Costa, em sua epopéia *Vila Rica* (335), introduziu descrições de alguns dos edifícios daquela vila no século XVIII. O autor ainda desconhecido de uma diatribe poética, as *Cartas Chilenas*, fazia uma ligeira descrição em estilo barroco da penitenciária de Ouro Preto, um dos notáveis monumentos coloniais do Brasil, em seu ataque contra o governador que a construiu, Luís da Cunha Meneses (329). As *Cartas Soteropolitanas* (317), compiladas por Luís dos Santos Vilhena em princípios do século XIX na Bahia, constituem outra fonte literária valiosa para estudo dos edifícios coloniais, desta vez na própria antiga capital do Brasil.

Durante o século XVIII vários viajantes europeus, muitas vezes capitães de navios, visitaram cidades brasileiras e publicaram descrições de sua arquitetura como parte de suas memórias. Enquanto que em muitos casos essas descrições não são bastante detalhadas para constituir uma primeira indicação na documentação dos edifícios coloniais, têm elas o valor de refletir o gosto da época, contribuindo para a história de uma igreja ou de um palácio "visto e descrito por Fulano de Tal no século XVIII", fato esse bastante raro na América. Especialmente interessante, pelo seu caráter minucioso e por sua data remota, é a descrição agora

clássica da igreja jesuíta de Salvador (Bahia), feita em manuscrito por Amadée-François Frézier em data não posterior a 1717 (291). A essa descrição seguiram-se as observações entusiásticas sobre as igrejas da Bahia, feitas por outro navegador literário, Le Gentil de Labarbinais, em 1728 (299). François Coréal e outros continuaram essa tradição por todo o século (238). Nos últimos anos foram publicadas várias interessantes coleções de relatórios de viagens que se referem à arquitetura colonial da costa.

Em 1812, John Mawe, um inglês aventuroso, deu a lume suas *Travels in the interior of Brazil* (348), em que fez freqüentes alusões às igrejas suntuosas e às casas confortáveis daquela rica região montanhosa. O livro de Mawe levou ao público de leitores europeus em geral os primeiros comentários sobre a civilização mineira, sua arte e sua arquitetura. Ele foi também o precursor imediato da grande série de trabalhos *costumbristas* europeus e de ilustrações do Brasil que apareceram durante o século XIX. Já por volta de 1820, alguns dos mais importantes desses trabalhos, sob o ponto de vista da arte brasileira, estavam sendo publicados: as *Views and costumes of the city of Rio de Janeiro,* contendo maravilhosas aquarelas de assuntos arquitetônicos do Tenente Chamberlain (403); a *History of the Brazil* (246), de James Henderson, com sua meia dúzia de vistas incomparáveis de estruturas desaparecidas ou modificadas; e as *Notes on Rio de Janeiro* (251), de John Luccock, que contêm valiosas descrições de edifícios coloniais e de princípios do século XIX, em várias regiões.

Na mesma ocasião, o francês, Auguste de Saint-Hilaire, viajava por todo o país na comitiva do Duque de Luxemburgo. Seu diário em nove volumes (262) publicado decênios mais tarde tem-se tornado uma fonte indispensável para aqueles que escrevem sobre arquitetura brasileira, porque ele viajou quase por toda parte e registrou cuidadosamente os nomes das igrejas, geralmente com alguns comentários a respeito, bem como sobre os edifícios preeminentes que encontrou. Algumas de suas observações, como a famosa passagem sobre as estátuas dos profetas em Congonhas do Campo, são talvez a primeira crítica oficial da arte

brasileira. Em virtude da apreciação radicalmente diferente que agora se faz sobre a obra do Aleijadinho, esses comentários são de valor especial. Um exemplo de como os trabalhos de Saint-Hilaire podem ser úteis para documentação de um edifício colonial de importância secundária se encontra no item 265. Completando esses *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, a *Voyage pittoresque*, de seu compatriota, Jean-Baptiste Debret, distinto pintor francês e acadêmico brasileiro (89), apresenta uma série de litografias que para o estudo da arte brasileira são tão úteis quanto o texto de Saint-Hilaire, uma vez que contêm detalhes arquitetônicos, vistas e costumes. O artigo ilustrado sobre as casas do Norte do Brasil publicado num periódico parisiense de 1853 pelo engenheiro-arquiteto francês, Louis L. Vauthier, recém-chegado de Pernambuco, onde passara um período de atividade, é um documento de valor inestimável pelas suas plantas e desenhos (610).

Igualmente úteis são as informações e ilustrações contidas nos livros de viagens de alemães como Spix e Martius (101), J. E. Pohl (351), Rugendas (710) e Hermann Burmeister (325). Este último compreende uma litografia preciosa mostrando a fachada da penitenciária de Ouro Preto num estágio intermediário de desenvolvimento.[1]

Entretanto, outra tradição importante foi-se desenvolvendo, a qual, em contraste com a dos *costumbristas* europeus *constituía* uma tradição nativa de conhecimentos. Em 1820, começaram a aparecer os dez volumes das *Memórias Históricas do Rio de Janeiro* do Monsenhor Pizarro e Araújo (112). Isto foi a conseqüência do movimento português de investigação histórica do século XVIII, movimento esse que havia sido levado a efeito pelas academias de história e ciências nos arquivos de todo o país. Monsenhor Pizarro, concentrando-se na região da Capital, reuniu uma vasta soma de informações de arquivos eclesiásticos e públicos, tradições e observações pessoais. As descrições feitas por eclesiásticos eruditos so-

---

(1) As notas de rodapé 26 e 33 do item 357 oferecem uma exposição mais detalhada da utilidade dos livros de viagens para o estudo da arquitetura de Minas Gerais.

bre a história e o aspecto dos edifícios do Rio de Janeiro são as mais valiosas, visto como foram escritas num período relativamente próximo à grande era de edificação colonial no Rio de Janeiro, em fins do século XVIII. De um modo geral, os historiadores de hoje acham-se inclinados a aceitar as descobertas de Pizarro e a lamentar que, tratando de monumentos arquitetônicos, tivesse ele deixado de fornecer maior número de datas e nomes de arquitetos. É preciso lembrar, naturalmente, que Pizarro estava escrevendo história num sentido geral e que tratava de arte apenas indiretamente. De interesse semelhante, embora menos detalhado, uma vez que compreende todo o país e não só a capital, é o dicionário topográfico de Milliet de Saint-Adolphe, de 1845 (100).

A tradição do tesouro de lendas deixado por Pizarro foi desenvolvida pelo Padre Perereca (Luís Gonçalves dos Santos) em suas *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil,* de 1825, e por Manuel Duarte Moreira de Azevedo, escritor fecundo que em 1864 publicou um *Pequeno Panorama dos Principais Edifícios do Rio de Janeiro* (113), seguido por um livro em dois volumes sobre a "história, monumentos e curiosidades da capital em 1877" (6). Ambos trabalhos são importantes para a arquitetura colonial, uma vez que proporcionam ao leitor informações não encontradas em Pizarro. Eles são de duplo valor, porque sendo publicados em data posterior, contêm mais material relativo ao século XIX. A tradição desses escritores tem sido continuada pelos estudos de homens como José Vieira Fazenda (116) e Luís Edmundo da Costa (115).

Em contraste com esses trabalhos histórico-topográficos, acha-se a obra da notável figura do pintor, historiador, estadista e acadêmico, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Barão de Santo Ângelo. Sua *Memória sobre a Antiga Escola de Pintura Fluminense,* publicada pelo recém-fundado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1841, é o mais citado estudo da arte brasileira do século XIX e uma das primeiras tentativas no sentido de consignar não a história local, mas a tradição nacional da arte (142). Homem de grande energia e habilidade, preocupado com a necessidade do progresso cultural, Porto-Alegre se achava vivamente interessado no

desenvolvimento da Academia de Arte Imperial e em 1853 elaborou um programa de instrução artística, que é talvez o primeiro documento sobre o assunto na história do Brasil (29). Sua *Iconografia Brasileira* de 1856 (195) serviu como precedente, senão como modelo, para as biografias de artistas puramente coloniais feitas por Moreira de Azevedo e J. M. de Macedo entre 1860 e 1870 (483, 523, 637 e 190). O espírito que orientou suas investigações foi continuado na obra de Araújo Viana. Embora nenhum desses ensaios biográficos seja bastante detalhado, quer quanto à vida e localização do assunto, quer quanto à data e aspecto exato de sua obra, são eles quase únicos na história da arte americana do século XIX. Foi somente no México que se compôs naquela época qualquer coisa semelhante a eles.

Esses brilhantes começos não foram logo superados. A *Arte Brasileira,* de L. Gonzaga Duque-Estrada, de 1888, expande a história de Porto-Alegre e a põe em dia. Esse livro provavelmente representa mais pesquisa do que até então havia sido feito por quem quer que fosse em todo o campo da arte brasileira (12). É uma obra básica freqüentemente citada e referida pelos estudiosos da arte brasileira. Mais ou menos na mesma ocasião, Sílvio Romero coligiu também informações para o seu capítulo sobre artistas brasileiros, o qual é recomendado pela sua concisão (33).

Ladislau Neto lançou os alicerces para o estudo de arqueologia brasileira, isto é, artefatos indígenas. Suas *Investigações* publicadas pelo Museu Nacional em 1885, embora cheias de declarações que mais tarde provaram ser falsas e contendo toda sorte de teorias fantásticas, tais como uma possível relação entre as regiões amazônica e cretense, é ainda uma notável tentativa de uma exposição geral, ricamente apresentada com lindas estampas coloridas (168). A esse respeito, tal como no caso da história da arte, viu-se o Brasil na vanguarda da pesquisa americana. Com efeito, poucos foram os estudos feitos em tal escala em qualquer parte durante o século XIX.

No campo da arte indígena e da arqueologia, às descobertas de Ladislau Neto seguiram-se os estudos, em grande parte etnográficos, de Karl Van den Steinen (172), as pesquisas em antiguidades amazônicas do sueco Nordenskiöld (169) e de sua discípula norte-americana Miss Helen Palmatary, cujo estudo sobre a cerâmica de Santarém é a última palavra sobre o assunto (170) e que está escrevendo agora um livro sobre a arte marajoara e culturas que se relacionam com a mesma. Entre os arqueólogos brasileiros, os nomes mais ilustres são os de Carlos Estêvão, diretor do Museu Emílio Goeldi de Belém (56, 163), Heloísa Alberto Torres (175), que preside o Museu Nacional no Rio de Janeiro. Tanto os brasileiros como os estrangeiros que estudam o assunto consideram com o máximo respeito a figura misteriosa de Kurt Nimuendaju, de quem se espera algum dia o trabalho definitivo sobre a arqueologia amazônica.

Em fins do século XIX e em princípios do século XX, iniciou-se um movimento de especialização em história da arte brasileira, o qual existe até hoje. Depois de feitas as primeiras exposições gerais, parecia que nada mais poderia ser feito até que fossem completados muitos detalhes exigidos por essa pesquisa especial. Não houve esforço organizado para esse fim, não obstante as pesquisas cuidadosas e inspiradas que então foram feitas na história do Brasil por estudiosos ilustres como Capistrano de Abreu, Vale Cabral e Teixeira de Melo. É de duvidar que alguém tivesse pensado no assunto e por certo nada se encontra a respeito do problema de edificar sobre a obra de Porto-Alegre, Duque-Estrada e outros e a respeito do método mais prático de resolver esse problema. Como já foi dito, a história da arte é uma disciplina nova e era pouco conhecida naquela época.

O que aconteceu foi que, durante esses anos, muitos escritores tiveram a curiosidade de investigar, por um motivo ou por outro, as obras de arte locais. Em 1858, Rodrigo Bretas publicou seu relato bem documentado da vida do Aleijadinho (505). A esse trabalho foram acrescentadas posteriormente toda sorte de hipóteses e teorias por uma quantidade de escritores, provocando assim uma proclamação desses "conhe-

cimentos eruditos sem o benefício da documentação" por Teófilo Feu de Carvalho, em 1934 (507), que marca o fim de uma era no estudo da arte de Minas Gerais.

Era natural que se desse especial atenção à arte e arquitetura dessa região por causa das circunstâncias dramáticas de sua colonização, das tradições românticas de conspirações e de amantes poéticos, do quase milagre do Aleijadinho, o escultor estropiado, e a excelência do material propriamente dito. De grande importância no estímulo desses estudos é o ensaio de Júlio Engrácia de Matosinhos em Congonhas do Campo (209), que apareceu em 1903. Provavelmente não foi tanto por motivos artísticos como piedosos que o autor sondou os arquivos locais e transcreveu os documentos essenciais que permitem a reconstituição, passo a passo, da história da edificação e a identificação de grande número de arquitetos e decoradores. A relação geral entre o Aleijadinho e a obra é finalmente elucidada, abrindo-se caminho para novas pesquisas (502). Diogo de Vasconcelos voltou então sua atenção para as igrejas da velha Vila Rica e para o que elas continham. Suas publicações (220-221, 360-361), se utilizam dos assentamentos paroquiais e dos livros das irmandades para estabelecer datas de fundação e fatos básicos semelhantes. A *Revista do Arquivo Público Mineiro* começou por si só a publicar documentos sobre os velhos prédios e Feu de Carvalho as suas próprias séries de pesquisas (330-333).

Mais ou menos na mesma época, Manuel Querino estudava os artistas, os teatros, as igrejas e as casas do outro grande centro de construção colonial, a Bahia (460-461, 602). A essas pesquisas, baseadas mais na tradição do que nos documentos, seguiu-se o brilhante levantamento do convento de São Francisco em Salvador por Pedro Sinzig (205), e vários álbuns de fotografias, inclusive as recentes *Relíquias da Bahia* por Edgard de Cerqueira Falcão, provavelmente a mais bela publicação feita até hoje sobre a arte brasileira (289).

Entretanto, em Pernambuco, Pedro Souto-Maior havia despertado interesse pela arte da ocupação holandesa de princípios do século XVII.

Sendo ele um dos primeiros historiadores da arte brasileira a descobrir o paradeiro das obras da arte brasileira, publicou em 1918 um relato de sua profícua missão de procurar as pinturas de Frans Post que este artista levara consigo, de regresso à Europa, juntamente com a administração holandesa (480). Outras pesquisas sobre os artistas do Conde de Nassau foram feitas na Europa por Hans Huth, que, como funcionário do museu alemão, tinha acesso às mobílias de marfim do palácio pernambucano (533). Thomas Thomsen, do Museu Nacional de Copenhague, estudou, numa brilhante monografia, as pinturas de índios e frutas brasileiras feitas por outro artista holandês, Albert Eckhout (481). Em 1937, Joaquim de Sousa Leão Filho apresentou uma análise semelhante da obra de Frans Post (473) e, um ano mais tarde, o autor desta bibliografia apresentou o primeiro trabalho em inglês sobre o assunto (478). Graças a outras publicações, inclusive o notável catálogo da grande exposição de Frans Post realizada no Rio de Janeiro em 1942, a arte holandesa em Pernambuco é agora um dos campos melhor estudados da arte brasileira.

Voltando à tradição principal, em 1911 Afonso de Taunay, o ilustre historiador paulista, prestou uma contribuição básica para nosso conhecimento da composição e atividade da célebre missão francesa de 1816 (586). Esse longo e bem ilustrado ensaio constitui um dos marcos da história da arte brasileira. Outra obra mais ou menos contemporânea é a de Laudelino Freire, que, numa série de álbuns e monografias, tornou acessíveis as principais pinturas do século XIX e de princípios do século XX com notas sobre os seus autores (138-139, 648). Relaciona-se de perto com essas publicações a série contemporânea *Primores da Pintura no Brasil*, de Francisco Acquarone e A. de Queirós Vieira (132). A última coleção, porém, traz estampas coloridas que em geral não são muito boas. Outro aspecto importante desse período intermediário (1900-1937) é a obra do conhecido historiador da arte, o mineiro Aníbal Matos, que no decênio 1930-1940 procurou produzir uma história da arte brasileira. Sua volumosa produção (25, 26, 165, 193, 216, 217, 528), prejudicada por más reproduções e por uma tendência de repetir fatos e

considerações, é uma prova de que não se conhecia bastante o assunto para justificar um levantamento geral. O autor, na maioria dos casos, pouca informação tinha a contribuir, contentando-se em recapitular as descobertas de outros.

No fim do decênio 1920-1930, começou a arte brasileira a atrair a atenção dos estudiosos estrangeiros. Em 1929, Louis Gillet fez um excelente levantamento da tradição acadêmica da arte brasileira para a *Histoire de l'Art*, de André Michel (553). Dois anos depois, o historiador da arte argentina, Ángel Guido, que se achava então no meio de seus estudos sobre a fusão de elementos americanos e europeus em arte colonial, escreveu sobre o Aleijadinho um artigo que teve grande repercussão (510-511). A esse trabalho seguiu-se, em 1936, a interessante descrição feita por Léon Kochnitzky das edificações e da escultura de Minas Gerais do século XVIII, trabalho esse destinado ao número latino-americano do jornal de arte *La Renaissance*, editado na França (188). Embora coroado de extraordinário êxito, esse artigo, na interpretação do encanto peculiar desses monumentos, descuidou-se de levar em conta a estreita relação que eles tinham com os seus protótipos de Portugal. Isso foi especialmente significativo, pois no ano seguinte (1937), Raul Lino, ilustre arquiteto português, numa descrição de suas viagens pelo Brasil, frisou, de passagem, essas estreitas ligações (94). No mesmo ano, Gilberto Freyre, sociólogo e historiador brasileiro, declarou que a história da arte de seu país precisa ser escrita tendo em mente o desenvolvimento da arte portuguesa e da arquitetura portuguesa (13).

Foi nessa convicção que o autor desta bibliografia, tendo terminado pesquisas preliminares em Lisboa, começou seus estudos da arquitetura colonial do Brasil. Os primeiros resultados desses estudos (264-266, 357-358) procuram demonstrar algumas dessas relações. Entretanto, outro estrangeiro, Juan Giuria, de Montevidéu, se ocupava em medir e fotografar igrejas coloniais por todo o Brasil, para um valioso levantamento do assunto em língua espanhola (242). Os planos básicos de sua monografia ainda são os melhores que existem publicados. Em Paris, na

mesma época, Michel Benisovitch preparava sua biografia dos artistas de Taunay (581).

O ano de 1937 é fixado como o início do período mais recente da arte brasileira, em parte por causa de alguns acontecimentos que se verificaram naquele ano, mas principalmente porque foi em 1937 que apareceu o primeiro número da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* Essa organização, que por conveniência é chamada SPHAN, suscitou uma revolução no estudo da história da arte brasileira e desempenha serviços que não têm similar em qualquer país do Hemisfério. Esses serviços que são descritos nas introduções que o autor desta bibliografia faz anualmente às bibliografias do *Handbook of Latin American Studies* (41 e 46) consiste na restauração de monumentos de arte por todo o país, no estabelecimento de museus locais, na manutenção de uma biblioteca e arquivo fotográfico, na instrução da história da arte para permitir que seus técnicos possam comparar e criticar suficientemente as obras dos vários períodos da arte brasileira, e consiste finalmente na publicação de um anuário de artigos sobre arte brasileira e de monografias periódicas que merecem menção especial. Essa combinação de atividades tem servido como um incentivo para uma soma considerável de pesquisas e publicações. Seguindo o exemplo do diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, os colaboradores da *Revista* têm preparado suas descobertas com um esmero de documentação e com um cuidado para atingir conclusões, como nunca antes se conseguiu no Brasil. Não só são os documentos citados com extremo cuidado, como também são eles muitas vezes reproduzidos como ilustrações. A qualidade das reproduções e do serviço tipográfico é fora do comum.

O SPHAN empreendeu primeiramente o problema da arte colonial mais original do Brasil, a de Minas Gerais, campo em que tão bons trabalhos já haviam sido feitos. O ensaio de Rodrigo de Melo Franco sobre o Aleijadinho (503) auxilia a resolver muitas das questões de atribuição que haviam provocado acerba controvérsia. O estudo de Zoroastro Viana Passos sobre a igreja dos Carmelitas em Sabará, que o SPHAN publi-

cou como uma monografia separada, elucida um pouco mais sobre o que o Aleijadinho e outros mestres coloniais realmente fizeram, não aventando hipóteses, mas estabelecendo fatos por meio de documentos originais (349). Os artigos de um dos membros do quadro do SPHAN, Luís Jardim (464-465) sobre pintura colonial em Minas Gerais abordam o assunto da mesma maneira, mais científica do que "lírica". Salomão de Vasconcelos alargou ainda mais o nosso conhecimento dos detalhes de arte colonial em Minas pelos seus artigos cuidadosos preparados em Mariana, sua cidade natal, também publicados pela *Revista do SPHAN* (366).

Agora no seu quinto ano de atividade, o Serviço está gradativamente atacando outras regiões e estabelecendo um corpo de representantes locais e de colaboradores para as suas publicações. Na Bahia, Godofredo Filho (292-294) e João da Silva Campos mostram-se ativos. O estudo desse último sobre as fortificações de Salvador (280) foi lançado como uma monografia separada do SPHAN em 1940. Em Recife foram inscritos os serviços de Gilberto Freyre e foram por ele publicadas duas monografias (140 e 606), sendo uma um estudo de arquitetura popular da região e a outra um ensaio sobre a influência francesa local no século XIX. Em São Paulo, a pena brilhante de Mário de Andrade escreveu artigos sobre arquitetura e pintura colonial (448 e 490). Lúcio Costa é hoje um dos arquitetos mais preeminentes do mundo, escreveu para o SPHAN brilhantes estudos sobre a evolução da forma das mobílias e das fachadas brasileiras (88 e 539) e um sólido e penetrante trabalho sobre a arquitetura dos jesuítas (239), para cujo assunto as pesquisas de Serafim Leite, membro português daquela ordem, trazem constantemente nova documentação (201). Em seu ensaio, que se tornou uma obra clássica da história da arte brasileira, o Sr. Costa estabeleceu as formas básicas usadas pelos jesuítas, período por período, durante a era colonial, não só em suas igrejas e colégios, mas também nos altares e mobiliários esculpidos que esses edifícios continham.

Independente do SPHAN, vários historiadores da arte estão atualmente trabalhando ativamente. Walter Spalding e Ángel Guido estão in-

vestigando aspectos de arte do Rio Grande do Sul (125, 439 e 18). Adolfo Morales de Los Ríos Filho escreveu uma acreditada biografia do arquiteto neoclássico Grandjean de Montigny (630-631) e uma história da educação da arte recentemente publicada no Brasil, que não foi ainda examinada pelo compilador desta biografia. Carlos Rubens compôs, em estilo popular, um manual útil de arte brasileira baseado quase inteiramente nas fontes do século XIX (34).

José Mariano Filho, irmão do poeta e acadêmico Olegário Mariano, conhecedor da arte colonial, manifestou em muitos artigos sucintos suas opiniões a respeito de vários problemas e fases do assunto. Esses artigos são interessantes principalmente como pareceres (95-96, 192, 215, 252-256, 346, 414-415, 498, 516-517, 526, 535, 699). Ao contrário dos ensaios publicados na *Revista do SPHAN*, os estudos do Sr. Mariano são raramente baseados em pesquisa documental direta e portanto não têm tanta autoridade. Recentemente, Augusto de Lima Júnior, filho de um ilustre poeta de Minas Gerais, passou grande parte de seu tempo examinando arquivos portugueses em que, entre outras coisas, estudou desenhos e gravuras remotas das edificações coloniais no Brasil. Há algum tempo que ele vem-se interessando pelas origens da escola de Vila Rica e pelo papel de artistas mulatos na pintura, escultura e arquitetura da era colonial em Minas Gerais (513-514).

Francisco Marques dos Santos é um escritor notável do Brasil Colonial e que se ocupa também da pintura do século XIX (488-489, 575-576, 597, 675-676, 711, 725-726, 731-732). Interessando-se e estudando a história social do Rio de Janeiro e de Petrópolis, dedicou especial atenção a figuras secundárias que quase escaparam à atenção de Porto-Alegre, artistas cuja contribuição fora pequena, mas específica para o critério artístico ou para a história, consistindo na pintura de um retrato, na litografia de um acontecimento histórico ou na pintura em aquarela de um grande jardim particular. É o principal estudioso de ilustrações *costumbristas* do Brasil e publicou algumas até então desconhecidas (675). Seu trabalho também não é "lírico". Embora o Sr. Santos escreva sobre

história social com frases tão penetrantes e evocadoras quanto as de Lytton Strachey, ele nunca despreza os fatos. Por conseguinte, temos em seu trabalho o mais sólido conjunto de informações que se pôde obter para conhecimento da arte brasileira. Isto compreende contribuições importantes para o nosso conhecimento dos detalhes da arte do século XIX, tal como o catálogo do primeiro *Salon* da Academia Imperial em 1829 (575), e as marcas de fabricação dos ourives baianos (731) que trabalhavam em prata, e as biografias dos pintores pouco conhecidos de Pedro I (575).

Esses três escritores podem ser chamados como o grupo de estudos brasileiros, pois eles têm sido os principais colaboradores, no campo da história da arte, nas notáveis conferências realizadas no Rio de Janeiro e em Petrópolis, pelo Instituto de Estudos Brasileiros. Publicadas no período de associação, denominado "Estudos Brasileiros", as palestras desses escritores são acompanhadas não só de fotografias nítidas, coisa que ainda não se tornou lugar-comum no Brasil, mas também de debates, reproduzindo palavra por palavra, de um júri convidado especialmente.

O exemplo de "Estudos brasileiros" e da *Revista do SPHAN* exalta a importância do período para o estudo da arte brasileira. E isto não se aplica somente ao período contemporâneo. Já em 1841, o terceiro número do agora venerável anuário *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publicava a história *Memória,* de Manuel de Araújo Porto-Alegre (142). Desde aquela época até o presente, essa revista tem continuado a reservar espaço em suas páginas para ensaios na história da arte do Brasil de importância relevante, tais como as biografias de Azevedo (483, 523 e 637) e o relato de Taunay sobre a missão francesa (586). O exemplo desse período foi seguido pelos jornais de sociedades locais históricas, geográficas e arqueológicas. Sobretudo a *Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco,* a *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* e a *Revista do Arquivo Público Mineiro* deveriam ser consultadas por trazerem artigos e documentos que tratam diretamente da arte local, bem como

contêm datas, nomes e genealogias sobre o assunto. A *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,* mais recente, constitui uma fonte valiosa de material da arte popular.

Entre as grandes revistas ilustradas famosas no Brasil, a *Ilustração Brasileira* e a *Revista da Semana* são de valor inestimável por registrarem os acontecimentos, de ano para ano, do mundo artístico da capital – *Salons* anuais, exposições especiais, exposições individuais. Ambas tendem para um ponto de vista conservador em arte moderna e acham-se estreitamente ligadas em sua atividade para com as belas-artes, constituindo o porta-voz dos pintores conservadores do Rio de Janeiro. Ambas as revistas têm publicado um grande número de relatos descritivos de arte colonial e do século XIX por escritores como Carlos Rubens, Escragnolle Dória e Flexa Ribeiro, reproduções coloridas de obras-primas da arte brasileira e fac-símiles de gravuras *costumbristas.*

Se se pode dizer que a *Ilustração Brasileira* e a *Revista da Semana* representam o ponto de vista conservador no que diz respeito à arte moderna, duas outras revistas têm apoiado escultores e pintores progressistas e têm contribuído para que suas obras se tornem bem conhecidas em toda parte. Infelizmente, ambas deixaram de ser publicadas. A *Revista Acadêmica do Rio de Janeiro,* entre outras coisas, dedicou um de seus números à artista Tarsila do Amaral (886) e outro número a Cândido Portinari (911); esses números reúnem as opiniões de intelectuais de relevo e de críticos estrangeiros em torno da biografia e das reproduções dos trabalhos desses artistas. Essa excelente apresentação de material por parte da *Revista Acadêmica* (que, afora o seu título, nada tem de acadêmica) é ainda mais notável porquanto em parte alguma, nas revistas mais conservadoras, pode-se encontrar tal dignidade de forma. *Planalto,* de São Paulo, foi, por outro lado, publicada em forma de folheto (tablóide) como *Romance e Letras de México,* no México, e lançou, com vivacidade e franqueza, artigos curtos e ilustrados dos melhores escritores sobre os mais promissores artistas jovens em todo o Brasil. Durante menos de um ano de sua existência, seus relatos sobre os *Salons* independentes de

São Paulo e alhures constituem as únicas fontes de informação sobre esses acontecimentos. Quanto à arte brasileira contemporânea, segundo o autor deste trabalho tem observado repetidas vezes, está cheia de contradições. A despeito da grande revolução modernizadora e industrializadora que se tem verificado há algum tempo no Brasil, a despeito da grande originalidade e distinção de pintores como Cândido Portinari e do extraordinário prestígio que ele goza no estrangeiro, tais artistas possuem apenas um público diminuto no Brasil. Porque a maioria das pessoas, mesmo muitas que em música e literatura têm aceito as inovações dos últimos decênios, ainda querem pinturas bonitas – as desfigurações de Portinari e de sua escola e as abstrações de muitos de seus contemporâneos são condenadas como uma traição à beleza da arte. Contra um ponto de vista tão estreito como esse, a expressão "malas-artes" é empregada irrisoriamente com referência aos *pundits* da Escola e do Salão de Belas-Artes. Esses são os provisores da arte má porque se contentam em continuar explorando uma tradição impressionista desgastada, sendo-lhes permitido dominar as escolas e exposições oficiais desse país, aliás progressista, enquanto que na maior parte das outras repúblicas americanas que lhe são comparáveis, foram eles de há muito banidos, tendo caído no esquecimento ou tendo sido forçados a mudar sua atitude para com a arte. Esse é um dos paradoxos à luz do qual é quase trágico o fato de não terem ainda encontrado sucessoras a *Revista Acadêmica* e o *Planalto.*

Outro paradoxo é o fato de que, embora nos últimos cinco anos tenha o Brasil produzido uma arquitetura oficial no chamado "estilo internacional" mais bela do que qualquer outro país, quase nenhuma palavra se tem publicado a respeito. Aí também há apatia e atitude conservadora por parte do público. É o público o único responsável por esse fato estranho? Para muitos parece incrível que as obras-primas de Niemeyer, Costa, Roberto e outros arquitetos comissionados pelas altas autoridades governamentais não tivessem sido mencionadas em nenhuma publicação, nem mesmo pelas organizações de propaganda oficial. É

preciso lembrar, porém, que nada se tem publicado sobre arquitetura brasileira moderna digno de nota, desde que deixou de existir em 1939 a única revista que versava sobre o assunto, *Arquitetura e Urbanismo.*

Depois dessas palavras desanimadoras, é um prazer mencionar os historiadores e críticos da arte moderna em São Paulo. É razoável que a cidade que viu nascer a pintura moderna no Brasil, por ocasião da Semana de Arte Moderna, devesse produzir os melhores escritores sobre o assunto. Os três principais são Sérgio Milliet, Luís Martins e Flávio de Carvalho.

Uma prolongada residência na Europa e uma grande familiaridade com a pintura e a cultura francesa moderna fazem com que Sérgio Milliet escreva sob um prisma internacional. Uma igual familiaridade com o ponto de vista brasileiro e uma longa convivência com artistas, escritores e musicistas, que, desde a Semana de 1922, têm constituído a vanguarda da cultura brasileira, dão autoridade a tudo quanto Sérgio Milliet escreve. Alguns de seus ensaios sobre arte moderna, tais como as obras-primas de seu grande amigo e colega Mário de Andrade (679), logram coligir todas as realizações brasileiras (753, 872). Escrevendo sob o pseudônimo S. de Santo Adolfo, que é uma combinação com o nome de seu ilustre antepassado, cuja obra já mencionamos (100), foi ele uma das forças que orientou o *Planalto* durante sua curta, mas importante carreira (869-871, 873-874).

Luís Martins tem explorado o que se pode chamar de tradição paulista em arte brasileira (141, 655, 845-847). Iniciou a biografia do grande Almeida Júnior, o Winslow Homer brasileiro, trabalho esse que está longe de ser terminado e que tem chamado atenção para o seu papel de precursor dos modernos.

Muito diferente desses dois escritores é Flávio de Carvalho (740), o iconoclasta febril, o inimigo implacável da tradição complacente. Há pouco do crítico desapaixonado em seus trabalhos. Tendo organizado o *Salon des Indépendents* dos brasileiros, o Salão de Maio de São Paulo, que sustentou o espírito da reunião de 1922, ele escreve mais como propa-

gandista do que como crítico. Suas manifestações sobre a arte brasileira moderna são coloridas pelas suas experiências como pintor, arquiteto e decorador.

CONCLUSÃO

Pelas observações feitas acima, parece que se está fazendo agora a mais concentrada, e, com efeito, a mais detalhada e profunda pesquisa no campo da arte colonial brasileira. Isto é devido em grande parte ao programa sistemático do SPHAN que, segundo se espera, deve tornar aos poucos acessível aos estudiosos todo o conjunto de materiais sobre o assunto, tanto quanto aos monumentos propriamente ditos, como com relação ao que se tem escrito a seu respeito. Por enquanto esse trabalho tem sido desempenhado em escala limitada. Quanto ao futuro desenvolvimento da parte documentária do trabalho do SPHAN, somos tentados a fazer sugestões, o que poderia ser idealmente feito.

Três grandes projetos vêm imediatamente à idéia. Primeiro, um catálogo de arquivos particulares e oficiais que contivessem material sobre belas-artes. Tal catálogo teria muitos volumes como os dos arquivos municipais dos Estados Unidos preparados recentemente pelo *WPA Writers Project*. Esse catálogo indicaria onde se acham localizados em todo o país materiais importantes sobre contratos, datas de construção ou execução, e sobre as personalidades de artistas coloniais. Os livros das irmandades e outros documentos eclesiásticos, papéis de família e assentamentos governamentais, tudo estaria ali representado.

Um segundo projeto, baseado no primeiro, seria um catálogo de todos os artistas conhecidos, cujas atividades seriam mantidas em dia por meio de acréscimos periódicos em publicações suplementares. Ambos os levantamentos poderiam estender-se além dos limites do período colonial, mesmo em seu sentido histórico estrito. Um possível ponto de terminação poderia ser a Guerra do Paraguai, tal como o período da Guerra Civil nos Estados Unidos foi julgado propício para fins semelhantes do *Historic American Buildings Survey*.

Um terceiro empreendimento seria uma cuidadosa investigação dos arquivos portugueses para trazer à luz todo o material existente em desenhos de arquitetura e em documentos, estabelecendo uma vez por todas os princípios que governam as atividades construtoras da coroa portuguesa e da Igreja na América. Deveríamos querer descobrir quais as teorias – se é que existiram – sobre urbanismo e quais as praxes que prevaleciam com relação às igrejas de várias ordens e sobre a sua decoração e financiamento da construção de matrizes quer *in toto* ou em parte. Pelo pouco que já foi publicado sobre o assunto e pelas próprias pesquisas feitas pelo autor *in loco*, acredita ele que haja muito menos probabilidade de encontrar-se material em Portugal do que nos arquivos espanhóis com relação à arte das colônias de Espanha no Novo Mundo. Isto pode-se explicar pelo grande desprezo do Brasil pela mãe-pátria, pelos distúrbios políticos do século XVII, tanto na América como em Portugal, e finalmente pelo terremoto de Lisboa de 1755, que trouxe a destruição irreparável dos registros de todas as atividades. Por este motivo é essencial que o que sobreviveu seja conhecido e se torne acessível.

Para estimular essas atividades, basta que se lembre quão poucos fatos são agora conhecidos acerca de artistas coloniais do Brasil, seus nomes, atividades e datas. Quantos deles podem ser reunidos nos séculos XVI e XVII em comparação com o conjunto de fatos que cresceu rapidamente no México e em outras partes da América espanhola naquele período? No século XVIII, mesmo os maiores artistas, como o Aleijadinho e Mestre Valentim, são ainda personagens em esqueleto, a despeito de tudo quanto o SPHAN e outros já fizeram. É possível que por alguma infeliz combinação de circunstâncias tenham-se perdido outras informações, mas pelo menos os levantamentos sugeridos indicariam esse fato e poderiam ser escritas monografias finais com a certeza razoável de que não havia sido esquecida uma documentação de valor inestimável.

O caráter nacional do SPHAN, seu grande prestígio entre os intelectuais brasileiros, a estima em que é tido geralmente por altas autorida-

des eclesiásticas e a sua corrente crescente de representantes já lhe dão as facilidades de empreender os dois primeiros projetos, por vastos que sejam. Para o terceiro empreendimento, deveria o Governo brasileiro poder contar com o auxílio da Academia Nacional de Belas-Artes de Portugal, recentemente revivificada. O próprio inventário daquela Academia do patrimônio artístico de Portugal acha-se agora quase completo e a ocasião é propícia para um novo plano de investigação de escopo internacional. Tanto o presidente como o secretário da Academia portuguesa, em recente visita ao Brasil, mostraram-se profundamente interessados na arte brasileira. Historiadores brasileiros, como Gilberto Freire, têm declarado diversas vezes que a história da arte brasileira precisa ser escrita com relação à de Portugal. Isto se aplica tanto aos arquivos como aos monumentos. Um levantamento de seu material brasileiro seria um passo essencial nessa direção, passo esse que seguiria o impulso recente em direção a uma aproximação cultural entre Portugal e Brasil.

Dentro do campo colonial, são necessárias quaisquer monografias especiais. Pondo de lado necessidades evidentes tais como um estudo aprofundado de formas de mobiliário ou do desenvolvimento de outras artes secundárias, bem como as biografias dos poucos artistas conhecidos, há lugar para um grande grupo de estudos regionais para determinar os característicos do estilo numa dada localidade, estudos esses que se assemelham aos que estão sendo feitos agora no México e na Argentina. O barroco de Belém não é o mesmo de Diamantina e as plantas das igrejas de Minas não são como as da Bahia. A questão da habitação colonial tem sido de há muito desprezada. São indispensáveis para o nosso conhecimento de formas arquiteturais catálogos dos engenhos e fazendas, dos sítios e palacetes. Há uma riqueza de temas, em escultura e pintura, a ser desenvolvida, antes que qualquer pessoa possa atacar o assunto de arte colonial brasileira com a possibilidade de produzir qualquer coisa que seja mais do que uma introdução ao assunto.

Se o autor tem o privilégio, ao escrever sobre os historiadores da arte brasileira, de sugerir o que eles deveriam fazer, é preciso que seja fei-

to um apelo especial com relação ao desprezado século XIX. Os estudos de Francisco Marques dos Santos figuram quase sós neste campo. Entretanto, o período do Brasil imperial, com sua academia, seus ricos freqüentadores e a sua arquitetura oficial, constitui um dos capítulos mais brilhantes da arte da América Latina. Sugerimos aqui que o SPHAN fizesse um levantamento de pelo menos uma parte do período. Constitui uma necessidade básica um estudo detalhado de todos os *costumbristas* pictoriais e gráficos. Outra necessidade reside na questão das biografias. De todos os artigos que têm sido escritos, ainda não existe um só relato aprofundado sobre a personalidade e as realizações de Porto- Alegre, do arquiteto Rebelo, Pedro Américo, Vítor Meireles, e, acima de todos, de Almeida Júnior. Depois de publicados tais estudos, podem-se desenvolver temas gerais como realismo no Brasil, impressionismo e neoclassicismo no Brasil e os contatos com a França e a Itália, especialmente através da escultura.

Com esses ensaios fundamentais está aberto o caminho para um registro cuidadoso dos desenvolvimentos modernos. A história ainda não escrita da Semana de 1922 em São Paulo, dos experimentos de Tarsila e Di Cavalcanti gira em torno do século XIX, tal como o nosso conhecimento da revolução de Grandjean de Montigny e dos Taunays, um século antes, depende da compreensão das realizações coloniais. O grande tema da arquitetura moderna no Brasil está ainda à espera do seu historiador, enquanto que a arte popular, cuja natureza é desprezada por uns e exagerada por outros, requer uma análise cuidadosa sob o ponto de vista triplo das contribuições do índio, do negro e do português.

A prova de que essa espécie de pesquisa básica já foi iniciada no Brasil reside em alguns relevantes trabalhos de documentação, recentemente feitos, que devem ser aqui mencionados. Nos últimos anos o velho palácio de verão em Petrópolis foi restaurado pelo SPHAN e o ministro da Educação fez dele um fascinante Museu do Império Brasileiro. Sob a liderança do diretor, Alcindo Sodré, o museu tornou-se um arquivo de documentos sobre a Casa Imperial, muitos dos quais dizem respeito à arte brasileira do século XIX. Esses documentos estão sendo aos

poucos publicados no *Anuário do Museu Imperial*, tendo já aparecido os dois primeiros números desse anuário, correspondentes a 1940 e 1941 (524-a e 555-b). Assim, já se começou a atacar o problema dos arquivos oficiais e particulares que contêm material sobre belas-artes.

Outra contribuição notável para o estudo da arte brasileira é o livro *Artistas Pintores no Brasil*, de Teodoro Braga (42), que foi publicado no ano passado. É uma biblioteca de centenas de pintores brasileiros do período colonial até o presente. É uma obra de referência, de valor inestimável, que, sendo a única que existe em tais proporções, constitui uma chave para a rica literatura de artigos de jornal que esta bibliografia não pôde começar a explorar. Uma obra em tal escala, levada a efeito com precisão tão uniforme como a constante do livro do Senhor Braga, constitui uma imensa promessa para o estudo da arte brasileira. Se tais esforços puderem ser continuados e coordenados para o bem comum, todo o conjunto da arte brasileira tornar-se-á acessível para a análise final a ser feita pelos historiadores da arte do futuro.

. . . .

Bibliografia

A. OBRAS GERAIS

Acquarone, Francisco. *História da arte no Brasil*. Rio de Janeiro. O. Mano, 1939. 276 p. 34 il. N6650.A6

O autor procurou escrever uma história popular sobre arte brasileira. Embora o livro esteja repleto de palavrório artístico, de diz-que-diz-que a respeito de artistas, de tradições duvidosas e de impressões inexatas, ele indica uma direção geral para as belas-artes através do século 19. O autor não dá atenção à escola brasileira moderna, tanto acadêmica como independente. **[1]**

Agassiz, Louis. *A journey in Brazil*. Boston, Ticknor and Fields, 1868. 540 p. 20 il. F2513.A26

Contém uma página dedicada à arte no Brasil e à Academia Imperial do Rio de Janeiro. Agassiz achou que havia pouco que ver. Tradução portuguesa, editada em São Paulo, 1938, 654 p. il. **[2]**

Aimard, Gustave. *Mon dernier voyage; le Brésil nouveau*. Paris, Société des gens de lettres, 1886, 279 p. F25513.A29

Contém uma descrição pouco conhecida do Rio de Janeiro e uma discussão sobre as descrições de Charles Riberyroles (itens 705 e 706). **[3]**

Alpi, Giuseppe. *Brasile; arte figurative (Enciclopédia italiana*. Roma, Bestetti & Tumminelli, 1930, v. 7, 770-773, 10 il.) AE35.E5

Ótimo resumo do período colonial e republicano no Brasil, sem mencionar, entretanto, a arte contemporânea. **[4]**

Andrade, Mário de. *Las artes plásticas en el Brasil. Nación*, Buenos Aires, 3 mayo 1940, sec. 2, p. 4, 8 il.). F2508-N13

Rápido levantamento de toda a matéria de arte brasileira. **[5]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *O Rio de Janeiro; sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades*. Rio de Janeiro, Garnier, 1877. 2 v. F2636.M83

Notas de valor inestimável sobre arquitetura, escultura e pintura, consultadas muitas vezes como fontes autorizadas. **[6]**

Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brazil, 1938; *A new survey of Brazilian life*, Rio de Janeiro, 1939, 424 p. il., HC187.A52 1938.

Compêndio de informações sobre todas as fases da vida contemporânea brasileira, inclusive pequenos artigos sobre museus e sobre pintura. **[7]**

Carvalho, Ronald de. *Arte brasileira (Estudos brasileiros)*. 1ª sér., Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924, PQ9505.C3

O 3º ensaio da coleção Arte Brasileira. Resumo bem escrito da matéria, histórico e crítico, que dá especial relevo ao século 19. **[8]**

Castro, Sílvio Rangel de. *Quelques aspects de la civilization brésilienne; conférences faites en Europe*. Paris, Presses Universi-

taires de France, 1930. 270 p. F2508.R23

Em duas conferências nas Universidades de Roma e Genebra, discutiu o autor todo o desenvolvimento da arte acadêmica brasileira. Contém uma relação das projeções por ele empregadas. **[9]**

Cavalcanti, José Lins do Rego. *Bahia -- Travel in Brazil.* Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, 1942 p. 1-11, 16 il. DLC uncat.

Importante pelas suas esplêndidas fotografias de arquitetura, costumes e vida do porto. Uma das reproduções representa o curioso uso de um transepto para uma cruz de pedra diante de uma igreja. **[10]**

Congresso de História Nacional. 3º, Rio de Janeiro. Anais, v. 8. Rio de Janeiro, 1942. 545 p. 97 il.

Contém um ensaio por Francisco Marques dos Santos (artista do Rio de Janeiro colonial) e um estudo de Adolfo Morales de los Ríos (O ensino artístico; subsídios para a sua história; um capítulo. 1818-1889). **[11]**

Duque-Estrada, Luís Gonzaga. *A arte brasileira; pintura e escultura.* Rio de Janeiro, Lombaerts, 1888. (254 p. N6650.D9)

Relato do desenvolvimento das belas-artes no Brasil, ressaltando a fundação da Academia e os artistas ali educados.

Reimpresso (Biblioteca Pedagógica Brasileira, sér. 5. São Paulo, Nacional. 1940) **[12]**

Freire, Gilberto. *Sugestões para a cooperação luso-brasileira no estudo de problemas de arte culta e popular*. Conferências na Europa, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1938, p. 59-76). F2510.F7525 1938

O tema do item seguinte é ampliado aqui. O mesmo ensaio foi publicado novamente em *O mundo que o português criou,* do mesmo autor; Coleção Documentos Brasileiros. Nº 28, Rio de Janeiro. José Olympio, 1940, p. 95-111, no il. F2510.F7525 1940. **[13]**

Freire, Gilberto. *Sugestões para o estudo da arte brasileira em relação com a de Portugal e a das colônias.* (*Rev. Serv. Patr. Hist. e Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 41-45) F2501.B795

Aqui o sociólogo aconselha o estudo da arquitetura colonial do Brasil e a arte religiosa, militar, civil e doméstica, bem como os jardins e artes secundárias do período em comparação com os estilos contemporâneos de Portugal e de outras colônias, como expressões de um estilo comum luso-brasileiro ou luso-afro-brasileiro. O artigo termina com um pequeno catálogo de artistas brasileiros dos séculos 18 e 19, os quais fizeram estágio em Lisboa. **[14]**

Galvão, Benjamin Franklin Ramiz. *Galeria de história brasileira; 1500-1900*. Rio de Janeiro & Paris, Garnier, s. d. 115 p. 55 il. DPU)

As ilustrações desse compêndio do século 19 da história do Brasil são tiradas de velhas gravuras, pinturas e monumentos famosos. **[15]**

Guia artístico do Rio de Janeiro; Artistic guide of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Huberti, 1922. 296 p. il. maps. F2646.G95

Lindas fotografias de paisagens e monumentos da região do Rio de Janeiro. Texto em inglês e português. **[16]**

Guia Briguiet. Rio de Janeiro, seus arrabaldes, seus passeios. 1ª ed., Rio de Janeiro, Briguiet, 1929. v. 1, 209 p. 40 il. maps. F2646.G96

Contém informações superficiais sobre os monumentos da capital e cidades vizinhas. **[17]**

Guido, Ángel. *As artes plásticas no Rio Grande do Sul. Anais do Terceiro Congresso de História e Geografia.* Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1940, v. 4, p. 2097-2121 F2621.C66 1940.

Importante história das belas-artes no Rio de Grande do Sul desde as missões jesuíticas do século 18 até o primeiro salão de 1939. Contém muita informação biográfica e crítica de estilo. **[18]**

Guimarães, Argeu. *História das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comercio*, 1918. 230 p.

Um esboço simples mas bem ponderado de arte brasileira, mais literário do que acadêmico. **[19]**

Kauffmann, Henri. *Figuras, imagens e cerâmica dos jardins cariocas. Sombra,* Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, fev.-mar. 1941, p. 92-97, 16 il. DLC uncat.

Escultura, vasos e azulejos nos jardins do Rio de Janeiro. **[20]**

Kelsey, Vera. *Seven keys to Brazil*. New York, Funk & Wagnalls, 1940. 314 p. 54 il. 1 map. F2508.K39

A autora discute superficialmente a arte colonial e moderna. Boas fotografias. **[21]**

Levasseur, E. *Le Brésil... accompagné d'un album de vues du Brésil executé sous la direction de M. de Rio Branco*. Paris, 1889 2 v. il. FL513.L65

O texto (v. 1) compreende um capítulo sobre belas-artes por Rio Branco; o segundo volume é um álbum de vistas do Brasil, cerca de 60 das quais são de interesse arquitetônico. **[22]**

Levy, Hannah. *Valor artístico e valor histórico: importante problema da história da arte. (Rev. Ser. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, n. 4, 1940, p. 183-192) F2501.B795

A questão do que é "valor artístico" e "valor histórico" em objetos de arte. A autora ilustra suas opiniões com exemplos brasileiros. **[23]**

Livro do Nordeste, comemorativo do primeiro centenário do *Diário de Pernambuco* 1825-1925. Recife, *Diário de Pernambuco,* 1925. 192 p., il. F2601.D53

Compêndio representando os começos de interesse local nos estudos regionais de belas-artes e de história social. Gilberto Freyre e outros escreveram sobre arte brasileira, folclore pernambucano, arquitetura e outros assuntos semelhantes. **[24]**

Matos, Aníbal Pinto de. *As artes do desenho no Brasil*. Belo Horizonte, Estado, 1923. 246 p. Csx.

Ensaios sobre Marajó e sobre artistas coloniais, que formam a base de vários livros subseqüentes pelo autor. **[25]**

Matos, Aníbal Pinto de. *História da arte brasileira*. Belo Horizonte, Apolo. 1937. 2 v. il. N6650. M33 1937

Nova edição de duas obras anteriores, lançadas aqui como volumes 1 e 2: *Das origens da arte brasileira* (item 165) e *Arte colonial brasileira* (item 193). **[26]**

Pedrosa, Paulo. *Synthèse de l'art brésilien*. Paris, Institut des études américaines, 1937. 9 p. (Cahiers de politique étrangère, nº 52) DLC uncat.

Conferência suscinta mencionando nomes do período colonial e da arte do século 19, mas com especial atenção para a arte atual, em que são mencionados artistas de diferentes mentalidades. **[27]**

Pinto, Antônio da Silva. *No Brasil; notas de viagem, 1829*. Porto, A. J. da Silva Teixeira, 1879. 201 p. F2515.S56

Numa suscinta discussão sobre arte brasileira, chega-se à conclusão de que não há ninguém digno desse nome (p. 158). **[28]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *Apontamentos sobre os meios práticos de desenvolver o gosto e a necessidade das belas-artes no Rio de Janeiro (Rev. Inst. Hist. Geog. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 166, pt 2, 1932, p. 603-611). F2501.I59

Básicas recomendações preparadas em 1853 em estilo amplo e colorido. **[29]**

Rego, José Lins.

vide

Cavalcanti, José Lins do Rego.

Resumé de l'histoire de la littérature, des sciences et des arts au Brésil *(Jou., Inst. Hist.*, Paris, v. 1, 1934, p. 47-53). DI.56

Relato extremamente importante, feito pelo jovem M. A. Porto-Alegre, sobre o desenvolvimento da arte brasileira, ressaltando edifícios góticos, arte jesuítica, o Passeio do Rio, fundação e dificuldades internas datando os pontos seguintes: ausência de Academia Imperial. **[30]**

Ribeiro, Flexa. *A arte decorativa no Brasil (Ilustração brasileira.* Rio de Janeiro, v. 15, nº 22, p. 1921, 5 il. 1 color.) AP66.16

Trabalho antiquado sobre o ensino de desenho ministrado pelo autor nos últimos anos. **[31]**

Rio de Janeiro. Museu Nacional de Belas-Artes. Exposição animalista; arte plástica. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1942. 38 p. 15 il. DLC uncat.

Catálogo de obras de valor variável, muitas feitas por brasileiros. Os nomes dos artistas são acompanhados por algumas linhas de biografia. **[32]**

Romero, Sílvio. *Belas-artes (História da literatura brasileira).* 2 ed., Rio de Janeiro, Garnier, 1902, p. 317-324. PQ9511.R6

Listas de nomes de artistas com informações biográficas resumidas. **[33]**

Rubens, Carlos. *As artes plásticas no Brasil e o estudo novo.* Rio de Janeiro, DIP., 1941. 42 p. N6650.R75

Descrição sucinta da história geral, do papel de SPHAN e do recente trabalho do Museu de Belas-Artes. **[34]**

Rubens, Carlos. *Artistas dos séculos XVIII e XIX num templo tricentenário (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 41, 23 maio 1940, p. 22, 2 il.) DLC uncat.

Algumas das obras de arte da igreja de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, são aqui identificadas. **[35]**

Rubens, Carlos. *Pequena história das artes plásticas no Brasil.* São Paulo, Ed. Nacional, 1941. 383 p. 6 il. (Brasiliana, v. 198). N6650.R8

Contém biografias de muitos pintores brasileiros, bem como ensaios de escultura e arquitetura. A principal modalidade do livro é a parte dedicada aos artistas de diferentes estados. É mais uma obra de referência (a mais minuciosa que existe) do que um trabalho de interpretação crítica, mas não é absolutamente completa. Constitui valioso instrumento para a história da pintura no Brasil. Compreende uma bibliografia. **[36]**

Santa Rosa, Tomás. *Algumas influências na arte do Brasil (Rev. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 12, ag. 1938, p. 209-211). AP66.R55

Um importante artista brasileiro discute sobre a história das influências estrangeiras no Brasil: Portugal, França e, atualmente, o México. **[37]**

Santa Rosa, Tomás. *A arte e o meio brasileiro (Rev. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 4, out. 1938, p. 429-431; v. 1, nº 6, dez. 1938, p. 656-658). AP66.R55

Catálogo de fatores que faltam para desenvolvimento da arte no Brasil; falta de escolas nacionais, de bibliotecas de arte, de museus, de críticos de arte, de periódicos de arte contemporânea, terminando por uma exortação ao artista para que se mantenha independente. **[38]**

Severo, Ricardo. *A arte tradicional no Brasil; conferências.* São Paulo, Levi, 1916.

Conferência na Sociedade de Cultura Artística. **[39]**

Silva, M. Nogueira da. *Carlos Rubens -- historiador das artes plásticas (Rev. Acad. Letras*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 34, jun. 1941, p. 13-16, il.)

Contém certas informações a respeito de histórias anteriores de arte brasileira. Bibliografia. **[40]**

Smith, Robert C. *Brazilian art. ("Concerning Latin American Culture; papers read at Byrdcliffe, Woodstock, New York, August, 1939 and edited by Charles C. Griffin".* New York, Columbia University, 1940, p. 181-196). F1408.3 G75

Discussão sobre qualidade exótica e sobre o papel do negro na arte brasileira, desde Post até Portinari. **[41]**

Viana, Arlindo. *História da cidade de Pouso Alegre.* Pouso Alegre, Escola profissional, 1927. 16 p.

Panfleto de dados históricos, útil para constatar as datas de monumentos. **[42]**

Viana, Ernesto da Cunha de Araújo. *Das artes plásticas no Brasil em geral e na cidade do Rio de Janeiro em particular (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, x. 78, 2 te. 1915, p. 505-608). F2501.I59

Cinco conferências que contêm muitas informações colhidas de várias fontes, constituindo uma das principais fontes secundárias para o estudo de arte brasileira. A obra se estende até o princípio do século 19. **[43]**

Waagen, Ludwig. *Rio de Janeiro als Kunststadt.* São Paulo, Aurora Alemã, 1940. **[44]**

1. Bibliografias

Braga, Teodoro. *Para a posteridade; artistas pintores no Brasil.* São Paulo, São Paulo Ltda., 1942. [251 p. 1 il. DLC uncat.

Lista de referência, de valor inestimável, de pintores brasileiros, com bibliografia extraordinariamente rica de cada um, especialmente em artigos de jornal. Muitos nomes são acompanhados de datas e de uma ou duas linhas de bibliografia. Talvez não exista livro mais útil do que este para o estudioso da arte brasileira. É prejudicado apenas por um sistema irregular de relacionar nomes. **[45]**

Smith, Roberto C. *Brazilian art; general statement; bibliography (Handbook of Latin American studies 1937*, nº 2. Cambridge, Harvard University, 1938, p. 50-58). Z1605.H23

Resumo das atividades (do ano) de arte no Brasil, com comentário especial sobre o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e 48 itens de bibliografia. **[46]**

Smith, Robert C. *Brazilian art; general statement; bibliography. (Handbook of Latin American studies 1938*, nº 3. Cambridge, Harvard University, 1939, p. 53-59). Z1605.H23

Resumo de atividades e publicações artísticas do ano (1939) no Brasil, acompanhado de 41 itens bibliográficos. **[47]**

Smith, Robert C. *Brazilian art; general statement; bibliography. (Handbook of Latin American studies 1939*, nº 4. Cambridge, Harvard University, 1940, p. 82-91). Z1605.H23

Exposição geral sobre as atividades de arte brasileira, acompanhada por 84 itens de bibliografia. **[48]**

Smith, Robert C. *Brazilian art; general statement; bibliography. (Handbook of Latin American studies 1940*, nº 5. Cambridge, Harvard University, 1941, p. 72-82).

Relatórios de exposições brasileiras em Nova Iorque, novos museus e publicações de arte no Brasil, com uma bibliografia de 87 títulos. **[49]**

Smith, Robert C. *Brazilian art; general statement; bibliography. (Handbook of Latin American studies 1941.* Cambridge, Harvard University, 1942, p. 95-106).

Levantamento suscinto dos acontecimentos do ano (1942) no campo da arte brasileira, ressaltando os murais de Portinari para a Library of Congress, acompanhado por bibliografia (121 itens). **[50]**

2. Museus e Coleções

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. Anuário do Museu Nacional de Belas-Artes. Rio de Janeiro, nºs 1-2 (1938-1940). 64 p. 9 il. DLC uncat.

Contém a organização do museu e relatos de exposições. **[51]**

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. Catálogo; Museu Coronel Davi Carneiro, Curitiba, Paraná. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 3, Rio de Janeiro, 1940, 31 il). DLC uncat.

Catálogo bem feito de interessante museu semiparticular de vestuário, mobiliário, armas de fogo, moedas, pinturas e outros objetos, muitos brasileiros. **[52]**

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. Salão Nacional de Belas-Artes, I-XLVII; catálogos, Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes, 1884-1941.

Catálogos das exposições nacionais anuais, variando em forma e uti-

lidade. Pintura, escultura, artes gráficas, artes decorativas e desenhos arquitetônicos. Os catálogos recentes são bem ilustrados. **[53]**

Catálogo do leilão da mais preciosa coleção de objetos históricos e de arte... formada pelo conhecido e ilustre colecionador, Dr. Djalma da Fonseca Hermes. Rio de Janeiro, 1941. 56 p. 100 il. 1 color.

Catálogo de um leilão realizado, entre 21 de julho e 1º de agosto, de uma das mais notáveis coleções de arte brasileira, compreendendo entre 1.072 peças nada menos do que 7 pinturas de Frans Post, raras obras de Debret, dos Taunays, de Pallière e de Almeida Jr. e uma boa seleção de mobílias, porcelanas e cristais de Portugal e do Brasil do século 18. **[54]**

Correia, José Augusto. *Três capitais.* Famalicão, Minerva, 1909**.** 589 p. F2646.C82

Contém algumas informações úteis sobre as igrejas e museus do Rio de Janeiro. **[55]**

Estêvão, Carlos. *Resumo histórico do Museu paraense Emílio Goeldi.* (*Rev. Ser. Patr. Hist. Art. Nac*., Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 7-19, 2 il.) F2501. B795

História detalhada da administração desse importante museu da região amazônica, desde sua organização em 1867. O autor faz um estudo sucinto de suas coleções atuais e aconselha expansão muito maior. **[56]**

Estrella, Gutiérriz, Fermin. *El Museo de Ypiranga* (*Prensa***,** Buenos Aures, 19 mayo 1935, sec. 2, 1 p. 7 il.) DLC uncat.

Histórico resumido – vistas de suas exposições. **[57]**

Meireles, Cecília. *The imperial museum of Petrópolis* (*Travel in Brazil*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 4, 1941, p. 20-32, 16 il. DLC uncat.

Interessante relato do novo museu de relíquias imperiais, feito por uma das mais conhecidas poetisas brasileiras. As excelentes fotografias apresentam detalhes de pinturas, mobílias, cristais, porcelanas e leques. **[58]**

O Museu de Belas-Artes (*Ilus. Bras*., Rio de Janeiro, v. 17, nº 49, maio 1939, p. 6-8, 6 il.) AP66.I6

As novas galerias dispostas pelo diretor, Osvaldo Teixeira, são ilustradas. O artigo deplora o sistema de instalar pinturas européias em vez de obras brasileiras. **[59]**

O Museu evocativo do Teatro Municipal (*Ilus. Bras*., Rio de Janeiro, v. 20, nº 87, jul. 1942, p. 17, 1 il.) AP66.I6

Menciona-se o museu recentemente organizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Há uma fotografia da cortina alegórica pintada por Eliseu Visconti, o grande impressionista. **[60]**

O Museu Histórico Nacional (*Ilus. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 18, nº 60, abr. 1940, p. 13-16, 14 il.) AP66.I6

Excelentes fotografias do Museu Histórico do Rio de Janeiro, cujo edifício é de estilo pseudo-colonial. **[61]**

Um museu que se desmorona *(Ilus. Bras*., Rio de Janeiro, v. 19, nº 75, jul. 1941, p. 31-33, 8 il. color). AP66.I6

Ilustra algumas das melhores peças da coleção do Dr. Djalma da Fonseca nas vésperas do grande leilão que dispersou-o. **[62]**

Museu regional de Olinda; Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora; Museu Coronel Davi Carneiro em Curitiba. (*Rev. Serv. Part. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 155-170, 2 il.) F2501.B795

Informações valiosas sobre a história e as coleções de três importantes museus locais. **[63]**

Museu sacro da venerável ordem de S. Francisco da Penitência. Rio de Janeiro, Papelaria Velha, 1933. 15 p. 4 il. DLC uncat.

Folheto que serve como catálogo da coleção. **[64]**

Navarro, Saul de. *O novo Museu de Belas-Artes* (*Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 39, nº 22, 7 maio 1938, p. 36-37, 8 il.) DLC uncat.

Discussão do museu com reproduções de sua arte européia e nativa. **[65]**

O papel cultural e educativo do Museu do Estado (Bahia tradicional e moderna, Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 6-9, 6 il.)

Relato feito em 1931, do Museu do Estado da Bahia, organizado em 1918 com uma galeria de retratos. O museu foi agora incorporado à rede de museus nacionais e mantém uma colaboração ativa com o SPHAN. **[66]**

Real, Regina Monteiro. *Museu Nacional de Belas-Artes* (*Rev. Serv. Público*, Rio de Janeiro, ano 2, v. 4, nº 1-2, out.-nov. 1939.

Histórico e sinopse das coleções e das atividades do Museu Nacional de Belas-Artes. **[67]**

Rio de Janeiro. Escola Nacional de Belas-Artes.

Catálogo explicativo das obras expostas nas galerias da Escola Nacional de Belas-Artes. Rio de Janeiro, 1893. **[68]**

Rio de Janeiro. Escola Nacional de Belas Artes. Catálogo geral das galerias de pintura e de escultura. Rio de Janeiro, Norte, 1923. 217 p. 128 il. N910.R5R5

Catálogo da principal coleção de pinturas brasileiras do século 19. Biografias resumidas dos pintores e relação das pinturas de cada um na galeria nacional. **[69]**

Rio de Janeiro. Escola Nacional de Belas Artes. Exposição de arte restrospectiva; Catálogo. Rio de Janeiro, Centro artístico, 1898. (184 p.)

Catálogo de uma grande exposição de arte (pintura, escultura e artes secundárias) principalmente européia, proveniente de coleções particulares no Brasil. Entre as artistas acham-se alguns brasileiros; contém notas biográficas. **[70]**

Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional. Instruções para matrículas no curso de museus. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941. (18.) DLC uncat.

Programa da escola museu patrocinada pelo Ministério de Educação e Saúde. **[71]**

Rubens, Carlos. *As belas-artes no Instituto Histórico dos quadros de Franz Post às esculturas de Pettrich e Rodolfo Bernadeli* (*Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 11, 15 mar. 1941, p. 15, 2 il.) DLC uncat.

Valiosa relação de pinturas e esculturas desta coleção do Rio. Ilustrado com o surpreendente retrato do Barão e Baronesa de Nova Fri-

burgo, pintado por Bauch, seu pintor contratado permanentemente, em meados do século 19. **[72]**

São Paulo. Museu paulista. *Guia da seção histórica do Museu paulista*. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 1937. 120 p. il. F2501.S25 1937

A metade deste catálogo se ocupa da história do museu. A descrição da coleção é um tanto geral, sobretudo, dos objetos e pinturas coloniais. As fotografias são vistas gerais. **[73]**

São Paulo. Pinacoteca do Estado de São Paulo; Catálogo. São Paulo, Estado, 1938. (60 p.) DLC uncat.

Panfleto que relaciona mais de 200 pinturas e 10 esculturas da galeria de pintura do Estado de São Paulo. Há também uma relação da coleção de fotografias. São dados apenas o nome do artista e o título do quadro. Ver a lista de museus. **[74]**

Sodré, Alcindo**.** *Museu Imperial (Ilus. Bras.* Rio de Janeiro, v. 19, nº 74, jun. 1941, p. 56-57, 5 il.) AP66.I6

Boas fotografias e uma exposição compreensiva dos objetivos do museu do período de Pedro II, em Petrópolis. **[75]**

3. Escolas

A Escola Nacional de Belas-Artes do Império à República *(Ilus. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 17, nº 56, dez. 1939, p. 35-36, 4 il.) AP66.I6

Breve relato da Escola de Arte Nacional no Rio de Janeiro e de seus cursos. **[76]**

Kelly, Celso. *O ensino das artes no nível universitário. (Belas-Artes*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 55-56, nov.-dez. 1939, p. 1-2).

Discussão do ensino das artes como uma função universitária, com especial referência ao ex-Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal. **[77]**

Lobo, A. A. de Sousa. *Considerações sobre a reforma da Academia.* Rio de Janeiro, 1874. **[78]**

Morales de los Ríos

vide

Ríos, Adolfo Morales de los (Filho).

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *Apontamentos sobre a Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro* (*Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 5, nº 45-46, jan.-fev. 1939, p. 3, il.; nº 47-48, mar.-abr. 1939, p. 3, il.)

História da origem e papel da Academia no Brasil, escrita em 1859. **[79]**

Ribeiro, Flexa. *O ensino artístico no Brasil* (Ilus. Bras., Rio de Janeiro, v. 20, nº 81, jan. 1942, p. 44-45, 2 il.) AP66.I6

História concisa da escola oficial de arte, publicada como parte de um panorama geral do ensino no Brasil. O artigo contém uma fotografia de um belo detalhe da fachada do edifício original da Academia, atualmente destruído. **[80]**

Ríos, Adolfo Morales de los (filho). *O ensino artístico subsídios para a sua história; um capítulo; 1818-1889* (Terceiro Congresso de História Nacional. *Anais*, v. 8, Rio de Janeiro, 1942, 429 p.) **[81]**

São Paulo. Escola de Belas-Artes. Estatutos. São Paulo, Oficial, 1938. 19 p. DLC uncat.

Estatutos oficiais atualmente em vigor. **[82]**

4. Proteção de Monumentos

Andrade, Rodrigo Melo Franco de. *El sistema de protección del patrimonio de arte y de historia en el Brasil* (*Bol. Com. Nasc. Mus. Hist.*, Buenos Aires, año 4, nº 4, 1942, p. 95-132). F2801.A72

Este importante artigo começa com um exame cuidadoso da lei de 30 de novembro de 1937 que instituiu o SPHAN. É acompanhado de uma descrição de cada aspecto da obra desse serviço. Seria bom que essa seção fosse mais destacada do que é, em vista das preciosas informações que ela contém para o historiador de arte brasileira. **[83]**

Bandeira, Manuel Carneiro de Sousa. *Sebastião Leme.* (*Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* nº 6, Rio de Janeiro, 1942, p. 81-85). DLC uncat.

Um tributo ao falecido cardeal do Rio de Janeiro pelo seu respeito ao patrimônio artístico da Igreja no Brasil e sua proteção de monumentos em cooperação com o SPHAN. **[84]**

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937; organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, Serviço gráfico, 1938.

Sobre a organização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **[85]**

Duarte, Paulo. *Contra o vandalismo e o extermínio.* São Paulo, 1938. (306 p.) F2631.D83

Um apelo para a criação de um departamento de monumentos no Estado de São Paulo. Contém publicações feitas pela imprensa e discursos apoiando o projeto. **[86]**

Duarte, Paulo. *La protección del patrimônio histórico y artístico nacional* (*Bol. Com. Nac. Mus. Hist.*, Buenos Aires, v. 2, 1940, p. 25-33).

Recomendando a adoção de um sistema na Argentina, o autor descreve o que foi feito nesse campo no Brasil. **[87]**

Franco, Rodrigo Melo
vide
Andrade, Rodrigo Melo Franco de

5. Arquitetura

Costa, Lúcio. *Documentação necessária* (*Rev. Ser. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 31-41, 17 il.) F2501.B795

Hábil estudo feito por um dos melhores arquitetos do Brasil sobre o desenvolvimento das fachadas, muros e perfis das casas brasileiras nos séculos 18 e 19, com especial referência à arquitetura moderna. **[88]**

Debret, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement.* Paris, F. Didot frères, 1834-1839. 3 v. il. F2513.D28

Famosa série de litografias de edifícios contemporâneos, jardins, costumes e personalidades – a mais rica fonte desse material do Brasil de princípios do século 19.

Tradução portuguesa por Sérgio Milliet, reimpressão muito necessária com clichês tirados das litografias da edição francesa, editada em São Paulo, Martins, 1940. **[89]**

Ewbank, Thomas. *Life in Brazil or A journal of a visit to the land of the Cocoa & the Palm.* New York, Harper & Bros. 1856. 269 p. 92 il. F2513.E94

Litografias de valor inestimável de vestuários e descrições e vistas de igrejas, casas e ruas, especialmente da região do Rio. **[90]**

Fuss, Peter. *Brasil. Berlin & Zurich, Atlantis, 1937.* 304 p. 255 il. F2515.F96

Coleção de fotografias tiradas por um grupo de alemães, mostrando arquitetura colonial e moderna, paisagens, flora e fauna e os habitantes de todos os estados do Brasil. Texto em português, alemão, espanhol, inglês e francês. **[91]**

Kidder, Daniel Parish. *Brazil and the Brazilians, Philadelphia, Childs & Peterson, 1857.* 630 p. il. F2513.K43

Informações e ilustrações da arquitetura colonial e do século 19. Tradução portuguesa, *O Brasil e os brasileiros; esboço histórico e descritivo,* S. Paulo, Ed. Nacional, 1941, 2 v. il., com reproduções dos clichês originais. **[92]**

Koseritz, Carlos von. *Bilder aus Brasilien. Leipzig. W. Friedrich, 1885.* 379 p. il. F2513.K86

Contém muitas descrições de monumentos arquitetônicos de diferentes períodos. **[93]**

Lino, Raul. *Primeiras impressões* ("Auri-Verde Jornada", Lisboa, Valentim de Carvalho, 1937, p. 131-162).

Impressões de um arquiteto português que visitou o Brasil em 1935 e suas observações sobre a relação entre arquitetura portuguesa e brasileira. **[94]**

Mariano, José (Filho). *Expressões regionais da arquitetura tradicional brasileira* (Fronteiras, Recife, v. 9, nº 1, jan. 1940, p. 6-7)

Reimpressão do item 253. **[95]**

Marianno, José (Filho). *Influências romanas na arquitetura tradicional brasileira* (Fronteiras, Recife, v. 8, nº 11, nov. 1939, p. 1-2 e 7).

O autor ressalta o fato de que a arquitetura gótica nunca foi usada no Brasil, mas diz pouco mais. **[96]**

Matos, Euricles de. *Das belas-artes no Brasil; III, Arquitetura.* Rio de Janeiro, Noite, 1917. 38 p.

Um ensaio para um concurso para a cadeira de história de belas-artes na Escola Nacional de Belas-Artes. É de relevo mais histórico do que técnico ou estético. **[97]**

Ouseley, William Gore. *View in South America from original drawings made in Brazil, the river Plate, the Paraná, etc.* London, t. McLean, 1852. F2214.094.

Belo volume de vistas arquitetônicas da Bahia e do Rio de Janeiro. **[98]**

Pinho, José Wanderley de Araújo. *Proteção dos monumentos públicos e objetos históricos* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bahia, v. 14, 1917, p. 191-198). F2551.159

Apelo para a formação de uma comissão de proteção dos velhos edifícios. **[99]**

Saint-Adolphe, J. C. R. Milliet de. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo, do Império do Brasil.* Paris, J. P. Aillaud, 1845. 566 p. 2 il. F2504.M65.

Contém muitas informações sobre arquitetura dos locais descritos. **[100]**

Spix, Johann Baptist von, e **Martius**, C. F. P. von. *Reise in Brasilien auf befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern, in den jahren 1817 bis 1820 gemacht.* München, M. Lindauer, 1823-1831. 3 v. e atlas, 41 il. e portfólio, 7 maps. F2511.S75.

Informações sobre arquitetura com interessantes ilustrações costumbristas. Tradução inglesa, *Travels in Brazil, in the years 1817-1820*, London, Longman, 1824.

Tradução portuguesa, anotada por Basílio de Magalhães, *Viagem pelo Brasil***,** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, 4 v. il. maps. **[101]**

a. Bahia

Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Urbo Salvador, Bahia, n. d. 52 p. 88 il.

Folheto belamente ilustrado sobre a arquitetura colonial e moderna de Salvador. Os títulos são em esperanto. **[102]**

Spix, Johann Baptist von, e **Martius**, C. F. P. von. *Através da Bahia;* excertos da obra, *Reise in Brasilien.* 3 ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1938. 342 p. tables (Brasiliana, v. 118). F2511.S773

Tradução portuguesa de parte do item 101. **[103]**

b. Norte

Álbum de Belém, Pará, Fidanza, 1902, 104 p. il PPComm.

Sessenta e nove ilustrações de possível interesse arquitetônico, com notas históricas e descritivas de caráter geral. **[104]**

Álbum de Pernambuco e seus arrabaldes, Recife, F. H. Carls, n. d. 50 il. color.

Coleção de litografias coloridas de Recife especialmente valiosas para estudo de casas coloniais e do século XIX. **[105]**

Avé-Lallemant, Robert Christian Berthold. *Reise durch nord Brasilien im jahre 1859.* Leipzig, F. A. Brockhaus, 1860. 369 p. R2513.A95

Algumas referências aos edifícios da Bahia a Pernambuco. **[106]**

Barreto, Paulo T. *O Piauí e a sua arquitetura.* (*Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 187-223, 14 il.) F2501.B795

Monografia de real importância para estudo de arquitetura regional no Brasil. As moradias das cidades de Teresina, Oeiras e Campo Maior e as fazendas constam de uma história, em planta de L ou V; o autor diz que os quartos são dispostos em 4 categorias que variam entre os tipos de porta e janela, meia-morada e morada, inteira nas vizinhanças do Estado de Maranhão. **[107]**

Ceará, Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Fortaleza, 1941. 18 p. 23 il. F2551.F6C4. **[108]**

Costa, João Craveiro. *Maceió.* Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1939. 219 p. 22 il. F2651.M2C7

Guia útil de uma cidade com alguns poucos edifícios antigos. Contém velhas fotografias conservando antigos aspectos da capital de Alagoas e algumas encantadoras vinhetas arquitetônicas por Santa Rosa. **[109]**

Memórias de Pernambuco. Álbum para os amigos das artes. Recife, F. H. Carls, 1863. 25 il. DCU-IA

Coleção de litografias por Carls imitando L. Schlappriz, mostrando as praças de Recife e as casas suburbanas (sítios). **[110]**

Viana, Artur. *A Santa Casa de Misericórdia paraense; notícia histórica; 1650-1902.* Pará, Silva, 1902, 386 p. 8 il.

Histórico de todas as instituições beneficentes do Pará com muitos dados a respeito dos edifícios, alguns dos quais datam do século 18. **[111]**

c. Rio de Janeiro

Araújo, José de Sousa Azevedo Pizarro e. *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil.* Rio de Janeiro, Régia, 1820-1822. 10 v.

Livro, fonte de primordial importância para conhecimento da cidade em princípios do século 19. As descrições são detalhadas e circunstanciais, embora seja dado um relevo mais histórico do que artístico. **[112]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Pequeno panorama ou descrição dos principais edifícios da cidade do Rio de Janeiro.* 1864. 231 p. **[113]**

Buvelot, L. e **Moreau**, Auguste. *Rio de Janeiro pitoresco.* Rio de Janeiro, Heaton e Rensburg, 1845. 18 il. NN

Importante coleção de gravuras arquitetônicas. **[114]**

Edmundo, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo.* Rio de Janeiro, Nacional, 1938. 3 v. il. F2646. C86

Esta suntuosa publicação de reminiscências da vida heterogênea do Rio de Janeiro em princípios do século 20, ricamente ilustrada com caricaturas da época, contém também 196 fotografias de valor inestimável dos edifícios da cidade, muitos dos quais já foram ou destruídos ou irreconhecivelmente alterados. **[115]**

Fazenda, José Vieira. *Antiqualhas e memórias do Rio de Janeiro.* (Rev. Inst. His. Geo. Bras. v. 88, 1920, 510 p.; v. 89, 1921, 491 p.; v. 93, pt. 1, 1923, 601 p.; v. 95, pt. 1, 1924, 641 p.) F2501.I59

Notas soltas sobre velhos monumentos do Rio de Janeiro, em ordem mais ou menos cronológica, contendo muitas vezes material artístico. Reimpressão Série 1-5, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1921-1927. **[116]**

Ferreira, Vieira. *Antigas inscrições do Rio de Janeiro e Niterói* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., Rio de Janeiro, v. 106, pt. 2, 1920, p. 29-58, 122 il.). F2501.159)

Riqueza de boas fotografias de inscrições em fachadas, fontes, túmulos e monumentos desde o século 17 até meados do século 19. **[117]**

Macedo, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro; primeira série.* Rio de Janeiro, Imparcial, 1862-1863.] 2 v. 10 il. F2646. M14

Descrição literária da cidade, bastante precisa em seus detalhes e com alguns fatos históricos. Reimpressão por Zélio Valverde. 1942, com 18 il. **[118]**

Pessoa, Paula. *Guia da cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro. E. Beviláqua. 1905. 196, il. F2646.P47

Muitas vinhetas deliciosas de velhos prédios importantes que ruíram. [119]

Rio de Janeiro e arredores; *guia do viajante.* Rio de Janeiro, Guias do Brasil, Ltda., 1939. 744 p. F2646. R55

O guia mais completo da cidade. Contém muitos dados sobre artistas e arquitetos, descrições de coleções e muitos outros fatos de interesse para o estudioso de arte. [120]

Stewart, Charles Samuel. *Brazil and La Plata: the personal history of a cruise.* New York, G. P. Putnam, 1856. 428 p. 2 il. F 2513.S85

Duas litografias interessantes e excelentes descrições do Rio de Janeiro e de seus edifícios. [121]

This is Rio. Rio de Janeiro, H. D. Oliveira, 1938. 64 p. 196 il. F2646. O468

Fotografias de arquitetura de todos os períodos e qualidades. [122]

Wanderley, Eustórgio. *Igrejas do Rio de Janeiro, templos católicos relicários de arte* (Ilus. Bras**.,** Rio de Janeiro, v. 19, nº 74, jun. 1941, p. 37-39, 9 il.) AP 66.I6

Fotografia de igreja comuns.

[123]

d. Sul

Lange, Henry. *Südbrasilien; die provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná.* 2 ed. Leipzig. E. Baldamus, 1888. 254 p. 25 il. 3 maps. F2513. L27

Contém velhas fotografias e gravuras de arquitetura colonial e do século 19. [124]

Spalding, Walter. *Esboço histórico do município de Porto Alegre.* Porto Alegre, Centro, 1940. 87 p. 22 il. F2651. P8S65.

Ilustrado com velhas fotografias e gravuras da cidade, mostrando edifícios que foram destruídos.

[125]

6. Urbanismo

Correia, Ernâni. *Evolução arquitetônica de Porto Alegre. (Congresso de História e Geografia, III.) Anais,* Porto Alegre, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1940, v. 4, p. 2567-2576). F2621.C66 1940

Breve descrição do crescimento da capital do Rio Grande do Sul, com algumas informações sobre os principais prédios desde o século 18. [126]

Cravotto, Maurício. *Meditaciones sobre Brasil.* (Instituto de Urbanismo, Montevideo, nº 2-3, jun-dic. 1937, p. 57-84, 17 il.)

O desenvolvimento das duas principais cidades do Brasil sob o ponto de vista de topografia colonial. [127]

Kitzinger, Alexandre Max. *Resenha histórica da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro desde sua fundação até a abdicação de Dom Pedro I. (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 76, 1913, pt. 1. p. 147-275, 8 il.) F2501.159

Ocupa-se dos primeiros planos de construção da capital, com muitas ilustrações de Debret (item 89). [128]

Lima, Manuel de Oliveira. *Sur l'évolution d'une ville du Nouveau-Monde.* Anvers, Mission Brésilienne de Propagande et d'Expansion Économique d'Anvers, 1909. 19 p. 4 il. F2646.O48

Observações gerais sobre o crescimento da cidade do Rio de Janeiro desde sua fundação. **[129]**

Quatro fases dos jardins da Glória (*Ilus. Bras*.**,** Rio de Janeiro, v. 16. nº 36, abr. 1938, p. 28-29, 4 il.) AP66.I6

Estudo de uma parte do Rio em quatro fases distintas com fotografias justapostas. **[130]**

Rio de Janeiro. *Álbum da cidade do Rio de Janeiro comemorativo do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. 1822-1922.* Rio de Janeiro, P. Witte, 1922. 150 il. maps. F2646.R61

As fotografias da cidade são importantes porque mostram edifícios que já não existem e auxiliam o estudo da história de urbanização da capital. **[131]**

7. Pintura

Acquarone, Francisco, e **Vieira**, A. de Queirós. *Primores da pintura no Brasil.* Rio de Janeiro. 15 v. il. color. ND 354.A6

Reproduções coloridas de famosas pinturas do séculos 19 e 20 no Museu de Belas Artes no Rio de Janeiro com dimensões, datas de artistas e um histórico resumido.

A reprodução é regular. **[132]**

Acquarone, Francisco, e **Vieira**, A. de Queirós. *Quadros da história pátria interpretados por artistas brasileiros.* Rio de Janeiro, 1941. **[133]**

Amazonas (Brasil). Comissão Louisiana purchase exposição, 1904. Catálogo dos produtos enviados pelo Estado do Amazonas. Manaus, 1904. 127 p. T860.G1B82

Menciona várias pinturas expostas relativas ao Brasil colonial e do século 19. Contém uma tradução inglesa. **[134]**

Andrade, Mário de. *A pintura religiosa em Itu (O Estado de S. Paulo,* 1º fev., 1942, p. 4-5). DLC

Relato conciso e extremamente valioso da pintura colonial no lugar de nascimento de Almeida Júnior. O autor descreve o trabalho de José Patrício da Silva, Jesuíno do Monte Carmelo, Miguel Arcanjo Benício da Silva Dutra, Joaquim José de Quadros e outros no século 18 e em princípios do 19. **[135]**

Boccanera, Sílio (Júnior). *As telas históricas do Paço Municipal da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos.* Bahia, Comércio**,** 1922. **[136]**

Fleiuss, Max. *La pintura en el Brasil* (An. Acad. Nac. Artes y Letras, Habana, v. 21, 1938-1940, p. 267-280). AS71.H14

Pouco mais do que relações de nomes. **[137]**

Freire, Laudelino de Oliveira. *A pintura no Brasil -- Pedro II e a arte no Brasil.* Rio de Janeiro, Nacional, 1917. p. 53-91).

Comentários sobre a história da pintura no Brasil, principalmente no século XIX, culminando com movimentos contemporâneos. **[138]**

Freire, Laudelino de Oliveira. *Um século de pintura; apontamentos para a história da pintura no Brasil; de 1816 a 1916.* Rio de Janeiro, Röhe, 1916. 677 p. il. DCU-IA

Cerca de 600 reproduções, com textos sucintos resumindo a mentalidade das épocas. Muito útil para estudo. **[139]**

Freire, Gilberto. *Algumas notas sobre a pintura no Nordeste do Brasil* (*Região e tradição.* Coleção Documentos Brasileiros.

29. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1941. p. 79-106).

Exame das falhas da pintura brasileira com recomendações para seu aperfeiçoamento. Interessante à luz da realização posterior de Portinari. **[140]**

Martins, Luís. *De Almeida Júnior ao modernismo* (*Diário de São Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1941).

Sinopse de uma conferência pronunciada na sede do Sindicato dos Artistas Plásticos, em que Almeida Jr. é designado o ancestral dos modernos e um dos maiores coloristas brasileiros. Ver item 655. **[141]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *Memória sobre a antiga escola de pintura fluminense* (*Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 3, 1841, p. 547-556). F2501.I59

Fonte básica de informações sobre a arte colonial e de princípios do século 19, infelizmente muito sucinta. É preciso dispensar toda atenção à exatidão dos dados fornecidos pelo autor. **[142]**

Ribeiro, Flexa. *A Bíblia e o ciclo sagrado na pintura brasileira* (*Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 27, jul. 1937, p. 18-19, 5 il.) AP66.I6

Para o autor, Pedro Américo e Rodolfo Amoedo são os dois principais pintores religiosos do Brasil. **[143]**

Roberts, W. *Early European artists in Brazil* (*Pan Amer. mag.*, *New York*, v. 24. nº 1, jan. 1917, p. 129-130). F1401.P18

Chama atenção para Frans Post e Augustus Earle, este, pintor norte-americano que esteve no Brasil em princípios do século XIX, mencionando duas de suas obras. **[144]**

Santa Rosa, Tomás. *Uma exposição proveitosa* (*Rev. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, jul. 1938, p. 102-104). AP66.R55

Ao criticar uma exposição de pinturas francesas contemporâneas, o autor deplora o relaxamento técnico, a falta de interesse nos vários processos gráficos que caracterizam a pintura brasileira do século 19, e concita seus compatriotas a se dedicarem a temas nativos interpretados com simplicidade. **[145]**

Varejão, Lucilo. *Cinqüenta anos de pintura em Pernambuco* (*Arquivos*, Recife, v. 1, nº 11, nov., 1942, p. 171-178, il) DLC uncat.

Começando com os paisagistas Teles Júnior e Lassailly, ambos de fins do século 19, o autor ilustra com fotografias nítidas o trabalho de grande número de pintores pouco conhecidos e muito interessantes de Recife. O texto pouco mais é do que uma lista de nomes. Não há uma só data em todo o artigo. **[146]**

8. Escultura

Correia, Armando Magalhães. *Fontes e chafarizes* (*Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 29, set. 1937, p. 9-11, 7 il.) AP66.I6

Estudo de algumas das fontes do Rio de Janeiro. Boas fotografias. **[147]**

Correia, Armando Magalhães. *Monumentos cariocas* (*Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 36, abr. 1938, p. 15-17, 9 il.) AP66.I6

Fotografias e notas sobre os monumentos a Mariano Procópio, João

Caetano, General Osório e José de Alencar. **[148]**

Correia, Armando Magalhães. *Monumentos cariocas* (*Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 37, maio 1938, p. 11-3, 6 il.) AP66.I6

Continuação do item anterior. São discutidos aqui: a estátua eqüestre do Duque de Caxias, o monumento do 4º centenário, as estátuas do Visconde do Rio de Branco, Teixeira de Freitas, Cristiano Otoni e Almirante Barroso. **[149]**

Correia, Armando Magalhães. *Terra carioca; fontes e chafarizes.* Rio de Janeiro, Nacional, 1939. 223 p. il. NA2415.R5PN3

Desenhos a bico de pena, em profusão, com notas descritivas e histórias sobre as fontes da região do Rio de Janeiro. **[150]**

9. Arte Popular

Barata, Mário. *Arte negra (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 20, 17 maio 1941, p. 16, 10 il., color). DLC uncat.

Excelentes fotografias tiradas por Arnaldo Vieira. **[151]**

Barroso, Gustavo. *Terra de sol; natureza e costumes do Norte.* Rio de Janeiro, Águila, 1912. 274 p. F2515.B27

Algumas páginas são dedicadas à arquitetura rural e ao trabalho regional em ferro. **[152]**

Brasil, Etienne. *O fetichismo dos negros do Brazil* (*Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 74, 1911, p. 195-260, 20 il.) F2501.I59

Contém fotografias das esculturas do fetichismo negro, a maior parte do Museu Nacional do Rio de Janeiro. **[153]**

Freire, Gilberto. *Mucambos do Nordeste*; algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do nordeste do Brasil. Pub. Serv. Patr. hist., art. nº 1, Rio de Janeiro, 1937, 34 p. 18 il.) NA7298.F7

Estudo das casinhas de barro e sapê naturais da costa brasileira; embora constitua realmente parte de um esquema para descrever a história sociológica do nordeste brasileiro, os detalhes e diagramas de plantas e construção tornam este livro importante para todos os estudiosos de arquitetura primitiva. **[154]**

Mariano, José (Filho). *Acerca dos copiares do Nordeste.* Rio de Janeiro, Est. de artes graf., C. Mendes Júnior, 1942. 23p. 15 il.

Aventa a teoria de que o copiar (terraço ou varanda coberta das casas do norte do Brasil) evoluiu da arquitetura dos índios tupis. O Sr. Mariano investiga a origem da palavra e estabelece relação entre o copiar e o pórtico convencional (alpendre) da tradição portuguesa. Em muitos de seus exemplos é difícil ver a diferença entre copiar e alpendre. Acredita-se, portanto, que o copiar dos índios, uma coisa rude de madeira e sapê, fosse paralelo em tradição ao alpendre de alvenaria que o autor cita como sendo tão estreitamente ligado a exemplos em Portugal.

A Fig. 11, para quem nunca viu antes, parece ser anterior ao século 19, ao qual é atribuída neste interessante trabalho. **[155]**

Murgel, Angelo A. *The home of the caboclo* (*Travel in Brazil*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1941, p. 24-27, 4 il.) DLC uncat.

O autor discute o tipo regional da cabana de madeira e pedra no Rio

Grande do Sul. O artigo é ilustrado com desenhos de Murgel. **[156]**

B. ARTE INDÍGENA

Charles, George. *Poesia dos índios do Brasil* (*Renovação,* Recife, v. 1, nº 4, dez. p. 7-12, 7 il.)

Relato rapsódico da arte do índio brasileiro por um viajante francês, na tradição da visita pós-guerra de Blaise Cendras. Das ilustrações existem quatro clichês coloridos de artefatos aborígines por Vicente do Rego Monteiro. **[157]**

Costa, João Angione. *Introdução à arqueologia brasileira.* São Paulo, Ed. Nacional, 1934. 348 p. 20 il. (*Brasiliana*, v. 34). F.2519.A65

Obra geral sobre os índios brasileiros, tratando relativamente pouco de arte. Valioso trabalho de levantamento. **[158]**

Cruls, Gastão Luís. *Arqueologia amazônica* (*Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, nº 6, Rio de Janeiro, 1942, p. 169-213, 12 ilus.) DLC uncat.

Valioso resumo do que se conhece a respeito de vários tipos de cerâmica. O estudo é ilustrado por desenhos feitos por Hilda Veloso. Cada peça ilustrada é cuidadosamente descrita. Contém uma bibliografia completa que vai muito além dessa seção. **[159]**

Cruls, Gastão Luís. *Decoração das malocas indígenas* (*Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 155-164, 4 il. color.) F2501.B795

Investigação sobre a decoração interna das tribos de índios da região amazônica, feita por um ilustre escritor de assuntos amazônicos. **[160]**

Denis, Jean Ferdinand. *Art plumaire; les plumes.* Paris, E. Leroux, 1875. 76.p. NN

Discute o trabalho em penas dos índios do Brasil, antes da conquista e na arte colonial (p. 51-61). **[161]**

Dreyfus, Jenny. *Das relações entre a cerâmica indígena brasileira e a sul-americana* (*Rev. Arq. Mun.*, São Paulo, v. 59, jul. 1939, p. 83-110, 29 il.) F 2651.S2R4

Tentativa de análise e resumo de todo o campo de arte brasileira pré-colombiana. A autora não desenvolve as relações entre a cerâmica brasileira e o resto da América do Sul, além das observações mais gerais. Há uma sucinta bibliografia no fim do artigo. **[162]**

Estêvão, Carlos. *A cerâmica de Santarém* (*Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 7-32, 15 il. 2 color map.) F2501.B795

Apresentação erudita do problema pouco estudado dos vasos e figuras de cerâmica de Santarém na região amazônica. **[163]**

Léry, Jean de. *Histoire dun voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique.* La Rochelle, A. Chuppin, 1578. [424 p. il. F2511.L6

As ilustrações são valiosas para o estudo dos primeiros edifícios construídos no Brasil e costumes de índios. As edições posteriores incluem outras gravuras. Tradução portuguesa, *Viagem à terra do Brasil*, São Paulo, Martins, 1941, 278 p. il., com reproduções de algumas das gravuras como ilustrações. **[164]**

Matos, Aníbal Pinto de. *Das origens da arte brasileira.* Belo Horizonte, Apolo, 1936. 266 p. il. F25193.A7M3

Primeiro volume de uma história da arte brasileira (item 26) que trata sobretudo da arte dos índios antes e durante o período colonial. Ilustrações de valor inestimável; um tanto incerto quanto a fatos e crítica. **[165]**

Métraux, Alfred. *Contribution à l'étude de l'archéologie du cones supérieur et moyen de l'Amazone* (*Rev. Mus. La Plata,* La Plata, v. 32, 1929, p. 145-185, 44 i. 1 map.)

Análise de pedra esculpida na região amazônica. **[166]**

Milward, Maria Portugal. *Artes decorativas brasileiras.* Cultura política, Rio de Janeiro, v. 2, nº 11, jan. 1942, p. 286-291, 1 il.) DLC uncat.

Contém alguns dados sobre a cerâmica do Amazonas e como era feita. **[167]**

Neto, Ladislau. *Investigações sobre a arqueologia brasileira* (Arq. Mus. Nac**.,** Rio de Janeiro, v. 6, 1885, p. 267-544, 489 il. 2 color.) Q33.R6

Estudo básico sobre o assunto, especialmente da região de Marajó, embora anulado, naturalmente, por descobertas mais recentes. Gravuras valiosas. **[168]**

Nordenskiöld, Erland. *L'archéologie du bassin de l'Amazone.* Paris, G. van Oest, 1930. 70 p. 51 il some color. F2519.N25

Obra básica sobre Marajó e outras cerâmicas e objetos, alguns dos quais são do período de após-Conquista. **[169]**

Palmatary, Helen C. *Tapajó pottery* (Etnologiska studier, Göteborg nº 8, 1939, p. 1-136, il.) DPU

Miss Palmatary apresenta uma crítica muito oportuna da cerâmica ornamentada de Santarém, na foz do rio Tapajós, tributário do Amazonas. O estudo é baseado em coleções de museu além de notas tomadas por Curt Nimuendaju. A autora discute feitios, motivos, cabos e outros detalhes da cerâmica. Faz comparações com material do sul dos Estados Unidos, da América Central e de outras partes da América do Sul. O estudo é bem ilustrado com gravuras e desenhos. **[170]**

Pena, Domingos Soares Ferreira. Apontamentos sobre os cerâmicos do Pará (Arq. Mus. Nac., Rio de Janeiro, v. 2, 1877, p. 46-76, 17 il. some color.) Q33.R6

Um dos primeiros estudos publicados sobre o assunto, que trata principalmente de urnas funerárias. **[171]**

Steinen, Karl van den. *Unter den naturvölhern Zentral-Brasiliens.* Berlin, D. Reimer, 1894. 570 p. 30 il. map. F2576.S83

Importante estudo de artes e ofícios populares dos índios brasileiros do interior. Tradução portuguesa, *Entre os aborígines do Brasil central,* Rev. Arq. Mun. S. Paulo, v. 3, nº 34, abr. 1937; v. 4, nº 37, jul. 1937, il., acrecida de outras ilustrações. Reimpressão renumerada, S. Paulo, Departamento de cultura, 1940. **[172]**

Taunay, Hippolyte, & Denis, Ferdinand. *Le Brésil, ou Historie de moeurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume.* Pa-

ris, Nepoen, 1822. 3. v. in 2, il. F2524.T37

Útil, especialmente em virtude de uma bela série de gravuras de arquitetura e de ofícios de índios. **[173]**

Tibiriçá, Rui W. *Cerâmica cabocla* (Rev. Arq. Mun**.,** São Paulo, ano 6, v. 59, ag. 1940, p. 237, 1 il. color.) F2651.S2R4

Cerâmica muito elementar – vasos, pratos, bules e cântaros feitos em São José dos Campos (São Paulo). **[174]**

Torres, Heloísa Alberto. *Arte indígena da Amazônia.* (Pub. Serv. Patr. Hist. Art. Nac. nº 6, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 11 p. 50 il.)

Valioso levantamento ilustrado das mais características relíquias de Marajó e culturas semelhantes. A proveniência dos objetos não se acha indicada mas supõe-se que eles sejam tirados em grande parte da coleção do Museu Histórico, que a autora dirige. O texto é mais resumido do que o de Erland-Nordenskiöld (*L'Archéologie du Bassin de l'Amazone*, Paris, Van Oest, 1930), a qualidade da reprodução fotográfica não é muito boa, mas contém alguns diagramas muito nítidos e muito úteis de padrões detalhados. A autora dedica uma soma considerável de espaço à tecedura de cestas.

[175]

Vasconcelos, Marina. *Cerâmica de Marajó (Rev. Arq. Mun***.,** São Paulo, v. 56, abr. 1939, p. 171-188, 32 il., 1 color.) F2651.S2R4

Outra aluna de A. Costa preparou neste artigo um resumo de primeira ordem de toda a questão da cerâmica marajoara na região do Amazonas. **[176]**

C. PERÍODO COLONIAL

1. Obras Gerais

Adam, Paul Auguste Maria. *Les visages du Brésil.* Paris, P. Lafitte, 1914. 302 p. 1 il. F2515.A19

Menciona por alto a arte colonial. **[177]**

Balbi, Adrien. *Beaux-arts (Essai statistique sur le royaume de Porgutal et d'Algarve.* Paris, Rey e Gravier, 1822, v. 2, p. 183-204).

Os arquitetos, pintores e escultores portugueses aqui enumerados compreendem alguns que trabalharam no Brasil. **[178]**

Barbosa, Antônio da Cunha. *Aspecto da arte brasileira colonial; estudo sobre artes (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras***.,** Rio de Janeiro, v. 61, pt. 1, 1898, p. 89-154). F2501.I59

Resumo. Compreende música, com muitas citações feitas por viajantes. **[179]**

Barbosa, Antônio da Cunha. *Aspecto da arte brasileira colonial; estudos históricos.* Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1899. 89 p. DCU-IA

Tentativa de síntese com pouca informação. **[180]**

Coldcleugh, Alexander. *Travels in South America during the years 1819, 20 and 21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres and Chile.* London. J. Murray, 1825. 2 v. 373 p. 5 il 1 map & 380 p. 4 il. 1 map. F2223. C14

Livro de viagens bem observadas e interessantes, mas não especial-

mente útil para a arte, uma vez que o interesse do autor é mais social, geográfico e comercial do que artístico. Descreve o Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Valparaíso, Lima, Córdoba e a região interna, sobretudo a região das minas no Brasil. Ilustrações de qualidade variada por mãos diferentes – nada de excepcional. **[181]**

Carvalho, Afonso de. *Viagem pelo Brasil; do Xuí ao Oiapoque.* Rio de Janeiro, Guanabara, 1935. 223 p. 46 il. F2513.D45

Compreende descrições de edifícios e pintura colonial em Minas Gerais, Salvador e Recife. **[182]**

Charles, George. *Arte sacra no Brasil* (Renovação, Recife, v. 1, nº 2, oct. 1939, p. 13 & 23, 2 il.)

Impressões da arte colonial brasileira, com um catálogo útil sobre os principais monumentos de Pernambuco, Bahia e Minas, com os nomes de muitos dos artistas que trabalharam com eles. **[183]**

Conder, Josiah. *Brazil and Buenos Ayres (The modern traveller).* London, J. Duncan, 1825, v. 29-30, il).

Relato do Brasil, composto de trabalhos escritos por viajantes conhecidos. **[184]**

Costa, Luís Xavier da. *As belas artes plásticas em Portugal durante o século XVIII.* Lisboa, J. Rodrigues, 1934. 225 p. 51 il. N5126.C6

Parte sobre "Pintores na colônia do Brasil" (p. 144-146) e muitas referências a artistas provenientes do Brasil ou que por aqui passaram. **[185]**

Jaboatão, Antônio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasileiro.* Lisboa, 1761.

História colonial dos estabelecimentos franciscanos no Brasil. **[186]**

Jaboatão, Antônio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasileiro.* Rio de Janeiro, M.G. Ribeiro, 1858. DCU-IA

A edição brasileira, publicada pelo Instituto Brasileiro de História e Geografia. **[187]**

Kochnitzky, Léon. *Black gold of Brazils baroque* (Art. news, New York, v. 41, nº 19, 15-31 jan. 1942, p. 22-24 & 32, 7 il). N1.A6

Muito semelhante a outro trabalho do autor, *Ouro Preto: or noir.* **[188]**

Kochnitzky, Léon. *Ouro Preto: or noir* (Renaissance, Paris v. 19, nº 10-12, oct.-dec. 1936, p. 29-46, 24 il.) N2R25

Brilhantes impressões de um viajante que aparentemente não se apercebeu do barroco provinciano do norte de Portugal, que originou, salvo algumas poucas exceções, todo o estilo arquitetônico de Minas Gerais no século 18. **[189]**

Macedo, Joaquim Manuel de. *Ano biográfico brasileiro.* Rio de Janeiro, Imperial Instituto Artístico. 1876. 3 v. F2505.M141

Compreende biografias de Valentim da Fonseca e Silva (v. 1, p. 267-270); José Mariano da Conceição Veloso (v. 1, p. 457-460) e José Leandro de Carvalho (v. 3, p. 373-376). Tradução inglesa, *Brazilian biographical annual*, Rio de Janeiro. Imperial Instituto Artístico, 1876. **[190]**

Maggiorotti, Leone Andrea. *Architetti militari italiani nel'America latina (Architetti e*

architetture militari. Roma, Stato, 1939. v. 3, p. 279-338, 51 il.) NA490.M3

A melhor descrição geral das fortificações do período colonial. O autor cita vintenas de arquitetos italianos e faz um relato, não completamente exato, de suas edificações. A parte sobre o Brasil é especialmente boa, embora não constem fotografias de edifícios. **[191]**

Mariano, José (Filho). *Estudos de arte brasileira.* Rio de Janeiro, C. Mendes Jr., 1942. 176 p. 23 il.

Belo volume que torna a publicar muitos artigos jornalísticos do autor que apareceram nos anos de 1940-1941. Alguns são dedicados ao Aleijadinho, outros dizem respeito à arquitetura colonial e às mobílias do século 18. **[192]**

Matos, Aníbal Pinto de. *Arte colonial brasileira.* Belo Horizonte, Apolo, 1936. 310 p. 135 il. N6650.M3

Este é o sugundo volume da História da arte brasileira (item 27), que discute especialmente a arquitetura dos séculos 17 e 18 de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O livro contém um material fotográfico de valor inestimável, mas os dados fornecidos pelo autor são falhos e suas opiniões não são baseadas em pesquisas aprofundadas. **[193]**

Pires, Heliodoro. *A paisagem religiosa do Brasil no século XVIII; 100 anos de história da igreja na vida nacional; tentativa de síntese.* São Paulo, 1937.

Contém um capítulo sobre a arte religiosa colonial do século 18 no Brasil (p. 113-127), que nada aumenta o nosso conhecimento sobre o assunto. **[194]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *Iconografia brasileira (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 19. nº 23, 1856, p. 349-378). F2501.I59

Contém biografias célebres de Valentim de Fonseca e Silva e Francisco Pedro do Amaral. **[195]**

a. Bahia

Bahia (Estado). *Album das curiosidades artísticas da Bahia.* Rio de Janeiro. Fluminense, 1928. 207 p. 118 il. N6657.B3G8

Livro de fotografias artísticas da Bahia compiladas por J. Guerra Duval. Sobretudo rico em mobiliário e artes secundárias, provenientes de coleções particulares. **[196]**

Boccanera, Sílio (Júnior). *Bahia epigráfica e iconográfica; resenha histórica.* Bahia, Renascença, 1928. [488 p. F2651.B15B6

Catálogo de inscrições e retratos de velhos prédios da cidade. **[197]**

Damásio, Antônio Joaquim. *Tombamento dos bens imóveis da Santa Casa de Misericórdia da Bahia em 1862.* Bahia, 1862. **[198]**

Duval, F. Guerra. *Álbum das curiosidades artísticas da Bahia.* Rio de Janeiro, Fluminense, 1928. 218 il. N6657.B3G8

Álbum oficial da arte colonial de Salvador e sua região, atualmente anulado em grande parte pelos itens 279 e 289. Esta coleção contém, porém, fotografias de prédios que já não existem. **[199]**

Esplendor da arte colonial brasileira (Bahia tradicional e moderna, Bahia, nº 1. abr. 1939, p. 46-47, 6 il.)

Descrição do suntuoso convento franciscano na Bahia, começada pelo Vice-Rei Marquês das Minas em 1686 e terminado mais ou menos em 1710. O autor dedica especial atenção aos 37 azulejos alegóricos no claustro, apresentados por D. João V e originários de pinturas do pintor flamengo Octávio van Veen. **[200]**

Leite, Serafim, S. J. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Lisboa & Rio de Janeiro, Portugália, 1938. 4 v. il. F2528.L443

Segundo volume (século XVI) da história definitiva dos jesuítas no Brasil, contendo um capítulo importante dedicado ao seu papel na pintura e arquitetura da Bahia. É mencionado o Irmão Amaro Lopes, adepto da cerâmica, o pintor Padre Manuel Álvares e o Irmão Francisco Dias, arquiteto que trabalhou na grande igreja jesuítica de São Roque em Lisboa. **[201]**

Milton, Aristides. *Efemérides cachoeiranas.* Bahia, 1903. **[202]**

Quirino, Manuel Raimundo. *Os artistas baianos (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 12, 1905, p. 93-115). F2551.I59

Embora sucinta e incompleta, esta ainda é uma fonte incomparável de dados biográficos. **[203]**

Quirino, Manuel Raimundo. *Artistas baianos; indicações biográficas.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909, 192 p. 40 il. DCU-IA

Dados biográficos importantes, embora descuidados, sobre pintores, escultores, entalhadores etc. **[204]**

Sinzig, Pedro. *Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento de São Francisco da Bahia (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 165, pt. 2, 1932, p. 3-334, 230 il.) F2501.I59

Estudo profundo da matriz da ordem franciscana no Brasil, contendo um catálogo de todos os objetos de arte. **[205]**

b. Minas Gerais

Bandeira, Manuel Carneiro de Sousa. *Guia de Ouro Preto.* (Pub. Serv. Patr. Art. Hist. Nac., nº 2, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1938, 162 p. 133 il.) F2651.O9B3

Este belo volume – segunda monografia anual patrocinada pelo SPHAN, é uma história bem construída da ex-capital de Minas Gerais, com todos os seus monumentos cuidadosamente arrolados e classificados. Nada contribui de novo aos problemas de autoria e documentação com que se defronta o observador técnico, mas atrai sobretudo ao leigo. **[206]**

Bandeira, Manuel Carneiro de Sousa. *Ouro Preto, the old Villa Rica (Travel in Brazil*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 4, 1941, p. 1-13, 33 il.) DLC uncat.

Contam-se entre as mais nítidas e dramáticas fotografias da escultura e arquitetura colonial da velha capital de Minas Gerais, que jamais foram publicadas. **[207]**

Delamare, Alcibíades. *Vila-Rica* (Ouro-Preto). São Paulo, Nacional, 1935. 254 p. il. F2651.O9D4

Série de ensaios históricos, muitos dos quais a respeito de igrejas, citando antigas fontes; interessante e informativo. **[208]**

Engrácia, Júlio. *Relação cronológica do santuário e irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo (Rev. Arq. Pub. Mineiro*, Belo Horizonte, v. 8, ns. 1-2, jan.-jun. 1903, p. 17-173). F2581.M66

Descrição extraordinariamente completa da edificação desse grande centro colonial de peregrinação, com documentos inclusive os das famosas estátuas de profetas. Reimpressão, como segunda edição, em São Paulo, 1908. **[209]**

Falcão, Edgard de Cerqueira. *Roteiro de Paulo Afonso.* São Paulo, Martins, 1942. (Brasil pitoresco, tradicional e artístico, nº 1).

Contém fotografias de igrejas e conventos coloniais em Penedo. **[210]**

Franco, Afonso Arinos de Melo. *Roteiro lírico de Ouro Preto.* Rio de Janeiro, Sociedade Filipe d'Oliveira, 1937. 37 p. il. mounted, color. F2651.O9M5

Descrição um tanto poética de uma peregrinação artística e histórica a Ouro Preto, ex-capital de Minas Gerais, com ilustrações de aquarelas pelo autor. **[211]**

Fuss, Peter. *An den quellen Brasilianischer kunst* (Lasso, Buenos Aires, v. 6, nº 3, aug. 1938, p. 133-140, 14 il.) F2801.L36

Impressões de Ouro Preto e Minas, muito inexatas, mas ilustradas com algumas das mais belas fotografias que já se tiraram do Brasil. **[212]**

Latif, Miran M. de Barros. *As Minas Gerais.* Rio de Janeiro, Noite, 1939. [208 p. 8 il. 3 color. F2581.B3

Este livro procura descrever em linguagem simples a cultura colonial de Minas Gerais. Os capítulos sobre "A Igreja", "A Casa", etc. são úteis como sinopses, embora sem profundidade. **[213]**

Lima, Augusto de (Júnior). *A capitania das Minas Gerais: suas origens e formação.* Lisboa, Americana, 1940. 136 p. il. F2581.L5

Dois capítulos sobre A casa, o mobiliário e as alfaias (p. 105-122) e A arte barroca em Minas Gerais (p. 123-136) se ocupam de arte. **[214]**

Mariano, José (Filho). *A propósito da escola de arte de Vila Rica (Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 maio 1941, p. 5) DLC

Ataca a teoria de Augusto de Lima Jr., de que houve uma escola artística em Ouro Preto presidida por J. B. Gomes e combate suas conclusões quanto ao uso de certas pedras na arquitetura e na escultura. **[215]**

Matos, Aníbal Pinto de. *As artes nas egrejas de Minas Gerais.* Belo Horizonte, Apolo, 1936. 91 p. 77 il. (Biblioteca mineira de cultura).

Capítulos de *Arte colonial brasileira* (item 193) e outros materiais condensados de *Monumentos históricos, artísticos e religiosos de Minas Gerais* (item 217). **[216]**

Matos, Aníbal Pinto de. *Monumentos históricos, artísticos e religiosos de Minas Gerais.* Belo Horizonte, Apolo, 1935. 502 p. il. maps. F3581.M36

Grande compêndio de ilustrações e descrições. Muito valiosa é ainda a seção sobre Diamantina (p. 463-492). **[217]**

Monumentos de arte colonial *(Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 38, jun. 1938, p. 6-7, 6 il.) AP66.I6

Belas fotografias tiradas por H.P. Lange de esculturas e pinturas da igreja dos carmelitas de Ouro Preto. **[218]**

Tesouros da arte colonial brasileira (*Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 43. nov. 1938, p. 25, 4 il.) AP66.I6

Boas fotografias do interior de N. Srª do Ó, em Sabará (Minas Gerais). Há uma pintura primitiva de Maria e José. **[219]**

Vasconcelos, Diogo Luís de Almeida Pereira de. *A arte em Ouro Preto* (*Livro comemorativo do bicentenário de Ouro Preto***,** Ouro Preto, 1911).

Embora incompleto, este livro é indispensável para o estudo de arte em Minas Gerais. Segunda edição, publicada em Belo Horizonte, Academia Mineira de Letras, 1934, 101 p. 21 il. **[220]**

Vasconcelos, Salomão de. *Ofícios mecânicos em Vila Rica durante o século XVIII (Rev. Serv. Patr. Hist. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 331-359). F2501.B795

Relações de nomes de artífices, extraídos de volumes do Arquivo de Ouro Preto. De grande valor. **[221]**

c. Norte

Catálogo da Exposição Nassoviana (*An. Bib. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 51, 1938, p. 1-133) Z1675.R58

Valioso para a iconografia da ocupação holandesa do Brasil no século 17. **[222]**

Driesen, Ludwig. *Leben des fuersten Johann Moritz von Nassau-Siegen.* Berlin, 1849. **[223]**

Galland, Georg. *Der grosse Kurfurst und Moritz von Nassau der Brasilianer.* Frankfurt-am-Main, H. Keller, 1893. [236 p.DCU-IA]

Contém uma parte que se ocupa do auxílio que Maurício de Nassau dava aos arquitetos e artistas em Pernambuco. **[224]**

Pio, Fernando. *Considerações em torno da exposição de arte sacra* (Fronteiras**,** Recife, v. 8, nº 9, set. 1939, p. 6-10, 11 il.

Catálogo da exposição de pintura, escultura e arte secundária colonial realizada na igreja de S. Francisco em Recife por ocasião do 3º Congresso Eucarístico Nacional naquela cidade. **[225]**

d. Rio de Janeiro

Almeida, Antônio Figueira de. *História de Niterói.* Niterói, *Diário Oficial*, 1935, 99 p. 14 il. 2 maps. F2651.N5F5

O volume traz reproduções de velhos mapas e vistas da cidade. **[226]**

Barrow, John. *Voyage to Cochinchina in the years 1792 and 1793.* London, T. Cadell & W. Davies 1806]. 447 p. 21 il. color. G463.B27

Há uma excelente descrição do Rio de Janeiro, inclusive referência às pinturas no Passeio Público (3 il.). **[227]**

Costa, Luís Edmundo da. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis (Rev. Inst. hist. geo. bras.*, Rio de Janeiro, v. 109, pt. 1, 1931.544 p. il.) F2501.159

Ensaios sobre costumes coloniais na capital, com uma riqueza de desenhos de arquitetura, mobiliário e costumes e boas fotografias de muitas pinturas coloniais raras. Tradução inglesa, *Rio in the time of the viceroys***,** Rio de Janeiro,

J.R. de Oliveira, 1936, 353 p. il. Reimpressão pela Imp. Nacional em 1932. **[228]**

Costa, Nelson. *História da cidade do Rio de Janeiro.* 2ª. ed.. Rio de Janeiro, Jacinto, 1933. 212 p., 63 il. F2656.C884

Esta obra contém texto e um grande número de fotografias de esculturas e arquiteturas, muitas vistas essencialmente interessantes de prédios e velhas ilustrações da cidade. **[229]**

Röer, Basílio. *O convento do Santo Antônio do Rio de Janeiro.* Petrópolis, Vozes, n. d. 1399 p., 40 il.

Embora de atitude histórica, este livro fornece número considerável de dados para o historiador de arte e úteis ilustrações. **[230]**

Silva, Manuel Francisco Dias da. *Dicionário biográfico de brasileiros célebres.* Rio de Janeiro, E. H. Laemmert. 1871. 192 p. F2505. D54

Contém biografias resumidas de José Leandro, Valentim da Fonseca e Silva e outros artistas coloniais. **[231]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Rio de Janeiro de antanho (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.)* Rio de Janeiro, v. 90, 1921, p.l 393-538). F2501.I59

Descrições da cidade por sete viajantes do século 18, alguns dos quais se ocupam de arte. **[232]**

Os tesouros de arte colonial nas velhas igrejas mineiras (*Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 16, nº ", 9 il.) AP66.16

Belas fotografias da escultura e pinturas da igreja (do século XVIII), de Santa Luzia do Rio das Velhas, em Minas Gerais. **[233]**

e. São Paulo

Taunay, Afonso de Escragnolle. *História seiscentista da villa de São Paulo.* São Paulo, Ideal, 1928-1929. 4v.

Fonte para estudo da história artística, sobretudo arquitetônica, da cidade. **[234]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Mboy, a sua igrejinha e convento. (Ilus. bras.*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 72, mar. 1941, p. 23. 3 il.) AP66.16

Ilustrações de interior e pinturas. Notas resumidas mas abalizadas sobre esta igreja jesuíta do século 17, no Estado de São Paulo. **[235]**

2. Arquitetura

Arquitectural art in Brazil (*Travel in Brazil***,** Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1941, . 4-7, 3 il.) DLC uncat.

Contém uma fotografia notável de uma casa grande colonial com colunas periferais. Infelizmente a casa não é identificada. **[236]**

Bruhn, Ângelo. *Apontamentos de viagens. (Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, 1937, p. 89, il) DPU

Grupo de esboços a lápis de 3 monumentos coloniais: o claustro de S. Francisco, Paraíba: a igreja de N. Sª do Rosário, Ouro Preto: casas na rua Costa Sena, em Ouro Preto. **[237]**

Coréal, François. *Relation des voyages.* Bruxelles, F. Foppeus, 1736. 2 v. il. F2221.C82

Descrições da Bahia, Santos e outras cidades (vol. 1, parte 2). **[238]**

Costa, Lúcio. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,*

Rio de Janeiro. nº 5, 1941, p. 1-100, 48 il.3 F2501.B795

Este estudo básico feito por um ilustre arquiteto, autoridade na arquitetura colonial, é o ensaio mais explícito e completo na história da arte que já se publicou no Brasil, um estudo revelador do papel dos jesuítas como construtores da igreja colonial. O Sr. Costa fez uma análise brilhante dos projetos de igrejas, foi o primeiro a classificar em ordem cronológica as peças esculpidas dos altares e o primeiro a fazer um levantamento da arquitetura jesuítica do Rio Grande do Sul. As fotografias são muito boas. **[239]**

Couto, Rui Ribeiro. *L'art chrétien au Brésil colonial (Renaissance*, Paris, v. 19, nº 10-12, oct-déc. 1936, p. 34-38, 10 il.) N2.R25

Este artigo é uma das poucas discussões gerais sobre a arquitetura colonial brasileira, publicado no estrangeiro, em língua estrangeira, desde os primeiros viajantes do século 19. **[240]**

Fodor, Laszlo. *Our beautiful Americas; Brazil.* Text, Francisco Silva, Jr., New York, Hastings House. 77p. 64 il. F2515.F77

Coleção de fotografias excepcionalmente belas contendo vistas de vários prédios coloniais. **[241]**

Giuria, Juan. *Instituto de arqueologia americana. (Bol. Com. Nac. Mus. Hist.*, Buenos Aires, 1942, p. 121-126, 2 il.) F2801.A72

Interessante esquema de agrupamento para a arquitetura colonial brasileira. **[242]**

Giuria, Juan. *La riqueza arquitectónica de algunas cidades del Brasil (Rev. soc. amigos arqueologia*, Montevideo, v. 8, 1934-1937, p. 5-245, 151 il.) F2701.S63

Contém fotografias e descrições da maior parte das igrejas importantes do Brasil. Algumas boas plantas aproximadas. Figura também como reimpressão (1937). **[243]**

Grant, Andrew. *History of Brazil.* London, Henry Colburn, 1809. 304 p. F2508.G76

Descrições do Rio de Janeiro e de outras cidades. **[244]**

Hadfield, William. *Brazil, the River Plate, and the Falkland Islands.* London, Longman, Brow, Green & Longmans. 1854. 384 p. 44 il. maps. F2513.H12

Descrições de arquitetura colonial em várias cidades brasileiras. Vistas arquitetônicas e costumbristas. **[245]**

Henderson, James. *A history of the Brazil. London*, Longman, Hurts, Rees, Orme, & Brown, 1821. 522 p. 28 il. F2511.H49

Contém várias célebres gravuras arquitetônicas primitivas. **[246]**

Kidder, Daniel Parish. *Sketches of residence and travels in Brazil.* Philadelphia. Sorin & Ball, 1845. 2 v. il. F2513.K47

Há muitas descrições de arquitetura colonial e de pequenos clichês desses edifícios. Tradução portuguesa. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*, S. Paulo, Martins, 1940-1943, 2 v. il. **[247]**

Koster, Henry. *Travels in Brazil.* London, Longman. Hurst, Rees, Orme, & Brown, 1816. 501 p. il. some color, maps. F2511.K85

Contém algumas descrições detalhadas de edifícios coloniais, bons mapas de cidades e vistas conhecidas de ruas, engenhos de açúcar, etc. **[248]**

Leitão, C. de Melo. *O Brasil visto pelos ingleses.* São Paulo, Edit. Nacional, 1937. 271 p. (Brasiliana, v. 82) F2659.B7M5

Compêndio de descrições do século 19, várias das quais se ocupam de arquitetura colonial. **[249]**

Leite, Serafim, J.J. *Novas cartas jesuíticas; de Nóbrega a Vieira.* São Paulo, Ed. Nacional, 1940. 344 p. F2528.L447

Algumas ligeiras referências aos primeiros edifícios jesuíticos no Brasil. **[250]**

Luccock, John. *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818.* London, S. Leigh, 1820. 639 p. 3 maps. F2511.L93

Importantes descrições de edifícios coloniais no litoral e em Minas Gerais. Há um belo mapa da cidade de Rio de Janeiro em 1820. Tradução portuguesa. *Notas sobre o Rio de Janeiro e as partes meridionais do Brasil*, São Paulo, Matins, 1942, 345 p. il. **[251]**

Mariano, José (Filho). *Algumas informações sobre a arquiteura pré-jesuítica brasileira (Rev. Bras.*, Rio de Jaeiro, ser. 3, v. 3, nº 19, jan. 1940, p. 32-38, il.) AP66.R55

Discute as primeiras edificações brasileiras; o autor acusa Gilberto Freire de atribuir a todo o país os métodos pernambucanos de construção. **[252]**

Mariano, José (Filho). *Expressões regionaes da arquiteura tradicional brasileira (Jorn. Com.*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1939). DLC

Artigo profundamente significativo. O autor estuda especialmente a influência do clima sobre a arquitetura colonial do Brasil. **[253]**

Mariano, José (Filho). *Os fundamentos espirituais da arquitetura brasileira (Rev. Arq. mun.*, São Paulo, v. 59, jul. 1939, p. 79-82). F2651.S2R4

O autor discute sobre a maior simplicidade da arquitetura colonial brasileira, em relação ao estilo contemporâneo em Portugal. **[254]**

Mariano, José (Filho). *Influência jesuítica na arte brasileira (Estudos brasileiros*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 13-14, set-out. 1940, p. 105-111, il.)

Discussão geral do papel da ordem jesuíta na arquitetura civil, bem como religiosa, do Brasil. **[255]**

Mariano, José (Filho). *O pseudo-estilo barroco-jesuítico e suas relações com arquitetura tradicional brasileira (Estudos brasileiros*, Rio de Janeiro, ano 2, v. 3, nº 9, nov.-dez. 1939, p. 259-291) F2501.E78

Conferência memorável em que é defendido o ponto de vista de que os jesuítas não criaram nenhum novo estilo no Brasil, mas antes utilizaram a arquitetura portuguesa da época. O artigo vem acompanhado de notas relativas a uma longa discussão havida depois da conferência. **[256]**

Nóbrega, Manuel da, S.J. *Cartas do Brasil (1549-1560).* Rio de Janeiro, Industrial Gráfica, 1931. 258 p. F2528.N753

Constitui em parte material-fonte sobre os arquitetos e edifícios coloniais. **[257]**

Pontes, R. de Sida Silva. *Jesuits (Rev. Inst. hist. geo. bras.*, Rio de Janeiro, v. 4, 1842, p. 65-87). F2501.I59

Crítica dos primeiros trabalhos escritos sobre as missões jesuíticas, com especial referência à arte. **[258]**

Prat, André. *Notas históricas sobre as missões carmelitanas no extremo Norte do Brasil, séculos XVII e XVIII.* Recife, 1941. 328 p. 30 il. BX3214.BSP7

De interesse pelas suas informações sobre a arquitetura da missão colonial da Ordem. **[259]**

Ranzini, F. *Estilo colonial brasileiro; composições arquitetônicas de motivos originais.* 1927. c. 100 il. **[260]**

Ribeiro, Couto

vide

Couto, Rui Ribeiro

Saia, Luís. *O alpendre nas capelas brasileiras* (*Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 235-249, 17 il.) F2501.B795

Brilhante discussão sobre as origens, usos e tipos de alpendres e latadas na arquitetura residencial e eclesiástica do Brasil colonial. O autor procura classificar os vários tipos de alpendre por ele observados. **[261]**

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Voyages dans l'intérieur du Brésil.* Paris, Grimbert et Dorez, 1830-1851, 4 v. 1 il. F2511.S15

Fonte primordial de informações sobre os prédios coloniais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina e Goiás. O autor foi adido do embaixador francês, Duque de Luxemburgo, de 1816 a 1822. Os vários volumes foram publicados separadamente, são muitas vezes assim mencionados e foram assim traduzidos para o português. Traduções portuguesas de parte da obra, *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, São Paulo, Ed. Nacional, 1938. 2 v. 21 il.; *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1882.* São Paulo, Ed. Nacional, 1932, ilustrada com uma encantadora série de paisagens a óleo da autoria de Hércules Florêncio; *Viagem à província de S. Paulo* e *Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, São Paulo, Martins, 1940. **[262]**

Santa Maria, Agostinho de. *Santuário Mariano***.** Lisboa. A Pedroso Galram. 1722, v. 9 e 10. DCU-IA

Descrições de igrejas com imagens da Virgem Santíssima. Os volumes 9 e 10 são dedicados às imagens existentes no Brasil, sendo o primeiro relativo ao arcebispado da Bahia e aos bispados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Pará, enquanto que o último trata dos bispados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. **[263]**

Smith, Robert C. *Alguns desenhos de arquitetura existentes no arquivo histórico colonial português.* (*Rev. Serv. Patr. His. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 209-249, 14 il.) F2501.B795

Alguns desenhos e gravuras da arquitetura colonial do século 18 em Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás. Em alguns casos são forneci-

das fotografias do aspecto atual dessa arquitetura. **[264]**

Smith, Robert C. *O caráter da arquitetura colonial do Nordeste (Estudos Brasileiros***,** Rio de Janeiro, ano 2, v. 4, nº 10, jan.-fev. 1940, p. 419-430, 10 il.)

Estudo do desenvolvimento da arquitetura colonial do Norte do Brasil, que o autor considera estreitamente ligada à de Portugal.

[265]

Smith, Robert C. *The colonial churches of Brazil* (Bull. Pan Amer. Union, Washington, v. 72, nº 1, jan. 1938, p. 1-8, 9 il.) F1403-B955

Levantamento dos característicos predominantes, regionais e estilísticos da arquitetura eclesiástica brasileira nos tempos coloniais. **[266]**

Vallentin, Wilhelm. *In Brasilien.* Berlin, H. Paetel, 1909. 263 p. 49 il. F2515.V17

Muitas descrições resumidas da arquitetura colonial. **[267]**

Vasconcelos, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil.* Lisboa, H. Valente de Oliveira, 1663. 528 p. 1 il. F2528. V37Of.

Útil para estabelecer datas de fundação de igrejas e colégios.

[268]

Viterbo, Francisco Marques de Sousa. *Dicionário histórico e documental dos arquitetos, engenheiros e construtores portugueses.* Lisboa, Nacional, 1899. 3 v. TA83.S7

Contém as biografias de vários engenheiros militares que trabalharam no Brasil no período colonial.

[269]

Ziegler, C. A. *Colonial architecture of Brazil* (Bull. Pan Amer. Union, v. 65, nº 5, may 1931. p. 499-504, 5 il.) F1403.B955

É dispensada especial atenção à bela casa neocolonial e à coleção de antiguidades de José Mariano, no Monjope, Rio de Janeiro. **[270]**

a. Bahia

Álbum da cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia; Centenário do 2 de julho de 1823. Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1923. il.

Algumas fotografias de velhos prédios. **[271]**

Almeida, Rômulo Barreto de. *A capela de S. José do Jenipapo (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 225-228, 2 il.) F2501.B795

A importância dessa capelinha do sertão baiano, erigida por Gaspar Fernandes da França em 1704, reside em seu pórtico de rara alvenaria, legada da arquitetura portuguesa, que, segundo as pinturas de Frans Post, constituía o característico das igrejas campestres do Norte do Brasil durante o século 17. **[272]**

Amaral, Brás Hermenegildo do. *A antiga capela dos jesuítas da Bahia (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 9, 1902, p. 47.) F2551.I59 **[273]**

Amaral, Brás Hermenegildo do, e **Góis,** Inocêncio. *Exploração do subterrâneo do seminário da Bahia (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 5, 1898, p. 25-39). F2551.I59

Descrição da construção do subsolo. **[274]**

Amaral, José Álvares do. *Resumo cronológico e noticioso da província da Bahia, desde o seu descobrimento em 1500 (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 28, 1921-1922, p. 71-562. F2551-I59

Uma grande obra sobre acontecimentos históricos secundários, em

ordem cronológica, contendo algumas referências a igrejas. **[275]**

O antigo palácio do governo da Bahia (*Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 6, 1899, p. 537-584) F2551.I59

Descrição da estrutura do século 17, atualmente extinta, com notas sobre seu aspecto em 1859. **[276]**

Barros, J. Teixeira. *Extintas capelas da cidade do Salvador (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 56, 1930. p. 333-352). F2551-I59

Relação valiosa de edificações extintas. **[277]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *O forte de S. Filipe* (Ilus. Bras, v. 17. nº 52, ago. 1939, p. 13-15, 5 il.) AP66.I6

Descrição do forte de Monte Serrate no porto da Bahia, uma das mais conservadas construções portuguesas do século 17. Não documentado. **[278]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *História da Bahia: resumo didático.* 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1927. 204 p. 218 il. F2551.C26

Contém texto e grande número de fotografias de edifícios coloniais da região, muitos dos quais foram destruídos. **[279]**

Calmon, Pedro

vide

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de

Campos, João da Silva. *Fortificações da Bahia (Publ. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, nº 7, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1940, 292 p. 11 il.)

Excelente monografia sobre as fortificações coloniais de Salvador e de sua região, cuidadosamente documentada com fotografias e bibliografia. **[280]**

Campos, João da Silva. *Os misteriosos subterrâneos da Bahia.* Bahia, 1938. 122 p. F2551-S5

Relatórios sobre os subterrâneos de vários edifícios coloniais. Trata de muitas lendas. **[281]**

Campos, João da Silva. *Tempo antigo; crônicas d'antanho, marcos do passado, histórias do Recôncavo.* Bahia, Museu do Estado da Bahia, 1942. 192 p. il.

Material suplementar para estudo da arquitetura colonial da região. **[282]**

Campos, Suetônio Cesário Oliveira. *Capela da Misericórdia (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 17, 1910, p. 79-82). F2551-I59

Contém certo material-fonte citado sobre o edifício da capela original do século 16. **[283]**

Cardim, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil.* Rio de Janeiro, J. Leite, 1925. 434 p. F2511.C26

Manuscrito jesuítico do século XVI, publicado pela Academia Brasileira, descrevendo os primeiros edifícios da Companhia de Jesus na Bahia e em outros lugares do Brasil. Reimpresso (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Sér. 5. Brasiliana, v. 168. São Paulo, Ed. Nacional, 1939). **[284]**

O castelo da torre (*Bahia tradicional e moderna***,** Bahia, nº 1, abr. 1939, p. 28-29, 5 il.)

Descrição das ruínas do castelo de Garcia d'Ávila em Tatuapará no Estado de Bahia, cuja reconstrução está sendo estudada. **[285]**

O convento do Carmo, relíquia de Cachoeira (*Rev. Semana*, Rio de Ja-

neiro, v. 62, nº 5, 1 fev. 1941, p. 28-29, 4 il.) DLC uncat

Boas fotografias do claustro desse edifício do século XVIII, no Estado da Bahia. **[286]**

A igreja da Sé; em torno da sua demolição (*Rev. Inst. Geo. Hist***.** Bahia, nº 51, 1925, p. 8-91). F2551-I59

Apelo para conservação da velha catedral. **[287]**

Falcão, Edgard de Cerqueira. *Fortes coloniais da cidade do Salvador.* São Paulo, 1942. 100 p. 24 il. map.

Mais importante pelas ilustrações do que pelo texto. **[288]**

Falcão, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Bahia.* São Paulo, Romiti e Lanzara, 1940. 511 p. 508 il. N6650.C4

Volume de valor inestimável pelas excelentes fotografias de todas as fases de arte colonial na Bahia. Introdução por Rubens do Amaral em português, espanhol, francês, italiano e inglês. **[289]**

As fortalezas da Bahia (*Rev. Inst. Geo. Hist*.**,** Bahia, v. 3, 1897, p. 51-63). F2551-I59

Descrição concisa dos fortes coloniais; sucinta, mas de especial valor pela sua data. **[290]**

Frézier, Amadée François. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux côtes du Chili, du Pérou et du Brésil, fait pendat les année 1712, 1713 e 1714.* Amsterdam, P. Humbert, 1717. 2 v. 38 il. F2221.F86

À página 535 há uma famosa descrição da igreja jesuítica de Salvador. **[291]**

Godofredo Filho. *Os holandeses e a cultura artística da Bahia* (*Rev. Inst. Geo. Hist*., Bahia, nº 66. 1940, p. 159-174). F2551.I59

Relato geral do pouco que se conhece sobre a arquitetura, pintura e escultura da Bahia nos séculos 16 e 17. Conferência em 1938. **[292]**

Godofredo Filho. *Seminário de Belém da Cachoeira. (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac*., Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 101-111, 5 il.) F2501.B795

O autor estuda aqui um importante monumento jesuítico em ruínas no Recôncavo na Bahia. Construído provavelmente em fins do século 17, ele continua a severa tradição do estilo da Contra-Reforma; o portal único é significativo nessa região onde em regra existem 3 ou 4. O artigo conclui com uma série de notas relativas à arquitetura jusuística e a essa edificação. **[293]**

Godofredo Filho. *A torre e o castelo de Garcia d'Avila (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac*., Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 251-282, 6 il.) R2501.B795

Compilação – relato sobre a família de Garcia d'Ávila e de seu castelo ao norte de Salvador (Bahia), o único castelo feudal no Brasil, cuja maior parte data de 1624. As fotografias, que são excelentes, mostram a estreita relação que existe entre esse monumento arruinado e a arquitetura militar da Bahia de Todos os Santos. **[294]**

Guerreiro, Bartolomeu. *Jornada dos vassalos da coroa de Portugal para se recuperar a cidade do Salvador.* Lisboa. M. Pinheiro, 1625. 74 p. il. F2532.G93 Of.

Contém gravuras da cidade de Salvador. **[295]**

Guido, Ángel. *Bahia; el tropicalismo en la arquitectura americana del siglo XVIII*

(Prensa, Buenos Aires, 11 jun. 1933, sec. 2, 1 p., 4 il.) DLC

Uma das primeiras descrições em espanhol do estilo barroco da velha capital brasileira. **[296]**

Igrejas tradicionais do Brasil *(Ilus. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 39, out. 1937, p. 12. 3 il.) AP66.I6

Contém uma bela e rara fotografia da fachada da velha catedral da Bahia, agora destruída. **[297]**

Jaguaripe. *Bahia tradicional e moderna* (Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 40, 2 il.)

Jaguaripe, na Bahia de Todos os Santos, onde os jesuítas erigiram nos séculos 17 e 18 uma importante igreja, é ilustrada aqui e aparece como uma das cidades mais pitorescas do Brasil. **[298]**

Labarbinais, Le Gentil de. *Nouveau voyage autour du monde.* Paris, Briasson, 1728. 3 v. il. G460.L12 1728

Descreve as igrejas da Bahia. **[299]**

Maragogipe *(Bahia tradicional e moderna).* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 58, 2 il.

Nota sobre outra pequena cidade pitoresca, Recôncavo, na Bahia, fundada em 1725. Contém ilustrações do pequeno edifício da prefeitura e da igreja paroquial. **[300]**

Marques, Francisco Xavier Ferreira. *O forte de São Pedro (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 4, 1897, p. 39-45). F2551.I59

Artigo literário que trata deste monumento colonial como devendo tomar o lugar de edifícios com maior glória arquitetônica que eles não possuem. **[301]**

Müller, Cristiano. *A catedral-basílica (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 48, 1923, p. 507-513). F2551.I59

Coloca o edifício existindo no fim do século 17. **[302]**

Muritiba *(Bahia tradicional e moderna).* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 58, 1 il.)

Fotografia de uma torre da igreja paroquial, uma das mais interessantes do Recôncavo, por causa de seus ornatos fora do comum. **[303]**

Nazaré *(Bahia tradicional e moderna).* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 38, 4 il.)

Uma pequena descrição de Recôncavo, na Bahia, uma das cidades coloniais mais conservadas e que já possuía uma paróquia em 1630. **[304]**

Nigra, D. Clemente Maria da Silva. *O mosteiro de S. Bento da Bahia (Bahia tradicional e moderna).* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 49-52).

O erudito beneditino descreve aqui a história do mosteiro de sua ordem, na Bahia, mosteiro esse que é o mais velho do Brasil, tendo sido fundado em 1581. **[305]**

Oliveira Campos
vide
Campos, Suetônio Cesário de Oliveira

Pontual, Maria de Lourdes. *A sacristia da catedral da Bahia (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 197-206, 4 il.) F2501.B795

A autora diz que a atual sacristia foi a estrutura principal da segunda igreja jesuíta no local, construída em 1566. Há uma bela coleção de descrições de viajantes e algumas fotografias excepcionalmente boas. **[306]**

Rubim, Resende. *"Casa da Torre" -- centro de expansão civilizadora (Rev. Semana,*

Rio de Janeiro, v. 62, nº 6, 8 fev. 1941, p. 2-3, p il.) DLC uncat.

Boa exposição e fotografias interessantes, uma delas mostrando a capela octogonal. **[307]**

Santo Amaro *(Bahia tradicional e moderna).* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 57, 3 il.)

Este artigo contém ilustrações de valor inestimável da imponente igreja paroquial e da sólida Santa Casa de Misericórdia, construção do século XIX em estilo colonial. Infelizmente, as duas fotografias foram tiradas durante a permanência na cidade de um circo ambulante, cuja aparelhagem obstrui a vista. **[308]**

Santos, Manuel Mesquista dos. *A sé primacial do Brasil.* Bahia, Gráfica da Bahia, 1933. 79 p.

Crítica histórica e descrição da igreja, suscitada pela sua demolição. Embora suscinta, vale por um catálogo. **[309]**

Sousa, Gabriel Soares. *Tratado descritivo do Brasil em 1587 (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 14, 1851, p. 1-365, 367-415). F2501.I59

Primeira versão impressa de uma célebre descrição da Bahia do século XVI, com referência à sua arquitetura. **[310]**

Sousa, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587.* Ed. Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro, Laemmert, 1851. 120 p. F2511.S67

Foi publicada edição recente, na coleção Brasiliana, v. 117, S. Paulo, Ed. Nacional, 1938. **[311]**

Sousa, Francisco Bernardino de. *O recolhimento de S. Raimundo na Bahia (Rev. Inst. Geo. Hist.,* Bahia, nº 49, 1924, p. 451-462). F2551.I59

Fatos históricos. **[312]**

Sousa, A. Loureiro. *Algumas igrejas da cidade do Salvador (Rev. Arq. Mun.,* São Paulo, ano 6, v. 71, out. 1940, p. 147-150, 5 il.) F2651.S2R4

Notas resumidas das igrejas mais conhecidas, ilustradas por belas fotografias. O autor não divulga nada de novo. **[313]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Na Bahia colonial (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 90, 1921, p. 237-382). F2501.I59

Descrições feitas por viajantes, algumas das quais fazem alusões à arquitetura. **[314]**

Torres, João Nepomuceno. *Notícia histórica sobre o colégio dos órfãos de S. Joaquim no primeiro centenário de sua fundação (Rev. Hist. Geo. Hist.,* Bahia, v. 6, 1899, p. 327-343). F2551.I59

Embora não sejam indicados nomes de arquitetos, há uma descrição resumida do edifício. **[315]**

Vianosa, Vicente, & Ferreira, José Carlos. *Memória sobre o Estado da Bahia.* Bahia. 1893. **[316]**

Vilhena, Luís dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em 20 cartas, que da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos escreve um a outro amigo em Lisboa.* Bahia, 1921. 2 v. il. color. map. F2651.M15V7

Publicação de um manuscrito de 1802 descrevendo importantes edifícios e fortificações coloniais. São de especial valor os diagramas desses fortes e os velhos desenhos de Salvador, da catedral, etc. **[317]**

Wetherell, James. *Brazil; stray notes from Bahia.* Liverpool, Webb & Hunt, 1860. 153 p. F2551.W53

Descrições de algumas igrejas da Bahia. **[318]**

b. Espírito Santo

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Segunda viagem ao interior do Brasil.* Espírito Santo. São Paulo, Ed. Nacional, 1936. 245 p. 1 il. (Brasiliana, v. 71-72). F2561.S35

Tradução portuguesa de parte do item 22. **[319]**

c. Goiás

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goiás;* trans. Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo, Ed. Nacional, 1937. 2 v. (Brasiliana, v. 68 e 78). F2629.S147

Tradução portuguesa de parte do item 262. **[320]**

d. Maranhão

Smith, Robert C. *São Luís do Maranhão (Pan Amer. Traveler).* St. Charles, La., v. 1, nº 1, sept. 1938, p. 1-4, 4 il.) DLC uncat.

Chama atenção para a arquitetura colonial pitoresca dessa cidade. **[321]**

e. Mato Grosso

Ferraz, Antônio Leôncio Pereira. *Memória sobre as fortificações de Mato Grosso (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras*., Rio de Janeiro, v. 102. t. 1, 1928, p. 505-566, 15 il.) F2501.I59

Valioso estudo dos fortes coloniais desta região, baseado em material-fonte. São incluídos os planos dos fortes. **[322]**

Ferraz, Antônio Leôncio Pereira. *Real forte do Princípe da Beira (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 141-147, 3 il.)

Apelo para a rápida restauração do grande forte construído em 1777 para defender o rio Guaporé em Mato Grosso, com um diagrama da primitiva disposição das edificações dentro do forte. **[323]**

f. Minas Gerais

Áureo trono episcopal (*Rev. Arq. Púb. Mineiro,* Belo Horizonte, v. 6, nº 2, abr.-jun. 1901, p. 380-491). F2581.M66

Nova publicação de um panfleto do século 18 descrevendo algumas igrejas coloniais em Mariana. **[324]**

Burmeister, Hermann. *Reise nach Brasilien, durch die provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais.* Berlin, g. Reimer, 1853. 2 v. including atlas, 9 il. F2513.B96 atlas wanting Department of Agriculture

Contém um bom relato da arquitetura colonial em Minas Gerais e algumas litografias interessantes de edifícios em Ouro Preto e Mariana, os quais já foram radicalmente alterados. **[325]**

Burton, Richard F. *Explorations of the highlands of the Brazil with a full account of the gold and diamond mines.* London, Tinsley, 1869. 2 v. F2513.G97

Fonte principal para informações sobre a arquitetura colonial em Minas Gerais. **[326]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *Espírito da sociedade colonial.* São Paulo,

Ed. Nacional, 1935. 347 p. 8 il. (Brasiliana, v. 40) F2524.C23

Uma síntese do material já publicado sobre arquitetura colonial, especialmente de Minas Gerais. Reproduz uma célebre série de quadros de monumentos coloniais por A. Norfini, atualmente no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. **[327]**

Calmon, Pedro

vide

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de

Capri, Roberto. *Minas Gerais e seus municípios.* São Paulo, Weiss, 1916.

[328]

Cartas chilenas, treze. Rio de Janeiro, 1863.
MH

O poema descreve em tom satírico a edificação da penitenciária de Ouro Preto pelo Gov. Luís da Cunha Meneses de 1780 a 1790.

[329]

Carvalho, Teófilo Feu de. *Pontes e chafarizes de Vila Rica de Ouro Preto.* Belo Horizonte, Históricas, 1936. 159 p. 28 il.

Memorável publicação em que o decano dos arquivistas arqueológicos brasileiros discute sobre 6 pontes e 13 chafarizes da cidade de Ouro Preto no século 18 com relação a documentos do Arquivo Público Mineiro em Belo Horizonte. **[330]**

Carvalho, Teófilo Feu de. *Reminiscências de Vila Rica -- casa das audiências, câmara e cadeia (Rev. Arq. Púb. Mineiro,* Belo Horizonte, v. 19, 1921, p. 269-344) F2581.M66

Rica documentação da complicada história desses edifícios coloniais em Ouro Preto. **[331]**

Carvalho, Teófilo Feu de. *Reminiscências de Vila Rica; pontes célebres (Rev. Arq. Púb. Mineiro,* Belo Horizonte, v. 19, 1921, p.151-162, 3 il.) F3423.T89

Publica documentos relativos às pontes coloniais de Ouro Preto, os quais revelam datas, nomes de arquitetos e os preços pagos pelos seus serviços. **[332]**

Carvalho, Teófilo Feu de. *Reminiscências de Vila Rica; Real casa da misericórdia* (*Rev. Arq. Púb. Mineiro,* Belo Horizonte, v. 20, 1924, p. 341-352). F2581.M66

História documentada de um importante edifício colonial de Ouro Preto. **[333]**

Corte longitudinal da porta principal da matriz de Ouro Perto *(Arquitetura e Urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1937, p. 40-41, 3 il.) DPU

Três belos desenhos arquitetônicos, com descrições sucintas da porta principal da igreja de N. S. do Pilar em Ouro Preto (Minas Gerais) no século 18. **[334]**

Costa, Cláudio Manuel da. *Vila Rica.* Ouro Preto, 1897. 125 p. PQ9696.C6V5

No II Canto, linhas 41-73, há uma esmerada descrição, feita por este poeta mineiro do século 18, da Casa das Audiências, Câmara e Cadeia de Vila Rica (a atual penitenciária de Ouro Preto). **[335]**

Documentos históricos. *II: Construcção do palácio do governo em Ouro Preto (Rev. Arq. Púb. Mineiro,* Belo Horizonte, v. 6, nº 2, abr.-jun. 1901, p. 569-591). F2581.M66

Informações detalhadas de documentos coloniais. **[336]**

Eschwege, Wilhelm Ludwig von. *Journal von Brasilien.* Weimar, Landes-industries-comtoirs, 1818. 2 v. 17 il. F2511.E74

Contém uma sucinta descrição da igreja em Congonhas e faz outras referências à arquitetura colonial. **[337]**

Gardner, George. *Travels in the interior of Brazil, principally thorough the northern provinces and the gold and diamond districts, during the years 1836-1841.* London, Reeve, bros. 1846. 562 p. F2513.G22 1846

Especialmente bom com relação à arquitetura colonial de Minas Gerais. **[338]**

A igreja grande de Sabará *(Ilus. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 16, nº 36, abr. 1938, p. 32-33, 5 il.) AP66.I6

Excelentes fotografias. **[339]**

Leão, Joaquim de Sousa. *Ouro Preto Brazil (Bull. Amer. Union,* Washington, v. 72, nº 11, nov. 1938, p. 623-31, 8 il.) F1403.B955

Uma apreciação lindamente escrita sobre as glórias arquitetônicas da ex-capital de Minas Gerais, acompanhada por esplêndidas fotografias. **[340]**

Leite, Aureliano. *São Francisco de Ouro Fino nas Minas Gerais.* 2 ed. São Paulo, Rev. Tribunais, 1940. 140 p. 4 il 1 map. F2651.O85L4 1941

Informações sobre edificação da igreja colonial. Com uma velha aquarela "primitiva" da cidade, mostrando a igreja de São Francisco entre as ilustrações. **[341]**

Lima, Augusto de (Júnior). *Evolução do barroco no Brasil (Estudos brasileiros*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 6, maio-jun., 1939, p. 72-100, 40 il.) F2501.E78

Conferência realizada no Instituto de Estudos Brasileiros, em que o autor desenvolve seus tópicos favoritos – a influência árabe no Brasil, a origem do estilo barroco em Portugal e Espanha e a existência de uma escola de Ouro Preto em Minas Gerais. **[342]**

Lopes, Francisco Antônio. *História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1942. 199 p. 71 il.

[343]

Macedo, Epaminondas de. *A capela de N. S. de Sant'Ana. (Rev. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1 F2501.B795

A capela é descrita como sendo uma reconstrução (de meados do século XVIII), de um edifício anterior, sendo a torre central do sino um provável acréscimo do século 19. **[344]**

Machado, Brito. *Ouro Preto; crônicas,* Ouro Preto, Mineira, 1933. 226 p. F2651.O9B7

Informações tradicionais e um tanto rápidas sobre as edificações eclesiásticas. **[345]**

Mariano, José (Filho). *Considerações acerca do templo de Nossa Senhora do Rosário e S. Francisco de Assis de Ouro Preto (Estudos brasileiros,* Rio de Janeiro, v. 4, nº 10, jan.-fev. 1940. p. 384-401, il.)

Conferência realizada em dezembro de 1939 no Instituto de Estudos Brasileiros; discute (sem qualquer prova) sobre o desenho de S. Francisco feito por Antônio Francisco

Lisboa e sobre a influência borromi-nesca em Ouro Preto. **[346]**

Martins, Judite. *Subsídios para a biografia de Manuel Francisco Lisboa (Rev. Patr. Hist. Art. Nac*., Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 121/153, 6. il.) F2501.B795

Estudo muito importante da vida e da obra do pai do Aleijadinho. Infelizmente a autora se limita a uma simples relação das obras do arquiteto; não procura descrevê-la nem discuti-la. **[347]**

Mawe, John. *Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold an diamond discricts of the country*. London, Logman, Hurst, Rees, Orme & Brown, 1812. 366 p. 5 il. l map. F2511.M459

Valioso relato da arquitetura colonial de Minas Gerais. **[348]**

Passos, Zoroastro Viana. *Em torno da história do Sabará;* a Ordem 3ª do Carmo e sua igreja; obras do Aleijadinho no templo. (*Pub. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, nº 5, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1940, 167 p. 33 il. 1 color.) NA5357.S3V5

Estudo dos assentamentos da igreja dos carmelitas em Sabará de 1761-1848, revelando fatos importantes sobre o arquiteto Tiago Moreira, o pintor Joaquim Gonçalves Rocha e os escultores, o Aleijadinho e Francisco Vieira Servas. Boas ilustrações, inclusive reproduções de documentos. Introdução por Rodrigo Melo Franco de Andrade. Importante trabalho acadêmico. **[349]**

Planta da Igreja do Carmo de Ouro Preto. *(Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac*.**,** Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 117, 1 il.) F2501.B795

Publicação de um documento de 9 de agosto de 1766, em que o arquiteto Manuel Francisco Lisboa empreendeu a construção de uma nova igreja para os irmãos da Ordem Terceira de N. S. do Carmo na cidade de Vila Rica de Ouro Preto, Minas Gerais. **[350]**

Pohl, Johann Emanuel. *Reise im innern von Brasilien.* Wien, A. Strauss, 1832. lv. and atlas pf 9 plates. F2511.P74

Especialmente célebre pela linda gravura que contém representando um panorama do Rio de Janeiro e uma vista de Ouro Preto. O texto contém descrições da arquitetura colonial e do século XIX. **[351]**

Reis, José de Sousa. *O adro do santuário de Congonhas (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 207-226, 8 il.) F2501.B795

Relato bem escrito do célebre adro e escada de Congonhas do Campo, que contém as doze imagens de profetas feitas por Antônio Francisco Lisboa. O autor faz um levantamento da documentação conhecida, uma descrição do monumento com duas plantas bem desenhadas e uma lista das inscrições nas bases das imagens. **[352]**

Rocha, Severiano de Campos. *Memórias do Colégio e Orfanato de N. Senhora das Dores e do Hospital de N. S. da Saúde da Diamantina.* Belo Horizonte, Estado de Minas, 1919. 65 p.

História, com algumas referências ao edifício. **[353]**

Santana, Francisco. *As pontes do estado de Minas Gerais.* Rio de Janeiro, 1929.

Algumas das pontes descritas são coloniais. **[354]**

Santos, Joaquim Felício dos. *Memórias do distrito diamantino da comarca do Serro Frio.* Rio de Janeiro, 1869.

Importante pelos dados históricos da região; algumas referências a edifícios coloniais. **[355]**

Santos, Lúcio José dos. *As cidades & vilas mineiras do século XVIII (O Cruzeiro,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 95, 30 ago. 1930, p. 31-35, 16 il.) AP66.C8

Algumas fotografias interessantes das cidades menos conhecidas de Minas Gerais – cenas de rua, pontes e panoramas. **[356]**

Smith, Robert C. *The colonial architecture of Minas Gerais in Brazil* (*Art. bulletin,* Chicago, v. 21, 1939, p. 110-159, 45 il.) N11.C4

Ensaio que procura estabelecer todo o desenvolvimento da arquitetura colonial no Estado de Minas Gerais. Em parte este artigo é uma ampliação do estudo anterior sobre arquitetura religiosa de Minas Gerais (item 358), para incluir edifícios públicos, residências e chafarizes. Em vários casos a documentação primitiva foi substituída, entretanto, por outras mais recentes. **[357]**

Smith, Robert C. *Minas Gerais no desenvolvimento da arquitetura religiosa colonial (Bol. Centro Es. Hist*.**,** Rio de Janeiro, v. 2, 1937, p. 3-19, nº il.)

Este artigo discute três fases do desenvolvimento arquitetônico na escola do século 18 em Minas Gerais. Procura-se analisar os característicos regionais, as fachadas, as torres redondas, as torres de sino isoladas e as torres de sino centrais da região de Ouro Preto-Mariana-Sabará. **[358]**

Trindade, Raimundo Otávio da. *Arquidiocese de Mariana; subsidios para a sua história.* São Paulo, Liceu Coração de Jesus, 1928-1929. 3 v. il. BX1467.M3T7

Valioso material documentário na história de muitos edifícios coloniais de Mariana. Bibliografia. **[359]**

Vasconcelos, Diogo Luís de Almeida Pereira de. *História antiga das Minas Gerais.* Belo Horizonte, 1904. 419 F2581.V37

Valioso por registrar as datas da construção de igrejas desde o período das descobertas até 1720. **[360]**

Vasconcelos, Diogo Luís de Almeida Pereira de *História do bispado de Mariana.* Belo Horizonte, Apolo, 1935. 142 p. 38 il. F2581.V38

Versando sobre as igrejas coloniais de Minas Gerais, este livro é escrito com cuidado sob o ponto de vista histórico, mas desconhecendo o estilo arquitetônico. Especialmente interessante são os desenhos que ilustram o texto. **[361]**

Vasconcelos, Diogo Luís de Almeida Pereira de. *História média de Minas Gerais.* Belo Horizonte, Oficial de Minas, 1918. 324 p. F2581.V373

Valioso por registrar datas de igrejas desde cerca de 1720 até 1785. **[362]**

Vasconcelos, Salomão de. *Mariana e seus templos.* Ouro Preto, Queirós Breyner, 1938. 116 p. 51 il. BX4622.M3V3

Valioso texto referindo-se abalisadamente a documentos e à tradição, com uma descrição bem profunda das igrejas. **[363]**

Vasconcelos, Salomão de. *Os primeiros aforamentos e os primeiros ranchos de Ouro Preto (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,*

Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 241-257, nº il.) F2501.B795

Nomes de 146 proprietários de casas e de terrenos em Ouro Preto em 1712, 85 em 1719, 9 em 1720 e 21 em 1721, tirados de documentos do Arquivo Público Mineiro de Belo Horizonte. **[364]**

Vasconcelos, Salomão de. *O "ser ou não ser" do Aleijadinho no campo da arquitetura (Cor. Manhã*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1941, 1 il.)

Atacando José Mariano (Filho), o autor defende o Padre Manuel de Jesus-Maria por dar o título de arquiteto a Antônio Francisco Lisboa. Esta é uma das enfadonhas e aparentemente fúteis controvérsias literárias em torno da figura quase lendária do Aleijadinho. **[365]**

Vasconcelos, Salomão de. *Um velho solar de Mariana (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* v. 3, nº 1, 1939, p. 227-234, 4 il). F2501. B795

Um ilustre estudioso de Mariana escreve sobre a casa de campo de seus antepassados no subúrbio de Vamos-Vamos. **[366]**

Velha fonte mineira *(Ilus. bras.,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 29, set. 1937, p. 28-29, 2 il) AP66.I6

Duas esplêndidas fotografias da fonte de 1740 em Tiradentes (Minas Gerais). **[367]**

g. Pará

Barata, Manuel de Melo Cardoso. *Fastos paraenses; as primeiras ruas de Belém (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras***.,** Rio de Janeiro, v. 77, pt. 1, 1914, 115.134). F2501.I59

Vários fatos sobre a fundação e edificação da capital do Pará. **[368]**

Beschreibung des portugiesischen Amerika vom Cudena [Pedro] ein spanisches manuscript in der Wolfenbüttelschen bibliothek herausgegeben vom Herrn Hofrath Lessin, Brunswick, 1780. 160 p. F2511.C96

À página 82 a arquitetura de Belém é comparada favoravelmente com a da Europa na época. **[369]**

Cabral, Alfredo do Vale. *Notícia das obras manuscritas e inéditas relativas à viagem filosófica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 1783-92 (An. Bibl. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 3, 1877-78, p. 324-254). Z1675.R58

Relato minucioso dos desenhos de arquitetura e paisagens da região de Belém e do Amazoans no século 18. **[370]**

A igreja das Mercês restaurada e reaberta ao culto público em 21 de setembro de 1913. Belém, A. Palavra, 1913. 10 p.

Panfleto, de interesse eclesiástico, oferecendo, não obstante, dados úteis de natureza histórica. **[371]**

Reis, Artur César Ferreira. *Vestígios artísticos da dominação lusitana na Amazônia (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 169-177). F2501.B795

O autor, que está fazendo um estudo de fontes de manuscritos para a história da arte colonial do vale amazônico, faz um levantamento do grupo de construções remanescentes. Como os edifícios por ele mencionados não são nem ilustrados, nem especificamente datados ou descritos, o valor do artigo é o de mostrar principalmente o que pode-

ria ser feito, talvez por este investigador, num estudo mais completo. Ele menciona o papel dos engenheiros Antônio José Landi e Filipe Sturn durante o século dezoito. **[372]**

Vale Cabral
vide
Cabral, Alfredo do Vale.

h. Paraíba

Avelar, Romeu de. *O forte de Cabedelo (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 41, nº 22, 1 jun. 1940, p. 24-25, 5 il.) DLC uncat.

Ruínas de um forte colonial do Estado da Paraíba, construído em sua maior parte mais ou menos em 1689. **[373]**

i. Paraná

Carneiro, Davi Antônio da Silva. *Colégio dos jesuítas em Paranaguá (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 361-382, 4 il.) F2501.B795

Um relato franco e bem documentado sobre um convento jesuítico abandonado, construído em 1720. **[374]**

j. Pernambuco

Anunciação, Miguel Arcanjo da. *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763.* Recife, Oficial, 1940, 147 p. 1 il.

Assentamentos de um mosteiro pernambucano, fornecendo informações valiosas sobre a edificação colonial, embora o registro termine no ano em que a atual igreja foi iniciada. **[375]**

Barlaeus, Caspar. *Casparis Barlaei, rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum, sub praefectura ilustrissimi comitis. I. Maurititii Nassoviae, etc.. Amstelodami.* I. Blaev, 1647. 348 p. 31 il. 25 maps. F2532.M13 Of.

A história oficial do domínio de Maurício de Nassau no Brasil. As ilustrações são vistas em mapas desenhados por Frans Post, bem como um retrato de Maurício. Tradução portuguesa em forma de reimpressão, história dos feitos praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício, conde de Nassau**,** por Cláudio Brandão, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1940, 440 p. 55 il., com descrição, vistas e plantas de lugares no Brasil, tiradas da edição original.

Reimpressão do original**,** *Descriptio totius Brasiliae in qua agitur de natura et indole regionis e tincolarum, de regimine politico regum successione de rebus privatis, de moribus, legibus et ritibus istarum gentium.* Clovis, Tobiae Silberlingii, 1689, 664 p. 7 il. 2 maps. **[376]**

Campelo, José. *Arte religiosa colonial em Pernambuco (Fronteiras*, Recife, v. 9, nº 6, jun. 1940, p. 15-16, il.)

Sucinto relato de uma pintura religiosa anônima no Pernambuco colonial. Há uma lista de lugares onde existem pinturas e uma bibliografia. **[377]**

Fernandes, Aníbal. *A igreja dos Montes Guararapes (Rev. Serv. Patr. Hist. Art.* Nac., Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 113-115, 3 il.) F2501.B795

A igreja votiva perto de Recife, que consta ser uma reconstrução do século XVIII da capela original erigida por. D. Francisco Barreto de Meneses depois de suas vitórias sobre os holandeses em 1648 e 1649. A fachada contém um belo exemplo das arcadas comuns às igrejas de Pernambuco e provavelmente oriundas de arquitetura franciscana. **[378]**

Freire, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1942. 239 p. 23 il. (Col. Documentos Brasileiros, nº 34.)

Combinação de informações práticas com encantadoras descrições de velhos prédios. Livro mais literário do que acadêmico acerca da arquitetura colonial da capital do Nordeste do Brasil. **[379]**

Freire, Gilberto. *Olinda; segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira.* Recife, Drechsler, 1939. 127 p. 56 il. 1 plan. F2651.O4F7

Ensaios de natureza contemplativo, mas sem registrar fatos, feitos por um sociólogo. Ricamente ilustrados por desenhos de M. Bandeira. **[380]**

Honorato, Manuel da Costa. *Dicionário topográfico, estátistico e histórico da Província de Pernambuco.* Recife, Universal, 1863. 188 p. F2601.C68

Valioso para localizar igrejas obscuras no Estado de Pernambuco. **[381]**

Idéia da população da capitania de Pernambuco *(An. Bibl. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 40, 1918, p. 1-112). Z1675.B58

Listas de igrejas de fins do século 18. [**382**]

Informação geral da capitania de Pernambuco 1749 *(An. Bibl. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 27, 1906, p. 117-496). Z1675.R58

Referência especial a arquitetos e listas de edifícios. **[383]**

Mariano, José (Filho). *As obras de restauração da Igreja de N. S. dos Prazeres (Fronteiras,* Recife, v. 8, nº 5, maio 1939, p. 1-2, 2 il.)

O autor louva a restauração dessa grande igreja pernambucana empreendida pelo SPHAN. Aventa a sugestão importante de que o uso de ladrilhos nas fachadas das igrejas, pelos portugueses, não era puramente decorativo, mas também funcional. **[384]**

Mariano, José (Filho). *A suposta influência holandesa na arquitetura pernambucana setecentista (Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, 12 dez, 1939). DLC

Um estudo altamente técnico negando que os holandeses tivessem sido os inventores do sobrado brasileiro durante a ocupação de Pernambuco no século XVII. O autor em diversas ocasiões faz exceção às explicações e definições de Gilberto Freire. **[385]**

Melo, Mário. *A igreja mais antiga do Brasil (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 105, p. 1, 1929, p. 137-147). F2501.I59

Fundação de Igaraçu, 1535.

[386]

Molengraaff, Cornelia Gerlings. *Johan Maurits van Nassau en de Kôrte bloeitejd van Hollandóch-Braziliё, 1636-1644.* 's-Gravenhagen, Trio, 1928? 27 p. 69 il. F2532.J65

Riqueza de mapas de Recife e Olinda; velhas gravuras de arquitetura com fotografias modernas a título de comparação. **[387]**

Nieuhof, Johan. *Gedenkweerdige Brasiliaense Zee-en Lantreize (Gedenkwaerdige Zee-en Lantreize door de voornaemste Landschappen van West en Oostindien*, Amsterdam, Weduwe van. I. van Meurs, 1682, v. 1, 242 15 il.) F2508.N67

Embora trate principalmente de história natural contém algumas descrições e diagramas de fortificações holandesas no Norte do Brasil. **[388]**

Oliveira, Mário Pessoa de. *Guia da cidade do Recife.* Recife, *Diário da Manhã*, 1935. 139 p. 216 il. 5 color. F2651. P4P5

Publicado com texto em português, inglês e francês. Há uma parte sobre igrejas. As ilustrações, inclusive várias aquarelas, são predominantemente arquitetônicas. **[389]**

Pio, Fernando. *O convento de Santo Antônio do Recife e as fundações franciscanas em Pernambuco.* Recife, *Diário da Manhã*, 1939. 80 p. 23 il. DLC uncat

Notas sobre os principais estabelecimentos franciscanos, umas completas, outras não, mas sempre úteis. **[390]**

Pio, Fernando. *História da igreja de Santa Teresa ou igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo na cidade de Recife.* Recife, *Jornal do Comércio*, 1937. 75 p.18 il. DLC uncat.

Documentos que tratam da história da igreja da Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo e de sua descrição. **[391]**

Pio, Fernando. *Igreja de São José do Manguinho.* Recife, Propagandist, 1938. 49 p. 10 il. DLC uncat

Notas históricas sobre antigos edifícios e descrição da igreja atual. **[392]**

Pio, Fernando. *A Ordem Terceira de São Francisco do Recife e suas igrejas.* Recife, *Diário da Manhã*, 1938. 114p. 14 il. DLC uncat

Várias notas históricas, inclusive catálogo de objetos de arte nas igrejas e sua história. **[393]**

Rodrigues, José Honório, e **Ribeiro**, Joaquim. *Civilização holandesa no Brasil.* São Paulo, Ed. Nacional, 1940. 398 p. 13 il. (Brasiliana, v. 180). F2532.R6

Reúne algumas informações novas sobre prédios. Ilustrado por pintores holandeses e alemães do clássico século 17 da corte de Nassau. **[394]**

Souto-Maior, Pedro. *Fatos pernambucanos (Rev. Inst. Hist. Geo.* Bras., Rio de Janeiro, v. 75, 1912, pt. 1, 1913, p. 16). F2501.I59 **[395]**

k. Rio de Janeiro (cidade)

Allain, Émile. *Rio de Janeiro; quelques données sur la capitale et sur l'administration du Brésil.* Paris, L. Frenzine. Rio de Janeiro, Lachaud, 1886. 324 p. F2646.A4

Refere-se sucintamente a importantes igrejas e edifícios públicos do período colonial. **[396]**

Almanaques da cidade do Rio de Janeiro para os anos de 1792 e 1794 *(An. Bibl. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 59, 1940, p. 189-356.) 1675.R58

Especialmente valioso por registrar datas e determinar a localização de igrejas coloniais. **[397]**

The aqueduct; *souvenir of colonial Brazil (Brazil today*, New York, v. 1, nº 3, nov. 1940, p. 9 e 23, 3 il.)

Relato útil e aparentemente fiel do aqueduto do Rio de Janeiro. **[398]**

Um autêntico solar colonial *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 29, set. 1937, p. 6-7, 7 il.) AP66.I6

Vistas da residência colonial do Largo do Boticário, em Águas Férreas, no Rio de Janeiro, restaurada e mobiliada por Rodolfo Siqueira. **[399]**

Barreto, Paulo T. *Uma casa de fazenda em Jurujuba (Rev. Serv. Patr. Hist. Art.* Nac., Rio de Janeiro, v. 1 nº 1, 1937, p. 69-77, 2 il.) F2501.B795

Descrição de uma importante propriedade colonial situada na Baía de Guanabara, perto do Rio de Janeiro. O autor não tenta estabelecer relação entre o prédio, que data de meados do século 18, e outros da região da Bahia e ainda outros de estilo espanhol contemporâneo. **[400]**

Capelinhas do Rio Colonial *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 18, nº 59, maio 1940, p. 34, 4 il.) AP66.I6

Algumas capelinhas reconstruídas desde os tempos coloniais. **[401]**

Carmo, Henrique José do (neto). *Recordações e aspectos do culto de Santana (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 94, pt. 2, 1923, p. 433-463.) F2501.I59

Estudo das primeiras igrejas dedicadas a essa santa no Rio de Janeiro. **[402]**

Chamberlain, Lieutenant. *Views and costumes of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil, from drawings taken by lieutenant Chamberlain... during the years of 1819 e 1820 with descriptives explanations.* London, Howlett e Brimmer, 1822. 22 il. color. DPU

Estas são talvez as mais belas aquarelas costumbristas que dizem respeito ao Brasil. Uma delas, representando o palácio e a catedral do Rio de Janeiro, é de grande importância documentária. Outras tratam de arquitetura e trajes coloniais. Sucintas descrições acompanham as gravuras. **[403]**

Delamare, Alcibíades. *Restauração da igreja N. S. do Parto (Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 9 set. 1938). DLC **[404]**

Dória, Luís de Escragnolle. *O palácio da Conceição (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 39, nº 15, 19 mar. 1938, p. 18, 2 il.) DLC uncat

Um estudo admirável do velho palácio dos bispos do Rio e sua capela, que lembra os palácios de Lisboa do princípio do século 18. **[405]**

Fazenda, José Vieira. *Igreja da Candelária (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 74, 1911, p. 203-217.) F2501.I59

Recapitulação dos relatos já publicados da fundação dessa grande igreja neoclássica do Rio de Janeiro. **[406]**

Fazenda, José Vieira. *Posse do antigo convento do Carmo.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908. **[407]**

Galvão, Benjamin Franklin Ramiz. *Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro. Ribeiro, 1927. **[408]**

Hirsh, Lina. *A catedral (Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, 26 jul. 1939). DLC **[409]**

Hirsh, Lina. *Convento de Santo Antônio (Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, 21 maio 1939). DLC **[410]**

La Caille, Abbé de. *Journal historique du voyage fait au cap de Bonne-Espérance*. Paris, Guillyn, 1763. 380 p. 1 map. DT826.L12

Contém uma descrição do Rio de Janeiro, mencionando sua arquitetura (p. 122-123). **[411]**

O largo de São Francisco *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 43, nº 15, 11 abr. 1942, p. 4-5, 4 il.) DLC uncat

Velhas fotografias interessantes da igreja de São Francisco de Paula no Rio de Janeiro com datas de sua construção. **[412]**

Levy, Hannah. *A pintura colonial no Rio de Janeiro (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 6, 1942, 7-78, 15 il.). DLC uncat

Um estudo fundamental. Exame crítico de material-fonte seguido de uma avaliação do cabedal de pinturas coloniais no Rio de Janeiro, que consta obedecer a iconografia "post-trent". O autor indica, porém, uma falta de exuberância barroca e de drama que contrasta com a Escola de Minas Gerais. Bibliografia. **[413]**

Mariano, José (Filho). *O chafariz de granito da praça do Carmo e suas intermináveis desventuras (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 28 ag. 1941, p. 8, 1 il.).

Uso interessantíssimo de velhas fontes para a reconstrução da história de um famoso monumento. As fontes são cuidadosamente citadas em notas de rodapé. **[414]**

Mariano, José (Filho). *O passeio público do Rio de Janeiro (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 9 ag. 1941, p. 8, 3 il.)

Relato interessante do parque vice-real com uma reprodução de uma litografia do século 19 de Jacottet mostrando as redecorações do Coronel Antônio João Rangel de Vasconcelos de 1841. **[415]**

Padberg-Drenkpol, J. A. *Recordações históricas do Rio através de velhas inscrições latinas. (Bol. Centro Est. Hist.*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-8 v. 2, 1937, p. 17-22, no il.)

Anedotas históricas e reminiscências pessoais. **[416]**

Ramiz Galvão

Vide

Galvão, Benjamim Franklin Ramiz.

Rango, Friedrich Ludwig von. *Tegebuch meinr reise nach Rio de Janeiro in Brasilien, und Zurück*. 2ª ed. Ronneburg, F. Weber, 1832. 198 p. 1 il. F2511.R19

Interessante pela sua descrição do Passeio Público do Rio de Janeiro em 1819. **[417]**

Santos, Noronha. *Aqueduto da Carioca (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 7-53, 6 il.). F2501.G795

Uma história bem escrita do aqueduto do Rio e de sua fonte. Pouca atenção dispensada ao aspecto artístico do monumento sem se procurar compará-lo ao aqueduto de Lisboa, de data um pouco posterior, mas muito semelhante em estilo. Bibliografia. **[418]**

Santos, Noronha. *A Igreja de S. Francisco Xavier em Niterói (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 139-150). F2501.B795

O autor afirma que essa igreja jesuíta na cidade de Niterói é de data anterior a 1696, que foi a data que se tentou determinar para ela baseando-se numa inscrição na sacristia. **[419]**

Silveira, Tasso Azevedo da. *São Bento monastery (Travel in Brazil,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1941, p. 22-25. 3 il.). DLC uncat.

Boas fotografias de uma das igrejas de interior mais suntuoso, no Rio de Janeiro – por certo a mais aristocrática. **[420]**

Tavares, Otávio. *Santo Antônio (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 43, nº 24, 13 jun. 1942, p. 3-5, 4 il.). DLC uncat.

Informações baseadas em fatos sobre o principal edifício dos franciscanos no Rio de Janeiro. **[421]**

Torres de outrora e de hoje *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 25, maio 1937, p. 13-15, 8 il.). AP66.I6

Boas fotografias de detalhes das torres de igrejas coloniais no Rio de Janeiro. **[422]**

l. Rio de Janeiro (estado)

Forte, J. Matoso Maia. *Uma vila fluminense desaparecida (Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 29, set. 1937, p. 22 e 44, 2 il.). AP66.I6

A cidade de Santo Antônio de Sá (Rio de Janeiro), cuja igreja que data do século 18 acha-se agora em ruínas. Alguma documentação sobre edificações. **[423]**

Igreja do antigo colégio dos jesuítas em São Pedro da Aldeia *(Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 96-101, 5 il.). F2501.B795

Fotografias do exterior e interior desse grande estabelecimento dos jesuítas de 1728 no Estado do Rio. A planta da igreja é do tipo comum jesuíta de uma torre, enquanto que o interior mostra naves laterais extremamente raras e um belo teto de madeira com vistas expostas. **[424]**

Labatut, A. *Convento de S. Boaventura e a Villa de Stº Antônio de Sá (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 41, nº 25, 22 jun., 1940, p. 22-23, 9 il.). DLC uncat.

Um grande estabelecimento franciscano em ruínas no estado do Rio. A capela foi construída de 1649-1670, mas todo o conjunto parece ter sido revestido por uma construção típica do século 18. **[425]**

Lacombe, Lourenço L. *A mais velha casa de Correias, município de Petrópolis (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 93-99, 6 il.). F2501.B795

O autor procura reconstruir com o auxílio de velhas descrições de viajantes a casa da grande fazenda do século 18 pertencente a Manuel Antunes Goulão. **[426]**

Lamego, Alberto (Filho). *O solar do colégio (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 22-41, 4 il.). F2501.B795

Apreciação um tanto literária do famoso estabelecimento jesuítico perto da cidade de Campos: o autor discute sua história de um modo geral durante os tempos coloniais, e muito mais minuciosamente durante o Império; não fornece, porém, quaisquer dados sobre a construção do edifício atual e sua decoração. **[427]**

Machado, Antônio. *Centenário de Petrópolis; trabalhos da comissão.* v. 4. Petrópolis, Prefeitura Municipal, 1941. 483 p. il.

Contém fotografias e descrições de algumas fazendas coloniais e capelas de Petrópolis. **[428]**

Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru and the Sandwich Islands, during the years 1821-1822. London, C. Knight, 1825. 478 p. 3 il. F2223.M43

Contém uma descrição do palácio, de Santa Cruz e outros detalhes arquitetônicos. **[429]**

Uma ponte de duzentos anos *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 17, nº 53, set. 1939, p. 11, 3 il.). AP66.I6

A ponte de pedra de 1752 na fazenda de jesuítas de Santa Cruz (Rio de Janeiro). **[430]**

m. Rio Grande do Sul

Avé-Lallemante, Robert Christian Berthold**.** *Reise durch Süd-Brasilien im jahre 1858.* Leipzig, Brockhaus, 1859. 2 v. F2513.A94

Ligeira descrição da arquitetura missionária. **[43l]**

Costa, Jônatas do Rego Monteiro. *Fortificações do canal e cidade do Rio Grande (*Inst. Hist. Geo. Rio Grande do Sul, Anais do Segundo Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense, Porto Alegre, Globo, 1937, v. 2, p. 243-264, 12 il.). F2621.C66 1937 v.2

Rol de todos os fortes baluartes construídos cerca de 1777 para defesa do Rio Grande, com bons diagramas das plantas. **[432]**

Freire, Gilberto. *Sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no Rio Grande do Sul.* Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia**,** III. (Anais, Porto Alegre, Inst. Hist. Geo. Rio Grande do Sul 1940, v. 1, 9-34, 10 il.) F2621.C66 1940

Plano para um estudo profundo do sobrado no Estado do Rio Grande do Sul, que o autor supõe ter sido influenciado pela arquitetura dos Açores. Este trabalho foi mais tarde incluído nos volumes intitulados *Conferências na Europa* (item 13) e *O mundo que o português criou.* **[433]**

Hernández, Pablo. *Misiones del Paraguay, organización social de las doctrinas guaranies de la Compania de Jesús.* Barcelona, G. Gili, 1913. 2 v. il. F2684.H27

Há uma descrição e ilustração das ruínas dos jesuítas de São Miguel, Brasil (p. 279). **[434]**

Jaeger, Luís Gonzaga. *As primitivas reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul, 1626-1636* (Inst. Hist. Geo. Rio Grande do Sul. *Anais do Segundo Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense,* Porto Alegre, Globo, 1937, v. 2, p. 399-446, 1 il.). F2621.C66 1937

Sobre a fundação das missões jesuíticas no Rio Grande do Sul. Valioso material de fundo para a arquitetura jesuítica posterior naquela região. **[435]**

Lamego, Alberto (Filho). *Os sete povos das missões (Rev. Serv. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 55-81, 1 il.). F2501.B795

Material colhido de manuscritos no arquivo do Serviço do Patrimônio. Há um relato de uma festa em honra a Carlos III em São Borja em 1760 e dados sobre a fundação das missões. Ilustrado por um mapa português de 1756. **[436]**

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-21.* São Paulo, Nacional, 1939. 403 p. 1 il. (Brasiliana, v. 167). F2621.S252

Tradução portuguesa de arte do item 262. **[437]**

Silveira, Hemetério José Veloso da. *As missões orientais e seus antigos domínios.* Porto Alegre, Universal, 1909. 325 p. 23 il.

História das missões jesuíticas, desde sua fundação percorrendo sua destruição, com material-fonte contemporâneo e esboços. **[438]**

Spalding, Walter. *O forte de Santa-Tecla* (Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense, II. *Anais*, Porto Alegre, Inst. Hist. Geo. Rio Grande do Sul, 1937, v. 2, p. 265-285, 1 il.). F2621.C66 1937

História de um importante forte no Rio Grande do Sul com um desenho do seu aspecto provável. Construído em 1773, foi destruído em 1776. **[439]**

Teschauer, Carlos. *Vida e obras do Padre Roque González de Santa Cruz, S. J.* 3ª ed. Porto Alegre, Inst. Hist. Rio Grande do Sul, 1928. 136 p. 13 il. 3 maps. F2521.B83

Contém uma série de vistas bem boas das ruínas em São Miguel, com excelente material de fundo. **[440]**

n. Santa Catarina

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Viagem à província de Santa Catarina, 1828;* trans. Carlos da Costa Pereira. São Paulo, Ed. Nacional, 1936. 252 p. (Brasiliana, v. 58). F2626.S25

Tradução portuguesa de parte do v. 2, item 262 **[441]**

o. São Paulo (cidade)

Amaral, Edmundo. *Rótulas e mantilhas; evocações do passado paulista.* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1932. 240 p. 56 il. F2651.S2A62

Livro de ensaios evocativos sobre monumentos coloniais, valioso pelos desenhos de Belmonte, mostrando tipos de construção e de decoração. **[442]**

As capelas de Araçariguama e seus fundadores, notas de história eclesiástica, **L.** São Paulo, Augusto Siqueira, 1916. 72 p.

Notas sobre a história de várias capelas antigas e destruídas em São Paulo, citando literalmente documentos. **[443]**

Cintra, Assis. *A casinha de palha do Padre Anchieta (Rev. Arq. Mun.,* São Paulo, ano 6, v. 63. 1940, p. 109-114.). F2651.S2R4

Citações de documentos contemporâneos, descrevendo os primeiros edifícios de São Paulo. **[444]**

Piza, Antônio de Toledo. *A igreja do Colégio da capital do Estado de São Paulo (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 59, pt. 2, 1897, 57-149). F2501.I59

Notas históricas, documentos e exame do edifício e inscrição. **[445]**

Santana, Nuto. *A Igreja dos Remédios (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1. 1937, p. 127-139, il.). F2501.B795

O autor procura retraçar a história de uma das poucas igrejas do século 18 que sobrevive em São Paulo. Ele não ressalta a sua extraordinária semelhança da fachada atual (1825) com a do Mosteiro Cartuxo em Caxias, perto de Lisboa (princípio do século 18). **[446]**

Santana, Nuto. *São Paulo histórico; aspectos, lendas e costumes.* São Paulo, 1938**.** 3 v. (Coleção Departamento de Cultura nº 22) F2651.S2S23

Capítulos interessantes que se ocupam das fontes, viadutos, igrejas, arcos de triunfo, quiosques, etc.; superficial, mas bem documentado, apresentando de vez em quando novo material. **[447]**

p. São Paulo (estado)

Andrade, Mário de. *A capela de Santo Antônio (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 119-125, 2 il.). F2501.B795

Primeira publicação sobre uma importante capela de madeira erigida em 1681 pelo capitão Fernão Pais de Barros em sua fazenda de Santo Antônio em São Roque (São Paulo). O artigo é um modelo de estudo bem documentado. **[448]**

A arte religiosa no Brasil colonial *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 76, ag. 1941, p. 45-47, 7 il.). AP66.I6

Belas fotografias da igreja de jesuítas de São Miguel (São Paulo), construída pelos índios do lugar no século 17, e suas esculturas. **[449]**

Holanda, Sérgio Buarque de. *Capelas antigas de São Paulo (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 5, 1914, p. 105-120). F2501.B795

Documentação de valor inestimável sobre as primeiras capelas de jesuítas nesta região. O registro de concessão de terras e da primeira construção de edifícios é cuidadosamente coligido de grandes coleções de documentos paulistas conservados, cuja publicação em São Paulo está se tornando de tanto auxílio para os historiadores. O valor de tais manuscritos para o estudioso da arquitetura brasileira acha-se claramente ilustrado neste trabalho. **[450]**

Melo, A. F. Dutra e. *O mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem do Patriarca S. Bento* (Minerva Brasiliense, Rio de Janeiro, Austral, v. 3, nº 11, 15 abril, 1845, p. 151-155, 1 il.). AP66.M5

Descrição muito cuidadosa e sensível da igreja, preciosa pela sua data, e possuindo uma excelente litografia, da igreja e mosteiro, da autoria de B. de Planitz. Essa gravura é de grande importância porque mostra as fachadas antes de suas malogradas transformações subseqüentes. **[451]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *A igreja da Sta. Cruz dos Militares, Ostentor brasileiro* (Rio de Janeiro, v. 1.1848, p.241-245, 1 il.). AP66.D7

Em aditamento à história da fundação e construção da igreja, o autor introduz algumas observações inteligentes sobre o estilo e a arte arquitetônica colonial. **[452]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Bartolomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática.* São Paulo, Salesianas, 1935. 2292 p. il. TL540.G8E8

O especial interesse desse estudo do aeronauta brasileiro é o grupo de 4 pinturas topográficas de Santos no século 18, de Benedito Calixto, reproduzidas às páginas 34-35. **[453]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *O forte de São Tiago da Bertioga (Rev. Serv.*

Patr. Hist. Art. Nac., Rio de Janeiro v. 1, nº 1, 1937, p.5-9 1 il.). F2501.B795

O autor reproduz a história desta fortaleza no litoral de São Paulo (único remanescente arquitetônico desse Estado do século 16) desde o tempo de sua construção em 1557 pelo capitão-mor Jorge Ferreira. **[454]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *A igreja e o convento do M'Boy (Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v.18, n. 62, jun. 1940, p. 6-7,3 il.). AP66,16

Duplamente importante pela sua relação de edifícios coloniais destruídos de São Paulo e pelas informações que fornece sobre uma igrejinha e convento jesuíta do século 17. **[455]**

3. Urbanismo

Cardoso, Joaquim. *Observações em torno da história da cidade do Recife no período holandês (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 4.1940, p. 383-406,6 il.). F25001.B795

Princípios gerais da expansão de Recife. Não está apresentado com nitidez. **[456]**

Ferreira, José da Costa. *A cidade do Rio de Janeiro, ensaio urbanológico (Rev. Inst. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 164, pt. 2, 1931, p. 7-354). F2501.159

Importante estudo de documentos originais relativos a subdivisões coloniais da cidade. **[457]**

4. Pintura

Costa, Luís Xavier da. *As belas artes plásticas em Portugal, durante o século XVIII.* Lisboa, J. Rodrigues, 1934. 225 p. 51 il. N7126.C6

Uma parte sobre "Pintores na colônia do Brasil" (p. 144-146) e muitas referências a artistas que por aqui passaram. **[458]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *A igreja paroquial de N. S. da Candelária (Minerva Brasiliense,* Rio de Janeiro, v. 3. nº 3, 1844, p. 23, nº 4, 15 jan. 1845. p. 60-61). AP66.MS

Descrição cuidadosa com muito de história. **[459]**

a. Bahia

Quirino, Manuel Raimundo. *Os quadros da catedral (Rev. Inst. Geo. Hist.,* Bahia, V.17, 1910, p. 59-63). F3551.I59

As pinturas são atribuídas aqui, em grande motivo, ao pintor do século 17, Frei Eusébio da Soledade. **[460]**

Quirino, Manuel Raimundo. *José Joaquim da Rocha; sua naturalidade (Rev. Inst. Geo. Hist.,* Bahia, v. 15, 1908, p. 79-82). F2551-159

Era esse pintor colonial baiano ou mineiro? **[461]**

Valente, Osvaldo. *Frei Eusébio da Soledade; o primeiro pintor brasileiro (Bahia tradicional e moderna,* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 15 1 il.).

Relator constante de uma página acerca do homem que constar ter sido o primeiro pintor brasileiro. **[462]**

b. Minas Gerais

Bandeira, Manuel Carneiro de Sousa. *Manuel da Costa Ataíde, dourador (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Ja-

neiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 149-150). F2501.B795

Prova documentária extraída dos livros dos carmelitas, de que o grande pintor colonial de Minas recebeu um conto de réis para dourar os seis altares laterais e dois púlpitos da igreja dos carmelitas em Ouro Preto. **[463]**

Jardim, Luís. *A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p.63-102, 10, il., 2, color.) F2501.B795

Registro feito por SPHAN de algumas descobertas feitas pelo autor, através de seu minucioso estudo da pintura religiosa na região de Diamantina e Serro. O artigo contém algumas observações de valor acerca dos arquivos eclesiásticos brasileiros. **[464]**

Jardim, Luís. *A pintura do guarda-mor José Soares de Araújo em Diamantina (Rev. Serv. Part. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 155-177,8 il.) F2501.B795

Primeira publicação da obra de um importante pintor português na região de Diamantina, em Minas Gerais. **[465]**

O século XVIII e Minas *(Sombra,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 2, fev.-mar. 1941, p. 22-23, 3 il). DLC uncat.

Três vistas de um teto de madeira pintado no século 18 por Carlos Correia de Toledo e Melo em Tiradentes (antigamente São José d'El-Rei). Os assuntos são pastoris. **[466]**

c. Pernambuco

Bangel. A. Albert van de Eeckhout (Eyckhout, Eyckholt). *Thieme-Becker, Kunstler-Lexikon,* Leipzig, E. A. Seeman, 1914, v. 10, p. 354-355.

Resumo da vida do pintor holandês que trabalhou no Brasil século 17, com uma bibliografia.

Notas sobre a antiga pintura religiosa. **[467]**

Cardoso, Joaquim. Notas sobre a p*intura religiosa em Pernambuco (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p.45-62, 6 il.). F2501.B795

O autor chama atenção para a rica coleção de pinturas coloniais nas igrejas e conventos de Recife e Olinda; sugere que os técnicos do SPHAN se empenhem para identificar os artistas que as pintaram. Várias ilustrações de interesse especial. **[468]**

Combe, Jacques. *Un dounaier Rousseau au XVII siècle Franz Post, 1612-1680. L'amour de l'art,* Paris, v. 12, dec. 1931, p. 481-489, 15 il.)

Comparação muito interessante entre vários detalhes de quadros dos dois pintores. O autor discute também sobre Fransc Post à luz de outros pintores holandeses secundários da mesma época. **[469]**

Glaser, Otto. *Prinz Johann Moritz von Nassau-Siegen und die niederlãndischen Kolonine in Brasilien.* Berlin, M. Starecke, 1938. 43 p. 22 il., 3 color. F2532.J64

Excelentes reproduções de várias pinturas por artistas holandeses do século 17 em Pernambuco **[470]**

Leão, Joaquim Sousa. *Frans Post (Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, 30 jul., 1931). **[471]**

Leão, Joaquim de Sousa. *Frans Post in Brazil (Burlington Magazine*, London, v. 8, nº 468, mar., 1942, p.59-61,6 il.).

O autor recapitula o que ele escreveu a respeito da vida e da obra do pintor holandês em sua monografia (item 473), acrescentando um parágrafo sobre as pinturas de Post existentes agora na Grã-Bretanha. Entre as ilustrações, encontra-se o desenho de Recife, até agora inédito, que Sousa Leão adquiriu há vários anos em Paris. **[472]**

Leão, Joaquim de Sousa (Filho). *Frans Post; seus quadros brasileiros; notas sobre a pintor e sua obra*. Rio de Janeiro, 1937. 30 p., 45 il color. ND653.P6S6

Importante publicação para comemorar o tricentenário da chegada de Maurício de Nassau e de Frans Post ao Brasil. Descreve, ilustra com excelente reproduções e dá um catalogue *raisonné* preliminar das paisagens de Post. **[473]**

Monteiro, Vicente do Rego. *O eterno em arte (Renovação*, Recife, v. 1., nº 1, jul. 1939, p. 9, 2 il.).

Uma página sem grande importância com fotografais de dois belos "primitivos" painéis ilustrando a lenda de S. Francisco, na sacristia do Convento de São Francisco em Olinda (Pernambuco). **[474]**

Quelle, Otto. *Zacharias Wagner und sein Brasilienwerk; eine Kulturgeschichtliche studie uber das deutschtum in Brasilien (Iberoamerarchiv*., Berlin, V.10, nº 1, april 1936, p. 43-54, 13 il. 2 color). F1401.I24

As melhores reproduções que existem do *Thierbuch* – coleção de vistas de Pernambuco e de seus habitantes do século 17, por um artista alemão da comitiva de Maurício de Nassau **[475]**

Richter, Paul Emil. *Wagnerszoobiblien* (Festchrift zur jubelfeier des 15 jãhrigen bestehens des vereins fur erkuinde zu Dresden, Dresden, 1889, p. 57-91).

Apreciação sobre uma coleção de aquarelas de assuntos indígenas, feitas em Pernambuco no século 17 e atualmente no Kupfersthichkabinete de Dresden. **[476]**

Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes. Exposição Frans Post. Rio de Janeiro, Min. Educ. Saúde, 1942. 16 p. 24 il.

Catálogo de uma exposição realizada por ocasião da aquisição pelo Governo de quadros de Post anteriormente existentes na coleção de Djalma da Fonseca Hermes (item 623). É a primeira vez que a maior parte dessas pinturas pertencentes a brasileiros são reproduzidas, por isso este documento é da maior importância. Infelizmente as reproduções não são tão nítidas como se poderia desejar. Há uma introdução bem escrita por Ribeiro Couto. **[477]**

Smith, Robert C. *The Brazilian landescapes of Frans Post (Art quartelry)*, Detroit, v. 1, nº 4, 1938, p.239-268, 19 il.). N1.A64

Estudo sobre o pai dos paisagistas brasileiros e americanos. Este artigo é o primeiro publicado em inglês e dedicado à brilhante civilização holandesa do século 17 em Pernambuco. O autor lançou também as bases de um *catalogue raisonné* de pinturas. **[478]**

Smith, Robert C. *Três paisagens brasileiros por Frans Post (Bol. Un. panamer*, Was-

hington, v. 41, nº 2, fev. 1939, p.53-57, 3 il). F1403.B965

Paisagens de Pernambuco no século 17 em coleções particulares. Tradução inglesa publicada no Bull. Pan-Amer. Union. V. 73, nº 5, may. 1939, p. 271-275, il. **[479]**

Souto-Maior, Pedro. *A arte holandesa no Brasil (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v.83, 1918, p.101-133). F2501.159

Relato sobre uma busca bem sucedida, realizada em Paris, de pinturas de Frans Post. O catálogo de 39 pinturas brasileiras enviadas a Luís XIV por Maurício de Nassau é aqui publicado. **[480]**

Thomsen, Thomas. *Albert Eckhout ein niederlandischer maler und seins gõnner Moritz de brasilianer, ein Kulturbild aus dem 17 jahrhundert.* Copenhagen, Ejnar Munksgaard, 1938. 183p.80 il. NNC

Trabalho de primordial importância, versando sobre um grupo de artistas da expedição holandesa que veio a Pernambuco em 1637. Comenta minuciosamente, com documentação, sobre os 24 quadros a óleo pintados por Albert Eckhout tratando da vida brasileira, e da flora e fauna do Brasil – ainda pertencentes às coleções reais holandesas – sobre as miniaturas no *Thierbuch* de Zacharias Wagener, o *Liberpict.* A 36 zoológico, o *Theatrum rerum naturalium Brasiliae* e a *Miscellanea Clayerum* da Staats-bibliothek de Berlim, bem como sobre os pássaros tropicais no teto da Festsaal do Scholoss Hofflössnitz, e as tapeçarias de Gobelin tecidas segundo desenhos de Eckhout. **[481]**

Wãtjen, Hermann Julius Eduard. *Das hollãndische kolonial-reich in Brasilien,* Haag. M. Nejhoff, 1921. 352 p. F2528.W12

A mentalidade social do regime holandês no Brasil com uma apreciação sobre os pintores de Maurício de Nassau. Tradução portuguesa, *O domínio colonial holandês no Brasil*, S. Paulo, Ed. Nacional, 1938, 560 p. 1 map. **[482]**

d. Rio de Janeiro

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Biografia de Manuel da Cunha (Rev. Inst. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 33, pt. 2. 1870, p. 206-211.). F.2501.I59

Biografia de um pintor colonial do Rio de Janeiro, contendo muito pouca informação. **[483]**

Batista, Nair. *Caetano da Costa Coelho e a pintura da igreja da Ordem 3ª de S. Francisco da Penitência (Rev. Serv. Patr. Art. Nac.***,** Rio de Janeiro, nº 5, 1941 p. 129-152, 13 il.) F2501.B795

O SPHAN empreendeu um exame sistemático dos arquivos de velhas igrejas de cada uma das ordens religiosas no Rio de Janeiro, procurando determinar o papel dos artistas coloniais em sua construção e decoração. O exame do arquivo franciscano traz à luz uma nova personalidade – Caetano da Costa Coelho. Os documentos são transcritos. **[484]**

Batista, Nair. *Pintores do Rio de Janeiro Colonial (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro v. 3, nº 1, 1939, p. 103-121).

Notas bibliográficas sobre 10 pintores coloniais do Rio. A autora começa relatando pequenos fatos co-

nhecidos a respeito da vida de cada um e dá depois uma relação das obras que lhes são atribuídas e finalmente uma bibliografia para o estudo da pintura na cidade do vice-reinado. **[485]**

Cavalcanti, Carlos. *Artes Plásticas (Cult. Polít.,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 12, fev. 1942 p. 282-284).

Informações a respeito dos pintores coloniais no Rio de Janeiro, muitas delas aqui publicadas. **[486]**

Maia, Raimundo de Castro. *O incêndio e a reconstrução da igreja e recolhimento de Nossa Senhora do Parto (Sombra,* mar. p. 36-37, 2 il, in color). DLC uncat.

Excelentes reproduções em cores de duas das pinturas mais interessantes do século 18, representando a arquitetura, os costumes, as mobílias, etc. desse período. Notas sucintas e bem escritas que fazem deste documento uma peça de valor inestimável. **[487]**

Santos, Francisco Marques dos. *Artistas do Rio Colonial (Estud. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 3, nov.-dez. 1938, p. 5-36, 22 il.)

O autor fornece aqui uma informação crítica e biográfica de valor inestimável a respeito de certos pintores brasileiros, esquecidos do período colonial: Frei Ricardo do Pilar, Antônio Francisco Soares, Manuel Dias de Oliveira, Leandro Joaquim e José Leandro de Carvalho – todos artistas nacionais que se sobressaem entre a chusma de estrangeiros que acompanharam a corte portuguesa à América. **[488]**

Santos, Francisco Marques dos. *Artistas do Rio de Janeiro Colonial* (Terceiro Congresso de História Nacional. Anais, v. 8, Rio de Janeiro, 1942, 112 p. 97 il.) **[489]**

e. São Paulo

Andrade, Mário de. *Uma carta do padre Jesuíno do Monte Carmelo (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 207-212, 97 il.) F2501.B795

Descoberta de uma carta de 1815 escrita pelo pintor carmelita Jesuíno do Monte Carmelo ao prior do convento de sua ordem em Santos, confessando um pecado de infância, que revela novos detalhes da vida do artista. A carta é reproduzida. **[490]**

Taunay, Affonso de Escragnolle. *Um primitivo paulista (Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 77, set. 1941 p. 15,3 il). AP66.I6

Dados biográficos preciosos relativos ao Padre Jesuíno do Monte Carmelo (Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, 1764-1819), cujas pinturas nas igrejas de Itu são identificadas aqui e duas ilustradas. O autor compara-o ao pintor contemporâneo Manuel da Costa Ataíde, mas pelo que ficou evidenciado por essas fotografias, sua técnica parece muito mais elementar do que a do célebre pintor de Minas Gerais. **[491]**

5. Artes Gráficas

Reys-boeck van het rijcke Brasilien, Rio de la Plata, ende Magallanes. Dordrecht, Ian Canin, 1624. 67 p. 3 il. 3 mapas. F2214.R46 OF.

Ilustrações da Bahia. **[492]**

Smith, Robert C. *O códice de Frei Cristóvão de Lisboa (Rev. Serv. Patr. Hist. Art.*

Nac., Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 121-126, 3 il.) F201.B795

Notas de um tratado do século 17 sobre história natural do Maranhão no Arquivo Histórico Colonial em Lisboa. O manuscrito contém a flora e fauna regionais numa série de atraentes desenhos a bico-de-pena. **[493]**

6. Escultura

Chafarizes de velhas cidades históricas *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro , v. 17, nº 49, maio de 1939, p. 10-11, 6 il.) AP6.I6

Chafarizes de velhas cidades, sendo apenas alguns coloniais. **[494]**

A cidade que brotou no rastro do "Anhangüera" *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, V. 16, nº 41., out. 1938, p. 6-7, il.)

Boas fotografias por M. Badi, dos chafarizes coloniais de Goiás. **[495]**

Leite, Serafim, S.J. *O guarda-roupa feminino das imagens jesuíticas do Brasil, nota artística dos séculos XVII e XVIII (Jorn. Com***.,** Rio de Janeiro 22 jun. 1941, p. 3)

Exposição excelentemente escrita e feita perante a Academia Brasileira de Letras, em que o eminente jesuíta descreve o *Inventário do Maranhão*, um documento de sua ordem em Roma, que trata minuciosamente da escultura religiosa e dos trajes de algumas imagens importadas da França. **[496]**

a. Minas Gerais

Lima, Augusto de (Júnior). *Ligeiras notas sobre arte religiosa no Brasil (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, V. 2, nº 1, 1938, p. 101-139, 14 il.) F2501.E78

Analisa os elementos iconográficos nos altares esculpidos em policromia por Antônio Dias em Ouro Preto, feita por um dos mais proeminentes escritores católicos no Brasil. **[497]**

Luís Camilo

vide

Oliveira, Luís Camilo de (Neto).

Mariano, José (Filho). *Mestre Aleijadinho e sua obra (O Cruzeiro,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 95. 30 ago. 1930, p. 15-30, 37 il.) AP66.C8

Um dos principais trabalhos sobre a vida e a carreira do escultor. Trata-se de uma conferência pronunciada em Ouro Preto no centenário de seu nascimento. Contém fac-símiles de registro de batismo e de óbito. **[498]**

Oliveira, Luís Camilo de (Neto). *João Gomes Batista (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 83-119, 8 il.) F2501.B795

Descoberta de novos documentos agora com o SPHAN e aqui reproduzidos em fotografia, provando que esse ilustre *medailliste* português trabalhou em Ouro Preto deste sua nomeação na Casa de Fundição até sua morte em 1788. **[499]**

Orosco, E. *As avarias nas esculturas do período colonial de Minas Gerais (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 179-206, 28 i.) F2501.B795

Resultados de uma investigação feita pelo Instituto Nacional de Tecnologia quanto à extensão e causas da deterioração na pedra das esculturas do Aleijadinho e de seu círculo

em Minas. Este estudo é muito técnico e ilustrado com quadros, gráficos e fotografias de instrumentos usados. Contém também duas esplêndidas fotografias tiradas de perto da própria pedra. **[500]**

b. Minas Gerais – Aleijadinho

Andrade, Mário de. *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo.* Rio de Janeiro, 1933. **[501]**

Andrade, Mário de. *O gênio e a obra do Áleijadinho (Atlântico,* Lisboa, v. 1, nº 1, primavera 1942, p. 24-31, 2 il.)

Contribuição importante para a copiosa bibliografia sobre o assunto. O autor aceita a maior parte dos trabalhos atribuídos ao escultor, aponta o grande contraste estilístico e espiritual entre seus trabalhos antes da doença e os que foram feitos depois dela. Há uma comparação feliz entre esta última tendência de deformar o estilo gótico francês. **[502]**

Andrade, Rodrigo de Melo Franco de. *Contribuição para o estudo da obra do Aleijadinho. (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, V. 2, nº 1, 1938, p 255-297, 49 il.) F2501.B795

Notável artigo sobre o principal escultor colonial do Brasil. O diretor do SPHAN publica descobertas documentárias num trabalho que é um modelo de clareza. **[503]**

A arte colonial de Minas está no Rio *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro**,** v. 62, nº 21, 24 maio 1941., p. 20-21, 9 il.) DLC uncat.

Fotografias e explicação sobre os modelos dos trabalhos do Aleijadinho e de seu círculo no museu de gessos do SPHAN no Rio de Janeiro. **[504]**

Bretas, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (Rev. Arq. Púb. Mineiro,* Ouro Preto, V. 1896. p. 169-174). F2581.M66

Primeira biografia um tanto fantástica do grande escultor colonial, publicada pela primeira vez no *Correio Oficial de Minas*, nº 169 & 175, 1858, e mais tarde em *Efemérides mineiras,* Ouro Preto, 1897, v. 4, p. 229-243. **[505]**

Buschiazzo, Mario J. *El Aleijadinho* (Lasso, Buenos Aires, v. 7, nº 1, jul. 1939, p. 32-38, 10 il. 4 plans) F2801.L36

Estudo de trabalhos já publicados sobre a obra do mais conhecido entre os artistas coloniais brasileiros. Reimpresso em *Arquitectura,* Habana, e publicado como panfleto (Buenos Aires, Beutelspacher, 1939). **[506]**

Carvalho, Teófilo Feu de. *O Aleijadinho.* Belo Horizonte, Históricas, 1934. 123p. 2 il.

Coleção de artigos publicados em Minas Gerais que asseveram que nada deveria ser atribuido ao escultor a não ser que fossem conhecidos documentos que provassem a autoria. Desde a publicação deste volume, porém, muito se tem descoberto para ampliação da lista dos trabalhos documentados de Aleijadinho. **[507]**

Franco, Afonso Arinos de Melo. *Ainda o Aleijadinho; idéia e tempo.* São Paulo, Cultura Moderna, 1939. **[508]**

Franco, Afonso Arinos de Melo. *O primeiro depoimento estrangeiro sobre o Aleijadinho (Rev. Ser. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 173-178). F2501.B795

Primeira descrição da igreja de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, Minas Gerais, e das estátuas do célebre Aleijadinho, Antônio Francisco Lisboa. Esta descrição foi escrita pelo viajante alemão, Barão von Eschwege em seu livro *Journal von Brasilien* (item 337). **[509]**

Franco, Rodrigo Melo.

vide

Andrade, Rodrigo Melo Franco de

Guido, Ángel. *El Aleijadinho* (Prensa, Buenos Aires, 11 en. 1931, sec. 2, 1p. 10 il.) DLC

Famoso artigo introduzindo o grande escultor mineiro ao mundo de língua espanhola. Notas de rodapé. Tradução inglesa. *O Aleijadinho, lhe little cripple of Minas Geraes (*Bulletin of the Pan American Union, Washington, v. 65, nº 8, aug. 1931, p. 813-822, 7 il.) **[510]**

Guido, Ángel. *El "Aleijadinho"; el gran escultor leproso del siglo XVIII en el Brasil* (Congresso Internacional de História de América. Buenos Aires 1937, Buenos Aires, Academia Nacional de la História, 1938, v, 3, p. 495-504). E11.C84

Relato das atividades do mais conhecido escultor colonial brasileiro. O autor não esclarece o problema do que ele produziu, mas o seu estudo, distingue-se por introduzir a obra de Antônio Francisco Lisboa ao público argentino. Foi mais tarde publicado novamente como panfleto. (Santa Fé Universid. 1938, 37 p., 19 il. **[511]**

Guimarães, Renato Alves. *Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.* São Paulo, Irmãos Ferraz, 1931. 80 p. 71 il. N6659.L5A7

Uma das mais interessantes entre numerosas biografias do escultor. O autor atribui ao Aleijadinho muitas coisas que geralmente não lhe são atribuídas. Muitas das ilustrações mostram objetos importantes de artes secundárias, não reproduzidos em parte alguma. **[512]**

Lima, Augusto de (Júnior). *O Aleijadinho e a arte colonial.* Rio de Janeiro, Noite, 1942. 143 p. 12 il. DLC uncat.

Este estudo ressalta novas possibilidades na atividade do escultor, censura o número excessivo de trabalhos que lhe são atribuídos e estuda a questão da sua origem de mulato com relação a sua obra. **[513]**

Lima, Augusto de (Júnior). *A verdadeira personalidade do Aleijadinho (Estudos brasileiros,* Rio de Janeiro v. 3. nº 22, jan.-fev., 1942, p. 34-84, 12 il.) F2501. E78

Contém a essência do item anterior, mas com notas sobre a discussão do material entre vários historiadores de arte brasileira. **[514]**

Magalhães, Basílio de. *O Aleijadinho (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro. v. 107, pt. 1, 1930, p. 729-752) F2501.159

Recapitulação de outras biografias com algumas novas observações. **[515]**

Mariano, José (Filho). *Antônio Francisco Lisboa, o estatuário (Mens. Jorn. Com.,* v. 9, nº 1 jan. 1940). DLC **[516]**

Mariano, José (Filho). *Mestre Valentim (Rev. Brasil,* Rio de Janeiro, ep. 3, v. 4, nº 31, jan. 1941, p. 44-45) AP66.R55

Comparação da escultura de dois preeminentes artistas brasileiros, Valentim da Fonseca e Silva e Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho). **[517]**

Martins, Judite. *Apontamentos para a bibliografia referente a Antônio Francisco Lisboa (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 179-205, 1 il.) F2501.B795

Bibliografia de uns 100 trabalhos relacionados com Antônio Francisco Lisboa, o escultor colonial de Minas Gerais, muitos dos quais eram até então desconhecidos dos especialistas no campo da arte brasileira. A bibliografia tem ainda o valor de ser extraordinariamente bem anotada. **[518]**

Pedrosa, Heitor. *O Aleijadinho; a vida intensa e a desventura.* São Paulo, 1940. 91 p. 2 il. 1 color, diagra. N6659.L5P37

Trabalho um tanto exagerado, embora cuidadosamente documentado, sobre o famoso escultor. O adendo *Fantasias do barroco* **(**p. 78-86) menciona os principais arquitetos de estilo barroco na costa do Atlântico na América do Sul. Bibliografia. **[519]**

Penalva, Gastão, pseud.

vide

Sousa, Sebastião.

Pires, Heliodoro. *O Aleijadinho, o lar paterno e a escola (Jorn. Com.,* Rio de Janeiro, 30 nov. 1941, p. 4.) DLC

Valioso resumo de dados documentados sobre a carreira de Manuel Francisco Lisboa, de seu filho Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho) e João Batista Gomes, o famoso mestre do filho. Baseado em pesquisas publicadas na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* do ano de 1940. **[520]**

Ribeiro, Flexa. *Os profetas do Aleijadinho (Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 18, nº 60, abr. 1940, p. 18-19, 7 il.) AP66.I6

Fotografias de maquetes recentemente preparadas dos profetas de Congonhas. É difícil justificar as comparações feitas pelo autor com as imagens de Slutor em Dijon. **[521]**

Sousa, Sebastião. *O Aleijadinho de Vila Rica.* Rio de Janeiro, Renascença, 1933. 495 p. N6659.L515

Exame de todos os materiais conhecidos pertencentes ao escultor Antônio Francisco Lisboa. **[522]**

c. Rio de Janeiro – Valentim da Fonseca

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Valentim da Fonseca e Silva. (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 4, 2, 1869, p. 235) F2501.I59 **[523]**

Batista, Nair. *Valentim da Fonseca e Silva. (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 271-325, 19 il.) F2501.B795

Novos documentos relacionando o escultor com as igrejas de N. S. do Carmo e São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro. Bibliografia muito boa. Este trabalho sobre Valentim da Fonseca, porém, não é completo. **[524]**

Maravilhas da arte colonial carioca *(Ilustração Brasileira***,** Rio de Janeiro, v. 17, nº 52, ago. 1939, p. 24-25, 4 il.) AP66.I6

Belas fotografias do portão de ferro de Mestre Valentim e do cha-

fariz do Passeio Público e o de Santo Antônio, no Rio de Janeiro. **[525]**

Mariano, José (Filho). *Mestre Valentim (Jorn. Com.*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1941, p. 5) DLC

O autor ressalta a qualidade decorativa do estilo de Valentim da Fonseca. Fragmento de um livro em preparação. **[526]**

Mariano, José (Filho). *Mestre Valentim (Rev. Brasil*, Rio de Janeiro, ep. 3, v. 4, nº 31, jan. 1941, p. 44-45). AP66.R55

Comparação da escultura de dois preeminentes artistas brasileiros, Valentim da Fonseca e Silva e Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho). **[527]**

Matos, Aníbal Pinto de. *Mestre Valentim e outros estudos.* Belo Horizonte, 1937. 172 p. 33 il.

Estudos biográficos e críticos um tanto apressados, que tratam de várias fundações eclesiásticas. **[528]**

7. Artes Menores

Costa, Lúcio. *Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 149-162, 14 il.) F2501.B795

Desenhos em miniatura acompanhados de um texto um tanto abreviado explicando a história do mobiliário brasileiro. **[529]**

Dias, Hélcia. *O mobiliário dos inconfidentes (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 163-173. F2501.B795

Fatos interessantes extraídos de documentos contemporâneos acerca do tipo de mobiliário de propriedade de habitantes de Minas Gerais nos fins do século 18. **[530]**

Eckhardt, Paul, & Labastille, Irma J. *Some eighteenth century Brazilian furniture* (Antiques, New York, v. 19, nº 5, may, 1931, p. 362-364, 6 il.) NK1125.A3

Descrição geral, com boas fotografias de tipos e materiais. **[531]**

Gibson, Hugh. *Rio.* Garden City, Doubeday, Doran, 1937. 263 p. 33 il. F2646.G53

Contém um capítulo sobre o colecionamento de mobílias, sob o ponto de vista do amador, mas contém uma valiosa relação de madeiras brasileiras. O livro é ilustrado com fotografias excelentes. **[532]**

Huth, Hans. *Exotische Elfenbeinmöbel* (Pantheon, München, v. 13, sup. 31 apr. 1934, p. 120-122, 3 il.)

Coleção do mobiliário feito de marfim africano e feito para o Conde Maurício de Nassau Sigen em Pernambuco entre 1640 e 1650 e atualmente em Berlim. Resumo em inglês. **[533]**

Lessa, Ribeiro de. *Mobiliário brasileiro dos tempos coloniais (Estud. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 6, maio-jun. 1939, p. 5-16, 44 il.) F2501.E78

Conferência pronunciada no Instituto de Estudos Brasileiros em 1939, em que o autor reproduz o desenvolvimento do mobiliário colonial do Brasil. O artigo é esplendidamente ilustrado por fotografias do SPHAN, mas infelizmente não dá a proveniência das peças. **[534]**

Mariano, José (Filho). *Evolução do mobiliário e da ornamentação litúrgica sob a influência dos jesuítas e de D. João V (Rev. Brasil*, Rio de Janeiro, v. 3, abr. 1940, p. 40-44) AP66.R55

O autor atribui uma influência de Luís XIV nas artes secundárias transmitidas pelos jesuítas, sendo que depois de sua expulsão foi substituída por uma moda à Luís XV, conhecida como estilo D. João V. **[535]**

Mobiliário Nacional *(Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 44-45, 22 il.) F2501.B795

Coleção de fotografias de notáveis exemplares de mobiliário colonial brasileiro dos séculos 17 e 18: belas cadeiras, mesas e camas de jacarandá e de couro *repoussé.* **[536]**

Nigra, D. Clemente Maria da Silva. *A prataria seiscentista do Mosteiro de São Bento (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 6, 1943, p. 241-274, 21 il.) DLC uncat.

Notável coleção de prataria eclesiástica do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, representada aqui pelos registros dos bens do abade. São especialmente notáveis o vaso de incenso e o cálice. Uma vez que nenhuma dessas peças de culto traz marcas de fabricação, é impossível provar que não foram feitas no Brasil. **[537]**

Nigra, D. Clemente Maria da Silva. *Os dois grandes lampadários do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 285-297, 8 il.) F2501.B795

Os dois lampadários de prata existentes no altar-mor desta igreja são aqui atribuídos a Mestre Valentim da Fonseca e Silva, baseando-se em documentos existentes no arquivo da igreja, provando assim uma asserção feita há um século por Porto-Alegre. Descoberta valiosa, apoiada pelas fotografias dos documentos em questão. Este trabalho é o produto de uma cooperação significativa por parte do clero junto ao SPHAN, que é de bom augúrio para o futuro da arte brasileira. **[538]**

Obras-primas da ourivesaria colonial *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 34, fev. 1934, p. 617, 5 il). AP66.I6

Algumas belas peças de prata colonial que constam ser de produção brasileira, na coleção de Rodolfo Sequeira. **[539]**

P., W. *Mobiliário, vestuário, jóias e alfaias dos tempos coloniais; notas para uma nomenclatura baseada em documentos coevos (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 4, 1940, p. 251-169). F2501.B795

Resumo cuidadosamente feito e muito útil de referências ao mobiliário, arte secundária e vestuário constantes de trabalhos escritos sobre o Brasil no século 17. O estudo fornece elementos para um valioso glossário de termos. **[540]**

Pérez-Valiente de Moctezuma, Antonio. *La Colección de don Gustavo M. Barreto, muebles coloniales.* Buenos Aires, Caracciolo & Plantié, 1931. 166 p. 113 il. NK2490.B3

Nesta grande coleção de mobiliário colonial da América Latina existem muitas peças brasileiras.

[541]

Santos, José de Almeida. *O estilo brasileiro D. Maria ou colonial brasileiro (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro,

nº 6, 1942, p. 321-335, 6 il. 1 drawing) DLC uncat.

O autor escreve sobre um tipo de mobiliário que ele acredita tenha sido feito no Brasil entre 1780 e 1820 e ao qual chamaria de "D. Maria I", infeliz soberana portuguesa (1777/1826). As poucas peças ilustradas do Império (adaptações brasileiras do império francês), outros são desenhados mais de leve com detalhes decorativos que sugerem Sheraton, o estilo Adam e o próprio estilo Ducan Phyfe dos americanos. Todos têm um espírito sóbrio que lhe é comum de reação contra a tradição rococó anterior. Numa nota de mestre, o SPHAN sugere a designação cronologicamente mais adequada de "D. João VI" (1816-1826) e com razão pondera que provavelmente nenhum dos exemplos exibidos aqui é tão antigo como o autor alega ser. **[542]**

Santos, José de Almeida. *Mobiliário artístico brasileiro, o estilo colonial "D. Maria I" ou colonial brasileiro* (Planalto, São Paulo, v. 1, nº 4, 1 jul. 1941, p. 14, 7 il.) DLC uncat.

Mais uma vez o penoso problema de dar nomes aos vários estilos coloniais do mobiliário do Brasil. Os encantadores desenhos feitos pelo autor que ilustram este artigo mostram o mobiliário do tipo Duncan Phyfe que se assemelha apenas ao estilo do fim do reino de D. Maria I. O crítico está familiarizado com os livros sobre o mobiliário colonial dos Estados Unidos. **[543]**

D. SÉCULO XIX

1. Obras Gerais

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. *Anuário do Museu Imperial*, nº 2, Petrópolis, Nacional, 1941. 295 p. 39 il. 8 color.

Os artigos de notável interesse para esta bibliografia constam aqui separadamente (itens 574-614). Além disso, há várias pinturas topográficas e retratos imperiais até então inéditos. **[544]**

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. *Inventário dos documentos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil existentes no Castelo d'Eu.* Rio de Janeiro, 1939. 2. v. MH

Contém algum material importante sobre arte. **[545]**

Castro, Sílvio Rangel de. *A arte no Brasil; pintura e escultura (Literatura e arte brasileira; conferências em Buenos Aires,* Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922, p. 155-202). MB

Começando com os gregos, esta conferência se desenvolve através de Taine e Keats até a Missão Cultural francesa e a fundação da Academia Brasileira em 1829 e até o *salon* de 1860, que o autor acredita marcar o nascimento do nacionalismo. Útil para o século 19. **[546]**

Catálogo da Exposição Nacional em 1875. Rio de Janeiro, Carioca, 1875. 625 p. T840.D6R5

Contém uma seção de belas-artes (p. 585-621). **[547]**

Cavalcanti, Carlos. *Artes plásticas, XII* (Cultura política**,** Rio de Janeiro, v. 2, nº 13, mar. 1942, p. 286-287).

Sobre a origem da Academia Imperial. **[548]**

Exposição nacional. Rio de Janeiro, 1875. Catálogo da Exposição Nacional em 1875. Rio de Janeiro, Carioca, 1875. 621 p. T840.D6R5

Na parte 9 há uma relação de pinturas e outras obras de arte. **[549]**

Exposição nacional. Rio de Janeiro, 1908. Catálogo da secção de belas-artes. Rio de Janeiro, Nacional, 1908. 28 p.

Dá apenas uma relação de exposições e de suas obras, com endereços; dados biográficos sobre ex-vencedores de prêmios. **[550]**

Fleiuss, Max. *Páginas de história.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924. 595 p. F2521.F595

Contém um discurso feito na inauguração do rico museu colonial de Mariano Procópio em Juiz de Fora (13 de maio de 1922), com referências de interesse oficial sobre a arte no governo de D. Pedro II. **[551]**

Freire, Laudelino de Oliveira. *Pedro II e a arte no Brasil.* Rio de Janeiro, Nacional, 1917. p. 1-49.

Trata da influência pessoal e oficial da residência do Imperador no Brasil. Com este trabalho está encadernado um segundo ensaio, *A pintura no Brasil.* **[552]**

Gillet, Louis. *L'art dans l'Amérique latine* (Michel, André, *Histoire de l'art,* Paris, A. Colin, 1929, v. 8, pt. 3, p. 1023-1096, 57 il.) N5300.M63

Trata rapidamente do Brasil no século 19. Valioso por causa do ponto de vista do eminente crítico francês. **[553]**

O histórico edifício do Tesouro (*Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 21, jan. 1937, p. 13-16, 10 il.) AP66.16

Excelentes fotografias de um edifício destruído, construído em 1808-1814, contendo o decreto autorizando sua construção e as decorações do pintor Bernardelli. **[554]**

Leitão, C. de Melo. *Visitantes do Primeiro Império.* São Paulo, Nacional. 17 il. (Brasiliana, v.32) F2513.M45

Contém um capítulo especial sobre arquitetura e mobiliário no Rio de Janeiro, descritos por viajantes em princípios do século 19. Boas ilustrações *costumbristas*, algumas muito raras. **[555]**

Leitão, Joaquim. *Do civismo e da arte no Brasil.* Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1900. 349 p. 1 il. F2515.L48

Algumas páginas na IV parte versam sobre pintores e escultores contemporâneos (p. 312 seg.) **[556]**

Norton, Luís. *A corte de Portugal no Brasil.* São Paulo, Nacional, 1938. 466 p. 17 il. (Brasiliana, v. 124) F2534.N67

Este livro apresenta um trabalho completo até hoje feito sobre as belas-artes no Rio de Janeiro durante a permanência de D. João VI e apresenta reproduções de interessantes desenhos e gravuras de arquitetura, juntamente com retratos pouco conhecidos pintados por J. B. Debret, Simplício de Sá e Manuel Dias de Oliveira. **[557]**

Notícia do Palácio da Academia Imperial das Belas-Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, J. Villeneuve, 1836. 40 p.

O melhor catálogo das coleções de arte da Academia. Este panfleto descreve rapidamente o palácio desenhado por Grandjean de Montigny e suas decorações. **[558]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *Academia das Belas-Artes; exposição pública do ano de 1849 (Guanabara,* Rio de Janeiro, v. 1, 1850, p. 69-77. AP66.G75

Crítica interessante com muitas referências veementes aos artistas e um protesto contra bolsas de estudo ganhas por "estrangeiros" para estudarem na Europa. **[559]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *Apontamentos biográficos (Rev. Acad. Bras. Letras,* Rio de Janeiro, v. 22, nº 117, set. 1931, p. 416-443). A880.R32

Detalhes muito importantes sobre a vida e obra do pintor, por ele anotados em memórias que se acham agora em poder da Academia Brasileira de Letras. **[560]**

Rangel, Alberto do Rego. *O álbum de Highcliffe, the Landseer sketchbook (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 6, 1942, p. 87-116, 13 il.) DLC uncat.

Descrição excelentemente escrita do álbum de 345 desenhos de várias técnicas de paisagens, tipos, cenas de rua e arquitetura brasileiras, por Charles Landseer (1799-1879), irmão mais velho do célebre Sir Edwin. Charles acompanhou Lord Stuart de Rothesay ao Brasil em 1825 como pintor contratado. Seus desenhos, muitas vezes impressionistas na forma, são cheios de detalhes "arqueológicos" de valor inestimável.

Em sua introdução, Rangel cita os marcos da iconografia brasileira desde o século 16 até o álbum de Landseer, que se acha agora em Highcliffe Castle, Hants. Diz ele que as célebres aquarelas do tenente Chamberlain são em parte baseadas nas aquarelas de Guillobel (item 626). **[561]**

Ribeiro, Flexa. *Un elegante del tiempo de Luis Felipe en una isla de Guanabara* (Prensa, Buenos Aires, 13 nov. 1. 1932, sec. 2, 1 p., 3 il.) DLC uncat.

O papel de Amaro Guedes Pinto como patrono da arte. Reproduz o seu busto feito por Pradier, seu retrato por Antônio M. da Fonseca e o de sua esposa e filhos por Pallière. **[562]**

Ribeiro, Flexa. *Uma visita à casa dos Bernardelli (Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 16, nº 43, nov. 1938, p. 18-19, 3 il.) AP66.16

Reminiscências pessoais. **[563]**

Rio de Janeiro. Museu Nacional de Belas-Artes. Galeria Irmãos Bernardelli. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1942. 28 p. 13 il.

Catálogo útil de alguns dos trabalhos dos irmãos Henrique e Félix Bernardelli, que eram pintores, e Rodolfo, escultor. **[564]**

Rubens, Carlos. *A glória do poeta dos "Timbiras" nas artes plásticas (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 40, nº 48, 4 nov. 1939, p. 7, 2 il.) DLC uncat.

Uma alegoria em litografia de 1864 por Henrique Fleiuss e uma pintura por Eduardo de Sá em 1902 comemorando a morte do poeta Gonçalves Dias. **[565]**

S., C. A dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro (Studio,* London v. 11, nº 53, aug. 1897, p. 202-204). N1.S9

Rápida apreciação da arte no Brasil em 1897, apontando os artistas mais notáveis. Também publicada em *International Studio*, New York, v. 2, nº 7, sept. 1897, p. 202-204. **[566]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro (Studio*, London, v. 13, nº 59, feb. 1898, p. 55-56, 2 il.) N1.S9

Crítica da exposição real de belas-artes, com ilustrações de Henrique Bernardelli. Também publicada em *International Studio*, New York, v. 4, nº 13, mar. 1898, p. 55-56, 2 il. **[567]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro (Studio*, London, v. 15, nº 69, dec. 1898, p. 205-206). N1.S9

Notas sobre uma exposição das pinturas de Aurélio de Figueiredo e sobre o Centro Artístico. Também publicadas em *International Studio*, New York, v. 6, nº 23, jan. 1899, p. 205-206. **[568]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro (Studio*, London, v. 18, nº 81, dec. 1899, p. 208-209). N1.S9

Crítica do *Salon* de setembro de 1899. Também publicada em *International Studio*, New York, v. 9, nº 35, jan. 1900, p. 208-209. **[569]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro, (Studio*, London, v. 22, nº 96, mar. 1901, p. 137-138, 2 il.) N1.S9

Relatório sobre o *Salon* anual no Rio de Janeiro, com uma ilustração do monumento comemorando a descoberta do Brasil, obra de Bernardelli. Também publicado em *International Studio*, New York, v. 13, nº 50, apr. 1901, p. 137-138, 2 il. **[570]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro. (Studio*, London, v. 24, nº 106, jan. 1902, p. 293-295, 4 il.) N1.S9

Crítica do *Salon* anual de setembro. Também publicado em *International Studio*, New York, v. 15, nº 60, feb. 1902, p. 293-295, 4 il. **[571]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro, (Studio*, London, v. 37, nº 156, mar. 1906, p. 178-179, 4 il.) N1.S9

Relatório sobre o *Salon* anual no Rio de Janeiro. Também publicado em *International Studio*, New York, v. 28, nº 110, apr. 1906, p. 178-179, 4 il. **[572]**

Santos, Francisco Marques dos. *As belas-artes no primeiro reinado, 1822-1831 (Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano 2, v. 8, nº 11, mar.-abr. 1940, p. 471-515, 48 il.)

Neste importante estudo o autor continua investigações já iniciadas sobre o período colonial e no de D. João VI. O artigo é baseado em nova documentação importante, inclusive num estudo de jornais da época. Os catálogos das exposições da Academia Imperial de 1829 e 1830 são reproduzidos na íntegra. **[573]**

Santos, Francisco Marques dos. *As duas últimas festas da monarquia* (Brasil, Ministério da Educação e Saúde. *An. Mus. Imperial*, nº 2. Petrópolis, Nacional, 1941, p. 49-90, 5 il. 2 color).

Contém muita informação sobre costumes, decorações e construções de gala do antigo império. **[574]**

Santos, Francisco Marques dos. *O leilão do Paço de S. Cristóvão (Anuário do Museu Imperial*, nº 1, Petrópolis, Nacional, 1940, p. 151-316, 11 il.)

Os leilões das decorações do ex-Palácio Imperial no Rio de Janeiro dispersaram uma grande coleção do mobiliário e objetos de arte do Brasil

no século 19. A história das vendas é contada com brilho e são transcritos os inventários. **[575]**

Santos, Francisco Marques dos. *A sociedade fluminense em 1852 (Estudos Brasileiros,* Rio de Janeiro, ano 3, v. 6, nº 18, maio-jun., 1941, p. 201-289, 6 il.) F2501.E78

Fornece informações detalhadas extraídas, em sua maior parte, de jornais, sobre os hábitos da sociedade imperial nesse ano brilhante. Há trechos importantes sobre mobiliário e belas-artes. Ilustrada com retratos de senhoras por pintores como José Maximino Mafra e Fernando Krumholz, esta conferência foi pronunciada pelo autor no Instituto de Estudos Brasileiros em Petrópolis. O item 675 abrange o período que vai até 1816 na área acima, e é do mesmo autor. **[576]**

Santos, Francisco Marques dos. *Subsídios para a história das belas-artes no segundo reinado; as belas-artes na regência* (Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, v. 9, nºs 25-27, jul.-dez. 1942, p. 16-1500, 28 il.) DLC uncat.

Elementos sobre a arte no Rio de Janeiro, ano por ano, de 1831 a 1840, com muitas informações sobre as atividades da Academia. Muita documentação é tirada de jornais da época. **[577]**

Silva, Inocêncio Francisco da. Manuel de Araújo Porto-Alegre *(Dicionário bibliográfico português,* Lisboa, Nacional, 1860, v. 5, p. 364-366 & *suplemento,* Lisboa 1893, v. 9, p. 115-119). Z2720.S58

Biografia com lista de publicações. **[578]**

U. S. Centennial commission. Official catalog – 6th ed. Philadelphia, J. R. Nagle, 1876. 170 p.T825.D69

Apresenta uma lista de obras exibidas por brasileiros em escultura, óleo, aquarela, gravuras e desenhos (p. 121). **[579]**

Wolf, Ferdinand. L*e Brésil littéraire; histoire de la littérature brésilienne.* Berlin, A. Asher & Co., 1863.

Contém uma biografia de Manuel Porto-Alegre. **[580]**

a. Missão 1816

Benisovitch, Michel. *Biographies of Adrien-Aimeé, Auguste-Marie, Nicolas-Antoine, and Felix-Emile Taunay.* Thieme-Becker, *allgemeines lexikon der bildenden Künstler*, Leipzig, v. 32, 1938, p. 472-473). N40.T4

Um russo, amigo da arte brasileira, preparou aqui biografias admiravelmente concisas dos 4 membros da brilhante família Taunay, que veio ao Rio, de Paris, em 1816. Cada biografia é acompanhada por uma bibliografia e uma relação dos principais trabalhos do artista. **[581]**

Benisovith, Michel. *Brazils early painters: the French in Rio 125 years ago (Artnews*, New York, v. 41, nº 19, 15-31 jan. 1942, p. 25-26 & 35 6 il.) N1.A6

Texto bem escrito sobre a Missão de 1816 com talvez as melhores fotografias que já foram publicadas. **[582]**

Delpech, Adrien. *Une mission artistique au Brésil. La mission de 1816 (Rev. Amér. Latine*, Paris, v. 9, nº 37, jan. 1925, p. 1-4, nº 38, fév. 1925, p. 122-135). F1401.R45

Estudo breve mas importante pelos dados que contém sobre a mentalidade francesa dos artistas. **[583]**

Navarra, Ruben. *A missão de 1816 e o ensino artístico no Brasil (Cultura Política,* Rio de Janeiro v. 2, nº 11, jan. 1942, p. 282-285).

Trabalho condensado sobre a missão imperial. **[584]**

Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes. Exposição da missão artística francesa de 1816. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1940. 93. p. 25 il. DLC uncat.

Valioso catálogo de uma importante exposição. Contém biografias dos membros da missão, seus retratos e muitos de seus trabalhos em coleções particulares. A qualidade das ilustrações é regular. **[585]**

Taunay, Afonso de E. H*ouve em 1816 realmente uma missão artística? (Do Reino ao Império,* São Paulo, *Diário Oficial,* 1927, p. 141-164). F2536.E85

Algumas informações fortuitas sobre a famosa "missão artística" – extraídas de documentos existentes no Museu Paulista em São Paulo.

[586]

Taunay, Afonso de E. *A missão artística de 1816 (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* Rio de Janeiro, v. 74, 1911, p. 5-202, 12 il.) F2501.I59

Um dos estudos mais importantes sobre qualquer aspecto de arte na América Latina. O autor dá uma história detalhada sobre a célebre missão de artistas franceses convidados pelo Brasil a criar aqui uma escola nacional. Biografias e retratos. **[587]**

2. Arquitetura

Albun de vues du Brésil. Paris, A. Lahure, 1889. 94 il. DCU-IA

Album de gravuras de paisagens e arquitetura. **[588]**

Álbum do Amazonas. Manaus, 1901-1902. 79 p. 129 il. F2546.A34

Valiosas fotografias do famoso teatro, inclusive da parte interna.

[589]

Atri, Alessandro *d'Uomini e cose del Brasile.* Napoli, Aurelio Tocco, 1895-1896. 570 p. il. F2515.A85

De valor inestimável pelas suas descrições e ilustrações da arquitetura do século 19, inclusive desenhos de arquitetos. **[590]**

Auchincloss, William Stuart. *Ninety days in the tropics, or letters from Brazzil.* Wilmington, Delaware, 1874. 60 p. 9 il. F2513.A89

Contém fotografias originais de cidades brasileiras e de costumes de escravos negros. **[591]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *Espírito da sociedade imperial. História social do Brasil***,** v. 2. São Paulo, Nacional, 1937. 385 p. 8 il. (Brasiliana, nº 83) CtY

Contém uma parte sobre o aspecto de cidades, jardins e casas dos tempos do Imperío [p. 226-237]. As descrições são demasiado resumidas, porém, tendem a generalizações excessivas e algumas vezes inexatas; procura-se em vão detalhes sobre importantes monumentos isolados. Bibliografia. **[592]**

Cavalcanti, José Lins do Rego. *Engenho da Paraíba (Ilustração brasileira,* Rio de

Janeiro, v. 20, nº 89, set. 1942, p. 42-43, 4 il.) AP66.I6

Fotografias da fachada de uma casa de campo típica do século 19 – o Engenho do Oiteiro. **[593]**

Dória, Luís de Escragnolle. *Aristocracia rural (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 29, nº 20, 23 avr. 1938, p. 32-33, DLC uncat. 5 il.)

Importante artigo, enumerando muitas das grandes fazendas de café do Estado do Rio de Janeiro do século 19, com fotografias de exteriores e murais. O autor estuda, sobretudo, a casa de campo em Gavião, da poderosa família Clemente Pinto, perto da cidade de Vassouras. **[594]**

Pinto, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900.* Rio de Janeiro, Nacional, 1900. 57 p.

Cheio de informações sobre a arquitetura do século 19. **[595]**

Rego, José Lins do.

vide

Cavalcanti, José Lins do Rego.

Sampaio, Antônio Borges. *Igreja matriz de Uberaba (Rev. Arq. Púb, Mineiro,* Belo Horizonte, v. 7, nºs 3-4, jul-dez. 1902, p. 653-689, 2 il.) F2581.M66

História documentada de uma das primeiras igrejas no estilo neogótico. **[596]**

Santos, Francisco Marques dos. *Dom Pedro II e a preparação da maioridade (Estudos brasileiros,* Rio de Janeiro, ano 3, v. 7, nº 19-21, jul-dez. 1941, p. 7-140, 13 il.) F2501-E78

Estudo longo e detalhado das cerimônias e diversões por ocasião da coroação de D. Pedro II. O artigo é importante para o estudioso de arte brasileira por causa das descrições e ilustrações de velhos edifícios iluminados para as festividades e para o estudioso da história social do Brasil, por causa da riqueza de detalhes do vestuário e da etiqueta social do período 1840-1850. **[597]**

Soares, Antônio. *O Palácio do governo (Rev. Inst. Hist. Geo*.**,** Rio Grande do Norte, Natal, v. 27-28, 1930-31, p. 225-230).

Arquitetura do século XIX. **[598]**

Tschudi, Johann Jakob von. *Reisen durch Sudamerika.* Leipzig, F. A Brockhaus, 1866-1869. v. 1-3 & 4, il. F2513.T88

Contém descrições pitorescas e clichês de cidades e edifícios. **[599]**

Wright, Marie Robinson. *The new Brazil, its resoures and attractions.* Philadelphia. G. Barrie & son; London, C. D. Cazenova & son, 1901. 450 p. il. F2508.W95

Especialmente interessante quanto à arquitetura do século XIX. **[600]**

a. Bahia

Maximiliano, Imperador do México. *Bahia (Aus meinem leben,* Leipzig, Duncker & Humboldt, 1867, v. 6, 282 p.) F1233.M44

Notável descrição da cidade e do estado em 1860 com observações sobre arte brasileira e sobre a arquitetura e costumes observados na Bahia na ocasião. Tradução inglesa, Bahia [*Recollections of my life,* London, R. Bentley, 1868, v. 2, p. 97-291]. **[601]**

Quirino, Manuel Raimundo. *Teatros da Bahia (Rev. Inst. Geo. Hist*.**,** Bahia, v. 16, 1909, p. 117-134). F2551-I59

Compreende uma descrição da arquitetura e decoração do velho Teatro de São João. **[602]**

Tollenare, L. F. *As notas dominicais (Rev. Inst. Geo. Hist*., Bahia, v. 14, 1907, p. 35-127). F2551-I59

Algumas descrições de cidades baianas. Esta é a primeira edição por Alfredo de Carvalho. **[603]**

Torres, João Nepomuceno. *A antiga ponte de Cachoeira (Rev. Inst. Geo. Hist.*, Bahia, v. 11, 1904, p. 121-125).F2551.159

Nota sobre um monumento de 1819 mais ou menos. **[604]**

Vilhena, Luís dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em xx cartas.* Bahia, Imprensa Oficial, 1921. 2 v. 32 il.

Publicação de um importante manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que descreve o aspecto de Salvador em 1802. Há muitos dados precisos sobre igrejas, fortes e outros edifícios e belos desenhos da catedral, fortificações e um panorama do porto. **[605]**

b. Pernambuco

Freire, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940. 218 p. 14 il. (Coleção Documentos Brasileiros, 26). F2659-F8V3

Neste livro Freire descreve a montagem de sua edição do diário de Vauthier, engenheiro francês. Ele conta minuciosamente as realizações de Vauthier em Pernambuco e procura discutir todo o problema das importações culturais francesas em princípios do século 19 no Brasil. A esse respeito ele cita muitas peças valiosas extraídas dos jornais da época. **[606]**

Luis Vauthier e o seu diário inédito de uma viagem ao Brasil. *(Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac***.** Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1937, p. 155-162). F2501-B795

Notas de uma descrição recentemente encontrada da viagem dos jovens engenheiros franceses Vauthier e Bolitreau em 1840 ao Recife, onde deveriam construir o teatro Santa Isabel e outras obras. **[607]**

Mansfield, Charles Blackford. *Paraguay, Brazil, and the Plate; letters written in 1852-1853.* Cambridge, Macmillan, 1856. 504 p. il. F2671-M28

Muitas descrições de casas particulares na região do Recife. **[608]**

Peretti, J., Teles Júnior. *Notícias sobre o engenheiro L.L. Vauthier (Fronteiras,* Recife, v. 9, nº 3-4, mar.-abr. 1940, p. 6, 1 il.)

Nestas resumidas notas há uma bela litografia do século 19 representando a ponte pênsil de Vauthier, em Caxangá. **[609]**

Vauthier, Louis Léger. *Diário íntimo do engenheiro Vauthier, 1840-1846, (Publ. Serv. Patr. Hist. Art. Nac***.** nº 4, Rio de Janeiro, 1990, 214 p. 18 il.) TA140.V3A3

Diário do engenheiro francês que chefiou a "missão técnica" de 1840 e mais tarde construiu o teatro de Recife. Como só abrange os seus dois primeiros anos no Brasil, não é especialmente útil para estudo de arquitetura. **[610]**

Vauthier, Louis Léger. *Les maisons d'habitations au Brésil (Rev. Gên. Arch. Trav.*

Pub., Paris, v. 11, 1853, p. 118-131 & 171-174 & 246-256 & 291-366, 15 il.) NA2.R4

Descrição da tradição da construção residencial no Norte do Brasil por um engenheiro francês que trabalhou em Pernambuco (1840-1846). Ele descreve os típicos sobrados e casas de campo, quarto por quarto. **[611]**

c. Petrópolis

Kesey, Vera. *Petrópolis, summer capital of Brazil (Travel in Brazil*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1941, p. 16-19, 4 il.) DLC uncat.

Belas fotografias, compreendendo entre elas o Palácio Rio Negro. **[612]**

Klumb, Henry. *Doze horas em diligência; guia do viajante de Petropolis a Juiz de Fora*, Rio de Janeiro, J.J. da Costa Pereira Braga, 1872. 87 p. 31 il. F2611.K58

Litografias valiosas do palácio de Petrópolis. **[613]**

O palácio imperial de Petrópolis; documentos sobre sua construção. (*Anu. Mus. Imperial*, nº 2, Petrópolis, Nacional, 1941, p. 203-230).

Documentos de valor inestimável sobre as atividades do arquiteto Rebelo na construção do palácio imperial. **[614]**

Sodré, Alcindo. *Dom Pedro II em Petrópolis. (Anu. Mus. Imperial*, nº 1, Petrópolis, Nacional, 1940, p. 7-46, 20 il.)

As ilustrações deste artigo constituem excelentes vistas do palácio de Petrópolis, inclusive vários detalhes de tetos estucados. **[615]**

Taunay, Carlos Augusto. *Viagem pitoresca a Petrópolis, para servir de roteiro aos viajantes*. Rio de Janeiro, E. & H. Laemmert, 1862. 144 p. 6 il. 1 map. F2651.P45T3

O principal valor desta obra são as litografias que contém de prédios em Petrópolis. **[616]**

d. Rio de Janeiro

Albes, Eduardo. *Rio de Janeiro (Bol. Un. Panamer*., Washington, v. 45, nº 2, ag. 1917, p. 177-202, 13 il.) F1403.B957

Fotografias de edifícios suntuosos do século 19. **[617]**

Álbum do Rio de Janeiro moderno. Rio de Janeiro, S. A. Sisson, n. d. 21 il. color. DCU-IA

Litografias coloridas de célebres edifícios do século 19 no estilo de D. Pedro II. **[618]**

Álbum pitoresco do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, E. Laemmert, 1840.

Rica coleção de gravuras *costumbristas*. **[619]**

Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Palácio Itamarati; resenha histórica e guia descritiva. Rio de Janeiro, 1942. 70 p. 27 il.

Bela monografia contendo excelentes fotografias da parte interna deste grande palácio do século 19, com um texto descritivo por Joaquim de Sousa Leão Filho e outros. **[620]**

Dória, Luís de Escragnolle. *O Hospital Geral da Misericórdia (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 39, nº 51, 26 nov. 1938, p. 18, 1 il.) DLC uncat

O autor reproduz aqui a história do grande hospital neoclássico da

rua de Santa Luzia, no Rio, iniciado em 1841, com desenho do engenheiro arquiteto José Maria Jacinto Rabelo, discípulo de Grandjean de Montigny. **[621]**

Dória, Luís de Escragnolle. *A Igreja da Conceição (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 43, nº 36, 5 set. 1942, p. 16-17, 6 il.)

Uma interessante adaptação do estilo colonial do século 19 numa igreja metropolitana do Rio de Janeiro. **[622]**

Dória, Luís de Escragnolle. *A Igreja do Bom Jesus (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 43, nº 50, 12 dez. 1942, p. 20-21, 4 il.)

Interessante trabalho sobre o pouco que se conhece dessa igreja de fins do século 18, notável pela estreita relação que existe entre ela e a igreja de São Julião, em Lisboa, da mesma época. **[623]**

Dória, Luís de Escragnolle. *O observatório do Castelo (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 12, 22 mar. 1941, p. 18, 1 il.) DLC uncat

O observatório imperial foi instalado em 1846 numa igreja não terminada de jesuítas no Morro do Castelo. Uma gravura da época, talvez de Moreau-Javelot mostra o edifício em ruínas. **[624]**

Laemert, Eduardo von. *Guia do Rio de Janeiro ou indicador alfabético da morada dos seus principais habitantes.* Rio de Janeiro, E. & H. Laemmert, 1857. 61 p.

De valor inestimável para estudo do que resta de arquitetura imperial. Uma vez que o índice é organizado em seqüência alfabética dos nomes dos proprietários apenas, o leitor precisa fazer o seu próprio índice de ruas. **[625]**

Maia, Raimundo de Castro. *A Glória (Sombra*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 12, nov. 1942, p. 36-39, 10 il.) DLC uncat

Algumas vistas encantadoras (século 19) desta igreja e da praia, algumas das quais se acham em poder do autor. **[626]**

Napoleão, Aluísio. *Itamarati Palace (Travel in Brazil*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1942, p. 1-9, 9 il.) DLC uncat

A história da construção do Itamarati com grandes fotografias por Stelle dos bustos de diplomatas que o decoram. **[627]**

A Praça Tiradentes *(Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 43, nº 14, 4 abr. 1942, p-45, 5 il) DLC uncat.

Algumas vistas antigas da praça e do teatro de São Pedro de Alcântara. **[628]**

Quinta da Boa Vista (*Sombra*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 4, jun./jul. 1941, p. 24-27, 5 il.) DLC uncat.

Belos quadros do palácio de D. Pedro II no Rio de Janeiro, agora Museu Nacional. **[629]**

Ríos, Adolfo Morales de los (Filho). *Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira.* Rio de Janeiro, Noite, 1941. 315 p. 152 il. DLC uncat.

Importante biografia do notável arquiteto neoclássico no Brasil, Auguste-Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850). Há também trechos dedicados às belas-artes no século colonial e em princípios do século 19. **[630]**

Ríos, Adolfo Morales de los (Filho). *Vida de Grandjean de Montigny, primeira*

fase (Jorn. Com., Rio de Janeiro, 20 jul. 1941, p.6)

Extrato do livro de Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira. **[631]**

Santos, Luís Gonçalves dos. *Memórias para servir à história do reino do Brasil.* Lisboa, Imprensa Régia, 1825. 2v. il.

O autor, o famoso Padre Perereca, consigna importantes e curiosas informações sobre o aspecto do Rio de Janeiro na época. **[632]**

Dória, Luís de Escragnolle. *A Praia Vermelha (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 39, nº 11, 19 fev. 1938, p. 16-17, 7 il.) DLC uncat

Relato importante do desenvolvimento dessa praia histórica no Rio. O autor reproduz sua história desde a edificação do Hospício de D. Pedro II em 1842 até a Exposição de 1908 e inclui uma planta para as propostas mudanças futuras. **[633]**

O jardim do campo de Santana *(Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 39, nº 6, 15 jan. 1938, p. 19-21, 17 il.) DLC uncat.

Histórico e descrição deste belo parque antigo no centro do Rio de Janeiro, o qual foi projetado pelo botânico francês Glaziou em 1873. **[634]**

3. Urbanismo

Moura, A. *Guia do Rio de Janeiro,* 2 ed. Rio de Janeiro, A. Moura, 1914? 301 p. il. maps. F2646.M92

Dados sobre a arquitetura e urbanização do século 19, compilados originalmente para a Exposição de 1908. **[635]**

4. Pintura

The art of the Central and South American States *(Exposition universelle,* 1900, The chefs-doeuvre, Philadelphia, G. Barrie & Son, 1901, v. 3., sec. 2, p.77-92). N4.804.A2

Embora sucinto, este é um dos relatos mais completos sobre a pintura brasileira de fins do século 19. **[636]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Biografia de Francisco Manuel Chaves Pinheiro (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 63, pt. 2, 1902, p. 165-172). F2501.159

Notas sobre um pintor do século XIX. **[637]**

Barata, Mário. *Luís Augusto Moreau, o Largo da Misericórdia e outras cousas (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 6, 8 ve. 1941, p. 21-37, 1 il.) DLC uncat

Moreau, pintor francês no Rio de Janeiro de 1840-1875, publicou em 1845, com Louis Buvelot, um álbum de litografias (*Rio de Janeiro Pitoresco***,** Heaton e Rensburg), que, como as obras de Rugendas, Debret e outros, é de valor para a história da arquitetura brasileira. Deveria ser reimpresso. O autor descreve a Santa Casa da Misericórida do Rio de Janeiro (1851) e a igreja (1705-1733). **[638]**

Braga, Teodoro. *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará; estudos e documentos para a execução da grande tela histórica pintada pelo autor.* Belém, Secção de Obras da Província do Pará; 1908. 94p. F2651.B4B8

Sobre a pintura de uma célebre tela histórica; documentação valiosa. **[639]**

Burford, Robert. *Description of a view of the city of St. Sebastian and the bay of Rio de Janeiro now exhibiting in the Panorama.* Leicestersquare. London, J. & C. Adlard, 1827. 12p. 1 il. F2646.B95

Trata principalmente de um panorama do porto indicando a linha costeira. O quadro foi composto por Burford de desenhos feitos em 1823. Há uma descrição dos principais monumentos do Rio de Janeiro. **[640]**

Coelho Neto, Henrique Maximiano. *As belas-artes.* (Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. *Livro do Centenário, 1500-1900,* Rio de Janeiro, Nacional, 1901, v. 2., p. 3-77). DCU-IA, CSt, ICN

O mais detalhado estudo que existe da pintura brasileira do século 19, com alguns dados sobre o período colonial. **[641]**

Um discípulo de Detaille no Brasil *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 29, nº 30, 2 jul. 1938, p. 17, 5 il.) DLC uncat

Ilustrações dos trabalhos de Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro (1865-1915), discípulo em Paris do pintor militar Detaille. **[642]**

Dória, Luís de Escragnolle. *Augusto Duarte (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 35, 1941, p. 28, 2. il) DLC uncat

Muitos dados sobre o pintor (1848-1888) que granjeou fama na exposição de Paris em 1878 com seu quadro *A Morte de Atala*, atualmente no Museu Nacional de Belas-Artes. **[643]**

Dória, Luís de Escragnolle. *Nosso primeiro salão (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 39 nº 52, 3 dez. 1938, p. 18, 2 il.) DLC uncat

Descrição da primeira exposição artística oficial realizada no Rio de Janeiro em 5 de novembro de 1826. **[644]**

Ferreira, Atos Damasceno. *Imagens sentimentais da cidade.* Porto Alegre, Globo, 1940. 194 p. 23 il. F2651.P8D25

Há uma série excelente de desenhos detalhados de velhos edifícios e vestuários por João Faria Viana. **[645]**

Ferrez, Marc. *Quadros da história pátria; fototipias de Marc Ferrez.* Rio de Janeiro, H. Lombaerts, 1891. 21 il. F2521.F38 Of.

Álbum de más reproduções de retratos e pinturas históricas do século XIX. **[646]**

Fleiuss, Max. *A fundação da cidade (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 13, 29 mar. 1941, p. 21, 4 il.) DLC uncat

Interessante porque ilustra a Trasladação da Cidade do Rio de Janeiro para o Morro do Castelo, 1567, pelo pintor Firmino Monteiro (1855-1888). Há também uma fotografia do artista. **[647]**

Freire, Laudelino de Oliveira. *Galeria histórica dos pintores no Brasil,* Rio de Janeiro, Liga marítima brasileira, 1914-1916. 153 p. il. NN

Reproduções dos trabalhos de 17 notáveis pintores do século 19 publicadas em 15 fascículos separados com retratos de muitos dos pintores e biografias resumidas. A qualidade da reprodução é boa e muitos dos trabalhos nunca foram publicados desde então. **[648]**

Guimarães, Luís Caetano Pereira (Júnior). *Pedro Américo.* Galeria brasileira. Rio de Janeiro, H. Brown & J. de Almeida, 1871. 128 p. ND359.F5G8

Biografia longe de ser completa. Raridade bibliografica. **[649]**

Hercules Florence e as cavalhadas de 1830 em Sorocaba *(Ilustração brasileira*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 31, nov. 1937, p. 30, 3 il.) AP66.16 **[650]**

Heymann, Roberto. *Aquarelas inéditas de J. B. Debret relativas ao Brasil.* Paris, Casa brasileira, 1939. 8 il.

Oito reproduções em tamanho natural de cenas brasileiras com uma página de dados bibliográficos sobre as mesmas. As aquarelas acham-se agora na coleção de Raimundo de Castro Maia no Rio de Janeiro. **[651]**

Kelly, Celso. *Quem era Debret; um artista do século XIX revivido nos dias de hoje? (Vamos ler.* Rio de Janeiro, v. 5, nº 180, 11 jan. 1940, p. 26-27 & 28, 5 il.)

Biografia sucinta e popular do notável pintor francês que veio ao Brasil com a Missão Cultural em 1816. **[652]**

Leão, Joaquim de Sousa (Filho). *O paisagista Eduardo Hidelbrandt no Brasil (Rev. Semana***,** Rio de Janeiro, v. 38, nº 24, 1937, p. 16-17, 7 il.) DLC uncat

Aquarelas e paisagens do Rio de Janeiro que se acham atualmente na coleção Hoffbauer do Museu Nacional de Berlim. O autor discute com extrema precisão sobre a carreira desse pintor quase desconhecido que visitou o Brasil em 1844, a pedido de Frederico Guilherme IV, da Prússia, e sobre a importância de sua obra de reconstruir o aspecto do Rio naquela época. **[653]**

Lellis, Carlindo. *Um artista desconhecido;. Vicente de Micolta (Rev. Arq. Púb. Mineiro***,** Belo Horizonte, v. 7 nºs 3-4, jul.-dez. 1902, p. 647-651). F2581.M66

Apreciação sobre um pintor e escultor religioso pouco conhecido, de origem espanhola, que faleceu em 1900. **[654]**

Martins, Luís. *Almeida Júnior (Rev. Arq. Mun.*, São Paulo, ano 6, v. 66, abr.-mar. 1940, p. 5-22, 9 il). F2651.S2R4

Estudo simpatizante de um grande pintor de São Paulo do século 19, o qual, a despeito do estilo acadêmico francês, imortalizou essencialmente o assunto regional. **[655]**

Medeiros, Bianor de. *Feições artísticas.* Recife, M. Nogueira de Sousa (1907). 27 p. 27 il. DCU-IA

Preciosa série de notas sobre pintores da escola de Pernambuco, com suas fotografias. **[656]**

Milliet, Sergio.

vide

Silva, Sérgio Milliet da Costa e.

Morais, Alexandre José de Melo. *Crônica geral e minuciosa de império do Brasil.* Rio de Janeiro, Dias da Silva Júnior, 1879, 208 p. NN, MH, NjP, RPB

Compêndio de informações gerais sobre ruas, edifícios, monumentos, comércio, nos dias do império (principalmente na capital). Contém muitos dados históricos. **[657]**

O Museu de Belas-Artes enriquecido de novas obras de arte *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 75, jul. 1941, p. 10-11, 4 il.) PA66.16 4 il).

Recentes aquisições acadêmicas que enriquecem a coleção nacional, inclusive *Maternidade,* por Henrique Bernardelli no século XIX. **[658]**

Paranhos, José Maria da Silva (Barão do Rio Branco). *Les beaux-arts. (Levasseur, E. Le Brésil... accompagné d'un album de vues du Brésil executé sous la direction de M. Rio Branco,* Paris, Lamirault, 1889, V. 1. p. 59-61, 7 il F2513.LL65

Algumas palavras sobre a arte holandesa e colonial admiradas por um conhecedor do século 19, que acredita, porém, que "la culture des arts n'est pas suffisamente développé **[659]**

Pastonis, Carlos Torres. *A pintura de Pedro Américo (Cultura política*, v. 2, nº 19, set. 1942, p. 198-200, 5 il.)

Compacta biografia informativa. A escolha das ilustrações é estranha. **[660]**

Peretti, J. Teles Júnior (*Fronteiras*, Recife. V. 19, nº 3-4, mar.-abr. 1940, p. 1-2, 1 il.)

Comentários sobre o conhecido paisagista pernambucado do século 19, cujas telas parecem obedecer à tradição de Frans Post. **[661]**

Ramos, Argeu. *Pedro Américo e as inquietudes do gênio (Planalto***,** São Paulo), v. 1, nº 13, 15 nov. 1941, p. 11, 2 il) DLC uncat.

Notas esparsas sobre alguns acontecimentos da carreira do mais conhecido pintor de batalhas do Brasil. **[662]**

Rangel, de S. Paio. *O quadro da batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos.* Rio de Janeiro, S. J. Alves, 1880. 372 p. ND 359.M5R2

Esboço biográfico de Vítor Meireles, pintor brasileiro do século 19, cuja série de quadros de batalha teve grande voga; e especialmente da tela representando a vitória do século XVII dos portugueses sobre os holandeses em Pernambuco. **[663]**

Ribeiro, Flexa. *A Bíblia e o ciclo dos santos na pintura brasileira (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 28, ago. 1937, p. 19-20, 30 il.) AP66.16

Almeida Júnior e Sousa Carneiro como pintores religiosos. Trivial. **[664]**

Ribeiro, Flexa. *No centenário de Zeferino da Costa (Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, V. 18, nº 62, jun. 1940, p. 19 il.) AP66.I6

Notas sucintas mas valiosas sobre um grande pintor acadêmico (1840-1915). **[665]**

Ribeiro, Flexa. *No ciclo da paisagem brasileira (Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 90, out. 1942, p. 6-7, 2 il.)

Valioso principalmente porque reproduz a *Volta para o curral* de Batista da Costa. **[666]**

Ribeiro, Flexa. *Dois mestres, Vítor Meireles 1832-1903, Pedro Américo, 1843-1905 (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 79, nov. 1941, p.19-20, 4 il. color) AP66.I6

Notas sobre a exposição comemorativa da obra desses dois românticos brasileiros, realizada no Museu Nacional de Belas-Artes. Ilustradas com pinturas antigamente pertencentes à coleção Fonseca Hermes no Rio. **[667]**

Ribeiro, Flexa. *A epopéia da independência no ciclo das artes (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 16, nº 41, set. 1938, p. 10-11, 5 il) AP66.I6

Compara D. Pedro I a Napoleão I como patrono da arte. Boas fotografias da aquarela de Pallière em que figuram D. Pedro e D. Amélia

em carruagem e a *Proclamação* de F. R. Moreau, existentes na Sala da Congregação da Escola de Belas-Artes. **[668]**

Ribeiro, Flexa. *A luz e o movimento na pintura brasileira (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 25, maio 1937, p. 18-20, 4 il.) AP66.I6

Chama-se atenção para a obra de Modesto Brocos, nascido em Espanha, mas que residiu no Brasil, cuja habilitação em reproduzir a luz exterior antes do Movimento Impressionista brasileiro, contrasta com as telas sem vida de seus contemporâneos, Amoedo, Almeida Júnior e Vítor Meireles. **[669]**

Ribeiro, Flexa. *Rosalvo Ribeiro, 1868-1915 (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 17, nº 64, out. 1939, p. 24-25, 3 il.)

Um discípulo brasileiro de Detaille e Bonnat, pouco conhecido. **[670]**

Rubens, Carlos. *Andersen; pai da pintura paranaense.* São Paulo, G. Carvalho, 1939. 189 p. 5 il. ND773.A5R8

Biografia bem escrita do impressionista Alfredo Andersen, com um capítulo sobre seus discípulos. **[671]**

Rubens, Carlos. *Bibliografias artísticas: João Zeferino da Costa e Rosalvo Ribeiro* (*Euclides*, nº 3 e nº 5, 1 to. e 1 nov. 1940, p. 41 e 79). **[672]**

Rubens, Carlos. *Um mestre da pintura brasileira; Rosalvo Ribeiro.* Rio de Janeiro. Laemmert, n.d. 51 p. 9 il.

Ensaio de apreciação de um pintor do século 19. **[673]**

Saint Louis. *Louisiana purhase exposition, 1904. Official catalogue of exhibitors;* Department B, art. Rev. ed. St. Louis, Official catalog co., 1904. 300 p. N4860.A62

Relação de 167 pinturas, desenhos, esculturas e gravuras expostas. Tomaram parte, entre outros, os pintores Modesto Brocos, Eliseu Visconti e Pedro Weingartner. **[674]**

Santos, Francisco Marques dos. *O ambiente artístico fluminense à chegada da missão francesa em 1816 (Rev. Serv. Part. Ist. Art. Nasc.* Rio de Janeiro, nº 5, 1941, p. 213-240, 26 il.) F2501.B795

É dispensada especial atenção a um trabalho até agora desconhecido do *costumbrista* português, Joaquim Cândido Guillobel (1787-1859) cujo álbum de 1814, pertencente a um diplomata brasileiro, Caio de Melo Franco, contém cerca de 60 brilhantes desenhos de tipos brasileiros da época. **[675]**

Santos, Francisco Marques dos. *Dois artistas franceses no Rio de Janeiro (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.* Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1939, p. 123-148, 6 il.) F2501.B795

Duas biografias de artistas secundárias franceses, Armand-Julien Pallière e Louis Aléxis Boulanger, que vieram ao Rio de Janeiro para pintar e fazer litografias em princípios do século 19. O estudo é feito com a profundeza e encanto que caracterizam, os trabalhos do autor. **[676]**

Sette, Mário. *História dos retratos no Recife (Cultura Política,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 14, abr. 1942, p. 259-261.

Refere-se a fotógrafos de retratos do século 19. **[677]**

Silva, Antônio Joaquim Pereira da. *O quadro histórico da fundação da Escola de Medicina do Rio de Janeiro (Rev. Inst. His.*

Geo. Bras. Rio de Janeiro, v. 74, pt. 2, 1911, p. 263-276, 1 il.) F2501.I59

Versa sobre o célebre quadro de Manuel de Araújo Porto-Alegre. **[678]**

Silva, Sérgio Miliet da Costa e. *Ensaios.* São Paulo, Brasileira, 1938. 251p. PQ 9697.M59E5

Vários ensaios desta coleção fazem alusão à arte brasileira. *Almeida Júnior* (p. 142-151), um dos maiores pintores brasileiros do século 19 tem a sua biografia esboçada nestas páginas. **[679]**

Siqueira, Luís. *Zeferino da Costa (Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 6, nº 61-62, ago.-set. 1940, p. 4, 1 il.)

Esboço biográfico, sucinto, mas profundo. **[680]**

Siqueira, Paulo Alves de. *Três grandes pintores brasileiros; traços críticos e biográficos.* São Paulo, Revista dos Tribunais, 1937. 30 p. 13 il.

Três pequenos, mas entusiásticos estudos dedicados a três pintores do século 19: Pedro Américo, Pedro Alexandrino e Almeida Júnior. Falta ao livro um estudo real dos métodos e técnica dos pintores, mas ele contém uma descrição introdutória significativa da situação da arte moderna no Brasil. **[681]**

Smith, Robert C. *Meninos imperiais (Sombra,* Rio de Janeiro, v. 2, nº. 12, nov. 1942, p. 22-25, 4 il.) DLC uncat.

Refere-se a um grupo de retratos do jovem D. Pedro II e suas irmãs por Simplício de Sá na Biblioteca Oliveira Lima na Universidade Católica da América. **[682]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Documentos sobre a vida e a obra de Nicolau Antônio Taunay (1755-1830), um dos fundadores da Escola Nacional de Belas-Artes (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* Rio de Janeiro, v. 78, pt. 2 (1915), 1916, p. 9-140, 5 il.) F2501.I59

Estudo muito importante, apresentando dados biográficos e um catálogo descritivo de sua obra. **[683]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Vistas de há um século (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 17, nº 56, dez. 1939, p. 23, 4 il.) AP66.I6

Singelas aquarelas de Miguel Arcanjo Benício de Anunciação Dutra ilustrando a cidade de Itu (São Paulo). Foram executadas entre 1835 e 1855 e se acham agora no Museu Paulista em São Paulo e no Museu Republicano da Convenção de Itu. Muitos são estudos detalhados de edifícios coloniais. **[684]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Documentação sobre cavalhadas (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 22, e 25 fev. e maio 1937, p. 14-16, 5 il. e 10-11, 5 il. AP66.I6

Desenhos e cópias modernas, representando cavalhadas em Sorocaba em 1860. São da autoria de Hercules Florence (1805-1879), naturalista francês que viveu muito tempo em São Paulo. Acham-se agora no Museu Paulista. **[685]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Nicolas-Antoine Taunay (Staryje gody,* Petrograd, dec. 1910, p. 27-38, 7 il.)

Importante biografia de um dos principais membros da Missão de 1816. Publicado em russo. **[686]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde. *Céus e terras do Brasil.* São Paulo,

Melhoramentos de São Paulo, 1929. 111 p. 5 il. F2513.E845

Esta oitava edição do livro tem boas reproduções de uma série de aquarelas de romântico "gótico" de paisagens brasileiras pelo autor. **[687]**

5. Artes Gráficas

Almeida, José Ricardo Pires de. *Brazil álbum.* Rio de Janeiro, Leuzinger, 1908. 2 v. il. DCU-IA

Reproduções das litografias de Rugendas (item 710). **[688]**

Biard, François-Auguste. *Deux années au Brésil.* Paris, L. Hachette, 1862. 673 p. 180 il. 1 map. F2513.B57

As vinhetas de M. Biard e E. Riou são excelentes, representando costumes de brancos e negros em meados do século 19. **[689]**

Bougainville, Hyacinthe Yves Phillippe Potentin. *Journal de la navégation autour du globe de la frégate la* Thétis *et de la corvette* l'Esperance *pendant les années 1824, 1825, et 1826.* Paris, A. Bertrand, 1835. v. 1. 49 il. some color. G420.B75

Uma série de litografias de paisagens e de arquitetura segundo E. B. de la Touaune. **[690]**

Callcott, Maria Graham. *Journal of a voyage to Brazil and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823.* London, Longman, Jurst, Rees, Orme, Brown, & Green, 1824. 335 p. il., color. F2513.C14

Gravuras e descrições *costumbristas* célebres da arquitetura no Norte. **[691]**

Como a imprensa carioca recebeu a República *(Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 46, 15 nov. 1941, p. 26-27, 10 il.) DLC uncat.

Caricaturas políticas de 1889-1890. **[692]**

Denis, Jean-Ferdinand. *Brasilien.* Stuttgart, E. Schweizerbart, 1836-38. 406 p. 92 il. map. F2513.D43

Importante pelas suas litografias de cidades e paisagens brasileiras. **[693]**

Fleiuss, Max. *A caricatura no Brasil (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* Rio de Janeiro, v. 80, 1916, p. 587-609). F2501.i59

Importante principalmente pelas relações que contém de jornais ilustrados do século 19 em que eram publicadas caricatura políticas. **[694]**

Fonseca, Gondin da. *Biografia do jornalismo carioca; 1808-1908.* Rio de Janeiro 1941. 416 p.

Contém uma valiosa relação de caricaturistas da época. **[695]**

Freycinet, Louis-Claude Desaulses de. *Voyage autour du monde.* Paris, Imprimerie Royale, 1824-1844. 7 v. atlas. Q115.F89

Uma parte da viagem da *Uranie* em 1819 é dedicada ao Brasil, com descrições e gravuras. **[696]**

Hall, George L. *Views f. Rio de Janeiro from sketches.* London, Macluse, Macdonald & Macgregor, n.d. 5 il. color. DCU-IA

Pequena coleção de litografias de paisagens. **[697]**

Lembrando o velho Rio *(Sombra*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 4, jun-jul. 1941, p. 30-31, 6 il.) DLC uncat.

Publica algumas deliciosas litografias de viagem de Louis Buvelot e Auguste Moreau. **[698]**

Mariano, José (filho). *O Brasil do século 19, através do documentário de Jean-Baptiste Debret (Jorn. Com.* Rio de Janeiro, 2 fev. 1941, p. 5) DLC

Interessante apreciação de um manancial de informações sobre arquitetura, trajes e costumes da época encontrado em *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil.* **[699]**

Maximilian, principe de Wied-Neuwied. *Reise nach Brasilien in den Iahren 1815 bis 1817.* Frankfurt am Main, H. L. Brönner 1820-1821. 2 v. 7 atlas, 41 il. 5 color. 2 v. 7 atlas, 41 il. 5 color, 3 maps. F2511.W62

Descrições e gravuras de assuntos *costumbristas* e de arquitetura. Tradução francesa, *Voyage au Brésil dans les années* 1815-1816 et 1817. Paris, Bertrand, 1821-1822, 3 v. & atlas, 41 il. 5 color. 3 maps. **[700]**

Nicolle, Edward. *Panoramic views of Rio de Janeiro and its surrounding scenery, lithographed by James Dickson from paintings by the late Le Copelain.* Liverpool, Baines & Herbert, 184-? 10 il. F2646.N64

Estas litografias em belo tipo de álbum, algumas das quais mostram a cidade de pontos fora do comum, são especialmente interessantes para comparação com panoramas da época. **[701]**

Prudente de Morais e o seu quatriênio acidentado; como a imprensa ilustrada via o Presidente da República. *(Rev. semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 40, 4 out. 1941, p. 23-27, 12 il.) DLC uncat.

Um panorama de caricatura política de 1890-1900. **[702]**

Radiguet, Maximilien-René. *Souvenirs de l'Amérique espagnole: Chili, Pérou, Brésil,* Paris, M. Lévy, 1856. 308 p. F3423.R12 **[703]**

Ribeiro, Flexa. **Um artista russo no Pará** *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 21, jan. 1937, p. 18-20, 6 il.) AP66.I6

As caricaturas de D. O. Widhopff que em 1894-96 publicou um jornal – *O Mosquito* – no Pará, valem porque descrevem os costumes e os trajes do lugar. **[704]**

Ribeyrolles, Charles. *Brasil pitoresco.* São Paulo, Martins. 1941. 2 v. 74 il. Biblioteca Histórica Brasileira, nº 6). F2521.R483

Edição recente de uma obra famosa do século dezenove, com descrições e boas reproduções das litografias originais de Victor Frond. **[705]**

Riberyrolles, Charles. *Brazil pittoresco; história-descripções -- viagens -- instituições -- colonização.* Rio de Janeiro, Nacional, 1859-1861. 2 v. 69 il.) F2521.R48

Especialmente interessante pelo atlas separado de litografias de Victor Frond, muitas das quais ilustram a arquitetura nacional do século 19, inclusive a de algumas fazendas. **[706]**

Rio de Janeiro e seus arrabaldes. Rio de Janeiro, E. Rensburg, 1857. 24 il. F2646.R46

Vinte quatro litografias, sendo todas, exceto uma, assinadas: P. Bertischem. **[707]**

Rio Grande Sul. Biblioteca. Álbum de gravuras do Brasil; meados do século XIX. Rio Grande do Sul, 1937. 17 il. NN, NNC

Dezessete reproduções de desenhos originais datados de 1840-1850 existentes na coleção da Biblioteca Estadual do Rio Grande do Sul, representando a topografia do Rio de Janeiro e cenas da vida rural em torno da capital. **[708]**

Rubens, Carlos. *A glória póstuma de Henrique Fleiuss (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 41, nº 20, 18 maio 1940, p. 23, 5 il) DLC uncat.

Notícia da obra de um desenhista-litógrafo alemão que veio ao Brasil em 1958 e fundou a popular *Semana Ilustrada,* que durou até 1876 e depois a *Ilustração Brasileira.* **[709]**

Rugendas, Johann Moritz. *Voyage pittoresque dans le Brésil.* Paris, Engelmann, 1835. 4 v. 100 il. F2513.R92

Importante coleção de litografias de assuntos de arquitetura e topográficos por um célebre artista *costumbrista* alemão. Tradução portuguesa "Viagem pitoresca através do Brasil", S. Paulo, Martins, 1940, 205 p. 110 il. **[710]**

Santos, Francisco Marques dos. *José Joaquim Viegas de Meneses precursor da gravura em Minas. (Rev. Serv. Patr. Hist. Art. Nac.,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 1938, p. 229-239, 2 il.) F2501.B795

Interessante comentário sobre o padre Viegas de Meneses (1778-1841), que aprendeu sua arte em Lisboa e voltou para Ouro Preto, onde nascera, e produziu não só gravuras de santos e de figuras políticas, mas provavelmente quadros a óleo e trabalhos em porcelanas. **[711]**

São Paulo. Departamento de Cultura. Coleção Rugendas. São Paulo, 1940. 2 v. il.

Introdução em 3 páginas por Nuto Santana, e gravuras dos originais de Rugendas. **[712]**

Série de 14 vistas do Rio de Janeiro... litografias por Eugène Cicéri. Paris, Lemercier, 1852. **[713]**

Vasconcelos, Clodomiro de. *História do Estado do Rio de Janeiro; resumo didático.* São Paulo, Melhoramentos, 1928. 222 p. 225 il. F2611.V32

De valor inestimável pelos retratos e ilustrações *costumbristas* que contém. **[714]**

6. Escultura

Bronzes errantes *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 40, nº 37, 19 ag. 1939, p. 18-19, 10 il.) DLC uncat.

Refere-se a algumas estátuas do Rio de Janeiro do século 19 que foram mudadas de um lugar para outro. **[715]**

Dória, Luís de Escragnolle. *Almeida Reis (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 29, nº 44, 8 out. 1938, p. 16, 1 il.) DLC uncat.

Notas úteis a respeito do escultor carioca, Cândido Caetano de Almeida Reis, em comemoração ao centenário de seu nascimento. **[716]**

Espólio literário de Generino dos Santos. *Humaníadas,* Rio de Janeiro, Rodrigues, 1939. 225 p. 29 il.

Interessante biografia de um escultor acadêmico do século 18, C.C. Almeida Reis. Há uma seção especial dedicada às suas relações com o Movimento Positivista em Portugal. **[717]**

Morais, Alexandre José de Melo (filho). *Artistas do meu tempo.* Rio de Janeiro, Garnier, 1904. 184 p. 8 il.NNMMº

Contém material sobre Almeida Reis (p. 1-8). **[718]**

Por que o General Osório na estátua está sem botas? *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 26, 28 jun. 1941, p. 9, 4 il.) DLC uncat.

O escultor Rodolfo Bernardelli omitiu as botas porque o General Osório não podia usá-las por ter as pernas mutiladas. Mas a maquete tinha botas. Um retrato sentado por J. B. Courtois (1819-1870) também mostra o general sem botas. **[719]**

Porto-Alegre, Manuel de Araújo. *A estátua eqüestre do senhor D. Pedro (Rev. Popular*, Rio de Janeiro, v. 1. nº 2. 1859, p. 37-48, 1 il.) AP66.R57

Valiosos documentos são apresentados aqui com relação à história da grande estátua de Louis Rochet. **[720]**

Ribeiro, Flexa. *A escultura no Brasil; as influências (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 16, nº 39, jul. 1937, p. 6-7, 6 il.) AP66.I6

Influência francesa sobre a escultura brasileira do século 19. Demasiadamente sucinto. **[721]**

Ribeiro, Flexa. *O estatuário da cidade (Ilustração Brasileira* Rio de Janeiro, v. 19, nº 77, set. 1941, p. 28-29, 8 il.) AP66.I6

Fotografias, mas pouco fatos. **[722]**

Ribeiro, Flexa. *O heróico na plástica (Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, v. 20, nº* 88, ag. 1942, p. 100-103, 7 il.) AP66.I6

Extraordinárias fotografias e descrição da bela estátua eqüestre de Caxias por Rodolfo Bernardelli no Rio de Janeiro. **[723]**

Rodin e a estátua de Pedro I *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 16, nº 41, set. 1938, p. 6-7, 6 il.) AP66.I6

Grupo de maquetes dos rios Paraná, São Francisco e Madeira, preparadas nos ateliês de Louis Rochet, com desenhos de João Maximiano Mafra, e que se supõe tenham sido executadas por Rodin. Atualmente na coleção de Djalma da Fonseca Hermes, Rio de Janeiro. **[724]**

Santos, Francisco Marques dos. *A guerra do Paraguai na medalhística brasileira.* São Paulo, Siqueira, 1937. 93 p. 33 il. CJ6008.P3M3

Comentários sobre a evidência numismática da guerra do Paraguai no I Congresso de Numismática Brasileira, 1936. **[725]**

Santos, Francisco Marques dos. *Medalhas militares brasileiras; da época colonial ao fim do primeiro reinado.* Rio de Janeiro, Noite, 1937. H 47 p. 19 il. UB435.B7M3

História da numismática brasileira – medalhas coloniais de serviço militar. **[726]**

Siqueira, Luís. *Apontamentos biográficos: Augusto Girardot (Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 5, nº 45-46, jan. fev. 1939, p. 1)

Dados biográficos sobre um escultor italiano que veio ao Brasil ensinar na Escola Nacional de Belas-Artes em 1892. **[727]**

7. Artes Menores

Barata, Mário. *Museus; peças de prata e de ouro na arte religiosa (Cultura Política,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 18, ag. 1942, p. 355-360, 4 il.)

Descreve algumas belas pratarias religiosas do século 19. **[728]**

Barroso, Gustavo. *O estudo da cerâmica nos museus do Brasil (Estudos Brasileiros,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 23, mar. abr., 1942, p. 173-203). F2501.E78

Rápido comentário sobre a fábrica da Ilha do Governador no Rio de Janeiro, que funcionou em princípios do século 19 e da qual pouco se conhece. **[729]**

Leão, Joaquim Sousa (filho). *Baixela famosa de origem histórica brasileira. (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 18, nº 63-64, jul.-ago. 1940, p. 13-15 e 44, 7 il) AP66.I6

Descrição e histórico de duas famosas baixelas feitas para D. Pedro I em Viena e em Paris, típicas da influência francesa no Brasil no século 19. A maior parte das peças achamse atualmente em Estocolmo e algumas em Copenhague, Oslo e Bruxelas. **[730]**

Santos, Francisco Marques dos. *A ourivesaria no Brasil antigo (Estudos Brasileiros,* Rio de Janeiro, ano 2, v. 4, nº 12, maio-jun. 1940, p. 625-662, 17 il.)

Artigo extremamente importante sobre prataria brasileira nos séculos 18 e 19. O autor reproduz as marcas de fabricação dos principais prateiros da Bahia no século 19. **[731]**

Santos, Francisco Marques dos. *Contrastes de prateiros no Rio de Janeiro (Estudos Brasileiros,* Rio de Janeiro, ano 3, v. 7, nº 19-21, jul.-dez. 1941, p. 222-223) F2501.E78

Ilustrações e rápidas descrições de onze marcas de prateiros no Rio de Janeiro em meados do século 19. **[732]**

O sentimento plástico *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 27, jul. 1937. p. 22, 4 il.) AP66.I6

Aguns pratos antigos da coleção do Museu Histórico, dois dos quais parecem ter sido feitos no Brasil para D. Pedro I e são decorados com as armas imperiais. **[733]**

E. PERÍODO MODERNO

1. Obras Gerais

A arte marajoara trabalhada por escoteiros do mar *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 26, 28 jun. 1941, p. 24-25, 7 il. 4 color) DLC uncat.

O velho tema de basear um estilo nos desenhos encontrados nas cerâmicas do período arqueológico. Infelizmente esses desenhos eram rígidos e pesados, qualidades essas completamente fora do espírito do desenho contemporâneo. **[734]**

Belas-Artes *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 80, dez. 1941, p. 42-43, 4 il.)

Breve revista de alguns acontecimentos notáveis do ano.

[735]

Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Brazil, 1938; a new survey of Brazilian life.* Rio de Janeiro, 1939. 424 p. il. HC187.A52 1938

Um compêndio de informações sobre todas as fases da vida brasileira contemporânea, inclusive pequenos artigos sobre Museus e sobre Pintura.

[736]

Brasil. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. *Pavilhão do Brasil na Exposição histórica do mundo português.* Lisboa, Neogravura, 1940. 70 p. 63 il.

Um belo álbum de grandes fotografias do pavilhão brasileiro na exposição de Lisboa de 1940 e de sua seção de belas-artes. **[737]**

Brian, Doris. *Latin American Exhibit; five countries at Riverside museum (Art. News,* New York, v. 38, nº 39, 17 aug. 1940, p. 9-10 e 16, 5 il.) N1.A22

Crítica da segunda exposição de escultura e pintura latino-americana realizada no Riverside Museum com relação à Feira Mundial de Nova York (item). É dispensada especial atenção aos trabalhos de brasileiros, que compreendem Cândido Portinari e Maria Martins. **[738]**

Brinton, Daniel C. *Brazilian art comes to America (Bul. Milwaukee Art Inst.,* Milwaukee, v. 4, jan. 1931, p. 1-4, il.] N582.M5M54 **[739]**

Carvalho, Flávio de. *Experiência nº 2.* 2ª ed. São Paulo, Ferraz, 1931. 163 p. 32 il. HM281.R47 1931

A teoria estética é por si só menos importante do que os desenhos curiosos feitos pelo autor e que ilustram a obra. **[740]**

Gauthier, Maximilien. *La vie artistique au Brésil; un entretien avec Lasar Segall (Beaux-arts,* Paris, v. 75, nº 262, 7 jan. 1938, p. 3 e 6). N2.B35

Relações de nomes de artistas, colecionadores, museus. **[741]**

Goycochea, Castilho. *Euclides Fonseca, criador de símbolos (Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 6, nº 57-60, abr.-maio 1940, p. 1-4, 2 il.)

Ensaio sobre o sentido estético de sua obra na pintura e na escultura. **[742]**

Grant, Frances R. *Brazilian art. (Bull. Pan Amer. Union,* Washington, v. 65, nº 1, jan. 1931, p. 40-53, 10 il.) F1403.B955

Relato informativo que acompanha uma exposição turística de pintura e escultura. Com exceção de Tarsila, a maior parte dos pintores representados eram impressionistas. **[743]**

Grant, Frances R. *Some artistic tendencies in South America (Bull. Pan Ameri. Union,* Washington, v. 63, oct. 1929, p. 972-982, 6 il.) F1403.B955

Comentários sobre a arte do Peru, Chile, República Argentina e Brasil.

Reimpresso em separado: Série de belas-artes, nº 1, Washington. União Pan-Americana. 1929. **[744]**

Kelly, Celso. *As artes plásticas em 38. Centros de atividade artística (An. Bras. Literatura,* Rio de Janeiro, nº 3, 1939, p. 257-265, 9 il). PQ9501.A6

Um relato condensado, de primeira ordem, sobre as principais atividades em todos os ramos da arte brasileira durante o ano de 1938. **[745]**

Macedo, Sérgio. *Getúlio Vargas e o culto à nacionalidade.* Rio de Janeiro, Olímpica, 1941. p. 21-26. DLC uncat.

O capítulo – Nacionalismo artístico – menciona rapidamente alguns empreendimentos apoiados pelo governo em arquitetura e ensino de arte. **[746]**

Martins, Luís. *Arte e polêmica.* São Paulo, Guaíra, 1942. 67 p. 3 il. *(Coleção Caderno Azul, nº 7).*

Uma coleção de ensaios recentes sobre arte moderna com muitas referências ao trabalho de Sérgio Milliet. **[747]**

Navarra, Raul. *Artes plásticas: crônica das exposições (Rev. Brasil,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 30, dez. 1940, p. 87-89). AP66.R55

Comentários interessantes sobre uma série de exposições secundárias de jovens brasileiros e de turistas estrangeiros. **[748]**

New York. World's fair 1939. Pavilhão do Brasil, Feira mundial de Nova York de 1939. New York, H. K., 1939. il. DLC uncat. **[749]**

Ribeiro, Flexa. *Año artístico brasileño (Prensa,* Buenos Aires, 18 en. 1931, sec. 2, 1 p. 7 il.) DLC

Acham-se rapidamente descritos aqui Guignard, G. de Albuquerque, E. Cavalheiro e outros. **[750]**

Silva, M. Nogueira da. *Artistas de hoje, Luis Graner, Batista Bordon, Pons Arnare, Levino Fanzerec, Gaspar Magalhães, Eugênio Latour, Carlos Osvaldo, Armando Braga, João Vaz, Aníbal Matos, Laureano Barrau, Navarro da Costa.* Rio de Janeiro**,** Lux, 1925. 178 p. N6658.N6

Ensaios sobre alguns pintores e escultores do Brasil de pós-guerra. **[751]**

Silva, M. Nogueira da. *Pequenos estudos sobre arte; pintura, esculptura.* Rio de Janeiro, Lux, 1926. 218 p. N6650.N6

Pequenos artigos sem conseqüência sobre uma variedade de aspectos da arte brasileira oficial. **[752]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *A propósito de arte e polêmica (Clima,* São Paulo, nº 11, jul. ago. 1942, p. 45-48).

Ataca a teoria de Luís Martins de que a matéria e o colorido de Almeida Júnior eram originalíssimos. Para o autor, esses característicos eram parisienses apenas ligeiramente abrasileirados. **[753]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Ensaios.* São Paulo, *Brasileira*, 1938. 251 p. PQ9697.M59E5

Vários ensaios nesta coleção fazem alusão à arte brasileira. Pintura moderna alude ao Salão de Maio e à exposição do Sindicato dos Artistas Plásticos de 1938 em São Paulo. **[754]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Fora de forma; arte e literatura.* São Paulo, Anchieta, 1942. 182. p.

Contém ensaios sucintos e brilhantes sobre os pintores contemporâneos, Ernesto De Fiori e Alfredo Volpi. **[755]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Momento artístico (Roteiro,* São Paulo, v. 1, nº 5, 5 jul. 1939, p. 4, 6 il.) DLC uncat.

Comentários sobre a exposição da Família Artística Paulistana, formada por um grupo de jovens pintores de São Paulo que em 1937 se desligou da organização do Salão de Maio. Embora a obra seja às vezes desigual, o grupo parece ser um dos mais brilhantes e promissores que trabalham agora na América. **[756]**

Sociedade Brasileira de Belas-Artes. A Sociedade Brasileira de Belas-Artes no seu primeiro jubileu; 1910-1935. Rio de Janeiro, 1935. 82 p. 34 il. DLC uncat.

Panfleto comemorando a história da sociedade e suas atividades. Há uma relação de exposições patrocinadas nesses 25 anos. Ilustrações representando sócios e atividades oficiais. **[757]**

Some living artists of Brazil *(Art news,* New York, v. 41, nº 19, 15-31, jan. 1942, p. 19, 4 il.) N1.A6

Uma página de escultura e cultura de exposições contemporâneas. **[758]**

Teixeira, Osvaldo. *Getúlio Vargas e a arte no Brasil; a influência direta dos chefes de*

estado na formação artística das pátrias. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa e Propaganda, 1940. 65 p. N8725.T4

O presidente é comparado a outros patronos da arte oficial – Francisco I, Luís XIV, os Medici e outros. **[759]**

a. Salões

Anísio, Pedro. *Do salão dos independentes para o Salão de Maio (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 7, 15 ago. 1941, p. 1-6, 5 il.) DLC uncat.

Chama a atenção de São Paulo para a promissora escola de Recife, cujos membros, espalhados pelo mundo, compreendem: Luís Soares, Hélio Feijó, Agostinho Rodrigues, Cícero Dias, Moacir de Oliveira, Percy Lau. Propõe uma exposição de seus trabalhos em São Paulo, talvez no Salão de Maio. **[760]**

Artes, João das. *Salão nacional de belas-artes (Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 5, nº 51-52, ago.-set., 1939, p. 1-4, 24 il.)

Relato detalhado do salão anual, bem ilustrado. **[761]**

Campofiorito, Quirino. *O salão nacional de belas-artes (Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 4, nº 43-44, nov.-dez. 1938, p. 1-4, 18 il.)

Minuciosa revista da arte exposta no salão anual, sala por sala. **[762]**

Campofiorito, Quirino. *O salão nacional de belas-artes (Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 6, nº 61-62, ago.-set. 1940, p. 1-4, 14 il.)

Revista detalhada do salão anual. **[763]**

Ribeiro, Flexa. *El nuevo arte brasileño. (Prensa,* Buenos Aires, 22 nov. 1931, sec. 2, 1 p. 1 il. color.) DLC

Revista do primeiro salão "livre" do Rio de Janeiro; grande ilustração colorida do quadro premiado de autoria de Lorenzo Gigli; trata com certas minúcias de Victorio Gobbis. **[764]**

Rio Grande Do Sul. Instituto de Belas-Artes. Salões de belas-artes, Porto Alegre, I-III; catálogos. Porto Alegre, 1939-1941. il. LC uncat.

Catálogos resumidos das exposições anuais, com uma relação dos exibidores, suas contribuições, seus endereços e prêmios, inclusive 10 a 25 ilustrações. Os regulamentos da organização acham-se impressos no I e II volumes. **[765]**

Rio Grande do Sul. Instituto de Belas-Artes. Salões de belas-artes, Pelotas, I-II; catálogos. Pelotas, Sociedade de Cultura Artística de Pelotas, 1940-1941. DLC uncat.

Exposição anual em Pelotas, que consiste de uma seleção do Salão de Porto Alegre. Relações de trabalhos e algumas ilustrações. **[766]**

Primeiro salão de belas-artes do Rio Grande do Sul *(An. Bras. literatura,* Rio de Janeiro, 1940, p. 252-257, 7 il.) PQ9501.A6

O primeiro salão anual do Estado do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre em 1939. O prêmio principal foi conferido a Leopoldo Gotuzzo. Todos os pintores acadêmicos do Rio estavam representados. **[767]**

O XLVII salão nacional *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 38, 20 set. 1941, p. 16-17, 6 il.) DLC uncat.

Trabalhos de J. Pereira B. Neto (escultor), Presciliano Silva, Helios Seelinger, Osvaldo Teixeira, Orósio Belém, Benardino de Sousa Pereira (pintores). **[768]**

Salão de belas-artes *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 30, out. 1937, p. 27-29). AP66.I6

Levantamento das produções acadêmicas do ano. **[769]**

O salão de belas-artes *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 78, out. 1941, p. 15-19, 13 il.) AP66.I6

Boas fotografas das pinturas e esculturas premiadas. **[770]**

O salão de belas-artes *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 20, nº 90, out. 1942, p. 17-20, 15 il.) AP66.I6

O último Salão continuou a divisão estabelecida em 1941 entre os conservadores da velha guarda e os "modernistas" em duas seções separadas. Este ano, porém, os "modernistas" foram mais conservadores, mantendo sua superioridade técnica. Os artistas do primeiro grupo continuaram a ganhar os grandes prêmios – Ado Malagole ganhou o primeiro com o seu *Repouso;* Luís Almeida Júnior, o segundo com o seu *Torres cariocas.* **[771]**

O salão de belas-artes de 1938 *(An. Bras. Literatura,* Rio de Janeiro, nº 3, 1939, p. 266-269, 8 il.) PQ9501.A6

Mais informações sobre a exposição oficial de 1938 (ver item 762). **[772]**

O salão de belas-artes em 1939 *(An. Bras. Literatura,* Rio de Janeiro, 1940, p. 242-247, 8 il.) PQ9501.A6

Uma coleção de fotografias de trabalhos que ganharam prêmios no Salão de 1939, inclusive o quadro de Edson Mota, *O banho do bebê* (prêmio de viagem ao estrangeiro, e a estátua *Despertar* (prêmio de viagem ao país). Os outros trabalhos reproduzidos são paisagens e retratos acadêmicos comuns. **[773]**

O Salão de Maio *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro v. 16, nº 38, jun. 1938, p. 16-17, 8 il.) AP66.I6

Fotografias de bons trabalhos acadêmicos. **[774]**

Salão de Maio *(Rev. Arq. Mun.,* São Paulo, ano 5, v. 50, set. 1938, p. 42-66, 12 il.) F2651.S2R4

Importantes trabalhos de pintura e escultura expostos no Segundo Salão de Maio de São Paulo pelo grupo mais promissor do Brasil. Não há texto. **[775]**

Salão nacional de belas-artes *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 16, nº 43, nov. 1938, p. 38-39, 14 il.) AP66.I6

Muitos desses quadros foram exibidos mais tarde no Riverside Museum, em New York. **[776]**

Salão nacional de belas-artes *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 17, nº 54, out. 1939, 16 il.) AP66.I6 **[777]**

São Paulo. Conselho de Orientação Artística. Salão paulista de belas artes, dezembro 1936-janeiro 1937; catálogo. São Paulo, 1936. 89 p. 38 il.

Além dos regulamentos do Salão, este catálogo dá relações de exposições, prêmios e júri, indica os trabalhos premiados nos salões anteriores e ilustra os quadros premiados neste salão. **[778]**

São Paulo. Conselho de Orientação Artística. Salão paulista de belas-artes,

VI, 1939; catálogo. São Paulo, 1939. 96 p. 52 il.

Além dos trabalhos que concorreram no salão anual, este catálogo abrange uma exposição especial em memória de Oscar Pereira da Silva e Antônio Pádua Dutra. **[779]**

São Paulo. Conselho de Orientação Artística. Salão paulista de belas-artes, VII, e exposição retrospectiva; obras de mestres da pintura brasileira e seus discípulos. São Paulo, 1940. 123 p. 48 il.

Além da exposição anual de arte contemporânea, um dos aspectos da exposição foi um grupo de pinturas brasileiras do século 19, representando os grandes nomes da tradição acadêmica. **[780]**

São Paulo. Conselho de Orientação Artística. Salões paulistas de belas-artes, 1-7; 1934-1940; catálogos. São Paulo.

Catálogos dos salões oficiais anuais do Estado de São Paulo. Todos ricamente ilustrados. O de 1934-1937 publica o regulamento da organização que patrocina as exposições. Relações de trabalhos premiados e de júris. Os catálogos que contêm outras informações figuram separadamente. **[781]**

Sena, Terra de. *Salão de 1940 (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 41, nº 35, 31 ago. 1940, p. 22-23, 24 il.) DLC uncat.

Previsões sobre o Salão Anual do Rio. **[782]**

Silva, Leonardo. *Salão do 1941 -- os prêmios e suas prováveis conseqüências (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 62, nº 41, 11 out. 1941, p. 18-19 6 il.) DLC uncat.

Lamenta as concessões deste ano à arte moderna. **[783]**

Segundo salão feminino *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 17. nº 52, ago. 1939, p. 16-17, 9 il.) AP66.I6

Fotografias dos trabalhos um tanto fracos do segundo salão feminino do Rio de Janeiro. **[784]**

Sindicato dos Artistas Plásticos, São Paulo Salões de Maio, I-II; catálogos. São Paulo, Secção Gráfica da Prefeitura, 1937-1941. il. LC uncat.

Catálogos dos célebres salões independentes abertos por artistas de São Paulo. Um texto de duas páginas no primeiro volume explica o seu caráter. Há cerca de 20 ilustrações. **[785]**

2. Arquitetura

Curtis, John P. *Architecture of the Brazil centenial exposition. (Art and archaeology*, Washington, v. 16, nº 3, sept. 1923, p. 94-104, 12 il. 1 plan). N1.A35

Entre os edifícios ilustrados figuram vários exemplos do estilo neocolonial complicado do arquiteto A. Morales de los Ríos. **[786]**

Edifício São Sebastião; propriedade de diversos, Avenida Rui Barbosa *(Arquitetura e urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 3, jan.-fev. 1939, p. 29-31, 3 il., 3 plans.)

Um prédio de apartamentos por F. F. Saldanha, no estilo ultra-severo que é popular no Rio. Não há texto. **[787]**

Edificios Castelo, Nilomex e Raldia *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, 1937, p. 75-80, 9 il.) DPU

Plantas e fotografias de três novos prédios para escritório no estilo internacional que então estavam sendo construídos no Rio pelo arquiteto Robert E. Prentice. Texto resumido. **[788]**

Hospital Eufrásia Teixeira Leite *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro v. 2, nº 1, 1937, p. 13-19, il. plans.) DPU

Plantas e uma fotografia da maquete de um novo hospital no Rio de Janeiro, desenhado por Paulo Antunes Ribeiro. Colocação interessante de prédios e unidades bem modernas. **[789]**

A moderna Goiânia – a moderna arquitetura em Goiânia *(An. Bras. Literatura*, Rio de Janeiro, nº 3, 1939, p. 314-315, 7 il.) PQ9501.A6

Desenhos do arquiteto para o centro cívico da nova futura capital de Goiás. Acham-se também ilustradas cinco das estruturas um tanto ríspidas e utilitárias que estão construídas pelo engenheiro Coimbra Bueno. **[790]**

Naylor, Douglas O. *Morales de los Ríos and his sculptural work for the Exposition. (Art and Archaeology*, Washington, v. 16, nº 3, sept. 1923, p. 115-123, 8 il.) N1.A35

As espantosas cabeças humorísticas e outros detalhes fantásticos no Parque de Diversões da Exposição de 1922-1923 no Rio. **[791]**

O palácio da imprensa *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, 1937, p. 64-72, 12 il.) DPU

Fotografias das plantas e da maquete de um grande edifício moderno para escritórios no Rio de Janeiro, desenhado pelos arquitetos Marcelo e Milton Roberto. Há um texto resumido. **[792]**

Picchia, Paulo Menotti del. *São Paulo: a city for tourists (Travel in Brazil*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1941, p. 6-11, 8 il.) DLC uncat.

Esplêndidas fotografias de parques e edifícios modernos. **[793]**

Propriedade do Sr. João Daudt Filho *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1937, p. 117-130, 23 il.) DPU

Álbum de fotografias de interiores, exteriores e plantas desta grande casa no Rio de Janeiro, desenhada no estilo tradicional pelo arquiteto F. Faro Filho. Não há texto. **[794]**

Uma residência *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 3, jan.-fev. 1939, p. 10-15, 6 il., 4 plans.)

Casa em estilo internacional (interior e exterior) de dimensões imponentes, no Rio, construída e ocupada pelo arquiteto Ademar Marinho. Não há texto. **[795]**

Uma residência *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 3, jan.-fev. 1939, p. 16-21, 9 il. 2 plans.)

Residência de atraente estilo colonial à rua Pompeu Loureiro, Copacabana, Rio, construída pelo conhecido arquiteto Robert R. Prentice. A casa é mobiliada adequadamente em estilo colonial. Não há texto. **[796]**

Residência *(Arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 3, mar.-abr., 1939, p. 74 e 75, 2 il. 2 plans.)

Casa colonial *(adobe-type)* desenhada cuidadosamente por Miguel Barroso do Amaral, à Rua Fonte da

Saudade, 329, Rio de Janeiro. Não há texto. **[797]**

Residência de Dona Noêmia M. Costa *(Arquitetura e urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 3, jan.-fev. 1939, p. 32, 1 il. 2 plans.)

Outra pequena moradia no Rio (Travessa Martins Ferreira, 21) pela firma Machado e Freund. Não há texto. **[798]**

Residência do Dr. A. Neiva *(Arquitetura e urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 3, jan.-fev. 1939, p. 23-27, 5 il. 4 plans.)

Uma pequena moradia no Rio, de desenho moderno, pelos arquitetos Milton e Marcelo Roberto. De especial interesse são os longos terraços em dois andares, que dão à casa um aspecto mais amplo na tradição de Frank Lloyd Wright. Não há texto.

[799]

Residência do Dr. Ari Miranda *(Arquitetura e urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 3, mar.-abr. 1939, p. 70-73, 5 il. 2 plans.)

Esta casa à rua Piratininga, 31, na Gávea (Rio), construída por Roberto Magno de Carvalho é uma interessante combinação de *loggia* de pedra rústica (2 terços) com um adarve espanhol e um terceiro andar bizantino hexagonal. Não há texto. **[800]**

Residência do Dr. Epitácio Pessoa de Albuquerque Cavalcanti *(Arquitetura e urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 3, mar.-abr. 1939, p. 77-81, 7 il. 2 plans.)

Desenho um tanto pesado de pedra e estuque com enfeites de madeira por Rafael Galvão. Não há texto. **[801]**

Residência do Sr. Vítor Caminha *(Arquitetura e urbanismo,* Rio de Janeiro, v. 3, jan.-fev. 1939, p. 28, 1 il. 2 plans.)

Uma casa pequena no Rio (Rua Joaquim Caetano, 77), pelo arquiteto Lucas Mayerhofer. Não há texto.

[802]

Roberto, Marcelo. *As necessidades urgentes da arquitetura brasileira (Estudos Brasileiros,* Rio de Janeiro, v. 3, nº 23, mar.-abr. 1942, p. 161-172). F2501.E78

O ilustre arquiteto do edifício da ABI no Rio de Janeiro acha que o arquiteto brasileiro necessita urgentemente de uma posição mais sólida e de um preparo mais sólido. **[803]**

Schlander, Fr. *Stadtebau in Sud Brasilien (Wasmuths monatshefte,* Berlin, v. 14, 1930, p. 433-435, 12 il.) NA3.M75

Arquitetura contemporânea em Porto Alegre. **[804]**

Rónai, Paulo. *A European's impression of Rio in 1941 (Travel in Brazil,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 4, 1941, p. 14-19, 7 il) DLC uncat

Vistas da cidade por Manzon e Lange. Fotografias excepcionalmente boas. **[805]**

Wright, Marie Robinson. *The Brazilian national exposition of 1908.* Philadelphia. G. Barrie & sons, 1908.202 p. 102 il. T843.B, W8

Descrições e fotografias dos edifícios e de outras estruturas contemporâneas no Rio de Janeiro, que marcam o alto grau do movimento neobarroco brasileiro. **[806]**

3. Urbanismo

Agache, Donat Alfred. *Cidade do Rio de Janeiro, extensão, remodelação, embeleza-*

mento. Paris, Foyer brésilien, 1930. 323 p. il, some color. NA9166.R3A5

História do famoso plano Agache para remodelação dos bairros do Rio de Janeiro. Edição francesa, *La rémodulation d'une capitale, aménagement, extension, embellissement*, Paris, Société coopérative d'architectes, 1932, 2 v. il. **[807]**

Freise, Friedrich W. *Die neugestaltung der brasilianischen hausptstadt.* Rio de Janeiro. *(Wasmuths monatshefte*, Berlin, v. 14, 1930 p. 383-386, 5 il.)

Descrição geral da topografia arquitetônica da cidade. Plantas. **[808]**

Goerlette, M.F.A. *La métamorphose d'une ville au Brésil.* Anvers, Mission brésilienne de propagande et d'expansion, 1909. 42 p. 2 il. 2 maps. F2646.048

Trabalho raro feito por um vice-cônsul norte-americano, compreendendo primeiros esquemas de urbanização. **[809]**

Kirkpatrick, Malcolm. *A landscape architect loocks a Rio de Janeiro. (Bull. Pan Amer. Union*, Washington, v. 72, nº 5, may 1938, p. 285-292, 8 il.) F1403.B955

Parte de um relatório dirigido à seção de plantas e desenhos do serviço do parque nacional do departamento do interior dos Estados Unidos, em que o autor expunha o crescimento dos parques e estradas do Rio desde 1903 e o novo plano de Alfred Agache para sua continuação. **[810]**

Maia, Francisco Prestes. *Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo.* São Paulo, Melhoramentos, 1930. 356 p. 19 il. 3 color. map. NA9166.S3P7

Um documento histórico no estudo de urbanização de uma cidade brasileira. **[811]**

A remodelação urbanística de Recife *(Ilustração Brasileira.* Rio de Janeiro, v. 19, nº 74, jun. 1941, p. 91, 3 il.) AP66.I6

Trata principalmente de um modelo para construção de uma nova ponte e avenida na zona de Santo Antônio. **[812]**

O Rio que se transforma, Avenida Presidente Vargas *(Ilustração brasileira*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 79, 1941, p. 33, 2 il.)

Desenhos da grandiosa avenida que se destina a atravessar o coração da cidade; se for realizada, constituirá um complexo sem par de arquitetura de estilo internacional moderno nunca atingido em qualquer outro país. **[813]**

Violich, Frances J. *The new capital of a Brazilian state. (American city*, v. 57, nº 11, nov. 1942, p. 42-43, 5 il.)

Interessante relato da construção de uma nova cidade – Goiânia – em linhas modernas. Não há tentativa para julgar o mérito da arquitetura de Correia Lenia e dos projetos de outros engenheiros. **[814]**

4. Pintura

Abels, Margaret Hutton. *Painting at the Brazil centenial exposition. (Art and archeology*, Washington, v. 16, nº 3, sept. 1923, p. 105-114, 8 il.) N1.A35

Interessante relato sobre a pintura brasileira nos primeiros anos do decênio 1920-1930. **[815]**

Albuquerque, Paulo de Medeiros e. *Quatro artistas e uma exposição (Dom*

Casmurro, Rio de Janeiro, 25 out. 1941, p. 3, 3 il.)

Quadros de Maria Margarida, Ana Maria, Lucília Ferreira, D. Ismailovitch. **[816]**

Argentina. Dirección nacional de bellas artes. Salón anual de artes plásticas, XXVII. Buenos Aires, 1937.

Comentários sobre a pintura brasileira exposta. **[817]**

Artes e artistas: pintura *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 20, nº 87, jul. 1942, p. 29, 2 il.) AP66.I6

Notas sobre as exposições mais recentes de artistas conservadores no Rio de Janeiro. Parte do tríptico de Miguel Santiago para o Instituto do Açúcar e do Álcool acha-se ilustrada. **[818]**

Belas-artes *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 20, nº 91, nov. 1942, p. 34-35, 7 il.) AP66.I6

Exposições de Leopoldo Gottuzzo, J. Carvalho e outras notícias. **[819]**

As belas-artes em Porto Alegre *(An. Bras. Literatura*, Rio de Janeiro, 1940, p. 257-258, 2 il.) PQ9501.A6

Informações sucintas mais importantes sobre pintores contemporâneos de Porto Alegre, tais como Ângelo Guido, Luís Maristani, Edgar Koetz e João Fahrion. **[820]**

As belas-artes no Rio Grande do Sul *(An. Bras. Literatura*, Rio de Janeiro, nº 3, 1939, p. 272-277, 13 il. 1 color) PQ9501.A6

Levantamento das pinturas do ano no Estado do Rio Grande do Sul. Em linhas gerais, o trabalho é decepcionantemente conservador, mesmo atrasado. Acham-se ilustrados dois atraentes trabalhos e escultura. **[821]**

O Brasil interpretado de norte a sul em quatro painéis decorativos de Vicente Leite *(Ilustração brasileira*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 43, nov. 1938, p. 7-8, 5 il.) AP.66.I6

Quatro paisagens regionais pintadas para o Ministério do Trabalho. Leite é um pintor acadêmico. **[822]**

Campofiorito, Quirino. *A pintura brasileira em Nova York; uma explicação necessária (Bellas Artes*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 49-50, jun.-jul. 1939, p. 3, 1 il.)

Comentário sobre o insucesso da arte brasileira na feira mundial de Nova Iorque: o autor acha que os quadros enviados para Nova Iorque tinham aspecto antiquado e destituído de inspiração numa atmosfera de originalidade. **[823]**

Costa, João Angione. *A inquietação das abelhas; o que pensam e o que dizem os nossos pintores, escultores, arquitetos e gravadores, sobre as artes plásticas no Brasil.* Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1927. 298 p. 52 il. 5 color. N6655.A7

Reproduz pequenas palestras com toda uma geração de pintores e escultores do Rio. **[824]**

Distinguished Brazilian artist visits the United States *(Bul. Pan Amer. Union*, Washington, v. 60, nº 3, mar. 1926, p. 235-240, 7 il.) F1403.B955

Introdução à pintura de Décio Vilares, pintor brasileiro de educação italiana e francesa. **[825]**

Duque-Estrada, Luís Gonzaga. *Hélios Seelinger (Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1941, p. 3, il.)

Uma explicação da fantasia deste pintor acadêmico. **[826]**

Um distinto artista brasileiro visita os Estados Unidos *(Bol. Un. Pan Amer.*, Washington, v. 28, nº 3 mar. 1926, p. 180-185, 6 il.) F1403.B965

Artigo mal escrito, inexato, mas bem ilustrado sobre Décio Vilares, pintor de nus e alegorias nebulosas à moda da seu mestre, o acadêmico francês Cabanel. Tradução espanhola, *Eminente pintor brasileño en Washington (Boletín de la Unión Pan Americana,* v. 60, nº 4, abr. 1926, p. 360-365, 6 il.) **[827]**

Excursão de pintura ao ar livre em homanagem à ilustração brasileira *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 20, nº 87, jul. 1942, p. 21-23, 5 il., 1 color) AP66.I6

As atividades mais recentes dos impressionistas acadêmicos. **[828]**

Exhibition of Brazilian art opens tour in New York City *(Art Digest,* New York, v. 5, nº 3, 1 nov. 1930, p. 13, 3 il.) N1.A415

Notícia sobre a primeira exposição representativa da pintura brasileira. **[829]**

Exposições de Olga-Mary e Raul Pedrosa. Rio de Janeiro, n. d. 20 p. 15 il. 1 color. DLC uncat

O texto é composto de notícias de imprensa, muitas de Paris, sobre os trabalhos desses pintores acadêmicos secundários. **[830]**

Exposição de pintura *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 77, set. 1941, p. 42-43, 17 il.) AP66.I6

Fotografias de sete pintores com um de seus quadros expostos em recentes exposições. Esses artistas são: Chabioz, Sílvio Negri, Maria Elisabeth Wrede, Edmond Rostand, Frank Schaeffer, Francisca de Azevedo Leão. **[831]**

Faria, Manuel. *A cidade maravilhosa.* Rio de Janeiro, Departamento de Turismo do Centro Carioca, 1941. 17 il. 7 color. ND359.F3A43

Vistosas aquarelas de paisagens e de praias do Rio de Janeiro, brilhantemente reproduzidas **[832]**

Franco, Cerini. *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 78, out. 1941, p. 10, 2 il.) AP66I6

Comentário sobre um jovem paisagista italiano na última década em São Paulo. Especialmente interessado em desenhar e pintar cavalos e burros e cujo estilo nítido e mais ou menos elegante lembra às vezes Le-Nain. **[833]**

Freire, Gilberto. *Ismailowitch no Recife (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro v. 15, nº 27, jul. 1937, p. 30-31, 6 il. 2 color) AP 66.I6

Aquarelas de velhas casas e figuras regionais de Pernambuco por um prendado artista. **[834]**

Uma grande pintora de flores *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 76, ago. 1941, p. 43, 3 il.) AP66.I6

Um parágrafo sobre a exibição da pintora especializada em flores, Lucília Fraga. **[835]**

Jenny Pimentel de Borba *(An. Bras. Literatura,* Rio de Janeiro, 1940, p. 248-249, 5 il.) PQ9501.A6

Rápida descrição de um amador que pinta nus insípidos, figuras religiosas teatrais, mas fracas, e retratos borrados. **[836]**

Lacerda, Carlos Scliar. *Novo pintor (Rev. Acadêmica,* Rio de Janeiro, nº 51, set. 1940, p. 23, 1 il.) DLC uncat

Notas sobre um jovem pintor do Rio Grande do Sul, agora membro do Grupo da Família de São Paulo.

[837]

Lima, Jorge de. *Um poeta e uma poeta (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 6 set. 1941. p. 5, 2 il.)

Há um curto trecho dedicado às curiosas pinturas abstratas de Helena Vieira da Silva (Mme. Arpad Szenes). **[838]**

Lima, Jorge de. *Teruz, um pintor brasileiro (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 7 jun. 1941, p. 3, 8 il.)

Algumas palavras sobre este pintor tão pouco brasileiro cujos trabalhos lembram a Renascença veneziana. **[839]**

Linhares, Mário. *Nova orientação da pintura brasileira.* Rio de Janeiro, 1926. 43 p. 14 il. DCU-IA

Apreciação sobre a arte neocostumbrista de Manuel e Haydia Santiago, acompanhada por comentários críticos extraídos de jornais. **[840]**

Machado, Lourival Gomes. *Artes plásticas. Mês (Clima,* São Paulo, v. 1, nº 3, 1941, p. 85-90). DLC uncat

Comenta sobre os acontecimentos artísticos do mês de julho em São Paulo, principalmente sobre a exposição do jovem Enrico Bianco, ex-aluno de Portinari, que, pensa o autor, foi julgado injustamente por alguns críticos que viram demasiada imitação do mestre e de certos franceses. Refere-se à concorrência das aquarelas representando monumentos coloniais do Embu e de São Miguel, patrocinados pelo SPHAN.

[841]

Machado, Lourival Gomes. *Artes plásticas. O outro cavalo de Tróia (Clima,* São Paulo, v. 1, nº 1, maio 1941, p. 126-133, 4 il.) DL uncat

Estilo confuso, sendo difícil compreender o que o autor quer dizer acerca dos pintores brasileiros por ele mencionados. Ele elogia, porém, Portinari e Clóvis Graciano. Ilustrado com excelentes fotografias de quadros de Portinari, Graciano, Di Cavalcanti e Oswald de Andrade Filho. **[842]**

Magalhães, R. (Júnior). *Um paulista em Nova York (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 10, 1 out. 1941, p. 22-24, 4 il.) DLC uncat

Um brasileiro dá um relato de testemunha ocular de duas exposições triunfantes de Cândido Portinari em Nova Iorque no outono de 1940. **[843]**

Magalhães, R. (Júnior). *Pinte uma banana, Jorge de Lima (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 13, 15 nov. 1941, p. 13, 4 il.)

As pinturas pouco conhecidas de um notável poeta brasileiro têm alguma coisa de Gauguin, dos pré-rafaelistas e de Lautrec. O autor ilustra o seu espirituoso artigo com alguns estudos encantadores de músicos feitos por Lima, que é também escultor e médico. Para ele, Magalhães Júnior encontrou uma fase feliz, "Jorge de Lima tem para tudo".

[844]

Martins, Luís. *O colorido da pintura paulista (Estado de São Paulo,* São Paulo, 15 jun. 1941, p. 4) DLC uncat **[845]**

Martins, Luís. *A evolução social da pintura.* São Paulo, 1942. 109 p. 18 il. (Col. Departamento de Cultura, nº 27)

Na última conferência – de uma série de seis – pronunciada na Biblioteca Municipal de São Paulo, Martins desenvolve sua teoria sobre a relação entre o colorido da escola moderna de São Paulo e a alta e baixa do mercado de café, e dá sua opinião sobre vários artistas. **[846]**

Martins, Luís. *A pintura moderna no Brasil.* Rio de Janeiro, Schmidt, 1937. 64 p. ND355.M3

Este livrinho é a versão impressa de uma conferência em que o autor discute, muito por alto, a obra e a personalidade de Maria Tarsila, Noêmia Mourão, Silva Meyer, Ugo Adami, Santa Rosa, Di Cavalcanti, Cândido Portinari e 13 outros pintores brasileiros do grupo não acadêmico. Não procura fornecer dados biográficos. **[847]**

Maura, Sônia. *A pintura brasileira vitoriosa na Exposição Internacional da Califórnia (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 40, nº 47, 28 oct. 1939, p. 33, 4 il.) DLC uncat

Reproduções de dois quadros brasileiros expostos pela Internacional Business Machines Co, na Exposição Mundial de São Francisco: a *Mater,* de Osvaldo Teixeira e *Pontão da Bandeira,* de Funchal Garcia.

[848]

Navarra, Ruben. *La pintura contemporanea en el Brasil (Sur. Buenos Aires,* v. 12, nº 96, sept. 1942, p. 74-83, 4 il.) AP63.S85

Material importante sobre a evolução da pintura moderna no Brasil e ilustrações de dois afrescos de Portinari na Rádio Tupi do Rio de Janeiro. **[849]**

Navarro, Saul de. *Pedro Alexandrino, mestre de natureza-morta (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 20. nº 89, set. 1942, p. 39-41, 7 il.) AP66.I6

Biografia em forma abreviada do célebre pintor no gênero que faleceu em 20 de julho de 1942. Há uma fotografia e um desenho do artista.

[850]

Navarro, Saul de. *O pintor dos velhos (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 76, ago. 1941, p. 18-19, 5 il.) AP66.I6

Curiosos quadros sentimentais de velhos, brancos e pretos, pintados por Orósio Belém. **[851]**

New York, Riverside Museum. Latin American exhibition of fine and applied art, 1939. New York, 1939. 95 p. 23 il. N6502.U6

Nesta exposição somente os pintores acadêmicos do Brasil foram representados. **[852]**

Normandy, Charles. *La peinture brésilienne (Rev. Amer. Latine,* Paris, v. 6, nº 21, sept. 1923, p. 71-79) F1401.R45

Refere-se a um grupo de pintores boêmios – Jorge Grimm, França Júnior, Hipólito Caron e outros – conhecidos por volta de 1880 como "A Caravana". São agora quase esquecidos. **[853]**

Normandy, Georges. *La peinture brésilienne (Rev. Amer. Latine,* Paris, v. 4, nº 15, mars. 1923, p. 258-265). F1401.R45

Brilhante condensação de tudo quanto o autor sabia sobre o assunto. O autor promete um livro completo sobre arte brasileira. **[854]**

El pintor brasileño Teodoro Braga *(Prensa,* Buenos Aires, 3 jul. 1927, sec. 3, 1 p. 3 il.) DLC

Rápida biografia, fotografia e reprodução do quadro – *Lenda do rio Nhamundá.* **[855]**

Ribeiro, Flexa. *Painting. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.* Brasil, 1938, Rio de Janeiro, 1939, p. 379-398, 1 il.) HC187.A52 1938

Não muito informativo. **[856]**

Ribeiro, Flexa. *Três retardatários iniciadores -- Marques Júnior, H. Cavalheiro, Georgina de Albuquerque (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 30, out. 1937, p. 18-20, 7 il.) AP66I6

O autor acredita que o impressionismo francês foi introduzido no Brasil por Eliseu Visconti em 1906, mais ou menos. Seus três alunos constituem o tema desse artigo crítico e útil. **[857]**

Rio de Janeiro, Escola Nacional de Belas Artes. Exposição A. Parreiras, Rio de Janeiro, 1927. 15 p. 1 il.

Relação valiosa dos trabalhos do pintor. **[858]**

Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes João Batista da Costa; exposição de pintura, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1942. 8 p. 5 il. DLC uncat.

Catálogo com uma rápida biografia, auto-retrato e boas ilustrações da famosa série de paisagens deste pintor brasileiro. **[859]**

Rubens, Carlos. *Andersen, pai da pintura paranaense (Belas-artes,* Rio de Janeiro, v. 6, nº 57-58, abr.-maio 1940, p. 3; nº 59-60, jun-jul. 1940, p. 2; nº 61-62, ago.-set. 1940, p. 2)

História dos pioneiros da arte paranaense: Frederico Guilherme Virmon (Alemanha), Miss Willie James e sua mãe Jessie James (EUA), Mariano de Lima (Portugal) e finalmente o norueguês Alfredo Andersen, que foi o primeiro a apreciar o cenário do lugar. **[860]**

Rubens, Carlos. *Impressões de arte.* Rio de Janeiro, *Jornal do Commércio,* 1921. 163 p.

Rápidos ensaios sobre artistas contemporâneos; críticos e biográficos. **[861]**

S., C. A. dos. *Studio-talk; Rio de Janeiro (Studio,* London, v. 26, nº 111, june 1902, p. 70-71, 2 il). N1.S9

Comentários sobre a arte de Eliseu Visconti, por ocasião de sua exposição ao regressar da Europa. Também publicado em *International Studio,* New York, v. 17, nº 65, jul. 1902, p. 70-71, 2 il.) **[862]**

O salão de 1938 *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 39, nº 52, 3 dez. 1938, p. 24-25, 16 il.) DLC uncat

Mostruário escolhido das pinturas exibidas na exposição nacional anual. **[863]**

O salão de 1939 *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 40, nº 42, 23 set. 1939, p. 37-38, 24 il.) DLC uncat

A 45ª exposição anual de pintores do Rio de Janeiro, tão acadêmicos quanto seus predecessores. **[864]**

Salão de 1942. *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 43, nº 39, 26 set. 1942, p. 26-27, 9 il.) DLC uncat

Seleção de reproduções. **[865]**

O salão dos prêmios de viagem *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 13, 29 mar. 1941, p. 31, 7 il.) DLC uncat

Fotografias de alguns famosos premiados pelo Salão: *Em Repouso* (J. B. da Costa, 1894); *Prece* (João Araripe Macedo, 1900); *Antes da Aleluia*

(A. Timóteo da Costa, 1906); *Lira Partida* (Antônio Matos, 1914); *Sacrifício de Abel* (J. P. Dias Jr., 1916); *Poesia da Tarde* (J. B. Bordon, 1915); *Saveiros* (A. Garcia Bento, 1925) **[866]**

Sangirardi Júnior. *Clóvis Graciano, pintor de nascença (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 11, 15 out. 1941, p. 5, 3 il.) DLC uncat

Comentário excelentemente escrito a respeito de um pintor e aventureiro que, conhecendo Portinari, desenvolveu um estilo pessoal de grande pujança e qualidade emotiva. Hoje Graciano está se tornando rapidamente o líder de poderoso grupo de pintores de São Paulo. **[867]**

Santa Rosa, Tomás. *O circo.* Bruges, Desclée de Brouwer, 1939. 15 p. 7 il.

Um livro para crianças com gravuras de colorido brilhante representando personagens de circo, por Santa Rosa. Este livro de figuras ganhou o primeiro prêmio do Concurso de Literatura Infantil do Ministério da Educação do Brasil. **[868]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Alfredo Volpi (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 8, 1 set. 1941, p. 5, 3 il.) DLC uncat

Um pintor pouco conhecido cujo estilo delicado parece, pelas fotografias, achar-se intimamente ligado a certos pintores italianos do pós-guerra. **[869]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *A exposição paulista no Rio (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 2, 1 jun. 1941, p. 5. 2 il.) DLC uncat

Por ocasião da organização de uma grande exposição de pintores modernos de São Paulo na capital do país, este crítico analisa as qualidades da pintura paulista – tonalidade de cinza neutro, falta de inspiração social ou política, construção de bom senso provinciano. **[870]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Luz, paisagem, arte nacional, resposta concisa a Luís Martins (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 4, 2 jul. 1941, p. 11) DLC uncat

Combate a teoria de Luís Martins sobre a pintura nacional. Para o autor é demasiado cedo para falar em definição de uma escola brasileira. E afinal de contas, a grandeza das escolas depende das qualidades individuais de seus membros. **[871]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Pintores e pinturas.* São Paulo, Martins, 1940. 198 p. 6 il. ND27.M7

Uma coleção de pequenos ensaios que expõem as idéias do autor sobre arte. Entre outros ensaios. *Lasar Segall, Aquarelistas de São Paulo; Em torno do Terceiro Salão de Maio; O Quinto Salão do Sindicato.* **[872]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Primeiro Salão de Arte da Feira Nacional de Indústrias (Planalto,* São Paulo, v. il., nº 11, 15 out. 1941, p. 1, 12, 13, 4 il.) DLC uncat

Esta é a primeira vez que a arte progressiva brasileira é apresentada nessa exposição extremamente conservadora. O autor aproveita a ocasião para descrever sucintamente e com penetração o estilo de todos os importantes pintores paulistas modernos. **[873]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *O problema do assunto (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 12, 1 nov. 1941, p. 11, 3 il.) DLC uncat

Notas sobre uma exposição de um pintor carioca em São Paulo. Orlando Teruz, como Portinari, Segall e outros, representa o negro brasileiro numa forma muito pessoal. **[874]**

Terceiro Salão de Belas-Artes de Guaratinguetá *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 41, nº 7, 17 fev. 1940, p. 20, 4 il.) DLC uncat

Fotografias de uma interessante exposição provinciana de pintura no Estado de São Paulo. **[875]**

Torres, Edith Magarinos. *Uma visita ao ateliê do pintor Pedro Bruno (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 15 nov. 1941, p. 3, 3 il.)

Entrevista com um pintor acadêmico que ganhou o prêmio do Salão em 1920. **[876]**

Veloso, Wilson. *Conversa sem intenções com uma notável artista (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 14, 1 dez. 1941, p. 19, 4 il.) DLC uncat

Uma entrevista bem escrita com Maria Elisabeth Wrede, pintora austríaca que se tornou turista internacional. Nos últimos dois anos tem vivido no Brasil onde se afeiçoou aos jovens modernos paulistas. É conhecida pelos seus retratos desenhados cheios de sensibilidade. **[877]**

a. Albuquerque, Georgina e Lucíllio

Campofiorito, Quirino. *Lucílio de Albuquerque (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 1 fev. 1941, p. 7).

Relato de uma reunião realizada na Escola Nacional de Belas-Artes para honrar a memória do conhecido pintor acadêmico. **[878]**

Exposição de pintura de Lucílio e Georgina de Albuquerque na Escola Nacional de Belas-Artes. Rio de Janeiro, 1911. 8. p. 1 il. DCU-IA

Catálogo com um prefácio de M. Oliveira Lima. **[879]**

Número dedicado a Lucílio de Albuquerque *(Belas-Artes,* Rio de Janeiro, v. 5, nº 49-50, jun.-jul. 1939, p. 1-2, 3 il.)

Vários artigos sobre um pintor romântico brasileiro por ocasião de sua morte. Campofiorito, Quirino, *O grande pintor de "Mãe preta";* Albuquerque, Flamínio Júlio de, *O artista e o homem; Lucílio de Albuquerque, o prêmio de viagem* (reimpresso de *Kosmos,* 1906). **[880]**

Ribeiro, Flexa. *Dois evolucionistas da plástica (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 31, nov. 1937, p. 18-21, 8 il. 1 color.) AP66.I6

Notas sobre Lucílio de Albuquerque e Da Veiga Guignard. **[881]**

Silva, Romão de. *Lucílio de Albuquerque (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 62, nº 42, 18 out. p. 12-13, 6 il.) DLC uncat

Esta rápida biografia publica velhas fotografias interessantes do mestre. **[882]**

Torres, Edite Magarinos. *A pintura atual será a arte mais representativa? No ateliê de uma grande artista (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 30 ago. 1941, p. 5, 1 il.)

Entrevista de uma das últimas impressionistas, Georgina de Albuquerque. **[883]**

b. Amaral, Tarsila do

Cogniat, Raymond. Exposition Tarsila (*Rev. Amer. Latine*, Paris, v. 12, nº 56, aout. 1926, p. 159-169). F1401.R45

Ressalta a influência de Fernand Léger em seus trabalhos.

[884]

Cogniat, Raymond. *Deux peintres brésiliens: Mme. Tarsila, M. Monteiro (Rev. Amer. Latine,* Paris, v. 16, nº 80, aout. 1928, p. 157-159). F1401.R45

Crítica complicada, mas valiosa.

[885]

Homenagem a Tarsila *(Rev. Acad.,* Rio de Janeiro, nº 51, set. 1940, p. 11-19, 7 il.) DLC uncat

Curtos elogios e poemas dedicados a Tarsila do Amaral e sua obra por Ribeiro Couto, Murilo Miranda, Sérgio Milliet, Jorge de Lima, Anibal M. Machado, Di Cavalcanti, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Rosário Fusco, Murilo Mendes, Rubem Braga, Carlos Lacerda, Mário de Andrade, Sangirardi Júnior, Flávio de Carvalho, Manuel Bandeira e Henrique Pongetti. **[886]**

Óleos de Tarsila *(Sur,* Buenos Aires, v. 1, nº 4, prim. 1931, p. 152-153, 4 il.) AP63.S85

Fotografias extraordinariamente claras de paisagens. Não há texto. **[887]**

Sangirardi Júnior. *Tarsila, a mulher inesquecível (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 3, 1941, p. 1-18, 3 il.) DLC uncat

História colorida de uma das pioneiras da pintura moderna no Brasil, Mme. Tarsila do Amaral Andrade.

[888]

c. Amoedo, Rodolfo

Acquarone, Francisco, e **Vieira**, A. de Queirós. *Obras-primas de Rodolfo Amoedo, mestre da pintura brasileira,* 1857-1941. Rio de Janeiro, 1941. 10 il. 9 color.

Outro trabalho da série de álbuns, mas com dados biográficos.

[889]

Como vivem os nossos artistas *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 41, nº 26, 6 jul. 1940, p. 22-23, 10 il.) DLC uncat

Uma entrevista com Rodolfo Amoedo, um grande pintor acadêmico nascido em 1857. **[890]**

Ribeiro, Flexa. *Rodolfo Amoedo,* 1873-1941 *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 75, jul. 1941, p. 19-21, 6 il. color.) AP 66.I6

Um tributo a este grande professor e pintor de narrativa acadêmica que faleceu em 1941. Seu célebre quadro *Partida de Jacó* é ilustrado aqui em cores. **[891]**

d. Leite, Vicente

Dois painéis de Vicente Leite no Instituto de Aposentadoria e Pensões de Estiva *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 79, out. 1941, p. 41, 2 il. color.). AP66.I6

Dois quadros oficiais recentes representando um afastamento raro da paisagem. Um deles representa um carregamento nas docas e o outro a glorificação das leis sociais. Ambos são tecnicamente fracos. **[892]**

Gomes, Tapajós. *Vicente Leite (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 79, nov. 1941, p. 28-30, 8 il. 1 color.) AP66.I6

Notas favoráveis sobre um famoso paisagista brasileiro que faleceu pouco antes num desastre de automóvel. Ilustradas com fotografias de seus trabalhos e com quadros do artista e de seus amigos. **[893]**

e. Parreiras, Antônio

Gomes, Tapajós. *Antônio Parreiras (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 15, nº 32, dez, 1937. p. 32-33, 7 il.) AP66.I6

Crítica favorável desse popular anedotista. **[894]**

Um grande mestre brasileiro *(Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 39, nº 17, 2 abr. 1938, p. 22, 5 il.) DLC uncat

Notas sobre a carreira de Antônio Parreiras (1854-1927), pintor fluminense (Niterói) da velha escola romântica. **[895]**

Museu Antônio Parreiras *(Ilustração brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 74, maio 1941, p. 6-7, 6 il.) AP66.I6

O museu de Niterói que funciona na casa de um grande impressionista.

[896]

Parreiras, Antônio. *História de um pintor contada por ele mesmo;* Brasil–França, 1881-1926. Niterói, Dies, Vasconcelos, 1926. 131 p. 78 il. DCU-IA n. d.

Autobiografia de um pintor brasileiro que estudou na Europa e residiu muito tempo em Paris e que foi professor de paisagens na Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro. **[897]**

f. Portinari, Cândido

Albuquerque, Paulo de Medeiros e. *Cândido Portinari fala de pintura (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 2 ago. 1941, p. 12, 4 il.).

Uma longa entrevista em que Portinari torna a contar suas impressões sobre os Estados Unidos e sua arte e diz que a Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro poderia ser suprimida sem prejuízo algum para a pintura brasileira. **[898]**

Aliseris, Carlos Washington. *Portinari, grand peintre du Brésil. (Clarté,* Bruxelles, june 1939, p. 18-20, il.)

Reproduz as deliciosas paisagens pintadas por Portinari nas paredes da sala de jantar da residência do Sr. José Nabuco no Rio de Janeiro. **[899]**

Andrade, Mário de. *A chapel decorated by Portinari (Travel in Brazil,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 3, 1941, p. 1-5, 8 il.) DLC uncat

Esplêndida documentação fotográfica dos santos neobizantinos dos recentes frescos de Portinari em Brodosque. É difícil compreender como pode o crítico qualificar esse evidente *tour de force* como uma obra de importância internacional que fará com que o lugar de nascimento de Portinari "ocupe o seu merecido lugar no patrimônio artístico do Brasil, em pé de igualdade com as grandes obras religiosas coloniais e nas exposições de Minas Gerais e da Bahia". **[900]**

Andrade, Mário de. *El pintor Portinari (Saber vivir,* Buenos Aires, v. 3, nº 26, sept., 1942, p. 26-27, 4 il.) DLC uncat

Exposição geral sobre a arte e a personalidade de Cândido Portinari. O autor, que conhece o pintor desde 1931, dá muitos detalhes íntimos de sua índole, seu modo de falar, e, acima de tudo, sua consumada dedicação à pintura.

Há um erro no título do livro de Sheldon Cheney que cita Portinari.

[901]

Brasil, Ministério da Educação e Saúde. *Portinari.* Rio de Janeiro, 1939. 55 p. 12 il. ND359.P6B7

Catálogo de uma exposição individual com apreciação crítica por Manuel Bandeira (p. 7-9) e Mário de Andrade (p. 11-26). **[902]**

Brazilian artist in one man show *(Bull. Minneapolis Inst. Arts.* Minneapolis, v. 30, nº 15, 12 apr. 1941, p. 1-3). N11-M4

Crítica sobre a vulgaridade de alguns quadros carnavalescos, sobre a repetição do tema de "desolação", mas que mostra confiança no desenvolvimento ulterior do pintor. **[903]**

Brian, Doris. *Portinari steams into port; Brazils best seller arrives at the Modern Museum in a first New York one man show (Art News,* New York, v. 39, nº 2, 12 oct. 1940, p. 8-8 e 16, 2 il.) N1.A6

A mais detalhada crítica provocada pela exposição de Portinari no Museu de Arte Moderna. Favorável em linhas gerais, preocupa-se, entretanto, a crítica sobre a última tendência do pintor de produzir demais. **[904]**

Brossard, Chandler de. *Brazilian murals at Washington, D. C. (Studio, London,* v. 124, nº 596, nov. 1942, p. 162-165, 7 il.) N1.S9

Descrição entusiástica dos quatro murais de Cândido Portinari. Acham-se reproduzidos vários detalhes das pinturas. **[905]**

Brown, Milton. *Portinari of Brazil (Parnassus,* New York, v. 12, nº 7, nov. 1940, p. 37-38). N1.P35

Análise objetiva sobre o estilo de Portinari, em que o crítico descobre desenhos acadêmicos, esquemas arbitrários de colorido e demasiada inspiração no surrealismo. Segundo Brown, o pintor está ainda emaranhado em parisianismo e produz demais. **[906]**

Cheney, Sheldon. *New life in the Americas (The story of modern art,* New York, Viking, 1941, p. 549-626, 70 il.)

Contém um parágrafo (p. 561-561-562) e 2 ilustrações de Portinari. **[907]**

Correia, Roberto Alvim. *Portinari pintor clássico (Rev. Brasil,* Rio de Janeiro, v. 3, nº. 20, fev. 1940, p. 17-21) AP66.R55

O autor vê em Portinari a qualidade devida dos clássicos e gostaria de colocá-lo nas fileiras dos imortais Cézanne, Manet, Velásquez. **[908]**

Exposição Portinari *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 18, nº 57, jan. 1940, p. 22, 5 il.) AP66.16

Notas valiosas sobre o principal acontecimento da estação de arte de 1939 no Rio de Janeiro. **[909]**

Fernández, Justino. *Cândido Portinari; um gran pintor brasileño (An Inst. Invest. Estét.,* México, nº 9, 1942, p. 27-32, 4 il.) SAP807.5

Esta interessante apreciação, com uma relação cronológica dos principais trabalhos do artista, está baseada especialmente nos recentes murais pintados por Portinari na Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso em Washington, D. C. **[910]**

Homenagem a Portinari *(Rev. Acad.,* Rio de Janeiro, nº 48, fev. 1940, 12 il.) DLC uncat

Referências elogiosas a Cândido Portinari feitas por notáveis intelectuais brasileiros. São de especial interesse as de Manuel Bandeira (p. 11), Jorge de Lima (p. 15-16), Mário de

Andrade (p. 21-22), e Carlos Drummond de Andrade (26-28). **[911]**

Lourival Fontes. *Retrato a óleo de Portinari (Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 77, set. 1941, p. 35, 1 il. color.) AP66.I6

Excelente reprodução de um dos mais apreciados e extraordinários retratos pintados por Cândido Portinari, retrato esse que se acha agora em Washington. **[912]**

Maura, Sônia. *Portinari e as suas duas exposições (Rev. Semana,* Rio de Janeiro, v. 40, nº 53, 9 dez. 1939, p. 28, 6 il.) DLC uncat

Curiosa concepção de Portinari, como sublime em seus retratos e detestável no restante de seus trabalhos. Esta opinião está sendo infelizmente encorajada pelos inimigos do grande pintor. **[913]**

Murici, José Cândido de Andrade. *Portinari (Cadernos da hora presente,* São Paulo, ser. 1, nº 8, jun. 1940, p. 33-38)

Elogio entusiástico. **[914]**

New York, Museum of Modern Art. *Portinari of Brazil.* New York, 1940. 16 p. 12 il. ND359.P6N4

Dois ensaios servem de prefácio ao catálogo, *Portinari of Brazil***,** por Florence Horn (p. 3-9) e *The art of Cândido Portinari* por Robert C. Smith (p. 10-12). São dadas as datas, média e dimensões de 186 quadros.

[915]

Pedrosa, Mário. *Portinari -- de Brodosque aos murais de Washington (Bol. União Pan Amer.,* Washington, v. 43, nº 3, mar. 1942, p. 113-133, 12 il.) F1403.B965

Análise penetrante da formação do pintor e do seu primeiro estilo, acompanhada por um ensaio de interpretação dos murais da Fundação Hispânica, Tradução inglesa *Portinari -- From Brodowski to de Library of Congress,* parts. 1 e 2 *(Bulletin of the Pan American Union,* Washington, v. 76, nº 4, apr. 1942, p. 199-211, 8 il.; v. 76, nº 5, may 1942, p. 258-266, 4 il.). **[916]**

Portinari *(Fortune,* New York, v. 19, nº 6, june 1939, p. 42-43, 2 il. color.) HF5001.F7

Boas reproduções coloridas do *Morro* e *Portadores de Café Santos.* **[917]**

Portinari: a Brazilian modern *(Panorama,* Washington, nº 16, dec. 1940, p. 1-6).

Resumo de crítica com uma bibliografia. **[918]**

Portinari, Brazilian painter *(Survey graphic,* New York, v. 30, nº 3, mar. 1941, p. 156-157, 4 il.) HV1.S82

Reproduções de alguns dos quadros exibidos no Museu de Arte Moderna, outubro-novembro, 1940. **[919]**

Portinari comes as "good neighbor" emissary *(Art Digest,* New York, v. 10, nº 2, 1 sept. 1940, p. 5 e 29, 2 il.) N1.A415

Rápida biografia e crítica. **[920]**

Portinari, his life and art. Chicago, Univ. Chicago. 109 p. 100 il. 7 color. ND359.P6L3 1940-a

Volume de reproduções do trabalho deste pintor brasileiro, compilado por Josias Leão, que contribuiu com um resumido prefácio. Há uma introdução um tanto entusiasta por Rockwell Kent. Estão bem representados os retratos e os desenhos, mas não tão bem os frescos; o livro mostra, entretanto, a variedade do

que constitui agora o período médio do pintor. **[921]**

Quatro obras de arte de Cândido Portinari *(Sombra,* Rio de Janeiro, v. 2, nº 6, nov.-dez. 1941, p. 52-53, 4 il. color.) DLC uncat

Retratos das Senhoras Ernâni do Amaral Peixoto, José Willemsen, Robert Wilson e Eduardo Martínez de Hoz. Não há texto. **[922]**

Ramírez, Octavio. *Un audaz pintor brasileño, Cândido Portinari (Nación,* Buenos Aires, 19 mayo, 1940, sec. 3, p. 2, 4 il.) F2508.N13

Estudo biográfico e crítico, bastante longo e preciso. **[923]**

Representação brasileira na exposição de arte latino-americana em New York *(Bol.* União Pan Amer., Washington, v. 42, nº 10, oct. 1940, p. 526-529, 4 il.) F1403.B965

Ilustrações da exposição de Portinari no Riverside Museum. **[924]**

Rhodes, Webb. *Portinari of Brazil (Arts and decoration,* New York, v. 52, nº 6, 1940, p. 15 e 45, 2 il.) N1.485

Rápida biografia tirada de outras fontes. **[925]**

Rosenfeld, Paul. *High Brazil (Nation,* New York, v. 151, nº 1, 26 oct. 1940, p. 402). AP2.N2

Comentários sobre uma exposição de Portinari: o autor acha o pintor imaturo. **[926]**

Smith, Robert C. *The art of Cândido Portinari (Carnegie Mag.,* Pittsburgh, v. 14, nº 8, jan. 1941, p. 244-246, 2 il.) AS36.P765

Reimpressão da introdução ao catálogo de Portinari do Museu de Arte Moderna. A mesma exposição foi depois exibida no Carnegie Institute de Pittsburgh. **[927]**

Smith, Robert C. *Brazilian painting in New York (Bull. Pan Amer. Union,* Washington, v. 73, nº 9, set. 1939, p. 500-506, 7 il.) F1403.B955

As pinturas de figuras acadêmicas exibidas na 1ª exposição do Riverside Museum são contrastadas com os vigorosos murais de Cândido Portinari no pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova York. Tradução portuguesa, *A pintura brasileira em Nova York (Boletim da União Pan-Americana,* Washington, v. 41, nº 10, out. 1939, p. 544-550, 7 il.). **[928]**

Smith, Robert C. *The Portinari murals in de Hispanic Foundation of the Library of Congress, notes on the occasion of the inauguration of the murals, January 12, 1942.* Washington, Library of Congress, 1942. 3 p. DLC uncat

Descreve os temas. Tradução portuguesa, *As pinturas muraes de Portinari (sic) na Biblioteca do Congresso em Washington (Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 22 fev. 1942, supl. p. 1, 1 il.). Tradução espanhola, *Los murales de Cândido Portinari* (Ars. México, v. 1, nº 3, mar. 1942, p. 64-65, 5 il.). **[929]**

Whiting, F. A. Jr. *Portinari's murals in Washington (Mag. Art,* Washington, v. 35, nº 2, fev. 1942, p. 64-66, 6 il.) N1.M25

Rápida descrição dos murais da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso, com um diagrama mostrando sua colocação. **[930]**

g. Santiago, Manuel

França, Lauro. *Café Amarelinho, Manuel Santiago, prêmio de viagem de 1927 (Dom*

Casmurro, Rio de Janeiro, 8 mar. 1941, p. 5, 3 il.)

Mais dados sobre este pintor de índios e de mulheres bonitas. **[931]**

Miguez, Armando**.** *Meia hora com Manuel Santiago. (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 4 jan. 1941, p. 8, 1 il.)

Entrevista do pintor e de sua esposa, Haydéa. **[932]**

h. Segall, Lasar

Amaral, Tarsila do. *Segall (Diário de São Paulo,* São Paulo, 14 nov. 1936). **[933]**

Fierens, Paul. *Lasar Segall.* Paris, *Chroniques du jour,* 1938. 22p. 67 il. MH

Trabalho de um crítico francês de arte muito conhecido, dedicado a Lasar Segall, polonês que desde 1923 tem vivido em São Paulo, onde o seu trabalho está intimamente associado à escola paulista. Magnificamente editado, o livro não procura reproduzir o desenvolvimento do pintor nem encaixá-lo na pintura brasileira moderna. **[934]**

George, Valdemar. *Lasar Segall.* Paris, *Triangle,* n. d., 19 p. 25 il. 1 color NNMMo

De grande valor para estudo da arte moderna paulista, por causa de suas ilustrações raras de quadros antigos. **[935]**

Lasar Segall, Exposição de Pintura; 1927-1928, São Paulo, Ariel, 1927. 35 p. 16 il. DLC uncat

Catálogo de uma exposição individual realizada em São Paulo e no Rio de Janeiro, com um comentário por Mário de Andrade e dados extraídos de catálogos e críticas sobre suas exposições na Europa. **[936]**

Sangirardi Júnior. *Viagem pelos quadros de Lasar Segall (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 1, 15 maio 1941, p. 24 e 19, 4 il.) DLC uncat

Biografia e crítica do pintor de Vilna que residiu muito tempo em São Paulo. A tristeza de seu colorido e de seus assuntos impressiona o autor. **[937]**

Smith, Robert C. *Lasar Segall of São Paulo (Bull, Pan Amer. Union,* Washington, v. 74, nº 5, may 1940, p. 382-388, 5 il.) F1403.B955

A importância de Segall em relação ao movimento moderno paulista. Por ocasião de uma exposição na Newman-Willard Gallery, New York. Tradução portuguesa, publicada no *Boletim da União Pan-Americana,* Washington, v. 42, nº 7, jul. 1940, p. 422-428, 5 il. **[938]**

i. Silva, Prisciliano

Figuras da arte baiana *(Bahia tradicional e moderna,* Bahia, nº 1, abr. 1939, p. 34, 1 il.)

Um pintor baiano moderno, que se especializa em pintar velhas casas e figuras da região. **[939]**

Um mestre da pintura brasileira *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 19, nº 48, out. 1941, p. 8, 2 il.) AP66.I6

Nota sobre Prisciliano Silva, um dos últimos representantes da principal corrente de pintura do século 19 no Brasil. **[940]**

Valença, Alberto. *Figuras da arte baiana (Bahia tradicional e moderna,* Bahia, v. 1, nº 2, jul. 1939, p. 25, 1 il.)

Notas sobre um pintor acadêmico da Bahia, que se especializa em natureza-morta, paisagens e inte-

riores sugestivos de igrejas e conventos baianos. **[941]**

j. Soares, Luís

Albuquerque, Paulo de Medeiros e. *Luís Pedro de Sousa Soares (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 15 nov. 1941, p. 3, 2 il.)

Biografia de valor, embora rápida, deste pintor de festas de negros em Recife. **[942]**

Amado, Jorge. *Luís Soares e o colorido e o pitoresco do Nordeste (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 6 jan. 1940)

Um romancista baiano escreve sobre a arte popular de um pintor de procissões e festivais de negros do Norte do Brasil. **[943]**

Soares, Luís. *Guri incorrigível (Vamos ler!,* Rio de Janeiro, nov. 1939, p. 22, 5 il.) DPU

Os maravilhosos desenhos preparatórios de Luís Soares merecem especial atenção. De espírito francamente caricaturista, destituído de convencionalismo na forma, mas com o excitamento das multidões em dias de festa. Este artista é o pintor popular brasileiro por excelência e suas pinturas constituem um arquivo de valor inestimável para o estudo do folclore do Norte do Brasil que vai desaparecendo rapidamente. **[944]**

Watson, Jane. *Luís Soares (Inter Amer. Month.,* Washington, v. 1, nº 5, sept. 1942, p. 35-36, 5 il.) DLC uncat

Resume a opinião de Jorge Amado sobre este artista (item 943) e apresenta excelentes fotografias de seus quadros de arte popular. **[945]**

k. Teixeira, Osvaldo

Ramírez, Octavio. *La pintura tradicionalista de Osvaldo Teixeira (Nación,* Buenos Aires, 2 jun. 1940, sec. 4, p. 4, 3 il.) F2508-N13

Descreve e entrevista o diretor do Museu de Belas-Artes no Rio de Janeiro. **[946]**

Rebordão, Herculano. *Osvaldo Teixeira (An. Bras. Lit.,* Rio de Janeiro, nº 3, 1939, p. 278-282, 4 il.) PQ9501.A6

Sucinta apreciação de um artista conservador que desenvolve sua atividade no campo da pintura ilustrativa acadêmica e é o atual diretor do Museu de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Há uma vista interessante de um canto do estúdio de Osvaldo Teixeira. **[947]**

5. Caricatura

Pacheco, Armando. *Existe caricatura moderna no Brasil? (Dom Casmurro,* Rio de Janeiro, 16 ag. 1941, p. 5; 23 ago. 1941, p. 5; 1 set. 1941, p. 7; 13 set. 1941, p. 5; 27 set. 1941, p. 5, il.)

Entrevista com J. Carlos, Nássara, Augusto Rodrigues, Álvarus e Calixto sobre o assunto. **[948]**

Reportagem com os caricaturistas e illustradores *(An. Bras. Literatura,* Rio de Janeiro, 1940. p. 105-113, 25 il.) PQ9501.A6

Entrevista de notáveis caricaturistas brasileiros: Augusto Rodrigues, Santa Rosa, Álvarus, Thiré, Jerônimo Ribeiro, Orlando Moura, Euclides, Jorge Bastos, Méndez, Pacheco, e Paulo Werneck. Tema: Como eles esboçam Capitu, a heroína de *Dom Casmurro,* de Machado de Assis. Fotografias dos artistas e de seus desenhos. **[949]**

6. Escultura

Belmonte Cipicchia – caricaturista da escultura *(Planalto*, São Paulo, v. 1, nº 11, 15 out. 1941, p. 22-24, 6 il.) DLC uncat

Comentário sobre as pequenas figuras de Ricardo Cipicchia esculpidas em madeira, no estilo rápido e um tanto sentimental da vida dos negros caipiras e de alguns índios.

[950]

Embaixatriz e escultora em Washington *(Sombra*, Rio de Janeiro v. 1, nº 5, set.-out. 1941, p. 30-31, 4 il.) DLC uncat

Fotografias dos trabalhos de Maria Martins Pereira e Sousa. **[951]**

As estatuetas vivas do esculptor Cipicchia. *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 24, abr. 1937, p. 18, 3 il.) AP 66.I6

Ricardo Cipicchia se especializa em figurinhas de tipos de negros que se assemelham com certas obras helenísticas. **[952]**

J. B. Ferri e as surpresas de sua arte expressiva *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 43, nov. 1938, p. 39, 2 il.) AP66.I6

Um escultor moderno de monumentos em São Paulo, trabalhando no "estilo Mussolini". **[953]**

O Maranhão ao Duque de Caxias *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 20, nº 88, ago. 1942, p. 78-79, 4 il.) AP66.I6

Fotografias de uma estátua a Caxias destinada a São Luís do Maranhão pelo Prof. Correia Lima. **[954]**

Minigerode, C. Powell. *Sculptures by Maria Martins (Bull. Pan Amer. Union*, Washington, v. 65, nº 12, dec. 1941, p. 682-685, 5 il.) F1403.B955

Notas sobre uma exposição realizada no Corcoran Museum, em Washington. Excelentes fotografias.

[955]

Monumento a Caxias a ser erigido na capital paulista; concepção do escultor Brecheret *(Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 20, nº 88, ago. 1942, p. 89, 1 il.) AP66.I6

Modelo para uma importante estátua eqüestre. **[956]**

Rubens, Carlos. *O destino de uma obra-prima. Para onde irá a "Estátua do progresso" de Almeida Reis? (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 40, nº 43, 30 set. 1939, p. 29, 2 il.) DLC uncat

Refere-se à estátua em bronze do *Progresso* feita pelo escultor Almeida Reis, do século 19, que se achava colocada acima do relógio da Estação da Central do Rio em 1885 e ao problema da sua nova colocação em virtude da demolição da estação. [957]

Ribeiro, Flexa. *A escultura no Brasil; Correia Lima (Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 39, jul. 1938, p. 28-29, 6 il.) AP66.I6

Sem datas nem biografia convenientes; ensaio de crítica. **[958]**

Sangirardi Júnior. *Itinerário de Brecheret (Planalto*, São Paulo, v. 1, nº 6, 1 ago. 1941, p. 4-18, 3 il.) DLC uncat

Biografia fora do comum de Vítor Brecheret, de São Paulo, que foi amigo de Picasso e Brancusi em Paris, trabalhou na Suíça e no Havaí e é um dos principais expoentes sul-americanos da escultura neoclássica francesa moderna. **[959]**

Vidal, Barros. *Nicolina Vaz de Assis (Rev. Semana*, Rio de Janeiro, v. 41, nº 13,

30 mar. 1940, p. 26-27, 9 il.) DLC uncat

Rápida biografia de uma escultora. **[960]**

Wife of Brazil envoy leads two lives for art and diplomacy *(Life,* New York, v. 11, 8 dec. 1941, p. 154-157). AP2.L547

Fotografias de recente escultura de Maria Martins. **[961]**

7. Artes Menores

Calçadas da metrópole *(Ilustração Brasileira,* Rio de Janeiro, v. 17, nº 46, fev. 1939, p. 28-29, 6 il.) AP66.I6

Fotografias de detalhes de célebres calçadas em mosaico no Rio de Janeiro. **[962]**

Cunha, Nóbrega da. *Brazilian hand-made lace (Travel in Brazil,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1941, p. 16-21, 6 il.) DLC uncat

Rápido histórico com excelentes fotografias. Infelizmente não há comentários sobre técnica. **[963]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Osirarte (Planalto,* São Paulo, v. 1, nº 10, 1 out. 1941, p. 17, 2 il.) DLC uncat

Um grupo de pintores paulistas emcabeçado por Paulo Rossi Osir empreendeu reanimar recentemente a antiga arte portuguesa de pintar cenas complicadas em azulejo. Osirarte inspirou-se no rico folclore do Brasil. É impossível julgar o efeito real desses azulejos, uma vez que o editor não viu o colorido. **[964]**

8. Arte Popular

Brazilian dolls *(Travel in Brazil,* Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1942, p. 18-21, 7 il.)

Fotografias tiradas por Hess, acompanhadas por um texto resumido, das bonecas regionais feitas de trapos, arte recente no Brasil. **[965]**

Espinheiro, Ariosto. *Arte popular e educação.* São Paulo, Nacional, 1938. 168 p. 92 il. N85.E8

Apelo para um cultivo mais amplo da arte popular nas escolas e na vida brasileira. Entretanto, os exemplos dados pelo autor não são realmente arte popular, mas antes desenhos um tanto falsificados de *art nouveau*, são artificiais e intimamente ligados com o movimento da arte marajoara. **[966]**

Machado, Aníbal M. *As pinturas nos cafés do Rio (Sombra,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 5, set.-out., 1941, p. 34-39, 11 il.) DLC uncat

Interessantes exemplos de decoração de arte popular, elementares na sua maior parte, mas não de sabor tão regional como as *pulquerías* do México. **[967]**

Melo, Veríssimo de. *Divagações em torno de uma exposição (Sombra,* Rio de Janeiro, v. 1, nº 13, dez. 1942, p. 66-67, 82, 1 il color.) DLC uncat

Aquarelas de crianças ilustradas por uma bela gravura colorida de uma paisagem de fazenda. **[968]**

. . . .

Direito
(1500-1943)

Sílvio Portugal

Quando do descobrimento do Brasil pelos portugueses, em 1500, o litoral e hinterlândia desse país era habitado por silvícolas que constituíam grupos com diferenças somáticas e diversidade de línguas. Ainda no período da divisão dos poderes: além do chefe espiritual, tinha o chefe temporal. Achavam-se no período neolítico. Viviam em aldeias. Embora conhecessem o fogo, não sabiam trabalhar os metais. Incipiente a agricultura que praticavam. Ignoravam a escrita. Polígamos e endógamos, em geral. A propriedade, salvo no tocante às armas e a objetos pessoais e domésticos, era coletiva. Não havia entre eles um tipo uno de organização jurídica. Entrelaçavam-se a este respeito o princípio do totemismo, o do patriarcado e o territorial. Entre as comunhões de aldeia, deparavam-se uniões que eram impostas às tribos por necessidade de trocas ou conveniência bélica. Constituíam embriões de ligas internacionais. Em geral escravizados os prisioneiros de guerra, quando poupados à morte. Não era permanente o nome que a criança recebia ao nascer: trocavam-no por ocasião da emancipação, do casamento ou da prática de um feito heróico. Nas relações entre pais e filhos, ora prevalecia o princípio materno, ora o paterno. Predominava este no tocante ao direito de proteção. O pai era, em regra, o chefe absoluto da família. Podia vender o filho, vender ou trocar a mulher, decidir sobre o casamento da filha. Havia o uso geral da *couvade*. Quando o pai, por morte, deixava de ser o chefe da família, o seu mais próximo parente masculino assumia os direitos e deveres paternos, sendo obrigado a casar com a viúva (levirato). Prevalecia o pátrio poder, quanto ao filho, até que chegasse à virili-

dade, e, quanto à filha, em regra, até o casamento. Não tinha a herança importância alguma. As poucas coisas suscetíveis de apropriação individual destinavam-se ao monte para a vida de além-túmulo: queimavam-se ou enterravam-se com o corpo. Quando hereditário, o cargo de chefe subordinava-se quase sempre ao direito materno, sucedendo-lhe o irmão materno, ou o filho da irmã. Além do casamento monogâmico, havia o poligâmico monândrico e o casamento por grupo, sob a forma de promiscuidade geral entre os homens reunidos na casa comum. Era usual o roubo de mulheres de tribos vizinhas, com o objetivo de convertê-las em esposas. Antes de receber a mulher, muitas vezes o pretendente prestava serviços ao futuro sogro. Outras, empenhavam-se os pretendentes em luta, disputando a noiva como prêmio da vitória. Além da propriedade comum da aldeia, havia a propriedade doméstica e a individual. Não se fixava, em regra, valor determinado para os objetos, cuja troca as mais das vezes se operava pela prática da hospitalidade: o hóspede tinha o dever de trazer presentes. Para manutenção do direito, lançavam mão de processo diverso: a reação pela coletividade, a intervenção direta do chefe, a sentença da assembléia, a ação pessoal do ofendido ou de sua família, a vingança do sangue ou de toda a comunhão[1].

Por assim dizer nenhuma contribuição dos costumes dos aborígines para a formação do direito brasileiro. Prevaleceu, nesse terreno, o direito do povo colonizador, de situação cultural muito mais elevada.

Não exerceu também o elemento negro, importado da África, influência maior. O escravo africano achava-se em estado de transição entre o nomandismo e a vida sedentária, entre a tribo e a organização unitária, entre o comunismo agrícola e a propriedade individual. Provindo de agregados políticos rudimentares, em que dominava a psicologia da

---

(1) Max Schmidt, "Sobre o direito dos selvagens tropicais da América do Sul", trad. no *Boletim do Museu Nacional*, vol. VI, n. 3, Rio de Janeiro, 1930, págs. 223-251; J. I. Martins Júnior, *História do Direito Nacional*, Rio de Janeiro, 1895, págs. 145-154.

comunidade, não colaborou de modo sensível, apesar de mais adiantado do que o índio sob os aspectos econômico, social e artístico, na elaboração das instituições jurídicas do Brasil. Nos primórdios de nossa formação, e a partir do século XVI, surgiu o dominador português, cuja superioridade se revela por séculos de evolução histórica, com apurada organização social, "sob a base da propriedade e da divisão do trabalho, do comércio internacional e marítimo, do urbanismo e da diferenciação das classes. Superando até as aquisições da cultura recebida, tornara-se criador de novas técnicas comerciais e náuticas. Era monogâmico, monárquico e monoteísta. De sedentária, a sua civilização evoluía até a centralização unitária, no estado e na religião"[1].

Ao abrir-se a era dos descobrimentos, vigorava em Portugal o Código Afonsino, o mais antigo da Europa. Publicado em 1446 ou 1447, só foi impresso, entretanto, em 1792. Quanto à doutrina, abeberou-se no *Corpus Juris Civilis,* e, com referência à ordem das matérias, seguiu o método das *Decretais* do Papa Gregório IX. Apresenta notável significação cultural e revela o grau de adiantamento a que haviam chegado os portugueses em assuntos de jurisprudência. Dispondo sobre quase todos os ramos de administração do estado, restringiu a legislação feudal e consuetudinária e refletiu a vitória do Direito Romano sobre o Canônico. O Código Afonsino, também conhecido por Ordenações Afonsinas, sofreu revisão sob o reinado de D. Manuel, o Venturoso, sendo substituído em 1521 pelas Ordenações Manuelinas, que lhe seguem o sistema, acentuam a prevalência do direito romano e fortalecem o absolutismo real.

Sob o reinado de Filipe II, em 1603, passou a vigorar em Portugal novo código de leis, as Ordenações Filipinas, contendo quase todos os preceitos do anterior, além dos que se originaram de reformas durante o século XVI. Compõe-se de cinco livros: o 1º define as atribuições, direi-

---

(1) Jaime Cortesão, "A expansão portuguesa no Brasil", na *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* vol. III, Lisboa, 1940, pág. 13.

tos e deveres dos magistrados e funcionários da Justiça; o 2º legisla sobre as relações entre a Igreja Católica e o Estado, os direitos do fisco, os privilégios da nobreza; o 3º trata do processo civil e criminal; o 4º versa sobre direitos de família, das coisas, das obrigações e das sucessões; e, finalmente, o 5º expõe a matéria penal.

Durante mais de dois séculos, salvo modificações pela legislação intercorrente, vigorou em Portugal e no Brasil Colônia. O seu livro 4º continuou, depois da independência do Brasil até o advento do Código Civil, a reger as relações de ordem privada em nosso país, modificada embora por grande cópia de leis que se lhe agregaram em tão largo período, acompanhando as mutações por que passou a sociedade.

As Ordenações Filipinas, refere Cândido Mendes de Almeida[1], apresentam, sob o fundo de eqüidade, o que de melhor se encontra no Direito Romano entendido segundo a Glosa. Ásperas em geral são as penas que se encontram em seu livro 5º; mas, naquela época, suportavam confronto com a legislação de outros povos, sobretudo com a legislação inglesa [2].

Em 18 de agosto de 1769, com a Lei da Boa Razão, e em 28 de agosto de 1772, com a que promulgou os novos estatutos da Universidade de Coimbra, acentuou-se na metrópole, sob a orientação do Marquês de Pombal, o acatamento precípuo às leis nacionais, das quais o direito romano e o canônico se tornaram subsidiários, e rejuvenesceram os métodos de ensino na universidade.

Durante o período colonial, houve numerosas leis referentes ao Brasil, especialmente: *a)* quanto à administração dos terrenos diamantinos e auríferos e sistemas de tributação da indústria de extração do ouro e dos diamantes; *b)* quanto à abolição do cativeiro dos índios. Sob o aspecto internacional, a política portuguesa foi sempre contrária às relações da

---

(1) *Código Filipino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal Recopiladas por Mandato d'El-Rei D. Filipe I*, 14 ed., Rio de Janeiro, 1870, pág. XXV.

(2) *Id., ibid.*, pág. XXVI.

colônia com países estrangeiros. O Tratado de Tordesilhas (1494), anterior ao descobrimento, dispôs sobre as terras do Brasil; os de Utrecht (1713), Madri (1750), Paris (1763) e Santo Ildefonso (1777) cuidaram da colônia do Sacramento. Depois da transferência do governo de D. João VI para o Rio de Janeiro, assinaram-se vários tratados, entre os quais o de aliança com a Inglaterra (1810) e o de incorporação da Banda Oriental ao reino do Brasil, a princípio sob o nome de estado e, posteriormente, sob o de Província Cisplatina.

Paralelamente com o movimento legislativo, desenvolveu-se em Portugal o cultivo do direito. Tratadistas, decisionistas e praxistas, do século XVI ao começo do século XIX, em abundante floração, escreveram acerca de todos departamentos do Direito: Álvaro Velasco, Manuel Mendes de Castro, Francisco Pinheiro, Manuel Álvares Pêgas, Silvestre Gomes de Morais, Manuel Gonçalves da Silva, Pascual José de Melo Freire, Joaquim José Caetano Pereira e Sousa, Manuel de Almeida e Sousa (Lobão), Antônio Joaquim de Gouveia Pinto, José da Silva Lisboa (brasileiro), José Ferreira Borges, José Pereira de Carvalho, Manuel Borges Carneiro, José Homem Correia Teles.

No alvará com que, em 1526, Cristóvão Jacques fora nomeado governador do Brasil não se lhe especificaram as atribuições. Em 1531, trouxe Martim Afonso de Sousa poderes extraordinários, no cível e no crime, para reger a colônia. Podia tomar posse do território, fazer lavrar autos, pôr marcos, dar terras de sesmaria, criar cargos de tabeliães, oficiais de justiça e outros. Sob o regime das capitanias hereditárias, a partir de 1534, expediram-se cartas de concessão e forais aos respectivos donatários. Verdadeiros senhores feudais, dispunham os donatários de poderes soberanos, exceto o de cunhar moeda. Cedia-lhes a Coroa a maior parte de seus direitos. Os donatários, com o título de capitães e governadores, dispunham do poder de criar vilas, conceder sesmarias, auferir rendas não reservadas à metrópole e exercer, com amplitude, funções administrativas e judiciárias. Em todos os pontos não especificados, consideravam-se vigentes na colônia as leis gerais do reino. Estabeleceu-

se, em 1548, um governo-geral na Bahia, cujo regimento constitui a Magna Carta da nacionalidade nascente. A nova Constituição, centralizando a administração e os negócios de Justiça e Fazenda, criou os cargos de governador-geral, ouvidor-geral e provedor-mor; organizou a defesa militar; versou sobre a concessão de sesmarias; aconselhou o combate ao luxo; tratou dos engenhos de açúcar e proibiu a escravização dos índios. Durou esta organização, com algumas leis complementares, mais de dois séculos e meio. Do Estado do Brasil, com sede na Bahia, separou-se em 1621, depois de duas efêmeras divisões do governo-geral, o Estado do Maranhão, tendo por capital São Luís e compreendendo o Ceará, o Maranhão e o Grão-Pará. Dissolvido o Estado do Maranhão, em 1775, unificou-se de novo o governo do Brasil, já então com sede no Rio de Janeiro.

Os primitivos donatários de capitanias tinham atribuições judiciárias. Também as possuía, em casos determinados, o governador-geral, bem como os ouvidores e provedores, cujas funções consistiam em distribuir justiça entre os particulares e resguardar os interesses do estado. O Conselho da Índia, que começou a funcionar em Lisboa, em 1604, conhecia de todas as matérias e negócios referentes ao Brasil. Abolido esse Conselho, passaram suas atribuições para o Conselho Ultramarino (negócios de fazenda), para a Mesa de Consciência e Ordens (Igreja, defuntos e ausentes) e para o Desembargo do Paço (magistratura), departamentos que cuidavam de assuntos ligados à administração política e judiciária do Brasil. O Tribunal de Relação da Bahia instalou-se em 1609. Foi extinto em 1629 e restabelecido em 1652. O do Rio de Janeiro entrou a funcionar em 1751. Subordinava-se diretamente à metrópole o ouvidor-geral do Estado do Maranhão. Em 1765, instituíram-se no Brasil Juntas de Justiça, pequenos tribunais compostos do ouvidor de uma capitania e de dois letrados adjuntos.

O Brasil holandês regulou-se pelo *Regimento do Governo das Praças Conquistadas nas Índias Ocidentais,* de 1629. Houve um Conselho Político em Recife. Posteriormente, o governador-geral holandês presidia a um

conselho de três membros, continuando o Conselho Político como órgão auxiliar. Os brasileiros, quanto a direitos e obrigações especificados na legislação neerlandesa, eram equiparados aos holandeses; e as câmaras municipais foram substituídas por câmaras de magistrados, de 3 a 9 membros, tendo atribuições judiciárias de primeira instância, no crime e no cível, com apelação para o Conselho Político.

Em 1808, mudando-se para o Brasil a corte portuguesa, vieram da metrópole as principais repartições administrativas (tribunais, erário, polícia). Os nossos portos abrem-se ao comércio das nações amigas e declaram-se livres as indústrias. Tempos depois é o Brasil elevado a reino (1815). Em abril de 1821, regressando D. João VI com a corte a Portugal, aqui deixa seu filho, D. Pedro, à testa do governo. Antecipando-se ao regime constitucional, D. Pedro decreta a 23 de maio seguinte a liberdade de imprensa. A 5 de junho presta juramento às bases da Constituição portuguesa e aceita uma junta de nove deputados para o auxiliar no governo. Em 1822, desobedecendo às cortes de Lisboa, declara que ficará no Brasil (9 de janeiro); convoca a reunião de um conselho de representantes das províncias; proíbe que se executem no Brasil, sem a sua sanção, ordens e leis da metrópole (21 de fevereiro); convoca uma Assembléia Constituinte; e, finalmente, proclama a separação política do Brasil, decretando a sua independência (7 de setembro). Instala-se a Constituinte a 3 de maio de 1823 e é dissolvida a 12 de novembro. Preparado pelo Conselho de Estado um projeto de Constituição, resolve D. Pedro jurá-lo a 25 de março de 1824. O Ato Adicional, de 12 de agosto de 1834, reforma a Constituição e tem alguns de seus preceitos interpretados, mais tarde, pela lei de 12 de maio de 1840. Os cargos de presidentes de província, criados pela lei de 20 de outubro de 1823, que lhes fixara atribuições, obtêm regulamentação por lei de 3 de outubro de 1834.

A Constituição de 1824 manteve o Conselho de Estado, que o decreto de 13 de novembro de 1823 havia restaurado. Extinto pelo Ato Adicional, a lei de 23 de novembro de 1841 restabeleceu-o. Sua jurisprudência administrativa é variada e brilhante.

Cessa o regime unitário do Império com o advento, em 15 de novembro de 1889, da República federativa, cujo governo provisório dissolve as assembléias provinciais, traça as atribuições dos governadores dos estados e expede inúmeros decretos sobre o direito público e privado. O Congresso Constituinte, que se reúne no ano seguinte, promulga a Constituição republicana em 24 de fevereiro de 1891. Reformada em 1926, é substituída, depois de farta expedição de decretos pelo governo ditatorial seguinte à revolução de outubro de 1930 e após os trabalhos do Congresso Constituinte, que se reuniu de 1933 a 1934, pela de 16 de julho de 1934, a qual vigorou durante pouco mais de três anos. Do golpe de estado, levado a efeito pelo presidente eleito naquele Congresso, proveio, em 10 de novembro de 1937, a atual Constituição, que renovou o mandato ao presidente e já sofreu oito emendas decorrentes de leis constitucionais. Seu art. 186 declara em todo o país o estado de emergência; mas, por decreto de 31 de agosto de 1942, o Presidente da República proclama em todo o território nacional o estado de guerra e determina a suspensão, durante o mesmo, de vários dispositivos constitucionais, entre os quais o art. 175, primeira parte, no que concerne ao curso do prazo do primeiro período presidencial; o art. 122, n.os 2, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15 e 16, atinentes a garantias individuais; os arts. 136, final da alínea, 137 e 138, referentes à ordem econômica; e o art. 156, letras *c* e *h*, que dizem respeito aos funcionários públicos. Prescreve o art. 170 da Carta Magna que durante o estado de emergência, ou o estado de guerra, os juízes e tribunais não poderão conhecer os atos praticados em virtude deles.

As câmaras municipais do Brasil tiveram grande importância na Colônia, quando se compunham, em regra, de dois juízes ordinários e dois ou mais vereadores eleitos anualmente, além do procurador, do escrivão e de um ou dois almotacéis encarregados de executar as posturas e fiscalizar a aferição dos pesos e medidas. Dispunham de poderes muito mais importantes do que as municipalidades posteriores, visto que, além de funções judiciais e de polícia local, exerciam outras de relevo na

administração do país. Entre estas, a de nomear procuradores às Cortes. Exercendo atribuições políticas, tiveram influência considerável na luta pelas conquistas liberais. A lei de 1º de outubro de 1828 organiza as câmaras municipais, em obediência ao art. 69 da Constituição do Império. Torna-as o Ato Adicional dependentes das assembléias provinciais; e as constituições subseqüentes asseguram a autonomia do município em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse.

A Constituição de 1824, organizou, em seu Título VI, o Poder Judiciário. O Supremo Tribunal de Justiça, com sede na Capital do Império, criado por lei de 18 de setembro de 1828, compunha-se de dezessete juízes letrados, escolhidos dentre os dos tribunais provinciais (*Relações*) por ordem de antiguidade.

Outras leis e decretos importantes, sobre organização judiciária, promulgam-se no Império e na República: a lei de 15 de outubro de 1827, criando os juízes de paz; a de 1º de outubro de 1828, criando câmaras municipais em cada cidade e vila do Império; a de 3 de dezembro de 1841, sobre juízes municipais e de direito; o decreto de 15 de março de 1842, que lhe regula a execução da parte civil; a lei de 20 de setembro de 1871, alterando disposições da legislação judiciária e o respectivo decreto regulamentador, de 22 de novembro do mesmo ano; o decreto de 11 de outubro de 1890, que organiza a Justiça Federal da República; a lei de 20 de novembro de 1894, completando a organização da Justiça Federal; o decreto de 5 de novembro de 1898, que consolida as leis referentes à Justiça Federal; os decretos de 3 de fevereiro e 13 de junho de 1931, que reorganiza o Supremo Tribunal Federal; o decreto-lei de 11 de novembro de 1940, dispondo sobre a nomeação de presidente e vice-presidente do Supremo Tribunal Federal.

O Poder Judiciário tem atualmente como órgão o Supremo Tribunal Federal; os juízes e tribunais dos estados, do Distrito Federal e dos territórios; os juízes e tribunais militares. São órgãos da Justiça Militar o Supremo Militar e os tribunais e juízes inferiores criados em lei. Aparece na República o Tribunal de Contas. A instituição do júri, mantida pelas

Constituições de 1891 e 1934, regula-se por decreto-lei de 5 de janeiro de 1938. O Tribunal de Segurança Nacional foi instituído por lei de 11 de setembro de 1936, modificada pelas de 20 de dezembro de 1937, 10 de maio e 29 de junho de 1939.

Depois de traçar a organização nacional, discriminando a competência e atribuições da união, dos estados e dos municípios, a Constituição de 1937 cuida do Poder Legislativo, que é exercido pelo Parlamento Nacional, com a colaboração do Conselho de Economia Nacional e do Presidente da República. O Parlamento Nacional compõe-se de duas câmaras: a Câmara dos Deputados e o Conselho Federal, aquela constituída de representantes do povo, eleitos mediante sufrágio indireto, e este de representantes dos estados e dez membros nomeados pelo Presidente da República. O período presidencial é de seis anos, começando o primeiro na data da Constituição (arts. 80 e 175, 1ª alínea). "O atual Presidente da República" – esclarece o art. 175, 2ª alínea – "tem renovado o seu mandato até a realização do plebiscito a que se refere o art. 187, terminando o período presidencial fixado no art. 80, se o resultado do plebiscito for favorável à Constituição". O art. 187 diz: "Esta Constituição entrará em vigor na sua data e será submetida ao plebiscito nacional na forma regulada em decreto do Presidente da República. Os oficiais em serviço ativo das Forças Armadas são considerados, independentemente de qualquer formalidade, alistados para os efeitos do plebiscito."

A antiga Câmara dos Deputados, o Senado Federal, as assembléias legislativas dos estados e as câmaras municipais foram dissolvidas na data a Constituição, conforme dispõe o art. 178, que acrescenta: "As eleições ao Parlamento serão marcadas pelo Presidente da República, depois de realizado o plebiscito a que se refere o art. 187." Ainda não se publicou o decreto regulador do plebiscito.

Foram extintos o Tribunal Superior e os Tribunais Regionais de Justiça Eleitoral e dissolvidos os partidos políticos (decreto-lei de 2 de dezembro de 1937). O Código Eleitoral e a legislação complementar dei-

xaram de vigorar, por força do disposto no art. 183 da nova Constituição.

Declarada extinta a Justiça Federal, os respectivos feitos cíveis ou criminais passaram à competência da Justiça local (Decreto-Lei nº 6, de 16 de novembro de 1937).

O Ministério Público Federal está organizado nos termos dos decretos-leis de 27 de dezembro de 1938 e 3 de maio de 1943.

O problema da descentralização administrativa avulta, entre nós, e constitui um dos mais expressivos da vida política brasileira. Tavares Bastos combateu com ardor os males da centralização. Mas o Direito Administrativo, embora apresentando cultores ao tempo do Império, encontrou na República clima mais propício ao seu desenvolvimento, sobretudo nos últimos tempos. O antigo Conselho de Estado, o Tribunal de Contas, o Departamento Administrativo do Serviço Público, os Conselhos de Contribuintes, Superior de Tarifas, de Águas e Energia Elétrica têm concorrido para a elaboração daquele direito, na esfera administrativa. Na legislação, apontam-se depois de 1930, os Códigos de Águas (10-7-1934), de Minas (10-7-1934), de Caça (12-4-1939), de Pesca (19-10-1938 e 27-9-1939) e Florestal (23-1-1934), além do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União (decreto-lei de 28 de outubro de 1939). Regula as desapropriações por utilidade pública a lei de 21 de junho de 1941. Dispõe sobre as normas para a revisão qüinqüenal da divisão administrativa e judiciária do país a lei de 21 de outubro de 1943.

O Código Criminal do Império é de 16 de dezembro de 1830. O decreto de 11 de outubro de 1890 promulga o Código Penal da República; o de 14 de dezembro de 1932, aprova a Consolidação das Leis Penais; e o decreto-lei de 7 de dezembro de 1940 decreta o vigente Código Penal, que, em seu art. 360, ao revogar as disposições em contrário, ressalva a legislação especial sobre os crimes contra a existência, a segurança e a integridade do Estado (leis de 4 de abril e 14 de dezembro de 1935, 2 de dezembro de 1937, 18 de maio e 8 de junho de 1938, 1º de outubro de 1942), e contra a guarda e o emprego da economia popular

(leis de 18 de novembro de 1938, 23 de agosto de 1940 e outras), os crimes de imprensa (decreto de 14 de julho de 1934), e os de falência (decreto de 9 de dezembro de 1929), os de responsabilidade do Presidente da República (arts. 85 a 87 da Constituição) dos governadores ou interventores (decreto-lei de 8 de abril de 1939), e os crimes militares. De 2 de outubro de 1941 é a Lei das Contravenções Penais e de 9 de dezembro de 1941 a de Introdução do Código Penal e da Lei das Contravenções Penais. O decreto de 7 de março de 1891 promulgou o Código Penal da Armada, que a lei de 29 de setembro de 1899 ampliou ao Exército. Decretos-leis de 8 de maio e 10 de julho de 1941 tratam de crimes contra a Fazenda Pública. Numerosos tratados e convenções têm sido assinados sobre matéria penal. Em 28 de abril de 1938 é decretada a lei de extradição.

Apresenta e legislação processual, civil e penal, do Império à República; entre outros diplomas, a lei de 29 de novembro de 1832, que promulga o Código de Processo Criminal; a de 3 de dezembro de 1841, que a reforma; o decreto de 25 de novembro de 1850, sobre o processo comercial; a lei de 5 de outubro de 1885, que altera o processo das execuções cíveis e comerciais; o decreto de 5 de setembro de 1890, sobre divisão e demarcação de terras particulares; o de 19 de setembro de 1890, que estende às causas civis em geral o regulamento nº 737, de 25 de novembro de 1850; o Código de Processo Civil Nacional, de 18 de setembro de 1939; o decreto-lei de 17 de dezembro de 1938, sobre executivos fiscais; o Código de Processo Penal (decreto-lei de 3 de outubro de 1941); a Lei de Introdução ao Código de Processo Penal (decreto-lei de 11 de dezembro de 1941).

Leis sobre Justiça Militar têm sido publicadas depois de 1930, entre as quais o Código de Justiça Militar, de 2 de dezembro de 1938, e seu complemento, de 22 de junho de 1938, sobre processo e julgamento dos civis em foro militar.

Na esfera internacional, nosso país tem tomado parte em importantes conferências de significação universal e continental. Haja vista,

entre outras, a segunda conferência da paz, que em 1907 se reuniu em Haia e onde Rui Barbosa, com sua eloqüência, seu descortino, sua cultura verdadeiramente assombrosa, seu perfeito conhecimento de línguas estrangeiras e de todos os problemas jurídicos que ali se discutiram, imprimiu à nossa representação um brilho inexcedível, maravilhou o mundo e elevou o nome do Brasil às maiores alturas[1].

O direito privado, que entre nós se cultiva com esmero desde o tempo do Império, onde fulgem os nomes de Augusto Teixeira de Freitas e Lafaiete Rodrigues Pereira, desenvolveu-se pouco a pouco no sentido da codificação.

O Código Comercial, que é de 25 de junho de 1850, tem sido modificado por inúmeras leis, cuja sinopse até 1930 se encontra na obra de J. X. Carvalho de Mendonça[2]. De 1930 para cá, notam-se entre outros os diplomas de: 10 de dezembro de 1930, e 18 de março e 29 de setembro de 1931 (conhecimentos de transporte); 25 de abril de 1932 (suprime as contas-correntes em moeda estrangeira nos estabelecimentos bancários); 15 de junho de 1932 (ações preferenciais nas sociedades anônimas); 19 de outubro de 1932 e 1º de fevereiro de 1933 (regula a profissão de leiloeiro); 6 de fevereiro de 1933 e 12 de outubro de 1938 (comunhão de interesses entre os portadores de debêntures); 10 de fevereiro de 1933 (sociedade de capitalização); 7 de abril de 1933 (juros dos contratos: lei da usura); 6 de julho de 1933 e 5 de julho de 1934 (tribunais marítimos administrativos); 20 de abril de 1934 (renovação dos contratos de locação de imóveis destinados a fins comerciais e industriais; lei de luvas); 15 de janeiro de 1936 (duplicatas e contas assinadas); 2 de janeiro de 1939 (registro de contratos de compra e venda com reserva de domínio); 8 de abril e 29 de junho de 1939 (operações de câmbio); 16 de maio e 23 de outubro de 1939 e 7 de março de 1940 (penhor de máqui-

---

(1) William T. Stead, *O Brasil em Haia*, trad. brasileira de Artur Bomilcar, ed. definitiva, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1925.

(2) *Tratado de Direito Comercial Brasileiro*, vol. I, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1930, ns. 82 a 114.

nas e aparelhos utilizados na indústria); 13 de junho de 1939 (bolsas de valores); 16 de junho de 1939 (sistema legal de unidades de medir); 29 de junho de 1939 (obrigações ao portador); 23 de setembro de 1939 (penhor de produtos de suinocultura); 5 de março de 1940 (conversão de ações ordinárias das sociedades anônimas em ações preferenciais); 7 de março de 1940 (seguros privados); 26 de setembro e 31 de dezembro de 1940 (sociedades por ações); 2 de abril de 1941 (penhor do sal e de coisas destinadas à exploração de salinas); 8 de maio de 1941 (reservas livres das sociedades de seguros e de capitalização); 8 de dezembro de 1941 (sociedades mútuas de seguros); 3 de dezembro de 1942 (nova redação do art. 7º da Lei de Falências); 18 de março de 1942 (penhor de máquinas e aparelhos utilizados na indústria); 20 de maio de 1942 (penhor de animais para a industrialização de carnes e derivados); 5 de outubro de 1942 (institui o cruzeiro como unidade monetária brasileira); 21 de outubro de 1943 (regulamento para o ofício de tradutor público e intérprete comercial); e 1º de novembro de 1943 (entradas de capital nas sociedades por ações em organização).

Vários projetos procederam, no século 19, a codificação civil. O primeiro, de Teixeira de Freitas *(Esboço)*, serviu de base ao Código Civil argentino. O projeto de Clóvis Beviláqua foi o que se converteu em lei, depois de ampla discussão dentro e fora do Parlamento e consideráveis modificações. Promulgado por lei de 1º de janeiro de 1916 e posteriormente corrigido por lei de 15 de janeiro de 1919, o Código Civil tem sofrido alterações e acréscimos. Os diplomas mais importantes são de: 2 de janeiro de 1924 (direitos autorais); 20 de dezembro de 1923 e 27 de fevereiro de 1924 (menores abandonados); 25 de junho de 1928 e 8 de fevereiro de 1943 (alienação parcial dos edifícios de mais de cinco e de mais de três andares); 7 de janeiro de 1931 (locação de prédios); 27 de agosto de 1931 (introduz um parágrafo no art. 9º do Código Civil); 25 de junho de 1930, 6 de janeiro de 1932, 29 de janeiro de 1935 e 19 de agosto de 1942 (prescrição qüinqüenal); 14 de setembro de 1932 e 14 de março de 1935 (seguros); 28 de outubro de 1932 (pagamento de títulos

em moeda estrangeira); 7 de abril de 1933 (juros dos contratos); 10 de julho de 1934 (Código de Minas); 10 de julho de 1934 (Código de Águas); 27 de novembro de 1933 (pagamento em ouro); 14 de julho de 1934 (caução de créditos garantidos por hipoteca ou penhor); 10 de julho de 1934 e 14 de março de 1935 (acidentes no trabalho); 29 de janeiro de 1935 (termo inicial do prazo da prescrição previsto no art. 178, §§ 1º e 7º, nº 1, do Código Civil); 26 de janeiro de 1934 (licença para casamento aos funcionários diplomáticos e consulares); 16 de janeiro de 1937 (casamento religioso para efeitos civis); 30 de agosto de 1937 (penhor rural e cédula pignoratícia); 10 de dezembro de 1937 e 15 de setembro de 1939 (loteamento e venda de terrenos para pagamento em prestações); 1º de agosto de 1938 e 19 de dezembro de 1932 (sociedades cooperativas); 5 de dezembro de 1938 (sociedades cooperativas de seguros); 29 de dezembro de 1938 (penhor agrícola); 2 de janeiro de 1939 (registro de contratos de compra e venda com reserva de domínio); 22 de fevereiro de 1939 (taxas de juros nos empréstimos sobre penhor); 27 de janeiro de 1939 (cláusula ouro e moeda estrangeira); 3 de janeiro de 1917, 7 de fevereiro de 1924, 24 de dezembro de 1928, 9 de novembro de 1939, 29 de fevereiro de 1940, 6 de maio de 1940, 29 de maio de 1941 e 30 de setembro de 1943 (registros públicos); 26 de dezembro de 1939 e 12 de dezembro de 1940 (herança jacente); 20 de setembro de 1940 (registro de penhor rural); 19 de abril de 1941, 13 e 21 de janeiro de 1943 (organização e proteção da família); 30 de julho, 8 de dezembro de 1942 e 8 de abril de 1943 (prescrição das ações de anulação de casamento); 20 de agosto de 1942 e 4 de janeiro de 1943 (locações e sublocações); 4 e 17 de setembro de 1942 (Lei de Introdução ao Código Civil); 24 de setembro de 1942 (reconhecimento de filhos naturais); 8 de abril de 1943 (beneficiários de seguro de vida); 30 de setembro de 1943 (modifica o art. 348 do Código Civil).

O Direito Industrial tem tido também desenvolvimento. Entre os últimos diplomas citam-se: o de 26 de julho de 1933, que aprova o regulamento do Departamento Nacional da Propriedade Industrial; o da

mesma data, modificando o regulamento de 10 de dezembro de 1923, que conferiu garantias à propriedade industrial; o de 27 de dezembro de 1933, que estabelece nova classificação para o serviço das invenções industriais e para o das marcas de indústrias e comércio; o de 29 de junho de 1934, que aprova o regulamento para a concessão de patentes de desenho ou modelo industrial, para o registro do nome comercial e do título dos estabelecimentos e para a repressão à concorrência desleal; os de 11 de julho de 1934 e 25 de agosto de 1938, referentes ao Conselho de Recursos da Propriedade Industrial; o de 18 de fevereiro de 1938, sujeitando a registro industrial todas as firmas e empresas industriais; o de 14 de setembro de 1939, que altera disposições do regulamento de 10 de dezembro de 1923; o de 21 de novembro de 1939, sobre publicação de clichês da propriedade industrial nos órgãos oficiais; os três decretos de 7 de outubro de 1940, respetivamente reorganizando o Departamento Nacional da Propriedade Industrial, aprovando-lhe o regulamento e reorganizando o Conselho de Recursos.

Quanto ao direito aéreo, o decreto-lei de 8 de junho de 1938 institui o Código Brasileiro do Ar e o de 20 de janeiro de 1941 cria o Ministério da Aeronáutica.

O Direito Internacional Privado, cujas regras fundamentais constam da Introdução ao Código Civil, sofreu grandes modificações com a substituição dessa parte de nosso corpo de leis civis pelos preceitos do decreto-lei de 4 de setembro de 1942, de cuja matéria, aliás, também cogita o nosso Direito Convencional decorrente do Código Bustamante, aprovado pela Sexta Conferência Pan-Americana, que se realizou em Havana, em 1928, e promulgado no Brasil pelo decreto de 13 de agosto de 1929.

Percorre nosso direito privado o sopro renovador que lhe imprimem correntes modernas do pensamento universal.

No Direito Mercantil, sob imperativos econômicos sociais, há pronunciada tendência para a sistematização jurídica, de que dão notícia as tentativas para o novo Código Comercial. Neste sentido apontam-se, em

1912, o projeto Inglês de Sousa, de acordo com o decreto legislativo de 4 de janeiro de 1911; o esboço Vieira Ferreira, publicado na *Revista de Direito Comercial*, vol. I, pág. X (1929); o plano Castro Rebelo, estampado na mesma *Revista*, vol. I, pág. CXVII (1931); e o trabalho de Júlio Santos Filho, na citada *Revista*, vol. 7, pág. 198 (1937).

No Direito Civil, o mesmo ambiente de renovação. Além da legislação subseqüente ao Código Civil, o qual, promulgado em 1º de janeiro de 1916, entrou a vigorar um ano depois, salienta-se o anteprojeto de Código de Obrigações (parte geral), de 1941, elaborado por uma comissão nomeada pelo Ministro da Justiça, Dr. Francisco Campos, e composta dos Profs. Orozimbo Nonato, Filadelfo Azevedo e Hahnemann Guimarães. Trata do assunto a monografia de Jaime Landim, *Reforma do Código Civil Brasileiro*, contribuição ao Congresso Jurídico Nacional de 1943.

Ao tempo do Brasil Colônia, expedem-se atos legislativos referentes à conversão e à liberdade dos índios. Destacam-se os de 20 de março de 1570, 15 de novembro de 1595, 30 de julho de 1609, 10 de setembro de 1611, 10 de novembro de 1647, 1º de abril de 1680, 6 e 7 de junho de 1755 e 8 de maio de 1758. No Brasil Império, a lei de 27 de outubro de 1831 decreta a liberdade dos índios[1].

Em relação aos negros, que foram introduzidos no país a partir do século XVI, o combate à sua escravidão consta de diversas leis: a de 7 de novembro de 1831, proibindo o tráfico; a de 4 de setembro de 1850, no mesmo sentido; a de 28 de setembro de 1871, que liberta os nascituros; a de 28 de setembro de 1885, que liberta os sexagenários; e, finalmente, a de 13 de maio de 1888, que declara extinta a escravidão.

A convenção entre o Brasil e a Grã-Bretanha, de 23 de novembro de 1826, relativa ao tráfico, considera-o absolutamente ilícito a partir de 1830.

---

(1) *Obras de João Francisco Lisboa*, vol. II, S. Luís do Maranhão, 1865, págs. 273 e seguintes; Afonso Celso, "Quadro da História Externa do Direito Brasileiro", na *Revista de Jurisprudência*, de Raja Gabaglia, vol. 9, págs. 214-215.

O chamado direito social, de proteção ao trabalhador, teve no Império reduzida expressão, conforme se vê dos avisos de 29 de outubro de 1834 (assistência e locação de serviços); da lei de 2 de julho de 1840 (salários); do decreto de 15 de março de 1879 (trabalho agrícola); e do Código Comercial de 1850, em cujos arts. 74 e seguintes, interpretados com caráter liberal, se assinalam garantias aos feitores, guarda-livros e caixeiros. Na República, citam-se o decreto de 11 de outubro de 1890, que cuida da infância desvalida; o decreto de 17 de janeiro de 1891, sobre trabalho de menores nas fábricas; e vários outros, concedendo vantagens materiais aos trabalhadores. O Código Civil, de 1916; o Código de Menores, de 12 de outubro de 1927; a lei de acidentes do trabalho de 15 de janeiro de 1919; a que institui as Caixas de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários, de 24 de janeiro de 1923; a de 30 de abril de 1923, que cria o Conselho Nacional do Trabalho; a de férias, de 24 de dezembro de 1928; a Constituição reformada em 1926, atribuindo à União competência privativa para legislar sobre o trabalho – propiciaram maior amplitude de proteção às classes necessitadas. Mas, após a revolução de 1930, as leis sociais se sucedem em número avultado, destacando-se, ultimamente, a Consolidação das Leis Trabalhistas, aprovada pelo decreto-lei de 1º de maio de 1943.

Aliás, desde o princípio deste século, o Estado de São Paulo tem decretado medidas eficientes de proteção aos trabalhadores, sobretudo agrícolas.

Sob o ponto de vista eclesiástico, as terras do Brasil foram a princípio consideradas como pertencentes à Ordem de Cristo, sujeitas como tais, ao vigário de Tomar, cuja jurisdição se exercia por delegação do papa. Em 1514, subordina-se o Brasil à mitra de Funchal. Cria-se, em 1551, o bispado da Bahia, elevado a arcebispado em 1676. Outros bispados se estabelecem, posteriormente, até o decreto do Governo provisório, de 7 de janeiro de 1890, no alvorecer da República, que, extinguindo o padroado, separa a Igreja do Estado[1].

---

(1) Afonso Celso, *loc. cit.*, pág. 204.

A Ordem dos Advogados do Brasil, criada oficialmente por decreto federal de 18 de novembro de 1930, tem sido objeto de providências legislativas, entre as quais se destacam o decreto de 20 de fevereiro de 1933, que lhe aprova e manda observar dispositivos regulamentares; a lei de 22 de setembro de 1937, que altera o regulamento da Ordem; a de 11 de agosto de 1942, que a autoriza a instituir caixas de assistência em benefício dos profissionais nela inscritos; e o decreto de 8 de dezembro de 1942, que aprova o regulamento para a execução do referido decreto-lei de 11 de agosto de 1942.

Tal, em traços muito largos, o esboço histórico das instituições de direito público e privado, no Brasil.

Adiante se encontra, em resumo bibliográfico, a indicação de obras utilizáveis para estudo mais aprofundado. As fichas foram organizadas sob minha orientação pelo Dr. Oto Costa, bibliotecário da Procuradoria Judicial do Estado de São Paulo, a quem muito agradeço esse serviço.

. . . .

Bibliografia

A. GENERALIDADES

Introdução à Ciência do Direito

Almeida, João Mendes de (Júnior). *Os indígenas do Brasil, seus direitos individuais e políticos.* São Paulo, Tip. Henies irmãos, 1912. 86 p.

Coletânea de conferências. **[969]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Controvérsias jurídicas.* São Paulo, Esc. Profissionais Salesianas, 1907. 488 p.

Excertos de arrazoados forenses sobre questões de Direito Civil, Comercial, Criminal e Processual. **[970]**

Barbosa, Rui. *Coletânea jurídica.* São Paulo, Ed. Nacional, 1928. 393 p.

Assuntos versados neste volume; o *habeas corpus*; a anistia; o Supremo Tribunal no nosso mecanismo político; cessões de clientela; condecorações; a posse de direitos pessoais. **[971]**

Barbosa, Rui. *O direito do Amazonas ao Acre setentrional.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1910. 2 v.

Extenso arrazoado forense, em 2 volumes, em defesa daquela tese. O primeiro volume é dedicado à refutação das preliminares de incompetência da Justiça Federal, de impropriedade da ação e de pendência da questão no Congresso Nacional. O segundo é dedicado à discussão do mérito da questão. **[972]**

Barbosa, Rui. *O divórcio e o anarquismo.* Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, s.d. 204 p.

Compõe-se esta obra de três partes; a 1ª, coleção de artigos sobre o divórcio, no Brasil e nos outros países; a 2ª sobre o anarquismo; a 3º sobre assuntos políticos vários. **[973]**

Beviláqua, Clóvis. *Criminologia e Direito.* Bahia, Liv. Magalhães, 1896. 245 p.

Ensaios de Filosofia do Direito, História do Direito, Criminologia e Sociologia Criminal. **[974]**

Beviláqua, Clóvis. *Estudos jurídicos.* Rio de Janeiro, Alves, 1916. 301 p.

Ensaios de história, filosofia e crítica do direito. **[975]**

Beviláqua, Clóvis. *História da Faculdade de Direito de Recife.* Rio de Janeiro, Alves, 1927. 2 v.

Estudo da vida daquela Casa de Ensino de Direito, desde 1828, data da sua fundação, em Olinda, pela lei de 11 de agosto de 1827, até o ano de 1927. Análise dos homens, alunos e professores que por ela passaram, sua vida, obras e idéias **[976]**

Carvalho, M.E. Gomes de. *Os deputados brasileiros, nas cortes gerais de 1821.* Porto, Chardron, 1912. 426 p.

Considerações sobre a história parlamentar brasileira. **[977]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Estudos de Direito Público.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1914. 709 p.

Conteúdo desta obra: conceito de estado, soberania e governo; regimes de governo, questões constitucionais; estatuto dos funcionários públicos. **[978]**

Dória, Antônio de Sampaio. *Os direitos do homem.* São Paulo, Ed. Nacional, 1942. 687 p.

Assuntos versados: liberdade e autoridade: o Estado; regímens fundamentais; bases das organizações políticas; leis constitucionais; estrutura do estado; órgãos do poder; direitos individuais e suas garantias. **[979]**

Espínola, Eduardo. *Questões jurídicas e pareceres.* São Paulo, Ed. Monteiro Lobato, 1925. 466 p.

Trabalhos jurídicos, versando sobre questões relativas aos diversos ramos do Direito. **[980]**

Espínola, Eduardo. *Questões jurídicas e pareceres.* São Paulo, Ed. Nacional, s.d. 438 p.

Nova série de trabalhos jurídicos, versando sobre questões relativas aos diversos ramos do Direito. **[981]**

Faria, Antônio Bento de. *Pareceres.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1933. 2 v.

Judiciais e extrajudiciais sobre questões de Direito Civil, Criminal e Administrativo. **[982]**

Freitas, Augusto Teixeira de. *Regras de Direito.* Rio de Janeiro, Garnier, 1882. 631 p.

Seleção clássica, em 4 partes; a primeira consta de: axiomas e lugares comuns de direito. A segunda de: princípios do direito divino natural público, universal e das gentes. A terceira de: regras de direito antigo. A 4ª de: prolegômenos de direito para uso da escola e do foro. Compilados por vários autores. **[983]**

Lessa, Pedro Augusto Carneiro. *Dissertações e polêmicas.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1909. 361 p.

Trabalhos jurídicos publicados em diversas revistas de direito. **[984]**

Livro do centenário dos cursos jurídicos. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1928. 2 v.

O primeiro volume é uma coletânea de trabalhos de vários autores sobre a evolução histórica dos diversos ramos do Direito no Brasil. O segundo compreende os trabalhos do Congresso de Ensino Superior, realizado de 11 a 20 de agosto de 1927. **[985]**

Lobão, Manuel de Almeida e Sousa de. *Dissertação jurídico-práticas.* Lisboa, Imp. Nacional, 1849-66. 3 v.

Coletânea de trabalhos sobre vários assuntos de Direito. **[986]**

Martins, José Isidoro (Júnior). *História do Direito Nacional.* Rio de Janeiro, Democrática Ed. 1895. 290 p.

Na parte geral: o Direito romano, germânico, português. Na parte especial: o Direito no Brasil-Colônia e Brasil-Reino. **[987]**

Maximiliano, Carlos. *Hermenêutica e aplicação do Direito.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1941. 443 p.

Estudos sobre: sistemas, espécies e processos de interpretação do Direito; função do juiz; aplicação da jurisprudência, eqüidade, costume e princípios gerais do Direito; interpretação dos atos jurídicos. É a terceira edição ampliada. **[988]**

Mendonça, Manuel Inácio Carvalho de. *A vontade unilateral nos direitos de*

crédito; da ação rescisória das sentenças e julgados. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1940. 381 p.

Além destes estudos comporta o livro: "Introdução geral ao direito das cousas", "Do inventário e partilha", "Introdução histórica sobre o poder judiciário e o processo". Com anotações referentes ao direito substantivo e adjetivo vigente, por Eduardo Espínola Filho. **[989]**

Meneses, Tobias Barreto de. *Estudos de Direito.* Rio de Janeiro, Laemmert, 1892. 469 p.

Coletânea de trabalhos sobre Direito Colonial, Romano, Constitucional, Processual e Filosofia do Direito. **[990]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Sistema de ciência positiva do Direito.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1922. 2 v.

Contém o primeiro volume: introdução ao Direito; seus problemas fundamentais; crítica da sua explicação e elaboração; suas normas. O segundo: equivalências e aspectos fundamentais do fenômeno jurídico; fundamentos metodológicos do critério e da investigação científica; ordenamento e intervenção científica na matéria social. **[991]**

Monteiro, João. *Universalização do Direito; cosmopólios do Direito; unidade do Direito.* São Paulo, Duprat. 1906. 172 p.

Coletânea de trabalhos jurídicos: o 1º, discurso pronunciado em 1892; o 2º, excerto de um artigo e, 3º, memória apresentada ao Congresso jurídico americano de 1900. **[992]**

Nogueira, José Luís de Almeida. *Tradições e reminiscências.* São Paulo, Vanorden, 1907-12 9 v.

Pormenorizada exposição histórica da criação e vida da Academia de Direito do Estado de São Paulo e das turmas acadêmicas que a cursaram desde 1834 a 1878. **[993]**

Oliveira, Cândido de (Filho). *Direito Teórico e Direito Prático.* Rio de Janeiro, 1936. 375 p.

Assuntos versados: relações entre a teoria e a prática do Direito; jurisprudência de tribunais; jurisprudência euremática e formulário; ensino teórico-prático do Direito; exame nos cursos jurídicos; estágio judiciário. **[994]**

Pereira, Antônio Batista. *Diretrizes de Rui Barbosa.* São Paulo, Ed. Nacional, 1932. 320 p.

Análise da obra de Rui Barbosa, sob o ponto de vista político, militar, jurídico, lingüístico e didático. **[995]**

Pereira, Lafaiete Rodrigues. *Pareceres.* Rio de Janeiro, Ed. Cândido de Oliveira, 1921. 2 v.

Anotados por Lafaiete Filho. No primeiro volume encontra-se matéria de Direito Civil. No segundo, de Direito Comercial, Constitucional, Administrativo, Penal e Judiciário.

[996]

Trípoli, César. *História do Direito brasileiro.* São Paulo, Rev. Tribunais, 1936. 288 p.

Este primeiro volume abrange o estudo da história externa e interna do Direito no Brasil, na época colonial. **[997]**

Vampré, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1924. 2 v.

Estudo das ilustres personalidades que passaram por aquela Acade-

mia, desde 1829 até 1904; narração de fatos acadêmicos. **[998]**

Viana, Manuel Álvaro de Sousa Sá. *Congresso jurídico americano.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1902-05. 3 v.

Inaugurado a 3 de maio de 1900 e encerrado a 20 do mesmo mês e ano. 1º volume: atas e discussões; 2º volume: dissertações sobre Direito Privado **[999]**

B. DIREITO ROMANO

Campelo, Manuel Neto Carneiro. *Direito Romano.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Alves, 1929. 2 v.

Curso prelecionado na Faculdade de Direito de Recife. 1º volume: Generalidades e Direito de Família; 2º volume: Direito das Cousas e das Sucessões. A 1ª edição é de 1906. **[1000]**

Cláudio, Afonso. *Estudos de Direito Romano.* Rio de Janeiro, 1916-27. 2 v.

Obra em dois volumes, o primeiro dedicado às pessoas e o segundo às coisas. **[1001]**

Figueiredo, Amazonas de. *Tratado de Direito Romano.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1930. 281 p.

Estudo da formação, evolução codificação e fontes do Direito Romano: o Direito de Família, das Coisas, das Obrigações e da Sucessão no Direito Romano. **[1002]**

Henrique, João. *Direito Romano.* Porto Alegre, Globo, 1938. 2 v.

Exposição da matéria em dois tomos. No 1º, noções gerais, histórico, pessoas; no 2º, coisas, obrigações, sucessão, processo. **[1003]**

Lobo, Abelardo Saraiva da Cunha. *Curso de Direito Romano.* Rio de Janeiro, Álvaro Pinto, 1931. 3 v.

Obra em três volumes, comportando o primeiro a organização jurídica romana; o segundo, a sua expansão e as causas do seu desenvolvimento; o terceiro, a sua influência universal. **[1004]**

Peixoto, José Carlos de Matos. *Curso de Direito Romano.* Rio de Janeiro, Ed. Peixoto, 1943. 273 p.

Este volume compreende o estudo da parte introdutória e da parte geral do Direito Romano. **[1005]**

Porchat, Reinaldo. *Curso elementar de Direito Romano.* 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1937. 383 p.

Assuntos versados: seu histórico, importância do seu estudo, sua influência; idéias gerais da Filosofia Jurídica; Direito, suas divisões, justiça, eqüidade, lei; jurisprudência; pessoas. A 1ª edição é de 1907. **[1006]**

Vampré, Spencer. *Institutas do imperador Justiniano.* São Paulo, Magalhães, 1915. 318 p.

Traduzidas e comparadas com o Direito Civil Brasileiro. **[1007]**

Almeida, Francisco de Paula Lacerda de. *Direito das cousas.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1908-10. 2 v.

Exposição sistemática desta parte do Direito Civil Brasileiro. O 1º volume compreende: noções gerais, domínio, modos de adquiri-lo, ações relativas, direitos reais na coisa alheia; o 2º, servidões reais, direitos ignoratícios e hipoteca. Uma 2ª edição da obra foi publicada em 1916.

[1008]

Alves, João Luís. *Código Civil da República dos Estados Unidos do Brasil.* São Paulo, Acadêmica, 1935-36. 3 v.

Comentários sintéticos aos dispositivos do Código Civil Brasileiro, com indicação, para cada um deles, dos correspondentes nos diversos projetos, no direito anterior e na legislação comparada e citação de jurisprudência. O 1º volume compreende a Introdução, a Parte Geral, o Direito da Família e o das Coisas (arts. 1º a 862). O 2º, o Direito das Obrigações (arts. 863 a 1.571). O 3º, o Direito das Sucessões (artigos 1.572 a 1.807). 2ª edição, 4ª tiragem. A 1ª edição é de 1917. **[1009]**

Azevedo, Filadelfo. *Direito moral do escritor.* Rio de Janeiro, Alba, 1930. 223 p.

Considerações relativas ao direito autoral, sob o ponto de vista patrimonial e moral. **[1010]**

Barbosa, Rui. *Posse de direitos pessoais.* Rio de Janeiro. Olímpio de Campos, 1900. 70 p.

Defesa da aplicação da proteção possessória aos direitos pessoais.

[1011]

Barbosa, Rui. *Projeto de Código Civil Brasileiro.* Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1902-04. 3 v.

Trabalhos da Comissão Especial do Senado. O 1º volume contém o Parecer do Senador Rui Barbosa sobre a redação do Projeto de Código Civil Brasileiro da Câmara dos Deputados. O 2º, a Réplica daquele mesmo senador à defesa apresentada por esta Câmara. O 3º, pareceres e emendas enviadas à Comissão. **[1012]**

Beviláqua, Clóvis. *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1932-43. 6 v.

Obra clássica no gênero. Exposição clara e sintética do Código Civil Brasileiro, com comentário dos seus dispositivos e indicação, para cada um deles, do Direito Nacional anterior da legislação comparada, dos diversos projetos e da bibliografia nacional e estrangeira. O 1º volume é dedicado à introdução e à Parte Geral (arts. 1º a 179). O 2º, ao Direito da Família (arts. 180 a 484). O 3º, ao Direito das Coisas (arts. 485 a 862). O 4º e o 5º, ao Direito das Obrigações (4º, arts. 863 a 1.264; 5º, arts. 1.265 a 1.571). O 6º, ao Direito das Sucessões (arts. 1.572 a 1.807). Os volumes 1º, 2º, 3º e 4º, em 6ª edição. Os 5º e 6º, em 4ª **[1013]**

Beviláqua, Clóvis. *Direito das Coisas.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1941-42. 2 v.

O primeiro volume se ocupa da posse, propriedade, direitos autorais e direitos reais de gozo sobre as coisas alheias. O segundo, versa os direitos reais de garantia em geral, penhor, anticrese, hipoteca e registro de imóveis. **[1014]**

Beviláqua, Clóvis. *Teoria geral do Direito Civil.* Rio de Janeiro, Alves, 1929. 444 p.

Exposição dos princípios gerais do Direito. Estudo do Direito objetivo e subjetivo; das fontes, sujeito, objetivo e relação de direito; da personalidade (pessoas naturais e jurídicas, domicílio); dos bens (espécies); do nascimento e extinção de direitos (atos jurídicos, sua nulidade, prescrição). 2ª edição. Edição anterior, de 1908. **[1015]**

Calógeras, João Pandiá. *As minas do Brasil e sua legislação.* Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 1904-05. 3 v.

Parecer, em 3 volumes, apresentado à Comissão Especial das Minas da Câmara dos Deputados brasileiros, pelo seu relator, dedicados, o 1º e o 2º, ao estudo dos diversos minérios e, o 3º, ao Direito mineiro, suas origens, propriedades das minas, limitações, competência da União e legislação dos diversos estados do Brasil. **[1016]**

Carvalho, Carlos Augusto de. *Direito Civil Brasileiro recompilado; ou, Nova constituição das leis civis.* Rio de Janeiro, Alves, 1899. 645 p.

Compilação, em 1944, arts., das leis civis vigentes em 11 de agosto de 1899, com uma parte complementar, relativa ao registro civil dos nascimentos, casamentos e óbitos.

[1017]

C. DIREITO CIVIL

Cavalcanti, Amaro. *Responsabilidade civil do Estado.* Rio de Janeiro, Laemmert, 1905. 634 p.

Obra clássica no assunto. Noções gerais da pessoa jurídica, exposição e crítica das teorias da irresponsabilidade, da responsabilidade geral e mista, indicação da doutrina dominante e prática dos sistemas na jurisprudência nacional e estrangeira.

[1018]

Código Civil da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 1922. 302 p.

Texto da Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, com as correções ordenadas pela Lei nº 3.725, de 15 de janeiro de 1919 – 2ª edição. **[1019]**

Coelho, A. Ferreira. *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro, 1920-32. 24 v.

Análise de seus dispositivos, comparados com os do direito estrangeiro e pátrio anterior; estudo de sua gênese, pelo projeto primitivo e comentários à luz dos doutrinadores nacionais e estrangeiros. O 1º volume compreende um estudo sobre a formação do direito escrito. O 2º é dedicado à Introdução do Código Civil. Os 3º, 4º e 5º versam sobre as pessoas (arts. 1º a 42). O 6º, sobre os bens (arts. 43 a 73). Os 7º, 8º, 9º, 10º e 11º, sobre os fatos jurídicos (arts. 74 a 179). Os 12º, 13º, 14º e 15º, sobre o casamento (arts. 180 a 228). Os 16º, 17º e 18º sobre os efeitos jurídicos do casamento (arts. 229 a 255). Os 19º, 20º, 21º, 22º e 23º sobre o regime dos bens entre os cônjuges (arts. 256 a 314). O 24º, sobre a dissolução da sociedade conjugal e a proteção da pessoa dos filhos (arts. 315 a 329).

[1020]

Dantas, San Tiago. *O conflito de vizinhança e sua composição.* Rio de Janeiro, 1939. 352 p.

Capítulos desta obra: noções gerais sobre a matéria; as normas administrativas sobre a vizinhança industrial; o conflito de vizinhança no Direito Privado; os atos emulativos e o abuso do Direito; teorias sobre a vizinhança; os direitos e deveres de vizinhança; critério sistemático de composição do conflito entre vizinhos. **[1021]**

Duarte, José Cândido Pimentel. *Edifício de apartamentos.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio***,** 1935. 272 p.

Estudo e comentários sobre a propriedade do apartamento, instituída pelo Decreto Federal nº 5.481, de 25 de junho de 1928. **[1022]**

Espínola, Eduardo. *Código Civil Brasileiro.* Rio de Janeiro, 1922-29. 3 v.

Comentários aos dispositivos do Código Civil Brasileiro (Lei federal nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916), em face da doutrina, da legislação comparada e da jurisprudência dos tribunais. O 1º volume, em 2º edição, é dedicado à Introdução e Parte Geral. O 2º e 3º, ao Direito de Família. **[1023]**

Espínola, Eduardo. *Sistema do Direito Civil Brasileiro.* Rio de Janeiro, Alves, 1912-17. 2 v.

O 1º volume desta obra é dedicado ao estudo da codificação do Direito Civil Brasileiro e noções fundamentais sobre direito, suas divisões, direito objetivo e subjetivo. O 2º, à teoria geral das relações jurídicas de obrigação, conceito, elementos, modalidades, conteúdo, efeitos e fontes das obrigações. Do 1º volume foi tirada 3ª edição. Liv. Francisco Alves, 1938, 671 págs. **[1024]**

Espínola, Eduardo, e **Espínola,** Eduardo (filho). *Lei de introdução ao Código Civil.* São Paulo. Freitas Bastos, 1943. 2 v.

Comentários à recente Lei de Introdução ao Código Civil, Decreto-Lei federal número 4.657, de 4 de setembro de 1942. O volume I compreende os arts. 1º a 7º e o II os arts. 7º a 9º. **[1025]**

Espínola, Eduardo, e **Espínola**, Eduardo (filho). *Tratado de Direito Civil Brasileiro.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1939-43. 9 v.

Obra de fôlego, projetada em 35 vols. Já editados: nove. O primeiro, dedicado à introdução ao estudo do Direito Civil; o segundo, à lei, sua obrigatoriedade e autoridade; o terceiro, à interpretação e aplicação do direito objetivo; o quarto, ao método positivo na interpretação e integração das normas jurídicas; o quinto, à nacionalidade brasileira; o sexto, à condição jurídica dos estrangeiros no Brasil; o sétimo, ao Direito Internacional Privado, parte geral; o oitavo A, B, C, e parte especial; o nono, aos direitos subjetivos e seus elementos. **[1026]**

Ferreira, Mário. *Do mandato em causa própria no Direito Civil Brasileiro.* São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1933. 165 p.

Considerações sobre conceito, características, requisitos e fontes desta espécie de mandato; ações e intervenção do mandatário; subestabelecimento; criação da doutrina; legislação e jurisprudência relativas à matéria. **[1027]**

Ferreira, Vieira. *O Código Civil anotado.* Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922. 863 p.

Com os termos técnicos e brocardos correspondentes aos seus dispositivos, as fontes de sua elaboração e a sua comparação com o direito anterior e estrangeiro. **[1028]**

Fonseca, Arnoldo Medeiros da. *Investigação de paternidade.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1940. 369 p.

Análise do problema sob o ponto de vista sociológico-jurídico-histórico, em face dos institutos da família e do casamento, das leis nacionais e estrangeiras e da doutrina. **[1029]**

Fonseca, Arnoldo Medeiros da. *Teoria geral do direito de retenção.* Rio de Janeiro. *Jornal do Comércio*, 1934. 287 p.

Generalidades sobre o instituto; seu desenvolvimento histórico e sua disciplina jurídica nas legislações modernas; seu sistema na legislação brasileira (conceito, fundamento, limites, natureza, caracteres, efeitos, exercício, extinção). **[1030]**

Fraga, Afonso. *Da transação ante o Código Civil Brasileiro.* São Paulo. Livr. Acadêmica, 1928. 264 p.

Estudo desta parte do Direito das Obrigações, em face dos dispositivos do Código Civil Brasileiro (arts. 1.025 a 1.036) reguladores da matéria, com indicação de legislação comparada e bibliografia nacional e estrangeira. **[1031]**

Fraga, Afonso. *Penhor, anticrese e hipoteca.* São Paulo, Livr. Acadêmica, 1933. 992 p.

Divisões desta obra: princípios comuns aos direitos reais de garantia; teoria geral do contrato pignoratício; teoria geral do contrato anticrético; teoria geral do direito hipotecário. **[1032]**

Franca, Leonel Edgard da Silveira, S. J. *O divórcio.* Rio de Janeiro. F. Briguiet, 1931. 354 p.

Análise do instituto, em face do direito, da história, da filosofia e da religião. **[1033]**

Freire, Pascoal José de Melo. *Institutionum juris civilis lusitani, cum publici tum privati.* Lisboa, Tip. Regalis Academiae, 1789. 4 v.

O livro 1º versa sobre o Direito Público; o 2º sobre o Direito Privado; o 3º sobre o Direito das Coisas e o 4º sobre as Obrigações e as Ações. **[1034]**

Freitas, Augusto Teixeira de. *Código Civil.* Rio de Janeiro. Laemmert, 1860-1865. 3 v.

Esboço de Código Civil brasileiro. Esta obra consta de 4.908 arts. Está dividida em Parte Geral e Parte Especial. Aquela compreende o estudo das pessoas, coisas e fatos. Esta, dos direitos pessoais, em geral, nas relações de família e nas relações civis. Serviu este esboço como uma das principais fontes na elaboração do Código Civil Argentino, de 1868. **[1035]**

Freitas, Augusto Teixeira de. *Consolidação das Leis Civis.* Rio de Janeiro. Jacinto Ribeiro dos Santos, 1915. 363 p.

Compilação, em 1.333 arts., dos dispositivos legais, vigentes na época, em matéria civil, com anotações, em cada um deles, relativas a atos do Poder Executivo, Legislativo, decisões do Governo, etc. – 5ª edição, anotada por Martinho Garcez, contendo as leis, decretos e avisos publicados até 1913. Edições anteriores: de 1857, 1865, 1876. A de 1876 (3ª) foi a última em vida do autor. **[1036]**

Fulgêncio, Tito. *Da posse e das ações possessórias.* São Paulo. Livr. Acadêmica, 1927. 762 p.

Exposição da teoria legal relativa àquele instituto; citação de dispositivos de alguns códigos estrangeiros, nesta parte; processo das ações pos-

sessórias; formulário – 2ª edição. A 1º é de 1922. **[1037]**

Fulgêncio, Tito. *Direito real de hipoteca.* São Paulo. Livr. Acadêmica, 1928. 766 p.

Comentário aos artigos do Código Civil Brasileiro relativos a este assunto: 755 a 766; 783; 805; 808 a 855; considerações sobre o Sistema Torrens; legislação e jurisprudência referentes a esta matéria e um formulário. **[1038]**

Gama, Afonso Dionísio. *Tratado teórico e prático de Direito Civil Brasileiro.* Rio de Janeiro. Livr. Leite Ribeiro, 1927-30. 4 v.

Exposição da matéria, de acordo com a doutrina, o Direito Pátrio anterior e o Direito Estrangeiro. O 1º volume compreende a Introdução e a Teoria Geral; o 2º, o Direito de Família; o 3º e 4º, o Direito das Coisas. **[1039]**

Gama, Camilo Nogueira da. *Penhor Rural.* São Paulo. Livr. Acadêmica, 1942. 472 p.

Comentários à Lei Federal nº 492, de 30 de agosto de 1937. Capítulos desta obra: penhor rural; penhor agrícola; cédula rural pignoratícia; excussão pignoratícia; formulários; legislação sobre o crédito agropecuário e industrial. **[1040]**

Garcez, Martinho. *Nulidades dos atos jurídicos.* Rio de Janeiro. Jacinto Ribeiro dos Santos, 1910-12. 2 v.

Conteúdo do 1º volume: sua gênese, patologia, diagnose, modos de operar, caracteres, causas e efeitos; lei; recurso extraordinário. Do 2º volume: atos jurídicos, suas modalidades e interpretações; atos ilícitos; contratos, suas espécies e anatomia; contratos civis e comerciais; falência e suas nulidades; testamentos e suas nulidades – 2ª edição **[1041]**

Lima, Alvino. *Da culpa ao risco.* São Paulo, Rev. Tribunais, 1938. 237 p.

Estudo do problema da responsabilidade extracontratual sob o fundamento da culpa ou do risco, e as modernas teorias sobre a matéria. **[1042]**

Lopes, Miguel Maria de Serpa. *Lei de Introdução do Código Civil.* Rio de Janeiro. Livr. Jacinto, 1943. 367 p.

Comentário teórico e prático ao Decreto-Lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942. **[1043]**

Lopes, Miguel Maria de Serpa. *Tratado dos registros públicos.* Rio de Janeiro. Livr. Jacinto, 1938-42. 4 v.

Comentário, em 3 volumes, do Decreto Federal nº 18.542, de 24 de dezembro de 1928, e dos dispositivos conexos do Código Civil Brasileiro, dedicados: o 1º, à parte geral, e estado civil; o 2º, a pessoas jurídicas, títulos e documentos e registro de imóveis; o 3º, a registro de imóveis, e o 4º, registro da propriedade literária, científica e artística. **[1044]**

Magalhães, Bruno de Almeida. *Do casamento religioso no Brasil.* Rio de Janeiro. A. Coelho Branco Filho, 1937. 135 p.

Comentários à Lei Federal nº 379, de 16 de janeiro de 1937, e ao art. 146 da Constituição Brasileira de 193[illegible] **[1045]**

Manual do Código Civil Brasileiro. Rio de Janeiro, 1917-34. 20 v.

O 1º volume, 1ª parte, de autoria de Paulo de Lacerda, compreende o art. 1º a tomos 1º e 2º, 2ª, 3ª e 4ª partes, de au–volume 14º, de Clóvis Be-

viláqua, os arts. 1.363 a 1.431. O volume 16º, 1ª parte, de Tito Fulgêncio, os arts. 863 a 927. O Veiga, os arts. 674 a 808. O volume 10º, 2ª, 3ª e 4ª partes, de Dídimo Agapito os arts. 524 a 673. O volume 9º, 1ª. O volume 8º, de Virgílio de Sá Pereira, 7 da introdução ao Código Civil. A 2ª parte, de Rodrigo Otávio, os arts. 8° a 21, da Introdução. O 2º volume, 2ª parte de Milcíades Mário de Sá Freire, os arts. 1º de Astolfo Resende, os arts. 485 a 523, de Cândido de Oliveira, os arts. 180 a 329. O volume 6º, de Estêvão de Almeida, os arts. 330 a 484. O volume 7º, de, a 73 da Parte geral. a 2º parte, de Antônio Marques, os arts. 70 a 73, também da parte geral. O volume 4º, de autoria de Luís Frederico Sauerbronn Carpenter, os arts. 161 a 179. O volume 5º, autoria de Pontes de Miranda, abrange os arts. 1.505 a 1.532. O volume 18º, de Hermenegildo de Barros, os arts. 1.572 a 1.625. O volume 19º, de Joaquim Augusto Pereira Alves, os arts. 1.626 a 1.769. O volume 20º, de Astolfo de Resende, os arts. 1.770 a 1.805. **[1046]**

Marques, J. M. de Azevedo. *A hipoteca*. São Paulo. Revista dos Tribunais, 1933. 445 p.

A doutrina seguida pelo Código Civil Brasileiro nos seus arts. 674 a 677, 755 a 767, 809 a 852, 856, 985, 999, 1.065 e 1.066; teoria do executivo hipotecário: leis vigentes do processo e do registro – 3ª edição. **[1047]**

Maxmiliano, Carlos. *Direito das sucessões*. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1942-43. 3 v.

Tratado doutrinário desenvolvendo esta parte do Direito Civil. Abertura da sucessão; aceitação e renúncia da herança; capacidade sucessória; sucessão legítima e testamentária; direito de representação, etc. 2ª edição; a 1ª é de 1937. **[1048]**

Mendonça, Manuel Inácio Carvalho de. *Contratos no Direito Civil Brasileiro*. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1938. 2 v.

Compreende o 1º volume: doações, empréstimos, depósito, mandato, gestão de negócio e compra e venda; o 2º, permuta, locação, edição, sociedade, seguro, constituição de renda, jogo e aposta e fiança. 2ª edição, atualizada por Aquiles Beviláqua. A 1ª edição é de 1911. **[1049]**

Mendonça, Manuel Inácio Carvalho de. *Doutrina e prática das obrigações*. Rio de Janeiro. Alves, s.d. 2 v.

Obra clássica no assunto. Exposição sistemática desta parte do Direito Brasileiro. O 1º volume compreende: seu conceito, evolução, modalidades, efeitos (pagamento, consignação, sub-rogação, novação, compensação, etc.). O 2º inexecução (conseqüências culpa, força maior, perdas e dados, juros legais), transmissão e fontes (contratos, arras, estipulações em favor de terceiros, evicção, vontade unilateral, vícios redibitórios, atos ilícitos, etc.) – 2ª edição. **[1050]**

Mendonça, Manuel Inácio Carvalho de. *Rios e águas correntes em suas relações jurídicas*. Rio de Janeiro. Freitas Bastos. 1939. 414 p.

Monografia, fundamental no assunto, publicada em 1909, com uma introdução sobre a nova legislação de águas no Brasil, de Temístocles Brandão Cavalcanti – 2ª edição. A 1ª é de 1909. **[1051]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Direito de família*. Rio de Janeiro. Livr. Acadêmica, 1917. 557 p.

Exposição técnica e sistemática do Código Civil Brasileiro, nesta parte. Em 1939, começou a publicar-se a 2ª edição com o tomo I (Direito Matrimonial). **[1052]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Tratado dos testamentos*. Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1930-35. 5 v.

Obra em 5 volumes. Versa o 1º sobre testamento em geral, capacidade testamentária e formas ordinárias; o 2º sobre codicilos e formas especiais; o 3º sobre disposições testamentárias, legados e direito de acrescer; o 4º sobre capacidade para adquirir por testamento herdeiros necessários, substituição e deserdação; o 5º sobre revogação e testamenteiro. **[1053]**

Oliveira, Artur Vasco Itabaiana de. *Tratado de Direito das Sucessões*. Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1936. 3 v.

Exposição doutrinária do Livro IV da Parte Especial do Código Civil Brasileiro. O 1º volume compreende sucessão em geral e sucessão legítima; em apêndice, o Código Bustamante. O 2º, sucessão testamentária. o 3º, inventário e partilha; ações que nascem do direito hereditário; sucessão no Direito Internacional Privado e no Comparado – 3ª edição. **[1054]**

Oliveira, Cândido de (filho). *Prática civil*, Rio de Janeiro. Liv. Ed. Cândido de Oliveira, 1924-40. 13 v.

Formulário dos atos mais importantes do Código Civil Brasileiro, seguindo-lhe a sistemática, com leis modificadoras, observações sobre a inteligência do seu texto e citação de jurisprudência nacional e estrangeira relativa à matéria. O 1º vol. (artigos 1º a 484) compreende a Introdução, Parte Geral e Direito da Família. O 2º (arts. 485 a 862) o Direito das Coisas. O 3º (arts. 863 a 1.187), 4º (arts 1.188 a 1.264), 5º (arts. 1.265 a 1.362), 6º (artigos 1.363 a 1.431), 7º (arts. 1.432 a 1.476), 8º (arts. 1.477 a 1.517), 9º (artigos 1.518 a 1.571) são dedicados ao Direito das Obrigações. Os quatro últimos, ao Direito das Sucessões: 10º (arts. 1.572 a 1.625); 11º (arts 1.626 a 1.663); 12º (arts. 1.664 a 1.716); 13º (arts. 1.717 a 1.769). **[1055]**

Oliveira, Goulart de. *Renovação de contrato*. Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1941. 2 v.

Estudo da matéria, em face da doutrina, legislação e jurisprudência, encarada no Direito Substantivo e no Adjetivo. **[1056]**

Pereira, Lafaiete Rodrigues. *Direito das coisas*. Rio de Janeiro. Garnier, 1877. 2 v.

Obra fundamental no assunto. O primeiro volume compreende o estudo da posse, domínio, usufruto, uso, habitação, servidões e enfiteuse. O segundo, do penhor, anticrese e hipoteca. **[1057]**

Pereira, Lafaiete Rodrigues. *Direito de família*. Rio de Janeiro. Tip. da Tribuna Liberal, 1889. 384 p.

Estudo do casamento, suas espécies, suas solenidades, formas, dissolução, efeitos, relações entre cônjuges, entre pais e filhos, alimentos e da tutela e curatela, de acordo com a

doutrina e a legislação portuguesa, então vigente no Brasil. **[1058]**

Pimentel, Álvaro Mendes. *Da cláusula compromissória no direito brasileiro.* Rio de Janeiro. Tip. Jornal do Comércio, 1934. 228 p.

Considerações sobre: sua noção, natureza, valor, objeções à sua validade, inadimplemento, execução forçada, perdas e danos, limites (objetivos e subjetivos), capacidade, forma e extinção. **[1059]**

Prado, Francisco Bertino de Almeida. *Transmissão da propriedade imóvel.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1934. 575 p.

Capítulos desta obra; obrigatoriedade do registro da partilha; a causa na transmissão da propriedade imóvel; venda e oneração de direito hereditário; transmissão de propriedade imóvel por ato entre vivos e *causa mortis*; doutrina da transcrição-tradição. **[1060]**

Rao, Vicente. *Posse de direitos pessoais.* São Paulo s. d. 141 p.

Análise da matéria, em face da doutrina de Ihering, do Código Civil brasileiro, do direito anterior nacional, do estrangeiro e da jurisprudência. **[1061]**

Resende, Astolfo. *A posse e a sua proteção.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1937. 2 v.

Origem, conceito, elementos, espécies, objeto, natureza, aquisição, perda e efeitos da posse; necessidade de sua proteção; ações possessórias, de manutenção, de reintegração de força iminente e direito de retenção. **[1062]**

Ribas, Antônio Joaquim. *Curso de direito civil brasileiro.* Rio de Janeiro. *Jornal do Comércio*, 1905. 517 p.

Divide-se esta obra em duas partes: a primeira compreende o Direito em geral, suas divisões, o Direito Civil, ciências auxiliares, suas fontes, leis, codificação e literatura jurídica; a segunda, direitos, seus elementos, pessoas, suas espécies, coisas, sua classificação e atos jurídicos, sua forma elementos, interpretação, nulidades, atos ilícitos – 3ª edição. **[1063]**

Rocha, Manuel Antônio Coelho da. *Instituições de direito civil português para uso de seus discípulos.* Rio de Janeiro. H. Garnier, 1907. 2 v.

Obra clássica. Exposição clara e precisa da matéria, anterior à codificação do Direito Civil Português. O 1º volume compreende o estudo da parte geral e dos direitos das pessoas. O 2º, dos direitos das coisas e dos direitos, enquanto aos atos jurídicos – há edições anteriores. **[1064]**

Rodrigues, A. Coelho. *Projeto do Código Civil brasileiro.* Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1893. 352 p.

O Projeto, em 2.734 artigos, está dividido em duas partes: a Geral, que versa sobre pessoas, bens, fatos e atos jurídicos, e a Especial, que compreende as obrigações, a posse, a propriedade e outros direitos reais, o Direito da Família e das Sucessões.

[1065]

Rodrigues, Raimundo Nina. *O alienado no Direito Civil brasileiro.* São Paulo. Ed. Nacional, 1939. 229 p.

Estudos sobre os estados de insanidade mental, incapacidade civil, interdição e proteção legal dos alienados – 3ª edição, a 1ª é de 1901.

[1066]

Santos, J. M. de Carvalho. *Código Civil brasileiro interpretado.* Rio de Janeiro, 1934-42. 26 v.

Exposição teórico-prática do Código Civil Brasileiro, de acordo com a doutrina e a jurisprudência dos tribunais. Contém também a resolução de casos práticos. A Introdução e a Parte Geral ocupam os 3 primeiros volumes (1º, arts. 1 a 42; 2º, arts. 43 a 113; 3º, arts. 114 a 179). O Direito da família, os três seguintes (4º, arts. 180 a 254; 5º, arts. 255 a 367; 6º, arts. 368 a 484). O Direito das coisas, do 7º ao 10º (7º, arts. 485 a 553; 8º, arts. 554 a 673; 9º, arts. 674 a 754; 10º, arts. 755 a 862). O Direito das obrigações, do 11º a 21º (11º, arts. 863 a 927; 12º, arts. 928 a 971; 13º, arts. 972 a 1.036; 14º, arts. 1.037 a 1.078; 15º, arts. 1.079 a 1.121; 16º, arts. 1.122 a 1.187; 17º, arts. 1.188 a 1.264; 18º, arts. 1.265 a 1.362; 19º arts. 1.363 a 1.504; 20º, arts. 1.505 a 1.532; 21º, arts. 1.533 a 1.571). O Direito das sucessões, do 22º ao 25º (22º, arts. 1.572 a 1.631; 23º, arts. 1.632 a 1.709; 24º, arts. 1.710 a 1.779; 25º, arts. 1.780 a 1.807 e índice alfabético dos assuntos versados na obra). O 26º e o 27º constituem suplementos contendo modificações ou adições aos comentários. **[1067]**

Santos, Joaquim Felício dos. *Projeto do Código Civil brasileiro.* Rio de Janeiro. Laemmert, 1884. 5 v.

Comentários ao Projeto do Código Civil Brasileiro, apresentado à Câmara dos Deputados, em sessão de 25 de março de 1882. O 1º volume compreende o estudo dos artigos 1 a 604 (publicação, efeitos e aplicação das leis; pessoas, coisas e atos jurídicos). O 2º, dos arts. 605 a 1.268 (família e propriedade). O 3º, dos arts. 1.269 a 1.828 (sucessões). O 4º, dos arts. 1.829 a 2.318, e o 5º, dos arts. 2.319 a 2.690 (contratos). **[1068]**

Sousa, José Soriano de (neto). *Da novação.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1937. 192 p.

Seu conceito, histórico, elementos, teorias, efeitos, espéciais etc. – 2ª edição. **[1069]**

Sousa, Mário Guimarães de. *Da prisão civil.* Recife. *Jornal do Comércio*, 1938. 283 p.

Estudo do seu histórico, natureza, função, no Direito Civil, comercial, alimentar, administrativo e judiciário. **[1070]**

Teles, José Homem Correia. *Digesto português.* Lisboa, Liv. Clássica editora, 1909. 3 v. e suple.

O 1º volume versa sobre direitos e obrigações em geral; o 2º, direitos e obrigações das pessoas de uma família; o 3º, direito de propriedade, modos de adquirir, gozar e alhear; o suplemento é dedicado ao processo. Há edições anteriores, entre as quais a de 1838-1839, de Pernambuco, e a de 1860, também em 3 volumes e um suplemento, de Coimbra. **[1071]**

Vampré, Spencer. *Do nome civil*. Rio de Janeiro. F. Briguiet, 1935. 176 p.

Estudo da sua origem, teorias, alterações, direitos e deveres correlativos. Há 2ª edição. **[1072]**

Vivacqua, Atílio. *A nova política do subsolo e o regime legal das minas.* Rio de Janeiro. Ed. Pan-Americana, 1942. 637 p.

Estudo demorado sobre as diversas questões jurídicas, políticas,

sociológicas, econômicas, relativas às minas, com extensa bibliografia. **[1073]**

D. DIREITO COMERCIAL

Amaral, Luís. *Tratado brasileiro de cooperativismo.* São Paulo. Rev. Tribunais, 1938. 504 p.

Processos de organização cooperativa; demonstração prática do sistema; organização cooperativa no Brasil; ramos de organização que mais interessam ao Brasil. **[1074]**

Barbosa, Rui. *As cessões de clientela e a interdição de concorrência nas alienações de estabelecimentos comerciais e industriais.* Rio de Janeiro. Empr. Fotomecânica do Brasil, 1913. 395 p.

Arrazoado forense, com citação de doutrina e jurisprudência nacionais e estrangeiras sobre a matéria. **[1075]**

Birnfeld, Campos. *Da concorrência desleal.* Rio de Janeiro. Brasil Patentes. 1937. 182 p.

Partes deste trabalho: etiologia da doutrina; evolução do Direito Interno; origens imediatas do Decreto Federal nº 24.507, de 29 de junho de 1934 e análise de seus dispositivos. **[1076]**

Cerqueira, João da Gama. *Privilégios de invenção e marcas de fábrica e de comércio.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1930-31. 2 v.

Comentários ao Decreto Federal número 16.264, de 19 de dezembro de 1923, em 2 volumes, dedicados: o 1º, a privilégios de invenção e o 2º, a marcas de fábricas e de comércio, contendo outras leis e convenções internacionais. **[1077]**

Costa, José da Silva. *Direito comercial marítimo, fluvial e aéreo.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1935. 2 v.

Tratado, em dois volumes e em 3ª edição, atualizado por Aquiles Beviláqua. A 2ª edição é de 1912. **[1078]**

Faria, Antônio Bento de. *Código Comercial brasileiro.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1920-1921. 2 v.

Anotações de acordo com a doutrina, legislação e jurisprudência nacional e estrangeira e regras de Direito Civil, contendo ainda o Reg. 737 e as outras leis comerciais em vigor, também anotadas – 3ª edição. **[1079]**

Farias, S. Soares de. *Da concordata preventiva da falência.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1932. 263 p.

Notas a dispositivos do Decreto Federal nº 5.746, de 1929. **[1080]**

Farias, S. Soares de. *Da concordata terminativa da falência.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1928. 230 p.

Sua definição, aceitação ou oposição à proposta do falido, sua homologação judicial, processo, efeitos e sua rescisão. **[1081]**

Ferreira, Valdemar Martins. *Compêndio de sociedades mercantis.* Rio de Janeiro. São Paulo, Freitas Bastos, 1942. 3 v.

O primeiro volume versa sobre as sociedades de pessoas, o contrato social e seus requisitos. O segundo e o terceiro sobre as sociedades anônimas. 2ª edição revista e aumentada. A 1ª é de 1940. **[1082]**

Ferreira, Valdemar Martins. *O loteamento e a venda de terrenos em prestações.* São Paulo. Rev. Tribunais, 1938. 2 v.

O primeiro volume compreende comentários ao Decreto-Lei Federal nº 58, de 10 de dezembro de 1937, e o segundo ao Decreto Federal nº 3.079, de 15 de setembro de 1938.

[1083]

Ferreira, Valdemar Martins. *Sociedades por quotas.* São Paulo. Ed. Monteiro Lobato, 1925. 325 p.

Conteúdo da obra: história, estrutura, contrato social, firma, capital social, quotas, quotistas, administração, obrigações ao portador, transformação, fusão, falência, concordata, dissolução, liquidação, imposto sobre a renda. 5ª edição. **[1084]**

Ferreira, Valdemar Martins. *Tratado de direito mercantil brasileiro.* São Paulo. São Paulo Editora, 1934-39. 2 v.

Publicados desta obra, 2 volumes. O primeiro compreende: conceito de comércio e suas divisões; noções gerais sobre Direito Comercial, inclusive histórico, fontes e conteúdo. O segundo é dedicado ao comerciante (pessoa natural), abrangendo sua configuração jurídica e obrigações incapazes para comerciar; regulamentação profissional. **[1085]**

Gonçalves, Luís da Cunha. *Da compra e venda no direito comercial brasileiro.* São Paulo, Monteiro Lobato, s.d. 520 p.

Exposição do seu histórico, natureza, relações, caracteres, elementos, pactos e garantias preliminares, espécies, obrigações dos vendedores e do comprador, forma e prova. **[1086]**

Lacerda, Paulo Maria de. *A cambial no direito brasileiro.* Rio de Janeiro. Jacinto Ribeiro dos Santos, 1928. 574 p.

Estudo da Lei Federal nº 2.044, de 31 de dezembro de 1908. 4ª edição.

[1087]

Lacerda, Paulo Maria de. *Do cheque no Direito Brasileiro.* Rio de Janeiro. Jacinto Ribeiro dos Santos, s.d. 553 p.

Tratado referente à Lei Federal nº 2.591, de 7 de agosto de 1912.

[1088]

Lacerda, Paulo Maria de. *Do contrato de abertura de crédito.* São Paulo. N. Falcone & Cia., s.d. 463 p.

Estudo deste contrato simples e em conta corrente. **[1089]**

Leme, Ernesto. *Das ações preferenciais nas sociedades anônimas.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1933. 164 p.

Monografia sobre o seu conceito, o direito comparado e brasileiro relativos à matéria e o sistema do Decreto Federal nº 21.536, de 15 de junho de 1932. **[1090]**

Lisboa, José da Silva (Visconde de Cairu). *Princípios de direito mercantil.* Rio de Janeiro. Tip. Acadêmica, 1874. 2 v.

Obra em 2 volumes dedicado o 1º a considerações sobre o comércio, e compreendendo o 2º: seguro e câmbio marítimo; avarias; letras de câmbio; contratos mercantis; polícia de portos e alfândegas; tribunais e causas do comércio. Contém a legislação brasileira e portuguesa sobre estes assuntos – 6ª edição. **[1091]**

Luz, Fábio (filho). *O cooperativismo no Brasil e sua evolução.* Rio de Janeiro. A. Coelho Branco Filho, 1939. 295 p.

Histórico, doutrina, legislação comentada, crítica e formulários relativos à matéria. **[1092]**

Machado, Sílvio Marcondes. *Ensaio sobre a sociedade de responsabilidade limitada.* São Paulo, s. c. p., 1940. 177 p.

Sua origem e evolução na legislação comparada; seu conceito jurídico e econômico; seus aspectos na lei brasileira, comparada com a de outros países. **[1093]**

Mendes, Otávio. *Direito comercial terrestre.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1930. 623 p.

Trabalho sobre a história do comércio, origens, definição, fontes do direito comercial, atos de comércio, comerciantes e seus auxiliares, sociedades, contratos, títulos, privilégios, patentes de invenção e marcas de fábrica. **[1094]**

Mendonça, José Xavier Carvalho de. *Tratado de direito comercial brasileiro.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1933-37. 9 v.

Obra clássica de direito mercantil brasileiro, em 11 volumes e um índice; 2ª edição, anotada e colocada de acordo com a legislação vigente. O primeiro volume comporta: noções gerais e atos de comércio; o segundo: comerciantes e seus auxiliares; o terceiro: sociedades comerciais; o quarto: conclusão do precedente; o quinto (2 partes): coisas; o sexto (3 partes): obrigações, contratos, prescrição; o sétimo: falência; o oitavo: continuação do precedente, concordata preventiva e matéria penal; índice alfabético de todos os assuntos. A 1ª edição (1910-1916), também em 11 volumes. Do 1º volume tiraram-se 3 edições (a 2ª, em 1930, ainda em vida do autor e inteiramente refundida). **[1095]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Direito cambiário.* Rio de Janeiro. José Olímpio, 1937-38. 2 v.

Obra, em dois volumes, dedicados, o 1º, à letra de câmbio e o 2º, à nota promissória. **[1096]**

Monteiro, Honório Fernandes. *Do crédito bancário confirmado.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1933. 248 p.

Assuntos versados: noção técnica e econômica, natureza jurídica e realização do crédito confirmado, direitos e obrigações das partes contratantes. **[1097]**

Nogueira, José Luís de Almeida, e **Fischer**, Guilherme (Júnior). *Tratado teórico e prático de marcas industriais.* São Paulo. Tip. Hennies, 1910. 2 v.

Doutrina, legislação, jurisprudência e convenções diplomáticas referentes ao assunto. **[1098]**

Russell, Alfredo. *Curso de Direito Comercial Brasileiro.* Rio de Janeiro. Liv. Científica Brasileira, 1923-1934. 5 v.

Explanação deste ramo do Direito Brasileiro, em 5 volumes, compreendendo: o 1º, noções gerais, comerciante, auxiliares, prepostos e sociedades comerciais; o 2º, coisas; o 3º, 4º e 5º, Direito Marítimo. Do 1º volume saiu, em 1938, nova edição, da Liv. Freitas Bastos, com 379 págs., inteiramente refundida. **[1099]**

Simas, Hugo. *Compêndio de Direito Marítimo Brasileiro.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1938. 400 p.

Estudo do assunto, em face do Código Comercial Brasileiro, de 1850. **[1100]**

Sousa, Herculano Marcos Inglês de. *Projeto de Código Comercial.* Rio de Janeiro. Imp. Nacional, 1912. 3 v.

O 1º volume contém exposição de motivos do autor; o 2º, o projeto de Código Comercial; o 3º, o projeto

de emendas, transformando o Código Comercial em Código de Direito Privado. **[1101]**

Sousa, Herculano Marcos Inglês de. *Títulos ao Portador no Direito Brasileiro.* Rio de Janeiro. Alves, 1898. 540 p.

Seu histórico; emissão, natureza jurídica, reivindicação e espécies (públicos e particulares), à luz do Direito Brasileiro. Em anexo, a legislação nacional relativa ao assunto. **[1102]**

Torres, F. E. Magarinos. *Nota Promissória.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1943. 741 p.

Estudo da lei, doutrina e jurisprudência cambial brasileira, 5ª edição.

[1103]

Valverde, Trajano de Miranda. *A Falência no Direito Brasileiro.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1932-1934. 3 v.

Análise, em 3 volumes, dos institutos falimentares brasileiros, em face do Decreto Federal nº 5.746, de 1929. **[1104]**

Valverde, Trajano de Miranda. *Sociedades por ações.* Rio de Janeiro. Ed. Revista Forense. 1941. 2 v.

Comentários à Lei nº 2.627, de 26 de setembro de 1940. O primeiro volume compreende os arts. 1 a 115 e o segundo, os arts. 116 a 174. **[1105]**

Vampré, Spencer. *Tratado Elementar de Direito Comercial.* 3 v. Rio de Janeiro. F. Briguiet, 1922-1925.

Exposição sintética da matéria, em 3 volumes, comportando: o 1º, generalidades, comerciantes, auxiliares, firma, nome, livros e sociedades; o 2º, sociedades anônimas; o 3º, falência. **[1106]**

Whitaker, José Maria. *Letra de Câmbio.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1942. 551 p.

Obra fundamental sobre o assunto. Comentários à Lei Federal nº 2.044, de 31 de dezembro de 1908. 3ª edição. A 1ª é de 1928 e a 2ª, de 1932. **[1107]**

E. DIREITO PENAL

Abranches, Carlos Alberto Dunshee de. *Sentença Indeterminada.* Rio de Janeiro. *Jornal do Comércio*, 1939. 233 p.

Tese apresentada à Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, para concurso à livre docência de Direito Penal. **[1108]**

Almeida, Cândido Mendes de. *As Novas Reformas Penais.* Rio de Janeiro, Estab. de artes gráficas C. Mendes Júnior, 1930. 180 p.

Considerações sobre a suspensão da execução da pena e o livramento condicional. **[1109]**

Aragão, Antônio Moniz Sodré de. *As Três Escolas Penais.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1928. 366.

O fundamento da responsabilidade penal, o conceito do crime, do criminoso e da pena, nas escolas clássica, antropológica e crítica.

[1110]

Araujo, J. A. Correia de. *Os Novos Horizontes da Justiça Criminal.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1932. 578 p.

Estudos de Antropologia, Sociologia e Psicopatologia Criminal. **[1111]**

Araújo, João Vieira de. *O Código Penal.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1901-02. 2 v.

Interpretação dos dispositivos da Parte Especial, de acordo com a doutrina e a jurisprudência e com referência aos dos diversos projetos anteriores. **[1112]**

Azevedo, Noé. *As garantias de liberdade individual em face das novas tendências penais.* São Paulo, Rev. Tribunais**,** 1936. 263 p.

Dissertação para concurso à cadeira de Direito Penal da Faculdade de Direito do Estado de São Paulo. **[1113]**

Azevedo, Vicente de Paulo Vicente de. *Crime, dano, reparação.* São Paulo. Rev. Tribunais, 1934. 368 p.

Estudo da reparação civil do dano causado pelo delito. Ações oriundas do crime. Crime e ato ilícito. Responsabilidade civil e criminal. Sentenças absolutórias e condenatórias no crime (efeitos). Indenização (estimação, titular, garantias). **[1114]**

Bandeira, Esmeraldino O. T. *Tratado de Direito Penal Militar Brasileiro.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1925. 600 p.

Este volume é dedicado à parte geral: estudo do conceito deste ramo do Direito, da lei penal militar, do crime (suas espécies), das penas, das justificativas, das dirimentes, etc. **[1115]**

Barreto, Plínio. *Questões criminais.* São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 1922. 339 p.

Artigos publicados em *O Estado de S. Paulo*, conferência e trabalhos forenses: regime penitenciário; criminologia; a reforma penal; o problema penal; o Código Penal Argentino; a política e a justiça; delitos de imprensa, etc. **[1116]**

Barreto, Carlos Xavier P. *O crime, o criminoso e a pena.* Rio de Janeiro. A. Coelho Branco Filho, 1938. 2 v.

Conteúdo do primeiro volume: conceito, classificação, relações, teorias e novos rumos do Direito Penal; o crime, o criminoso, a pena e a lei penal; do segundo: co-autoria, inimputabilidade criminal e crimes em espécie. O 1º volume está em 3ª edição. **[1117]**

Berardinelli, W. *Tratado de biotipologia criminal e patologia constitucional.* Rio de Janeiro. Alves, 1942. 661 p.

Estudo do homem, da mulher e da criança normais e de suas tendências patológicas constitucionais, com aplicações à cirurgia, às especialidades médicas à educação intelectual, moral e física, à orientação profissional, à sociologia e à política biológica, à criminologia, à eugenia, às artes, à religião, à vida militar; 4ª edição modificada, ampliada e atualizada. **[1118]**

Carvalho, Beni**.** *Sexualidade Anômala no Direito Criminal.* Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1937. 201 p.

Estudos sobre: defloramento, corrupção de menores, estupro e adultério. **[1119]**

Carvalho, Francisco Bulhões de. *Aplicação e Interpretação da Lei Penal.* Rio de Janeiro. *Jornal do Comércio*, 1940. 521 p.

A 1ª parte desta obra compreende pareceres, decisões, sentenças e outros trabalhos relativos aos dispositivos da Consolidação das Leis Penais e a 2ª refere-se à matéria processual penal. **[1120]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Os delitos contra a honra da mulher.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1942. 352 p.

Considerações sobre: adultério, defloramento, estupro; sedução no Direito Civil; ação pública e privada; tentativa e cumplicidade nestes crimes; com anotações referentes ao novo Código Penal; 4ª edição. A 1ª é de 1897. **[1121]**

Comentários ao Código Penal. Rio de Janeiro, Rev. Forense, 1942. 2 v.

O 2º volume, de autoria de Roberto Lira, versa sobre os arts. 28 a 74 e o 5º, de Nélson Hungria, sobre os arts. 121 a 136. **[1122]**

Correia, Alfredo Pinto de Araújo. *O contrabando e o seu processo.* Rio de Janeiro. Imp. Nacional, 1907. 194 p.

Análise do delito e das fases do seu processo. **[1123]**

Costa, Armando. *Livramento condicional.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, s.d. 507 p.

A primeira parte compreende o estudo sobre a matéria, em geral: sua noção, relações com outros institutos penais, origem, regulamentação, condições prévias, etc. O apêndice de legislação contém, entre outros, o Decreto nº 24.797, de 14-7-1934. **[1124]**

Drummond, Magalhães. *Estudos de Psicologia, Criminologia e Direito Penal.* Rio de Janeiro. Rev. Forense. s.d. 143 p.

Coletânea de trabalhos jurídico-penais. **[1125]**

Faria, Antônio Bento de. *Código Penal Brasileiro.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1942-43. 5 v.

O 1º volume abrange noções gerais, interpretação da lei penal e extradição. O 2º, a parte geral, arts. 1º a 120. O 3º, os arts. 121 a 154. O 4º, os arts. 155 a 212 e o 5º, os arts. 213 a 361. **[1126]**

Faria, Antônio Bento de, *Código Penal do Brasil.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1929. 2 v.

Obra clássica no assunto. Comentários teórico-práticos aos seus dispositivos, de acordo com a doutrina, legislação e jurisprudência nacionais e estrangeiras. O 2º volume contém a Constituição Federal Brasileira e as leis penais vigentes – 4ª edição. **[1127]**

Faria, Antônio Bento de. *Das contravenções penais.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1942. 668 p.

Estudo dos dispositivos do Decreto-Lei Federal nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. **[1128]**

Franco, Ari Azevedo. *Livramento condicional.* Rio de Janeiro. A. Coelho Branco Filho, 1931. 114 p.

Comentários e anotações aos dispositivos do Código Penal relativos à matéria. **[1129]**

Gusmão, Crisólito de. *Da suspensão condicional da pena.* Rio de Janeiro. Alves, 1926. 223 p.

Sua evolução histórica, princípios gerais, doutrina e legislação brasileira reguladora da matéria. **[1130]**

Gusmão, Crisólito de. *Dos crimes sexuais.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1934. 402 p.

Considerações sobre: estupro, atentado ao pudor, defloramento, corrupção de menores e princípios comuns aos crimes sexuais – 2ª edição. A 1ª é de 1921. **[1131]**

Gusmão, Sadi Cardoso de. *Das contravenções penais.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1942. 412 p.

Comentários à Lei Federal nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. **[1132]**

Hungria, Nélson. *Dos crimes contra a economia popular e das vendas a prestações com reserva de domínio.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1939. 248 p.

Considerações sobre o Decreto-Lei Federal nº 869, de 18 de novembro de 1938. **[1133]**

Hungria, Nélson, e **Lira,** Roberto. *Direito Penal.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1936-37. 3 v.

Compêndio sobre a matéria, compreendendo duas partes: a geral, de autoria de Roberto Lira, e a especial, em dois volumes, de Nélson Hungria. **[1134]**

Lira, Roberto. *Crimes contra a economia popular.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1940. 233 p.

Doutrina, legislação e jurisprudência relativas ao Decreto-Lei Federal nº 869, de 18 de novembro de 1938 e outros posteriores. **[1135]**

Machado, Antônio de Alcântara. *Projeto do código criminal brasileiro.* São Paulo. Rev. Tribunais, 1938. 304 p.

Com exposição de motivos e referências a outros projetos e à Consolidação Piragibe. **[1136]**

Machado, Raul. *A Culpa no Direito Penal.* São Paulo. Emp. Ed. Universal, 1943. 392 p.

Capítulos desta obra: noções gerais sobre a matéria; formas da culpa punível; preterintencionalidade; delitos culposos e a culpa no Direito Penal Brasileiro. 2ª edição revista e ajustada ao novo Código Penal. A 1ª edição é de 1929. **[1137]**

Morais, Evaristo de. *Ensaios de patologia social.* Rio de Janeiro. Leite Ribeiro, 1921. 366 p.

Estudos sobre a vagabundagem, suas causas individuais e sociais, prevenção, assistência e repressão; o alcoolismo, suas causas, paliativos e remédios; a prostituição e o sistema regulamentário oficial; o lenocínio e sua repressão. **[1138]**

Nogueira, J. C. Ataliba. *Medidas de segurança.* São Paulo. Liv. Acadêmica, 1937. 325 p.

Dissertação para concurso à cadeira de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade do Estado de São Paulo. **[1139]**

Peixoto, Afrânio. *Criminologia.* Rio de Janeiro. Ed. Guanabara, 1933. 295 p.

Lições dadas na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e relativas a: crimes e criminosos, sua noção e classificação; causas da criminalidade; periculosidade e medidas de segurança; prevenção social – 2ª edição. **[1140]**

Pontes, Ribeiro. *Código Penal Brasileiro.* Curitiba. Guaíra, 1942. 2 v.

O 1º volume abrange os comentários aos arts. 1º a 183; e o 2º, aos arts. 184 a 361 do novo Código Penal Brasileiro. **[1141]**

Ribeiro, C. J. de Assis. *História do Direito Penal Brasileiro.* Rio de Janeiro. Zélio Valverde, 1943. 208 p.

Análise do conceito e da repressão do crime entre os gentios no Brasil. O sistema penal das capitanias hereditárias. Ordenações Filipinas. 1500 a 1822. **[1142]**

Ribeiro, Leonídio. *O Novo Código Penal e a Medicina Legal.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1942. 385 p.

Análise das seguintes questões: aborto, dor, inversão sexual, trata-

mento arbitrário, curandeirismo, infanticídio, responsabilidade. **[1143]**

Ribeiro, Jorge Severiano. *Código Penal dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1941-1942. 4 v.

Comentários ao novo Código Penal Brasileiro. O 1º volume versa sobre noções gerais de Direito Penal e a parte geral do Código. O 2º sobre a continuação da parte geral. O 3º e o 4º sobre crimes em espécie. **[1144]**

Rodrigues, Raimundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.* São Paulo. Ed. Nacional, 1938. 272 p.

Assuntos versados: criminalidade, imputabilidade, livre-arbítrio; as raças humanas nos códigos penais brasileiros; a população brasileira sob o ponto de vista da psicologia criminal; defesa social – 3ª edição. A 1ª é de 1894. **[1145]**

Silva, Antônio José da Costa e. *Código Penal.* São Paulo. Ed. Nacional, 1943. 422 p.

Comentários aos arts. 1º a 74 do Novo Código Penal Brasileiro, Decreto-Lei Federal nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **[1146]**

Silva, Antônio José da Costa e. *Código Penal dos Estados Unidos do Brasil*, São Paulo. Ed. Nacional, 1930-38. 2 v.

Comentários, que se distinguem pela segurança da doutrina, ao Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890; o primeiro volume abrange os arts. 1º a 42; e o segundo, os arts. 43 a 86. **[1147]**

Siqueira, Galdino. *Direito Penal Brasileiro.* Rio de Janeiro. Jacinto Ribeiro dos Santos, 1924. 975 v.

Estudos da parte especial do Código Criminal de 1890, que abrange: os crimes e as penas, as contravenções em espécie e as disposições gerais. **[1148]**

Soares, Oscar de Macedo. *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro. Liv. Garnier, 1908. 852 p.

Comentários, em face da legislação, doutrina e jurisprudência, aos seus dispositivos – 4ª edição. **[1149]**

Sousa, José Luís Ribeiro de, e **Iete** Ribeiro de. *O Novo Direito Penal.* São Paulo. Rev. Tribunais, 1943. 501 p.

Teoria e prática sobre os novos Códigos Penal, de 1940, e do Processo Penal, de 1941, brasileiros. **[1150]**

Tratado de Direito Penal. Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1942-43. 9 v.

O 1º volume, de autoria de Oscar Tenório, versa sobre a aplicação da lei penal. O 2º, de Jorge Severiano Ribeiro, sobre o crime, a responsabilidade penal e a co-autoria. O 5º, do Des. José Duarte, sobre a ação penal e a extinção da punibilidade. O 6º, de Ari Azevedo Franco, sobre os crimes contra a pessoa. O 7º, de Carlos Xavier, sobre os crimes contra o patrimônio. O 8º, de Beni de Carvalho, sobre os crimes contra a religião, os costumes e a família. O 9º, de Francisco de Paula Baldessarini, sobre os crimes contra a incolumidade, a paz e a fé públicas. **[1151]**

Vergara, Pedro. *Delito de homicídio.* Rio de Janeiro. Liv. Jacinto, 1943. 520 p.

Estudo do dolo no homicídio, suas modalidades, suas causas excludentes; irresponsabilidade. **[1152]**

Vergara, Pedro. *Dos motivos determinantes no direito penal.* Rio de Janeiro, Ed. Direito Aplicado, 1937. 631 p.

Seu estudo em face da história do Direito Penal, das escolas penais, da personalidade, do temperamento, dos instintos, hábitos, tendências, impulsos e vontade; seu valor moral e social; motivos internos e externos. **[1153]**

Whitaker, Firmino. *Condenação condicional.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1930. 180 p.

Sua noção, requisitos, objeto, decisão, recursos e efeitos da sua concessão. **[1154]**

F. TEORIA GERAL DO ESTADO

Almeida, Francisco de Paula Lacerda de. *A Igreja e o Estado.* Rio de Janeiro, Rev. Tribunais, 1924. 345 p.

Exposição das suas relações no Direito Brasileiro, em face da legislação e da jurisprudência nacional. **[1155]**

Amaral, Antônio José Azevedo de. *O Estado autoritário e a realidade nacional.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938. 314 p.

Análise da organização do Estado Novo brasileiro. **[1156]**

Arruda, João. *Do Regímen Democrático.* São Paulo, São Paulo Editora, s. d. 165 p.

Considerações sobre soberania, representação, garantias de direitos, questão social e exército nacional. **[1157]**

Azambuja, Darci Pereira de. *Teoria Geral do Estado.* Porto Alegre, Liv. do Globo, 1942. 317 p.

O estado, noção, elementos, classificação, origem, personalidade. Soberania. Democracia. Origem do poder. Direitos individuais. Regime representativo. Sufrágio, noção e valor. **[1158]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *Curso de Direito Público,* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1938. 362 p.

Exposição didática da matéria. Noções sobre estado, nação, soberania, governo, constituição, democracia. etc. **[1159]**

Brasil, Joaquim Francisco de Assis. *Democracia representativa.* Rio de Janeiro, s. c. p., 1931. 422 p.

Estudo sobre o voto, seu fundamento e condições, o sistema representativo e as eleições; em anexo, anteprojeto de reforma da lei e processo eleitorais – 4ª edição. A 1ª é de 1893. **[1160]**

Brasil, Joaquim Francisco de Assis. *Ditadura, parlamentarismo, democracia.*Rio de Janeiro, Ed. Leite Ribeiro, 1927. 315 p.

Projeto de programa de partido político e discursos. **[1161]**

Brasil, Joaquim Francisco de Assis. *Do Governo Presidencial da República Brasileira.* Lisboa, Ed. Nacional, 1896. 370 p.

Capítulos desta obra: estado da questão; paralelo dos dois sistemas; idéias sobre a organização e exercício dos Poderes Legislativo e Executivo; conflitos e harmonias. **[1162]**

Campos, Francisco. *Antecipações à reforma política.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940. 370 p.

Coletânea de estudos sobre democracia, autonomia municipal, lei, liberdade, crimes políticos, voto secreto, competência do Supremo Tribunal Federal e reforma da Constituição de 1891. **[1163]**

Campos, Francisco. *O Estado Nacional,* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940. 257 p.

Sua estrutura, conteúdo ideológico, diretrizes, soluções e diversos problemas brasileiros e outros estudos políticos. **[1164]**

Lima, Eusébio de Queirós. *Teoria do Estado.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1930. 372 p.

Assuntos versados nesta obra: conceito, justificação, tipos históricos, elementos constitutivos, formação, crescimento, fim, formas, funções e órgãos do estado regimes e formas de governo. **[1165]**

Morais, Evaristo de. *Da Monarquia para a República.* Rio de Janeiro, Atena Editora, s. d. 222 p.

Estudo histórico da evolução política do Brasil de 1870 a 1889. **[1166]**

Nunes, José de Castro. *Do Estado Federado e sua Organização Municipal.* Rio de Janeiro. Leite Ribeiro, 1920. 575 p.

História, doutrina, jurisprudência e direito comparado sobre a matéria; em apêndice, as leis de organização dos municípios, nos diversos estados do Brasil. **[1167]**

Reale, Miguel. *Teoria do direito e do estado.* São Paulo, Liv. Martins, 1940. 337 p.

Partes desta obra: o poder e o processo de positivação do direito. Estado e soberania. Estado e direito.

[1168]

Silveira, Tasso Azevedo da. *Estado corporativo.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1937. 301 p.

Estudo sobre aquela forma do Estado e a concepção integralista.

[1169]

G. DIREITO CONSTITUCIONAL

Amado, Gilberto. *Eleição e representação.* Rio de Janeiro, Of. Ind. Gráfica, 1931 236 p.

Evolução, formas e realizações daquele sistema; representação proporcional e profissional; partidos políticos; a mentalidade política e o meio social do Brasil. **[1170]**

Barbosa, Rui. *Os atos inconstitucionais do Congresso e do Executivo ante a Justiça Federal.* Rio de Janeiro, Cia. Impressora, 1893. 249 p.

Razões forenses, em defesa dos direitos dos reformados e demitidos pelos decretos de 7 a 12 de abril de 1892. **[1171]**

Barbosa, Rui. *Comentários à Constituição Federal brasileira.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1932-1934. 6 v.

Obra clássica sobre a Constituição brasileira de 24 de fevereiro de 1891. O primeiro volume compreende o estudo dos artigos 1º a 15 (Disposições Preliminares); o segundo, dos arts. 16 a 40 (Poder Legislativo); o terceiro, dos arts. 41 a 54 (Poder Executivo); o quarto, dos arts. 55 a 62 (Poder Judiciário); o quinto, dos arts. 63 a 72 (Estados, Municípios e Cidadania Brasileira); e o sexto, dos arts. 72 a 91 (Disposições Gerais e Transitórias). Estes comentários foram coligidos e ordenados por Homero Pires, catedrático de Direito Constitucional da Faculdade de Direito do Estado da Bahia.

[1172]

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *Curso de Direito Constitucional brasileiro.*

Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1937. 367 p.

Compêndio, desenvolvendo o programa da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. **[1173]**

Bueno, José Antônio Pimenta. *Direito público brasileiro.* Rio de Janeiro, J. Villeneuve, 1857. 586 p.

Análise dos institutos constitucionais brasileiros, em face da doutrina e da Constituição Imperial: nação, soberania, poderes políticos, eleições. **[1174]**

Campos, A. R. Carneiro de. *Direito público aéreo.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1941. 363 p.

Estudo sobre a natureza jurídica do espaço aéreo e sobre a navegação aérea, com anotações e jurisprudência relativas ao Código Brasileiro do Ar. **[1175]**

Campos, Francisco. *Direito Constitucional.* Rio de Janeiro, Ed. Revista Forense, 1942. 434 p.

Coletânea de pareceres, entrevistas e discursos sobre matéria constitucional. **[1176]**

Castro, Araújo. *A Constituição de 1937.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1941. 600 p.

Comentários aos dispositivos daquela Constituição, comparando-os com os das anteriores. 2ª edição, revista e aumentada. A 1ª é de 1938. **[1177]**

Castro, Araújo. *A nova Constituição brasileira.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1936. 632 p.

Comentários aos dispositivos da Constituição de 1934 e estudo comparativo com os das anteriores – 2ª edição. **[1178]**

Cavalcanti, Amaro. *Regime federativo e a República brasileira.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1900. 448 p.

Estudo do regime, sua nação, histórico e funcionamento, em geral, e, em especial, no Brasil: os poderes federal e estadual, a administração da Justiça, a divisão das rendas públicas, etc. **[1179]**

Cavalcanti, João Barbalho Uchoa. *Constituição Federal brasileira.* Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1924. 568 p.

Obra clássica no assunto. Comentários aos dispositivos da Constituição brasileira de 1891, com referências aos do Projeto da Comissão do Governo Provisório, suas emendas e leis anteriores – 2ª edição. A 1ª é de 1902. **[1180]**

Dória, Antônio de Sampaio. *Princípios constitucionais.* São Paulo, São Paulo Editora, 1926. 351 p.

Exposição destes princípios, do *habeas corpus* e do estado de sítio, em face da Constituição brasileira de 1891. **[1181]**

Fonseca, Aníbal Freire da. *Do Poder Executivo na República brasileira.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1916. 208 p.

Sua organização, tendências, atribuições, relações com o Congresso, o Judiciário e os Estados; os Ministros de Estado; a responsabilidade do Presidente da República. **[1182]**

Fraga, Alberto. *Do Poder Legislativo.* Bahia, Imp. Oficial do Estado, 1928. 425 p.

Estudo de sua evolução nos diversos países europeus e americanos, e, em especial, no Brasil; organização

legislativa dos estados brasileiros; a decadência daquele poder; o estado de sítio na prática constitucional brasileira. **[1183]**

Freire, Felisbelo Firmino de Oliveira. *História constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1894-95. 3 v.

História da vida política brasileira, desde a proclamação da República até a Constituinte. O primeiro volume é dedicado à Revolução de 15 de novembro de 1889, suas causas, propaganda; o segundo, ao Governo Provisório, sua organização, atos; o terceiro, ao Congresso Constituinte e discussão do Projeto de Constituição. **[1184]**

Lacerda, Paulo Maria de. *Princípios de direito constitucional brasileiro.* Rio de Janeiro, Liv. Azevedo, s.d. 2 v.

O volume 1º é dedicado a: noções fundamentais, generalidades e história política brasileira; o segundo, a: federação, organização federal e Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. **[1185]**

Leal, Aurelino. *História constitucional do Brasil.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1915. 254 p.

Coletânea de conferências sobre o governo constitucional brasileiro, desde as suas primeiras manifestações até a constituinte republicana, inclusive. **[1186]**

Leal, Aurelino. *Teoria e prática da Constituição Federal brasileira.* Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1925. 912 p.

Comentários aos arts. 1º a 40 (organização federal e Poder Legislativo), com referências ao projeto, suas emendas e leis anteriores. **[1187]**

Leme, Ernesto. *A intervenção federal nos estados.* São Paulo, Rev. Tribunais, 1930. 243 p.

Conteúdo deste volume: fundamento do direito de intervir; obrigatoriedade ou faculdade de intervir; análise do art. 6º da Constituição Federal brasileira – 2ª edição. A 1ª é de 1926. **[1188]**

Lessa, Pedro Augusto Carneiro. *Reforma constitucional.* Rio de Janeiro, Ed. Brasileira Lux, 1925. 257 p.

Comentários à reforma da Constituição brasileira, à autonomia municipal e um caso forense. **[1189]**

Maximiliano, Carlos. *Constituição brasileira.* Porto Alegre, Liv. do Globo, 1929. 999 p.

Comentários aos dispositivos da Constituição de 1891, com as alterações introduzidas pela Reforma de 1925-1926 – 3ª edição. **[1190]**

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard. *Elementos de direito público constitucional brasileiro.* Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1935. 450 p.

Estudo sobre direito, lei, soberania, estado; a organização federal brasileira em face da Constituição de 1934. 5ª edição. **[1191]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Comentários à Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1937. 2 v.

Extensos comentários, com indicação dos dispositivos das Constituições anteriores, aos artigos da Constituição Federal de 1934. O 1º volume compreende os arts. 1º a 103 e o 2º, 104 a 187. **[1192]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Comentários à Constituição Federal de*

10 de novembro de 1937. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1938. 2 v.

Extensas considerações sobre os dispositivos daquela Constituição com referências aos das anteriores. O 1º volume compreende os arts. 1º a 37 (Introdução e Organização Nacional). O 3º, os arts. 90 a 123 (Poder Judiciário, Tribunal de Contas, Nacionaldade, Cidadania, Direitos e Garantias Individuais). **[1193]**

Oliveira, Cândido de (filho). *Digesto constitucional.* Rio de Janeiro, Cândido de Oliveira Filho, 1939-40. 5 v.

Legislação comparada, legislação nacional anterior e posterior, considerações doutrinárias e jurisprudência relativas aos dispositivos da Constituição brasileira de 10 de novembro de 1937. O primeiro volume compreende os arts. 1º a 16, nº IX (Organização Nacional). Os 4º e 5º referem-se ao nº XVI do art. 16 (Processo Civil e Comercial). **[1194]**

Roure, Agenor de. *A constituinte republicana.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1920. 2 v.

Coletânea dos trabalhos parlamentares realizados durante a discussão do projeto de Constituição brasileira. O primeiro volume é dedicado à organização federativa, Poder Judiciário, organização dos estados e cidadania brasileira. **[1195]**

Serva, Mário Pinto. *O voto secreto ou a organização de partidos nacionais.* São Paulo, Imp. Metodista, s.d. 361 p.

Ensaios jurídico-políticos. **[1196]**

Torres, Alberto de Seixas Martins. *A organização nacional.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1914. 384 p.

Estudos sobre: o espírito e as tendências da política; o território e a nação; a unidade nacional; o governo e a política e a revisão constitucional. **[1197]**

Viana, José Francisco Oliveira. *O idealismo da Constituição.* Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1939. 355 p.

Ensaio filosófico-jurídico-político – 2ª edição. A 1ª é de 1927. **[1198]**

H. DIREITO ADMINISTRATIVO

Ciência da Administração Política

Andrade, Odilon C. *Serviços públicos e de utilidade pública.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1937. 149 p.

Estudo das diversas teses relativas ao assunto. **[1199]**

Azevedo, Washington. *A organização técnica dos municípios.* Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1935. 173 p.

Capítulos desta obra: organização racional, dos serviços públicos; cooperação administrativa entre o estado e as municipalidades; organização interna da Divisão dos Negócios Municipais. **[1200]**

Barbosa, Rui. *Privilégios exclusivos.* Rio de Janeiro, Emp. Fotomecânica do Brasil, 1911. 72 p.

Análise da concessão de privilégios exclusivos, em face da doutrina e jurisprudência norte-americanas. **[1201]**

Calógeras, João Pandiá. *Problemas de administração.* São Paulo, Ed. Nacional, 1933. 271 p.

Relatório confidencial apresentado, em 1918, ao Conselheiro Rodrigues Alves, sobre a situação or-

çamentária e administrativa do Brasil.

[1202]

Calógeras, João Pandiá. *Problemas de governo.* São Paulo, Gráf. Rossetti, 1928. 188 p.

Coletânea de conferências sobre questões econômicas, administrativas e internacionais relativas ao Brasil. **[1203]**

Carnaxide, Antônio de Sousa Pedroso. *O Brasil na administração pombalina.* São Paulo, Ed. Nacional, 1940. 357 p.

Exposição da economia e da política externa brasileira no tempo de Pombal. **[1204]**

Carneiro, Levi Fernandes. *Problemas municipais.* Rio de Janeiro, Of. Gráf. Alba, 1931. 207 p.

Este trabalho é dividido em duas partes: a primeira, dedicada à organização municipal e a segunda, ao recurso judicial de eleições municipais.

[1205]

Castro, Araújo. *Estabilidade de funcionários públicos.* Rio Janeiro, Leite Ribeiro, 1917. 143 p.

Estudo da questão, em face da doutrina de autores nacionais e estrangeiros, da jurisprudência e da legislação brasileira e de outros países.

[1206]

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Tratado de ciência da administração e Direito Administrativo.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1912. 756 p.

Conteúdo deste volume: noção do estado; Federalismo; noção do Direito Administrativo e da Ciência da Administração; ação do estado; sua intervenção no domínio econômico; obras públicas; poderes públicos; órgãos administrativos; cidadania. 2ª edição. **[1207]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Tratado dos impostos.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1910. 828 p.

Exposição teórica da origem, incidência, funcionamento e natureza dos impostos, nos diversos países e estudo prático dos impostos diretos e indiretos no Brasil. 2ª edição. **[1208]**

Cavalcanti, Temístocles Brandão. *Instituições de Direito Administrativo brasileiro.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1938. 2 v.

Exposição da matéria, em dois volumes: O 1º compreende estudos sobre: o estado, sua estrutura, organização e funções; o 2º, noções sobre Direito Administrativo, atos administrativos, serviço público, bens, funcionários públicos e contencioso administrativo – 2ª edição. **[1209]**

Cavalcanti, Temístocles Brandão. *Tratado de Direito Administrativo.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1942. 5 v.

O primeiro volume versa sobre o estado, sua estrutura, organização, administração e funções. O segundo sobre teoria geral do Direito Administrativo, Direito Financeiro, atos e contratos administrativos. O terceiro volume sobre a função pública, funcionários e extranumerários, seu regime jurídico. O quarto, sobre os serviços públicos, sua execução direta, autarquias, economia mista e concessões. O quinto, primeira parte, sobre o domínio público, o poder de polícia e suas manifestações. **[1210]**

Fagundes, M. Seabra. *Da desapropriação no direito brasileiro.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1942. 506 p.

Análise da expropriação em face dos textos constitucionais e do Decreto-Lei Federal nº 3.365, de 21 de junho de 1941. **[1211]**

Fleiuss, Max. *História administrativa do Brasil.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1923. 356 p.

Estudo da organização administrativa do Brasil no tempo colonial, Brasil-Reino e Brasil-Império. **[1212]**

Fonseca, Tito Prates da. *Autarquias administrativas.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1935. 150 p.

Estudo de sua noção e da de serviço público; a sua personalidade jurídica; a responsabilidade do estado e as autarquias; a colaboração do particular na administração pública. **[1213]**

Fonseca, Tito Prates da. *Direito Administrativo.* Rio de Janeiro, São Paulo, Freitas Bastos, 1939. 439 p.

Capítulos da obra: seu conceito; ciência da administração; regime administrativo; o direito administrativo como fenômeno, lei e faculdade; os sujeitos da relação jurídica administrativa; funcionários públicos; objeto da ação administrativa e atos administrativos. **[1214]**

Fonseca, Tito Prates da. *Lições de Direito Administrativo.* Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1943. 431 p.

Estudos sobre os diversos problemas de Direito Administrativo. **[1215]**

Franco, Manuel de Oliveira (sobrinho). *Autarquias administrativas.* São Paulo, Rev. Tribunais, 1939. 180 p.

Seu conceito, noção social, noção jurídica, espécies e organização interna. **[1216]**

Lima, Rui Cirne. *Princípios de Direito Administrativo brasileiro.* Porto Alegre, Globo, 1939. 213 p.

Capítulos desta obra: o Direito Administrativo; a relação jurídica administrativa; os direitos subjetivos; a organização administrativa e os bens na economia administrativa – 2ª edição. A 1ª é de 1937. **[1217]**

Mazagão, Mário. *Natureza jurídica da concessão de serviço público.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1933. 114 p.

Dissertação para concurso à cadeira de Direito Administrativo da Faculdade de Direito do Estado de São Paulo. **[1218]**

Menegale, J. Guimarães. *Direito Administrativo e ciência da administração.* Rio de Janeiro, Metrópole Editora, 1938. 2 v. e supl.

O 1º volume deste tratado é dedicado a: atividades do estado, organização administrativa, direitos, deveres e responsabilidade dos funcionários e administração nacional; o 2º a: domínio, propriedade privada no Direito Administrativo, contratos administrativos e justiça administrativa. **[1219]**

Pareceres do consultor-geral da República. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1911-31. 11 v.

Sobre questões e problemas da administração surgidos nos diversos ministérios, emitidos por Araripe Júnior, Rodrigo Otávio, Manuel Álvaro de Sousa Sá, de 1903 a 1910. **[1220]**

Pinto, Bilac. *Contribuição de melhoria.* Rio de Janeiro, Rev. Forense Editora, s.d. 320 p.

Análise de legislação americana, inglesa, francesa, italiana e nacional sobre o assunto e de seu aspecto financeiro, jurídico, econômico, político, social e administrativo. Contém a legislação do Estado e do Município de São Paulo. **[1221]**

Pinto, Bilac. *Regulamentação efetiva dos serviços de utilidade pública.* Rio de Janeiro, Rev. Forense, 1941 218 p.

Aspectos político, social-administrativo, jurídico, financeiro e econômico do problema. **[1222]**

Ribas, Antônio Joaquim. *Direito administrativo brasileiro.* Rio de Janeiro, F. L. Pinto & Cia., 1866. 407 p.

Divide-se em três partes esta obra: da ciência da administração, fontes e ciências auxiliares; da administração (poder político, funções, hierarquia e atos administrativos); dos administrados (nacionais, estrangeiros e escravos). **[1223]**

Silva, Luciano Pereira da. *Questões jurídicas em processos administrativos.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1938-42. 3 v.

Coletânea de pareceres proferidos pelo consultor jurídico do Ministério da Agricultura durante os anos de 1931 a 1942. **[1224]**

Spínola, Celso. *Desapropriações por necessidade ou utilidade pública.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1941. 446 p.

Comentários, de acordo com a doutrina, legislação e jurisprudência, aos dispositivos do Decreto Federal nº 4956, de 9 de setembro de 1903; em apêndice, legislação processual federal e estadual sobre a matéria – Suplemento à 2ª edição que é de 1930. A 1ª é de 1922. **[1225]**

Torres, Alberto Seixas Martins. *O problema nacional brasileiro.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1914. 151 p.

Exposição de alguns problemas políticos brasileiros. **[1226]**

Uruguai, Visconde do. *Ensaio sobre o Direito Administrativo.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1862. 2 v.

Estudo da matéria, em geral, com referência especial ao estado brasileiro e as instituições peculiares ao Brasil, na época da monarquia. **[1227]**

Vasconcelos, José Matos de. *Direito administrativo.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1936-37. 2 v.

Exposição da matéria em dois volumes. O 1º dedicado a: noções sobre Direito Administrativo, Direito Público, atividade administrativa, funções do Estado e Justiça Administrativa; o 2º a: serviços facultativos do estado, obras e serviços facultativos do estado, obras e serviços públicos, domínio público, organização administrativa, organização dos ministérios, função pública e assistência social. **[1228]**

Whitaker, Firmino. *Desapropriação.* São Paulo, *O Estado de S. Paulo,* 1927. 203 p.

Noções gerais, seu objeto e causa, indenização, poder desapropriante; processo administrativo e judicial (suas fases); acordo, extensão e retrocessão; coletânea de decisões e pareceres sobre a matéria. 2ª edição. **[1229]**

I. DIREITO JUDICIÁRIO CIVIL

Almeida, João Mendes de (Júnior). *Direito judiciário brasileiro.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1940. 513 p.

Obra clássica no assunto. Exposição deste ramo do Direito brasileiro, sua noção, divisão e classificação: o Poder Judiciário, sua função e organismo; as ações; as provas; o processo. A citação e a instância – 3ª edição, com remissões ao Código de Processo Civil brasileiro. A 1ª edição é de 1910 e a 2ª de 1918. **[1230]**

Americano, Jorge. *Processo Civil e Comercial no Direito brasileiro.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1925. 530 p.

Continuação do programa de Direito Judiciário Civil do Prof. Manuel Aureliano de Gusmão para a Faculdade de Direito do Estado de São Paulo. Exposição das fases probatória, decisória e executória. **[1231]**

Batista, Francisco de Paula. *Processo Civil comparado com o Comercial e hermenêutica jurídica.* Rio de Janeiro, Liv. Cruz Coutinho, 1910. 482 p.

Compêndio teórico-prático para uso das Faculdades de Direito do Império, 7ª edição. **[1232]**

Braga, Antônio Pereira. *Exegese do Código de Processo Civil.* Rio de Janeiro, Max Limonad, 1942-43. 2 v.

O primeiro volume compreende o estudo das principais teses de Direito Judiciário Civil, e o segundo, a análise dos dispositivos do Código de Processo Civil Brasileiro, arts. 1º a 4º. **[1233]**

Bueno, José Antônio Pimenta. *Apontamentos sobre as formalidades no Processo Civil.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1858.

Análise das nulidades processuais, sua noção, extensão, espécies, causas diversas e remédios. 2ª edição. A 1ª é de 1850. **[1234]**

Código do Processo Civil brasileiro. São Paulo. Liv. Acadêmica, 1940-41. 5 v.

Comentários ao Código do Processo Civil brasileiro, por juízes paulistas. o 1º volume, de autoria de Herotides da Silva Lima, abrange os arts. 1º a 297. O 2º, de Alexandre Delfino de Amorim Lima, os arts. 298 a 464. O 4º, de João Manuel Carneiro de Lacerda, os arts. 675 a 807 e o quinto, de Osvaldo Pinto do Amaral, os artigos 808 a 1.052. **[1235]**

Comentários ao Código de Processo Civil. Rio de Janeiro. Rev. Forense, 1940-41. 10 v.

Os 1º, 2º e 3º volumes, de autoria de Pedro Batista Martins, compreendem os arts. 1º a 297 (disposições gerais e processo em geral). O 4º, de Luís Machado Guimarães, os arts. 298 a 370 (processos especiais). O 5º, de A. L. Câmara Leal, os arts. 371 a 464 (processos especiais). O 6º, de Cândido Neves, os arts. 465 a 523 (processos especiais). O 7º, de Odilon de Andrade, os arts. 524 a 674 (processos especiais). O 8º, de Hugo Simas, os arts. 675 a 781 (processos acessórios). O 10º, de Amílcar de Castro, os arts. 882 a 1.052 (execução, juízo arbitral e disposições finais e transitórias). **[1236]**

Costa, Alfredo de Araújo Lopes da. *Direito Processual Civil brasileiro.* São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1941-43. 2 v.

Comentários ao Código de Processo Civil brasileiro. **[1237]**

Ferraz, Manuel Carlos de Figueiredo. *Apontamentos sobre a noção ontológica do processo.* S. Paulo Rev. Tribunais, 1936. 163 p.

Capítulos deste trabalho: noção de lei; lei física e lei moral; lei jurídica; atividade jurídica; movimento processual; verdadeiro caráter da lei processual; necessidade do processo. **[1238]**

Fonseca, Tito Prates da. *As nulidades em face do Código de Processo Civil.* Rio de Janeiro, São Paulo, 1941. 420 p.

Exposição do regime de nulidades estabelecido pelo Código de Processo Civil brasileiro. **[1239]**

Fraga, Afonso. *Instituições do Processo Civil do Brasil.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1940. 2 v.

Tratado de Direito Judiciário Civil brasileiro. O 1º volume compreende o estado de suas fontes e de sua teoria geral. O 2º, de sua estrutura geral. **[1240]**

Guimarães, Mário. *Recurso de revista.* São Paulo, Liv. Martins, 1942. 116 p.

Estudo do histórico, objetivo, interposição, processo, julgamento, efeitos do recurso de revista e de outras questões a ele relativas. **[1241]**

Gusmão, Manuel Aureliano de. *Processo Civil e Comercial.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1921-24. 2 v.

Desenvolvimento do programa de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Direito do Estado de São Paulo. **[1242]**

Leal, Antônio Luís da Câmara. *Teoria e prática das ações.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1923. 2 v.

O 1º volume é dedicado à teoria geral, às ações de família e reais; o 2º, às obrigacionais, de acordo com os Códigos de Processo dos diversos estados. **[1243]**

Lessa, Pedro Augusto Carneiro. *Do Poder Judiciário.* Rio de Janeiro, Alves, 1915. 435 p.

Obra clássica no assunto. Análise, em face da doutrina e da jurisprudência, dos dispositivos da Constituição Federal brasileira, relativos à matéria (arts. 55 a 62). **[1244]**

Monteiro, João. *Curso de Processo Civil.* São Paulo, Duprat & Cia., 1912. 3 v.

Obra clássica no assunto. Exposição do programa desta cadeira, na Faculdade de Direito do Estado de São Paulo. O 1º volume compreende noções gerais, organização judiciária, partes e seus auxiliares; o 2º, o processo ordinário, fórmulas gerais do processo e seus incidentes – 3ª edição. **[1245]**

Monteiro, João. *Direito das ações.* São Paulo, Duprat & Cia., 1905. 206 p.

Estudo filosófico-histórico sobre a matéria, em geral; conceito, conteúdo, processo e espécie de ações prejudiciais e pessoais. **[1246]**

Morato, Francisco A. de Almeida. *Da prescrição nas ações divisórias.* São Paulo, s.d.p., 1917. 170 p.

Dissertação para concurso à cadeira de Teoria e Prática do Processo Civil e Comercial da Faculdade de Direito do Estado de São Paulo. **[1247]**

Nunes, José de Castro. *Do mandado de segurança.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1937. 504 p.

Estudo das diversas teses relativas ao assunto, de acordo com a doutrina, a legislação e a jurisprudência. **[1248]**

Oliveira, Cândido de (Filho). *Curso de prática do Processo Civil, Comercial e Criminal.* Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1911-20. 2 v.

Exposição didática da matéria. O 1º volume compreende: procurações, contratos-testamentos; processos em geral, jurisdição, competência, ações, suas fases. O 2º, causas preparatórias, preventivas e incidentes. **[1249]**

Ramalho, Joaquim Inácio. *Praxe brasileira.* São Paulo, Duprat & Cia., 1904. 668 p.

Compêndio de Direito Processual Brasileiro, anotado por Pânfilo de Assunção. A 1ª parte compreende a organização judiciária; a 2ª, o processo ordinário; a 3ª, o processo sumário, sumaríssimo e executivo; a 4ª, os recursos e a 5ª, a execução – 2ª edição. **[1250]**

Ribas, Antônio Joaquim. *Consolidação das leis do Processo Civil.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1915. 798 p.

Codificação do direito processual vigente na época, com comentários de seus dispositivos – 3ª edição. **[1251]**

Santos, J. M. de Carvalho. *Código de Processo Civil interpretado.* Rio de Janeiro, 1940-41. 10 v.

Tratado sobre o Código de Processo Civil Brasileiro. O 1º volume compreende os arts. 1º a 94 (disposições gerais). O 2º e o 3º, os arts. 95 a 262 (processo em geral). O 4º, o 5º, o 6º e o 7º, os arts. 263 a 674 (processo ordinário e processos especiais). O 8º, os arts 675 a 781 (processos acessórios). O 9º, os artigos 782 a 881 (processos da competência originária dos tribunais e recursos). O 10º, os arts. 882 a 1.052 (execução, juízo arbitral e disposições finais). **[1252]**

Silva, De Plácido e. *Comentários ao Código de Processo Civil.* Curitiba, Guaíra, 1941. 2 v.

Anotações e comentários aos dispositivos do Decreto-Lei Federal nº 1.608, de 18 de setembro de 1939. 1º volume: arts. 1º a 674. 2º volume: arts. 675 a 1.052, 2ª edição. A 1ª é de 1940. **[1253]**

Sousa, Joaquim José Caetano Pereira e. *Primeiras linhas sobre o Processo Civil.* Rio de Janeiro, Garnier, 1907. 631 p.

Obra de Direito Processual Português, acomodado ao foro do Brasil até o ano de 1877, por Augusto Teixeira de Freitas. A edição anterior, em 4 volumes, é de 1879-1880. **[1254]**

Whitaker, Firmino. *Terras.* Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1933. 532 p.

Exposição das ações de divisão e demarcação de terras, nas suas diversas fases e atos processuais – 6ª edição. **[1255]**

J. DIREITO JUDICIÁRIO PENAL

Almeida, João Mendes de (Júnior). *O processo criminal brasileiro.* Rio de Janeiro, Alves, 1911. 2 v.

O 1º volume é dedicado a noções gerais, histórico, sistema, prisão e fiança; o 2º, a corpo de delito, inquérito policial, jurisdição, competência, ação penal, recursos e execução de sentença – 2ª edição. **[1256]**

Almeida, Joaquim Canuto Mendes de. *Ação Penal.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1938. 237 p.

Sua noção, divisão; pressupostos processuais; órgãos jurisdicionais; corpo de delito; pronúncia; procedimento *ex officio* e denúncia; queixa. Há

uma outra edição do mesmo ano, da Revista dos Tribunais. **[1257]**

Azevedo, Vicente de Paulo. *As questões prejudiciais no processo penal brasileiro.* São Paulo, Liv. Martins, 1940. 146 p.

Tese apresentada à Faculdade de Direito da Universidade do Estado de São Paulo para concurso à cadeira de Direito Judiciário Penal. 2ª edição. A 1ª edição é de 1938. **[1258]**

Bittencourt, Edgard de Moura. *A instituição do júri.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1939. 340 p.

Anotações, de acordo com a doutrina; legislação e jurisprudência, aos dispositivos do Decreto-Lei Federal nº 167, de 5 de janeiro de 1938.

[1259]

Bueno, José Antônio Pimenta. *Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro.* Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1910. 635 p.

Obra clássica no assunto. Exposição da matéria, em face da doutrina e das leis vigentes, na época no Brasil. 4ª edição, anotada por Vicente Ferrer de Barros W. Araújo. **[1260]**

Espínola, Eduardo (Filho). *Código de Processo Penal brasileiro.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1942-43. 5 v.

O 1º volume abrange os comentários aos arts. 1º a 62. O 2º, aos arts. 63 a 200. O 3º, aos arts. 201 a 380. O 4º, aos arts. 481 a 502 e o 5º, aos arts. 503 a 620. **[1261]**

Faria, Antônio Bento de. *Código de Processo Penal.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1942. 2 v.

Estudo do recente Código de Processo Penal Brasileiro, Decreto-Lei Federal número 3.689, de 3 de outubro de 1941. O 1º volume abrange os arts. 1º a 393 e o 2º, os arts. 394 a 811. **[1262]**

Franco, Ari Azevedo. *Código de Processo Penal.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1942. 2. v.

Comentários ao Código de Processo Penal Brasileiro. O 1º volume abrange os arts. 1º a 393 e o 2º, os arts. 394 a 811. **[1263]**

Leal, Antônio Luís da Câmara. *Comentário ao Código de Processo Penal brasileiro.* São Paulo. Freitas Bastos, 1942-43. 4 v.

Estudo dos dispositivos do Decreto-Lei Federal nº 3.689, de 3 de outubro de 1941. O 1º volume versa sobre os arts. 1º a 200. O 2º sobre os arts. 201 a 380. O 3º sobre os arts. 381 a 562. O 4º sobre os arts. 563 a 811. **[1264]**

Pessoa, Vicente Alves de Paula. *Código do Processo Criminal da primeira instância do Brasil.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1899. 654 p.

Anotações aos dispositivos das leis de 29 de novembro de 1832 e de 3 de dezembro de 1841 e dos Regulamentos nº 120, de 1842 e de 15 de março de 1842, com as diversas modificações posteriores. **[1265]**

Rosa, Inocêncio Borges da. *Processo Penal brasileiro.* Porto Alegre, Liv. do Globo, 1942. 3 v.

Obra de teoria e prática sobre o Código de Processo Penal do Brasil (Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941). O 1º volume versa sobre os arts. 1º a 196. O 2º sobre os arts. 197 a 423 e o 3º sobre os arts. 424 a 592. **[1266]**

Siqueira, Galdino. *Curso de processo criminal.* São Paulo, Centro de Propaganda Católica, 1910. 390 p.

Exposição sistemática da matéria, em face da doutrina: noções gerais; organização judiciária criminal; ação criminal; formas gerais dos processos; processo perante o júri; processo ordinário nas competências especiais e nas privilegiadas; processos especiais; execução de sentença. **[1267]**

Sousa, Joaquim José Caetano Pereira e. *Primeiras linhas sobre o processo criminal.* Lisboa, Tip. Lacerdina, 1806. 307 p.

Estudos sobre: devassa, querela, corpo de delito, pronúncia, prisão, fiança, libelo, contestação, réplica, tréplica e demais fases e atos processuais. **[1268]**

Whitaker, Firmino. *Júri.* São Paulo, *O Estado de S. Paulo*, 1926. 293 p.

Análise da instituição, no Estado de São Paulo (pessoal que o compõe, atos que precedem o plenário, atos do plenário, recursos e medidas excepcionais a favor dos réus) – 5ª edição. **[1269]**

K. LEGISLAÇÃO SOCIAL

Bonhomme, Carlos de. *Dicionário brasileiro de jurisprudência e doutrina trabalhista.* Porto Alegre, Bib. Cultural Social, 1941. 317 p.

Repertório de julgados e pareceres em matéria trabalhista. Este volume contém as letras A, B e C. **[1270]**

Calógeras, João Pandiá. *Conceito cristão do trabalho.* São Paulo, Ed. Nacional, 1932. 152 p.

Ensaio sociológico-jurídico. **[1271]**

Carvalho, M. Cavalcanti de. *Consolidação das Leis do Trabalho e da Previdência Social.* Rio de Janeiro. Ed. Americana, 1942. 2 v.

Plano sistemático da legislação trabalhista, vigente na República dos Estados Unidos do Brasil, com notas e observações. O primeiro volume versa sobre o ordenamento da tutela do trabalho e o segundo sobre o ordenamento do seguro social. **[1272]**

Carvalho, M. Cavalcanti de. *Direito sindical e corporativo.* Rio de Janeiro, A. Coelho Branco, 1941. 526 p.

Sistematização doutrinária do direito sindical brasileiro. Legislação comparada. Teoria e prática do sindicalismo. Disciplina do enquadramento. **[1273]**

Castro, Araújo. *Acidentes do trabalho.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1939. 568 p.

Conceito, prova e conseqüências do acidente do trabalho; interpretação da lei; doutrinas relativas; forma, cálculo, *quantum*, quantia e liquidação da indenização; perícia médica; declaração do acidente e procedimento judicial – 5ª edição. A 2ª é de 1928. **[1274]**

Castro, Araújo. *Justiça do trabalho.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1941. 521 p.

Estudo sobre a organização judiciária e o processo na Justiça do Trabalho. **[1275]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *A questão social.* Rio de Janeiro, Ed. Conselheiro Cândido de Oliveira, s.d. 303 p.

Palestras sobre o assunto, envolvendo o estudo dos diversos problemas trabalhistas. **[1276]**

Castro, J. Ribeiro de (Filho). *Direito judiciário do trabalho,* v-1º, Rio de Janeiro, A. Coelho Branco, 1942. 528 p.

Legislação, doutrina, jurisprudência e prática sobre: os órgãos da Justiça do Trabalho, Conselhos Regionais, serviços auxiliares e processo.

[1277]

Cesarino, Antônio Ferreira (Júnior). *Consolidação das Leis do Trabalho.* Rio de Janeiro. São Paulo, Freitas Bastos, 1943. 635 p.

Considerações sobre o Decreto-Lei Federal nº 5.452, de 1º de maio de 1943, com notas relativas à legislação anterior, à bibliografia e à jurisprudência. **[1278]**

Cesarino, Antônio Ferreira (Júnior). *Direito corporativo e direito do trabalho.* São Paulo, Liv. Martins, 1942. 215 p.

Estudos sobre: organização corporativa brasileira; justiça do trabalho; contrato de trabalho; despedida injusta; acidentes do trabalho; direito internacional do trabalho. **[1279]**

Cesarino, Antônio Ferreira (Júnior). *Direito social brasileiro.* São Paulo, Liv. Martins, 1943. 2. v.

Conteúdo desta obra: generalidade; ação social do estado; Direito Corporativo, associações profissionais, sindicatos, contrato coletivo de trabalho, justiça do trabalho; Direito do Trabalho, relação individual de trabalho, tutela, seguros sociais. Direito Administrativo do Trabalho – 2ª edição ampliada e atualizada, com remissões ao projeto da Consolidação das Leis do Trabalho. A 1ª edição é de 1940. **[1280]**

Cesarino, Antônio Ferreira (Júnior). *Tratado de direito social brasileiro.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1942. 500 p.

Este volume versa sobre as seguintes matérias: Introdução ao Direito Processual do Trabalho; Justiça do Trabalho; Processo; relação entre a Justiça do Trabalho e a Justiça Comum. **[1281]**

Fernandes, Adauto. *Direito industrial brasileiro.* 2ª ed., Curitiba, Ed. Guaíra, 1942. 362 p.

Assuntos versados: organização e princípios gerais do trabalho; contratos industriais; instituições de previdência e assistência; propriedade industrial. **[1282]**

Ferreira, Valdemar Martins. *Princípios de legislação social e direito judiciário do trabalho.* São Paulo, São Paulo Editora, 1938. 2 v.

O 1º volume desta obra é dedicado ao estudo das leis sociais brasileiras, noções gerais sobre o Direito do Trabalho e a Justiça do Trabalho; o 2º, ao comentário dos dispositivos dos Decretos-Leis nºs. 1.237, de 2 de maio de 1939 e 1.346, de 15 de junho do mesmo ano, que organizam, respectivamente, a Justiça do Trabalho e o Conselho Nacional do Trabalho. **[1283]**

Machado, Ernesto. *Dicionário de jurisprudência trabalhista.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1941. 312 p.

Por ordem alfabética de assunto, decisões dos Tribunais Trabalhistas do país. **[1284]**

Moreira, Albertino G. *Noções gerais de direito social.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1940. 421 p.

Desenvolvimento da matéria, de acordo com os programas das faculdades de Direito do país. Este volume comporta: princípios fundamentais, funções sociais do estado, em geral e na ordem econômica. **[1285]**

Silva, Antônio Carlos Pacheco e. *Serviços sociais.* São Paulo, s.c.p., 1937. 255 p.

Sua definição, limites, organização, racionalização; escolas de serviço social; instituto social; museu social. **[1286]**

Sussekind, Arnaldo, **Lacerda**, Dorval de, e **Viana**, J. de Segadas. *Direito brasileiro do trabalho.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1943. 627 p.

A primeira parte deste volume versa sobre os fundamentos, fontes, posição, autonomia, relações, evolução e terminologia do Direito do Trabalho; Direito Internacional do Trabalho.

A segunda sobre: identificação profissional, duração do trabalho, férias, salário mínimo, nacionalização do trabalho, trabalho das mulheres e dos menores.

A terceira parte contém exposições de motivos e relatórios. **[1287]**

Viana, José Francisco Oliveira. *Problemas de direito corporativo.* Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio, 1938. 300 p.

Estudos sobre: exegese constitucional, delegação de poderes, corporações, tribunais do trabalho, conflitos coletivos e sua solução jurisdicional e convencional; convenção coletiva no Direito brasileiro. **[1288]**

L. MEDICINA LEGAL E CRIMINOLOGIA

Abreu, Henrique Tanner de. *Jurisprudência médica.* Rio de Janeiro, Tip. América, 1938. 232 p.

Estudo de questões médico-legais. **[1289]**

Almeida, Antônio Ferreira de (Júnior). *Paternidade.* São Paulo, Ed. Nacional, 1940. 224 p.

Estudo da matéria sob os aspectos biopsicológico, jurídico e social. **[1290]**

Barreto, João de Barros e outros. *Acidentes do trabalho.* Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1934. 463 p.

A primeira parte, doutrinária, de autoria de Afrânio Peixoto; a segunda, técnica, de Leonídio Ribeiro; a terceira, pericial, de Flamínio Favero e a quarta, preventiva, de Barros Barreto. **[1291]**

Carrero, J. P. Porto. *Psicologia judiciária.* Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, s.p. 299 p.

Esta obra é dedicada à análise do testemunho, sua credibilidade, elementos, estudo experimental e psicanálise; tipos, idade e sexo das testemunhas; psicologia da confissão, do interrogatório e do julgamento. **[1292]**

Favero, Flamínio. *Medicina legal.* São Paulo, Rev. Tribunais, 1942. 891 p.

Trabalho premiado pela Faculdade de Medicina e pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia do Estado de São Paulo. Partes desta obra: introdução; identidade; traumatologia; infortúnios do trabalho; tanatologia; sexologia; criminologia; psicopatologia; legislação. 2ª edição, revista e adaptada ao novo Código Penal Brasileiro. A 1ª é de 1938.

[1293}
Favero, Flamínio. *Noções de deontologia médica e medicina profissional.* Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, s.d. 302 p.

O médico nas relações consigo mesmo, com os colegas e com os clientes; exercício da Medicina no Brasil; segredo, responsabilidade, honorários médicos; proteção dos interesses morais e materiais do médico; sindicatos médicos. **[1294]**

Ferreira, Arnaldo Amado. *Determinação médico-legal da paternidade.* São Paulo, Melhoramentos, s.d. 150 p.

Trabalho premiado pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia do Estado de São Paulo, em 1939.

[1295]

Freire, Oscar. *Exames e pareceres médico-legais.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1926. 379 p.

Diversas questões de Medicina Legal, estudadas e resolvidas. **[1296]**

Garcia, José Alves. *Compêndio de psiquiatria.* Rio de Janeiro. A Casa do Livro, 1942. 508 p.

Estudos de Psicopatologia Geral e Especial e de Medicina Legal. **[1297]**

Lima, Agostinho de Sousa. *Tratado de medicina legal.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1933. 979 p.

A parte geral desta obra compreende: noções gerais e jurisprudência médica; a especial: casamento, sobrevida, viabilidade fetal, identidade de pessoa, semiótica judiciária, psiquiatria forense, parto suposto, violência carnal, homicídio, infanticídio, aborto, lesões corporais e tanatologia judiciária – 5ª edição, atualizada, de acordo com a doutrina, legislação e jurisprudência, por J. P. Porto Carrero e Helvécio de Gusmão. A 1ª edição é de 1909. **[1298]**

Peixoto, Afrânio. *Medicina legal.* Rio de Janeiro, Alves, 1935-36. 345 p.

Tratado, desenvolvendo a matéria em 2 volumes: o 1º, dedicado à Medicina Forense (direitos e deveres da espécie à procriação, do indivíduo à saúde e à vida e dos médicos); o segundo, à Psicopatologia Forense (responsabilidade e capacidade, criminologia, semiologia mental, doenças mentais e perícia médico-legal). O 1º volume está em 7ª edição e o 2º, em 4ª. **[1299]**

Peixoto, Afrânio. *Novos rumos da medicina legal.* São Paulo, Ed. nacional, 1938. 224 p.

Assuntos versados: parentesco e exame pré-nupcial; casamento; investigação da paternidade; missexualismo; endocrinologia; psicanálise; psicologia do testemunho; medicina legal e leis sociais – 3ª edição. **[1300]**

Peixoto, Afrânio. *Psicopatologia forense.* Rio de Janeiro, Alves, 1916. 379 p.

Esta obra compreende estudos sobre: responsabilidade e capacidade, seus limites e modificadores, semiologia mental, criminologia, doenças mentais e perícia médico-legal.

[1301]

Peixoto, Afrânio. *Sexologia forense.* Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1934. 215 p.

Análise, sob o ponto de vista médico-legal, das diversas formas do amor: legal, livre, criminoso e mórbido. 2ª edição. **[1302]**

Ribeiro, Leonídio. *Medicina legal.* São Paulo, Ed. Nacional, 1933 443 p.

Capítulos desta obra: deontologia médica, traumatologia forense, afrodisiologia e curso de Criminologia. **[1303]**

Ribeiro, Leonídio. *Polícia científica*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1934. 416 p.

Estudos sobre identificação, grafoscopia. Escolas de Polícia, laboratórios de Polícia Técnica, investigação de paternidade, etc. **[1304]**

Rocha, Franco da. *Esboço de psiquiatria.* Forense. São Paulo, Laemmert, 1904. 481 p.

Considerações gerais sobre a matéria; noções de etiologia; sintomatologia; perícia psiquiátrica; formas de moléstias, em particular e sua marcha. **[1305]**

Silva, Luís. *Identificação médico-legal pelo exame dos dentes.* Santos (Estado de São Paulo), Inst. D. Escolástica Rosa, 1922. 133 p.

Considerações sobre esta parte da Odontologia Médico-Legal. **[1306]**

M. DIREITO PÚBLICO INTERNACIONAL

Acióli, Hildebrando. *Atos internacionais vigentes no Brasil.* Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1936-37. 2 v.

Resumidos e anotados. No 1º volume encontram-se: tratados gerais e uniões internacionais. No 2º: atos bilaterais ou de interesse restrito. 2ª edição – a 1ª é de 1927. **[1307]**

Acióli, Hildebrando. *Tratado de direito internacional público.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1933-35. 2 v.

Exposição de princípios e teorias correntes sobre a matéria e casos verificados no Brasil. Divide-se a obra em quatro partes: 1ª) pessoas; 2ª) bens; 3ª) relações pacíficas entre os Estados; 4ª) litígios internacionais. **[1308]**

Anais do Itamarati. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, s.d. 606 p.

Documentos sobre a história diplomática do Brasil e as realizações de sua política exterior. **[1309]**

Azevedo, Gregório Taumaturgo de, e **Beviláqua,** Clóvis. *Relações exteriores; alianças, guerras e tratados; limites do Brasil (Livro do Centenário, vol. III,* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1902). 136 p.

Exposição histórica das relações internacionais do Brasil, de 1500 a 1900. **[1310]**

Barbosa, Rui. *A grande guerra*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1932. 296 p.

Discursos e conferências relativos à Conflagração Européia e à posição do Brasil. **[1311]**

Beviláqua, Clóvis. *Direito público internacional.* Rio de Janeiro, Alves, 1911. 2 v.

Exposição dos princípios e regras do Direito Internacional: a sociedade dos estados; as pessoas; a soberania territorial; as relações entre os estados; os conflitos internacionais; a guerra. **[1312]**

Cunha, Euclides Rodrigues Pimenta da. *Peru versus Bolívia.* Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1907. 203 p.

Exposição da questão de limites entre estes dois países, submetida, pelo Tratado de Arbitragem de 1902, à decisão do Governo argentino. **[1313]**

Lima, Manuel de Oliveira. *O reconhecimento do Império.* Rio de Janeiro, Garnier, s. d. 376 p.

História diplomática do Brasil.

[1314]

Magalhães, Olinto de. *Código das relações exteriores do Brasil.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1900. 2 v.

Tratados gerais, uniões internacionais e convenções especiais, celebrados entre o Brasil e os outros países. **[1315]**

Oliveira, José Manuel Cardoso de. *Atos diplomáticos do Brasil.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1912. 2 v.

Tratados entre o Brasil e as outras nações e vários documentos internacionais, coordenados e anotados, desde 1493 a 1912. **[1316]**

Pereira, Lafaiete Rodrigues. *Princípios de Direito Internacional.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1902-03. 2 v.

Divide-se esta obra em 5 livros. O 1º é dedicado a: pessoas do Direito Internacional (nação, estado; sua independência, soberania, direitos). O 2º, a obrigações, tratados, responsabilidade do estado. O 3º, a magistratura internacional, serviço consular. O 4º, a questões e litígios internacionais (sua resolução). O 5º, a guerra, sua declaração, leis, usos, efeitos, aliados, neutros, contrabando, bloqueio, etc. **[1317]**

Pessoa, Epitácio. *Projeto do código de direito internacional público.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1911. 335 p.

Apresentado à Comissão encarregada da codificação do Direito Internacional, pelo delegado do Brasil à Terceira Conferência Internacional Americana. **[1318]**

Pinto, Antônio Pereira. *Apontamentos para o direito internacional.* Rio de Janeiro, F. L. Pinto & Cia., 1864-69.

Coleção de tratados celebrados pelo Brasil com outras nações, acompanhada de notícia histórica e documentação sobre as convenções mais importantes. **[1319]**

Reis, Antônio Marques dos, e **Espinola,** Eduardo. *A Codificação do Direito Internacional.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1927. 600 p.

Apreciação sobre os trabalhos da segunda reunião da Comissão de Jurisconsultos Americanos, instituída por Convenção da Terceira Conferência Pan-Americana. **[1320]**

Rocha, Pinto da. *História diplomática do Brasil.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1916. 202 p.

Curso professado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre a representação do Brasil no Exterior. **[1321]**

Romero, Sílvio (Filho). *A Codificação Americana do Direito Internacional.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1927. 7 v.

Documentos oficiais coligados e publicados por ordem do Dr. Otávio Mangabeira, Ministro das Relações Exteriores. Comporta o 1º volume: a criação da Comissão de Jurisconsultos. O 2º: providências para a primeira reunião da Comissão. O 3º: os projetos de Códigos de Direito Público e Privado Internacional. O 4º: a primeira reunião da Comissão. O 5º: os trabalhos das Comissões Especiais. O 6º: adiamentos da segunda reunião da Comissão de Jurisconsultos. O 7º: a segunda reunião; fixação definitiva de sua data; novas contribuições para o seu estudo. **[1322]**

Simas, Hugo. *Código brasileiro do ar.* São Paulo, Freitas Bastos, 1939. 312 p.

Anotações ao Decreto-Lei Federal nº 483, de 8 de junho de 1938. **[1323]**

Stead, William T. *O Brasil em Haia.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1925. 190 p.

Exposição da atuação do delegado do Brasil, Conselheiro Rui Barbosa, na II Conferência da Paz, em Haia, contendo também dez discursos por ele pronunciados. **[1324]**

Stevenson, João Penteado Erskine. *Curso de Direito Consular.* São Paulo, Cultura Moderna, 1939. 375 p.

Professado na Faculdade de Ciências Econômicas do Estado de São Paulo. Ensaio de legislação consular comparada. **[1325]**

N. DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO

Legislação Comparada

Beviláqua, Clóvis. *Legislação Comparada.* Bahia, Liv. Magalhães, 1897. 299 p.

Resumo das lições de legislação comparada relativa ao Direito Privado, professadas na Faculdade de Direito de Recife (Estado de Pernambuco); 2ª edição. **[1326]**

Beviláqua, Clóvis. *Princípios Elementares de Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1934. 480 p.

Na parte geral: idéia geral do Direito Internacional Privado, sistemas, princípios fundamentais. Na parte especial: condição jurídica dos estrangeiros, conflito das leis civis e direitos adquiridos – 2ª edição; a 1º é de 1906. Já a 3ª, de 1938. **[1327]**

Bueno, José Antônio Pimenta. *Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Tip. J. Villeneuve & Cia., 1863. 335 p.

Considerações e aplicação de seus princípios, com referência às leis particulares do Brasil. **[1328]**

Cardoso, P. Balmaceda. *O Direito Internacional Privado.* São Paulo, Liv. Martins, 1943. 220 p.

Estudo da matéria, em face da doutrina, legislação e jurisprudência brasileiras, com uma análise do Decreto-Lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942, em suas disposições reguladoras dos conflitos legislativos internacionais. **[1329]**

Espínola, Eduardo. *Elementos de Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1925. 753 p.

Compêndio, versando sobre as diversas questões desse ramo do Direito Internacional. **[1330]**

Fulgêncio, Tito. *Sínteses de Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1937. 350 p.

Divide-se esta obra em quatro partes: 1ª – noções gerais, condição jurídica dos estrangeiros; 2ª – conflito das leis (histórico, aplicação de leis estrangeiras, atos jurídicos, Direito de Família, das Coisas, das Obrigações, das Sucessões, lei nacional, Direito Comercial); 3ª – Direito Processual; 4ª – efeito internacional dos direitos adquiridos. **[1331]**

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard. *A Codificação do Direito Internacional Privado.* Porto, Magalhães e Moniz, s. d. 202 p.

Sua possibilidade; a questão da nacionalidade e do domicílio; a ação

de Mancini; as Conferências de Haia, de Lima e de Montevidéu. **[1332]**

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard. *Dicionário de Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Briguiet, 1933. 419 p.

Por ordem alfabética de assunto, legislação, jurisprudência e doutrina referente ao estrangeiro no Brasil. **[1333]**

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard. *Direito do estrangeiro no Brasil.* Rio de Janeiro, Alves, 1909. 366 p.

O título 1º é dedicado ao antigo Direito. O 2º, ao Direito convencional. O 3º, ao Direito interno positivo. O 4º, ao Direito Penal internacional. O 5º, aos trabalhos de codificação civil. **[1334]**

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard. *Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1942. 270 p.

Análise das principais questões de Direito Internacional Privado. **[1335]**

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard. *Le droit international privé dans la législation brésilienne,* Paris, Liv. Recueil Sirey, 1915. 248 p.

Curso Ministrado na Faculdade de Direito da Universidade de Paris. **[1336]**

Miranda, Francisco Cavalcanti Pontes de. *Tratado de Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Olímpio, 1935. 2 v.

O 1º volume compreende: preliminares, noções gerais, princípios fundamentais, princípios técnicos de ajustamento, produção e não-produção de efeitos na ordem internacional; aplicação do Direito Internacional Privado, pessoas, coisas, atos jurídicos. O 2º: Direito de família, das coisas, obrigações e sucessões. **[1337]**

Oliveira, Cândido Luís Maria de. *Legislação Comparada.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1903. 584 p.

Curso professado na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. **[1338]**

Oliveira, Xavier de. *O problema imigratório na Constituição Brasileira.* Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho, 1937. 180 p.

Trabalhos parlamentares realizados sobre a tese, na Constituinte de 1934 e na Câmara Federal. **[1339]**

Pereira, Lafaiete Rodrigues. *Projeto de Código de Direito Internacional Privado.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1911. 63 p.

Encerra, em seus artigos, os princípios que regulam a matéria. **[1340]**

Tenório, Oscar. *Direito Internacional Privado.* São Paulo, Ed. Nacional, 1942. 418 p.

Tratado, versando sobre as diversas matérias relativas ao Direito Internacional Privado. **[1341]**

Vilela, Álvaro da Costa Machado. *O Direito Internacional Privado no Código Civil Brasileiro.* Coimbra, Imp. da Universidade, 1921. 552 p.

Estudo das principais questões de Direito Internacional Privado em face dos dispositivos do Código Civil Brasileiro reguladores da matéria. **[1342]**

O. FILOSOFIA DO DIREITO

Arruda, João. *Filosofia do Direito.* São Paulo, Faculdade de Direito, 1942. 2 v.

Curso Prelecionado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. O 1º volume versa sobre as escolas filosófico-jurídicas, as fontes do Direito, os princípios científicos. O 2º, sobre Direito subjetivo, arte, ciência e filosofia do Direito, o método, suas divisões e relações do Direito com as outras ciências. **[1343]**

Belo, José Maria. *A noção filosófica e social do Direito.* Rio de Janeiro, Ariel Editora Ltda., s.d. 192 p.

Ensaio filosófico-sociológico-jurídico sobre o Direito. **[1344]**

Lessa, Pedro Augusto Carneiro. *Estudos de filosofia do Direito.* Rio de Janeiro, Alves, 1916. 477 p.

Compêndio, desenvolvendo os seguintes assuntos: metodologia jurídica; arte, ciência e filosofia do Direito; relações do Direito com as outras ciências; determinismo e imputabilidade; idealismo e criticismo; escola histórica e doutrina de Ihering – 2ª edição. **[1345]**

Lima, Alceu Amoroso. *Introdução ao Direito Moderno.* Rio de Janeiro, Ed. do Centro D. Vital, 1933. 327 p.

Exposição do materialismo jurídico, da concepção integral do Direito e do Direito Natural. **[1346]**

Lima, Eusébio de Queirós. *Princípios de Sociologia Jurídica.* Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1936. 434 p.

Noções gerais sobre ciência, filosofia, estética, ação, método; estudos sobre Direito, sociedade, estado, divisão do Direito e Direito Positivo. **[1347]**

Pinto, Adolfo (filho). *Ensaios de Sociologia do Direito.* Rio de Janeiro, Alves, 1926. 215 p.

Primorosos ensaios sociológico-jurídico-filosóficos sobre o direito, a justiça, a família, a propriedade e as obrigações. **[1348]**

Serrano, Jônatas Arcanjo. *Filosofia do Direito.* Rio de Janeiro, Briguiet, 1942. 257 p.

Análise do Direito, personalidade humana, sociabilidade, propriedade, estado, sociedade doméstica e internacional – 3ª edição, revista e atualizada. **[1349]**

P. REVISTAS

Arquivo judiciário. Rio de Janeiro, 1927. 2 v., índice

È uma publicação quinzenal do *Jornal do Comércio*, contendo abundante jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, dos tribunais e juízes dos diversos estados, além de artigos de doutrina e pareceres. O índice alfabético de assuntos é minucioso, abrangendo os volumes I a XL, publicado em 1938. **[1350]**

Arquivos da Polícia Civil de São Paulo. Tip. do Gab. de Inv., 1941-1942. 3 v.

Publicação de doutrinas em matéria policial. **(1351]**

Arquivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo. São Paulo, 1924-1940. 11 v.

Publicação dirigida por Flamínio Favero e Arnaldo Amado Ferreira. **[1352]**

Arquivos do Instituto Médico-Legal e do Gabinete de Identificação. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1931-1940. 18 v.

Publicação especializada, sob a direção de Leonídio Ribeiro e Miguel Sales. Do volume 6º, em diante, passou a denominar-se: Arquivos de Medicina Legal e Identificação. **[1353]**

Direito. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1940. 24 v.

Publicação bimestral de doutrina, legislação e jurisprudência dos Tribunais do país, dirigida por Clóvis Beviláqua e Eduardo Espínola. **[1354]**

O Direito. Rio de Janeiro. 1873-1913. 120 v., índice.

Publicação de doutrina, legislação e jurisprudência, fundada por João José do Monte. O 1º volume do índice abrange os volumes 1 a 60 e o 2º, os volumes 61 a 100. **[1355]**

Justiça. Porto Alegre, 1932. 23 v.

Publicação mensal de doutrina, jurisprudência e legislação, de propriedade e sob a direção de Poti Medeiros e Breno Pinto Ribeiro. **[1356]**

Legislação do Trabalho. São Paulo, 1937. 7 v.

Mensário paulista de legislação social, doutrina e jurisprudência. Direção de Vasco de Andrade, Carolino de Campos Sales e José Carlos Afonseca. **[1357]**

Pandectas brasileiras. Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1926-1931. 9 v.

Registro de doutrina, jurisprudência dos tribunais e legislação, sob a direção de Eduardo Espínola. **[1358]**

Revista de Crítica Judiciária. Rio de Janeiro, 1924. 38 v.

Sob a direção de Clóvis Beviláqua, Spencer Vampré, Vieira Ferreira, Virgílio Barbosa, Nilo C. L. de Vasconcelos e César C. L. de Vasconcelos. **[1359]**

Revista de Direito Civil, Comercial e Criminal. Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1906-1942. 141 v., índice.

Publicação mensal de doutrina, jurisprudência e legislação, fundada por Antônio Bento de Faria e atualmente dirigida por João Coelho Branco. O índice compreende os volumes 1 a 60. **[1360]**

Revista de Direito Comercial. Rio de Janeiro, Gráf. Sauer. 1931-1942. 12 v.

Legislação, jurisprudência, doutrina e noticiário. Sob a direção de Sadi Gusmão e Adamastor Lima. **[1361]**

Revista de Direito Social. São Paulo.

Publicação de doutrina, legislação e jurisprudência trabalhistas. **[1362]**

Revista Fiscal e de Legislação de Fazenda. Rio de Janeiro, Ofic. Alba, 1930.

Publicação quinzenal sistematizada e com explicações e comentários das leis, decretos e decisões administrativas e judiciárias sobre matéria fazendária, sob a direção de Tito Resende. **[1363]**

Revista Forense. Rio de Janeiro, 1904. v. índice.

Foi fundada por Mendes Pimentel e Estêvão Pinto e atualmente é dirigida por Bilac Pinto. Publica a jurisprudência dos diversos tribunais do país, artigos de doutrina, pareceres, etc. O índice abrange os volumes I a XXVI. **[1364]**

Revista Jurídica. Rio de Janeiro, Alves, 1916. 1922. 28 v.

Publicação de doutrina, legislação e jurisprudência, sob a direção de Rodrigo Otávio e Paulo Domingues Viana. **[1365]**

Revista de Jurisprudência. Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1897-1903. 19 v.

Sob a direção de Raja Gabaglia, Bartolomeu Portela e Torres Câmara. **[1366]**

Revista de Jurisprudência Brasileira. Rio de Janeiro, Marcelo & Cia., 1928.

Publicação mensal, fundada por Astolfo de Resende e atualmente dirigida por Osvaldo Murgel de Resende. **[1367]**

Revista do Serviço Público. Rio de Janeiro, Departamento Administrativo do Serviço Público, 1937.

É um órgão de interesse da administração, editado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público, sob a direção de Paulo Lopes Correia. Contém jurisprudência administrativa, artigos de doutrina, legislação, etc. São publicados 4 volumes por ano. **[1368]**

Revista do Supremo Tribunal. Rio de Janeiro, 1914-1925. 92 v.

Publicação mensal, sob a direção, a princípio de Astolfo Resende e, depois, de Humboldt e Murilo Fontainha. Não foi publicado o volume 90. *Índice Geral dos Acórdãos do Supremo Tribunal Federal,* compreendendo os volumes I a L, 2 volumes, Rio, 1924, 636 págs.; e *Repertório da Jurisprudência* (1914-1923), em ordem alfabética, 2 volumes, Rio, s.i. de data, o 1º volume com 482 págs. e o 2º com 486. **[1369]**

Revista do Trabalho. Rio de Janeiro, 1933.

Mensário de informações sociais, jurisprudência e doutrina. Direção de Helvécio Xavier Lopes e Gilberto Flores. **[1370]**

Revista dos Tribunais. São Paulo, 1912. v. índice

É a publicação oficial dos trabalhos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Foi fundado por Plínio Barreto e atualmente é dirigida por este, por Noé de Azevedo e L. G. Gyges Prado. Além de jurisprudência, publica artigos de doutrina, pareceres e legislação. Os dois primeiros volumes do índice foram organizados por Tito Prates da Fonseca e o terceiro por L. G. Gyges Prado. **[1371]**

Q. COLETÂNEAS DE LEGISLAÇÃO

Almeida, Cândido Mendes de. *Código Filipino; ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal.* Rio de Janeiro, Tip. Inst. Filomático, 1869-70. 2 v.

Anotações filológicas, históricas e exegética e seus dispositivos; origem, desenvolvimento e extinção de cada instituto; legislação brasileira respectiva; bibliografia. 14ª edição. A 1ª é de 1603. **[1372]**

Almeida, Cândido Mendes de, e **Almeida,** Fernando Mendes de. *Arestos do Supremo Tribunal de Justiça.* Rio de Janeiro, Garnier, 1885. 946 p.

Coligidos por ordem cronológica, de 1829 a 1883. **[1373]**

Azevedo, José Afonso Mendonça de. *Índice -- Ementário dos Atos do Governo Provisório.* Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho, 1936. 2 v.

Por ordem alfabética de assunto, os atos da administração brasileira, de 1930 a 1934. **[1374]**

Azevedo, José Afonso Mendonça de. *Índice Sistemático da Legislação Brasileira.*

Belo Horizonte, Oliveira, Costa & Cia., sem data. 2 v.

Por ordem alfabética de assunto, as leis do Brasil, de 7 de setembro de 1822 a 24 de outubro de 1930, sendo o 1º volume dedicado à Monarquia e o 2º à República. **[1375]**

Bastos, José Tavares. *Consolidação das Leis Referentes à Justiça Federal.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1914. 2 v.

Aprovado pelo Decreto Federal nº 3.084, de 5 de novembro de 1898 e anotada de acordo com a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal. **[1376]**

Brasil. Departamento Nacional do Café. Coleção Geral da Legislação Cafeeira do Brasil. Rio de Janeiro, D.N.C., 1934. 3 v.

Coletânea das leis referentes ao café, promulgadas desde os tempos coloniais até a época desta edição. **[1377]**

Brasil. Departamento Nacional do Café. Legislação Cafeeira do Brasil. Rio de Janeiro, D.N.C., 1936. 788 p.

Coletânea da Legislação Cafeeira do Brasil, organizada e publicada pelo Departamento Nacional do Café, e em vigor no país. 3ª edição. **[1378]**

Castagnino, Antônio Souto. *Repositário da Legislação Brasileira do Estado Novo.* Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho, 1938. 21 v.

Por ordem cronológica, os decretos-leis e decretos federais de novembro de 1937 a dezembro de 1938. Índice no último volume. **[1379]**

Coletânea de decretos-leis. São Paulo, Cultura Moderna. 1938-1941. 38 v.

Texto dos decretos, decretos-leis, portarias, regulamentos e instruções baixadas pelo Governo Federal, desde o Estado Novo (10 de novembro de 1937) até dezembro de 1940. Os 1º, 2º e 3º volumes em 2º edição. **[1380]**

Ementário da Legislação Federal. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1940. v.

Por ordem alfabética de assunto e por ordem de numeração, a legislação federal brasileira de 1940 a 1943. **[1381]**

Ferreira, Vieira. *Consolidação das Leis Comerciais de Direito Privado.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1935. 533 p.

Compilação das leis comerciais então vigentes, com o texto em português de diversas convenções internacionais. **[1382]**

Guia da Legislação Federal do Estado Novo e Índice do *Diário Oficial.* Rio de Janeiro, s.c.p., s. d. 3 v.

Por ministério, e por ordem alfabética de assunto, a legislação federal brasileira resumida. O 1º volume compreende 10 de novembro de 1937 a 31 de dezembro de 1938 – 2ª edição. O 2º, 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1939; e o 3º, de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1940. Os dois primeiros volumes foram organizados pelo Senhor Fernando de Brito. **[1383]**

Leis do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1808. v. **[1384]**

Leis extravagantes. Coimbra, Real Impr. da Universidade, 1819-33. 6 v.

Coleção, por ordem cronológica, de leis posteriores à nova compilação das Ordenações do Reino de

Portugal, publicadas em 1603, até o ano de 1761. **[1385]**

Lex. São Paulo, Gráf. Lex Ltda., 1937. v.

Publicação das principais leis, decretos e decretos-leis federais e do estado e município de São Paulo. **[1386]**

Montenegro, Caetano Pinto de Miranda, e **Sousa**, Tarquínio de. *Leis Usuais da República dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1903. 992 p.

Coletânea de leis civis, comerciais e penais brasileiras vigentes na época e de maior uso. **[1387]**

Morais, Cristodolindo de. *Índice da Legislação dos Impostos Internos e Aduaneiros.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1938. 188 p.

Coletânea de leis e decretos federais sobre impostos, de 1930 a 1937. **[1388]**

Moura, João Alves de. *Índice de Legislação Fazendária.* Rio de Janeiro, Of. Gráf. Renato Americano, 1936. 400 p.

Por ordem alfabética de assunto, legislação e jurisprudência relativas à receita e despesa brasileiras. **[1389]**

Oliveira, Cândido de (filho). *Nova Consolidação das Leis referentes à Justiça Federal.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1933-34. 2 v.

Legislação federal relativa à Justiça, anotada de acordo com a jurisprudência. **[1390]**

Ordenações do Senhor Rei D. Manuel. Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1797. 5 v.

Coletânea de Leis do Reino de Portugal. **[1391]**

Repertório das Ordenações, e Leis do Reino de Portugal. Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1795. 4 v.

Coleção, por ordem alfabética de assunto, das leis do Reino de Portugal e que vigoraram no Brasil até a promulgação dos seus diversos Códigos. **[1392]**

Ribeiro, Afonso Duarte. *Legislação brasileira*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1922-26. 3 v.

Índice alfabético e remissivo dos atos do Poder Legislativo e do Executivo. O 1º volume, de 1889 a 1900. O 2º, de 1901 a 1910. O 3º, de 1911 a 1920. **[1393]**

Sousa, João Novais (Júnior), e **Faro**, Arnaldo da Costa. *Legislação Comercial Vigente.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1938. 1134 p.

Repertório das leis e decretos nacionais vigentes. **[1394]**

Tavares, Fernando de Lira. *Indicador Remissivo da Legislação do Brasil*, Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho, 1936. 148 p.

Por ordem alfabética de assunto, a legislação federal brasileira, de 1930 a 1935. **[1395]**

Tomás, Manuel Fernandes. *Repertório geral ou índice alfabético das leis extravagantes do Reino de Portugal.* Coimbra, Imp. da Universidade, 1843. 2 v.

Por ordem alfabética de assuntos, as leis portuguesas, posteriores às Ordenações. **[1396]**

Veado, Agripino. *Ementário sistemático de legislação federal.* Rio de Janeiro, 1941. 656 p.

Leis federais brasileiras de 1930 a 1940, classificadas por assuntos, com indicação da página do Diário Oficial da União que as publicaram. **[1397]**

R. REPERTÓRIOS DE JURISPRUDÊNCIA

Andrade, Jaime Pinheiro de. *Jurisprudência do Supremo Tribunal Federal.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1938-1942. 40 v.

Coletânea dos acórdãos proferidos em 1935, 1938 e 1939, por aquele tribunal, em matéria cível e criminal. **[1398]**

Bastos, José Tavares. Repertório das decisões do Supremo Tribunal Federal. Rio de Janeiro, Garnier, s. d. 2 v.

Por ordem alfabética, as emendas dos acórdãos proferidos por este Tribunal de 1896 a 1910. **[1399]**

Camargo, Laudo de. *Decisões.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1931. 476 p.

Cerca de duzentas sentenças sobre questões forenses. **[1400]**

Camargo, Laudo de. *Notas de um juiz.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1925. 347 p.

Excerptos de decisões proferidas nos ramos cível, comercial, orfanológico e da provedoria. **[1401]**

Carvalho, Afonso José de. *Decisões.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1923. 383 p.

Coletânea de sentenças proferidas sobre questões civis e comerciais. **[1402]**

Carvalho, Afonso José de. *Novas decisões.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1927. 416 p.

Coletânea de sentenças proferidas pelo então juiz de Direito da 1ª Vara Cível da Comarca de São Paulo. **[1403]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Acórdãos e votos.* Rio de Janeiro, Tip. Rev. Supremo Tribunal, 1925. 724 p.

Proferidos pelo autor como ministro do Supremo Tribunal Federal, com o respectivo comentário. **[1404]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Jurisprudência criminal.* Rio de Janeiro, Garnier, s. d. 347 p.

Casos julgados pela Justiça brasileira, jurisprudência estrangeira e doutrina em matéria penal. **[1405]**

Continentino, João Pereira da Silva. *Estudos, doutrinas e julgados.* Oliveira, *Gazeta de Minas*, 1906. 2 v.

Excertos de trabalhos forenses, decisões e julgados. **[1406]**

Faria, Antônio Bento de. *Decisões da Corte Suprema.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1935-1936. 2 v.

Coletânea de acórdãos daquele tribunal sobre as mais diversas questões de direito, em que o autor funcionou como relator. **[1407]**

Ferraz, Manuel Carlos de Figueiredo. *Decisões.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1931. 436 p.

Despachos e sentenças proferidas sobre assuntos diversos em primeira instância. **[1408]**

Franco, Ari Azevedo. *Dicionário de jurisprudência civil do Brasil.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1939. 664 p.

Coletânea, por ordem alfabética de assuntos das decisões em matéria civil e comercial, proferidas pelo Supremo Tribunal Federal e Tribunais de Apelação do Distrito Federal e dos Estados. **[1409]**

Gambogi, Joaquim. *Prontuário de jurisprudência.* Rio de Janeiro, Rodarte & Cia., 1942. 4 v.

Por ordem alfabética do assunto, jurisprudência sobre: o Código de Processo Civil (1º volume), o Código Civil (2º volume), as Leis Comerciais, Fiscais e Sociais (3º volume) e

os Códigos Penal e de Processo Penal (4º volume). **[1410]**

Guimarães, Emílio. *Brasil -- Acórdãos.* Rio de Janeiro. J. Santos & Santos, 1935-1939. 12 v., supl.

Coletânea, em ordem alfabética, de cerca de 200.000 decisões sobre matéria civil, comercial e criminal, de 1856 a 1937, do Supremo Tribunal Federal e dos Tribunais de Justiça dos Estados, com indicação das revistas jurídicas que as publicaram.

[1411]

Kelly, Otávio. *Anuário de jurisprudência federal.* Rio de Janeiro. A. Coelho Branco Filho, 1934. 3 v.

Contém esta obra a doutrina dos acórdãos do Supremo Tribunal Federal, publicados em 1930, 1931 e 1932, exposta em resumo e por ordem alfabética de assunto. **[1412]**

Kelly, Otávio. *Manual de jurisprudência federal.* Rio de Janeiro. Jacinto Ribeiro dos Santos, 1914-1929. 5 v.

Contém esta obra a doutrina de todos os acórdãos do Supremo Tribunal Federal, publicados de 1910 a 1913, 1914 e 1915 (1º Suplemento), 1916 e 1917 (2º Suplemento), 1918 e 1919 (3º Suplemento), 1920 e 1921 (4º Suplemento), exposta em resumo e por ordem alfabética de assunto.

[1413)

Lobo, Cândido Mesquita da Cunha. *Sentenças e despachos.* Rio de Janeiro, Mendonça, Machado & Cia., 1943. 6 v.

Coletânea de despachos proferidos em questões de Direito Civil, Comercial, Internacional e Processual. **[1414]**

Mafra, Manuel da Silva. *Jurisprudência dos tribunais.* Rio de Janeiro, Garnier, s. d. 3 v.

Coletânea, em 3 volumes, por ordem alfabética de assunto, de acórdãos dos tribunais. **[1415]**

Manso, M**.** da Costa. *Casos julgados.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1920. 308 p.

Decisões proferidas na Comarca de Casa Branca (Estado de São Paulo), de 1903 a 1918. **[1416]**

Manso, M. da Costa. *Votos e acórdãos.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1922. 408 p.

Julgamentos proferidos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. **[1417]**

Mendes, Augusto Ribeiro. *Sentenças e despachos.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto Ribeiro dos Santos, 1913. 2 v.

Em matéria cível, orfanológica e criminal, com anotações. **[1418]**

Montenegro, Caetano Pinto de Miranda. *Trabalhos judiciários.* Rio de Janeiro, Tip. Mont'Alverne, 1895-1902. 2 v.

Coletânea de decisões e votos proferidos em assuntos jurídicos diversos. **[1419]**

Pereira, Cesário da Silva. *Ementário de Jurisprudência da Corte de Apelação do Distrito Federal.* Rio de Janeiro, Tip. Jornal do Comércio, 1935-1937. 2 v.

Por ordem alfabética de assunto, os acórdãos deste tribunal, proferidos em 1933 e 1934. **[1420]**

Pereira, Virgílio de Sá. *Decisões e julgados.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1926. 795 p.

Em matéria cível e criminal, proferidas pelo autor como juiz e membro da Corte de Apelação do Distrito Federal. **[1421]**

Romero, José Ovídio Marcondes. *Sentenças e decisões.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1926. 315 p.

Proferidas no juízo cível e da provedoria e resíduos do Distrito Federal. **[1422]**

Sodré, Emanuel. *Jurisprudência do Tribunal do Pará.* Belém, Liv. Gillet, 1919. 214 p.

Por ordem alfabética de assunto, acórdãos preferidos por este tribunal. **[1423]**

Sousa, José Soriano de (filho). *Decisões.* Campinas, Tip. Livro Azul, 1908. 635 p.

Coleção de sentenças proferidas em matéria cível e criminal, pelo então juiz de direito da Comarca de Campinas (Estado de São Paulo). **[1424]**

Sussekind, Frederico. *Várias decisões.* Rio de Janeiro, Mendonça, Machado & Cia., s. d. 325 p.

Em matéria cível e criminal, proferidas pelo então pretor e juiz de Direito do Distrito Federal. **[1425]**

Vampré, Spencer. *Repertório geral de jurisprudência, doutrina e legislação.* São Paulo, Emp. Repertório Geral de Jurisprudência, 1925. v.

Coletânea de julgados sobre falência e concordata. De acórdãos e decisões dos tribunais do país sobre o Direito Civil Comercial, Criminal, Administrativo, Judiciário e Internacional Público e Privado.

Jurisprudência, doutrina e legislação sobre conceito, publicação, revogação, inconstitucionalidade e retroatividade das leis. **[1426]**

Vasconcelos, Abner Carneiro Leão de. *Despachos e sentenças.* Rio de Janeiro, Tip. Besnard Fréres, 1916. 237 p.

Proferidos em matéria cível e criminal. **[1427]**

Vasconcelos, Santos Estanislau Pessoa de. *Casos forenses.* Belém, Tip. Gillet, 1922. 384 p.

Justificação de votos sobre questões submetidas ao Tribunal Superior de Justiça do Estado do Pará. **[1428]**

Vasconcelos, Vasco Joaquim Emith de. *Sentenças e decisões.* São Paulo, Inst. D. Ana Rosa, Campinas, Casa Genoud, 1925-1937. 2 v.

Proferidas, sobre diversas questões cíveis e comerciais, pelo juiz de direito da Comarca de Assis e depois de Campinas (Estado de São Paulo). **[1429]**

Vieira, Otaviano. *Casos forenses.* São Carlos, Tip. Aldina, 1909. 280 p.

Decisões proferidas pelo então juiz de Direito da comarca de São Carlos (Estado de São Paulo). **[1430]**

. . . .

Educação
(1500-1889)

Raul Briquet

Neste esboço, esforçar-nos-emos em expor o que nos pareceu essencial para a apreciação sumária da evolução do ensino oficial, primário e secundário, no Brasil, de 1500 a 1889.

A) Brasil Colônia

Compungitivo quadro o que Moreira de Azevedo traçou, em 1892, da civilização brasileira, nos dois primeiros séculos da colonização portuguesa. "Portugal só queria que o Brasil produzisse ouro, prata, brilhantes e produtos naturais. Embaraçava o comércio, não atendia à indústria, mandava destruir os teares de Minas Gerais, e proibia os ofícios de ourives, lapidários, gravadores e fundidores nas capitanias de Minas, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Não atendia à cultura literária da colônia. Não consentia que circulassem livros nem quaisquer impressos, não tolerava que se estabelecesse tipografia alguma, nem uma escola mandava criar onde se ensinassem os elementos rudimentares da instrução. E assim correram duzentos anos sem que pensasse o governo no cultivo literário de seus povos da América. Sepultado na ignorância, era governado o povo pelo despotismo, pelo temor, era pobre e o estado rico, vivia abismado no embrutecimento e na miséria."

Ressalta, portanto, a benemerência dos jesuítas. Estes, nos séculos XVI e XVII, não somente interessados especialmente no ensino secundário e superior, ocuparam-se da instrução elementar da infância e da mocidade brasileira.

Século XVI

Das expedições jesuíticas enviadas de Portugal ao Brasil, no século XVI, salientam-se as três primeiras: de 1549, de 1550 e de 1553.

Com Tomé de Sousa, desembarcam, em São Salvador, no ano de 1549, mais jesuítas portugueses, dos quais quatro sacerdotes – padre Manuel da Nóbrega, Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes e Antônio Pires – e dois escolásticos – irmãos Vicente Rijo ou Rodrigues e Diogo Jácome. Mal chegados, fundam o Colégio[1] da Bahia. Em 1551, Vicente Rodrigues já ensinava a ler, escrever e cantar a vinte meninos. Por isso, foi cognominado o primeiro mestre-escola do Brasil; morreu no Rio, em 1600, havendo-se dedicado durante meio século à evangelização dos silvícolas.

Opinam alguns que o mérito da criação da primeira escola no Brasil se deva a Leonardo Nunes, que, em fins de 1549, estabeleceu, em São Vicente, o Abarebebê, onde se ensinavam a leitura, escrita, cantos religiosos, e noções de vernáculo e latim. Não está provado que, no colégio da Bahia, se houvesse ensinado a ler e escrever antes dessa época, de sorte que a Leonardo Nunes caberia as honras de pioneiro do ensino primário no Brasil.

Na segunda expedição, aportam, no ano de 1550, em São Vicente, quatro jesuítas: Manuel Paiva, Afonso Brás, Francisco Pires e Salvador Rodrigues, acompanhados de sete "meninos órfãos", para ajudarem a catequese.

Vem com Duarte da Costa, em 1553, a terceira expedição. Trazia sete missionários, dos quais três padres portugueses: Luís da Grã, Brás Lourenço e Ambrósio Pires, e quatro irmãos: José de Anchieta, de Tenerife, o espanhol Antônio Blasques, que abriu a primeira aula de latim, em 1553, no Rio, e os portugueses: João Gonçalves e Gregório Serrão.

---

(1) Colégio é aqui tomado na acepção restrita da residência ou casa de jesuítas.

Em 1552, existiam três escolas de instrução elementar: a de São Salvador, a do Espírito Santo e a de São Vicente, sendo que, nesta e na primeira, se aprendiam rudimentos de latim e português. Com a visita de Nóbrega a São Vicente, a escola é mudada, em 1554, sob o nome de Colégio de São Paulo, para Piratininga, "de melhor clima e por amor dos índios".

Dos jesuítas o mais culto, parece, foi Aspicuelta Navarro, o primeiro quem estudou o tupi; à noite, vertia, para essa língua, hinos religiosos que distribuía aos alunos.

A alma da catequese em São Paulo foi Anchieta, inexcedível em zelo de apóstolo e de mestre-escola. Sabia latim, espanhol, português e tupi. Na falta de livros, copiava as lições em cadernos. Redigiu a primeira gramática de língua tupi-guarani, publicada em Coimbra, em 1595, com o título *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil.* Essa obra foi melhor ordenada e simplificada pelo Pe. Luís Figueira; dela se tiraram outras edições a contar da primeira, de 1621, até à última, fac-similada, de 1878.

Anchieta redigiu o *Dicionário* ou *Vocabulário da Língua Tupi* tal qual era falada em São Paulo no século XVI; a epístola – *Quam plurimarum Rerum Naturalium* (1560) sobre as principais coisas que observou na capitania de São Vicente (clima, animais, plantas, doenças, costumes, etc.). Redigiu, em latim um Poema à Virgem Santíssima – *De Beata Virgine dei Matre Maria*, traduzido, em 1940, pelo jesuíta Armando Cardoso, de São Paulo. Teria sido escrito nas praias de Ipiroig. Anchieta narra em 5.784 versos os episódios da vida de Nossa Senhora, da Concepção à Assunção.

Os aborígines foram sempre emocionáveis pela melodia. Os padres pediam remetessem de Portugal meninos que tocassem flauta, gaita, nésperas (campainhas com badalos que se entrechocavam), ferrinhos com argolinhas dentro, e pandeiros com soalhas.

Socorriam-se da música sob a forma de canções, melodias religiosas, para tornar a alma infantil mais sensível à doutrina cristã. "Com a

música e a harmonia", afirmava Nóbrega, "atrevo-me a atrair para mim os índios da América." Introduziram representações teatrais que se faziam, em geral, no adro das igrejas. Anchieta compôs vários autos, dos quais merecem menção o intitulado – a *Pregação Universal,* em versos portugueses e tupis, representado em Piratininga, no ano de 1575, e *O Rico Avarento e o Lázaro Pobre,* levado à cena em Recife, nesse mesmo ano.

Funda-se, em 1575, o colégio de Olinda. Luís da Grã dá lições de latim e de "casos", ou seja, de teologia moral, em que se discutem atos, virtudes e vícios. Daí a pouco, lia-se o segundo livro da *Eneida,* e já o bispo D. Pedro Leitão vinha argumentar com os estudantes brasis, iniciando, desse modo, o cerimonial dos "atos públicos", que tão mirificamente se desenvolveu nas formalidades de exames, oficiais e particulares.

No colégio da Bahia e no de Olinda conferia-se, ao termo do curso, o grau de "mestre em artes".

Ao fim do século XVI, contavam-se vinte núcleos de população (cidades, vilas, povoações e aldeamentos), com 100.000 mestiços e índios catequizados, e 25 a 30.000 europeus. Como se vê, os esforços didáticos são exclusivamente dos inacianos, que se adaptam admiravelmente às condições materiais do meio e psicológicas dos alunos.

Século XVII

Os fatos predominantes são a invasão holandesa, com Maurício de Nassau, e a reação nativista correspondente.

Carlos Silveira lembra que assim como o século XVI poderia ser chamado de "Anchieta", quanto à obra educativa no Brasil, também poderia o XVII denominar-se "século de Nassau". Com efeito, esse grande estadista trouxe consigo uma "expedição" mais científica do que militar. Dela participou o naturalista Macgrave, que formou riquíssima coleção de exemplares da fauna do norte do Brasil, sendo prodigiosa a soma de dados reunidos na *Historia Rerum Naturalium Brasiliae.* Deve-se a Piso, G., a obra *De Medicina Brasiliensi,* em que compendiou observações preciosas

sobre doenças e enfermidades da terra. Figurava na comitiva o grande paisagista Francisco Post.

Logo que desceu em Pernambuco, Nassau fundou a cidade, dotando-a, sem demora, de uma escola, de jardim público e de um observatório astronômico.

A primeira criação oficial de Portugal, de caráter instrutivo, é a de uma aula de Artilharia e Arquitetura Militar na Bahia, em 11 de janeiro de 1699, e outra, em São Luís do Maranhão, a 15 do mesmo mês e ano. Com isso, o governo central objetivava tão-só instruir a milícia na defesa das costas. Note-se que a primeira escola de Artilharia, em França, se fundou em 1690.

Século XVIII

A terceira aula decretada pela metrópole, em 1738, ainda é de Artilharia, no Rio.

Nessa cidade, criam-se, em 1739, dois Seminários para Órfãos, o de São José e o de São Pedro. Naquele, os alunos aprendiam latim, filosofia, teologia moral e dogmática, liturgia e cantochão; neste, as primeiras letras, doutrina cristã, latim e música. Muda-se, em 1756, o Seminário de São José, para um prédio junto à igreja de São Joaquim e, daí, o nome que teve até a reforma de Bernardo de Vasconcelos, de 1837, quando passou a chamar-se Colégio Pedro II.

Antônio Isidoro da Fonseca, cognominado por José Veríssimo o patriarca da imprensa no Brasil, organiza em 1747, no Rio, com autorização de Gomes Freire, uma tipografia que chegou a publicar alguns opúsculos. Sabedor do fato, o governo central manda destruí-la e remeter para Portugal, "por conta e risco dos donos", os tipos de imprensa, vedando toda e qualquer publicação, e cominando a pena de prisão para o reino.

Fundam-se o Seminário do Pará, em 1749, o de Mariana, em 1750, e o do Maranhão, em 1751.

Em 3 de maio de 1759, os jesuítas são expulsos de Portugal e Brasil, surgindo então escolas de beneditinos, carmelitas e franciscanos que, na opinião de Moreira de Azevedo, não chegaram ao grau de adiantamento quanto ao método, ensino e regularidade dos padres de Jesus.

Para cobrir as despesas do ensino público, estabelece, a lei de 10 de novembro de 1772, o "subsídio literário", imposto sobre carne verde, vinho, vinagre e aguardente, que, no Rio, é cobrado em 1773. Era exígua a receita dele, pois não alcançava, na Bahia, p. ex., o suficiente para pagar o professorado público.

Escolas ou Aulas Régias. Criam-se em 1774, no Rio, a aula régia de filosofia, e, em São João d'El-Rei, a de latim.

O vice-rei D. Luís de Vasconcelos funda, em 1782, no Rio, a escola de Retórica e Poética, cuja direção confia ao poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga; nela se prepararam oradores sacros, salientando-se dentre eles Monte Alverne.

Abre o mesmo vice-rei, em 1782, o gabinete de História Natural, que possuía cerca de mil exemplares empalhados. Chamado pelo povo "Casa dos Pássaros", dele se originou o atual Museu Nacional, instituído por D. João VI, em 6 de junho de 1818.

O Conde de Resende, novo vice-rei, pede ao Dr. Manuel Joaquim de Sousa Ferraz, cultivador de plantas medicinais, "em uma horta contígua ao hospital militar, no morro do Castelo", que apresente projeto para a criação de um jardim de plantas medicinais. O plano é remetido para o reino em 1795. O governo português nega licença, alegando que viria prejudicar o comércio com o Oriente, e "ordenando que se arrancassem todas as plantas indiáticas que houvesse no Brasil, sob pena capital para aqueles que as cultivassem".

Em 1792, havia uma única livraria no Rio de Janeiro, que só dispunha de obras de teologia; fora disso um vendedor de obras de medicina português. Em contraste, surgiam, no Rio, as Academias dos Esquecidos (1724), dos Felizes (1736), dos Seletos (1762) e, na Bahia, a dos Re-

nascidos (1759), todas de vida efêmera, e que não contribuíram para a educação do povo.

No ano de 1799, criam-se, em Pernambuco, as cadeiras de Aritmética, Geometria e Trigonometria.

O ensino, no Rio, em fins do século XVIII, compreendia oito aulas: uma de filosofia, outra de retórica, uma de grego, três de latim e duas de instrução primária.

Conclusões. O ensino público, no período de Colônia caracteriza-se:

a) pela indiferença completa da metrópole no tocante à vida espiritual do Brasil, indiferença talvez excusável se se atender ao fato de que o ensino público em Portugal só foi objeto de cogitação séria do governo, por parte do marquês de Pombal, no fim do século XVIII; toda a diligência instrutiva, até então, limitava-se a algumas aulas de fortificações; *b)* pela ação supletiva dos jesuítas que difundiam o ensino primário e o secundário; *c)* pela criação de escolas ou aulas régias, que não obedeciam a nenhum plano preestabelecido; esparsas e avulsas, nelas se ensinavam matérias (filosofia, retórica, etc.) que mais constituem o remate do que as bases da instrução pública; *d)* pelo desenvolvimento do ensino religioso com a fundação de seminários.

B) Brasil Reino

Por carta régia, Manuel Dias de Oliveira é nomeado, em 1808, professor de desenho e figura; deve-se-lhe o início do ensino de desenho do *nu*, no Rio de Janeiro.

No começo do século passado era impressionante o estado de ignorância do povo, porquanto as poucas escolas que existiam miravam antes de tudo à formação religiosa. Southey, na *História do Brasil,* declara que não é raro um sertanejo abastado solicitar que lhe tragam, de algum porto de mar, um português de bons costumes, que saiba ler e escrever, para se casar com a filha.

A chegada de D. João VI foi benéfica para o surto cultural do Brasil. Em 1808, recomenda ao cirurgião-mor – José Correia Picanço – a instalação, em São Salvador, de um curso de Cirurgia, que se inaugura em maio de 1816.

Ainda em 1808, o General Francisco Borja Garção Stockler apresenta um projeto de reforma, segundo o qual o ensino seria dividido em quatro graus, projeto que lembra o plano de Condorcet: *primeiro grau*, ministrado em *pedagogia*, por *pedagogos*, onde se ensinariam os conhecimentos necessários a todos os cidadãos, seja qual for a profissão e estado social. *Segundo grau* – em *institutos*, por *instituidores*, no qual se desenvolveria o estudo da matéria anterior, além dos conhecimentos necessários a agricultores, artistas e comerciantes; *terceiro grau* – *liceus*, regido por *professores*, onde se aprenderiam conhecimentos introdutórios para o estudo aprofundado das ciências e que abrange todo gênero de erudição; *quarto grau*, academia, onde os *lentes* lecionariam ciências puras e aplicadas nas suas relações com a ordem social.

Também em 1808 cria-se a Academia de Guardas-Marinha; é instalada a Impressão Régia, e o governo inicia a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periódico impresso no Brasil.

No ano seguinte, o intendente de polícia do Rio proíbe que se anuncie ou ponha à venda toda e qualquer obra sem prévia licença, sob pena de multa e prisão.

Franqueia-se ao público, em 1810, a Biblioteca Nacional, formada com as obras e manuscritos da Biblioteca da Ajuda dos reis de Portugal, e trazida para o Brasil por D. João VI. É fundado o Jardim Botânico, cujo plano é do botânico inglês Kanche, sob o nome de Real Jardim da Lagoa de Freitas.

Em 4 de dezembro de 1810, estabelece-se a Academia Militar. Compreendia o ensino de doze cadeiras, com sete anos de curso; em 1858 passou a chamar-se Escola Central; em 1874, Escola Politécnica, e, hoje, é a Escola Nacional de Engenharia.

No ano de 1811 o padre Felisberto Antônio Figueiredo Moura abre, no Rio, um colégio em cujo programa figuravam o português, o latim, o francês, o inglês, e a retórica, a aritmética, o desenho e a pintura. Pelo aviso de 8 de junho de 1821, ficavam os seus alunos isentos de prisão e recrutamento. Tais favores, ainda nesse ano, foram estendidos a todos os alunos matriculados em escolas públicas, uma vez que provassem freqüência, aproveitamento e aplicação.

A química merece atenção do governo, que institui na Bahia, em 1815, a cadeira de Química, confiada a Sebastião de Andrade, já havendo estabelecido, no Rio, em 1812, o Laboratório Químico-Prático.

Chega em 1816 a Missão Artística Francesa, núcleo com que se inaugura, no ano de 1820, a Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil.

Criam-se duas aulas régias, uma de Desenho e Retórica, em Vila Rica, aos 7 de maio de 1817, e outra de Música, na Bahia, em 30 de março.

O príncipe regente, em 19 de maio de 1821, restabeleceu o Seminário de São Joaquim, extinto por D. João VI, em 1818, restituindo-lhe os bens tomados nessa época. Em dezembro de 1821, são dispensados de ponto os funcionários do Tesouro Nacional que, durante as horas de aula, freqüentem as escolas de comércio. Suprimiu-se igualmente a censura prévia de originais a serem publicados, cabendo ao editor a responsabilidade, em caso de abuso de liberdade de imprensa, e permitiu-se o despacho livre de direitos aduaneiros para livros.

Em 17 de maio de 1821, é criada, na cidade Paracatu, em Minas, a cadeira de Retórica e Filosofia.

Conclusão. No reinado de D. João VI não melhorou o ensino popular. Criaram-se, não há dúvida, escolas de grau superior, sem, todavia, cimentá-las sobre o sólido ensino primário e secundário. Desse vício de estrutura educacional ressentiam-se, também, muitas nações cultas da época.

C) Brasil Império

Proclamada a independência, a educação nacional foi matéria, na Constituinte de 1823, de debates que visavam especialmente à organização de universidades no país. Discutia-se não só o número delas, se uma, duas ou três, mas também a localização respectiva. Dessas tentativas de ensino universitário, o parlamento contentou-se com a fundação, no ano de 1827, dos Cursos Jurídicos de Olinda e São Paulo.

O padre Belchior Pinheiro de Oliveira, representante de Minas Gerais, propõe que se confira o título de Benemérito da Pátria e a condecoração da Ordem do Cruzeiro a quem apresentar, até o fim daquele ano de 1823, o melhor trabalho sobre educação física, moral e intelectual para a mocidade brasileira.

A Comissão de Instrução Pública pede, sem resultado, que se mande publicar, por conta do Governo, memória do Deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada Machado, acerca da "Necessidade de uma Instrução Geral e mais conforme com os Deveres do Homem na Sociedade; Insuficiência da Atual". Nessa monografia, o ilustre paulista faz considerações sobre os três primeiros graus da instrução comum, métodos pedagógicos, compêndios, mestres e importância de um diretor de estudos.

Merece referência o projeto de Januário Cunha Barbosa (1826), para a reforma do ensino nacional. Sugeria a inspeção escolar, a fundação do Instituto Imperial do Brasil, nos moldes do Instituto de França, com quatro classes: Ciências Matemáticas, Naturais, Sociais, Literatura e Belas-Artes. Vedava toda e qualquer alteração no sistema de instrução pública, durante seis anos, a fim de se evitarem "modificações que não fossem ditadas pela experiência e madura reflexão".

A primeira lei sobre a instrução pública é de 15 de outubro de 1827: estabelece o ensino mútuo; o programa incluía a leitura, escrita, as quatro operações, frações, sistema decimal, proporções, geometria prática, língua nacional, religião, e leituras sobre a constituição e história do Brasil.

O Ato Adicional de 1834 transfere às províncias o privilégio de legislar a respeito da instrução pública, reservando-se ao governo central o ensino em seus vários graus na capital do país, e o superior no Império. Esse ato é a fonte do malefício em que tem vivido o ensino primário em grande parte do território nacional.

No ano de 1873 têm início as Conferências Pedagógicas que, em 1883, já subiam ao número de cinqüenta.

Exames Preparatórios. O número de alunos matriculados nas escolas superiores, com curso regular do Colégio Pedro II, era diminuto relativamente ao daqueles que se matriculavam com certificados dos chamados exames preparatórios. Esses asseguravam o funcionamento regular das escolas superiores. Em 1850, foi expedido um decreto que regulava o processo desses exames, a título provisório, mas que vigorou perto de oitenta anos.

Até o ano de 1873, tais preparatórios, também denominados parcelados, por não obedecerem a seriação alguma de matérias, só se faziam nas capitais, onde existiam cursos superiores, isto é, no Rio, Bahia, São Paulo e Olinda. Nessa data, porém, o governo autoriza que sejam realizados nas capitais das províncias, e fácil é avaliar os malefícios decorrentes.

Só em 1869 é que se tornou obrigatório o exame de português para matrícula nos cursos superiores, sendo que tal exigência começou a vigorar de 1871 em diante.

O princípio saneador dos exames parcelados, que é o "exame de madureza", só foi observado na República, de 1898 a 1900, continuando o regime de preparatórios até 1908.

Reforma Leôncio de Carvalho. Em 1878 é decretada essa reforma, a última do Império e que vigorou até à de Benjamim Constant, de 1890. Caracteriza-se pela liberdade do ensino secundário e superior, critério esse que culminou na reforma de Rivadávia Correia, de 1911. Exigia, porém, a obrigatoriedade do ensino primário para as crianças de ambos os sexos, de 7 a 14 anos, salvo se os pais provassem que davam aos filhos conveniente educação.

O ensino elementar, alega o ministro, é uma defesa do indivíduo e da sociedade. Estabeleceu jardins de infância, escolas primárias mistas, bibliotecas, museus escolares, conferências pedagógicas, e o auxílio federal às escolas normais das províncias, que teriam anexadas uma e mais escolas primárias.

Se a liberdade aplicada ao ensino secundário e superior é doutrina louvável do ponto de vista teórico, comenta Pires de Almeida, o aproveitamento prático dele depende direta e estritamente do critério e da oportunidade da sua aplicação, das condições de cultura e desenvolvimento intelectual do povo, capaz de compreender o alcance dessa medida. O mal da reforma Leôncio de Carvalho, da liberdade do ensino superior, é que não basta inscrever a doutrina nas leis, sendo mister que a inovação se harmonize com o temperamento e costumes da população. E a tradição salutar, no Brasil, tem sido a orientação oficial, segura, prudente, discreta e desinteressada.

Projeto Rui Barbosa. Dos planos apresentados depois da reforma de Leôncio de Carvalho até a proclamação da República, o de Rui Barbosa é o que deve reter a atenção.

Consta de dois pareceres e projetos, o de 1882, sobre o ensino secundário e superior, e o de 1883 acerca do primário. Neles, mormente no último, o autor desenvolve circunstanciadamente a matéria, demonstrando ter-se ocupado com carinho do assunto.

Lembra ele que o problema da educação nacional deve exigir sacrifícios financeiros iguais aos de tempo de guerra. Se neste se combate o adversário temporário, naquele combatem-se dois adversários perenes – a ignorância e a superstição.

"Bem orientada, a educação constitui uma alta fonte reprodutiva dos sacrifícios financeiros que impõe. A produção está na razão direta da inteligência humana que dinamiza a matéria-prima; portanto, tanto mais aperfeiçoados os instrumentos da conquista da ciência e da arte, que são o saber e a técnica, e tanto mais belos os frutos colhidos na educação dos povos. Pequenas transfusões, pequeníssimas, não levantam as

forças do doente, não aumentam a resistência do organismo combalido por mais de um século de contemporização."

Rui discorre a respeito da metodologia do ensino primário e do secundário. Reprova a bifurcação entre o ensino humanístico e o científico.

No tocante ao ensino primário, vota Rui pela obrigatoriedade dele, uma vez que este só pode ser dispensado para os povos que atingiram certo grau de evolução e tenham consciência dos deveres sociais. Naturalmente, demanda isso um trabalho persuasivo, pois que "a força é impotente para fundar qualquer coisa", e a da lei, tão-só, inoperante. Quanto ao ensino secundário e superior, a liberdade deve ser ampla, devendo a fiscalização oficial limitar-se à verificação do cumprimento real dos requisitos morais e das instalações do estabelecimento.

Em 1883, inauguraram-se, no Rio de Janeiro, a Exposição Pedagógica e o Congresso de Instrução com duas seções: uma destinada ao estudo dos problemas do ensino primário, secundário e profissional, e a outra aos do ensino superior.

Dos colégios brasileiros sobrelevaram-se, além do Pedro II, no Rio, o Caraça, em Minas, e o São Luís, de Itu.

Localizado em São Francisco de Paula, a 40 quilômetros de Ouro Preto, o Caraça foi fundado em 1821, sendo o primeiro reitor dele o lazarista D. Antônio Ferreira Viçoso, mais tarde bispo de Mariana. O primeiro período do colégio encerra-se com a revolução de 1842. Em 1856, os lazaristas franceses assumem a direção, culminando a fama do estabelecimento de 1867 a 1885, sob a reitoria do padre Júlio Clavelin, considerado, por alguns, como o maior educador do Brasil. Em 1900, estava em declínio a instituição que tanta honra e glória derramou por sobre Minas Gerais.

O São Luís, de início, era um internato fundado, em 1867, na cidade de Itu, pelo Pe. José de Campos Lara, que lá prosperou até 1917, data em que foi transformado em externato e transferido para a capital de São Paulo. Teve e tem grande renome, podendo-se considerar o São Luís e o Caraça os mais reputados colégios no período imperial.

Conclusões. Esquematicamente, o ensino público no Império, define-se: *a)* pela falta de um plano nacional de educação, de sorte que os vários graus de instrução não se desenvolviam como um todo orgânico; *b)* pela descontinuidade administrativa, não prestigiando os ministros do Império, por via de regra, a obra dos antecedentes; *c)* pela verba insignificante e destinada ao ensino primário e secundário; *d)* pela assinergia de ação entre o Poder Legislativo e o Executivo, donde valiosos projetos de representantes da Nação que não foram objeto de debate no Parlamento; *e)* pela insuficiência do ensino primário; *f)* pela liberdade do ensino secundário, decretada em 1878, e prematura para um país que ainda não tinha consagrado, como ponto pacífico, o caráter fundamental do ensino secundário, até então, destinado quase só, a encaminhar alunos para os cursos superiores.

(1889-1941)

Lourenço Filho

Ao findar-se o regime imperial, em novembro de 1889, a situação geral da educação brasileira poderia ser assim descrita:

a) Administração – A educação secundária e superior, em todo o império, e a de todos os graus e ramos no município da Corte, competiam ao governo central; a educação primária, normal e profissional, competia às províncias; cada uma destas possuía um órgão de fiscalização das escolas sob o título de inspetoria do ensino; na administração central não havia, porém, nenhum órgão especializado para esse fim, dependendo os assuntos de educação do Ministério do Império;

b) Organização geral – O ensino secundário e superior, em todo o país, e o primário, no município da Corte, eram regulados por um decreto datado de 1878, o qual admitia ampla liberdade de ensino; permitia-se que o curso secundário fosse feito por exames parcelados; o ensino superior compreendia os ramos de Direito, Medicina, Engenharia, Farmá-

cia e Belas-Artes; o Governo Imperial mantinha uma dezena de escolas superiores, sendo três em várias províncias, e as demais na capital, e um só estabelecimento de ensino secundário, também na capital; as províncias possuíam, em geral, uma escola secundária, uma escola normal e escolas primárias com currículo de cinco ou seis anos de estudos; entre os sistemas provinciais de educação e os serviços de ensino do governo central não havia maior conexão;

c) Situação estatística – As escolas de todo o país mantinham apenas 250 mil alunos, ou 18 alunos por mil habitantes; o recenseamento de 1890 dava a taxa de 79% de analfabetos, para a população em geral.

A situação acima descrita é explicada pela evolução histórica e social.

O Brasil fora colônia de 1500 a 1815; reino-unido desde esta data a 1822; só, então, país independente, sob a forma de monarquia constitucional. A economia do país, desde início até meados do século XIX, baseou-se essencialmente na indústria extrativa; na criação de gado; na extração de ouro; na agricultura sob forma rudimentar. A agricultura utilizava a escravidão do negro e produzia, especialmente nalgumas regiões, uma aristocracia rural, que passou a dominar por todo o período imperial. As lutas internas (1822-48) e as lutas com os espanhóis, no Sul (1851-64), e, depois, a Guerra do Paraguai (1865-70) prejudicaram a atenção devida às providências de organização interna, entre as quais as relativas à educação.

Depois da Guerra do Paraguai (1870-89), notaram-se tendências de renovação econômica, com o estabelecimento de algumas indústrias fabris, início de emigração européia sistematicamente, desenvolvimento de estradas de ferro, medidas liberais na política. Surgem, então, com as idéias de propaganda em favor da abolição da escravatura e da república, idéias de renovação educacional: projetos de Paulino de Sousa (1870), João Alfredo (1876), Rui Barbosa (1882); congresso de instrução e criação de um museu pedagógico nacional (1883). Na última fala do trono, o Imperador Pedro II sugeria mesmo ao Parlamento a criação de um

ministério próprio da instrução pública; pedia a criação de escolas técnicas, adaptáveis às condições e conveniências locais; pedia a criação de duas universidades, uma ao sul e outra ao norte do país; lembrava ainda a conveniência da Faculdade de Ciências e Letras nalgumas províncias.

A abolição da escravidão deu-se em maio de 1888; a queda do Império deu-se em novembro do ano seguinte.

Seria natural que o governo republicano pretendesse considerar os problemas de educação por novos aspectos. Assim, o governo provisório de 1889 criou logo após alguns meses, o Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, que entregou a Benjamim Constant Botelho de Magalhães, professor militar e apóstolo das idéias republicanas. A providência teria decorrido, porém, mais de necessidade política do momento que de um claro programa de governo. Filiado às doutrinas da filosofia de Augusto Comte, ao mesmo tempo que abolia o ensino obrigatório e proibia o ensino religioso, Benjamim Constant voltava as suas vistas para a formação das elites. De maio de 1890 a janeiro de 1891, decreta a reforma do ensino secundário e superior, e cria um órgão destinado a ser o centro de estudos e reformas, denominado Pedagogium. A sua morte prematura, e a extinção, logo após, do Ministério da Instrução, impediram que tais reformas tivessem plena e cabal execução.

A esse tempo, concluía a Constituinte republicana os seus trabalhos. A Carta política de 24 de fevereiro de 1891 vinha manter a tradição do Ato Adicional de 1834 em matéria de educação: competia aos estados, em que se transformavam as antigas provinciais, e às municipalidades, o ensino primário. Ao governo central ficava apenas, como no antigo regímen, a competência para regular o ensino secundário e superior. Não verificavam os constituintes se acaso os estados possuíam os recursos necessários para os encargos da educação popular, e se estavam, assim, preparados para a tarefa. Na verdade, a atribuição devida ao governo central continuava a ser maior que a deferida às unidades federadas, e o ambiente de idéias, salvo nalgumas delas, não era propício a um gran-

de desenvolvimento educacional. A não ser nalguns estados, não se notou sensível progresso educativo nos primeiros anos da República; em média para todo o país, o progresso continuou a ser lento até 1930.

Se em 1889 o número de alunos, em todo o país, era de 18 por mil habitantes, vinte anos depois ainda era de 29; no ano de 1920, de 41; e em 1929, alcançava 50.

Até o início do século, o governo central se limitou a dar nova regulamentação ao ensino secundário e superior, decretando o chamado "Código Fernando Lobo", de 1892. Nos estados, criaram-se ou reformaram-se as escolas normais e estabeleceram-se escolas primárias, insuficientes em número e mal ajustadas às necessidades da vida prática. O ensino profissional era quase inexistente.

A formação histórica do país não poderia ter dado ao povo a consciência do problema educacional, como ocorreu, por exemplo, nos Estados Unidos. A educação era vista mais como "empreendimento governamental", do que "empreendimento do povo". As escolas tinham exclusiva feição acadêmica, e não visavam preparar para o trabalho, mas sim para uma pequena elite. A tradição do Império, e as novas idéias de autonomia das províncias, agora "estados", levara a entregar-se-lhes a educação comum; mas, como não tinham, em geral, recursos suficientes para o necessário aparelhamento escolar, a situação agrava-se com o crescimento demográfico.

Tal estado de coisas era sentido por políticos e educadores que, desde o começo do século desenvolveram uma campanha visando maior intervenção do governo central na educação primária. Como no Império, não faltaram projetos e iniciativas. Diversas autorizações legislativas são aprovadas em 1906, 1908 e 1910, mas sem qualquer resultado prático. Em 1917, estando o país em guerra com a Alemanha, decide o governo federal fechar várias escolas particulares nos estados do Sul, onde crianças brasileiras recebiam instrução em língua germânica. E, no ano seguinte, votava-se auxilio federal para que esses estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) criassem

maior número de escolas. Ficava, assim, por ato efetivo, resolvida a importante questão da intervenção por parte do governo central na educação primária.

Em 1922, era ainda o governo central que promovia uma conferência nacional de ensino primário e secundário, para melhor coordenação dos esforços das administrações locais. Dela, porém, não resultaram quaisquer providências de alcance prático. É certo que, nesse mesmo ano, foi apresentado à Câmara dos Deputados um projeto visando ao ensino primário obrigatório. Tal projeto não teve maior andamento. É certo ainda que em 1925 aprovou-se uma lei permitindo o auxílio sistemático do governo central aos estados para o desenvolvimento da educação. Mas, à falta de dotação orçamentária, a idéia não chegou a ter realização. Na reforma constitucional de 1925-26, faz-se paladino da idéia intervencionista o Deputado Afrânio Peixoto, que defendeu uma emenda pugnando por uma "orientação nacional do ensino, democratização do ensino secundário, fiscalização do ensino profissional e criação de um fundo nacional de educação". Essas idéias não conseguiram aprovação.

Até 1925, a administração nacional do ensino esteve entregue a uma divisão do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, auxiliado pelo Conselho Nacional de Ensino, que se criou em 1911. Em 1925, criou-se um Departamento Nacional de Ensino, subordinado ao mesmo Ministério. As preocupações do governo central continuavam a ser apenas as do ensino secundário e superior (Código Epitácio Pessoa, 1901, Rivadávia Correia, 1911, Carlos Maximiliano, 1915, João Luís Alves-Rocha Vaz, 1925). É certo que em 1909, ensaiou o governo central um sistema de educação profissional, com a criação na capital de cada estado de uma escola de artes e ofícios. Em 1922, estabeleceu a Universidade do Rio de Janeiro, pela simples reunião administrativa das escolas superiores já existentes. Em 1928, por iniciativa do governo de Minas, criou-se a Universidade de Belo Horizonte.

O balanço do movimento educativo dos quarenta primeiros anos da República pode ser assim resumido: crescimento relativo do ensino

primário de modo lento (29 alunos por mil habitantes, em 1907, e 50 alunos em 1930), com variações muito grandes de uma para outra região do país; desenvolvimento apenas sensível do ensino secundário, que continuava a ser uma educação privilegiada para certas classes e destinado apenas a preparar para o ensino superior; início da organização do ensino profissional, sem plano de conjunto e sem articulação com os ramos do ensino profissional, desenvolvimento considerável do ensino superior, nos ramos de preparação para as carreiras liberais. Os núcleos de elaboração cientifica, literária e filosófica, em pequeno número, não chegaram a ter o necessário desenvolvimento e articulação com os centros educativos (Museu Nacional, Instituto Osvaldo Cruz, Museu Paulista, Museu Goeldi, Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, entre outros). Desenvolveram-se os institutos de preparação de professorado do ensino primário. Não assim os dos professorados do ensino secundário.

As idéias de organização e progresso vinham, no entanto, tendo expressões locais, como o atestam as reformas de ensino nos Estados de São Paulo, 1920; Ceará, 1922; Minas Gerais, 1927; Espirito Santo, 1927; Pernambuco, 1928, e ainda no Distrito Federal, em 1925 e 1928. Essas reformas agitavam as novas idéias técnicas e os objetivos sociais da educação. Em 1924, funda-se, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação, que inicia reuniões de estudos, cursos de conferências e congressos anuais (Curitiba, 1927; Belo Horizonte, 1928; São Paulo, 1929). Ramos dessa associação, ou instituições autônomas fundam-se também nalguns estados. Há um movimento de agitação de idéias semelhantes ao período final do Império, e a que não seriam estranhas as conseqüências econômicas e sociais provocadas pela Primeira Grande Guerra Mundial, e os progressos da industrialização do país.

Essas condições prepararam também a revolução nacional de 1930, vitoriosa em 24 de outubro desse ano, e que viria, a par de outras grandes modificações da vida do país, imprimir novo sentido à educação.

De fato, instituído o governo provisório de outubro de 1930, foi logo criado o Ministério da Educação e Saúde, e que não devia ter a du-

ração efêmera do primeiro ministério de 1891. Começou o novo órgão federal por proceder a uma revisão dos quadros do ensino secundário (Reforma Francisco Campos, 1931), da organização universitária e da educação comercial. Firmou também um convênio com os estados, para o levantamento sistemático das estatísticas educacionais.

O novo regime de ensino secundário, com curso seriado de 7 anos, inspirou confiança e o número de escolas passou a crescer a cada ano. De pouco mais de duzentas escolas secundárias, em 1932, chegam a ser 850, em 1941. Organizaram-se duas novas universidades, a de São Paulo e de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), ambas mantidas pelos respectivos governos estaduais.

O desenvolvimento dos serviços do ministério tem-se operado no sentido de melhor articulação das instituições de educação escolar e de cultura geral, tendo em vista a aplicação da moderna técnica administrativa e os objetivos nacionais. Se, nesse desenvolvimento, uma perfeita hierarquização dos problemas não chegou a ser definida senão nos últimos anos, o fato terá resultado menos da intenção dos responsáveis pelo ministério que das condições em que, anteriormente, se vinha desenvolvendo a educação nacional.

De 1930 a 1934, teve o Ministério organização muito simples. Nesse ano, sofre uma reforma, e outra em janeiro de 1937. Com esta, se procurava adaptar a administração às novas exigências do capítulo relativo à educação nacional, constante da Constituição de 1934: plano nacional de educação, com competência exclusiva do governo central para fixar as diretrizes de educação; declaração de que a educação é direito de todos; aplicação de uma quota fixa da receita tributária dos estados e municípios nos serviços do ensino.

A Constituição de novembro de 1937 veio reafirmar esses princípios, declarando que ao governo central cabe fixar as bases, os quadros e as diretrizes da educação nacional; que é dever da nação, dos estados e dos municípios assegurar à infância e à juventude, a possibilidade de receber educação adequada às aptidões e tendências vocacionais de cada

indivíduo; que às indústrias e sindicatos econômicos cabem criar escolas de aprendizes; que a educação física, cívica e os trabalhos manuais são obrigatórios em todas as escolas.

A nova política educacional determinou, como seria natural, a expansão dos serviços do ministério e a criação de novos órgãos: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Instituto Nacional do Livro, Instituto Nacional de Cinema Educativo, Departamento da Criança, entre outros. Novos tipos de escolas foram criados e instalados, no ensino médio e no ensino superior.

Deu-se, nos últimos dez anos, grande expansão do aparelhamento escolar, em todo o país. Em 1932, havia 29.948 escolas; em 1941, as escolas já eram 47.601. Em 1932, a matrícula geral era a de 2.274.213 alunos. Em 1941, essa matrícula subia a 3.791.500, atingindo a taxa de 90 alunos por mil habitantes. O número de professores aumentou de 76.025 para 118.228. As despesas com o ensino, que eram de trezentos milhões de cruzeiros, em 1932, subiram a cerca de setecentos milhões em 1941.

Tal progresso, sem precedentes em iguais períodos anteriores, torna o atual momento um dos mais interessantes e sugestivos da história da educação do país. Não dissimula, porém, os grandes problemas que a educação ainda defronta, e que são, de modo especial, a justa medida da centralização e descentralização administrativa; os de preparo de elementos técnicos para a rápida industrialização do país; o da disseminação do ensino primário nas regiões de baixa densidade demográfica; o da educação e reeducação de adultos; o do financiamento das escolas, em geral.

Ainda há cinqüenta anos, ou seja, em 1890, a taxa de analfabetos de todas as idades, na população brasileira, ascendia a 79%; em 1900, baixava apenas para 65%; em 1920, acusava-se ainda como 63%; a estimativa levantada em 1932 fazia baixar esse índice para 52%. É de crer-se que o recenseamento realizado em 1940 apresente taxa menor que 40%, à vista das amostras já apuradas em relação a várias regiões. É de notar-se ainda que a variação desse coeficiente de uma para outra região do país é ex-

traordinariamente grande. Nalguns estados, onde maior disseminação escolar tem havido, a população maior de 15 anos apresenta hoje taxa de analfabetos bastante reduzida, e entre 15 e 30 anos coeficiente apenas sensível.

Para isso tem concorrido também a transformação da economia, que tem passado rapidamente, nessas zonas (estados do Sul, principalmente) do regime agrário para o de crescente industrialização. Na verdade, desde alguns anos, a produção industrial do país já excede a da produção agrícola. As leis trabalhistas instauradas depois de 1930 implicam, por outro lado, a formação e elevação cultural dos trabalhadores.

A educação escolar vai perdendo o seu tipo literário ou acadêmico, para tornar-se de sentido prático ou mais diretamente dirigida para o trabalho. Começa a haver uma compreensão mais nítida das funções sociais da escola popular, e o ensino secundário está deixando de ser apenas uma exigência de preparatórios para os estudos em escolas superiores. Em entendimento com o governo federal, criou a Federação de Indústrias um serviço nacional de aprendizagem nas fábricas. Ao passo que em 1930 não havia ainda, nos ramos próprios da educação da juventude (secundário, comercial, industrial, doméstico, agrícola, de artes e ofícios) mais que 100 mil alunos, essa matrícula é hoje superior a 400 mil.

Em 1941, promoveu o governo federal uma conferência nacional de educação; decretou a seguir a organização do ensino industrial e técnico, a reforma do ensino secundário, e estabeleceu, com os estados, um convênio para o desenvolvimento do ensino primário, com base no estabelecimento de um fundo nacional de educação.

Os estados, de um modo geral, têm acompanhado essas idéias de progresso social e de reforma técnica do ensino. Merecem especial referência as reformas de 1932, no Distrito Federal, com Anísio Teixeira; de 1933, em São Paulo, com Fernando de Azevedo; de 1937, no Rio Grande do Sul, com Coelho de Sousa; e de 1938, em Santa Catarina, com Ivo d'Aquino.

* * *

A bibliografia pedagógica brasileira vem refletindo de modo muito vivo, nos últimos tempos, essas novas tendências e ideais de organização.

A relação, que se apresenta a seguir, foi organizada por seleção dos registros do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação, e teve ainda a valiosa colaboração do professor Raul Briquet, da Universidade de São Paulo. Os referidos registros cobrem um período de 130 anos (1812-1941) e incluem 977 referências de obras impressas. Dessas, foram selecionadas apenas 410 referências, com o critério não só de indicar os mais valiosos elementos de estudo, como, também, com relação a cada época, de indicar as tendências específicas que as caracterizaram.

Antes de tudo, é de notar que a produção dos cinqüenta primeiros anos do período, ou seja, de 1812 a 1861, foi apenas de 38 obras; dos cinqüenta anos seguintes, de 236; e nos trinta anos que decorreram de 1912 a 1941, de 741 trabalhos diversos.

Durante todo o período do Império, só se registraram 193 trabalhos. Nos primeiros quarenta anos da República, 352. De 1930 a 1941, nada menos de 432. O total destes últimos dez anos superou, portanto, o movimento de todo o século anterior.

Até o ano de 1882, a bibliografia relativa a assuntos de educação quase que se resumia em relatórios oficiais, de escasso valor doutrinário e, às vezes mesmo, de pouco valor informativo. Quando preocupações de ordem técnica apareciam, cifravam-se em discutir o "processo de ensino mútuo", de Lancaster.

O primeiro trabalho de doutrina sistemática data de 1865, em tradução de uma obra francesa. Como obra original, tem primazia um compêndio de pedagogia editado em 1878. O primeiro trabalho sobre o ensino normal aparece em 1846; sobre o ensino de higiene, em 1868; sobre o ensino profissional, em 1876. Com relação à liberdade de ensino e obrigatoriedade escolar, imprimiram-se vários trabalhos sobre educação física que aparecem ainda na primeira metade do século.

O movimento de novas idéias depois da Guerra do Paraguai e, sobretudo, a promoção do Congresso de Educação, de 1883, provocaram,

nesse decênio, farta publicação de pequenos estudos. Desse ano são também os notáveis pareceres de Rui Barbosa que, pela primeira vez, apresentam aos estudiosos brasileiros larga documentação das idéias e realizações educativas na Inglaterra e nos Estados Unidos. A obra reflete o movimento de idéias da Exposição Internacional de Filadélfia, e também dos Congressos de Instrução pouco antes realizados em Paris e Bruxelas. Rui Barbosa, insistindo em suas idéias de reforma, traduz e publica em 1886 as *Lições de Coisas*, de Calkins.

Desde então, até às vésperas da República, publicam-se alguns ensaios sobre organização universitária, ensino secundário, administração e política escolar. Aparecem também trabalhos sobre a obrigatoriedade do ensino, co-educação, e reforma didática sob a inspiração dos princípios de Herbert. Em 1890, José Veríssimo apresenta o seu estudo intitulado *A Educação Nacional*, em que reclamava uma orientação do ensino dirigida para os interesses da unidade nacional.

A fase a seguir é a das tendências dos primeiros anos da República, com as idéias de Benjamin Constant, e do movimento do Pedagogium. É também os da reforma de Caetano de Campos, Cesário Mota e Gabriel Prestes, em São Paulo, e que refletem certas idéias da pedagogia norte-americana da época. Essas idéias se tornavam primeiramente conhecidas no Brasil mais pela aplicação prática, em colégios mantidos por fundações norte-americanas (Gamon, em Lavras; Marcia Brown, em São Paulo; Colégio Piracicabano; Colégio Bennett, no Rio; Instituto O'Grambery, em Juiz de Fora; e outros), que mesmo por divulgação de trabalhos de especialistas dos Estados Unidos.

A preocupação de adaptar-se o ensino à moderna psicologia só aparece claramente depois de 1910. Em 1941, são publicados estudos de psicologia aplicada, realizados num laboratório montado na Escola Normal de São Paulo. Surgem por essa época também os primeiros estudos sobre crianças anormais. O livro *Palestras aos Professores*, de William James, é traduzido em 1917. As preocupações de adaptação da educação às necessidades sociais começam a aparecer com os estudos de José Au-

gusto, Monteiro de Sousa, Carneiro Leão e Sampaio Dória. Em 1924, imprime-se o primeiro trabalho de exposição geral sobre o movimento dos testes. Pouco depois, mais amplos trabalhos de psicologia aplicada são publicados em Recife; em Belo Horizonte, pela Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico; e em São Paulo.

E, desde então parece abrir-se uma nova época aos estudos pedagógicos. De uma parte, os esforços da Associação Brasileira de Educação, que realiza alguns inquéritos de valor; de outra parte, os esforços de vários educadores e administradores escolares. Uma obra de exposição geral sobre o movimento ativista *(activity movement)* aparece em 1929. São traduzidas, seguidamente, obras de Parker, J. Dewey, Kilpatrick, Thorndike e outros autores norte-americanos, como também de Claparède, Ferrière, Binet, Durkheim.

No último decênio, aparecem várias obras de sociologia educacional (Fernando de Azevedo, Carneiro Leão); de administração escolar (Anísio Teixeira); e de interpretação estatística (M. A. Teixeira de Freitas).

De 1925 em diante, aparecem coleções pedagógicas especializadas, entre as quais a *Biblioteca de Educação*, dirigida por Lourenço Filho, e *Atualidades Pedagógicas*, dirigida por Fernando de Azevedo. A bibliografia propriamente didática, e de que não cogita a lista adiante, foi também grandemente melhorada, desde essa época, com obras originais de autores brasileiros.

No atual momento, todos os ramos de educação estão sendo ativamente trabalhados. Os cursos de pedagogia das faculdades de Filosofia (hoje em número de quatorze no país) começam a formar especialistas. O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos centraliza, por sua vez, um movimento de estudos objetivos, referentes à administração escolar, testes, orientação e seleção profissional. Várias revistas pedagógicas se publicam com regularidade, editadas por órgãos da administração pública, associações e empresas particulares.

OBRAS CONSULTADAS

CAMPOS, Francisco. *Educação e cultura*, Rio, 1940.
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS.
– *Organização do ensino primário e normal* (19 vol.), 1939-43.
– *A administração dos serviços de educação*. Rio, 1941.
– *Situação geral do ensino primário*. Rio, 1941.
– *O ensino no qüinqüênio 1936-1940*. Rio, 1943.
LOURENÇO, M. Bergström (Filho). *Tendências da Educação Brasileira*, Ed. Melhoramentos, 1940.
– "Educação e cultura", em *Brasil, 1939-40,* Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1940.
– "A educação, problema nacional", em *Brasil, 1940-41,* Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1941.
– "O ensino no decênio 1932-1941", em *Brasil, 1942***,** Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1943.
MOACIR, Primitivo. *A Instrução e a República*. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 1939-41, 7 vols.
PEIXOTO, Afrânio. *Marta e Maria*, Rio, 1931.
– *História da Educação,* São Paulo, 1933.
RODRIGUES, Milton. *Educação Comparada*, São Paulo, 1938.
VENÂNCIO, Francisco (Filho). *Contribuição Americana à Educação*, 2. *Lições da Vida Americana*, Rio, 1940.
VERISSIMO, José. *A Educação Nacional*, Belém, 1890.
– "A instrução", em *Livro do Centenário*, Rio, 1906.

. . . .

Bibliografia

Aquiles, Paula. *Uma escola para o Brasil.* Rio de Janeiro, *Diário Oficial*, s.d. 330 p.

Ensaio de pedagogia nacionalista para o Brasil. O livro tem duas partes: 1, O Brasil; 2, A escola e o método. Insiste numa educação adequada aos fins econômicos, especialmente para as populações rurais. **[1431]**

Albuquerque, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e. *Testes.* Rio de Janeiro, Alves, 1924.

A primeira obra de conjunto, publicada no país, para a divulgação dos processos para medida objetiva no ensino e as provas mentais. Excelente bibliografia norte-americana. **[1432]**

Almeida, Antônio Ferreira de (Júnior). *Anuário do ensino do Estado de São Paulo: 135-36.* São Paulo, Tip. Siqueira, s.d. 575 p.

Relatório dos trabalhos da Diretoria-Geral do ensino, do Estado de São Paulo, nos anos referidos, com abundante documentação. **[1433]**

Almeida, Antônio Ferreira de (Júnior). *Anuário do ensino do Estado de São Paulo, 1936-37.* São Paulo, Secretaria da Educação e Saúde Pública, s.d. 654 p.

Documentos das atividades do ensino público no Estado de São Paulo nos anos de 1936 e 1937. Compreende as seguintes partes: administração regional, distrital e local do ensino; problemas gerais do ensino primário; as atividades da escola primária; ensino secundário e normal; despesas e vencimentos, estatística escolar de 1936. **[1434]**

Almeida, Antônio Ferreira de (Júnior). *Biologia educacional.* São Paulo, Editora Nacional, 1939. 570 p.

Exposição dos fatos e teorias sobre vida e evolução; genética; mesologia; atividade funcional; eugenia e eutinia. Apresentação de numerosas observações no meio brasileiro. **[1435]**

Almeida, Antônio Ferreira de (Júnior). *Escola pitoresca.* São Paulo, Editora Nacional, 1934. 267 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 3 – Atualidades pedagógicas, v. 9).

Flagrantes da vida escolar; os problemas da formação do professor primário. **[1436]**

Almeida, Antônio Figueira de. *História do ensino secundário no Brasil*, Rio, Liv. Jacinto, 1936. 175 p.

Estudo do desenvolvimento do ensino secundário no país. **[1437]**

Almeida, Isaías Alves de. *Educação e saúde na Bahia.* São Salvador, Bahia Gráfica e Editora, 1939. 236 p.

Relatório das atividades da Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, entre 11 de abril de 1938 e 30 de junho de 1939. **[1438]**

Almeida, Isaías Alves de. *Esboço da vida e obras do amigo dos meninos.* Bahia, Imp. oficial do Estado, 1924. 103 p.

Estudo histórico e bibliográfico sobre o educador brasileiro Abílio César Borges. **[1439]**

Almeida, Isaías Alves de. *Estudos objetivos de educação.* Rio de Janeiro, 1936. 248 p.

Estudo sobre problemas de política e administração. **[1440]**

Almeida, Isaías Alves de. *Teste individual de inteligência; fórmula de Binet-Simon-Burt adaptada ao Brasil.* Bahia**,** 1927. 172 p.

Adaptação, aplicação e resultados obtidos pelo autor com os testes referidos, em alunos de escolas públicas e particulares da Bahia. **[1441]**

Almeida, Isaías Alves de. *Testes de inteligência nas escolas.* Rio de Janeiro, Dir. Geral de Instr. Públ. do Distrito Federal, 1932. 110 p.

Estudo sobre a classificação de alunos nas escolas primárias do Distrito Federal. **[1442]**

Almeida, Isaías Alves de. *Os testes e a reorganização escolar.* Bahia, A Nova Gráfica, 1930. 256 p.

Medida da inteligência e resultados de trabalhos escolares. **[1443]**

Almeida, José Ricardo Pires de. *L'instruction publique au Brésil: histoire et législation.* Rio de Janeiro, 1889. 1102 p.

Desenvolvido estudo da instrução primária e secundária no período imperial, precedido de um resumo histórico do movimento da educação no período colonial. Contém numerosos quadros e tabelas estatísticos. O A. divide a evolução cultural do país nos seguintes períodos: da Independência a 1834; de 1834 a 1856 e de 1857 a 1889. **[1444]**

Alves, Joaquim. *Estudos de pedagogia regional.* Ceará, Editora Fortaleza, 1939. 130 p.

Aspectos de administração escolar e de técnica de ensino, com aplicação aos problemas do Nordeste brasileiro. **[1445]**

Alves, Raul. *Esboço histórico e crítico geral da educação.* Rio de Janeiro, Pongetti, 1929. 190 p.

Estudos de história da educação. **[1446]**

Andrade, Maria Guilhermina Loureiro de. *Organização dos jardins da infância.* Rio de Janeiro, 1884. 2 p.

Parecer apresentado na 1ª secção do Congresso de Instrução, em 1883. **[1447]**

Andrade, Vicente Navarro de, Barão de Inhomerim. 72 p.

Projeto de um instituto de ensino médico, cuja criação o autor recomenda para o país. **[1448]**

Antipoff, Helena. *O desenvolvimento mental das crianças de Belo Horizonte, segundo alguns testes de inteligência geral.* Belo Horizonte, Secretaria de Educação e Saúde do Estado, 1931. 74 p.

Resultado da aplicação de testes de inteligência em escolas de Belo Horizonte; testes de Goodenough, Dearborn e Ballard. **[1449]**

Antipoff, Helena. *Escolologia.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1931. 72 p.

Ensaios de pedagogia experimental; trabalho realizado sob a direção da autora por alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. **[1450]**

Antipoff, Helena. *Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte* e algumas sugestões pedagógicas; publicação da

Secretaria do interior do Estado. Belo Horizonte, Inspetoria-Geral de Instrução, 1930. 46. p.

Resultados e conclusões de um inquérito realizado pela autora entre 760 crianças de ambos os sexos das escolas de Belo Horizonte. **[1451]**

Antipoff, Helena. *As mentiras nas crianças*, Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1931. 12 p.

Estudo relativo à formação de um sentimento de veracidade nas crianças. **[1452]**

Antipoff, Helena, *Organização das classes nos grupos escolares de Belo Horizonte e o controle dos testes.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1932.

A homogeneização das classes em diversos grupos escolares de Belo Horizonte. **[1453]**

Antipoff, Helena, e **Cunha**, Maria Luísa de Almeida. T*este Prime*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1932. 64 p.

Resultados da aplicação dos testes Prime (adaptação do teste de vocabulário e inteligência do Dr. Simon), em grupos escolares de Minas Gerais. **[1454]**

Antipoff, Helena, e **Resende**, N. *Ortoépia mental.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1934. 106 p.

A seleção das crianças em classes homogêneas; o ensino especial das crianças retardadas. **[1455]**

Aragão, Egas Muniz Barreto de. *Problemas de educação nacional e de instrução pública*. Bahia, Imp. Oficial do Estado, 1923.

Coletânea de estudos diversos sobre a educação do país. **[1456]**

Assis, Joaquim José de. *Instrução pública.* Pará, F.C. Ronsard, 1864.

Relatório sobre a situação do ensino na província do Grão-Pará. **[1457]**

Associação Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. *Anais do VII Congresso Nacional de Educação.* Rio de Janeiro 1935. 298 p.

Sessões e conferências realizadas neste congresso, que teve como programa a educação física. **[1458]**

Associação Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. *Instruindo e divulgando.* Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1941. 372 p. (Comunicados de imprensa, v. 1)

Coletânea de duzentos pequenos estudos organizados para divulgação de conhecimentos técnicos e de informação sobre o ensino no país. **[1459]**

Associação Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. *O problema brasileiro da escola secundária.* Rio de Janeiro, s.c.p. 1929. 332 p.

Reunião de trabalhos de vários autores. Diferentes aspectos por que pode ser encarado o problema do ensino secundário no Brasil. **[1460]**

Associação Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. *O problema educacional e a nova Constituição.* São Paulo, Ed. Nacional, 1934. 141 p.

Texto e justificação dos anteprojetos dos capítulos da Constituição referentes à educação, redigidos pela III Conferência Nacional de Educação. **[1461]**

Associação Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. *Problema universitário brasileiro: bases para inquérito.* Rio de Janeiro, A Encadernadora, 1928. 65 p.

Inquérito promovido pela Associação Brasileira de Educação em torno do problema universitário. **[1462]**

Azevedo, Fernando de. *Antinois: estudo de cultura atlética.* São Paulo, Melhoramentos, 1920. 96 p.

Conferências e estudos sobre jogos e exercícios atléticos e a cultura física em geral. **[1463]**

Azevedo, Fernando de. *A educação e seus problemas.* São Paulo, Editora Nacional. 359 p.

O autor, que é professor de Sociologia Educacional na Universidade de São Paulo, reúne neste volume alguns estudos sobre os grandes problemas da educação brasileira. **[1464]**

Azevedo, Fernando de. *Da Educação Física.* São Paulo, Melhoramentos, 1920. 306 p.

Estudo da finalidade e dos métodos da educação física; do problema do Brasil. **[1465]**

Azevedo, Fernando de. *A instrução pública do Distrito Federal.* Rio de Janeiro, Mendonça Machado & Cia., 1927. 134 p.

Projeto e justificação de uma reforma do ensino primário e técnico-profissional do Distrito Federal. **[1466]**

Azevedo, Fernando de. *Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil.* São Paulo, Editora Nacional, 1931. 268 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 4 – Atualidades pedagógicas, v. 1)

Conferências em que o autor expõe os fundamentos da reforma de ensino realizado, sob sua direção, no Distrito Federal, em 1928. **[1467]**

Azevedo, Fernando de. *A educação pública em São Paulo.* São Paulo, Ed. Nacional, s. d. 457 p.

Reúnem-se, neste volume, as respostas dadas por vinte educadores, cientistas e intelectuais, a um inquérito aberto pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, no ano de 1936, sobre o ensino primário e normal, o ensino técnico-profissional e ensino secundário e superior. Embora as respostas tivessem visado especialmente aos problemas regionais do Estado de São Paulo, ainda assim a repercussão desse balanço de idéias foi muito grande sobre a educação de todo o Brasil. Isso é salientado na introdução que o Prof. Fernando de Azevedo escreveu para o volume. **[1468]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *A instrução pública nos tempos coloniais do Brasil (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* v. 55, 2ª parte, Rio de Janeiro, 1892, p. 141-158)

Talvez a fonte mais consultada sobre esse período. Põe em evidência o descaso da metrópole pela vida espiritual do Brasil. Satisfaz plenamente para um juízo de conjunto do ensino público na época colonial (R.B.). **[1469]**

Backheuser, Everardo. *Ensaio de biotipologia educacional.* Porto Alegre, Liv. do Globo, 1941. 297 p.

Apresentação geral das doutrinas de biotipologia e ensaio de sua aplicação à organização de classes escolares, para o que o A. apresenta modelo de ficha original. **[1470]**

Backheuser, Everardo. *Técnica de pedagogia moderna; teoria e prática da escola nova.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934. 312 p.

As doutrinas e as aplicações práticas na Escola Nova; a educação integral; iniciativa; cooperação; educar "para a vida e pela vida"; o papel do mestre na Escola Nova. **[1471]**

Bahia, Faculdade de Medicina. *Bahia e Rio de Janeiro,* S. 1., s. c., 1858-80. 10 v.

Memórias históricas dos acontecimentos mais notáveis dos anos de 1857, 58, 61, 63, 66, 77, 78 e 79. **[1472]**

Baker, C. A. *O movimento dos testes.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1925. 128 p.

Conferências sobre a técnica dos testes, com modelos norte-americanos, traduzidos e adaptados. **[1473]**

Bandeira, Antônio Herculano de Sousa (filho). *O jardim infantil: sua natureza, seu fim e seus meios de ação.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1883. 92 p.

Relatório sobre a organização dos jardins de infância na França, Áustria, Alemanha e Suíça. **[1474]**

Barbosa, Januário da Cunha. *Plano nacional de educação.* Rio de Janeiro, Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1874.

Projeto de Organização do ensino no país, compreendendo escolas de todos os graus e ramos. **[1475]**

Barbosa, Rui. *Reforma do ensino primário: Parecer e projeto.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1883. 378 p.

(R.B.) **[1476]**

Barbosa, Rui. *Reforma do ensino secundário e superior. Parecer e projeto.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1882. 74 p.

O autor estuda os motivos de se incrementar o ensino primário e secundário, mostra as principais falhas administrativas no tocante a esses vitais problemas e aprecia os modernos métodos pedagógicos. Em suma, é este um repositório precioso de crítica construtiva. (R. B.) **[1477]**

Barreto, Anita Pais. *Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão.* Recife, Imp. Industrial, 1927. 44 p.

Prática de alguns testes de aptidão com alunas que concluíram o curso primário em escolas de Recife. **[1478]**

Barreto, Ceição de Barros. *Coro, orfeão.* São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1938. 170 p. (Biblioteca de Educação, v. 29)

Histórico do canto coral; bases psicológicas da educação musical; organização de coros e orfeões; noções gerais de técnica vocal e do ensino do canto orfeônico. Em apêndice, testes para medida da aprendizagem da música. **[1479]**

Barroso, José Liberato. *A instrução pública no Brasil.* Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1867. 226 p.

Dados históricos acompanhados de comentários sobre a situação do ensino no Brasil, nos seus diferentes graus. **[1480]**

Belfort, José Joaquim Tavares. *A criação de uma universidade no Brasil.* Pernambuco, s. c. p., 1873.

Parecer sobre o projeto de criação de uma universidade no Brasil, apresentado à Câmara pelo conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira. **[1481]**

Binet, Alfredo, e **Simon,** Theodule. *Testes para medida de desenvolvimento da inteligência nas crianças;* tradução de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1929. 88 p. (Biblioteca de Educação, v. 10).

Adaptação brasileira dos testes de Binet-Simon. **[1482]**

Bittencourt, Feliciano Pinheiro. *Pedagogia escolar*. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1908. 130 p.

Princípios de psicologia aplicada ao ensino primário. **[1483]**

Bonfim, Manuel José de. *O método dos testes*. Rio de Janeiro, s. c. p., 1928. 296 p.

Os testes nas verificações do ensino. Utilidade geral e interpretação dos testes pedagógicos. Os testes – sucedâneos dos exames. A realização dos testes. **[1484]**

Borges, Abílio César, barão de Macaúbas. *O Colégio Abílio*. Rio de Janeiro. Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1872.

Plano de estudos e estatutos do Colégio Abílio, fundado na Corte do Império. **[1485]**

Borges, Abílio César, barão de Macaúbas. *Vinte anos de propaganda contra a palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade*. Rio de Janeiro, Tip. Cinco de Março, 1876.

Coletânea de escritos do autor, contra o uso do castigo físico nas escolas. **[1486]**

Borges, Abílio César, barão de Macaúbas. *A lei nova do ensino*. Rio de Janeiro, Tip. Universal, 1883. 30 p.

Estudo sobre os princípios científicos e humanos de uma nova pedagogia, com relação à individualidade da criança. **[1487]**

Borges, Abílio César, barão de Macaúbas. *Dissertação pedagógica*. Rio de Janeiro, Tip. do O Cruzeiro, 1882.

Trabalho lido no 1º Congresso Pedagógico Internacional, em Buenos Aires, a 2 de maio de 1882. **[1488]**

Borges, Abílio César, barão de Macaúbas. *Educação e ensino*. Paris, Livraria da Vve. C. P. Aillaud Guillard & cia., 1886.

Discursos. **[1489]**

Brandão, Teixeira. *A educação nacional no regímen republicano*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1907.

Considerações gerais em torno da situação do ensino no país. **[1490]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1918. 212 p. (Documentos parlamentares, v. 1)

Instrução primária: acordos e subvenções; escolas normais; repartição geral de ensino; período de 1904-15. **[1491]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1918. 613 p. (Documentos Parlamentares, v. 2)

Plano integral de ensino: projeto Tavares de Lira; período de 1907-08. **[1492]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1918. 316 p. (Documentos Parlamentares, v. 3)

Lei Orgânica do Ensino Superior. **[1493]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1919. 964 p. (Documentos Parlamentares, v. 4)

Reforma Carlos Maximiliano; Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915; período de 1914-18. **[1494]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1919. 801 p. (Documentos Parlamentares, v. 5)

Ensino secundário; exames parcelados; regímen de madureza; competência dos estados; fiscalização dos institutos de ensino, no período de 1891-909; dispensa de exames, em 1918. **[1495]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1919. 406 p. (Documentos Parlamentares, v. 6)

Desoficialização do ensino superior e secundário, no período de 1891-918; regímen universitário, no período de 1892-918; criação do Ministério da Instrução Pública, em 1894. **[1496]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1919. 508 p. (Documentos Parlamentares, v. 7)

Códigos de ensino; período de 1891-901. **[1497]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1919. 555 p. (Documentos Parlamentares, v. 9)

Curso politécnico; curso médico; escolas agrícolas e comerciais e outras de natureza técnica; período de 1891-919. **[1498]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1919. 488 p. (Documentos Parlamentares, v. 10)

A difusão do ensino primário nos estados, subvenção às escolas primárias nas colônias estrangeiras; período de 1915-1918. **[1499]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1929. 881 p. (Documentos Parlamentares, v. 11)

Ensino secundário e superior, período de 1917-28. **[1500]**

Brasil, Câmara dos Deputados. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1929. 650 p. (Documentos Parlamentares, v. 12)

Ensino primário, no período de 1917-28. **[1501]**

Brasil. Câmara dos Deputados. *Instrução pública*, Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1929. 413 p. (Documentos parlamentares, v. 13)

Ensino profissional; ensino agrícola; ensino comercial; período de 1917-27. **[1502]**

Brasil. Câmara dos Deputados. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*: parecer e projeto da Comissão de Instrução Pública composta dos Deputados Rui Barbosa, Tomás do Bonfim Spínola e Ulisses Machado Pereira Viana; relator, Rui Barbosa. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883. 378 p. ilus.

Análise e crítica do projeto relativo ao Decreto n.º 7.247, de 19 de abril de 1879, na parte referente ao ensino primário e que conclui pela apresentação de um substitutivo sobre a matéria. O parecer compreende 18 longos capítulos, versando o ensino primário e o ensino normal sobre os seus mais variados aspectos, desde os filosóficos e políticos até os de reforma dos processos de ensino, parte em que desce, por vezes, a minudenciação exaustiva. Talvez seja

este um documento parlamentar único no mundo, pela profundeza do estudo, riqueza de informações sobre a educação do tempo, nos países mais adiantados na época, e o ensino no país. Muitas das idéias expendidas pelo parecer e projeto substitutivo, que não teve, aliás, andamento na Câmara, foram consagradas, depois, pela legislação ou pelo uso, nas escolas brasileiras, constituindo outros pontos inovações, pelos quais ainda se batem os renovadores do ensino em nossos dias. O parecer salienta a importância da estatística escolar, a necessidade da criação de um Ministério da Instrução Pública, e a de se estabelecerem planos de financiamento da educação; estuda profundamente a questão da obrigatoriedade escolar, a do ensino leigo e da liberdade do ensino; analisa os métodos e programas escolares, fornecendo valiosos subsídios sobre a didática de cada disciplina; examina ainda, além de outras, as questões da organização e administração pedagógica, a formação do professorado e os problemas de higiene escolar. Todo o trabalho é fundamentado em rica bibliografia sobre a educação inglesa, norte-americana, francesa e alemã, da época.

[1503]

Brasil. Câmara dos Deputados. *Reforma do ensino secundário e superior: parecer e projeto;* relativo ao Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879; apresentado pela Comissão de Instrução Pública, composta dos Srs. Rui Barbosa, relator, Tomás de Bonfim Spínola e Ulisses Machado Pereira Viana. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1882. 114 p.

Análise e crítica do projeto de lei referido, e que conclui pela apresentação de um substitutivo. Depois de considerações gerais, sobre a liberdade do ensino superior que a comissão advoga, é examinado o problema do ensino secundário considerado à luz dos mais modernos princípios. O projeto é contrário à bifurcação dos estudos secundários; propõe para ele a obrigatoriedade do ensino científico; estabelece que além do curso de bacharelado proporcione o ensino secundário seis outros cursos: de finanças, comércio, agrimensura, máquinas, industrial, relojoaria e instrumentos de precisão. Quanto ao ensino superior, o parecer emenda o projeto nos cursos de Medicina, a que acrescenta cadeiras; aplaude a iniciativa deste, quanto a permitir-se o ensino médico para o sexo feminino; propõe que se substitua, no curso de Direito o ensino de Direito Natural, pelo de Sociologia; para o curso da escola politécnica, então preparatória de escola de Engenharia Civil, aponta várias modificações, inclusive o estudo da química orgânica e o estudo da fotografia; propõe a criação de um curso de engenheiros eletricistas. Para a escola de Engenharia Civil, como para a Escola de Minas, indica várias modificações do plano de estudos. O projeto examina também o curso superior de Ciências Físicas e Naturais do Museu Nacional e propõe a criação do ensino agronômico, declarando que, "se o Brasil é um país essencialmente agrí-

cola, por isso mesmo cumpre que seja um país ativamente industrial". Pelas considerações que emite, observações sobre a vida do tempo e abundante informação de educação comparada, é este um dos notáveis documentos para o estudo da evolução cultural do país. Seu valor histórico é acrescido pelo apêndice em que se transcrevem todos os projetos sobre instrução pública, apresentados à Câmara dos Deputados de 1870 a 1880. **[1504]**

Brasil. Câmara dos Deputados. Comissões Reunidas de Instrução Pública. Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1873.

Projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados na sessão de 18-8-1873, sobre a organização do referido instituto. **[1505]**

Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Convênio celebrado na cidade do Rio de Janeiro, em 20-12-1931, entre a União, os Estados e o Distrito Federal e Território do Acre, para aperfeiçoamento e uniformização das estatísticas educacionais e conexas. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1932. 64 p.

Atos oficiais de autorização, outorga de poderes e ratificação. **[1506]**

Brasil. Ministério de Educação. Diretoria de Estatística. *O ensino no Brasil*, Ano 1, 1932, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1939. 236 p.

Com a cooperação dos governos dos estados, do Distrito Federal e do Território do Acre, dá conta à Diretoria de Estatística do Ministério da Educação, nesta publicação, dos primeiros resultados do Convênio de Estatísticas Educacionais, celebrado em 1931. **[1507]**

Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de documentação. *Organização da Faculdade Nacional de Filosofia*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1941. 37 p.

Legislação referente à organização da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. **[1508]**

Brasil. Ministério da Educação. Serviço de Estatística. *O ensino no Brasil em 1933*. Rio de Janeiro, Serv. Graf. do Min. da Educação, 1939. 706 p.

Apresentação do movimento geral do ensino brasileiro no ano letivo de 1933: I, Organização Geral do Ensino; II, Organização Didática e Movimento Escolar; III, Resultados Regionais; IV, Resultados Nacionais.

[1509]

Brasil. Ministério de Educação. Serviço de Estatística. *O ensino no Brasil em 1934*. Rio de Janeiro. Serviço Gráf. do Min. da Educação, 1934. 815 p. 23 cm.

Quadros estatísticos referentes à organização geral do ensino primário, organização didática e movimento escolar, em todo o país, no ano de 1934. **[1510]**

Brasil. Carlos Augusto Soares. *Compêndio de Pedagogia*. Rio de Janeiro, Tip. Fluminense, 1878.

Primeira obra de autor nacional sobre o assunto; trata dos princípios, métodos e objeto da educação.

[1511]

Brazil, Tomás Pompeu de Sousa. *Relatório*. Ceará, Tip. Cearense, 1858. 75 p.

Relatório sobre a situação da instrução pública na Província do Ceará, no ano de 1857. **[1512]**

Calkins, Norman Allison. *Primeiras lições de cousas*; tradução do Cons. Rui Barbosa. Rio de Janeiro. Imp. Nacional, 1886.

Manual de ensino elementar para uso dos pais e professores. Vertido da 40ª edição americana. **[1513]**

Calógeras, João Pandiá. *Os jesuítas e o ensino.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1911. 66 p.

Apreciação da obra dos jesuítas na educação da mocidade. **[1514]**

Câmara, Hélder. *Padronização de testes de aproveitamento.* Rio de Janeiro, Of. R. Americano, 1938. 50 p.

Descrição da técnica de aferição dos testes de escolaridade com a exemplificação de um trabalho realizado pelo autor, nas escolas primárias do Rio de Janeiro. **[1515]**

Camargo, João Silvestre de. *Ensino ativo.* São Paulo, Tip. Graf. Cruzeiro do Sul, 1935. 164 p.

O ensino ativo, seus princípios e técnicas. **[1516]**

Campos, Ernesto de Sousa. *Educação superior no Brasil.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940. 611 p.

A despeito de ter por escopo a educação superior, é de leitura proveitosa para o nosso caso particular do ensino geral. Análise minuciosa das trinta tentativas da organização universitária, já iniciadas no período colonial. (R. B.) **[1517]**

Campos, Ernesto de Sousa. *Instituições culturais e de educação superior.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1941. 728 p.

O A., professor da Universidade de São Paulo, a quem já deve vários estudos sobre a história do ensino superior no Brasil, traça neste volume o histórico dos museus, bibliotecas, institutos científicos e culturais e associações de fins de cultura técnica. Em apêndice, apresenta a relação das instituições culturais brasileiras e a de publicações periódicas científicas. **[1518]**

Campos, Francisco. *Educação e cultura.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940. 202 p. 23x14cm.

O autor, antigo Secretário da Educação no Estado de Minas e Ministro da Educação no Brasil, por duas vezes, apresenta neste volume vários estudos relativos às reformas que empreendeu, bem como discursos de propaganda pela renovação técnica do ensino. **[1519]**

Campos, Maria dos Reis. *A escola moderna.* Rio de Janeiro, Fernandes & Rohe, 1932. 282 p.

Conceitos e práticas da escola renovada: evolução da escola elementar. **[1520]**

Cardim, Mário. *A educação física na moderna prática pedagógica; estudos feitos na Argentina e Uruguai.* Rio de Janeiro, Of. Graf. do *Jornal do Brasil*, 1929. 42 p.

Finalidades da educação física; realizações na Argentina e no Uruguai.

[1521]

Cardoso, Licínio. *O ensino que nos convém.* Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1926. 431 p.

Posição do problema; universidade; ensino superior; ensino primário; o que se deve ensinar; ensino às

crianças; ensino secundário; ensino profissional. **[1522]**

Carneiro, Levi Fernandes. *O problema universitário brasileiro.* Rio de Janeiro, A Encadernadora, 1928. 22 p.

Depoimento para um inquérito promovido pela Associação Brasileira de Educação. **[1523]**

Carreiro, Luísa Leopoldina Tavares Porto.

vide

Porto-Carreiro, Luísa Leopoldina Tavares

Carvalho, Antônio Gontijo de. *Estadistas da República.* S. Paulo, *Rev. dos Tribunais,* 1940.

Estudioso de problemas nacionais, o autor inclui um capítulo sobre o Caraça, célebre colégio mineiro. Trabalho mais acessível do que o *Cemitério do Caraça*, por um padre da Congregação da Missão, Rio. 1920. (R.B.) **[1524]**

Carvalho, Carlos Leôncio de. *O ensino primário e secundário do município da Corte e o superior em todo o Império.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1879.

Reforma aprovada pelo Decreto nº 7.247, de 19-4-1879. **[1525]**

Carvalho, Carlos Leôncio de. *1ª Exposição Pedagógica no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 90 p.

Histórico do referido certâmen. **[1526]**

Carvalho, Carlos Leôncio de. *Projeto de ensino profissional.* Rio de Janeiro, Tip. de *O País,* 1909.

Projeto de ensino profissional, organizado por incumbência da Prefeitura do Distrito Federal. **[1527]**

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *A escola como ajustamento social.* Rio de Janeiro, Alves, 1931. 45 p.

A educação e a escola; história da educação; os sistemas educacionais; a educação no Brasil; a finalidade educacional. **[1528]**

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *Metodologia do ensino geográfico.* Rio de Janeiro, Alves, s.d. 22 p.

Orientação metodológica para as escolas primárias. **[1529]**

Carvalho, Felisberto Rodrigues Pereira de. *Tratado de metodologia coordenada.* Rio de Janeiro, Alves, 1888. 218 p.

O autor, que foi uma das figuras de relevo no magistério no fim do século passado, aqui expõe as suas idéias sobre a orientação do ensino primário. **[1530]**

Carvalho, Francisco Bulhões de. *A educação e a vida social na América do Norte.* Rio de Janeiro, Tip. *Jornal do Comércio*, 1940. 92 p. 23 cm.

Observações e comentários a propósito da Feira Mundial de Nova Iorque. **[1531]**

Casassanta, Guerino. *Jornais escolares.* São Paulo, Editora Nacional, 1939. 234 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 4 – Atualidades pedagógicas. v.)

Estudo, muito documentado, da função educativa da imprensa escolar nas escolas. **[1532]**

Castro, Maria Angélica de. *Idéias e interesses das crianças de Belo Horizonte.* Ed. da *Rev. de Ensino*, 1935. 57 p.

Estudo dos interesses dos escolares quanto à profissão, leituras, jogos e emprego do dinheiro. **[1533]**

Cavalcanti, João Barbalho Uchoa. *Co-educação dos sexos nas escolas primárias, normais e secundárias.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 12 p.

Trabalho apresentado ao Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1883. **[1534]**

Chagas, Djalma Pinheiro. *Ensino profissional agrícola.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1929. 24 p.

Exposição de motivos com que se apresenta o Regulamento que organiza o ensino agrícola-primário do Instituto João Pinheiro. **[1535]**

Clark, Oscar. *O século da criança.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Canton & Reille, 1940. 203 p. ilus.

Estudos de medicina social; a função médico-social da escola primária; escolas ao ar livre; a merenda escolar. **[1536]**

Coaraci, Vivaldo. *Instrução técnica nos Estados Unidos.* Porto Alegre, Of. Graf. Inst. Eletrotécnico, Esc. Engenharia, 1913.

Relatório de uma viagem de estudos. **[1537]**

Coelho, J. Augusto. *Princípios de pedagogia.* São Paulo, Teixeira Irmãos, 1891-93. 4 t. em 2 v.

Tratado de pedagogia geral, calcado sobre o livro de Spencer, *A educação física, intelectual e moral.* **[1538]**

Colégio Pedro II, Rio de Janeiro. *Anuário;* volume IX, 1935-1936. Rio de Janeiro, Tip. da Misericórdia, 1939. 278 p.

Além de notas e informações sobre a vida do tradicional colégio secundário, apresenta variados estudos, dos quais cumpre destacar "Divulgação do ensino primário no Brasil", pelo Prof. F. Venâncio Filho.

[1539]

Conferência estadual de ensino primário, Florianópolis. *Anais da 1ª Conferência estadual de ensino primário.* Florianópolis, 1927.

Atas, teses e pareceres da conferência convocada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, em julho de 1927. **[1540]**

Conferência interestadual de ensino primário, Rio de Janeiro. *Anais da Conferência interestadual de ensino primário.* Rio de Janeiro, Edit. O Norte, 1922. 440 p.

Atas, relatórios, discursos e pareceres da Conferência Interestadual de Ensino Primário, realizada no Rio de Janeiro. **[1541]**

Conferência nacional de educação, 1ª, Rio de Janeiro. *Documentário da I Conferência nacional de educação.* (Formação, ano IV, nº 41, dezembro, 1941. p. 18-113)

Documentos legislativos referentes à I Conferência Nacional de Educação, promovida pelo Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, de 3 a 9 de novembro de 1941; discurso inaugural do Ministro Gustavo Capanema; resoluções e moções aprovadas. **[1542]**

Conferência pedagógica dos professores públicos primários do Município da Corte, 8ª, Rio de Janeiro. *Pedagogia.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884.

Trabalhos da 8ª Conferência Pedagógica dos Professores Públicos Primários do Município da Corte.

[1543]

Congresso de instrução, Rio de Janeiro, 1883. Atas e pareceres do Congresso de Instrução. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884.

Pareceres sobre a instrução pública e particular em todos os graus, bibliotecas, museus escolares e caixas escolares, o ensino secundário para o sexo feminino, criação de uma faculdade de ciências religiosas. **[1544]**

Congresso pedagógico, São Luís do Maranhão. *Trabalhos do Congresso pedagógico.* São Luís do Maranhão, Governo do Estado do Maranhão, 1922. 600 p.

Histórico, atas das sessões e teses de um congresso de professores estaduais realizado em São Luís, em 22-2-1922. **[1545]**

Cony, Augusto Cândido Xavier. *Sistema disciplinar e meios de emulação nas escolas de diversos graus.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 17 p.

Trabalho apresentado ao Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1883. **[1546]**

Correia, Virgílio (filho). *Questões de ensino.* São Paulo, Ed. Monteiro Lobato, 1925. 92 p.

Apontamentos para a história da educação no Estado de Mato Grosso. **[1547]**

Costa, Amélia Fernandes da. *O ensino público primário na Itália, França e Bélgica.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1893.

Relatório apresentado à Inspetoria-Geral de Instrução Primária e Secundária da Capital Federal. **[1548]**

Costa, Dante. *Merendas escolares.* Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1939. 20 p.

Sugestões de merendas para crianças escolares brasileiras; tipos de merendas; recomendações práticas. **[1549]**

Costa, Firmino. *Como ensinar linguagem.* São Paulo, Melhoramentos, 1933. 152 p. (Bib. Educação, v. 17)

Metodologia do ensino de linguagem na escola primária. **[1550]**

Costa, Firmino. *O ensino popular.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1913.

Vários escritos sobre questões práticas de ensino e estudo de caráter geral sobre educação. **[1551]**

Costa, Manuel Olímpio Rodrigues da. *Métodos e programas de ensino nas escolas primárias; adoção de compêndios.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 5 p.

Trabalho apresentado ao Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1883. **[1552]**

Costa, Sisenando. *A escola rural.* Rio de Janeiro. Inst. Bras. de Geogr. e Estatística, 1941. 115 p.

Demonstração de como se deve organizar uma escola regional, nos moldes de uma comunidade total de vida e de trabalho, seguida de orientação prática quanto ao ensino de técnicas agrícolas. **[1553]**

Couto, Miguel de Oliveira. *No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1927. 20 p.

Conferência realizada na Associação Brasileira de Educação e que teve notável repercussão. **[1554]**

Cruz, Guilherme Francisco. *Colonização e ensino popular.* Pará, Tip. da Constituição, 1875. 76 p.

Subsídios para história do ensino público no Pará; crítica à equiparação das escolas normais aos liceus ou ginásios. **[1555]**

Cruz, Noêmia Saraiva Matos. *Educação rural.* Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1936. 200 p.

Uma aplicação de ensino rural na escola primária: descrição dos trabalhos realizados no grupo escolar do Butantã, São Paulo. **[1556]**

Cunha, Antônio Estêvão da Costa e. *Memória sobre as escolas normais.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1878. 28 p.

Estudo histórico. **[1557]**

Cunha, Raul Leitão da. *Educação e assistência.* Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira & Cia., 1936. 103 p.

Discurso na Constituinte de 1934. **[1558]**

Dantas, Rodolfo Epifânio de Sousa. *Ensino de moral e religião nas escolas primárias, secundárias e normais.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 12 p.

Trabalho apresentado ao Congresso de instrução do Rio de Janeiro, 1883. **[1559]**

Degerando, Marie Joseph. *Curso normal para professores de primeiras letras;* traduzido por João Cândido de Deus Silva. Niterói, Tip. Niterói de M. G. de S. Rego, 1839.

Orientação para o ensino normal. A tradução é acompanhada das leis gerais e provinciais sobre o ensino primário da época. **[1560]**

Deligault. *Curso prático de pedagogia;* tradução de Joaquim Pires Machado Portela**.** Recife, Tip. Universal, 1865.

Primeira obra de exposição metódica do assunto publicada no país. **[1561]**

Dewey, John. *Vida e educação*; tradução de Anísio Teixeira. São Paulo, Melhoramentos, 1930. 138 p. (Biblioteca de Educação, v. 12).

Tradução de duas monografias *The child and the curriculum* e *Interest and effort in education*, precedidas de um estudo sobre a filosofia de Dewey, pelo tradutor. **[1562]**

Distrito Federal, Prefeitura. *Inspeção sanitária escolar.* Rio de Janeiro, Tip. de *O País* 1909. 46 p.

Descrição dos serviços de inspeção médico-escolar no Distrito Federal. **[1563]**

Domingues, Otávio. *A hereditariedade em face da educação.* São Paulo, Melhoramentos, 1929. 168 p. (Biblioteca de Educação, v. 6)

Exposição das doutrinas e dos conceitos fundamentais sobre a hereditariedade e a genética e suas relações com os processos educativos. **[1564]**

Dória, Antônio de Sampaio. *Como se ensina.* São Paulo, Monteiro Lobato & Cia., 1923. 132 p.

Princípios fundamentais do ensino intuitivo. **[1565]**

Dória, Antônio de Sampaio. *Educação moral e educação econômica.* São Paulo, Melhoramentos, 1928. 112 p. (Biblioteca de Educação, v. 3).

Doutrina e técnica dos problemas de educação moral e econômica na escola. **[1566]**

Dória, Antônio de Sampaio. *Psicologia.* São Paulo, Editora Nacional, 1930. 372 p.

Resumo das lições de psicologia que o autor professou, durante quase 10 anos, na Escola Normal de São Paulo. **[1567]**

Dória, Antônio de Sampaio. *Questões de ensino: a reforma de 1920 em São Paulo.* São Paulo, Monteiro Lobato, 1923.

Conferências, artigos de imprensa, e apreciações do autor em defesa da reforma da instrução pública paulista de 1920. **[1568]**

Dória, Franklin Américo de Meneses, barão de Loreto. *A instrução.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1877. 75 p.

Discursos pronunciados na Câmara dos Deputados sobre a reorganização do ensino primário e o ensino livre superior. **[1569]**

Dória, Luís Gastão de Escragnolle. *Memória histórica comemorativa do 1º Centenário do Colégio Pedro II, 2-12-1837 a 2-12-1937.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1937. 342 p.

Desenvolvido estudo da vida e da influência do principal estabelecimento de educação secundária no Brasil, cujo centenário de fundação foi comemorado em 1937. **[1570]**

Duque-Estrada, Domingos de Azevedo Coutinho. *Imperial sociedade amante da instrução***.** Rio de Janeiro, Tip. Perseverança, 1867. 36 p.

Histórico da criação e relatório das atividades da associação referida.

[1571]

Duque-Estrada, Luís Carlos, e **Freire**, Laudelino de Oliveira. *(Revista do Instituto didático,* v. 1; Rio de Janeiro, 1896).

Notícia sobre a evolução do ensino no Brasil. **[1572]**

Durkheim, Émile. *Educação e sociologia;* tradução de Lourenço Filho; com um estudo da obra pelo Prof. Paul Fauconnet. São Paulo, Melhoramentos, 1929. 116 p. (Biblioteca de Educação, v. 5)

A criança e a coletividade; papel do estado na educação; sociologia e pedagogia. **[1573]**

Escola normal secundária, São Paulo. *O laboratório de pedagogia experimental.* São Paulo, 1914. 156 p.

Estudos realizados por diversos professores inscritos num curso de psicologia experimental, aplicada à educação, e dirigido pelo professor italiano Ugo Pizzoti, da Universidade de Módena. **[1574]**

Espinheira, Ariosto. *Arte popular e educação.* São Paulo, Ed. Nacional, 1938. 182 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 4 – Atualidades pedagógicas, v.)

Contém o relato das observações do Bureau Internacional do Trabalho, conforme as publicações de 1935, sobre arte popular e, bem assim, o resumo de outros trabalhos de investigação acerca do mesmo assunto. **[1575]**

Espinheira, Ariosto. *Rádio e educação.* São Paulo, Melhoramentos, 1934. 118 p. (Biblioteca de Educação, v. 23)

Estudo das aplicações do rádio à educação popular e ao ensino. **[1576]**

Exposição pedagógica, 1ª, Rio de Janeiro. Conferências efetuadas na Exposição Pedagógica. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 210 p.

Conferências de propaganda.

[1577]

Exposição pedagógica, 1ª, Rio de Janeiro *1º Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 240 p.

Atas, pareceres e discursos. **[1578]**

Farias, Gelásio de Abreu, e **Meneses**, Francisco da Conceição. *Memória his-*

tórica do ensino secundário oficial na Bahia durante o primeiro século, 1837-1937. Bahia, Imp. Oficial do Estado, 1937. 434 p. **[1579]**

Fernandes, Maria da Glória. *A educação sob o ponto de vista da higiene pedagógica*. Rio de Janeiro, Tip. Altina de Paula Sousa & Cia., 1903. 158 p.

Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **[1580]**

Ferreira, Félix. *Do ensino profissional*. Rio de Janeiro, Imprensa Industrial, 1876. 237 p.

Subsídios para a história do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, com notas sobre o ensino técnico profissional e de belas-artes em vários países da Europa. **[1581]**

Ferreira, Valdemar Martins. *A Congregação da Faculdade de Direito de São Paulo, de 1827 a 1927*. São Paulo, Tip. Siqueira, 1927.

Memória histórica. **[1582]**

Figueiredo, Carlos Honório de. *Faculdades de Direito no Brasil*, 1859 (*In Revista do Instituto Histórico*, v. 22, p. 507).

Memória sobre a fundação das faculdades de direito do Brasil. **[1583]**

Figueiredo, José Bento da Cunha. *Concessão aos estabelecimentos de instrução secundária para validade de exames, mediante certas garantias*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884.

Trabalho apresentado ao Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1833. **[1584]**

Figueiredo, José Bento da Cunha. *Instrução pública*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1879.

Relatório sobre a situação do ensino primário e secundário do Município da Corte. **[1585]**

Filgueiras, José Antônio de Araújo (Júnior). *Instrução*. Rio de Janeiro, s.c.p., 1884.

Atas das sessões da Assembléia Geral da Associação Protetora da Instrução. **[1586]**

Firmo, Aníbal Bruno de Oliveira. *A educação nova*. Recife, Imp. Oficial, 1931. 20 p.

Conferência sobre os princípios da Escola Nova. **[1587]**

Fonseca, Corinto da. *A Escola ativa e os trabalhos manuais*. São Paulo, Melhoramentos, 1939. 158 p. (Biblioteca de Educação, v. 8).

Fundamentos dos trabalhos manuais; sua aplicação à pedagogia renovada. **[1588]**

Fontenele, José Paranhos. *A estatística em biologia e em educação*. Rio de Janeiro, Canton & Reile, 1932. 222 p.

Apresentação sistemática dos princípios da estatística e de sua aplicação à educação e à biologia. **[1589]**

Fontenele, José Paranhos e outros. *Programas do ensino para um curso de formação do professorado primário. (Arq. Inst. Educ. Univ.* Distrito Federal, 59 p.)

Planos do ensino aplicados ao curso de formação de professorado primário, em nível universitário. **[1590]**

Fontes, Sebastião. *Política e ensino*. Rio de Janeiro, L. C. Barros & Cia., 1931. 244 p.

Coletânea de artigos sobre os problemas do ensino secundário. **[1591]**

Fraga, Clementino. *Ensino médico e medicina social*. Rio de Janeiro, Edit. Guanabara, 1932. 277 p.

Discursos e conferências. **[1592]**

Franca, Leonel Edgard da Silveira, S.J., *Ensino religioso e ensino leigo.* Rio de Janeiro. Schmidt editor, 1931. 164 p.

O ensino religioso nas escolas e seus principais aspectos. **[1593]**

França, Alípio. *Noções de pedagogia experimental.* Bahia, Tip. Peixoto, 1915. 139 p.

Compêndio de pedagogia, metodologia e organização escolar. **[1594]**

Frazão, Manuel José Pereira. *O ensino público primário.* Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, 1893. 516 p. ilus.

Relatório apresentado à Inspetoria-Geral de Instrução Primária da Capital Federal. **[1595]**

Frazão, Rosalina. *Classificação das escolas primárias e disciplinas que devem ser ensinadas;* material escolar. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 10 p.

Trabalho apresentado ao Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1883. **[1596]**

Freire, Araci Muniz. *A orientação educacional na escola secundária.* São Paulo, Editora Nacional, 1940. 129 p., 20 x 13 cm.

A autora, que estudou o assunto em escolas norte-americanas, expõe a experiência de orientação educacional que realizou na Escola Amaro Cavalcanti, do Rio de Janeiro, nos anos de 1935 a 1939. **[1597]**

Freitas, Mario Augusto Teixeira de. *Dispersão demográfica e escolaridade.* Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940. 31 p. 26 cm.

Estudo da capacidade real e capacidade virtual da escola primária brasileira, em face da densidade da população, variável de região a região no país. **[1598]**

Freitas, Mário Augusto Teixeira de. *Educação rural.* Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1934. 26 p.

Sugestões para a criação de colônias-escolas. **[1599]**

Freitas, Mário Augusto Teixeira de. *O ensino primário no Brasil.* São Paulo, Melhoramentos, 1934. (Biblioteca de Educação, v. 21)

Exposição geral da organização do ensino nos vários estados. **[1600]**

Freitas, Mário Augusto Teixeira de. *O que dizem os números sobre o ensino primário.* São Paulo, Melhoramentos, s.d. 174 p. (Biblioteca de Educação, vol. 27).

Um notável *survey* sobre a situação real do ensino primário brasileiro, em sua extensão e em sua qualidade, à luz dos dados estatísticos colhidos pelo Ministério de Educação, onde o autor desempenha as funções de chefe de estatística. As conclusões a que chega essa autoridade é a de que a escola primária é "deficiente em número e ineficiente na qualidade do ensino que fornece." Os dados se referem a todo o país e são interpretados em média para o ensino primário de todo o Brasil. **[1601]**

Freitas, Olímpia Lemos. *O problema da assistência a menores abondonados, delinqüentes e anormais, em São Paulo.* São Paulo, s.c.p., 1936. 168 p.

Estudos dos problemas relacionados com a infância abandonada, delinqüentes e anormais. **[1602]**

Fuchs, Rodolfo. *O ensino profissional na Alemanha.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Ministério da Educação, 1939. 76 p.

Relatório apresentado ao Ministro da Educação pelo representante do Brasil no 5º Congresso Interna-

cional de Ensino Profissional, realizado em Berlim, em julho de 1938.

[1603]

Galazza, Ernesto, e **Lourenço**, Manuel Berström (filho). *Bibliografia pedagógica da América Latina.* (*Handbook of Latin-American Studies for 1938*, Cambridge, Mass., 1938). 24 p. Separata.

Relação comentada das principais obras e estudos de educação publicadas nos países ibero-americanos.

[1604]

Galvão, Benjamin Franklin Ramiz, barão de Ramiz Galvão. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, Tip. Revista dos Tribunais, 1922. 19 p.

Exposição apresentada ao Conselho Superior de Ensino na sessão de 17-7-1922, pelo autor. **[1605]**

Geenen, Henrique. *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo.* São Paulo, Melhoramentos, 1928. 140 p. (Biblioteca de Educação, v. 4)

O organismo e o caráter; a hereditariedade e o caráter; classificação dos temperamentos. **[1606]**

Gomes, Alfredo Augusto. *Ensino municipal.* Rio de Janeiro, Rodrigues & Cia., 1897. 82 p.

Crítica e comentário ao Decreto de 9 de abril de 1897, que reformou o ensino municipal no Distrito Federal. **[1607]**

Guerra, Odilon Pereira de Sousa. *A nacionalização do ensino no Brasil.* Rio de Janeiro, C. Sertaneja, 1940. 20 p. 23 x 16 cm.

Ensaio sobre uma política de nacionalização do ensino. **[1608]**

Guimarães, Aprígio Justiniano da Silva. *Estudo sobre o ensino público.* Recife, G. H. de Mira & Cia., 1861. 118 p.

Artigos e discursos sobre vários problemas de organização escolar.

[1609]

Guimarães, Orestes. *Sugestões sobre a educação popular no Brasil.* Florianópolis, P. Simone & Cia., 1924. 135 p.

Considerações sobre a organização de um Conselho Nacional de Educação e sobre o ensino urbano e rural. **[1610]**

Guimarães, Pinheiro. *O ensino público.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1907. 280 p.

Estudos sobre vários assuntos de organização escolar. **[1611]**

Inhomerim, barão de.

vide

Andrade, Vicente Navarro de.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. *Educação e estatística.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Instituto, 1941. 48 p.

Documentário oferecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística aos professores-alunos do curso de férias, levado a efeito, no Rio de Janeiro, pela Associação Brasileira de Educação, em maio de 1941. **[1612]**

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. *O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Educação:* elucidário apresentado à I Conferência Nacional de Educação. Rio de Janeiro, Inst. Bras. de Geografia e Estatística, 1941. 2 v. 847, 382 p.

Na organização e desenvolvimento de numerosos serviços públicos, no país, vem tendo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, instituição paraestatal, poderosa e eficaz influência, a qual se tem exercido

por levantamento e inquéritos estatísticos sistemáticos, por publicações de geografia e estatística, cursos de conferências e campanhas tendentes à racionalização e normalização dos serviços. Os dois volumes desta publicação, com mais de mil páginas, documentam a ação construtiva do IBGE, no domínio da educação brasileira. O v. 1 contém uma coletânea de estudos, de valor atual e histórico, de diferentes autores vivos e mortos; o v. 2, trata da normalização das estatísticas educacionais, do problema da ortografia, do ensino da geografia e da educação cívica, além de outros assuntos. Ambos os volumes trazem sinopses estatísticas do movimento do ensino, nos anos de 1932 a 1938. **[1613]**

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. *Repertório estatístico do Brasil: situação cultural, nº 1.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Instituto, 1941.

Dados estatísticos referentes a ensino brasileiro em geral, até o ano de 1938; movimento de bibliotecas, museus, arquivos públicos, institutos técnico-científicos, imprensa periódica, congressos, culto e diversões públicas. **[1614]**

Instituto Nacional de Cinema Educativo, Rio de Janeiro. *Filmoteca.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Ministério da Educação, 1939. 62 p.

Catálogo dos filmes produzidos por este Instituto, com explicações do assunto de cada um. **[1615]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Administração dos serviços de educação.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Inst. Bras. de Geogr. e Estatística, 1941. 127 p.

Descrição e análise da organização administrativa dos serviços educacionais em cada estado brasileiro, no Distrito Federal e Território do Acre; pessoal empregado; remuneração. **[1616]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *O ensino no Brasil no qüinqüênio 1932-36.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Ministério da Educação, 1939. 84 p.

Ensaio de interpretação estatística do movimento do ensino brasileiro, em todos os graus e ramos, no período de 1932-36, realizado por este Instituto. **[1617]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Intercâmbio de trabalhos escolares.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Ministério da Educação, 1939. 24 p.

Exposição dos trabalhos de intercâmbio de trabalhos infantis, entre as escolas brasileiras e japonesas. **[1618]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Oportunidades de educação na capital do país.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1941. 258 p.

Catálogo sistemático dos cursos oferecidos pelas escolas do Rio de Janeiro, públicas e particulares, seguido de vários índices analíticos, para fins de orientação educacional. **[1619]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; I, Estado do Amazonas.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939. 50 p. (Boletim nº 2).

Descrição das instituições de ensino primário e normal no Estado do Amazonas; princípios e normas de sua administração; formação do professorado; carreira de professor.

[1620]

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; II, Estado do Pará.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Ministério da Educação e Saúde, 1940. 46 p., 23 cm.

Súmula da legislação escolar vigente e situação estatística no ano de 1937. **[1621]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; III, Estado do Maranhão.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940. 54 p., 23 x 16 cm.

Súmula da legislação vigente e situação estatística no ano de 1937.

[1622]

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; IV, Estado do Piauí.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940. 44 p., 23 x 16 cm.

Súmula da legislação vigente e situação estatística no ano de 1937.

[1623]

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; V, Estado do Ceará.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940. 56 p., 23 x 16 cm.

Súmula da legislação vigente e situação estatística no ano de 1937.

[1624]

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; VI, Estado do Rio Grande do Norte.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940. 40 p., 23 x 16 cm.

Súmula da legislação vigente e situação estatística no ano de 1937.

[1625]

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; VII, Estado da Paraíba.* Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940. 32 p., 23 x 16 cm.

Súmula da legislação vigente e situação estatística no ano de 1937.

[1626]

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; VIII, Estado de Pernambuco.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1941. Ministério da Educação, 1940. 42 p.

Súmula da legislação vigente e sinopse estatística. **[1627]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; IX, Estado de Alagoas.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941. 32 p.

Súmula da legislação vigente e sinopse estatística. **[1628]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; X, Estado de Sergipe.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1941. 36 p.

Súmula da legislação vigente e sinopse estatística. **[1629]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; XI, Estado da Bahia.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Inst. Bras. de Geogr. e Estatística, 1941. 50 p.

Súmula da legislação vigente e sinopse estatística. **[1630]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Organização do ensino primário e normal; XII, Estado do Espírito Santo.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Inst. Bras. de Geogr. e Estatística, 1941. 43 p.

Súmula da legislação vigente e sinopse estatística. **[1631]**

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro. *Situação geral do ensino primário.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Inst. Bras. de Geogr. e estatística, 1941. 143 p.

O ensino primário brasileiro, já no seu crescimento nos últimos anos, já na sua organização, já ainda no seu rendimento, é apresentado num capítulo de introdução, a que se seguem outros de estudo especial referente à situação em cada estado brasileiro. **[1632]**

Jacarandá, Conrado. *O aspecto moral da educação sexual coletiva.* Rio de Janeiro, Sauer, 1931. 62 p.

Crítica a um projeto apresentado ao Congresso Nacional no sentido de realização de conferências sobre higiene individual e sexual nas escolas. **[1633]**

James, William. *Palestras pedagógicas;* trad. de Teodoro de Morais. São Paulo, Tip. A. Siqueira & Cia. 1917. 120 p.

Questões de ensino vistas através da psicologia. **[1634]**

Jardim, Renato. *Escola nova: coletivismo e individualismo.* Porto Alegre, Livr. do Globo, 1936. 181 p.

A educação e os problemas sociais; ensino ativo e socialização. **[1635]**

Jardim, Renato. *Psicanálise e educação.* São Paulo, Melhoramentos, 1931. 190 p.

Resumo comentado das doutrinas de Freud e crítica de sua aplicabilidade à educação. **[1636]**

Kaseff, Leôni. *Educação dos supernormais.* Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira & Cia., 1931. 296 p.

Como formar a elite nas democracias: filosofia, psicologia e pedagogia dos supernormais. **[1637]**

Kaseff, Leôni. *Introdução à filosofia da educação.* Rio de Janeiro, s.c.p., s.d. 250 p.

Estuda os conceitos da liberdade e da educação; apresenta a educação como "um processo de libertação da personalidade e de sublimação dos pendores gregários do homem". **[1638]**

Kelly, Celso. *Educação social.* São Paulo, Editora Nacional, 1934. 214 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 3 – Atualidades Pedagógicas, v. 10)

A civilização atual; a educação e seu âmbito; a educação e o tempo: a educação e o espaço; a educação e o trabalho; a educação e a moral. **[1639]**

Kerschensteiner, George. *A alma do educador e o problema da formação do professor;* trad. do dr. Zoram Nimitch. Rio de Janeiro, Atlântida Edit. 1934. 147 p.

Atributos do professor; sua formação moral. **[1640]**

Kilpatrick, William Heard. *Educação para uma civilização em mudança;* trad. de Noemi Silveira. Rio de Janeiro, São Paulo, Melhoramentos, 1933. 122 p. (Biblioteca de Educação, v. 8).

Os deveres da educação em face da mudança da vida social e de costumes. **[1641]**

Lacerda, José Cândido Sampaio de. *Esboço histórico sobre a organização dos cursos jurídicos no Brasil.* Rio de Janeiro, Canton & Reite, 1939. 42 p.

Sumário da legislação brasileira referente ao ensino de Direito, de 1827 a 1937. **[1642]**

Laet, Carlos Maximiano Pimenta de. *Colégio Pedro II.* Rio de Janeiro, Tip. Revista dos Tribunais, 1918. 116 p.

Relatório concernente ao ano letivo de 1917. **[1643]**

Laet, Carlos Maximiano Pimenta de. *Relatório sobre as atividades do Colégio Pedro II, em 1923.* Rio de Janeiro, Pap. Americana, 1924. 114 p. **[1644]**

Leal, Humberto Sousa. *Prédios para escolas secundárias.* São Paulo, Secretaria da Educação e Saúde. 46 p. (Boletim nº 16)

Inquérito realizado sobre as condições das novas construções escolares destinadas a escolas secundárias no Estado de São Paulo. **[1645]**

Leão, Antônio Carneiro. *O Brasil e a educação.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1917. 203 p.

Discursos e conferências, proferidas em 1915 e 1916, no Rio de Janeiro e em São Paulo. **[1646]**

Leão, Antônio Carneiro. *A educação nos Estados Unidos: da chegada do* Mayflower *aos dias presentes.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1940. 100 p. 3 grav., 6 graf., 23 x 15 cm.

A lógica norte-americana na realização de sua política educacional. A política escolar na Europa e na América do Norte; razões essenciais de suas diferenças. Os pioneiros da renovação escolar européia e sua fascinação pelo experimentalismo norte-americano. **[1647]**

Leão, Antônio Carneiro. *L'enseignement des langues vivantes.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1934. 122 p.

O ensino das línguas vivas no Colégio Pedro II, a partir de 1931. **[1648]**

Leão, Antônio Carneiro. *O ensino na Capital do Brasil.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1929. 256 p.

Exposição e justificativa dos trabalhos empreendidos pelo autor na administração do ensino do Distrito Federal. **[1649]**

Leão, Antônio Carneiro. *Introdução à administração Escolar.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1939. 426 p. (Bib. Pedagógica Bras., sér. 3 – Atualidades Pedagógicas, nº 33)

Organização e administração; técnica da administração escolar; inspeção escolar; flexibilidade dos cursos; articulação dos cursos; o problema do método. **[1650]**

Leão, Antônio Carneiro. *Organização da educação no Estado de Pernambuco.* Recife, Imp. Oficial, 1929. 252 p.

Justificação apresentada ao Secretário da Justiça e Negócios Interiores do Estado; lei orgânica estadual; comentários, opiniões de associações e da imprensa. **[1651]**

Leão, Antônio Carneiro. *Palavras de fé.* Rio de Janeiro. Alves, 1928. 364 p.

Vários trabalhos sobre a paz pela escola; orientação pedagógica para torná-la um fator da paz entre os povos e, sobretudo, promover a confraternização continental. **[1652]**

Leão, Antônio Carneiro. *Pela educação rural.* Rio de Janeiro, Tip. Revista dos Tribunais, 1918. 22 p.

Conferência sobre a necessidade de se dar à educação popular maior sentido prático, com orientação para a vida do campo. **[1653]**

Leão, Antônio Carneiro. *Rural sociology and rural education in Brazil.* (Educational yearbook of the International institute of teachers college, New York, 1938, p. 39-68) **[1654]**

Leão, Antônio Carneiro. *Sociedade rural.* Rio de Janeiro, *A Noite*, s.d. 368 p.

A sociedade rural e seus problemas; a área de cultura e o problema da escola; a vida rural no estrangeiro e no Brasil; bases para a organização da educação rural. **[1655]**

Leão, Antônio Carneiro. *Tendências e diretrizes da escola secundária.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, s.d. 293 p.

Estudo de educação comparada e sugestões para a organização do ensino secundário no país; o autor advoga um plano de estudos flexível. **[1656]**

Leitão, Antônio Candido da Cunha. *O ensino primário e secundário e um plano nacional de ensino.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1886.

Bases para a reorganização dos ensinos primário e secundário no Município Neutro, desenvolvimento da instrução pública nas províncias e elevação do ensino secundário em todo o Império. **[1657]**

Leite, Serafim, S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* 4 volumes. Lisboa e Rio, 1938 a 1943.

Indispensável para se conhecer a obra dos jesuítas do Brasil. Serafim Leite e Madureira realizaram a condição preliminar de Capistrano de Abreu, para quem pretenda escrever a História do Brasil, ou seja a de começar escrevendo a história da Companhia de Jesus em nosso país. (R.B.) **[1658]**

Leite, Tobias Rebelo. *Ensino dos surdos-mudos.* 3ª edição. Rio de Janeiro, Tip. Laemmert, 1881.

Compêndio para o ensino dos surdos-mudos. **[1659]**

Leite, Tobias Rebelo. Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1876.

Notícia do Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro enviada para a Exposição de Filadélfia com os artefatos de seus alunos. **[1660]**

Leite, Tobias Rebelo. *Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1877-1880. 88 p.

Relatórios sobre a vida do Instituto apresentado pelo seu diretor, nos anos de 1877, 1878, 1879 e 1880. **[1661]**

Leme, Pascoal. *Educação supletiva: educação de adultos.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1940. 64 p., 23 x 16cm.

Fundamentos sociais e evolução da educação de adultos; a educação de adultos no Brasil; uma experiência de cursos de continuação, aperfeiçoamento e oportunidade realizada no Distrito Federal. **[1662]**

Leôncio, Carlos. *Pedagogia: manual teórico-prático para uso dos educadores.* V. 1: *O educando e sua educação.* São Paulo, Liv. Salesiana, 1938. 466 p.

O autor, que é professor no Instituto Teológico Salesiano Pio XI, de

São Paulo, inicia a publicação de um tratado, que se estenderá por dois outros livros, a serem dedicados, respectivamente, ao estudo do educador e da didática. Os fundamentos do trabalho são os da filosofia tomista. **[1663]**

Lima, Augusto de (Júnior). *D. Bosco e sua arte educativa.* Prefácio de Mário Lima. Niterói, 1929.

Estudo sobre a vida e obra de Dom Bosco. **[1664]**

Lima, Azevedo. *O problema do prédio escolar no Distrito Federal. (In Cultura Política,* Rio de Janeiro, ano I, nº 5, julho, 1941.) p. 77-103.

Estudo sobre a situação dos prédios escolares na capital brasileira, sob os aspectos econômico, social e de higiene pedagógica. **[1665]**

Lima, César Augusto Viana de. *Ensino primário.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1885. 98 p.

Estudo sobre o ensino primário no Reino-Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. **[1666]**

Lima, Nestor. *Um século de ensino primário.* Natal, Tip. da *A República*, 1927. 208 p.

Memória sobre a evolução do ensino primário no Rio Grande do Norte. **[1667]**

Lima, Noraldino. *O momento pedagógico.* Belo Horizonte, 1934. 253 p.

Estudos vários. **[1668]**

Lisboa, Aquiles. *Sobre o melhor meio de divulgação do ensino primário no Brasil.* Rio de Janeiro, Pongetti, 1926.

Monografia apresentada à Academia Brasileira de Letras. **[1669]**

Lopes, Antônio Ribeiro de Castro. *Sinopse de pedagogia e metodologia didática.* Campos (Estado do Rio) s.c.p., 1928. 256 p.

Compêndio para alunos de escolas normais. **[1670]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Alguns aspectos da educação primária.* Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Inst. Bras. de Geogr. e Estatística, 1940. 18 p.

O autor estuda a educação primária brasileira sob os aspectos geográfico, demográfico, político-social, administrativo, de rendimento do ensino e de despesas. **[1671]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Congressos e conferências de educação. (In Formação,* Rio de Janeiro, ano IV, dezembro, 1941) p. 5-17.

Resenha histórica das reuniões de educadores e administradores de ensino no Brasil, a partir de 1883, data em que se cogitou da primeira reunião do gênero, com caráter nacional. **[1672]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Educação e educação física. (In Estudos e Conferências,* Rio de Janeiro, nº 14, dezembro, 1941.) p. 5-22.

Confronto entre o conceito da educação em geral e o de educação física, à luz da evolução histórica desta última e de seus fundamentos científicos na atualidade. **[1673]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *A educação, problema nacional. (In Brasil, 1940-1941,* Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1941.) p. 55-66.

Proposição dos problemas atuais da educação brasileira, sob o ponto de vista das tendências históricas, da situação política atual, da orga-

nização técnica necessária e dos recursos. **[1674]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *A escola ativa direta.* Cruzeiro, 1941. 24 p. (Coleção Cruzeiro)

Apreciação geral da experimentação pedagógica realizada no Instituto Cruzeiro, na cidade brasileira do mesmo nome, pelo educador Álvaro Neiva. **[1675]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *A Escola de Professores do Instituto de Educação.* (*Arquivos do Instituto de Educação,* v. 1, nº 1, p. 16-26; Rio de Janeiro, junho 1934.)

Histórico, organização geral e atividades da referida escola, no período de 1933 e 1934. **[1676]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *A Escola Nova.* S. 1., s.c.p., 1927. 24 p.

Resposta ao inquérito que, acerca do ensino paulista, promoveu o jornal *O Estado de S. Paulo* em junho de 1926. **[1677]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Estatística e educação.* Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Inst. Bras. de Geogr. e Estatística, 1940. 23 p.

A estatística, como instrumento de organização social da educação, e como método nas pesquisas do ensino; indicação de estudos desse gênero no país. **[1678]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Introdução ao estudo da escola nova.* São Paulo, Melhoramentos, 1930. 232 p. (Biblioteca de Educação, v. 11.)

Apresentação dos novos princípios e das novas técnicas de educação; sistemas empíricos e de aplicação científica; questões gerais de aplicação. A 5ª edição, tirada em 1942, apresenta acréscimos e fotografias de realizações brasileiras. **[1679]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Pesquisa sobre o programa mínimo. (In Boletim da Educação Pública.* Rio de Janeiro, Secretaria-Geral da Educação e Cultura, 1936). 20 p.

Apresentação dos resultados de um inquérito feito entre professores, diretores de escolas e superintendentes escolares sobre os programas de ensino primário. **[1680]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Tendências da educação brasileira.* São Paulo, Melhoramentos, 1940. 164 p. (Biblioteca de Educação, v. 30)

Ensaio de interpretação da revolução da educação no Brasil, nas suas instituições e no pensamento pedagógico que as teria acompanhado. **[1681]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Testes A.B.C. para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita.* São Paulo, Melhoramentos, 1933. 152 p. (Biblioteca de Educação, v. 20)

Noções gerais sobre a organização, a aferição, aplicações e técnica do emprego dos referidos testes, organizados pelo autor; documentação da aplicação dos mesmos testes em mais de 50 escolares. **[1682]**

Lourenço, Manuel Bergström (Filho). *Estatística escolar, 1930.* São Paulo, Diretoria-Geral do Ensino, 1931. 114 p.

Análise estatística do movimento escolar no Estado de São Paulo com uma introdução relativa à importância da estatística na organização do

ensino e histórico da estatística escolar. **[1683]**

Lousada, Afonso. *O cinema e a literatura na educação da criança.* Rio de Janeiro. Imp. Oficial, 1939. 42 p.

Contém os seguintes estudos: "O cinema e a literatura na educação da criança" e "Melo Matos, o apóstolo da infância". **[1684]**

Luderit, João. *Relatório de remodelação do ensino profissional técnico.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1925. 383 p.

Relatório apresentado ao Ministério da Agricultura, no qual se descreve a situação do ensino profissional existente. **[1685]**

Luz, Fábio (Filho). *Cooperativas escolares.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. 168 p.

Vantagens das cooperativas com instituições auxiliares da educação social; comentário sobre a lei das sociedades cooperativas. **[1686]**

Luz, José Carlos Alambari. *Trabalhos da 9ª Conferência Pedagógica dos Professores Públicos Primários da Corte.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1886. **[1687]**

Luzuriaga, Lorenzo. *A escola única:* trad. de J. B. Damasco Pena. São Paulo, Melhoramentos, 1934. 106 p. (Biblioteca de Educação, v. 22)

Conceito da escola única; concepção da escola única: problemas e soluções. **[1688]**

Macaúbas, Barão de.

vide

Borges, Abílio César.

Macedo, Joaquim Teixeira de. *Breves apontamentos para o estudo das questões relativas ao ensino normal, primário e a educação popular.* Rio de Janeiro, João M. A. A. d'Aguiar, 1877. 234 p.

Apontamentos para estudo das questões relativas ao ensino normal e à educação popular, coligidos de várias publicações em língua alemã. **[1689]**

Macedo, Joaquim Teixeira de. *O ensino normal primário na Prússia.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1875. 189 p.

Exposição pormenorizada da organização do ensino público na Prússia. **[1690]**

Macedo, Joaquim Teixeira de. *A instrução pública na Prússia.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1871. 315 p.

Estudo sobre a legislação e organização da instrução pública na Prússia. **[1691]**

Madureira, J. *A liberdade dos índios -- A Companhia de Jesus: sua pedagogia e seus resultados.* Rio, Imprensa Nacional, 1939. v. 2, 6ª parte: "Resultados da pedagogia da Companhia de Jesus no Brasil Colonial (1549-1759)", caps. I e III, pp. 351-389-405.

Recomendável para um juízo sobre a pedagogia dos jesuítas e seus resultados, principalmente no Brasil. Talvez convenha lê-lo antes da obra de Serafim Leite, que estuda exclusivamente a ação inaciana em nosso País. (R.B.) **[1692]**

Magalhães, Alfredo Ferreira. *Noções de pedagogia.* Bahia, A Nova Gráfica, 1927. 97 p.

Conferências sobre a educação da criança: como tratá-la, como conduzi-la cientificamente para ser forte de corpo e de espírito. **[1693]**

Magalhães, Basílio de. *Tratamento das crianças anormais de inteligência.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1913. 194 p.

A situação do problema no mundo e no Brasil: o processo de diagnose e seleção; métodos de tratamento e a metodologia do ensino dos anormais. **[1694]**

Magalhães, Lúcia de Andrade. *Evolução e situação atual do ensino secundário no Brasil.* (*Formação*, ano III, nº 22; Rio de janeiro, 1940)

Sumário histórico e apreciação do regime de ensino secundário brasileiro. **[1695]**

Magalhães, Lúcia de Andrade. *Psicologia pedagógica da adolescência.* Rio de Janeiro, Renascença Editora, 1933. 194 p.

Estudo da adolescência do ponto de vista educativo em seus aspectos físico, moral e penal. **[1696]**

Mamer, Mary Helen, e **Fitzpatrick**, Ed. *Filosofia de educação de S. Tomás de Aquino.* Trad. de Maria Inês de Morais Cardim e Leonardo Van Acker. São Paulo, Liv. Editora Odeon, 1936. 230 p.

Introdução à filosofia educacional de São Tomás de Aquino, o *De Magistro*; comentário da filosofia tomista; São Tomás e a educação moderna. **[1697]**

Maranhão, Paulo. *Testes pedagógicos.* Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 1926. 160 p.

Exposição de experiências feitas em escolas do Rio de Janeiro; modelos de testes pedagógicos de variadas disciplinas. **[1698]**

Marinho, Inezil Pena. *Educação física.* Rio de Janeiro, Tip. da Comp. Sertaneja, 1940. 22 p., 23 cm.

Histórico e situação estatística atual da educação física nos estabelecimentos de ensino brasileiros. **[1699]**

Marques, Orminda Isabel. *A escrita na escola primária.* São Paulo, Melhoramentos, 1936. 176 p. (Biblioteca de Educação, v. 26)

Estudos dos fundamentos da escrita e de seus processos didáticos. **[1700]**

Maruiá, Barão de.

vide

Matos, João Wilkens de.

Matos, João Wilkens de, Barão de Maruiá. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1874.

Relatório sobre o estado da instrução pública do Pará. **[1701]**

Matos, José Veríssimo Dias de. *A educação nacional.* Pará, Liv. Universal, 1890. 182 p.

Coletânea de estudos vários, versando o tema central da necessidade de organizar-se a educação do país com sentido nacional. **[1702]**

Matos, José Veríssimo Dias de. *A instrução e a imprensa no Brasil. (Livro do Centenário*, v. 1, cap. IV, pp. 5-12, Rio, Imp. Nacional, 1909).

Faz uma síntese rápida da história do ensino no Brasil até o advento do século XX. **[1703]**

Medeiros e Albuquerque

vide

Albuquerque, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e.

Melo, Baltasar Vieira de. *Escolas ao ar livre e colônias de férias para débeis; escolas para tardos intelectuais.* São Paulo, Casa Espíndola, 1917.

Orientação para a organização da educação emendativa. **[1704]**

Melo, Joaquim Pedro de. *Generalidades acerca da educação física dos meninos.* Rio

de Janeiro, Tip. Teixeira & Cia., 1846.

Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **[1705]**

Melo, Osmar da Cunha e. *Menores abandonados e delinqüentes.* Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1939. 130 p.

Inquérito estatístico-social sobre a situação dos menores abandonados e delinqüentes no Rio de Janeiro. **[1706]**

Melo, Osmar da Cunha e. *Menores transviados.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1941. 201 p.

Inquérito estatístico sobre as causas da delinqüência juvenil, através do movimento do Juízo de Menores do Rio de Janeiro. **[1707]**

Mendes, Raimundo Teixeira. *A universidade.* Rio de Janeiro, Tip. da *Gazeta de Notícias*, 1882.

Coletânea de artigos sobre a organização universitária. **[1708]**

Meneses, Djacir. *Diretrizes da educação nacional.* Fortaleza, Tip. Gadelha, 1932. 82 p.

Significação sociológica da educação: seus fundamentos biológicos. **[1709]**

Meneses, José Augusto Bezerra de. *Pela educação nacional.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio,* 1918. 254 p.

Discursos e pareceres sobre a liberdade de ensino e liberdade de profissão: regímen eleitoral e educação; a União e o ensino primário. **[1710]**

Menucci, Sud. *Crise brasileira de educação.* São Paulo, Edit. Piratininga, 1934. 294 p.

Estudo sobre as deficiências da educação, do ponto de vista social, em relação especialmente sobre as necessidades da vida rural. **[1711]**

Menucci, Sud. *Instrução Pública (1822-1922) (In O Estado de S. Paulo,* 7 de setembro de 1922).

Artigo sobre o ensino público no século decorrido, publicado em *O Estado de S. Paulo,* ao se comemorar o primeiro centenário da Independência. Cabe ao autor a primazia de apontar um dos males fundamentais do nosso ensino público, que é o de se fundarem cursos superiores e instituições culturais sem o desenvolvimento paralelo das bases – o ensino primário e o secundário. (R.B.) **[1712]**

Minas Gerais. Departamento da Educação. *A homogeneização das classes e os resultados escolares em quatro anos, 1935-1938. (In Revista do Ensino,* Belo Horizonte, XIII, 73).

Relatório de uma experimentação de classificação dos alunos por testes mentais, e dos resultados dessa classificação no ensino, por quatro anos seguidos, nas escolas primárias do Estado de Minas Gerais. **[1713]**

Moacir, Primitivo. *O ensino comum e as primeiras tentativas de sua nacionalização na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1835-1889.* Porto Alegre, Livraria do Globo, 1940. 14 p.

Memória apresentada ao III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia. **[1714]**

Moacir, Primitivo. *O ensino público no Congresso Nacional.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio,* 1916. 206 p.

Os projetos e leis de ensino aparecidos no Congresso Nacional des-

de o início da República até a Reforma Rivadávia. **[1715]**

Moacir, Primitivo. *A instrução e a República.* Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1941. 3. v.

Conteúdo: 1, Reformas Benjamin Constant, 1889-1892 – v. 2, Código Fernando Lobo, 1892-1899 – v. 3, Código Epitácio Pessoa, 1900-1910.

A educação brasileira já devia ao A. magníficos estudos relativos à sua história no período imperial: a esses junta ele uma nova coleção sobre o desenvolvimento da educação, a partir da Proclamação da República, obra esta que se estenderá por sete volumes. **[1716]**

Moacir, Primitivo. *A instrução e as províncias.* V. 3. São Paulo, Editora Nacional, 1940. 592 p., 18 cm.

O A., que já publicou dois volumes sobre a organização do ensino nas antigas províncias do império brasileiro, apresenta agora a matéria referente a Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás. **[1717]**

Moacir, Primitivo. *A instrução e o império.* São Paulo, Editora Nacional, 1936-1937.

O mais louvável esforço que se tem feito para historiar a educação no Brasil. O autor publicou em 1916 um volume sobre o ensino público no Congresso Nacional. A indicar-se uma única obra sobre a história da educação brasileira, certamente será esta a aconselhável. A bibliografia, todavia, não é circunstancialmente indicada, nem filia o vulto daquele que o autor leu e cotejou. Por outro lado, a distribuição da matéria pelos vários graus de educação é algo embaraçosa, parecendo-nos que a ordem cronológica geral seria mais prática. **[1718]**

Monroe, Paul. *História da educação;* tradução de Nélson Cunha Azevedo. São Paulo, Edit. Nacional, 1939. 460 p. **[1719]**

Monteiro, Joaquim dos Remédios. *O ensino obrigatório.* Santa Catarina, Tip. de J. J. Lopes, 1872. 18 p.

Carta aos membros da Assembléia Provincial de Santa Catarina, na qual se advoga o ensino obrigatório. **[1720]**

Morais, Pedro Deodato de. *Pedagogia científica.* Vitória, *Diário da Manhã,* 1929. 403 p. e anexos.

Base científica da educação e métodos da escola ativa. **[1721]**

Moura, Abner de. *Os centros de interesse na escola.* São Paulo, Melhoramentos, 1931. 96 p. (Biblioteca de Educação, v. 15)

Decroly e sua obra educacional: plano de lições globalizadas. **[1722]**

Moura, Francisco. *As conferências populares no Brasil; iniciativa do Sr. Cunha Leitão.* Rio de Janeiro, Pinheiro & Cia., 1874. 16 p.

Dados históricos e comentários sobre a situação do ensino no país. **[1723]**

Moura, Maria Lacerda. *Lições de pedagogia.* São Paulo, s.c.p, 1925. 269 p.

Estudos sobre o conceito de pedagogia e sobre educação física: a educação dos sentidos e o crescimento físico na criança e no adolescente. **[1724]**

Nascimento, Alba Canizares. *Prática de pedagogia social.* Rio de Janeiro, Of. Graf. Alba, 1933. 412 p.

Experiências de escola nova; plano Dalton e novos sistemas escolares; formação do mestre e sociologia educacional. **[1725]**

Nina, Celina Airlie. *Uma experiência brasileira de educação pré-primária.* Rio de Janeiro, Canton & Reille, 1940. 60 p., 23cm.

Descrição de uma experimentação de ensino ativo realizada num jardim de infância dirigido pela autora. **[1726]**

Nurinelly, Luís José de. *Imperial sociedade amante de instrução.* Rio de Janeiro. Tip. Perseverança, 1868. 40 p.

Considerações acerca da importância dos trabalhos da sociedade que dá o título ao trabalho. **[1727]**

Oliveira, Antônio de Almeida. *O ensino público.* Maranhão, M.F.U. Pires, 1874. 472 p.

Situação em que se achava o ensino público no Brasil e sugestões para sua completa reforma. **[1728]**

Oliveira, Carlos Gomes de. *Nacionalização do ensino.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939. 128 p.

Discursos e conferências em que se desenvolve o tema da assimilação dos colonos estrangeiros pela ação da escola. **[1729]**

Oliveira, Francisco Sales de. *Educação e organização científica do trabalho.* São Paulo, Ed. Nacional, 1938. 590 p.

Engenheiro e administrador, o autor documenta neste livro as suas iniciativas no domínio da educação e da organização de indústrias e serviços públicos. **[1730]**

Oliveira, João José Barbosa de. *Instrução pública.* Bahia, 1858.

Relatório sobre a situação do ensino na Província da Bahia. **[1731]**

Oliveira, João José Barbosa de. *Instrução pública.* Bahia, 1861.

Relatório sobre a situação do ensino na Bahia no ano de 1860. **[1732]**

Oliveira, João José Barbosa de. *Regulamento geral e programas do ensino e horários das escolas normais primárias.* Bahia, Tip. A. D. da França Guerra, 1861. 24 p., 1 mapa. **[1733]**

Oliveira, Júlio de. *A escola Decroly e a aplicação de seus processos no Estado de Minas Gerais.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1930. 134 p.

Breve exposição da doutrina e prática da pedagogia de Decroly. **[1734]**

Oliveira, M. Santos de. *História da instrução pública. (Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico,* Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1922, Tomo I, ca XV, p. 373-382.)

Possui o préstimo de apresentar, em dupla coluna, pela ordem cronológica, os decretos e atos oficiais que se refere ao ensino público no Brasil. (R.B.) **[1735]**

Olinto, Plínio. *Normas de edologia e de psicologia normal e patologia.* Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1918.

Coletânea de estudos sobre várias questões de psicopedagogia. **[1736]**

Orico, Osvaldo. *O melhor meio de divulgar o ensino primário no Brasil.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1928. 137 p.

Estudo da situação geral do ensino primário no Brasil. **[1737]**

Ozamis, Francisco. *Princípios de educação.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1915. 304 p.

Coletânea de vários estudos sobre a educação física, intelectual e moral. **[1738]**

Paraná (Estado). Secretaria de Obras Públicas, Viação e Agricultura. *O ensino agrícola primário no governo do Ex.*[mo] *Sr. Manuel Ribas, 1932-1940.* Curitiba, Departamento de Agricultura do Estado, 1941. 100 p.

Relatório sobre as atividades das escolas de trabalhadores rurais e escolas de pesca, mantidas pelo Estado do Paraná. **[1739]**

Paranhos, José Maria da Silva, Visconde do Rio Branco. *Escola Politécnica.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1878.

Relatório da diretoria da escola, apresentado ao Governo Imperial em março de 1878. **[1740]**

Passaláqua, Camilo. *Pedagogia e metodologia: teoria e prática.* São Paulo, Tip. de Jorge Seckler & Cia., 1887.

Compêndio para as escolas normais. **[1741]**

Pedro, Anísio. *Tratado de pedagogia.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

Compêndio para uso das escolas normais do Brasil. **[1742]**

Peixoto, Afrânio. *Cem anos de ensino primário. (Livro do Centenário do Poder Legislativo,* v. 1, p. 461-527, Rio de Janeiro, Empresa Brasil Ltda., 1926)

O trabalho referido é documentado com dados estatísticos: eqüidistante do pessimismo, o autor alega os males educacionais que afligem a Nação. Apela para a pronta nacionalização do Brasil, principalmente nos estados sulinos. Pugna pela escola única. (R.B.) **[1743]**

Peixoto, Afrânio. *Ensinar a ensinar.* Rio de Janeiro, Alves, 1923. 212 p.

Vários estudos, tendo como tema principal a formação do professorado e a necessidade da renovação de seus métodos. **[1744]**

Peixoto, Afrânio. *O ensino público no Brasil; decepções e esperanças.* (Em *Livro de Ouro do Centenário da Independência do Brasil,* Ed. do Anuário do Brasil, 1923, p. 115-121).

Observações gerais sobre as deficiências da organização cultural do país. **[1745]**

Peixoto, Afrânio. *Marta e Maria; documentos de ação pública,* Rio de Janeiro, s.c.p., 1931. 488 p.

Toda a primeira parte do volume é dedicada aos assuntos de educação, contendo os documentos de ação do autor, por ocasião da reforma constitucional de 1926. **[1746]**

Peixoto, Afrânio. *Noções de história da educação, por Afrânio Peixoto.* São Paulo, Editora Nacional, 1933. 282 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 3, vol. 5).

Compêndio para escolas normais, com desenvolvida parte sobre o ensino nos países americanos. **[1747]**

Peixoto, Afrânio e outros. *Um grande problema nacional; estudos sobre ensino secundário.* Rio de Janeiro. Irmãos Pongeti, 1940. 347 p.

Simpósio preparado pela Associação Brasileira de Educação, e no qual se encontra farta documentação sobre o histórico do ensino secundário brasileiro. **[1748]**

Pennell, M. E., e **Cussak**, A. M. *Como se ensina a leitura;* trad. da professora Anadir Coelho. Porto Alegre, Liv. do Globo, 1935. 266 p.

A leitura eficiente; métodos e processos que podem auxiliar a criança a ler com eficiência; leitura oral e silenciosa. **[1749]**

Peregrino, João da Rocha Fagundes (Júnior). *Biotipologia pedagógica.* Rio de Janeiro, Livraria Odeon, 1940. 88 p., 23 cm.

Depois de estudo geral do problema, são passadas em revista várias classificações biotipológicas e apresentada uma classificação própria do autor. **[1750]**

Peregrino, João da Rocha Fagundes (Júnior). *O papel da educação física na formação do homem moderno.* Estudos e conferências, nº 14, Dezembro 1941 p. 79-90.

Importância da educação física moderna na formação da mentalidade popular. **[1751]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *A criança-problema.* São Paulo, Editora Nacional, 1939. 428 p.

O autor, que dirigiu, por vários anos, um serviço de ortofrenia em escolas primárias do Estado do Rio de Janeiro, dá conta, neste volume, de suas observações, estudando as causas e os problemas das crianças de educação difícil. **[1752]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *Educação e psicanálise.* São Paulo, Editora Nacional, 1934. 184 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 3 – Atualidades Pedagógicas, v. 3)

A Escola Nova e a psicanálise, noções fundamentais, psicologia individual e pedagogia; o ponto de vista analítico-causal. **[1753]**

Pereira, Heitor. *A escola ativa.* Rio de Janeiro, Livr. Moura, 1929. 272 p.

Modernas correntes e novos métodos de educação ativa. **[1754]**

Pereira, Otacílio A. *O Colégio Pedro II nos últimos dez anos.* Rio, *Jornal do Comércio,* s.d. 32 p.

A brochura contém vários dados interessantes sobre a história da educação no Brasil, focalizando a celebração, no ano de 1937, dos cem anos de atividade do Colégio Pedro II, a mais importante escola secundária do país. **[1755]**

Pernambuco. Leis e decretos. *Reorganização do ensino público em Pernambuco.* Recife, M. Figueiroa & filhos, 1874. 160 p.

Leis e regulamentos do ensino público na Província de Pernambuco. **[1756]**

Pessoa, José Getúlio Frota. *Divulgação do ensino primário.* Rio de janeiro, Leite Ribeiro, 1928.

Memória apresentada à Academia Brasileira de Letras. **[1757]**

Pessoa, José Getúlio Frota. *A educação e a rotina.* Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1924.

Observações gerais sobre a organização da educação no país. **[1758]**

Piéron, Henri. *Psicologia experimental;* trad. de Lourenço Filho. 2ª ed. São Paulo, Biblioteca de Educação, 1927.

A psicologia experimental e os laboratórios de psicologia, a psicometria e os testes, as principais aplicações da psicologia. **[1759]**

Pinheiro, Marques. *Contra o analfabetismo.* Rio de Janeiro, Editora Brasileira Lux, 1923. 76 p.

Memória apresentada à Academia Brasileira de Letras sobre a melhor maneira de divulgar-se o ensino primário no Brasil. **[1760]**

Pinto, Diogo de Mendonça. *Instrução pública.* São Paulo, A. L. Antunes, 1859.

Relatório sobre a situação da instrução pública na província de São Paulo, no ano anterior. **[1761]**

Pinto, Edgard Roquete.
vide
Roquete-Pinto, Edgard.

Pinto, Estêvão. *O problema da educação dos bem-dotados.* São Paulo, Melhoramentos, 1933. 120 p. (Biblioteca de Educação, v. 19)

Estudo do problema com apresentação de pesquisas em escolas do Recife. **[1762]**

Piragibe, Vicente. *Infância abandonada e delinqüente. (In Arquivos de medicina e identificação,* Rio de Janeiro, p. 218-234)

Estudo da situação da infância abandonada na capital brasileira, que o autor considera muito grave. **[1763]**

Pires, Washington Pereira. *O Ministério da Educação e Saúde Pública em 1932.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1934. 110 p.

Relatório apresentado ao Chefe do Governo, contendo o resumo das atividades do ministério no ano de 1932. **[1764]**

Plano Nacional de Educação. *Algumas sugestões ao Plano Nacional de Educação.* São Paulo, Centro D. Vital de São Paulo, 1936. 108 p. **[1765]**

Plano Nacional de Educação. *Contribuição mineira ao Plano Nacional de Educação.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1936. 63 p.

Relatório de uma comissão de educadores incumbida pelo Governo do Estado de Minas Gerais para dar resposta ao questionário que o Ministério da Educação fez distribuir, sobre o Plano Nacional de Educação. **[1766]**

Plano Nacional de Educação. *Questionário para um inquérito.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1936. 42 p.

A Constituição política de 1934 estabelecia que o governo brasileiro organizasse um plano nacional de educação; como medida preparatória a essa importante providência, o Ministério da Educação organizou e fez publicar um questionário, que servisse de base a um verdadeiro inquérito nacional. **[1767]**

Pombo, José Francisco da Rocha.
vide
Rocha Pombo, José Francisco da Rocha.

Porto Alegre, Universidade. *Anuário de 1938.* Porto Alegre, Imp. Oficial, 1939. 814 p.

Além dos programas do ensino e dados biobibliográficos dos professores da Universidade, insere os seguintes estudos: "As finalidades de nossa educação" e "O americanismo e a criação das elites". **[1768]**

Porto-Carreiro, Luísa Loepoldina Tavares. *O ensino público primário em França, Espanha e Portugal.* Rio de Janeiro, Oficinas do Inst. profissional, 1896.

Relatório de uma viagem de estudos. **[1769]**

Portugal, Antônio Nunes de Gouveia. *Influência da educação física do homem.* Rio

de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1853. 27 p.

Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **[1770]**

Prestes, Gabriel. *A reforma do ensino público.* São Paulo, Leroy King, 1892. 102 p.

Coletânea de artigos publicados na imprensa sobre reformas do ensino primário. **[1771]**

Rabelo, Sílvio. *Aplicação dos testes decrolianos do desenho.* Recife, Imp. Oficial, 1931. 76 p.

Resultados dos testes de Decroly aferidos nas escolas de Recife. **[1772]**

Rabelo, Sílvio. *Psicologia da infância.* São Paulo, Ed. Nacional, s.d. 454 p.

Ensaio de sistematização das modernas idéias sobre a psicologia da criança, apresentada especialmente para os cursos de escola normal. **[1773]**

Rabelo, Sílvio. *Psicologia do desenho infantil.* São Paulo, Ed. Nacional, 1933. 210 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 3 – Atualidades Pedagógicas, v. 14)

O desenho como meio de pesquisa; as provas de Decroly e seus resultados. **[1774]**

Radecki, Halina. *Exame psicológico da criança.* Rio de Janeiro, Casa Publ. Batista, 1930. 152 p.

Vida intelectual; afetiva e ativa; elaboração de critérios diferenciais; modalidades de aplicação pedagógica. **[1775]**

Ramiz Galvão, Barão de.
vide
Galvão, Benjamin Franklin Ramiz.

Ramos, Artur.
vide
Pereira, Artur Ramos de Araújo.

Rangel, Orlando (Sobrinho). *Educação física feminina.* Rio de Janeiro, Tip. do Patronato, 1930. 180 p.

Necessidade, importância e finalidade da educação física feminina. **[1776]**

Rebelo, Guilherme Pereira. *Instrução pública.* Sergipe, Tip. da Província de Sergipe, 1851. 22 p.

Relatório da inspeção geral das aulas públicas da província de Sergipe. **[1777]**

Rego, Luís. *Questões de educação.* São Luís do Maranhão, M. Silva, 1934. 100 p.

Estudos sobre a situação do ensino no Maranhão e sugestões para sua melhoria. **[1778]**

Reis, Luís Augusto. *O ensino público primário em Portugal, Espanha, França e Bélgica.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1892. 650 p.

Relatório apresentado à Inspetoria-Geral da Instrução da Capital Federal. **[1779]**

Ricardo, Aristides. *Biologia aplicada à educação.* São Paulo, Ed. Nacional, 1936. 355 p.

Fisiologia e higiene da criança; crescimento físico; crescimento mental; higiene escolar. **[1780]**

Rio Branco, Visconde do.
vide
Paranhos, José Maria da Silva.

Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina. *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1857-59. 18 v.

Memórias históricas dos anos de 1855 a 1858 apresentadas à Congregação de Lentes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **[1781]**

Rocha, Celsina de Faria, e Bueno de Andrade. *Testes: como medir a inteligência*

dos escolares. Rio de Janeiro, Erbas de Almeida, 1931. 300 p.

Resultados de aplicação dos testes de desenho de Goodenough, em escolas do Rio de Janeiro. **[1782]**

Rocha, Justiniano José da. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1842. 27 p.

Relatório sobre a situação do ensino na província do Rio de Janeiro. **[1783]**

Rocha Pombo, José Francisco da. *Meios de instrução e primeiros sinais de cultura original. (História do Brasil.* Rio de Janeiro, s.d. v. 5, cap. VI, p. 338, 724-858).

A nossa cultura geral durante o Segundo Reinado. (*História do Brasil*, Rio de Janeiro, s.d. v. 9, cap. I-V, p. 476-495).

O autor é imparcial e apreende bem as linhas dominantes da evolução político-social do país. Os capítulos indicados são de leitura amena e bastante informativa. (R.B.). **[1784]**

Rodrigues, Mílton Camargo da Silva. *Educação comparada; tendências e organizações escolares*, por Milton da Silva Rodrigues. São Paulo, Editora Nacional, 1938. 296 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 3, v. 31)

Descrição de organização de ensino em diferentes países e no Brasil; resumo histórico muito completo. **[1785]**

Romero, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *A filosofia e o ensino secundário.* Rio de Janeiro, Imp. Popular, 1890. 112 p.

Crítica ao ensino da cadeira de filosofia no então Ginásio Nacional. **[1786]**

Roquete-Pinto, Edgard. *Cinema educativo. (In Estudos Brasileiros*, nº 1, julho-agosto, 1938, p. 11-35).

A situação do cinema no Brasil em face dos interesses culturais do país; as medidas governamentais para impedir os males do mau cinema, o que se tem feito em favor do cinema educativo, no país e no mundo. **[1787]**

Roxo, Euclides. *A matemática na educação secundária.* São Paulo, Ed. Nacional, s.d. 286 p.

Compêndio da metodologia da matemática, concebido nos moldes dos melhores modelos norte-americanos. Depois do esboço da evolução do pensamento matemático e do ensino matemático, o autor trata das finalidades do ensino da matéria, de suas bases psicológicas e da questão da organização e execução dos programas, das escolas secundárias. Excelente bibliografia norte-americana. **[1788]**

Rudolfer, Noemi (da Silveira). *A aferição dos testes Dearbom pelo Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação. (Arquivos do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo*, ano I, nº 1, p. 74-159; São Paulo, setembro/1935.)

Exposição dos trabalhos de aplicação e revisão brasileira dos referidos testes. **[1789]**

Rudolfer, Noemi (da Silveira). *Um ensaio de organização de classes seletivas de 1º grau, com o emprego dos testes A, B e C.* São Paulo, Diretoria-Geral do Ensino do Estado, 1931. 53 p.

Descrição de uma experiência de homogeneização de classes de 1º

ano, nas escolas primárias da cidade de São Paulo, compreendendo os resultados dos exames de 15.605 alunos. **[1790]**

Rudolfer, Noemi (da Silveira). *Introdução à psicologia educacional.* São Paulo, Ed. Nacional, 1938. 459 p.

Professora da especialidade, na Universidade de São Paulo, a autora relata, de maneira sistemática, a evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna. **[1791]**

Santos, Hemetério dos. *Ensino municipal.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio,* 1909. 18 p.

Considerações sobre a formação dos professores primários. **[1792]**

Santos, Lúcio José dos. *Filosofia, pedagogia, religião.* São Paulo, Melhoramentos, 1936. 628 p.

Extenso estudo sobre os fundamentos filosóficos da educação. A conclusão a que chega o autor é a seguinte: "Os católicos podem falar de uma pedagogia *perennis*", que é a de sua Igreja. O pensador católico pode entrar no terreno das pesquisas em educação, sem perder de vista, porém, as verdades reveladas. **[1793]**

São Paulo. Prefeitura. Departamento de Cultura. *Parques infantis.* São Paulo, Secção Gráfica da Prefeitura, s.d.

Documentação fotográfica com legendas explicativas sobre a história dos parques e centros de recreações de São Paulo. **[1794]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *O ensino profissional no Brasil.* Santos, Instituto E. Rosa, 1940. 66 p., 16 cm.

Plano de organização do ensino profissional no Brasil. **[1795]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *O ensino técnico, profissional e doméstico em São Paulo.* São Paulo, Revista dos Tribunais, 1935. 254 p.

Relatório do Superintendente Horácio A. da Silveira. **[1796]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *Estatística escolar referente a 1937.* São Paulo, Departamento de Educação, 1938. 167 p.

Trabalho elaborado com base no Convênio Nacional de Estatísticas Educacionais, abrangendo o ensino primário geral, estadual, municipal e particular, o ensino secundário, estadual e anexo às escolas normais, e o ensino normal estadual e livre. **[1797]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *Estatística escolar referente a 1938.*

Trabalho elaborado com base no Convênio Interestadual de Estatísticas Educacionais, de 1939, abrangendo o ensino primário geral, o ensino secundário, o ensino normal e o ensino profissional. **[1798]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *Instruções às autoridades escolares.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1940. 36 p., 16 cm.

Coletânea de disposições finais e instruções, vigentes em setembro de 1939, no Estado de São Paulo. **[1799]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *Novos prédios para grupo escolar.* São Paulo, Diretoria do Ensino, 1936. 124 p.

Estudos da Diretoria do Ensino e da Diretoria de Obras Públicas so-

bre construções escolares no Estado de São Paulo. **[1800]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *A racionalização do ensino técnico profissional no Estado de São Paulo.* São Paulo, Revista dos Tribunais, 1939. 44 p.

Exposição documentada dos métodos e processos em uso nas escolas profissionais do Estado de São Paulo. **[1801]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *Realização do ensino profissional em São Paulo, 1930-1940.* São Paulo, Revista dos Tribunais, 1940. 52 p.

Resenha histórica do ensino profissional do Estado de São Paulo, no decênio indicado. **[1802]**

São Paulo. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde. *A situação educacional e cultural dos estados: contribuição de São Paulo.* São Paulo, Imp. Oficial, 1941. 137 p.

Resposta a um questionário organizado pelo Ministério da Educação e Saúde, para servir aos trabalhos da I Conferência Nacional de Educação, reunida no Rio de Janeiro, em dezembro de 1941. **[1803]**

Sarmento, Casimiro José de Morais. *A educação física das meninas.* Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1858.

Ensaios de princípios gerais da educação, entre os quais se salienta o respeito devido à personalidade da criança. **[1804]**

Serpa, Joaquim Jerônimo. *Tratado de educação físico-moral dos meninos.* Pernambuco. Tip. do *Diário*, 1828. 196 p.

Guia de puericultura e de educação da primeira infância, adaptado de obra semelhante de Gardien. **[1805]**

Serrano, Jônatas Arcanjo. *Como se ensina História.* São Paulo, Melhoramentos, 1936. 157 p. (Biblioteca da Educação, v. 25)

Metodologia do ensino da história na escola secundária. **[1806]**

Serrano, Jônatas Arcanjo. *Metodologia da Historia na aula primária.* Rio de Janeiro, Alves, 1917. 72 p.

Como ensinar a História nas escolas primárias. **[1807]**

Serva, Mário Pinto. *A virilização da raça.* São Paulo, Melhoramentos, 1923. 181 p.

Estudos sobre política educacional. **[1808]**

Sheridam, Harold J., e **White,** G. C. *Aprender a ensinar;* trad. de João Augusto Toledo e Erasmo Braga. Rio de Janeiro, Ed. Centro Brasileiro de Publicidade, 1922. 221 p.

Exposição dos princípios fundamentais da arte de ensinar e análise dos processos de aprendizagem. **[1809]**

Silva, Domingos Carlos da. *Da reforma do ensino superior no Brasil.* Bahia, Imp. Econômica, 1883. 120 p.

Estudos sobre o ensino superior no Brasil e suas necessidades, sugestões para uma reforma. **[1810]**

Silva, José Bernardino Paranhos da. *Consolidação da legislação federal do ensino superior e do secundário.* Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1918. 562 p.

Reunião das principais leis do regime constitucional republicano so-

bre ensino superior e secundário, com comentários do autor. **[1811]**

Silva, Josino do Nascimento. *Medidas conducentes a tornar efetiva a inspeção do ensino.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 3 p.

Parecer apresentado na 1ª Sessão do Congresso de Instrução realizado no Rio de Janeiro, em 1883. **[1812]**

Silva, Manuel Pacheco da (Júnior). *O Colégio Pedro II.* Rio de Janeiro, Imp. Industrial de J. P. Ferreira Dias, 1874. 29 p.

História do Colégio Pedro II; seu passado, presente e futuro. **[1813]**

Silva, Osvaldo Brandão da. *Iniciação sexual educacional.* Rio de Janeiro, Ed. ABC, 1938. 123 p.

O livro tem o objetivo de facilitar ao pré-adolescente o conhecimento dos problemas do sexo e as idéias morais, sociais e religiosas que a eles se ligam. **[1814]**

Silveira, Carlos da. *História da instrução no Brasil. (Rev. Esc. Normal de S. Carlos,* nº 4, ano II, junho 1918, p. 3-11; nº 5, ano III, dezembro 1918, p. 3-30).

Apanhado sucinto de um estudioso dos problemas da educação brasileira, em que se resumem as lições do autor na Escola Normal de São Carlos, em São Paulo, onde foi professor de história da educação. (R.B.) **[1815]**

Silveira, Horácio. *A escola técnica superior.* Santos, Super. do Ensino Profissional do Estado de São Paulo, 1940. 34 p.

Exposição de um plano para a formação de técnicos necessários à indústria e ao comércio. **[1816]**

Silveira, Manuel Lourenço da. *Instrucção publica.* Pernambuco, Tip. de M. Figueiroa de Faria, 1857.

Relatório sobre a situação da instrução pública na província de Alagoas. **[1817]**

Sousa, Paulino José Soares de. *Instrução pública.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1870. 24 p.

Projeto apresentado à Câmara dos Deputados na sessão de 6-8-1870, propondo a criação de uma universidade na capital do Império, bem como de um Conselho Superior de Instrução Pública. **[1818]**

Sousa, A. Monteiro de. *Educação nacional.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio,* 1914.

Projeto e discurso justificativo da criação de uma Repartição Geral do Ensino, com sede no Rio de Janeiro, apresentado pelo autor à Câmara dos Deputados. **[1819]**

Sousa, A. Monteiro de. *A União e o ensino primário.* Manaus, Secção de Obras da Imp. Pública, s.d. 82 p.

Projeto substitutivo e discursos pronunciados na Câmara dos Deputados nas sessões de 16 e 22 de novembro e 28 de dezembro de 1917. **[1820]**

Sousa, J. Moreira. *Por uma escola melhor.* Fortaleza, Ceará, Imp. Oficial, 1934. 148 p.

Relatório dos trabalhos da Diretoria de Instrução Pública no Estado do Ceará. **[1821]**

Sousa, Joaquim Silvério de. *A educação na escola.* São Paulo, Melhoramentos, 1933. 60 p.

A educação em face das doutrinas católicas. **[1822]**

Sousa, Tarquínio (Filho). *O ensino técnico no Brasil.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1887. 243 p.

A situação do ensino no Brasil e especialmente a do ensino técnico.

[1823]

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Primeiras escolas do Brasil; Os jesuítas e o progresso cultural; Os jesuítas e o ensino colonial. (*Mensário do *Jornal do Comércio*, t. CXV, v. 3, p. 619-623, 673-677, 731-735; Rio de Janeiro, setembro, 1941).

Três conferências para a comemoração do quatricentenário da fundação da ordem dos jesuítas. Encerram informações que se não acham em trabalho da mesma natureza e extensão. (R. B.) **[1824]**

Tavares, Paulo. *Questões de ensino.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1908. 162 p.

Plano geral para reorganização do ensino secundário. **[1825]**

Teixeira, Anísio Spínola. *Aspectos americanos da educação.* Rio de Janeiro, Tip. São Francisco, 1928. 166 p.

Fundamentos da educação. Aspectos da educação nos Estados Unidos. **[1826]**

Teixeira, Anísio Spínola. *Educação para a democracia.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1936.

Os problemas sociais e a educação; fundamentos da administração escolar. **[1827]**

Teixeira, Anísio Spínola. *Educação para a democracia.* São Paulo, Ed. Nacional, 1937.

O autor, que foi diretor de instrução pública no Distrito Federal, Rio de Janeiro, de 1932 a 1935, apresenta neste volume os princípios sobre o qual se baseou sua administração, métodos de trabalho e resultados.

[1828]

Teixeira, Anísio Spínola. *Educação pública, sua organização e administração.* Rio de Janeiro, Of. do Dep. de Educação, 1935. 295 P.

O problema brasileiro da educação; governo da educação; medidas para implantação da escola progressiva no sistema escolar do Distrito Federal; o problema do financiamento; as construções escolares; a formação do professorado. **[1829]**

Teixeira, Anísio Spínola. *Instrução pública do Estado da Bahia.* Bahia, Imp. Oficial, 1928. 123 p.

Relatório sobre o ensino público e particular na Bahia no quatriênio 1924-1928. **[1830]**

Teixeira, J. Melo, **Bastos,** Aureliano Tavares, e **Antipoff,** Helena. *A infância excepcional.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1933. 102 p.

Publicação sobre as atividades da Sociedade Pestalozzi, de Belo Horizonte. **[1831]**

Teoria e prática de ensino secundário; trabalho das inspetorias regionais do ensino secundário do Distrito Federal. Rio de Janeiro, Laemmert, 1935. 350 p.

O ensino do português, do latim, das línguas vivas, da história e geografia, da matemática, do desenho, expostos por V. Cortes de Lacerda, Joaquim Ribeiro, Lúcia Magalhães, A. G. Paulo Fonseca, Antônio Figueira de Andrade, Artur Gaspar Viana, Ofélia Guimarães e Stela Fonseca. **[1832]**

Torres, Ambrósio M. *A educação física nas escolas normais.* Rio de Janeiro, Casa dos Expostos, 1938. 28 p.

Memória apresentada pelo autor do VIII Congresso Nacional de Ensino. **[1833]**

Valadão, Haroldo. *O ensino e o estudo do Direito, especialmente do Direito Internacional Privado, no Velho e no Novo Mundo.* São Paulo, Revista dos Tribunais. 1940. 25 p. 24 cm.

Relatório de uma viagem de estudos a vários países da Europa e da América. **[1834]**

Vale, Sérgio. *O grafismo no ensino da leitura.* São Paulo, Revista dos Tribunais, 1939. 66 p.

Análise da psicologia da leitura, com base nos resultados de maturidade A B C comumente empregados em escolas brasileiras. **[1835]**

Vargas, Getúlio Dorneles. *A nova política do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938.

Nesta importante obra, que compreende cinco volumes, com a documentação das idéias e realizações do governo do Presidente Vargas, são dedicados vários capítulos aos problemas da educação: o ensino secundário e superior (v. 1); a instrução profissional e a educação (v. 2); o cinema nacional, elemento de aproximação dos habitantes do país (v. 3); orientação nacional do ensino (v. 4), as corporações militares, entidades educadoras do povo, e a Universidade do Brasil na articulação e hierarquia do ensino (v. 5). **[1836]**

Vasconcelos, Francisco Figueira de Melo e. *Educação sexual da mulher.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1915. 67 p.

Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **[1837]**

Veiga, A. César. 255 p.

O equipamento inato e a aquisição social – A educação intencional sob a democracia evoluída – As místicas do extremismo – A aprendizagem intensiva nos climas totalizantes. **[1838]**

Veloso, Dario. *Compêndio de Pedagogia.* Curitiba, s.c.p. 1907. 109 e 9 esquemas.

Finalidades da educação, história da pedagogia, métodos, organização escolar. **[1839]**

Venâncio, Francisco (Filho). *A educação e seu aparelhamento moderno.* São Paulo, Ed. Nacional, 1941. 222 p.

Ensaios diversos sobre brinquedos, cinema, rádio, fonógrafo, viagens, excursões, museus e livros. **[1840]**

Venâncio, Francisco (Filho). *A evolução da educação no Brasil (Formação,* ano III, nº 23; Rio de Janeiro, 1940).

O autor divide o histórico da educação no Brasil em cinco períodos: 1) da chegada dos jesuítas à sua expulsão; 2) de então, à chegada de D. João VI; 3) do início do Império à República; 4) da República à reforma de ensino, no Distrito Federal, em 1928, com Fernando de Azevedo; 5) dessa data aos nossos dias. **[1841]**

Venâncio, Francisco (Filho). *Notas de educação.* Rio de Janeiro, Calvino Filho, 1933.

Estudos vários sobre a renovação escolar. **[1842]**

Veríssimo, José.

vide

Matos, José Veríssimo Dias de.

Vieira, Arlindo. *A decadência do ensino no Brasil; suas causas e seus remédios.* Rio de Janeiro, Briguiet e Cia., 1935. 172 p.

Críticas à organização do ensino secundário brasileiro. **[1843]**

Vieira, Arlindo. *O problema do ensino secundário.* Rio de Janeiro, Liv. Jacinto, 1936. 384 p.

Combate à orientação dos programas oficiais do ensino secundário, que considera de "um enciclopedismo absurdo"; ataca o ensino científico, que deseja ver substituído pelo das "humanidades clássicas". **[1844]**

Vieira, Joaquim José de Meneses. *Organização dos jardins da infância.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884. 10 p.

Trabalho apresentado ao Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, 1883. **[1845]**

Vieira, Joaquim José de Meneses. *O pedagogium brasileiro.* Rio de Janeiro, Tip. Camões, 1892.

Notícia para a Exposição Universal Colombiana de Chicago. **[1846]**

Vioti, Júlia de Magalhães. *Contribuição à antropologia da moça mineira.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1933. 72 p.

Resultado de estudos realizados no laboratório de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. **[1847]**

Watson, John B. *Educação psicológica da primeira infância;* tradução de J. Martinho da Rocha, Rio de Janeiro, c.c.o., 1934.

Aspectos da educação das primeiras idades com fundamentos na psicologia do comportamento. **[1848]**

Xavier, Inácio Firmo. *Relações sobre a educação física e moral da infância.* Recife, Tip. Universal, 1854.

Ensaios de propaganda. **[1849]**

. . . .

Etnologia

Herbert Baldus

I

As descrições dos índios do Brasil feitas pelos brancos começaram com a chegada de Cabral. Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota portuguesa, redigiu, em 1500, sua célebre carta ao rei Dom Manuel. Assim, a história da Etnologia Brasileira, como da sul-americana em geral principia com o descobrimento do Brasil.

Contém, em cada século, fatos notáveis, fatos de valor para nós hodiernos. Medimos esse valor tanto pela exatidão e multiplicidade das observações comunicadas como pelo grau de distância em que o observador se colocou quanto aos preconceitos de seu próprio povo, procurando compreender objetivamente a cultura estranha que se propôs observar.

A exatidão de Vaz de Caminha é demonstrada, por exemplo, pela seguinte descrição do tembetá: "Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento de uma mão travessa, da grossura de um fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque-de-xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer e no beber."

O número de dados etnologicamente aproveitável é maior, nessa carta de 1500, do que em outros documentos do começo do século XVI, que se referem a índios do Brasil. Além disso, Vaz de Caminha não somente evita desfigurar os fatos observados, mas chega a exprimir sua opinião sobre os habitantes da terra descoberta com as palavras seguintes: "Segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes fa-

lece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos." Formar tal conceito acerca de representantes de uma cultura completamente alheia à sua revela uma tendência que poderemos chamar: "etnocentrífuga".

Igual falta de preconceitos determinados pelos valores morais de seu próprio povo demonstra também o autor da carta quanto escreve que uma índia tinha "suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia vergonha alguma".

As obras quinhentistas mais importantes para o conhecimento dos índios do Brasil são as de Hans Staden, Jean de Léry, Joseph de Anchieta e Gabriel Soares de Sousa. Tratam, principalmente, dos tupinambás. O arçabuzeiro alemão Staden passou nove meses como prisioneiro desses índios e publicou a respeito, em 1557, um livro que representa a primeira monografia sobre uma tribo do Brasil. Léry recomendou-o a "todos os que desejam saber como são na verdade os costumes dos brasileiros". Hans Staden, além de descrever o objeto, dá, ainda, a sua designação em língua indígena, e, para maior esclarecimento, inclui uma xilogravura. Pela variedade de seus dados, esse opúsculo é, até hoje, muito consultado. Apesar de Staden ter estado longo tempo à espera de ser devorado pelos tupinambás, foi sem ressentimento algum que os descreveu na sua narração. Desapaixonadamente, relata detalhes da antropofagia observada e explica sua causa como sendo ódio contra os inimigos da tribo, e não fome. A aparência física desses canibais é para ele tão atraente como a da gente de sua terra, isto é, da Héssia.

O missionário calvinista Léry, natural da Borgonha, afirma ter estado, durante quase um ano, em trato familiar com os tupinambás. Suas observações não são menos exatas e variadas do que as de Staden, superando seu livro o do alemão em matéria lingüística. Sem ter conhecido esta obra antes de publicar a sua, Léry confirma a explicação de Staden no tocante à causa da antropofagia. É, porém, mais minucioso do que este, pois distingue, ainda, entre os sentimentos de vingança que levam, em geral, os tupinambás a comer carne humana a gula especial de certas velhas.

Ao missionário jesuíta Joseph de Anchieta devemos preciosidades filológicas e outros dados sobre os antigos tupis, com os quais passou dezenas de anos. Devemos-lhe, também, informações relativas à organização de parentesco e à ordem matrimonial, informações essas que, nas obras sobre os índios do Brasil dos séculos seguintes só têm similares em alguns trabalhos muito recentes.

Gabriel Soares de Sousa, senhor-de-engenho e, indubitavelmente, um dos portugueses mais cultos que vieram ao Brasil quinhentista, declara ter residido neste país durante dezessete anos. Além de tratar de múltiplos traços culturais dos tupis da Bahia, assemelhando-se a Anchieta na consideração de aspectos sociológicos, dá notícias das diversas tribos do litoral, desde os "tapuias" do Amazonas até os "tapuias" do rio da Prata.

Em comparação com as obras quinhentistas, as do século seguinte não representam grande enriquecimento para a etnologia brasileira. As informações dos autores acima citados, que se referem, principalmente, aos tupis de São Paulo, Rio e Bahia, dois capuchinhos franceses, os padres Claude d'Abbéville e Yves d'Évreux, acrescentam outras sobre os tupis do Maranhão. Devemos à invasão holandesa notícias sobre os índios do Nordeste publicadas nos livros de Laet, Barleus, Marcgrave, Roulox Baro e outros. O seu maior valor não consiste nas referências aos tupis, mas no material sobre os chamados tapuias. Ehrenreich reuniu esse material que foi ilustrado pelo pintor Albert Eckhout, no seu artigo sobre antigos retratos de índios sul-americanos. Os informes acerca dos habitantes do Amazonas escritos pelo jesuíta Acuña que desceu o grande rio um século depois da viagem de Orellana narrada por Carvajal são, como os deste seu antecessor e compatriota, quase inaproveitáveis. Mais valiosa do que eles é a *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Curupá e Rio das Amazonas* feita por Maurício de Heriarte. Na sua obra aparecida em 1663, o jesuíta Vasconcelos tenta uma classificação das tribos do Brasil, reduzindo-as a duas "nações genéricas" que, por sua vez, pela diferença da língua, são subdivididas em "espécies". Chama

uma dessas "nações" de "índios mansos", formando os tupis uma "espécie" dela. A outra "nação" é a dos "índios bravos" ou "tapuias". Também no século XVII, os jesuítas destacam-se pelas contribuições lingüísticas, sendo a obra mais importante da época a do padre Montoya.

O século seguinte foi quase estéril para a etnologia brasileira. Os resultados das viagens do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira são insignificantes no tocante à descrição dos índios, a julgar pelo que foi publicado de sua obra. Só em 1795, Francisco Rodrigues do Prado escreveu sua pequena monografia sobre os guaicurus, tribo que vivia no vale do Paraguai, ao redor do forte português comandado por esse oficial. É uma exposição exata, se bem que muito resumida da cultura desses índios, e uma prova surpreendente da compreensão e simpatia que animavam o autor. Por coincidência feliz, só vinte e cinco anos antes, o jesuíta Sánchez Labrador escreveu sua grande obra sobre os mesmos índios e seus vizinhos guanás, pois desse modo o século XVIII nos legou dois bons trabalhos, cuja importância aumenta pelo fato de se completarem.

No século XIX, a etnologia tornou-se uma ciência, isto é, um campo de trabalho de cientistas especializados. É verdade que só na segunda metade desse século apareceram obras de etnólogos propriamente ditos. Mas embora a *Viagem ao Brasil,* do príncipe de Wied-Neuwied, publicada em 1820 e 1821, tivesse sido, antes de tudo, trabalho dum zoólogo, tornou-se pioneira também do estudo indianista. Não existia antes de sua publicação uma descrição de tribo brasileira comparável à sua monografia sobre os botocudos. Já não fala mais o colono, soldado ou missionário, como nas mencionadas obras dos séculos anteriores. O autor é cientista experimentado, discípulo de Blumenbach, escrupuloso em observar, expor e formar juízos, afastado dos preconceitos de sua época e ótimo escritor. Não reuniu material acerca de tantas tribos quanto seu contemporâneo Martius, nem significa tanto quanto este para a história da

etnologia brasileira, mas superou-o idubitavelmente, em objetividade e exatidão.

Carl Friedrich Phil. von Martius, quando em 1817, isto é, no ano em que acabou a viagem de Wied, chegou ao Brasil, tinha como tarefa principal o estudo da flora. Assim, durante os três anos seguintes em que percorreu o interior do país, de São Paulo ao Maranhão, subindo, enfim, o Amazonas, ficou conhecendo índios de numerosas tribos, mas geralmente indivíduos isolados de sua cultura originária e muito influenciados pelo contacto com os brancos, ou tribos que sofreram consideravelmente essas mesmas influências. Foram tais índios que serviram de base à formação de determinadas hipóteses do grande botânico. Martius não se limitou a mencionar apenas, nos volumes da narrativa de sua viagem, os dados etnográficos que recolheu no Brasil, mas reuniu-os mais tarde em obras especiais. Generalizava levianamente para formular hipóteses. Segundo uma delas, "os americanos não são selvagens, mas asselvajados e decaídos .... restos degradados de um passado mais perfeito, em via de degeneração muito antes da descoberta pelos europeus". Uma de suas teorias fê-lo cair no erro de d'Orbigny, que considerava os caraíbas parentes chegados dos tupis, exagerando assim a extensão e importância destes últimos. Além disso, o Brasil parecia-lhe etnograficamente um enorme formigueiro onde tribos migravam sem cessar, dividindo-se misturando-se e transformando suas línguas. É de estranhar que, apesar disso, Martius tivesse a coragem de elaborar uma classificação dos índios deste país e das regiões limítrofes que marcou época na história da etnologia brasileira. Essa sinopse, coordenando, num esforço admirável todo material disponível até 1867, abrange não só uma faixa mais ou menos larga do litoral, mas também, pela primeira vez todo o Brasil. Era, a despeito de certas desfigurações injustificáveis, o ponto de partida para a exploração puramente etnológica. Não quero dizer com isso que, sem o trabalho de Martius, Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich tivessem deixado de empreender suas memoráveis expedições. O traba-

lhode Martius serviu para eles de fundamento de suas novas classificações e indicou-lhes muitos problemas a estudar.

As duas expedições de von den Steinen ao Xingu, realizadas em 1884 e 1887, são os maiores acontecimentos etnológicos brasileiros do século passado. Era a primeira vez que no Brasil se organizavam grandes e custosas viagens com o objetivo principal de estudar índios. Os resultados foram sensacionais. Ao passo que Wied e Martius tinham tratado somente com índios que já haviam estado em contacto imediato com os brancos, as tribos encontradas no Alto Xingu por von den Steinen não tinham tido nem sequer relações indiretas com a nossa civilização. Além disso, formavam um ajuntamento isolado de representantes das quatro principais famílias lingüísticas do Brasil, a saber: Tupi, Caraíba, Aruaque e Jê. Essa descoberta e o seu estudo subseqüente forneceram material de valor perene para a história cultural do continente, completaram e modificaram o mapa etnográfico e familiarizaram-nos com a vida indígena como nenhum estudo anterior o fizera e como poucos posteriormente. Foi uma feliz coincidência a de um homem como Karl von den Steinen ter sido o primeiro a encontrar esses índios, pois observou com tanta sutileza e interpretou com tanta vivacidade, minudência e compreensão essas suas observações, que seu colega Erland Nordenskiöld pôde escrever no seu necrológio: "Folheando qualquer manual de etnografia, história das plantas cultivadas, etc. encontramos sempre o nome de Karl von den Steinen, e, muitas vezes, algumas linhas desse homem de gênio, que inspiravam tratados inteiros a outros."

No estado atual dos conhecimentos etnográficos brasileiros, o livro de von den Steinen nos parece às vezes antiquado; de fato ele nem sempre esclarece suficientemente as diferenças entre as tribos das cabeceiras do Xingu. Fala delas, freqüentemente, de uma maneira genérica. Carece de dados sociológicos. Entretanto o livro *Unter den Naturvolkern Zentral-Brasiliens*, aparecido em 1894, é não somente a obra-prima da etnologia brasileira do século passado, mas também continua sendo sob vários aspectos, uma introdução fecunda ao estudo dos índios do Brasil.

Ao lado dessa figura imponente empalidece a de Ehrenreich que, depois de ter acompanhado von den Steinen na segunda viagem ao Xingu, visitou rapidamente os carajás do Araguaia e algumas tribos do Purus, já tendo estado antes entre os botocudos de Espírito Santo e Minas Gerais. Seus trabalhos etnográficos sobre todos esses índios não passam, em geral, de ligeiras notas, e a leitura do melhor deles, isto é, do estudo sobre os carajás, tornou-se em sua maior parte dispensável pelas publicações de Krause em 1911. Sinopses feitas por ele do material etnográfico do Brasil eram fundamentais em seu tempo. Hoje são obsoletas. As obras de Ehrenreich sobre mitologia sul-americana comparada, e antropologia física dos índios do Brasil, ainda que antiquadas em certo sentido, não foram até hoje superadas.

Entre os viajantes do século XIX que, sem serem etnólogos profissionais, contribuíram para o conhecimento das tribos deste país, destacam-se o pintor Boggiani com o livro magnificamente ilustrado sobre os caduvéus, e Gonçalves Tocantins, com uma monografia sobre os mundurucus, sendo, ainda, dignos de nota Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Telêmaco Borba e o Visconde de Taunay.

II

Enquanto Martius, von den Steinen e Ehrenreich, os três principais iniciadores da etnologia brasileira do século passado procuram abranger, em seus trabalhos, o maior número possível de tribos e de diferentes traços culturais, construindo hipóteses e estendendo suas classificações além dos limites do Brasil, Max Schmidt, no seu livro aparecido em 1905, fornece dados de diversas espécies sobre as várias tribos por ele visitadas e distingue-se pelo estudo fundamental de determinada espécie, isto é, a técnica de trançados dos guatós e dos índios das cabeceiras do Xingu. Entretanto, Max Schmidt, como demonstram os relatórios de suas viagens posteriores ao Mato Grosso, nunca conviveu bastante com uma tribo para fazer o que hoje chamaríamos um "estudo intensivo",

isto é, uma penetração concretamente documentada da totalidade das relações e funções de uma cultura, considerando devidamente a organização social e os fenômenos religiosos. É preciso dizer, no entanto, que ele não deixou de pisar o campo escorregadio da "História Cultural" com sua dissertação sobre a expansão dos aruaques. Mas o que lhe caracteriza a personalidade científica que constitui valor capital para o desenvolvimento da etnologia é sua tendência para os estudos ergológicos e econômicos, cujos assuntos se lhe afiguram como mais perceptíveis, melhor documentáveis e, por conseguinte, menos sujeitos a mistificações e mal-entendidos do que os da chamada "cultura espiritual", no sentido dado a este termo por K. Th. Preuss e outros pesquisadores de fenômenos religiosos. Isso, porém, não leva Max Schmidt a esquecer o homem como fator decisivo também na "cultura material". Assim, considerava ele somente a economia como processo social, mas também na ergologia a finalidade de cada objeto físico, colocando-se deste modo em oposição ao padre Wilhelm Schmidt quando este se limita a comparar formas sem dar atenção à função.

Pela iniciativa do dinâmico Adolf Bastian que, por várias razões, merece o nome de pai da Etnologia, o museu etnográfico mais importante do mundo foi o de Berlim, tornando-se a Alemanha o país mais rico em coleções etnográficas do Brasil. Tornou-se, então, idéia predominante nos estudiosos de povos naturais, estar-se aproximando a última hora destes povos e, com isso, a extrema necessidade de salvar tudo aquilo que poderia servir para documentar sua cultura perante a posteridade. Queriam recolher, ainda, do maior número possível de etnias diversas, o maior número possível de documentos. Óbvio é que, para tal fim e em tais circunstâncias, tratassem de reunir antes de tudo o mais acessível, isto é, utensílios, armas, enfeites e outros objetos "tangíveis". Karl von den Steinen, encaminhado por Bastian à etnologia, e, depois dele, Max Schmidt, administrou a seção americana do Museu de Berlim, e enriqueceu-a consideravelmente com as coleções recolhidas em suas viagens. Koch-Grünberg e Fritz Krause, dois outros indianistas aos

quais a etnologia brasileira muito deve, viajaram com o mesmo feito e foram encarregados, mais tarde, de funções semelhantes, dirigindo o primeiro o museu etnográfico de Stuttgart e o segundo o de Leipzig. Foi para esse museu que Krause recolheu material em 1908 no vale do Araguaia. Koch-Grünberg percorreu, nos anos de 1903 a 1905, o Noroeste do Brasil por incumbência do museu berlinense, tendo como objetivo principal trazer coleções para suas vitrinas. É natural, pois, que as obras sobre essas duas expedições refletissem seus motivos, na abundância de dados concernentes aos tesouros acumulados para os museus e na escassez de informes psicológicos e sociológicos.

Além disso, Koch-Grünberg, cuja instrução universitária era essencialmente filológica, dedicou grande parte de sua atividade a recolher da boca dos índios vocábulos, frases e textos. Reunindo esse material de dezenas de tribos, contribuiu mais do que qualquer outro para o conhecimento dos idiomas índios do Brasil e tornou-se, pela elaboração comparativa, uma das maiores autoridades em lingüística sul-americana. A fama, adquirida com suas publicações sobre línguas do Noroeste brasileiro, cresceu ao aparecer postumamente o tomo lingüístico de sua grande obra sobre a expedição de Roraima ao Orinoco, por ele realizada nos anos de 1911 a 1913. Um outro dos cinco volumes concernentes a essa notável viagem é um dos melhores trabalhos de mitologia sul-americana, dedicado pelo autor ao seu mestre Karl von den Steinen. O tomo referente à etnografia propriamente dita é excelente, na parte ergológica, e mostra como Koch-Grünberg observou, melhor do que anteriormente, os fenômenos religiosos e sociais, se bem que seus dados sociológicos ainda estejam longe de satisfazer às exigências atuais.

Tais exigências foram satisfeitas no tocante às tribos brasileiras, somente por pesquisas mais recentes e, principalmente, pelos últimos trabalhos de Curt Nimuendaju. Este autor, nascido em Jena e naturalizado brasileiro, publicou em 1914, como sua primeira obra, um magistral estudo sobre a religião dos apapocuva-guaranis, horda de seu pai adotivo e da qual recebeu o nome índio hoje tão caro aos colegas e tão conhecido

de todos os estudiosos. O mencionado trabalho é fruto de um convívio de vários anos com os guaranis do sul de Mato Grosso e do Estado de São Paulo, contendo, além do material mitológico, abundantes dados sobre lingüística, psicologia e história de migrações. As outras vinte e uma publicações de Nimuendaju aparecidas nos anos de 1914 a 1932 são, na maior parte, vocabulários das numerosas tribos do Norte do Brasil por ele visitadas, mitos dos grenguês, tembés e xipaias, destacando-se as pequenas monografias sobre a cultura dos parintintins, palicurus e tucunas. Instigado por R. H. Lowrie, dedicou-se o explorador, desde 1935, a estudar principalmente a organização social dos jês do Norte; daí seus trabalhos fundamentais sobre os canelas, xerentes e apinajés, que inauguram nova fase no desenvolvimento da etnologia brasileira.

Também a monografia do padre Colbacchini sobre os bororos orientais, aparecida em Turim, apresenta, ao lado de muitas páginas preciosas sobre mitologia, lingüística e etnografia em geral, detalhado estudo sociológico, o qual foi ainda consideravelmente melhorado e aumentado na edição brasileira da mesma obra, publicada no ano de 1942 por esse missionário salesiano, em colaboração com seu confrade Albisetti. Por fim, representantes da geração mais nova de etnólogos como Jules Henry e Charles Wagley, discípulos de Franz Boas, trabalhavam recentemente no Brasil, aprofundando ainda mais certos problemas daquela espécie, descobrindo outros e alargando com isso, de maneira surpreendente, o nosso conhecimento das possibilidades e realidades sociais.

O presente resumo não enumera, ao lado das figuras máximas da etnologia brasileira, os nomes de todos aqueles que, pelos seus estudos *in loco* ou de gabinete contribuíram para o conhecimento dos índios do Brasil. São muitos, e entre eles há etnólogos de reconhecido valor. Sobressaem, ainda entre os autores do século XX, dois brasileiros, a saber: Capistrano de Abreu, na sua monografia *sui generis* sobre os caxinanuás, e Roquete-Pinto, no livro sobre os parecis e nambiquaras encontrados pela heróica Comissão Rondon.

Martius, von den Steinen e Ehrenreich publicaram mapas lingüísticos do Brasil, e von den Steinen estudou cartograficamente a distribuição geográfica de certas palavras. Assim os três autores iniciaram o estudo da "História Cultural" dos índios deste país, formando hipótese sobre antigas migrações e parentescos. Herrmann Meyer é menos conhecido dos etnólogos pelas publicações sobre as duas viagens ao Alto Xingu feitas em 1896 e 1899, do que pela pequena monografia limitada ao estudo da difusão de variedades do arco e da flecha no Brasil Central, difusão essa também representada cartograficamente. Depois dele, foram realizados estudos da distribuição geográfica de determinados "elementos culturais" no Brasil, na América do Sul ou na América toda, por Friederici, Wilhelm Schmidt, Erland Nordenskiöld, Stahl, Métraux, Krickeberg, Rydén, Haeckel e outros. O padre W. Schmidt aplicou ao material sul-americano o método dos "ciclos culturais" (*Kulturkreislehre*), com os seus conceitos formados no estudo da extensão de complexos grupos invariáveis de fenômenos culturais de outros continentes. Com isso, motivou graves objeções por parte de Ehrenreich, Krause e outros americanistas. Nordensköld e Métraux procuravam, então, a região de maior distribuição de cada um dos "elementos culturais" estudados, para poder chegar à construção de novas hipóteses em relação à origem e migração desses elementos e de seus portadores. Várias tribos tupis serviram a Klimek e Milke para uma análise estatística de "elementos culturais" e a Métraux para um estudo puramente histórico, que coordena notícias sobre suas migrações durante os séculos XVI a XX.

No seu livro aparecido em 1905, publicava Max Schmidt um interessante capítulo de doze páginas com o título "Penetração de cultura européia na região das cabeceiras do Xingu". Apesar disso, dados científicos sobre aculturação de índios do Brasil eram escassos e esporádicos, até que o autor das presentes linhas tentou estudar sistematicamente, nos seus *Ensaios de Etnologia Brasileira*, esse aspecto da mudança cultural entre várias tribos do Centro e Sul do país.

As sínteses do material da etnologia brasileira que melhor caracterizam o respectivo estado de seu desenvolvimento foram feitas por Martius, em 1867, Ehrenreich, em 1891 e 1905. Wilhelm Schmidt, em 1913, Krickeberg, em 1922 e 1939, Estêvão Pinto em 1935, Pericot y Garcia, em 1936, Gillin em 1940 e Radin em 1942, referindo-se exclusivamente à lingüística as publicadas por Rivet, em 1924, Wilhelm Schmidt, em 1926 e Loukotka, em 1939.

III

A história da etnologia, apresentando dados acerca dos povos observados, fornece-nos também acerca do povo do observador. É a história do nosso conhecimento dos outros e do nosso comportamento em relação a eles. Os fatos, que principalmente chamam a atenção do observador, dizem respeito a si próprio e a seu povo em determinada época. Em outras palavras: a escolha de fatos feita pelo observador representa certa informação sobre o ambiente social e cultural em que ele se criou e costumava viver.

Vaz de Caminha e os seus se interessaram pelo aspecto físico e adorno dos índios, pelo seu comportamento em relação aos ádvenas e pelas indicações que fizeram a respeito da existência de ouro e prata. A carta de 1500 frisa o bom tratamento que os portugueses deram, "para os mais amansar", aos índios hóspedes de suas naus. No final, a missiva indica como objetivo principal "salvar esta gente", mencionando em seguida a utilidade de ter na terra descoberta "esta pousada para esta navegação de Calicute". Várias passagens da epístola revelam a grande cautela dos portugueses em não se exporem a uma surpresa hostil por parte dos índios. Em resumo: ao lado de certos interesses intelectuais, isto é, curiosidade em conhecer gente e coisas estranhas, mostra o documento interesses materiais em achar metal precioso e assegurar o caminho marítimo para a Índia, e interesses religiosos, pois dá grande importância ao "acrescentamento da nossa santa fé". Tudo isso foi manifestado com in-

tenções benévolas e completamente pacíficas que, porém, não excluíram o racionalismo do autor, nem a desconfiança estratégica de seus companheiros.

A observação no diário de Pero Lopes de Sousa, de serem as mulheres tupis da Bahia vistas pelo autor em 1531, "muj fermosas q nó hã nenhuã emveja as da Rua nova de lixbõa", pode ser um juízo puramente estético, mas não deixa de lembrar as tendências tipicamente portuguesas na política de povoamento colonial, isto é, a atividade procriadora do luso em qualquer ambiente racial e com qualquer quantidade e qualidade de mulheres.

Enquanto esses escritos da primeira metade do século XVI encaram amavelmente o aspecto externo dos tupis, a *História da Província Santa Cruz*, de Magalhães de Gandavo, aparecida em 1576 já dá a conhecer outro modo de ver dos portugueses resultante do contato mais longo com esses índios, quando deles declarou: "...sam desagradecidos em gram maneira, e muy deshumanos e crueis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo". Havia chegado a época na qual o português considerava, em geral, o índio como escravo ou inimigo.

Era, porém, comum a quase todos os mencionados autores dos séculos XVI, XVII e XVIII, isto é, desde Vaz Caminha até Rodrigues do Prado, terem o cristianismo por padrão supremo para pensar e agir. Somente na interpretação e aplicação desse dever sagrado, no tocante aos índios, havia diferenças e mesmo contrastes. Para aumentar a glória de Deus, uns entabularam relações amistosas, outros mataram ou fizeram escravos. No meio de relatos verídicos encontramos, às vezes, deturpações conseqüentes da Idade Média na qual, como é sabido, perdeu-se grande parte das aquisições científicas da Antiguidade e com elas, também, a objetividade a respeito dos povos exóticos, patente em obras de arte egípcia desde o segundo milênio antes de Cristo, e em monumentos de vitória do Império Romano. O obscurantismo medieval que, para representar convenientemente os pagãos, ressuscitou quimeras da Antiguidade e inventou outras, sobreviveu em aberrações da natureza personificadas por tribos do Brasil.

No século XVII, os padres Acuña e Simão de Vasconcelos deram notícias acerca de "nações" inteiras de gigantes, anões, amazonas e gente com pés voltados para trás, correndo, apesar disso, para frente. Ainda no fim do século XVIII, o naturalista Rodrigues Ferreira perguntava: "Será certo que entre as muitas nações de gentios, que habitam no Juruá, confluente do rio Solimões, existe a dos cauanás, espécie de pigmeus, de estatura tão curta que não passam de cinco palmos? Será certo que a dos uginas, do mesmo rio, consta de tapuias caudatos?"

Indubitavelmente, tal sede de sensações causadas pela imaginação de anormalidades tinha certa relação com o vivo interesse pela antropofagia que caracterizou a etnologia brasileira da segunda metade do século XVI. Era também assunto predileto de autores dessa época, ainda não citado, como André Thevet e Fernão Cardim.

Simultaneamente, com a tendência a saborear fenômenos horripilantes, manifesta-se a inclinação para tornar mais bela a realidade. Assim, nas gravuras do livro de Léry, representando cenas de espíritos malignos em forma assombrosa, atormentando pobres tupinambás, e também retratos de homens e mulheres desta tribo, correspondendo ao ideal de beleza europeu de então, e lembrando a mencionada comparação das baianas índias com as lisboetas no diário de Lopes de Sousa.

Tais "aformoseamentos" de povos-naturais alcançaram o auge na época em que Jean-Jacques Rosseau elogiou o suposto estado paradisíaco dessa gente. Martius, também, veio ao Brasil com preconceitos semelhantes. A desilusão sofrida na cabana índia o fez mudar de opinião e manifestar-se de acordo com os autores coevos como Friedrich Creuzer e sua escola, em cujas representações os povos-naturais não passavam de degenerados. Aplicando este conceito aos índios do Brasil, Martius teve o ensejo de externar lamentações filantrópicas e revelar, com isso, o ambiente social e cultural em que se criara. Era o da burguesia alemã da época do romantismo, a casa de um farmacêutico em Erlangen, aparentemente bem diversa do castelo em Neuwied onde nascera o etnógrafo dos botocudos. Apesar de ser filho do mesmo tempo, este precursor de

Martius na exploração e descrição de coisas brasileiras sabia mostrar-se humanitário sem a verbosidade sentimentalista do sábio bávaro.

O evolucionismo de Darwin e Spencer que orientou as ciências, na segunda metade do século passado, é representado na etnologia brasileira principalmente por Karl von den Steinen. O descobridor do Alto Xingu dissertou brilhantemente sobre a origem da produção do fogo, da olaria, do desenho, das máscaras, do número dois e de outros fenômenos culturais, considerando a América do Sul o campo mais vantajoso de experiência para "resolver o problema do processo de desenvolvimento do grau inferior para o superior". Também ehrenreich provou ter vivido na mesma época, contemporâneo do evolucionista Tylor, quando, com referência aos carajás e a outras tribos sul-americanas, falou do animismo como "a mais baixa forma da vida religiosa".

As obras do antropogeógrafo Ratzel, aparecidas nos dois últimos decênios do século XIX, formam uma espécie de reação contra o evolucionismo na etnologia. O caminho de um fenômeno cultural pelo espaço interessa-lhe mais do que o pelo tempo. É verdade que já Martius se ocupara com problemas de migrações e que ignoramos a influência de Ratzel sobre von den Steinen e Ehrenreich ao estudarem as mesmas questões. Em todo o caso, porém, um produto direto da influência do afamado geógrafo é a monografia de Meyer sobre a distribuição do arco e da flecha, e como aperfeiçoador dessa corrente antievolucionista, nomeia-se a si próprio o padre W. Schmidt, se bem que sua orientação histórica não esteja bem de acordo com tal afirmativa.

O estudo da "História Cultural", tido por este autor e sua escola como objetivo principal da etnologia, incitava, naturalmente, aquele "espírito da última hora" que obrigava os viajantes, desde von den Steinen até Koch-Grünberg e Max Schmidt, a recolher, antes de tudo, o material ameaçado de extinção. Mas o desenvolvimento da sociologia repercute, em medida crescente, nas pesquisas etnográficas, e a intensificação de choques entre povos e raças de todos os continentes durante e depois da Primeira Guerra Mundial chama a atenção sobre os problemas de acul-

turação. O interesse por esta "etnologia aplicada" aumenta rapidamente com a influência de Thurnwald, Herkovits, Redfield, Linton e outros. Assim, ao lado do "espírito da última hora" surge um espírito novo que não olha só para trás, mas principalmente para o presente e para o futuro. Considera-se o começo da compreensão psicológica dos povos estranhos, reconhecendo a necessidade do "estudo intensivo" pelo convívio de muitos meses e anos com a mesma gente. Este espírito novo não teme perder o trabalho *in loco*, pois suas possibilidades são inúmeras.

. . . .

Bibliografia

Abbeville, Claude d'. *Histoire de la Mission des péres capvcins en l'isle de Maragnan et terres circonuoisines ov est traicte des singularitez admirables & des meurs merueilleuses des indiens habitans de ce pais*. Paris, 1614. Reprodução fac-símile, editada por Paulo Prado e prefaciada por Capistrano de Abreu. Paris, 1922. 940 p.

A obra desse capuchinho francês é como a de seu companheiro, P. Yves d'Évreux, uma fonte preciosa para estudar os tupis do antigo Maranhão. O capítulo LI, contém interessantes dados sobre a astronomia desses índios. Anexo à edição fac-símile está um estudo de Rodolfo Garcia sobre as palavras e frases da língua tupi, contidas no livro de Claude d'Abbeville (76 p.), glossário esse que foi reimpresso na *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, t. XCIV, v. 148, p. 1-100, 1923, Rio de Janeiro, 1927. A edição brasileira foi traduzida para o português e anotada por César Augusto Marques, sendo publicada sob o título *História da Missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*, Maranhão, 1874. **[1850]**

Abreu, João Capistrano de. *Os Bacaerys*. (*Rev. Bras.*, série III, t. 3, p. 209-228; t. 4. p. 43-50, 234-243. Rio de Janeiro, 1895).

Estudo sobre a língua e lendas desses índios karaib da região das cabeceiras do Xingu, tão conhecidos pelas expedições de Karl von den Steinen e Max Schmidt. **[1851]**

Abreu, João Capistrano de. *Ra-txa hu-ni-ku-ï. A língua dos Caxinauás do rio Ibuaçú, affluente do Murú* (prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro, 1914. 630 p.

Existe 2ª edição com as emendas do autor e um estudo crítico do Prof. Theodor Koch-Grünberg, Rio de Janeiro, 1941. 635 p.

Com dois rapazes caxinauás, um de vinte e outro de treze anos de idade e ambos há muito tempo fora de sua terra, realizou o autor esse magistral estudo cheio de dados lingüísticos, mitológicos e etnográficos em geral, sobre aquela tribo pano da bacia do Juruá. A parte principal do livro consiste em textos com a tradução literal em português e coordenados pelo autor sob os seguintes títulos: Vida da aldeia; Alimentação; Festas; Vida sexual; Vida, morte, feiticeiros; Anedotas; Caxinauás transformados em bichos; Bichos encantados em Caxinauás; Bichos entre si; Feiticeiros e espíritos; Astronomia; O fim do mundo e o novo mundo; A dispersão. Valiosos complementos são as notas gramaticais (p. 11-32), os vocabulários alfabéticos português-caxinauá e caxinauá-português (p. 524-621) e o prefácio (p. 621-630). Na página 8, o autor observa: "No *Jornal do Comércio* de 25 de dezembro de 1911, de 7, 14 e 21 de janeiro imediato, foi publicada a

apuração dos dados etnográficos fornecidos pelos dois caxinauás, que não vai em apenso para não sobrecarregar ainda mais o volume". Estes artigos foram reproduzidos nos "Ensaios e estudos", 3ª série, Rio de Janeiro 1938, livro póstumo de Capistrano de Abreu. O "estudo crítico" de Koch-Grünberg que acompanha a segunda edição de *Rã-txa ku-ni-ku-ï*, é nada mais do que um grande elogio, aliás bem merecido, deste já clássico livro, considerando-o "obra de alto valor científico, quase sem paralelo na lingüística e etnografia sul-americanas. O maior e melhor material que jamais se publicou sobre língua sul-americana de índios, e ao mesmo tempo uma excelente monografia da vida econômica, dos usos e costumes e do folclore" (p. 633). **[1852]**

Abreu, Sílvio Fróis. *Os índios Crenaques (Botocudos do rio Doce) em 1926.* (Rev. Mus. Paulista. XVI, p. 569-601, São Paulo 1929, 8 planchas).

Esse artigo serve de complemento aos trabalhos de Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied; Paul Ehrenreich; H. Manizer e outros observadores dos botocudos, mostrando interessantes fenômenos de mudança cultural. Durante sua estada entre aqueles índios, o autor coligiu, também, um pequeno vocabulário (p. 594-601). **[1853]**

Abreu, Sílvio Fróis. *Na terra das palmeiras: estudos brasileiros.* Prefácio do Prof. Roquete-Pinto. Rio de Janeiro, 1931. vii, 287 p. ilus.

As p. 87-103 desse interessante livro tratam das diferentes tribos do Maranhão antigo e moderno, ao passo que as p. 105-163 ocupam-se exclusivamente dos guajajáras e de sua língua (tupi), sendo as p. 165-207 dedicadas aos canellas (ramkókamekra) e ao seu idioma (jê). As p. 209-214 mostram as diferenças entre essas duas tribos visitadas pelo autor em setembro de 1928, e as p. 215-228 referem-se às relações desses índios com os representantes da nossa civilização. **[1854]**

Acuña, Cristobal de. *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas.* Madrid, 1891. xxxi, 235 p. (Colección de libros que tratam de América, raros ó curiosos, v. 2).

Esse jesuíta espanhol viajou, em 1639, de Quito ao Pará descendo o Amazonas. Das suas notícias sobre os habitantes da região percorrida destacam-se as concernentes aos tupinambás nas quais Métraux, na sua monografia *Migrations historiques des Tupi-guarani*, baseou sua hipótese a respeito do itinerário desses índios de Pernambuco ao Madeira. Na recente edição brasileira da narrativa de Acuña, aparecida no livro: *Gaspar de Carvajal, Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña: descobrimentos do rio das Amazonas* (traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão), São Paulo, 1941, Brasiliana v. 203, p. 261, há, nesse tocante, a seguinte nota: "Berredo completa a narrativa de Acuña e dela diverge no que se refere às lendas contadas pelos tupinambás. Diz ele: Mais abaixo (do rio Madeira), pela parte do norte, desemboca o Saracá, depois de já ter desaguado nele o Urubu (a que o padre Cunha chama Barururu), habitado de muito gentio,

que se comunica com os holandeses pelo Suriname; e a este último antepõe também o mesmo padre (sem dúvida que equivocadamente), não só o Madeira mas ainda o Negro. Pouco adiante de Saracá, correndo para a banda do norte, passou a armada a boca do rio Atumá, e com mais um dia de viagem a dos Jamundazes. Nessa altura a singeleza do padre Cunha deixou-se persuadir por várias novelas, sugeridas todas por uns índios chamados topinambazes. Maurício de Heriarte chama aos tupinambás tupinambaranas, dando as mesmas informações que o padre Acuña". A relação de Carvajal publicada em versão portuguesa junto à de Acuña no citado livro e da qual apareceu uma edição em espanhol moderno sob o título *Descubrimiento del rio de las Amazonas*, Sevilla 1894, ccxxxix e 278 p., refere-se à descida do Amazonas, em 1541, por Orellana, em sua companhia viajava esse dominicano espanhol. Contém informes sobre a gente da "terra de Omagua" e outros índios. Ambos, Carvajal e Acuña, oferecem material para o estudo da etnografia amazônica do século XVI e XVII, mas material freqüentemente duvidoso cuja utilização exige a maior precaução. Para conhecer os índios do Brasil atual não é preciso ler esses autores. **[1855]**

Adalbert, príncipe da Prússia. *Aus meinem Tagebuche, 1842-1843.* Berlin, 1847. vi, 778 p. 9 mapas, 1 plancha.

A versão inglesa traduzida por Sir Rob. H. Schomburgk e J. E. Taylor intitula-se: *Travels in the south of Europe and in Brazil*, London 1849, 2 v. xvi, v. 338, 377 p. Uma edição de divulgação foi organizada por Hermann Kletke sob o título *Reise Seiner Königlechn Hoheit de Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien im Jahere 1842*, Berlin 1857, 749 p., 1 plancha. O autor, que explorou o Baixo Xingu até Piranhacuara (4º5,1'), dá interessantes informações sobre os índios dessa região, principalmente sobre os yurunas visitados por ele em dezembro de 1842. **[1856]**

Anchieta, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, novamente dado à luz por Júlio Platzmann.* Lipsia, 1874. xii, 82p.

Este esboço de gramática, cuja primeira edição apareceu em Coimbra no ano de 1595, é uma das fontes mais preciosas para o estudo do tupi antigo. **[1857]**

Anchieta, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões, 1554-1594.* Rio de Janeiro, 1933. (Pub. Ac. Br.)

Valiosos documentos sobre os tupis que, no século XVI habitavam o litoral do Brasil, e os arredores da atual capital do Estado de São Paulo. **[1858]**

Andrade, Alfredo Antônio de. *Estudos das matérias corantes de origem vegetal em uso entre os índios do Brasil e das plantas de que procedem.* (An. XX Congr. Inter. Amerc., Rio de Janeiro de 1922) v. I, Rio de Janeiro 1924, p. 185-201.

A leitura dessa monografia é indispensável ao estudo das matérias corantes aplicadas pelos índios a fios, palhas, penas, cerâmica e, principalmente, à própria pele.

A afirmação segundo a qual o urucu serve não somente para enfei-

tar, mas também "à defesa contra os mosquitos" (p. 199), não deve ser generalizada, porém, quanto às tribos do Brasil, pois entre estas, na maioria dos casos, o mencionado corante é aplicado na pele: 1º) não de todos, mas só de determinados indivíduos, 2º) nem sempre, mas só ocasionalmente, e 3º) não em todo o corpo, mas só em certas partes, restringindo-se, freqüentemente, a poucas linhas. **[1859]**

Antze, Gustav. *Einige Bemerkungen zu den Kugelbogen im städtschen Museum für Völkerkunde zu Lepzig.* (Jahr, Städt, Mus, Völkr, zu Lepzig, Band 3, Lepzig 1910, p. 79-95).

Entre os bodoques estudados pelo autor também há tipos sul-americanos. O bodoque já foi mencionado por Debret como uma das armas dos índios do Brasil. Nordenskiöld considerou esse arco para atirar bolas de barro como um dos traços culturais que os portugueses trouxeram da Índia para a costa do Brasil. **[1860]**

Airosa, Plínio. *Vocabulário na língua brasílica: manuscrito português-tupi do século XVII.* Coordenado e prefaciado por Plínio Airosa. São Paulo, 1938. 433 p. 5 planchas. (Coleção do Departamento de Cultura, 20).

Fonte importantíssima para a tupinologia. Escreve o prefaciador (p. 68): "... com os dados que dispomos, e em face do que nos forneceu o longo estudo desapaixonado do manuscrito, não podemos, em sã consciência, negar as grandes possibilidades de ter sido Anchieta o autor primeiro deste primeiro valiosíssimo Vocabulário". **[1861]**

Baldus, Herbert. *Aldeia, casa, móvies e utensílios entre os índios do Brasil.* (Sociologia, IV, nº 2, São Paulo, 1942, p. 157-172).

Sugestões para pesquisas etnográficas. **[1862]**

Baldus, Herbert. *O conceito do tempo entre os índios do Brasil.* (*Rev. Arq. Municip.* LXXI, p. 87-94, São Paulo, 1940, bibliografia.)

Trata, principalmente, da determinação do tempo entre os tapirapés e os antigos tupis. **[1863]**

Baldus, Herbert. *Ensaios de etnologia brasileira. São Paulo, 1937.* 346 p. ilus. (Brasiliana, v. 101). Bibliografia.

O autor estuda, principalmente, problemas sociais e religiosos de várias tribos do Brasil Meridional e Central visitadas por ele nos anos de 1933 a 1935, a saber: dos kaingangas, terenos, boróros, karajás e tapirapés. O livro foi classificado por Alfred Métraux, no *Handbook of Latin American Studies: 1938*, Cambridge, Massachusetts, 1939, nº 358, como "important contribution to our knowkedge of South American ethnology". Os seguintes ensaios apareceram, também, na língua alemã: *A sucessão hereditária do chefe entre os Tereno* (Ethnol, Azn., Bd. IV, Stutgart 1935, p. 38-42); *Os grupos de comer e os grupos de trabalho dos Tapirapé* (Pindorama, 1.Jg., Heft 2/3, S. Paulo, 1937, p. 1-11); *A mudança de cultura entre índios no Brasil* (Arch. für Anthrop. und Völkerforschung. NN.F., Bd. XXIV, Heft 3/4, Braunschweig 1938, p. 170-189). **[1864]**

Baldus, Herbert. *Herrschaftsbildung und Schichtung bei Naturvölkern Südamerikas.*

(Arch. für Anthrop. Völkerforschung und kolonialen Kulturwandel, N.F., Bd. XXV, Friedr. Vieweg & Sohn, Braunschweig 1939, p. 112-130).

Na primeira parte do presente trabalho, o autor estuda o papel do chefe entre os guayakís e chamakokos, do Paraguai e os tapirapés do Brasil Central, baseando-se a respeito dos guayakís, em comunicações que lhe foram feitas por F.C. Mayntzhusen, e a respeito das outras tribos, em suas próprias observações.

Na segunda parte, Baldus afirma haver na América do Sul, como em outras partes do mundo, povos naturais cuja estratificação social é produzida pela estratificação étnica, enumerando várias tribos do Brasil e de territórios limítrofes em que a camada governada foi formada por membros de outras tribos e se distingue da camada superior pela atitude subordinativa, pelos traços físicos menos finos, pelas maneiras mais grosseiras e coisas semelhantes. A enumeração dessas tribos atesta que tanto captores como também lavradores podem ser os senhores. Estudado minuciosamente, é um caso da segunda metade do século XVIII, a saber, a anexação e a subordinação espontâneas dos guanás, lavradores sedentários, aos guaikurus, captores que tornaram-se, mais tarde, pastores. Os dados sobre estas tribos mato-grossenses apóiam-se em relatórios espanhóis e portugueses. **[1865]**

Baldus, Herbert. *Indianerstudien im nordöstlichen Chaco.* Leipzig, 1931. ix, 230 p. um mapa, 8 planchas, apêndice, índice alfab. das matérias. (Forschungen zur Völkerpsychologie und Soziologie, v.11.) Bibliografia.

Neste livro, os chamakokos do nordeste do Chaco, que vivem caçando e colhendo frutas silvestres, são confrontados com seus vizinhos kaskihás, tribo maskoi, que levam uma vida mais sedentária do que aqueles, morando em casas retangulares construídas de troncos de palmeira, lavrando a terra e criando gado vacum. Tanto os chamakokos como os kaskihás estiveram longo tempo, talvez por séculos inteiros, na dependência dos mbayás, e principalmente a cultura material dos mencionados índios maskois apresenta ainda, hoje, grandes semelhanças com a dos descendentes da chamada tribo guaikuru que são os kadiuéos (kaduveos) de Mato Grosso. O material dessa obra foi recolhido pelo autor, em 1923 e 1928. O apêndice contém ligeiras notas sobre os guaranis do litoral paulista visitados, pelo mesmo viajante, em 1927. **[1866]**

Baldus, Herbert. *Instruções gerais para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil.* (*Rev. Arq. Municip.* LXIV, p. 253-272, São Paulo, 1940).

Trata do comportamento recomendável ao etnógrafo na sua aproximação dos índios e na coleta de dados. **[1867]**

Baldus, Herbert. *A necessidade do trabalho indianista no Brasil.* (*Rev. Arq. Municip.* LVII, p. 139-150, São Paulo, 1939).

Essa aula inaugural da cadeira de Etnografia Brasileira da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo mostra a necessidade da colaboração do governo do Brasil com a etnolo-

gia, no tocante à administração dos índios. **[1868]**

Baldus, Herbert. *As pinturas rupestres de Santana da Chapada (Mato Grosso).* (*Rev. Arq. Municip.*, XL, São Paulo, 1937, p. 5-14). 31 estampas.

Em 1934, o autor fotografou e mediu as figuras descritas neste trabalho. São pintadas com ocre vermelho ferruginoso numa parede de arenito branco, na borda escarpada da Chapada de Mato Grosso. Representam anta e onça, veados, quatis, tatus, urubus, emas, seriemas e sapos ao lado de palmeiras, fileiras de bicones, círculos concêntricos e outros desenhos. A respeito da figura 21 na estampa 11 descrita no presente estudo como "homem em pé em cima de uma anta", o autor pede licença para comunicar, aqui, que considera, hoje, em 1942, essa figura "uma onça assaltando uma anta".

O tamanho e estilo desses retratos de animais talvez possam fazer supor que procedem dos índios da região, os boróros. Nas aldeias dessa tribo, atualmente ainda, as crianças e os adultos têm predileção de desenhar animais na areia e, sempre, em tamanho natural. Dizem, porém, que não sabem nada da existência das mencionadas pinturas rupestres e de obras semelhantes.

É digno de nota estarem as pinturas de Santana da Chapada colocadas em lugar de difícil acesso e apresentarem, ainda, a particularidade da sua altura acima do chão, altura que implica na montagem de andaimes para a sua execução.

Para fins comparativos, as estampas reproduzem, além de fotografias das pinturas rupestres, desenhos a lápis feitos pelos boróros. **[1869]**

Baldus, Herbert. *Tereno-Texte.* (Anthrop. XXXII, p. 528-544, St. Gabriel-Mödling bei Wien 1937).

Material lingüístico, mitológico e sociológico colhido pelo autor, em 1934, da boca de um velho tereno, chefe da aldeia Mureira situada perto de Miranda no sul de Mato Grosso. O presente trabalho contém, além de textos em tereno com tradução interlinear, um vocabulário comparativo dessa língua aruak, uma lista de designações de parentesco, um parágrafo sobre o modo de contar e os números, e um comentário à monografia *Guaná* de Max Schmidt.

[1870]

Baldus, Herber, e **Willems,** Emílio. *Dicionário de etnologia e sociologia.* São Paulo, 1939. 245 p. (Iniciação científica, v. 17)

Bibliografia.

Além das explicações dos principais termos da etnologia e sociologia em geral, contém este livro muitas referências aos índios do Brasil e numerosos verbetes concernentes à etnologia e ao significado de termos índios usados na etnologia brasileira.

[1871]

Barlaeus, Caspar. *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum, sub praefectura Mauritii Nassoviae etc. comitis, historia.* Amstelodami, 1647. *In folio,* folhas não numeradas, 340 p. 56 planchas.

Uma versão alemã ilustrada apareceu em Cleve, no ano de 1652. A

tradução portuguesa saiu em 1940 no Rio de Janeiro sob o título: *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício, conde de Nassau*, em tradução e anotações de Cláudio Brandão, XIII e 409 p.

Etnograficamente interessante é a descrição dos tapuias do Brasil holandês e da viagem do coronel Herckmann pelo Rio Grande do Norte e Paraíba. **[1872]**

Baro, Roulox. *Relation dv voyage de Rovlox Barp, interprète et ambassadeur... au pays des Tapuies dans la terre ferme du Brésil. Relations veritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil...* Paris, 1651. p. 197-307.

Contém alguns dados sobre índios nordestinos do século XVII. **[1873]**

Boggiani, Guido. *Viaggi d'un artista nell'America Medirionale; I Jaduvei (Mbayá o Guaycurú)*; con prefazione ed uno studio storico ed etnografico del Dott. G.A. Colini. Roma, 1895. xxiii, 339 p., 112 figuras, 1 mapa, apêndice.

Bibliografia.

Este livro é o produto feliz de um artista com tendências científicas. Um bom pintor, que também se revela bom etnógrafo, descreve sua estadia entre os kaduveos do sudoeste de Mato Grosso durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 1892. A forma de diário dada a essa relação conserva detalhes psicológicos cujo valor é estimado, principalmente, por nós hodiernos. As ilustrações magistrais contribuem para tornar essa obra um dos documentos mais grandiosos que existem sobre a vida e a arte ornamental dos índios do Brasil. Um vocabulário kaduveo (p. 253-270) e os eruditos estudos do doutor Colini (p. XI-XXIII e 287-339) são seus preciosos complementos. **[1874]**

Borba, Telêmaco Morosini. *Atualidade indígena.* Curitiba, 1908. 171 p., 5 planchas.

Nas p. 5-19, o autor reproduz sua *Breve notícia sobre os índios caingangues, que, conhecidos pela denominação de coroados, habitam no território compreendido entre os rios Tibagi e Uruguai*, notícia essa escrita em 1882 e publicada na *Rev. Soc. Geo. de Lisboa* (no Rio de Janeiro). Sociologicamente interessante é a observação (p. 11): "Não casam com as filhas dos irmãos, que consideram como suas, preferindo, entretanto, as filhas das irmãs para suas esposas." A esse respeito, pois, os kaingangas do Piquiri visitados por Borba não diferem dos tupis descritos por Anchieta e Gabriel Soares de Sousa. Contém a primeira parte do presente livrinho ainda outros materiais kaingangues, a saber: mitos (p. 20-27), uma narrativa histórica (p. 28-33), textos de cantos fúnebres (p. 34), um vocabulário alfabético português-kaingang (p. 35-38), um diálogo em português e úaingang (p. 39-40), um ensaio de conjugação (p. 41-47) e mais uma pequena lista de vocábulos (p. 48). A segunda parte dá ligeiras notas sobre os kainguás e guaranis domiciliados no município do Tibagi (p. 51-62), uma lenda guarani (p. 62-69), um

mito dos arés cuja língua pertence, também, à família tupi (p. 69-71), um vocabulário dos otis-chavantes dos Campos Novos da comarca paulista de Botucatu, comparado com as correspondentes palavras em kainguá (p. 72-76) e um ensaio de conjugação em guarani (p. 77-91). A terceira parte compreende um vocabulário comparativo português-kaingang-guarani (p. 95-114). O apêndice contém uma toponímia kaingang da comarca de Guarapuava (p. 117-118), um conto do tamanduá e da onça em guarani com tradução interlinear portuguesa (p. 119-123), um estudo sobre túmulos indígenas no município do Tibagi (p. 124-127), uma refutação da suposição de H. von Ihering de serem os atuais kaingangas os descendentes dos guaianás mencionados por Gabriel Soares, refutação essa que Borba, com argumentos convincentes, demonstra diferirem aqueles completamente destes e distinguirem-se os guaianás de Azara, também, fundamentalmente dos kaingangas (p. 128-137), acrescentando, ainda, o vocabulário guaianá de D. Domingos Patiño com as palavras correspondentes em kaingang (p. 138-139), "para que se veja a diferença radical que existe entre um e outro idioma". A descrição duma viagem do Jataí ao salto do Guaíra ocupa as p. 140-165. **[1875]**

Brinton, Daniel G. *The American race: a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South America.* New York, 1891. xvi, 392 p.

Apesar de antiquada, essa obra conserva grande importância bibliográfica e é indispensável para o estudo da história das classificações das tribos sul-americanas e de suas línguas. **[1876]**

Caminha, Pero Vaz de. *Carta; versão em linguagem atual, com anotações da doutora D. Carolina Michãelis de Vasconcelos.* (História da colonização portuguesa do Brasil, v. 2, p. 86-99. Porto, 1923).

Das numerosas edições, é esta a mais recomendável para um trabalho científico. A carta é dirigida a el-rei D. Manuel e datada "Deste Porto Seguro, da vossa ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500." Com esse documento, o autor inaugurou, da maneira mais brilhante, a etnografia do Brasil. Admirável é sua capacidade de observação, e não menos louvável é sua objetividade na descrição dos fatos. O encanto de seu estilo não pode ser superado. Os dados referem-se aos índios brasileiros encontrados pela armada de Pedro Álvares Cabral, tornando provável terem sido tupis esses índios. **[1877]**

Cardim, Fernão, padre. *Tratados da terra e gente do Brasil.* Introduções e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia; editores J. Leite & Cia. Rio de Janeiro, 1925. 2ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1939. 379 p. (Brasiliana, v. 168).

Esse livro reúne os tratados *Do clima e terra do Brasil* e *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremoniais* e a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*. São fontes importantíssimas para o estudo dos índios do Brasil quinhentista, principalmente pelas suas informações sobre os tupinambás e

pela enumeração das tribos e línguas do litoral contidas no segundo desses dois tratados que, aliás, apareceram, primeiro, em inglês, na coleção *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, London 1625, p. 1289-1320, sob o título *A treatise of Brazil written by a Portugal which had long lived there.* **[1878]**

Castelnau, Francis de. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para.* Histoire du voyage. Paris, 1850-1851. 6 v.

O primeiro tomo (1850, 468 p.) descreve a viagem do Rio de Janeiro através de Minas Gerais e Goiás até o Araguaia e a descida por este rio, em 1844, contendo referência aos xavantes, xerentes e karajás. O segundo tomo (1850, 486 p.) relata a viagem de São João das Duas Barras à cidade de Goiás pelo Tocantins e dessa capital a Cuiabá, como também várias explorações na bacia do Paraguai, contendo notícias sobre as numerosas tribos das zonas percorridas. A primeira metade do terceiro tomo (1851, 484 p.) ainda se refere a Mato Grosso e dá, também, vários informes sobre seus índios. O quinto tomo (1851, 480 p.) trata da Amazônia e das Guianas e contém vocabulários botocudos (p. 249-262) recolhidos por Victor Renault (reeditados em Belo Horizonte, em 1904), cherentes (p. 262-264), chavante (p. 264-268), úarajás (p. 268-270), apinayés (p. 270-273), karahós (p. 273-274), guanás (p. 274-276), apiakás, (p. 276-278), guachís (p. 278-280), guaikurús (p. 280-282), kayowás-guaranis (p. 282-283), guatós (283-285), boróros (p. 285-286), e de línguas da Bolívia, do Paraguai e do Peru. Todos esses vocabulários de idiomas do Brasil foram reproduzidos no segundo tomo dos *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde* de Martius. **[1879]**

Chamberlain, Alexander Francis. *The Allentiacan, Bororoan, and Calchaquian linguistic Stocks of South América.* (Amer. Anthrop., N.S. XIV, 1912, p. 499-507).

A parte desse artigo que trata dos bororos contém uma bibliografia do que foi escrito, até então, sobre esses índios mato-grossenses. **[1880]**

Chamberlarin, Alexander Francis. *Linguistic stocks of South American indians*, with distribution-map. (Amer, Anthrop., N.S., v. 15, p. 236-247, Lancaster, 1913).

Classificação das famílias lingüísticas sul-americanas, com indicações bibliográficas. Convém conferir, a seu respeito, o comentário de P. Rivet no *Jr. Soc. Americ., N.S.*, v. 10, p. 652-653, Paris 1913. **[1881]**

Chamberlain, Alexander Francis. *Nomenclatura and distribution of the principal tribes and sub-tribes of the Arawakan linguistic stock of South America.* (*Jr. Soc. Americ., N.S.*, X, Paris, 1913, p. 437-496). Mapa.

Bibliografia de 14 números.

Lista alfabética das tribos e subtribos arawakes (ou aruakes) com indicações sobre suas distribuições geográficas elucidadas por um mapa. Valiosas são, também, as exatas referências bibliográficas. **[1882]**

Chamberlain, Alexander Francis. *Sur quelques familles linguístiques peu connues ou presque inconnues de j'Amérique du*

Sud. (*Jr. Soc. Americ., N.S.*, VII, Paris 1910, p. 179-202). Mapa.

Dá a localização geográfica e a bibliografia de 42 línguas sul-americanas das quais só algumas são do Brasil. **[1883]**

Church, George Earl. *Aborigenes of South America;* edited by Clements R. Markham. London, 1912. XXIV, 314 p. 1 plancha, índice alfab.

Baseando-se exclusivamente em algumas poucas obras antiquadas, pois o autor ignora toda a literatura em língua alemã, o presente ensaio sinótico contém inexatidões e confusões que o impossibilitam a satisfazer exigências científicas. **[1884]**

Colbacchini, Antonio, e **Albisetti**, Cesar. *Os Boróros orientais orarimogodógue do planalto oriental de Mato Grosso: contribuição científica da missão salesiana de Mato Grosso aos estudos de etnografia e etnologia brasileira.* São Paulo, 1942. 454 p. (Brasiliana (grande formato) IV).

Ainda que a presente publicação seja por essência a tradução do italiano para o português da monografia publicada por Colbacchini em Turim, distingue-se dela por numerosas modificações e importantes acréscimos. Foram suprimidas as citações de outros autores e passagens referentes às atividades missionárias. Foram corrigidas as inexatidões e erros. Foram aumentados consideravelmente os dados sobre fenômenos sociais, religião, medicina e a coleção de mitos. Foi acrescentado um capítulo especial sobre a posição social da mulher. Foram ajuntados um extenso vocabulário bororo-português (p. 405-440) e uma lista de nomes próprios dos membros da tribo (p. 441-446).

Foram transcritos dois trabalhos de Tonelli, um sociológico (p. 178-184) e outro sintático (p. 308-321).

Certas ilustrações da edição italiana não foram reproduzidas na edição brasileira, principalmente as referentes à vida das missões, sendo poucas, porém, as suprimidas com valor etnográfico.

É justamente a minha grande admiração pelos esforços científicos de Colbacchini e Albisetti que me faz sentir, na presente obra-prima, a ausência de um estudo das relações culturais dos bororos com outros índios e com os brancos, como também de dados sobre a psique de determinados indivíduos. Missionários que passavam toda a sua vida em contato com a mesma gente deviam estar, mais do que ninguém, em condições de escrever a biografia de alguns dos seus catequizados e para fornecer precioso material para pesquisa sobre os problemas da aculturação. **[1885]**

Colbacchini, Antonio. *I Bororos orientali "Orarimugudoge" del Mato Grosso, Brasile.* Torino (1925) XII, 463 p. ilus., planchas, mapa, índice alfabético. (Contributi scientifici delle missioni salesiane del venarabile Don Bosco, v. 1)

Esta magnífica monografia não é somente o mais importante dos numerosos trabalhos escritos sobre aquela tribo do centro de Mato Grosso. Ela é uma das melhores obras sobre índios do Brasil. Apresentando material no tocante a todos

os problemas principais da etnologia moderna, contém na sua primeira parte um estudo da organização social e dos diversos aspectos da cultura material e espiritual, na segunda parte uma coleção de mitos, na terceira, a gramática, na quarta, textos originais de mitos com tradução interlinear e na quinta, cantos religiosos, sendo alguns deles acompanhados pelas notas que indicam sua melodia. Os estudiosos de problemas de aculturação encontram numerosos dados nas ótimas fotografias. **[1886]**

Cook, William Azel. *Through the wildernesses of Brazil.* New York, American Tract Society (1909) 487 p. planchas.

O autor visitou os Karajá do Araguaia, os Xerente e Karahó do vale do Tocantins, os Boróro do rio Vermelho e o território dos Kayabí no rio Verde, sem encontrar-se, porém, com estes últimos. Sua narrativa de viagem contém dados sobre todas essas tribos e uma nota a respeito dos Tapanhuma, vizinhos dos Kayabí. **[1887]**

Coudreau, Henri. *Voyage au Tapajoz.* Paris, 1897. 213 p. 37 vinhetas, 1 mapa. A versão portuguesa apareceu na Brasiliana, v. 208. São Paulo, 1941, 288 p., ilustrações do original.

Em 1895, o autor explorou o Tapajós. Seu livro contém dois capítulos inteiros sobre os Munduruku (p. 111-146), capítulos esses que são, na maior parte, reproduções do que Gonçalves Tocantins e Barbosa Rodrigues escreveram no tocante a essa tribo cujo idioma apresenta certo parentesco com línguas tupi. Há, ainda, algumas referências aos Parintin, Maué e Apiaká, tribos essas cujas línguas são consideradas, atualmente, como pertencentes à mesma família tupi. Um capítulo consiste em vocabulários maué (p. 173-181), apiaká (p. 182-191) e munduruku (p. 192-202). **[1888]**

Coudreau, Henri. 1897. *Voyage au Tocantins-Araguaya.* Paris, II, 298 p. 87 vinhetas, 1 mapa.

Em 1897, o autor navegou da foz do Tocantins até a confluência do Tapirapé com o Araguaia. Seu livro menciona os índios Gaviões, Apinayé, Gradau, Karajá, Kayapó e Tapirapé. O que disse sobre estes últimos é completamente errôneo, baseando-se, aparentemente, em informações mal-entendidas. Mas os Karajá e Kayapó foram observados pelo próprio autor que reproduz bons retratos de vários indivíduos dessas tribos e vocabulários de suas línguas (karajá: p. 259-270; kayapó: p. 271-290). É verdade que, depois das pesquisas entre os Karajá feitas por Ehrenreich em 1888 e publicadas em 1891, Coudreau traz pouco de novo sobre esses índios. Por outro lado, porém, ele dá as primeiras notícias de importância sobre os Kayapó paraenses e seus contatos pacíficos com os missionários. **[1889]**

Coudreau, Henri. *Voyage au Xingu (1896).* Paris, 1897. II, 230 p. 68 vinhetas, 1 mapa.

Refere-se ligeiramente aos Assurini, Pena, Juruna, Achipaye, Arara, Kuruaye, Karajá e Karuriá, considerando estes últimos como Munduruku (p. 32-36), e apresenta vocabulá-

rios juruna (p. 165-196) e arara (p. 199-210). As p. 197-198 contêm cantigas juruna. **[1890]**

Crevaux, J. *Voyages dans l'Amérique du Sud,* contenant: I, Voyage dans l'intérrieur des Guyanes, 1876-1877: Exploration du Maroni et du Yary; II, De Cayenne aux Andes, 1878-1879: Exploration de l'Oyapock, du Parou, de l'Iça et du Yapurá; III. A travers la Nouvelle-Grenade et le Venezuela, 1880-1881: Exploration, en compagnie de M.E. Le Janne, du Magdalena, du Guaviare et de l'Orénoque: IV, Excursion chez les Guaraounos, 1881. Avec 253 gravuras sur bois d'après des photographies ou des croquis du Dr. Crevaux. Paris, Hachtte, 1883. XVI, 635 p.

Uma tradução espanhola do relatório da segunda viagem apareceu na crestomatia *América pitoresca*, p. 113-264, Barcelona, 1884.

A monumental obra do célebre explorador francês contém interessantes notas sobre os índios das regiões por ele percorridas. Principalmente as descrições das viagens de 1876 a 1879 têm importância para a etnologia brasileira. **[1891]**

Da Prade, Benjamino Santin. *Una spedizione ai "Coroados" nello Stato di S. Paolo nel Brasile.* (Anthrop., I, Wien 1906, p. 35-48). Os mencionados *Coroados* são Kaingang. **[1892]**

Dengler, H. *Eine Forschungsreise zu den Kavahib-Indianern am Rio Madeira.* (Zeits, für ethn., LIX, p. 112-126 e 377-378, Berlin 1928. 1 mapa, 6 planchas).

Ligeiras notas baseadas em observações feitas pelo autor e em informações que lhe deram Curt Nimuendaju, Manuel de Sousa Lobo e José Garcia de Freitas, os melhores conhecedores dessa tribo tupi chamada também, *Parintintin*. O padrão-de-comportamento tribal desses índios é tipicamente guerreiro. São caçadores de cabeças. Matam e comem os prisioneiros com cerimônias que, "segundo os escassos relatos dados pelos próprios índios e conforme as poucas observações a respeito feitas por Garcia de Freitas, parecem ser semelhantes às realizadas pelos antigos Tupi orientais" (p. 125). Por várias ocasiões, o autor estigmatiza as mistificações de Charles W. Domville-Fife e Leo Parcus. Dados resumidos sobre aqueles mesmos índios comunicou Dengler em seu artigo: Die Kavahib-Indianer. (Forschungen und Fortschritte, III, p. 157-158, Berlin, 1927). **[1893]**

Dyott, G. M. *The search for colonel Fawcett. The Geographical Journal*, LXXIV, p. 513-542. London, 1929

No ano de 1928, o autor passou do Culisehu ao Culuene, descendo, depois, este e o Xingu. Seu relatório dá alguns informes sobre os Nanhuqua, Kalapalu e Guikuru que pertencem todos aos Nabuqua estudados por Hermann Meyer em fins do século passado, e sobre os Kamayurá dos quais já trataram Karl von den Steinen e outros viajantes. **[1894]**

Ehrenreich, Paul. *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.* Berlin, 1891. 80 p. 48 figuras no texto, 16 planchas, índices alfabéticos. (Veröffentlichungen aus dem kgl. Museum für Völkerkunde, II).

Em fins de agosto de 1888, o autor desceu de vapor o Araguaia de

Leopoldina até Santa Maria e, no mês seguinte, continuou a descida num batelão. Em dezembro do mesmo ano partiu de Manaus a Hyutanaham, ponto final da navegação a vapor no Meio Purus, lá ficando até fevereiro de 1889. No Araguaia realizou o primeiro estudo sistemático dos Karajá. Os dados sobre estes índios ocupam as p. 3-48 e 73 da presente publicação. O viajante prestou especial atenção à cultura material, às danças de máscaras e à mitologia. Naturalmente, a curta duração de seu contato com os índios não lhe permitiu aprofundar nesses problemas. Ainda menos satisfatório é o material sociológico, pois também nele o autor se limita a afirmações genéricas sem mencionar exemplos concretos que especificariam a complexidade dos fenômenos. Isso, às vezes, faz duvidar da exatidão da observação e da escrupulosidade de sua reprodução. O valor dessa monografia sobre os Karajá, também o das ligeiras notas sobre as tribos aruak do Purus, isto é, os Paumarí, Yamamadí e Ipuriná, insertas nas p. 48-72 e 74, consiste, principalmente, na prioridade, pois os exploradores anteriores do Purus, como Wallis e Chandless, não se dedicaram propriamente à etnografia. Assim, para o estudo dos Karajá e das três mencionadas tribos do Purus, a presente obra de Ehrenreich conserva até hoje, pela maior parte, somente importância histórica. Isso, porém, significa, sob vários aspectos, importância para o estudo dos índios do Brasil em geral. **[1895]**

Ehrenreich, Paul. *Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse.* (Dr. A. Petermanns Mitteilungen aus Justus Perthes' geographischer Anstalt, XXXVII, p. 81-89 e 114-124, Gotha 1891. 1 mapa, plancha 6).

A versão portuguesa feita por Capistrano de Abreu saiu, primeiro, no *Jornal do Comércio*, sendo reproduzida integralmente no *Bol. soc. geo. do Rio de Janeiro*, I, p. 3-36, Rio de Janeiro, 1892.

Esse trabalho sobre a classificação e distribuição das tribos índias do Brasil segundo o estado dos conhecimentos etnológicos em 1891 apresenta-se, de certa maneira, como reação contra exageros de Martius, principalmente, contra "sua suposição completamente infundada de migrações incessantes de povos, divisões de tribos e reunião de elementos heterogêneos formando novas hordas (que ele designou de *colluvies gentium*), como também de troca de idiomas e de alterações lingüísticas ilimitadamente continuadas". (p. 83). Esta suposição fez desesperar a possibilidade de classificar as tribos e línguas sul-americanas (p. 83-84). Ehrenreich chega à seguinte conclusão: "Pondo de lado os poucos povos ainda indetermináveis e aqueles que dos países vizinhos se estendem até o interior do Brasil, resulta a maioria das tribos brasileiras pertencer às quatro grandes famílias principais dos Tupi, Gê, Karaib e Haipure ou Nu-Aruak, e por conseguinte, ser relativamente simples, o aspecto etnográfico deste grande país". (p. 123). A respeito das direções da di-

fusão dessas quatro famílias lemos na mesma página: "Do *coração* do continente saíram os Tupi para todos os lados e os Karaíb para o nordeste, enquanto os Nu-Aruak avançaram do norte para o interior, vindo do este os Gê". Certas afirmações de Ehrenreich mostram que ele, opondo-se à complicação feita por Martius, caiu no simplismo. Assim, por exemplo, lingüistas modernos não concordam com ele em classificar, sem reserva, os Botocudos e Kaingang como Gê. **[1896]**

Ehreinreich, Paul. *Die Ethnographie Südamerikas in Beginn des XX.* Jahrunderts unter besonderer Berücksichitigung der Naturvölker. (*Arch, fur anthrop.*, III, p. 39-75, Nene Folge, Braunschweig 1905).

Foi traduzido para o português por J. Capistrano de Abreu, versão essa publicada no *Jornal do Comércio* e reproduzida, parcialmente, na *Rev. Inst. Hist. Geo. de São Paulo*, XI, p. 280-305, São Paulo 1906, no *Almanaque Garnier*, Rio de Janeiro, 1907, e no *Brasil antigo, Atlantide e antiguidades americanas*, São Paulo 1910. Este sumário era fundamental para a etnologia brasileira de seu tempo, mas não satisfaz exigências modernas.

[1897]

Ehrenreich, Paul. *Die Mythen und Legenden der südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der Alten Welt.* (Zeits, für ethn., XXXVII, Supplement, Berlin 1905, 108 p.).

O autor analisa os mitos sul-americanos geograficamente agrupados num certo número de ciclos *(Sagenkreise)* ou províncias, estudando, depois, as analogias entre os mitos sul-americanos e os da América do Norte e da Ásia que são explicadas, principalmente, pelas migrações. Se bem que muitas hipóteses dessa obra devem ser tratadas com a maior reserva, é um manual utilíssimo para o estudioso da mitologia dos índios sul-americanos e, entre eles, dos índios do Brasil. **[1898]**

Ehrenreich, Paul. *Über die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes.* (Zeits, für ethn., XIX p. 1-46 e 49-82, Berlin 1887, 2 figuras no texto, 2 planchas, bibliogr.)

Baseado nas observações que pôde fazer durante suas visitas aos botocudos em 1884-1885, e nas numerosas informações sobre estes índios dadas por outros viajantes, o autor estuda a história, o hábitat, a aparência física, a cultura material, a aquisição do sustento, o canibalismo, a vida social, o enterro, as idéias religiosas, as doenças e os medicamentos, as capacidades mentais e o caráter, a língua e a craniologia, chegando a considerar como provável serem os botocudos os *representantes mais antigos dos Gê* (p. 81). O material apresentado tem, principalmente, valor para a lingüística e a antropologia física, sendo os outros dados extremamente reduzidos. **[1899]**

Ehrenreich, Paul. *Über einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indianer.* (Globus, LXVI, p. 81-90, Braunschweig 1894. 3 figuras no texto, 3 planchas)

Tradução portuguesa por M. de Oliveira Lima sob o título *Sobre alguns antigos retratos de índios sul-america-*

nos. (*Rev. Inst. Arq. Geo. Pernambucano,* XII, p. 19-46, Pernambuco, 1908).

O autor analisa etnologicamente retratos de índios nordestinos do século XVII cuja composição se deve a Albert Eckhout, como mostra Thomsen no seu livro sobre esse pintor holandês. Reunindo dados de Marcgrave, Barlaeus, Roulox Baro e Laet, o presente trabalho do Ehrenreich é um dos melhores entre aqueles que foram publicados acerca dos chamados *Tapuya* do Brasil holandês. O autor classifica estes índios como Gê que, "possivelmente, eram parentes dos Patachó ou Koropó, se bem que, de modo algum, idênticos a eles" (p. 90). E. H. Snethlage, no seu estudo, *Unter nordbrasilianischen Indianern,* discorda desta opinião.

[1900]

Évreux, Yves d'. *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614,* par le père Yves d'Évreux; publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque impériale de Paris; avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis, Leipzig & Paris, 1864. L, 456 p. índice alfab.

A primeira edição apareceu em Paris, no ano de 1615. A edição de Denis foi traduzida para o português por César Augusto Marques, sob o título *Viagem ao norte do Brasil,* tendo sido publicada no Maranhão, no ano de 1874, e, pela segunda vez, no Rio de Janeiro, em 1929. A obra de Yves d'Évreux é rica fonte para o estudo dos Tupi no Maranhão do começo do século XVII. **[1901]**

Farabee, William Curtis. *The Central Arawaks.* Filadélfia, 1918. 288 p. ilus., map, 36 planchas. (Anthrop. publ., v. 9) Bibliografia.

O material apresentado neste livro foi recolhido no primeiro ano de trabalho da expedição do Museu da Universidade de Pensilvânia que, de 1913 a 1916, esteve na América do Sul. São dados sobre quatro tribos do sul da Guiana Inglesa cujos nomes o autor escreve Wapisiana, Ataroi, Taruma e Mapidian. Membros das duas primeiras dessas tribos moram, também, na Guiana Brasileira, na região do rio Branco, sendo chamados Uapixana e Atoraiú por outros autores. A maior parte do livro trata dos *Wapisianas*, dando importância especial à ergologia. As ilustrações a esse respeito são excelentes. Nos vocabulários das quatro tribos, a tradução inglesa nem sempre é exata. Cf. também comentário de Walter E. Roth in: Amer. anthrop. Lancaster, N.S., 22, 1920, p. 291-293. **[1902]**

Fiebrig-Gertz, C. *Guarany names of Paraguayan plants and animals.* (*Rev. Jardin Bot. y Mus. Hist. Nat. Paraguay,* II, Jardin Botánico (Paraguay) 1923 (1930), p. 99-149).

Depois de determinar botanicamente as plantas do Paraguai com nomes guarani, o autor estuda a etimologia destes termos e examina igualmente as designações guarani de animais. Chega à conclusão (p. 140) de que aqueles nomes, em contraste com a nomenclatura zoológica da mesma língua, não parecem provar a existência duma noção de orientação sistemática, sendo, geralmente, as relações entre tipos e formas, mais compreensíveis na zoologia do que

na botânica. Considerando o parentesco do guarani do Paraguai com as línguas tupi do Brasil, evidencia-se a importância do presente trabalho para a etnologia brasileira. **[1903]**

Figueira, Luís *Arte de gramática da língua brasílica.* Nova edição dada à luz e anotada por Emilio Allain. Rio de Janeiro, 1880.

Esta obra cuja primeira edição apareceu em Lisboa, no século XVII, é fonte preciosa para o estudo do tupi falado naquele tempo no litoral norte do Brasil. **[1904]**

Freitas, José Garcia de. *Os índios parintintin.* (Jr. Soc. Americ. de Paris, N. S. t. XVIII, p. 67-73, Paris 1926. 1 figura).

Ligeiras notas sobre essa tribo tupi do vale do Madeira visitada pelo autor, destacando-se as concernentes ao enterro (p. 67), à "saudação agressiva" (p. 68), à antropologia (p. 70-72) e à mudança de nomes (p. 72). **[1905]**

Fric, Albert Vojtéch, e **Radin**, Paul. *Contributions to the study of the Bororo Indians.* (Jr. Anthrop. Inst. Gr. Br. & Ir., XXXVI, London, 1906, p. 382-406).

Interessantes observações sobre esses índios mato-grossenses e um vocabulário de sua língua. **[1906]**

Fric, Albert Vojtéch. *Onoenrgodi-Gott und Idole der Kad'uveo in Matto Grosso.* (Intern. congr. americ., Proc. XVIII ses., London 1912, part. II, Harrison and Sons, London 1913, p. 397-407).

O autor cita lendas e descreve bonecas, discutindo, depois, se estas bonecas são ídolos ou simples brinquedos. Duas planchas representam diversas bonecas de osso, madeira e couro e vários brinquedos de crianças desses descendentes dos antigos Guaikurú. **[1907]**

Frederici, Georg. *Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer.* Einletung Zur Geschichte der Besiedlung Amerikas durch die Völker der Alten Welt. Stuttgart-Gotha, Fried. Andreas Perthes, 1925, 1936. 3 v. v. 1: 579 p. (1925); v. 2: 571 p. (1936); v. 3: 520 p. (1936) (Geschichte der ausserouropäischen Staaten, herausgegeben von Hermann Oncken, 2)

Obra indispensável para o estudo das relações entre índios e europeus na época da descoberta e conquista da América. O primeiro tomo, depois de uma descrição geral da terra, fauna e flora, das tribos índias e de seu comportamento por ocasião dos primeiros encontros com os brancos, refere-se aos conquistadores espanhóis; o segundo trata dos portugueses, alemães e franceses; o terceiro dos holandeses, escandinavos, ingleses, anglo-americanos e russos. O autor, um dos melhores conhecedores das fontes daquela época, trabalhou quarenta anos nessa obra, apresentando enorme bibliografia. **[1908]**

Friederici, Georg. *Die geographische Verbreitung des Blasrohrs in Amerika.* (Petermanns mitteil., LVII, p. 71-74, Gotha 1911. 1 mapa.)

Neste estudo sobre a distribuição da zarabatana na América, o autor se refere, naturalmente, também ao Brasil. **[1909]**

Friederici, Georg. *Hilfswöterbuch für den Amerikanisten, Lehnwörter aus Indianersprachen und Erklärungen altertumlicher*

Ausdrücke. Halle (Saale), 1926. XIX, 115 p. (Studien über Amerika und Spanien, Extra-serie, nº 2) Bibliografia.

Uma coleção de 750 termos freqüentemente usados nas antigas fontes indispensáveis ao estudo da história e etnografia da América na época de sua descoberta, conquista e a primeira colonização pelos europeus. A maior parte dessas palavras é de origem índia. O autor dá suas variantes dialetais e gráficas, seus significados em alemão, espanhol e inglês, sua etimologia e a literatura a respeito. Cf. o comentário de Robert Ricard no *Jr. Sc. americ. de Paris*, N.S., p. 396-398, Paris 1926.

[1910]

Friederici, Georg. *Skalpieren und ähnliche Kriegsgebräuche in Amerika*. Braunschweig, 1906. 172 p. 1 mapa.

Segundo este trabalho, o costume de tomar o escalpo ou a cabeça do inimigo como troféu de guerra era difundido na América desde 40º de latitude sul até cerca do trópico de Câncer. O mapa de distribuição apresentado pelo autor foi melhorado por M. A. Vignati (*Los craneos trofeo de las sepulturas indígenas de la Quebrada de Humahuaca*, Buenos Aires, 1930). **[1911]**

Friederici, Georg. *Über die Behandlung der Kriegsgefangenen durch die Indianer Amerikas*. Festschrift Eduard Seler, herausgegeben von Walter Lehmann. Stuttgart, 1922. p. 59-128.

Nesse estudo sobre o tratamento dado pelos índios aos prisioneiros de guerra, o autor se refere ao Brasil de maneira acessória e resumida, apenas baseando-se para isso, principalmente, nas fontes antigas que falam da antropofagia. **[1912]**

Friederici, Georg. *Die Verbreitung der Steinschleuder in Amerika*. (Globus, t. XCVIII, p. 287-290, Braunschweig 1910).

Segundo o presente estudo sobre a distribuição da funda na América, a maior parte dos índios do Brasil ignorava essa arma para arremessar pedras. **[1913]**

Frödin, Otto, e **Nordenskiöld**, Erland. *Über Zwirnen und Spinnen bei den Indianern Südamerikas*. Göteborgs Kungl. Vetenskaps – och Vitterhetsssamhälles Handlingar. Göteborg, 1918. 118 p. (Fjärde följden, XIX)

É a obra-prima sobre o fabrico de fios e cordas dos índios sul-americanos. Os autores tratam, no começo, do material desses fios e cordas, depois, do torcer sem fuso e do fiar com fuso. Partindo de descrições de Karl von den Steinen, distinguem dois tipos de fuso: o fuso bororo e o fuso bakairi, e, correspondendo, a fiação boróro e a fiação bakairi. O primeiro tipo é muito menos difundido do que o segundo. No dizer dos autores, o método bakairi desenvolveu-se, provavelmente, do método bororo que, em grandes partes da América do Sul, foi desalojado por aquele. Por fim, Frödin e Nordenskiöld estudam os fios segundo a direção da torcedura, classificando-os em fios torcidos para a direita (*left-to-right spiral* de Walter E. Roth) e fios torcidos para a esquerda (*right-to-left spiral* de Roth). De fuso: o fuso bororo e o fuso bakairi, e, correspondendo, a fiação bororo e a

fiação bakairi. O primeiro tipo é muito menos difundido do que o segundo.

A distribuição geográfica das diferentes espécies de matéria-prima, torcer, fiar, fuso e direção de torcedura é representada em quadros e mapas, contendo essa importante publicação, além disso, numerosas figuras e extensa bibliografia. **[1914]**

Gandavo, Pero de Magalhães de. *Tratado da terra do Brasil. História da Província Santa Cruz*. Rio de Janeiro, 1924. (Publicações da Academia Brasileira).

A primeira edição da *História* apareceu em Lisboa, no ano de 1576. Além de várias edições em português publicadas em Lisboa e na *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, XXI, p. 376-430, Rio de Janeiro, 1858, há uma em francês, publicada por Henri Ternaux em Paris, no ano de 1837 (162 p.). Nos capítulos sobre os índios, o autor trata, principalmente, dos Tupi da costa, referindo-se ligeiramente, também, aos chamados *Aimorés* e *Tapuyas.* Se bem que seus informes etnográficos sejam muito mais resumidos do que os de Hans Staden, Jean de Léry e Gabriel Soares de Sousa, eles servem para confirmar certas notícias dadas por esses autores do mesmo século XVI. **[1915]**

Gensch, Hugo. *Die Erziehung eines Indianerkindes, Praktischer Beitrag zur Lösung der südamerikanischen Indianerfrage.* Wien Und Leipzig, 1910. 56 p. 5 planchas. (Verhand. XVI intern. americ. Kongr. Wien. 1908).

Depois de fazer a história das relações entre índios e brancos do município de Blumenau, o autor enumera as observações feitas por ele ao educar, durante 16 meses, uma menina Aweikoma que, na idade de treze a quatorze anos, lhe foi entregue pouco depois de cativada por bugreiros profissionais. Alguns dados etnográficos sobre sua tribo completam essa interessante contribuição ao estudo da aculturação. **[1916]**

Gillin, John. *Some antropological problems of the antrop.*, N. S. XLII, p. 642-656, Menasha, tropical forest area of South America. (Amer. Authrop., N.S. XLII, p. 642-656, Menasha, Wisconsin, 1940).

Este artigo deve ser lido por todos os estudantes de etnologia brasileira. Baseado em centenas de publicações das quais cita as mais importantes, o autor resume os nossos conhecimentos atuais sobre os índios das selvas tropicais sul-americanas e os problemas resultantes. Distingue *problemas de antropologia tradicional ou pura* de *problemas de antropologia aplicada*, considerando entre aqueles os de estudos lingüísticos, os de estudos da história cultural, isto é, das migrações históricas, e os de estudos intensivos de determinadas culturas tribais. Como *problemas de antropologia aplicada* são tratados os de *aculturação e contato* e os de *síntese cultural e racial e futuro desenvolvimento.* **[1917]**

Goeje, C. H. de. *O Carirí. (Rev. Inst. Hist. Geo.* Ceará, 52. Fortaleza, 1938, p. 201-215).

Estudo sobre essa língua do Nordeste brasileiro. Boa bibliografia. **[1918]**

Goeje, C. H. de. *Études linguistiques Caraïbes.* (Verhand, kon, akad. Wetens.

Amsterdam, Afdeeling Letterkunde. Neuwe Reeks. X, 1910).

Contém uma gramática karaíb, um vocabulário comparativo de 500 palavras e um estudo especial dos dialetos Kalina, Trio e Oyana. Digna de nota é a observação do autor segundo o qual o karaíb primitivo, o tupi e o aruak têm um certo número de raízes comuns. **[1919]**

Grubb, K.G. *The Lowland Indians of Amazonia:* a survey of the location and religious condition of the Indians of Colombia, Venezuela, the Guianas, Ecuador, Peru, Brazil and Bolivia. London, 1927. 159 p. 14 mapas, 5 apêndices, índice alfabético.

Enumeração das tribos sul-americanas que moram ao norte de 18º de latitude, indicando seus territórios, sua classificação lingüística e, em certos casos, seu número, suas relações com missões protestantes e católicas e alguns detalhes etnográficos e geográficos. Os mapas se referem à mesma região tropical da América do Sul, mostrando as missões protestantes, a vegetação, a densidade da população índia, sua *civilização* (distinguindo *areas of greatest civilization*, *areas inhabited by wild or slightly civilized tribes*) e a classificação lingüística. Nos apêndices são enumeradas as tribos de mais de 15.000 cabeças (7 tribos das quais uma única no Brasil, a saber, os Nambikuara com 20.000), as missões católicas romanas entre os índios da região estudada, as famílias lingüísticas mencionadas e as traduções da Bíblia para essas línguas. Apesar de vários erros e confusões na classificação das tribos e apesar da insuficiente documentação bibliográfica, o livro serve para dar rapidamente uma idéia geral dos assuntos tratados. **[1920]**

Haebler, Ruth. *Die geflochtenen Hängematten der Naturvölker Südamerikas.* (Zeits. für ethn. Berlin, 1919. t. LI, p. 1-18).

A autora considera insuficiente a antiga classificação das redes de dormir sul-americanas feita segundo a matéria-prima, demonstrando existirem diferenças essenciais na maneira da fabricação. **[1921]**

Haeckel, Josef. *Zweiklassensystem, Männerhaus und Totemismus in Südamerika.* (Zeits. für ethn., LXX, p. 426-454, Berlin 1939).

Neste trabalho sobre história cultural sul-americana são consideradas como áreas principais da organização tribal em *metades* (*moieties*) ou, na terminologia do autor, do *sistema de duas classes*: 1) o centro e nordeste do Brasil com os Boróro, as tribos Kran da família Gê e os Munduruku, Parintintin e Tembé da família Tupi; 2) os Andes.

O autor frisa: 1) a semelhança desses sistemas na América do Sul e do Norte, afirmando que eles vieram à América do Sul pelo caminho da América Central, entraram primeiro nos Andes e se estenderam de lá até o Brasil Oriental antes da expansão dos Aruak, Karaib e Tupi; 2) a correspondência entre o totemismo de clã do Brasil Central e dos Andes e certas variedades de totemismo norte-americano; 3) algumas analogias entre a instituição da casa-dos-homens na América do Norte e no Brasil. Segundo ele, a organização dos homens, tanto na América do

Norte como na do Sul, é mais velha do que os sistemas de metades e clãs totêmicos associados.

O autor é metodologicamente orientado pela chamada *teoria dos ciclos culturais* (*Kulturkreislehre*), procede, porém, com cautela. Ninguém desprezará o valor de sua obra como resumo de dados sociológicos. **[1922]**

Henry, Jules. *Jungle people a Kaingang tribe of the highland of Brazil.* New York, J.J. Augustin, 1941. XIX, 215. 6 planchas não numeradas, 8 planchas numeradas, 5 apêndices, glossário, índice onomástico.

De dezembro de 1932 a janeiro de 1934, o autor conviveu com os Kaingáng aldeados pelo Serviço de Proteção aos Índios, no Posto Duque de Caxias. São chamados, também, Botocudos de Santa Catarina, Bugres, Chocreng e Aweikoma. O autor os trata de *Kaingáng*. Falam um dialeto desta família lingüística. O presente livro é um estudo da vida nômade desses índios, de suas relações sexuais e formas matrimoniais, da vendeta como força diruptiva dentro de sua sociedade, de suas relações com o sobrenatural, da organização econômica, psique e folclore. Apêndices apresentam a cultura material, pinturas do corpo e sistema de parentesco, rituais, cantos e língua.

A obra de Henry é, até hoje, a maior tentativa de interpretar o padrão de comportamento de uma tribo do Brasil, tentativa brilhante que não deixa de impressionar pela sua habilidade literária. O autor parece penetrar a fundo na vida emocional, expondo com rara clareza todas as suas raízes. Esta vida se lhe afigura, por fim, como tão simples que, num pequeno capítulo intitulado "Estrutura psíquica", trata da psique dos índios estudados como se ela fosse a psique de um só indivíduo, chegando a enquadrá-la num diagrama. Tal aspecto didático não passa de um *blefe*. O indianista experimentado no trabalho de campo sabe da complexidade das psiques, não digo, das psiques de todos os indivíduos de uma tribo, mas de alguns. Ele sabe, também, da diferença entre estas psiques e conhece a mobilidade da sua acomodação ao padrão do comportamento tribal, o qual, por sua vez, está sujeito a transformações. O Sr. Henry não considera nada disso. Não procura estudar a psicologia dos indivíduos, nem as mudanças culturais. Baseado em dados de informantes índios, pinta, principalmente, o quadro de uma cultura passada. Digo: *principalmente*, porque o autor não deixa de referir as suas próprias observações e, portanto, de mostrar alguns traços da cultura atual. Infelizmente, suas tendências simplistas manifestam-se, também, a esse respeito, unindo, às vezes, em promiscuidade o passado e o presente, e não distinguindo, visivelmente, entre o valor dos fatos observados por ele mesmo, e dos informes que recebeu dos pesquisados.

Apesar de todos esses senões, *Jungle People* é uma das melhores obras sobre índios do Brasil. Muitas das suas formulações satisfazem inteiramente, podendo ser confirmadas pelos competentes. Para os futuros exploradores, este belo livro abre horizontes tão vastos como, até ago-

ra, não existiam na etnologia brasileira. **[1923]**

Henry, Jules. *A Kaingang text.* (Int. jr. amer. ling., VIII, p. 172-218, New York 1934-1935).

Importante contribuição ao estudo dos índios do leste de Santa Catarina visitados pelo autor em 1933.

[1924]

Henry, Jules. *The linguistic expression of emotion.* (Amer. anthrop., N.S., XXXVIII, p. 250-256, Menasha, Wisconsin, 1936).

Neste artigo, o lingüista fornece valiosos dados psicológicos sobre os índios do leste de Santa Catarina.

[1925]

Henry, Jules. *A method for learning to talk primitive languages.* (Amer. anthrop., N. S., XLII, p. 635-641, Menasha, Wisconsin, 1940).

A leitura dessas instruções baseadas nas experiências do autor com língua do Brasil meridional e do Chaco é recomendável aos etnólogos em geral e indispensável àqueles que fazem trabalho de campo. **[1926]**

Hervás, Lorenzo. *Catálogo de las naciones conocidas*, v. 1. Madrid, 1800.

Este primeiro tomo da célebre obra do antigo jesuíta trata da classificação lingüística de tribos americanas, tendo também importância para o estudo da história dos índios do Brasil. Já em 1784 apareceu a edição italiana dessa obra sob o título: *Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinità e diversità*. Convém mencionar, a esse respeito, ainda as seguintes obras do mesmo autor: *Aritmetica delle nazioni e divisioni del tempo fra l'Orientali*, Cesena, 1786; Vocabulário poligloto con prolegameni sopra più di trecento lingue e dialetti. Idea del'Universo, XXI, Cesena, 1787. **[1927]**

Hoehne, Frederico Carlos. *Botânica e agricultura no Brasil no século XVI*, São Paulo, 1937. 410 p. (Brasiliana, v. 71).

O autor identifica as plantas citadas por Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, André Thevet, Jean de Léry, Pero de Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Sousa, Frei Vicente do Salvador e Sebastião da Rocha Pita. Observa-se que o número das plantas cultivadas naquele tempo era muito superior ao das que conhecemos hoje pelos sertanejos brasileiros e índios. O livro é indispensável ao etnólogo que estuda as condições da alimentação indígena, e a todos os que querem aprofundar o seu conhecimento da flora brasileira. **[1928]**

Ihering, Hermann von. *A etnografia do Brasil Meridional.* (Act. XVII, Congr. Inter. America. (Buenos Aires, 1910), Buenos Aires, 1912, p. 250-263).

Depois de ventilar ligeiramente alguns problemas da pré-história brasileira, o autor examina a atual população índia do Brasil meridional, dividindo-a em duas *famílias*: a dos Kaingáng (ou Coroados) e a dos Xavantes. Menciona, além disso, os Guarani do litoral paulista, observando, porém, a seu respeito: "...podemos provar que eles só no século passado tomaram posse de seu atual domicílio e que também os demais Guaranis e Kaiguas do Estado de São Paulo são provenientes do Paraguai e entraram no Estado de São Paulo só no século passado". (p.

252). A vista de um vocabulário dos chamados *Bugres de Santa Catarina*, o autor não duvida que estes índios pertencem à família dos Kaigáng e propõe denominá-los *Aweikoma*, designando-os assim com o nome que eles próprios se lhes dão. (p. 254). No tocante aos Xavantes do Estado de São Paulo que a si próprios designavam pelo nome de *Oti*, o autor reproduz um pequeno vocabulário da língua destes índios coligido por Curt Unkel-Nimuendaju e a informação dada pelo mesmo pesquisador de existirem apenas quatro sobreviventes dessa tribo (p. 254-255). Em seguida, o autor publica um vocabulário dos Xavantes-Opaiéde de Mato Grosso que diferem complemente dos Oti (p. 256-260). Unkel-Nimuendaju a quem se deve também este vocabulário, adverte, porém, na sua monografia sobre os Apapocúva, p. 376, conter essa publicação do vocabulário opaié inúmeros erros tipográficos dos quais uma parte altera o sentido. Com acréscimo e correções, esta lista de palavras foi reproduzida por Nimuendaju em seu trabalho *Idiomas indígenas del Brasil*, p. 567-573. Concluindo o seu estudo, H. von Ihering diz: "É provável que o número total dos selvagens nos quatro estados meridionais do Brasil não exceda a 10.000. Destes são os Guaranis mansos e aldeados, ao passo que entre as tribos do grupo Cainganges há mansos e bravios. No Estado do Rio Grande do Sul todos estes Caiganges são aldeados, mas no Estado de Santa Catarina só há índios bravios e independentes. Nos Estados do Paraná e São Paulo, parte dos Cainganges é aldeada e os restantes vivem em densas matas de grande extensão onde se tornam perigosos por assaltos aos viajantes, colonos e sertanejos" (p. 261-262). Isso foi dito em 1910! **[1929]**

O índio no Brasil. (*O Observador econômico e financeiro* V, n.º 51, p. 97.121, Rio de Janeiro, abril de 1940).

Trata detalhadamente da organização e finalidade do Serviço de Proteção aos Índios e critica severamente a Missão Salesiana. **[1930]**

Izikowitz, Karl Gustav. *Musical and other sound instruments of the South American Indians: a comparative ethnographical study.* Göteborg, 1935. 433 p.

Cf. a crítica de Rafael Karsten no *Handbook of Latin American studies*, Cambridge, Massachusetts, 1937, n.º 273. **[1931]**

Kate, Herman Ten. *Sur quelques peintres ethnographes dans l'Amérique du Sud.* (Act. XVIL. Congr. Inter. Americ. (Buenos Aires, 1910), Buenos Aires, 1912, p. 568-595. Publicado também na revista L'Anthrop., XXII, 1911, p. 13-35).

Nesse ensaio bibliográfico sobre pintores e desenhistas que representaram índios sul-americanos e seus artefatos, o autor trata extensamente dos seguintes artistas viajantes que visitaram o Brasil: Jean-Baptiste Debret, Johann Moritz Rugendas, Auguste François Biard, Franz Keller-Leuzinger, Hercules Florence, Wilhelm von den Steinen e Guido Boggiani. **[1932]**

Kirchhoff, Paul. *Verwandtschaftsbezechnungen und Verwandtenheirat.* (Zeits, für

ethn., VXIV, p. 41-71, Berlin, 1933. Bibliografia.)

Este importante trabalho sobre designações de parentesco e casamento entre parentes contém referências especiais à tribo Karaíb dos Makuchi e aos antigos Tupi do litoral. **[1933]**

Kirchhoff, Paul. *Die Verwandtschaftsorganisation der Urwaldstämme Südamerikas.* (Zeits, für ethn, LXIII, p. 85-193, Berlin, 1932. Bibliografia.)

Depois de discutir os conceitos de *família* e *sipe* e considerar como, na opinião de R.H. Lowie ("Family and Sib." American anthropologist XXI, 1919), a sipe se desenvolveu da família-grande, o autor compila dados sociológicos da literatura sobre os Tamanak, Makuchi, Taulipáng (Arekuná), Yekuaná (Makiritare, Maionggog), Ginau, Aparai, Rukuyenn (Oyana), Galibi (Karaib da costa), Kallinago das Pequenas Antilhas (Karaib insulanos), Kumanágoto, Palenke, Chaima, Warrau (Guarauno), Lokono (Arawak), Goajiro, Vapixana, Aruak e Tukano do Noroeste do Brasil (região do Içana e Caiari-Uaupés), Uitoto, Bora, Okaina, Muinane e Tupi do litoral. Fontes principais do capítulo sobre os Tupi (p. 182-189) são as obras de Thevet, Gabriel Soares de Sousa e Claude d'Abbeville. Assim, os dados usados pelo autor diferem muito em valor. **[1934]**

Kissenberth, Wilhelm. *Über die hauptsächilichsten Ergebnisse der Araguaya-Reise.* (Zeits. für ethn., XLIV, p. 36-59, Berlin, 1912. 3 mapas, 28 figuras).

O autor visitou, em 1908, os Guajajara do rio Mearim, os Canelas e os Mekubengokrü-Kayapó e, em 1909, esses mesmos Kayapó do hinterland de Conceição do Araguaia e os Karajá. Ele dá, no presente trabalho, uma descrição resumida de sua viagem e algumas notas sobre as mencionadas tribos. Sua tentativa de visitar os Tapirapé fracassou depois de um dia de navegação no rio homônimo, chegando a acesso conveniente às aldeias dos índios o viajante à seguinte conclusão: "O único tapirapé pode ser apenas por via terrestre, pois a estiagem e a enchente do rio Tapirapé devem oferecer as mesmas dificuldades" (p. 45). Esta afirmação foi desmentida pelas expedições de Herbert Baldus e outros sertanistas. **[1935]**

Klimek, S., and **Milke**, W. *An analysis of the material culture of the Tupi peoples.* (Amer. anthrop., XXXVII, NR. 1, p. 71-91, Menasha, Wisconsin, 1935).

O processo estatístico que Czekanowski, em 1911, introduziu na etnologia para aperfeiçoar o critério da quantidade, são 146 elementos culturais de diferentes tribos aplicados pelos autores na sua análise de tupi segundo os dados publicados por Métraux. **[1936]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Anfänge der Kunst im Urwald.* Berlin, 1905. 72 p. 63 planchas, 11 ilus., 2 mapas.

Um estudo sobre desenhos feitos pelos índios da região do Alto Rio Negro e Iapurá. **[1937]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Aruak-Sprachen. Nordwastbrasiliens und der angrenzenden Gebiete.* (Mitteil. anthrop. gesel. Wien, 41, Wien 1911, p. 33-153, 203-282).

Extenso vocabulário comparativo das línguas aruak do noroeste do Brasil e do sul da Venezuela, baseado no material recolhido pelo autor e por vários outros viajantes. Um mapa mostra a distribuição das tribos Aruaú, Betoya, Karaib e Makú no território situado entre o rio Negro e o Iapurá. **[1938]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Die Hianákoto-Umáua.* (Anthrop., III, 1908, p. 83-124, 297-335, 952-982).

Estuda particularmente a língua dessa tribo Karaib da fronteira da Colômbia com o Brasil. **[1939]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Indianertypen aus dem Amazonasgebiet, I-VII.* Berlin, 1906-1911.

Essa coleção de 141 planchas reproduzindo fotografias de índios amazonenses tem especial valor para a antropologia física, assim como para a etnopsicologia. O autor acrescenta dados sobre o caráter e as capacidades mentais dos indivíduos representados. **[1940]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Indianische Frauen.* (Arch. für anthrop. VIII, Braunschweig 1909, p. 91 e segs., 1 plancha, 3 figs.).

Referindo-se, principalmente às tribos do noroeste do Brasil visitadas por ele, o autor mostra as índias não serem escravas do homem, como viajantes superficiais afirmaram freqüentemente, mas terem elas direitos iguais aos do outro sexo, sendo muito respeitadas como esposas e como mães. **[1941]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Die Makú.* (Anthrop., I, p. 877-906, Wien, 1906).

Mostra serem esses índios da região fronteiriça do Brasil com a Colômbia lingüisticamente isolados.

[1942]

Koch-Grünberg, Theodor. *Reise in Mato Grosso (Brasilien). Expedition in das Quellgebiet des Schingú, 1899.* (Mitteil. K. K. geogr. gesel. Wien. Wien, 1902, p. 332-335).

Relatório sobre a segunda expedição de Hermann Meyer às cabeceiras do Xingu. O autor participou dessa viagem. **[1943]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Südamerikanische Felszeichnungen.* Berlin, 1907. 92 p., 36 ilus. no texto, 1 mapa, 29 planchas e índice alfabético. Bibliografia.

Um estudo sobre os petroglifos da região do Alto Rio Negro e Iapurá. Cita e comenta, na primeira parte, as observações de outros autores sobre as gravuras rupestres do território dos povos naturais sul-americanos. **[1944]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Die Uitóto-Indianer. Weitere Beiträge zu ihrer Sprache nach einer Wörterliste von Hermann Schmidt.* (Jr. soc. americ., N. S., VII, Paris 1910, p. 61-83).

O presente estudo sobre um dialeto desses índios que moram, principalmente, entre o Alto Iapurá (Caquetá) e Iça (Putumaio), consiste num vocabulário (p. 62-73) e em notas gramaticais (p. 37-83). **[1945]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Die Völkergruppierung zwischen Rio Branco, Orinoco, Rio Negro und Yapurá; Festschrift Eduard Seler, herausgegeben von Walter Lehmann.* Stuttgart, 1922. p. 205-266, 1 mapa lingüístico.

Este estudo sobre a agrupação étnica entre o rio Branco, Orinoco, rio Negro e Iapurá baseia-se, principalmente, nas observações feitas pelo autor nas suas viagens no Alto Rio Branco e Iapurá e do Rio Branco ao Orinoco, nos anos de 1903 a 1905 e de 1911 a 1913. Indica tanto o que já foi esclarecido nesta vasta região, como também os problemas das zonas vizinhas que ainda não foram resolvidos. O mapa anexo, também a respeito da geografia que se baseia nas pesquisas mais modernas de seu tempo, é, com exceção dos símbolos, igual àquele que acompanha o tomo IV de: Vom Roroima zum Orinoco.

[1946]

Koch-Grünberg, Theodor. *Vom Roraima zum Orinoco. Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913.*

v. 1: Schilderung der Reise. Berlin, 1917. x, 406 p., 6 planchas, 109 ilus., 1 mapa.

v. 2: Mythen und Legenden der Tauli. pág. – und Arekuna – Indianer. Berlin, 1916. (Segunda edição: Stuttgart, 1924) xi, 314 p. 6 planchas.

v. 3: Ethnographie. Stuttgart, 1923. xii, 446 p., 66 planchas, 16 ilus. no texto, 1 mapa, notas de música, em apêndice um artigo sobre música e instrumento de música de Erich M. V. Hornbostel.

v. 4: Sprachen. Stuttgart, 1928. xii, 357 p., 1 mapa.

v. 5: Typen-Atlas. Stuttgart, 1923. 27 p., 180 planchas, 1 mapa.

A obra-prima do grande explorador. O primeiro tomo contém a descrição da viagem. Depois de subir ao Rio Branco e marchar até o Roraima para estudar os Taulipang e seus vizinhos, o autor sobe o rio Uraricuéra e atravessa com enormes esforços e sacrifícios a terra incógnita até alcançar o rio Ventuari e, descendo este, o Orinoco. Na viagem pelo Raricuéra até o Ventuari são pesquisados, principalmente, os Xirianá, Waíka, Yeúuaná e Guinaú. O segundo tomo encerra mitos e lendas das tribos Karaíbo do Roraima, em grande parte com os textos originais e a tradução interlinear, aos quais segue um estudo comparativo. É este tomo uma das contribuições mais importantes à mitologia sul-americana. O terceiro tomo descreve não somente os aspectos ergológicos das tribos visitadas, mas também alguns fenômenos de sua vida social e religiosa, destacando-se uma coleção de fórmulas mágicas em texto original e tradução interlinear. Como neste tomo, também no seguinte, que é póstumo e foi editado por Ferdinand Hestermann, o material obtido entre os Taulipáng ocupa o maior espaço. Além de um vocabulário e um esboço gramatical da língua destes índios, encontram-se nele textos no mesmo idioma e material de outras línguas Karaíb, isto é, do jaurána, ingarikó, arekuná, sapará, purukotó e wayumará; das línguas aruak: baré, guinaú, piapóko, adzáneni e mandauáka, e das seguintes línguas isoladas: xirianá, auaké, kaliána, máku, puináve, guahibo e piaroa. O quinto tomo reproduz fotografias de representantes das diversas tribos investigadas com notas sobre a consti-

tuição física e o estado de saúde. Assim, a antropologia física, a lingüística, os estudos de religião, a etnografia propriamente dita e a geografia foram consideravelmente enriquecidas por esta grandiosa obra. Em comparação com isso, porém, os dados sociológicos são muito menos satisfatórios, apesar de o estudo sobre os Taulipáng representar o tipo do chamado *trabalho intensivo* que é a tentativa de conhecer a fundo uma tribo, em vez de investigar, mais ou menos superficialmente, o maior número possível de etnias, como sucede no *trabalho extensivo*. Aliás, Koch-Grünberg aplica, nessa obra, um método que, para mostrar seu contraste com o difusionismo, chamamos de *concêntrico*, pois consiste em comentar certos traços culturais comparando-os com traços correspondentes de tribos vizinhas e outras, e isso não para averiguar a distribuição desses traços pelo espaço e pelo tempo, mas para compreender melhor a etnia a ser estudada, etnia essa que representa o centro com o qual todos aqueles traços de outras etnias são relacionados mediante a comparação. **[1947]**

Koch-Grünberg, Theodor. *Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien, 1903-1905.* Berlin, 1909-1010.

v. 1: iv, 359 p., 227 ilus., 1 mapa, 12 planchas; v. 2: 413 p., 218 ilus., 4 mapas, 10 planchas. Apêndice e índice alfabético.

O autor viajou pelo Alto Rio Negro, seus afluentes Içana, Caiari-Uaupés e Curicuriari, e os rios Apaporis e Iapurá, estudando nesta zona fronteiriça entre o Brasil e a Colômbia numerosas tribos da família lingüística Betoya e algumas tribos Aruak e Karaíb. Encontrou-se também com indivíduos dos Makú, Uitoto e Miranya, investigando-os lingüisticamente. A presente obra é a narração dessa viagem, estando intercalados os resultados científicos. Estes se referem, principalmente, à cultura material, sendo escassos os dados psicológicos e sociológicos. A obra representa o tipo do chamado *trabalho extensivo* que procura abranger o maior número possível de etnias, em vez de limitar-se ao *estudo intensivo* de uma única tribo. No apêndice o autor classifica as diferentes etnias visitadas, citando 60 palavras de cada uma delas, a fim de compará-las. Nas páginas 378-391 do segundo tomo, Erich M. von Hornbostel estuda a altura dos sons de algumas flautas-de-pã do noroeste do Brasil, chegando a supor estreita ligação entre estes instrumentos de sopro e seus semelhantes no Peru antigo. Uma edição abreviada dessa obra de Koch-Grünberg apareceu sob o título Zwei Jahre bei den Indianern Nordwest-Brasiliens, Stuttgart, 1921 (sétimo milheiro, Stuttgart, 1923), 416 p., 12 planchas, 48 ilustrações e 1 mapa. **[1948]**

Krause, Fritz. *Beiträge zur Ethnographie des Araguaya-Kingu-Gebietes.* (XXIe Congr. inter, americ., Session de Göteborg, 1924, p. 67-79, Göteborg 1925).

Baseado nos trabalhos de Wilhelm Schmidt e Erland Nordenskiöld sobre a distribuição geográfica de *elementos culturais* na América do Sul, o autor procura elucidar a posição *histórico-cultural* dos Karajá. Seu

artigo foi reproduzido em português no comentário de J. A. Padberg-Drenkpol intitulado *Situação histórico-cultural dos Karajá* (em Boletim do Museu Nacional, II, nº 6, p. 71-82, Rio de Janeiro, 1926). **[1949]**

Krause, Fritz. *Forschungsaufgaben im Schingu-Quell-gebiet. Zentralbrasilien Sonderabdruck aus dem Tagungsbericht der Gesellschaft für Völkerkunde, 2.* Tagung 1936 in Leipzig. Leipzig, 1937. 13 p. Bibliografia.

Depois de enumerar as expedições à região das cabeceiras do Xingu, desde a primeira realizada por von den Steinen até a de Petrullo feita em 1931, o autor indica numerosos problemas para pesquisas etnográficas nesse território. **[1950]**

Krause, Fritz. *Gegenstände der Waurá-Indianer, Schingu-Quellgebiet, Zentralbrasilien.* (Mitteil. deut. gesel. völker., 9, Leipzig, 1939, p. 25-40).

Descrição dos objetos dessa tribo Aruak que se encontram nos museus de Berlim, Rio de Janeiro e Filadélfia. Cf. o artigo anterior do mesmo autor sobre os Waurá. **[1951]**

Krause, Fritz. *In den Wildnissen Brasiliens. Leipzig, 1911.* viii, 512 p., 517 figuras no texto, 337 fotografias em 69 planchas, 2 mapas, apêndice, índice alfabético.

Em 1908, o autor percorreu o vale do Araguaia para estudar suas tribos. Descreve, na primeira parte desse livro, a viagem e, na segunda parte, os resultados científicos, tratando as p. 180-350 especialmente dos Karajá, as p. 351-367 dos Xavejé, as p. 368-402 dos Kayapó e as p. 403-411 dos Tapirapé, enquanto o apêndice contém vocabulários e textos. Se bem que a apresentação do material sobre os Karajá é, até agora, uma das melhores monografias sobre uma tribo brasileira, convém notar que oitenta e uma das suas páginas ocupam-se com adornos, armas, brinquedos de crianças e técnica, ao passo que os capítulos sobre relações políticas, guerra, chefes, tratamento de estrangeiros, relações jurídicas, vida social, formas de saudação, matrimônio, nascimento, educação e morte não chegam a encher, juntamente, doze páginas. As notícias sobre os Tapirapé reproduzem, principalmente, informes dados pelos Karajás, pois o autor não conseguiu alcançar aquela tribo tupi, e suas próprias observações a respeito referem-se ao pouco que ele podia ver durante sua excursão pelo rio Tapirapé e em alguns indivíduos Tapirapé que viviam nas aldeias Karajá. No tocante ao material Tapirapé cf. o comentário de Herbert Baldus na *Rev. Arq. Municip.*, LXVI, p. 43-45, São Paulo, 1940, que representa o prefácio da versão portuguesa do presente livro cuja publicação começou no mesmo volume. Pequenas inexatidões da obra de Krause foram indicadas por Max Schmidt (Zeits. für ethn., XLV, p. 193, Berlin, 1913) e Wilhelm Kissenberth (Baessler-Archiv, VI, Heft 1/2, p. 37, Leipzig. Berlin, 1916). **[1952]**

Krause, Fritz. *Die Kunst der Karajá-Indianer (Staat Goyaz, Brasilien).* (Baessler-Arquiv, II, Heft 1, p. 1-31, Berlin und Leipzig, 1911. 70 figuras no texto, 11 planchas).

O presente trabalho divide a produção artística dos Karajá em arte representativa e arte decorativa. Aque-

la compreende: 1) a plástica com trançados, esculturas em madeira e figuras de barro e cera; 2) os desenhos em areia, em cuias e a lápis. Sob o título *Arte decorativa* são estudados os desenhos tomados da técnica de trançados, os ornamentos e entalhados, as pirogravuras e a atividade artística das mulheres que, no dizer do autor, distingue-se completamente da dos homens, sendo inferior a esta. O material apresentado foi colecionado por Krause em 1908 e encontra-se no Museu etnográfico de Leipzig. **[1953]**

Krause, Fritz. *Die Waurã-Indianer des Schingú-Quellgebietes, Zentral-Brasilien.* (Mitteil. gesel. völker, Heft 7, Leipzig, 1936, p.14-33, 4 ilus. 2 planchas).

O autor reúne todas as notícias que as expedições de Karl e Wilhelm von den Steinen, Herrmann Meyer, Max Schmidt, Heinrich Hintermann e V.M. Petrullo trouxeram sobre os Waurá, tribo aruak da região das cabeceiras do Xingu descrita como amável e célebre pelos seus lindos e gigantescos potes de barro. Cita, também, os diários inéditos de Wilhelm von den Steinen e Herrmann Meyer conservados no Arquivo do Museu Etnográfico de Leipzig. Cf. H. Baldus *in.: Rev. Arq. Municip.* XL, São Paulo, 1937, p. 50 **[1954]**

Kdrickeberg, Walter. *Amerika.* Illustrierte Vöolkerkunde, herausgegeben von Georg Buschan I. Dritte Auflage. Stuttgart, 1922. p.52-427, 167 figuras, 12 planchas, 3 mapas etnográficos, índice alfabético da p.637-686. Bibliografia da p.617-632.

Referem-se as p. 52-64 aos americanos em geral e as p. 217-239 aos índios sul-americanos em geral. Dos índios do Brsil tratam, especialmente, os capítulos: Os povos da região florestal tropical (p. 239-277) e A população do Brasil Oriental (p. 283-292).

Apesar de não empregar as publicações dos últimos vinte anos, a presente obra continua sendo um ótimo compêndio, pelo menos no que diz respeito à América do Sul. **[1955]**

Krickeberg, Walter. *Beitrage zur Frage der alten Kulturgeschichtlichen Beziehungen zwischen Nord -- und Südamerika.* (Zeites. fur ethn., LXVI, p. 287-373, Berlin, 1935. 12 figuras, 2 mapas, 2 tabelas e bibliografias).

Essas "contribuições ao probema das antigas relações histórico-culturais entre a América do Norte e a América do Sul" são um estudo da difusão de certos "elementos culturais". Pertencem aos melhores trabalhos desse gênero representado, na etnologia sul-americana, pelo padre Wilhelm Schmidt e por Erland Nordesnskiöld. Tem, por um lado, o defeito típico de seu gênero que é a esquematização simplista, e, por outro lado, sua qualidade apreciável que consiste em facilitar, pela coordenação de copiosos dados baseados em numerosa literatura exatamente indicada, uma orientação rápida no tocante à distribuição geográfica dos objetos em questão. O autor trata, especialmente da distribuição de 69 "elementos culturais subárticos na América do Sul", dividindo para esse fim grande parte deste continente em dez "grupos" dos quais um único compreende todo o oriente do Brasil e com isso os Gê e os Tupi da costa. Não é preciso dizer mais para carac-

terizar a fraqueza metodológica do presente trabalho. **[1956]**

Kruse, Albert. *Mundurucu moieties.* (Primitive man., VII, nº 4, p.51-57, Washington, 1934).

Segundo menciona a revista *Santo Antônio*, XV, P.160, Bahia, 1937, e o presente artigo "mais ou menos a reprodução inglesa do original alemão publicado nesta mesma revista, XII, p. 24 e seguintes, Bahia, 1934".

Enumera os clãs patrilineares e totêmicos dos Munduruku do Tapajós que se dividem em "metades" exógamas chamadas "brancos" e em "vermelhos". O interessante material sociológico é aocmpanhado por dados mitológicos. **[1957]**

Kruse, Albert. *Ueber die Wanderungen der Mundurukú in Südamerika.* (Antrhop. XXX, St. Gabriel-Mödling bei Wien, 1935, p.831-836).

O autor supõe que os Munduruku vieram do sul para o seu territóro atual. Distinguem-se os seguintes três grupos da tribo Munduruku falando todos a mesma língua: Munduruku do Tapajós, Munduruku do Madeira e Munduruku do Xingu. O autor dá os textos (em versão alemã) dos três contos seguintes sobre acontecimentos históricos: 1) Origem da tribo dos Kuruáya; 2) Origem da tribo dos Wiaunén; 3) Correria contra os Wiaunén. **[1958]**

Kunike, Hugo. *Der Fisch als Fruchtbrkeitssymbol bei den Waldindianern Südamerikas.* (Antthrop. VII, p.206-229, Wien 1912).

Considerando a importância do peixe na alimentação dos índios do Brasil e da Guiana, não é de estranhar o grande papel que aquele animal desempenha na cultura espiritual de muitas dessas tribos. O autor, baseando-se em literatura antiga e moderna, estuda esse papel nas danças e cantos destinados a produzirem fertilidade, na arte decorativa e na mitologia. (Cf. o comentário de Tastevin na revista *Anthrop.* IX, p. 405-417, Wien, 1914). **[1959]**

Laet, Johannes de. *Historie ofte Jaerlijik Verhael van de Verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie.* Leyden, 1644. In-fol.

A versão portuguesa é intulada: *História ou anais dos feitos da Companhia privilegiada das Índias Ocidentais.* Rio de Janeiro, 1925, 2 tomos, 662 p. in 4

Contém alguns dados sobre os tapuias do Nordeste (cf. p. 461 e seguintes da edição brasileira). **[1960]**

Lafone Quevedo, Samuel A. *Las lenguas de tipo Guiacurú y Chiquito comparadas.* (Act. XVII Congr. Inter. Americ. (Buenos Aires 1910), Buenos Aires, 1912, p. 228-231).

Referindo-se a seu opúsculo publicado sob o mesmo título na *Revista del Museo de La Plata*, XVII (-2, IV), p.7-68, 1910, o autor resume as semelhanças e diferenças das famílias linguísticas guaikuru e chikito. Ele dá especial informação à comparação dos pronomes a qual ele considera conveniente como meio de classificação geral das línguas americanas. **[1961]**

Lehmann-Nitsche, Robert. *El jabuti y el quirquincho.* (Inst. Mus. Un. Nac. La Plata, Obra del cincuentenario, t. II, Buenos Aires 1936, p. 185-200).

Comparando a lenda do jabuti e da onça, referida à Amazônia por vários autores e por alguns em texto tupi,

com a lenda do tatu e da onça, ovida entre os Xipaia do Alto Curuá por Curt Nimuendaju, e em San Luis de La Punta por D. B. Vidal, o autor considera provada uma relação entre os Tupi do norte do Brasil e os Quíchua da Argentina. **[1962]**

Lehmann-Nitsche, Robert. *Studien zur südamerikanischen Mythologie.* Die ätiologisch en Motive. Hamburg, 1939. xii, 205 p. Bibliografia.

Volumosa coleção dos conceitos pelos quais, nos mitos e lendas sul-americanas, se explicam a origem de particularidades de ambiente, de homens, animais e plantas. O autor reúne em secções especiais, ordenadas alfabeticamente, cerca de 1.100 motivos referentes ao homem em geral, às diferentes tribos, à fauna em geral, aos mamíferos, aves, réptis, anfíbios, peixes, cefalópodes, moluscos e artrópodes, à flora geral e especial e, por fim, às particularidades da terra e da paisagem. A respeito das relações dos motivos etiológicos com os mitos em que se encontram, o autor chegou à conclusão de que as particularidades do ambiente, de homens, animais e vegetais deram motivo a uma explicação, então elaborada de tal maneira que os elementos que a provocaram passaram a desempenhar um papel mais ou menos secundário, desaparecendo mesmo por completo. **[1963]**

Leite, Serafim, padre. *Novas cartas jesuíticas.* São Paulo, 1940. 344 pl. Brasiliana, v. 194).

São cartas de Nóbrega, Vieira e de outros jesuítas dos séculos XVI e XVII. "Sobre os índios do Brasil versam todas", afirma delas o padre Serafim Leite, p. 13. Nós, porém, devemos confessar que as alusões feitas por elas a esse respeito são escassas e pouco interessantes para a etnologia. Só um dos escritos publicados no presente livro merece certa atenção do indianista: a relação do padre Jerônimo Rodrigues sobre a missão dos Carijó. Mas também esta descrição da tribo guarani do litoral de Santa Catarina é, na maior parte, um resumo das más impressões recebidas pelo seu autor. (cf, H. Baldus in.: *Rev. Arq. Municip.* LXXV, São Paulo 1941, p. 224-225). **[1964]**

Léry, Jean de. *Histoire d'un voyage faict en la terre dv Bresil, autrement dite Amerique;* reveve, coorrigee, et bien augmentée en ceste seconde edition, tant de figures, qu'autres choses notables sur le suiet de l'auteur. Pour Antoine Chuppin, M.D. LXXX. 15 folhas s.n., 382, p. índice de máterias em 6 folhas s. n., 8 planchas, duas das quais reproduzem a mesma xilogravura.

Léry declara ter permanecido entre esses índios durante quase um ano, tratando familiarmente com eles. Confirma as notícias dadas por Staden das quais teve conhecimento somente oito anos depois de publicar a sua própria narrativa, como explica numa carta citada por Ternaux Compans e autores posteriores. Por outro lado, Léry crítica violentamente e não sem razão às observações sobre os índios brasileiros publicadas por Thevet, seu compatriota e antagonista na profissão religiosa. Como todos os autores de sua época que tra-

tam da etnografia do Brasil, Léry dá a maior importância ao problema da antropofagia. Nesse tocante, a seguinte observação sobre os Tupinambá revela a objetividade do inteligente francês: "...não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos. Move-os a vingança, salvo no que diz respeito às velhas, como já observei". O livro de Léry destaca-se dos escritos de Hans Staden e Gabriel Soares, principalmente, pelo seu valor lingüístico. Plínio Airosa que valorizou a ultima edição brasileira com notas tupinológicas, nela restaurando, traduzindo e anotando também o célebre colóquio tupinambá-francês do capítulo XX, disse muito bem a esse respeito: "em nenhum outro cronista dos anos afastados em que se iniciava a colonização regular do Brasil, encontraremos elementos tão abundantes e tão curiosos sobre a chamada língua-geral..."Além disso há em Léry algumas notas de canto índio que representam os documentos mais antigos de música brasileira. As xilogravuras da obra de Léry, se bem que sejam tecnicamente superiores às da primeira edição de Staden, não são tão ricas como estas em material etnográfico. Léry saiu do Brasil à Europa em 1558 e publicou a primeira edição de sua narrativa de viagem em 1578. A segunda saiu em 1580, em Genebra, "revista, corrigida e bem aumentada", e é nela que deve basear-se o investigador. Reimpressão dela é a melhor e mais acessível edição francesa moderna que, em 1880, foi publicada com numerosas notas de Paul Gaffarel. Observa, também, este comentador a respeito da edição de 1580: "É ela muito preferível à precedente." A obra de Léry foi traduzida para o latim, alemão, holandês e português. A melhor e mais completa edição até hoje feita apareceu na Biblioteca Histórica Brasileira (vol. VII), sob a direção de Rubens Borba de Morais, em S. Paulo, 1941. Contém 280 p. em formato grande, o fac-símile do mapa do Brasil de Cornelis de Jobe de 1593, e não somente as ilustrações da edição original e de outras subseqüentes mas também algumas gravuras contemporâneas pouco conhecidas. **[1965]**

Lévi-Strauss, C. *Contribution a l'étude de l'organisation social e des indiens Bororo.* (Jr. soc. americ., N.S., XXVIII, Paris, 1936, p. 269-304). (Versão portuguesa na *Rev., Arq. Municip.,* XXVII, São Paulo, 1936, ilus.)

Nimuendaju, o maior perito em etnografia brasileira, que durante decênios não fez outra coisa senão observar índios, necessitava, depois disso, ainda de muitos meses e grandes conhecimentos lingüísticos para resolver problemas tão pouco acessíveis como os da organização social de uma tribo. O Sr. Lévi-Strauss pretende ter conseguido semelhantes resultados, depois de uma estadia de poucas semanas numa aldeia bororo e sem o conhecimento da língua de seus habitantes. **[1966]**

Lopes, Raimundo. *Les indiens Arikêmes.* (XXI, Congr. Inter. Americ., session de Göteborg, 1924, p. 630-642, Gö-

teborg, 1924, 14 figuras, sendo a primeira 1 mapa).

Ligeiras notas sobre essa tribo do vale do Madeira e um pequeno vocabulário de sua língua. Nimuendaju que também publicou uma lista de palavras desse idioma *(Wortlisten aus Amazonien,* p. 109-116), considera-o tupi (ibidem, p. 93), ao passo que Loukotka, em *Línguas indígenas do Brasil,* p. 154, classifica-o como língua isolada com intrusão de aruaque tupi. **[1967]**

Lopes, Raimundo. *Os tupis do Gurupi: ensaio comparativo* (Univ. Nac. de La Plata, Act. y trab. cient. del XXV, Congr. Inter. Americ. I, p. 139-171, La Plata, 1932. Buenos Aires, 1934, 11 figuras, 3 mapas).

Em setembro e outubro de 1930, o autor visitou os Urubu e Tembé. O presente artigo sobre esses índios trata de arcos e flechas, moradia, transporte, vestuário, enfeites, danças e canto, crenças, lendas e língua, sendo completado por um vocabulário urubu e uma lenda tembé no texto original e na versão portuguesa. Dos três mapas do continente sul-americano que acompanham esse trabalho, o primeiro mostra a distribuição dos tipos de arcos e flechas, usados pelas duas mencionadas tribos tupis; o segundo indica a distribuição dos principais aspectos técnicos dos enfeites de plumas; o terceiro apresenta a distribuição atual e os deslocamentos dos tupis e das tribos vizinhas. **[1968]**

Loukotka, Chestimir. *Classificatción de las lenguas sudamericanas.* Praga, 1935. 26 p. 1 vocabulário esquemático na capa.

O autor estabelece 94 famílias lingüísticas na América do Sul, das quais muitas são subdivididas em numerosos idomas. Para a classificação serve um vocabulário esquemático de 45 palavras que, além de ser paupérrimo, ignora todas as características gramaticais. Esse método simplista dá, naturalmente, os resultados mais absurdos. As subdivisões feitas pelo autor são, em grande parte, meramente geográficas. **[1969]**

Loukotka, Chestimir. *Línguas indígenas do Brasil. (Rev. Arq. Municip. LIV,* São Paulo 1939, p. 147-174)

Segundo o método usado na sua "Classificación de las lenguas sudamericans," o autor divide as línguas índias do Brasil em 37 famílias e muitas subdivisões. Anexo está um mapa da distribuição dos idiomas assim classificados. O grande valor do presente trabalho consiste na minuciosa indicação das numerosas fontes. **[1970]**

Lowie, Robert H. *American culture history.* (Amer. Anthorp., XLII, p. 409-428, Menasha, Wisconsin, 1940).

Grande parte desse importante artigo ventila engenhosamente problemas essenciais da etnologia brasileira. **[1971]**

Lozano, Pedro. *Descripcion chorographica del terreno, rios, arboles, y animales de las dilatadísimas Provincias del Gran Chaco, Gualamba y de los ritos, y costumbres de las innumerables Naciones barbaras, è infieles, que le habitan; con una cabal Relacion historica de lo que en ellas han obrado para conquistarlas algunos Governadores, y*

Ministros reales; y los Missioneros jesuitas para reducirlas à la Fé del verdadero Dios. Cordoba, 1733. Reedición con prólogo e índice por Radamés A. Altieri. Tucumán, 1941. xix, 467 p.1 mapa, 2 fac-símiles. (Universidad Nacional de Tucumán, publicatión nº 228).

Trata, principalmente, das missões jesuíticas entre as tribos do Chaco. Os dados etnográficos sobre os Guaikuru, índios estes dos quais certos grupos viviam em Mato Grosso, são insignificantes em comparação com os informes sobre a mesma tribo escritos pelo padre José Sánchez Labrador e por Francisco Rodrigues do Prado. **[1972]**

Magalhães, Amílcar A. Botelho de. *Pelos sertões do Brasil.* Segunda edição. São Paulo, 1941. 506 p. ilus. mapas. (Brasiliana, v.195).

Esta obra é uma síntese dos relatórios sobre as principais explorações realizadas pela Comissão Rondon. Se bem que as informações etnográficas sejam escassas em comparação com a abundância dos dados geográficos, contém copioso material no tocante às relações entre índios e brancos, descrevendo encontros hostis e amigáveis, cruéis perseguições dos silvícolas por parte dos seringueiros e, em contraste, o comportamento altruísta e heróico dos oficiais da Comissão Rondon quando atacados por aqueles que os consideravam invasores de suas terras. A menção deste comportamento dá ocasião a descrições minuciosas dos processos de aproximação e pacificação aplicados por Rondon e seus auxiliares. **[1973]**

Magalhães, Couto de. *O Selvagem,* 3ª edição completa com o curso da língua geral tupi. São Paulo, 1935. 615 p. 1 plancha com o retrato do autor. (Brasiliana, v. 52). A edição *princeps* apareceu no Rio de Janeiro em 1876.

Além de alguns dados espalhados no tocante a diversas tribos do Brasil, são pricipalmente as lendas em Tupi as que constituem ainda certo valor deste livro para a ciência moderna. Segundo Ehrenreich (*Beitrage zur Volkerkunde Brasiliens*), esses textos foram recolhidos entre os Anambé. O próprio Couto de Magalhães confirma isso pelo menos a respeito da "Lenda acerca da velha gulosa" anotando (p. 267): "Foi esta a primeira lenda que coligi, e fi-lo em 1865, ano em que passei cerca de quatro meses nas solidões das cachoeiras da Itaboca, no Tocantins, onde naufraguei e onde morreram alguns de meus companheiros. A lenda foi-me narrada pelo tuxaua dos Anambés."

A edição francesa dessas lendas feita por Emile Allain saiu no Rio de Janeiro em 1882 sob o título "Contes indiens du Brésil". Quase todas elas foram reproduzidas em alemão na coleção de Clemens Brandenburger, intitulada "Mythen, Sagen und Marchen brasilisccher Indianer", São Leopoldo (1919). **[1974]**

Manizer, Henri Henrikhovitch. *Les Botocudos, d'aprés les observations recueillies pendant un sérjour chez eux en 1915;* traduction du russe, légérement résumé e par A. Childe. Título do original: *Botocudy (Boruny) po nabliudeniam vo vre-*

mia prébyvania sredi nikh v 1915 godu. Petrograd 1916. (Arq. Museu Nac. Rio de Janeiro, XXII, 1919, p. 241-273).

O autor passou seis meses entre os krenak do rio Doce e vários outros grupos de Botocudos estabelecidos no posto oficial de Pancas a 50 km, de Colatina. Na presente monografia descreve o território e a aparência física desses índios de Minas Gerais e Espírito Santo, suas habitações, seu adorno, seus processos de adquirir o sustento, seus matrimônios, nomes de parentesco, modos de tratar os mortos, conceitos de espíritos e almas, e a sua língua. Os homens caçam e cultivam bananas, mandioca e batatas, cabendo, principalmente, às mulheres a colheita dessas frutas e de alimentos vegetais silvestres. As páginas 267-270 em que o autor trata de Maretkhmakiam, ente supremo dos Botocudos, têm importância especial para o estudo da religião. Uma prancha mostra alguns utensílios desses índios. **[1975]**

Manizer, Henri Henrikhovitch. *Música e instrumentos de música de algumas tribos do Brasil.* (*Rev. Brasileira de música* I, 4º fasc. p. 303-327. Rio de Janeiro, 1934. 20 fig. no texto e em planchas, notas musicais)

Traduzido integralmente do russo por A. Childe. O original foi publicado pelo Mus. antrop. ethn. do Imperador Pedro o Grande, anexo à Academia das Ciências da Rússia. V. folheto I, p. 319-350. Petrograd, 1918.

Em 1914 e 1915, o autor visitou os Kaduveo, Treno, Faia (opayé-Xavante), Kaingang, Guaraní e Botocudos. No presente trabalho estuda a música vocal e instrumental desses índios e suas danças. Segundo lhe parece, o canto índio está indissoluvelmente ligado ao tom emocional da palavra. Foi somente entre os Guarani que o autor encontrou o canto sem palavras (p. 305). Esse artigo é uma das mais valiosas contribuições ao estudo da música índia do Brasil. **[1976]**

Markham, Clements Robert. *A list of the tribes of the Valley of the Amazons, including those of the banks of the main stream and of all the tributaries. Third edition. (Jr. Anthrop. Inst. Gr. Br. & Ir,* XL, London, 1910, p. 73-140).

Lista alfabética dos numerosos nomes tribais da Amazônia, com sinônimos e indicações sobre a origem, o território, a história, a língua, os caracteres físicos e etnográficos das tribos em questão. Essa nomenclatura é seguida por uma classificação geográfica das mencionadas tribos. O autor indica a literatura em que se apóia. Ignora, porém, as obras modernas que modificaram muito daquilo que ele afirma. Por isso, o trabalho de Markham é completamente antiquado. **[1977]**

Martius, Karl Friedrich Philipp von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens.* Leipzig, 1867. 2 v. v. 1: ix, 802 p. mapa, índice alfabético; v. 2: xxi, 548 p.

O primeiro tomo encerra os três trabalhos seguintes: 1) Uma conferência sobre "O passado e futuro da humanidade americana" (p. 1-42), feita 1838, na qual o autor sustenta a opinião de que "os americanos não

são selvagens, mas asselvajados e decaídos... restos degradados de um passado mais perfeito, em via de degeneração muito antes da descoberta pelos europeus" (p. 6). 2) Um estudo sobre "O estado do direito entre os aborígines do Brasil" (p. 43-144), publicado também em versão portuguesa na "Rev. ins. hist. geo. de São Paulo, XI, p. 20-82, S. Paulo 1906", e, como livro, em São Paulo, no ano de 1938. Nesse estudo, que alude igualmente à tese apresentada no primeiro dos três trabalhos, o autor trata de toda sorte de fenômenos sociais e culturais e não exclusivamente daquilo a que se restringe a jurisprudência moderna. 3) Uma sinopse etnográfica dos índios do Brasil e das regiões limitrofes (p. 145-780). Acompanha-a um mapa das supostas migrações dos Tupi e da distribuição dos grupos lingüísticos cuja base fornecem os vocabulários reunidos no segundo tomo. O valor etnológico atual das obras de Martius foi examinado por Herbert Baldus no no ensaio bio-bibliográfico "A viagem pelo Brasil de Spix e Martius", publicado na "Rev. arq. munic, LXIX, p. 131-146, São Paulo, 1940". **[1978]**

Martius, Karl Friedrich Philipp von. *Das Naturell, die Krankheiten, das Arztthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens.* Munchen, 1844. 192 p. (*Buchneres Repertorium für die Pharmacie*, XXXIII)

A edição brasileira é intitulada: *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* (1844); tradução, prefácio e notas de Pirajá da Silva. São Paulo, 1939, xxxii, 286 p. 19 planchas. Brasiliana, CLIV.

Muitas idéias médicas e etnológicas expostas pelo autor são produtos típicos de sua época e abandonadas pela ciência moderna. Apesar disso, o presente trabalho é, como todos os outros estudos indianistas do sábio bávaro, um manancial de valiosas observações, se bem que mostre, como os demais, as características aptidões e defeitos do autor, isto é, ótimo sistematizador e péssimo psicólogo. Como naqueles estudos, também aqui Martius se perde nas generalizações mais absurdas quando trata da mentalidade dos índios. Há nessa obra etnomédica algumas páginas sobre plantas medicinais cujo complemento é, de certa maneira, o livrinho publicado por Martius em 1843 sob o título: *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis*, Lipsiae, xxvi, 155 p. Sua versão para o português é de Henrique Veloso d'Oliveira e saiu no Rio de Janeiro, em 1974. **[1979]**

Maximilian, príncipe de Wied-Neuwied. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.* Frankfurt, 1820-1821. 2 v. v. 1: xxxiv, 380 p. v. 2: xviii, 345 p. 3 mapas, 22 gravuras.

Há várias edições alemãs, uma francesa, uma italiana e uma inglesa, contendo esta última (London 1820) somente o primeiro tomo do original. A edição brasileira saiu em 1940 sob o título *Viagem ao Brasil*, tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, refundida e anotada por Olivério Pinto. São Paulo, 511 p. Brasiliana – grande formado, v. 1, in-8º grande, com as vinhetas e estampas do original, 2 mapas, um retrato do autor e

mais duas planchas reproduzindo retratos existentes no castelo de Neuwied que representam o princípe e o botocudo que o acompanhou à Alemanha. O ator percorreu o litoral brasileiro e partes de seu *hinterland,* desde o Rio de Janeiro até a Bahia. Sua descrição dos Botocudos é uma das mais importantes das numerosas comunicações sobre esses índios feitas por etnógrafos e leigos. Se bem que tratasse, principalmente, da ergologia, revela o príncipe, em geral, uma compreensão de outos fenômenos culturais também, que, mesmo em nossos dias, é alcançada por poucos. Um botocudo acompanhou o autor no seu regresso à Alemanha, contribuindo consideravelmente para a organização do vocabulário de sua língua e do estudo gramatical sobre a mesma feita por Goetling, dois trabalhos publicados em apêndice da presente obra. Além disso, o livro de Wied contém alguns dados sobre os Coroados e Koropó da missão de São Fidélis no rio Paraíba e sôbre os Purí, Patachó, Machakarí e Kamakan, como também vocabulários machakarí, patachó, malali, makoni, menien e mngoió. (Cf. o ensaio biobibliográfico de Herbert Baldus: "Maximiliano príncipe de Wied-Neuwied", "Rev. arq. municip. LXXIV, São Paulo 1941, p. 283-291). **[1980]**

Melo, Mário. *Os Carijós de Águas Belas.* (*Rev. Mus. Paulista*, XVI, p. 793-846, São Paulo, 1929. 3 planchas).

Essas ligeiras notas sobre a tribo pernambucana na qual o autor passou alguns dias, referem-se, especialmente, à história, às danças e à língua daqueles índios denominada "iatê" por eles mesmos. Os vocabulários alfabéticos iatê-português (p. 822-830) e português-iatê (p. 831-838) apresentam mais de trezentos vocábulos desse idioma considerado por Loukotka (*Línguas indígenas do Brasil,* p. 153), como isolado "com a intrusão de *kamakan".* Carlos Estêvão de Oliveira publicou na "Rev. mus. paulista XVII, 1ª parte, p. 519-527, São Paulo, 1931, interessante comentário ao presente trabalho de Mário Melo. **[1981]**

Métraux, Alfred. *La civilisation matèrielle des tribus Tupi-Guarani.* Paris, 1928. xiv, 331 p. 30 fig. 10 planchas, 11 mapas. Bibliografia.

Baseado em numerosa literatura antiga e moderna, o autor estuda a distribuição geográfica da tribos da grande família lingüística tupi e descreve os elementos de sua cultura material, indicando a difusão deles entre essas tribos. Seguindo o exemplo dado por Nordenskiöld e utilizando-se, também, em parte, dos mapas organizados pelo indianista sueco, Métraux resume os resultados de suas pesquisas difusionistas em tabelas (p. 295-300) que o deixam chegar à seguinte conclusão: "Os Tupi-Guaraní são uma raça cuja cultura se compõe de elementos que têm, na América do Sul, distribuição oriental e setentrional. Não tendo sido estabelecida, em tempos pré-históricos, nenhuma tribo tupi-guarani de importância, na margem esquerda do Amazonas, tendo-se realizado tarde a ocupação da costa, precisamos colocar o centro da dispersão das tribos desta raça na área li-

mitada ao norte pelo Amazonas, ao sul pelo Paraguai, ao este pelo Tocantins e ao oeste pelo Madeira" (p. 312). Em outro lugar (p. 303), o autor frisa, ainda, a falta de influência andina, afirmando: "... na sua totalidade, a civilização das tribos tupiguarani não tem nenhum vestígio de uma influência procedida do oeste ou do noroeste." O livro contém, além disso, mapas e tabelas mostrando a distribuição, na América do Sul, do tipiti, do costume de colar penas na cabeça ou no corpo, do boné de penas, do manto de penas (técnica de filé) da tonsura, da deformação artificial da barriga-da-perna, e, por fim, do bastão-de-ritmo. E' o manual indispensável para o estudo dos Tupí e, por isso, uma das obras mais importantes da etnologia brasileira.

[1982]

Métraux, Alfred. *Lá decoration atificielle des plumes sur les oiseau vivants.* (Jr. soc. americ, XX, Paris 1928, p. 181-192).

Por um estudo detalhado da distribuição geográfica da chamada "tapiragem" na América do Sul, o autor chega a considerar de origem arawak esse processo de mudar artificialmente a cor das penas de aves vivas que era usado, também, por várias tribos do Brasil. **[1983]**

Métraux, Alfred. *Les Indiens Kamakan, Patavo et Kutavo d'après le journal de route inédit de l'explorateur français J.B. Douville.* (Rev. inst. etn. un. nac. de Tucumán, tomo I, entrega 2ª. p. 239-393, Tucumán, 1930).

Valiosas informações sobre os conceitos de propriedade, vida familiar e sexual, religião e costumes fúnebres dos Kamakan, tribo baiana hoje extinta, e algumas informações sobre seus vizinhos Patachó e Kutachó. **[1984]**

Métraux, Alfred. *Les migrations historiques des Tupi-Guarani.* (Jr. soc. americ. N.S. XIX, p. 1-45, Paris, 1927. 1 mapa, 1 quadro cronológico anexo das 20 migrações estudadas, bibliografia)

Depois de tratar, à base de literatura antiga e moderna, das migrações de diversas tribos tupi durante os séculos XVI a XX, o autor chega às seguintes conclusões (p. 35-36): "1) Os primeiros senhores da costa do Brasil eram os Tapuia. 2) Eles foram expulsos de lá, numa data relativamente recente, pela invasão de tribos tupi-guarani que, provavelmente, devem ter irrompido no litoral, com o decorrer do século XV. 3) Os Tupinambá conquistaram o Maranhão só na segunda metade do século XVI. 4) Durante os quatro séculos que seguiram a conquista houve, em diferentes regiões e várias direções, grande número de migrações de Tupi-Guarani, que percorreram, às vezes, distâncias tão consideráveis como aquela que separa o Peru da costa do Brasil. 5) Dessas migrações, umas foram motivadas pelo desejo de escapar à servidão que os portugueses queriam impor aos índios, sendo as outras causadas pela crença obstinada dos Tupi-Guarani na existência dum paraíso terrestre situado, ou ao leste além do mar, ou ao oeste no interior". Curt Nimuendaju escreveu valiosos acréscimos à presente monografia que foram publicados no "Jr. Soc. Americ., N.S., XX, p. 390-392, Paris, 1928. **[1985]**

Métraux, Alfred. *El Museo etnográfico de Gotemburgo*, *(Rev. Geo. Amer.*, III, Buenos Aires, 1935, p. 253-256).

Esse museu sueco é célebre pelas suas coleções sul-americanas, devido aos esforços de seu antigo diretor que era o Barão Erland Nordenskiöld. Possui também ricas coleções de objetos dos índios do Brasil das quais as mais importantes resultaram de expedições de Curt Nimuendaju.

[1986]

Métraux, Alfred. *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani.* Paris, 1928. 260 p. 9 fig. 9 planc has, 1 mapa, apêndices. *(Bibliothèque de l'École des hautes études -- Sciences religieuses*, v. 45) Bibliografia.

O autor compila os dados sobre a mitologia e outros fenômenos da chamada cultura espiritual dos antigos Tupinambá e de diversas tribos tupi modernas, dados esses que, na maior parte, são fragmentários, diferindo muito entre si no seu valor científico. Um grande capítulo (p. 124-169) trata da antropofagia ritual dos Tupinambá. Outro capítulo (p. 180-188, com mapa e tabela) indica a difusão da "saudação lagrimosa" na América do Sul. Os apêndices (p. 225-252) contêm mitos dos Tupinambá e informações sobre a antropofagia destes índios extraídos de *"La cosmographie universelle"* e dum manuscrito inédito de André Thevet. De certo modo, o presente livro completa *"La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani"* do mesmo autor, sendo tão necessário para o estudo da cultura espiritual dos Tupi como esta última obra é indispensável para conhecer sua cultura material. **[1987]**

Meyer, Herrmann. *Bogen und Pfeil in Central-Brasilien.* Leipzig, Druck vom Bibliographischem Institut, s.d. (Versão inglesa em: Smithson. rep. for 1896, Washington 1898) vi, 56 p. 1 mapa, 4 planchas.

Esta célebre monografia é a primeira tentativa de estudo da distribuição geográfica de diferentes tipos de arcos e flechas no Brasil, classificando aqueles, principalmente, segundo o corte transversal e o material da vara, e estas segundo a emplumação. Já o padre Wilhelm Schmidt (*Kulturkreise*, etc.), fez objeções a respeito. Em todo caso, porém, o opúsculo de Herrmann Meyer é hoje, ainda, muito próprio para dar uma idéia geral das diversas formas de arcos e flechas no Brasil.

[1988]

Nantes, Martin de. *Relation succinte et sincére de la mission du pere Martin de Nantes, predicateur capucin, missionaire apostolique dans le Brésil parmy les indiens appelés Cariris.* [1706] 7 fl., 233 p. 3 fl.

A segunda edição chama-se: *Histoire de la mission du P. Martin de Nantes, capucin de la Province de Bretagne, chez les Cariris, tribu sauvage du Brésil*, 1671-1688; réimpression exécutée par les soins du R.P. Apollinaire de Valence. Rome, Archives générales de l'Ordre des capucins, 1988. 183 p.

O autor conviveu longo tempo com os Karirí, sendo sua obra uma fonte preciosa no tocante a esses índios extintos do Nordeste. **[1989]**

Nimuendaju, Curt. *The Apinayé.* Washington, 1939. vi, 189 p. 30 fig. no texto, 1 mapa. *(The Catholic University of America -- Antropological series*, v. 8) Bibliografia.

Os Apinayé (ou Apinagé) são uma tribo de dialeto timbira que habita o triângulo formado pelos rios Tocantins e Araguaia até cerca de 6°30' de latitude sul. Dividem-se em metades matrilocais e matrilineares, das quais uma ocupava, antigamente, a parte setentrional da aldeia circular, e a outra a parte meridional. O sexo masculino é dividido em quatro camadas-de-idade. O autor estuda minuciosamente os processos da iniciação (p. 37-72), a vida sexual, a divisão do trabalho, o nascimento e a infância, a nomenclatura do parentesco, as saudações, os jogos, a guerra, o direito, a religião e os mitos daqueles índios. Concordo com o que Robert H. Lowie, que traduziu o presente trabalho do manuscrito alemão para o inglês, me escreveu a respeito: "A meu saber é a primeira monografia sobre uma tribo jê que satisfaz exigências modernas". **[1990]**

Nimuendaju, Curt. *Besuch bei den Tukuna-Indianern.* (Ethnol. Anz., II, Heft 4, Stuttgart 1930, p. 188-194. 1 mapa)

Em 1929, o autor visitou os Tukuna que moram nos afluentes esquerdos do Solimões entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. No dizer dele, há ainda pelo menos 3.000 Tukuna no Brasil e no Peru. Apesar de já serem muito influenciados pela nossa civilização, eles conservam numerosos traços de sua antiga cultura. A tribo divide-se em vários bandos, não tendo organização política. É patrilinear e separada em dois grupos exógamos dos quais cada um consiste em diversos subgrupos não localizados. Esses subgrupos (kéa) têm nomes de animais ou vegetais. Os membros de cada kéa são caracterizados pelos seus nomes próprios e, nas festas, pela pintura de jenipapo. É digno de nota não ser usado o urucu. O autor dá a versão de dois mitos astrais e estuda, depois, a mudança cultural, enumerando os traços conservados e perdidos. Apesar de quase todos os Tukuna andarem completamente vestidos à moda dos brancos, praticam, ainda, a iniciação das moças com a depilação delas e as danças de máscaras. São bons lavradores. Têm diversos processos de pesca. Muitos homens são bons caçadores e grandes consumidores de bebidas fermentadas. O autor louva as mulheres como fabricantes de diferentes espécies de louças. **[1991]**

Nimuendaju, Curt. *Bruchstüque aus Religion und Ueberlieferung der Sipáaia-Indilaner.* (Anthrop., XIV-XV, Wien, 1919-1920, p. 1002-1039; XVI-XVII, Wien, 1921-1922, p. 367-406. 1 mapa, 9 ilus. no texto e 4 planchas).

O presente material foi recolhido, nos anos de 1918 e 1919, em Boca do Baú, no Alto Curuá (vale do Xingu), entre um pequeno grupo de Xipaia que vivia na dependência de seus senhores cristãos. Apesar disso contém valiosos dados sobre feitiçaria e conceitos místicos do Céu e da Terra, um importante capítulo sobre os demônios com minuciosa descrição dos ritos antropófagos e várias lendas, outro capítulo sobre as almas dos mortos e os espíritos com a nar-

ração dos detalhes de uma representação da dança dos espíritos presenciada pelo autor, contos de animais e tradições históricas. Infelizmente, os numerosos mitos não são reproduzidos no texto original mas somente em versão alemã. Apesar disso, a obra representa uma das mais interessantes contribuições à mitologia sul-americana. **[1992]**

Nimuendaju, Curt. *The Gamella Indians.* (Primitive Man, X, n.º 3-4, Washington, 1937, 14 p. 1 mapa, bibliografia.)

Segundo o autor, desde os tempos mais remotos a que se referem os relatórios mais antigos, distinguem-se dois grupos de tribos na população índia do território hoje formado pelo Estado do Maranhão. O grupo indubitavelmente mais antigo, que ocupa o centro e o sul, abrange tribos gê de dois ramos, lingüística e culturalmente diversos: os Timbira no norte e os Akwé no sul. O grupo mais novo é formado por tribos tupi que habitam o noroeste e podem ser divididas também em dois ramos. Os dialetos do ramo "he" – assim chamado por causa do pronome da primeira pessoa singular – pertencem a uma onda antiga de imigrantes representada pelos Guajajára e Amanayé. As tribos que falam os dialetos "txe" parecem ter imigrado posteriormente à descoberta do Brasil, vindo do sul; foram representadas, nessa região, pelos Tupinambá. Os Akwé e os Tupinambá foram extintos, ao passo que os Timbira e os Guajajára ainda vivem no Maranhão. Todo o nordeste desse estado e grandes trechos ao leste são etnograficamente quase desconhecidos. Eles representam aquela parte do Maranhão que foi a primeira a receber densa população de colonos. As fontes dos séculos XVII e XVIII mencionam doze tribos cujas línguas ficaram desconhecidas. Com exceção dos Gamela, só poucos sobreviventes dessas tribos havia no começo do século passado, sobreviventes esses que desapareceram completamente. Em 1936, o autor conseguiu visitar velha mestiça Gamella cuja avó ainda tinha sido Gamella pura. Essa mestiça, talvez fosse o único ser humano a lembrar-se, ainda, de algumas palavras da língua dos seus antepassados índios. Essas palavras, segundo o autor, indicam – quanto seu pequeno número permite concluir – que se trata de uma língua isolada. **[1993]**

Nimuendaju, Curt. *Idiomas indígenas del Brasil.* (Rev. Inst. Etn. Un. Nac. de Tucumán, tomo II, p. 543-618, Tucumán 1932).

Contém notícias históricas e vocabulários das quatro seguintes tribos do Xingu: Takunyapé (p. 543-547), Arára (p. 547-552), Kayapó (p. 552-567) e Yurúna (p. 580-589), e vocabulários dos Opayé-xavantes do sul de Mato Grosso (p. 567-573) e dos Tukuna do vale do Solimões (p. 573-580), sendo em língua alemã todos esses informes sobre os índios e as palavras correspondentes às suas nos mencionados vocabulários. Portugueses são os termos correspondentes nos vocabulários levantados pelo autor durante o reconhecimento dos rios Içara, Ayarú e Uaupés, vocabulários esses que representam as seguintes línguas: Baniwa (p. 590-

592), Baré (p. 592-594), Wareúéna (p. 594-595), Karútana (p. 596-597), Kadaupuritana (p. 598-601), Moriwene (p. 601-602), Walipéri-Dákenäi (p. 602-604), Hohódene (p. 604-607), Mapani (p. 607-609), Máulieni (p. 609-611), Payualiene (p. 611-613), Adyánene (Adyána) (p. 613-614), Kumadá-Mnanai (p. 615-616) e Kapité-Mnanei (p. 616-6[illegible]). **[1994]**

Nimuendaju, Curt. *Os índios Parintintin do rio Madeira.* (Jr. Soc. Americ. N.S. XVI, p. 201-278, Paris 1924. 10 figuras no texto, sendo uma um mapa, plancha, Bibliografia).

Se bem que o autor conheceu os Parintintin somente fora de suas aldeias, a presente monografia sobre esta tribo tupi pacificada por ele em 1922 é valiosa pela multiplicidade dos traços culturais estudados. Particularmente interessantes são os dados concernentes aos primeiros contatos com os índios. O último capítulo contém o material lingüístico coligido. **[1995]**

Nimuendaju, Curt. *Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn.* (Göteborgs Kungl. Vetenskaps – och., Fjärde följden, 31, n.º 2, Göteborg 1926) 144 p.

De maio a agosto de 1925, o autor conviveu no rio Arucauá, na região do Oiapoque, com os Palikur, tribo aruak que, apesar de sua mestiçagem parcial, conservou o essencial de sua cultura. A presente monografia é um dos melhores trabalhos sobre índios da Guiana. **[1996]**

Nimuendaju, Curt. *The social structure of the Rankókamekra* (Canella). Amer. Anthrop., XL, n.º 1, p. 51-74, 1938)

O autor estuda as ligas sociais e o governo dessa tribo gê do Maranhão. Há, nela, duas espécies de "amizades formalizadas" que apresentam, evidentemente, certas correspondências com instituições de tribos norte-americanas. Outras ligas são as chamadas "classes-de-idade" que resultam da iniciação dos moços. Além das unidades sociais mencionadas, há uma ordem honorífica chamada *hamrén,* compreendendo os chefes da aldeia, os cabeças das classes-de-idade, as moças iniciadas com os moços, e determinadas outras pessoas de estima pública e importância para as cerimônias. O chefe é eleito pelos outros chefes e pelo senado dos velhos. Nenhum Ramkókamekra mostra muita vontade de tornar-se chefe, e nunca o autor observou rivalidade entre os chefes.

[1997]

Nimuendaju, Curt. *Streifzug vom Rio Jary zum Maracá.* Petermanns geo. mitteil. 1927, Heft 11-12, Gotha, 1927, p. 356-358. 1 mapa)

Relação duma excursão em procura de índios desconhecidos do Alto Maracá. **[1998]**

Nimuendaju, Curt. *Streifzüge in Amazonien.* (Ethnol, Anz., II, Heft 2, Stuttgart, 1929, p. 90-97. 1 mapa, 5 ilus. em 2 planchas)

Relatório de viagens pela Amazônia, nos anos de 1922 a 1927, em que o autor colecionou material arqueológico e etnográfico para o Museu de Göteborg, fazendo escavações e visitando os índios Parintintin e Mura-Pirahá do rio Maicy na região do Madeira, os Maué da região do

Tapajoz, os Palikur e seus vizinhos no rio Oiapoque, os Mundurukú do rio Paracuny, afluente meridional do Urariá, vários bandos de Múra no vale do Madeira, os Baníua do vale do Içána, os Kobéwa do Alto Ayari, os Wanána do rio Uaupés e uma horda de Makú na região do Yauareté. **[1999]**

Nimuendaju, Curt. *As tribos do alto Madeira.* (Jr. Soc. Americ., N.S., XVII, p. 137-172, Paris, 1925. Bibliografia)

As páginas 137-145 contêm notícias sobre a história dos Torá, Urupá, Jarú, Múra, Múra-Pirahá, Matanawy, "Tupi" do Alto Machado, e Ntogapyd, notícias essas baseadas em informes recolhidos pelo autor ou extraídos da literatura. A bibliografia (p. 146-147) abrange 44 números. Seguem vocabulários das línguas torá (p. 148-157), urupá (p. 158-159), múra (p. 169-165), múra-pirahá (p. 165-166), matanawy (p. 166-171) e ntogapyd (p. 172), todos levantados pelo autor em 1922. **[2000]**

Nimuendaju, Curt, and **Lowie,** Robert H. *The associations of the Serénte.* (Amer. Anthrop, XLI, nº 3, p. 408-415, 1939).

Depois de fazerem algumas referências gerais à estrutura social dessa tribo gê do rio Tocantins, os autores tratam, detalhadamente, das funções das associações dos homens. **[2001]**

Nimuendaju, Curt, and **Lowie,** Robert H. *The dual organizations of the Ramkókamekra (Canela) of Northern Brazil* (Amer. Anthrop, N. S. XXXIX, nº 4 (part. 1), p. 565-582, 1937, 3 fig. das quais a 1ª é 1 mapa etnográfico do nordeste e a 2ª uma planta da aldeia)

Os Ramkókamekra mais conhecidos pelo nome Canela, vivem nos campos do Maranhão a uma distância de 78 quilômetros ao sul da cidade de Barra do Corda. Representam, lingüisticamente, o dialeto meridional do timbira oriental da família gê. São, principalmente, captadores. Há duas organizações duais de especial importância para a tribo inteira. A primeira é a divisão em metades matrilineares não totêmicas, de idêntica estima social e teoricamente exógamas. A segunda vigora só na época da chuva. Estas "metades-da-época-da-chuva" existem independentemente das metades exógamas. Uma série de normas pessoais determina automaticamente a metade à qual o portador pertence. Depois de tratar, ainda, das "metades-de-praça", e das "metades-de-classes-de-idades", ambas restritas ao sexo masculino, e depois de enumerar a nomenclatura do parentesco dos Ramkókamekra, o importante artigo termina com uma série de notas comparativas. **[2002]**

Nimuendaju-Unkel, Curt. *Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão).* (Zeits, Fúr Etn, 47, Berlin, 1915, p. 281-301).

Esses dez mitos daquela tribo tupi são de grande importância para a mitologia americana em geral, pois contêm motivos que encontramos também em outras partes do continente. O texto está em alemão, sendo intercaladas, às vezes, certas palavras tembé. **[2003]**

Nimuendaju-Unkel, Curt. *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani.* (Zeits Fúr Ethn., 46, Berlin, 1914, p. 284-403. 14 ilus. sendo a

1ª um mapa da zona migratória dos Guarani do Brasil Meridional).

Esta obra, uma das mais importantes da etnologia brasileira, principalmente com referência aos índios do sul de Mato Grosso, de São Paulo e do Paraná, é indispensável para o estudo das religiões sul-americanas e das línguas tupis. A abundância de dados psicológicos evidencia o padrão de comportamento étnico dos Apapocúva. O autor passou vários anos com os guaranis do sul de Mato Grosso e do Estado de São Paulo, falando corretamente sua língua. No presente trabalho estuda a história das migrações de algumas hordas guaranis em procura da "terra sem mal" e os conceitos da almas, os deuses, demônios, heróis e os médicos-feiticeiros de uma dessas hordas, a saber, dos Apapocúva. Os mitos da criação e destruição do mundo que formam a base da religião destes índios, são reproduzidos no texto original e em versão alemã. Interessantes são também as comparações com a mitologia kaingang e ofaié.

[2004]

Nogueira, Batista Caetano de Almeida. *Esboço gramatical do Abáneeê ou língua guarani chamada também no Brasil língua tupi ou língua geral, propriamente abañeenga.* (An. Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, v. 6, Rio de Janeiro, 1879, p. 1-90).

Esta obra, como também a do mesmo autor intitulada "Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista espiritual" do padre A. Ruiz de Montoya" (An. Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, v. 7, 603 p. ix pag. de Errata, Rio de Janeiro 1879) foi grandemente elogiada, na Rev. Arq. Municip. XLIII, p. 188, São Paulo 1938, pelo tupinólogo Plínio Airosa, especialista no assunto. **[2005]**

Nordenskiöld, Erland. *The changes in the material culture of two Indian tribes under the influence of new surroundings.* Göteborg, 1920, XVI, 245 p. 38 ilus. 22 mapas 22 tábuas. (Compar. Ethn. studies, v. 2) Bibliografia.

O autor se refere com a maior freqüência aos índios do Brasil, principalmente quando trata da distribuição geográfica de construções palafíticas, catres, redes de dormir, flechas de pescar com várias pontas, pesca com veneno, tipóis, jogos com bola de borracha, trombetas, flautas-de-pã, máscaras, cestos com tampa, teares do tipo arawak e urnas funerárias. Interessantes são os mapas bibliográficos apresentando nas diversas regiões da América do Sul os nomes dos autores que sobre elas escreveram sob o ponto de vista etnográfico e arqueológico. v. o comentário do padre W. Schmidt in: "Die Abwendung vom Evolutionismus und die Hinwendung zum Historizismus in der Amerikanistik", (*Anthrop.*, XVI-XVII, Wien, 1921-1922, p. 497-502). **2006]**

Nordenskiöld, Erland. *An etno-geographical analysis of the material culture of two Indians tribes in the Gran Chaco.* Göteborg, 1919. xi, 295 p. 69 ilus. 44 mapas, 6 tábuas. (Compar. Ethn. Studies, v. 1) Bibliografia.

As referências aos índios do Brasil contidas neste volume são quase contínuas, sobretudo nos estudos da distribuição de flechas com ponta

embotada, fundas, bodoques, fornos subterrâneos, pilões de madeira, raladores de mandioca, cachimbos, tatuagem, redes-de-carregar, charpas para carregar crianças, jogos de azar, jogos com palheta e bola, jogos com bola de palha de milho, tambores de couro, chocalhos de cabaças, fusos do tipo bakairí, impressões digitais em vasos de barro, cerâmica pintada, cabeças com tampas, cabaças com pirogravura e cabaças consertadas por meio de costura. A edição alemã deste volume apareceu em Göteborg, em 1918; a francesa em Paris, em 1929. No prefácio da última, o autor declara ter introduzido no texto francês dados tirados da literatura publicada depois da publicação da edição inglesa. Verificamos, porém, serem poucos esses acréscimos. v. o comentário do padre W. Schmidt in: *"Die Abwendung vom Evolutionismus und die Hinwendung zum Historizismus in der Amerikanistik"* (Anthrop., XVI-XVII, Wien, 1921-1922, p. 497-502). **[2007]**

Nordenskiöld, Erland. *Modifications in Indian culture through inventions and loans.* Göteborg. 1930. 256 p. ilus. mapas. (Compar. Ethn. Studies, 8) Bibliografia.

Contém numerosas referências aos índios do Brasil, principalmente nos capítulos que estudam "Elementos culturais conhecidos pelos índios, mas desconhecidos no Antigo Mundo antes da descoberta da América". "Certas invenções provavelmente feitas independentemente, tanto no Antigo como no Novo Mundo", "Invenções de distribuição isolada", "Invenções pós-colombianas feitas pelos índios", "O que os índios aprenderam dos brancos ou dos negros", "Até que ponto empréstimos culturais são determináveis por comparações linguísticas", "O uso de tubos e seringas para clister entre índios", "História e distribuição geográficas da apicultura entre os índios", "Pontes", "Flechas e dardos de silvo" e "Gongos". O que o autor chama de "gongos", são espécies de torocanas, tambores que consistem num todo de madeira escavado e servem para dar sinais. No estudo sobre pinças (p. 237-238 e mapa 7) não há referências ao Brasil, pois o autor deixou de mencionar as grandes pinças feitas de Taquaruçú ou madeira rija com as quais os Aweikoma de Santa Catarina tiram os alimentos do fogo e das panelas quando em estado de ebulição, como lemos em José Maria de Paula: *Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina*, cit. p. 125. **[2008]**

Nordenskiöld, Erland. *Origin of the Indian civilizations in South America.* Göteborg. 1931. 76 p. ilus. mapas, apêndices. (Compar. Ethn, Studies, 9) Bibliografia.

O autor averigua o que as constatações feitas em volumes anteriores de seus "Comparative ethnographical studies" esclarecem a respeito da origem das diferentes formas de "cultura material" na América do Sul. Uma investigação deste gênero deve tomar em consideração toda a América. Por isso, Nordenskiöld enumera, primeiramente, objetos conhecidos tanto no norte como no sul da América, reconhecendo assim existirem no extremo sul da América

meridional muitos objetos cujos semelhantes são achados, também, na América do Norte, existindo só esporadicamente na América do Sul. Além disso, traços culturais do Chaco e do sudoeste da América meridional têm numerosos semelhantes no sudoeste da América setentrional. Depois, o autor se ocupa com o problema de influências oceânicas, chegando por meio de comparações do material etnográfico à conclusão de existir na América Central, na Colômbia, no Amazonas e, em parte, também no Peru um bom número de traços culturais com paralelos na Oceania, mas de poderem ter vindo eventuais influências culturais oceânicas principalmente só numa época em que bananas, cana-de-açúcar, galinhas e porcos domésticos ainda eram desconhecidos na Oceania. O essencial do presente trabalho é a opinião de Nordenskiöld de ter sido inventada na América do Sul ou conhecida tanto na América do Sul como na América do Norte a maioria dos "elementos" culturais sul-americanos que para os índios têm importância fundamental na luta pela vida. cf. H. Baldus in: *Sociologus*, 9, p. 80-81, Leipzig, 1933. A tradução espanhola dessa obra de Nordenskiöld apareceu na "Rev. Chilena de Hist. y Geo. tomo 84, nº 92, p. 232-263; tomo 8, nº 93, p. 280-318; Santiago de Chile, 1938. **[2009]**

Oiticica, José Rodrigues Leite e. *Do método no estudo das línguas sul-americanas.* (Verhand. des XXIV, Intern. Amerik, kongr., p. 272-297 (Hamburg, 1930) Hamburg, 1934) Apareceu também, no Bol. do Mus. Nac., IX, nº 1, p. 41-81, Rio de Janeiro, 1933.

Observações gerais sobre as necessidades científicas do estudo das línguas índias da América do Sul. Referências especiais à lingüística brasileira. **[2010]**

Oliveira, Carlos Estêvão de. *Os Apinagé do Alto-Tocantins: costumes, crenças, artes, lendas, contos e vocabulário.* (Bol. do Mus. Nac., VI, p. 61-110, Rio de Janeiro 1930, 14 estampas)

O autor organizou o presente trabalho com quatro índios daquela tribo gê quando estes, em 1926, estiveram em Belém do Pará durante 33 dias. Grande parte do artigo consiste em lendas das quais uma (p. 69-71) foi reimpressa na Rev. do Mus. Paulista, XVII, 1ª parte, p. 515-517, São Paulo, 1931. As estampas representam artefatos apinagé e desenhos feitos pelos quatro informantes. O texto é enriquecido por notas de Curt Nimuendaju, autor da importante monografia *The Apinayé* aparecida em 1939. **[2011]**

Oliveira, J. Feliciano de. *The Cherences of Central Brazil.* (Intern. Congr. Americ., Proc. XVIII. ses., London, 1912. Part. II, Harrison and Sons, London, 1913, p. 391-396)

Destas ligeiras notas destaca-se The Star Legend nas páginas 395 e 396. Em apêndice (p. 539-565 do mesmo volume), o autor publica um vocabulário desses índios com as palavras correspondentes em português e inglês. **[2012]**

Orbigny, Alcide d'. *L'homme américain (de l'Amérique Méridionale), considéré sous ses rapports physiologiques et moraux*. Paris, 1839. x. 362 p. atlas in-folio: 15 planchas. *(Voyage dans l'Amérique méridionale.* v. 4)

Obra obsoleta para a etnologia brasileira. **[2013]**

Pardal, Ramón. *Medicina aborígine americana:* prefácio de J. Imbelloni. Buenos Aires, s.d. (1937), 377 p. 70 ilus. no texto, 6 planchas e índice alfabético. (Humanior – Bibl. Del Amer. Moderno, Imbelloni – sección C – tomo III) Bibliografia.

Este importante livro trata, principalmente, da medicina dos araucanos e dos índios do antigo Peru e México, contendo também algumas referências à medicina de tribos do Brasil. Bibliografia especializadas estão no fim de cada capítulo. As figuras representam, na maior parte, objetos etnográficos e vegetais. **[2014]**

Paula, José Maria de. *Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina, organizada pelo Serviço de proteção aos silvícolas, sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula.* (An. XX, Congr. Inter. Americ. (Rio de Janeiro, 1922), v. 1, Rio de Janeiro, 1924, p. 117-137)

Esse artigo contém preciosos dados sobre os chamados "Bugres" de Santa Catarina ou Aweikoma, índios esses denominados, às vezes, também de Botocudos, mas sem a mesma razão que a tribo deste nome no rio Doce, pois os Aweikoma usam só pequeno pendente no beiço inferior, sendo este costume restrito ao sexo masculino, ao passo que os Botocudos de Espírito Santo e Minas Gerais devem sua alcunha ao uso de rolos enormes introduzidos nos furos artificiais do lábio inferior e dos lóbulos da orelha de ambos os sexos, rolos esses que lembraram os portugueses o botoque, sinônimo de rolha de barril. As páginas 131-137 contêm duas pequenas listas de palavras, ambas chamadas de "vocabulário botocudo" pelo autor, sendo colhidas, uma no aldeamento de Taio-Plate, Itajaí, Santa Catarina, e a outra no aldeamento de Palmas, Paraná. Não satisfazem exigências científicas. **[2015]**

Pericot y García, Luis. *América indígena.* Barcelona, 1936. xxxii, 732 p. 341 figuras, 8 planchas coloridas, 56 mapas. Bibliografia.

Esse magnífico compêndio cuja primeira parte trata do homem americano em geral e de sua origem, ocupando-se a segunda parte com as diferentes famílias lingüísticas índias, é, apesar de certas inexatidões, indispensável para o etnólogo, tanto pela coordenação do material, como também pelas excelentes ilustrações e mapas e, *last but not least*, pela minuciosa documentação bibliográfica. **[2016]**

Petrullo, Vincent M. *Primitive peoples (of Mato Grosso, Brazil).* (The Museum Journal, XXIII, nº 2, p. 83-173, University Museum, Filadélfia 1932. 24 planchas, 1 mapa)

Em 1931, o autor visitou os Boróro da Campanha (Boróro ocidentais) e os Bororó orientais do vale do São Lourenço, como também as seguintes tribos da região do Kuliseu e Kuluene: Bakairí, Anahukuá, Mehinakú, Aura (Vaurá), Trumaí, Yawalaití, Kamayula (Kamayurá), Tsuva, Kuikutl (Cuicuru), Kalapalu e Naravute. O presente relatório contém apenas ligeiras notas sobre esses índios. **[2017]**

Pinto, Estêvão. *Alguns aspectos da cultura artística dos Pancarús de Tacaratu (índios dos sertões de Pernambuco).* (Rev. S.P.H.N., v. 2, nº 2, Rio de Janeiro 1938, p.57-92)

O autor considera esses índios do Brejo-dos-Padres de Pernambuco parentes dos Gê. Especialmente interessantes são suas máscaras de dança que têm na forma e no processo de fabricação certas semelhanças com as dos Tapirapé, tribo tupi do Brasil Central, se bem que, por outro lado, diferem delas. Também num pequeno artigo intitulado "Las máscaras de danza de los Pancarus" e publicado na *Rev. Geo. Amer.*, v. X, nº 62, p. 342-344, o autor se refere ao mesmo traço cultural daqueles índios do nordeste do Brasil. Ambos os trabalhos são ilustrados com boas fotografias. **[2018]**

Pinto, Estêvão. *Os indígenas do Nordeste.* São Paulo, 1935, 1938. 2v. v. 1: 260 p. 45, desenhos e mapas; v.2: 366 p. 36, figuras, 1 mapa. (Brasiliana, v. 44 e 112)

O primeiro tomo trata do atual estado dos problemas arqueológicos e etnográficos do Brasil, da história da etnologia deste país, da classificação de seus índios e das relações entre estes e os brancos. O segundo tomo divide os antigos habitantes do nordeste em Tupi, Gê e Karirí, referindo-se, especialmente, à vida econômica e às crenças religiosas desses índios. Para isso, o autor reúne copiosos dados de fontes antigas e modernas. A respeito dos Tupi, baseia-se, principalmente, nas monografias de Métraux. Com referência aos Gê e Karirí, as fontes são mais escassas, recorrendo, por isso, o autor ao material comparativo trazido, às vezes, de bem longe.

Ainda que Estêvão Pinto (v. 2, p. 31) reconheça o perigo das generalizações relativamente às culturas índias, não pode pela natureza de seu livro (reduzindo os índios em apreço a três grupos) evitá-las. Apesar disso apresenta a primeira parte do segundo tomo consagrada ao conhecimento da "vida econômica" (expressão com que o autor substitui os termos "civilização material" e "cultura material") uma boa orientação sobre os problemas em questão, pela sua descrição clara e isenta de hipóteses pseudocientíficas. Os capítulos sobre a vida religiosa e social, porém, estão sob a influência das teorias de Freud e Lévy-Bruhl. Também o termo totemismo é usado em sentido muito vago. Mas fora desses senões, a presente obra é recomendável como introdução ao estudo dos índios do Brasil e também pela sua abundante e exata documentação bibliográfica. **[2019]**

Piso, Guilherme, e **Marcgrav**, Georg. *História natvralis Brasiliae, auspicio et benefíci III.* J. Mavritii Com. Nassav. illivs provinciae et maris svmmi praefecti adornata. In qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. Lvgdvn. Batavorum apud Franciscum Hackium, et Amstelodami apud Lud. Elzevirium. 1648. In-folio, 112 e 293 p.

Esta edição serviu de base à versão portuguesa aparecida em São Paulo, no ano de 1942 (in 8º, grande,

XX, 293 p. de texto 4 p. com índice de plantas e animais, civ. p. de comentários).

Contém dados sobre Tupi e Tapuia do Nordeste, citando a respeito dos últimos os relatos de Rab e Herckmann. **[2020]**

Ploetz, Hermann, e **Métraux**, Alfred. *La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des indiens Zè du Brésil Méridional et Oriental.* (*Rev. Inst. Etn. Un. Nac. de Tucumán,* tomo I, entrega 2ª. p. 107-238, Tucumán, 1930).

Esta importante monografia baseada em numerosa literatura trata das tribos até há pouco chamadas gê, das partes meridionais do Brasil e da costa do sul da Bahia, estudando os nomes das tribos, sua tatuagem, pintura do corpo, depilação, corte de cabelo, adornos labiais e auriculares, enfeites de penas, adornos de pescoço, braço e perna, vestes, habitação, móveis, aquisição de sustento, preparo de alimentos, cerâmica, fiação, tecelagem, trançados, instrumentos de música, navegação, meios de transporte, narcóticos, capacidades intelectuais, sistemas numéricos, medicina, dança, médicos-feiticeiros, antropofagia e costumes fúnebres. **[2021]**

Pohl, Johann Emanuel. *Reise im Innern von Brasilien.* Wien, 1832, 1837. 2 v. v. 1: xxx, 448 p. 6 planchas; v. 2: xii, 641 p. 3 planchas.

Nos anos de 1817 a 1821, o autor fez grande viagem do Rio de Janeiro por Minas Gerais e Goiás. O primeiro tomo contém ligeiras notas sobre uma visita aos Kayapó aldeados em São José de Mossámedes (p. 399-406) e algumas palavras da língua desses índios (p. 447-448). No segundo tomo há dados sobre outras tribos de Goiás, a saber: sobre os Xavante (p. 29-32, 157-172 e 221-227) e seu idioma (p. 33-34), sobre os Canoeiros (p. 106-111), Crahão (p. 182 e 211-217) e Poracramecran (p. 185-210). Os índios de Minas a que se refere o mesmo volume são os Botocudos do vale do Jequitinhonha (p. 418-419, 424, 428, 434-436, 442, 444-456) e seus vizinhos Maxacali (p. 446-449) e Moaquanhi (p. 468-471).

Se bem que Pohl não mostrou tanto interesse pelos assuntos etnográficos como seus coevos Wied e Martius, suas observações conservam certo valor, principalmente pela sua contribuição ao estudo de tribos pouco conhecidas da grande família lingüística jê. **[2022]**

Pompeu, T. (Sobrinho). *Índios Merrime.* (*Rev. Inst. Hist. Geo. Ceará,* 45, Fortaleza 1931, p. 5-35)

Um vocabulário destes índios gê do Maranhão que, no dizer do autor, são "Canellas". **[2023]**

Pompeu, T. (Sobrinho). *Tapuias do Nordeste. (Rev. Inst. Hist. Geo. Ceará,* 53, Fortaleza, 1939, p. 221-234).

Estudo sobre a língua e a distribuição geográfica de tribos que, nos tempos coloniais, habitavam o Nordeste do Brasil e não falavam tupi. **[2024]**

Prado, Francisco Rodrigues do. *História dos índios Cavalheiros, ou da nação Guaycurú. (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* tomo I, p. 21-44; Rio de Janeiro, 1908).

Essa monografia escrita, em 1795, no Real presídio de Coimbra

pelo comandante deste forte português no rio Paraguai, é, sem favor, a obra mais importante sobre índios do Brasil redigida em língua portuguesa no século XVIII. Entre as contribuições à etnologia brasileira produzidas nesse século, só a do jesuíta Sánchez Labrador, escrita em espanhol e tratando também dos Guaikurú, merece ser comparada com ela, sendo mais rica em dados do que a memória do oficial português, mas, por outro lado, mais influenciada pelo dogmatismo católico. Na sua *História***,** Rodrigues do Prado não se limita a relatar acontecimentos históricos. Estuda a aparência física desses índios mato-grossenses e numerosos aspectos de sua cultura, descrevendo tanto adornos e armas, como a organização social e diversos fenômenos psíquicos. E chega a exprimir a seguinte observação sobre aqueles vizinhos do seu presídio: "Este povo selvagem ama-se afetuosamente, e vive entre si em uma doce harmonia, sustentada desta amizade terna que faz a formosura de vida." (p. 29). Tal conceito podia parecer influenciado pelas idealizações que Jean-Jacques Rousseau formou a respeito do suposto estado paradisíaco dos povos naturais. Convém, por isso, notar que o autor não deixa de mostrar outros aspectos da vida guaikurú que se lhe afiguram menos belos. **[2025]**

Prado, João Fernando de Almeida. *Pernambuco e as capitanias do Norte do Brasil (1530-1630).* São Paulo, 1939, 1941. 4. v. (Brasiliana, v. 175-175-A, 175-B, 175-C). Bibliografia.

Contém informações interessantes para o estudo das relações entre os índios e os europeus que, de 1530 a 1630, procuraram estabelecer-se no litoral norte do Brasil. Principalmente nas páginas 163-195 do segundo tomo, o autor trata da catequese jesuítica e franciscana, examinando as particularidades do processo pelo qual os missionários se aproximavam dos índios. (cf. H. Baldus in: *Rev. Arq. Municip.*, LXIII, p. 181-184, São Paulo, 1940; LXXVI, p. 242, São Paulo 1941, e LXXXIII, p, 89-90. São Paulo, 1942). **[2026]**

Prado, João Fernando de Almeida. *Primeiros povoadores do Brasil (1500-1530).* Segunda edição. São Paulo, 1939, 309 p. numerosas planchas. (Brasiliana. v. 37) Bibliografia.

As páginas 131-210 tratam dos índios quinhentistas do Brasil, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos e baseadas em documentos ainda não, ou quase não utilizados por outros historiógrafos. A segunda edição modifica e retifica a 1ª. **[2027]**

Preuss, Konrad Theodor. *Religion und Mythologie der Uitoto.* Textaufinahmen und Beobachtungen bei cinem Indianerstamm in kolumblien. (Quellen Der Religionsgesch., Gruppe, XI, 2 tomos, Göttingen und Leipzig, 1921-1923).

O presente estudo sobre a religião e mitologia dos Uitoto, baseado em textos originais com a tradução interlinear e em observações feitas pelo autor durante sua longa convivência com essa tribo, é uma das mais notáveis obras do eminente americanista. Representantes desses índios colombianos chegam até os limites do Brasil. **[2028]**

Rivet, Paul. *Affinités du Miránya.* (Jr. Soc. Americ., N.S., VIII, Paris 1911, p. 117-152)

Baseando-se no vocabulário publicado por Koch-Grünberg no seu trabalho sobre os Miránya e no que von Martius publicou nos seus *Beiträge etc.*, II, p. 279-281, o autor procura determinar as afinidades dessa língua do alto Amazonas mediante comparações lexicológicas, das quais resulta que das 300 palavras mirânya conhecidas até agora, 192 parecem-se com palavras de diversas línguas da mesma região. Isso prova que o miránya não pode ser considerado uma língua isolada. Mas é difícil determinar suas afinidades exatas, pois o vocabulário comparativo apresenta palavras correspondentes a um grande número de idiomas diferentes, aparecendo entre eles as línguas tupi (ou, como diz o autor, "guaranies") 89 vezes, as línguas uitóto 51 vezes, o záparo, 50 vezes, as línguas aruak ("rawaks", no dizer do autor) 44 vezes, as línguas karaib 34 vezes, as línguas peba 15 vezes, o tikuma 15 vezes, o markú 13 vezes, as línguas tukano 11 vezes, o piaroa 8 vezes, as línguas pano 7 vezes, o juri 6 vezes e o puinabe 2 vezes. **[2029]**

Rivet, Paul. *Affinités du tikuna.* (Jr. Soc. Americ., N.S., IX, Paris 1912, p. 83-110)

O tikuna (ou tukuna, como escreve Nimuendajú) é falado na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru. O autor mostra que de 256 palavras dessa língua extraídas de vários livros do século passado e reunidas num vocabulário comparativo, 147 parecem-se com palavras de diferentes outras línguas, aparecendo entre estas as línguas aruak (arawak, no dizer do autor) 85 vezes, as línguas tupi (guaranis, no dizer do autor) 42 vezes, o juri 32 vezes, as línguas karaib (caribes, no dizer do autor) 23 vezes, as línguas jê 17 vezes, as línguas pano 14 vezes, o mirânya 14 vezes, as línguas uitóto 12 vezes, as línguas tukano (betoya) 11 vezes, o záparo 10 vezes, o makú 7 vezes, as línguas pebas 5 vezes, o piaroa 5 vezes, o yaruro 3 vezes, o quichua 2 vezes, o guató, o boróro, o saliva e o karajá 1 vez. **[2030]**

Rivet, Paul. *Les indiens Canoeiros.* (*Jr. Soc. Amer. de Paris,* N.S., XVI, p. 169-182, Paris 1924)

Interessante estudo sobre esses índios e sua língua. Já Couto de Magalhães, na sua *Viagem ao Araguaya*, deu notícias e vocábulos desses Tupi que moravam nos sertões situados entre o Araguaia e o Alto Tocantins. **[2031]**

Rivet, Paul. *Langues américains.* Les langues du monde, par um groupe de linguistes, sous la direction de A. Meillet et Marcel Cohen. Collection linguistique publiée par la Société de linguistique de Paris, XVI, p. 597-712, Paris 1924, 4 mapas, bibliografia.

O autor divide as línguas americanas em 123 grupos, sendo 26 da América do Norte, 20 da América Central e 77 da América do Sul e das Antilhas. **[2032]**

Rivet, Paul**,** e **Tastevin,** C. *Les langues arawak du Purús et du Juruá.* (*Jr. Soc. Americ., N.S.*, t. XXX, Paris, 1938, p. 71-114, 235-288).

Essas línguas são conhecidas como grupo Arauá no qual Brinton reuniu os idiomas dos Arauá,

Pama, Pammari e Purupurú. Ehrenreich incorporou-as, novamente, à grande família arawak. Os autores acrescentam ao mencionado grupo, as línguas das seguintes tribos: Kurina, Pamana, Purú, Yamamadí ou Kapinamari, Yuberi, e, com restrições, Anamari, Amamati ou Jamamari, Kulina ou Karunawa, Kuria, Kuriaua, Sewaku e Sipó. Também os Pama são considerados duvidosos. O trabalho reúne material inédito recolhido pelo padre Tastevin e se baseia em numerosa literatura. **[2033]**

Rivet, Paul, e **Tastevin,** C. *Les langues du Purús, du Juruá et des régions limitrophes.* (Anthrop., XIV-XV, Wien, 1919-1920, p. 857-890; XVI-XVII, Wien, 1921-1922, p. 298-325, 819-828; XVIII-XIX, Wien, 1923-1924, p. 104-113)

Segundo os autores, as semelhanças gramaticais e morfológicas apresentadas neste trabalho demonstram o Kampa, pirokuniba a ipurina formarem um subgrupo arawak de uma homogeneidade que a diferenciação bastante manifesta dessas três línguas não pode dissimular. As concordâncias lexicográficas reunidas num vocabulário comparativo confirmam essa conclusão. O presente estudo de gramática comparativa revela, ainda no dizer dos autores, como se adaptam mal os conceitos gramaticais europeus às línguas americanas. A distinção entre adjetivos, substantivos e verbos aparece nelas completamente artificial. As três línguas aqui estudadas ignoram-na. Elas empregam radicais que são ao mesmo tempo verbos, substantivos, adjetivos, etc. e obtêm uma diferenciação sem rigor por meios gramaticais e processos de derivação muito reduzidos. O lugar da palavra na frase e também, de certo modo, o lugar dos afixos determinam o sentido exato: a sintaxe supre a indigência da morfologia. Um radical, seja ele empregado como substantivo, verbo ou adjetivo, é conjugado por meio das mesmas partículas possessivas ou pronominais, prefixas ou sufixas. A noção do gênero é indicada, em todos os casos, pelo mesmo sufixo. Em apêndice são publicados um vocabulário comparativo mashcoa-rawak e um vocabulário Kusiti-neri cujo parentesco com o piro-kuniba é considerado evidente. **[2034]**

Rivet, Paul, e **Tastevin,** C. *Les tribus indiennes des bassins du Purús du Juruá et des régions limitrophes.* (La Géographie, XXXV, p. 450-482, Societé de geographie, Paris 1921)

Importante contribuição para a etnografia das mencionadas regiões.

[2035]

Rodrigues, João Barbosa. *Poranduba amazonense; ou Kochiyma uára orandúb.* Rio de Janeiro, 1890 xv, 338 p. 1 quadro língüístico, notas musicais à p. 335. (An. Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, v. 14)

Importante contribuição à mitologia e folclore do Brasil é essa coleção de lendas, contos e cantigas em língua geral que o autor recolheu dos lábios de indígenas do vale amazônico, acrescentando-lhes a tradução interlinear em português e interessantes comentários. Como complementos da *Poranduba amazonense* publicou

Barbosa Rodrigues um "Vocabulário indígena com a ortografia correta" nos An. Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, v. 16, fasc, 2, 64 p. Rio de Janeiro 1894", e um "Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua", *Ibidem*, v. 15, fasc. 2, 83 p. Rio de Janeiro, 1892. Este último que reproduz, a título de introdução, nas p. 1-39, um interessante artigo publicado, primeiro, na *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* LI, Rio de Janeiro 1888, coteja o "nheengatú" e a "Língua Geral" com o "aunheengá", e "Karani", isto é, o tupi do Pará e Amazonas com o da costa e do Paraguai. **[2036]**

Rodrigues, João Barbosa. *Rio Jauaperi. Pacificação dos Chichanás*, Rio de Janeiro, 1885. 275 p. 1 mapa, notas musicais.

O autor descreve as relações hostis entre os "civilizados" e os índios do Yauaperí, afluente esquerdo do rio Negro, inimizades essas que só terminaram em 1884, quando ele conseguiu pacificar estes últimos. Além de interessantes observações etnográficas, o presente trabalho contém um vocabulário comparativo crichaná, ipurucotó e macuchy (p. 247-260). Digno de nota é o seguinte comentário de Koch-Grunberg na Zeitschrift fur ethn. XXXIX, p. 233-234, Berlin 1907: "Se bem que não quero aprovar, de modo algum, o duro parecer sobre as pesquisas de Barbosa Rodrigues dado por Payer ("Reisen im Yauaperygebiete"), considero impossível ter Barbosa Rodrigues recolhido seu grande vocabulário Krichaná somente entre os índios bravos do rio Yauaperi, indios esses que não falam, fora de seu idioma, nenhuma outra língua, nem sequer a língua geral e, muito menos ainda o português. O informante principal parece ter sido o intérprete do explorador brasileiro, um Makuchi meio civilizado do rio Branco, que também entabulou relações com os selvagens. É possível que este intérprete, ignorando a língua destes índios Yauaperi, usasse na conversa com eles o Krichaná que ambas as partes conheciam. Ou que os índios Yauaperi encontrados por Barbosa Rodrigues fossem de uma tribo inteiramente diferente da dos índios Yauaperi de Payer e Hubner e realmente Krixaná". Mais tarde, o mesmo Koch-Grunberg (Zeits. fur ethn. XLV, p. 451-452, Berlin 1913) classificou a "Pacificação dos Crixanás" de obra fantástica, reprovando inteiramente o vocabulário "ipurucotó" publicado pelo grande botânico. **[2037]**

Rondon, Cândido Mariano da Silva. *Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915, pelo Sr. coronel Cândido Mariano da Silva Rondon*, no Teatro Fênix do Rio de Janeiro sobre os trabalhos da Comissão telegráfica da Expedição Roosevelt. (*Diário do Congresso Nacional*, ano XXVI, Rio de Janeiro 1916. Publicação nº 42 da Comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas). A versão inglesa saiu como Publicação nº 43 da mesma série, Rio de Janeiro 1916, xxv 299 p. 23 planchas, 4 mapas.

Nessas três célebres conferências cuja leitura é indispensável para o estudo de Rondônia, há referência aos

Paressi, Nambiúuara, Kepikiri-uat, Arikeme, Umotina (Barbados), Parintintin, Kayabi, Bakairi, Apiaúna e outros índios dessa região mato-grossense. **[2038]**

Rondon, Cândido Mariano da Silva. *Etnografia,* Rio de Janeiro, s.d. 57 p. 20 planchas (Comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – Anexo nº 5 – História natural)

Essas importantes notas sobre os Paressi e Nambikuara com vocabulários de suas línguas são resultado das expedições da Comissão Rondon ao noroeste de Mato Grosso feitas nos anos de 1907 a 1911. **[2039]**

Rondon, Frederico. *Na Rondônia Ocidental.* São Paulo, 1938. Ilus. Brasiliana, v. 130.

O autor descreve sua viagem pela região situada entre a cidade de São Luís de Cáceres, no Alto Paraguai, e Vila Bela de Mato Grosso, no rio Guaporé. Apesar de dedicar-se, de preferência, a observações geográficas traz algumas notas interessantes sobre os índios dessa zona que são os Guató, os Boróro Ocidentais e os Chiquitos. cf. H. Baldus in: *Rev. Arq. Municip.* LIII, p. 197 e 198, São Paulo, 1939. **[2040]**

Roosevelt, Theodore. *Through the Brazilian wilderness.* London, 1914. Nova edição. New York, 1925. xi, 410 p. 3 mapas, 8 planchas, apêndices, índice alfabético.

Essa descrição da viagem pelo oeste de Mato Grosso até Amazonas feita pelo autor em companhia do então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon serve de complemento às conferências publicadas por este oficial brasileiro e contém interessantes referências aos índios da zona percorrida. **[2041]**

Roquete-Pinto, Edgard. *Os índios Nhambiquara do Brasil Central.* (*Inter. congr. americ.* Proc. XVIII. ses., London, 1912, Part. II Harrison and Sons, London, 1913, p. 382-387).

Ligeiras notas sobre essa tribo de Mato Grosso, descrevendo, principalmente, uma coleção de seus artefatos enviada ao Museu Nacional do Rio de Janeiro pela Comissão Rondon. Quatro figuras no texto representam alguns desses objetos a saber: um abano de folha de bacaba, cerâmica, um machado de pedra e diversos tipos de pontas de flecha. Na página 386 há dois vocabulários nambikuara com as palavras correspondentes em português e inglês e na página 387 o artigo é resumido em língua inglesa. **[2042]**

Roquete-Pinto, Edgard. *Rondônia.* Terceira edição. São Paulo, Editora Nacional, 1935. xxxix, 401 p. ilus., mapas, índice alfabético. (Brasiliana)

Apareceu antes, nos *Arquivos do Museu Nacional* XX, Rio de Janeiro, 1917. A terceira edição é enriquecida de notas de Alberto José de Sampaio, Álvaro Osório de Almeida, Melo Leitão, Olímpio da Fonseca Filho, Fábio Werneck, Heloísa Alberto Torres e Raimundo Lopes.

Em 1915, o autor propôs o nome Rondônia "para designar a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira cortada pela estrada Rondon. Os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológicos, an-

tropológicos e etnográficos que tal região tem fornecido originais e numerosos, justificam a criação dessa provincia antropogeográfica" (p. 17).

Na sua viagem a Rondônia, em 1912, Roquete-Pinto reuniu o copioso material sobre os Paressi e Nambikuara que faz do presente livro uma das mais notáveis fontes da etnologia brasileira, principalmente a respeito da cultura material destes índios da Serra do Norte. **[2043]**

Roth, Walter Edmund. *Additional studies of the arts, crafts, and customs of the Guiana Indians with special reference to those of Southern British Guiana.* (Smiths. inst. bur. of am. ethno., Bulletin 91, Washington, 1929. xvii, 110 p. 90 ilus, no texto, 34 planchas, bibliografia)

Pela abundância de suas excelentes ilustrações este apêndice da obra publicada pelo mesmo autor em 1924 constitui ótimo material para estudos ergológicos não somente de tribos da Guiana Inglesa, mas também de seus vizinhos na Guiana brasileira e dos índios do Brasil em geral. **[2044]**

Roth, Walter Edmund. *An inquiry the animism and folklore of the Guiana Indians.* (Thirtieth Bureau of am, ethn, ann. rep., 1908-1909, Washington, 1915, p. 103-386, planchas 4-7, ilus 1-6, bibliografia, glossário e, nas p. 427-453, índice alfabético.)

Obra indispensável para o estudo dos índios da região limitada pelo Orinoco, rio Negro, Baixo Amazonas e Atlântico e da mitologia americana em geral. Foi qualificada como excelente por autoridade tão competente como Koch-Grunberg (*Vom Roraima zum Orinoco*, II p. 264). Não distingue suficientemente, porém, o valor de cada um dos vários autores em que se baseia. É por isso que os dados colhidos diretamente da boca dos índios pelo etnólogo inglês representam os componentes mais importantes do presente trabalho. Depois de ventilar o problema da crença num Ser Supremo entre as tribos daquela região, Roth passa a estudar os heróis tribais, os ídolos, as noções da criação dos homens, plantas e animais, as idéias da imortalidade do corpo e dos espíritos associados com ele, os sonhos, os espíritos familiares, os espíritos da mata, da montanha, da água e do céu, os agouros e feitiços, as restrições e abstenções no tocante a jogo, comida, indústria e nome, a vida sexual, o médico-feiticeiro, o conceito de Kanaima, diferentes crenças índias a respeito de homens e animais, animismo e contos recém-importados, misturas de crenças indígenas e forasteiras e, por fim, folclore independente do animismo. As numerosas lendas citadas ao tratar desses temas provêm, principalmente, de Arawak, Karaib e Warrau. **[2045]**

Roth, Walter Edmund. *An introductory study the arts, crafts. and customs of the Guiana Indians.* (Thirty-eighth Bureau of am. ethn. ann. rep., 1916-1917, Washington, 1924, p. 25-745. 183 planchas, 341 ilus no texto, mapa e bibliografia.)

Uma das obras mais importantes da etnologia sul-americana. Trata dos índios da região limitada pelo Orinoco, rio Negro, Baixo Amazonas e Atlântico, principalmente das

tribos da Guiana Inglesa. O autor, baseando-se em observações próprias e nas obras publicadas por outros viajantes, estuda a produção do fogo, os instrumentos de pedra, madeira e outros materiais, o uso de borracha, cera, óleos e matérias corantes, o fabrico de cordas e fitas, os trabalhos em penas, contas, metal, couro e entrecasca, a olaria, o fabrico de trançados e armas, os víveres, bebidas e narcóticos, as casas, móveis e utensílios, os adornos e vestes, os instrumentos de música, jogos e brinquedos, os animais domésticos, os crimes e castigos, o chefe e o exercício da autoridade, as guerras, as viagens, saudações e o comércio, a morte e o luto, o matrimônio, o nascimento, a infância, as doenças e a higiene, os conceitos de tempo, do número e das distâncias. Minucioso índice alfabético de nomes e matérias e um glossário facilitam a utilização dessa magnífica obra. **[2046]**

Rudolph, Bruno. *Worterbuch der Botokudensprache*, Hamburg, 1909.

Importante contribuição ao estudo do Botocudo, consistindo em vocabulário alfabético e longa lista de frases. **[2047]**

Ruiz de Montoya, Antonio. *Arte de la lengva gvarani publicado nuevamente sin alteracions alguma por Jullio Platzmann.* Leipzig, 1876. Bocabvilario de la lengva gvarani. (idem) Tesouro de la lengva gvarani. (idem) (Primeira edição: Madrid, 1640).

Uma outra edição "mas correcta y esmerada que la primera, y con las voses indias en tipo diferente", apareceu em Viena e Paris no ano de 1876, organizada por Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, sob os títulos "Arte de la lengua Guarani, o mas bien Tupi" (IV e 100 p.) e "Vocabulario y Tesouro de la lengua Guarani, o mas bien Tupi, en dos partes: I Vocabulario Español-Guarani, (ó Tupi), II. Tesouro Guarani (ó Tupi)-Español (XII, 255 e 407 p.) Segundo o guaranílogo paraguaio Juan Francisco Recalde (*Vocabullos designativos de relações e contactos sociais, nas linguas tupi ou guarani*, p. 60), encontram-se nessa obra clássica "expressões correspondentes à influência da vizinhança dos índios da costa marítima sobre os índios de guairá", tendo Montoya aprendido um "guarani de fronteira que não se identifica ao de Assunção ou Vila Rica". A importância de Montoya fica bem patente pelas seguintes frases escritas por um outro perito na matéria, isto é, por Curt Nimuendaju em carta dirigida a Herbert Baldus: "Provavelmente há cerca de um metro cúbico de literatura (lingüística) sobre o tupi-guarani. Posso passar mais ou menos sem tudo isso, excetuando o velho Montoya (Arte Vocabulário – Tesoro 1640. Nova edição Viena-Paris, 1876). Verdade é que ele tem os seus erros e por isso não serve para principiantes." **[2048]**

Rydén, Stig. *Brazilian anchor axes, (Etnologiska studier / Etnological studies*, IV, p. 50-83, Goteborg, 1937. 13 figuras no texto, sendo uma um mapa. Bibliografia)

O autor chega à conclusão de que os machados de âncora foram usados como arma e como objeto cerimonial, empregando-se para o trabalho outros machados mais simples. Um mapa de distribuição mostra ser

aquele machado semilunar particular à cultura das tribos gê. (Cf. o comentário de Herbert Baldus na *Rev. Arq. Munic.*, XLV, p. 125-127, São Paulo, 1938.) **[2049]**

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine.* Paris, 1857.

Há recentes traduções portuguesas de Carlos da Costa Pereira e Rubens Borba de Morais. Contém material sobre os kaingangas. **[2050]**

Sánchez Labrador, José. *El Paraguay católico.* Buenos Aires, 1910, 1917. 3 v. v.1: xx, 323 p., mapa, planchas; v. 2: 332 p., 2 mapas, planchas; v. 3: xxxv, 373 p.

O autor fundou, em 1760, a missão Belém no rio Ypané, a uma distância de quatro léguas da desembocadura desse rio no Paraguai, vivendo entre os guaikurús até a expulsão dos jesuítas das possessões espanholas, no ano de 1767. A presente obra, escrita em 1770, é muito importante para o estudo daqueles índios, também chamados de mbayás e kadiuéos ou kaduveos, e para o da tribo aruak, os guanás, isto é, para conhecer a história de tribos do norte do Paraguai e do sul de Mato Grosso, cujos descendentes ainda existem. Os primeiros dois tomos contêm dados a respeito da cultura material, da organização política e da vida social. O terceiro tomo é uma gramática mbayá acompanhada de um catecismo cristão no mesmo idioma, cujos textos servem para compreender melhor o mecanismo dessa língua. Lafone Quevedo prefaciou o primeiro e o terceiro tomo, dando neles informes biográficos e bibliográficos sobre o autor, e no último tomo, algumas observações lingüísticas e notícia de que o vocabulário mbayá coligido pelo mesmo missionário jesuíta aparecerá como quarto tomo da presente publicação. O segundo tomo possui, ainda, um apêndice que reúne dados sobre as tribos em questão extraídos de livros antigos e modernos. **[2051]**

Schmidt, Max. *Die Anfänge der Bodenkultur in Südamerika.* (*Zeits. für Ethn.*, LIV, p. 113-122, Berlin, 1922.)

Em grandes partes da América havia os seguintes dois processos de cultivar a terra: 1) aplicar meios artificiais com o fim de fazer próprio para a plantação um terreno estéril; 2) afastar de um solo fértil a vegetação silvestre que consistia, geralmente, em mata virgem. O autor estuda o primeiro processo nos aterrados dos guatós na região das cabeceiras do Xingu, chegando a concluir que os começos do cultivo da terra pelos índios devem ser procurados na "cultura de *mounds*, pois o processo de roçar exige já um grau considerável de altura cultural (p. 117). **[2052]**

Schmidt, Max. *Die Aruaken: ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung.* Leipzig, 1917. 109 p. 1 mapa. (*Studien zur Ethnologie und Soziologie*, v. 1.)

O termo aruak ou arawak compreende um grupo de tribos lingüisticamente parentes que se estendeu das Índias Ocidentais até cerca do trópico de Capricórnio. O autor acentua ser essa agrupação apenas provisória, pois nem sempre o parentesco lingüístico coincide com outras conexões culturais. O primei-

ro capítulo da presente monografia dá uma sinopse geral das "culturas aruak". Os três capítulos seguintes tratam dos motivos da expansão dessas culturas, dos meios com que a expansão de realizou, de seu caráter e de suas conseqüências. O quinto capítulo considera a posição dos aruaks em relação às outras culturas americanas. O sexto mostra a influência do modo de expansão das culturas aruak sobre a mudança dos diferentes bens culturais. O capítulo final resume todas essas investigações e indica seu alcance no tocante a futuras pesquisas. Essa obra de Max Schmidt fez época na etnologia sul-americana e, considerando a enorme importância dos aruaks para o Brasil, é leitura indispensável para todos os que estudam os índios deste país.
[2053]

Schmidt, Max. *Ergebnisse meiner zweijähirigen Forschungsreise in Matto Grosso, Septtember 1926 bis August 1928.* (*Zeits. für Ethn.*, LX, p. 85-124, Berlin, 1929. 12 figuras, 1 mapa.)

Em fevereiro de 1927, o autor visitou os bakairís do posto Simão Lopes. Em março e abril do mesmo ano encontrou-se com alguns kayabís no posto Pedro Dantas situado no rio Paranatinga. De janeiro a março de 1928 esteve em Utiariti entre os paressís do rio Papagaio, encontrando lá, também, três iranches e três tamaindés. Em abril e maio do mesmo ano estudou os umotinas do Alto Paraguai, também chamados de "barbados" pelos brasileiros por causa desta tribo. Em junho visitou alguns custós. O presente trabalho é um relatório de viagem e contém notícias sobre recentes transmigrações dos bakairís e waurás (p. 86-88); uma impressionante descrição das relações entre os heróicos funcionários da Comissão de Proteção aos Índios do posto Pedro Dantas e os agressivos kayabís (p. 89-93); uma lista de vocábulos kayabís para provar pertencer esta língua à família tupi (p. 95); alguns dados sobre a cultura material kayabí (p. 95-96); um pequeno vocabulário tamaindé (p. 102); textos de um canto e um conto em paressí (p. 103-105); a observação de serem os índios os quais o autor designou, em trabalhos anteriores, como "paressís-kabichís", uma subtribo paressí chamada de "gozárini" ou, depreciativamente, de "kabichí" (p. 103) que, segundo as lendas sobre a origem dos paressís, saiu com as outras subtribos da abertura redonda de um rochedo visível no meio de certa cachoeira (p. 99); a descrição da chamada "saudação agressiva", cerimônia de acolher o hóspede praticada, na América do Sul, pelos tupinambás, pelos jívaros e por índios da Patagônia, e com a qual o autor foi recebido pelos umotinas independentes (p. 107-108); outros dados sobre estes índios (p. 106-118) e vocábulos de sua língua (p. 113-114) que mostram algum parentesco com os bororos; por fim, algumas palavras sobre índios guatós (p. 121-122). **[2054]**

Schmidt, Max. *Das Feuerbohren nach indianischer Weise.* (*Zeits. für Ethn.*, XXXV, p. 75-80, Berlin, 1903. 5 figuras.)

Oa autor descreve suas experiências na produção de fogo com dois paus mediante o processo giratório usado pelos índios sul-americanos, e apresenta os diferentes tipos de varetas empregadas para isso por tribos do Brasil. **[2055]**

Schmidt, Max. *Grundriss der ethnplogischen Volkswirt-schaftslehre: I -- Die soziale Organization der menschlichen Wirtschaft; II -- Der soziale Wirtschaftsprozess der Menschheit.* Stuttgart, 1920-1921. I: viii, 222 p.; II: viii, 226 p.

Esse estudo etno sociológico sobre a economia dos chamados povos naturais e semi-culturais (*Natur und Halbkulturvölker*) é baseado, de preferência, em dados sobre índios que, em grande parte, são tribos do Brasil. **[2056]**

Schmidt, Max. *Guaná.* (*Zeits. für Ethn.*, XXXV, p. 324-336 e 560-604, Berlin, 1903. Bibliografia.)

Depois de reunir notícias históricas extraídas da literatura sobre os guanás e as outras tribos aruak de sua vizinhança, o autor apresenta um vocabulário coligido por ele, em 1901, entre alguns guanás domiciliados perto de Cuiabá, e compara essas palavras com os termos correspondentes de línguas aruak do sul de Mato Grosso, do Chaco e da Bolívia. Acrescenta várias notas gramaticais (p. 590-595), frases em guaná (p. 595-598) e um índice alfabético alemão do vocabulário (p. 598-604). Um comentário minucioso ao presente trabalho foi feito por Herbert Baldus nos seus *Tereno-Texte.* **[2057]**

Schmidt, Max. *Das Haus im Xingú-Quellgebiet. Festschrift Eduard Seler, Herausgegeben von Walter Lehmann.* Stuttgart, 1922. p. 441-470, 3 desenhos de Wilhelm von den Steinen.

Em oposição ao trabalho do padre Wilhelm Schmidt (*Kulturkreise und Kultur-schichten in Südamerika,* p. 1014 e segs.) sobre a casa dos índios sul-americanos, o qual se limita a comparar as formas sem considerar a função, Max Schmidt estuda a casa índia segundo seus diferentes objetivos e isto num território restrito, a saber, na região das cabeceiras do Xingu, apoiando-se tanto em suas próprias observações feitas *in loco,* como também nas pesquisas das expedições de von den Steinen e Hermann Meyer. Para esse fim define o conceito "casa" como "um edifício fechado para cima por um teto". Estuda, também, as palavras índias que correspondem a este conceito. Além dos diferentes problemas relacionados com a casa, Max Schmidt ventila os problemas da aldeia a respeito da situação e do número de casas. O caráter sistemático do trabalho tem valor didático especial. **[2058]**

Schmidt, Max. *Indianerstudien in Zentralbrasilien: Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901.* Berlin, 1905. xiv, 456 p. 281 figuras no texto, 12 planchas, 1 mapa, índice alfabético.

Em 1900, o autor visitou os bakairís do rio Novo e, em 1901, os índios do rio Culiseu e os guatós do vale do Alto Paraguai. A primeira parte do livro (p. 1-167) contém a descrição dessas viagens. A segunda parte trata da história dos guatós (p. 171-174), de sua cultura material (p.

175-243), de sua língua (p. 244-293), de sua aparência física (p. 294-298) e de alguns outros traços de sua cultura (p. 299-317), ocupando-se as páginas restantes com invasão cultural européia na região das cabeceiras do Xingu (p. 318-329), com os trançados e ornamentos fabricados pelos índios desta zona (p. 330-403), com os enfeites usados nas suas danças (p. 404-418), com textos de cantos auetö e bakairí (p. 418-424), com questões econômicas e sociológicas dos índios do Culiseu (p. 425-439), com um vocabulário de 161 palavras auetö (p. 441-446) e uma lista de 47 termos kamayurá (p. 446-447). O valor principal da presente obra consiste nos estudos fundamentais sobre a técnica dos trançados dos guatós e dos índios das cabeceiras do Xingu, estudos esses que levaram o autor a reconhecer a folha de palmeira como ponto de partida nas diversas coordenações de malhas da maioria desses trançados. **[2059]**

Schmidt, Max. *Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910.* (*Zeits. für Ethn.*, XLIV, p. 130-174, Berlin, 1912. 17 figuras, 3 mapas.)

Depois de tratar resumidamente de suas pesquisas sobre os aterrados e os índios guatós do rio Caracará, mencionando, também, as gravuras rupestres no morro homônimo, o autor dá alguns informes sobre a história e a cultura dos paressís-kabixís das cabeceiras dos rios Cabaçal, Jauru, Juruena e Guaporé. Confessa, porém, terem querido estes índios impedi-lo de observar "suas interessantes condições sociais e políticas" e de estudar a língua divergente do idioma paressí a qual a maior parte deles usava entre si (p. 152). Entre os dados mais notáveis sobre os paressís-kabixís figuram os concernentes a um pequeno instrumento composto de dois discos de cabaça unidos mediante resina, instrumento esse que, munido de buracos e soprado pelo nariz, serve como uma espécie de flauta (p. 173). Além disso, o autor trata de um jogo que consiste em arremessar-se uma bola a golpe de cabeça (p. 174). **[2060]**

Schmidt, Max. *Ueber das Recht der tropischen Naturvölker Südamerikas. (Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft*, XIII, p. 280-320, Stuttgart, 1899.)

A versão portuguesa saiu no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 e 29 de novembro de 1900, sendo reimpressa no *Boletim do Museu Nacional*, VI, p. 223-251, Rio de Janeiro, 1930.

Esse pequeno ensaio que se refere, na maior parte, às tribos do Brasil, mostra quão pouco era conhecido, no fim do século passado, o direito reinante entre esses índios. Aliás, os nossos conhecimentos nesse tocante não aumentaram muito, desde então até hoje, se bem que o autor, em 1907, acrescentou a esse estudo um artigo sobre *Rechtliche, sozial und wirtschaftliche Verhältnisse bei südamerikanischen Naturvölkern. Nach eigen Erfahrungen in den Jahren 1900-1901.* (*Blätter der vergleichenden Rechtswissenschaft und Volkswirtschaftslehre II,* nº 11, p. 462-475). **[2061]**

Schmidt, Max. *Verhältnis zwischen Form und Gebrauchszweck bei südamerikanischen Sachgütern, besonders den keulenförmigen Holzgeräten.* (*Zeits. für Ethn.*, L,

p. 12-39, Berlin, 1918. 17 figuras no texto.)

Este estudo sobre a relação entre a forma e a finalidade de armas e instrumentos em forma de maça usados pelos índios sul-americanos contém muitas referências ao Brasil e apresenta severa crítica do método empregado pelo padre Wilhelm Schmidt em sua obra *Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika*. **[2062]**

Schmidt, Wilhelm. *Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika*. (*Zeits. für Ethn.*, XLV, p. 1014-1130, Berlin, 1913. 1 figura, 6 mapas no texto, 1 mapa anexo. Bibliografia.)

A edição brasileira tem o título *Etnologia sul-americana*, tradução de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, 1942. Brasiliana v. 218.

Esta grandiosa tentativa de aplicar o método dos ciclos culturais ao material etnográfico sul-americano encontrou numerosas refutações por parte dos principais americanistas. Já na discussão que seguiu a apresentação oral do presente trabalho na sua qualidade de conferência, Fritz Krause (p. 1124-1127) e Paul Ehrenreich (p. 1127-1128) faziam graves objeções a respeito e frisavam a necessidade de procurar a resolução dos problemas histórico-culturais americanos, antes de tudo, pelo estudo das relações culturais dentro da própria América e não como Wilhelm Schmidt, pela aplicação de conceitos formados com referência a culturas de outros continentes. Depois, Erland Nordenskiöld mostrou em várias obras a influência dos meios naturais sobre a cultura de certas tribos sul-americanas, influência essa que no trabalho do padre Wilhelm Schmidt não foi devidamente considerada. Por outro lado, as monografias de Max Schmidt sobre a relação entre a forma e a finalidade de armas e instrumentos sul-americanos (*Zeits. für Ethn.*, L) e de casas no Xingu (*Festschrift* Eduard Seler) põem em evidência os defeitos do trabalho do padre Wilhelm Schmidt por comparar as formas sem ponderar a função. Grande parte das listas sobre a difusão de certos "elementos culturais" nas quais consiste, ao nosso ver, o valor principal da obra de Wilhelm Schmidt, foi completada e melhorada nos *Comparative ethnographical studies* de Nordenskiöld. **[2063]**

Schmidt, Wilhelm. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg, C. Winter, 1926. XXVI, 595 p. e Atlas composto de 14 mapas.

Uma das qualidades que distingue esta importante obra de outros trabalhos do mesmo gênero consiste em ela não somente dar uma classificação das línguas do mundo conforme o estado dos nossos conhecimentos da data de sua publicação, mas também relatar a história da investigação científica e agrupação dos diferentes idiomas. Expondo ela, ao mesmo tempo, a principal bibliografia de cada família lingüística, representa um manual indispensável tanto para o filólogo em geral como para o estudante da etnologia brasileira. É preciso notar, porém, que a lingüística sul-americana, desde 1926, fez consideráveis progressos. Além disso convém saber que o presen-

te livro contém numerosos erros na grafia de nomes de autores e tribos. **[2064]**

Schuller, Rudolf. *Kein Totemismus bei den brasilianischen Crên-Crân -- (Tapúya-Gêz --) Stâmmen?* In: *Das Problem des Totemismus. (Anthrop,* XVIII-XIX, Wien, 1923-1924, p. 516-521)

Baseando-se nos escassos dados sobre a ordem matrimonial e as abstenções alimentares publicados por Geraldo H. de Paula Sousa, e aproveitando indicações que um oficial do Serviço de Proteção aos Índios lhe forneceu por carta, o autor atribui aos Kaingang um "manifesto totemismo grupal" (*ausgesprochenen Gruppentotemismus)*. Não queremos negar a possibilidade de existirem semelhantes conceitos entre os chamados índios. A suposição feita no presente artigo é, porém, insuficientemente documentada. Convém reproduzir, em todo caso, a informação dada por aquele oficial do Serviço de Proteção aos Índios, do qual o autor, sem mencionar o seu nome, afirma ter dirigido, durante mais de dez anos, os Kaingang provenientes do Estado do Paraná e aldeados no rio do Peixe e em outros reservatórios do Estado de São Paulo. Eis a comunicação, p. 520: "A tribo divide-se nos seguintes grupos: 1. Cañeru. 2. Cañerú-crên. 3. Pevin. 4. Votôro. 5. Venrei. 6. Ñakempin. 7. Focron. 8. Fogpreg. 9. Cuvára. 10. Vencrê (n). Só podem casar: Cañerú com Venrei: Cañerú-crên com Votôro e Cuvára; Pevin com Ñakempin e Cuvára; Focron com Fogpreg e Vencrê (n); Fogpreg com Focron e Cuvára". **[2065]**

Schuller, Rudolf. *Zur sprachilchen Verwandtschaft der Maya-Qu'itsé mit den caribe-Aruác.* (*Anthrop,* XIV-XV, Wien, 1919-1920, p. 465-491. Bibliografia)

Depois de indicar analogias onomásticas da mitologia dos Karaib, Aruak e Quiché, o autor procura demonstrar por meio de comparações lexicográficas a antiga unidade lingüística desses índios sul e centro-americanos. **[2066]**

Serrano, Antônio. *Los Kaigangs de Rio Grande do Sul a mediados del siglo XIX*. (*Rev. Inst. An. Trop. Un. Nac. de Tucumán,* v. 2, nº 2, Tucumán 1939, p. 13-35)

É um resumo das múltiplas observações etnográficas feitas pelo tenente-coronel Afonso Mabilde nas aldeias dos índios Kaingang, nos anos de 1835 a 1866 e espalhadas num manuscrito inédito de trezentas e cinco páginas da autoria desse oficial brasileiro. Contém valiosas informações. Cfr. H. Baldus in: *Rev. Arq. Municip.,* LXXVI, São Paulo, 1941, p. 275-276). **[2067]**

Silva, Antônio Carlos Simões da. *A Tribo dos índios Crenaks* (Botocudos do Rio Doce). (*An. XX Congr. Inter. Americ.* (Rio de Janeiro, 1922), v. I. Rio de Janeiro, 1924, p. 61-84)

Observações colhidas *in loco*, no ano de 1918, algumas delas muito interessantes para o estudo da mudança de cultura, se as compararmos com os numerosos dados sobre essa tribo fornecidos, em diferentes épocas, por outros autores. (Cf. H. Baldus: "Maximiliano Príncipe de Wied-Neuwied", *Rev. Arq. Municip.,* LXXIV, São Paulo, 1941, p. 290). As páginas 78-84 do artigo de Simões

da Silva contêm uma lista de 165 vocábulos botocudos com versão para o português, espanhol, italiano, alemão, inglês e francês. Um mapa anexo mostra a região habitada pela tribo em questão. Onze fotografias são reproduzidas no texto.

[2068]

Smith, Herbert Huntington. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá.* São Paulo, 1922. 372 p.

As páginas 305 a 312 contêm um estudo intitulado "O fabrico de louça entre os Cadiueus" que foi primeiramente publicado, em 1886, na *Gazeta de Notícias*. É uma descrição detalhada do processo de olaria dessa tribo guaikuru do sul de Mato Grosso. **[2069]**

Snethlage, Emil Heinrich. *Atiko y. Meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé.* Berlin, 1937. 192 p. ilus. no texto, 1 mapa, planchas.

Livro de divulgação sobre a viagem feita pelo autor ao Guaporé nos anos de 1933 a 1934, contendo referências a treze tribos da região desse rio e com isso indícios de grandes possibilidades para futuras pesquisas indianistas. **[2070]**

Snethlage, Emil Heinrich. *Uebersicht uber die Indianerstämme des Guaporégebietes.* (*Tag. der gel. fur völker*, 2, Tagung 1936 in Leipzig, p. 172-180)

Em 1933, o autor foi enviado, pelo Museu Etnográfico de Berlim, ao vale do Guaporé, para recolher material das suas numerosas tribos. O presente trabalho é o relatório desta viagem, sendo acompanhado por um mapa lingüístico da zona percorrida. **[2071]**

Snethlage, Emil Heinrich. *Unter nordosbrasilianischen Indianern.* (*Zeits. fur ethn.*, LXII, p. 111-205, Berlin, 1931. 23 figuras, 1 mapa. Bibliografia)

Estes numerosos dados sobre a tribo tupi dos Guajajara e as tribos gê dos Piokobyé, Remkokamekra, Krão e Apinayé visitadas pelo autor nos anos de 1923 a 1926 são, em grande parte, superficiais, pois o objetivo principal das viagens de E. H. Snethlage naquele tempo era zoológico e não etnológico. Apesar disso há, no presente trabalho, referências a quase todos os aspectos mais importantes das culturas em questão, referências essas que, às vezes, são baseadas em outros autores. As p. 134-139 e 187-200 contêm vocabulários das mencionadas tribos. A bibliografia (p. 201-205) é extensa.

[2072]

Sousa, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587: comentários de Francisco Adolfo de Varnhagem.* 3ª edição. São Paulo, 1938. LIII, 439 p. (Brasiliana, v. 117)

As abundantes citações de Gabriel Soares nas célebres monografias de Métraux sobre a civilização material e a religião dos Tupinambá já provariam suficientemente o grande valor etnológico da obra considerada pelo seu comentador Varnhagen "talvez a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista". Mas Gabriel Soares, senhor-de-engenho das vizinhanças do Jequiricá, que, em 1587, ano indicado pelo título de seu livro, declarou ter residido no Brasil "por espaço de 17 anos", não observou e

descreveu somente os Tupi da Bahia. A primeira parte de seu tratado é um "Roteiro geral da costa brasílica" com referências às diferentes tribos do litoral desde os "Tapuias" do Amazonas até os "Tapuias" do rio da Prata. A primeira edição completa da obra do eminente português com mentalidade de pesquisador foi feita, em 1825, pela Academia de Lisboa. A segunda edição apareceu, em 1851, no tomo XIV da *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* A terceira edição é a reprodução da segunda. **[2073]**

Sousa, Antônio Pireneus de. *Notas sobre os costumes dos índios Nhambiquaras.* (*Rev. Mus. Paulista*, XII, 2ª parte, 391-410, São Paulo, 1920)

O autor registrou as presentes notas durante a sua permanência em Campos Novos, na Serrra do Norte, onde esteve, de setembro de 1911 a fevereiro de 1912. Conheceu, lá, os seguintes grupos nambikuara: Anonzê, Cocozú, Uainedezê, Xaody e Tayôpa. Seu trabalho contém, além de interessantes observações sobre a cultura desses índios mato-grossenses, vocabulários anonzê (p. 406-408) e cocozú (p. 409-410). **[2074]**

Sousa, Pero Lopes de. *Diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530, sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão Pero Lopes de Sousa;* publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa, 1839. 130 p.

Há várias edições posteriores, sendo importante a comentada por Eugênio de Castro e prefaciada por Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, Editor Paulo Prado, 1927, Série Eduardo Prado (2 v. v. 1: 14 p. s.n., VI, 534 p. v. 2: 51 p.)

O diário começa a 3 de dezembro de 1530 e vai até 5 de fevereiro de 1532. Contém interessantes referências aos índios da Bahia de Todos os Santos, reproduzidas, também, na grafia do códice da Biblioteca da Ajuda, na *História da colonização portuguesa do Brasil,* III, Porto, 1924, p. 143. **[2075]**

Speiser, Félix. *Im Düster desbrasilianischen Urwalds.* Stuttgart, 1926. 321 p. 84 figuras no texto e em planchas, 1 mapa.

Narrativa de uma visita aos Aparaí do rio Paru, afluente setentrional do Amazonas. Numerosas observações etnográficas são intercaladas. A evidente incapacidade do autor em granjear as simpatias dos índios leva-o a um ressentimento que envenena o livro, tornando sua leitura bastante desagradável.

Um pequeno estudo de Arnold Deuber sobre a música dessa tribo karaíb é anexo. **[2076]**

Staden, Hans. *Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser-Leuthen in der Newenwelt America gelegen.* Faksimile-Wiedergabe nach der Erstausgabe "Marpurg uff Fastnacht 1557" mit einer Begleitschrift (zweite vermehrte Auflage) von Ricahrd N. Wegner. Frankfurt a. M., 1927. 234 p. ilus., mapas, vocabulário.

O arcabuzeiro e artilheiro alemão Hans Staden fez sua primeira viagem ao Brasil nos anos de 1547 a 1548, e a segunda de 1549 a 1555. Durante a última passou nove meses como cativo entre os tupinambá. A este fato devemos a primeira publicação so-

bre índios do Brasil que, ainda hoje, constitui uma das mais valiosas fontes da etnologia em geral e da tupinologia especialmente. Mais importante ainda do que os elogios desse livro feitos por historiadores como Robert Southey e por etnólogos como Friedrich Ratzel parece-me a opinião de Jean de Léry, famoso viajante francês que conheceu os Tupinambá poucos anos depois de Staden e se exprime, numa carta citada por Ternaux Compans e outros autores, da seguinte maneira sobre a obra do soldado alemão: "... é digna de ser lida por todos os que desejem saber com são na verdade os costumes dos brasileiros".

O livro de Staden tem valor especial para a ergologia. O autor não se contenta somente com descrições, mas representa os artefatos também em xilogravuras. Refere-se, porém, igualmente a problemas sociológicos. É natural que o mais impressionante para o prisioneiro dos Tupinambá ameaçado de ser devorado por eles foi o modo desses índios matarem e comerem seus inimigos, e por isso Staden dedica o maior capítulo de seu livro a numerosas gravuras a este assunto.

Em resumo: o antigo arcabuzeiro trata, se bem que ligeiramente, de tantos diferentes aspectos da cultura tupinambá que seu livro já assume o caráter de uma monografia tribal. É digno de nota, além disso, que Staden não se limita a falar somente dos Tupinambá, mas que menciona, fora deles, várias outras tribos.

Havendo da edição da obra de Staden, aparecida em Marburgo, no carnaval de 1557, uma reprodução fac-similar facilmente acessível, é esta de todas as edições a mais própria para pesquisas científicas. O número das edições é superior a cinqüenta. A obra foi traduzida para o flamengo, latim, francês, holandês, inglês e português. A edição inglesa de Richard F. Burton é intitulada: *The captivity of. H. Staden of Hesse, in A.D. 1547 to 1555, among the will tribes of Eastern Brazil;* translated by Albert Tootal, annotated by R.F.B., London, 1874; Hakluyt society, v. 51. Mais recente é: Hans Staden: *The true history of his captivity,* 1557; translated and edited by Malcolm Letts, with an introduction and notes; London, 1928; XX e 191 p. e New York, 1929. Das várias edições brasileiras são as melhores a traduzida por Alberto Loefgren, revista e anotada por Teodoro Sampaio e publicada pela Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1930; e a traduzida por Guiomar de Carvalho Franco, com uma introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco, São Paulo, 1942, 216 p. com as 52 gravuras da primeira edição de Marburgo, mapas das notas seguidas por Staden e índice analítico; a tradução de Loefgren é baseada na segunda edição do original, tendo servido, a *princeps,* para a versão de Carvalho Franco. **[2077]**

Stahl, Günther. *Die Geophagie.* Mit besonderer Berück-sichtigung von Südamerika. (*Zeits. fur ethn.*, LXIII, p. 346-374, Berlin, 1932)

Nesta monografia há várias referências ao Brasil. As p. 362-365 tratam da difusão da geografia entre os

índios desse país. A bibliografia abrange as p. 369-374 **[2078]**

Stahl, Günther. *Der Tabak im Leben südamerikanischer Völker.* (*Zeits. für ethn*, LVII, p. 81-152, Berlin, 1926. 27 figuras, 4 mapas, apêndice. Bibliografia)

Neste importante trabalho, que contém copiosas referências ao Brasil, o autor estuda a difusão do uso do tabaco entre os índios sul-americanos, seu cultivo e sua conservação, as maneiras e o objetivo de seu emprego e sua significação mítica. Uma tabela (p. 134-138) mostra a existência do cultivo do tabaco e as diversas maneiras de seu uso nas tribos mencionadas no texto, e um vocabulário (p. 139-146) apresenta os termos para "tabaco", "charuto", "cachimbo" e "fumar" na língua de muitas dessas tribos. A bibliografia (p. 147-152) é extensa. **[2079]**

Steere, Joseph Beal. *Narrative of a visit to Indian tribes of the Purus river, Brazil.* (*Smiths. Inst.*, *Annual Rep.*, 1901, p. 359-393, Washington, 1903. 9 planchas, 15 ilus. no texto)

Depois de descrever sua viagem nas p. 363-374, o autor dá notícias dos Ipuriná, Yamamadí e Paumarí, informando, principalmente sobre a construção da casa e as maneiras de adquirir o sustento dessas tribos e apresentando pequenos vocabulários, textos e notas de cantos. **[2080]**

Steinen, Karl von den. *Die Bakaïrí-Sprache. Mit Beiträge zueiner Lautlehre der karaibischen Grundsprache.* Leipzig, 1892. 404 p.

A presente monografia contém um vocabulário (p. 1-160), textos (p. 161-244) e uma gramática (p. 249-403) dessa língua karaib. **[2081]**

Steinen, Karl von den. *Durch Central-Brasilien.* Leipzig, F. A. Brockaus, 1886. XII, 372 p. ilus. 3 mapas, tabelas, índice alfabético.

Em 1884, o autor desceu o Xingu, desde as cabeceiras, até a foz, descobrindo nesta viagem uma série de tribos de diferentes línguas, ainda sem qualquer influência da nossa civilização. O presente livro contém o diário da célebre expedição e a elaboração do material científico nela recolhido. Deste material ressalta pertencer a tribo dos Bakaïrí à família lingüística karaib, cujos representantes principais eram conhecidos, até então, só ao norte do Amazonas, tendo-se estendido, pouco antes da chegada de Colombo, sobre as Guianas e Venezuela, até as Antilhas. Pelo vocabulário recolhido entre os Bakaïrí, Karl von den Steinen chegou à conclusão do erro da hipótese rigorosamente sustentada por d'Orbigny e considerada muito provável por von Martius, segundo a qual os Karaib procederam dos Tupí-Guaraní. Isso o induziu a importantes modificações na classificação lingüística de muitas tribos sul-americanas proposta por von Martius, modificações essas que, por sua vez, foram em parte corrigidas por pesquisas posteriores. Apesar de certas conclusões etnológicas do autor não satisfazerem mais às exigências científicas modernas, *Durch Central-Brasilien* continua a ser uma das obras clássicas da etnografia brasileira. O apêndice contém vocabulários

bakaïrí, kustenaú, suyá, manitsauá e yuruna. **[2082]**

Steinen, Karl von den. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens.* Berlin, Dietrich Reimer, 1894. XV, 571., 160 figuras no texto, um mapa, 30 planchas, apêndice e índice alfabético.

Há uma edição popular alemã, com outros mapas. A edição brasileira foi publicada pelo Departamento de Cultura, São Paulo, 1940, sob o título *Entre os aborígines do Brasil Central*, prefácio de Herbert Baldus, tradução de Egon Echaden, 714 p. com todas as planchas e figuras do original e com os mapas da edição de divulgação.

Este livro apresenta a descrição e os resultados etnográficos da segunda viagem do autor ao Xingu realizada em 1887, e de sua visita aos Boróro feita em 1888. Um capítulo ocupa-se de alguns Paressí que visitaram o explorador em Cuiabá, neste mesmo ano. O apêndice contém vocabulários dos Nahuquá, Yanumakapú-Nahuquá, Mehinakú, Kustenaú, Waurá, Yaulapiti, Auetö, Kamayurá, Trumaí, Paressí e Boróro (Bororó, no dizer do autor).

Diferentes aspectos da cultura destas tribos e dos Bakaïrí são estudados, principalmente a ergologia. Entre os numerosos dados sobre os Bakaïrí destacam-se, ainda, os concernentes a sua história e mitologia.

De acordo com a mentalidade evolucionista de seu tempo, o autor, mediante belas hipóteses, procurou averiguar a origem de muitos fenômenos culturais, em vez de dedicar-se tanto à sociologia e psicologia como nós hodiernos. Não obstante isso, o livro de Karl von den Steinen, pela sua riqueza de observações e interpretações, apresentada num estilo claro, ameno e cativante, é a obra mais brilhante da etnografia e etnologia brasileiras e uma leitura indispensável para todos os que estudam os índios deste país. **[2083]**

Stradelli, Ermano. *Vocabulários da língua geral português-nheengatu e nheengatu-português, precedidos de um esboço de Gramática nheenga-umbuê-saua miri e seguidos de contos e língua geral nheengatu porandua.* (*Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Tomo 194, v. 158, Rio de Janeiro, 1929, p. 5-768).

Esta volumosa publicação é uma compilação de termos da Língua Geral falada na Amazônia, termos esses comentados, em parte, por observações etnográficas, zoológicas e botânicas. Em geral, o autor não indica com bastante exatidão a procedência dos vocábulos e dos dados sobre os índios. Isso diminui consideravelmente o valor de sua obra. Os contos citados no fim do trabalho são tirados de diversos autores que os colheram no rio Negro, no Solimões e no Pará. **[2084]**

Strömer, P. Chrysostus. *Die sprache der mundurukú.* Wörterbuch, Grammatik und Texte eines Indianeridioms am oberen Tapajoz, Amazonasgebiet. Mödling bei Wien, 1932. VII, 146 p. (Linguistische Anthropos-Bibiliothek, v. 11)

Esta monografia lingüística contém importantes dados sobre diversos aspectos culturais daquela tribo do Alto Tapajós. **[2085]**

Studart, Carlos (filho). *Notas históricas sobre os indígenas cearenses.* (*Rev. Inst. Hist. Geo. Ceará*, 45, Fortaleza, 1931, p. 53-103)

O autor cita um grande número de nomes tribais do Ceará que encontrou em escritos antigos e modernos, tentando demarcar os territórios dos índios em questão e relatando acontecimentos relacionados com estes, acontecimentos que, na maior parte, interessam mais o colecionador de datas históricas do Nordeste do que o etnólogo. O mesmo se dá com seu artigo "As tribos indígenas do Ceará", *Rev. Inst. Hist. Geo. Ceará*, 40, Fortaleza, 1926, p. 39-54. **[2086]**

Tastevin, C. *Les Indiens Mura de la région de l'Autaz (Haut-Amazone);* avec introduction par le Dr. R. Verneau. (*L'Anthrop.*, XXXIII, Paris, 1923, p. 509-533)

Os Mura levam uma vida de "ciganos aquáticos", dedicando-se, principalmente, à pesca. Acompanham seus cantos passando uma vareta ao longo de outra a qual está munida de muitos entalhos. Consideram o firmamento um grande prado. A lua, considerada um ente antropomorfo, é masculina durante a metade do mês e feminina durante a outra metade. Praticam cuvade e colocam oferendas de víveres nos túmulos. **[2087]**

Tastevin, C. *La langue Tapïhïya.* Vienne, 1910. (Edição portuguesa: Gramática da língua Tupi. *Rev. Mus. Paulista*, XIII, p. 537-597, São Paulo, 1922; *Vocabulário Tupi-português.* Ibidem, p. 603-686; Nomes de plantas e animais em língua Tupi. Ibidem, p. 689-763; *Corrigenda e aditamentos à Gramática Tupi* e *Vocabulário Tupi-português*, ibidem, p. 1279-1286).

Numa carta a Herbert Baldus, Curt Nimuendaju escreve a respeito dessa obra: "Ela não trata de nenhuma língua índia, mas de uma gíria decadente e horrivelmente estropiada. É verdade que esta se baseia numa língua tupi, mas não é falada por povo tupi algum. Serve a tribos de todas as espécies nas suas relações com os neobrasileiros. Se Tastevin tira dessa gíria conclusões gerais com referência ao tupi, é isso mais ou menos como se quisesse julgar o francês segundo o *patois créole de Cayenna*. Mas ele não percebeu nada disso e declara-se orgulhosamente descobridor do verdadeiro tupi". Um outro perito da matéria, o Dr. Juan Francisco Recalde, considerou a publicação dessa obra "un pobre servicio". Cf. Moisés S. Bertoni: "Estructura, Fundamentos Grammaticales y Classificación de la lengua Guaraní", *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, v. nº 1, p. 26, nota 3. Asunción, 1940). **[2088]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *Entre os nossos indios.* Chanés, Terenas, Kinihikaus, Guanás, Laianas, Guatós, Guay-curús, Caingangs. São Paulo. [1931] 134 p. 3 planchas.

As p. 7-80 contêm ligeiras notas sobre os índios do sul mato-grossense, principalmente sobre os Tereno, Guaikuru e Guaná, e um vocabulário guaná recolhido pelo autor e publicado, primeiro, nas suas *Cenas de viagem*, Rio de Janeiro 1868, p. 131-148, livrinho este que já trata das

mencionadas tribos no capítulo intitulado "Os Índios do distrito de Miranda" (p. 111-130).

As p. 81-132 reproduzem a monografia sobre os Kaingang de Guarapuava e sua língua, trabalho inserto na *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, LI, Suplemento, Rio de Janeiro, 1888. Encerra, ao lado das valiosas informações do padre Francisco das Chagas Lima sobre os índios de Guarapuava, primeiramente publicadas na citada *Revista* IV, Rio de Janeiro, 1842, a memória sobre os Kaingang escrita por frei Luís de Cemitille e impressa, pela primeira vez, no "Catalogo dos objetos do Museu paranaense remettidos à Exposição antropológica do Rio de Janeiro", Curitiba, 1882.

Como o Visconde de Taunay esteve pessoalmente em contato com todas as referidas tribos, sua obra contém dados interessantes sobre a vida delas no século passado. **[2089]**

Teschauer, Carlos. *Die Caingang oder Coroados-Indianer im brasilianischen Staate Rio Grande do Sul.* (*Anthrop.*, IX, St. Gabriel-Mödling bei Wien, 1914, p. 16-35. Versão portuguesa in: *Bolet. Mus. Nac.* V.III, nº 3, p. 37-56, Rio de Janeiro 1927; e in: *Poranduba Riograndense,* Porto Alegre, 1929, p. 340-368).

O autor visitou os Kaingang perto das povoações de Cazeros e Nonohay e reúne suas observações com apontamentos deixados por alguns missionários. Sendo considerados esses índios, quase em geral, como descendentes dos antigos Guayaná, o padre Teschauer menciona, primeiro, as notícias sobre estes últimos refutando a classificação deles feita por Hermann von Ihering. Depois estuda ligeiramente os Kaingang e a sua língua, dando um pequeno vocabulário. No fim acrescenta o mito úaingang recolhido, no Estado do Paraná, por Telêmaco M. Borba. As duas estampas contidas no original alemão e representando cerâmica, faltam nas duas edições brasileiras. **[2090]**

Thevet, André. *Les singularitez de la France Antarctique.* Nouvelle édition avec notes et commentaires par Paul Gaffarel. Paris, 1878. LXII, 459 p. ilus.

A primeira edição apareceu em Paris, no ano de 1558. Uma tradução italiana saiu em Veneza, ano de 1561, sendo reeditada em 1584.

Essa obra de Thevet contém muitos dados concernentes aos Tupinambá, dados esses que, porém, só podem ser utilizados ceticamente, se considerarmos as observações de Gaffarel sobre a inexatidão, a tendência de exagerar e a extrema credulidade do autor (p. XIX, XX e 312). Em todo caso, a maior parte desses informes etnográficos pode ser substituída com proveito pelos livros de Hans Staden, Jean de Léry e Gabriel Soares de Sousa. Mas é digno de nota que uma autoridade como Métraux cita, freqüentemente, Thevet, chegando a transcrever, na sua "Religion des Tupinambá", grandes trechos de duas obras do mesmo autor: *La cosmographie universalle,* Paris, 1575, e *Histoire d'André Thevet Angoumoisin, cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes aus-*

trales et occidentales, manuscrito inédito da Biblioteca Nacional de Paris. **[2091]**

Thomsen, Thomas. *Albert Eckhout*. Kopenhagen, 1938. IV, 184 p. 80 figuras. Bibliografia.

Importante estudo sobre o pintor holandês cujos quadros são valiosas contribuições para o conhecimento dos índios nordestinos do século XVII, tendo sido etnologicamente analisados por Paul Ehrenreich no seu artigo "Ueber einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indianer". Cf. o comentário de Herbert Baldus ao livro de Thomse na *Rev. Arq. Municip.*, LXI, p. 246-248, São Paulo, 1939). **[2092]**

Tocantins, Antônio Manuel Gonçalves. *Estudos sobre a tribu "Mundurucu"*. (*Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, XL, 2ª parte, p. 73-161, Rio de Janeiro, 1877. 2 figuras no texto).

Em 1875, o autor visitou esses índios do Alto Tapajós. Seu trabalho contém dados sobre mitologia, história, situação geográfica, modo de guerrear e finalidades da guerra, nomes das aldeias e número de seus habitantes, execuções de acusados de feitiço, casamento, vida de família, tatuagem, divisão de tempo, morte e enterro, plantas cultivadas e frutos silvestres, língua, honras fúnebres feitas aos guerreiros que morrem em combate, festas em honra da caça, da pesca e da lavoura, comércio entre os regatões e os índios. O ilustre engenheiro apresenta copioso material elucidando bem o padrão de comportamento tribal, e não deixa de considerar, depois de tratar das crueldades cometidas pelos Mundurukú como caçadores de cabeças humanas e matadores de supostos feiticeiros, a capacidade desses mesmos índios em exprimir "os sentimentos mais puros e mais suaves do coração humano, como sejam saudades de mãe e de filho" (p. 117). No século passado não foi escrito, em língua portuguesa, trabalho melhor do que a presente monografia, sobre uma tribo do Brasil, podendo seu autor figurar dignamente ao lado dos mais importantes pesquisadores que, naquele século, o precederam no estudo de índios brasileiros, isto é, ao lado do Príncipe de Wied e de von Martius. **[2093]**

Tonelli, Antonio. *La provenienza degli indi "Bororo orientali" del Matto Grosso*. (Atti del X Congresso Geografico Italiano, II, p. 625-629, Milano, 1927).

"Alcune notizie sui Báere e sugli Aroettawarare "medicistregoni" degli indi Bororo-Orari del Matto Grosso." (Atti del XXII Congresso Internazionale degli Americanisti, Roma, 1926, II, p. 395-413, Roma, 1928).

"Alcune osservazioni sulla sintassi della lingua degl'indi Bororo-Orari del Matto Grosso (Brasile)." (*Ibidem*, p. 569-585)

"La famiglia presso i Bororo-Orari indigeni del Matto Grosso (Brasile)." (Internationale Woche für Religiosethnologie, V. Tagung, Luxemburg, 1929, p. 299-314, Paris 1931).

"Il nome dei vivi e dei defunti (aroe) presso gl'indi Orari (Bororo orientali) del Matto Grosso." (Festschrift für P. W. Schmidt., St. Gabriel-Mödling bei Wien, s.d.).

Cinco pequenos, mas importantes estudos sobre a mesma tribo da Chapada de Mato Grosso. **[2094]**

Torres, Heloísa Alberto. *Arte indígena da Amazônia.* Rio de Janeiro, 1940. XV, 50 planchas. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 6).

Este álbum reproduz fotografias de objetos de arte feitos pelos habitantes pré-colombianos da ilha de Marajó, na foz do Amazonas, fotografias essas às quais foram reunidas outras de artefatos de índios que habitaram a Amazônia depois de sua descoberta pelos europeus, ou que ainda a habitam. Tal justaposição tem por fim refutar a hipótese de que os ornamentistas da cerâmica marajoara "teriam alcançado um nível de civilização mais elevado do que o geralmente dominante entre os silvícolas brasílicos, ao tempo de descobrimento da América". Segundo a autora, "certos aspectos de cultura, revelados nitidamente pela cerâmica, ou conclusões muito plausíveis a que a sua observação conduz, levam-nos a acreditar que, de um modo geral, a civilização dos aborígines construtores dos montículos funerários não se contraporia fundamentalmente a um quadro cultural indígena em que grupos históricos amazônicos (Guiana, Rio Negro, Xingu, etc.) constituíssem os elementos típicos", (p. vi). E, mais adiante, lemos: "... a forma geral dos vasos, muito próxima da de cestos utilizados por populações indígenas amazônicas atuais; o caráter rigidamente geométrico dos motivos que decoram sobretudo as peças gravadas *au champ levé;* a interseção, nessas mesmas peças, de bandas paralelas, que tanto lembram as talas de cestos trançados, e sobretudo o desenvolvimento contraditório entre a arte do oleiro (muito rudimentar) e a de decorador (tão elaborada) parecem apontar fortemente no sentido da juvenilidade da arte da cerâmica entre aqueles silvícolas. Jovens oleiros, velhos artistas trançadores, os marajoaras teriam transportado para o elemento plástico os desenhos desenvolvidos na matéria rígida das talas entrelaçadas dos seus cestos (p. ix). Vemos de tudo isso que a interessante obra de Heloísa Alberto Torres tem tanta importância para a arqueologia como para o estudo dos índios do Brasil de hoje, estudo esse em que a influência dos ornamentos do trançado sobre a arte de pintar e gravar já foi demonstrada por Max Schmidt nas suas *Indianerstudien in Zentral-Brasilien,* Berlin, 1905, p. 374 e seguintes. **[2095]**

Torres, Heloísa Alberto. *Contribuição para estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil.* (*Rev. SPHAN,* nº 1, p. 9-30, Rio de Janeiro, 1937)

Enumera coleções e espécimes arqueológicas e etnográficas existentes em museus públicos e particulares do Brasil e trata do problema da proteção aos índios. **[2096]**

Vasconcelos, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil.* Segunda edição. Lisboa, 1865. 2 v. clvi, 200. 339., 4 p. com errata.

A primeira edição apareceu em Lisboa, no ano de 1663.

Essa obra contém, além de numerosos dados sobre os índios do litoral brasileiro conhecidos até a data de sua primeira publicação, uma classificação que reduz as tribos do Brasil a dois grupos subdivididos em várias "espécies" (p. LXXXIX e seguintes). **[2097]**

Vignati, Milcíades Alejo. *Los craneos trofeo de las sepulturas indígenas de la Quebrada de Humahuaca*. Buenos Aires, 1930. (Facultad de Filosofia y Letras: *Archivos del Museu Etnográfico*, nº 1)

O autor distingue os seguintes tipos de cabeças-troféus na América do Sul:

1) Sem preparo: Guaraní, Araukano, Guaikurú, Chiriguano, Matako.

2) Com preparo:

A – cabeça inteira:

a) desossada, descarnada, com a cabeleira, processo de redução: Jívaro.

b) descarnada, com a pele, crânio e cabeleira de tamanho natural:

1 – crânio não perfurado: Mundurukú.

2 – crânio perfurado: Naska.

c) descarnado, crânio limpo:

1 – sem perfurações: Parintintin.

2 – com perfuração: Tikuna.

d) Sem desossar, sem descarnar, com perfurações: Humahuaka.

B – Parte da cabeça:

a) taças: índios do Chaco, Araukano, Inka.

b) escalpo: índios do Chaco.

[2098]

Wagley, Charles. *The effects of depopulation upon social organization as illustrate by the Tapirape-Indians*. (Transactions of the New York Academy of Sciences, Ser. II, v. 3, nº 1, p. 12-16, 1940).

Importante estudo sobre as conseqüências sociais de epidemias nessa tribo tupi visitada pelo autor em 1939 e 1940. **[2099]**

Wagley, Charles. *O estudo de êxtase do pagé tupi*. (*Sociologia*, IV, nº 3, p. 285-292; São Paulo, 1942.)

Segundo o autor, entre os Guajajara do Estado do Maranhão e os Tapirapé do norte do Mato Grosso, os médicos-feiticeiros empregam os mesmos processos para cair em transe, isto é, cantam chamando os seres sobrenaturais e engolem fumaça de tabaco até ficarem intoxicados. Por outro lado, a interpretação do transe difere nas duas tribos tupi, pois, neste estado, o pajé guajajara é considerado como possuído por um ser sobrenatural entrando no corpo dele, ao passo que o pajé tapirapé é tido como abatido na luta com *Topy* durante a cerimônia do Trovão. Esta importante cerimônia é detalhadamente descrita pelo autor. Considerando os numerosos traços parentes nas culturas das mencionadas tribos, surpreendem as diferenças radicais apontadas no presente trabalho.

[2100]

Wassén, Henry. *The frog in Indian mythology and imaginative world*. (*Anthrop*., XXIX, p. 613-658, Wien, 1934. Bibliografia).

Esta monografia sobre o papel místico da rã e outros conceitos no tocante a ela refere-se, freqüentemente, a índios do Brasil. **[2101]**

Wassén, Henry. *Le Musée ethnographique de Göteborg e l'oeuvre d'Erland Nordenskoöld; avec une introduction de A.*

Métraux. (*Rev. Inst. Etn. Un. Nac. de Tucumán*, II, p. 233-262, Tucumán, 1932. 6 figuras, 2 mapas. Bibliografia)

O artigo enumera as tribos e regiões do Brasil das quais o Museu de Göteborg possui coleções etnográficas e arqueológicas, e as bibliografias mencionam as publicações concernentes a essas coleções. **[2102]**

Wid-Newied, príncipe de.

vide

Maximilian, príncipe de Wied-Neuwied.

Williams, James. *The Aborigines of British Guiana and their land.* Anthrop. XXXI, St. Gabriel-Mödling bei Wien, 1936, p. 417-432)

Partes de algumas tribos da Guiana Inglesa vivem também no Brasil.

[2103]

Williams, James. *Grammar notes and vocabulary of the language of the Makuchi Indians of Guiana.* (*Anthrop. Ling. Biblio.*, VIII, St. Gabriel-Mödling bei Wien, 1932. 431 p.)

Essa tribo karaib vive na fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

[2104]

. . . .

Filologia

J. Matoso Câmara Júnior

É preciso assinalar inicialmente a ausência de um ensino lingüístico de grau universitário no Brasil até a quarta década deste século. Depois de 1930 é que a Prefeitura do Distrito Federal e o Governo do Estado de São Paulo fundaram as suas faculdades de Letras. A da Prefeitura do Distrito Federal foi extinta em 1939; mas substituiu-a a Faculdade Nacional de Filosofia do Governo Federal, e hoje há várias outras, nos mesmos moldes, de iniciativa privada.

Essa falta de ensino universitário da língua materna fez com que os estudos lingüísticos partissem dos professores do ensino secundário. Ora, no ensino secundário, a preocupação é com os problemas de norma e estética lingüística; não se cogita das pesquisas científicas desligadas de um critério de valor.

E' verdade que a maneira de ingresso no magistério secundário oficial, por meio de defesas de teses escritas, deu ensejo a certos ensaios mais ambiciosos. Alguns estudiosos se colocaram momentaneamente fora da sua estrita esfera de interesse, e imprimiram um cunho mais universitário às suas elucubrações. Várias das teses antigas merecem, entretanto, a crítica de Antenor Nascentes: "São trabalhos sem espontaneidade, com assunto indicado pela congregação. Continham em geral poucas páginas; pouco valor apresentam, salvo uma ou outra"[1].

Nas atividades didáticas, houve, antes de tudo, a preocupação de estabelecer uma teoria da formulação verbal, derivada da análise lógica do pensamento. Constituiu-se com isso uma rotina escolar. A ela se circunscreveu a maioria dos professores brasileiros de português. Predomi-

(1) *Estudos Filológicos*, Rio de Janeiro, 1939, p. 26.

nou a nomenclatura e esquematização inglesa de Mason, até hoje a mais generalizada com uma ou outra variante.

Já então impressionava aos estudiosos brasileiros a existência recente, na Europa, dos estudos da lingüística histórica. Esses estudos, que não se podiam colocar entre nós no nível universitário que não possuíamos, adaptaram-se, contudo, com um caráter de divulgação, ora mais sumária, ora mais minuciosa, nas gramáticas do curso secundário. Desde os fins do século passado, o ensino secundário de português gira em torno da rotina da análise lógica, do tipo inglês de Mason, e do estudo do português histórico como tela de fundo de uma disciplina gramatical acentuadamente classicista. É óbvio que esse enquadramento exclusivo da lingüística histórica nas gramáticas secundárias a reduzia em muitos de seus aspectos, e a circunscrevia num trabalho de mera compendiação.

Fora do âmbito escolar, os filólogos, em essência professores secundários especializados no estudo da linguagem, cultivaram de preferência os problemas de disciplina gramatical e a filologia dos textos clássicos.

Algumas folhas diárias, como o *Jornal do Comércio* e o *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, tiveram seções de filologia e gramática a cargo de estudiosos mais ou menos autorizados. A questões dessa natureza dedicaram grande parte do seu conteúdo revistas, como a *Revista Brasileira* e a *Revista do Brasil*, já extintas, e a *Revista de Cultura*, que existe desde 1927. Mais especializadas surgiram outras, das quais merecem menção em 1924-1925 a *Revista de Filologia Portuguesa*, em São Paulo, e em 1915-1931 e 1931-1932, respectivamente, no Rio, a *Revista de Língua Portuguesa* e a *Revista de Filologia* e *História*, além da *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Entre os que se dedicavam a tais estudos de linguagem, formaram-se muito cedo duas atitudes distintas diante da norma da língua escrita d'além-mar. Uns a ela se cingiam estritamente; outros dela se afastavam com maior ou menor ousadia.

Já nos meados do século passado o romancista José de Alencar encarnou a segunda tendência em teoria e prática. Em 1865, acrescentou um pós-escrito à sua novela *Diva.* Frisa a contradição do romantismo luso de romper com os ideais literários do classicismo, mantendo-se adstrito "à línguagem clássica usada pelos antigos modelos". Em 1870, respondendo à crítica do escritor português Pinheiro Chagas, ajuntou outro pós-escrito à 2ª edição da novela *Iracema,* com um pensamento mais desassombrado a favor de uma cisão lingüística entre a literatura brasileira e a portuguesa. Batista Caetano, polígrafo e estudioso do tupi, em *Rascunhos sobre a Gramática da Língua Portuguesa,* assinando-se B.C., retomou a tese de José de Alencar.

O receio instintivo do prejuízo da autoridade normativa no ensino escolar tendeu, não obstante, a ater a filologia brasileira aos padrões clássicos, embora às vezes com interpretações discordantes das dos gramáticos ultramarinos.

A própria polêmica entre José de Alencar e Pinheiro Chagas girara em torno de pontos secundários da disciplina gramatical. Os teoristas de Portugal soem enquadrar-se em ditames excessivamente rígidos e conseqüentemente às vezes quase de mero arbítrio pessoal. É bem conhecido a esse respeito, na história da nossa filologia, o debate sobre a colocação dos pronomes pessoais átonos e sobre o uso do infinito flexionado. As regras lusitanas para a colocação dos pronomes pessoais átonos é que especialmente revoltaram a José de Alencar e Batista Caetano.

No Brasil, podem-se distinguir duas correntes diante da disciplina gramatical que é assim prescrita em território europeu. Uma aceita-se sem maior discrepância; outra refuga muita coisa. Esta última procura em regra provar que os textos clássicos não corroboram a regulamentação apresentada.

Deste último aspecto foi, em 1903, o livro *Fatos de Linguagem* do brasileiro Heráclito Graça, em contestação às *Lições Práticas de Português* do então afamado doutrinador Cândido de Figueiredo. Figueiredo em jornais de Lisboa respondia às dúvidas de linguagem, que lhe eram apresentadas por leitores insipientes.

Ao contrário, outros filólogos procuraram fazer causa comum com a disciplina gramatical ultramarina. Entre estes a mais notável figura foi a de Mário Barreto, professor de português do Colégio Militar e da Escola Normal do Rio de Janeiro, estabelecimentos destinados, aquele, então, aos filhos de militares e este à formação dos nossos professores primários.

O próprio Cândido de Figueiredo muito escreveu no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Os ensinamentos que aí e alhures expendeu, foram prestigiados pela aprovação de Rui Barbosa. Rui, por sua vez, preocupou-se em firmar a linguagem jurídica nos moldes clássicos, como os consubstanciou nos debates sobre a redação do Código Civil Brasileiro. O "Parecer" de Rui contra a redação do projeto do Código enviada ao Senado, em 1902, e, em 1904, a sua "Réplica" às defesas da redação original marcaram época. Passaram até a constituir preceitos normativos de disciplina gramatical em muitos setores do ensino escolar.

A base de toda essa doutrinação de linguagem foram os textos clássicos dos séculos XVI e XVII e os de alguns autores selecionados dos séculos subseqüentes, como Filinto Elísio, Antônio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, todos portugueses. A eles se ajuntou às vezes o brasileiro Machado de Assis, admirável modelo, em verdade, de uma língua culta sem perda de naturalidade. Desenvolveu-se paralelamente a tendência a também assentar a norma escolar no estudo da evolução da língua.

Daí a atitude de muitos em favor da adoção da Reforma Ortográfica Portuguesa de 1912. Essa Reforma saíra dos trabalhos do foneticista português Gonçalves Viana. Partira do pensamento de fazer pela simplificação da grafia melhor transparecer a evolução fonética da língua desde a fase românica até o período moderno. Mário Barreto e Silva Ramos para só citar os já mortos foram no Brasil os propugnadores centrais dessa Reforma.

A filologia brasileira já estava desde antes empolgada pela questão ortográfica. A Academia Brasileira de Letras, como muito antes a Igreja Positivista, já tinha lançado um sistema seu, que em seguida abandonou.

A maioria dos literatos e jornalistas se ateve à grafia tradicional, dita *usual*, mal sistematizada e meio sincrética. Os professores de português alinharam-se, porém, em regra ao lado de Mário Barreto e Silva Ramos. Muitos praticaram a Reforma portuguesa no ensino escolar. Preparou-se assim o ambiente para a regulamentação posterior, que o governo brasileiro executou no mesmo sentido, depois de um acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa.

Todas essas nossas considerações destinam-se a dar uma idéia global do ambiente dos estudos lingüísticos e filológicos no Brasil. Compreendem-se melhor assim situados aqueles outros estudos referentes aos aspectos próprios da língua portuguesa no Brasil e pertinentes ao objetivo deste manual. Da nossa exposição já se pode concluir que os fenômenos lingüísticos brasileiros não preocuparam precipuamente a maioria dos nossos filólogos. Cabe agora citar as várias exceções a essa observação geral.

João Ribeiro, falecido em 1934, ao lado de uma doutrinação normativa, fundamentada em textos clássicos, voltou-se para as pesquisas de peculiaridades lingüísticas nossas. Escreveu leves ensaios, em regra publicados na imprensa diária. O vocabulário e a fraseologia brasileira, nas suas origens e aplicações, é que principalmente o interessaram.

Desde muito antes fizera-se sentir a curiosidade dos pesquisadores de vocábulos da nossa língua popular, regionais ou não, e da nomenclatura geográfica, zoológica e botânica, a qual é freqüentemente de formação tupi. São várias vezes os vocabulários resultantes obras de amadores bem intencionados. Mesmo os melhores nunca se elevaram acima da mera dicionarização.

O primeiro em data foi o do gramático Antônio Álvares Pereira Coruja, em 1852, sobre vocábulos e frases do Rio Grande do Sul. Os melhores, do ponto de vista da segurança e da técnica filológica, são o do Visconde de Beaurepaire Rohan, em 1889, e o de Rodolfo Garcia em 1915.

Antônio Joaquim de Macedo Soares, em 1888, apresentou um começo de trabalho com o propósito mais amplo e profundo de empreen-

der um dicionário geral da língua portuguesa, tal como se fala no Brasil. A publicação feita até o meio da letra C, teve o objetivo declarado de concorrer para que se escreva no Brasil como se fala no próprio Brasil, e, não, como se escreve em Portugal. A tese envolvia a complexa questão das relações entre a língua escrita e a falada. Procurara dirimi-la de uma maneira evidentemente simplista. A norma da língua escrita é sempre algo diferente do uso da fala cotidiana, em qualquer nação. Era no âmbito do léxico um aspecto do debate teórico sobre a nossa diferenciação lingüística, que desde os meados do século passado tem preocupado alguns estudiosos.

Em 1920, tivemos um cuidadoso trabalho dialectológico – *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. O autor, também notável poeta paulista, descreveu a fala popular no interior do Estado de São Paulo, zona caipira. Esse estudo, como frisou na época Sousa da Silveira, mostra "associadas num mesmo indivíduo as qualidades artísticas do escritor e a reta orientação filológica."[1]. Antenor Nascentes analisou, por sua vez, em 1922, a língua popular urbana da capital do país, sob os aspectos permanentes e efêmeros que ela apresentava. Já outros que em obras especiais versaram a diferenciação lingüística brasileira assumiram em regra uma posição mais dialética. Não fizeram descrição desinteressada e objetiva de um falar local.

A filologia de Portugal criou o conceito de ser a língua no Brasil um dialeto português ultramarino, e em torno desse ponto fixo giraram as elucubrações entre nós. Discutiu-se se trata, com efeito, de um dialeto ou de um conjunto de dialetos. Alguns sustentaram, com mais ousadia, que já temos até uma língua própria, radicalmente distinta da de Portugal.[2]

---

(1) "O Dialeto Caipira", *Revista da Língua Portuguesa*, nº 11, p. 24.

(2) Em regra, os que defendem este último ponto de vista argumentam muito com a ação do clima e com a influência do tupi e das línguas negras africanas, trazidas com a escravidão. Também alegam a nossa independência política, como causa da diferenciação. Uma rigorosa técnica lingüística teria muito que rejeitar, restringir e pôr em dúvida nas exposições que têm sido feitas sobre o assunto.

Sem falar em José de Alencar, cujo ponto de vista é mais de literato e esteta, já em 1879 José Jorge Paranhos da Silva procurara provar a existência de uma língua própria brasileira. Invocou fatos e causas no opúsculo, publicado anônimo, sobre *O Idioma do Hodierno Portugal Comparado com o do Brasil.* Em 1880, Manuel Pacheco da Silva Júnior, professor de português do Colégio Pedro II, opinou num artigo na *Revista Brasileira* sobre o conceito de dialeto, e a sua inaplicabilidade à língua literária e culta no Brasil. Em 1916, Virgílio de Lemos, mais propriamente geógrafo e sociólogo, retomou a tese em sentido oposto no Congresso Nacional de Geografia, reunido na Bahia.

O debate reiniciou-se em 1935. A Câmara Municipal do Rio de Janeiro decretou que os livros didáticos, para se adotarem nas escolas municipais, deviam intitular-se de "língua brasileira",[1] e um projeto análogo foi apresentado no Congresso Federal, mas aí não teve andamento.

Multiplicaram-se, então, os artigos, pareceres e livros a favor ou contra a medida. Em regra, os professores de português repeliram-na. Sentiam que ela solapava toda a estrutura do ensino escolar, fundamentado na interpretação dos textos clássicos, e nada trazia em substituição. A corrente favorável foi mais de jornalistas, políticos e literatos, a quem escapava esse tropeço e a medida reduzia pelos seus aspectos nacionalistas. A literatura lingüística que assim surgiu desses debates, foi quase toda de mérito precário. Além do vício de origem da intenção polêmica, havia a circunstância de ter sido a questão preliminarmente mal colocada. A nossa diferenciação lingüística é fundamentalmente no âmbito da língua popular, a cujo respeito nos fala um conhecimento científico adequado. Os falares locais ainda nos escapam na sua distribuição

---

(1) O Prefeito do Distrito Federal vetou a resolução. A Câmara Municipal rejeitou o veto e manteve a sua lei. Essa lei ficou, porém, letra morta, porque os estabelecimentos de ensino municipais têm de seguir as normas do governo federal. Ora, o Ministério da Educação mantém o emprego do nome: *língua portuguesa.*

geográfica, relações mútuas e estruturas fônicas, mórficas e até vocabulares.

O problema da língua culta é outro. A unidade dela em sentido lato com a língua culta ultramarina é inegável. O que importa decidir é até que ponto atuam e devem ser acatados os desencontros superficiais de expressão que lhe dão entre nós uma modalidade própria. O político e o professor, neste empenho, não devem esquecer a função social e cultural da língua escrita, como fórmula da unidade lingüística nacional e veículo de uma cultura, cuja expressão adequada não se compadece com os recursos e o valor social dos falares locais e da língua popular urbana.

É um problema, em última análise, idêntico ao que defrontam as grandes línguas comuns européias nos seus próprios territórios. Está apenas obscurecido nas linhas diretrizes, porque a língua culta no Brasil não é um patrimônio nosso privativo. Temo-lo em comum com um povo ultramarino mais velho, de quem hoje divergimos nitidamente na pisique e nos ideais coletivos. Nestas condições, a orientação da disciplina gramatical tem de variar algum tanto entre o ensino escolar do Brasil e o de Portugal. A proclamação de uma cisão decisiva, sobre ser lingüisticamente falsa, só pode, porém, do ponto de vista social trazer confusão e anarquia.

Há dois aspectos, em que tem de ser mui nítida a divergência. O primeiro é no âmbito do vocabulário. Já é ponto pacífico, aliás, entre nós, desde a elaboração do plano para o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* da Academia Brasileira de Letras, na segunda década deste século, o pensamento de que a norma brasileira, em relação ao léxico, deve aceitar os termos privativos do Brasil, regionais ou não, sem detrimento do valor social do emprego deles. Ainda recentemente, em 1942, a Academia Brasileira de Letras, oficialmente encarregada de organizar o "Vocabulário Ortográfico" definitivo, resolveu, entre outros itens, "a inclusão dos brasileirismos consagrados pelo uso", "a inclusão de estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil

são necessários à língua literária", e, finalmente, "a substituição de certas formas usadas em Portugal pelas correspondentes formas usadas no Brasil".[1]

O segundo aspecto da nossa divergência com a norma lingüística ultramarina é o referente à pronúncia. Em Portugal, como no Brasil, há profundas diferenças fonéticas de região a região, mas a língua culta padronizou a pronúncia lisboeta. Essa pronúncia é em muitos pontos grandemente inovadora em cotejo com o português clássico. No Brasil, a tendência é a de padronizar a pronúncia do Rio de Janeiro. Já foi dado um passo, meio oficial, neste sentido, pelo Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada, reunido em São Paulo em 1937.

Entretanto, muita coisa está ainda por estudar e firmar. Às próprias modalidades de articulação esperam um exame e doutrinação definitivos. Aí deverá intervir a fonética experimental, ainda não organizada no Brasil. Há, por outro lado, múltiplas questões particulares de prosódia, especialmente de termos eruditos, de origem grega ou não, em que o uso geral brasileiro diverge da padronização portuguesa, executada por Gonçalves Viana.

Já temos, neste sentido, um ponto de partida no livro *A Língua Portuguesa* de Franco de Sá, publicado postumamente em 1915. O autor, ex-político militante, retirado da vida pública, dedicou-se à elaboração de uma obra de doutrinação lingüística. Só executou a primeira parte referente à ortofonia ou pronúncia correta, fundamentando-se essencialmente na realidade brasileira.

---

(1) *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional.* Rio de Janeiro, 1942, p. 7.

. . . .

Bibliografia

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. *Bases do acordo ortográfico entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.* (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. XXXVI, nº 113, p. 49-52; Rio de Janeiro, 1931).

Cf. o nosso artigo introdutório. O conseqüente *Formulário ortográfico* vem no v. XXXVI, nº 113, p. 290-300. **[2105]**

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. *Contribuições para o Dicionário de brasileirismos.* (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. I, nº 2, p. 378-422; v. II, nº 3, p. 98-125; v. II, nº 4, p. 390-412; v. III, nº 5, p. 134-169; v. III, nº 6, p. 382-410; v. IV, nº 8, p. 339-342; v. VII, Nº 13, p. 43-52; v. 7 nº 14, p. 152-155; v. VIII, nº 15 p. 74-77; v. VIII, nº 16, p. 299-302; v. IX, nº 17, p. 126-133; v. XI, nº 21, p. 67-77; v. XI, nº 22, p. 368-373.; Rio de Janeiro, 1910 em diante).

Em cada verbete há uma abonação literária e apenas a significação referente. O trabalho definitivo ficou abandonado em meio; há uma publicação da Academia de Medeixes, 224 p., com a parte definitiva feita. **[2106]**

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, *Instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua nacional.* Rio de Janeiro, 1942. 28 p.

São as instruções para o Vocabulário ortográfico definitivo. Cf. o nosso artigo introdutório, 390 p. **[2107]**

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, *Reforma ortográfica: regras e anotações.* (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. V. nº 9, p. 125-152; Rio de Janeiro, 1912).

É a reforma adotada pela Academia, "para uso e emprego nas suas publicações oficiais", em 1907, com os aditamentos propostos e aprovados em 1911. Cf. o nosso artigo introdutório, p. 386. Houve uma modificação posterior em 1930, nº 97, p. 59-62.

[2108]

Aguiar, Martins de. *Fonética do português do Ceará.* (*Revista do Instituto do Ceará*, tomo LI, ano 51, p. 271-307; Fortaleza, 1937.)

Compreende: generalidades, vogais, consoantes, acidentes, ritmo, fonética sintática. **[2109]**

Albuquerque, Lincoln de. *A vida dos ladrões;* vocabulário e sinais convencionais usados pelos ladrões em geral; seus hábitos e costumes; as diversas modalidades dos crimes de furto, roubo e estelionato. São Paulo, s. d. 75 p.

A obra deve ser de 1922. O vocabulário, p. 9-32, distingue a nacionalidade dos gatunos que usam o termo. **[2110]**

Alencar, José Martiniano de. *Pós-escrito à novela* Diva, *perfil de mulher.* Nova edição, revista por Mário de Alencar. Rio de Janeiro, Garnier, s. d. p. 193-215.

É de 1865. Defende o ponto de vista do escritor sobre a necessidade de renovar os moldes da língua literária de acordo com a vida moderna e o ambiente brasileiro. Seguem-se, com justificativa, os neologismos usados no romance. Cf. o nosso artigo introdutório. **[2111]**

Alencar, José Martiniano de. *Pós-escrito à novela* Iracema, *lenda do Ceará.* Nova edição revista por Mário de Alencar. Rio de Janeiro, Garnier, s. d. p. 241-268.

O autor incluiu este Pós-escrito na 2ª edição, 1870, para defender-se das críticas à sua linguagem. Idéias mais definidas e ousadas que do Pós-escrito a *Diva* (q.v). Sustenta a fatalidade da diferenciação lingüística brasileira. Cf. o nosso artigo introdutório. **[2112]**

Ali, Manuel Said.
vide
Said Ali, Manuel.

Alonso, Amado. *Arg. y bras. malevo -- ort. maleva -- malévolo* (*Revista de Filologia Hispánica,* año II, num. 2, p. 179-181; Buenos Aires-Nueva York, 1940).

Esclarecedora apreciação do debate entre Leo Spitzer (q.v.) e Ángel J. Battistessa. **[2113]**

Alonso, Amado. *Reseñas.* (*Revista de Filologia Hispánica*, año III. núm.. 1, p. 57-60; Buenos Aires-Nueva York, 1941).

Recensão das seguintes obras (q.v.): *O português do Brasil,* de Renato Mendonça: *Língua nacional,* de Cândido Jucá (Filho); *O problema da língua brasileira,* de Sílvio Elia. **[2114]**

Alvarenga, Oneida. *Comentários a alguns cantos e danças do Brasil.* (*Revista do Arquivo Municipal,* ano VII, v. LXXX, p. 209-246; São Paulo, 1941.)

São citados e estudados muitos vocábulos brasileiros referentes ao tema. **[2115]**

Amado Alonso.
vide
Alonso, Amado.

Amaral, Afrânio do. *Nomes vulgares de ofídios no Brasil.* (Em *Boletim do Museu Nacional,* v. II, nº 2, p. 19-46; Rio de Janeiro, 1926.)

Cf. ainda do autor: "Contribuição ao conhecimento dos ofídios do Brasil", *in Memórias do Instituto Butantã,* tomo X, p. 87-162. (São Paulo, 1935-1936).

[2116]

Amaral, Amadeu. *O dialeto caipira.* São Paulo, Casa Editora "O Livro", 1920. 227 p.

Estuda a língua popular, já evanescente, no Estado de São Paulo. Contém: "Gramática", com "Fonética", p. 17-30: "Lexicologia", p. 31-47; "Morfologia", p. 48-56; "Sintaxe", p. 57-67; e "Vocabulário", p. 68-227, com significação, abonação, comentários vários, língua de origem. O valor do livro foi bem ressaltado na recensão de Sousa da Silveira (q.v.). Cf. o nosso artigo introdutório. **[2117]**

Arézio, Artur.
vide
Fonseca, Artur Arézio da.

Airosa, Plínio. *Termos tupis no português do Brasil.* São Paulo, Departamento de Cultura, 1937. 238 p. (Coleção do Departamento de Cultura, v. 13.)

O autor é professor de tupi na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo; neste livro renova o

debate sobre certos empréstimos tupis no português do Brasil. **[2118]**

Azambuja, Darci Pereira de. *Vocabulário.* (Em *No galpão: contos gauchescos;* Porto Alegre, Livraria Globo, 1928; p. 171-181.)

Dá a significação de alguns termos regionais, para melhor compreensão da leitura. **[2119]**

Barreto, Mário Castelo Branco. *Através do dicionário e da gramática.* 2ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936. 355 p.

Interessam os seguintes tópicos: Supostos brasileirismos, p. 71-72; Camião e caminhão, p. 107; Chamar de...; p. 215-218. **[2120]**

Barros, Domingos Borges de, visconde da Pedra Branca. João Ribeiro, em *A língua nacional,* p. 28-32, transcreve um pequeno artigo do visconde da Pedra Branca, publicado em francês sem título, de grande valor histórico, pois é a primeira afirmação técnica de uma diferenciação lingüística brasileira. **[2121]**

Barros, Silva. *Glossário.* (Em *Sarilho d'armas: humorismo,* p. 207-234; Rio de Janeiro, Calvino Filho, 1934.)

Gíria da caserna. O mesmo glossário em outro livro do autor. *Vida de caserna* (Rio de Janeiro, 1932).

[2122]

Barroso, Gustavo, colab.

vide também

Lima, Hildebrando.

Beaurepaire, visconde de.

vide

Rohan, Henrique de Beaurepaire, visconde de.

Boiteux, José Artur. *A influência da colonização na toponímia do Estado de Santa Catarina.* (Em Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado na cidade de São Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916, v. I, p. 608-617; Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1917.)

Cita os topônimos de origem estrangeira, como franceses, alemães e italianos. **[2123]**

Boiteux, Lucas Alexandre. *A pesca em Santa Catarina.* Santa Catarina, Federação das Colônias Cooperativas do Estado de Santa Catarina, 1934. 89 p.

Tem dois glossários: um, p. 76-80, de termos tupis; outro, p. 80-89, da "Fauna agrícola catarinense" em geral. **[2124]**

Bourciez, Ed. *Elements de linguistique romane.* 3ª edição. Paris, 1930.

Há rápidas alusões à pronúncia brasileira, p. 403-404, e ao léxico no Brasil, p. 240, p. 430. **[2125]**

Brígido, José. *O linguajar esportivo.* (*Diário de Notícias*, 11, 18, 25 de agosto; 8, 22, 29 de setembro; 6, 13, 19, 23, 24, 26, 27 de outubro; 2 de novembro; Rio de Janeiro, 1940.)

Predomina a gíria do futebol.

[2126]

C. Pequenas lições de português: a expressão popular "menino levado". (Em *Correio da Manhã*, de 9-9-1934; Rio de Janeiro.)

Analisa a evolução sintática e semântica da locução. **[2127]**

Callage, Roque. *Vocabulario gaúcho.* 2ª edição corrigida e aumentada**.** Porto Alegre, 1928. 143 p.

Significação e às vezes aberração. Lista de frases e locuções populares gaúchas, p. 139-143. **[2128]**

Câmara, Antônio Alves. *Relação alfabética da maioria dos peixes da Bahia com simples descrição. (Em Pescas e Peixes da Bahia,* p. 91-124; Rio de Janeiro, 1911).

Há ainda, no correr do livro, muitos termos da indústria da pesca.

[2129]

Câmara, Antônio Alves. *Vocabulário de termos técnicos de construção naval.* (Apêndice a *Ensaio sobre as construções navais indígenas no Brasil,* 2ª Edição Ilustrada. São Paulo, Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 5ª – Brasiliana, v. 92, p. 241-261).

A primeira edição é do Rio de Janeiro, 1888. Clássico no assunto.

[2130]

Câmara, Joaquim Matoso (Júnior). *Cão e cachorro no* Quincas Borba *de Machado de Assis. (Revista de Cultura,* ano XV, n.º 174, 175, 176; Rio de Janeiro, 1941).

Analisa o critério da escolha entre os dois termos na linguagem brasileira. **[2131]**

Câmara, Joaquim Matoso (Júnior). *Língua brasileira do Distrito Federal.* (Em *Ata da Câmara Municipal do Distrito Federal,* 18 de julho de 1935; *Jornal do Brasil* de 20 de julho de 1935, Rio de Janeiro.)

É uma carta aberta ao vereador Romero Zander, que a leu em discurso ao fundamentar o seu voto contra o projeto sobre a "língua brasileira". Cf. o nosso artigo introdutório. **[2132]**

Câmara, Joaquim Matoso (Júnior). *Princípios de lingüística geral, como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, F. Briguiet e Cia., 1942. 269 p.

Interessam as considerações sobre: "r" velar, p. 27 e 176; "sinuca, sulipa", p. 224-225; o conceito de língua, p. 177; o conceito de dialeto brasileiro. p. 179; a iotização do "L" palatalizado, p. 183; as condições históricas do português no Brasil, p. 235-237; os aspectos atuais, p. 245.

[2133]

Câmara Cascudo, Luís da.

vide

Cascudo, Luís da Câmara.

Caminhoá, Joaquim Monteiro. *Elementos de botânica geral e médica.* Rio de Janeiro, 1877. 3 v., 3167 p.

Contém milhares de nomes de plantas brasileiras, com a sua identificação científica e distribuição geográfica. **[2134]**

Carvalho, Alfredo Ferreira de. *Frases e palavras; problemas histórico-etimológicos.* Recife. J. W. de Medeiros e Cia., 1912. viii, 88 p.

Útil como resenha de vocábulos e locuções; dá alguns topônimos.

[2135]

Carvalho, Alfredo Ferreira de. *O tupi na corografia pernambucana: elucidário etimológico.* Recife, Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, 1907. xxi, 83 p.

Vale pelo registro dos topônimos; as etimologias são de valor precário. Cf. Mário Melo (q.v.). **[2136]**

Carvalho, Elisio de. *A gíria dos gatunos cariocas.* Rio de Janeiro, 1912. 46 p. (Biblioteca do Boletim Policial.)

O autor era chefe de polícia secreta da Capital Federal. O trabalho

foi transcrito pelo jornal Pernambuco, de 22 a 27 de fevereiro de 1913.

[2137]

Cascudo, Luís da Câmara. "*Peixe* no idioma tupi." (*Revista Marítima Brasileira*, ano LVIII, nos 5-6, p. 477-501; Rio de Janeiro, 1938).

Dá também alguns nomes de origem africana. **[2138]**

Castro, Eugênio de. *Ensaios de geografia lingüística.* 2ª edição aumentada da *Geografia Lingüística e Cultura Brasileira.* São Paulo, Editora Nacional, 1941. 350 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 5ª – Brasiliana, v. 20.)

Não é aplicação do método da escola lingüística de Gilliéron. O autor traça os três caminhos de penetração colonizadora no Brasil, pelos quais também penetrou a língua portuguesa: o do boi, o das bandeiras, e o da canoa e montaria. **[2139]**

Chediak, Antônio J. *Mobilidade do léxico de Carlos de Laet.* Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert, 1941. 102 p.

É uma tese de concurso. Apenas útil como resenha das derivações e composições vocabulares novas, usadas por Laet para fins de expressividade; muitos dos termos foram efêmeros. **[2140]**

China, José B. Oliveira. *Elementos ciganos na gíria brasileira.* (*Revista do Arquivo Municipal,* ano I, v. II, p. 19-24, v. III, p. 17-22, v. IV, p. 32-40, v. V, p. 21-28, v. VII, p. 35-45, v. IX, p. 27-35, v. XII, p. 25-38; ano II, v. XIII, p. 19-32, v. XIV, p. 15-24, v. XV, p. 121-130, v. XVI, p. 113-125, v. XVII, p. 231-240; ano III, v. XXX, p. 119-126; São Paulo, 1934-1936).

O último artigo, v. XXX, tem o título – "Elementos ciganos na gíria dos delinqüentes brasileiros". Versam todos várias palavras da gíria, procurando depreendê-las de certas raízes léxicas do caló. **[2141]**

Coelho, Francisco Adolfo. *Os dialetos românticos ou neolatinos na Ásia, África e América.* (*Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*; Lisboa, 1880, 1882, 1886).

Interessam as considerações, embora sumárias, sobre o português no Brasil, p. 153-156, p. 457-462, p. 708-717. **[2142]**

Comissão para estabelecer as normas em que se deve basear a pronúncia da nossa língua nas escolas primárias, profissionais e normais do Distrito Federal. Relatório: A prosódia nas escolas primárias. (*Boletim de Educação Pública*, p. 584-589; Rio de Janeiro, outubro-dezembro, 1930).

A Comissão examinou a pronúncia de cerca de cem crianças cariocas e filhos de pais cariocas, de todas as classes, de duas escolas situadas em pontos afastados da cidade. O Relatório, apenas, dá as conclusões normativas. Foi comentado por João Ribeiro, "A pronúncia carioca" (q.v.) e Antenor Nascentes, idem (q.v.). Também publicado no *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) de 30-VIII-1932 e na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº 133, v. XLI. **[2143]**

Congresso da língua nacional cantada, 1º, São Paulo. *Normas para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito.* São Paulo, Departamento de

Cultura, 1937. 48 p. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, nº 39. São Paulo, 1937.

Cf. o nosso artigo introdutório. Dá as conclusões votadas e as normas da pronúncia-padrão. **[2144]**

Cornu, Jules. *Die Portugiesische Sprache.* (Em *Gundriss der Romanischen Philologie*, v. 1; Strasburg, 1888).

Há duas rápidas alusões à pronúncia brasileira, p. 777 e p. 787, a primeira das quais, sobre os hiatos finais "eo", "ea", é inexata. **[2145]**

Correia, Armando de Magalhães. *Vocabulário empregado e falado no sertão carioca.* (Em *Sertão carioca*, p. 243-283; Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936; ilus.)

Trata-se da região rural da capital do país, com uma população de pequenos lavradores e pescadores. **[2146]**

Correia, M. Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.* Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1926, 1931. 2 v., 747, 707 p. ilus.

Vai até o verbete – "extremosa". Quando completo, será o maior registro de nomes vulgares de plantas brasileiras. **[2147]**

Correia, Romaguera. *Vocabulário sul-rio-grandense.* Pelotas-Porto Alegre, Echenique e Irmão, 1898. 231 p.

Dá significação; freqüentemente, etimologia; às vezes, abonação da literatura regional. **[2148]**

Coruja, Antônio Alves Pereira. *Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.* Londres, Trübner e Cia., 1856. 32 p.

O trabalho saiu primeiramente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XV, em 1852, p. 210-240. Há outra edição na Tipografia Moderna de H. Gueffier, Rio de Janeiro, 1861, 64 p. Cf. o nosso artigo introdutório. **[2149]**

Costa, Firmino. *Vocabulário analógico.* São Paulo, Melhoramentos, 1933. 226 p.

Os termos são agrupados sob as rubricas gerais de: animais domésticos, expressões diversas, graus dos nomes, locuções, onomatopéias, substantivos, sinônimos. Há muita coisa pecular ao Brasil. **[2150]**

Costa, Francisco Augusto Pereira da. *Vocabulário pernambucano.* Recife, Imprensa Oficial, 1937. 756 p. Separata da *Rev. Inst. Arq. Hist. Geo. Pernambucano*, v. 34.

Copioso registro de vocábulos, com sentido e abonação, da língua popular, e até chula, de Pernambuco, ou, mais especialmente, Recife; as abonações são da literatura de cordel e jornais populares. **[2151]**

Costa, Francisco Barreto Picanço da. *Ensaio de um vocabulário de estradas de ferro e de rodagem e ciências e artes acessórias.* Rio de Janeiro, 1880. 219 p.

Os termos técnicos portugueses são postos em correspondência com os franceses e ingleses, e, entre eles, há muitos privativos da gíria profissional do Brasil. **[2152]**

Daisson, Augusto. *À margem de alguns brasileirismos.* Porto Alegre, Livraria Globo, 1925. 143 p. ilus.

Prefácio de Zeferino Brasil, p. I-IX. Informações sobre os pesquisadores de etnografia e dialetologia no Rio Grande do Sul. **[2153]**

Daupiás, Jorge Guimarães. *Carta ao Ex^{mo} Sr. Antenor Nascentes.* (Em *Re-*

creações Filológicas, Lisboa, Livraria Bertrand, 1937, p. 121-209).

Comenta *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes (q.v.), o qual fez réplica (q.v.). O trabalho fora anteriormente publicado na *Revista de Filologia Portuguesa*, v. I, p. 115 e 247, v. II, p. 29 e 219, São Paulo, 1924. **[2154]**

Daupiás, Jorge Guimarães. *O dialeto capiau.* Rio de Janeiro. Empresa de Publicações Modernas, 1922. 92 p.

Tem certo interesse o primeiro trabalho, que dá título ao opúsculo, para contestar a influência da linguagem africana nesse falar local do Brasil. **[2155]**

Decreto-Lei nº 292, de 23-2-1938. (Em *Diário Oficial*, de 28-2-1938).

Mantém a ortografia resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa (cf. o nosso artigo introdutório, p. 387), mas estabelece uma grande redução de sinais prosódicos em *Regras para a acentuação gráfica*, as quais foram revogadas em 1943.

[2156]

Distrito Federal. Prefeitura. Secretaria Geral de Educação e Cultura. Serviço de Divulgação. Discoteca. *Discos de estudos de fonética experimental, série... nº 1, 2, 3, 5, 6, 7.* 1942.

Resgistram as pronúncias regionais de frases-padrão, mas através da fala de professoras primárias, o que torna a informação até certo ponto suspeita. Incluem: Estado do Rio, Sta. Catarina, Pará, Ceará, Alagoas, Maranhão e Sergipe**[2157]**

Edwall, Gustavo. *Ensaios para uma sinonímia dos nomes populares das plantas indígenas do Estado de São Paulo.* (Em *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*, nº 16, 2ª parte, 70 p.; São Paulo, 1906).

Amplia o trabalho de A. Löfgren (q.v.), servindo-lhe de complemento.

[2158]

Elia, Sílvio. *O problema da língua brasileira.* Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1940. 173 p.

A partir da p. 95, debate em termos gerais a questão, procurando encará-la sob o aspecto da ligação entre a cultura americana e a européia. Recensões de Amado Alonso e Serafim Silva Neto (q.v.). Prende-se aos debates de 1935; cf. o nosso artigo introdutório. **[2.159]**

Emrich, Karl. *Os nomes populares das plantas do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Livraria Globo, 1935. 76 p.

Interessa, especialmente, a primeira parte: "Nomes populares – Nomes científicos." **[2160]**

Entswistle, William James. *The Spanish language, together with Portuguese, Catalan and Basque.* London, Faber & Faber Limited, 1936. 367 p.

Trata sumariamente do "Brazilian Portuguese" (brasileiro), p. 316-323, mostrando-se bem informado.

[2161]

Fernandes, Ivo Xavier. *Ninharias de filologia.* (*Revista de Filologia Portuguesa*, ano II, nº 19-20, p. 221; São Paulo, 1925).

Interessa o comentário sobre *bonde*, p. 225-226. Cf. Alfredo Gomes (q.v.). **[2162]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Brasileirismos: apontamentos gerais sobre o estudo dos vocábulos brasileiros. (Revista da Academia Brasileira de Letras,*

ano 1, nº 1, p. 145-151; Rio de Janeiro, 1910).

É um estudo bibliográfico crítico sobre os vocabulários de brasileirismos. **[2163]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Curiosidades verbais: estudos aplicáveis à língua nacional.* São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1927. 242 p.

Interessam os estudos sobre: *A vogal átona*, p. 86-89, ou ausência do "e" mudo no português do Brasil; *Gaúcho*, p. 142-147; *Jangada*, p. 188-190; *O tatu*, p. 191-193. **[2164]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Dicionário de brasileirismos.* (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. XVII, nº 37, p. 68-75; Rio de Janeiro, 1925).

Sustenta a tese de que os dicionários no Brasil devem fundamentar-se no que há entre nós, em completa independência do léxico lusitano. **[2165]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Dicionário gramatical.* 3ª edição inteiramente refundida e muito aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1906. 331 p.

Interessam os artigos sobre *Brasileirismos*, p. 44-51; *Negro, elemento*, p. 216-222; *Cigano*, p. 56-57; *Tupi-guarani*, p. 305-311; *Dialetos*, p. 92-94. Boa apresentação das questões e boas indicações para a solução, embora certos pontos de vista tenham sido ultrapassados pelo próprio autor. **[2166]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *O elemento negro: história, folclore, lingüística;* introdução e notas do Prof. Joaquim Ribeiro e ilustrações de Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro, Record. s.d. 239 p. (Biblioteca Histórica. v 8)

É uma compilação de vários estudos de João Ribeiro sobre a influência negra, tirados de revistas e jornais, ou mesmo de outros livros do autor. Há um apêndice de seu filho Joaquim Ribeiro, p. 157-237, constante de um estudo de adivinhas africanas, uma crítica ao *Elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jaques Raimundo (q.v.), e uma polêmica com Renato Mendonça (q.v.), muito informativa, mas com aspectos de revide pessoal, de lado a lado. **[2167]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Estudos filológicos.* Nova Edição. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1902. 232 p.

Interessam: a sugestão sobre a influência do clima na pronúncia brasileira, p. 51-61, e, mais relevante, a tese de uma persistência da indisciplina gramatical do português arcaico como explicação da colocação dos pronomes pessoais átonos no Brasil, p. 203-207. **[2168]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Língua independente ou reformada.* (*Revista de Filologia Portuguesa*, ano II, nº 17, p. 11-19; São Paulo, 1925).

Insiste nas suas idéias, expostas na *Língua nacional* (q.v.), contra a estrita obediência à norma literária d'além-mar, sem que isso importe na criação de uma língua própria brasileira. **[2169]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *A língua nacional: notas aproveitáveis*, 2ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1933. 263 p.

Contra a obediência estrita à norma lingüística lusitana. Transcreve e comenta o trabalho do Visconde de Pedra Branca (q.v.). Cf., ainda, *Revista da Língua Portuguesa*, nº 7 p. 43-48. Estuda algumas palavras e locuções correntes no Brasil. **[2170]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Notas e fragmentos de alguns vocábulos brasileiros.* (*Revista da Língua Portuguesa*, nº 4, p. 45-52; Rio de Janeiro, 1920).

Coteja os brasileirismos *inhapa, chácara, tocaio,* com o espanhol sul-americano, procurando depreender-lhes as viagens; finalmente, trata de *engambelar*. **[2171]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *O padre Teschauer.* (*Revista de Cultura*, ano IV, nº 45, p. 144-147; Rio de Janeiro, 1930).

Apreciação da figura e da obra (q.v.). **[2172]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *A pronúncia carioca.* (Em *Jornal do Brasil* de 11-11-1932; Rio de Janeiro)

Comenta o "Relatório" da comissão nomeada para estudar a pronúncia-padrão do Distrito Federal (q.v.). Também publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº 133, v. XLI. **[2173]**

Ficalho, conde de.

vide

Melo, Francisco Manuel de, conde de Ficalho.

Fonseca, Artur Arézio da. *Dicionário de termos gráficos.* Bahia, Imprensa Oficial, 1936. 572 p.

Contém muitos termos e locuções da gíria dos tipógrafos no Brasil. **[2174]**

Fonseca, Paulino Nogueira Borges da. *Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará, com explicações etimológicas, ortográficas, topográficas, históricas, terapêuticas, etc. (Rev. Inst. Hist. Geo. Ceará,* tomo I, p. 209-432; Fortaleza, 1887.)

As explicações etimológicas têm a precariedade de todas as que se fazem no âmbito tupi. **[2175]**

Furtado, J. Azurem. *As pesquisas ictiológicas na Baía do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, 1903. 179 p. ilus.

Copioso vocabulário de nomes vulgares de peixes e de coisas referentes à pesca. **[2176]**

Gaby, B. *Vocabulário e locuções de gíria usadas pelos menores delinqüentes. (Boletim do Serviço Social dos Menores,* v. I, nº 1, p. 36-44; São Paulo, 1942.)

A autora conhece profundamente o ambiente. **[2177]**

Galvão, Homero Reheder. *A gíria dos garimpeiros do rio das Garças.* (*Revista do Arquivo Municipal*, ano I, v. III, p. 31-34; São Paulo, 1934). **[2178]**

Garcia, Rodolfo Augusto de Amorim. *Dicionário de brasileirismos: peculiaridades pernambucanas.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915. 291 p.

Introdução, p. VII-XXVIII, com um histórico dos vocabulários brasileiros anteriores e uma classificação dos brasileirismos. Cada verbete inclui: significação, etimologia inconclusa ou etimologias prováveis com indicação de quem as propõe; área geográfica do emprego; abonação, quando é termo raro; indicação se consta, ou não, de vocabulários anteriores. Cf. nosso artigo introdutório. **[2179]**

Garcia, Rodolfo Augusto de Amorim. *Nomes de aves em língua tupi: contribuição para a lexicografia portuguesa;* publicação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura, 1913. 37 p.

Parte integrante do *Glossário das palavras portuguesas derivadas da língua tupi*, obra inédita. Dá: o correspondente nome científico e família; formas variantes; área geográfica do emprego; etimologia, partindo da discutível hipótese da aglutinação. Há uma reedição aumentada in *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1920, v. 5, nº 3, p. 1-54. **[2180]**

Garcia, Rodolfo Augusto de Amorim. *Nomes geográficos peculiares ao Brasil.* (*Revista da Língua Portuguesa*, tomo III, p. 153-188; Rio de Janeiro, 1920).

Apresenta-se como contribuição ao futuro *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Dá a definição e a área geográfica do emprego; nos termos de origem tupi propõe etimologia pela discutível hipótese de uma aglutinação. **[2181]**

Gomes, Alfredo Augusto. *Gramática Portuguesa.* 16ª edição correta e aumentada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

Obra Didática. Interessam as informações da p. 432 sobre *bonde*.

[2182]

Gomes, Lindolfo. *Bosquejo sobre a linguagem e a escola mineira.* (*Revista da Língua Portuguesa*, nº 19, p. 253-273; Rio de Janeiro, 1922).

Examina a linguagem dos mais conhecidos poetas da escola mineira, séc. XVIII, para mostrar como eram "corretos", isto é, como se pautavam pela norma literária ultramarina.

[2183]

Gomes, Lindolfo. *Vocabulário, com a explicação ou significados dos principais modismos, locuções populares, plebeísmos e brasileirismos empregados no texto deste volume e do 2º.* (Em *Contos Populares, Episódios, Cíclicos e Sentenciosos colhidos na tradição oral, no Estado de Minas*, v. 1, 101-119; São Paulo, Cia. Melhoramentos.)

Comenta variadamente os verbetes: duas ou três vezes dá etimologia.

[2184]

Gomes, Pedro. *Linguagem Popular Comparada.* (*Revista de Filologia Portuguesa*, ano I, nº 21-24, p. 297-307; São Paulo, 1925).

Trata da gíria brasileira, comparando-a, um tanto superficialmente, com as de outros povos. **[2185]**

Guimarães, João. *Flor do Lácio: palavras indicionarizadas.* (*Revista da Língua Portuguesa*, 2ª série, nº 2, p. 75-90; Rio de Janeiro, 1931.)

Não visa à diferenciação lingüística brasileira; mas colheu principalmente os vocábulos registrados na literatura brasileira. São, em regra, derivações e composições de tipo erudito. **[2186]**

Hall, Robert (Junior). *Ocurrence and orthographical representation of phonemes in Brazilian Portuguese.* (*Studies in Linguistics*, vol. II, nº 1, New Haven, Connecticut.) *Units phonemes in Brazilian Portuguese.* (*Studies in Linguistics*, vol. I. nº 15, New Haven, Connecticut.)

São dois pequenos artigos na revista mimeografada *Studies in Linguis-*

tics, ed. George Trager, Yale Graduate School, New Haven Connecticut. Procuram fazer uma interpretação fonêmica do português do Brasil, partindo da observação de um informante brasileiro. São dois bons ensaios de sistematização, embora com falhas práticas e teóricas de detalhe. **[2187]**

Hoehne, Frederico Carlos. *O que vendem os hervanários da cidade de São Paulo.* São Paulo, Serviço Sanitário do Estado. 1920. 248 p. (Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, N.S., nº 14.)

Útil registro de nomes vulgares de ervas. **[2188]**

Iherïng, Rodolpho von. *Dicionário dos animais do Brasil;* publicação da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. São Paulo, Diretoria da Publicidade Agrícola, 1940. 900 p. ilus.

Os termos populares são identificados pela respectiva denominação científica. Em muitos verbetes há curiosas informações folclóricas.

[2189]

Jucá, Cândido (Filho). *Língua nacional; as diferenciações entre o português de Portugal e o do Brasil autorizam a existência de um ramo dialetal do português peninsular?* Rio de Janeiro, 1937. 136 p.

Procura responder pela negativa, examinando variados fatos. Prende-se ao debate de 1935; cf. o nosso artigo introdutório. Falta ao livro uma compreensão serena e objetiva da língua popular. Recensão de Amado Alonso (q. v.). **[2190]**

Jucá, Cândido (Filho). *A pronúncia brasileira.* Rio de Janeiro, Co-editora Brasileira, 1939. 71. p.

Propõe-se a orientar os estrangeiros na elocução prática, através de explicações em três idiomas. Na p. 54, uma pequena transcrição fonética. **[2191]**

Laytano, Dante de. *Os africanismos do dialeto gaúcho.* Porto Alegre, 1936. 66 p. Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul,* 2º trimestre do ano XVI; Porto Alegre, 1936.

Às vezes arrola como africanismos termos que não o são. **[2192]**

Laytano, Dante de. *Vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul; Etimologia dos termos praieiros usados na costa do Nordeste.* Porto Alegre, 1937. 34 p.

Apresentado no 2º Congresso de História e Geografia Sul-riograndense (Porto Alegre, 1937; *Anais,* v. III, p. 237-256). Há recensão de Antenor Nascentes (q.v.). **[2193]**

Leda, João. *A quimera da língua brasileira.* Manaus. 1939. 152 p.

O autor sustenta a tese da unidade lingüística entre Portugal e o Brasil. Faz o histórico dos debates sobre essa unidade, e estuda os brasileirismos e a língua popular na literatura. Prende-se ao debate de 1935 (cf. o nosso artigo introdutório) e tem um tom meio polêmico. **[2194]**

Leite, Cassiano Ricardo. *A Academia e a lingua brasileira.* (*Revista da Academia Brasileira de Letras,* v. 61, p. 326-387; *Anais* de 1941.)

Prende-se indiretamente ao debate de 1935 (cf. o nosso artigo introdutório). Tem o caráter de manifesto literário radical. **[2195]**

Leite, Solidônio Ático. *A língua portuguesa no Brasil.* Rio de Janeiro, J. Leite e Cia., 1922. 116 p.

O autor é estritamente classicista; a parte interessante do livro é um averbamento de vocábulos usuais no Brasil que constam de obras e dicionários portugueses, p. 75-97. Esta parte saiu antes na *Revista da Língua Portuguesa*, nº 4, p. 87-96 (Rio, 1920).

[2196]

Lemos, José Virgílio da Silva. *A língua portuguesa no Brasil*. (Em *Anais* do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado na cidade de São Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916, v. 1, p. 851-899; Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1917).

Há separata. Tentativa de interpretação doutrinária; cf. o nosso artigo introdutório. A sua tese é que a língua se barbarizou, de início no ambiente americano, para em seguida "procurar aproximar-se dos velhos e bons padrões metropolitanos" (p. 875) **[2197]**

Lemos, Miguel. *Normas ortográficas tendentes a simplificar e ordenar a ortografia de nossa língua*. Rio de Janeiro, Apostolado Positivista do Brasil, 1901. 72 p. (*Apostolado Positivista do Brasil*, nº 203).

Estas normas são ainda seguidas pelos adeptos da Igreja Positivista no Brasil; são mais radicais que as de Gonçalves Viana. Cf. o nosso artigo introdutório. Nas *Notas justificativas*, p. 17-48, há considerações de ordem teórica sobre a diferenciação lingüística brasileira. **[2198]**

Lima, Eugênio. *Brasileirismos*. (Em *Almanaque Garnier*, p. 473-475; Rio de Janeiro, 1914).

Escreve sob o pseudônimo de Silva Romeiro. São peculiaridades regionais do sertão baiano, zona do São Francisco. **[2199]**

Lima, Herman. *Notas*. (Em *Garimpos*, p. 277-282; Rio de Janeiro, 1932).

Informações sobre a gíria dos garimpeiros baianos. **[2200]**

Lima, Hildebrando, e **Barroso**, Gustavo. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa;* organizado por Hildebrando Lima e Gustavo Barroso; revisto por Manuel Bandeira e José Batista da Luz; 3ª edição refundida, revista e aumentada. São Paulo, Editora Nacional, 1942. 1212 p.

Houve redatores especiais para determinados grupos de termos. Os brasileirismos estão averbados com esta classificação sob a responsabilidade de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. **[2201]**

Lima, José Francisco da Silva. *Glossário médico: vocábulos, frases e locuções incorretas, ou variavelmente escritos, pronunciados e interpretados*. (*Gazeta Médica*, v. 24, p. 331, 475, 523, 570; v. 25, p. 46, 94, 139, 189, 238, 285, 577; Bahia, 1893-1894).

Útil indicação sobre o tratamento da tecnologia médica na língua popular. **[2202]**

Löfgren, Alberto. *Ensaio para uma sinonímia dos nomes populares das plantas indígenas do Estado de São Paulo*. São Paulo, 1894. 115 p. (*Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo*, nº 10).

Há no mesmo sentido um trabalho posterior de Gustavo Edwall (q. v.). **[2203]**

Macedo Soares, Antônio Joaquim de.
vide

Soares, Antônio Joaquim de Macedo.

Machado, Aires da Mata (Filho). *O dialeto crioulo de S. João da Chapada.* (Em *Miscelânea de estudos em honra de Manuel Said Ali* (q. v.), p. 39-48.)

Explica o ambiente; transcreve alguns *vissungos*, ou cantos de trabalho, e algumas palavras do vocabulário do dialeto. **[2204]**

Machado, Aires da Mata (Filho). *Escrever certo; 2ª série.* Rio de Janeiro, Editora ABC, 1938. 286 p.

Interessam, p. 60-75, as considerações sobre a linguagem popular e etimologia do topônimo *Congonha*. **[2205]**

Machado, Aires da Mata (Filho). *Fraseologia diferencial luso-brasileira.* (Em *Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes*, p. 57-60; Rio de Janeiro, 1941).

Comenta as frases-feitas "em ponto de bala" e "pentear macacos". **[2206]**

Machado, Aires da Mata (Filho). *O negro e o garimpo em Minas Gerais. (Revista do Arquivo Municipal*, ano 6, v. 62, p. 309-356, v. 63, p. 271-298; São Paulo, 1939).

São os capítulos de VIII a XII da obra dedicados ao estudo da linguagem. No v. LXII, são transcritas e analisadas as cantigas de trabalho. No v. LXIII, é estudado o dialeto crioulo de São João da Chapada, com um amplo vocabulário, bem como os vestígios do dialeto crioulo no falar local. **[2207]**

Machado, Aires da Mata (Filho). *Problemas da língua.* Belo Horizonte, Livraria Rex, 1941. 228 p.

Interessam os estudos sobre *A dialetologia em Minas*, p. 170-177, que é um comentário crítico a *O falar mineiro* de José A. Teixeira (q. v.), e sobre *O português no Brasil*, de Renato Mendonça (q. v.). Doutrina segura sobre essas duas questões. **[2208]**

Marques, Francisco Xavier Ferreira. *Cultura da língua nacional; com uma coleção de especímens da língua escrita no Brasil.* Bahia, Livraria Progresso, 1933. 202 p.

Debate o problema da língua literária no Brasil, procurando um equilíbrio entre a solicitação da norma ultramarina e a da língua popular. Discute o plano do *Dicionário da Academia Brasileira de Letras*. **[2209]**

Marroquim, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco).* São Paulo, Editora Nacional, 1934. 239 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 5, Brasiliana, v. 25).

Estudo bastante detalhado da fonética, morfologia e sintaxe da língua coloquial nessas regiões; muitos fatos abrangem áreas mais amplas. O autor assume uma atitude radicalmente hostil à norma literária e escolar. V. recensão de Antenor Nascentes. **[2210]**

Martínez de Aguiar

vide

Aguiar, Martínez de.

Mata, Alfredo Augusto da. *Flora médica brasiliense.* Manaus, 1913. 309 p.

Copioso registro de nomes de plantas privativos da língua do Brasil. **[2211]**

Mata, Alfredo Augusto da. *Vocabulário amazonense: contribuição para o seu estudo.* Manaus, 1939. 316 p.

Distingue se é termo regional ou popular. Inclui também muitos ter-

mos técnico-científicos, fora do objetivo próprio da obra. Só dá significação. **[2212]**

Mata Machado Filho
vide
Machado, Aires da Mata (Filho).

Matos, José Veríssimo Dias de. *Palavras de origem tupi-guarani usadas pela gente amazônica e em prática corrente na região.* (Em *Cenas da Vida Amazônica*, p. 38-55; Lisboa, 1886.)

Ensaio ainda útil; as explicações etimológicas devem ser lidas com cautela. **[2213]**

Matos, José Veríssimo Dias de. *As populações indígenas e mestiças da Amazônia: linguagem, crenças e costumes.* (*Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, v. L, parte 1ª, p. 295-390; Rio de Janeiro, 1887).

Cf. José Veríssimo, *Cenas da vida amazônica.* **[2214]**

Matos, José Veríssimo Dias de. *Vocabulário das palavras de origem tupi usadas pelas raças cruzadas do Pará.* (Em *Primeiras páginas*, p. 71-141; Belém, 1878.)

Cf. José Veríssimo, *Cenas da vida amazônica.* **[2215]**

Matoso Câmara Junior
vide
Câmara, Joaquim Matoso (Júnior).

Melo, Francisco Manuel de, conde de Ficalho. *Nomes vulgares da algumas plantas africanas, principalmente angolenses.* (*Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2ª série, p. 603-707, 1880; 3ª série, p. 479-612, 1882).

Presta-se a um estudo comparativo com nomes de origem africana do Brasil. **[2216]**

Melo, Mário. *Ensaios sobre alguns topônimos pernambucanos.* (*Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, v. 30, p. 175-231; Recife, 1930).

Apresenta-se como uma reedição aumentada de *O tupi na corografia Pernambucana,* de Alfredo de Carvalho (q. v.). Obedece a mesma orientação. **[2217]**

Melo Morais Filho
vide
Morais, Alexandre José de Melo (Filho).

Mendes, Amando. *Vocabulário amazônico: estudos.* São Paulo, 1942. 154 p.

Só dá significação; às vezes inclui uma frase exemplificativa do alcance do termo. **[2218]**

Mendonça, Renato de. *A influência africana no português do Brasil;* prefácio de Rodolfo Garcia. 2ª edição ilustrada. São Paulo, Editora Nacional, 1935. 255 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5, Brasiliana, v. 47.)

Refundição de uma tese de concurso. Versa a complexa questão num tom às vezes excessivamente afirmativo. Termina por um vocabulário com étimo, área geográfica de emprego e abonação. V. recensão de Silva Campos, e a polêmica com Joaquim Ribeiro em *O negro brasileiro* de João Ribeiro. **[2219]**

Mendonça, Renato de. *O português do Brasil: origens, evolução, tendências.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936. 344 p. (Biblioteca de Divulgação Científica, v. 10).

Tentativa de justificação doutrinária do conceito de uma "língua brasileira". Prende-se ao debate de 1935; cf. o nosso artigo introdutório. Não é um estudo de serena objetividade. Teve recensões de Amado Alonso, Antenor Nascentes, Aires

da Mata Machado Filho, S. Putnam, H. Tronchon (q.v.). **[2220]**

Meyer, Augusto. *Gaúcho, gaudério, guasca.* (*Revista Brasileira*, ano 1, nº 1, p. 207-219; Rio de Janeiro, 1941).

Estudo desses três regionalismos do Rio Grande do Sul, na origem e na evolução semântica. **[2221]**

Millardet, G. *Leme.* (Em *Jornal do Comércio* de 19-3-1939; Rio de Janeiro).

Prende a influência da terminologia náutica à origem desse topônimo da cidade do Rio de Janeiro. **[2222]**

Miranda, Vicente Chermont de. *Glossário paraense; ou, Coleção de vocábulos peculiares à Amazonia e especialmente à ilha de Marajó.* Pará, Livraria Maranhense, 1905. 120 p.

Houve a especial preocupação de consignar, além dos termos amazonenses em geral, os da linguagem pastoril de Marajó. A obra anuncia-se como parte de outra, não executada, sobre *A criação do gado no Marajó.* **[2223]**

Miscelânea de estudos em honra de Manuel Said Ali, professor do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 1938. 142 p.

Interessam os estudos de Mata Machado Filho; Antenor Nascentes; Julio Nogueira; Otelo Reis; Serafim Silva Neto; A. F. de Sousa da Silveira (q.v.). **[2224]**

Monte, Oscar. *Os nome vulgares dos insetos do Brasil, coordenados alfabeticamente.* (*Almanaque Agrícola Brasileiro*, p. 228-286; São Paulo. 1928).

A relação foi ampliada por Ernesto Ronna e pelo próprio Oscar Monte, no mesmo *Almanaque*, em 1930 e 1932, respectivamente. **[2225]**

Monteiro, Clóvis. *O ensino da língua nacional; aula inaugural do ano letivo no Colégio Pedro II.* (Em *Jornal do Comércio* de 21-3-1937; Rio de Janeiro.)

Examina doutrinariamente e com serenidade a questão da diferenciação lingüística, e a conveniente atitude didática a respeito. Prende-se indiretamente aos debates de 1935; cf. o nosso artigo introdutório. **[2226]**

Monteiro, Clóvis. *A linguagem dos cantadores, segundo textos coligidos e publicados por Leonardo Mota; contribuição para o estudo do português popular no norte do Brasil.* Rio de Janeiro,1933. 71 p.

Tese de concurso. Começa por uma lista léxica dos textos estudados, em que os termos são ordenados pela língua de origem (p. 7-41); só comenta e dá significação em casos especiais. Estuda ainda sumariamente as tendências fonéticas e as peculiaridades gramaticais. Cf. Leonardo Mota, *Cantadores.* **[2227]**

Monteiro, Clóvis. *Nova antologia brasileira.* Rio de Janeiro. F. Briguiet e Cia., 1934.

Obra didática. Interessam as seguintes notas: aboiado, aboio, p. 132; botar, p. 67; cornimboque, p. 180; crear, criar, p. 60; enfernizar, p. 178; *lhe* como acusativo, p. 384; jangada, p. 383; minguar, p. 189; pasmo, pasmado, p. 365; pegar de saia, p. 130; pelangas, pelancas, p. 66; surcar, p.195. **[2228]**

Monteiro, Clóvis. *Português da Europa e português da América; aspectos da evolução do nosso idioma.* Rio de Janeiro, 1931. 254 p.

Refundição de duas teses de concurso. No final da primeira, *Da ten-*

dência analítica, 98 p., examina sumariamente certos aspectos da língua popular no Brasil, como uma fase da evolução analítica que vem desde o latim. Na segunda, 99 p., *Da influência Tupi*, discute doutrinariamente a questão, e dá uma lista de vocábulos brasileiros de origem tupi, com significação e etimologia. Uma terceira parte versa sobre *O problema ortográfico*. V. recensão parcial de Joaquim Ribeiro. **[2229]**

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *Os ciganos do Brasil: contribuição etnográfica.* Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1886. 203. p.

A "4ª parte" do trabalho é o *Vocabulário*, p. 159-172. Há ainda informação sobre as alcunhas, p. 66-69, e sobre a gíria secreta dos ciganos, p. 106-107. **[2230]**

Morais, Luís Carlos de. *Vocabulário sul-rio-grandense.* Porto Alegre, Livraria Globo, 1935. 228. p.

Em regra só dá a significação.

[2231]

Morais, Raimundo de. *O meu dicionário das coisas da Amazônia.* Rio de Janeiro, 1931. 2 v. 208, 204 p.

Amplo vocabulário de termos respeitantes da etnografia da região.

[2232]

Mota, Artur. *História da literatura brasileira; época de formação (século XVI-XVII).* São Paulo, Editora Nacional, 1930. 496 p.

Interessam as considerações sobre o regionalismo, o vulgarismo e o purismo na língua literária do Brasil, p. 132-136. **[2233]**

Mota, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense.* Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1921, 399 p. ilus.

O autor estuda o tema como literato, e transcreve muitas poesias de cantadores populares. Há um "Elucidário" léxico, p. 361-389. As transcrições não visam ao rigor fonético, mas serviram de texto para *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro (q.v.). **[2234]**

Mota, Leonardo. *Linguagem popular: notas a serem adicionadas aos capítulos "Elucidário" e "Modismo e adagiário" dos livros* "Cantadores" *e* "Violeiros do Norte". (Em *Sertão Alegre: Poesia e Linguagem do Sertão Nordestino*, p. 239-284; Belo Horizonte, 1928.)

Cf. Leonardo Mota, *Cantadores*.

[2235]

Mota, Otoniel de Campos. *Horas filológicas.* São Paulo, Editora Nacional, 1937. 263 p.

Interessam as nótulas sobre: *degas*, p. 107; *rabicó*, p. 190; *tico-tico*, p. 129. **[2236]**

Nascentes, Antenor. *Carta ao Ex^mo^ Sr. Jorge Guimarães Daupiás. (Revista de Filologia Portuguesa,* ano I, nº 7-8, p. 203-211; São Paulo, 1924).

Resposta à carta do destinatário (q.v.). **[2237]**

Nascentes, Antenor. *Chorar pitanga*. (*Revista de Cultura*, ano XI, nº 130, p. 209-211; Rio de Janeiro, 1937.)

Histórico das explicações para a locução; proposta de uma nova explicação, fundamentada num fato anedótico teatral do Rio. **[2238]**

Nascentes, Antenor. *Estudos filológicos;* 1ª série. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939. 158 p.

Informações sobre a história externa do português no Brasil e sobre a história dos estudos filológicos no Brasil. Compreensivo debate doutrinário da questão da diferenciação lingüística brasileira, a propósito de um projeto de lei neste sentido (cf. o nosso artigo introdutório). No estudo *Questões de fonética*, defende idéias suas anteriores em resposta a José Oiticica (q.v.). **[2239]**

Nascentes, Antenor. *Um glossário luso-americano.* (*Revista de Filologia Portuguesa*, nº 18, p. 157-162; São Paulo, 1925.)

Aprecia a necessidade e os planos de um glossário para o português no Brasil. **[2240]**

Nascentes, Antenor. *O idioma nacional.* São Paulo, Editora Nacional,1937.

Obra didática. Tem um capítulo sobre *Pronúncia normal brasileira*, p. 68-70, em que expõe por que deve ser ela a da capital do país. O estudo de *Fonética*, p. 18-42, e *Ortoepia*, p. 43-67, é baseado nessa pronúncia. **[2241]**

Nascentes, Antenor. *O idioma nacional; v. 4: gramática histórica.* 2ª edição. Rio de Janeiro, 1933. 305 p.

Obra didática. Tem um capítulo especial sobre *O português do Brasil*, p. 240-263, no qual enumera as principais peculiaridades da língua no Brasil, dá um mapa dialetológico, não definitivo, do território brasileiro, p. 244, e transcreve foneticamente, mas sem rigor técnico, pois com o alfabeto comum, a pronúncia portuguesa e a brasileira de uma estância de *Os Lusíadas.* **[2242]**

Nascentes, Antenor. *José de Alencar e a língua brasileira.* (*Revista de Cultura*, ano XII, nº 141, p. 180; Rio de Janeiro, 1938).

Transcreve um depoimento de Mário de Alencar, filho de José de Alencar, sobre as idéias e os escritos paternos a respeito desse tema. **[2243]**

Nascentes, Antenor. *A língua do Nordeste.* (Em *O Globo*, de 6-8-1934; Rio de Janeiro).

Recensão da obra de Mário Marroquim (q. v.), com retificações a ela. **[2244]**

Nascentes, Antenor. *O linguajar carioca em 1922.* Rio de Janeiro, 1922. 127 p.

Estudo da língua popular do Rio na época, com parte gramatical, 89 p., e vocabulário; cf. o nosso artigo introdutório. Considerações sobre a dialetação no Brasil, p. 11-21. **[2245]**

Nascentes, Antenor. *O português do Brasil.* (Em *Jornal do Comércio*, de 6-6-1937; Rio de Janeiro.)

Recensão do livro de Renato Mendonça (q.v.). **[2246]**

Nascentes, Antenor. *Português em boca de estrangeiros.* (Em *Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali*, p. 61-72).

Cita as principais línguas trazidas com a imigração de ultra-mar, e procura fixar as deturpações de pronúncia no português dos imigrantes, conforme a correspondente língua materna. **[2247]**

Nascentes, Antenor. *Recensões.* (*Revista de Cultura*, ano XI, nº 131-132, p. 329-330; ano XII, nº 134, p. 122-123; ano XII, nº 141, p. 198; Rio de Janeiro, 1937-1938).

Tratam respectivamente dos seguintes trabalhos (q.v.): *Vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul*, de Dante de Laytano; *Em torno do problema da língua brasileira*, de Antônio Sérgio; *Anais do primeiro Congresso da língua nacional cantada*. **[2248]**

Nascentes, Antenor. *El tratamiento de "señor" en el Brasil.* (Em *Anales de la Faculdade de Filosofia y Educación*. Universidad de Chile, ano II, nº 1, p. 29-35; Santiago de Chile, 1937-1938.)

Saiu uma redação portuguesa em *Revista de Cultura*, ano XI, nº 128, p. 65-70; Rio de Janeiro, 1937. **[2249]**

Neiva, Artur. *Estudo da língua nacional.* São Paulo, Editora Nacional, 1940. XXXVIII, 370 p. (Biblioteca Pedagogica Brasileira, série 5, Brasiliana, v. 178.)

Contém duas partes. A 1ª trata *Dos vocabulários de brasileirismos* e dá uma resenha muito minuciosa dos vocabulários existentes, inclusive dos de termos da história natural e de língua técnica, p. 1-94. Na 2ª *Da influência do Tupi-guarani no falar brasileiro*, há estudos sobre nomes próprios de origem tupi, nomes de animais da mesma proveniência, e sobre trabalhos brasileiros referentes ao tupi. **[2250]**

Neves, Maurício das. *Expressões populares.* (Em *Revista da Língua Portuguesa*, nº 16, p. 37-42; nº 22, p. 183-186; nº 32, p. 21-24; Rio de Janeiro, 1922, 1923, 1924).

Arrola termos da língua popular, que foram aproveitados em livros brasileiros de leitura, citando a frase abonadora. **[2251]**

Nina Rodrigues, Raimundo.

vide

Rodrigues, Raimundo Nina.

Nobiling, Oskar. *Brasileirismos e crioulismos.* (*Revue de Dialectologie Romane*, v. 3, p. 189-192, 1911; reproduzido em *Revista Filológica*, ano 2, nº 7, p. 63-67; Rio de Janeiro, 1941).

Mostra a falta de fundamento científico na explicação sistemática dos brasileirismos pela influência indígena ou africana. Comenta a propósito o que diz Gonçalves Viana, nas *Palestras filológicas* (q.v.), sobre a colocação dos pronomes pessoais átonos no Brasil. **[2252]**

Nobiling, Oskar. *Die Nasalvocale in Portugiesischen.* (*Die Neueren Sprachen*, v. 11. p. 138 e ss., 1904.)

Trata do caráter ditongado das vogais nasais em São Paulo. **[2253]**

Nogueira, Batista Caetano de Almeida. *Rascunhos sobre a gramática da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, 1881. 222 p.

É da autoria de Batista Caetano de Almeida Nogueira; cf. o nosso artigo introdutório. No debate, só versa a norma literária. **[2254]**

Nogueira, Júlio. *Os verbos* imiscuir-se *e* emitir. (Em *Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali*, p. 73-76) (q.v.).

Debate como teriam surgido estes dois brasileirismos da nossa língua culta e de derivação latina erudita. **[2255]**

Nogueira, Paulino.

vide

Fonseca, Paulino Nogueira Borges da.

Oitícica, José Rodrigues Leite e. *Estudos de fonologia*. Rio de janeiro, 1926. 79 p.

Tese de concurso. Fundamenta-se na observação da pronúncia padrão brasileira. **[2256]**

Oiticica, José Rodrigues Leite e. *Estudos dialetais.* (Em *Correio da Manhã* de 7 de outubro de 1922, Rio de Janeiro.)

Recensão do *Linguajar carioca* de Antenor Nascentes (q. v.). **[2257]**

Oiticica, José Rodrigues Leite e. *Sistema fonético brasileiro.* (*Euclides,* v. 2, tomo I, ns. 4 a 8; Rio de janeiro, 1940.)

É uma exposição da pronúncia-padrão brasileira, segundo o autor, em contestação a Antenor Nascentes (q. v.). **[2258]**

Oliveira, Sebastião Almeida. *Expressões do populário sertanejo: vocabulário e superstições.* São Paulo, Civilização Brasileira, 1940. 219 p.

Interessa o primeiro capítulo, p. 17-173, o qual é um "Vocabulário regional", com significação apenas. **[2259]**

Pais, Elpídio Ferreira. *Alguns aspectos da fonética sul-rio-grandense.* Porto Alegre, Livraria Globo, 1938. 81 p.

É reprodução de um estudo publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.* Tem dois minuciosos capítulos sobre fonética, um sobre morfologia e observações finais sobre derivação. **[2260]**

Pais, Elpídio Ferreira. *Dois séculos de linguagem portuguesa.* (Em *Anais do III Congresso Sul-rio-grandense de História e Geografia*, v. 4, p. 2517-2541; Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1940.)

Mostra a ainda lenta evolução da língua no Brasil, e acentua os traços arcaicantes e castelhanizantes na língua popular do Rio Grande do Sul, bem como a influência da colonização estrangeira. **[2261]**

Pederneiras, Raul Paranhos. *Geringonça carioca, verbetes para um dicionário da gíria.* Rio de janeiro, 1910. 50 p.

Tentativa num âmbito quase inexplorado. **[2262]**

Pedra Branca, visconde da.

vide

Barros, Domingos Borges de, visconde da Pedra Branca.

Pereira da Costa, Francisco Augusto.

vide

Costa, Francisco Augusto Pereira da.

Peixoto, Afrânio. *A língua comum.* Lisboa, 1940. 12 p. Separata de *Brotéria*, v. XXXI, nº 1, Lisboa, 1940.

Sustenta a tese de que há satisfatória unidade lingüística entre Portugal e o Brasil. **[2263]**

Peixoto, Afrânio. *Miçangas, poesia e folclore.* São Paulo, Editora Nacional, 1931.

Interessam os seguintes estudos: *Notas sobre o vocabulário médico popular no Brasil*, p. 43-60; *Adágios brasileiros*, p. 61-106; *Brasileirismos,* p. 107-172. Este último estudo, anteriormente publicado na *Revista de Filologia Portuguesa* (São Paulo, 1924), é um vocabulário em que cada verbete contém significação e uma abonação. **[2264]**

Peregrino, João da Rocha Fagundes (Júnior). *Vocabulários em: "*Puçanga*", Episódios e paisagens da Amazônia,* p. 183-186**,** Rio de Janeiro, 1929**;** "Matupã", *Tipos e costumes da Amazônia,* p. 181-209, Rio de Janeiro, 1933; Histórias da Amazônia: *contos,* p. 274-289, Rio de janeiro, 1936.

Trata-se das línguas popular e crioula da Amazônia. **[2265]**

Piel, José. *A propósito de três brasileirismos.* Brasília, v. 1, p. 57-61.

Estuda a etimologia de *aceirar*, *estumar* e *mojar*. **[2266]**

Pinto, Joaquim de Almeida. *Dicionário de botânica brasileira; ou, Compêndio de vegetais tanto indígenas como aclimados;* revisto por uma comissão da Sociedade Velosiana e aprovado pela Sociedade de Medicina da Corte. Rio de Janeiro, 1873. 433 p. ilus., planchas fora do teto.

Obra clássica no seu gênero. **[2267]**

Pinto, Pedro Augusto. *Brasileirismos e supostos brasileirismos de* "Os sertões" *de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, 1931. 139 p.

Cf. o nosso comentário ao vocabulário geral de *Os Sertões*, também de Pedro Augusto Pinto. **[2268]**

Pinto, Pedro Augusto. *Notas de linguagem portuguesa: termos e expressões.* (Em *Revista de Filologia Portuguesa*, ano I, nº 11, p. 95-102. nº 12, p. 247-253; ano II, nº 13, p. 49-54; nº 14, p. 149-154; nº 15-16, p. 215-220; nº 17, p. 31-42; nº 19-20, p. 59-66; nº 21-24, p. 265-274. São Paulo.)

Comenta especialmente termos e locuções tidos como brasileirismos e tira a sua conclusão a respeito. **[2269]**

Pinto, Pedro Augusto. Os sertões *de Euclides da Cunha: vocabulário e notas lexicológicas.* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1930. 315 p.

Euclides da Cunha usou muitos neologismos de tipo erudito, e muitos regionalismos para a descrição dos homens e das coisas dos sertões. **[2270]**

Pires, Cornélio. *Vocabulário: brasileirismos, arcaísmos e corruptelas empregados na Musa caipira. Cenas e paisagens da minha terra, Quem conta um conto..., Conversa ao pé do fogo e na presente obra.* (Em *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho*, p. 157-219; São Paulo, 1924.)

Língua popular de São Paulo, zona caipira. Cf. Amadeu Amaral (q. v.). **[2271]**

Programa de português para o ensino secundário: instruções para a sua execução. (Em *Suplemento do Diário Oficial do Governo Federal*, de 16-7-1924).

Orienta os professores de português sobre a conveniente atitude didática de respeitar a língua coloquial no âmbito que lhe é próprio. **[2272]**

Putnam, Samuel. *The Brazilian Language.* (Em *Books abroad*, p. 418-419; Oklahoma, 1938.)

É uma recensão de *O português do Brasil*, de Renato Mendonça (q. v.) e do opúsculo *A língua do Brasil*, de Luís Viana Filho. **[2273]**

Ramos, Eládio. *O português arcaico e a linguagem popular no Brasil.* (Em *Revista da Língua Portuguesa* nº 44, p. 17-40; Rio de Janeiro, 1926.)

Procura reunir os traços lingüísticos do português popular no Brasil, aproximáveis do que havia no português arcaico. Apóia-se freqüentemente em Franco de Sá e João Ribeiro. Inclui no estudo, absurdamente, os erros de grafia mais comuns no povo. **[2274]**

Ramos, José Júlio da Silva. *Em ar de conversa.* (*Revista de Cultura*, ano I, nº 1, p. 14-22; Rio de Janeiro, 1927.)

Comenta com intuito normativo incorreções enraizadas no português colonial do Brasil; no nº 2, p. 118,

vem uma corrigenda. O trabalho foi integralmente transcrito, p. 141-151, nos *Trechos Seletos*, de Sousa da Silveira (q. v.). **[2275]**

Ramos, José Júlio da Silva. *Pela vida fora...* Rio de Janeiro, *Revista da Língua Portuguesa*, 1922. 291 p.

Em *Carta a Mário Barreto*, p. 115-120, antes publicada na *Revista da Língua Portuguesa*, tomo I, p. 107, censura a rigidez na disciplina gramatical. Em *Os pronomes átonos em português*, p. 217-225, explica, pela diferença de fonética frasal entre Portugal e o Brasil, a divergência na colocação desses pronomes. **[2276]**

Raimundo, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Renascença Editora, 1933. 194 p.

Tese de concurso em duas partes. Na 1ª, 88 p., trata das línguas afro-negras e da ainda confusa questão da sua influência no português do Brasil. Na 2ª, vem o vocabulário de origem afro-negra, seguido de um toponomástico. O próprio autor fez retificações a esse vocabulário em *O negro brasileiro* (q. v.). Cf. ainda a crítica de Joaquim Ribeiro, em apêndice ao *Negro brasileiro* de João Ribeiro (q. v.). **[2277]**

Raimundo, Jacques. *O elemento brasileiro no português.* Coimbra. Imprensa da Universidade, 1934. 34 p. Separata da *Miscelânea Científica e Literária dedicada ao Dr. J. Leite de Vasconcelos.*

Ensaio sobre os elementos indígenas no português do Brasil. É de interesse a parte lexicográfica, em que se averbam os termos de origem tupi que entraram em frases-feitas usuais brasileiras, p. 10-14, e os que se amoldaram aos processos portugueses de derivação, p. 16-20, e dá um sumário vocabulário de origem tupi, classificado em nomes de lugar, animais, utensílios, etc. **[2278]**

Raimundo, Jacques. *A língua portuguesa no Brasil: expansão, penetração, unidade e estado atual.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941. 119 p. (Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal.)

Preocupa-se especialmente com os fatos da história política, considerados pela repercussão na expansão da língua portuguesa no Brasil. No cap. final, sobre a feição atual da língua, p. 89-119, comenta 39 traços lingüísticos típicos do Brasil, aproximando-os do que houver, ou há, de análogo no português europeu. **[2279]**

Raimundo, Jacques. *O negro brasileiro e outros escritos.* Rio de Janeiro, Record, 1936. 189 p.

Interessam as notas sobre *A contribuição bântica*, p. 47-68, e o estudo *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, p. 111-179, em que faz muitas retificações e acrescentos ao vocabulário do seu estudo anterior com o mesmo nome (q. v.). **[2280]**

Reis, Otelo de Sousa. *Hipocorísticos brasileiros e portugueses.* (Em *Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali* (q. v.), p. 95-102.)

Procura desenvolver, neste âmbito, a respeito dos nomes usados no Brasil, a *Antroponímia portuguesa*, de Leite de Vasconcelos (q.v.). **[2281]**

Reis, Vicente. *Os ladrões no Rio.* Rio de Janeiro, Laemmert e Cia. 200 p.

Vocabulário de gíria, p. 185-192; na p. 192, uma "Conversa entre ladrões", com tradução. **[2282]**

Ribeiro, João.
vide
Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade.

Ribeiro, Joaquim. *A influência do tupi no português.* (Em *Diário Carioca*, 28 de out. 1931, Rio de Janeiro.)

Recensão da segunda parte do livro *Português da Europa e português da América*, de Clóvis Monteiro (q. v.).
[2283]

Ribeiro, Joaquim. *Origem da língua portuguesa: estudos*. Rio de Janeiro, Record, s.d. 219 p.

Trata de fatos da língua no Brasil, p. 176-213. Merecem menção o estudo de alguns africanismos, p. 199-213, e a contestação ao conceito de unidade dialetal no Brasil e à hipótese de ter sido o tupi a língua colonial dos bandeirantes paulistas, p. 176-189. **[2284]**

Ribeiro, Teotônio. *Brasileirismo; vocábulos e frases em uso no Estado de Alagoas.* (*O Semeador*, nº 97-151; Maceió, 1915.)

Vale como mero registro **[2285]**

Ricardo, Cassiano.
vide
Leite, Cassiano Ricardo.

Rodrigues, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil; revisão e prefácio de Homero Pires.* São Paulo, Editora Nacional, 1932. 412 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5, Brasiliana, v. 9.)

É obra clássica da africanologia brasileira. Interessam as páginas 185 a 230, em que insiste na ainda confusa questão da influência das línguas africanas no português do Brasil. As informações sobre as línguas africanas estão hoje muito ultrapassadas.
[2286]

Rohan, Henrique de Beaurepaire, visconde de Beaurepaire. *Dicionário de vocábulos brasileiros.* Rio de Janeiro, 1899. xvii, 147 p.

Dá: significação; etimologias, quando parecem razoáveis ao autor; e, freqüentemente, a área geográfica de emprego. Nas p. xi-xiii, traz uma lista de pessoas idôneas que contribuíram com informações. Obra elogiada por Rodolfo Lens no seu *Diccionario etimolójico de las voces chilenas*, p. 81. Cf., o nosso artigo introdutório.
[2287]

Romero, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil.* Rio de Janeiro, 1888. 368 p.

Comenta as doutrinas de vários estudiosos nossos sobre a língua no Brasil, especialmente a que expõe José de Alencar em *O nosso cancioneiro* (q. v.), p. 156-168. No capítulo sobre "Transformações da língua portuguesa na América", p. 308-339, expõe as suas próprias idéias de que essas transformações ainda são insignificantes, mas contêm o germe de uma cisão radical futura com a língua ultramarina. **[2288]**

Rubim, Brás da Costa. *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Emp. Tip. Dois de Dezembro de Paula Brito, 1853. 80 p.

Só dá significação. **[2289]**

Rubim, Brás da Costa. *Vocábulos indígenas e outros introduzidos no uso vulgar. (Rev. Nist. Hist. Geo. Bras.*, tomo 45, p. 363-390; Rio de Janeiro, 1882).

Cf. do mesmo autor, *Vocabulário brasileiro* (q.v.). **[2290]**

Sá, Filipe Franco de. *A língua portuguesa: dificuldades e dúvidas.* Maranhão, Imprensa Oficial, 1915. 330 p. Retrato do autor.

Trata da "ortofonia", i. e., pronúncia correta, procurando estabelecer os fundamentos de uma pronúncia-padrão, assente na realidade brasileira, Cf. o nosso artigo introdutório. **[2291]**

Said Ali, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa: estudos e observações.* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1930. 317 p.

Interessam, p. 87-92, as apreciações sobre as tendências brasileiras na colocação dos pronomes pessoais átonos, e o estudo sobre "O purismo e o progresso da língua portuguesa", p. 281-315, no qual esboça uma orientação para a língua literária brasileira. **[2292]**

Said Ali, Manuel. *As formas "quer" e "perguntar" e emendas.* (*Revista de Cultura*, ano XII, nº 141, p. 171-176; Rio de Janeiro, 1938).

Contesta a legitimidade das formas *quere* e *preguntar*, prescritar pela atual disciplina gramatical ultramarina e que colidem com a norma brasileira.**[2293]**

Said Ali, Manuel. *Meios de expressão e alterações semânticas.* Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1930. 235 p.

No estudo "*Si* em função de reflexivo, p. 217-234", frisa que há divergência neste emprego entre a linguagem de Portugal e a do Brasil.

[2294]

Said Ali, Manuel.

vide

Miscelânea de estudos em honra de Manuel Said Ali.

Sampaio, Alberto José de. *Nomes vulgares das plantas da Amazônia.* (Em *Boletim do Museu Nacional*, v. X, p. 3-70; Rio de Janeiro, 1934.)

O nome vulgar é posto em correspondência com a denominação científica, que identifica a planta.

[2295]

Sampaio, Alberto José de. *Nomes vulgares das plantas do Distrito Federal e do Estado do Rio.* (Separata do *Boletim do Museu Nacional*, v. XIII, nº 12, 393, p. Rio de Janeiro, 1938.)

Nos moldes do estudo supracitado (q. v.). **[2296]**

Sampaio, Teodoro. *O tupi na geografia nacional.* 3ª edição correta e aumentada. Bahia, 1928. XLII, 352 p.

É a obra mais geral sobre toponímia de origem tupi. Uma primeira parte, p. 1-141, trata do ambiente lingüístico do Brasil colonial e dos principais traços da língua tupi. Na segunda parte, p. 145-349, sobre o Vocabulário geográfico tupi, predominou a preocupação etimológica, com soluções, que, como em regra em relação ao tupi, devem ser aceitas a título precário. **[2297]**

Sanches, Edgard. *Língua brasileira.* 1º tomo. São Paulo. Editora Nacional, 1940. XLII, 340 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 5 – Brasiliana, v. 179).

Prende-se ao debate de 1935; cf. o nosso artigo introdutório. Não é obra de cunho técnico, e obedece a uma idéia preconcebida, útil pelas informações sobre o debate do tema, pois dá os pontos de vista de filólogos brasileiros e portugueses desde o século passado. **[2298]**

São Paulo. Prefeitura. Departamento de Cultura. *Anais do primeiro congresso da língua nacional cantada.* São Paulo, 1938. 786p.

Divide-se em: I. Atos do congresso – Introdução 3, Relatório das Sessões 5, Moções 46. *Normas para boa pronúncia da língua nacional no canto erudito* [q.v.] 49. II. Trabalhos do Departamento de cultura: *Os compositores e a língua nacional,* Mário de Andrade 95; *Mapas folclóricos de variações lingüísticas,* Sociedade de Etnografia e Folclore e Divisão de Expansão Cultural 169; *Pronúncias regionais do Brasil,* Discoteca Pública e Manuel Bandeira 179; *A pronúncia cantada e o problema do nasal brasileiro através dos discos.* Discoteca Pública 187; *Vícios e defeitos na fala das crianças dos parques infantis de São Paulo,* Nicanor Miranda e J.D. Bueno dos Reis (Seção de Parques infantis) 209. III. Teses de outros congressistas: há certas informações nas seguintes: Ademar Vidal (Paraíba) – *O subdialeto do Nordeste* 283-294; Cândido Jucá Filho (Rio de Janeiro) – *Problemas da fonologia carioca* 327-340; Dante de Laytano (Rio Grande do Sul) – *Notas da linguagem Sul-rio-grandense* 341-360; Elpídio Ferreira Pais [q.v.] (Rio Grande do Sul) – *Alguns aspectos da fonética Sul-rio-grandense* 361-428; Florival Seraine (Ceará) – *Contribuição ao estudo da pronúncia cearense* 437-484; Gastão Vieira (Pará) – *Subsídio para estudos da língua nacional no Pará* 497-502; Graco Silveira (São Paulo)– *Alguns traços do dialeto caipira e do subdialeto da Ribeira* 503-510; Gen. José Cândido da Silva Murici (Paraná) – *Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste* 573-588; José Mesquita de Carvalho (Rio Grande do Sul) – *Traços gerais do linguajar nacional no Estado do Rio Grande do Sul* 637-646. **[2299]**

São Paulo. Prefeitura. Departamento de Cultura. Discoteca. Discos API a 12, 17 e 18.

O país foi dividido em sete zonas fonéticas e de cada zona se fixou a pronúncia de um indivíduo culto e outro inculto, mas alfabetizado. Estabeleceu-se um texto uniforme para facilitar o estudo comparativo e composto com o objetivo de apurar as diferenças regionais e sociais da pronúncia de certos sons. As zonas fonéticas foram: nortista, nordestina, baiana, carioca, paulista, mineira, rio-grandense do sul. (V. *Anais do primeiro congresso da língua nacional cantada*, p. 181-186). **[2300]**

São Paulo, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil.* Rio de Janeiro, 1936. 2v. 474, 389 p.

É talvez a melhor obra no gênero aparecida no Brasil ou em Portugal. Dá muitos brasileirismos com abonação e comentário. **[2301]**

Sena, Ernesto. *Através do cárcere: Casa de detenção.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908. 61p. ilus.

Cuidadosa descrição da vida dos sentenciados. Há um *"Vocabulário" da gíria dos detentos*, p. 48-52, e uma pequena amostra da gíria dos menores delinqüentes, p. 7-8. **[2302]**

Sena, Nélson de. *Africanos no Brasil: estudos sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro.* Belo Horizonte, 1938. 305p.

Resenha de obras literárias que tratam direta ou indiretamente da linguagem e costumes dos negros. Listas de vocábulos e locuções, supostos, com ou sem razão, de origem africana. **[2303]**

Sena, Nélson de. *Alguns estudos brasileiros*, 1ª série. Belo Horizonte, 1937. 118p.

Nótulas sobre vocábulos de origem ameríndia, especialmente onomásticos. Principais povos ameríndios que habitaram no território de Minas Gerais. **[2304]**

Sena, Nélson de. *Toponímia geográfica brasileira*. (*Revista da Língua Portuguesa*, nº 26, p. 155-168; nº 31, p. 187-194; nº 37, p. 83-92; Rio de Janeiro, 1923-1925). **[2305]**

Sérgio, Antônio. *Em torno do problema da "língua brasileira" palavras de um cidadão do mundo, humanista crítico, a um estudante brasileiro seu amigo*. Lisboa, Seara Nova, 1937. 35p.

Defende o conceito da unidade lingüística entre Portugal e o Brasil, como expressão de uma língua de civilização comum, que deve existir acima dos falares locais. V. recensão de Antenor Nascentes. **[2306]**

Silva, I. *O linguajar paulistano*. (*Planalto*, ano I, nº 4, p. 4; nº 6, p.16; São Paulo, 1941.)

[2307]

Silva, José Jorge Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*. Rio de Janeiro, 1879. 70 p.: 1ª parte, 78 p.: 2ª parte, 21 p. com notas e índice. **[2308]**

Silva, Manuel Pacheco da (Júnior). *O dialeto brasileiro*. (*Revista Brasileira*, tomo V, p. 487-495; Rio de Janeiro, 1880).

Cf. o nosso artigo introdutório. Discorda do conceito de um " dialeto brasileiro". Estuda a origem de alguns brasileirismos, procurando reagir contra a tendência a exagerar a influência tupi. **[2309]**

Silva, Manuel Pacheco da (Júnior). *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1878. 154 p.

Obra didática obsoleta. Têm valor histórico as considerações sobre os fatos lingüísticos no Brasil, p. 131-133, 141-150. **[2310]**

Silva, Serafim (Neto). *Diferenciação e unificação do português no Brasil*. (*Revista de Cultura*, ano 16, nº 188, p. 63-70; nº 189, p. 127-131; nº 190-191; p. 185-191; Rio de Janeiro 1942.)

Insiste, principalmente, e com muita informação, nas condições históricas do ambiente. **[2311]**

Silva, Serafim (Neto). *Miscelânea Filológica*. Niterói, 1940. 62p.

Interessam os estudos sobre " O português do Brasil", p. 2-8, que é um comentário ao livro de Sílvio Elia (q.v.), e "O dialeto brasileiro, fatores de diferenciação", p. 37-41, que trata especialmente das condições históricas da língua no Brasil. **[2312]**

Silva, Serafim (Neto). *O português quinhentista e o português brasileiro*. (*Revista Filológica*, ano 2, nº 10, p. 61-65; nº 12, p. 48-59; Rio de Janeiro, 1941.)

Insiste nos traços arcaizantes dos falares regionais brasileiros, procurando enquadrá-los num fenômeno geral das línguas transplantadas.

[2313]

Silva, Serafim (Neto). *Uma relíquia da língua portuguesa.* (Em *Miscelânea de estudos em honra de Manuel Said Ali* (q.v.), p. 103-136.)

É um estudo do dialeto crioulo de Suriña, na Guiana holandesa, oriundo dos judeus emigrados de Pernambuco. Tem interesse indireto. **[2314]**

Silva Barros

vide

Barros, Silva.

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Uma carta.* (*Revista de Cultura,* ano XI, nº 122, p. 116-118; Rio de Janeiro, 1937.)

Responde às críticas de Agostinho de Campos contra o seu estudo sobre "Brasileirismo" nos *Trechos seletos* (q.v.). Insiste na interpretação de certas peculiaridades lingüísticas brasileiras como prolongamento de fatos da língua popular de Portugal no período clássico. **[2315]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *O dialeto caipira.* (*Revista da Língua Portuguesa*, nº 11, p. 23-32; Rio de Janeiro, 1921.)

Recensão do trabalho de Amadeu Amaral (q. v.); cf. nosso artigo introdutório. Faz de início considerações sobre a língua literária e a popular no Brasil. **[2316]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Lições de português.* Edição melhorada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937. 389 p.

Obra didática. Interessa o capítulo sobre *A língua portuguesa no Brasil*, p. 347-361, com um sumário mas seguro estudo de conjunto acerca das peculiaridades fonéticas, mórficas e sintáticas, e suas repercussões na poesia brasileira. **[2317]**

Silveira, Álvaro Fernandino de Sousa da. *A língua nacional e o seu estudo.* Rio de Janeiro, 1921. 16 p. Separata da *Revista da Língua Portuguesa,* nº 9, p. 18-32; Rio de Janeiro de 1921.

Conferência sob os auspícios de um colégio de curso secundário. Exame de peculiaridades fonéticas brasileiras, segundo a pronúncia carioca, e repercussão na linguagem e no ritmo dos poetas brasileiros. Exame também de algumas peculiaridades mórficas e sintáticas. **[2318]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Mobilar e mobiliar.* (*Revista da Cultura,* ano IV, nº 46, p. 157-159; Rio de Janeiro, 1930.)

Aceita para a norma literária a forma coloquial brasileira *mobiliar.* **[2319]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Notas à linguagem e versificação de Casimiro;* reproduzido de *Autores e livros,* suplemento literário de *A Manhã* (Rio de janeiro) de 26-X-1941, com revisão e leves alterações feitas agora pelo autor, (*Revista de Cultura,* ano XVI, nº 189, p. 103-107; Rio de Janeiro, 1942.)

Complemento corroborativo aos comentários do autor na sua edição das *Obras de Casimiro de Abreu* (q. v.). **[2320]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Obras completas de Casimiro de Abreu;* organização, apuração do texto, escorço biográfico e notas por A. F. de Sousa da Silveira. São Paulo, Editora Nacional, 1940. 456 p. (Livros do Brasil v. 3.)

Cuidadoso estudo nas notas sobre os aspectos de uma língua poética espontânea e quase familiar. **[2321]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. "Ter usado impessoalmente". (Em *Miscelânea de estudos em honra de Manuel Said Ali* (q. v.) p. 137-142; reproduzido em *Revista de Cultura*, ano XIII, nº 151; Rio de Janeiro, 1939).

Mostra como esse vulgarismo brasileiro aparece embrionário na língua popular de Portugal, e pode explicar-se dentro do próprio sistema da língua portuguesa. **[2322]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Trechos seletos: complemento prático às* Lições de português *do mesmo autor, com uma introdução histórico-gramatical e anotações.* 3ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937. 457 p.

Obra didática. Interessa o capítulo sobre "Brasileirismos" (sintáticos) p. 42-50, relacionando-os à língua popular de Portugal no séc.XVI. **[2323]**

Silveira, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *O verbo "criar". (Revista de Cultura*, ano IV, nº 41, p. 292-305, nº 42, p. 316-321; Rio de Janeiro, 1930).

Comenta um parecer da "Comissão do dicionário" da Academia Brasileira de Letras, e mostra a sem-razão da distinção que ali se procura fazer entre *crear* e *criar*. **[2324]**

Silveira, Valdomiro. *Vocabulário em: Os caboclos*, São Paulo, 1920 p. 187-231; *Nas serras e nas furnas*. São Paulo, 1931, p. 223-265; *Mixuangos*, Rio de Janeiro,. 1937, p. 237-258.

Língua popular de São Paulo, zona caipira. Cf. Amadeu Amaral (q.v). **[2325]**

Soares, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa: elucidário etimológico-crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos Dicionários da língua portuguesa, ou neles vêm com forma ou significação diferente*, Rio de Janeiro, 1888. 147 p. Separata dos *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 13. 1888.

Cf. o nosso artigo introdutório, p. 387. Cada verbete contém significação, etimologia, área geográfica do emprego, às vezes sinonímia e abonação. Detém-se no verbete *candeeiro*. Está em preparação a publicação de parte da obra. **[2326]**

Soares, Antônio Joaquim de Macedo. *Obras completas. (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, v. 177; Rio de Janeiro, 1942). 264 p.

Da parte publicada nesse volume, interessam: "Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro", p. 21-122, publicados em 1880 na *Revista Brasileira* sobre brasileirismos vários e especialmente afro-negrismos; "Notas lexicográficas", p. 145-196, sobre topônimos brasileiros. Há ainda um "Índice remissivo de africanismos, indianismos e brasileirismos", p. 237-264, usados nesses trabalhos. A publicação, dirigida pelo filho do autor, continuará com o *"dicionário brasileiro da língua portuguesa* (q.v.)".

[2327]

Sousa, Sebastião de. *Gíria maruja: termos e locuções usados na marinha de guerra.* (*O Mundo literário*, v. VII, nº XXI, p. 318-322; v. VIII, nº XXIII, p. 180-184; nº XXIV, p. 349-352; Rio de Janeiro, 1923-1924).

Detém-se no meio da letra M. Há muita coisa da língua comum. **[2328]**

Sousa, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil;* 4ª edição da *Onomástica Geral da Geografia Brasileira.* São Paulo, Editora Nacional, 1938. xxi, 433 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – série 5 – Brasiliana, v. 164.)

É um copioso vocabulário, com significações e abonações, de regionalismos de todo o Brasil. **[2329]**

Spitzer, Leo. *"Malevo", "maleva", "engaño", "manulevare".* (*Revista de Filología Hispánica,* ano II, nº 2, p. 177-179; Buenos Aires-Nueva York, 1940.)

Etimologia e evolução de sentido do brasileirismo *malevo,* que passou para o espahol da Argentina. O autor contesta Ángel Battistessa (*Revista de Filología Hispánica,* ano I, nº 4, p. 378-382; 1939). V., ainda, Amado Alonso. **[2330]**

Studart, Guilherme, barão de Studart. *Notas sobre a linguagem e os costumes do Ceará.* (*Revista Lusitana,* v. II, p. 272-273, 1891).

Trecho de uma carta a Leite de Vasconcelos, que a publicou pelo interesse intrínseco. Acentua pontos de contato entre a linguagem do Ceará e os dialetos lusitanos estudados por Leite de Vasconcelos. **[2331]**

Silveira, O. da. *A influência do espanhol no linguajar paulista do seiscentismo.* (*Planalto,* ano I, nº 12, p. 14-16; São Paulo, 1941.) **[2332]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Coletânea de falhas: reunião de cerca de mil e duzentas lacunas do* Novo Dicionário da língua portuguesa *por Cândido de Figueiredo.* (*Revista da Língua Portuguesa,* nº 45, p. 57-122; Rio de Janeiro, 1927).

Averba muitos brasileirismos. **[2333]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Inópia científica e vocabular dos grandes dicionários portugueses.* São Paulo, 1932.

Obra de crítica veemente aos dicionários portugueses mais em voga. Detém-se no cômputo e na apreciação dos brasileirismos **[2334]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses.* Tours, 1928. 159 p.

Obra de crítica veemente ao *Novo Dicionário* de Cândido de Figueiredo. Os capítulos XIII, XIV, XV, p. 112-132, versam sumariamente a questão dos brasileirismos. **[2335]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Léxico de lacunas: subsídios para os dicionários da língua portuguesa.* Tours, 1914. 224 p. Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* tomo XVI.

Consigna termos vulgares correntes no Brasil, sobretudo no Estado de São Paulo, bem como acepções de numerosos vocábulos, não consignados nos grandes dicionários portugueses. **[2336]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Vocabulário de omissões: coletânea de milheiro e meio de palavras correntes no Brasil e em Portugal, não registradas na terceira edição do* Novo Dicionário da língua portuguesa *do Sr. Cândido de Figueiredo.* (*Revista da Língua Portuguesa,* nº 30, p. 145-230; Rio de Janeiro, 1924).**[2337]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de Taunay. *Filologia e crítica.* São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1921. 191 p.

São trabalhos da última década do séc. IX. Interessam: "Neologis-

mo", p. 44-46, em que se trata do termo *necrotério*, proposto por Taunay, e "O português de Portugal e o do Brasil", p. 59-71, onde são citadas especialmente certas diferenciações de vocabulário. **[2338]**

Teixeira, José A. *O falar mineiro*. São Paulo, 1938. 104 p. Separata da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, nº 45.

Estudo gramatical da língua popular de Minas. Recensão de Aires da Mata Machado, em *Problemas da língua*, (q.v.). **[2339]**

Teschauer, Carlos. *Novo dicionário nacional;* 2ª edição das três séries de vocábulos brasileiros. Porto Alegre, 1928. 952 p.

O autor já fizera anteriormente coletâneas menos copiosas, inclusas nesta. Útil repositório, se bem registre, como brasileirismos, muitos termos que não o são. Cf. a apreciação de João Ribeiro sobre – *"O padre Teschauer"* (q.v.). **[2340]**

Tronchon, Henri. (Em *Bulletin des études portugaises*, v. V, nº 1, p. 117-119; Coimbra, 1938.)

Recensão de *O português do Brasil* de Renato Mendonça (q.v.).

[2341]

Vasconcelos, Alberto de. *Vocabulário de ictiologia e pesca*. Recife, 1938. 148 p.

Da p. 131 ao fim há um índice remissivo de denominações vulgares. Inclui nomes do Brasil e de Portugal. **[2342]**

Vasconcelos, José Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lísboa, Imprensa Nacional, 1928. 659 p.

Interessam os comentários sobre a excentricidade dos nomes próprios no Brasil, p. 93-94, e sobre alguns nomes próprios no Brasil, p. 588. Tudo muito sumário e vago. **[2343]**

Vasconcelos, José Leite de. *Dialeto brasileiro: ensaio glotológico precedido de algumas notas sobre tradições populares do Brasil*. Porto, 1883. 30 p.

Extraído da *Revista de Estudos Livres*, 1883.

No cap. II, p. 13-30, estuda tecnicamente alguns fatos da língua popular brasileira segundo os dados obtidos em trabalhos de literatura popular e regional **[2344]**

Vasconcelos, José Leite de. *Esquisse d'une dialectogie portugaise*. Paris, 1901.

Foi esta obra que fixou o conceito teórico de um *"dialeto brasileiro"*, com um sumaríssimo estudo a respeito, p. 158-162. **[2345]**

Vasconcelos, José leite de. *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*. Lisboa, 1993, Imprensa Nacional, v. I. 388 p.

Interessam, p. 173-176, as considerações sobre a linguagem de *O Peregrino da América* (séc. XVIII).

[2346]

Vasconcelos, José leite de. *Opúsculo*, v. 4: *Filologia*, parte 2ª. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.

Interessam, p. 493-495, as citações e rápidos comentários de trabalhos filológicos brasileiros. **[2347]**

Veríssimo, José.

vide

Matos, José Veríssimo Dias de.

Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Exposição da pronúncia normal portuguesa; para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892. 103 p.

O autor trata rapidamente da pronúncia brasileira, p. 94-96. Insiste

na discutível doutrina de uma grande influência da fonética indígena, e nega, um tanto dogmaticamente, qualquer contato estreito entre a pronúncia brasileira e a lusitana quinhentista, que procura reconstituir nas p. 90-94. **[2348]**

Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas.* Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904. 454 p.

Nas ps. 39, 93, 97, 101, 115, 148 trata de peculiaridades da pronúncia brasileira. Nas ps. 87 e 116, de vocabulários brasileiros. **[2349]**

Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Palestras filológicas.* Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1931. 291 p.

Estuda a locução brasileira "chorar pitanga", p. 47-49 (v. ainda Antenor Nascentes). Comenta a colocação dos pronomes pessoais átonos, p. 129-134, apresentando uma explicação insatisfatória. **[2350]**

Viana, Arnaldo de Oliveira. *Modo de falar; nomenclatura local do vale do Jequitinhonha. (Rev. Inst. Hist. Geo.* da Bahia, nº 53, p. 381-388; Bahia, 1927.)

Anota termos usuais com significações privativas da região. **[2351]**

Vieira, Carlos Otaviano da Cunha. *Nomes vulgares de aves no Brasil.* (*Revista do Museu Paulista*, tomo XX, p. 437-490; São Paulo, 1936.)

Segundo Artur Neiva, é a mais completa monografia sobre este assunto particular. **[2352]**

Viotti, Manuel. *Linguajar brasileiro: notas para o dicionário de brasileirismos.* (*Ciências e Letras*, ano I, nº único, p. 30-52; ano II, tomo I, p. 39-56, tomo 2, p. 140-155; ano III, tomos 3 e 4, p. 81-96, tomo 5, p. 51-61; ano IV, tomo 6, p. 45-51, tomo V, p. 59-60; ano V, tomo 8 e 9, p. 97-104; ano VI, tomo 10, p. 88-95; São Paulo, 1937 em diante).

Não se circunscreve na gíria e no linguajar, e dá até muita coisa da língua comum. **[2353]**

Von Ihering, Rodolfo.

vide

Ihering, Rodolfo Von.

. . . .

Folclore *

Mário de Andrade

A situação dos estudos do folclore no Brasil ainda não é boa. Embora já apareçam em certos centros culturais do país tendências idealistas que se propõem a encarar o folclore respeitosamente como ciência, elas esbarram diante de dificuldades que, se não conseguem prejudicar de todo essas tendências, lhes diminuem enormemente a eficácia.

Do lado das forças oficiais, a indiferença é vasta, muito embora uma das nossas universidades já se adorne com uma cadeira de Folclore Musical. Aliás também as cátedras e cursos de Sociologia, na ausência de cadeiras auxiliares, às vezes se alastram para os campos da etnografia e do folclore. Pior porém que a indiferença oficial, repetindo o que já disse alhures, é a tradição religiosa de "caridade", de auxílio a pobres e doentes, que nos legaram os nossos antepassados e é lei arraigada da riqueza particular brasileira. Não há dúvida que o nosso organismo de proteção e defesa social ainda não é completo, mas os nossos milionários mesmo quando não descendentes de portugueses nem vindos de famílias tradicionais, ainda não sabem brincar de proteger as ciências nem as artes como os seus luminosos colegas da América do Norte. São raríssimos os casos, entre nós, de milionários que se lembrem de distrair um pouco das suas rendas para proteger as iniciativas científicas, e nos faltam por completo as "fundações" que se preocupem de aplicar bem o dinheiro que sobrou das ambições pessoais.

Ainda há outra praga, não sei se universal, mas que se especializou entre nós em prejudicar o folclore. É que além da indiferença dos governos e dos milionários, o folclore científico sofre no Brasil a concorrência

(*) A bibliografia foi organizada por Oneida Alvarenga.

impudica do amadorismo, escandalosamente protegido pelas casas editoras e o aplauso do público. Um exemplo basta para demonstrar esta confusão: é geral entre os cantores improvisados de rádio, disco e mesmo concerto, se intitularem "folcloristas" só porque usam e abusam da canção popular, consertando-lhes os textos, modificando-lhes as melodias em proveito de "maior facilidade vocal" como já me foi dito, deformando-lhes por completo a instrumentação e a harmonização. E como "folcloristas", tanto eles como certos antologistas de cantigas e anedotas populares, cheios de boa vontade mas ignorantes, são aceitos unanimemente, não só pelos anúncios e *managers*, como pelo público educado e pela crítica dos jornais. A concorrência da cultura científica ainda não é suficientemente forte e consciente, para estabelecer qualquer espécie de policiamento, que ao menos possa pôr de sobreaviso o estudioso. Ainda faz pouco, eu via um ilustre professor estrangeiro, radicado em nosso meio, tomar como documento de origem afro-brasileira, uma quadrilha tradicional ibérica, baseado numa obra que tinha todas as aparências de seriedade científica e era ardente de honestidade. Por onde se prova que o desejo de honestidade nem sempre coincide com a própria honestidade.

Ainda há mais. A falta de policiamento cultural permite, mesmo entre estudiosos a que não seria justo negar valor, abusos de bem ácida ingenuidade. O prof. Afrânio Peixoto não hesitou em invalidar o seu volume de *Trovas Populares Brasileiras* introduzindo nele 250 quadrinhas de sua autoria. O Sr. Gustavo Barroso reivindica para o bailado dos "Congos" do Ceará a celebração da histórica rainha africana Ginga Nbangi, que até agora só foi encontrada na Paraíba, num documento único, provavelmente de participação erudita.

Mais alguns casos de leviandade semelhante eu poderia citar. Mas ao passo que a obra amável de tais autores encontra o aplauso, é procurada pelo público e aceita de braços abertos pelo movimento editorial, personalidades mais bem dotadas e orientadas, como Luís Heitor Correia de Azevedo e Luís da Câmara Cascudo, são desmilingüidas pelos

governos e institutos e mil outras ocupações. E disso resulta a deficiência ou parcimônia da obra folclórica deles.

Em resumo: o folclore no Brasil, ainda não é verdadeiramente concebido como um processo de conhecimento. Na maioria das suas manifestações, é antes uma forma burguesa de prazer (leituras agradáveis, audições de passatempo) que consiste em aproveitar exclusivamente as "artes" folclóricas, no que elas podem apresentar de bonito para as classes superiores. Na verdade este "folclore" que conta em livros e revistas ou canta no rádio e no disco, as anedotas, os costumes curiosos, as superstições pueris, as músicas e os poemas tradicionais do povo, mais se assemelha a um processo de superiorização social das classes burguesas. Ainda não é a procura do conhecimento, a utilidade de uma interpretação legítima e um anseio de simpatia humana.

Foi o movimento intelectual do Romantismo que chamou a atenção dos escritores brasileiros para as manifestações tradicionais populares e provocou as primeiras colheitas sistemáticas de documentos. Estas colheitas, organizadas em geral por críticos de literatura, poetas e jornalistas, foram dirigidas apenas para as manifestações da vida espiritual, canções, poesia, provérbios e ainda a lingüística, ignorado por completo a vida material e a organização social. Quanto às sistematizações, de primeiro só se seguiram as por assim dizer instintivas, obedientes a puras inclinações pessoais, escolhas de gêneros largos, este se dedicando à colheita de quadrinhas ou de textos de qualquer poesia cantada ou dançada, outro aos contos, aquele em dicionarizar brasileirismos de linguagem.

Quem primeiro organizou colheitas sistemáticas de documentos e iniciou simultaneamente o seu estudo técnico foi Sílvio Romero, com as antologias dos *Cantos* e dos *Contos Populares do Brasil*, datados de 1882 e 1884, respectivamente, e as duas obras importantes de 1888, *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* e *História da Literatura Brasileira*. Antes dele, certos autores como o novelista romântico José de Alencar, assim como Celso de Magalhães, tinham apenas publicado pequenas contribuições esparsas em jornais e revistas, sobre a nossa poesia popular.

A obra de Sílvio Romero, mesmo os seus estudos sobre poesia popular, refletem mais a curiosidade apaixonada e o polimorfismo do escritor, que uma tendência para encarar sistematicamente o folclore. É também muito mais uma simples obra de colheita, pessoal ou por colaboração, especialmente no ramo da poesia e do conto. Por vezes a documentação vem acompanhada de pequenas descrições muito imprecisas tecnicamente e pequenos comentários e conclusões bastante apressadas. Embora as suas antologias pareçam, pelos títulos, se referir a todo o Brasil, na verdade se restringem a duas regiões: o Nordeste, quanto a contos e poesia cantada, e ao Rio Grande do Sul, quanto à coleção de quadrinhas. Este não é o mal. Quem porém tenha algum conhecimento da maneira com que o povo canta, não pode deixar de se inquietar um bocado com a perfeição técnica tanto de metrificação como de linguagem, desses documentos. Mesmo que se aceite como legítimas as correções de pronúncia, dada a verdadeira impossibilidade de registrar as mil e uma variantes de dicção por meio da escrita, e isto interessa mais propriamente à fonética, parece certo que os documentos foram "consertados" tanto sob o ponto de vista da técnica da poesia como quanto à inteligibilidade dos textos.

Estou longe de querer negar a honestidade do trabalho de Sílvio Romero, a seriedade das suas antologias e o seu valor imprescindível. Os defeitos que apresenta são mais propriamente defeitos da época e também da não especialização. O mal maior é que, escudados em tão grande autoridade e não lhe compreendendo o espírito e a época, muitos escritores de literatura e jornalistas lhe seguiram, não a lição, mas os processos; improvisaram-se folcloristas do dia para a noite, dezenas e dezenas de indivíduos, sem o menor conhecimento técnico, com a quase única intenção de mostrar que o povo era muito divertido e proporcionava leitura agradável. Alguns se preocuparam especialmente em mostrar como o homem rural do Brasil era inteligentíssimo e espirituoso *(witty)*. Em certas coletâneas de poesias, desafios, emboladas e anedotas, o povo brasileiro nos aparece dotado de tamanha vivacidade espiritual, contan-

do e cantando só coisas engraçadas (e realmente muito cômicas, é incontestável), que só servem para dar uma idéia falsa da nossa psicologia popular e das nossas tradições. Não há dúvida nenhuma que o povo brasileiro é também muito esperto e tem respostas, poesias, cantigas de grande comicidade, mordacidade e fineza de observação. Não há dúvida ainda que a temática da poesia tradicional portuguesa, talvez ao contato do negro e do ameríndio, veio se enriquecer de muito maior variedade e de assuntos no homem do Brasil. É também inegável que, com os textos dos sambas cariocas, que são obra popularesca urbana e não exatamente folclórica, o povo da cidade do Rio de Janeiro criou uma demonstração de psicologia regional, de uma originalidade, de um interesse poético, de uma graça, que eu considero incomparáveis, diante da produção congênere universal, tango, rumbas, blues, fados, valsas, canções napolitanas. Mas além disto não ser folclore, não autoriza a demonstração psicológica de certos antologistas, só preocupados com a comicidade e os golpes de espírito brilhante, de boa acolhida editorial. De forma que se um certo folclorista nacional, fixado no critério da beleza, entre seis mil documentos só conseguiu salvar oitocentos, jogando fora o resto por "não prestar para nada", tenho a certeza de que outros antologistas terão feito o mesmo, baseados no critério da comicidade.

Enfim, o valor verdadeiro da obra de Sílvio Romero não foi compreendido, e o seu exemplo deu origem a toda uma orientação deplorável de folcloristas mais ou menos improvisados, recolhedores sem a honestidade do Mestre, descritores deficientes e levianos dos nossos costumes tradicionais, folcloristas imaginando que folclore significava apenas poesia, contos, provérbios e anedotas.

Amigo de Sílvio Romero, e lhe seguindo a orientação logo se salientou Melo Morais Filho, apaixonado de tradições populares, cuja obra, de uma leviandade técnica bem grande, é no entanto imprescindível, por ser muito mais completa que a de Silvio Romero. Em seguida se distinguiram, na mesma orientação, Pereira da Costa com o seu já excelente *Folclore Pernambucano*, Carlos Góis com a antologia das *Mil Quadras*,

Gustavo Barroso e poucos mais, que nos deram antologias boas, bordadas de comentários mais utilizáveis.

Ainda nesta orientação cumpre lembrar a coletânea de 81 contos populares de João da Silva Campos, que além do seu valor próprio, se tornou um verdadeiro "caso" do folclore brasileiro, por causa de prefácio que lhe ajuntou o professor Basílio de Magalhães. Para acentuar o valor da coletânea nova, o professor Basílio de Magalhães decidiu-se a recensear tudo quanto já se escrevera contendo matéria folclórica brasileira. Este recenseamento é uma espécie de história bibliográfica do folclore brasileiro. A obra do professor Basílio de Magalhães, principalmente na sua segunda edição de 1939, muito mais abundante que a bibliografia proposta nesta seção, é indispensável a quantos queiram conhecer a maioria dos livros especializados, artigos de revista ou jornal, romances, poemas, contos, etc., que de alguma forma contêm matéria referente às nossas tradições populares.

Ao lado desta orientação mais generalizada, a que se atiraram os literatos, críticos de literatura e escritores de ficção, na maioria em puro estado adâmico de ciência, outra muito mais nobre se originava dos cientistas brasileiros, etnólogos, filólogos, naturalistas, médicos, que, impregnados do método das suas ciências, imprimiram aos estudos de folclore, entre nós, direção mais perfeita. Esta orientação, pode-se dizer que principiou mesmo antes da obra de Sílvio Romero, com o livro de Couto de Magalhães, *O Selvagem*, de meados do século passado e logo em seguida com a *Poranduba Amazonense* de Barbosa Rodrigues. Na verdade estas duas obras importantes estudam os ameríndios brasileiros, mas vários dos mitos e costumes expostos e estudados nelas foram incorporados às nossas tradições populares, como o Saci e o Boitatá. Aliás o General Couto de Magalhães foi o primeiro a nos dar um exemplo delicioso de leviandade, se prestando a vítima dum embuste que prova bem a hesitação de método científico que ainda prevalece entre nós. É o caso de Rudá ou Perudá, deus da procriação, que ele arrolou entre as entidades míticas cultuadas pelos índios do Brasil, nos fornecendo sobre

esse deus, descrição, fundamento astronômico, mitos anexos e cantos cultuais. Tudo com tão saboroso rigor científico, que Rudá se tornou um engasgo da etnografia brasileira. Métraux, que incontestavelmente conhecia o livro de Couto de Magalhães, chegou a eliminá-lo da sua bibliografia sobre *La Réligion des Tupinambas*, com injustiça sensível. E a verdade é que se nenhum outro etnógrafo conseguiu encontrar Rudá entre os nossos índios, ainda não se descobrira nenhuma prova decisória da sua inautenticidade. Creio ter conseguido uma. Recentemente o folclorista português Jaime Cortesão, no seu livro sobre *O que o Povo Canta em Portugal*, compila um esconjuro, recitado pelas mulheres portuguesas que têm seus maridos fora do lar. Esse esconjuro não há dúvida que é o modelo tradicional, parafraseado romanticamente por alguém que conhecia a língua tupi, no canto ao deus Rudá, que Couto de Magalhães transcreveu no *Selvagem*. A similitude é decisória: mesma idéia fundamental (ausência do companheiro), mesma idéia religiosa conseqüente (invocação do espírito protetor), mesma disposição das idéias (adoração primeiro, pedido depois), mesmo pedido, com até encontro das mesmas palavras. Me parece impossível, portanto, se tratar de uma "idéia elementar" *(Elementargedanke)*, que pode nascer independente em várias culturas diversas. Não foi à toa que o general confessou, com digna cortesia, ter colhido as suas informações "de uma senhora" e não de boca de índio.

Pouco depois de Barbosa Rodrigues, o grande médico baiano Nina Rodrigues, com a sua monografia sobre *L'Animisme Fétichiste des Nêgres de Bahia*, deixava os índios pelos negros, porventura mais importantes em nossa vida contemporânea, abrindo a pesquisa folclórica do século atual, com muito maior técnica. Em seguida as obras de João Ribeiro, a pequena contribuição de Alberto de Faria, Lindolfo Gomes com seus contos e outros, firmavam os estudos de folclore nas análises de erudição, exegese e explicação dos documentos. Ao mesmo tempo que aos filólogos, que desde os princípios do século passado vinham dicionarizando os vocábulos da língua brasileira, Amadeu Amaral, talvez a maior vocação de folclorista que já tivemos, porém apequenado pelo excesso de severida-

de da sua orientação, dava a primeira monografia de ordem sistemática e crítica, com o *Dialeto Caipira*.

Mas o que se observa de tudo isto é que o folclore ainda não estava encarado, entre nós, na sua integridade. Havia sempre um tal ou qual amadorismo, verificado principalmente na ausência completa de qualquer estudo sobre a nossa cultura material. Mesmo do ponto de vista da cultura espiritual, é visível a nenhuma espécie de sistematização mais harmoniosa, cada qual se dedicando ao que mais lhe agradava das "artes" orais populares, ou aos assuntos correlatos com a sua profissão. Assim é que se possuíamos numerosos estudos e coletâneas de poesia, de cantigas infantis, e alguma coisa já tínhamos sobre paremiologia e superstições, matéria farta sobre medicina popular, e se tornara uma verdadeira moda entre nós as reportagens sobre feitiçaria afro-brasileira, nada ainda se pesquisara sobre o nosso folclore jurídico, nem quanto à cultura material e vida social.

A criação pelos governos de certas instituições culturais novas, como o Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo (1935) e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937) veio apressar a fixação de uma tendência nova, muito mais energicamente científica, que, aliás, estava já se manifestando em certos espíritos. O que distingue especialmente esta orientação, embora nela se incluam as importantes obras de conjunto do Prof. Artur Ramos sobre a contribuição do negro no Brasil, é a consciência de que ainda não é possível ao folclorista o sedentarismo das obras de gabinete nem muito menos estabelecer desde já sínteses completas da formação folclórica do povo brasileiro. Entramos portanto numa fase monográfica, em que as largas obras gerais foram substituídas por pequenas monografias especializadas, de assuntos mais facilmente pesquisáveis por um só autor.

Seria injusto negar que antes não tivéssemos publicado monografias magníficas, como as de Pereira da Costa e Amadeu Amaral. Mas o abandono sistemático das obras de conjunto, o temor das generalizações apressadas e das sínteses levianas, o apego ao conceito monográfico da

especialização circunscrita, são tendências facilmente perceptíveis nos cultores mais novos do folclore no Brasil.

Em 1936 o Departamento Municipal de Cultura abria matrícula para um curso de folclore, regido durante um ano pela professora Dina Lévi-Strauss que fora assistente do Musée de L'Homme, em Paris. Este curso, organizado sob bases eminentemente práticas, teve como intenção principal formar folcloristas para trabalhos de campo. Com efeito, o que nos prejudica muito em nossos museus é que suas coleções, por vezes preciosas como documentação etnográfica, foram muito mal recolhidas, de maneira antiquada, deficiente e amadorística, não raro inspirada no detestável critério da beleza ou da raridade do documento. Contra isso quis reagir o Departamento de Cultura de São Paulo como já o estava fazendo, para a etnografia, o Museu Nacional, desde Roquete Pinto. E, com efeito, com os alunos desse curso de folclore, fundou-se em dezembro desse ano a Sociedade de Etnografia e Folclore, que foi a primeira organização coletiva deste gênero, criada no Brasil. Enquanto protegida pelo Departamento de Cultura, a Sociedade de Etnografia e Folclore teve existência incontestavelmente brilhante. Ao Congresso Internacional de Folclore, realizado em Paris em 1937, a Sociedade concorreu com os primeiros ensaios de cartografia folclórica (vide *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada* na bibliografia que segue) que se fizeram no Brasil. Ainda devidas a membros da Sociedade surgiram numerosas monografias e comunicações sobre cultura material como a de Luís Saia, de vida social como as de Marciano dos Santos e Mário Wagner Vieira da Cunha, e música, como os *Cateretês do Sul de Minas Gerais*, de Oneida Alvarenga, na realidade o primeiro estudo de caráter legitimamente técnico que já se escreveu sobre a nossa música tradicional popular. A orientação científica de um trabalho como este não pode sofrer cotejo nem mesmo com os *Estudos de Folclore* musical, de Luciano Gallet.

E foi ainda um sócio da Sociedade de Etnografia e Folclore, que a Discoteca Pública de São Paulo, pertencente ao Departamento de Cultu-

ra, escolheu para dirigir em 1938 uma missão que andou por Nordeste e Norte do Brasil recolhendo documentos, textos, instrumentos, indumentária, objetos, filmes e fotografias referentes às gravações de folclore musical que simultaneamente fazia.

Pela Discoteca Pública, bem como pela sua *Revista do Arquivo* é que o Departamento de Cultura pode apresentar o que fez de melhor em pesquisas e colheitas de folclore. A Discoteca Pública, entre os seus serviços, mantém uma seção de gravação de folclore musical, um museu e uma filmoteca anexos. Já fez também as primeiras gravações para estudos comparativos de pronúncia erudita e popular, trabalho que, embora de bem menores proporções, pode ser comparado ao que se fez na Alemanha sobre pronúncias regionais. Na sua coleção de gravações de música popular, a Discoteca possui 1223 fonogramas, registrados nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Maranhão e Pará, além de centenas de documentos grafados à mão, que incluem mais os Estados de Bahia, Ceará, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Mato Grosso. Na discoteca estão representados quase todas as formas e gêneros da canção e da dança folclórica do Brasil. Ao que ainda cumpre ajuntar a cópia de toda a coleção de cilindros referentes aos ameríndios brasileiros, existentes no Staatliches Museum fuer Voekerkunde, de Berlim, gentilmente cedida pelo Prof. Marius Schneider para estudos exclusivamente internos do estabelecimento. A Filmoteca já conta com 28 películas, das quais cinco se referem aos índios bororos e caduvéus, colhidas por missões patrocinadas pelo Departamento de Cultura. Os 23 filmes restantes reproduzem festas, danças e cerimônias tradicionais populares e são complemento da coleção de fonogramas.

Infelizmente com as convulsões políticas internas sofridas pelo Estado de São Paulo em 1938, todo esse rico acervo ainda não foi estudado nem pôde ser aumentado. Por outro lado, a Sociedade de Etnografia e Folclore, depois de rápido período de vida fecunda em que publicou os apenas sete números do seu *Boletim*, também entrou numa fase de total apatia. A bem dizer, além dos seus arquivos de muito interesse, ela

atualmente só conta com um sócio, o seu presidente. O *Boletim* da Sociedade, além de uma seção fixa sobre "Instruções de Folclore", organizada pela Sr.ª Lévi-Strauss na intenção de ensinar os processos de colheita e chamar a atenção dos pesquisadores novos para a cultura material e a vida social, consta de resumos bastante desenvolvidos das comunicações e conferências feitas nas reuniões mensais da Sociedade. Entre as não publicadas pela *Revista do Arquivo* e por isso não recenseadas no fichário que segue, cumpre lembrar a do Prof. Claude Lévi-Strauss sobre "Bonecas dos Índios Carajás", a sobre religiões de influência negra em São Paulo, pelo Prof. Dalmo Belfort de Matos, o *"entrétien"* sobre as Cavalhadas, e ainda a comunicação sobre a vida popular de Itápolis (São Paulo) pelo Sr. Leão Machado. Junto a esse movimento de São Paulo é justo salientar o que vem fazendo o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além da monografia do Prof. Gilberto Freire sobre os "Mocambos do Nordeste", a *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* vem publicando comunicações que tendem a alargar as nossas pesquisas folclóricas para o campo da estrutura social e a cultura material, sobre "Ofícios Mecânicos em Vila Rica no séc. XVIII" e Raimundo Lopes sobre a pesca no Maranhão.

O exemplo da Sociedade de Etnografia e Folclore impôs a necessidade de arregimentação dos estudiosos do assunto. Este movimento associativo, se ainda muito desprotegido, reflete o desejo seguro de um alevantamento científico dos estudos folclorísticos do país, e por certo trará bons resultados, pois além da estimulação coletiva produtora de maior atividade, tem especialmente o benefício do controle nas pesquisas e estudos.

É assim que em 1941 o Prof. Artur Ramos fundou com os seus alunos da Universidade do Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, que estende as suas atividades para os domínios do folclore também.

Graças à dedicação da professora Marisa Lira se organizou em 1940 um movimento de interesse em torno de pesquisas folclóricas rela-

tivas ao Distrito Federal. Esse movimento teve como resultados principais a realização em 1941 de uma curiosa Exposição de Folclore do Distrito Federal (cujo material ficou como base para um museu de tradições populares) – e a fundação em 1942 do Instituto Brasileiro de Folclore, sob a presidência do Prof. Basílio de Magalhães.

Por sua vez, em abril de 1941, o Prof. Luís da Câmara Cascudo fundou no Rio Grande do Norte a Sociedade Brasileira de Folclore, sob constituição bastante simples e elástica, e que por isso mesmo já tem desenvolvido boa atuação. A Sociedade tem como princípio estimular a função de núcleos congêneres em todos os estados do país, núcleos que a ela unidos formam uma corrente destinada a estimular e proteger as manifestações populares locais de cunho folclórico, bem como a realizar pesquisas de campo e estudos de ordem monográfica. Graças à atividade e prestígio do Prof. Luís da Câmara Cascudo já se organizaram núcleos da Sociedade Brasileira de Folclore nos Estados do Piauí, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Já é importante o trabalho de pesquisas e colheita documental realizado pela Sociedade no Rio Grande do Norte, bem como ter ela conseguido das autoridades do estado dispensa de quaisquer ônus para os grupos populares que realizam festas anuais de Natal e Reis, carnaval, São João, etc. Como era de esperar, a libertação desses grupos do excessivo controle policial e do pagamento de taxas de licença estaduais e municipais proibitivas já provocou no Estado do Rio Grande do Norte um reflorescimento vivo dos bailados e cerimônias populares de fim de ano.

Movimento protetor idêntico já tinham conseguido certas associações científicas em Pernambuco e na Bahia, a respeito de poderem as populações negras desses estados realizar os seus cultos feiticistas, que são sempre perseguidos pela polícia. Mas neste caso a proteção tem sido intermitente devido ao contraste fatal entre cultura e civilização. As polícias e quase sempre também os dirigentes dos estados olham com olhos de progresso e aperfeiçoamento moral cristão o que representa outras manifestações de culturas diferentes. Mesmo a concessão de existência,

mas controlada como se faz, provoca naturalmente um desvirtuamento dos costumes e práticas. Em todo caso, este movimento protetor das sociedades científicas provocou maior liberdade de cultos e permitiu refazer estudos e obter documentação mais nova e segura.

Há também que lembrar, ao lado disso, alguns congressos que têm trazido contribuição folclórica importante, especialmente os congressos de História Nacional. Nos Anais dos congressos históricos há sempre boa matéria folclórica a respigar. No Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, na intenção principal de escolher e fixar uma das pronúncias regionais brasileiras para o canto erudito em língua nacional, foram várias as contribuições importantes sobre folclore. Finalmente há que lembrar o Congresso Afro-brasileiro, cuja instituição se deve ao Prof. Gilberto Freire, realizado já duas vezes, a primeira no Recife em 1934 e a segunda na Cidade de Salvador em 1937. Nos volumes contendo as teses apresentadas nesses dois congressos (vide *Estudos Afro-brasileiros*, Gilberto Freire – *Novos Estudos Afro-brasileiros* e *O Negro no Brasil)*, as contribuições de ordem folclórica são numerosas, por vezes bem cuidadas tecnicamente, e importantes para conhecimento da contribuição afro-negra na formação do povo brasileiro.

Ao lado de toda essa documentação mais facilmente encontrável para um estudioso do nosso folclore que viva no estrangeiro, há toda uma contribuição esparsa em revistas e jornais, constante de artigos e estudos pequeninos, derivados geralmente do interesse que sente o público leitor ante a estranheza dos fatos folclóricos. Este material, não recenseado neste manual, é importante, apesar do seu caráter leve. Algumas revistas se especializaram mesmo particularmente em promover trabalhos deste gênero, e neste sentido temos que pôr em primeiro lugar a *Revista do Brasil* na sua primeira fase de São Paulo, quando, sob a direção de Monteiro Lobato, ela se tornou o centro do movimento "regionalista" da nossa literatura.

Sem dúvida, bem mais importante é a *Revista do Arquivo* do Departamento de Cultura de São Paulo, já citada, que por mais recente e muito mais técnica nos trabalhos apresentados, julgou-se de bom aviso, recensear na bibliografia que segue. Não foi possível recensear outras revistas importantes e dignas disso, dado o método mais severo e aproveitável das contribuições folclóricas que apresentam. Estão nesse caso as revistas dos diversos Institutos Históricos existentes nas capitais dos estados brasileiros, a *Revista de Língua Portuguesa*, a *Revista da Academia Brasileira de Letras*, as mais que, numa segunda edição deste "manual", o material contido nessas revistas valiosas pela freqüência de documentação folclórica publicada. É de desejar e em poucos mais, como a antiga *Kosmos*, do Rio de Janeiro, e a *Litericultura*, do Ceará, seja recenseado na bibliografia.

Convém ainda lembrar os almanaques anuais, em principal o *Almanaque Garnier*, durante os anos em que foi organizado por João Ribeiro. Nesse período o *Almanaque Garnier* sempre apresentou matéria folclórica escolhida e de colaboradores em geral dotados de técnica segura como O. Nobiling, Sílvio de Almeida, Alberto de Faria, Raimundo Magalhães, Sílvio Romero, o Barão de Studart e outros. Ainda aqui carece não esquecer importantes publicações periódicas estrangeiras, não recenseadas nesta bibliografia, especialmente o *Journal de la Société des Américanistes*, de Paris, o *Ibero-Amerikanisches Archiv*, do Ibero-Amerikanisches Institut, de Berlim, ou ainda a *Revue Hispanique* de Paris, nas quais sempre há o que respigar a respeito do folclore do Brasil. E é claro que as revistas portuguesas são também de importância capital não raro incluindo matéria diretamente brasileira. Entre elas, há que nomear sempre, pelo seu valor extraordinário, a *Revista Lusitana* de Lisboa, criada por Leite de Vasconcelos.

Quanto aos jornais, além de numerosa colocação avulsa, eles por vezes inserem grandes reportagens ou inquéritos sobre assuntos referentes a usos e costumes tradicionais, não raro diretamente folclóricos. A espécie de "escândalo" burguês, provocado pela estranheza e mistério

dos cultos feiticistas dos negros determinou várias dessas reportagens sensacionais, das quais a primeira em data foi a de João do Rio (pseudônimo do escritor brasileiro Paulo Barreto) sobre *As Religiões do Rio*. Esta, como a de Nóbrega da Cunha sobre a "macumba" publicada no jornal carioca *Vanguarda*, em 1927, como o inquérito sobre a sobrevivência e caracteres do mito do Saci Pererê, promovido por Monteiro Lobato em 1917, foram posteriormente reunidos em livro. Mas outros, como o *Inquérito sobre Superstição* promovido pelo *Diário de São Paulo,* em 1929, ficaram sepultados em jornais, hoje dificílimos de obter mesmo ao estudioso brasileiro que não vivendo em grandes centros culturais, como o Rio de Janeiro, não pode recorrer à coleção da Biblioteca Nacional que acolhe toda letra imprensa, boa e má, que se publica no país.

Esse material, esparso em revistas e jornais, tem sua importância principalmente porque o próprio amadorismo dos seus recolhedores, por isso mesmo que sem nenhum método, por vezes deixa escapar nas exposições e esclarecimentos anexos ao folclore oral e artístico exposto, pequenas descrições e dados a respeito de cultura material e social, que de alguma forma suprem a deficiência destes assuntos na documentação bibliográfica.

A este respeito, há sobretudo que lembrar as obras que não visam especializadamente ao folclore, mas que contêm abundante matéria (e muitas vezes a mais segura) relativa a ele. Quero me referir a estudos de sociologia como as obras ilustres de Gilberto Freire e professores estrangeiros, como Donald Pierson, Roger Bastide; os documentos históricos e as histórias como as cartas jesuíticas; o padre Simão de Vasconcelos, frei Vicente do Salvador, Fernão Cardim, Gandavo, o padre Serafim Leite; as relações de viagens, de cientistas ou curiosos estrangeiros como Léry, Spix e Martius, Koster, Saint-Hilaire e centenas de outros; os desenhistas e pintores como Zacarias Wagner, Franz Post, Debret, Rugendas, Guilhobel; os etnólogos como Roquete-Pinto, Karl von den Steinen, Heloísa Torres, Alexandre Rodrigues Ferreira (cujo trabalho jaz quase todo inédito, em grande parte na

coleção de manuscritos do Museu Nacional), o grande Koch-Gruenberg, obras que por cem lados demonstram as sobrevivências ameríndias no povo brasileiro. A toda esta documentação da maior importância, a professora Oneida Alvarenga julgou de bom aviso não se referir nas suas fichas, pois será possível procurá-la nas outras seções deste manual.

Ainda há que lembrar ao estudioso estrangeiro a obra publicada em Portugal sobre folclore português, bem como a leitura brasileira de ficção. Descendentes como somos de portugueses, sendo estes a fonte tradicional principalíssima da formação do povo brasileiro, todo o nosso folclore tem como base a tradição lusitana. Nas obras que estudam o folclore português, há sempre que encontrar não só a maioria dos fatos que constituem a tradição brasileira, como também elementos, formas, documentos originais do Brasil e que passaram a Portugal de torna-viagem. Aliás, ainda outros povos e suas tradições folclóricas ou etnográficas são de interesse para estudo do folclore brasileiro, como a Espanha, Cuba, a África Ocidental, não apenas do ponto de vista comparativo, como por conterem material incorporado diretamente aos costumes tradicionais do Brasil. É bem de compreender, porém, a impossibilidade em que se estava de agregar a esta seção a literatura congênere de Portugal, África, Espanha e gentes ibero-americanas.

E no mesmo caso estava a literatura de ficção. Desde os romances de José de Alencar, de Joaquim Manuel de Macedo, passando pelos escritores *realistas* como Aluísio Azevedo e alcançando os regionalistas deste século, tais como os livros de contos de Valdomiro Silveira, as *Tropas e Boiadas* de Carvalho Ramos, um José Veríssimo para o extremo-norte como um Simões Lopes Neto ou Darci Azambuja para o extremo-sul, nas obras dos nossos escritores, principalmente nos romancistas e contistas, se dispersa numerosa documentação folclórica, infelizmente ainda não compreendida. Quero apenas lembrar duas obras que pela sua importância e pela data bem mereciam que se desse aos seus autores o título de primeiros folcloristas do Brasil: *O Carapuceiro* do padre Lopes

Gama e *As Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida.

O padre beneditino Manuel do Sacramento Lopes Gama foi uma figura interessantíssima de moralista, que viveu na cidade do Recife, durante o reinado do Imperador Pedro I. Este escritor fez um jornal de descompostura, intitulado *O Carapuceiro*, publicado periodicamente no Recife de 1832 a 1847. Com ele, bem como as suas cartas enviadas à *Marmota Fluminense* do Rio de Janeiro, o católico padre Lopes Gama se propunha a zurzir a desmoralização dos nossos costumes sociais. Mas a verdade é que o escritor satírico se comprazia inconscientemente com os costumes populares que, em sua consciência, considerava deletérios. De maneira que nos deixou, na sua obra vivaz, um compendiamento quase antológico de tradições, sob pretexto de atacá-las, à feição de certos romancistas, muito apreciados nos círculos religiosos e puritanos, que escrevem romances de trezentas páginas de pecado muito bem descrito, com a condição dos heróis se moralizarem no último capítulo. Quanto ao romance extraordinário de Manuel Antônio de Almeida, só posso insistir aqui, no que já escrevi na "Introdução" à recente reedição do livro. Um dos grandes méritos das *Memórias de um Sargento de Milícias* é serem um tesouro muito rico de coisas e costumes tradicionais da vésperas da Independência. Manuel Antônio de Almeida tinha em grau elevadíssimo a bossa de folclorista e estava consciente disso, pois confessa francamente no livro trazer, entre as suas intenções, a de fixar costumes. A todo instante a observação folclórica é decisiva, sem falha. Foi um memorialista excepcional entre nós, e várias das suas páginas sem pretensão a ciência são das mais fidedignas na documentação de costumes passados.

E esta é a situação dos estudos de folclore no Brasil. Iniciado nas inseguranças metodológicas do século passado, em grande parte ele foi substituído pelo encanto e curiosidade das artes populares e o amadorismo tomou posse dele, fazendo sem nenhum critério colheitas de finalidade antológica, destinadas a mostrar a poesia, o canto, os provérbios e

a anedótica populares. É o que prova abundantemente a bibliografia. E com isso o folclore estava (e por muitas partes ainda está) arriscado a ser compreendido, menos como ciência e mais como um ramo da literatura, destinado a divertir o público com a criação lírica e os dizeres esquisitos do povo.

Mas aos poucos veio se acentuando naturalmente uma orientação mais técnica que se sentiu na necessidade de humildemente abandonar o ideal das grandes obras de conjunto, e se dedicar a pesquisas e estudos particulares, de caráter monográfico. Enfim o estudo do folclore no Brasil adquiria consciência do seu trabalho preliminar, verificando que as obras de síntese, ou que se pretendem tais, com raríssimas exceções, são prematuras e em grande parte derivadas do gosto nacional pela adivinhação. Esta mudança está sendo auxiliada e firmada pelas cátedras de estudos afins, principalmente de sociologia, existentes nas universidades do país, as instituições oficias de cultura que abrangem os estudos da tradição, bem como por sociedades de antropologia, de geografia, de história, de sociologia e mesmo diretamente de folclore que vão se organizando aos poucos por todo o país, conscientes das necessidades de policiar e defender a seriedade dos estudos mais ou menos comuns. Esta intenção de policiamento assim como a sugestão insistente a que os estudiosos nacionais se dediquem a trabalhos de caráter monográficos, é visível nestas sociedades conscientes do seu papel orientador. A Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo, iniciando o Arquivo de Etnografia e Folclore da *Revista do Arquivo* (n. XXX, de 1936), publicava um programa geral de pesquisa, organizado pelo seu presidente, bem como manteve uma seção de "Instruções" em todos os números do seu *Boletim*. Da mesma forma, a recente Sociedade Brasileira de Folclore se viu obrigada, na publicação do opúsculo dos seus *Estatutos*, a acrescentar informações e sugerir assuntos aos seus sócios. Com isto os estudos de folclore entraram no Brasil francamente numa fase monográfica, a atual, que vai produzindo resultados e obras mais estáveis.

Cumpre notar que esta orientação tem sido auxiliada por professores estrangeiros que vêm lecionar nas escolas superiores do país, ou pas-

sam tempos entre nós, fazendo pesquisas e conferências, interessados pelos problemas sociológicos do Brasil. Cabe aqui lembrar os professores Claude e Dina Lévi-Strauss, Roger Bastide, Donald Pierson, Herskowitz, Ralph Steele Boggs, Lorenzo H. Tuner, Franklin Frazier e poucos mais. A formação social do Brasil, a fusão de raças diversas aqui tornada possível pelo sistema colonial português, a luta em que vivemos para fixar num país francamente tropical uma civilização de molde europeu, são formas eminentemente dramáticas da sociedade humana que atraem a curiosidade e o estudo dos estrangeiros. E todo esse drama, bem como sempre a fatal originalidade e beleza da nossa poesia cantada popular, fazem com que muitos estudiosos de outros países mesmo sem saírem de suas terras se dediquem ao estudo do Brasil e sobre ele escrevam. O exemplo mais admirável será sempre o de Robert Southey, o poeta inglês rival de Byron, com a sua *História do Brasil*, até hoje indispensável e um dos monumentos da historiografia nacional. Mas é sobretudo a música cantada que tem se beneficiado desta curiosidade. Sobre ela o prof. Philippe Stern, do Musée de la Parole, de Paris, como a Srª Maria Ester Álvarez Arigos (*Folklore Musical del Brasil*) na Argentina, publicam introduções baseadas em bibliografia bastante firme. Há porém que pôr de sobreaviso o leitor estrangeiro contra certas vulgarizações desse gênero, muitas vezes lamentáveis, devido em grande parte à própria imperfeição da bibliografia nacional escolhida. Assim, por exemplo, eu ignoro o trabalho da Sr.ª Eleonor Hague sobre "Brazilian Songs" publicado no *Journal of American Folklore XXV*, n. 96, de 1912, que não pude consultar, mas as informações que a mesma autora nos dá no seu volume sobre *Latin American Music* (V. verbete Hague) são tão defeituosas e deficientes, que me autorizam a pôr os estudiosos em guarda a respeito do outro trabalho.

Mas apesar deste progresso incontestável ainda há muito que fazer, muito por melhorar e muito por definir. O Prof. Ralph Steele Boggs pôde mesmo intitular um dos seus artigos "Latin American Folklore awaits Conquistadores" e está com a razão.

Muito nos falta. Ainda não possuímos um Museu de Tradições Populares, apesar das incipientes coleções da Discoteca Pública de São Paulo, a seção de Etnografia Regional Sertaneja iniciada pelo Prof. Roquete-Pinto no Museu Nacional, a coleção de objetos de culto afro-negro reunida pela polícia de Maceió, no Estado de Alagoas, a coleção de objetos populares do Distrito Federal reunidos pelo movimento que teve como resultado a fundação do atual Instituto Brasileiro de Folclore. E se algumas coleções particulares sabemos que existem, ainda não foram suficientemente recenseadas, para que delas se dê notícia aqui. Cumpre indicar ainda que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos museus que está criando, auxiliando ou orientando no país, por vezes já tem conseguido adquirir peças populares selecionadas, principalmente de escultura religiosa. Ainda recentemente por iniciativa desse Serviço o Museu Nacional adquiriu um pequeno, mas magnífico grupo de esculturas de origem negra, provavelmente afro-negras algumas, encontradas no país. Mas isto, bem como a reorganização a que se vem procedendo da seção já nomeada do Museu Nacional, e a firme intenção em que está a diretora do Museu, a professora Heloísa Torres, de desenvolver o que já está feito, tudo isso não chega a solucionar a falta que nos faz a criação de um Museu de Folclore nacional. Só ele poderia, além de colheita sistemática de documentação, obter os aparelhamentos necessários, máquinas gravadoras, e de cinematografia, instrumentos para estudos de fonética experimental, etc., que tanta falta nos fazem. Aliás, devo notar que, na inexistência dele, as sociedades já existentes no país deviam se concertar para iniciar desde já a conversão a fichário de toda a vasta documentação folclórica que jaz escondida na literatura nacional, romances, contos, viagens, relatórios, arquivos, atas de câmaras no período colonial, etc., etc. A Sociedade Brasileira de Folclore bem poderia iniciar semelhante trabalho, graças às suas várias seções estaduais. Cada sociedade estadual a ela filiada poderia se encarregar de reduzir ao fichário geral a literatura regional de seu estado. Este serviço me parece de importância máxima, pois não só recensearia o que existe de

nosso passado para efeito dos estudos comparativos, como viria, a seu modo, apagar em grande parte a lacuna a respeito do folclore material e vida social, dos nossos conhecimentos atuais.

Mas, o mais curioso, entre o que nos falta, talvez seja saber exatamente o que é folclore. Essa afirmação não indica de forma alguma que seja assim tão assustadora a ignorância da intelectualidade culta do país. Ela apenas mostra a existência entre nós de um problema urgente e preliminar, que é o mesmo para os outros países das duas Américas e que não me cabe discutir aqui, por extenso. A verdade é que o conceito de folclore e a sua definição, tais como nos vieram fixados pela ciência européia, têm de ser alargados para se adaptarem aos países americanos. Foi estreitado por esse conceito e essa definição que um estudioso tão hábil como o Prof. Julien Tiersot, se viu na contingência de negar a existência de canções folclóricas americanas, pois que o que existia realmente de "folclórico" entre nós pertencia aos folclores europeus e à etnografia africana!

A este respeito, sou obrigado a repetir aqui o que já disse no meu ensaio bibliográfico sobre *A Música e a Canção Populares no Brasil,* em comentário às dúvidas de Tiersot: A bem dizer, o Brasil não possui *canções populares*, muito embora possua incontestavelmente *música popular*. Quero dizer: nós não temos melodias tradicionalmente populares. Pelo menos não existem elementos por onde provar que tal melodia tem sequer um século de existência. Os pouquíssimos documentos musicais populares impressos, que nos ficaram dos fins do século XVIII ou princípios do século seguinte, já não são mais encontrados na boca do povo, que deles se esqueceu. Existem textos populares, principalmente romances e quadras soltas de origem ibérica, que permanecem até agora cantadas. (E mesmo destes, uma grande figura de folclorista, como Amadeu Amaral, levado pelo conceito de anonimato multissecular e generalização popular de folclore, se viu obrigado a aceitar apenas um número muito restrito, nos seus estudos.) Porém esses documentos recebem melodias várias em cada região e mesmo em cada lugar. Será possível alguma rara vez deter-

minar, pelo exame dessas diversas melodias sobre um mesmo texto, que me parece mais antiga que outra; mas é impossível, pela ausência de elementos de confrontação, imaginar o grau de ancianidade de qualquer delas.

Assim não teremos o que cientificamente se chamará de "canção popular". Mas seria absurdo concluir por isso que não possuímos música popular! Tanto no campo como na cidade florescem, com enorme abundância, canções e danças que apresentam todos os caracteres que a ciência exige para determinar a validade folclórica duma manifestação. Essas melodias nascem e morrem com rapidez, é verdade, o povo não as conserva na memória. Mas se o documento musical em si não é conservado, ele se cria sempre dentro de certas normas de compor, de certos processos de cantar, reveste sempre formas determinadas, se manifesta sempre dentro de certas combinações instrumentais, contém sempre certo número de constâncias melódicas, motivos rítmicos, tendências tonais, maneiras de cadenciar, que todos já são tradicionais, já perfeitamente anônimos e autóctones, às vezes peculiares, e sempre característicos do brasileiro. Não é tal canção determinada que é permanente, *mas tudo aquilo de que ela é construída.* A melodia, em seis ou dez anos poderá obliterar-se na memória popular, mas os seus elementos constitutivos permanecem usuais no povo, e com todos os requisitos, aparências e fraquezas do "tradicional".

Faz-se imprescindível uma conceituação nova de folclore para os povos de civilização e cultura recentemente importada e histórica, como os da nossa América. Mas essa conceituação nova tem de ser "científica", pois que se o conceito europeu leva a encurtar de maneira ridícula e socialmente ineficaz o que seja entre nós o fato folclórico, por outro lado a sua desistência tem levado a um confusionismo igualmente absurdo, fazendo certos autores aceitarem como "folclore", qualquer romance de cantador e qualquer peça urbana de autor. Nem tanto nem tão pouco. No Brasil existem cidades "folclóricas" e sobre isto também expliquei meu pensamento no ensaio nomeado atrás, mas carece sempre, por

um critério seguro, saber distinguir na forma popular urbana o que é folclórico do que é apenas popularesco. No Recife o maracatu das comunidades negras é quase sempre um fato folclórico, não o sendo quase sempre a música e os textos dos frevos. Eu creio que com as novéis sociedades seria bom reunir os nossos folcloristas mais importantes, num congresso destinado exclusivamente a decidir certas questões primordiais como essa, para facilitar aos estudiosos a atitude científica, lhes determinando os campos de pesquisas e os métodos de trabalho.

E por tudo quanto expus, um bocado severamente talvez, a minha convicção pessoal é que a situação dos estudos de folclore no Brasil ainda não é boa.

. . . .

Bibliografia

Albuquerque, Luís Teotônio Cavalcanti de. *Subsídio ao folclore brasileiro: anedotas sobre caboclos e portugueses; lendas, contos e orações populares, etc.* I. Rio de Janeiro, 1897. 82 p.

Primeira de uma série de publicações que o autor tencionava fazer sobre folclore brasileiro. O livrinho contém anedotas, alguns contos populares e três poesias. **[2354]**

Almeida, Benedito Pires de. *A Festa do Divino: tradições e reminiscências de Tietê.* (*Rev. Arq. Mun.*, ano V, v. LIX S. Paulo. Departamento de Cultura, julho de 1939, p. 33-66, ilus.). **[2355]**

Almeida, Fernando Mendes de. *O folclore nas ordenações do Reino.* (*Rev. Arq. Mun.*, ano V. v. LVI, S. Paulo, Departamento de Cultura, abril de 1939. p. 5-126, ilus.)

Usos e costumes brasileiros em face da legislação colonial. **[2356]**

Almeida, Renato. *História da música brasileira.* 2º ed. Rio de Janeiro. F. Briguiet & Cia., 1942. 529 p. ilus. 279 p. dedicadas à música e à dança populares, de que são descritos grande número de tipo exemplificados com 134 melodias. Trabalho indispensável para o estudo do folclore musical brasileiro.

A 1ª ed. é de 1926 (238 p.), feita pela mesma editora. Não contém as melodias e não possui o valor da 2ª. **[2357]**

Almeida, Sílvio de. *Cancioneiro dos bandeirantes.* Anais do 1º Congresso de História Nacional, V, pags. 749-771). **[2358]**

Alvarenga, Oneida. *Cateretês do sul de Minas Gerais.* (*Rev. Arq. Mun.*, ano III, v. XXX, São Paulo. Departamento de Cultura, dezembro de 1936, p. 31-70, ilus.)

Estudo sobre o cateretê, dança encontrável em várias zonas do Brasil. Oito melodias. **[2359]**

Alvarenga, Oneida. *Comentários a alguns cantos e danças do Brasil.* (*Rev. do Arq. Mun.* ano VII, v. LXXX. S. Paulo, Departamento de Cultura, dezembro de 1941, p. 209-246). **[2360]**

Amaral, Amadeu. *A poesia da viola: folclore paulista.* São Paulo, 1921. 69 p.

Conferência em que são abordados rapidamente forma e assuntos da poesia rural paulista, da moda e do verso (quadra). **[2361]**

Amaral, Amadeu (Júnior). *Reisado, bumba-meu-boi e pastoris. Rev. Arq. Mun.* ano VI, v. LXIV. S. Paulo, Departamento de Cultura, fevereiro de (1940, p. 273-284).

Notas sobre as danças-dramáticas especificadas no título, colhidas em Pernambuco, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão. **[2362]**

Americano do Brasil, A.

vide

Brasil, A. Americano do

Americano do Brasil, I. G.

vide

Brasil, I.G. Americano do

Brasil, I.G. Americano do. *Anais do primeiro congresso da língua nacional cantada.* São Paulo, Departamento de Cultura, 1938. 786 p.

Além de numerosas comunicações sobre linguagens regionais do Brasil, é indispensável pelos oito mapas folclóricos de variações lingüísticas que contém. Estes estudos de cartografia folclórica, os primeiros realizados no Brasil, foram feitos pela Sociedade de Etnografia e Folclore e pela Divisão de Expansão Cultural, do Departamento de Cultura de S. Paulo, e enviados ao Congresso Internacional de Folclore reunido em Paris em 1937. Os mapas se referem a proibições alimentares, nomes de danças e um fato de medicina popular – a cura do terçol com anel. Os elementos para o trabalho foram colhidos no Estado de S. Paulo, mediante um inquérito em que se distribuíram 4.000 questionários. A comunicação foi publicada sem os mapas, sob o título "Etudes Cartographiques des Tabous Alimentares et des Danses Populaires" nos volumes dos *Travaux du ler. Congrés Internacional de Folclore*. Tours. Arrauit & Cie., 1938, p. 279-283.

Consta ainda do volume, na parte destinada às festas realizadas por ocasião do Congresso, a descrição do bailado tradicional da *Marujada, Nau Catarineta* ou *Chegança de Marujos*, em sua adaptação às crianças dos parques infantis de S. Paulo. Esta descrição contém onze melodias do bailado. **[2363]**

Andrade, Mário de. *Os congos. (Bol. Lat. Amer. Mus.*, ano I, tomo I, Montevidéu, abril de 1935, p. 57-70.)

Estudo sobre a dança-dramática dos congos, comum a todo o Brasil, sua origem, seus elementos, sua música. Cinco melodias. Este trabalho, com pequenas variantes e desprovido das melodias de exemplificação, foi preliminarmente publicado no nº 2 da *Lanterna Verde*, boletim da Sociedade Filipe d'Oliveira, fevereiro de 1935, Rio de Janeiro). **[2364]**

Andrade, Mário de. *Ensaio sobre música brasileira.* S. Paulo, I. Chiarato & Cia., 1928. 94 p.

O livro divide-se em duas partes. Na 1ª, o autor estuda as características da música popular brasileira e seu aproveitamento na música erudita nacional. A 2ª é uma coletânea de 120 melodias de várias regiões do Brasil, compreendendo vários gêneros. A peça *Prenda Minha* está deformada no seu ritmo popular legítimo, por esquecimento do informante. Também por deficiência da informação, o "samba do matuto" foi dado como nome tradicional de uma espécie característica de samba, o que é engano. **[2365]**

Andrade, Mário de. *A Entrada dos Palmitos. (Rev. Arq. Municipal*, ano III, v. XXXII, S. Paulo, Departamento de Cultura, fevereiro de 1937, p. 51-64).

Estudo de um costume tradicional das festas do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes, Estado de S. Paulo, que o autor liga ao culto europeu da primavera e da árvore de maio. **[2366]**

Andrade, Mário de. *Geografia religiosa do Brasil.* (*Publicações Médicas*, nº CXXIV, ano XIII, nº 1, agosto de 1941, p. 71-84).

Ensaio de distribuição geográfica da feitiçaria brasileira. **[2367]**

Andrade, Mário de. *Modinhas imperiais.* S. Paulo, Casa Chiarato, 1930. 49 p.

Quinze modinhas brasileiras de salão, do tempo do Império, seguidas de um lundu para piano. A coletânea é precedida de um prefácio em que o autor estuda as origens, transformações e características da modinha. **[2368]**

Andrade, Mário de. *Música do Brasil.* Curitiba, Editora Guaíra Ltda., 1941. 79 p. (Col. Caderno Azul, I).

Dois estudos, sendo de folclore o 2º, versando sobre as danças-dramáticas brasileiras de origem ibérica. **[2369]**

Andrade, Mário de. *Música, doce música.* S. Paulo, L. G. Miranda, 1934. 358 p.

Contém uma parte dedicada ao folclore musical, compreendendo sete estudos sobre um romance, um lundu tradicional, o berimbau (instrumento), a influência portuguesa nas rodas do Brasil, dinamogenias políticas (falas ritmadas), e um capítulo em que estabelece a origem brasileira do fado português. Nove melodias. **[2370]**

Andrade, Mário de. *A música e a canção populares no Brasil. (Rev. do Arq. Mun.*, ano II, v. XIX, S. Paulo, Departamento de Cultura, janeiro de 1936, p. 249-262).

Indicações bibliográficas e discográficas para estudo da música popular brasileira, relação de instituições oficiais que dispõem de documentação sobre o assunto e nomes de especialistas de folclore musical brasileiro. A discografia comercial está atualmente quase esgotada. Nas primeiras páginas do trabalho o autor expõe o estado dos estudos de folclore musical no Brasil, os problemas que tais estudos apresentam, afirmando a inexistência no Brasil de canções populares tradicionais, legitimamente folclóricas, embora existam formas, processos, tendências e constâncias perfeitamente tradicionais. Trabalho escrito em janeiro de 1936 e publicado nessa data pelo Ministério das Relações Exteriores, ele destinava-se ao Institut International de Coopération Intellectuelle, onde com efeito foi publicado, pelo Département d'Art, d'Archéologie et d'Ethnologie, no volume *Folklore Musical*, Paris, 1939, p. 15-27. O trabalho acha-se já bastante em atraso, por não conter as pesquisas feitas posteriormente pelo Departamento de Cultura, de São Paulo, nem as cátedras de Folclore criadas na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro e outras discotecas novas e sociedades de folclore. **[2371]**

Andrade, Mário de. *Namoros com a medicina.* Porto Alegre, Globo, 1939. 130 p. (Biblioteca de Investigação e Cultura, nº 5)

No estudo sobre "Terapêutica Musical" inclui as observações feitas sobre este assunto e sobre "Força Biológica da Música", comunicações publicadas em *Publicações Médicas*, nºs de outubro, novembro e dezembro de 1936, onde se encontram informações sobre os efeitos exaltadores ou depressivos da música brasileira de feitiçaria e dos maracatus. No outro estudo enumera-se, comparando com usanças de outros países, espe-

cialmente Portugal, numerosa coleção de superstições, crendices e costumes da medicina excrementícia.
[2372]

Andrade, Mário de. *A nau Catarineta. (Rev. do Arq. Mun.,* ano VII, v. LXXIII, S. Paulo, Departamento de Cultura, janeiro de 1941, p. 61-76).

Estudo da origem do romance da *Nau Catarineta*, que aparece no Brasil especialmente em ligação com a dança dramática chamada *Chegança de Marujos.* **[2373]**

Andrade, Mário de. *Origens das danças-dramáticas brasileiras;* excerto. (*Rev. Bras. Mun.*, v. II, 1º fascículo. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música, março de 1935, p. 34-39).

Estudo das origens dos bailados populares brasileiros com entrecho dramático ou que obedecem a um tema de ordem intelectual. **[2374]**

Andrade, Mário de. *Papel da música na feitiçaria.* (*Publicações Médicas,* nº LXI, ano VI, nº 1, agosto de 1934, p. 66-72, ilus.)

Estudo da função hipnótica da música na feitiçaria, sendo as observações fundadas nos rituais feitichistas brasileiros. **[2375]**

Andrade, Mário de. *Pequena história da música.* S. Paulo, Martins, 1942. 286 p. ilus. (Col. A Marcha do Espírito, v. III.)

O 12º capítulo trata da música popular brasileira, suas formas, seus processos, as influências que revela, intrumentos mais usados, bem como de várias danças e danças-dramáticas.

O livro é, em essência, o mesmo *Compêndio de História da Música* (1ª, 2ª e 3ª edições: S. Paulo, L. G. Miranda), com alguns capítulos refundidos e outros atualizados e modificados. A discoteca de música popular brasileira não foi atualizada, abrangendo apenas gravações até 1933, muitas delas já inexistentes no mercado.
[2376]

Andrade, Mário de. *O samba rural paulista. (Rev. Arq. Mun.* ano IV, v. XLI, S. Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937, p. 37-116, ilus.)

Descrição técnica e análise do samba rural paulista nos seus aspectos coreográfico, musical e poético, feitas sobre observações colhidas em S. Paulo (capital) e especialmente em Pirapora, na tradicional festa do Bom Jesus. Vinte e uma melodias e oito fotografias. **[2377]**

Azevedo, Luís Heitor Correia de. *Dois pequenos estudos de folclore musical.* Rio de Janeiro, 1938. 43 p.

No primeiro estudo, "Algumas reflexões sobre folcmúsica no Brasil", o autor afirma a inexistência de uma música popular tradicional brasileira, de legítima música folclórica, portanto, embora tenhamos uma linguagem musical popular perfeitamente característica e tradicionalizada nos seus processos. Esta conclusão coincide com a de Mário de Andrade, expendida na mesma época (1936) em seu trabalho: *A música e a canção populares do Brasil*. O segundo estudo é dedicado à música dos países sul-americanos, com uma parte sobre o Brasil, em que é indicada a origem européia, negra e ameríndia da música popular brasileira. **[2378]**

Batista, F. Chagas. *Cantadores e poetas populares.* Paraíba, F. C. Batista Irmão, 1929. 255 p. ilus.

Coletânea de poesias, principalmente desafios, de 18 cantadores nordestinos, com notas biográficas de cada um. **[2379]**

Barreto, Ceição de Barros. *Cantigas de quando eu era pequenina...* 1ª série. Rio de Janeiro, Pimenta de Melo & Cia., 1930. s.p. ilus.

Coletânea de cantos populares infantis harmonizados. Ilustrações de Correia Dias. **[2380]**

Barreto, João Paulo dos Santos. *Alma encantadora das ruas, por João do Rio* [pseud.], Rio de Janeiro, H. Garnier, 1910. 317 p.

Crônicas sobre aspectos e costumes do Rio de Janeiro no princípio do século. Livro de reportagem, terá quando muito a mesma importância dos *Folhetins* de França Júnior, para o seu tempo. **[2381]**

Barreto, João Paulo dos Santos. *As religiões no Rio, por João do Rio* [pseud.], Rio de Janeiro, H. Garnier, s.d. 245 p.

Embora sendo de reportagens, o livro interessa por conter uma das primeiras descrições dos rituais feitichistas afro-brasileiros. Certos fatos descritos pelo autor não foram observados em pesquisas posteriores. **[2382]**

Barreto, Paulo T. *O Piauí e a sua arquitetura. (Rev. Serv. Patr. His. Ar. Nac.*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 187-225.)

Bom estudo descritivo, versando especialmente sobre estrutura e técnica da moradia tradicional popular. **[2383]**

Barroso, Gustavo. *Ao som da viola; folclore.* Rio de Janeiro, ed. Leite Ribeiro, 1921. 733 p.

Livro indispensável pelo seu copioso material. Na primeira parte, *Folclore tradicional*, as peças folclóricas são distribuídas por ciclos temáticos (dos Bandeirantes, do Natal, dos Vaqueiros, o ciclo heróico, o ciclo dos caboclos), havendo ainda outras divisões para "Poesias Mnemônicas", "Antologia" e "Orações". Nos ciclos desta primeira parte vêm enfeixados lendas, bailados-dramáticos, romances, contos, anedotas. A segunda parte, *Folclore repentista*, trata especialmente dos desafios e um pouco das emboladas. A terceira parte traz contos, fábulas, lendas e anedotas. **[2384]**

Barroso, Gustavo. *Através dos folclores.* S. Paulo, Melhoramentos, 1927. 196 p.

Notas sobre correspondências de fatos do folclore brasileiro com outros folclores. Algumas das notas referem-se a material sem interesse brasileiro, como as lendas em torno de D. Juan e de S. Francisco de Assis. Podem-se colher no livro alguns dados sobre contos, anedotas, parlendas, jogos infantis, lendas, superstições, costumes, expressões, medicina, influência negra no folclore brasileiro. **[2385]**

Barroso, Gustavo. *O sertão e o mundo.* Rio de Janeiro, Liv. Leite Ribeiro, 1923. 301 p.

O autor registra vários fatos folclóricos, assinalando sua correspondência com os de outros países. Há no livro informações sobre festas, costumes, superstições, crendices, lendas, contos, parlendas, dança e música, caça, anedotas, poesia, e uma versão da dança-dramática "Bumba-meu-boi" colhida em Fortaleza (Ceará). **[2386]**

Barroso, Gustavo. *Terra de sol: natureza e costumes do Norte*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Alves, 1930. 272 p.

Usos e costumes pastoris, agricultura e crendices sobre o tempo, designação sertaneja de tipos e características de bois e cavalos, curandeirismo e superstições sobre doença e saúde, religião, linguagem, música, dança, danças-dramáticas, festas, poesia, lendas. **[2387]**

Bastide, Roger. *Ensaios de metodologia afro-brasileira; o método lingüístico. (Rev. Arq. Mun.*, ano V, v. LIX, S. Paulo, Departamento de Cultura, julho de 1939, p. 17-320.

Estudo sobre o valor do método lingüístico e sua aplicação aos problemas afro-brasileiros. **[2388]**

Bastide, Roger. *Psicanálise do cafuné.* Curitiba, Guaíra Ltda., 1941. 75 p.

Excelentes estudos de erudição, dois dos quais de interesse diretamente folclórico: o sobre o "Desafio Brasileiro" e o sobre o "cafuné". **[2389]**

Boggs, Ralph S. *Spanish in America; folklore in Pan-americanism; Latin American folklore awaits Conquistadores.* (Univ. of Miami, *Hispanic-American Studies*, nº 1, p. 122-165.)

No terceiro destes estudos, o prof. Ralph S. Boggs, nomeia algumas iniciativas folclorísticas brasileiras, como expõe situação e problemas do estudo científico do Folclore na América Latina, que são válidos também para o Brasil. **[2390]**

Brandenburger, Clemente. *Lendas dos nossos índios: leituras brasileiras;* pref. de Afrânio Peixoto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Alves, 1931. 149 p.

Contém também grande cópia de contos populares brasileiros. **[2391]**

Brasil, A. Americano do. *Cancioneiro de trovas do Brasil central.* S. Paulo, Cia. gráf. ed. Monteiro Lobato, 1925. 286 p.

Coletânea bem feita da poesia popular de Goiás, terminada com um capítulo sobre danças populares desse estado. **[2392]**

Brasil, I. G. Americano do. *Lendas e encantamentos do sertão.* São Paulo. Ed. Pub. Brasil (1938). 113 p.

Lendas correntes em Goiás e Mato Grosso. **[2393]**

Brito, Severino de Sá. *Trabalhos e costumes dos gaúchos.* Porto Alegre, Globo, 1928. 219 p.

Dividido em duas partes, o livro interessa pela 1ª, que trata dos trabalhos pastoris no Rio Grande do Sul. **[2394]**

Câmara Cascudo, Luís da.

vide

Cascudo, Luís da Câmara.

Camargo, Gentil de. *Sintaxe caipira do vale do Paraíba. (Rev. Arq. Mun.* ano IV. v. XXXVII, S. Paulo, Departamento de Cultura, julho de 1937, p. 49-53, ilus.)

Alimentação e proibições alimentares do Vale do Paraíba. Os desenhos, de Paulo C. Florençano, representam cozinha e apetrechos culinários populares. **[2395]**

Cardoso, Nuno Catarino. *Cancioneiro popular português e brasileiro: antologia contendo 521 quadras e dois capítulos sobre a psicologia do amor.* Lisboa, Portugal Brasil Ltda., 1921. 119 P. **[2396]**

Carneiro, Édison. *Linhas gerais da casa de candomblé. (Rev. Arq. Mun.*, ano VI, v. LXXI, São Paulo, Departamento de

Cultura, outubro de 1940, p. 129-140).

Arquitetura das casas de candomblé na Bahia, seu funcionamento religioso, bem como condições da vida, nessas casas, fora das cerimônias do culto. **[2397]**

Carneiro, Édison. *Negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore.* Rio de Janeiro. Civ. Brasileira, 1937. 187 p. ilus. (Bib. Divulgação Científica, v. XIV.)

Procura o autor demonstrar que a influência dos negros bantos na Bahia não foi tão pequena quanto se tem dito. São aproveitáveis os dados sobre cultos feitichistas da Bahia, bem como algumas manifestações do folclore baiano: samba, batuque, capoeira e festas do boi. **[2398]**

Carneiro, Édison. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa.* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira. 1936. 188 p. foto. (Bib. Divulgação Científica, v. VII.)

Estudo de cultos feitichistas afro-brasileiros da Bahia. Embora tenha se baseado largamente em Nina Rodrigues e Artur Ramos, o autor apresenta contribuição pessoal ao estudo de tais cultos, fornecendo material por ele colhido nos candomblés baianos. **[2399]**

Carneiro, Sousa. *Os mitos africanos no Brasil; ciência do folclore.* S. Paulo, Ed. Nacional, 1937. 506 p. ilus., série V. Brasiliana, v. 103.

Livro importante pelo seu número de páginas, incluído por lastimável engano numa coleção que se recomenda por muitos méritos, os *Mitos Africanos* de Sousa Carneiro, não tem validade científica. O prof. Artur Ramos, que tudo fez para impedir a publicação do livro, em carta-circular aos africanistas, foi obrigado a denunciar a falta de autoridade dele. Entre outras afirmações e críticas, diz o prof. Artur Ramos: "... não há, no livro, pontos parciais que documentem esta denúncia que aqui faço. Ele deve ser afastado *d'emblé*. Tudo ali é uma enorme atividade mitomaníaca, construída sobre alguns fatos concretos, de pesquisa alheia. Separadas estas páginas, e eliminadas algumas coletas, provavelmente reais, todo o resto é uma enorme fabulação, arquitetada sobre certos pontos de partida. As classificações das páginas 136 e seguintes, a lista de "heróis afro-negros" de págs. 136 e seguintes, "quimeras" de páginas 148, são realmente "quimeras", "atividade imaginativa do autor". **[2400]**

Carvalho, Alberto de. *Manual do caçador ou Caçador Brasileiro.* S. Paulo. 1924. 164 p. ilus.

O livro contém algumas indicações de costumes tradicionais de caça. **[2401]**

Carvalho, José. *O matuto cearense e o caboclo do Pará: contribuição ao folclore nacional.* Belém do Pará. Of. Grf. *Jornal de Belém*, 1930. 230 p.

Lendas, contos, anedotas, costumes, reunidos com a intenção de mostrar as caracterísicas dos habitantes do interior dos Estados do Ceará e Pará. **[2402]**

Carvalho, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte,* 2ª ed. Paraíba do Norte, Liv. S. Paulo, 1928. 422 p.

Coletânea copiosa de vários gêneros de poesia do Nordeste e Norte, em que predomina a poesia dos cantadores, precedida de um prefácio

em que há referências a vários aspectos do folclore da região: contos, danças, bailados-dramáticos, superstições e crendices, feitiçaria, poesia, festas populares, jogos, cantos e parlendas infantins. **[2403]**

Cascudo, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Porto Alegre, Globo, 1939. 274 p.

Livro indispensável pelos seus estudos sobre a técnica da poesia popular cantada dos estados enumerados no subtítulo. Contém textos, descrição de gêneros, formas, assuntos, instrumentos acompanhantes, e seis melodias. Conclui com um resumo biográfico dos cantadores. **[2404]**

Castro, Derval de. *Páginas do meu sertão.* S. Paulo, Casa Duprat-Mayença, 1930. 135 p.

Embora sem muito valor, o livro é útil por trazer na sua 2ª parte, *Tipos*, algumas informações sobre o folclore goiano, de escassa bibliografia: costumes, festas, danças, lendas, superstições relativas à saúde e doença, concluindo o volume um "vocabulário do sertanejo goiano". **[2405]**

Castro, Josué de. *Fisiologia dos Tabus.* 1938. 62 p. ilus.

Curiosa comunicação tentando esclarecer o mecanismo dos tabus à luz da teoria dos reflexos condicionados de Pavlov. Segue uma relação de várias proibições alimentares tradicionais no Brasil. Ilustrações de Santa Rosa. Editado e distribuído pela Cia. Nestlé do Brasil. **[2406]**

Castro e Silva, Egídio de.
vide
Silva, Egídio de Castro e.

Cavalcanti de Albuquerque, Luís Teotônio.
vide
Albuquerque, Luís Teotônio Cavalcanti de.

César, Getúlio. *Crendices do Nordeste;* pref. de Gilberto Freire. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1941. 203 p.

Relação, sem estudo, de grande cópia de crendices e superstições correntes no Nordeste brasileiro, abrangendo vários aspectos: tempo, lavoura, animais, casamento, morte, infância, medicina, etc. **[2407]**

China, José B. d'Oliveira. *Os ciganos do Brasil: subsídios históricos, etnográficos e lingüísticos.* S. Paulo. Imp. Oficial, 1936. 329 p.

É uma separata da *Revista do Museu Paulista*, tomo XXI. **[2408]**

Correia, Armando de Magalhães. *O sertão carioca.* Rio de Janeiro. Ed. Inst. Hist. Geo. Brasl, 1936. 308 p. ilus.

Costumes das zonas rurais do, então, Distrito Federal. Dados amplos sobre indústrias populares da região. Notas sobre ritos feitichistas. **[2409]**

Costa, Francisco Augusto Pereira da. *Folclore pernambucano.* Rio de Janeiro. 1908. 641 p. (Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo LXX, parte II.)

Trabalho clássico e indispensável, o único dedicado sistematicamente a Pernambuco. É essencialmente uma coletânea de poesia popular, embora tenha um amplo capítulo dedicado a susperstições, lendas e crendices. No capítulo sobre "poesia popular" encontram-se dados sobre festas, danças, cantos de trabalho, jogos, dan-

ças-dramáticas (chegança, bailes pastoris, bumba-meu-boi, maracatu, congos). **[2410]**

Cultura política: *revista mensal de estudos brasileiros.* Rio de Janeiro, direção de Almir de Andrade.

Esta revista iniciou a sua publicação em março de 1941 e tem seguido normalmente o seu curso. Nela o prof. Basílio de Magalhães mantém uma seção, intitulada: *O Povo Brasileiro através do Folclore*, em que por meio de pequenas comunicações mensais, expõe o estado atual dos seus conhecimentos folclóricos. A revista mantém ainda três seções mensais, intituladas: *Quadros e Costumes do Norte*, *Quadros e Costumes do Nordeste* e *Quadros e Costumes do Centro e do Sul*, respectivamente redigidas pelos escritores Raimundo Pinheiro, Graciliano Ramos e Marques Rebelo. Redigidas com feição demasiado literárias, essas comunicações apresentam algum interesse, pelo que contêm de descrições de costumes, tipos de manifestações de nossa psicologia tradicional. Além disso, o grande número de artigos publicados em cada volume sobre geografia, indústrias, elementos econômicos, etc. das diversas regiões do Brasil contém, com abundância, matéria folclórica a respigar. **[2411]**

Cunha, Mário Wagner Vieira da. *Descrição da festa de Bom Jesus de Pirapora. (Rev. Arq. Mun.*, ano IV. v. XLI, S. Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937, p. 5-36, ilus.)

Descrição das tradicionais festas profano-religiosas que se realizam anualmente em Pirapora, Estado de S. Paulo. Do samba, parte profana que assume importância enorme no conjunto dos festejos, indica funcionamento, coreografia e textos poéticos. **[2412]**

Dornas, João (Filho). *Algumas questões de folclore. (Rev. Arq. Mun.*, ano IV. v. XLVI, S. Paulo, Departamento de Cultura, abril de 1938, p. 145-180).

Miscelânea de assuntos folclóricos, que interessa pela última parte, que contém contos do oeste mineiro e poesia colhida principalmente no oeste, nordeste e norte de Minas, e em Goiás. **[2413]**

Dornas, João (Filho). *Cantigas dos capinadores de rua em Belo Horizonte. (Rev. Arq. Mun*, ano V. v. L, S. Paulo, Departamento de Cultura, setembro de 1938, p. 89-92).

Notas sobre os cantos-de-trabalho das turmas de crianças que na capital de Minas Gerais são encarregadas de capinar as ruas asfaltadas. Apenas os textos das cantigas. **[2414]**

Dornas, João (Filho). *A influência social do negro brasileiro. (Rev. Arq. Mun.*, ano V. v. LI, S. Paulo, Departamento de Cultura, outubro de 1938, p. 95-134).

Função do negro na formação da sociedade brasileira. Dados sobre danças, crendices e costumes. Seis melodias. **[2415]**

Duque Estrada, Osório. *O Norte: impressões de viagem.* Porto, Liv. Chardron, 1909. 305 p. ilus.

Contém três capítulos que tratam de folclore: *O folclore cearense*, *As emboladas*, *Trovas populares* (conferência literária). No segundo é dada uma melodia de coco alagoano. **[2416]**

Edmundo, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo.* Rio de Janeiro, Imp. Nacional. 1938. 3 v. ilus.

Aspectos e costumes do Rio de Janeiro no princípio do século. Ilustrações de Marques Júnior, Henrique Cavaleiro, Armando Pacheco, Raul, Calixto, Gil, J. Carlos, Rocha, Daniel, Julião Machado Lobão e outros. Fotografias de Marc Ferraz, Luís Bueno, W. Crown e Augusto Malta.

[2417]

Edmundo, Luís. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis (1763-1808).* Rio de Janeiro, Ed. Inst. Hist. Geo. Bras., 1932. 544 p. ilus.

Dados copiosos sobre fatos e costumes do Rio de Janeiro colonial, abrangendo vários aspectos. As ilustrações são de Wasth Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Carlos e Rodolfo Chambelland, Marques Júnior e Salvador Ferraz, feitas de acordo com documentos históricos fornecidos pelo autor, 47 fotografias. **[2418]**

Eelis, Elsie Spicer. *Brazilian fairy book*. New York, Frederick A. Stokes, 1926. 193 p.

Dá-se referência deste livro por ser em língua inglesa. **[2419]**

Eelis, Elsie Spicer. *Tales of giants from Brazil.* New York, Dodd, Mead, 1918. 179 p.

Dá-se referência deste livro por ser em língua inglesa. **[2420]**

Estrada, Osório Duque.

vide

Duque Estrada, Osório. *Estudos afro-brasileiros; trabalhos apresentados ao 1º Congresso afro-brasileiro reunido no Recife em 1934;* pref. de Roquete-Pinto, Rio de Janeiro, Ariel Ed., 1935. 275 p. map.

Estudos sociológicos, antropológicos e folclóricos do negro no Brasil. Fonte indispensável para o conhecimento do assunto. Contém sete melodias de xangôs do Recife. (Vide também, **Freire**, Gilberto, e outros – *Novos estudos afro-brasileiros*).

[2421]

Faria, Alberto. *Acendalhas: literatura e folclore.* Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Maurilo, 1920. 398 p.

Três capítulos de assunto folclórico: *Magia simpática, Cucularia e Concepção poética da Conceição*. O primeiro cuida especialmente do loureiro como preservativo contra raios, o segundo do nome de Cuco dado aos maridos enganados, e o terceiro de famosa quadra tradicional luso-brasileira sobre a Imaculada Conceição de Maria. **[2422]**

Faria, Alberto. *Aérides: literatura e folclore.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918. 308 p.

Tratando mais de assuntos de literatura comparada que de folclore, o livro contém notas sobre algumas lendas, poesia, anexins, frases-feitas e adivinhas. **[2423]**

Fazenda, José Vieira. *Antiqualhas e memórias do Rio de Janeiro. (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, v. 1-t. 86, v. 140, 1921; v. 2-t. 88,v. 142, 1923; v. 3-t. 89, v. 143, 1924; v. 4-t. 93, v. 147, 1927; v. 5-t, 95, v. 149, 1927.)

Embora não trate especializadamente de folclore, estes artigos contêm grande cópia de informações fidedignas sobre costumes tradicionais brasileiros. **[2424]**

Fernandes, Gonçalves. *O folclore mágico do Nordeste: usos, costumes, crenças e ofícios*

mágicos das populações nordestinas. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1938. 177 p. (Bib. Divulgação Científica, v. 18.)

Especialmente importante pela larga parte consagrada ao catimbó, ritual feitichista. Traz 13 melodias: 3 de cânticos de velórios e 10 de catimbó. **[2425]**

Fernandes, Gonçalves. *O sincretismo religioso no Brasil: seitas, cultos, cerimônias e práticas religiosas e mágico-curativas entre as populações brasileiras.* Curitiba, Ed. Guaíra Ltda., 1941. 153 p. ilus.

Nenhuma documentação fundamental. Interessa por trazer um 1º capítulo destinado a uma nova modalidade de xangô (ritual feitichista) causada pela repressão policial: o "xangô-rezado-baixo" de Alagoas. **[2426]**

Fernandes, Gonçalves. *Xangôs do Nordeste: investigações sobre os cultos negro-feitichistas do Recife.* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1937. 158 p. ilus.

Notas sobre os cultos afro-brasileiros de vários terreiros do Recife. Contém quatro melodias de xangô. **[2427]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *O elemento negro: história, folclore, lingüística;* introd. e notas de Joaquim Ribeiro. Rio, Record, 1936. 237 p. **[2428]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *O folclore: estudos da literatura popular.* Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1919. 328 p.

Série de estudos sobre contos, medicina, interpretação onírica, romances, problemas, sendo larga a atenção dispensada aos jogos e parlendas infantis. Trabalho de erudição, é uma das obras clássicas do folclore brasileiro. Constituiu uma série de oito conferências realizadas pelo autor na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1913, e publicadas nos seus *Anais*, 1913, v. XXXV, p. 213-311. Em *O Folclore*, o material das conferências aparece um pouco aumentado e dividido em pequenos capítulos, para maior comodidade do leitor. **[2429]**

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade. *Frases-feitas: estudo conjetural de locuções, ditados e provérbios.* Rio de Janeiro, Alves, 1908. 302 p.

Estudos excelentes, que a cultura filológica e os conhecimentos folclóricos do autor documentam com solidez. **[2430]**

França, José Joaquim da (Júnior). *Folhetins:* pref. e coordenação de Alfredo Mariano de Oliveira, 4ª ed. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1926. 705 p.

Costumes cariocas do último quartel do séc. XIX, inclusive costumes musicais. Os folhetins foram publicados em diversos jornais do Rio de Janeiro, a partir de 1876. **[2431]**

Franco, Afonso Arinos de Melo. *Lendas e tradições brasileiras.* 2ª edição. Rio, F. Briguiet, 1937.

Série de conferências realizadas na Sociedade de Cultura Artística, de São Paulo, em 1915. Embora de feição literária, as descrições são fidedignas, referindo-se especialmente ao culto de N. Senhora e de alguns santos populares como S. João e S.to Antônio; superstições; festas de danças; lendas do rio São Francisco e de minerais preciosos. A primeira edição é de 1917. Soc. de Cultura Artística, São Paulo. 184 p.**[2432]**

Freitas, Afonso A. de. *Tradições e reminiscências paulistanas.* S. Paulo, Monteiro Lobato e Cia., 1921. 188 p.

Traz, às p. 153-188, umas achegas ao folclore, nas quais são descritos vários jogos infantis usados na capital de S. Paulo. Contém também duas melodias populares: uma versão de um canto sobre o bandido nordestino *Cabeleira*, e outra, do brinquedo infantil "Limão". **[2433]**

Freire, Gilberto. *Açúcar: algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939. 166 p. ilus.

A exposição das receitas de doces e bolos é precedida de uma introdução, contendo observações sobre a cozinha tradicional brasileira, especialmente a nordestina. **[2434]**

Freire, Gilberto. *Mocambos do Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, Min. Educação e Saúde, s.d. 34 p. ilus. (Pub. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 1.)

Descrição da arquitetura dos mucambos, tipo de habitação popular no Nordeste, e observações sobre a face sociológica da questão. Ilustrações de Dimitri Ismailovitch e Manuel Bandeira. **[2435]**

Freire, Gilberto, e outros. *Novos estudos afro-brasileiros:* trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife; pref. de Artur Ramos. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1937. 352 p. ilus. (Bib. Divulgação Científica, v. IX)

Estudos sociológicos, antropológicos e folclóricos do negro no Brasil. Fonte indispensável para o conhecimento do assunto. Representa a conclusão da publicação dos trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro em Recife, publicação iniciada com os Estudos afro-brasileiros. Ilustrações de Santa Rosa, Lasar Segall e Portinari. V. x Estudos Afro-Brasileiros. **[2436]**

Friedenthal, Albert. *Musik, Tanz und Dichtung bei den Kreolen Amerikas.* Berlim, Hans Schnippel, 1913. 328 p.

Contém um capítulo de pouco valor folclórico sobre a música popular brasileira, com algumas melodias do séc. XIX. **[2437]**

Friendenthal, Albert. *Stimmen der Völker in Liedern, Tanzen und Charakterstücken. I. Abteilung -- Die Volksmusik der Kreolen Amerikas, Heft 6 -- Brasilien.* Berlim, Schlesinger. s.d. 34 p.

O livro faz parte de uma série que compreende a música de vários países da América. Neste 6º fascículo, dedicado ao Brasil, há 13 peças populares harmonizadas, vocais e instrumentais, do séc. XIX. Nem todas as peças são exatamente folclóricas, de algumas delas conhecemos os autores urbanos, algumas outras são obras de salão muito vulgarizadas. Mas a coletânea tem grande interesse, não só pela raridade de documentos populares dessa época, como porque permite a observação de constâncias e caracteres da música popular brasileira de um período em ela estava fixando os seus elementos folclóricos. **[2438]**

Gallet, Luciano. *Estudos de folclore.* Rio de Janeiro, Carlos Wehrs e Cia., 1934. 115 p. ilus.

Duas memórias sobre a contribuição ameríndia e negra para a mú-

sica popular brasileira; descrição e melodias de seis danças do Estado do Rio, e uma melodia de roda da mesma região; uma série de temas brasileiros compreendendo onze cocos (dança), uma modinha, um canto de pastoril (dança-dramática), uma roda, uma toada, três cantos de macumba (ritual feitichista afro-brasileiro do Rio de Janeiro), e um pregão carioca. Ao todo, 26 melodias populares. O cuidado documentário com que são descritas as danças dá ao trabalho excelente valor folclórico. **[2439]**

Góis, Carlos. *Mil quadras populares brasileiras; contribuição ao folclore.* Rio de Janeiro, F. Briguiet e Cia., 1916. 246 p.

Coletânea indispensável de poesia popular brasileira. **[2440]**

Gomes, Antônio Osmar. *A chegança; contribuição folclorica do baixo S. Francisco.* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira 1941. 187 p.

Fraco na sua parte destinada ao estudo da dança-dramática que lhe dá nome, o livro é útil por trazer uma versão completa e ampla de *Chegança do Estado de Sergipe*, acompanhada de 35 melodias. **[2441]**

Gomes, João (Júnior), e **Julião,** João Batista. *Ciranda, Cirandinha...* S. Paulo, Melhoramentos. 1924. 39 p.

50 melodias populares harmonizadas, na sua maioria cantos de jogos infantis (rodas). **[2442]**

Gomes, Lindolfo. *Contos populares: narrativas maravilhosas e lendárias, seguidas de cantigas de adormecer.* S. Paulo, Melhoramentos, s.d. 2 v.

Coletânea importante, de que o material foi recolhido em Minas Gerais. O 1º v. contém um vocabulário que se refere aos dois volumes. **[2443]**

Gomes, Lindolfo. *Nihil novi...; estudos de literatura comparada, de tradições populares e de anedotas.* Juiz de Fora, Tip. Brasil, 1927. 252 p.

O material folclórico existente nesta série de pequenas notas consiste em observações sobre contos, poesia, parlendas, adivinhas, jogos, provérbios, além das anedotas já especificadas no subtítulo. O teor geral do livro é o da comparação erudita com material de outras terras. **[2444]**

Gonçalves Fernandes

vide

Fernandes, Gonçalves.

Gouveia, Daniel de. *Folclore brasileiro.* Rio de Janeiro, Emp. Gráf. Ed. Paulo, Pongetti e Cia., 1926. 128 p.

Enumera uma série de crendices, orações e adivinhas, sem informações que permitam controle do material. Falta sistematicamente, por ex., a indicação da zona ou zonas em que foi colhido, embora se depreenda que o autor é nordestino ou nortista. Apesar da deficiência de método é um dos bons livros brasileiros sobre o assunto versado. **[2445]**

Hague, Eleanor. *Brazilian Sons.* (*Journal of American folclore,* XXV, nº 96, New York, 1912.)

Vide estudo de "Introdução". **[2446]**

Hague, Eleanor. *Latin American music -- past and present.* Santa Ana, Cal., Fine Arts Press, 1934. 98 p.

Recenseado apenas por ser escrito em língua inglesa, este livro contém informações sobre folclore mu-

sical brasileiro muito deficientes. Algumas dessas informações são erradas, como dar, no quadro fora de texto, junto à p. 83, a bambula, a rumba e marote como danças brasileiras; dizer que à dança cateretê é uma canção; e, entre as formas líricas, enumerar umas "saudades" que não existem. **[2447]**

Houston-Péret, Elsie. *Chants populaires du Brésil.* Première sèrie; introd. par Philippe Stern. Paris, Librairie Orientaliste Paul Geughener. 1930. 27, 46 p. (Bibliothèque Musicale du Musée de la Parole et du Musée Guimet).

Possui 42 documentos musicais populares. Obra de grande interesse, com esclarecimentos muito certos quase sempre. Inclui algumas peças de autores urbanos alfabetizados, que se popularizaram algum tempo. As cantigas de desafio nem sempre têm refrão, como está dito. As peças nºs 21 a 25 (esta inventada pelo compositor Marcelo Tupinambá), não são "modinhas", mas "toadas" rurais. **[2448]**

Hurley, Jorge. *Itarãna: pedra falsa; lendas, mitos, itarãnas e folclore amazônicos.* Belém do Pará. Cf. Gráf. do Instituto D. Macedo Costa, 1934. 200 p. (Separata do v. IX da *Rev. Inst. Hist. Geo. Pará).*

A maior parte do livro é destinada a alguns mitos ameríndios, cujos estudos são confusos e não convencem, como por exemplo o capítulo destinado a provar que o Tupã dos tupi-guarani equivalia ao Deus dos cristãos. Alguns capítulos com referências breves a festas joaninas e ao mar abaixo amazônicos que, por não terem descrição em outros autores, tornam o livro útil. **[2449]**

Jacques, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Of. Gráf. Esc. Engenharia, 1912. 158 p. ilus. foto.

Alguns dados sobre danças, poesia, lendas, crendices, vestuário, armas e alimentação dos gaúchos e um vocabulário. **[2450]**

Julião, João Batista, colab.

vide, também,

Gomes, João (Júnior).

Krug, Edmundo. *Curiosidades da superstição brasileira: moléstias, remédios, curas, etc.* S. Paulo, 1938. 36 p. (Separata da *Rev. Inst. Hist. Geo. S. Paulo,* v. XXXV).

[2451]

Lajes, (Filho). *A medicina popular em Alagoas.* Bahia, 1934. 27 p. (Separata dos Arq. Inst. Nina Rodrigues, ano III, ns. 1 e 2, Bahia)

Formulário médico popular colhido no Estado de Alagoas, organizado em forma de dicionário. **[2452]**

Lamego, Alberto (Filho). *A planície do solar e da senzala;* pref. de Oliveira Viana. Rio de Janeiro, Liv. Católica, 1934. 192 p. ilus. foto.

Aspectos geográficos, geológicos, econômicos e sociais da Baixada Fluminense, entre os quais encontram-se dados de interesse folclórico, principalmente todo um capítulo dedicado à *Mana Chica,* dança popular que o autor considera como a mais freqüente na região, e que não aparece descrita em nenhum outro livro de nosso conhecimento. **[2453]**

Lamenza, Mário. *Provérbios.* Rio, Liv. H. Antunes, 1941. 287 p.

Vasta coleção de provérbios, rifões, anexins, pensamentos e frases feitas da língua portuguesa. Tudo exposto alfabeticamente, porém, sem comentário. **[2454]**

Lima, Francisco Peres de. *Folclore acriano.* Rio de Janeiro, Tip. Batista de Sousa, 1938. 154 p.

Livro bastante fraco, mas único existente sobre o folclore do Acre. **[2455]**

Lopes, João Simões (Neto). *Cancioneiro guasca; coletânea de poesia popular rio-grandense.* 3ª Ed. Pelotas, Liv. Universal, Echenique & Cia., 1928. 241 p.

Além de poesia popular, contém o livro dados sobre danças antigas do Rio Grande do Sul, resumidos de J. Cezimbra Jacques, e duas páginas destinadas a *Dizeres* (expressões populares e provérbios). A parte poética consta de uma grande coleção de quadras ligadas a danças, desafios e uma série de poesias históricas, quase todas de autoria indicada. **[2456]**

Lopes, João Simões (Neto). *Contos gauchescos e lendas do Sul.* Porto Alegre, Globo, 1926. 319 p.

Aos contos de feitio regional, segue-se uma série de lendas correntes no Rio Grande do Sul, expostas com feição literária. Algumas lendas encontráveis no Centro e Norte do Brasil, referidas brevemente, terminam o volume. **[2457]**

Lopes, Raimundo. *Pesquisa etnológica sobre a pesca brasileira no Maranhão (Rev. do Serv. Patr. Hist. Arts. Nac.*, Rio de Janeiro, nº II, p. 151-186).

Estudo comparativo e descritivo fundamental sobre o assunto versado. **[2458]**

Lozano, Fabiano Rodrigues. *Minhas cantigas.* S. Paulo, Liv. Liberdade (1933) 53 p.

Coleção de cantos destinados às escolas, na sua maioria harmonizações de melodias populares de jogos infantis (rodas). **[2459]**

Machado, Aires da Mata (Filho). *O negro e o garimpo em Minas Gerais. (Rev. Arq. Mun.* S. Paulo, Departamento de Cultura, ano V, v. 60, p. 97-122; ano VI, v. 61, p. 259-284; ano VI, v. 62, p. 310-356; ano VI, v. 63, p. 271-298).

Importante trabalho sobre o folclore da zona diamantífera de S. João da Chapada, município de Diamantina, Estado de Minas Gerais, em que é especialmente valioso o capítulo dedicado aos visungos, cantos de trabalho dos negros nas lavras. Desses cantos são registradas 65 melodias e mais três de cantos religiosos. Contém mais dados sobre costumes, festas, trabalhos de mineração, superstições e crendices, danças e um vocabulário do dialeto crioulo sao-joanense, em que o autor nota principalmente caráter banto. **[2460]**

Magalhães, Basílio de.

vide, também

Cultura política: *revista mensal de estudos brasileiros*

Magalhães, Basílio de. *O folclore no Brasil;* com uma coletânea de 81 contos populares organizada pelo Dr. João da Silva Campos. 2ª ed. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1939. 397 p. ilus.

Com as de Sílvio Romero e Lindolfo Gomes, a coletânea de contos coligida por João da Silva Campos

na Bahia constitui o grupo dos três trabalhos indispensáveis sobre o assunto. A Basílio de Magalhães cabe neste volume uma vastíssima bibliografia sobre os estudos brasileiros de folclore, dois capítulos em que estuda algumas lendas brasileiras, e a classificação dos contos colhidos por Silva Campos. **[2461]**

Mata, Machado (Filho).

vide

Machado, Aries da Mata (Filho).

Matos, José Veríssimo Dias de. *A pesca na Amazônia.* Rio de Janeiro, Liv. Clássica de Alves & Cia., 1895. 206 p.

O livro interessa pela 1ª parte, em que, além dos capítulos em que são descritos tipos de pescarias, como as do pirarucu, do peixe-boi e da tartaruga, há um dedicado a instrumentos e processo gerais de pesca. **[2462]**

Mauricéia, Cristóvão de. *Espírito e sabedoria. 2.000 adágios e provérbios do idioma pátrio em 200 assuntos.* Rio de Janeiro, (Francisco de Sousa Pinto, 1938). 192 p.

O autor indica os provérbios que considera de origem brasileira, nem sempre com razão e sem dar as fontes e raciocínios que o levaram a essas indicações. **[2463]**

Melo, Guilherme Teodoro Pereira de. *A música no Brasil, desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República.* Bahia, Tip. S. Joaquim, 1908. 366 p.

Dados sobre música, danças e danças-dramáticas. Contém 41 melodias populares. O trabalho foi republicado mais tarde no *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil,* 1º v., p. 1621-74 (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922 – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), com cortes de texto e de 18 melodias. **[2464]**

Melo Franco, Afonso Arinos.

vide

Franco, Afonso Arinos de Melo.

Melo, Morais Filho.

vide

Morais, Alexandre José de Melo (Filho).

Mendes, Júlia de Brito. *Canções populares do Brasil;* Brito Mendes, Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1911. 336 p.

Coleção de 130 melodias populares, contendo alguns cantos de danças-dramáticas, lundus, e modinhas em profusão. Em grande número de peças há erros evidentes de grafia, de ritmo e compasso. **[2465]**

Almeida, Fernando Mendes de.

vide

Almeida, Fernando Mendes de.

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *Cancioneiro dos ciganos; poesia popular dos ciganos da Cidade Nova.* Rio de Janeiro, Garnier, 1885. 90 p.

Coletânea de quadras colhidas entre os ciganos do Rio de Janeiro. **[2466]**

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *Os ciganos do Brasil; contribuição etnográfica.* Rio de Janeiro, Garnier, 1886. 203 p.

Costumes e poesia dos ciganos do Brasil, de quem o autor, preocupado com a sua disseminação no país, exagera a influência no nosso folclore. **[2467]**

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *Festas e tradições populares do Brasil;*

pref. de Sílvio Romero. Rio de Janeiro, Garnier, 1895? 541 p. ilus.

Feito com o sentimentalismo e a preocupação literária dos estudos folclóricos da sua época entre nós, este livro de Melo Morais Filho, trabalho clássico do folclore brasileiro, é um farto e indispensável repositório de dados de vária espécie, embora as informações sejam em muitos pontos vagas e incompletas. Desenhos de Flumen Junius. **[2468]**

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *História e costumes.* Rio de Janeiro, Garnier, s.d. 233 p. ilus.

A 2ª parte do livro, destinada aos *Costumes*, trata das festas populares de Natal (Bahia), Ano Bom (Bahia), Reis (Bahia), S. João (Sergipe), festa dos pescadores (Rio). Na descrição dessas festas existem dados sobre bailes pastoris, reisados, cheganças.

[2469]

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *Quadros e crônicas; com um estudo por Sílvio Romero.* Rio de Janeiro, Garnier, s.d. 411 p.

Festas populares, cheganças, reisados, bailes pastoris. Descrições e textos. **[2470]**

Morais, Alexandre José de Melo (Filho). *Serenatas e saraus: coleção de autos populares, lundus, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas.* Rio de Janeiro, Garnier, 1901, 1902. 3 v.

Dos três volumes de que se compõe a obra, interessa primeiro, pela parte destinada aos reisados e cheganças. O terceiro conclui com as melodias de três modinhas. **[2471]**

Morais, Raimundo de. *O meu dicionário de cousas da Amazônia.* Rio de Janeiro, 1931. 2 v.

A obra contém numerosas indicações de ordem folclórica, mas expostas sem método, nem intenção documental. **[2472]**

Mota, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense.* Rio de Janeiro, Liv. Castilho, 1921. 398 p. ilus.

[2473]

Mota, Leonardo. *No tempo de Lampião.* Rio de Janeiro, Of. Industrial, Gráf., 1930. 250 p.

Apenas nos seis primeiros capítulos se contam fatos do cangaceirismo nordestino. O interesse do livro reside no que contém de anedotas, adivinhas, expressões, e nas séries de mais de quatrocentos provérbios.

[2474]

Mota, Leonardo. *Sertão alegre: poesia e linguagem do sertão nordestino.* Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1928. 302 p.

[2475]

Mota, Leonardo. *Violeiros do Norte: poesia e linguagem do sertão nordestino.* S. Paulo, Cia Gráf. Ed. Monteiro Lobato, 1925. 311 p.

Coletânea de poesias da lavra de cantadores nordestinos, a que se segue um capítulo destinado à enumeração de várias superstições e outro a modismos de linguagem e adágios.

[2476]

O negro no Brasil; trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1940. 363 p. ilus. (Bib. Divulgação Científica, v. XX).

Estudos de ordem histórica, sociológica, folclórica, jurídica, literária e lingüística sobre o negro no Brasil. **[2477]**

Nery, Frederico José de Santana. *Folklore bréslien: poésie populaire: contes et légendes, fables et mythes; poésie, musique, danses et croyances des indiens;* préf. du prince Roland Bonaparte, Paris, Perrin & Cie., 1889. 272 p.

O material dado no livro foi colhido largamente em outros autores, principalmente em Sílvio Romero e Couto de Magalhães. Obra destinada à vulgarização do folclore brasileiro na França, apresenta o defeito de citar em francês os textos poéticos, sem deles dar o original brasileiro. Excetuando-se a coletânea de contos populares, as informações contidas no livro são rápidas, incompletas e, às vezes, falsas. O volume conclui com 12 melodias populares brasileiras. **[2478]**

Nina Rodrigues, Raimundo.

vide

Rodrigues, Raimundo Nina.

Oliveira, D. Martins de. *Marujada.* Rio de Janeiro, Record. s.d. 191 p.

Livro de contos regionais. Traz, em apêndice, uma versão completa, de amplas proporções, do bailado com entrecho dramático chamado *Marujada* (Fandango, Barca, Chegança em diversas regiões), colhida na zona do rio S. Francisco. **[2479]**

Oliveira, José Coutinho de. *Lendas amazônicas coligidas por José Coutinho de Oliveira.* S.L., 1916. 143 p.

Material apresentado em forma literária, sendo que em grande parte tomado a outros autores. **[2480]**

Oliveira, Leôncio C. de. *Vida roceira: contos regionais.* S. Paulo, *O Estado de S. Paulo*, 1918. 271 p.

Em longa introdução (p. 5-98) aos contos regionais, o autor discorre sobre lendas, crendices, superstições, costumes e linguagem do caipira brasileiro. **[2481]**

Oliveira, Sebastião Almeida. *Armadilhas usuais do índio e do sertanejo. (Rev. Arq. Mun.*, ano II, v. XV, S. Paulo, Departamento de Cultura, agosto de 1935, p. 131-135).

Instrumentos populares de caça e pesca. **[2482]**

Oliveira, Sebastião Almeida. *Cem adivinhas populares. (Rev. Arq. Mun.*, ano VI, v. LXVI, S. Paulo, Departamento de Cultura, abril e maio de 1940, p. 59-76).

Material colhido em Tanabi, Estado de São Paulo. **[2483]**

Oliveira, Sebastião Almeida. *Contribuição à paremiologia matrimonial luso-brasileira. (Rev. arq. mun.*, ano IV, v. XLV, S. Paulo, Departamento de Cultura, março de 1938, p. 121-24).

99 provérbios sobre casamento. **[2484]**

Oliveira, Sebastião Almeida. *Expressões do populário sertanejo; vocabulário e superstições.* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1940. 219 p.

Material colhido nos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso e S. Paulo, principalmente no município de Tanabi, deste último, onde reside o autor. As crendices são organizadas em forma de dicionário, pelo seu elemento principal. **[2485]**

Oliveira, Sebastião Almeida. *Provérbios e afins nos domínios da fauna. (Rev. Arq.*

Mun., ano II., v. XVIII, S. Paulo, Departamento de Cultura, novembro e dezembro de 1935, p. 181-194).

[2486]

Orico, Osvaldo. *Os mitos ameríndios;* sobrevivências na tradição e na literatura brasileiras. Rio de Janeiro, 1929. 142 p.

Relação e estudo superficial e frágil de sete mitos ameríndios: Uirapuru, Currupira, Iara, Saci, Boitatá, Sumé, Tamandaré. **[2487]**

Orico, Osvaldo. *Vocabulário de crendices amazônicas.* S. Paulo, Editora Nacional, 1937. 283 p. ilus. **[2488]**

Peixoto, Afrânio. *Miçangas: poesia e folclore.* S. Paulo, Edit. Nacional, 1931. 283 p.

Miscelânea de vários assuntos folclóricos, em que têm importância os capítulos destinados a "Superstições populares relativas à saúde, doença e morte". *Vocabulário médico-popular no Brasil, Adágios brasileiros e Brasileirismos.* **[2489]**

Peixoto, Afrânio. *Trovas populares brasileiras colecionadas e prefaciadas por Afrânio Peixoto.* Rio de Janeiro, Alves, 1919. 316 p.

No seu livro *Miçangas* o autor informa que das 1.000 quadras *populares* brasileiras constantes desta coletânea, 250 são da sua lavra... Incluiu-as para fazer uma experiência sobre a criação e difusão da poesia popular! Além dessas 250, de que no citado livro o autor só indica uma, as restantes 750 foram tomadas, segundo se depreende do pref., a livros de Pereira da Costa, Sílvio Romero, Carlos Góis, bem como pessoalmente colhidas nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Rio e São Paulo. **[2490]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *Acculturation among the Brazilian Negroes. (The Journ. Negro Hist.*, v. XXVI, nº 2, abril de 1941, p. 244-250.)

Dá-se notícia deste artigo por ser em língua inglesa. Os fatos nele contidos acham-se largamente expostos e estudados nos excelentes livros do autor. **[2491]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *Castigos de escravos. (Rev. Arq. Mun.* ano IV, v. XLVII, S. Paulo, Departamento de Cultura, maio de 1939, p. 79-104, ilus.)

Estudo do sofrimento do negro escravo, desde sua captura na África até sua vida nas fazendas, com uma classificação dos instrumentos de tortura no Brasil. **[2492]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *As culturas negras no Novo Mundo.* Rio de Janeiro, C. Brasileira, 1937. 399 p. ilus. (Bib. Divulgação Científica, v. XII).

Obra excelente em que Artur Ramos, ampliando seu trabalho sobre *As Culturas Negras do Brasil* publicado no v. XXV da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, expõe em capítulos de síntese as culturas negras da África, da América do Norte, das Antilhas, das Guianas e demais países da América do Sul. A quinta parte do volume, dedicada ao Brasil, estuda as manifestações e sobrevivências das culturas yoruba, awe, fanti ashanti, banto e negro-maometanas. O volume contém numerosas referências ao folclore afro-americano. **[2493]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *O espírito associativo do negro brasileiro. (Rev. Arq. Mun.*, ano IV, v. XLVII, S. Pau-

lo, Departamento de Cultura, maio de 1938, p. 105-26).

Estuda as formas de associação criadas pelo negro na América, em substituição às formas primitivas desagregadas com a sua transferência: grupos religiosos e econômicos (confrarias e associações), danças dramáticas (congos, reisados, etc.), clubes recreativos, grupos de trabalho, associações militares e de defesa (quilombos, a revolta malês na Bahia). **[2494]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *O folclore negro do Brasil. Demopsicologia e psicanálise.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A., 1935. 279 p. Ilustrado com fotografias. (Biblioteca de Divulgação Científica dir. pelo Prof. Dr. Artur Ramos, v. IV).

O autor estuda várias manifestações do folclore brasileiro (religiões populares, danças-dramáticas, festas populares), a fim de estabelecer nelas as sobrevivências afro-negras, mítico-religiosas, históricas e totêmicas. O livro é indispensável como esforço científico de inventariar o que existe de afro-negrismo no nosso folclore e pela seriedade documentária do autor. O volume contém também nove melodias. **[2495]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *O negro brasileiro.* 1º v.: Etnografia religiosa. 2ª ed. aumentada. S. Paulo, Editora Nacional, 1940. 434 p. ilus. Brasiliana, v. 188, série V).

O autor coloca inicialmente o problema do negro no Brasil, a deficiência do material histórico sobre ele e os vários caminhos por que devem ser conduzidos os estudos sobre a questão. Na 1ª parte do livro são copiosamente descritos as religiões e cultos negros do Brasil, que na 2ª parte são estudados à luz da psicanálise e das teorias de Lévy-Bruhl sobre a mentalidade do primitivo.

O trabalho inclui duas comunicações publicadas nos *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, ano I, nºs 1 e 2 (Os horizontes míticos do negro da Baía, A possessão fetichista na Bahía, e as Notas de Etnologia – 1 – Os instrumentos musicais dos candomblés da Baía; 2 – O mito de Iemanjá e suas raízes inconscientes), publicadas no nº 15-16 da revista *Bahia Médica.*

1ª ed. do livro: Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1934; 303 p., ilustrado. **[2496]**

Pereira, Artur Ramos de Araújo. *O negro e o folclore cristão do Brasil. (Rev. Arq. Mun.*, ano IV, v. XLVII, São Paulo, Departamento de Cultura, maio de 1938, p. 45-78, ilus.)

Estudo da fusão havida no Brasil entre as crenças africanas e o catolicismo ibérico, com a desfiguração de umas e outro, causada pela pressão do branco dominador. Largo material documenta o trabalho, em que se incluem também dois quadros demonstrativos das afinidades entre deuses africanos e santos católicos, sendo um do autor e outro do prof. Herskovitz. **[2497]**

Pierson, Donald. *O candomblé da Bahia.* Curitiba, Ed. Guaíra Ltda., 1942. 65 p. (Col. Caderno Azul, nº 6)

Excelente monografia, indispensável a quem estude as manifestações feitichistas dos afro-brasileiros. **[2498]**

Pimentel, Alberto Figueiredo. *Os meus brinquedos.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Quaresma & Cia., 1910. 290 p. ilus. (Biblioteca Infantil da Livraria do Povo).

Jogos infantis, e alguns jogos adultos de salão. Descrição e textos. Faltam as melodias que se ligam aos jogos infantis. **[2499]**

Pinto, Alexina de Magalhães. *Cantigas das crianças e do povo e danças populares.* Rio de Janeiro, Alves, 1911. 208 p. ilus. (Col. Icks, série A).

Texto e música de cantos populares de vários tipos, especialmente infantis, seguidos de notas. A música apresenta com freqüência evidentes erros de grafia, de ritmo e compasso. **[2500]**

Pinto, Alexina de Magalhães. *As nossas histórias; contribuição do folclore brasileiro para a Biblioteca Infantil.* Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1907. 211 p. ilus.

Contos populares brasileiros, em forma narrativa para crianças. A autora indica no índice a proveniência do material. Todas as histórias têm partes cantadas, de que são dadas as melodias. Constam também do volume algumas adaptações em prosa de romances tradicionais de origem portuguesa. **[2501]**

Pinto, Alexina de Magalhães. *Os nossos brinquedos; contribuição para o folclore brasileiro.* Lisboa, Tip. da A Editora, 1909. 303 p. (Col. Icks. série B)

Descrição de jogos infantis, contendo 42 melodias. **[2502]**

Pires, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo; estudinhos, costumes, contos, anedotas, cenas da escravidão.* S. Paulo, 1921. 252 p.

Podem-se respigar no texto dados referentes aos caipiras paulistas: jogos infantis, alimentação, superstições, lendas, poesia. O livro termina com um vocabulário. **[2503]**

Pires, Cornélio. *Mixórdia; contos e anedotas.* 2ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1929. 256 p.

Além da matéria especificada no subtítulo, o livro tem um longo capítulo dedicado às modas-de-viola. **[2504]**

Pires, Cornélio. *Sambas e cateretês; folclore paulista; modas de viola, recortados, quadrinhas, abecês, etc.* S. Paulo, Gráf., Ed. Unidas 352 p. (Col. Brasileira). Ltda., s.d.

Coletânea de poesia rural paulista, quase toda ligada a danças cantadas, em que se entremeiam informações úteis sobre tais danças. **[2505]**

Queirós, Amadeu de. *Provérbios e ditos populares. (Rev. Arq. Mun.,* ano IV, v. XXXVIII, S. Paulo, Departamento de Cultura, agosto de 1937, p. 3-46).

Farta coletânea de provérbios e expressões populares colhidos principalmente no sul de Minas Gerais e norte de S. Paulo. **[2506]**

Quirino, Manuel Raimundo. *A Bahia de outrora; vultos e fatos populares.* Bahia, Liv. Econômica, 1922. 301 p.

Grande número de capítulos de interesse folclórico, contendo informações sobre festas populares (A festa da Mãe-d'Água, a Lavagem do Bonfim, A segunda-feira do Bonfim, Natal, Reis, Espírito Santo), costumes, bailes pastoris, danças-dramáticas (cheganças, cucumbis). **[2507]**

Quirino, Manuel Raimundo. *Costumes africanos no Brasil; pref. e notas de Artur*

Ramos. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1938. 346 p. (Bib. Divulgação Científica, v. XV).

Manuel Quirino é um dos precursores do atual movimento de estudos do negro brasileiro, tendo trabalhado logo após Nina Rodrigues. Este volume encerra seus escritos sobre o assunto publicados esparsamente, bem como as partes do seu livro *A Bahia de Outrora* que tratam do negro no Brasil. Especialmente importante pelo estudo *A raça africana e os seus costumes na Bahia,* comunicação aparecida antes nos Anaes do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, de caráter descritivo e em que o autor relata especialmente práticas jafetichistas, de que reproduz cinco melodias defeituosamente gravadas e numerosos textos. **[2508]**

Ramos, Artur.
vide
Pereira, Artur Ramos de Araújo.

Raimundo, Jacques. *O negro brasileiro e outros escritos.* Rio de Janeiro, Record, 1936. 188 p.

Da série de estudos que compõem o volume, dois tratam de matéria folclórica. No 1º, que dá nome ao livro, o autor sustenta a tese de que não é possível a solução dos problemas afro-brasileiros sem conhecimento dos idiomas afro-negros, e aplica o método lingüístico no esclarecimento das origens e significação de nomes de vários deuses feitichistas afro-brasileiros. O 2º – *O elemento afro-negro na língua portuguesa* – constitui uma série de notas publicadas como errata e adenda ao livro, de igual nome, do autor. **[2509]**

Ribeiro, João.
vide
Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade.

Ribeiro, Joaquim. *Introdução ao estudo do folclore brasileiro.* Rio de Janeiro, Ed. Alba Ltda., s.d. 212 p.

O A. pretendeu, com este livro,"a renovação científica do folclore brasileiro". Adepto da chamada escola histórico-cultural, o método que buscou dar ao estudo do folclore brasileiro e o da sua divisão em ciclos culturais. Não parece ter conseguido uma sistemática convincente. **[2510]**

Ribeiro, Joaquim. *A tradição e as lendas;* pref. de Lindolfo Gomes. Rio de Janeiro, Marcelo & Cia., 1928. VIII, 87 p., V.

Estudos de algumas lendas brasileiras, sua concordância com lendas de outras terras, estabelecimento de origens e transformações. Encontram-se no livro dados de bastante interesse, como por exemplo os que tratam dos mitos das águas. **[2511]**

Rio, João do.
vide
Barreto, João Paulo dos Santos.

Rodrigues, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil;* revisão e pref. de Homero Pires, 2ª ed. S. Paulo, Editora Nacional, 1935. 409 p. ilus. Brasiliana, série V. v. 9.

Procedência, distribuição e valor social das tribos negras vindas para o Brasil, movimentos históricos negros, sobrevivências africanas de línguas, artes, religiões, festas populares, danças, cantos, contos. Os livros de Nina Rodrigues são o resultado

de estudos feitos de 1890 a 1905. Se as conclusões a que chegou sobre o negro e o mestiço caíram com as teorias raciais do seu tempo, a documentação mantém todo o seu valor, pela sua qualidade e sua situação histórica, pois que Nina Rodrigues ainda alcançou africanos puros no Brasil. **[2512]**

Rodrigues, Raimundo Nina. *O animismo feitichista dos negros baianos;* pref. e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1935. 199 p. (Bib. Divulgação científica, v. II).

Primeiro estudo das religiões negras no Brasil e obra clássica no assunto, apresentando documentação copiosa e indispensável. Publicado inicialmente, em parcelas, na *Revista Brasileira*, tomos 6 e 7, ns. de 15 de abril, 1º de maio, 15 de junho, 1º e 15 de julho, 1º de agosto e 15 de setembro de 1896. Primeira edição em livro, em tradução francesa do autor, com o título *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*, Bahía, Reis & Cia., 1900; 158 p. **[2513]**

Rodrigues de Carvalho

vide

Carvalho, Rodrigues de.

Romero, Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *Cantos populares do Brasil.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Alves, 1897. 377 p.

Sílvio Romero foi o primeiro escritor brasileiro a se dedicar à coleta de material folclórico. Este seu livro é a primeira coletânea da poesia popular do Brasil, representada por vários dos seus gêneros.

A 1ª ed. dos *Cantos* foi publicada em Lisboa (Portugal) em 1883, com introdução e notas de Teófilo Braga. Contra essa ed. se insurgiu o autor, sem razões sérias, acusando o anotador e prefaciador de lhe desvirtuar o trabalho no livro.

Uma esperteza – Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Sr. Teófilo Braga. Protesto por Sílvio Romero. Rio de Janeiro, Tip. da Escola de Serafim José Alves, 1887. 166 p. **[2514]**

Romero, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *Contos populares do Brasil coligidos por Sílvio Romero, com um estudo preliminar e notas comparativas por Teófilo Braga.* Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1885. 235 p.

Outra obra indispensável de Sílvio Romero, cronologicamente a primeira coletânea de contos populares brasileiros.

Basílio de Magalhães refere-se a uma 2ª ed. do livro feito no Brasil (Rio de Janeiro, Alves & Cia., 1897), que não me foi dado encontrar. Contra a ed. portuguesa se insurgiu o autor, acusando o anotador e prefaciador de lhe desvirtuar o trabalho no livro.

Uma esperteza -- Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Sr. Teófilo Braga. Protesto por Sílvio Romero. Rio de Janeiro, Tip. da Escola de Serafim José Alves, 1887. 166 p. **[2515]**

Romero, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil (1879-1880).* Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1888. 368 p.

Livro necessário principalmente pelos capítulos em que são relatados e criticados os primeiros trabalhos folclóricos escritos no Brasil e que hoje são dificilmente consultáveis. O material poético e narrativo é gran-

de, embora a parte colhida pelo autor se encontre quase toda nos seus *Cantos e Contos Populares do Brasil*. Propriamente como estudo da poesia popular brasileira, o autor limita-se a assinalar-lhe origem portuguesa, africana e ameríndia e as transformações que o mestiço lhe imprimiu, tal como fez com o material dos seus outros livros, levado pela sua preocupação de divisão racial. **[2516]**

Romero, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Garnier, 1888. 2 v.

Nesta obra, o Livro I do primeiro volume, que versa sobre os *Fatores da Literatura Brasileira*, traz capítulos, bastante antiquados conceptivamente sobre as nossas formações étnicas, tradições populares, cantos e contos folclóricos, alterações lingüísticas sofridas pelo português no Brasil e a psicologia nacional. **[2517]**

Rosa, Francisco Luís da Gama. *Costumes do povo nos nascimentos, casamentos e enterros*. (An. *1º Congr. de Hist. Nac.*, V, p. 737-746). **[2518]**

Saia, Luís. *O alpendre nas capelas brasileiras (Rev. Serv. Patr. Hist. e Art. Nac.*, Rio de Janeiro, nº III, p. 235-250).

Excelente estudo comparativo e descritivo sobre as origens e a técnica estrutural de certas manifestações da arquitetura tradicional erudita e popular. **[2519]**

Saia, Luís. *Um detalhe de arquitetura popular* (*Rev. Arq. Municipal*, ano IV, v. XL, São Paulo, Departamento de Cultura, outubro de 1937, p. 15-22, ilus.). **[2520]**

Santos, Marciano dos. *A dança de S. Gonçalo. (Rev. arq. mun.*, ano III, v. XXXIII, S. Paulo, Departamento de Cultura, março de 1937, p. 85-116, ilus.).

Descrição fiel de um tipo de dança e festa religiosa, comum no Estado de São Paulo, colhida no município de Guarulhos. O nº XXXIV da Revista traz à p. 65-66 uma errata deste artigo. **[2521]**

São Paulo, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil*. Rio de Janeiro, Barreto & Cia., 1936. 2 v.

Vocabulário médico popular brasileiro, em forma de dicionário, precedido de uma introdução. Além de pequenas contribuições, como a de Afrânio Peixoto e de Lajes Filho, este é o único trabalho amplo e sistemático existente sobre o assunto. **[2522]**

Sena, Nélson de. *Africanos no Brasil;* estudos sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte, 1938. 297 p.

Essencialmente, estudo de influências negras no português do Brasil, concluindo com uma série de 543 provérbios e expressões em que o autor encontra elementos lingüísticos negros.

A ed., começada em 1938, só foi terminada em 1940. **[2523]**

Silva, Egídio de Castro e. *O Samba carioca;* notas de uma visita à Escola do Morro da Mangueira. (*Rev. bras. munic.*, v. VI, Rio de Janeiro, Esc. Nac. Música, 1939, p. 45-50).

Observações sobre a execução de sambas numa escola de samba do Rio de Janeiro, seguidas da notação de um samba colhido por Duilia Frazão Guimarães. **[2524]**

Silva, Henrique. *Caças e caçadas no Brasil;* com um prólogo pelo General Couto de Magalhães e glossário de uso dos caçadores. Rio de Janeiro, Garnier, 1898. 263 p. ilus.

O livro não se dedica especialmente aos usos e costumes tradicionais de caça, embora também a eles se refira. **[2525]**

Silva, Antônio Carlos Simões da. *Fragmentos de poesia sertaneja;* folclore brasileiro. Rio de Janeiro, Of. gráf. *Jornal do Brasil,* 1934. 123 p.

Pequena exemplificação da poesia popular de cada estado do Brasil. **[2526]**

Simões da Silva
vide
Silva, Simões da.

Sousa Carneiro
vide
Carneiro, Sousa.

Teixeira, José A. *Folclore goiano; cancioneiro, lendas, superstições.* S. Paulo, Editora Nacional, 1941. 434 p.

O livro representa parte do material folclórico colhido pelo autor em Goiás, sob o patrocínio do governo desse estado. Constitui, na sua quase totalidade, uma coletânea de textos de poesia cantada, bem como de danças-dramáticas e cantos populares católicos. Completam o volume textos de alguns cantos infantis, lendas e contos, superstições e crendices. O material foi cuidadosamente colhido, havendo para a parte poética todos os dados necessários ao controle das informações. **[2527]**

Teixeira, Múcio. *Os gaúchos,* 1º v. 2ª ed. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurilo, 1920.

Traz à págs. 41-61 um *Cancioneiro gaúcho,* coleção de quadras populares colhidas no Rio Grande do Sul. **[2528]**

Teschauer, Carlos. *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas;* estudos etnológicos. 3º ed. completa, Porto Alegre, Globo, 1925. 280 p.

Coletânea de lendas e crendices sobre aves e plantas americanas, especialmente brasileiras. Os dois trabalhos de que se compõe o livro foram publicados inicialmente no *Almanaque do Rio Grande do Sul,* anos de 1909 e 1910, sendo que o referente às aves apareceu revisto e aumentado no mesmo almanaque para o ano de 1914. **[2529]**

Valle, Flausino Rodrigues. *Elementos de folclore musical brasileiro.* S. Paulo, Editora Nacional, 1936. 165 p. (Brasiliana, série V, v. 57).

Livro bastante fraco, necessário por conter entre doze melodias populares, seis de feitiçaria colhidas em Minas Gerais, gênero com que essa região não aparece representada em outras publicações. **[2530]**

Veríssimo, José.
vide
Matos, José Veríssimo Dias de.

Viana, Sodré. *Caderno de Xangô;* 50 receitas da cozinha baiana do litoral e do Nordeste. Bahia, Liv. Ed. Baiana, 1939. 92 p. ilus. **[2531]**

. . . .

Geografia

Pierre Monbeig

O ensaio de bibliografia geográfica brasileira incorporado a esta obra não poderá satisfazer inteiramente a maioria dos consulentes. Os que nele procurarem informações precisas sobre determinados assuntos, especialmente assuntos regionais, ficarão decepcionados pela ausência de citações de documentos, como sejam publicações de sociedades científicas locais, de serviços oficiais ou da imprensa regional. Outros, que desejarem apenas familiarizarem-se com o aspecto geral da terra, das coisas e dos homens do Brasil, lamentarão encontrarem, raramente, um ou outro artigo ou livro capaz de satisfazê-los suficientemente e criticarão o grande número de referências sobre estudos extrageográficos ou sobre determinados detalhes. Esperamos, igualmente, crítica às notas analíticas. Ausentes, muitas vezes, imprecisas, quase sempre. Em resumo, precisamos reconhecer, desde já, que a bibliografia aqui apresentada é bastante falha, quer no seu conjunto, quer na seleção das obras, dadas as dificuldades que encontramos para uma análise sucinta.

Os professores e estudantes, que verificarem estas lacunas, hão de reconhecer, todavia, que o autor fez o que estava ao seu alcance e que é o primeiro a desejar um aperfeiçoamento de sua tentativa. Se o que fizemos constitui apenas um ensaio insuficiente, é que nos defrontamos com dificuldades graves, umas passageiras, mas que nem por isso deixam de prejudicar um trabalho deste gênero, outras mais difíceis de ser removidas, mas que por si só justificam a publicação deste *Manual*, mesmo para aqueles que não as desconhecem.

No isolamento em que se encontra, no Brasil, atualmente, qualquer trabalhador intelectual, não é possível fazer melhor. Todo o contato

com a Europa está interrompido. Quase a mesma coisa acontece com os Estados Unidos.

Em conseqüência, as verificações bibliográficas e as consultas diretas ou indiretas tornaram-se quase impraticáveis (os correspondentes eventuais estão ocupados com obrigações mais sérias). Daí provêm certas falhas nas citações dos trabalhos de língua não portuguesa, certas análises incompletas e certas lacunas. Tentamos remediar este inconveniente consultando a *Bibliographie géographique internationale.* Contentamo-nos, muitas vezes, em copiar as indicações aí encontradas, considerando os nomes de seus colaboradores como garantia suficiente.

Um outro motivo de deficiência extensivo a toda e qualquer bibliografia geográfica toma, no presente caso, proporções catastróficas. Pelo próprio fato de estar a geografia colocada no cruzamento das ciências naturais, físicas e humanas, uma bibliografia geográfica deve, necessariamente, referir-se, em parte, a todas essas ciências, emprestando-lhes suas próprias bibliografias. A despeito da solidez atual da ciência geográfica e de sua individualidade, ela tem, por caráter primordial, o fato de ser, essencialmente, uma ciência de síntese. Não será paradoxo dizer-se que sua razão de ser reside na ausência de fronteiras precisas. Nestas condições, uma bibliografia geográfica é, necessariamente, um *bric-à-brac.* Aí se encontram trabalhos heterogêneos como artigos de geologia, botânica, zoologia, estudos históricos, sociológicos, pesquisas econômicas e etnográficas. Infelizmente, o resultado nos dá uma impressão de dispersão, de amorfismo, de liquefação mesmo. Para o consulente que não está suficientemente prevenido esta impressão não deve ser muito reconfortante. É preciso, no entanto, que ele considere que o isolamento do autor e o polimorfismo da geografia são inconvenientes que, infelizmente, não podem ser removidos, dadas as condições locais. Outros colaboradores tratarão, sem dúvida, do estado embrionário das bibliotecas e da bibliografia do Brasil. No nosso setor, não existe uma boa bibliografia anterior a 1940. Na seção intitulada pretensiosamente "fontes, periódicos, bibliografias, documentos estatísticos", encontrar-se-á muito pouca coisa. Em primei-

ro lugar, devemos citar a *Bibliografia da geologia, mineralogia e paleontologia*, de Alfeu Dinis Gonçalves, que é geológica e não geográfica. É ainda preferível que se recorra à bibliografia internacional já citada e, a partir de 1936, ao *Handbook of Latin American Studies*. Uma melhoria sensível, mas muito recente, deve ainda ser assinalada. É ela devida à iniciativa da *Revista Brasileira de Geografia* que, desde 1940, possui uma seção bibliográfica. Os números 2 e 3 do 4º ano (1942) contêm uma boa documentação relativa à Amazônia.

As informações dadas pela *Revista Brasileira de Geografia* apresentam outra vantagem. Informam sobre o que existe de novo em todo o Brasil. Com efeito, quando se reside no sul do Brasil, é extremamente difícil conseguir-se documentação sobre um estado do Norte, dificuldade quase idêntica à de um geógrafo português, com relação a um país báltico. O intercâmbio cultural entre os estados é mais teórico do que real. Não nos faltam dados nas publicações de ordem geográfica. As que provêm dos serviços oficiais federais ou estaduais são numerosas e interessantes, mas, permanecem desconhecidas, pois a sua distribuição não é feita com a perfeição desejável. São enviadas a outros serviços administrativos, onde são engavetadas em repartições que se dizem bibliotecas, ou, outras vezes, não chegam a sair do ambiente regional onde foram elaboradas. É por este motivo que somente a leitura ocasional de um livro como o de Gilberto Freire dá a conhecer a um paulista que a Secretaria da Agricultura do Estado de Pernambuco publica dados e comentários sobre a densidade da população, tipos de propriedade ou sobre a produção agrícola. É lamentável a ausência de um organismo coordenador. Isso se explica, porém, pela vastidão do país. Assim a própria geografia é responsável pelas lacunas da bibliografia geográfica. Esse estado de coisas trouxe graves conseqüências para o nosso trabalho.

O principal motivo de dificuldade reside na situação da geografia. As conseqüências lamentáveis de seu polimorfismo são mais acentuadas aqui que em outro lugar. Os trabalhos incontestavelmente geográficos são raros, quer seja obra de geógrafos conhecidos, quer de pesquisado-

res com espírito geográfico. Fomos obrigados, portanto, a procurar o que nos interessava na casa do vizinho. A maior lacuna é a ausência de uma cartografia em dia e completa. O secretário do Conselho Nacional de Geografia, engenheiro C. Leite de Castro teve a gentileza de nos fornecer uma ligeira bibliografia cartográfica. Prestou-nos assim um grande serviço, que, sinceramente, agradecemos. Consultando esta lista é que se poderá verificar como somos, atualmente, pobres em mapas.

Outros colegas e amigos também emprestaram sua colaboração e escolheram dentro das próprias disciplinas o que tivesse caráter ou interesse geográfico. Apreciável contribuição nos foi fornecida pelo professor P. Sawaya, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, da qual serão lidas com proveito algumas linhas relativas a zoogeografia. Muito devemos ao professor Felix Rawitscher, da mesma faculdade, pelas informações que nos deu sobre a geografia botânica. Somos igualmente agradecidos a D. Alice Pifer Canabrava (assistente da cadeira de História da América), a Odilon Nogueira Matos (assistente da cadeira de História do Brasil), ambos da mesma escola, e a Ari França (professor do Colégio Universitário da Universidade de São Paulo) pelas informações úteis que nos prestaram. A eles e a todos aqueles que nos ajudaram, os mais sinceros agradecimentos.

A imperiosa necessidade que tivemos, de recorrer a outras disciplinas, teve por conseqüência levar o leitor aos outros capítulos desta obra. As rubricas de viagens, etnografia, sociologia, história econômica, devem ser consideradas complementos indispensáveis da parte geográfica.

A situação precária da geografia no Brasil merece uma explicação. Se pensarmos nas circunstâncias e condições em que se desenvolveu a ciência geográfica neste imenso país, grande e variado como um continente, justificaremos, perfeitamente, o estado atual e poderemos apreciar melhor as tendências interessantes que se têm manifestado de alguns anos para cá.

Não há muito tempo, o Brasil era ainda um país a explorar. Mesmo que o seu território esteja, hoje, quase todo conhecido, algumas partes da

bacia hidrográfica amazônica continuam, ainda, bastante desconhecidas. As dimensões, as condições de viagem, os obstáculos do clima e da vegetação são os empecilhos normais que contribuíram para paralisar os progressos do conhecimento do solo brasileiro. Eles não desapareceram milagrosamente. Não poderemos esquecer que a densidade média da população é de 4,88 habitantes por quilômetro quadrado, que vastas regiões têm densidades inferiores a 0 e que o estado mais próspero não atinge a 30. Para o conhecimento de espíritos mal informados, são estas circunstâncias atenuantes para que o Brasil, geograficamente, não tenha sido ainda bem estudado. A fase do descobrimento está acabando, a do conhecimento tem agora início.

Daí a necessidade preponderante de se dar fé às narrativas dos viajantes. Citamos apenas as que nos pareceram mais imbuídas de espírito geográfico ou contendo informações particularmente preciosas para nós. Como o responsável pelo capítulo "Viagens" não seja insensível ao valor geográfico da matéria que trata com competência, achamos preferível fazer, quase sempre, referência às suas notas críticas. Não podemos nunca perder de vista trabalhos como os de Saint-Hilaire, Spix, Martius, Castelnau, d'Orbigny, Burton, Agassiz, Lucock, Pohl e outros que são os verdadeiros clássicos da geografia brasileira. De leitura indispensável são outros mais antigos, como Antonil, sem nos referirmos aos precursores como Jean de Léry. Testemunhos históricos preciosos para a compreensão das bases deste país jovem. Mais perto de nós, os livros que qualquer estrangeiro de valor pensava dever escrever, depois de permanecer algum tempo no Brasil, quer tenha sido diplomata, agrônomo, jornalista ou simplesmente um burguês, contêm, principalmente, informações econômicas, assim como sociais, sobre a evolução do país, durante o reinado de Pedro II e primeiros anos da República. Esses trabalhos são de valor muito desigual e muitos nada têm que seja suscetível de interessar um geógrafo. Esperamos ter citado alguns dos mais documentados e dos menos literários -- no mau sentido da palavra.

Depois dos grandes viajantes da primeira metade do século destacaremos os que podemos considerar como pioneiros das ciências naturais, em contato estreito com a geografia: geólogos e naturalistas, estrangeiros e depois brasileiros, que, na segunda metade do século XIX, no primeiro decênio do século XX fizeram conhecidos os elementos essenciais do solo e o seu aspecto florestal. É verdade que viajantes como Saint-Hilaire e Martius já haviam aberto o caminho, sem se limitarem a escrever memórias de turistas. Eschwege, já em 1817, redigiu suas "idéias gerais sobre a construção geológica do Brasil" e o *Pluto brasiliensis* em 1833, e Pissiz apresentou na Academia de Ciências de Paris uma "memória sobre a posição geológica dos terrenos da parte austral do Brasil, etc.", em 1842. Mas esses diferentes trabalhos são ainda fragmentários, ao passo que as publicações do fim do século são mais abundantes, de espírito mais nitidamente científico e conclusões menos hipotéticas. Em 1870, Hartt publica a *Geology and Physical Geography of Brazil* e em 1871 Wappaus o *Handbusch der Geographie und Geschichte des Kaisereiche Brasilien*. No ano seguinte, Liais publicava *Climats, géologie, faune et geographie botanique du Brésil*. Gorceix trabalha, minuciosamente, em Minas Gerais e funda a Escola de Minas de Ouro Preto, que se torna e continua um centro de excelentes geólogos. Mais tarde, destacam-se Derby, Branner e outros ainda. Viajam por quase todas as regiões naturais do Brasil, levantam mapas, medem os terrenos, esboçam a cronologia do solo nacional e começam o estudo das formas do relevo.

O ponto culminante deste período é marcado por um ensaio sobre toda a geologia, com um mapa ainda de valor e uma importante bibliografia que Branner publicou no *Bulletin of the Geological Society of America*, em 1919.

Paralelamente, se desenvolviam num sentido menos sistemático, ou melhor geográfico, a zoologia e a paleontologia com Von Ihering, a botânica com Warming, Lofgren, Lindmann e Luetzelburg, que trabalham nas zonas meridionais, centrais e no Nordeste. As províncias botânicas de Saint-Hilaire são determinadas e as áreas das diferentes associações vege-

tais delimitadas nas suas linhas gerais. Os sábios brasileiros acompanharam os trabalhos de seus colegas europeus e americanos. O primeiro atlas moderno é obra do Barão Homem de Melo. A grande quantidade de documentos que o Barão do Rio Branco apresenta nas contestações das fronteiras trazem dados tanto mais úteis, pois compreendem regiões desconhecidas. Aí fica situado o belo período da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo; nela estão reunidos Derby, Lofgren, Hussak e o grande nome de Teodoro Sampaio, verdadeiro geógrafo. Sob este impulso, empreende-se a exploração dos rios do interior do estado paulista, o Paraná e seus afluentes, o rio Ribeira e o litoral; a comissão publica mapas topográficos de 1:100.000 que são o que existe de melhor, no Brasil, em matéria de mapas e dos trabalhos geológicos conseguiu-se, um pouco mais tarde, extrair um mapa geológico. Arrojado Lisboa trabalha em São Paulo e também no Mato Grosso e mais ainda no Nordeste, ao passo que Teodoro Sampaio faz um excelente trabalho, no vale do rio São Francisco. Pesquisadores giram em torno da geografia física, algumas vezes mesmo fazem obra verdadeiramente geográfica. Mas são antes de tudo naturalistas. Sua formação científica e suas preocupações são as de geólogos e de botânicos; o ponto de vista geográfico permanece secundário em quase toda essa fase da investigação científica. O fato nada tem que possa surpreender, pois a geografia nessa época apenas começa a dar os primeiros passos, na Europa e na América do Norte. É de admirar os esforços físicos e os resultados desses geólogos e botânicos, que viajam em condições difíceis, quando não perigosas, produzindo obras de valor incontestável. É um belo período para as ciências naturais e que lhes assegura, por muito tempo, um lugar preeminente.

Dado o impulso, não deixou ele de prosseguir. Os jovens trabalhadores que o tiveram com Derby, Branner, Sampaio continuaram sua obra e, por sua vez, arrastaram uma outra geração de geólogos que gozam hoje de grande renome. Alberto Betim Pais Leme, Paulo Eusébio de Oliveira, Gonzaga de Campos não se contentaram em ser sábios de

laboratório; foram também homens de ação preocupados em pôr ao serviço do desenvolvimento econômico de sua pátria os resultados de suas pesquisas. Encontramos seus nomes, tanto em estudos regionais como nas referências à geografia econômica. Betim Pais Leme, com publicações em revistas francesas, contribuiu para que o Brasil e a ciência brasileira fossem conhecidos além de suas fronteiras. Enfim, citemos os nomes essenciais da equipe atual: Morais Rego, muito cedo desaparecido, Luciano Jacques de Morais, Djalma Guimarães, Glycon de Paiva, Otávio Barbosa, Aníbal Alves Bastos, Othon Henry Leonardos e Alberto Lamego Filho, defensor de empolgantes e originais concepções. A escola contemporânea dos geólogos brasileiros mereceria ser mais divulgada nos países estrangeiros. Sua atividade pode ser avaliada por intermédio de grupos de publicações: as do Serviço Federal das Obras contra a Seca e as do Serviço Geológico e Mineralógico Federal. Se o clima do Nordeste constitui, muitas vezes, um flagelo, teve, pelo menos, uma feliz conseqüência: foi necessário estudá-lo, procurou-se evitar as secas catastróficas, estradas e barragens foram construídas e observadas as possibilidades agrícolas, etc. É por isso que poucas regiões foram objeto de investigações tão numerosas e de caráter tão geográfico: análises climatéricas feitas por Arrojado Lisboa e Morize, vegetais por Von Luetzlburg, geológicas por Luciano Jacques de Morais na qual cooperaram americanos como Crandall, Small e outros. A outra região que, necessariamente, chamou a atenção dos geólogos foi a grande província das Minas: ouro, ferro, diamante, manganês de Minas Gerais foram o principal campo de estudo da geração jovem.

No domínio da fitogeografia, Hoehne trabalhou com resultados de valor, nos campos de Mato Grosso e nos estados do Sul (região da araucária). A *Fitogeografia do Brasil*, de A. J. de Sampaio, sai definitivamente do terreno sistemático e apesar de desordenada na exposição, é obra de primeiro plano. No entanto, a despeito do indiscutível valor dos homens que acabamos de citar, trata-se antes de tudo de naturalistas. Foi a geografia física, portanto, a que mais progrediu, neste último meio século.

Qual foi a parte que coube à geografia humana? Sem dúvida, beneficiou-se ela com as viagens dos etnógrafos, mas as pesquisas sobre populações indígenas, e, mais recentemente, sobre populações negras, tocam apenas pequena parte da massa do povo brasileiro; os dados geográficos são aí considerados sob ângulo especial e estas publicações vêm aumentar a matéria-prima para estudos geográficos, sem formarem elas próprias tal estudo. Não será provável que conheçamos melhor o gênero de vida dos bororos ou dos nambiquaras do que o dos caboclos do vale de São Francisco ou dos colonos do Sul? Parece-nos, portanto, razoável deixar de lado tudo o que toca à etnografia, assinalando, todavia, a importância da famosa missão Rondon (Comissão das Fronteiras) cujas publicações trazem inúmeras informações geográficas. É preciso consultar, com bastante cuidado, neste manual, o capítulo referente à etnologia, pois as descrições dos etnógrafos não se limitam a falar de índios, mas tratam também do relevo, da flora e da fauna.

As ciências humanas encontram um sólido ponto de apoio no decurso do século passado, nos Institutos Históricos e Geográficos, que floresceram em quase todos os estados, especialmente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro). Os membros dessas sociedades eruditas eram espíritos sobretudo cultos, e não exclusivamente interessados nas coisas do passado. Suas revistas contêm grande número de informações, relatórios de viagens, roteiros, documentos de arquivo. São outras reservas de matéria-prima. Julgamos dever, portanto, indicar dentre as fontes, as revistas mais importantes, sem destacar todos os artigos. Os artigos nelas contidos não interessarão a quem procurar apenas ter uma idéia geral do assunto e poderiam ser dificilmente colocados numa bibliografia seletiva. A contribuição desses agrupamentos é devida, sobretudo, ao estado de espírito esclarecido que têm mantido nas classes liberais. De mais a mais, não se pode desprezar as nomenclaturas que floresceram à sua sombra. Dava-se-lhe então o nome de "geografia" ou ainda de "corografia" e elas se reduzem a listas de nomes de rios, montanhas, cabos e baías. Encontramo-las também sob a forma de

grandes dicionários geográficos, com um acúmulo muitas vezes inquietante de nomes, mais ainda de números. Este período da geografia está hoje ultrapassado, teve, no entanto, sua utilidade.

Infelizmente, estas sociedades histórico-geográficas conservaram, nos meados do século XX, grande parte da mentalidade que era justificada nos fins do século XIX. Encabeçando, outrora, os estudos histórico-geográficos, os Institutos são atualmente círculos calmos e solenes, onde se trabalha sempre com minúcia e aplicação, mas em móveis poeirentos. Lamentamos ainda mais, por serem grande número dos assuntos abordados, nesse ambiente de espírito antiquado, têm um real interesse para a geografia humana. Os trabalhos dos historiadores servem de inestimável colaboração aos geógrafos, mas pensamos que inda se poderia fazer melhor. Assim, a história das bandeiras, tão generosamente abordada pelos historiadores brasileiros, está muito sobrecarregada de detalhes e muito destituída de notas bibliográficas para constituir um bom instrumento de trabalho. Da mesma forma, a volumosa e erudita *História do Café* de A. Taunay, em 12 volumes, sem um mapa, sem uma informação bibliográfica precisa, é indispensável a qualquer geógrafo que estude os gêneros de vida, a marcha do povoamento, a economia, as técnicas do café brasileiro (o que não é pouca coisa) mas este monumento seria de muito maior valor se tivesse sido concebido e redigido no espírito da história econômica e social de um Hauser, de um Pasquet, ou de um Clapham.

A maior parte de nossa bibliografia representa contribuições de naturalistas e etnógrafos, estudos históricos e relatórios de viajantes. Quer dizer que não existe obra alguma verdadeiramente geográfica, nada que tenha sido produzido por um geógrafo? Já é tempo de falarmos do que é indiscutivelmente de nosso assunto.

Em primeiro lugar, citaremos obras gerais, nas quais a parte consagrada ao Brasil forma apenas um elemento num grande conjunto. O lugar de honra é dado a Elisée Reclus. O volume que publicou sobre os Estados Unidos, um dos melhores de toda a sua obra, data de fins do

século XIX. Desta data em diante, muita modificação houve. Mudaram também os métodos das ciências geográficas. Mas Reclus enfrentou, sem medo, os assaltos do tempo e sua leitura é recomendável aos jovens estudantes. Os volumes de Schmieder e de Pierre Denis tratam de toda a América do Sul, mas os capítulos brasileiros constituem, sem dúvida, o elemento primordial para o estudante, e são constantemente utilizados para a consulta dos professores. Paralelamente, pode-se colocar o volume consagrado à América do Sul no vasto *Handbuch der Klimatologie* de Koppen und Geiger (Col. de Knoche). Pierre Denis teria podido desenvolver ainda mais a parte da geografia humana, no seu tomo XV da *Geographie Universelle*, de Vidal de la Blache e Gallois. Completaremos a enumeração com um outro de seus trabalhos, mais modesto, um pouco antiquado, porém muito claro e sobre vários aspectos perfeitamente em dia*: Le Brésil au XXe siècle.* Este livrinho está de certo modo rejuvenescido pela obra viva e quase risonha de Roy Nash, *The Conquest of Brazil*, cuja tradução portuguesa foi publicada em 1939. Muito mais pesado é o trabalho de Maull, que viajou de Itatiaia ao Paraguai, estudando as formas topográficas, assim como os revestimentos vegetais, os gêneros de vida e os tipos econômicos. Este geógrafo alemão não viajou os estados do Norte, o que é lamentável, pois teríamos, então, um livro igual ao primeiro e um excelente conjunto. Para terminar esta enumeração de nomes estrangeiros, devem figurar aqui os de Pierre Deffontaines e Preston E. James, cujos múltiplos artigos abordam questões brasileiras muito diversas com uma segurança que recomenda a sua leitura. A pequena *Geografia Humana do Brasil*, de Deffontaines, publicada pelo Conselho Nacional de Geografia é um instrumento ideal para alunos de universidades. Quanto aos capítulos do *Latin America* de James, são o que de melhor se escreveu sobre a geografia econômica e humana do Brasil. Entre a abundante produção moderna dos geólogos alemães, certo número de estudos tem louvável aspecto geográfico: os de Freise, sobre o Nordeste ou os *inselbergs*, os de Maull, que retoma o assunto e completa seu livro anterior, os de Maack, sobre os Estados do Paraná e Santa Ca-

tarina, e os do geógrafo Otto Quelle. Consultando o capítulo do *Handbook of Latin American Studies* de 1938 sobre a literatura alemã sobre o Brasil, não podemos deixar de aconselhar o leitor a procurar nele documentos sobre os núcleos germânicos no Brasil.

Os sábios brasileiros não ficaram insensíveis aos atrativos da geografia. De trinta anos para cá, as pesquisas geográficas e o ensino da geografia conquistaram, progressivamente, direitos de cidadania. De um modo geral, o iniciador deste movimento foi o professor C. M. Delgado de Carvalho, que inaugurou estes trabalhos com um livro publicado em francês sobre o Brasil meridional, no qual se sente uma inspiração geográfica. Mais tarde, Delgado de Carvalho contribuiu para vulgarizar as concepções modernas da geografia entre as pessoas cultas, e, sobretudo, nos meios escolares, com a brochura destinada ao ensino da geografia, *Corografia do Distrito Federal.* Mais importantes do que este são as publicações sobre o clima do Brasil, conferências sobre a fisiografia do Brasil, e, finalmente, livros escolares de geografia nacional e geografia geral. Ainda atualmente Delgado de Carvalho está à testa do movimento geográfico do seu país. Os geógrafos muito lhe devem e sua influência não cessa de ser benéfica.

Cada vez mais os geólogos tomam em consideração os estudos geográficos. Viajando, foram obrigados a estudar não somente as rochas, mas também os homens. Alguns boletins do Serviço Geológico e Mineralógico Federal são quase que monografias regionais, com anotações de valor sobre os habitantes de regiões de acesso difícil (Amazônia, Guiana, Goiás, Mato Grosso) e seus gêneros de vida. Da mesma forma, os geólogos têm freqüentemente o encargo de estudos que dizem respeito à economia nacional, o que facilita seus contatos com a geografia econômica. O primeiro a ser citado é provavelmente Morais Rego, cuja *Geomorfologia do Estado de São Paulo,* o *Vale do Rio de São Francisco* testemunham as qualidades de geógrafo de nosso saudoso colega. Fróis de Abreu publica artigos e livros tanto geográficos como geológicos (riqueza mineral do Brasil, artigos na *Revista Brasileira de Geografia*) e Glycon de

Paiva consagra sempre um lugar à geomorfologia. Alberto Lamego Filho entrou na monografia regional com um sólido estudo sobre sua terra natal, o curso inferior do rio Paraíba, que será proximamente publicado.

A climatologia fez grandes progressos, com o trabalho de Morize, que fez uma divisão razoável do país em zonas climáticas. Sampaio Ferraz orientou seus trabalhos para a meteorologia dinâmica e foi seguido por homens mais moços como Serebrenick, Adalberto Serra e Junqueira Schmidt, que possuem o sentido da geografia.

A geografia humana continua menos favorecida. Ela tem a dura concorrência da sociologia, temível sedutora, ou da antropologia cultural, cujo nome complexo é a garantia de uma verdadeira ciência. Ela sofre ainda a detestável recordação que os espíritos mais argutos conservam de seus professores de geografia nos cursos secundários; sua introdução nas faculdades é de data recente. Suas condições de trabalho são ainda menos propícias que as da geomorfologia. Ela sofre como esta da falta de mapas, recorre a estatísticas precárias, a arquivos sem classificação, a bibliotecas deficientes. Regozijemo-nos, portanto, com a publicação de obras como as de Oliveira Viana, e, mais ainda, com as de Gilberto Freire. Livros como *Casa-grande & Senzala*, *Sobrados e Mocambos*, *Nordeste*, ou o livrinho sobre os mucambos são muito apreciados por nós, embora não tratem de geografia humana. Do momento que o pensamento de Gilberto Freire foi orientado segundo a definição por ele próprio dada de ecologia ("o estudo ecológico é aquele que se ocupa da planta, do animal ou do homem, em relação com o meio ou com o ambiente" – *Nordeste*, pág. 9), estamos certos que sua obra não será inteiramente estranha à geografia de Vidal de la Blache ou de Browman.

Vê-se, portanto, que existe um vigoroso e simpático surto de geografia no Brasil. Nota-se o fato não somente nas publicações mas nas séries de instituições que começam a dar felizes resultados. A criação de um ensino de geografia nas faculdades foi a primeira manifestação deste surto. Teve início em São Paulo, em 1934, com Pierre Deffontaines, magnífico animador, que se transferiu mais tarde para o Rio de Janeiro.

As condições de trabalho nessas jovens faculdades não são das melhores. O material é quase inexistente, os administradores compreendem mal a posição híbrida da geografia entre as ciências e as letras. Apesar disso, bons elementos, ardentes e inteligentes, capazes de realizar trabalhos eficientes, se apoiados moral e materialmente, e de modernizar o ensino geográfico secundário se a administração for bastante hábil para os utilizar. Foi depois criado o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística dirigido pelo embaixador J. C. de Macedo Soares, que tem consciência da obra a realizar e a vontade de consegui-lo. Órgão oficial e administrativo, este instituto não negligencia as pesquisas puramente científicas e faz o possível para colaborar com professores e estudantes. Seu esforço para reorganizar a cartografia brasileira, a magnífica revista que publica, são provas palpáveis de sua atividade. Outra prova, a organização dos congressos de geografia, instituição antiga e agonizante que fez reviver brilhantemente em 1940 (Congresso de Florianópolis, cujos anais estão em curso de publicação[1]). Modestamente, uma Associação dos Geógrafos Brasileiros que funciona em São Paulo, com filial em Curitiba, mantém reuniões regulares e uma publicação irregular (revista *Geografia*). Em cada estado, os serviços geográficos, às vezes mesmo geológicos, departamentos de estatísticas, progridem regularmente. A cartografia e a geologia paulistas, por exemplo, entram numa fase que relembra o período brilhante da Comissão Geográfica e Geológica, no século passado. As publicações do Departamento de Estatística de Santa Catarina são o modelo que desejaríamos ver generalizado (vide lista anexa de suas publicações). Tanto na Capital Federal, como nos estados, tudo leva a crer, que, num futuro próximo, a bibliografia brasileira será acrescida, melhorada e verdadeiramente geográfica.

Sabendo qual o estado do passado e qual o do presente, será possível desenvolver um plano de trabalho? Poderemos nós proceder a uma

---

(1) Os congressos brasileiros de geografia são devidos à iniciativa da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que mantém uma atividade útil e inteligente.

avaliação do nosso capital? Se tentarmos dar um balanço, não será de todo paradoxal assinalar ao leitor o que não encontrará nesta bibliografia, em vez do que poderia encontrar.

Inútil será insistir sobre a deficiência cartográfica. Basta dizer que ela é a causa essencial da falta de certos estudos e da fraqueza metodológica de quase todos. Encontra-se apenas um número limitado de análises geomorfológicas. Não existe por assim dizer nenhuma para o Norte, Nordeste, Centro e Extremo Sul. São mais numerosas para o Brasil tropical atlântico, mas apenas uma é baseada sobre verdadeira tentativa de organizar-se um mapa das superfícies de erosão feita por De Martonne (1940). Diferentes autores, entre os quais Morais Rego e Preston James, tentaram tratar das grandes fases da evolução do relevo. Maul publicou esboços resumidos e que esclarecem a questão. Em geral, os geólogos brasileiros não trataram desse problema, mas, como não é essa a função deles, a sua contribuição não fica em nada diminuída. Ainda está por fazer a análise das formas do terreno, os argumentos geográficos que servem para fixar a cronologia das superfícies, a delimitação de cada uma, as relações entre a evolução do relevo e a rede hidrográfica. A questão da superfície de aplainamento da idade terciária estudada por uma comissão permanente da União Geográfica Internacional, da qual o Brasil é membro, constitui um campo de estudos em perspectiva.

O levantamento da influência da estrutura do relevo provém da análise das superfícies de erosão. Quando é que teremos sobre os velhos maciços apalaquianos documentação tão abundante quanto à de seus irmãos do Hemisfério Norte? Os geólogos divergem ainda sobre muitos pontos, por exemplo, sobre o lugar que se deve atribuir às falhas (tese de Betim Pais Leme sobre a região carioca e de Morais Rego sobre o vale do Paraíba do Sul) ou aos dobramentos (estudo de Lamego sobre a baía do Rio). Raramente são levados em conta os argumentos geográficos. A geografia fica neutra entre os campões das dobras e os cavalheiros das falhas!

A influência do clima tropical sobre as formas tão curiosas dos *boulders*, dos pães-de-açúcar e sobre a espessura da camada de detritos foi

objeto de um grande número de publicações. Começa com Agassiz, que diagnostica fenômenos de *glaciation*, mas desenvolve, desmedidamente, o seu alcance; segue com De Martonne que contribui com sua grande experiência e termina com Lamego que tem a preocupação de mostrar todos os fatores que estão em jogo.

Mas parece que o interesse maior reside nas rochas cristalinas do Brasil tropical atlântico: são as seduções da baía de Guanabara. Os grês do interior, as chapadas sob o clima semi-árido do Nordeste, não mereceriam também algumas considerações? Já se disse, acidentalmente, alguma coisa sobre as voçorocas tão comuns, mas é essa uma forma de detalhe que não foi estudada seriamente.

A topografia do litoral já possui bibliografia, graças às sagazes observações de Hartt, ao memorial de Backheuser e aos estudos sobre as restingas de Lamego, sem esquecer as notas de Derby, Branner, e até de Darwin. São meras observações fragmentárias que desejamos ver multiplicadas e precisas. Poderíamos juntar a análise dos vales inferiores de certos cursos d'água. A literatura geográfica mundial é fértil em memórias relativas aos terraços fluviais. Não conhecemos nenhuma que aborde esta questão relativamente ao Brasil. Serão esses terraços raros aqui e, talvez mesmo, praticamente inexistentes? Isto é duvidoso, pois eles são evidentes no vale do rio Ribeira (São Paulo), na baixada fluminense e no vale do rio Jataí (Santa Catarina). Não são limitados às circunstâncias do litoral. A tarefa dos geomorfologistas parece, portanto, bastante vasta. Terão eles dias promissores em todas as regiões do Brasil.

Em grande parte para satisfazer às exigências da navegação aérea, as observações climatológicas se generalizaram de uns quinze anos para cá. É provável que esse progresso seja acelerado com a guerra atual. Chegaremos assim a cartografar com maior segurança as diferentes subdivisões climáticas do mundo brasileiro. As grandes divisões estão mais ou menos fixadas e definidas (ver artigo de Junqueira Schmidt no número 3, 1942, da *Revista Brasileira de Geografia*) mas quase tudo ainda está por ser estudado, a fim de identificar as variações locais. Esta observação é

extensiva ao estudo dos solos e à fitogeografia, que não progrediu bastante no Estado de São Paulo (trabalhos antigos de Defert e modernos de Setzer).[1]

Os diferentes elementos se ligam uns aos outros; todo progresso num ramo não pode deixar de influenciar os ramos vizinhos. Cremos poder assinalar a deficiência de trabalhos relativos à ação do homem sobre o revestimento vegetal. Saint-Hilaire deixou uma nota admirável de clareza sobre o *sistema de cultura dos habitantes de Minas Gerais* que o professor Chevalier teve a feliz iniciativa de tornar a publicar em 1928. Mas o assunto não se acha esgotado: poderão colaborar nele historiadores como Bernardino de Sousa, que estuda a história do pau-brasil, botânicos como Sampaio, e geógrafos com noções de ciências naturais. É curioso verificar que se deixou aos europeus o cuidado de estudar as trocas de plantas entre o Velho Mundo e o Brasil.

Quando se pensa em tudo o que se fez sobre solos, plantas, clima e técnicas agrárias no Sudão africano, Congo, Madagascar, quando se pensa no belo Atlas de Catanga, calcula-se melhor o interesse das pesquisas que convém desenvolver no Brasil.

Um outro domínio permanece ainda inexplorado: a hidrografia. Se tomarmos alguma obra que traga mais ou menos fraudulentamente o título de *geografia*, veremos longas páginas consagradas à *potamografia*. Esta ciência teve sua utilidade, pois levantou a nomenclatura dos cursos d'água que são inumeráveis. Mas ela não contribuiu com grande coisa no regime dos rios. É normal que seja a hidrografia amazonense a que tenha sido melhor estudada (livros de Lecointe e artigo de Pardé baseado sobre uma documentação gentilmente fornecida pelos serviços nacionais). O rio São Francisco, cujo vale é quase sempre considerado como terra de promissão, recebeu a visita de muitos pesquisadores. Procedeu-se a diferentes buscas para avaliação dos seus consideráveis recursos em

(1) Na Amazônia, Marbut determinou os aspectos gerais da divisão dos diferentes tipos de solos. A missão belga de Massart fez aí igualmente bom trabalho.

força hidráulica. Tudo isto não constitui conjunto suficiente. Tomando-se os melhores tratados de geografia geral, não poderemos deixar de nos chocar pela ausência de exemplos brasileiros: tipos de rios tropicais, problema do escoamento, da evaporação, etc. Querendo-se estudar o grande rio paulista Tietê, tão intimamente ligado à história, à economia, ao desenvolvimento paulista, os dados reduzem-se ao mínimo. Para os outros rios do mesmo estado, teremos de rever os belos livros das *explorações*, efetuadas há quarenta anos mais ou menos.

A geografia humana não se acha em melhor situação. Um dos primeiros livros de geografia humana sobre o Brasil foi uma obra literária, os famosos *Os Sertões*, do grande escritor Euclides da Cunha, descrevendo a vida dos habitantes do Nordeste semi-árido. É uma peça que pregaram à geografia humana, pois ela foi orientada, desde o seu nascimento, para a literatura. Os verdadeiros estudos dos gêneros de vida não se encontram nos romances amazônicos, nordestinos e baianos?

Os temas clássicos da geografia humana não foram ainda abordados, ou, em todo o caso, foram apenas esboçados e nem sempre por geógrafos. Pensemos primeiro no *habitat* rural: formas de povoamento, grau de dispersão e concentração, relação entre as diversas condições naturais, relações entre as tradições históricas ou as necessidades de produção; tipos de casa, com mapas mostrando a divisão das principais formas de construção, materiais, diferentes planos de interiores, disposição dos edifícios de exploração rural e de habitação. Todos, assuntos sobre os quais nossa bibliografia permanece lamentavelmente muda (pondo de lado ensaios sociológicos, etnográficos, folclóricos e artísticos).

Num território tão vasto como o Brasil, os gêneros de vida são múltiplos. Os grandes tipos clássicos são conhecidos nas suas linhas gerais e somente os manuais escolares conseguem, às vezes, indicá-lo. Mas é preciso ainda estudar as nuanças, levantar mapas detalhados e explicar as anomalias. Os panoramas mais extensos são, por assim dizer, conhe-

cidos do ponto de vista literário ou sociológico, mais do que sob o aspecto geográfico.

Esta lacuna deve ser relacionada com a falta de estudos de geografia econômica. Nossa bibliografia comporta um grande número de artigos relativos a criação de gado, plantação de café, algodão, açúcar, mate, minérios de ferro, ouro, etc. Mas seus autores tinham em mente preocupações de economistas, estudando problemas de produção e de comércio. Aparecem freqüentemente estudos sobre estradas de ferro, porém com caráter técnico acentuado. Isto é ainda matéria-prima para o geógrafo, sem ser geografia. Faz falta uma monografia sólida sobre o produto de uma região, sobre a rede de estradas de ferro ou de rodagem. Jovens estudantes objetarão, dizendo ter havido boa vontade de sua parte, mas que os informadores os receberam mal. Medo incrível do universitário que vem meter o nariz em seus negócios e desvendar segredos de fabricação ou balancetes fantásticos? Sem dúvida, é enorme a dificuldade de obter informações precisas muito superiores a um relatório banal e vago. A educação dos industriais, comerciantes, administradores de redes de viação está por fazer nesse sentido. Mas o obstáculo não é intransponível; ele diminuirá à medida que as publicações geográficas aumentarem, e quando compreenderem o seu interesse prático.

Nos artigos econômicos citados, o produto na maioria das vezes está isolado de seu produtor. Raramente é estudado no seu quadro natural e no seu ambiente humano. Os exemplos americanos sobre a ocupação do solo, sobre o *land utilization* estão, no entanto, à disposição dos jovens geográfos brasileiros.

A importância de estudos idênticos ultrapassaria muito o alcance de simples divertimentos científicos. O Brasil, como todo país jovem, se ressente de uma economia devastadora. É uma das regiões do globo onde o desperdício dos recursos naturais é enorme, angustioso. Se nos deixarmos embalar por meras ilusões, se guardarmos uma fé cega nas possibilidades ilimitadas, um dia a decepção será grande. A história do

café, devastando a zona fluminense, o vale do Paraíba e uma parte do solo paulista, não poderia ser repetida sem sérios perigos. Nestas condições, seria de boa política proceder-se a minuciosas investigações geográficas sobre a ocupação do solo, o gênero de vida dos habitantes, a fim de organizar uma série de *regional planning*.

Tão estranho quanto isso pareça, espera-se ainda um estudo geográfico do café: a bibliografia cafeeira é imensa, mas quem escreverá a geografia do café brasileiro, reunindo os estudos agronômicos, as considerações sociológicas e as questões econômicas? O fato se aplica aos outros grandes produtos, algodão, açúcar, etc.

Um simples exemplo permitirá encararmos melhor o problema. Durante muito tempo, o latifúndio paulista foi considerado como um monstro. Sua existência era conhecida até no estrangeiro. Ele sofreu transformações profundas, não há dúvidas que evoluiu para a pequena propriedade. Espíritos sérios e argutos como Caio Prado Júnior e Sérgio Milliet (entre muitos outros), demonstraram muito bem como a propriedade agrária paulista tinha tendência a se fragmentar. Mas onde começa e onde acaba um latifúndio, uma propriedade média, um pequeno domínio? Quando uma exploração agrícola cessa de ser uma fazenda para se tornar um sítio? Esta evolução é feliz em todas as regiões? Eis o que ainda não foi dito. Os algarismos cem vezes analisados e amplamente difundidos se referem à área total do estado, como se pudesse levar a cabo um estudo concreto, permitindo passar a realizações práticas e viáveis, colocando junto o litoral, a zona da serra do Mar, as terras cansadas de Ribeirão Preto, as terras novas da Noroeste, as culturas de café, algodão, açúcar, as pastagens intermináveis e as plantações de laranjas. Uma política fundada em conclusões estabelecidas nestas condições corre sérios perigos. Seria preciso proceder-se a inquéritos locais, obter a contribuição não somente dos sociólogos, mas também dos agrônomos e efetuar a síntese com o trabalho dos geógrafos.

Existe da parte dos autores uma tendência a cair no terreno das considerações gerais. Não se acham bastante desenvolvidas as análises precisas da delimitação das paisagens sobre mapas, os trabalhos regionais e pesquisas locais. Achamos melhor classificar a bibliografia em geografia geral e geografia regional, mas, infelizmente, se verifica que as monografias regionais brilham pela sua ausência. Seguimos a divisão regional oficial, menos num ponto. Abrimos um lugar para São Paulo, o que se justifica pelo número de referências sobre este estado. Mas postos de lado alguns boletins do serviço geológico e alguns ensaios modernos (Deffontaines, Morais Rego, Fróis de Abreu, nós próprios), encontraremos poucos estudos de geografia regional. Entretanto, os projetos de divisão regional do Brasil constituem um dos temas favoritos dos economistas e mesmo dos geógrafos. O último aparecido é o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Foi exposto num excelente artigo, solidamente documentado e que testemunha uma boa compreensão da geografia. O autor é um jovem professor de geografia, Fábio de Macedo Soares Guimarães. Concebe-se que os serviços públicos podem necessitar de uma divisão regional que não seja a dos estados. Admite-se também de bom grado que os limites atribuídos às regiões previstas não sejam sempre muito geográficos e levem em grande conta as fronteiras políticas. Mas isto não pode deixar de ser transitório, do ponto de vista administrativo em si, mas pode ser inaceitável, do ponto de vista científico. Contam-se nos dedos as monografias regionais; não se sabe, pois, quais são as verdadeiras regiões e seus verdadeiros limites. Decide-se no ar. É preciso encorajar as monografias regionais do tipo clássico, como se publicam nas grandes revistas geográficas e da maneira dos melhores exemplos fornecidos pela escola geográfica francesa. A separação exagerada das cadeiras de geografia física geral, de geografia geral humana e de geografia do Brasil tem o inconveniente de não encaminhar os estudantes para estudos regionais, base da geografia. Quando as prateleiras de nossas bibliotecas ficarem cheias de sólidas monografias regionais, obras de geógrafos com os pés firmes no chão, será possível então cartografar

seriamente as grandes unidades regionais, para fins administrativos. É a mais grave lacuna desta bibliografia, é a tarefa mais imperiosa para os geógrafos brasileiros.

Mais de um leitor nos acusará de pessimismo. Não é isto. Mais que outros que apenas passam, conhecemos essas dificuldades. Cremos, por exemplo, que a falta de estudos regionais se prende à própria geografia. As unidades regionais são muito grandes, a ocupação do solo ainda muito vaga para que as diferenças de paisagens possam guiar as pesquisas e fornecer ambiente facilmente identificável. Se os mapas são pouco numerosos, é porque sua confecção é infinitamente mais difícil e demorada que em outros países. O cartógrafo brasileiro merece todo o respeito dos geógrafos que não têm razão alguma para criticar um trabalho onde não podem tomar parte. Se começa apenas a aparecer uma geografia que não seja simplesmente uma descrição, mas que seja uma descrição racionada, é porque não fazem ainda dez anos que se ensina uma geografia razoável aos futuros professores e que se pensa em formar novos geógrafos. Nestas condições, é preciso admirar as boas vontades que surgem por toda parte, os ensaios, ainda inábeis, mas que refletem uma boa orientação, e que vêm tanto do Ceará como de Minas Gerais, do Rio de Janeiro como do Recife, do Paraná, Santa Catarina e Bahia como do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

O saudoso Albert Demangeon resumiu em três fases o que ele chamava "os benefícios da geografia": a geografia localiza, a geografia descreve, a geografia compara. Estas três fases são também as três fases do método geográfico. Com a ajuda de uma boa cartografia, já em preparo, e dos aparelhos estatísticos e históricos, que devem ser melhorados e postos à disposição cômoda dos que os utilizam, a primeira fase, a da localização, poderá ser terminada. Com um pessoal cuidadosamente formado, a segunda fase, já começada, será continuada. A terceira fase, a das conclusões, somente então poderá se abrir. Será aquela que, tudo faz crer, virá num futuro próximo: a era do desenvolvimento da geografia no Brasil.

RELAÇÃO GERAL DOS PRINCIPAIS MAPAS DO BRASIL E DOS ESTADOS, EDITADOS NO PAÍS

(Dados fornecidos pelo engenheiro Cristóvão Leite de Castro, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.)

BRASIL:			
Carta Geral do Brasil................	1:1.000.000	1922	Clube de Engenharia.
Carta Geográfica do Brasil......	1:2.750.000	1922	Clube de Engenharia.
Carta Geográfica do Brasil......	1:5.000.000	1927	Clube de Engenharia.
Mapa de viação da República..	1:4.000.000	1939	I.F.E. M. da Viação.
Mapa demonstrativo das possibilidades do petróleo no Brasil..	1:7.000.000	1938	D.N.P.M. M. Agricultura.
Mapa Fitogeográfico do Brasil..	1:4.500.000	1938	J. César Diogo – (M. Nacional).
ALAGOAS:			
Mapa do Estado de Alagoas...	1.500.000	1917	Insp. Fed. Obr. contra Secas.
AMAZONAS:			
Mapa do Estado do Amazonas	1:2.000.000	1929	Lourival Muniz e A. Rocha.
BAHIA:			
Carta do Estado da Bahia........	1:2.000.000	1936	Diret. Serv. Geográficos da S.A. I.C.V.O.P.
Carta Geral do Estado na escala de....................................	1:500.000	(em execução)	(?)
CEARÁ:			
Mapa do Estado do Ceará.......	1:500.000	1935	I.F.O.C.S. – M. Viação.
ESPÍRITO SANTO:			
Mapa do Estado do Esp. Santo	1:500.000	1928	Vários autores.
GOIÁS:			
Mapa Geológico do Estado de Goiás....................................	1:1.500.000	1940	D.N.P.M. – M. Agricultura.

MARANHÃO:

(?) Mapa do Estado do Maranhão	1:2.000.000	1925	J. Abranches de Moura (é o menos precário).

MATO GROSSO:

Carta do Estado de Mato Grosso	1:3.000.000	1922	Comissão Rondon.

MINAS GERAIS:

Carta Geral do Estado de Minas Gerais na escala de........	1:100.000	(parcial)	Dep. Geográfico.
Carta Física e Política do Estado de Minas Gerais...........	1:1.000.000	1930	Secretaria da Agricultura.

PARÁ:

Mapa do Estado do Pará.........	1:2.250.000	1918	Teodoro Braga.

PARAÍBA:

Mapa do Estado do Paraíba....	1:500.000	1926	I.F.O.C.S.

PARANÁ:

Mapa do Estado do Paraná.....	1:750.000	1938	Dep. Terras e Colonização.
Mapa do Estado do Paraná.....	1:750.000	1922	J.M. Garcez e F. Gutierrez Belgrão.

PERNAMBUCO:

Mapa do Estado de Pernambuco..............................	1:500.000	1930	Rafael Xavier, Honório M. Filho e Elpídio L.

PIAUÍ:

Mapa do Estado do Piauí........	1:1.000.000		Diretoria de Agricultura, Viação e O. Públicas.

RIO DE JANEIRO:

Carta Corográfica do Estado do Rio de Janeiro.....................	1:400.000	1922	Com Carta do Estado.
Carta Geral do Estado do Rio de Janeiro	1:400.000	1941	José Castiglione.

RIO GRANDE DO NORTE:			
Carta do Estado do Rio G. do Norte....................................	1:1.500.000	1928	F.O.C.S.
RIO GRANDE DO SUL:			
Mapa do Estado do Rio G. do Sul...	1:750.000	1941	Diretoria de Terras e Colonização – S.A.I.C
SÃO PAULO:			
Carta Geral do Estado na escala de.....................................	1:100.000	(parcial)	Inst. Geográfico e Geológico do Estado.
Carta Geral do Estado de São Paulo	1:100.000	1935	Inst. Astronômico e Geográfico.
Carta Geral do Estado de São Paulo	1:500.000	1940	Inst. Astronômico e Geográfico.
SERGIPE:			
Carta Geral do Estado de Sergipe	1:200.000	1940	Comissão Geográfica encarregada da execução dos mapas municipais.
TERRITÓRIO DO ACRE:			
Mapa Geral do Território do Acre...	1:100.000	1917	Alberto Masô.
DISTRITO FEDERAL:			
Carta do Distrito Federal.........	1:25.000	1922	Serviço Geográfico Militar.

Os vários departamentos de estatística estabelecidos em cada estado, filiados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, publicam obras relativas à geografia humana e econômica, principalmente monografias de municípios. Infelizmente, essas publicações são, raramente, obras de geógrafos formados nos métodos modernos, bem como são escritas quase que exclusivamente para fins administrativos; por isso, a maioria dos trabalhos publicados pelos departamentos estaduais contêm muita matéria de pouco interesse para geógrafos. Além desses defeitos intrínsecos, as referidas publicações são bastante irregulares na sua edição. Enquanto certos estados têm empreendido pesquisas e publicações com bastante cuidado e compreen-

são, muitos outros ainda não contribuíram eficazmente para completar a bibliografia local brasileira, o que se explica pela falta de recursos financeiros e a dificuldade de organizar o corpo de pesquisadores.

Mas apesar de todas as deficiências indicadas, e, considerando que, progressivamente, a situação vai melhorando, parece-nos indispensável informar aos leitores sobre a fonte de documentação oferecida pelas publicações dos Departamentos Estaduais de Estatísticas. Não somente as sinopses estatísticas, anualmente publicadas, representam elementos úteis para as pesquisas dos geógrafos em matéria de população e economia, porém os estudos mais detalhados, as monografias, as revistas mantidas por alguns (Distrito Federal, Estado de São Paulo) merecem ser consultados. É particularmente interessante o trabalho realizado pelo Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina (Florianópolis). Desde 1936, foram publicados por esta repartição, com freqüência e sempre de boa qualidade, dados numéricos, estudos econômicos, monografias municipais. É certo que a atividade do Departamento de Estatística de Santa Catarina deveria ser tomada como o exemplo a seguir pelos demais departamentos. Julgamos útil indicar aqui as várias obras editadas pelos funcionários de Santa Catarina, considerando a impossibilidade de dar a lista de todas as publicações de todos os estados, mas acreditando que esta lista poderá ser utilizada para indicar o tipo de publicações, que, eventualmente, podem ser neles procuradas.

1. *Indústria de laticínios no Estado* (1936-1937) 16 p., 1938.
2. *Principais efemérides da História Catarinense*, 7 p., 1938.
3. *Reserva mineral do Estado*, 32 p., 1939.
4. *Exportação para o exterior*, 8 p., 1939 – dados para 1938.
5. *Pesos e medidas*, 28 p., 1939.
6. *Comunicados estatísticos*, 46 p., 1939.
7. *Indústria da fiação e tecelagem em Santa Catarina*, 20 p., 1937.
8. *Números de Santa Catarina*, 44 p., 1939.
9. *O fumo na economia agrícola de Santa Catarina*, 16 p., 1939.

10. *Finanças públicas*, 145 p., 1939.
11. *Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina* (autor: Lucas Alexandre Boiteux), 65 p.
12. *Cadastro industrial do estado*, 107 p., 1939.
13. *Notas sobre a fundação de Lajes* (autor: Vidal Ramos), 25 p.
14. *Blumenau, notícia estatístico-descritiva* (autor: José Ferreira da Silva), 101 p., 1941.
15. *Tábua itinerária catarinense*, 121 p., 1940.
16. *Localidades catarinenses*, 102 p., 1940.
17. *Palhoça, notícia estatístico-descritiva* (autor: José Lupércio Lopes), 145 p., 1939 (monografia municipal).
18. *Estrangeiros em Santa Catarina* (autor: Lourival Câmara), 48 p., 1940.
19. *São Francisco, notícia estatístico-descritiva* (autor: Arnaldo S. Tiago), 88 p., 1941 (monografia municipal).
20. *Canoinhas, notícia estatístico-descritiva* (autor: Osmar R. de Silva), 80 p., 1941 (monografia municipal).
21. *Divisão administrativa e judiciária de Santa Catarina*, 78 p., 1941.
22. *Jaraguá, notícia estatístico-descritiva*, 40 p., 1941 (monografia municipal).
23. *São Joaquim, notícia estatístico-descritiva* (autor: Enedino R. Ribeiro), 72 p., 1942 (monografia municipal).
24. *Biguaçu, notícia estatístico-descritiva* (autor: José N. Born), 57 p., 1942 (monografia municipal).
25. *Medicina, médicos e charlatães do passado* (autor: Oswaldo R. Cabral), 292 p., 1942.
26. *Rio do Sul, notícia estatístico-descritiva* (autor: Vítor P. Peluso Jr.) 133 p., 1942 (monografia de um dos principais centros do estado).
27. *Madeiras de construção de Santa Catarina* (autor: Henrique Boiteux), 108 p., 1942.

. . . .

Nota Relativa à Zoogeografia Brasileira

Paulo Sawaya

Situado na região neotrópica, o Brasil ocupa a maior extensão da área que vai do centro do México até o extremo sul do continente americano. Compreende zonas tropicais e circuntropicais, sendo característica a fauna das matas. Cabrera & Ypes (1940, p. 12) incluem o Brasil ao sul da região Guiano-Brasileira. Levando em conta os aspectos fisiográficos da mencionada sub-região e firmados especialmente nos caracteres da fauna, com referência particular às condições capazes de influenciar a localização de uma certa associação de animais, aqueles autores dividem a América do Sul em 11 distritos, dos quais cinco se acham incluídos no Brasil, a saber:

1. *Distrito Savânico,* compreendendo as partes norte e central da Venezuela e a oeste da Colômbia, em toda a zona de influência do rio Orinoco, portanto norte do Amazonas.

2. *Distrito Amazônico,* incluindo todo o centro do Brasil, inclusive Mato Grosso e o Chaco Boreal.

3. *Distrito Tropical,* abrangendo o leste do Brasil, inclusive Mato Grosso e o Chaco Boreal.

4. *Distrito Subtropical,* contendo o sul do Paraguai e a parte limitante do Brasil.

5. *Distrito Tupi,* incluindo a parte sudoeste do Brasil.

Outros autores (Melo Leitão, 1937, p. 221) colocam o Brasil numa terceira sub-região neotropical denominada Brasiliana, contendo parte da América do Sul a leste dos Andes, desde a Colômbia e Guiana até Bahia Blanca. Tal sub-região ultrapassa largamente ao norte, ao sul e ao oeste, os limites do Brasil.

Pelo mesmo nome de Brasiliana, Wallace (1876, II, p. 25) designa as duas sub-regiões de Salvin, Sulandina e Brasiliana, as primeiras banhadas pe-

los altos afluentes do Amazonas, estendendo-se no litoral norte até o istmo do Panamá, com as ilhas de Trindade e Tobago a leste e Galápagos a oeste.

Göeldi (1893), modificando o esquema de Burmeister (1854, p. 9-10), este considerando três territórios: o do Amazonas, o das matas costeiras e o sertão ou zona dos campos, distinguiu quatro territórios:

1. *Amazônico* (Amazonas e Pará).

2. *Brasil-central* (Mato Grosso e Goiás, sertão do Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná).

3. *Matas costeiras do Norte* (parte dos estados entre o Norte do Rio de Janeiro e Maranhão).

4. *Territórios das matas costeiras do Sul.*

Pelzeln (1883, p. 123), baseado nas coleções de Natterer, divide o Brasil, tal como vamos encontrar em H. von Ihering (1907, p. VIII), i. e., em três províncias: a setentrional, a da Amazônia ou da Hiléia formada apenas por matas ininterruptas; a Araxana ou do Brasil Central e a Tupiana ou do litoral, que vai desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Esta última é dividida em duas subprovíncias: Tupinambana, ao sul do Rio de Janeiro, estende-se em uma faixa estreita, ao pé da Serra do Mar, até Santa Catarina; a Guaraniana vai do Rio de Janeiro até o sul do Rio Grande do Sul. Segundo o referido autor (p. IX) o Estado de São Paulo participaria de três províncias ou subprovíncias, a saber: Tupinambana no litoral, Guaraniana no centro e Araxana no oeste, entre os rios Grande e Piracicaba e Piraçununga. A província Araxana é subdividida em uma metade meridional e outra setentrional.

As divisões de H. von Ihering calcam-se em dados colhidos especialmente sobre material ornitológico. O mesmo autor faz ainda no seu apreciado estudo a comparação com a distribuição dos mamíferos.

Melo Leitão (1937, p. 246) divide a sub-região brasileira em seis províncias: Cariba, Hiléia, Jê, Bororo, Tupi e Guarani. Os limites destas províncias baseiam-se na dispersão dos animais estenobióticos de modo especial os símios e os invertebrados, chamados criptozóicos (opiliões, pedipalpos, escorpiões, etc.).

A região Cariba (p. 271) compreende toda a porção oriental do vale do Madalena e planície da Colômbia voltada para o Atlântico, os territórios banhados pelos altos tributários do Amazonas, cuja fauna apresenta caracteres muito distintos da do curso inferior desse rio, a Venezuela, as Guianas, as ilhas Trindade e Tobago e os campos da vertente sul do sistema de Parimá. São características da região os bugios ou guaribas (*Alouatta straminea* e o *A. seniculus maconelli*).

As províncias Cariri e Bororo (p. 294) incluem zonas de cocais, caatinga e campos. Compreende uma área que se estende do Rio Mearim, no Maranhão, até o Cabo Branco, a leste vai até o São Francisco. A principal fonte de informação sobre a fauna destas províncias ainda é Marcgrave, cuja edição brasileira acaba de sair do prelo (1942). As províncias Tupi e Guarani de Melo Leitão correspondem quase ao que H. von Ihering chamou de província Tupiana (litoral que vai do Rio Grande do Sul até a Bahia). A província Tupi corresponde à subprovíncia Tupinambana de H. von Ihering (região do Rio de Janeiro até a Bahia). A província Guarani contém os campos com largas manchas de florestas ou capoeirões; hervais, pinheirais, etc. Na Tupi é característico o bugio de cor ruiva *(Alouatta fusca)*. São numerosos os macacos do gênero *Cebus*. A província Guarani é sem Guariba (M. Leitão I. c, p. 333). Ocorre nesta província o ratão-do-banhado *(Myocastor coypus)*. As ilhas oceânicas são incluídas por Melo Leitão (p. 346) na província a que se denomina de Marítima. Contam-se os rochedos de São Pedro e São Paulo, Rocas Fernando de Noronha, Trindade e Martim Vaz.

Dos Rochedos de São Pedro e São Paulo encontram-se na literatura apenas a nota de Darwin (1883, p. 9-11). Quanto à ilha de Fernando Noronha, o material conhecido é ainda o colhido por Bruno Lobo (1919, p. 107). O atol de Rocas foi visitado recentemente por Ascânio de Farias (1935, 1936 1936-a) e por J. C. Regueira da Costa (1938) que de lá trouxeram material ornitológico e marinho, especialmente peixes.

Relativamente à fauna marinha, além dos trabalhos de Friz Müeller (1899, p. 31), relativos aos enteropneustas, de Lüderwaldt (1929, P. 2)

sobre a fauna da ilha de São Sebastião no litoral paulista, de H. von Ihering (1897, p. 25) sobre os peixes da costa do Rio Grande do Sul e ainda deste autor (1911, p. 434) sobre a origem da fauna neotrópica, são de se salientar as recentes investigações de Ernesto Marcus (1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942), sobre os briozoos e sobre os pantópodos do litoral brasileiro, onde há referências importantes sobre a distribuição geográfica destes animais. Resenha geral sobre a fauna encontra-se ainda em Marcus (1933).

Finalmente, ainda relativamente aos vertebrados, na classe dos anfíbios, contam-se os ginofionos, de distribuição geográfica singularíssima (no Brasil, na África e na Índia) que foram objeto de estudo de R. v. Ihering (1911, p. 454) e de P. Sawaya (1937, p. 225). Sobre a distribuição de aves temos as notas do catálogo publicado recentemente por Pinto (1938).

OBRAS CONSULTADAS

1. **Burmeister, H.**, 1854 – *Systematische Übersicht der Thiere Brasiliens.* 1. i pt. X + 342 pp. Berlin.
2. **Cabrera, A.** & **Yepes, J.** 1940 – *Mamíferos Sud-americanos.* 370 pp. 1 mapa, Buenos Aires.
3. **Costa, J.C.R,** 1938 – "O Atol de Rocas". *A Voz do Mar*, v. 18, nº 159, pp. 393-394, Rio de Janeiro.
4. **Darwin, C.,** 1883 – *Voyage d'un naturaliste autour du monde;* trad. francesa, Ed. Barbier, 1ª ed. VIII + 552 p. Paris.
5. **Farias, A.,** 1935 – "Viagem do *Vital de Oliveira*". *A Voz do Mar*, v. 15, nº 123, p. 176-177, Rio de Janeiro.
6. **Farias, A.,** 1936 – *A pesca nas Rocas. Ibidem,* n.º 28, p. 121-122.
7. **Faria, A.,** 1936-a – Idem. Ibidem, nº 177, p. 95-97.
8. **Goeldi, E. A.,** 1893 -- *Os mamíferos do Brasil.* III + 181 p. Rio de Janeiro.
9. **V. Ihering, H.,** 1897 – "Os peixes da costa do mar no Estado do Rio Grande do Sul". *Rev. Museu Paulista,* v. 2, p. 23-63, São Paulo.
10. **V. Ihering, H.,** 1910 – "História da fauna marinha do Brasil e das regiões vizinhas da América Meridional". *Ibidem*, v. 7, p. 377-430, t. 13, S. Paulo.
11. **V. Ihering, H.,** 1911 – "Origem da fauna neotrópica". *Ibidem,* v. 8, p. 434-453.
12. **V. Ihering, H.** & **V. Ihering, R.,** 1907 – *As aves do Brasil*, v. 1, XXXVIII + 485 p. 2 mapas, ed. Museu Paulista, São Paulo.

13. **V. Ihering, R.,** 1911 **–** "Os anfíbios do Brasil. 1ª Ordem: Gymnophiona", *Rev. Museu Paulista*, v. 8, p. 89-111, t. 7, São Paulo.
14. **Lobo, B.,** 1919 **–** "Ilha da Trindade", *Arquivos do Museu Nacional* v. 22, p. 107-158, 6 t. Rio de Janeiro.
15. **Lüderwaldt, H.,** 1929 **–** "Resultados de uma excursão científica à Ilha de São Sebastião no litoral do Estado de São Paulo em 1925", *Rev. Museu Paulista*, v. 16, p. 2-80, São Paulo.
16. **Marcgrave, J.,** 1648 **–** *História natural do Brasil,* ed. do Museu Paulista, 1942, IV + 298 + 104 p. Comentada por P. Sawaya e outros, São Paulo.
17. **Marcus, E.,** 1933 **–** *Tiergeographie*, em Hand. d. Georgr. Wiss pp. 81-166. Akad. Verlag Athenaion.
18. **Marcus, S.,** 1937 **–** "Briozoários marinhos brasileiros I". *Bol. Fac. Fil. Ciências Letras Univ. S. Paulo,* I, Zool. nº 1, p. 5-224, t. 1-29, S. Paulo.
19. **Marcus, E.,** 1938 **–** "Briozoários marinhos brasileiros II". *Ibidem* IV, *Zool.* nº 2, p. 1-192, t. 1-29.
20. **Marcus, E.,** 1939 **–** "Briozoários marinhos brasileiros III". *Ibidem* XIII, *Zool.* nº 3, p. 111-353, t. 5-31.
21. **Marcus, E.,** 1940 **–** "Os Pantopoda brasileiros e os demais sul-americanos". *Ibidem* XIX, Zool. nº 4 p., 3-180 t. 1-17.
22. **Marcus, E.,** 1941 **–** "Sobre Bryozoa do Brasil". *Ibid.* XXII, *Zool.* nº 5, p. 3-208 t. 1-18.
23. **Marcus, E.,** 1942 **–** "Sobre Bryozoa do Brasil". *Ibid.* XXV, *Zool.* nº 6, p. 107-152, t. 1-5.
24. **Melo Leitão, C.** 1937 **–** *Zoogeografia do Brasil*, 417 p. S. Paulo.
25. **Müller, F.** 1899 **–** "Observações sobre a fauna marinha da costa de Santa Catarina", *Rev. Museu Paulista,* v. 3, p. 31-40, S. Paulo.
26. **V. Pelzeln, A.** 1883 **–** *Brasilische Saügethiere,* 140 p. Wien.
27. **Pinto, O.M.O.,** 1938, **–** *Catálogo das aves do Brasil,* XVIII + 566 p. *Rev. Museu Paulista,* v. 22, S. Paulo.
28. **Sawaya, P.,** 1937 **–** "Sobre o gênero Siphonops Waler (1828) Amphibia-Apoda, com descrição de duas variedades, etc." *Bol. Fac. Fil. Sc. Letras,* Univ. S. Paulo I. Zool. I, p. 225-257, t. 30-32, S. Paulo.
29. **Wallace, A. R.,** 1876 **–** *Die Geographische Verbreitung der Thiere,* v. 2, 658 p. 1 mapa, Dresden.

. . . .

Bibliografia

A. OBRAS GERAIS

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *Le Brésil méridional.* Paris, 1910. 531 p. ilus. map.

A obra compreende o estudo dos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Trata essencialmente da geografia humana (imigração) e econômica dessa região. Documentação estatística. Embora de valor, o trabalho tornou-se antiquado. **[2532]**

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *Fisiografia do Brasil.* Rio de Janeiro, Imprensa Militar, 1923. 242 p. ilus. map.

Conferências calcadas numa grande quantidade de cortes, mapas, etc. Obra recomendada a estudantes principiantes no assunto. **[2533]**

Comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da comissão. Rio de Janeiro, 1915 a 1920. 3 v.

Abundante documentação sobre todos os ramos da geografia. **[2534]**

Cruls, L., e **Pimentel,** Antônio. *Commission d'exploration du plateau central du Brésil.* **[2535]**

Deffontaines, Pierre. *Étude de fleuve au Brésil. (Bull. de l'Ass. des Geo.* Français, nº 123, 1939, p. 138-146).

Trata-se do rio Paraíba do Sul, que nasce na serra do Mar, em território paulista, une S. Paulo ao Rio de Janeiro e termina na planície açucareira de Campos, no Estado do Rio. **[2536]**

Denis, Pierre. *L'Amérique du Sud. Tome I: Caractères généraux, les Guyanes, le Brésil.* (*Géographie Universelle,* publiée sous la direction de P. Vidal de la Blache et L. Gallois, t. XV, 1e partie, Paris, 1928.) 210 p. foto. map.

Obra indispensável. A parte relativa à geografia física (relevo) é bastante importante. É um dos melhores livros de texto, sobre o assunto, que poderá ser útil não só a estudantes como a professores. **[2537]**

Dicionário histórico, geográfico e biográfico do Brasil. Rio de Janeiro, Inst. Hist. Geo. Bras. 1922. 2 v.

O primeiro volume trata da parte geral. O segundo estuda estado por estado até a Paraíba. De um modo geral, é pequena a contribuição deste dicionário para a ciência geográfica. **[2538]**

Halfeld, Henrique Guilherme Fernando. *Atlas e relatório concernente à exploração do rio de São Francisco.* Rio de Janeiro, 1860.

A documentação cartográfica é de valor. (Vide Viagens). **[2539]**

Ihering, Rodolpho von. *Landeskunde der Republik Brasilien, Estados Unidos do Brasil.* Leipzig, 1908. 107 p. **[2540]**

Klute, Fritz. *Handbuch der geographischen Wissenschaft. Sud-Amerika in Natur,*

Kultur und Wirtschaft. T.X. Postdam, 1930.

O capítulo dedicado ao Brasil é de autoria de O. Maull, p. 146-269, map. foto. **[2541]**

Liais, Emmanuel. *Climat, géologie, faune et géographie du Brésil.* Paris, 1872.

(Vide Viagens). **[2542]**

Maull, Otto. *Vom Itatiaya zum Paraguay. Erebnisse und Erlebnisse einer Forschungsreise durch Mittelbrasilien.* Leipzig, 1930. 366 p. ilus. map.

Obra fundamental. Nela são estudados e cartografados todos os aspectos da geografia. Talvez seja a única obra realmente geográfica sobre o rio Doce e o Estado do Espírito Santo. Croquis sugestivos. **[2543]**

Monbeig, Pierre. *Ensaios de geografia humana brasileira.* São Paulo, 1940. 289 p. ilus.

Coleção de artigos, quase todos sobre o Estado de S. Paulo. A cartografia é insuficiente. **[2544]**

Morais Rego, Luís Flores de.

vide

Rego, Luís Flores de Morais.

Nash, Roy. *The conquest of Brazil.* New York, 1926. 438 p. foto. map.

Apesar de publicado há muitos anos, nada perdeu do seu valor. O autor possui agudo senso crítico. Existe uma tradução em português de Moacyr N. Vasconcelos, *A conquista do Brasil*, volume 150 da Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana, publicada em 1939, com 501 p. (Vide também do mesmo autor: *The houses of rural Brazil*, na Gen. Rev. New York, july, 1923, p. 329-344, foto.) **[2545]**

Neiva, Artur, e **Pena,** Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul de Piauí e de norte a sul de Goiás: estudos feitos a requisição da Inspetoria de Obras contra a Seca.* Rio de Janeiro, 1916. 224 p. map. **[2546]**

Nery, Frederico José Santana. *Le Brésil en 1889.* Paris, 1889.

Registra um excelente panorama do Brasil nos fins do Império. **[2547]**

Pauwell, Geraldo, padre. *O conceito da região natural e uma tentativa de estabelecer as regiões naturais do Brasil. (Rev. Inst. Hist. Geo.* Rio Grande do Sul, I-II trim. 1926 p. 9-67). **[2548]**

Pinto, Alfredo Moreira. *Apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil.* Rio de Janeiro, 1894, 1896, 1899. 3 v.

Lista dos nomes de lugares, municípios, distritos, etc., com indicações úteis. Em 1935, saiu um suplemento de A-Z. **[2549]**

Reclus, Elisée. *Estados Unidos do Brasil;* trad. de B.F. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro, 1900. 488 p. foto., map.

Obra de grande valor, quase sempre esquecida, mas que até agora presta grande auxílio ao estudante ou ao professor. **[2550]**

Rego, Luís Flores de Morais. *O vale do São Francisco; ensaio de monografia geográfica.* (*Rev. Museu Paulista da Univ. de S. Paulo*, XX, 1936, p. 491-706, map.)

Os capítulos que tratam da geografia física e especialmente do relevo são os melhores. É obra indispensável sobre o assunto. Contém abundantes referências. **[2551]**

Rendu, Alphonse. *Études topographiques, médicales et agronomiques sur le Brésil.* Paris, 1848. 248 p. **[2552]**

O Rio S. Francisco. (O Observador Econômico Financeiro, v. IV, nº 37, fevereiro de 1939, p. 80-116, foto. map.)

Reportagem bem orientada e que merece ser lida. **[2553]**

Rocha, Geraldo. *O rio São Francisco.* São Paulo, 1940. 256 p. (Brasiliana, v. 184).

Trata sobre o povoamento do vale do São Francisco, e seu potencial econômico que é verdadeiramente considerável. **[2554]**

Saint-Adolphe, J.C.R. Millet de, e **Moura**, Caetano Lopes de. *Dicionário geográfico, histórico e decritivo do império do Brazil.* Paris, Aillaud. 1845. 2 v. map. **[2555]**

Schmieder, O. *Landerkunde Sudamerikas.* Leipzig, 1932.

Obra geral, de grande interesse como iniciação do assunto. **[2556]**

Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. *Geografia do Brasil;* comemorativa do 1º centenário da Independência, 1822-1922. Rio de Janeiro, 1922. v. I, II, IX e X, foto. map.

O volume I reúne várias monografias: *Geognose do solo brasileiro*, por Eusébio Paulo de Oliveira; *Aspecto físico*, por Honório de Sousa Silvestre; *O nordeste brasileiro*, por Alceu de Lélis; *Orografia*, por Honório de Sousa Silvestre; *Espeleologia*, por Antônio Olinto dos Santos Pires; *Manifestações vulcânicas no Brasil*, por Alípio Gama.

Apenas o trabalho de Eusébio de Oliveira tem valor científico moderno. No entanto, não se deve desprezar a nomenclatura fornecida pelos outros autores.

O volume II contém: *Bacia do Amazonas, bacia do Prata, bacia do Uruguai, bacia do Paraná, bacia do Paraguai, bacias orientais, bacias interiores, lagos e lagoas individualisadas,* por Honório Silvestre, Rio de Janeiro, 1923; *Catálogo da principais quedas-d'água do Brasil*, 1922; *Rios navegáveis do Brasil*, trabalho terminado pela Inspetoria Federal de Portos, Rios e Canais; *Costas e nesografia: O Atlântico sul*, por C.M. Delgado de Carvalho; *O litoral*, por F.A. Raja Gabaglia.

O volume IX: *Corografia do Amazonas*, por Lopes Gonçalves, 1ª parte, 65 p.

O volume X: *Corografia de Minas Gerais*, por Nélson de Sena, 1922, 396 p. **[2557]**

Walle, Paul. *Au Brésil, de l'Uruguay au rio São Francisco.* Paris, 1910. 444 p. foto. **[2558]**

Wappäus, J. C. *Handbuch der Geogrphie und Geschichet des Kaisserreichs Brasilien.* Leipzig, 1871.

Existe uma tradução brasileira (*Geografia do Brasil*, edição condensada) de 1884, com contribuição pessoal dos tradutores. É uma fonte da geografia do Brasil. **[2559]**

B. FONTES: PERIÓDICOS, BIBLIOGRAFIAS, DOCUMENTOS ESTATÍSTICOS

Achegas para a bibliografia das ciências naturais: resumo de obras, opúsculos e artigos publicados no estrangeiro e interessando o Brasil, 1917-1921. (Rev. Mus. Paulista, v. XV, 1927, p. 73-274).

A obra contém dados interessantes para o estudo da geografia. **[2560]**

Anais da Escola de Minas de Ouro Preto. Ouro Preto, Tipografia Medeiros, 188.

Periodicidade irregular. **[2561]**

Anais do Museu Paulista, v. I. São Paulo, Of. do *Diário Oficial*, 1922. viii, 499 p. **[2562]**

Anais do Observatório de São Paulo, v. I, 1928. 326 p.

Traz indicações sobre o clima. **[2563]**

Anuário açucareiro. Instituto do Açúcar e do Álcool. Rio de Janeiro, 1935.

Além das estatísticas cada número traz artigos interessantes, entre eles os de Gileno de Carli sobre a história contemporânea do açúcar.

[2564]

Anuário do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde (Observatório Nacional) 1885. Ilus. 18 x 13 cm. **[2565]**

Anuário estatístico. Instituto do Café do Estado de São Paulo, 1937.

Cada número traz grande cópia de estatísticas e gráficos a respeito da produção, comércio e preço no Estado de S. Paulo, Brasil e estrangeiro. Publicação notável. **[2566]**

Anuário estatístico de São Paulo. São Paulo, Departamento Estadual de Estatística, 1893-1927. **[2567]**

Anuário estatístico do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1936.

Os anos de 1939 e 1940 estão reunidos num só volume. **[2568]**

Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais. Publicação do Departamento Estadual de Estatística, v. X, 1937, 306 p. **[2569]**

Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Jardim Botânico, 1915. Ilus. 25 x 28 cm.

Periodicidade irregular. **[2570]**

Arquivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1876.

Publicação irregular. Contém artigos de interesse geográfico. **[2571]**

Bibliografia da Revista do Museu Paulista, 1913-1919. (Rev. Mus. Paulista, v. XI, 1919, p. 607-861).

Útil para pesquisas. **[2572]**

Boletim astronômico e geofísico; publicação do Serviço Astronômico e Meteorológico do Estado de São Paulo, vol. I, 1928, 128 p. map.

Observações meteorológicas de 1928, com numeração mensal (de 1 a 12). **[2573]**

Boletim da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo, 1887.

Esta publicação conteve nos primeiros anos artigos de grande valor; depois, passou a ser um boletim climatológico e só retomou sua atividade nos últimos anos.

Os números 3 (1887-88), 6 (1889), 8 (1890), 17 (1906), 18, 19, 20 e 21 contêm o resultado das observações meteorológicas com mapas e comentários. Consultem-se também os "dados climatológicos" que completam o boletim de 1891-1912. **[2574]**

boletim da diretoria de terras, Colonização e Imigração da Secretaria da

Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1937.

Estudos e estatísticas principalmente paulistas. Do segundo número em diante chama-se *Boletim do Serviço de Imigração e Colonização da Secretaria,* etc. A capa e o formato não mudaram. **[2575]**

Boletim da indústria animal, publicação do Departamento de Indústria Animal da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1937.

Antigamente chamava-se *Revista da Indústria Animal.* **[2576]**

Boletim da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, publicação do Ministério da Viação e Obras Públicas. Rio de Janeiro, 1934.

Trimestral. **[2577]**

Boletim da Secretaria da Agricultura do Estado de Pernambuco.

Recife, 1936. **[2578]**

Boletim de agricultura, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1900.

Periodicidade irregular. **[2579]**

Boletim do Departamento do Trabalho Agrícola de São Paulo, 1912-1934.

O último número traz o nº 80 mas, segundo Lowrie, o número real é inferior. **[2580]**

Boletim do Departamento Estadual de Estatística, São Paulo, 1938.

Periodicidade mensal. Além das estatísticas, contém estudos às vezes interessantes. **[2581]**

Boletim do Departamento Nacional do Café, Rio de Janeiro, 1933.

Mensal. Artigos sobre todos os aspectos da produção, distribuição e consumo do café. Dados estatísticos. **[2582]**

Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro, 1934.

Revista mensal. Publicação oficial que se destina a fornecer estudos sobre todos os aspectos das ciências sociais no Brasil. Decretos oficiais, notícias sobre indústrias e legislação do trabalho ocasionalmente, reprodução de fontes históricas. **[2583]**

Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1923.

Publicação trimestral. Trata sobretudo de ciência natural. **[2584]**

Boletim meteorológico, publicação do Departamento (Comissão) Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo, 1938.

Publicação semestral. Contém mapas. **[2585]**

Brasil açucareiro, Órgão Oficial do Instituto de Açúcar e do Álcool. Rio de Janeiro, 1933.

Revista mensal. Estatísticas, conselhos aos agricultores, notas históricas, econômicas e técnicas. A documentação é oficial. Existe índice para os volumes 1 a 13. **[2586]**

Castro, Cristóvão Leite de. *Atualidade da cartografia brasileira. (Rev. Bras. Geo.* v. II, nº 3, Rio de Janeiro, julho 1940, p. 462-470, ilus.)

Dá conta do estado atual dos trabalhos cartográficos. **[2587]**

Diniz Gonçalves

vide

Gonçalves, Alfeu Diniz.

Geografia: Revista da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1936.

As atividades da Associação continuam a ser publicadas no *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. **[2588]**

Gonçalves, Alfeu Diniz. *Bibliografia de geologia, mineralogia e paleontologia do Brasil.* (*Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro*, nº 27, Rio de Janeiro, 1928, 205 p.)

Ótimo instrumento de trabalho. **[2589]**

Kuder, Manfred. *Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefüll der deutshchen Volksgruppe in Brasilien.* (Iberoamer. Archiv, Berlin, v. X, 1936-37, p. 394-404). **[2590]**

Lilloa, revista de botânica; publicação da Universidad Nacional de Tucumán, República Argentina, t. VII, 1941, p. 431-440.

Contém uma bibliografia botânica do Brasil bastante longa. **[2591]**

Lowrie, Samuel Harmon. *A guide to the sources for the study of population in São Paulo.* (Handbook of Latin American Studies, Cambridge, Mass., 1937, p. 490-501)

Enumeração crítica perfeita. É obra de grande valor para o estudo das fontes. **[2592]**

Maack, Reinhard. *Die deutsche Literatur ueber die deutshche Einwanderung und Siedlung in Suedbrasilien.* (Handbook of Latin American Studies, 1938, Cambridge, Mass, 1939, p. 399-417).

Bibliografia muito longa. Há seção separada para as obras geográficas (p. 410-411) embora nas outras seções figurem livros de caráter e até título geográficos. **[2593]**

Marchant, Alexander. *Writings in English, French, Italian and Portuguese, concerning the German colonies in southern Brazil.* (Handbook of Latin American Studies, 1928, Cambridge, Mass., 1939, p. 418-431).

Embora não seja uma bibliografia completa, é trabalho sério e deve ser utilizado. **[2594]**

Memórias do Instituto Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, Inst. Osvaldo Cruz, 1909.

Contém estudos de geografia médica, higiene, etc. Periodicidade irregular. **[2595]**

Mensário de estatística da produção, publicação da Diretoria de Estatística do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1935.

Contém vasta documentação de geografia econômica; estatística e estudos bem feitos. **[2596]**

Mensário estatístico da Prefeitura do Distrito Federal, 1938. **[2597]**

Paiva, Tancredo de Barros. *Bibliografia do clima brasileiro;* publicação do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1928. 34 p.

Contém informações numerosas e deve ser consultada embora não seja uma bibliografia crítica. **[2598]**

Phelps, D. M. *Sources of current economic information on Latin America.* (Handbook of Latin American Studies, 1937, Cambridge, Mass. Harvard Univ., 1938, p. 573-594).

Muitas das publicações citadas devem ser consultadas pelos geógrafos. **[2599]**

O observador econômico e financeiro, Rio de Janeiro, 1936.

Revista mensal. Boas ilustrações. Contém artigos que tocam muito de perto a geografia e também contém

estatísticas e análises dos mercados de café, algodão etc. Publica também documentos oficiais. **[2600]**

Revista Brasileira de Engenharia. **[2601]**

Revista Brasileira de Estatística, órgão oficial do Conselho Nacional de Estatística. Rio de Janeiro, Inst. Bras. Geo. Estatística, 1940.

Publicação trimestral. Contém artigos, boa crítica bibliográfica e informações gerais. **[2602]**

Revista Brasileira de Geografia, órgão do Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1939.

Publicação trimestral. É praticamente a única revista geográfica brasileira de valor. **[2603]**

Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 1885.

Publicação semestral. É uma das fontes da geografia do Brasil. É raro publicar um estudo de geografia moderna. Não deve, entretanto, ser menosprezada. **[2604]**

Revista do Comércio e Indústria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. **[2605]**

Revista de Economia e Estatística, órgão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1936-1939.

Publicação trimestral. Os artigos raramente têm interesse geográfico, mas contém informações estatísticas úteis (produção dos diferentes estados, comércio, etc.) **[2606]**

Revista de Imigração e Colonização; publicação do Conselho de Imigração e Colonização. Rio de Janeiro, 1940.

Publicação trimestral. Artigos com resumo em francês. Texto das leis e regulamentos sobre imigração. Informações estatísticas. **[2607]**

Revista do Algodão. São Paulo, 1934.

Mensal. Artigos sobre todas as atividades ligadas ao comércio e à produção do algodão. **[2608]**

Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. 1934.

Publicação mensal de artigos às vezes estritamente geográficos ou de interesse geográfico (sociologia, economia, história, etnografia, antropologia). **[2609]**

Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Globo, 1921.

Periodicidade irregular. **[2610]**

Revista do Instituto do Café. São Paulo, Instituto do Café, 1926.

Revista mensal. Artigos e estatísticas sobre produção e comércio do café. **[2611]**

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1839.

Esta revistou publicou documentos e artigos que servem de fonte para estudos geográficos. Não se deve encontrar nela estudos de acordo com os moldes da geografia moderna. **[2612]**

Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Salvador, Bernardo da Cunha & Cia., 1894.

Trimensal. **[2613]**

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Fortaleza, Ramos e Pouchain, 1876.

Anual. **[2614]**

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1923.

Bitrimestral. **[2615]**

Revista do Museu Paulista. São Paulo, 1895.

Publicação anual. Antigamente publicava matéria útil aos estudos geográficos. **[2616]**

Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1937.

Publicação anual. **[2617]**

Sinopse estatística do Estado de...

A partir de 1936, cada estado publica uma sinopse estatística. **[2618]**

Wolhers, Armando. *Achegas bibliográficas.* (Mineração e Metalurgia, v. IV, Rio de Janeiro, 1940, p. 184-187).

Bibliografia Geológica Brasileira. **[2619]**

C. RELEVO E ESTRUTURA DO SOLO

Abreu, Sílvio Fróis. *A riqueza mineral do Brasil.* São Paulo, 1940. 383 p. (Brasiliana, v. 102).

O melhor livro sobre o assunto. Apanhado feito por um geólogo e engenheiro. **[2620]**

Backer, Charles Laurence. *The lava field of the Paraná basin.* (Jour. Geol. XXXI, jan.-fev. 1923, p. 66-79, ilus.).

Trata da extensão das camadas de diábase com intercalação de grês (série São Bento). O rio Paraná forma um eixo sinclinal. Excelente estudo. **[2621]**

Backheuser, Everardo. *A faixa litorânea do Brasil meridional.* Rio de Janeiro, 1918. VII, 207 p. fotos. map.

Descreve as grandes linhas do litoral brasileiro. Ainda é o estudo básico da morfologia litorânea. **[2622]**

Betim Pais Leme, Alberto.

vide

Leme, Alberto Betim Pais.

Branner, John Casper. *Decomposition of rocks in Brazil. (*Bull. Geol. Soc. Amer. VII, 1895-1896, p. 253-314). **[2623]**

Branner, John Casper. *The fluting and pitting of granites in the tropics.* (Proc. Amer. Phil. Soc. LII, 1913, p. 163-174, foto.).

Trata do papel da erosão mecânica na formação das caneluras e do da erosão química na constituição das marmitas de erosão. **[2624]**

Branner, John Casper. *Geologia elementar, preparada com referência especial aos estudos brasileiros e a geologia do Brasil.* 2ª ed. Rio de Janeiro, 1915. 396 p. ilus.

Manual com exemplos brasileiros.

[2625]

Branner, John Casper. *Outlines of the geology of Brazil to accompany the geologic map of Brazil.* (Bull, Geol. Soc. Amer. XXX, 1919, p. 189-337, ilus. map.).

O mapa tem a escala de 1:5.000.000 com dois mapas menores para Trindade e Fernando de Noronha. Estudo clássico. Trata do Brasil em geral e de cada um dos estados. Bibliografia. O mapa ainda conserva seu valor. **[2626]**

Branner, John Casper. *The stone reefs of Brazil.* (Bull. Mus. Comp. Zool. v. XLIV, Harvard univ. 1904). **[2627]**

Brasil. Ministério da Agricultura. Serviço Geológico e Mineralógico. *Atlas geológico do Brasil,* 1933-34. Rio de Janeiro, 1939. 18 p. map.

Introdução. Gráfico das diferentes séries com a respectiva localização. Um mapa para cada estado. As escalas dos mapas variam. **[2628]**

Calógeras, João Pandiá. *As minas do Brasil e sua legislação.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904-1905. 3 v. **[2629]**

Castelnau, Francis de. *Expédiction dans les parties centrales de l'Amérique du sud de Rio de Janeiro à Lima.* Paris, 1850-1857. 10 p. pranchas.

Obra de valor e feita com espírito científico (vide Viagens). Contém um corte geológico de Rio de Janeiro a Lima e uma "geografia das partes centrais da América do Sul". **[2630]**

Derby, Orville A. *Contribuição para o estudo da geologia do vale do rio São Francisco.* (Arch. Mus. Nac. IV, Rio de Janeiro, 1879, p. 87-119. **[2631]**

Derby, Orville A. *Decomposition of rocks in Brazil.* (Jour. Geol. IV, 1896, p. 509-540).

Um dos primeiros trabalhos onde o papel das falhas não é considerado como fator exclusivo na formação do relevo da baía de Guanabara. **[2632]**

Derby, Orville A. *Geology of the rio São Francisco,* Brazil. (Amer. Jour. Sci. v. XIX, 1880, p. 236). **[2633]**

Derby, Orville A. *On nephelin rocks in Brazil with special reference to the associaton of phonolite and foyaite.* (Quart. Jour. Geol. Soc. of London, v. XLIII e XLVII, 1887 e 1891, p. 457-473 e p. 251-265).

Foi traduzido para o português e publicado na *Revista de Engenharia*, v. X, Rio de Janeiro, 1888, p. 111-114, 121-123, 133-136. **[2634]**

Derby, Orville A. *Reconhecimento geológico do vale de São Francisco.* (Rev. Engenharia, v. III, Rio de Janeiro, 1881, p. 93-94, p. 125-127, p. 139-143, p. 172-175, p. 188-190). **[2635]**

Eschwege, Wilhelm Ludwig von. *Beiträgezur Gebirgskunde Brasiliens.* Berlin, 1832. 488 p. **[2636]**

Idées générales sur la constitution géologique du Brésil. (An. Mines, 2.e série, t. II, 1817, p. 238-240). **[2637]**

Journal von Brasilien oder vermischte Nachrchten aus Brasiliens, *auf wissenschaftlichen Reisen gesammell.* Weimar, 1818. 2 v. **[2638]**

Pluto Brasiliensis; *eine Relhe von Abhandlungen über Brasiliens Gold-Diamanten und anderen mineralischen Reichtum.* Berlin, 1833. 622 p.

Os trabalhos do autor são dos primeiros publicados sobre a geografia do Brasil em geral e de Minas Gerais em particular. **[2639]**

Ferraz, Luís Caetano. *Compêndio dos minerais do Brasil.* Rio de Janeiro, 1918. 655 p.

Contém uma bibliografia e uma série de mapas. **[2640]**

Freise, Friedrich W. *Bodenverkrustungen in Brasilien.* (Zeit**.** Geomorph., IX, 1936, p. 233-248).

Estuda a formação das crostas superficiais chamadas "canga", processo natural ou artificial (laterita). **[2641]**

Freise, Friedrich W. *Brasilianische Zuckehutberge.* (Zeit. Geomorph., VIII, 1933, p. 49-66, foto.)

Contribuição importante para o estudo dos "pães-de-açúcar", papel das deslocações e da erosão químico-mecânica. **[2642]**

Freise, Friedrich W. *Erscheinungen des Erdfliessens im Tropenurwalde: Beobahtungen aus brasilianischen Küstenwäaldern.* (Zeit. Geomorph., IX, 1935, p. 88-98).

Evolução contínua do solo e formação dos pantanais. **[2643]**

Freise, Friedrich W. *Inselberge und Inselberg-Landschaften im Grait und Gneisgebiete Brasiliens.* (Zeit. Geomorph., X, 1938, p. 137-168, ilus.) **[2644]**

Freise, Friedrich W. *Terras cançadas e sua regeneração.* (Rev. Soc. Rural Bras. São Paulo, 1924, p. 224-227).

Trata do esgotamento do solo e da cultura cafeeira. **[2645]**

Freyberg, Bruno von. *Zerstörung und Sedimentation an der Mangroverküste Brasiliens.* (Leopoldina Berichte, VI, 1930, p. 69-117, ilus.)

Alentado estudo sobre um aspecto importante do litoral brasileiro. Ver também Ibero-Amer. Archiv. Berlin, IV, jan. 1931, p. 501. **[2646]**

Fróis de Abreu

vide

Abreu, Sílvio Fróis de.

Guimarães, Djalma. **Contribuição a metalogênese do maciço brasileiro.** (Bol. Serv. Prod. Miner. nº 16, Rio de Janeiro, 1937, 86 p. foto.) **[2647]**

Guimarães, Djalma. *Província magmática do Brasil meridional.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 64, Rio de Janeiro, 1938, 78 p.) **[2648]**

Hartt, Charles Frederic. *Geologia e geografia física do Brasil.* São Paulo, Ed. Nacional, 1941. 949 p. ilus.

Embora publicado anteriormente ao desenvolvimento da geografia, da cartografia e da geologia do Brasil é obra indispensável especialmente para o estudo do litoral. Tradução por Edgar Süssekind de Mendonça do original norte-americano (Boston, 1870), contém uma bibliografia da obra de Hartt, cujo papel foi importantíssimo no desenvolvimento dos estudos geográficos do Brasil. **[2649]**

Lamego, Alberto Ribeiro. *Restingas na costa do Brasil.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 96, 1940, 63 p. ilus.)

Trata de um dos aspectos mais freqüentes na geografia litorânea. Estuda a diferença entre restinga e duna e a função antropogeográfica da primeira. O autor estuda, sobretudo, o litoral do Estado do Rio. Contém um mapa geológico. Não traz bibliografia. **[2650]**

Lamego, Alberto Ribeiro. *Teoria do protogneis: uma interpretação petrogenética do arquiano.* (Bol. Serv. Geol. Miner. nº 86, Rio de Janeiro, 1937, 72 p. ilus. map.)

Nova concepção do arquiano apresentada com clareza e competência. **[2651]**

Leinz, Viktor. *Estudos sobre a glaciação permocarbonífera do sul do Brasil.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 21, Rio de Janeiro, 1937, 47 p. ilus. map. foto.)

Tipo de glaciação, número de períodos glaciais, topografia pré-glacial, problema do clima. **[2652]**

Leme, Alberto Betim Pais. *État des connaissances géologiques au Brésil: rapport avec la théorie de Wegener sur la dérive des continents.* (Bull. Soc. Geol. France, 4.e série, XXIX, nº 1, oct. 1929, p. 35-87, ilus.) **[2653]**

Quelques aspects physiques du Brésil. (*Rev. Gén. Sciences*, XL, Paris, mai 1929, p. 272-276). **[2654]**

Leme, Alberto Betim Pais. *O solo dos nossos cafezais.* Rio de Janeiro, 1926. 104 p. foto.

Estuda a terra-roxa. **[2655]**

Leme, Alberto Betim Pais. *O tectonismo da serra do Mar.* (An. Acad. Bras. Ciências, II, nº 3, 1930)

A teoria exposta pelo autor foi criticada, mas não foi refutada. **[2656]**

Leme, Alberto Betim Pais. *La théorie de Wegener en présence de quelques observations géologiques concernant le Brésil.* (Comp. Rend. Acad. Sciences, CLXXXVII, mars 1929, p. 802-804). **[2657]**

Leonardos, Othon Henry. *Concheiros naturais e sambaquis.* Rio de Janeiro, 1938. 109 p. foto. (Avulso 37 Dep. Nac. Prod. Miner.)

Contém um mapa localizando os sambaquis descritos na obra. Bibliografia. Estudo crítico. **[2658]**

Maack, Renhard. *Eine Forschungsreise über das Hochland von Minas Geraes zum Parahyba.* (Zeit. Gesell. Erdkunde, Berlin, 1926, p. 310-323).

Analogia das camadas geológicas do platô de Minas e as da África austral. O autor é partidário da teoria de Wegener. **[2659]**

Martonne, Emmanuel de. *Abrupts de faille et captures récentes; la serra do Mar de Santos et l'espinouse.* (Bull. Assoc. Geog. Français, Paris, nº 74, dec. 1933, p. 138-145, ilus.)

(Vide também: *A serra do Cubatão, in Geografia,* nº 4, ano I, 1935, p. 3-9). **[2660]**

Impressions de voyage au Brésil. (Bull. Assoc. Geog. Français, nº 12, Paris, mars 1938, p. 50-55). **[2661]**

Problèmes morphologiques du Brésil tropical atlantique. (An. Geog. XLLIX, Paris, 1940, p. 1-27, ilus. map.)

Este estudo geomorfológico trata de São Paulo, parte de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Estudo minucioso da estrutura e do relevo, papel das deformações das "falhas", níveis de erosão. O mapa anexo ao livro é documento único no gênero. É artigo de grande importância. **[2662]**

Martonne, Emmanuel de. *Sur le modèle tropical du Brésil.* (Comp. Rend. Acad. Sciences, t. 206, Paris, séance du 21 mars 1938, p. 926). **[2663]**

Maull, Otto. *Die geomorphologischen Grundzuge Mittel-Brasiliens.* (Zeit. Gesell. Erdkunde, Berlin, 1924, p. 163-197, map.)

Excelente estudo de geomorfologia de Minas Gerais e a zona oriental e sul-ocidental de Goiás. **[2664]**

Maull, Otto. *Die Landschaften Mittel brasiliens.* (Wissenschaft Abhandlungen d. XXI. D. Geographentages, Breslau, 1925, Berlin, 1926, p. 62-71).

Estudo de importância capital. **[2665]**

Mouchez, Ernest. *Les côtes du Brésil; descriptionet instructions nautiques.* Paris, 1864. 364 p.

Embora antigo, é livro útil sob todos os pontos de vista. **[2666]**

Oliveira, Avelino Inácio de, e **Leonardos**, Othon Henry. *Geologia do Brasil.* Rio de Janeiro, Ed. Rev. Miner. Metal. 1940. 472 p. ilus. map.

Obra capital. Contém uma abundante bibliografia e ilustrações muito bem escolhidas. É indispensável

para o estudo da geomorfologia. Obra que honra a ciência brasileira. Existe nova edição, contendo modificações importantes, sobretudo no mapa geológico, publicada em 1943. **[2667]**

Oliveira, Eusébio de. *Épocas metalogênicas do Brasil.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 13, 1925, p. 121-127).

Resume com muita clareza as grandes linhas da formação do solo, com maior ênfase para as épocas de constituição das jazidas metalíferas. **[2668]**

Orbigny, Alcide d'. *Voyage dans l'Amérique méridionale exécuté pendant les années 1826-1833.* Paris, 1835-1847.

Importante para o estudo da geologia. Mapa geológico da América do Sul. (Vide Viagens). **[2669]**

Pais Leme, Alberto Betim.

vide

Leme, Alberto Betim Pais.

Pissis, A. *Mémoire sur la position géologique des terrains de la artie australe du Brésil et sur les soulêvements qui, à diverses époques, ont changé le relief de cette contrée.* (Mem. Inst. France, X, 1842, p. 352-413 e Comp. Rend. Acad. Sciences, XIV, 1842, p. 1044-1046).

É um dos primeiros trabalhos gerais sobre a geologia do Brasil. **[2670]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Ensaio sobre as montanhas do Brasil e sua gênese.* (Bol. Soc. Geo. Rio de Janeiro).

Conferência pronunciada em 15-10-1931, na Sociedade de Geografia do Rio. Ponto de vista pessoal, contendo concepções que servem de base para investigação e discussão. **[2671]**

Roxo, Matias G. de Oliveira. *Minérios de ferro do Brasil.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 14, notas preliminares, Rio de Janeiro, agosto 1937) **[2672]**

Walls, Robert R. *The high plateau of Brazil.* (Geol. Mag. LX, 1923, p. 289-297).

Estuda o oeste de Minas e leste de Goiás; trata das formas agudas dos quartizitos. **[2673]**

White, Charles A. *Contribuições para a paleontologia do Brazil.* (Arq. Mus. Nac., v. VI, Rio de Janeiro, 1887, 273 p. ilus.)

Apesar de artigo ainda é obra de valor. **[2674]**

Woodworth, J. B. *Geological expedition to Brazil and Chile.* (Bull. Mus. Comp. Zool. LVI, Harvard Univ. 1912).

Estuda muito bem alguns aspectos da geologia e da topografia do Brasil. **[2675]**

D. CLIMA: SUA INFLUÊNCIA SOBRE O HOMEM

Araújo, Oscar d'. *Le climat du Brésil.* (Rev. Scientifique, Paris, 1914, p. 425-430). **[2676]**

Brumpt, E. *La maladie de Chagas au Brésil.* (Bull. Acad. Médecine, Paris, mars. 1919).

Resumo. **[2677]**

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *Meteorology of Brazil.* London, J. Bale sons. 1917. 528 p. map.

O autor descreve as grandes divisões regionais e publica mapas climáticos. Embora antiquado, contém dados apreciáveis. **[2678]**

Ferraz, J. de Sampaio. *O café e os fatores meteorológicos.* Rio de Janeiro, Dir. meteor., 1928.

Obra útil que, entretanto, não esgota o assunto. **[2679]**

Ferraz, J. de Sampaio. *Subsídios para o estudo de um ciclo climatológico do sueste brasileiro; temperaturas máximas do Rio de Janeiro no período de 1879-1938.* (Rev. Bras. Geo. v. I, nº 3, Rio de Janeiro, julho 1939, p. 3-15)

Resumos em francês, inglês, alemão, etc. Relação com o período solar de Hale. **[2680]**

Henry, A. J. *The rainfall of Brazil.* (Monthly weather review, 1922, p. 412-417, ilus.) **[2681]**

James, Preston E. *Air masses and fronts in South America.* (Geog. Rev. XXIX, nº 1, New York, 1939, p. 132-134, ilus.)

Estudo rápido resumindo, com muita clareza, os últimos trabalhos meteorológicos feitos por brasileiros. Contribuição importante. **[2682]**

Jefferson, Mark. *New rainfall maps of Brazil.* (Georg. Rev. New York, 1924, p. 127-135, ilus.)

Resume publicações brasileiras. Trata principalmente do regime pluviométrico no Nordeste. **[2683]**

Knoch, Karl. *Klimakunde von Sudamerika.* (Handbuch der Klimatologie, Bd. II, Teil G. Hrsg. v. W Köppen und R. Geiger, Berlin, 1930, 349 p. map.)

O capítulo que trata do Brasil é indispensável. Numerosos documentos, mapas e bibliografia. **[2684]**

Morize, Enrique. *Contribuição ao estudo do clima do Brasil.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Min. Agric. Ind. Com. 1927. 116 p. foto. map. **[2685]**

Morize, Paul. *Contribuição ao estudo do clima do Brasil.* Rio de Janeiro, 1922. 116 p. ilus.

Obra capital para o estudo do clima brasileiro. Dados meteorológicos para 106 estações. Apesar de terem sido publicados outros trabalhos mais recentes, este livro ainda é insubstituível. **[2686]**

Paiva, Tancredo de Barros, colab.

vide também

Peixoto, Afrânio, e **Paiva,** Tancredo de Barros.

Paula Sousa, Geraldo H. de.

vide

Sousa, Geraldo H. de Paula.

Peixoto, Afrânio. *Clima e doenças do Brasil.* Rio de Janeiro, 1907. **[2687]**

Clima e saúde. São Paulo, Editora Nacional, 1938. 295 p. ilus. (Brasiliana, v. 129). **[2688]**

Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro, 1908. **[2689]**

Peixoto, Afrânio, e **Paiva**, Tancredo de Barros. *Bibliographia do clima brasileiro.* Rio de Janeiro, 1928. 34 p. **[2690]**

Pestana, Nereu Rangel. *L'immigration et le trachome au Brésil.* Paris, 1908. 30 p. map.

Mapa mostrando as regiões onde existe tracoma. **[2691]**

Quelle, Otto. *Neue Beitrage sur Kenntnis des Klimas von Brasilien.* (Met. Z. abril 1924, p. 113-116). **[2692]**

Rangel Pestana, Nereu.

vide

Pestana, Nereu Rangel.

Rio de Janeiro. *Inspetoria de Obras Contra as Secas.* Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. Rio de Janeiro, 1937, 35 p.

Notícia sobre os trabalhos contra a seca do nordeste do Brasil. **[2693]**

Sampaio Ferraz, J. de.

vide

Ferraz, J. de Sampaio.

Serra, Adalberto B. *La circulation générale de l'Amérique du Sud.* Rio de Janeiro, 1939.

É um estudo complementar ao que o autor publicou em 1938. **[2694]**

Serra, Adalberto B. *Secondary circulation of Southern Brazil.* (Bol. Div. Meteor., Rio de Janeiro, 1938, 29 p. ilus.)

Trabalho moderno. Contribui para a modificação das noções adquiridas sobre o clima do Brasil e os seus fatores. **[2695]**

Sousa, Geraldo H. de Paula. *Em torno do problema da febre amarela.* (Bol. Inst. Hig. nº 56, São Paulo, 1935, 40 p. ilus.)

Estudo de geografia médica. Estuda as epidemias de febre amarela nas regiões cobertas de mata. Vide também: **Monbeig,** Pierre, *La fiévre jaune au Brésil*, Paris, 1937, p. 440. **[2696]**

Sousa, Geraldo H. de Paula. *Notas sobre uma viagem ao Espírito Santo e Bahia.* (Geografia nº 2, São Paulo, 1935, p. 170-194). **[2697]**

Voss, Ernst Ludwig. *Beiträge zur Klimatologie der südlichen Staaten vou Brasilien.* I. Der Staat São Paulo; II. Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. (Ergänzungsheft nº 145 zu Petermanns Mitteilungen, Gotha, 1903)

Baseado em observações pessoais e nos trabalhos da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. **[2698]**

E. FITOGEOGRAFIA E ZOOGEOGRAFIA

Campos, Gonzaga de. *Mapa florestal do Brasil.* Rio de Janeiro, Serv. Inf. Min. Agric. Ind. Com. 1926. 147 p.

É um documento essencial. Os comentários são valiosos. É obra básica para o estudo da fitogeografia do Brasil. **[2699]**

Chevalier, Auguste. *Comment s'est comporté le coffea excelsa au Brésil.* (Rev. Bot., Appl. et d'agr. v. IX, Paris, 1929, p. 23-26). **[2700]**

Chevalier, Auguste. *La forêt du Brésil.* (Ass. Col. Sc. v. V. Paris, 1929, p. 177-184) **[2701]**

Chevalier, Auguste. *Observations sur la flore of la végétation du Brésil.* (Bull. Assoc. Geog. Français, v. 6, 1929, p. 29-33).

O autor distingue quatro regiões botânicas e encontra analogias entre a flora brasileira e a da África e Indo-Malásia. **[2702]**

Chevalier, Auguste. *Sur l'origine des campos brésiliens et sur le rôle des imperata dans la substitution des savanes aux forêts tropicales.* (Comptes Rendues de la Acad. des Sciences, v. 187, Paris, 1928, p. 997-999)

As derrubadas e queimadas permitiram uma expansão de campos de gramíneas, excluindo assim qualquer outra vegetação. É esta uma nota importante. **[2703]**

Chevalier, Auguste. *Sur la dégradation des sols tropicaux causée par les feux de brousse et sur les formations végétales régressives qui en sont la conséquence.* (Comptes Rendues Acad. des Sciences, v. 188, Paris, 1929, p. 84-86)

Trata da evolução do tapete de imperata e da lateritização proveniente dos incêndios. **[2704]**

Deffontaines, Pierre. *L'homme et la forêt au Brésil.* (Revue de Paris, julho 1937, p. 352-367, map.)

Estuda os diferentes tipos de florestas, a exploração das matas e os perigos das derrubadas. Estudo sé-

rio, embora escrito para pessoas não especializadas. **[2705]**

A floresta brasileira. (O observador econômico e financeiro, v. 2, Rio de Janeiro, agosto 1937, p. 52-60)

Vide no mesmo número:

Sampaio, A. J. de. *O reflorestamento do Brasil.*

Almeida, D. *Política florestal.*

Cortes, Sabóia. *A indústria madeireira no sul.* **[2706]**

Freise, Friedrich W. *Die Edelhölzer Brasiliens.* (Der Tropenpflanzer, H. 4, Berlin, 1931, p. 137-153) **[2707]**

Ihering, Rodolfo von. *Dicionário dos animais do Brasil.* São Paulo, Dir. Pub. Agric. 1940. 898 p. ilus.

Informações sobre os animais, nomes vulgares, localização, etc. **[2708]**

Ihering, Rodolfo von. *A distribuição de campos e matas no Brasil.* (Rev. Mus. Paulista, t. VII, São Paulo, 1907, p. 125-178).

Um dos melhores trabalhos publicados sobre o assunto. **[2709]**

Massart, Jean. *Une mission biologique belge au Brésil.* Aout 1922 – mai 1923. Bruxelles, 1929, 1930. 2 v. foto.

O primeiro volume possui magníficas fotografias sobre a vegetação e um rápido estudo sobre o clima do Rio de Janeiro, baseados principalmente em dados de Morize. O segundo volume contém: *Un voyage botanique en Amazonie,* de P. Bouillenne; *Études sur la flore du bas Amazone,* de P. Ledoux; *Contribution à l'étude de la faune brésilienne,* colaboração de P. Brien, C. de Whitte, L. Ciltay, J. A. Lestage, L. Verlaine, constando de pequenos capítulos sobre alguns aspectos da zoogeografia (*arachnidas*).

É obra de valor e de verdadeiro interesse para os geógrafos. **[2710]**

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *L'agriculture et l'élevage du bétail dans les Campos gerais.* Paris, Soc. Nat. Colon. Agric. 1939. **[2711]**

Mémoire sur le systême d'agriculture adopté par les brésiliens et les résultats qu'il a eu dans la province de Minas Gerais. S. 1. s. d.**[2712]**

Tableau géographique de la végétation primitive dans la province de Minas Gerais. Paris, 1837**.**

Estes três folhetos valem tanto quanto tratados maçudos. **[2713]**

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Comparaison de la végétation d'un pays en partie extra tropical avec celle d'une contrée limitrophe entièrement située entre les tropiques*. (An. Science Naturelle, 3E. série, XIV, Paris, 1850, p. 30-52). **[2714]**

Saint-Hilaire, A. F. C. de, **Jussieu,** A. e **Cambessédes,** J. *Flora brasiliae meridionalis.* S. 1. (?) 1825-1832. 3 v. **[2715]**

Saint-Hilaire, Augustin François César de. *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay, comprenant leur description et des dissertations sur leurs rapports, leurs usagens etc.* Paris, 1824. 355 p. pranchas. **[2716]**

Sampaio, Alberto José de. *Fitogeografia, inquérito geográfico.* (Rev. Bras. Geo. v. II, nº 1, Rio de Janeiro, 1940, p. 59-78).

Resposta a um inquérito do Conselho Nacional de Geografia. Trata da fitogeografia, sua bibliografia e seu futuro. **[2717]**

Sampaio, Alberto José de. *As florestas brasileiras.* (Bol. Mus. Nac. v. IV, nº 2, Rio de Janeiro, 1928, p. 15-29)

Trata do problema da defesa das matas. **[2718]**

Sampaio, Alberto José de. *Fitogeografia do Brasil.* 2ª Ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1938. 33 p. ilus. map. (Brasiliana, v. 35)

O leitor fará a escolha entre as digressões e a contribuição útil e de valor ao estudo da geografia botânica do Brasil. É a obra mais recente, de valor indiscutível. **[2719]**

Warming, E. *Lagoa Santa. Bidrag til den biologiske Platengeografi.* (Det Kgl. Danske Vidensk. Salsk. Skr. 6 Raekke, Naturvide. Og Math. Afd. VI, 3, 1892, p. 159-488)

Tradução brasileira de A. Leofgren (Belo Horizonte, 1908). Obra importante. Estuda a zona de campos do interior do país. **[2720]**

F. GEOGRAFIA HUMANA

Vide também as secções de:

Etnologia, História, Sociologia.

Abreu, João Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil.* Rio de Janeiro, 1930. 273 p.

Coletânea de artigos da maior importância para os estudos das vias de comunicação e do povoamento. É trabalho de historiador dotado de espírito moderno. **[2721]**

Amaral, Luís. *Aspectos fundamentais da vida rural brasileira: ensaio sobre a rotina.* S. Paulo, 1936. 296 p.

Estatísticas. Ponto de vista nem sempre conformista. **[2722]**

Biehl, M. *Brasilien als japanisches Kolonisationsgebiet.* (Zeit. Geopolitik, v. IX, Berlin, Mai 1932, p. 280-286). **[2723]**

Brasil, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria-Geral de Estatística.

Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro, 1922.

Quarto censo geral da população e primeiro da agricultura e das indústrias. É o último recenseamento federal, cujos dados se acham publicados. O de 1940 não foi ainda impresso em sua totalidade. **[2724]**

Cameron, C. R. *Colonization of immigrants in Brazil U. S. Bureau of labor statistics.* (Month. Lab. Rev. v. XXXIII, Washington, oct. 1931, p. 36-46).

Contém algumas estatísticas históricas e resumo da legislação. **[2725]**

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *The geography of Brazil in relations to its political and economic development* (Scot. Geog. Mag. v. XXXIV, Edinburgh, 1918, p. 41-55).

Trata da colonização. **[2726]**

Castro, Josué de. *O problema da alimentação no Brasil;* pref. do prof. Pedro Escudero. São Paulo, Editora Nacional, 1934. 154 p. (Brasiliana, v. 29) **[2727]**

A alimentação brasileira à luz da geografia humana; pref. de Afrânio Peixoto. Porto Alegre, Globo, 1937. 173 p. ilus. map.

O estudo da geografia da alimentação e sua história ainda está por fazer. **[2728]**

A colonização alemã no Brasil. (*Obs. Econ. Finan*. nº 33, Rio de Janeiro, outubro 1938, p. 107-139, foto. map.)

Um dos melhores inquéritos brasileiros sobre o assunto. **[2729]**

Courtin, René. *Peuplement et efficacité économique dans les pays neufs; le cas du Brésil.* (Mélanges Dédiés à Henri Truchy, Paris, 1938, p. 82-91).

Breve e sugestivo estudo. **[2730]**

Cunha, Euclides Rodrigues Pimenta da. *À margem da História.* 4ª ed. Porto, 1926. 330 p.

Estudos sobre o Amazonas. **[2731]**

Deffontaines, Pierre. *Geografia humana do Brasil.* Rio de Janeiro, Inst. Bras. Geo. Est. 1940. 117 p. ilus. foto. map.

Escrito com muita simplicidade estes artigos são uma boa iniciação geográfica brasileira para os estudantes. Dá os traços essenciais do povoamento e da economia nacional. Não contém bibliografia. É uma separata da Revista Brasileira de Geografia, ns. 1, 2 e 3 do ano I. **[2732]**

Deffontaines, Pierre. *The origin and growth of the Brazilian network of towns.* (Geog. Rev., v. XXVIII, New York, 1938, p. 379-399)

Trata dos diferentes tipos de cidade e de sua evolução. Foi publicado no *Bulletin de la Société de Geographie e Lille*, t. 82, dec. 1938, p. 321-348. **[2733]**

Delgado de Carvalho

vide

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de.

Dória, Henrique.

vide

Vasconcelos, Henrique Dória de.

Ellis, Alfredo (Júnior). *Populações paulistas.* São Paulo, Ed. Nacional, 1934. 364 p. ilus. (Brasiliana, v. 27)

Informações úteis a colher no corpo do livro. **[2734]**

Ellis, Alfredo (Júnior). *Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano.* São Paulo, Ed. Nacional, 1936. 351 p. (Brasiliana, v. 59). **[2735]**

Expilly, Charles d'. *La traite, l'immigration et la colonisation au Brésil.* Paris, 1865.

Obra fundamental sobre a história da mão-de-obra. **[2736]**

Figueiredo, Lima. *Limites do Brasil.* Rio de Janeiro, 1936, 210 p. ilus. map.

Contém numerosas observações pessoais. **[2737]**

Figueiredo, Paulo Poppe de. *Mais de um século de imigração.* (Bol. Minist. Trabalho, ano II, Rio de Janeiro, julho de 1936, p. 275-284).

Evolução da composição do contingente imigratório. Decréscimo do elemento latino. **[2738]**

Freise, Friedrich W. *Brasiliens Bevölkerungskapazität.* (Petermanns Geo. Mitteil. LXXXII, H. 5, Gotha, 1936, p. 143-147).

Vide também:

James, Preston E. Geog. Rev. XXVII, New York, Jan. 1937, p. 144-145.

Demonstra que o Brasil poderá ter 400 milhões de habitantes no futuro... **[2739]**

Freire, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala.* 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1936. 362 p. ilus. foto. **[2740]**

Sobrados e Mocambos: *decadência do patriarcado rural no Brasil.* São Paulo, 1936. 405 p. ilust. foto. (Brasiliana, v. 64).

Estas duas obras de sociologia cultural são indispensáveis para os geógrafos. Contribuição inestimá-

vel sobre os gêneros de vida do Nordeste. **[2741]**

Gabaglia, F. A. Raja. *As Fronteiras do Brasil.* Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio,* 1916. 331 p. ilust. **[2742]**

Grossi, Vicenzo. *Storia della colonizazione europea al Brasile e della emigrazione italiana nello stato di S. Paulo.* 2ª Ed. Milano, 1914. 558 p.

Além de dados numéricos contém textos legislativos. **[2743]**

Hauser, Henri. *Agronomie brésilienne, fazendas et fazendeiros.* (Rev. Econ. Int. Bruxelles, septembre, 1937, 19 p.)

Trabalho descritivo, com agudo senso crítico. **[2744]**

Hauser, Henri. *L'immigration au Brésil et le problème japonais.* (Rev. Hist. Pol. Const. Paris, avril-juin 1937).

Resumo. Descreve a atitude brasileira perante o problema japonês.

[2745]

Hauser, Henri. *Notes sur la population noire du Brésil.* (Ang. Geog. v. XLVII, Paris, 1938, p. 509-514). **[2746]**

James, Preston E. *The distribution of people in South America. (In Geographic aspects of international relations).* Univ. of Chicago press may 1938, map. p. 217-242). **[2747]**

James, Preston E. *Forces for union and disunion in Brazil.* (Jour. Geog. v. XXXVIII, nº 7, Chicago, october, 1939, p. 260-266, map.)

Estudo feito sob o ponto de vista geográfico. **[2748]**

James, Preston E. *O problema da colonização permanente no sul do Brasil. (*Rev. Bras. Geo. ano I, nº 4, Rio de Janeiro, 1939, p. 70-81).

Notas valiosas de um geógrafo americano que compreende muito bem as realidades brasileiras. **[2749]**

Lambert, Jacques. *Les allemands au Brésil.* (Politique étrangère, Paris, 1939, p. 186-207).

Estudo feito com muita competência e serenidade. **[2750]**

Lambert, Jacques. *La structure sociale du Brésil.* (Bull. Soc. Geog. Lyon, 1938, p. 37-66).

O autor esteve em contato com as populações ítalo-germânicas do Sul. **[2751]**

Lede, Charles van. *De la colonisation au Brésil: mémoire historique, descriptif statistique et commercial de la province de Sainte Catherine.* Bruxelles, 1843. 427 p. ilus.

É obra de interesse para o estudo de geologia e mais ainda para o início da colonização em Santa Catarina. **[2752]**

Lehmann, E. *Zur Kulturgeographie der Japanischen Siedlugen in Brasilien.* (Wissen. Veröff. Mus. Länderkunde zu Leipzig, neue Folge, 3 m. 1935, p. 207-217, foto, map.)

Trata exclusivamente das colônias japonesas do litoral sul. Dá uma planta de registro. **[2753]**

Levasseur, E. *Le Brésil.* Paris, 1889.

Vide artigo "Brésil" na *Grande encyclopédie,* de Berthelot, escrito em colaboração com numerosos brasileiros. Ponto de vista geral, p. 1.077-1.127. **[2754]**

Lima Figueiredo

vide

Figueiredo, Lima.

Lopes, R. Paula. *La colonisation au Brésil.* (Rev. Int. Travail, XXXIII, Genève, fev. 1936, p. 164-197).

Excelente estudo sobre as formas de colonização.

Vide também: *Geographical review*, XXVI, New York, oct. 1936, p. 677-678. **[2755]**

Maull, Otto. *Brasilien geopolitische Struktur.* (Zeit. Geopolitik, I, Berlin, 1924, p. 90-100).

Estudo interessante escrito por um dos fundadores da geopolítica. **[2756]**

Maull, Otto. *Eine geopolitsche Studie Brasilien: Bausteine zur Geopolitik*. Berlin-Grunewald, 1928. **[2757]**

Maurette, Fernand. *L'immigration et la colonisation au Brésil.* (*Rev. Int. Travail,* XXXV, Genève, fev. 1937, p. 230-262).

Boas informações. **[2758]**

Maurette, Fernand. *Quelques aspects sociaux du dèveloppement présent et futur de l'économie brésilienne.* Genève, 1937. 100 p. (Bureau International du Travail, Études et Documents, série B: Conditions Économiques, nº 25).

Documento de valor indiscutível, feito por um autor que recebeu uma formação geográfica. **[2759]**

Mettler, A. *Les facteurs géographiques dans la découvert et l'occupation du Brésil.* (An. Geog. t. XLVI, Paris, 1937, p. 61-75, ilus.)

Contém pontos de vista interessantes sobre a progressão do povoamento e sugestões antropogeográficas. **[2760]**

Mortara, Giorgio. *Desenvolvimento demográfico da América e do Brasil.* (*Rev. Imig. Colon.* ano I, nº 3, Rio de Janeiro, julho 1940, p. 425-435). **[2761]**

Normano, J. F. *Brazil: a study of economic types.* Chapel Hill, 1935. 254 p.

Obra útil como iniciação ao estudo da sociedade e da economia brasileira. Contém bibliografia. **[2762]**

Oliveira Viana, J. P.

vide

Viana, J. P. Oliveira.

Paula Lopes, R.

vide

Lopes, R. Paula.

Perrin, Paul. *Colonies agricoles au Brésil.* Paris, 1912. 104 p. map.

Contém boas informações sobre a fase de colonização oficial bastante ativa nessa época. **[2763]**

Pinto, Edgard Roquete.

vide

Roquete-Pinto, Edgard.

A população brasileira. (Obs. Econ. Finan. ano 2, Rio de Janeiro, julho 1937, p. 35-40, ilus.)

Estudo retrospectivo. Numerosas estatísticas. **[2764]**

Povoamento; meio século de imigração. (Bol. Minist. Trabalho, an. II, nº 15, Rio de Janeiro, novembro 1935, p. 269-285).

Dá as estatísticas referentes ao período de 1884 a 1933. No número de janeiro 1936 (p. 263-268) foram publicados os dados para o período de 1855-1889. **[2765]**

Quelle, Otto. *Die Japaner in Brasilien.* (Ibero. Amer. Archiv. VI, Berlin, 1932-33, p. 298-299). **[2766]**

Raja Gabaglia, F. A.

vide

Gabaglia, F. A. Raja.

Recenseamento da população do Império do Brasil a que se procedeu no dia 1º de agosto de 1872: qua-

dros estatísticos. Rio de Janeiro, 1873-76. 23 v. **[2767]**

Reybaud, Charles. *La colonisation au Brésil.* Paris, Guillaume, 1858. 162 p. **[2768]**

Rocha, Joaquim da Silva. *História da colonização do Brasil.* Rio de Janeiro, 1918-1919. 2 v. **[2769]**

Roquete-Pinto, Edgard. *Contribuição à antropologia do Brasil.* (Rev. Imig. Colon. ano I, nº 3, Rio de Janeiro, julho 1940, p. 437-454).

O autor calcula a população brasileira em 51% de brancos, 22% de mulatos, 11% de caboclos, 14% de negros e 2% de índios, sem contar cerca de 300 mil índios selvagens. **[2770]**

Roquete-Pinto, Edgard. *Rondônia: antropologia, etnografia.* (Arq. Mus. Nac. v. XX, Rio de Janeiro, 1917, 245 p. ilus.)

Resultado dos estudos feitos com a Comissão Rondon. Interessante contribuição para a geografia humana. **[2771]**

Silva Rocha, Joaquim da.

vide

Rocha, Joaquim da Silva.

Sousa, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil.* São Paulo, 1939. 433 p. (Brasiliana, v. 164)

Trata-se da 4ª edição da *Nomenclatura geográfica peculiar ao Brasil*, publicada em 1910, reeditada em 1917, sob o título de *Onomástica geral da geografia brasileira.* Em 1927, saiu nova edição com o nome atual. Na 1ª edição continha 63 denominações. A última contém 1.916. Trabalho minucioso, baseado em sólida documentação, muito útil. **[2772]**

Tanakadaté, Hidezo. *Japanese emigrants in Brazil, viewed from the standpoint of the colonial geography.* (Tigaku Zassi, XLV, ns. 535 e 536, Tokyo, 1933, p. 427-441 e p. 498-508, ilus. foto.)

O título do artigo em inglês, e o texto em japonês. **[2773]**

Van Lede, Charles.

vide

Lede, Charles van.

Vasconcelos, Henrique Dória de. *Oscilações do movimento imigratório no Brasil.* (*Rev. Imig. Colon.* v. I, nº 2, Rio de Janeiro, abril 1940, p. 211-235, ilus. map.)

Estudo importante com documentação muito rica. **[2774]**

Viana, J. F. Oliveira. *Populações meridionais do Brasil.* 3ª ed. São Paulo, 1933. 450 p. (Brasiliana, v. 8).

Este estudo sociológico teve grande influência no Brasil. **[2775]**

Willems, Emilio. *Essai sur le problème de la colonisation au Brésil.* (*Rev. Int. Sociologie*, ano 42, ns. VII-VIII, Paris, 1934, p. 359-367).

De grande utilidade para os geógrafos. **[2776]**

G. GEOGRAFIA ECONÔMICA

Alves de Sousa, Henrique Caper.

vide

Sousa, Henrique Caper Alves de.

Amaral, Luís. *História geral da agricultura brasileira.* São Paulo, 1939. 3 v. (Brasiliana, v. 160, 160a, 160b)

Contém informações úteis. **[2777]**

Antonil, André João, pseud. *Cultura e opulência do Brasil;* pref. de A. de

Escragnolle Taunay. São Paulo, 1939. 280 p.

Documentação histórica necessária ao geógrafo. **[2778]**

Anthouard, barão d'. *Le progrès brésilien.* Paris, 1911. 429 p. ilus.

Pode ser útil a quem quiser estudar o desenvolvimento industrial moderno. **[2779]**

Bandeira de Melo

vide

Melo, Afonso de Toledo Bandeira de.

Barreto Falcão

vide

Falcão, Pedro Barreto.

Betim Pais Leme, Alberto.

vide

Leme, Alberto Betim Pais.

Billings, A.W.K. *Water power in Brazil, with especial reference to the São Paulo, development.* (Civil engineering, VIII, New York, 1938. p. 520-523, foto map. diag.)

Estuda os trabalhos de eletrificação de São Paulo utilizando o relevo do solo. Ver também sob o mesmo título: *Journal of the Institution of Civil Engineers,* v. 3, London. oct. 1936, 25 p. ilus. foto. **[2780]**

Brito, Oscar da Silva. *Indústria da carne no Brasil. (*Rev. Indus. Animal. São Paulo, jan. 1939, p. 69-89)

Resume todos os aspectos dessa indústria vital no Brasil. **[2781]**

Bynum, Colab.

vide, também

McCreery, e Bynum.

Cameron, C.R. *Mate, an important brazilian product. (*Jour. Geol. XXIV, Chicago, fev. 1930, p. 54-69, ilus. map.) **[2782]**

Campos, Gonzaga de. *Informação sobre a indústria siderúrgica.* Rio de Janeiro, Serv. Geol. Miner. Brasil, 1922. 117 p.

Indispensável para o estudo do problema metalúrgico. **[2783]**

Carli, Gileno de. *Geografia econômica e social da cana-de-açúcar no Brasil.* Rio de Janeiro, Brasil Açucareiro, 1938. 109 p. ilus.

Informações históricas e sugestões interessantes. Infelizmente esse livro de geografia não contém um só mapa. **[2784]**

Carli, Gileno de. *Civilização do açúcar no Brasil. (*Rev. Bras. Geo., ano II, nº 3, Rio de Janeiro, julho, 1940, p. 349-371, ilus. foto.)

Ponto de vista geral. **[2785]**

Carvalho, Joaquim Bertino de Morais. *A indústria de óleos vegetais e seus problemas.* Rio de Janeiro, 1936. 2 v. **[2786]**

Notas sobre a indústria de óleos vegetais no Brasil. Rio de Janeiro, 1924. 226 p.

É necessário comparar as estatísticas publicadas com as de hoje. **[2787]**

O carvão nacional. *(*Obs. Econ. Finan. ano IV, Rio de Janeiro, abril 1939, p. 59-103, foto. map.)

Alentado estudo solidamente documentado. **[2788]**

Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. Colaboração ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, setembro de 1940. Rio de Janeiro, 1940. 124 p. ilus. map. foto.

Divide-se: I) valor econômico dos principais maciços brasileiros; II) portos do Brasil; III) rede de comunicações; IV) estradas de ferro; V) fontes de energia; VI) a terra flu-

minense, colaboração de Everardo Backeuser.

É uma vasta documentação. Infelizmente o trabalho foi feito sem espírito geográfico, salvo o último, bastante interessante, sobre a evolução dos caminhos na Baixada Fluminense. **[2789]**

Costa, E. L. da Fonseca. *Richesses minérales et houille blanche au Brésil.* (An. Geog. XLI, Paris, nov. 1932, p. 613-630, ilus.)

A parte que trata da hulha branca é a mais precisa. **[2790]**

Cotton versus coffee in Brazil. (U. S. Dept. Agr. Boreau Agr. Eco. Foreign Agr. Serv. Foreign Crops and Markets, XXXI, Washington, dez. 1935, p. 815-836).

Estudo interessante sobre a rivalidade entre esses produtos-chave da economia nacional. **[2791]**

Denizot, Paul H.
vide também
Ribeiro, Raul, e **Denizot,** Paul H.

Deursen, Henri van. *L'émancipation industrialle du Brésil; caractéres et développement de l'industrie de l'Etat de São Paulo.* (Rev. Econ. *Int.* XXVI, 3, Bruxelles, 1934, p. 275-335)

O autor, cônsul da Bélgica, escreve com competência sobre um assunto que conhece bem. É o único estudo geral, e claro, sobre a industrialização de São Paulo. **[2792]**

O diamante no Brasil. (Obs. Eco. Finan. ano 2, Rio de Janeiro, dez. 1937, p. 26-37, map.)

Contém uma parte histórica e outra jurídica. Estudo interessante. **[2793]**

Diniz Gonçalves
vide
Gonçalves, Alfeu Diniz.

Falcão, Pedro Barreto. *Evolução industrial do Brasil.* (Rev. Econ. Estat. ano 3, nºs 3 e 4, Rio de Janeiro, julho e outubro de 1938, p. 259-269 e 363-376).

Artigo útil. Estuda os progressos da indústria nos fins do Império, os rápidos progressos durante o início da República e o crescimento brusco durante a Primeira Guerra Mundial. **[2794]**

Falcão, Pedro Barreto. *Intensidade econômica das zonas geográficas brasileiras.* (Rev. Econ. Estat. ano 3, nº 2, Rio de Janeiro, 1938, p. 145-154).

Estuda o desequilíbrio da produção nas diferentes zonas. O critério adotado para a discriminação dos estados do Brasil em cinco zonas geográficas não nos parece bastante claro. **[2795]**

Fernandes, J. Sampaio. *Indústria do sal.* Rio de Janeiro, Inst. Biol. Animal, 1939. 102 p. map.

Mapas das salinas do Rio Grande do Norte. **[2796]**

O ferro no Brasil. (Obs. Econ. Finan. ano III, nº 26, Rio de Janeiro, março 1938, p. 73-97, foto.)

Conferência pronunciada por Valentim F. Bouças. Excelente resumo. **[2797]**

Fiação e tecelagem. (Bol. Minist. Trabalho, ano I, nº 12, Rio de Janeiro, ago. 1935, p. 165-183)

Estatísticas úteis e rápidos comentários. **[2798]**

Fonseca Costa
vide
Costa, E. L. da Fonseca.

Freise, Friedrich W. *Brasilien: die Kaffee-Zuker und Kakaogrosslandwirtshchaft*

Brasiliens und ihre Krisen. (Bericht über Landwirschaft, Bd. XII, H. 2, 1930, p. 346-362). **[2799]**

Freise, Friedrich W. *Brasilien als Erzeuger von Faserpflanzen.* (Der Tropenflazer, Berlin, XXXVI, 1933, p. 60-65.

As possibilidades do Brasil quanto à cultura das fibras têxteis. **[2800]**

Gonçalves, Alfeu Diniz. *O babaçu na economia nacional.* Rio de Janeiro, Dir. Estat. Prod., 1938. 89 p. **[2801]**

Gonçalves, Alfeu Diniz. *O cobre na economia nacional.* (Bol. Minist. Trabalho, ano II, Rio de Janeiro, jan. 1936, p. 123-143)

Estatísticas, geologia e desenvolvimento da indústria elétrica no Brasil. **[2802]**

Gonçalves, Alfeu Diniz. *O ferro na economia nacional.* Rio de Janeiro, 1937. 152 p.

Publicação da Seção de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura. **[2803]**

Gonçalves, Alfeu Diniz. *O ferro no Brasil; história, estatística e bibliografia.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 61, Rio de Janeiro, 1932, 150 p.)

Bom para o estudo da geografia econômica. **[2804]**

Gonzaga de Campos

vide

Campos, Gonzaga de.

Hunnicut, B. H. *The agricultural resources of Brazil, based in census of 1920.* Rio de Janeiro, 1924. 40 p. (Separata da Brazilian Business monthy Publication of the American Chamber of Commerce for Brazil)

Série de mapas com comentários e mapa da densidade da população. **[2805]**

Ihering, Rodolpho von. *A piscicultura no Brasil.* (Obs. Econ. Finan. ano II, nº 20, Rio de Janeiro, 1937. p. 59-72, foto, map. graf.)

Estudo geral sobre a pesca marítima e pluvial. **[2806]**

Itabira iron ore. (Obs. Econ. Finan. ano 2, nº 17, Rio de Janeiro, junho 1937, p. 41-54, map.)

Tese favorável ao contrato com a Companhia Itabira. Contém levantamentos topográficos das vias férreas. **[2807]**

James, Preston E. *Itabira iron.* (Quart. jour. inter-amer. rel. v. 1, nº 2, Washington, 1939, p. 37-48, map.)

Do contrato (revogado hoje em dia) com a Itabira Iron. **[2808]**

Jones, Clarence F. *The evolution of Brazilian Commerce.* (Econ. Geog. II, Worcester, Mass. 1926, p. 550-574, ilus. foto. map.)

Como e por que o comércio brasileiro só representa parte do comércio argentino. **[2809]**

Kircher, Joseph C. *Paraná pine lumber industry in Brazil.* (U. S. Dept. Comm. Trade Information Bull. nº 493, Washington, 1927, 17 p.)

Numerosas estatísticas. **[2810]**

Läerne, C. F. van Delden. *Le Brésil et Java; rapport sur la culture du café en Amérique, Asie et Afrique, avec cartes, planches at diagrammes.* La Haye, 1885. 58 p. map.

É uma das melhores fontes e das mais completas sobre a geografia econômica do café no Brasil. **[2811]**

Leme, Alberto Betim Pais. *Les facteurs géographiques dans l'économie du Brésil.* (Rev. Amer. Latine, t. XVII e t. XVIII, Paris, 1929, p. 488-496 e p. 38-51). **[2812]**

Leonardos, Othon Henry. *Chumbo e prata no Brasil.* (Bol. Serv. Fed. Prod. Miner. nº 2, Rio de Janeiro, 1934, 116 p. ilus. foto.)

Corte da mina de Ouro Preto. Numerosas informações. **[2813]**

McGrery e Bynum. *The coffee industry in Brazil.* Washington, 1930. 88 p. (U. S. Departament of Commerce, Bureau of Foreign and Domestic Commerce. Trade Promotion Series nº 92)

Excelente estudo onde o autor encara todos os aspectos da cultura e do comércio do café. Gráficos e estatísticas. **[2814]**

Macedo Soares, José Carlos de.

vide

Soares, José Carlos de Macedo.

Melo, Afonso Toledo Bandeira de. *Politique commerciale du Brésil.* Rio de Janeiro, Dep. Estat. Pub. 1935. 512 p.

Trabalho feito sob um ponto de vista não geográfico. **[2815]**

Morais, Luciano Jacques de. *A indústria extrativa do ouro.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. Serviço de Fomento, avulso nº 20, Rio de Janeiro, 1937. **[2816]**

Morais, Luciano Jacques de. *Nickel no Brasil.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 9, Rio de Janeiro, 1935, 168 p. foto. lam. map.) **[2817]**

Niemeyer, Valdir. *A interdependência econômica dos estados brasileiros.* (Bol. Minist. Trabalho, ano VI, Rio de Janeiro, maio 1940, p. 177-184) **[2818]**

O Rio Grande do Sul no comércio de cabotagem. *(Bol. Minist. Trabalho,* ano VI, Rio de Janeiro, junho 1940, p. 209-216). **[2819]**

Nossos óleos vegetais. (Obs. Econ. Finan. ano IV, nº 42, Rio de Janeiro, julho 1939, p. 41-58).

Passa em revista as diferentes palmeiras, etc. Cita estatísticas. Indústria de futuro. **[2820]**

Oliveira, Eusébio de. *Fontes de energia do Brasil.* Rio de Janeiro, Serv. Min. Geol. Bras., 1928. 21 p. ilus. map.

Resumo muito claro dos fatos. **[2821]**

Oliveira, Eusébio de. *História da pesquisa de petróleo no Brasil.* Rio de Janeiro, 1940. 205 p.

Resumo muito claro dos problemas. Vasta bibliografia. Contém também uma bibliografia das obras do autor, grande figura da geologia moderna brasileira. **[2822]**

Oliveira, Eusébio de. *Política do ferro.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. Notas preliminares nº 9, Rio de Janeiro, mar. 1937). **[2823]**

Oliveira, Eusébio de. *A política do ouro.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 73, Rio de Janeiro, 1937. 46 p.)

Trata da exploração mineral e da política cambial. **[2824]**

Oliveira, Eusébio de. *Relatório final da Comissão Nacional de Siderurgia.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 75, Rio de Janeiro, 1935, 171 p.)

Documento importante para a história da siderurgia brasileira. **[2825]**

Pais Leme, Alberto Betim.

vide

Leme, Alberto Betim Pais.

Pearse, Arno S. *Brazilian cotton; report of internatinal cotton mission march to september 1921.* Manchester, 1922. 231 p. map.

Bom documento para o estudo do algodão no Nordeste. (Seridó). **[2826]**

O problema do mate. (Obs. Econ. Finan. ano 2, nº 22, Rio de Janeiro, nov. 1937, p. 41-51, foto. map. graf.) **[2827]**

O problema financeiro. (Obs. Econ. Finan. Ano II, nº 13, Rio de Janeiro, fev. 1937, p. 67-73, foto. map.)

Ponto de vista oficial. Exposição interessante. **[2828]**

Ramos, Augusto. *O café no Brasil e no estrangeiro.* Rio de Janeiro, 1923. 645 p. ilus. map.

Obra essencial com estatísticas de produção e rendimento, descrição das culturas, tratamento etc. Contém bibliografia. **[2829]**

Ribeiro, Raul, e **Denizot,** Paul H. *A grande siderurgia e a exportação de minério de ferro brasileiro em larga escala.* Rio de Janeiro, Cons. Técnico Econ. Finan., 1938. 270 p. **[2830]**

Sampaio Fernandes

vide

Fernandes, J. Sampaio.

Silva, Moacir M.F. *Geografia dos transportes no Brasil.* (*Rev. Bras. Geo.* ano I, nºs 2, 3, ano II, nºs 1, 2, 3, 4, Rio de Janeiro, 1939, 1940, pp. 84-97, 60-72 e pp. 35-52, 216-239, 407-439, 560-587.

Longa exposição pouco geográfica, porém contendo enumerações úteis e numerosos mapas aproveitáveis. **[2831]**

Simonsen, Roberto Cochrane. *A evolução industrial do Brasil.* São Paulo, 1939. 80 p. graf. **[2832]**

Simonsen, Roberto Cochrane. *Aspectos da história econômica do café.* (Rev. Arq. Mun. LXV, São Paulo, 1940, 80 p. graf.)

O ponto de vista geográfico é secundário. Resumo excelente da história da cultura, do comércio e dos preços. **[2833]**

Simonsen, Roberto Cochrane. *História econômica do Brasil, 1500-1820.* São Paulo, 1937. 2. v. ilus. map. (Brasiliana, v. 100 e 100-A)

Embora não tenha como objetivo o ponto de vista geográfico, deve ser lido pelos geógrafos. **[2834]**

Simonsen, Roberto Cochrane. *Recursos econômicos e movimentos das populações.* Rio de Janeiro, 1940. 32 p. map. (Separata da Rev. Bras. Estat.)

Sobre as migrações internas. Contém um gráfico dos níveis de vida. **[2835]**

Soares, José Carlos de Macedo. *Le caoutchouc; étude économique et statistique.* Paris, 1928. 163 p.

Excelente narrativa da história da borracha brasileira. Documentação valiosa. **[2836]**

Sousa, Henrique Caper Alves de. *O ouro e a vida n'algumas regiões do Brasil.* (Rev. Bras. Geo. nº 1, Rio de Janeiro, jan. 1940, p. 16-33, ilus. foto. map.)

Estudo de gênero de vida. **[2837]**

Sousa, Bernardino José de. *O pau-brasil na história nacional.* São Paulo, 1939. 367 p. ilus. (Brasiliana, nº 162). **[2838]**

Sousa, William W. Coelho de. *Algodão na economia brasileira,* (Obs. Econ. Finan. ano 2, nº 21, Rio de Janeiro, out. 1937, p. 88-98).

Vide do mesmo autor, na mesma revista: "Estudo do algodão brasileiro", nº 23, nov. 1937, p.65-73. Refere-se aos tipos de algodão brasileiro. **[2839]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *Subsídios para a história do café no Brasil colonial.* Rio de Janeiro, Dep. Nac. Café, 1935. 423 p.

Vasta documentação, sem informação bibliográfica nem um só mapa. **[2840]**

H. REGIÃO NORTE:

Acre, Amazonas, Pará, Rio Branco e Amapá.

Araújo Lima
vide
Lima, Araújo.

Barbosa de Oliveira
vide
Oliveira, Américo Barbosa de.

Bouillenne, R. *Notes sur les savanes équatoriales du Bas Amazone.* (La Societé de Biogéographie au Congrés de l'Association Française pour l'avancement des sciences, à Liège, 1924, p. 957-964, map.)

Estuda a formação em relação ao clima local excepcionalmente pouco úmido nessa latitude. **[2841]**

Bowman, Is. *Geographical aspects of the new Madeira-Mamoré railroad.* (Bull. Amer. Geog. Soc. XLV, 1913, p. 275-281, ilus. map.) **[2842]**

Branner, John Casper. *The pororoca, or bore, of the Amazon.* (Science, v. IV, nov. 1884, p. 488-492, ilus.) Publicado em separata de 12 p. e notas complementares, em Boston, 1885.

Trata do macaréu do estuário do Amazonas. **[2843]**

Bulock, S. C. *The Tocantins and Araguaya vivers.* (Geog. jour. LXIII, London, mai. 1924. p. 369-391).

Relação de viagem com notas sobre a navegação fluvial. **[2844]**

Carvalho, Paulino de, e **Oliveira**, Inácio. *Reconhecimentos geológicos e sondagens na bacia do Amazonas.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 15, Rio de Janeiro, 1926, 128 p. ilus. foto. map.) **[2845]**

Chandless, W. *Notes of a journey up the river Juruá.* (Jour. Royal Geog. Soc. XXXIX, London, 1869, p. 296-311). **[2846]**

Chandless, W. *Notes on the river Aquiry, the principal affluent of the Purus.* (Jour. Royal Geog. Soc. v. XXXVI, London, 1866, p. 119-129). **[2847]**

Chandless, W. *Notes on the rivers Arinos, Juruena and Tapaioz.* (Jour. Royal Geog. Soc. v. XXXII, London, 1862, p. 268-280). **[2848]**

Chandless, W. *Notes on the rivers Maué-Assú, Abacaxis and Canumá, Amazonas.* (Jour. Royal Geog. *Soc.* XL, London, 1870, p. 419-432). **[2849]**

A concessão japonesa no Amazonas. (Obs. Econ. Finan. ano I, Rio de Janeiro, julho 1936, p. 38-44, map.) **[2850]**

Cruls, Gastão Luís. *Impressões de uma visita a Companhia Ford industrial do Brasil, no Estado do Pará.* (Rev. Bras. Geo. ano I, nº 4, Rio de Janeiro, 1939, p. 3-25, ilus. foto.)

Rápida descrição geral. Boas informações sobre a cultura nascente da borracha. Consulte-se do mesmo autor: *A Amazônia que eu vi.* **[2851]**

Derby, Orville A. *Contribuição para a geologia do baixo Amazônas.* (Arq. Mus. Nac. II, Rio de Janeiro, 1877, p. 77-104)

Vide também: *A contribution to the geology of the lower Amazonas.* (Procee-

dings of the American philosophical society, vol. XVIII, Filadélfia, 1880, p. 155-178).

Estudo geral, com indicações sobre os "furos" do curso inferior. Não contém mapa. **[2852]**

Derby, Orville A. *Trabalhos restantes inéditos da Comissão geológica do Brasil.* 1875-1878. (Bol. Mus. paraense, v. II, Pará, 1897-1898).

Trata da ilha do Marajó, o rio Maecum, as serras de Maxirá, Tajuri e Trombetas. **[2853]**

Ducke, Adolfo. *Explorações científicas no Estado do Pará.* (Bol. Mus. Goeldi, v. VII, Pará, 1913, 99 p. pranchas) **[2854]**

Figueiredo, Lima. *O Acre e suas possibilidades.* (Rev. Bras. Geo. ano II, nº 2, Rio de Janeiro, abril 1940, p. 173-215, ilus. foto. map.)

Trabalho tanto mais valioso porquanto o Acre é mal conhecido. **[2855]**

Guimarães, Djalma. *Província magmática do Roraima.* (Bol. Ser. Geol. Miner. Bras. nº 45, Rio de Janeiro, 1930, 57 p. map.) **[2856]**

Hanson, Earl. *Social regression in the Orinoco and Amazon basins; notes on a journey in 1931 and 1932.* (Geog. Rev. XXIII, New York, 1933, p. 578-598, foto. map.)

As conseqüências da queda de preço da borracha, com relação aos índios e aos brancos. **[2857]**

Hartt, Charles Frederic. *A geologia do Pará.* (Bol. Mus. Paraense, v. L, nº 3, Pará, 1896, p. 257-273) **[2858]**

Hooridge, Desmond. *Exploration between the Rio Branco and the Serra Parima.* (Geog. Rev. XXIII, New York, 1933, p. 372-384. foto. map.)

Expedição etnológica e cartográfica. **[2859]**

Ihering, Hermann von. *O rio Juruá.* (Rev. Mus. Paulista, v. VI, São Paulo, 1904, p. 385-405, foto. map.)

Interessantes notas de viagem. Ótimas fotografias de habitações. **[2860]**

James, Preston E. *The Tapajoz and Xingu valleyrs of Brazil; a study in the evolution of Amazon landscape.* (Bull. Geol. Soc. XXVIII, Filadélfia, abril, 1930, p. 63-77, ilus. foto. map.) **[2861]**

Katzer, Friedrich. *Geologia do Estado Pará.* (Bol. Mus. Goeldi, Pará, 1933, p. 211-223, ilus.) **[2862]**

Koegel, Ludwig. *Das Urwaldphänomen Amazoniens; eine geographische Studie.* Munchen, 1914. 83 p. map.

Vide também um artigo do mesmo autor: Die urwaldgebiete Amazoniens in Peteramanns M. LX-2, 1914, p. 226-227. **[2863]**

Lange, A. *The rubber workers in the Amazon.* (Bull. Amer. Geog. Soc. v. XLIII, nº 1, 1911, p. 33-35).

Sobre o nível de vida dos seringueiros cujo número o autor avalia em 150.000. **[2864]**

Le Cointe, Paul. *L'Amazonie brésilienne.* Paris, 1922. 2 v. ilus. foto. map.

Redigidos antes de 1914, estes dois volumes têm grande valor. O autor tem perfeito conhecimento do assunto. Obra de referência capital sobre o baixo-Amazonas. O terceiro volume foi publicado em português: *A Amazônia brasileira...* Belém, 1934. **[2865]**

Le Cointe, Paul. *La bas Amazône*. (An. Geog. XII, Paris, 1903, p. 54-66). **[2866]**

Le Cointe, Paul. *Les crues ennuelles de l'Amazône et les récentes modifications de leur régime*. (An. Geog. XLIV, Paris, nov. 1935, p. 614-619)

Estuda a formação de uma barra aluvial na boca do Amazonas e suas conseqüências. **[2867]**

Lima, Araújo. *Amazônia: a terra e o homem;* com uma introd. à Antropogeografia; pref. de Tristão de Ataíde. 2ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1937. 335 p. (Brasiliana, 5ª série, v. 104).

Numerosas informações sobre o gênero de vida. **[2868]**

Lima, Figueiredo.
vide
Figueiredo, Lima.

Marbut, C.F., e **Manifold**, C.B. *The soils of the Amazon basin in relation to agricultural possibilities*. (Geog. Rev. XVI, New York, jul. 1926, p. 414-442, ilus. foto. map.)

Distingue seis grupos de solos. Trata do valor de cada um, suas características comparadas com as dos Estados Unidos. É o único artigo sério sobre os solos amazônicos. **[2869]**

Marbut, C.F., e **Manifold**, C.B. *The topography of the Amazon valley*. (Geog. Rev. New York, 1925, p. 617-624, ilus. foto. map.)

Artigo essencial onde se estudam as terras baixas aluviais e as terras mais altas. **[2870]**

Morais, Raimundo de. *Na planície amazônica*. 4ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1936. 255 p. (Brasiliana, vol. 63)

Obra literária subsidiária. **[2871]**

Morais Rego
vide
Rego, Luís Flores de Morais.

Moura, Pedro de. *Fisiografia e geologia da Guiana brasileira, vale do Oiapoque e a região do Amapá*. (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 65, Rio de Janeiro, 1934, 109 p. foto. map.) **[2872]**

Moura, Pedro de. *Geologia do baixo Amazonas*. (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 91, Rio de Janeiro, 1938, 94 p. map.)

Estudo muito útil acompanhado de notas sobre a vegetação e o povoamento. **[2873]**

Moura, Pedro de *Reconhecimento geológico no vale do Tapajós*. (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 67, Rio de Janeiro, s.d., 53 p. foto.) **[2874]**

Moura, Pedro de, e **Vanderlei**, Alberto. *Noroeste do Acre, reconhecimentos geológicos para petróleo*. (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 26, Rio de Janeiro, 1938, 176 p. ilus. foto.)

Trabalho de grande valor com parte anexa sobre a hidrografia e o estado sanitário. **[2875]**

Oliveira, Américo Barbosa de. *Considerações sobre a exploração da castanha no baixo e médio Tocantins. (Rev. Bras. Geog.* ano II, nº 1, Rio de Janeiro, jan. 1940, p. 3-15, foto, map.).

Informações sobre um dos mais curiosos gêneros de vida florestal do Brasil, cujo centro é a pequena cidade de Marabá. **[2876]**

Oliveira, Inácio. *Através da Guiana brasileira pelo rio Eropicuru, Estado do Pará, 1925. (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras.* nº 31, Rio de Janeiro, 1928, 56 p. foto. map.).

Relação de viagem muito interessante. Notas sobre os campos dessa região equatorial. **[2877]**

Paiva, Glycon de. *Alto rio Branco.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 99, Rio de Janeiro, 1939).

Bom estudo que trata de quase toda a geografia regional. **[2878]**

Paiva, Glycon de. *Excursão ao Roraima.* (Geografia, ano II, nº 4, São Paulo, 1937, 3-10, foto).

Descrição inteligentemente feita. **[2879]**

Paiva, Glycon de. *Vale do rio Negro, fisiografia e geologia.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 40, Rio de Janeiro, 1929, 63 p. foto. map.).

Obra importante. Contém numerosas fotografias, mapas sobre o itinerário seguido, sobre o baixo rio Negro e afluentes. **[2880]**

Pardé, M. *Les variations saisonnière de l'Amazône.* (An. Geog. XLV, Paris, 1936, p. 502-511, ilus.).

O trabalho demonstra que o regime do Amazonas é mais no seu curso inferior tropical que equatorial. Compara com o regime do Congo. É o único artigo verdadeiramente geográfico sobre o regime do Amazonas. **[2881]**

Passarge, S. *Die Erosionsvorgänge von Amazonas; eine vergessene Studie über die abtragende Wirkung eines grossen Stromsystems.* (Zeit. Geomorph. VI, Leipzig, 1930, p. 19-22, ilus.).

Baseado num artigo de Barrington Brown publicado no *Quartely Journal of the Geological Society*, London, XXXV, 1879. **[2882]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Notas geográficas e geológicas sobre o rio Tocantins.* (Bol. Mus. Goeldi, IX, Pará, 1933, p. 279). **[2883]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Notas sobre a geologia do território do Acre e da bacia do Javari.* Manaus, 1930. 45 p.

Não contém mapa. Estudo rápido sobre uma região para a qual não se tem muita bibliografia. **[2884]**

Rego, Luís Flores de Morais. *O vale do Tocantins-Araguaia.* (Geografia, ano II, nº 1, São Paulo, 1936, p. 3-15, map.).

Informações sobre uma região muito pouco conhecida. **[2885]**

Rivet, Paul, e **Tastevin,** C. *Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Juruá et des régions limitrophes. (La géographie,* XXXV, Paris, 1921, p. 449-482, map.).

Contém mapa sobre a divisão das tribos. **[2886]**

Sampaio, Alberto José. *A flora do rio Cuminá; resultados botânicos da expedição Rondon à serra Tumuc-Humac em 1928.* (Arq. Mus. Nac. v. XXXV, Rio de Janeiro, 1933, 206 p. foto.)

Obra importante. Não é exclusivamente botânica. **[2887]**

Sampaio, Alberto José, e **Ducke,** Adolfo. *Les "campos" dans l'Amazonie.* (Compte-rendus du Congrès Internationale de Géographie, Paris, 1931, tome II, p. 828-833).

Enumera os diferentes campos da Amazônia e se propõe distinguir três tipos de caatingas. **[2888]**

Sampaio, Alberto José. *L'expédition brésilienne aux monts Tumuc-Humac, en 1928, par la voie du fleuve Cuminá, Etat du Pará, Brésil, septembre 1928-janvier 1929.* (Compete-renduz du Congrès Internationale de Géographie, Paris,

1931, tome II, fasc. II, section III, p. 751-54).

Sistematização das províncias botânicas na América do Sul, as regiões da hiléia brasiliense. **[2889]**

Sherlock, R. L. *Notes on the Amazon.* (Geol. Mag. LXXI, London, mar. 1934, p. 112-116).

Trata da embocadura do rio, dos aluviões e sua formação em função dos dobramentos andinos. **[2890]**

Shurz, W. L. *Distribution of population in the Amazon valley.* (Geog. Rev. XV, New York, abril 1925, p. 206-225 ilus. foto. map.). **[2891]**

Shurz, W. L., e outros. *Rubber production in the Amazon valley.* (U. S. Department of Commerce. Trade promotion series nº 23, Washington, 1925, 369 p. map.).

Trata não só da questão econômica, mas também da topografia, dos solos, etc. Obra básica para o estudo da Amazônia. **[2892]**

Tate, C. H. H. *Life zones at mount Roraima.* (Ecology, XIII, Brooklyn, july 1932, p. 235-257, foto. map.).

Trata da flora e da fauna dessa região. **[2893]**

Vanderlei Alberto

vide também

Vanderlei, Pedro de, e **Vanderlei,** Alberto.

I. REGIÃO NORDESTE OCIDENTAL:

Maranhão, Piauí

Abreu, Sílvio Fróis de. *Na terra das palmeiras;* pref. de Roquete-Pinto. Rio de Janeiro, 1931. 287 p.

Estudo documentado e metódico sobre o Maranhão e os índios Canella. **[2894]**

Abreu, Sílvio Fróis de. *Observações sobre a Guiana maranhense.* (Rev. Bras. Geo. ano I, nº 4, Rio de Janeiro, p. 26-54, ilus. diag. foto.). **[2895]**

Bandeira de Melo, Raul Correia.

vide

Melo, Raul Correia Bandeira de.

Lisboa, Miguel Arrojado Ribeira. *A bacia do Gurupi e as suas minas de ouro.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 7, Rio de Janeiro, 1935, 61 p. map.).

Trabalho escrito em 1895-96. Interessante documentação sobre índios. **[2896]**

Lopes, Raimundo. *Uma região tropical.* (Bol. Minist. Trabalho, Rio de Janeiro, nov.-dez. 1937, jan.-set. 1938, pp. 270-277, 286-295; 254-263, 276-288, 320-330, 319-335, 315-323, 328-336, 305-315, 311-324, 391-399).

Estudo de alto interesse sobre o Maranhão, contém plantas e fotografias. **[2897]**

Melo, Raul Correia Bandeira de. *O porto do Maranhão.* (Rev. Soc. Geo. XXXVIII, Rio de Janeiro, 1933, p. 178-204). **[2898]**

Morais Rego

vide

Rego, Luís Flores de Morais.

Moura, Pedro. *Rio Gurupi, Estado do Maranhão.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 78, Rio de Janeiro, 1936, 66 p. foto. map.).

Estudo exclusivamente geológico, embora contenha informações sobre os índios. **[2899]**

Paiva, Glycon de. *Guiana maranhense.* (Geografia, São Paulo, ano I, nº 4, 1935, p. 10-24, map.).

Artigo original, apesar de um tanto breve. **[2900]**

Paiva, Glycon de, e **Miranda,** José. *Geologia e recursos minerais do Meio-Norte.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 15, Rio de Janeiro, 1937, 55 p. ilus. map.).

Estuda os Estados do Piauí e Maranhão e as respectivas zonas limítrofes. Trabalho útil. Propõe a necessidade de usar o termo de "Meio-Norte" na nomenclatura das regiões do Brasil. **[2901]**

Paiva, Glycon de, **Sousa,** Henrique Caper Alves de, e **Abreu,** Sílvio Fróis. *Ouro e bauxita na região do Gurupi.* (Bol. Serv. Fed. Prod. Miner. nº 13, Rio de Janeiro, 1937, 172 p. foto. plan.).

Estudo geral sobre a região.

[2902]

Rego, Luís Flores de Morais. *Notas sobre a geologia do Estado do Maranhão.* São Paulo, 1935. Separata da Rev. Mus. paulista.

Contém um mapa geológico fora do texto. Embora seja um estudo muito breve, é obra útil. **[2903]**

Shaw, E. W., e **Darnell,** J. L. (Júnior). *A frontier region in Brazil, southwestern Maranhão.* (Geo. Rev. XVI, New York, abr. 1926, p. 177-195, ilus. foto. map.).

Contém um mapa fora do texto com escala de 1:500.000, indicando o percurso. É um dos raros artigos publicados sobre essa região. **[2904]**

J. REGIÃO NORDESTE ORIENTAL:

Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas

Abreu, Sílvio Fróis. *O Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, 1929. 131 p.

Reproduzido no Boletim do Conselho Nacional de Geografia, 1943.

[2905]

Almeida, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas.* 2ª ed. Porto Alegre, 1937. 291 p.

Trabalho bem intencionado, bem documentado, mas que se ressente da absoluta ausência de mapas. **[2906]**

Branner, John Casper. *The aeolian sandstone of Fernando de Noronha.* (Amer. Jour, Scien. v. XXXIX, New Haven, 1890, p. 247-257). **[2907]**

Branner, John Casper. *Cretaceous and tertiary geology of the Sergipe-Alagoas basin of Brazil.* (Trans. Amer. Phil. Soc. v. XVI, Philadelphia, 1889. p. 364-434). **[2908]**

Branner, John Casper. *The estancia beds of Bahia, Sergipe and Alagoas, Brazil.* (Amer. Jour. Scien. v. XXXV, 4 th ser. 1913, p. 619-632).

Trata do andar do triássico, que ocupa uma grande superfície. **[2909]**

Branner, John Casper. *The geology and topography of the serra da Jacobina, state of Bahia, Brazil.* (Amer. Jour. Scien. v. XXX, 1910, p. 385-392). **[2910]**

Branner, John Casper. *The geology of Fernando de Noronha; part. I.* (Amer. Jour. Scien. v. XXXVII. New Haven, 1889, p. 145-161).

Vide no mesmo volume, sobre o mesmo assunto (petrografia), Geo. H. Williams. **[2911]**

Branner, John Casper. *The geology of the coast of the state of Alagoas, Brazil.* (An. Carnegie Mus. v. VII, Pittsburgh, 1910, p. 5-22, ilus.). **[2912]**

Branner, John Casper. *Geology of the north-east coast of Brazil.* (Bull. Geol. Soc. Amer. v. 8, Rochester, 1902. p. 41-98). **[2913]**

Branner, John Casper. *Geology of the serra do Mulato, state of Bahia, Brazil.* (Amer. Jour. Scien, 4 th series, v. XXX, oct. 1910, p. 256-263). **[2914]**

Branner, John Casper. *Notes on the islands of Fernando de Noronha.* (Amer. Nat. v. XXII, Filadelphia, 1888, p. 861-871). **[2915]**

Branner, John Casper. *The Tombador escarpment, in the state of Bahia, Brazil* (Amer. Jour. Scien. 4 th series, v. XXX, nov. 1910, p. 335-343).

Todos os trabalhos de Branner são fundamentais. **[2916]**

Branner, John Casper. *Two characteristic geologic sections on the northeats coast of Brazil.* (Proc. Washington, Acad. Acien. v. II, 1900, p. 185-201). **[2917]**

Carli, Gileno de. *Terras açucareiras do Nordeste.* (Obs. Econ. Finan. ano IV, Rio de Janeiro, fev. 1939, p. 125-131). **[2918]**

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de. *Dados pluviométricos relativos ao Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, 1922.

Série de mapas muito valiosos.

[2919]

Grandall, Roderic. *General geography and climate of North Easter Brazil.* (Atti X Congr. Intern. Geografia, Roma, 1913-15, p. 966-975, map.). **[2920]**

Grandall, Roderic. *Notes on the geology of the Diamond region of Bahia, Brazil.* (Econ. Geol. v. XIV, Lancaster, 1919, p. 22-244). **[2921]**

Darwin, Charles. *Nota sobre os recifes de arenito de Pernambuco.* (Rev. Inst. Arq. Hist. Geo. Pernambuco, nº 60, Recife, 1904, p. 129-200).

Foi publicado pela primeira em 1841. **[2922]**

Delgado de Carvalho, C. M.

vide

Carvalho, Carlos Miguel Delgado de.

Derby, Orville A. *As lavras diamantinas da Bahia.* (Bol. Sec. Agr. Bahia, v. VI, nºs 4, 5, 6, abr. 1905, p. 217-225). **[2923]**

Derby, Orville A. *Notas geológicas sobre o Estado da Bahia.* (Bol. Sec. Agr. Bahia, v. VII, 1905, p. 12-31). **[2924]**

Do ancoradouro ao porto. (Bol. Min. Trabalho, ano VII, Rio de Janeiro, dez. 1940, p. 239-260).

História do desenvolvimento do porto de Recife; infelizmente não contém planta nem mapa. **[2925]**

Ferraz, J. de Sampaio. *Causas prováveis das secas do Nordeste brasileiro.* Rio de Janeiro, 1925. 30 p. map. diagr. (Pub. Diretoria de Meteorologia do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio).

Um dos trabalhos mais satisfatórios sobre a questão. Vide também *Geographical review,* New York, 1926, p. 510-511. **[2926]**

Freise, Friedrich W. *Beabachtungen an den Binnenlanddünen des nord-Ostlichen Dürregebiete von Brasilien.* (Petermann Geo. Mitteil. LXXXIII, H. 5, Gotha, 1937, p. 135-138). **[2927]**

Freise, Friedrich W. *The drought region of Northeastern Brazil.* (Geog. rev. XXVIII,

New York, jul. 1938, p. 363-378, foto. map.).

Artigo geral sobre a região. **[2928]**

Freire, Gilberto. *Mocambos do Nordeste; algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, s.d. p. ilus. (Pub. Serv. Patr. Hist. Art. Nac. nº 1).

Estuda o tipo de habitação mais espalhado no Nordeste. Ilustrações interessantes, plantas de casas, detalhes sobre a maneira de se construir as casas. **[2929]**

Freire, Gilberto. *Nordeste; aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, 1937. 267 p. ilus. foto. (Col. Doc. brasileiros, nº 4).

"É também uma tentativa de estudo ecológico", diz o autor e, como tal, é um estudo de geografia humana. Um dos trabalhos mais inteligentemente feitos sobre o homem e a natureza do Nordeste. **[2930]**

Jenkins, Olav Pitt. *Geology of the region about Natal, Rio Grande do Norte, Brazil.* (Proc. Amer. Phil. Soc. LII, Philadelphia, 1913, p. 431-466, ilus.).

Estudo da zona dos tabuleiros terciários. **[2931]**

Löfgren, Alberto. *Notas botânicas.* Ceará, Rio de Janeiro, 1910. 39 p. foto. map. (Pub. Inspetoria Federal das Obras contra as Secas, nº 2, série a. Investigações botânicas). **[2932]**

Luetzelburg, Philipp von. *Estudo botânico do Nordeste*, Rio de Janeiro, s.d. 3 v. ilus. map. (Pub. Inspetoria Federal das Obras contra as Secas, nº 57, série I, a.)

A melhor obra sobre a caatinga do Nordeste. **[2933]**

Machado, Orlando. *Arcquipélago Fernando de Noronha.* São Paulo, s.d. 40 p. **[2934]**

Magalhães, Agamenon. *O Nordeste brasileiro.* (Bol. Min. Trabalho, ano II, Rio de Janeiro, fev.-mar. 1936, p. 255-270 e p. 248-265, map. e abr.-maio. 1936, p. 245-261 e 270-278).

Embora de caráter superficial, o trabalho é instrutivo. **[2935]**

Melo, José Lino de (Júnior). *Geologia e hidrologia do Noroeste da Bahia.* (Bol. Serv. Geol. Miner. *Bras.* nº 90, Rio de Janeiro, 1938, 105 p. foto. map.).

Região de Jacobina, Juazeiro, Bonfim e Morro do Chapéu. **[2936]**

Melo, Mário. *Pernambuco: traços de sua geografia humana.* Recife, 1940. 179 p.

Apesar da deficiência cartográfica, é trabalho interessante. **[2937]**

Meneses, Djacir Lima. *O outro Nordeste, formação social do Nordeste.* Rio de Janeiro, 1937. 243 p. ilus. foto. map. (Col. Documentos brasileiros, v. 5).

Apesar das digressões e de uma orientação discutível, contém dados apreciáveis sobre a densidade da população do Nordeste. **[2938]**

Morais, Luciano Jacques de. *Estudos geológicos no Estado de Pernambuco.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 32, Rio de Janeiro, 1928, 100 p.).

Contém um mapa geológico fora do texto 1:1.000.000. **[2939]**

Morais, Luciano Jacques de. *Serras e montanhas do Nordeste,* Rio de Janeiro, 1924. 2 v. ilus. foto. map. (Pub. Inspetoria Federal de Obras contra as Secas, nº 58).

Obra em colaboração com Djalma Guimarães, indispensável para

estudos petrográficos; trata mais da geologia que da geografia. **[2940]**

Morais Rego
vide
Rego, Luís Flores de Morais.

Quelle, Otto. *Die Bevölkerungsebwegungen in Nordost-brasilien; eine anthropogeographische Studie.* (Festschrift für Alfred Philippson, Leipzig-Berlin, 1930, p. 10-17).

Trata das migrações dos índios e dos negros e do desenvolvimento da população branca. Foi traduzido e publicado sob o título de *Migrações étnicas no Nordeste do Brasil* no Boletim do Ministério do Trabalho, Rio de Janeiro, junho, 1937, p. 279-292. **[2941]**

Quelle, Otto. *Die Landwirtschaft im Staate Pernambuco.* (Ibero-amer. Archiv., VI, Berlin, 1932-1933, p. 281-287). **[2942]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Aspectos geológicos e fisiograficos gerais do Nordeste do Brasil.* (Rev. Politécnica, nº 120, São Paulo, 1935, jul.-out. p. 89-99, ilus.). **[2943]**

Sampaio, Teodoro. *O rio S. Francisco e a chapada Diamantina;* pref. de Luís Viana Filho. Bahia, 1938. 259 p. (Col. Estudos brasileiros, autores nacionais, série 1ª v. 1).

Narrativa de viagem feita por um dos bons geógrafos brasileiros. As reproduções dos croquis deixam a desejar. Foi publicado pela primeira vez em 1906. **[2944]**

Sampaio Ferraz, J. de.
vide
Ferraz, J. de Sampaio.

Small, H. *Geologia e suprimento d'água subterrânea no Piauí e parte do Ceará.* Rio de Janeiro, 1913-1914. (Publicações nºs 25 e 32 da Inspetoria de Obras contra as Secas.)

Obra de valor. **[2945]**

Williams, Horace E. *Notas sobre a geologia e os recursos minerais do Norte do Ceará.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 16, Rio de Janeiro, 1926, 42 p. map.)

Estudo geológico em que os morfólogos encontrarão excelente material. **[2946]**

K. REGIÃO LESTE SETENTRIONAL:

Sergipe, Bahia

Abreu, Sílvio Fróis. *O recôncavo da Bahia e o petróleo do Lobato; considerações de caráter geográfico.* (Rev. Bras. Geo. ano, nº 2, Rio de Janeiro, abr. 1939, p. 57-83, ilus. foto. map.)

É o ponto de vista de um geógrafo de valor sobre o Recôncavo. **[2947]**

Abreu, Sílvio Fróis. *As regiões naturais da Bahia; ensaio duma divisão.* (Rev. Bras. Geo. ano, nº 1, Rio de Janeiro, 1939, p. 68-76)

Sete regiões naturais, com descrição sumária de cada uma. **[2948]**

Bondar, Gregório. O coqueiro, cocos nucifera L., no Brasil. (Bol. Inst. Cent. Fom. Econ. Bahia, nº 7, 1939, 100 p. ilus. foto.) **[2949]**

Bondar, Gregório. *A cultura de cacau na Bahia.* (Bol. Inst. Cacao Bahia, nº 1, 1938, 208 p. ilus. foto. map.)

Estudo completo sobre as culturas localizando as diferentes zonas. **[2950]**

Bondar, Gregório. *Importância econômica das palmeiras nativas do gênero cocos nas zonas secas do interior baiano.* (Bol. Inst.

Cent. Fom. Econ. Bahia, nº 5, 1939, 16 p. foto.) **[2951]**

Bondar, Gregório. *Rumos da lavoura no Recôncavo da Bahia,* (Bol. Inst. Cent. Fom. Agric. nº 3, Bahia, 1939, 17 p. ilus. foto.) **[2952]**

Branner, John Casper. *The geography of northeastern Bahia.* (Geog. Jour. v. XXXVIII, London, ago. 1911, p. 139-152 e 256-269). **[2953]**

Crandall, Roderic. *Notes on the geology of the diamond region of Bahia.* (Econ. Geol. v. XIX, Lancaster, Penn. maio 1919, p. 220-244) **[2954]**

Derby, Orville A. *A bacia cratácea da Bahia de Todos os Santos.* (Arq. Mus. Nac. v. III, Rio de Janeiro, 1878, p. 135-158).

Estudo excelente. **[2955]**

Fróis Abreu, Sílvio.

vide

Abreu, Sílvio Fróis.

Melo, José Lino de (Júnior), e **Pinto**, Mário da Silva e. *O ferro de Jequié,* Estado da Bahia. (Bol. Serv. Fed. Prod. Miner. nº 39, 1940). **[2956]**

Melo, José Lino de (Júnior). *Geologia da costa nordeste da Bahia.* (Pub. Dep. Nac. Prod. Miner. Serv. Geol. Miner. notas preliminares nº 20, fev. 1940). **[2957]**

Monbeig, Pierre. *Colonisation, peuplement et plantation de cacao dans le Sud de l'Etat de Bahia.* (An. geog. XLVI, Paris, 1937, p. 278-299, map.)

Monografia geográfica sobre a região cacaueira de Ilhéus. **[2958]**

Morais Rego

vide

Oliveira, Eusébio de.

Pinho, José Vanderlei de Araújo. *Notice sur la culture du cacayer dans l'Etat de Bahia.* (Bull. mens. renseig. agricoles, octobre 1922, p. 1241-1253, map.)

Localização das plantações e da produção. **[2959]**

Quelle, Otto. *Bericht über Studienreisen im Staate Bahia.* (Ibero-amer. Archiv. H. 4, Berlin, 1928). **[2960]**

Rathburn, Richard. *Observações sobre a geologia, aspecto da ilha de Itaparica, na Bahia de Todos os Santos.* (Arq. Mus. Nac. v. III, Rio de Janeiro, 1878, p. 159-183, ilus.)

Contribuição ao estudo da topografia do litoral. **[2961]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Notas sobre a geologia e geomorfologia e os recursos minerais de Sergipe.* (An. Esc. Minas Ouro Preto, t. XXIV, 1933). **[2962]**

Rego, Luís Flores de Morais. *O petróleo do Lobato, Bahia.* (Serv. Nac. Prod. Miner. Serv. Geol. Miner. Bras. notas preliminares nº 8, Rio de Janeiro, fev. 1937). **[2963]**

Soper, Ralph H. *Geologia e suprimento d'água subterrânea em Sergipe e no norte da Bahia.* (Pub. Insp. Obras Contra as Secas, nº 4, Rio de Janeiro, jul. 1914, 75 p. ilus. map.) **[2964]**

Williams, Horace E. *Estudos geológicos na chapada Diamantina, Estado da Bahia.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 44, Rio de Janeiro, 1930, 16 p. ilus.) **[2965]**

Zehntner, Leo. *Estudo sobre as maniçobas do Estado da Bahia em relação ao problema das secas.* (Pub. Insp. Obras contra as Secas, nº 41, ser. I, A. Botânica, Rio de Janeiro, 1914, nº 4, 115 p. foto.)

Bom estudo sobre a vegetação do sertão do Nordeste. **[2966]**

L. REGIÃO LESTE MERIDIONAL:

Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal

Agache, Donat Alfred. *Cidade do Rio de Janeiro; remodelação, extensão e embelezamento*, 1926-1930. Paris, 1930.

Contém numerosas pranchas, desenhos, mapas, plantas. Preciosa fonte de documentação sobre a Capital Federal. **[2967]**

Agache, Donat Alfred. *La remodelation d'une capitale; aménagement, extension, embellissement.* Paris, 1932. 2 v. ilus. map. **[2968]**

Arbos, Philippe. *Petrópolis; esquisse de géographie urbaine.* (Rev. Geog. Alpine, XXVI, Grenoble, 1938, p. 477-530, ilus.)

Estudo perfeito sobre a cidade de Petrópolis. **[2969]**

Backheuser, Everardo. *Breve notícia sobre a geologia do Distrito Federal.* (An. Estat. Rio de Janeiro, v. V, 1926)

O autor atribui às falhas papel importante na formação da baía do Rio. **[2970]**

A baixada e sua colonização. (Obs. Econ. Finan. ano 3, nº 33, Rio de Janeiro, 1938, p. 80-91, foto map.)

Expõe o plano de saneamento da Baixada Fluminense. **[2971]**

Barbosa, Otávio. *Notas preliminares sobre o planalto de Poços de Caldas e suas possibilidades econômicas.* (Avulso nº 8, Dep. Nac. Pod. Miner. Serv. fom. Rio de Janeiro, 1936). **[2972]**

Barbosa, Otávio. *Resumo da geologia do Estado de Minas Gerais.* (Bol. Serv. Geol. Minas Gerais, nº 3, 1934). **[2973]**

Bovet, A. de. *Diamond mining in the province of Minas Gerais, Brazil.* (Eng. mining jour. v. II, New York, 1883). **[2974]**

Bovet, A. de. *A indústria mineral na provincia de Minas Gerais.* (An. Esc. Minas Ouro Preto, v. 2, 1883, p. 2-99; Rev. Engenharia v. VI, Rio de Janeiro, fev.-nov. 1884). **[2975]**

Bovet, A. de. *L'industrie minérale dans la province de Minas Gerais.* (An. Miner. Ser. 8, t. III, Paris, 1883, p. 85-112 e 123-208). **[2976]**

Brandt, Bernhard. *Die Tallosen Bergen and der Bucht von Rio de Janeiro.* (Mitteil. Geog. Gesell. XXX, Hamburg, 1917, p. 1-68, ilus. foto. map.)

Estuda a ação da erosão marinha no desligamento das formas constitutivas da baía da Guanabara. **[2977]**

Carli, Gileno de. *Mise en valeur du bassin du rio São Francisco moyen; rapport sur le voyage d'études effectué en aout-september 1923 par la mission du syndicat d'étude pour l'irrigation de la vellée du rio São Francisco, Brésil, en vue la culture du coton.* Paris, 1924. 47 p. ilus. foto. diagr. plan. map.

É um dos melhores relatórios sobre a valorização do vale do São Francisco. **[2978]**

Correia, Armando de Magalhães. *O sertão carioca.* Rio de Janeiro 1936. 30 p. ilus.

Sobre as profissões exercidas pelos habitantes das circunvizinhanças do Rio. Estudo vivo e agradável de se ler. **[2979]**

Costa Miranda

vide

Miranda, Osvaldo Gomes da Costa.

Deffontaines, Pierre. *L'état d'Espírito Santo, Brésil; essai de division régionales.*

(An. Geog. XLVII, Paris, 1937, p. 155-178, ilus. foto. map.)

As regiões geográficas e o seu povoamento. Zona pioneira no baixo rio Doce. É o único trabalho de valor sobre o assunto. **[2980]**

Deffontaines, Pierre. *L'homme et la montagne au Brésil.* (Bull. Assoc. Geog. Français, nº 103, Paris, fev. 1937, p. 35-38) **[2981]**

Deffontaines, Pierre. *Moutain settlement in the central Brazilian plateau.* (Geog. Rev. XXVII, New York, jul. 1937, p. 394-413, ilus. foto. map.) **[2982]**

Deffontaines, Pierre. *Rio de Janeiro, grande victoire urbaine.* (Rev. Econ. Polit. 1937, p. 92-109, foto. map.)

Estudo sumário. Dá o essencial sobre a geografia urbana do Rio. **[2983]**

Deffontaines, Pierre. *La vie montagnarde dans la montagne de l'Itatiaia, serra da Mantiqueira, Brésil.* (Rev. Geog. Alpine, Grenoble, 1937, XXV, p. 497-508, foto. map.) **[2984],**

Denis, Pierre. *Le paysage de la baie de Rio de Janeiro.* (Rev. Amer. Latine, Paris, 1922, p. 155-163) **[2985]**

Derby, Orville A. *The serra do Espinhaço.* (Jour. Geol. XIV v. 5, Chicago, 1906, p. 374-401)

Apesar de antigo, é essencial.

[2986]

Estudos geológicos e mineralógicos feitos na bacia do rio Doce para o fim de localizar usinas siderúrgicas. (Bol. Serv. Miner. Bras. nº 19, Rio de Janeiro, 1926, 107 p. map.)

A maior parte foi escrita por Luís Flores de Morais Rego e constitui uma monografia do rio Doce. **[2987]**

Evolução do Espirito Santo. (Obs. Econ. Finan. ano V, nº 49, Rio de Janeiro, fev. 1940, p. 88-103).

Estatísticas. **[2988]**

Freise, Friedrich W. *Beobachtungen über den Schweb einiger Flusse des Brasilianischen Staates Rio de Janeiro.* (Zeit. Geomorph. V. H. 5, Leipzig, 1930, p. 241-244).

Avaliação do volume dos materiais tranportados e duração do processo de erosão. **[2989]**

Freise, Friedrich W. *Beobachtungen über Erosion an Urwaldsgebirgsflussen des brasilianischen Staates Rio de Janeiro.* (Zeit Geomorph. VII, Berlin, 1932, H. 1, p. 91-99, map.)

Medidas para o escoamento dos cascalhos. As diaclases são responsáveis pelos materiais grosseiros. **[2990]**

Friese, Friedrich W. *Das Binnenklima von Urwäldern im subtropischen Brasilien)* (Petermann. Geo. Mitteil. H. 50 e 11, Gotha, 1936, p. 301-304 e 346-348).

Trabalhos efetuados na serra dos Aimorés, Espírito Santo. **[2991]**

Freyberg, Bruno von. *Ergebnisse geoloscher Forschangen in Minas Gerais.* Brasilien. Stuttgart, 1932. 403 p. ilus. foto. map.

Obra importante sobre uma região cuja estrutura é complexa. **[2992]**

Giovannini, J. *O clima de Belo Horizonte.* Belo Horizonte, 1930. 47 p. ilus. **[2993]**

Gorceix, Henri. *Les explorations de l'or dans la province de Minas Gerais, Brésil.* (Bull. Soc. Geog. 6ª ser. v. XII, Paris, 1876, p. 530-543) **[2994]**

Gorceix, Henri. *Observations sur le climat et le régime des pluies du plateau de la provin-*

ce de Minas Gerais. (Bull. Soc. Geog. Paris, 1882, p. 423-432). **[2995]**

Gorceix, Henri. *Sur les gisements diamantifères de Minas Geraes, Brésil.* (Comp. rend. Acad. Sciences, v. XCIII, Paris, 1881, p. 981-983)

Vide também o Bulletin de la Société Minéralogique de France, v. V, 1882, p. 9-13. **[2996]**

Grieder, Augusto. *Weizen und Roggenanbauversuche im Staate Minas Gerais, Brasilien.* (Der Tropenpflanzer, XXXIV, Berlin, jul. 1931, p. 277-285). **[2997]**

Guimarães, Djalma. *Contribuição a geologia do Estado de Minas Gerais.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 55, Rio de Janeiro, 1931, 36 p. foto.)

Determinação da classificação das séries reconhecidas pelos geólogos. Quadro das formações proterozóicas e paleozóicas. **[2998]**

Guimarães, Djalma. *O diamante no Estado de Minas Gerais.* (Serv. Geol. Miner. Bras. Boletim nº 24, Rio de Janeiro, 1927, p. 1-46, ilus. foto.) **[2999]**

Harder, E. C., e **Chamberlin**, R.T. *The geology of central Minas Gerais, Brazil.* (Jour. Geol. XXIII, Chicago, 1915, pp. 341-378 e 385-424, ilus. foto. map.)

Trabalho fundamental. É um dos primeiros artigos publicados em que se estuda a questão dos níveis de erosão. **[3000]**

James, Preston E. *Belo Horizonte and Ouro Preto; a comparative study of two Brazilians cities.* (Papers Michigan Acad. Scien. Arts Letters, Ann. Arbor, XVIII, 1933, p. 239-258, ilus. foto. map.)

Estudo sobre duas cidades correspondentes a duas fases de povoamento, com tipos distintos e funções diferentes. **[3001]**

James, Preston E. *The higher cristalline plateau of Southeastern Brazil.* (Proc. Nat. Acad. Scien. U.S. Amer. XIX, Boston, 1933, p. 126-130).

O autor não considera a superfície do rio Grande como um "primarrumpf". As razões são convincentes. **[3002]**

James, Preston E. *Notes on a journey up the valley of the rio Doce, Brasil.* (Jour. Geog. XXXII, Chicago, mar. 1933, p. 98-107, foto.) **[3003]**

James, Preston E. *Rio de Janeiro and São Paulo.* (Geog. Rev. XXIII, New York, abr. 1933, p. 271-298, ilus. map.)

Trabalho um tanto sucinto, mas onde o autor apresenta os aspectos essenciais com mapas interessantes. Documentos únicos. **[3004]**

James, Preston E. *The surface configuration of the Southeastern Brazil.* (An. Assoc. Amer. Geog. XXIII, Albany, N.Y. 1933, p. 165-193, ilus. foto. map.)

Uma das melhores contribuições ao conhecimento geomorfológico da região. Interpretação dos níveis de erosão. **[3005]**

Lamego, Alberto Ribeiro. *Contribuição à geologia do Estado de Minas Gerais.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. Rio de Janeiro, nº 70, s.d. 31 p. ilus. map.)

O mapa é datado de 1923-1924. Estudo sobre o vale do rio Grande e parte do Triângulo Mineiro. **[3006]**

Lamego, Alberto Ribeiro. *Escarpas do Rio de Janeiro.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 93, Rio de Janeiro, 1938, 71 p. ilus. foto. map. color.)

Publicação de excepcional valor. Análise nova da baía de Guanabara. Numerosos croquis. **[3007]**

Lamego, Alberto Ribeiro. *Mármores do Muriaé, Estado do Rio de Janeiro.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 97, 1940, 47 p. ilus. foto. map.)

Contém mapa geológico do curso médio e inferior do rio Muriaé, escala 1:100.000, datado de 1938. Estudo sobre a região de contato do cristalino, dos tabuleiros terciários e da planície do delta do Paraíba. Descrição de uma importante jazida. Notas interessantes para a geografia humana e econômica. **[3008]**

Lamego, Alberto Ribeiro. *O maciço do Itatiaia e regiões circundantes.* (Bol. Serv. Miner. Bras. nº 88, 93 p. 37 foto. map. de 1:600.000)

Sobre o batolite de sienite nefelinítico que forma o maciço e suas relações com a bacia terciária de Resende. **[3009]**

Leduc, Gastão. *O Estado do Espírito Santo, sua situação econômica e financeira.* (Obs. Econ. Finan. ano I, Rio de Janeiro, out. 1936, p. 57-62, map.)

Essencialmente econômico. Estudo bem feito e útil. **[3010]**

Leonardos, Othon Henry. *Depósito de minério de ferro do pico de Itabirito, Minas Gerais.* (Avulso nº 28 Serv. Geol. Miner. Bras. Rio de Janeiro, 1938.) **[3011]**

Liais, Emmanuel. *Explorations scientifiques au Brésil; hydrographie du haut San Francisco et du rio das Velhas.* Paris, 1865. 26 p. ilus. **[3012]**

Lisboa, Miguel Arrojado Ribeira. *Le manganèse du Brésil.* (An. Mines. 9ª ser. t. VI, Paris, 1899, p. 115-116) **[3013]**

Lisboa, Miguel Arrojado Ribeira. *Les manganèses du Brésil.* (Rev. Univ. Mines, ano 42, 3ª ser. t. XLIV, 4º trim. Paris-Liège, 1898, p. 1-22) **[3014]**

Lisboa, Miguel Arrojado Ribeira. *Reports on the manganese ore deposits, of morro da mina Lafaiete, Queluz, Minas Gerais, Brasil.* (Braz. Eng. Min. Rev. v. III, Rio de Janeiro, jun.-jul. 1906, pp. 83-88 e 97-111).

O Morro da Mina ainda é a jazida de manganês mais explorada. **[3015]**

Minas Gerais. Secretaria da Agricultura, Indústria Comércio e Trabalho. Atlas econômico. Belo Horizonte, 1938. 59 p.

Contém mapas, diagramas e fotografias com explicações utilizáveis. **[3016]**

Miranda, Osvaldo Gomes da Costa. *A capital do Brasil.* (Bol. Min. Trabalho, ano I, Rio de Janeiro, jul. 1935. p. 269-275)

Informações demonstrando o crescimento do Rio. Sofre a ausência de mapas. **[3017]**

Monbeig, Pierre. *A indústria metalúrgica no Estado de Minas Gerais.* (Geografia, ano II, nº 2-3, São Paulo, 1936, p. 22-30, foto.)

Estudo rápido mostrando as diferentes formas de indústria. **[3018]**

Morais, Luciano Jacques de, e **Barbosa,** Otávio. *Ouro no centro de Minas Gerais.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 38, Rio de Janeiro, 1939, 186 p. ilus. foto.) **[3019]**

Moraes, Luciano Jacques de, e outros. *Geologia econômica do norte de Minas Gerais.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 19, Rio de Janeiro, 1937, 192 p. ilus. foto).

Estudo importante. **[3020]**

Morais Rego
vide
Rego, Luís Flores de Morais.

Pinto, Mario da Silva e, e **Ribeiro,** Raimundo (Filho). *A indústria do sal no Estado do Rio.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 52, Rio de Janeiro, 1930, 143 p. foto. map.)

Estudo monográfico. Mapa da lagoa de Araruama. **[3021]**

Quelle, Otto. *Rio de Janeiro; Beitrag zur Geographie einer tropischen Grosstadt.* (Zeit. Gesell. Erdkunde nº 7-8, Berlin, 1931, p. 241-257, ilus. diagr. map.)

Estudo sério acompanhado de três excelentes croquis. Vide também Geog. Rev. XXII, New York, 1932, p. 147-148. **[3022]**

Rego, Luís Flores de Morais. *As jazidas de ferro do centro de Minas Gerais.* Belo Horizonte, 1933. 81 p. map. (Pub. nº 5 da Comp. Econômica de Minas Gerais).

Estudo que deve ser lido. Bibliografia geológica. **[3023]**

Ribeiro, Raimundo (Filho) colab.
vide

Pinto, Mário da Silva e, e **Ribeiro**, Raimundo (Filho). *Rio de Janeiro, aspectos do seu desenvolvimento.* (Obs. Econ. Finan. ano II, nº 16, Rio de Janeiro, maio 1937, p. 49-60, foto.)

Possui planta de 1769. Estudo feito com fins de publicidade, entretanto bem documentado. **[3024]**

Sampaio, Alberto José de. *Contribuição ao estudo da flora do Estado de Minas Gerais.* (Arq. Mus. Nac. XVIII, Rio de Janeiro, 1916, p. 1-38)

Estudo que deve ser lido com atenção. **[3025]**

O vale do rio Doce. (Obs. econ. finan. ano V., nº 48, Rio de Janeiro, 1940, p. 50-78, foto. map.)

Possui mapa da estrada de ferro Vitória–Minas, e planta do porto de Vitória. Estuda a questão da estrada de ferro do rio Doce e seu papel na indústria do ferro. **[3026]**

Wagemann, E. *Die deutschen Kolonien im brasilianischen Staate Espírito Santo.* (Schriften des Vee. fur Sozialpolitik, Bd. 147, Teil 5, Munchen, 1915, 151 p. ilus. foto. map.)

Estudo completo do quadro natural dos gêneros de vida e da evolução demográfica. **[3027]**

M. SÃO PAULO

Batista Pereira, Antônio.
vide
Pereira, Antônio Batista.

Belfort de Matos, J.N.
vide
Matos, J.N. Belfort de.

Belfort de Matos Filho
vide
Matos, Belfort de (Filho).

Campos, Gonzaga. *Estrada de ferro de Araraquara, prolongamento de Ribeirãozinho a São José do Rio Pardo; estudos gerais.* São Paulo, 1902. **[3028]**

Campos, Gonzaga. *Reconhecimento da zona compreendida entre Bauru e Itapura.* São Paulo, 1905. **[3029]**

Campos, Gonzaga. *Relatório sobre o rio Tietê.* S. Paulo. 1905. **[3030]**

Caldeira, Branca da Cunha. *A indústria textil paulista.* (Geografia, ano I, nº 4, S. Paulo, 1935, p. 50-66, map.)

Estudo sumário quase que somente sobre a capital. **[3031]**

Carvalho, Conceição Vicente de. *La culture du bananier sur le littoral de L'Etat de Saint-Paul, Brésil.* (Bull. Soc. Geog. nº 3, Lille, maio 1935, p. 76-106)

Cultura antiga que tomou um aspecto comercial. **[3032]**

Cavalcanti, Adolfo B. Uchoa, colab.

vide, também

Dafert, F.W. e **Cavalcanti,** Adolfo B. Uchoa. *Comissão Geográfica e Geológica da província de S. Paulo.*

vide

São Paulo, Comissão Geográfica e Geológica

Criciúma, Edi de Freitas. *Concentração japonesa em S. Paulo.* (Geografia, ano I. nº 1, S. Paulo, 1935. p. 110-114, map.)

Localiza os principais grupos japoneses. **[3033]**

Dafert, F.W., e **Cavalcanti,** Adolfo B. Uchoa. *As terras do Estado de São Paulo.* (Rel. Inst. Agron. Campinas, 1889, 1890, p. 101-110 e 111-124) **[3034]**

Sobre a denominação das terras do Estado de São Paulo. (Idem, idem 1892, p. 124-128)

Estas notas rápidas serviram de base para o estudo dos solos em S. Paulo. Até hoje são de consulta útil. **[3035]**

Dantas, Garibaldi. *O algodão em S. Paulo.* S. Paulo, 1935. 51 p. (Pub. Min. agr. serv. plantas têxteis)

Breve histórico com numerosas estatísticas. **[3036]**

Deffontaines, Pierre. *Les foires a mulets de Sorocaba, Etat de Saint-Paul, Brésil.* (Ang. geog. XLV. Paris, 1936, p. 648-652)

Sobre o mercado de burros, outrora muito importante e sobre as grandes artérias de circulação no Brasil.

Vide também: "As feiras de burros de Sorocaba", em *Geografia,* nº 3, S. Paulo, 1935, p. 263-270: "Sorocaba, la ville des foires à mulets du Brésil, *Bulletin de L'Association des géographes français,* nº 91. Paris, nov. 1935, p. 121-25.

São artigos sugestivos onde o assunto não fica esgotado. **[3037]**

Deffontaines, Pierre. *Pays et paysages de L'Etat de Saint Paul, Brésil: première esquisse de division régionale.* (An. Geog. t. XLV, Paris, 1936, p. 50-71 ilus. e p. 160-174, ilus.)

Panorama importante da geografia regional do Estado de São Paulo, notável pela clareza com que caracteriza cada região. É artigo fundamental. Foi publicado, salvo pequenas modificações em *Geografia*, nº 2, ano I, S. Paulo, p. 117-169, foto, com o título "Regiões e paisagens do Estado de São Paulo; primeiro esboço de divisão regional". **[3038]**

Deffontaines, Pierre. *Recherches sur les types de peuplement dans L'Etat de Saint-Paul, Brésil.* (Bull. Assoc. Geog. Français, nº 87, Paris, abr. 1935, p. 66-71).

Define os tipos essenciais. Contém alguns erros tipográficos. **[3039]**

Derby, Orville A. *Retrospectivo histórico dos trabalhos geográficos e geológicos efetuados na província de S. Paulo* (Bol. Com. Geo. Geol. São Paulo, ano I, nº 1, 1889, 26 p.) **[3040]**

Ellis, Alfredo (Júnior). *A evolução da economia paulista e suas causas.* São Paulo. 1937. 547 p. ilus. (Brasiliana, v. 190)

Enorme massa de informações da qual é necessário o leitor fazer uma seleção. **[3041]**

Felicíssimo, J. (Júnior) colab.
vide
Knecht, T., e **Felicíssimo,** J. (Júnior).

Freise, Friedrich W. *The "terra roxa" in São Paulo, Brazil.* (Econ. Geol. XXIX, Lancaster, maio 1934, p. 280-293, ilus.)

Trata das qualidades físicas da terra própria ao café. **[3042]**

Hoehne, Frederico Carlos. *Uma excursão botânica ao norte de São Paulo e regiões limítrofes dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.* São Paulo. 1926 **[3043]**

James, Preston E. *The changing patterns of population in São Paulo State, Brazil.* (Geog. Rev. XXVIII, New York, jul. 1938, p. 353-362, map.)

Comparação entre os recenseamentos de 1920 e 1934. Mapa muito expressivo. **[3044]**

James, Preston E. *The coffee lands of Southeastern Brazil.* (Geog. Rev. XXII, New York, abr. 1932, p. 225-233, map.)

Artigo fundamental. Descrição do meio natural histórico da propagação do café e suas causas. **[3045]**

James, Preston E. *The distribution of industries in São Paulo State, Brazil.* (Titles and abstracts. 1934, An. Assoc. Amer. Geog. XXV, Lancaster, mar. 1935, p. 46). **[3046]**

James, Preston E. *Industrial development in São Paulo State, Brazil.* (Econ. Geog. XI, jul. Norcester, 1935, p. 258-266, map.)

São artigos interessantes. Houve, naturalmente, modificações a partir de 1935. Pequenos detalhes a rever. **[3047]**

James, Preston E. *A specialized rice district in the middle Parahyba valley of Brazil.* (Papers, Michigan, Acad. Scien. Arts and Letters. XIX. 1934, p. 349-358, foto. map.)

Vide também Michigan papers in G. Ann Arbor, 1934. Mapa da zona produtora de arroz em 1930 e estudo sobre a ocupação do solo. **[3048]**

Kingston, Jorge. *A concentração agrária em São Paulo* (Rev. Econ. Estat., ano 3, nº 1, Rio de Janeiro, jan. 1938, p. 33-42, quadros estatísticos, graf.)

Mostra a tendência para uma divisão melhor e compara com outros estados do continente americano. **[3049]**

Knecht, Teodoro. *Formações estruturais, particularmente kársticas do município de Apiaí, Estado de São Paulo* (Geografia, ano I, nº 1, São Paulo, 1935, p. 98-109).

Formações kárticas sob um clima tropical. **[3050]**

Knecht, Teodoro. *Os minerais e minérios do Estado de São Paulo; com uma planta dos recursos minerais da parte sudoeste do Estado.* São Paulo 1935. 93 p. map.

Também publicado como Boletim da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, 1934. **[3051]**

Knecht, T., e **Felicíssimo,** J. (Júnior). *Contribuição para o conhecimento geológico da bacia do rio Ribeira de Iguape.* (Bol. Inst. Eng. XXVIII, São Paulo, 1938) **[3052]**

Krug, Edmundo. *A ribeira de Iguape.* São Paulo, 1908. **[3053]**

Lalière, A. *Le café dans L'Etat de Saint Paul, Brésil.* (Paris-Anvrs, 1909, 417 p. apêndices estatísticos, ilus. map.)

Contém mapa agrícola do Estado de São Paulo, escala de 1:2.000.000 e

mapa cafeeiro da mesma escala. Ótimo documento. **[3054]**

Lisboa, Miguel Arrojado Ribeira. *Oeste de São Paulo e sul de Mato Grosso.* Rio de Janeiro, 1909. 172 p.

O trabalho foi publicado pela Comissão E. Schnoor, da estrada de ferro Noroeste. Estuda a geologia, topografia, hidrografia e vegetação da região que a estrada de ferro Noroeste do Brasil atravessa. Ponto de partida de tudo que foi escrito posteriormente. **[3055]**

Lofgren, Alberto. *Contribuição para a botânica; região campestre.* (Bol. Com. Geo. Geol. São Paulo, nº 5, 1890, 51 p.) **[3056]**

Lofgren, Alberto. *Ensaio para uma distribuição dos vegetais nos diversos grupos florísticos no Estado de São Paulo.* 2ª ed. S. L. 1898. 50 p. **[3057]**

Lofgren, Alberto. *Os Sambaquis de S. Paulo.* (Bol. Com. Geo. Geol. São Paulo, nº 9, 1893, 91 p. foto.) **[3058]**

Lobo, Hélio. *Docas de Santos: suas origens, lutas e realizações.* Rio de Janeiro, 1936. 697 p. ilus. foto. plan.

Dá informações não somente sobre o porto de Santos, mas também sobre o problema das relações com o hinterland. **[3059]**

Lowrie, Samuel Harmon. *Imigração e crescimento da população no Estado de São Paulo.* (Estudos paulistas. nº 2, São Paulo, 1938, 44 p.)

Estuda a parte que cabe a imigração e a taxa de natalidade no crescimento rápido da população. **[3060]**

Matos, Belfort de (Filho). *Campos do Jordão.* São Paulo, 1924. 76 p. foto. map. (Pub. Sec. Agric. Com. Obras Publ. Est. S. Paulo, Serv. Publ.)

Folheto de propaganda contendo dados úteis sobre clima e vegetação. **[3061]**

Matos, J. N. Belfort de. *Breve notícia sobre o clima de São Paulo.* (Bol. Com. Geo. Geol. São Paulo, nº 17, 1906) **[3062]**

Matos, J. N. Belfort de. *O clima de São Paulo.* (Bol. Serv. Meteorologico, série II, nº 48, 81 p.)

Quadros para as diversas estações. Divisão em regiões climáticas. Estudo que ainda deve ser consultado. **[3063]**

Melo, Astrogildo Rodrigues de. *Imigração e colonização.* (Geografia, ano I, nº 4, São Paulo, 1935, p. 25-49, ilus. map.)

Os japoneses no Brasil e particularmente em S. Paulo. Estuda sob um ponto de vista pessoal o processo de assimilação e a parte que lhes cabe na produção. **[3064]**

Milliet, Sérgio.

vide

Silva, Sérgio Milliet da Costa e.

Monbeig, Pierre. *The colonial nucleus of Barão de Antonina, São Paulo.* (Geog. Rev. XXX, New York. abr. 1940, p. 260-271, ilus. foto. plan.)

Sobre um centro de colonização do governo estadual. Culturas, nacionalidades, situação econômica, ocupação do solo. **[3065]**

Monbeig, Pierre. *Une nouvelle liaison entre São Paulo et Santos* (An. Geog. XLVI, Paris, 1937, p. 104-106).

Trata da Mayrink-Santos. **[3066]**

Monbeig, Pierre. *La population de L'Etat de São Paulo, Brésil* (An. Geog. XLVI, Paris, 1937, p. 91-94).

Análise sumária do recenseamento de 1934. **[3067]**

Monbeig, Pierre. *Les voies de communication dans L'Etat de São Paulo.* (Bull. Assoc. Geog. Français, nº 102, Paris, 1937, jan. p. 9-16).

As relações difíceis com o litoral. O papel das estradas no povoamento do hinterland. **[3068]**

Monbeig, Pierre. *Les zones pionnières de l'Etat de São Paulo.* (An. Hist. Econ. Soc. IX, Paris, 1937. p. 343-365, ilus.)

Elaboração de uma nova paisagem e de uma nova sociedade rural. **[3069]**

Morais, Rubens Borba Alves de. *Contribuições para a história do povoamento de São Paulo até fins do século XVIII.* (Geografia, ano I, nº 1, S. Paulo, 1935, p. 69-87).

Estuda as diferentes origens do povoamento. A tese pode ser aplicada a quase todo o território brasileiro. **[3070]**

Morais Rego

vide

Rego, Luís Flores de Morais. *Movimento migratório no Estado de São Paulo.* (Bol. Dir. Terras, Colon. Imig. Sec. Agric., ano I, nº 1, São Paulo, out. 1937, pp. 31-75, 79-115, 117-155, graf.)

A primeira parte estuda o período de 1827 a 1936, a segunda, a imigração em 1936 e a terceira a localização dos imigrantes entrados em 1936. Rica documentação. **[3071]**

Pereira, Antônio Batista. *A cidade de Anchieta.* (Rev. Arq. Mun. São Paulo, XXIII, maio 1936, p. 1-123, ilus.)

Texto histórico, útil à geografia da cidade de São Paulo. **[3072]**

Perrod, Eurico. *La provincia di San Paolo, Rapporto.* Roma, 1888.

Mapa, documentação. Ponto de vista oficial italiano sobre a colonização livre. **[3073]**

Piettre, Maurice. *Production industrielle du café: terres vierges et fatiguée; la recherche de l'humus.* Paris, 1925. 344 p. ilus.

O autor trabalhou no Instituto Agronômico de Campinas. E' um livro sobre o café no Estado de São Paulo. Trata de quase todos os problemas que tocam ao café. A parte mais interessante é a que se refere aos solos para café e ao movimento das culturas de café em função do esgotamento da terra. Boa obra, embora pouco utilizada. **[3074]**

Pinto, Augusto. *História da viação férrea de São Paulo.* São Paulo, 1903. 332 p. ilus, map.

Livro sério de valor informativo indiscutível. **[3075]**

Platt, Robert S. *Coffee plantations of Brazil: a comparison of occupances patterns in established and frontier areas.* (Geog. Rev. XXV. New York, abr. 1935, p. 231-239, foto map)

Estudo comparativo entre duas fazendas baseado em mapas. Tipo de estudo que seria útil produzir abundantemente. **[3076]**

Prado, Caio (Júnior). *Distribuição da propriedade fundiária rural no Estado de São Paulo.* (Geografia, ano I, nº 1, São Paulo, 1935, p. 52-68. map.)

Estuda a predominância da grande propriedade. Indica as zonas onde há fragmentação dos latifúndios. Ponto de vista certo embora haja necessidade de definir melhor o que é latifúndio. **[3077]**

Prado, Caio (Júnior). *O fator geográfico na formação da cidade de São Paulo.* (Geo-

grafia, ano I, nº 3, São Paulo, 1935, p. 239-262, diagr. map.)

Mostra as vantagens geográficas da situação de São Paulo. **[3078]**

Recenseamento demográfico, escolar e agrícola zootécnico do Estado de São Paulo, 20 de setembro de 1934. (*Diário Of.* nº 295, São Paulo, dez. 1935, 20, p.)

Resultados do recenseamento da população precedidos de rápido prefácio. **[3079]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Considerações preliminares sobre a gênese e a distribuição dos solos de São Paulo.* (Geografia, ano I, nº 1, São Paulo, 1935, p. 10-51, ilus. foto. map.)

Confuso, mas útil. **[3080]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Contribuição ao estudo das formações pré-devonianas de S. Paulo.* S. Paulo, 1933. 43 p. ilus. foto, map.

Excelente trabalho acompanhado de bibliografia. **[3081]**

Rego, Luís Flores de Morais. *As formações cenozóicas de S. Paulo* (An. Esc. Politécnica, São Paulo, 1933, p. 244). **[3082]**

Rego, Luís Flores de Morais. *Notas sobre a geomorfologia de S. Paulo e sua gênese.* São Paulo, 1932. 28 p. foto. map.

O mapa é a primeira realização cartográfica das formas do relevo paulista. Data os diversos níveis de erosão e indica sua extensão. Obra básica. **[3083]**

Rego, Luís Flores de Morais. *O sistema de Santa Catarina em São Paulo.* (An. Esc. Politécnica, São Paulo, 1936, 88 p. foto. ilus.)

Estuda os terrenos do permiano ao jurássico. **[3084]**

Rego, Luís Flores de Morais, e **Santos,** Tarcísio Sousa. *Contribuição para o estudo dos granitos da serra da Cantareira* (Bol. Inst. Pesq. Tec. nº 18, São Paulo, jun. 1938. 162 p. ilus. pranchas, map.)

Granitos em contato com areias terciárias. Algumas páginas sobre a geomorfologia. Abundante bibliografia. Obra sólida. Em anexo, possui o trabalho 5 pranchas de perfis topográficos e um mapa geológico colorido com curvas de nível, escala de 1:25.000. **[3085]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração da região compreendida pelas folhas topográficas Sorocaba, Itapetininga, Buri, Faxina, Itaporanga, Sete Barras, Capão Bonito, Ribeirão Branco, Itararé.* São Paulo, 1927. 12 p. foto map. **[3086]**

São Paulo, Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração da região compreendida pelas folhas topográficas Taubaté, Lorena, Bananal e Cunha.* S. Paulo, 1928. 6 p. foto. map. **[3087]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do litoral;* 1ª seção, cidade de Santos à fronteira do Estado do Rio de Janeiro. S. Paulo, 1915. **[3088]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do litoral;* 2ª seção, cidade de Santos à fronteira do Estado do Paraná. S. Paulo, 1930. 13 p. map. **[3089]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do rio do Peixe,* 2ª ed. São Paulo, 1913. 16 p. foto. map. **[3090]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do rio Grande e seus*

afluentes, S. José dos Dourados. S. Paulo, 1913. 44 p. foto. map. **[3091]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do rio Juqueriquerê*, 2ª ed. S. Paulo, 1919. 19 p. map. **[3092]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do rio Paraná*. 2ª ed. São Paulo, 1911. 24 p. foto. map. **[3093]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do rio Ribeira do Igaupe*, 2ª ed. S. Paulo, 1914. 34 p. foto. map. **[3094]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do rio Tietê, barra do rio Jacaré-Guaçu ao rio Parqua*. 2ª ed. São Paulo, 1930. 18 p. foto. map. **[3095]**

São Paulo. Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração dos rios Feio e Aguapepeí, extremo sertão do estado*. São Paulo, 1906. 26 p. fot. map. **[3096]**

São Paulo, Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema, pelo engenheiro Teodoro F. Sampaio*. Rio de Janeiro, 1889. 14 p. map.

Notável conjunto, verdadeiro monumento da ciência paulista. Deve ser sempre consultado com atenção. **[3097]**

São Paulo. Departamento Estadual de Estatística. *São Paulo 1889-1939*. São Paulo, 1940. 99 p. gráf. map.

População, finanças do estado e dos municípios. Estradas de ferro. Série de mapas mostrando o desenvolvimento da rede ferroviária. **[3098]**

Setzer, José. *Os solos do Estado de São Paulo*. (Bol. Inst. Agron. de Campinas, nº 70, 1940, 37 p. foto. map.)

Este folheto é o terceiro de uma série sobre os solos cujo subtítulo é: "Generalidades sobre a riqueza química". Os mapas localizam aproximadamente os principais tipos de solo. É o melhor estudo sobre o assunto. **[3099]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *A queda do latifundio*. (Obs. Econ. Finan. ano IV, Rio de Janeiro, jun. 1939, p. 15-28, map.)

Evolução da propriedade nos últimos anos. **[3100]**

Silva, Sérgio Milliet da Costa e. *Roteiro do café*. (Estudos paulistas, nº 1, São Paulo, 1938. 84 p. graf. map.)

Desenvolvimento das plantações de café e movimento da população. Este excelente estudo teve diversas edições posteriores com acréscimos e modificações. **[3101]**

Walle, Paul. *Au pays de l'or rouge, l'Etat de São Paulo, Brésil*. Paris, 1921. 419 p. ilus. foto, map.

Excelente quadro geral de São Paulo, depois da primeira guerra mundial. **[3102]**

Ward, Robert de C. *The economic climatology of the coffee district of São Paulo*. (Bull. Amer. Geog. Soc. XLIII, jul. 1911, p. 428-445, map.)

Trata das temperaturas e chuvas. Apesar de antigo é de se consultar. **[3103]**

Washburne, Chester W. *Geologia do petroleo do Estado de S. Paulo;* trad. de Joviano Pacheco. Rio de Janeiro, 1930. 228 p. ilus. map.

Contém mapa geológico segundo Du Toit, de uma parte da América do Sul (sul do Brasil). A obra é mais ampla do que o título revela. Trata

da geologia e da estrutura de todo o Brasil meridional. Obra básica. Bibliografia. Foi publicada em inglês no Bol. da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, nº 22, 1930, 282 p. **[3104]**

N. REGIÃO SUL:

Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul

Araújo, Coussirat. *Memória sobre o clima do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, 1930. **[3105]**

Boiteux, José Artur. *Dicionário histórico e geográfico do Estado de Santa Catarina.* Rio de Janeiro, 1915-1916. 2 v. **[3106]**

Câmara, Aristóteles de Lima. *Os alemães no sul do Brasil.* (Rev. Imig. Colon. ano I, nº 1. Rio de Janeiro, Conselho de Imigração e Colonização, janeiro de 1940, p. 32-47).

Crítica de um artigo de Maack. Ponto de vista oficial sobre o problema. **[3107]**

Câmara, Lourival. *Estrangeiros em Santa Catarina.* (Rev. Imig. Colon. ano I, nº 4, Rio de Janeiro, out. 1940, p. 680-718).

Artigo de interesse, mas que não esgota o assunto. Foi publicado pelo Departamento Estadual de Estatística. **[3108]**

Carvalho, Paulino Franco de. *Geologia do município de Curitiba.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 82, Rio de Janeiro, s.d. 37 p. foto. map.)

O mapa está datado de 1936. Importante monografia. **[3109]**

Carvalho, Paulino Franco de. *Reconhecimento geológico no Estado do Rio Grande do Sul.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 66, Rio de Janeiro, 1932, 72 p. ilus. foto.)

Contém um esboço de mapa geológico na escala de 1:300.000 e cortes interessantes. **[3110]**

Carvalho, Paulino Franco de, e **Pinto**, Estêvão. *Reconhecimento geológico do Estado de Santa Catarina.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 92, Rio de Janeiro, 1938. 30 p. foto. ilus.)

Contém mapa geológico em cores do vale do rio Itajaí, escala de 1:500.000, datado de 1937. Trabalho essencial para o estudo do relevo de Santa Catarina. **[3111]**

Cinqüentenário da estrada de ferro do Paraná. 1885-1935. Curitiba, 1925. 270 p. ilus. map.

Além das informações sobre a estrada de ferro Curitiba–Paranaguá contém diversos artigos sobre quase todos os aspectos da geografia econômica do Paraná. **[3112]**

Endress, Siegfried. *Blumenau; Werden und Wesen einer deutschbrasilianischen Landschaft.* (Schriften d. Deustschen Ausland-Institut, Stutgart, Bd. 5 Ohrigen, 1938. 194 p. foto. map.)

Escrito sob o ponto de vista geográfico. **[3113]**

Gluchowski, Kasimierz. *Wsródponierów polskich na antypodach materaly do problemu osadnictwa polskiego w Brazylji.* Warszawa, Instytut Naukowy do badan emigracji i kolonizacji, 1927. 356 p. ilus. map.

O autor, antigo cônsul polonês, narra a história e as formas da imi-

gração polonesa nos Estados do Sul do Brasil de 1867 a 1927. **[3114]**

Goulart, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, 1933. 262 p.

Mostra a atração da floresta para o povoamento e a oposição entre o homem da estepe e o da floresta. **[3115]**

Groetsch, Georg. *Wirtschaftesgeographie des Staates Rio Grande do Sul in Brasilien;* Phil. Dissertation. Koenigsberg. 1932. 79 p. **[3116]**

Hettner, Alfred. *Reiskissen aus Südbrasilien; ein Besuch in den deutschen und italienische Colonien bei Porto Alegre in Südbrasilien.* (Deutsche Rund. Geog. Statis. v. XIV. Wien, 1892, p. 193-202). **[3117]**

Reiskissen aus Südbrasilien; Besuch der Johlenmine von Arroio dos Ratos und der Colonien Estrela und Santa Cruz. (idem, idem, p. 253-261). **[3118]**

Das Deutschtum in Südbrasilien. (Geo. Zeit., 1902). **[3119]**

Hettner, Alfred. *Das südlichste Brazilien, Rio Grande do Sul.* (Zeit. Gesell. Erkunde Berlin, 1891, v. XXVI, p. 85-144, ilus. map.)

Artigo longo e útil. **[3120]**

Hoehne, Frederico Carlos. *Araucarilândia; observações gerais e contribuição ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil.* São Paulo, Pub. Sec. Agr. Ind. Com. 1930. 133 p.

Limites antigos e modernos da araucária. Variações, probabilidades de recuo. Regiões fitogeográficas do Brasil meridional. Deve ser lido com cuidado. **[3121]**

Ihering, Hermann von. *As árvores do Rio Grande do Sul.* (An. Estado Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1892, p. 164-196). **[3122]**

Ihering, Hermann von. *Zur Kenntnis der Vegetation des sudbrasilianischen Subregion* (Das Ausland, LV, 1887). **[3123]**

James, Preston E. *The expanding setlements of southern Brazil.* (Geog. Rev. XXXI, New York, 1940 p. 601-626, ilus. foto. map.)

Trabalho importante sobre a marcha do povoamento e suas condições geográficas. Indispensável. **[3124]**

Jefferson, Mark. *Pictures from South Brazil.* (Geog. Rev. New York, 1926, p. 521-537, ilus. foto. map.)

Sobre a zona de povoamento de origem alemã. Boas ilustrações. **[3125]**

Lange, Henry. *Sudbrasilien; die Provinzien São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catarina und Paraná mit Ruecksicht auf die Deutsche Kolonisation.* Leipzig, 1885. 254 p. map.

Obra eminentemente geográfica. **[3126]**

Lindmann, C. A. M. *A vegetação no Rio Grande do Sul;* Trad. de A. Löfgren. Porto Alegre, 1906. 356 p. ilus. map.

Possui um mapa de 1:10.000,000 sobre a vegetação no Brasil Austral. É obra importante. Relação entre a floresta e o campo. **[3127]**

Maack, Reinhard. *Geographische und geologische Forschungen in Santa Catarina, Brasilien.* (Zeit. Gesell. Erdkunde V, Berlim, 1937, 85 p. ilus. foto. maps.)

Importante estudo geológico. Vide também *Geographical Review,* XXVIII, New York, jul. 1938, p. 492-494. **[3128]**

Maack, Reinhard. *Die neuerschlossenen Siedlungsgebiete und Siedlungen im Staate Paraná.* (Ibero-Amer. Archiv, XI, Berlin, 1937, p. 209-242).

Estuda a região pioneira do norte do Paraná. Vide também o *Geographical Review*, XXVIII, jul. 1938, p. 492-494. **[3129]**

Maack, Reinhard. *Uber eine neue Reise in Brasilien.* Zeit. Gesell. Erdkunde Berlin, 1927, nº 4, p. 230-231).

Primeiros trabalhos do geólogo Maack nos Estados do Paraná e Santa Catarina. **[3130]**

Maack, Reinhard. *Urwald und Savanna in landschafsbild des staats Paraná.* (Zeit. Gesell. Erdkunde, Berlin, 1931, p. 95-116, ilus. foto. map.)

Contém um mapa da divisão das paisagens vegetais. Excelente estudo. Vide também Preston James, *Geographical Review*, 1932, p. 676. **[3131]**

Oliveira, Eusébio de. *Geologia e recursos minerais do Estado do Paraná.* Rio de Janeiro, 1927. 172 p. foto. map. color. (Pub. nº VI Serv. Geol. Miner. Brasil)

Define os três platôs sucessivos e seus respectivos caracteres geológicos. Bibliografia. **[3132]**

Oliveira, Eusébio de. *Regiões carboníferas dos Estados do Sul.* Rio de Janeiro, 1918. 125 p. map. (Pub. Serv. Geol. Miner. Brasil)

Contém mapa geológio colorido do Paraná e regiões circunvizinhas.

Trata dos limites do cristalino e permotrias. **[3133]**

Oppenheim, Vítor. *Rochas gondwânicas e geologia do petróleo do Brasil meridional.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 5, Rio de Janeiro, 1934, 129 p. ilus. foto.)

Trabalho importante. **[3134]**

Paula, E. Simões de. *Cornélio Procópio.* (Geografia, ano II, nº 2-3, São Paulo, 1936, p. 40-56, foto.)

Estudo de uma região pioneira do Paraná. Monografia quase completa. **[3135]**

Pesciolini, Ranieri Venerosi. *Le colonie italiane nel Brasile meridionale; State di Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná.* Torino, 1914. 303 p. foto. maps. **[3136]**

Pinto, Estêvão, colab.

vide

Carvalho, Paulino Franco de, e **Pinto**, Estêvão.

Ramos, Godolfim Torres. *Terras e colonização no Rio Grande do Sul.* (Rev. Imig. Colon. Ano I, nº 4, Rio de Janeiro. out. 1940, p. 740-755).

Estuda a colonização oficial em pequenas propriedades. Algarismos eloqüentes. **[3137]**

Ribeiro, Eurico Branco. *Esboço da história do oeste do Paraná.* Curitiba, 1940. 93 p. (Pub. Dir. Geografia do Estado do Paraná, nº 1)

Escrito sob o ponto de vista exclusivamente histórico. **[3138]**

Rocha, José Fiúza da. *Carvão de pedra no sul do Estado de Santa Catarina.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Brasil, nº 35, Rio de Janeiro, 1929, 168 p. map.) **[3139]**

Rocha, José Fiúza da. *Carvão de Santa Catarina.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Brasil., Rio de Janeiro, nº 9) **[3140]**

Rosa, Vieira da. *Corografia de Santa Catarina.* Florianópolis**,** 1905. 484 p.

Trabalho enumerativo e pouco descritivo. **[3141]**

Siemiradzki, G. Joseph de La Nouvelle Pologne, *Etat de Paraná.* Bruxelles,

1899. 11 p. maps. (Pub. Inst. Geog. Univ. Nouv. Bruxelles, nº 1)

Trata do começo da colonização polonesa, principalmente no Paraná. **[3142]**

Spalding, Walter. *Pecuária, charque e charqueadores no Rio Grande do Sul.* (Bol. Min. Trabalho, ano VI, Rio de Janeiro, fev. 1940, p. 161-173, mar. 1940, p. 179-187).

Origens da indústria da carne-seca. **[3143]**

Wettstein, Richard R. von. *Vegetationsbilder aus Sudbrasilien.* Leipzig und Wien, 1904. 55 p. ilus.

Contém pranchas coloridas interessantes. **[3144]**

O. REGIÃO CENTRO-OESTE:

Goiás, Mato Grosso

Correia, Virgílio (Filho). *Mato Grosso.* 2ª ed. Rio de Janeiro, 1939. 268 p. ilus. foto. map.

Obra estimável. Numerosas informações e descrições. A 1ª edição é de 1922, menos completa. **[3145]**

Derby, Orville A. *Nota sobre a geologia e paleontologia de Mato Grosso.* (Arch. Mus. Nac. IX, Rio de Janeiro, 1895). **[3146]**

Erichsen, Alberto. *Terrenos permianos e triássicos do sudoeste de Goiás. (Notas preliminares Dep. Nac. Prod. Miner. Serv. Geol. Miner. Brasil. nº* 3, Rio de Janeiro, set. 1936). **[3147]**

Erichsen, Alberto, e **Lofgren**, Alberto. *Geologia de Goiás a Cuiabá.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 102, Rio de Janeiro, 1940, 34 p. ilus. foto. lam.) **[3148]**

Erichsen, Alberto, e **Miranda**, João. *Geologia do sul de Goiás campanha de 1935 e 1936.* (Bol. Serv. Geol. Miner. Brasil, nº 994, Rio de Janeiro, 1939). **[3149]**

Erichsen, Alberto, e **Miranda**, João. *Terrenos devonianos em Goiás.* (Notas preliminares Dep. Nac. Prod. Miner. Serv. Geol. Miner. Bras. nº 5, Rio de Janeiro, nov. 1936). **[3150]**

Evans, J. W. *The geology of Mato Grosso particularly the region drained by the upper Paraguay.* (Quart. Jur. Geol. Soc. v. L, London, fev. 1894, p. 85-104, map.) **[3151]**

Hoehne, Frederico Carlos. *Fitofisionomia do Estado de Mato Grosso e ligeiras notas a respeito da composição e distribuição da sua flora.* Rio de Janeiro, 1923. 104 p. ilus. map.

Obra de valor. Trabalhos do mesmo autor foram publicados nas Memórias da Comissão de fronteiras chefiadas pelo general Rondon. **[3152]**

Leinz, Viktor, colab.

vide

Paiva, Glycon de, e **Leinz**, Viktor.

Leonardos, Othon Henry. *Rutilo em Goiás.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 30, Rio de Janeiro, 1938, 96 p. ilus. foto. map.)

Contém mapa geológico do sul de Goiás. Além das informações geológicas contém dados sobre o trabalho dos garimpeiros e as possibilidades futuras. **[3153]**

Lofgren, Alberto. *Reconhecimento geológico nos rios Tocantins e Araguaia.* (Bol. nº 10 Serv. Geol. Miner. Bras. Rio de Janeiro, 1936, 61 p. ilus. foto. maps. color.)

Contém mapas geológicos, 1:100.000 e 1:20.000.000. Além das

observações geológicas contém notações variadas do mais alto interesse. Boas fotografias. **[3154]**

Malme, G. O. A. *Beiträge zur Kenntnis der Cerrados-Baume von Mato Grosso.* (Ark. Bot. Stockolm, XVIII, 1924, p. 1-26, pranchas) **[3155]**

Milward, Guilherme Bastos. *Contribuição para a geologia do Estado de Goiás;* introd. de L. F. de Morais Rego. São Paulo, 1935. 98 p. map. **[3156]**

Miranda, João, colab.

vide

Erichsen, Alberto, e **Miranda**, João.

Paiva, Glycon de, e **Leinz**, Viktor. *Contribuição para a geologia do petróleo no sudoeste de Mato Grosso.* (Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. nº 37, Rio de Janeiro, 1939, 98 p. ilus. foto. plan.)

Contribuição importante ao conhecimento dos contatos entre o platô e o pantanal. **[3157]**

Paula Cidade, F. de. *Brasil-Bolívia.* (*Rev. Militar Bras.* XXVII, ns. 1-4, Rio de Janeiro, 1937, p. 29-41).

Trata do prolongamento da Estrada de Ferro Noroeste. Informações sobre Mato Grosso. **[3158]**

Rehn, James A. C. *A Zoologist in the Pantanal of the upper Paraguay.* (Scien. Month. XXXIX, Lancaster, jul. 1934, p. 20-39, foto.) **[3159]**

Rondon, Frederico. *Pelo Brasil Central;* pref. Pierre Deffontaines. São Paulo, 1934. 165 p. ilus. foto. (Brasiliana, v. 30) **[3160]**

Rondon, Frederico. *A vida no Pantanal.* (Geografia, ano II, ns. 2-3, São Paulo, 1936, p. 3-12, foto.)

Estudo muito literário, mas expressivo. **[3161]**

Sampaio, Alberto J. de. *A flora de Mato Grosso.* (Arq. Mus. Nac. XIX, Rio de Janeiro, 1916, p. 127).

Numerosos mapas dentre os quais convém ressaltar o da repartição da hévea, do mate e o ensaio de mapa fitogeográfico. **[3162]**

Santos, Tarcísio D. de Sousa. *Resumo da geologia do sul de Goiás.* (An. Esc. Politécnica VII, 2ª ser. São Paulo, 1940, p. 253-282, ilus. foto.)

Estudo sério baseado em leituras e viagens. Ressente-se da falta de mapa. **[3163]**

Vellard, J. *Mission au Goyaz et à L'Araguaya.* (La géographie, Paris, mar.-abr. 1931, 18 p.) **[3164]**

. . . .

História

OBRAS GERAIS

Rubens Borba de Morais
e Alice Canabrava

Aguiar, Antônio Augusto de. *A vida do Marquês de Barbacena.* Rio, Imprensa Nacional, 1896. 974 p.

Contém abundante documentação. **[3165]**

Albuquerque, Epitácio Pessoa Cavalcanti de. *Getúlio Vargas; esboço de biografia.* 2ª edição acrescida de um novo capítulo. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940. 251 p. ilus.

O autor fixa a personalidade desse chefe de estado e sua atividade pública na Segunda República. **[3166]**

Almeida, Eduardo de Castro e. *Inventário dos documentos relativos ao Brasil, existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa.* V. 1-5, Bahia, 1613-1807; v. 6, Rio de Janeiro, 1616-1729, Rio de Janeiro, 1913-1921. 6 v.

Separata dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. **[3167]**

Almeida, Tito Franco de. *O Conselheiro Francisco José Furtado: biografia e estudo de história política contemporânea.* Rio, Laemmert, 1867. **[3168]**

Araújo, Carolina Nabuco de. *A vida de Joaquim Nabuco.* S. Paulo, Editora Nacional, 1928. 526 p.

É a biografia do estadista e diplomata Joaquim Nabuco, acompanhada de numerosos documentos interessantes para a história do Segundo Império e primeiros tempos da República. **[3169]**

Araújo, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de. *Um estadista do império, por Joaquim Nabuco.* 3ª edição. S. Paulo, Editora Nacional, 1936. 2 v.

Obra fundamental para o estudo do Segundo Império. **[3170]**

Arquivo Real da Torre do Tombo vide

Lisboa. Arquivo Real da Torre do Tombo.

Atri, A. D'. *Quintino Bocayuva; pages d'histoire contemporaine.* Paris, Alcan-Lévy, 1901. 312 p.

É a biografia de um dos principais elementos da campanha republicana e ministro no governo provisório. O autor o focaliza como uma figura sul-americana, e não apenas nacional. **[3171]**

Berlink, Eudoro. *Apontamentos para a história militar do Duque de Caxias: obra póstuma, descoberta, identificada e integrada por E. Vilhena de Morais.* Rio, Briguiet, 1934. 400 p.

Contém textos e documentos em fac-símile. **[3172]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *Gomes Carneiro o general da República.* Rio de Janeiro, Guanabara, s.d. 187 p.

É um estudo biográfico do General Gomes Carneiro, o grande militar que defendeu a causa da República na revolução federalista de

1893, herói do cerco da Lapa; o autor baseou-se principalmente no depoimento dos contemporâneos do general. **[3173]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *O Marquês de Arantes.* Rio, Guanabara, 1933. 304 p. **[3174]**

Brasil. Comissão Pró-Monumento Deodoro. *Deodoro, 1827-1927.* Rio de Janeiro, Tip. d'A Encadernadora, 1929. 347 p. ilus.

Coletânea de escritos de diversos autores; focalizam a personalidade de Deodoro e seu papel na proclamação da República. Transcreve documentos e o programa dos festejos comemorativos do centenário do nascimento do marechal. **[3175]**

Brasil. Ministério da Guerra. *Almanaque do Ministério da Guerra.* Rio de Janeiro.

Anual. **[3176]**

Brasil. Ministério da Marinha. *Almanaque.* Rio de Janeiro, Imprensa Naval.

Anual. **[3177]**

Brasil. Ministério das Relações Exteriores. *Almanaque do pessoal.* Rio de Janeiro.

Anual. **[3178]**

Calógeras, João Pandiá. *O marquês de Barbacena.* São Paulo, Editora Nacional, 1932. 258 p. (Brasiliana, v. 2.) **[3179]**

Carrazzoni, André. *Getúlio Vargas.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939. 298 p. ilus. 19 x 13 cm. **[3180]**

Estadistas da República; 1º vol. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1940. 329 p.

O autor apresenta a biografia de quatro estadistas da República: Davi Campista, Carlos Peixoto, Gastão da Cunha e João Pandiá Calógeras. **[3181]**

Carvalho, Mário Teixeira de. *Nobiliário sul-rio-grandense.* Porto Alegre, Barcelos, Bertaso & Cia., 1937. 370 p. **[3182]**

Cascudo, Luís da Câmara. *O marquês de Olinda e seu tempo, 1793-1870.* Pref. do conde de Afonso Celso. São Paulo, Editora Nacional, 1938. 350 p. (Brasiliana, v. 107.) **[3183]**

Castañeda, Carlos Eduardo, and **Dabbs**, Jack Autrey. *Guide to the Latin American manuscripts in the University of Texas library.* Cambridge, Harvard University Press, 1939. 217 p. **[3184]**

Cavalcanti, Pedro. *O presidente Venceslau Brás, 1914-1918; ligeiro ensaio histórico.* Rio de Janeiro, J. R. dos Santos, 1918. 199 p.

Apreciação panegírica da presidência de Venceslau Brás. **[3185]**

Chagas, Paulo Pinheiro. *Teófilo Otoni, o ministro do povo.* Rio, Valverde, 1943. 440 p. **[3186]**

Comissão Pró-Monumento Deodoro vide

Brasil, Comissão Pró-Monumento Deodoro.

Costa, Craveiro. *O visconde de Sinimbu.* S. Paulo. Editora Nacional, 1937. 352 p. (Brasiliana, v. 79.) **[3187]**

Costa, Francisco Augusto Pereira da. *Dicionário Biográfico de Brasileiros Célebres.* Recife, 1882. 818 p. **[3188]**

Dawson, Thomas Cleland. *The South American Republics.* New York and London. G. P. Putnam's Sons, 1903-1904. 2 v.

O primeiro volume dedica as páginas 287-512 à história do Brasil, desde a descoberta até a primeira dé-

cada da República. Relato geral, lúcido e bastante exato para o tempo em que foi escrito, mas não documentado. O autor foi secretário da Legação dos Estados Unidos no Brasil. (E. S.) **[3189]**

Dezert, Georges Nicolas Desdevises du. *Les sources manuscrites de l'histoire de l'Amérique Latine à la fin du 8.e siècle, 1760-1807.* (Nouvelles Archives des Missions Scientifiques et Littéraires, Nouv. sér., 12; Paris, 1914. **[3190]**

Dornas, João (Filho). *Silva Jardim.* São Paulo, Editora Nacional, 1936. 190 p. (Brasiliana, v. 65.)

É a biografia do grande propagandista republicano, baseada nas *Memórias,* escritas pelo próprio biografado. **[3191]**

Egas, Eugênio. *Diogo Antônio Feijó.* S. Paulo, Tip. Levi, 1912. 2 v.

O primeiro volume é um estudo biográfico sobre o estadista e regente, e o segundo compõe-se inteiramente de documentos de sua autoria: cartas, dicursos, pareceres e outros trabalhos, como a memória sobre o celibato clerical, a lógica e as noções preliminares de filosofia. **[3192]**

Egas, Eugênio. *Galeria dos presidentes de S. Paulo, 1822-1924.* São Paulo, 1926-1927. 3 v.

Contém a biografia e retratos de todos os presidentes de São Paulo. **[3193]**

Faria, Alberto. *Mauá.* 2ª edição. S. Paulo, Editora Nacional, 1933. 568 p. (Brasiliana, v. 20.)

Contém valiosas informações para a história econômica e para o estudo do desenvolvimento material do Brasil no século 19. **[3194]**

Figanière, Frederico Francisco Stuart de, visconde de la Figanière. *Catálogo dos manuscritos portugueses existentes no Museu Britânico; em que também se dá notícia dos manuscritos estrangeiros relativos à história civil, política e litterária de Portugal e seus domínios; e se transcrevem na íntegra alguns documentos importantes e curiosos.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1853. 415 p.

Depois do trabalho de Oliveira Lima, que ampliou e corrigiu as imperfeições e lacunas deste catálogo, a sua consulta deve ser sempre acompanhada do manuseio do catálogo de Oliveira Lima. **[3195]**

Figueiredo, Afonso Celso de Assis, conde de Afonso Celso. *O visconde de Ouro Preto; excertos biográficos. Com acréscimos e anexos, entre os quais o "Advento da ditadura militar no Brasil ". Porto Alegre, Globo, 1935. 438 p. ilus.*

Biografia do chefe do último gabinete monárquico, que foi ao mesmo tempo ministro da Fazenda. Conta o trabalho do biografado, intitulado *Advento da ditadura militar no Brasil,* em que Ouro Preto procura justificar sua política, como Chefe do Gabinete e ministro na última fase da monarquia, e em face do movimento de 15 de novembro. **[3196]**

Fonseca, Antônio José Vitoriano Borges da. *Nobiliarquia pernambucana.* Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, 1935. 2 v. **[3197]**

Guaraná, Manuel Armindo Cordeiro. *Dicionário biobibliográfico sergipano.* Rio de Janeiro, 1925. 279 p.

A entrada é pelo prenome. **[3198]**

Guimarães, Argeu. *Dicionário biobibliográfico brasileiro de diplomacia, política exterior e direito internacional.* Rio de Janeiro, 1938. **[3199]**

Grubbs, Henry A. *A tentative guide to manuscript material in Latin American libraries.* (Handbook of Latin American Studies, 1935. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1936, p. 219-230.) **[3200]**

Haskins, Carryl Parkes. *The Amazon; the life history of a mighty river.* New York, Doubleday, Doran & Co. in., 1943. XVIII, 415 p.

Levantamento útil da história geológica e humana da bacia do Amazonas. Não documentado. (E.S.) **[3201]**

Hill, Lawrence Francis. *Diplomatic relations between the United States and Brazil.* Durham, North Carolina, Duke Univ. Press, 1932. 322 p.

Esta obra, que abrange o período 1808-1930, é uma contribuição excelente para o nosso conhecimento das relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Baseia-se em correspondência diplomática existente no Departamento de Estado e na Biblioteca do Congresso em Washington, assim como em fontes publicadas, não tendo sido usados, entretanto, materiais existentes nos arquivos brasileiros e portugueses. O autor é professor de história na Universidade do Estado de Ohio. (E. S.)

[3202]

Hill, Roscoe R. *The national archives of Latin America.* (Handbook of Latin American Studies, 1936. Cambridge, 1937. p. 433-442.) **[3203]**

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro. *Catálogo dos manuscritos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro existentes em 31 de dezembro de 1883; organizado por ordem alfabética e dividido em quatro partes: 1ª biografias; 2ª documentos; 3ª memórias; 4ª poesias.* Rio de Janeiro, Tip. Perseverança, 1884. 153 p. **[3204]**

Jaboatão, Antônio de Santa Maria, frei. *Catálogo genealógico das principais famílias procedentes de Albuquerque e Cavalcantis em Pernambuco e Caramurus na Bahia.* Rio de Janeiro, 1889. 497 p. **[3205]**

James, Herman Gerlach. *Brazil after a century of independence.* New York, The Macmillan Co. 1925. XII, 587 p.

Obra geral sobre o Brasil elaborada por um estudioso competente. As páginas 43-181 dão um esboço histórico que abrange os anos 1500-1924. O resto do volume se dedica às condições governamentais, econômicas e sociais. (E.S.) **[3206]**

James, Herman Gerlach. *The constitucional system of Brazil.* Washington, D.C., Garnegie Institution for Washington, 1923. 270 p.

Um estudioso competente analisa a estrutura governamental do Brasil durante a República. Estudo profundo e bem documentado. (E. S.) **[3207]**

James, Preston Everett. *Latin America.* New York, The Odyssey Press., 1942. XXI, 908 p.

As páginas 386-571 são sobre o Brasil. Valioso auxílio ao estudo da história, bem como da geografia, do Brasil. O melhor levantamento em inglês da geografia do Brasil. (E. S.) **[3208]**

Jardim, Antônio da Silva. *Memórias e viagens; I. Campanha de um propagandista, 1887-1890;* pref. de Oscar d'Araújo. Lisboa, Cia. Nacional Editora, 1891. 468 p.

Trabalho importante para o estudo da propaganda republicana no Brasil. **[3209]**

Leal, Antônio Henriques. *Panteon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos.* Lisboa, 1873. 4 v.

Contém as biografias de alguns maranhenses célebres entre os quais Gonçalves Dias, ao qual o último volume é consagrado. [**3210**]

Leão, José. *Silva Jardim: apontamentos para a biografia do ilustre propagandista; haurido nas informações paternas e dados particulares e oficiais.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1895. 290 p.

Biografia de um grande propagandista republicano. Na primeira parte, intitulada *O homem*, analisa a personalidade do biografado, sua formação intelectual e suas idéias; na segunda parte, estuda-o como propagandista da república e na terceira e última parte da obra, mostra sua atividade política no breve período de 1889-1890, antes de se retirar para a Europa, onde morreu em 1891. **[3211]**

Leme, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia paulistana.* São Paulo, 1904-1905. 9 v.

Silva Leme continuou e ampliou a obra genealógica de Pedro Taques feita no século XVIII. É obra clássica. **[3212]**

Leme, Pedro Taques de Almeida Pais. *Nobiliarquia paulistana: genealogia das principais famílias de S. Paulo.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., Rio de Janeiro, 1862, v. 32-35). **[3213]**

Lima, Manuel de Oliveira. *Memórias; estas minhas reminiscências...* Rio, José Olímpio, 1937. 319 p.

Obra prefaciada por Gilberto Freire; o autor revive aspectos interessantes da política nacional e internacional de 1900 e algumas das grandes figuras do cenário brasileiro da época. **[3214]**

Lima, Manuel de Oliveira. *Relação dos manuscritos portugueses e estrangeiros, de interesse para o Brasil, existentes no Museu Britânico de Londres;* edição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Companhia Tipografia do Brasil, 1903. 138 p.

Publicado primeiramente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 43, 2ª parte, p. 1-138, 1902. O prefácio, que ocupa 8 p., é assinado em 28 de janeiro de 1901. Este catálogo amplia e corrige os catálogos anteriores de La Figanière e de Varnhagen. Sem dúvida o trabalho de Oliveira Lima é mais completo do que os anteriores citados, e nele o estudioso encontra resumidos no seu conteúdo e considerados no seu valor os documentos existentes no Museu Britânico. Este catálogo deve abranger a maior parte dos manuscritos do Museu Britânico, de vez que, de 1860 em diante, conforme assegura o próprio Oliveira Lima, as aquisições do Museu foram insignificantes. A maioria deles foi conhecida e aproveitada por Robert Southey para a sua *História do Brasil.* **[3215]**

Lisboa. Arquivo Real da Torre do Tombo. *Inventário dos livros das portarias do*

Reino, 1639-1664. Lisboa, 1909-1912. 2 v. fol.

Estes dois volumes reúnem os inventários dos donativos feitos a pessoas que, por diferentes razões, se haviam tornado merecedoras da gratidão de Portugal. Encontram-se, aí, pessoas de todas as nacionalidades, do Brasil, da África, das Ilhas Açores, da Inglaterra, da Holanda, etc. As listas alfabéticas dos nomes e dos livros tornam este Inventário de grande utilidade para os genealogistas e aqueles que se ocupam da história das famílias nas diferentes partes do mundo. **[3216]**

Lobo, Hélio. *...Um varão da República: Fernando Lobo.* S. Paulo, Editora Nacional, 1937. 250 p. (Brasiliana, v. 88.)

Através da biografia de seu pai, Fernando Lobo, republicano histórico com atuação destacada durante a propaganda e como membro do novo governo depois do 15 de novembro de 1889, o autor trata da proclamação do regime em Minas e da sua consolidação no Rio de Janeiro. **[3217]**

Lira, Augusto Tavares de. *Deodoro da Fonseca; conferência realizada no Instiutto Histórico e Geográfico Brasileiro a 5 de agosto de 1927.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1927. 34 p.

Breve biografia de Deodoro, em que o autor explica as circunstâncias que o levaram a participar do movimento republicano; no final, o autor inseriu a fé do ofício do chefe do movimento armado de 15 de novembro. **[3218]**

Macedo, Joaquim Manuel de. *Ano biográfico brasileiro.* Rio de Janeiro, Imperial Instituto Artístico, 1876. 4 v.

Contém muitos erros de data. **[3219]**

Magalhães, Bruno de Almeida. *O visconde de Abaeté.* S. Paulo, Editora Nacional, 1939. 316 p. (Brasiliana, 143). **[3220]**

Manchester, Alan Krebs. *British preeminence in Brazil; its rise and decline.* Chapell Hill, Univ. North Carolina Press, 1933. XI. 371 p.

Estudo erudito, objetivo e precursor de um assunto importante. O melhor estudo do assunto em qualquer língua. (E. S.) **[3221]**

Manchester, Alan Krebs. *Descriptive bibliography of the Brazilian section of the Duke University library.* (Hisp. Amer. Hist. Rev., v. 13, p. 238-266, 495-523; Durhan, N. C., 1933). **[3222]**

Martin, Percy Alvin. *Brazil* (*Argentina, Brazil and Chile since independence, ed. by A. Curtis Wilgus.* Washington, D.C., The George Washington Univ. Press, 1935, p. 147-276).

Embora sucinto, este é um dos melhores levantamentos da História do Brasil, em inglês, relativa aos anos de 1808-1934. (E. S.) **[3223]**

Martin, Percy Alvin, trad. e ed. *A history of Brazil by João Pandiá Calógeras.* Chapell Hill, The Univ. of North Carolina Press., 1939. XXIII, 374 p.

Excelente tradução e publicação da história em um volume de Calógeras, pelo falecido Professor Martin, um dos melhores especialistas sobre o Brasil que os Estados Unidos produziram. O capítulo XVI foi escrito pelo editor (?) e continua a história do Brasil a partir de 1926, onde Calógeras parou, até 1937. **[3224]**

Martin, Percy Alvin. *Portugual in America.* (The Hispanic American Historical Review, XVII, may, 1937, p. 182-210). (E. S.) **[3225]**

Martin, Percy Alvin. *Who's who in Latin America.* Stanford University, University Press, 1935. 438 p. **[3226]**

Martins, Joaquim Dias. *Os mártires pernambucanos vítimas da liberdade nas duas revoluções, em 1710 e 1817.* Pernambuco, 1853. 393 p.

Contém, em ordem alfabética, as biografias de todas as pessoas que tomaram parte nesses dois movimentos políticos. **[3227]**

Martins, José Júlio Silveira. *Silveira Martins.* Rio de Janeiro, Tip. São Benedito, 1929. 425 p.

Biografia de um dos maiores oradores do parlamento monárquico; filiado ao partido liberal, foi um dos propagandistas republicanos. **[3228]**

Mauá, visconde de.

vide

Sousa, João Evangelista de, visconde de Mauá.

Maior, Pedro Souto.

vide

Souto Maior, Pedro.

Melo, Joaquim Antônio. *Biografias de alguns poetas e homens illustres da província de Pernambuco.* Recife, Tip. Universal, 1858-1860. 3 v. **[3229]**

Mendes, R. Teixeira. *Benjamim Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e obra do fundador da república brasileira.* Rio de Janeiro, Igreja Positivista do Brasil, 1913.

Segundo os princípios da filosofia positivista, o autor interpreta a figura do fundador da república, como uma resultante do meio social. Segundo declara o próprio autor na introdução da obra, os objetivos da publicação do livro, correspondem diretamente às exigências da propaganda positivista. No 1º vol. o autor estuda o meio social em que viveu Benjamim Constant, e depois traça sua biografia analisando cada uma das fases da vida do grande republicano. O 2º vol. foi dedicado inteiramente à transcrição de documentos. **[3230]**

Mendonça, Renato. *Um diplomata brasileiro na corte de Inglaterra; o barão de Penedo e sua época.* S. Paulo, Editora Nacional, 1943. 476 p. (Brasiliana, v. 219). **[3231]**

Ministério da Guerra

vide

Brasil. Ministério da Guerra

Morais, Eugênio Vilhena de. *Caxias em São Paulo: a revolução de Sorocaba.* Rio, Calvino, 1933. 200 p.

Estudo sobre a atuação do Duque de Caxias na debelação do movimento revolucionário liberal que em 1842 teve início na cidade de Sorocaba, em São Paulo. **[3232]**

Morais, Eugênio Vilhena de. *Novos aspectos da figura de Caxias, à luz de documentação inédita, com illustrações e facsímiles.* Rio, Leuzinger, 1937. 310 p.

Contém alguns subsídios interessantes para a história do Duque de Caxias. **[3233]**

Moura, João Dunshee de Abranches. *Governos e congressos da República dos Estados Unidos do Brazil: apontamentos biográficos sobre todos os presidentes e vice-presidentes da república, ministros de estado, e senadores e deputados ao Congresso*

Nacional, 1889-1917. São Paulo, 1918. 2 v. **[3234]**

Nabuco, Joaquim.
vide
Araújo, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de.

Napoleão, Aluísio. *O segundo Rio Branco: o homem e o estadista.* Rio de Janeiro, *A Noite*, 1941. 194 p. ilus.

O autor procurou retratar a personalidade e a obra de Rio Branco baseando-se nos próprios escritos deixados pelo biografado. **[3235]**

Nash, Roy. *The conquest of Brazil.* New York, Harcourt, Brace and Co. 1926. VII, 438 p.

Uma das melhores interpretações que jamais se escreveu sobre o Brasil. As páginas 3-168 consistem de um esboço histórico. O resto do volume se dedica aos aspectos econômicos e sociais do desenvolvimento do Brasil. Não documentado. (E. S.) **[3236]**

Negrão, Francisco de Paula. *Genealogia paranaense.* Curitiba, 1926-1928. 3 v. **[3237]**

Nogueira, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo; tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas.* São Paulo, 1907-12. 9 v. **[3238]**

Normano, João Frederico. *Brazil a study for economic types.* Chapell Hill, Univ. North Carolina Press. 1935. XII, 254 p.

Primeiro estudo adequado que apareceu em inglês sobre os recursos do Brasil e seu desenvolvimento econômico. Compreende material sobre o lugar que o país ocupa nas economias mundiais e uma discussão sobre o sistema bancário e financeiro do Brasil. (E. S.) **[3239]**

Oliveira Lima, Manuel de.
vide
Lima, Manuel de Oliveira.

Pais Leme, Pedro Taques de Almeida.
vide
Leme, Pedro Taques de Almeida Pais.

Pereira da Silva, João Manuel.
vide
Silva, João Manuel Pereira da.

Pinheiro Chagas, Paulo.
vide
Chagas, Paulo Pinheiro.

Pinho, José Vanderlei de Araújo. *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe.* Ordenadas e prefaciadas por Vanderlei Pinho, São Paulo, Editora Nacional, 1933. 300 p. ilus. (Brasiliana, v. 12.) **[3240]**

Pinho, José Vanderlei de Araújo. *Cotegipe e seu tempo; primeira fase, 1815-1867.* S. Paulo, Editora Nacional, 1937. 720 p. (Brasiliana, v. 85.) **[3241]**

Pontes, Carlos. *Tavares Bastos.* S. Paulo, Editora Nacional, 1939. 362 p. (Brasiliana, v. 136.)

Não se limita o autor à simples biografia; descreve a época e as agitações políticas de que participou o grande propugnador da descentralização e da abertura do Amazonas às nações do universo. **[3242]**

Quirino, Manuel Raimundo. *Artistas baianos; indicações biográficas.* Bahia, 1911. 257 p. **[3243]**

Rangel, Alberto do Rego. *Gastão de Orleans, o último Conde d'Eu.* São Paulo, Editora Nacional, 1935. 434 p.

Baseada sobretudo em pesquisas realizadas pelo autor nos arquivos europeus. Daí encerrar numerosas informações referentes não só à vida

do príncipe, propriamente dita, mas também a movimentos de que ele participou ativamente, como, por exemplo, a última fase da guerra do Paraguai. **[3244]**

Rangel, Alberto do Rego, e **Calógeras,** Miguel. *Inventário dos inestimáveis documentos históricos da Casa Imperial do Brasil, no castelo d'Eu, em França.* Rio de Janeiro, 1939. 2 v. (Anais da Biblioteca Nacional, v. 54-55.) **[3245]**

Santos, Amílcar Salgado dos. *A Imperatriz D. Leopoldina.* São Paulo, Escolas Profis. Salesianas, 1927. 196 p.

Trabalho de valor informativo. **[3246]**

Santos, Presalindo Lery. *Panteon fluminense; esboços biográficos.* Rio de Janeiro, 1880. 667 p.

Contém as biografias de uma centena de pessoas célebres nascidas no Rio de Janeiro. **[3247]**

Sena, Ernesto. *Deodoro: subsídios para a história; notas de um repórter.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913. 257 p.

São notas sobre a personalidade de Deodoro e seu papel na proclamação da República, de valor informativo. **[3248]**

Silva, João Manuel Pereira da. *Os varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais.* Paris, A. Franck, 1858. 2 v.

Deve ser consultado com cuidado, pois contém muitos erros. **[3249]**

Silva, Manuel Francisco Dias da. *Dicionário biográfico dos brasileiros célebres nas letras, artes, politica, filantropia, guerra, diplomacia, indústria, ciências e caridade, desde o ano 1500 até nossos dias (contendo cento e três biografias).* Rio de Janeiro, Laemmert, 1871. 192 p. **[3250]**

Silva Jardim, Antônio.
vide
Jardim, Antônio Silva.

Silveira Martins, José Júlio.
vide
Martins, José Júlio Silveira.

Sisson, Sebastião Augusto. *Galeria dos brasileiros ilustres: os contemporâneos; retratos dos homens mais ilustres do Brasil, na política, ciências e letras desde a guerra da independência até os nossos dias.* Rio de Janeiro, S. A. Sisson, 1861. 2 v.

As biografias redigidas por diversos autores são geralmente encomiásticas. É obra valiosa pelos magníficos retratos litografados. **[3251]**

Sousa, João Evangelista de, Visconde de Mauá. *Autobibliografia, contendo a Exposição aos credores e ao público, seguida de O meio circulante no Brasil.* 2ª edição, prefaciada e anotada por Cláudio Ganns, Rio, Valverde, 1941. 370 p. (Col. Depoimentos Históricos, v. 3.)

Valioso documento para a história econômica do Brasil durante o segundo império: o prefácio e as notas de Cláudio Ganns, além de esclarecerem o texto, trazem novos elementos para o estudo da figura de Mauá. **[3252]**

Sousa, Otávio Tarqüínio de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo.* Rio, José Olímpio, 1937. 300 p. (Col. Documentos Brasileiros, v. 3.)

Estudo claro, objetivo e documentado sobre Bernardo de Vasconcelos e sua obra durante o período regencial. **[3253]**

Sousa, Otávio Tarqüínio de. *Diogo Antônio Feijó.* Rio, José Olímpio, 1942. 332 p. (Col. Documentos Brasileiros, v. 35.)

Em torno da vida e da obra de Feijó, o autor realiza estudo sobre o primeiro império e a regência. **[3254]**

Sousa, Otávio Tarqüínio de. *Evaristo da Veiga.* São Paulo, Editora Nacional, 1939. 320 p. ilus. (Brasiliana, v. 157.)

Baseado em documentação original. **[3255]**

Souto Maior, Pedro. *Nos arquivos de Espanha; relação dos manuscritos que interessam ao Brasil.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., v. 81 p. 7-208, Rio de Janeiro, 1918) **[3256]**

Studart, Guilherme, Barão de Studart. *Dicionário biobibliográfico cearense.* Fortaleza, 1910-1915. 3 v. **[3257]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *O Visconde do Rio Branco;* pref. de Afonso de E. Taunay, S.L. p. s. c., pref. 1930. 156 p.

Trabalho escrito por quem conviveu intimamente com o Visconde do Rio Branco, apresenta informações interessantes sobre a sua pessoa e a sua obra durante o Segundo Império. **[3258]**

Tolentino, José. *Nilo Peçanha; sua vida pública.* Petrópolis. A. Martins, s.d. 365 p.

Obra de caráter panegírico, escrito por grande amigo do biografado. Procura reconstruir a vida pública do Presidente Nilo Peçanha, apresentando ao mesmo tempo um panorama da democracia brasileira no período da atividade política daquele. **[3259]**

Vampré, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo.* São Paulo, Saraiva & Cia, 1924. 2 v. **[3260]**

Varnhagen, Francisco Adolfo de, visconde de Porto Seguro. *Sucinta indicação de alguns manuscritos importantes, respectivos ao Brasil e a Portugal, existentes no Museu britânico em Londres, e não compreendido no Catálogo Figanière*, publicado em Lisboa em 1853; ou, Simples aditamento ao dito Catálogo. Habana, Imprenta la Antilla, 1863.

Na advertência, afirma Vanhagen que o fito foi o de informar as muitas preciosidades no catálogo que, para a venda da valiosa livraria de Lorde Stuart, publicaram os leiloeiros Leight Southely & John Wilkinson (impresso em Londres, por J. Davy e filhos, in 8º, 324 p). Segundo Oliveira Lima (of. Relação etc.), este trabalho quase não tem importância, e diz menos que o catálogo do leilão. Trata-se de um aditamento ao *Catalogo de La Figanière*; nele se limita a enumerar os códices adquiridos pelo Museu Britânico no leilão da livraria de Lord Stuart de Rothesay, no ano de 1855. **[3261]**

Vasconcelos, Rodolfo de, Barão de. *Arquivo Nobiliárquico brasileiro.* Lausanne, 1908. 622 p. ilus.

Contém todos os titulares do império com suas biografias, datas dos decretos de criação do título e brasão. A entrada é feita em ordem alfabética, pelos títulos. No fim do volume existe um índice dos nomes dos titulares. **[3262]**

Vasconcelos, Rodolfo Smith de. *Arquivo nobiliárquico brasileiro, organizado pelo barão de Vasconcelos... e o barão Smith de Vasconcelos.* Lausanne, Impr. de la Concorde, 1918. 622 p.

Contém, em ordem alfabética, todos os titulares do Império com descrição de suas armas, data em que receberam seus títulos e outras pe-

quenas informações. Contém no fim um índice com entrada pelo nome do titular. **[3263]**

Velho, João Francisco (Sobrinho). *Dicionário biobibliográfico brasileiro.* Rio de Janeiro, 1937-1940. 2 v.

Contém as biografias e as bibliografias de autores brasileiros. Infelizmente não existe o menor critério para a entrada dos nomes de autor que ora aparecem pelo prenome ora por um dos nomes. No segundo volume existe um índice também muito malfeito, o que torna a consulta na obra extremamente difícil. Só foram publicados os dois volumes referentes às letras A e B. **[3264]**

Viana, Ferreira (Filho). *Biografia do senador general Quintino Bocaiúva, chefe da propaganda republicana.* Capital Federal, Tip. Com. de Lot. N, do Brasil-Sapopemba, 1900. 61 p. **[3265]**

. . . .

Período Colonial *

Sérgio Buarque de Holanda

Na expansão marítima de Portugal, o Brasil só começa a ocupar lugar à parte alguns decênios após o Descobrimento. A posse de terras americanas interessou primeiramente a coroa lusitana porque assegurava escala e refresco às frotas destinadas à Índia e os mais antigos exploradores do litoral não encontraram aqui muitas riquezas ao alcance da mão. Vespúcio, que esteve em algumas das primeiras expedições de reconhecimento, notou, é verdade, infinitas árvores de *verzino*, ou pau-de-tinta, entre outras essências apreciadas na época, mas confessa que além disso não viu coisa de proveito. Os avultados cabedais, que os primeiros arrendatários da terra e alguns aventureiros felizes parecem ter tirado da exploração do produto, não eram o bastante para distrair os portugueses da miragem do Oriente.

O resultado é que todos os documentos hoje conhecidos sobre a época da história do Brasil, que corre de 1500 a 1532 e mais tarde têm caráter puramente episódico, pertencem a um gênero de que a literatura portuguesa do Renascimento nos oferece exemplos numerosos e ilustres: as relações de viagem.

Corresponde a esse gênero, como bem se pode imaginar, o principal depoimento de uma testemunha direta do descobrimento, a carta de Pero Vaz de Caminha. Publicado pela primeira vez na *Corografia Brasílica* de Aires de Casal, que se imprimiu no Rio de Janeiro em 1817, o texto do escrivão da esquadra de Cabral constitui uma narrativa admiravelmente preciosa e minuciosa do "achamento" da nova terra. Entretanto esse documento, tal como aparece no livro citado, apresenta freqüentes

(*) A bibliografia foi organizada por Alice Canabrava e Rubens Borba de Morais.

erros de cópia e até omissões, que aumentam os obstáculos à interpretação de uma linguagem antiquada e nem sempre límpida. Já nos meados do século passado iniciaram-se as tentativas de "tradução" do texto. Os esforços de João Francisco Lisboa (1853), notável historiador brasileiro e, muito depois, os de João Ribeiro (1910) e Capistrano de Abreu (1908 e 1922), fundados em cópia mais fidedigna do que a da *Corografia*, contribuíram largamente para a melhor inteligência da carta. A publicação, no ano de 1923, da *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, em cujo segundo volume vem uma "Versão em linguagem atual da Carta", acompanhada de abundantes e eruditas anotações de autoria de Carolina Michaëllis, assinalou verdadeiramente uma etapa definida nesses estudos. De então para cá as investigações filológicas, críticas e interpretativas de Malheiros Dias (1923), Sousa Pinto (1933-34), Antônio Baião (1940) e Simões Ventura (1942), assim como a do senhor Jaime Cortesão (1943), a mais recente de todas e que se apóia numa revisão geral dos vários problemas atinentes à Carta e ao seu autor, serviram para reavivar consideravelmente o interesse dos historiadores pelo documento venerando.

As grandes qualidades de observação, a preocupação de medir, calcular e comparar tudo quanto os olhos vêem – relacionadas por Capistrano de Abreu a hábitos adquiridos pelo escrivão no seu antigo emprego de mestre da balança da moeda, que obrigava a pequenos números e o fazia responsável por frações mínimas, torna o relato de Caminha bem superior ao comum das narrativas de viagem de sua época. Superior, não há dúvida, aos outros testemunhos conhecidos sobre o Descobrimento do Brasil – a "Carta do Mestre João", cujo texto original foi encontrado por Varnhagen e reproduzido pela primeira vez no tomo V da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1843), ou a chamada "Relação do Piloto Anônimo", que já aparece na coleção *Paesi nuovamente retrovati*, de Montabodde (1507) e nas *Navigationi et Viaggi* de Ramusio (Veneza, 1550) –, mas também à maior parte das notícias de viajantes e cronistas acerca das condições da terra nos trinta ou quarenta anos que se seguiram à expedição de Cabral.

Sem pertencer rigorosamente aos relatos de viagem, a *Nova Gazeta Alemã*, ou *Newen Zeitung auss Pressilg Landt*, contém numerosos pormenores trazidos à ilha da Madeira por um dos dois navios de uma esquadrilha que correu a costa sul do Brasil. O redator do depoimento, residente na ilha e talvez agente comercial de uma firma de Antuérpia, quase se limita a transmitir o que ouvira de um piloto da expedição. Durante longos anos foi objeto de controvérsias a data em que teria sido redigida a *Nova Gazeta*, impressa na Alemanha já no século XVI. Konrad Habler encerrou definitivamente a questão, divulgando uma cópia do original, que encontrou no arquivo dos Fugger, em Augsburgo, e onde se lê a data de 1514. Servindo-se do apógrafo publicado, Clemente Brandenburger fez uma tradução brasileira, que saiu juntamente com a reprodução do documento e comentários elucidativos.

Sabe-se, com auxílio desse documento, que o navio percorreu a região então ainda inexplorada, que fica ao sul da Laguna, no atual Estado de Santa Catarina, descobriu o cabo de Santa Maria, reconheceu o estuário do rio da Prata, deixando de prosseguir viagem na direção do estreito de Magalhães devido a um forte temporal, e chegou de volta à Madeira no dia 12 de outubro de 1514. A *Gazeta* dá notícia de aves e frutas que produzia a terra, fala em sinais de prata, ouro e cobre, detém-se na descrição de peles de animais trazidas a bordo, refere-se aos moradores da costa e, pela primeira vez, faz circular a crença, tão difundida mais tarde, de que havia entre eles memória do apóstolo São Tomé e marcas visíveis de sua estada nas paragens percorridas. Graças sobretudo a Capistrano de Abreu foi possível identificar essa expedição com a armada de D. Nuno Manuel, mencionada em uma carta de Álvaro Mendes de Vasconcelos, que Varnhagen divulgou. Nenhum outro documento conhecido sobre as expedições que se sucederam entre a viagem de Cabral e a de Martim Afonso de Sousa é tão informativo no tocante a coisas do Brasil como a *Newen Zeitung*.

Pouco se sabe dos estabelecimentos de civilizados que já por esse período se foram fixando em alguns pontos de nosso litoral. Povoados

em grande parte de degredados, segundo todas as aparências, esses núcleos incipientes ajudavam o abastecimento das frotas de comércio e facilitavam de todos os modos o trato com o indígena. Criaram-se, dessa forma, autênticos "viveiros" de línguas e práticos da terra, ao mesmo passo em que se lançavam os postos avançados da civilização européia. Os moradores brancos deveriam acomodar-se aos costumes do gentio e viver do seu mantimento, à falta de outro. Não é crível que então fizessem suas granjearias à européia, embora em certos lugares, em São Vicente por exemplo, – a julgar pelo que se lê no *Islario General* de Alonso de Santa Cruz –, existisse, já em 1530, abundância de galinhas e porcos de Espanha. Em todo o caso, e não obstante afirmativa em contrário de Varnhagen, não se conhece até hoje nenhuma prova cabal de que antes da viagem de Martim Afonso fosse cultivada a cana-de-açúcar em qualquer parte do nosso litoral.

A produção brasileira, em que ainda não entravam os metais preciosos, nem as especiarias, exceção feita da pimenta da terra que, de resto, só a partir de meados do século se transforma em gênero de comércio –, principia a fazer-se manifesta graças a tais entrepostos. Aos poucos e apesar da concorrência de aventureiros franceses, o Brasil ajusta-se aos moldes característicos do império português da era quinhentista, que R.M. Tawney definiu expressivamente como "uma linha de fortalezas e feitorias de dez mil milhas de extensão" ("a line of forts and factories 10.000 miles long").

É escassa a documentação existente ou impressa acerca dos produtos comerciáveis que se tiravam da terra antes da criação das capitanias. A fonte mais conhecida, do lado português, é o *Llyuro da naoo bretoa*, publicado na íntegra e pela primeira vez na *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, 1ª ed. (1854), I 427 ss. Armada por Fernão de Noronha e alguns sócios, entre os quais contava-se o opulento Bartolomeu Marchione, a nau *Bretoa* partiu do Tejo a 22 de fevereiro de 1511 e ancorou a 17 de abril na Baía de Todos os Santos, onde esteve alguns dias, partindo em seguida para Cabo Frio. A carga que de regresso levou incluía cinco mil

e nove toros de pau-brasil, trinta e seis escravos, vinte e dois tuins, dezesseis gatos, dezesseis sagüis, quinze papagaios e três macacos.

Mais variado, aparentemente, e mais abundante, era o carregamento levado vinte anos depois pela nau marselhesa *La Pèllerine*. Querem alguns historiadores que, além dos artigos enumerados a propósito da nau *Bretoa*, essa embarcação tenha conduzido também trezentos quintais de algodão e outro tanto de pimenta. Não está apurado, em todo o caso, se a palavra "bombicis", usada no texto latino do 2º *Libelo do Barão de Saint Blancard*, pode ser interpretado adequadamente como significando algodão, e nada autoriza a ler "pimenta" onde o original diz apenas "sementes" ou "grãos*": "tantunem de granis illius patrie..."*

La Pèllerine, apresada em 1532 por uma armada portuguesa, ao sair do porto de Málaga, abastecera-se em Pernambuco, onde deixou construída a fortaleza que Pero Lopes destruiu ao regressar a Portugal. O líbelo do senhor de Saint Blancard, armador da nau, contra os responsáveis pelo apresamento, é valioso como fonte de informações sobre as mercadorias que os franceses vinham buscar à costa do Brasil e sobre o preço que alcançavam as mesmas na França. Sua publicação integral foi feita na *História Geral*, 1ª ed. O Sr. Eugênio de Castro, reproduziu-a em sua edição do *Diário de Navegação* de Pero Lopes (1927 e 1940), de acordo com o manuscrito existente no arquivo da Torre do Tombo, fazendo-o acompanhar de uma tradução portuguesa da autoria de Pandiá Calógeras.

Foi exatamente a freqüência de navios franceses no Atlântico sul e o perigo que isso representava para a soberania de Portugal em suas possessões americanas o que conduziu a coroa lusitana a cuidar mais seriamente do Brasil. Às armadas que demandavam a Terra de Santa Cruz, competia agora não só perscrutar nosso litoral, como ainda desalojar dele os intrusos. Ao partir de Lisboa em 3 de dezembro de 1530, com destino às cobiçadas regiões ultramarinas, a armada de Martim Afonso de Sousa trazia instruções precisas a tal respeito. O que significou a expedição como ponto de partida para a atividade colonizadora de Portu-

gal no Brasil, é bem sabido dos historiadores. O ponto alcançado pela frota em nosso litoral, foi o cabo de Santo Agostinho, onde se aprisionaram navios franceses. De Pernambuco, primeira escala depois desse sucesso, mandou Martim Afonso duas caravelas para o norte a explorarem o rio do Maranhão, enquanto uma das suas naus apresadas era enviada a Lisboa. O resto da armada rumou para o sul e esteve sucessivamente na Baía de Todos os Santos, na do Rio de Janeiro, em Cananéia, seguindo depois para o rio de Solis. Parte das embarcações sob o comando de Pero Lopes de Sousa chegou a subir o rio e, depois de assinalarem a posse da coroa portuguesa por meio de padrões de pedra, voltaram todos em direção de São Vicente, onde chegaram a 21 de janeiro de 1532.

Nenhuma expedição anterior abarcara tamanha extensão do litoral brasileiro. O próprio sertão chegou a ser percorrido em alguns pontos. Assim é que do Rio de Janeiro, onde a esquadra permanecera cerca de noventa dias, foram mandados quatro homens pela terra dentro. Regressariam ao cabo de dois meses, tendo andado cento e quinze léguas, e trazendo consigo amostras de cristal, notícias do longínquo rio Paraguai e a informação de que existiria muito ouro e prata nessas paragens.

Outra bandeira subiu de Cananéia, onde os de bordo encontraram um misterioso bacharel degredado, residente no lugar havia trinta anos. Seduzido por informações de outro morador, Francisco de Chaves, "grande língua da terra", mandou o capitão-mor 80 homens, sob o comando de Pero Lobo a descobrirem o sertão. Obrigara-se Chaves, como guia dos expedicionários, a tornar ao porto em dez meses, trazendo quatrocentos escravos carregados de ouro e prata. A bandeira teve fim trágico, destroçada que foi pelos índios bravos num ponto sito entre o rio Iguaçu e o Paraná. Deve-se este último detalhe aos *Comentários* do Adelantado Cabeza de Vaca, governador castelhano do rio da Prata, que efetuou por terra, nos anos de 1541 e 1542, o percurso entre Santa Catarina e Assunção do Paraguai.

De São Vicente, o próprio governador internou-se serra acima alcançando as margens do rio Piratininga nos campos onde mais tarde se

ergueria São Paulo. Aqui ou em São Vicente permaneceu ele por algum tempo, à espera de notícias da bandeira mandada ao sertão, enquanto seu irmão Pero Lopes tornava a Portugal para dar conta a el-Rei do sucedido. Mas em fim de julho ou princípio de agosto de 1533 já se achava de volta, em Lisboa, tendo estado quase três anos em viagem.

Além dos serviços que prestara explorando o litoral e despejando da terra os franceses, coube a Martim Afonso lançar as verdadeiras bases do povoamento regular do Brasil. Ao regressar ao Reino, tinha estabelecido uma vila em São Vicente, outra em Piratininga, fazendo nelas oficiais e repartindo terra aos colonos para suas fazendas. No Rio de Janeiro levantara uma casa-forte. Na Bahia deixara dois homens "para fazerem experiência do que a terra dava e lhes deixou muitas sementes". Em Pernambuco, depois de destruir a fortaleza edificada pelos franceses da nau *La Pèllerine,* Pero Lopes instalara em seu lugar uma guarnição portuguesa.

Justamente a Pero Lopes e ao seu *Diário de Navegação* deve-se a narrativa mais ou menos circunstanciada desses feitos. A publicação em primeira mão do documento foi feita por Varnhagen, que se serviu de um manuscrito pertencente ao bispo conde D. Francisco de São Luís, retificando-o e completando-o em alguns pontos com auxílio de um códice da Biblioteca do Paço da Ajuda. A essa edição, saída em 1839, seguiu-se em 1847 uma segunda, impressa no Rio de Janeiro, por iniciativa da Assembléia Provincial de São Paulo. A terceira, apoiada, já agora, apenas no Códice da Ajuda, publicou-se em 1861 na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* tomo XXIV. Além dessas, e da quarta, devida também a iniciativa de Varnhagen, cumpre acrescentar agora a de 1927 e a de 1940, onde o texto original aparece restabelecido em alguns pontos e enriquecido de copiosas anotações e comentários, devidos ao Comandante Eugênio de Castro.

O diário de Pero Lopes valerá menos pelas qualidades de observação nele revelados do que pela importância singular que assume a expedição de 1530-1532 em face dos sucessos ulteriores da colonização.

Diante do espetáculo da terra e de seus habitantes, o autor não poupa adjetivos. Na Bahia a gente parece-lhe toda alva, os homens bem dispostos e as mulheres tão formosas que não lhes fariam inveja as da Rua Nova de Lisboa. No Rio de Janeiro ocorre o mesmo, apenas "é mais gentil a gente". Em São Vicente a situação ainda melhora: "a todos nos pareceu tão bem esta terra", diz, "que o capitão determinou de a povoar". São até hoje dignas de atenção as notícias que dá o *Diário* acerca dos indígenas do Prata e da região do cabo de Santa Maria.

É possível avaliar a importância que teve a expedição, sabendo-se que só depois de seu regresso resolveu D. João III levar avante o plano de dividir o Brasil em donatárias – primeiro passo decisivo para a colonização – reservando ao capitão da frota o que lhe parecesse melhor quinhão. Essas donatárias, ou capitanias hereditárias, inauguraram uma fase bem definida na política adotada pela coroa portuguesa com relação ao Brasil. Reproduz-se aqui, com pouca diferença, o sistema já experimentado por Portugal em suas possessões insulares do Atlântico, e que não chegara a ser tentado nem na África continental, nem nas Índias.

Os princípios que regulavam o sistema das capitanias estão compendiados por um lado nas *cartas de doação*, onde o soberano fazia mercê de certas porções de território a seus protegidos, e por outro nos *forais*, que fixam direitos, foros, tributos e coisas que nos mesmos territórios seriam pagas à coroa e aos donatários. Esses textos, que podem ser lidos, em parte, nos *Documentos Históricos* da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, vol. XIII (1929), são juntamente com as *Ordenações Manuelinas* a fonte mais importante para o conhecimento do regime jurídico que dominou o Brasil durante os primeiros tempos da colonização.

O malogro do sistema das capitanias hereditárias foi quase geral, não obstante algumas exceções de relevo. Por esse motivo e também no intuito de reforçar a autoridade da Coroa, recorreu-se à instituição do governo-geral, iniciado em 1549 com a vinda de Tomé de Sousa. A partir desse momento, a ambição de povoar e defender a terra recebe constante impulso. Com os donatários e governadores afluem, em número

cada vez maior, os colonos. Trazem consigo o boi, o cavalo, a vinha, o trigo. Trazem também negros de Guiné e Angola, mais dóceis do que o gentio do país, principalmente para a faina agrícola. Com esses elementos traçam-se os primeiros esboços da vida civil e implantam-se na colônia nascente muitas instituições tradicionais da metrópole. Em companhia do primeiro governador-geral chegam também os primeiros jesuítas, que além de exercerem sua missão espiritual, vão deixar depoimentos numerosos e alguns deles preciosos acerca da fase inicial da ocupação européia.

Graças a esses e outros testemunhos pode-se, com alguma precisão, reconstituir o que foi a vida da colônia na segunda metade do século XVI. A história do Brasil apresenta-se, já agora, não mais na marcha irregular e episódica dos acontecimentos, mas, se assim se pode dizer, em seu movimento interno. Informações epistolares, tratados descritivos e históricos, redigidos por homens mais ou menos letrados, ajudam a fixar mais nitidamente os contornos dessa sociedade em germe. A literatura dos missionários forçados a longa assistência na terra é fonte de primeira ordem para os historiadores dos nossos dias. Mesmo do ponto de vista etnológico, alguns desses documentos ainda conservam todo o seu valor, e já puderam ser comparados vantajosamente a trabalhos de especialistas modernos que realizam suas viagens com prazo fixo.

As cartas e informações, em grande parte inéditas, que nos ficaram dos padres da Companhia, têm lugar importante nessa literatura. As primeiras missivas do P. Manuel de Nóbrega, datadas do ano de 1549, representam, cronologicamente, os primeiros depoimentos existentes acerca das condições em que viviam índios, clérigos e colonos após a instalação do governo-geral. São particularmente numerosos os textos jesuíticos divulgados sobre a situação do Brasil no primeiro meio século da colonização, ou seja na segunda metade do século XVI. Entre 1931 e 1933, a Academia Brasileira de Letras reuniu em três volumes uma parte apreciável desses textos, saídos anteriormente em publicações esparsas e em geral pouco acessíveis aos estudiosos. No primeiro volume incluem-

se cartas de Nóbrega, abrangendo o período que vai de 1549 a 1560; no segundo, sob o título de *Cartas Avulsas,* as de Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Pero Correia, Diogo Jácome, Antônio Blasquez, Antônio Rodrigues, Luís de Grã, etc. escritas entre 1550 e 1568; o terceiro, finalmente, contém as *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões* do Padre José de Anchieta, envolvendo o período de 1554 a 1594. Recentemente, com as *Novas Cartas Jesuíticas* (São Paulo, 1940), publicadas pelo Dr. Serafim Leite, S.J., imprimiu-se numerosa documentação inédita sobre o Brasil quinhentista. Basta dizer que só de Manuel da Nóbrega foram acrescentadas com essa publicação, mais quinze cartas às vinte e uma até então conhecidas.

Os depoimentos dos primeiros jesuítas detêm-se sobretudo na descrição dos costumes dos indígenas e das relações entre eles e os brancos; isso é bem compreensível em homens que tinham como principal missão e ocupação conquistar para a religião cristã as almas do gentio. "Des que uma vez vim aqui" – diz uma carta do padre Rui Pereira, datada de 1560, na Bahia – não pude deixar de fazer todo o possível para vir viver entre eles, e quando vou à cidade, uma tarde que lá estou parece estar em deserto." (*Cartas Avulsas,* pág. 263)

No epistolário jesuítico tem particular relevo a carta *Quam plurimarum rerum naturalium* (1560) de José de Anchieta, onde ao lado de informações etnológicas de excepcional importância, encontram-se dados sobre a fauna e flora do país. Aos contemporâneos de Anchieta, não escapou o valor informativo desse documento, pois já em 1565 era ele publicado em tradução italiana. Em 1799 imprimia-se em Lisboa o texto latino acompanhado de notas elucidativas de autoria de Dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes. À versão portuguesa que desse documento deu Teixeira de Melo e que foi aproveitada na edição da Academia Brasileira, acima citada, deve ser preferida, por mais fiel, a do Prof. Vieira de Almeida, publicada em São Paulo, em 1900. Igualmente valiosos como testemunhos de primeira mão sobre a religião e costumes dos naturais do país, são a *Informação da Terra do Brasil* (1549) de Nóbrega e a *Informação*

dos Casamentos dos Índios do Brasil, atribuída a José de Anchieta. Outro documento do maior alcance sobre a vida colonial nos decênios que se seguiram à vinda do primeiro governador é sem dúvida a *Informação da Província do Brasil para nosso Padre* (1585). Embora incluída entre as cartas e informações de Anchieta, está hoje fora de dúvida que não foi redigida pelo canarino, mas segundo todas as probabilidades, pelo P. Fernão Cardim. Trata-se de um relatório acerca da situação dos colégios e casas da Companhia no Brasil, com descrição pormenorizada das vestimentas e vitualhas em uso na terra.

As obras principais de Cardim e que se situam positivamente no primeiro plano entre as crônicas quinhentistas suscetíveis de servir à história da colonização, são os tratados sobre o *Clima e a Terra do Brasil,* o *Princípio e Origem dos Índios* e a *Narrativa Epistolar.* Os dois primeiros saíram em inglês no vol. IV da coleção *Purchas, his Pilgrimes,* publicado em Londres no ano de 1625, com o título – *A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there.* Em 1881 e 1885 respectivamente foram editados os dois escritos, no Rio de Janeiro, no idioma original e de acordo com o texto manuscrito encontrado na Biblioteca de Évora. A *Narrativa Epistolar* imprimiu-se pela primeira vez em 1847, na Imprensa Nacional de Lisboa, tendo sido republicada total ou parcialmente, por mais de uma ocasião, durante o século passado. Em 1925 saíram em um único volume os três principais escritos de Fernão Cardim, precedidos de um estudo da autoria de Rodolfo Garcia, e com o título – *Tratados da Terra e Gente do Brasil.* Nova edição desse volume publicou-se em São Paulo, no ano de 1939.

Chegando ao Brasil em 1583 e redigindo seus tratados depois dessa data e antes de 1601, Cardim encontrou os índios já em grande parte domesticados e os colonos bem assentes na terra. Excetuada a *Narrativa Epistolar*, que contém observações pessoais, os outros fundam-se em grande parte nas informações deixadas por outros observadores. Averiguaram-se, com efeito, entre seus escritos e os de Anchieta, por exemplo, coincidências que não devem ser puramente fortuitas. Seja como

for, o depoimento de Fernão Cardim é fonte indispensável para quem tente reconstituir o que foi nossa vida colonial nos últimos decênios da época quinhentista. Graças à *Narrativa Epistolar* sabemos, entre outras coisas, quantos engenhos funcionavam nos vários centros da colônia; qual a sua produção em arrobas de açúcar; quantos os habitantes brancos, índios e negros, quais os mantimentos de que se sustentavam, as roupas de que se vestiam, os jogos e divertimentos em que se entretinham. É bem conhecida sua página sobre o viver da gente de Pernambuco, onde Cardim encontrou mais vaidade do que em Lisboa.

Longe, porém, de ser um ríspido censor, à maneira de tantos dos seus próprios confrades, a começar por Manuel da Nóbrega, Cardim sabia envolver homens e coisas numa atmosfera de risonha simpatia. Escrevendo quase um século depois de Pero Vaz Caminha, a terra ainda lhe parecia graciosa e primaveril.

No entanto, a fisionomia da sociedade colonial se transformara quase radicalmente durante os três ou quatro decênios anteriores. Na época em que Cardim, por comissão do padre visitador Cristóvão de Gouveia, registrava suas impressões da viagem empreendida ao longo da costa, o Brasil já tinha um passado. Nove anos antes, em 1576, aparecera em Lisboa um livrinho de quarenta e oito páginas, trazendo o título significativo de *História da Província de Santa Cruz*. Dedicado ao muito ilustre senhor Dom Leonis Pereira, governador que foi de Malaca e dos mais países do sul da Índia, a *História* trazia a assinatura de Pero de Magalhães de Gandavo, já conhecido como autor de umas *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortografia portuguesa.* Natural de Braga, posto que de ascendência flamenga, como indica seu nome (Gandavo queria dizer morador ou natural de Gand), o autor desse escrito, destinado expressamente a publicar as excelências da terra, esteve no Brasil em época e lugar que não se podem determinar com precisão. Em realidade o único indício de que conheceu pessoalmente a "Terra de Santa Cruz", "pouco sabida", aparece na dedicatória, onde ele se diz "testemunha de vista". Muitas das informações contidas no texto já se acham, efetivamente, em

escritos anteriores, inclusive nas cartas jesuíticas. O fato desses escritos não serem facilmente acessíveis na época, salvo a um público restrito, fez, por outro lado, com que a obra de Gandavo tenha sido muito aproveitada por autores que trataram mais tarde desta parte da América. John B. Stetson pôde demonstrar cabalmente como Herrera chegou a utilizar o texto da *História* na compilação de seu relato dos feitos dos castelhanos nas ilhas e terras firmes do Mar Oceano. Certas passagens do cronista-geral das Índias sobre o clima ou os índios do Brasil reproduzem mesmo, quase palavra por palavra, trechos do escritor bracarense. Outro cronista de Castela, Gil González Dávila, recomenda o livro de Gandavo a propósito do clima e das frutas do Brasil.

As notícias contidas na *História* e até a maneira de apresentá-las ajustam-se bem às finalidades práticas que se propôs seu autor. Logo às primeiras linhas do prólogo dirige-se ele aos que no Reino viviam em pobreza, a fim de que não duvidassem escolher a terra do Brasil "para seu amparo". E continua: "porque a mesma terra he tal, e tam favorável aos que a vão buscar que a todos agasalha e convida com remédio, por pobres e desamparados que sejam".

É a linguagem de um agente de imigração, na medida em que esse mister fosse compatível com o espírito da época. Não admira se, conforme disse Capistrano de Abreu, sua inspiração é principalmente utilitária. O otimismo quase invariável com que Gandavo considera as condições da terra, o cuidado com que discrimina e descreve suas várias partes, seu sistema de governo, seus moradores, suas riquezas, seus bichos e plantas, concordam igualmente com esse espírito.

Impressa pela primeira vez em 1576, na oficina de Antônio Gonçalves, a *História* foi reeditada em 1858, ao mesmo tempo em Lisboa e na *Revista do Instituto Histórico*, do Rio de Janeiro. Uma edição fac-similiar do texto de 1576, seguida de tradução inglesa e enriquecida de numerosas notas e John B. Stetson Junior, foi publicada em New York, 1922, por The Cortes Society.

Além da *História*, deixou Gandavo uma obra manuscrita mais concisa e que, não obstante, completa em alguns pontos a antecedente. É o *Tratado da Terra do Brasil*, no qual se contém a informação das coisas que há nestas partes. Divide-se em duas partes: a primeira trata, uma por uma, das diferentes capitanias; a segunda descreve as coisas "que são gerais por toda a costa do Brasil", como sejam fazendas, costumes, qualidades, mantimentos, caça, frutas, índios e animais da terra. Esse manuscrito só foi impresso em 1826, por iniciativa da Academia Real das Ciências, de Lisboa. Em 1924 *Tratado* e *História* são reunidos pela primeira vez em um só volume, publicado no Rio de Janeiro e precedidos de ensaios críticos e bibliográficos de Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Capistrano de Abreu.

Em seu lúcido estudo observa o mesmo Capistrano de Abreu que a *História* de Gandavo é antes natural do que civil. O mesmo e com iguais razões pode dizer-se da obra de Gabriel Soares de Sousa, que permaneceu inédita até 1825 e é hoje conhecida pelo título de sua reimpressão, feita na *Revista do Instituto Histórico*, do Rio de Janeiro, tomo XIV (1851): *Tratado Descritivo do Brasil.* Essa obra, que Varnhagen disse enfaticamente ser, talvez, "a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista", representa uma verdadeira suma dos conhecimentos que um espírito curioso e indagador, residente dezessete anos na Bahia dos fins do século XVI pudesse adquirir sobre o Brasil, por volta de 1587. Principia com um minucioso roteiro geral da costa, abrangendo a região que se estende do Amazonas à baía de São Matias, ao sul do rio da Prata. Continua com o "memorial e declaração das grandezas da Bahia", compreendendo um esboço histórico da colonização, que abre a segunda parte do livro, uma descrição da cidade do Salvador e do Recôncavo e um quadro geral da agricultura baiana. Em seguida apresenta notícias copiosas acerca das plantas e animais indígenas, do gentio da terra, dos recursos de que dispunha a Bahia para defender-se e, finalmente, dos metais e pedras preciosas existentes no sertão.

Durante o largo tempo em que permaneceu no Brasil, Gabriel Soares deteve-se sobretudo na Bahia, onde foi proprietário de engenho. É

provável que nesse período tenha tido ocasião de percorrer grande parte da colônia, conforme se lê no titulo de um dos três códices manuscritos de sua obra existentes na Biblioteca Municipal do Porto. A verdade, porém, é que a Bahia, primeiro centro administrativo da colônia foi também o principal objeto de sua tenção. As notícias que proporciona sobre as demais capitanias são, em geral, menos prolixas e menos precisas. Sente-se que o autor só escrevia com absoluta segurança e à vontade sobre o que conhecia de experiência própria e de longa experiência. Isso faz seu testemunho singularmente valioso para os historiadores de hoje. É claro que a obra de Gabriel Soares, como as dos demais cronistas acima citados, ofereceriam por si só uma visão superficial da vida brasileira nos primeiros tempos da colonização portuguesa.

A essa contribuição é preciso, por conseguinte, acrescentar as que fornecem muitos dos documentos administrativos – leis, provisões, cartas e ordem régias, etc. – que se acham publicados. Para isso convém recorrer não somente às várias revistas dos Institutos Históricos do Rio de Janeiro ou aos *Anais da Biblioteca Nacional*, do Rio de Janeiro, os *Anais do Museu Paulista*, de São Paulo, a *Revista do Arquivo Público Mineiro*, de Belo Horizonte, etc., mas ainda a coleções especiais, que se destinam precisamente a divulgar tais documentos, como sejam as *Publicações do Arquivo Nacional* e os *Documentos Históricos*, hoje sob a responsabilidade da Biblioteca Nacional. Nesse gênero é notável o esforço já empreendido em São Paulo, onde coleções como os *Inventários e Testamentos* ou as *Atas* e o *Registro Geral* da Câmara Municipal, todas em curso de publicação, e cada qual abrangendo mais de três dezenas de volumes, constituem poderoso auxílio e incentivo para o estudo objetivo de nosso passado.

É certo que nessas coleções a parte correspondente aos dois primeiros, sobretudo ao primeiro século da colonização, não é a que avulta em quantidade. Como compensação há, para o último decênio do século XVI, uma série de documentos cuja importância para a história do Brasil é verdadeiramente singular. São as denunciações e confissões feitas perante a mesa do Santo Ofício por ocasião da primeira visitação, realizada

às partes do Brasil nos anos de 1591 a 1595. Os depoimentos prestados ao licenciado Heitor Furtado de Mendonça por pessoas de todas as classes sociais, na Bahia e em Pernambuco, permitem conhecer a vida colonial em seus desvãos obscuros, que as crônicas da época não chegam a esclarecer. Os volumes até aqui publicados são três e correspondem respectivamente às confissões e denunciações da Bahia e às denunciações de Pernambuco. Da outra visita da Santa Inquisição feita, esta, à Bahia e em 1618, existem publicadas apenas as denunciações, nos *Anais da Biblioteca Nacional* do Rio de Janeiro, vol. XLIX (1936), págs. 97-198.

Para completar o quadro que oferecem as crônicas, tratados e cartas de origem portuguesa será preciso recorrer também às obras de certos viajantes estrangeiros, relativas sobretudo ao primeiro século. Cabe mencionar, ao menos de passagem – uma vez que são estudadas na seção competente – as dos alemães Hans Staden e Ulric Schmidl, dos franceses Jean de Léry e André Thevet e a do inglês Anthony Knivet. No século XVII, se excluirmos os cronistas do Brasil holandês, distinguem-se os escritos dos frades capucinhos Claude d'Abbéville (1614) e Yves d'Évreux (1615), acerca do Maranhão durante a ocupação francesa. O firme empenho manifestado, sempre, pelos governos português e espanhol no sentido de evitar que chegassem ao conhecimento de estrangeiros noções muito precisas acerca de suas possessões ultramarinas, parece explicar suficientemente a relativa escassez de escritos significativos de autores estrangeiros sobre o Brasil, a partir dessa época e até princípios do século XIX.

Quase o mesmo, e por motivos parecidos, pode dizer-se, aliás, com relação a escritos dos próprios portugueses. Não deve ser por mero acaso se uma obra importante como a de Gabriel Soares ficou durante perto de três séculos sepultada nos arquivos e longe da vista dos curiosos.

Destino semelhante ao do livro de Gabriel Soares tiveram duas obras da primeira metade do século XVII, onde se encontra, talvez, o melhor que sobre o Brasil e em português nos legou a época seiscentista. A primeira são os *Diálogos da Grandeza do Brasil*, escritos por um anôni-

mo em 1618 e tirados em livro, pela primeira vez, no ano de 1930. O outro é a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, concluída em 1627 e só publicada integralmente em 1889.

Atualmente, depois das acuradas pesquisas de Capistrano de Abreu, admite-se que os *Diálogos* foram redigidos por certo cristão-novo chamado Ambrósio Ferreira Brandão, que residiu longamente no nordeste do Brasil, onde desempenhou diversos cargos. Varnhagen julgou descobrir, pela leitura da obra, que seu autor era brasileiro. Capistrano de Abreu pensa, ao contrário, que era português do Reino, e precisa mesmo, levado por indícios poderosos, que seria do sul de Portugal. O que importa notar é que, como informante das coisas do nordeste do Brasil o autor dos *Diálogos* não fica atrás de seus principais antecessores: na clareza e exatidão de suas notícias chega a ser, em alguns pontos, superior a eles. Para as capitanias ao norte do rio São Francisco, com especialidade as de Pernambuco e Paraíba, sua obra equivale de certo modo ao que é para a da Bahia a de Gabriel Soares. A diferença entre as datas em que foram escritas uma e outra – trinta anos, aproximadamente, – não chega a ser excessiva. É verdade que a escravaria africana tinha feito, durante esse período, consideráveis progressos, não só numericamente, como em relação aos demais grupos da população. A grande quantidade de negros importados chegara a fazer do nordeste do Brasil "um novo Guiné" e havia capitanias onde eles ultrapassavam em número os naturais da terra.

Os dados etnográficos que se deparam, aqui e ali, nos *Diálogos* também encerram algum interesse. O que neles se diz do gentio da costa está geralmente conforme ao que dizem seus antecessores. Acerca dos indígenas do sertão nordestino – certamente os do grupo cariri, distinto dos tupis do litoral – fornece-nos entretanto informações ainda hoje apreciáveis, como, por exemplo, a que se refere ao emprego do propulsor para flechas.

A Frei Vicente do Salvador, natural da Bahia, cabe principalmente o mérito de ter disposto em ordem cronológica os dados esparsos que pôde encontrar nos documentos impressos ou manuscritos e na tradição

oral de seu tempo. Pode ser considerado o mais antigo historiador do Brasil, já que esse título não pode caber rigorosamente a Gandavo. Sua obra consta de cinco livros; destes, os três primeiros nos chegaram completos. O primeiro trata da terra e gente do Brasil na ocasião do descobrimento; o segundo abrange todo o período que precede à criação do Governo-Geral; o terceiro termina com a reunião das coroas de Portugal e Castela, sob Filipe II; o quarto alcança os governos de D. Diogo de Meneses e, no sul, D. Francisco de Sousa; o quinto aborda a marcha da colonização portuguesa para o extremo-norte e a guerra holandesa, que sobreveio.

Na narrativa de Frei Vicente avulta o interesse pelo anedótico e pelo pormenor pitoresco, muitas vezes em prejuízo do conjunto. Capistrano de Abreu, que tanto a apreciou, contribuindo como ninguém para ressuscitá-la dos arquivos, chegou a dizer dessa obra que é "mais histórias do Brasil do que história do Brasil". Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, ela é hoje insubstituível para quem estude nossas origens.

Ao lado da luta contra os holandeses, que já aparece no livro de Vicente do Salvador, um dos fatos que dominam nossa história no segundo século da colonização é, sem dúvida, a expansão bandeirante. Aos dois sucessos foram dedicadas no presente volume seções especiais, o que nos dispensa de abordá-los aqui. Um terceiro acontecimento, também de notáveis conseqüências, ocorre, porém, a partir da época seiscentista, e é a incorporação de grande parte do vale amazônico à América portuguesa. As semelhanças entre esse movimento de expansão e o bandeirismo são menos profundas do que pode parecer ao primeiro exame. Frei Vicente queixa-se em sua *História* de que, sendo os portugueses grande conquistadores de terras, contentavam-se arranhá-las ao longo do mar, como caranguejos. É justamente de 1628 – a *História do Brasil* tinha sido concluída no ano anterior – a primeira entrada arrasadora ao Guairá, que vai condenar definitivamente as pretensões castelhanas a esse território. Se o movimento que toma vulto com essa expedição pode contrariar de modo decidido os rumos da colonização portuguesa

– colonização de marinha, como na Antiguidade a dos gregos e fenícios – o mesmo não cabe dizer, tão enfaticamente, da expansão lusitana na Amazônia. A rigor, a ocupação do extremo-norte foi como um prolongamento da conquista do litoral. Os colonos continuaram a arranhar as areias; apenas, às areias do mar, substituíam-se as do rio-mar e seus afluentes.

A jornada de Pedro Teixeira, que se inicia no Gurupá (ou, segundo outros, no Cametá) em 1637 e termina dois anos depois em Belém, compreendendo ida até ao Quito e regresso, teve como principal cronista um castelhano, o padre Cristóbal de Acuña, religioso da Companhia. No ano de 1641 publicava-se sua relação em Madri, na Imprensa do Reino, sob o titulo de *Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*. Nesse breve volume dão-se notícias detalhadas do grande rio – curso, largura, comprimento, ilhas, pescados, flora e fauna da região, habitantes, etc. Ao lado de informações exatas, muitas delas baseadas em testemunho ocular, assinala o padre Acuña, como verídicas, numerosas lendas que corriam mundo acerca do rio de Orellana. Diante das maravilhas que deparara ao longo da viagem, custava-lhe pôr em dúvida essas lendas. A das amazonas, por exemplo, parecia-lhe indiscutível: "nem se pode acreditar – declara –, que tendo esse rio tantas grandezas a que lançar mão, só quisesse glorificar-se do título que não lhe competia".

Outro depoimento sobre a viagem de Pedro Teixeira é o do franciscano Fr. Laureano de la Cruz, intitulado *Descubrimiento de Rio Marañon, llamado de las Amazonas, hecho por la Religion de S. Francisco,* só publicado em 1878.

Ao lado dessas e de outras relações escritas em idioma castelhano, é necessário acrescentar-se a *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Curupá e Rio das Amazonas,* redigida em português por Maurício de Heriarte, um dos companheiros de Pedro Teixeira. Acha-se transcrita em nota do 3º vol. da 3ª ed. da *História do Brasil* do Visconde de Porto Seguro. O histórico das sucessivas penetrações dos portugueses ao longo do vale amazônico só começou a ser escrito, em realidade, no século seguinte por

Bernardo Pereira de Berredo, autor dos *Anais Históricos do Estado do Maranhão* (1749).

Um material copioso a respeito das capitanias do extremo-norte durante a era seiscentista pode se encontrado, além disso, nos escritos do P. Antônio Vieira, especialmente em suas cartas, de que existe uma bela edição, organizada sob os cuidados do historiador português João Lúcio de Azevedo. É interessante assinalar que as fontes documentais jesuíticas até agora divulgadas sobre o Brasil do século XVII, compreendidas também as capitanias do Centro e Sul, não são muito numerosas se excluirmos esses escritos de Vieira. Pelo menos quando comparadas às que dizem respeito ao século anterior. E se hoje conhecemos bem a obra de Vieira deve-se isso muito menos ao valor que possam ter para o estudo da história do Brasil do que à projeção excepcional de seu autor na história das literaturas de língua portuguesa.

Pode compensar de algum modo a escassez da documentação inaciana seiscentistas no Brasil a existência do famoso tríptico do P. Simão de Vasconcelos, S. J., abrangendo a *Vida de P. João de Almeida* (1658), a *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* (1663) e a *Vida do Venerável Padre José de Anchieta* (1672). É certo, entretanto, que esses livros, principalmente os dois últimos, relacionam-se com a atuação da Companhia na época quinhentista, que conhecemos largamente através das já mencionadas *Cartas*. Por outro lado o valor documental desses livros está em parte prejudicado pelo tom apologético, quase de agiografia que freqüentemente assumem. O mesmo, e talvez com mais razão, pode dizer-se das numerosas *Vidas* de Anchieta, que se começaram a escrever já em 1598, ou seja no ano seguinte ao de sua morte.

Essa falta de textos jesuíticos acerca do século XVII no Brasil, só agora começa a ser suficientemente reparada com a publicação em curso de alguns documentos que servem de base à opulenta *História da Companhia de Jesus no Brasil* de autoria do P. Serafim Leite. Convém lembrar, em todo o caso, que a um jesuíta deve-se a melhor e mais completa descrição da vida econômica do Brasil em fins do século XVII e princípios do

seguinte. Embora publicado em 1711, o livro de Antonil – *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* – representa, principalmente onde se refere à vida agrária, um espelho fiel de muitos aspectos significativos do Brasil seiscentista. Confiscada a edição da obra, sob a alegação de que divulgava as excelências da colônia e, com isso, poderia excitar a cobiça de nações poderosas, dela só ficaram alguns poucos exemplares, que serviram para as reimpressões modernas. É em todo o caso uma das fontes diretas a que terá de recorrer obrigatoriamente todo aquele que pretenda conhecer o Brasil nos primeiros séculos da colonização.

A apresentação tão sucinta quanto possível dessas fontes diretas reduz-se ao presente artigo. As outras, particularmente os trabalhos de elaboração, interpretação e crítica, obra de historiadores recentes, acham-se resenhadas na parte bibliográfica que se segue.

. . . .

Bibliografia

Abreu, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800.* 3ª ed. Rio, Sociedade Capistrano de Abreu, 1934. 256 p.

O grande e notável historiador esboça neste volume alguns capítulos da vida colonial brasileira: *Antecedentes indígenas -- Fatores exóticos -- Os descobridores -- Primeiros conflitos -- Capitanias hereditárias -- Capitanias da Coroa -- Franceses e espanhóis -- Guerras flamengas -- O sertão -- Formação dos limites -- Três séculos depois.* **[3266]**

Abreu, João Capistrano de. *O descobrimento do Brasil.* Rio de Janeiro, 1929. 349 p.

Publicada primeiramente em 1883 como tese de concurso, o livro de Capistrano de Abreu foi, em alguns pontos, ultrapassado, graças a modernas pesquisas. Não obstante, constitui ainda hoje uma grande contribuição para o estudo do descobrimento e início da colonização do Brasil. A edição de 1929, organizada pela Sociedade Capistrano de Abreu, inclui, além da tese de concurso, trabalhos esparsos do autor, publicados em várias épocas e relacionados ao mesmo assunto. **[3267]**

Acióli, Inácio.

vide

Silva, Inácio Acióli de Cerqueira e.

Acuña, Cristóbal de. *Nuevo Descubrimiento del gran rio de las Amazonas.* Madrid, 1891. 235 p.

Obra clássica para o conhecimento da exploração do rio Amazonas por Pedro Teixeira, em 1639, que resultou na expansão portuguesa no extremo-norte do país, contém notícias curiosas e interessantes acerca da geografia e da primitiva população da região. Desde o ano de 1641, em que foi impresso pela primeira vez, em Madri, o *Nuovo Descubrimiento* foi reeditado várias vezes e traduzido para diversas línguas. **[3268]**

Almeida Prado

vide

Prado, J. F. de Almeida.

Anchieta, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões; intr., de Afrânio Peixoto, artigo de Capistrano de Abreu e posfácio de Antônio de Alcântara Machado.* Rio, Civilização Brasileira, 1933. 568 p. (*Cartas Jesuíticas*, v. 3.)

A obra de Anchieta está em grande parte reunida neste volume editado pela Academia Brasileira de Letras em 1933: 28 cartas, 5 informações sobre fatos e coisas do Brasil e vários fragmentos históricos e sermões. As cartas contêm um noticiário abundante sobre os indígenas e os trabalhos dos jesuítas, e as informações contêm relatos interessantes sobre a terra e a gente do Brasil. **[3269]**

Andreoni, João Antônio, pseud.

vide

Antonil, André João.

Antonil, André João, pseud. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas; com um estudo biobibliográfico por*

Afonso de E. Taunay. São Paulo, 1923. 280 p.

A obra de André João Antonil, aliás, João Antônio Andreoni, foi publicada pela primeira vez em Lisboa, no ano de 1711. Vedada sua circulação pelo governo d'El-Rei D. João V, tornou-se raríssima, até ser impressa novamente, em 1837, no Rio de Janeiro. É sem dúvida o mais completo depoimento que se conhece sobre a vida econômica do Brasil no tempo colonial e, por isso indispensável aos historiadores. Divide-se em quatro partes que tratam respectivamente da lavoura e preparo do açúcar, lavoura e preparo do tabaco, minas de ouro e criação do gado. Conquanto escrito e publicado já no século 18, as condições que descreve aplicam-se quase geralmente à era seiscentista, sobretudo onde se refere à lavoura de açúcar e tabaco e à criação. **[3270]**

Antônio de Santa Maria Jaboatão, frei.

vide

Jaboatão, Antônio de Santa Maria, frei.

Azevedo, J. Lúcio de. *Épocas de Portugal econômico; esboços de história.* Lisboa, 1929. 499 p.

Contendo: *A monarquia agrária -- Jornada de África -- A Índia e o ciclo da pimenta -- O primeiro ciclo do ouro -- O império do açúcar -- Idade de ouro e diamantes -- No signo de Methuen.*

Mesmo nas seções onde não trata expressa ou diretamente do Brasil, o autor oferece uma contribuição considerável para o estudo das condições econômicas em que se processou a colonização. A obra representa, por conseguinte, um subsídio valioso para o conhecimento do Brasil nos primeiros tempos. **[3271]**

Azevedo, Pedro de. *A instituição do governo geral.* (His. da Col. Port., III, p. 325-384, 1923.)

O autor estuda os dois primeiros governos gerais no Brasil: o de Tomé de Sousa e Duarte da Costa, transcrevendo documentos que enriquecem o texto. **[3272]**

Azevedo, Pedro de. *Os primeiros donatários.* (Hist. da Colon. Port. do Brasil**,** v. III, p. 189-216, 1923.)

Depois de tratar dos primeiros donatários das capitanias brasileiras e da época em que viveram, o autor esboça, em linhas gerais, um paralelo entre a colonização portuguesa do Brasil e a inglesa na América do Norte. **[3273]**

Baião, Antônio. *O comércio do pau-Brasil.* (Hist. da Colon. Port. do brasil**,** v. II, 315-348, 1923.)

Estudo sobre as primeiras negociações com o pau-brasil, com reprodução de valiosos documentos, inclusive o famoso *Livro da Nau Bretoa*, de 1511. **[3274]**

Berredo, Bernardo Pereira de. *Anais históricos do Estado do Maranhão, em que se dá notícia do seu descobrimento, e tudo o mais que nele tem sucedido desde o ano em que foi descoberto até o de 1718.* Segunda Edição, Maranhão, 1849. 655 p.

Livro indispensável para o estudo da conquista e colonização do antigo Estado do Maranhão que, durante algum tempo, compreendeu todo o norte do Brasil, desde a Amazônia até o Ceará. Publicado pela primeira vez em 1749 na oficina de Francisco

Luís Ameno, em Lisboa, foi reimpresso até aqui por duas vezes. A segunda edição, do Maranhão, 1849, foi feita sob os cuidados de Gonçalves Dias. **[3275]**

Betendorf, João Filipe. *Crônica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.*.

Gonçalves Dias nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, trata-se das atividades dos padres jesuítas no Estado do Maranhão até fins do século 17. É considerado o complemento natural, acerca do Norte do Brasil, da *Crônica* de Simão de Vasconcelos, dedicada especialmente ao Sul. O 1º dos dez livros que compõem a obra de Betendorf abrange, na sua maior parte, a descrição geográfica e a história do Estado do Maranhão. **[3276]**

Butler, Ruth Lapham. *Duarte da Costa, second Governor-General of Brazil.* (Mid-America; an Historical Review, XXV, Chicago, July, 1943, p.163-179.) (E.S.) **[3277]**

Butler, Ruth Lapham. *Mem de Sá, third Governor-General of Brazil, 1557-1572.* (Mid-America; an Historical Review, XXVI, Chicago, April, 1944, p. 111-137.)(E.S.) **[3278]**

Butler, Ruth Lapham. *Thomé de Sousa, first Governor-General of Brazil, 1549-1553.* (Mid-America; an Historical Review, XXXIV, Chicago, Aug. 1942, p. 229-251.)(E.S.) **[3279]**

Cardim, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil.* Introduções e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. S. Paulo, Editora Nacional, 1939. 380 p. (Brasiliana, v. 168.)

Contém este volume as três obras do jesuíta Fernão Cardim: *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*, impressa e publicada pela primeira vez por Varnhagem, em Lisboa, em 1847; *Do clima e terra do Brasil* e *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, estes dois publicados primeiramente em inglês na Coleção Purchas, Londres, 1625, com o título de *A Treatise of Brazil, written by a Portugal which had long lived there*. Em 1925 as três obras foram reunidas num só volume editado por J. Leite (Rio). **[3280]**

Cardoso, Manuel S. *The collection of the Fifths in Brazil, 1695-1709.* (The Hispanic American Historical Review, XX, Aug. 1940, p. 359-379.) (E.S.) **[3281]**

Cardoso, Manuel S. *The guerra dos Emboabas, civil war in Minas Gerais.* (The Hispanic American Historical Review, XXII, Aug., 1942, p. 470-492.) (E.S.) **[3282]**

Cartas avulsas: 1550-1568. Intr. de Afrânio Peixoto. Rio, Academia Brasileira, 1931. 520 p. (Cartas jesuíticas, v. 2.)

As cartas jesuíticas constituem uma das fontes mais valiosas acerca da vida brasileira. Abundam em todas elas pormenores e informações sobre a terra e a gente do Brasil. **[3283]**

Cortesão, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha.* Rio de Janeiro, 1943. 351 p.

À luz de novos documentos, propõe-se o autor renovar o estudo da carta de Caminha, apresentando reprodução fac-similar, transcrição, adaptação do texto à linguagem atual, exame paleográfi-

co e exegese. Em mais de um ponto diverge das interpretações tradicionais, baseando-se ora em dados novos, ora em exame raciocinado e, tanto possível, objetivo do documento. **[3284]**

Diálogos das grandezas do Brasil, pela primeira vez tirados em livro, com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia. Rio, Of. Indust. Gráf., 1930. 316 p. (Publicações da Academia Brasileira de Letras, série 2.)

Os *Diálogos* datam de 1618, e constituem uma das fontes mais interessantes do período colonial brasileiro, pelo grande número de informações que apresentam ao leitor de hoje. **[3285]**

Dias, Carlos Malheiro. *A Semana de Vera Cruz.* (Hist. da Col. Port. do Brasil, v. II, p. 73-170, 1923.)

Análise, com reproduções integrais, dos três documentos de que dispomos para a reconstituição histórica da escala, no Brasil, da armada de Pedro Álvares Cabral: 1) a carta, de Caminha a el-Rei Dom Manuel, datada de 1º de maio de 1500; 2) a carta do Mestre João ao Rei, datada igualmente de 1º de maio de 1500 e 3) a relação chamada do "piloto anônimo", narrando a viagem de ida e volta da esquadra de Cabral à Índia, publicada pela primeira vez em 1507, vertida para o dialeto veneziano pelo delegado diplomático de Veneza, em Lisboa, Matteo Cretico. Outros problemas são estudados, referentes à permanência de Cabral no Brasil. Contém a reprodução fac-similar da carta de D. Manuel aos reis de Castela participando o descobrimento do Brasil. **[3286]**

Espinosa, J. Manuel. *Fernando Cardim, Jesuit humanist of Colonial Brazil.* (Mid-America; an Historical Review, XXIV, Oct. 1942, p. 252-271.)(E. S.) **[3287]**

Espinosa, J. Manuel. *Gouveia; Jesuit lawgiver in Brazil.* (Mid-America; an Historical Review, XXIV, Jan. 1942, p. 27-60.) (E.S.) **[3288]**

Espinosa, J. Manuel. *José de Anchieta; apostle of Brazil.* (Mid-America; an Historical Review, XXV, Oct. 1943, p. 250-274, XXVI, Jan. 1944, p. 40-61.)(E. S.) **[3289]**

Espinosa, J. Manuel. *Luís da Grã, mission builder and educador of Brazil.* (Mid-America; an Historical Review, XXIV, July 1942, p. 188-216.) (E. S.) **[3290]**

Fonseca, Quirino da. *A caravela portuguesa.* Coimbra, 1934. 700 p.

Estudo meticuloso do tipo de embarcação que se acha mais diretamente ligado às grandes navegações portuguesas, particularmente àquelas que se relacionam com o descobrimento e reconhecimento do litoral do Brasil. **[3291]**

Friederici, Georg. *Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer.* Stuttgart, 1925. 3 v.

Nesse estudo exaustivo que pretende oferecer um histórico dos primeiros tempos da colonização da América pelos povos do Velho Mundo, a quarta parte, que ocupa as p. 1-257 do segundo volume, é dedicada à atividade colonizadora dos portugueses, especialmente no Brasil. Embora perturbada algumas ve-

zes por uma visão parcial, que não raro prejudica a objetividade do historiador, seu estudo é quase sempre de maior interesse, e abre novas e amplas perspectivas à análise dos métodos de ocupação da terra pelos europeus. **[3292]**

Gaffarel, Paul. *Histoire du Brésil français au seizième siècle.* Paris, 1878.

À falta de um estudo moderno sobre as tentativas de colonização do Brasil pelos franceses, durante o século 16, a obra de Gaffarel ainda representa uma valiosa contribuição. **[3293]**

Gandavo, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província de Santa Cruz.* Rio de Janeiro, 1924. 157 p.

Segundo Rodolfo Garcia, o *Tratado* deve ter sido escrito em 1570; entretanto só em 1826 foi publicado pela primeira vez, no tomo IV da *Coleção de Notícias para a Hist. e Geog. das Nações Utramarinas*, da Academia das Ciências de Lisboa.

A História, escrita nos primeiros tempos da colonização, é principalmente uma descrição da terra, de sua natureza e seus moradores, com escassas informações de caráter histórico. Publicaram-se dessa obra várias edições, entre as quais a da Cortes Society, New York, 1922 em 2 volumes, prefácio, nota bibliográfica, reprodução fac-similar do texto e tradução inglesa de John B. Setson Junior.

A edição do Rio de Janeiro, 1924, pertence à coleção de Clássicos Brasileiros, da Academia de Letras e é precedida de uma Advertência de A. P. (Afrânio Peixoto), uma Nota Bibliográfica, de R. G. (Rodolfo Garcia), e uma Introdução, de Capistrano de Abreu. **[3294]**

Greenlee, William Brooks. *The first half-century of Brazilian history.* (Mid-America; a historical review, XXV, april 1943, p. 91-120.) (E. S.) **[3295]**

Greenlee, William Brooks, trad. e ed. *The voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India; from contemporary documents and narratives.* Translated with introduction and notes by... (Works issued by the Hakluyt Society, second series, nº LXXXI, London, 1938, lxix, 228 p.)

Esta tradução dos principais documentos e narrativas da viagem de Cabral, acompanhada por uma introdução erudita, é o melhor trabalho em inglês sobre o assunto. O autor é um especialista americano sobre as primeiras viagens. (E.S.) **[3296]**

Jaboatão, Antônio de Santa Maria, frei. *Novo orbe seráfico brasílico; ou crônica dos frades menores da província do Brasil.* Rio de Janeiro, Inst. Hist. e Geogr. Bras. 1859. 3 v.

Esta edição consiste na reimpressão do texto da primeira parte, impressa em 1761 e publicação da segunda, que se conservava inédita. O *Novo Orbe Seráfico*, apresenta dados muitas vezes curiosos para a história civil e sobretudo eclesiástica do Brasil colonial. **[3297]**

Jacobsen, Jerome V. *Jesuit founders in Portugal and Brazil.* (Mid-American; an Historical Review, XXIV, Jan. 1942, p. 3-26.) (E.S.) **[3298]**

Jacobsen, Jerome V. *Nóbrega of Brazil.* (Mid-America; an Historical Review, XXIV, july, 1942, p.151-187.)(E.S.) **[3299]**

Lee, Bertram Tamblyn, trad. *The discovery of the Amazon; according to the account of Friar Gaspar de Carvajal and other documents as published by José Toríbio Medina.* (American Geographical Society, Special Pub. n. 17, New York, 1934, xiv, 467 p.)

Esta é a melhor tradução e publicação dos documentos que dizem respeito à expedição Orellana pelo Amazonas, 1541-1542. (E.S.) **[3300]**

Leite, Duarte. *Os falsos precursores de Cabral.* (Hist. da Colon. Port. do Brasil, v. I, p. 105-228; 1921).

Estudo sobre a vida e a atividade de Alonso de Hojeda, Pinzón, Diego de Lepe e Alonso de Véllez Mendoza, que disputam a Cabral a prioridade no descobrimento das terras brasileiras. **[3301]**

Leite, Serafim. *Luís Figueira; a sua vida heróica e a sua obra literária.* Lisboa, MCMXL, 1940. 251 P.

Neste estudo sobre a personalidade e a atividade do Padre Luís Figueira, o doutor Serafim Leite, historiador dos jesuitas no Brasil, oferece novos e importantes subsídios para o estudo da conquista e colonização do antigo Estado do Maranhão. Mais de metade da obra é ocupada com a reprodução de documentos e relações inéditas ou mal conhecidas sobre a ação dos primeiros jesuítas no norte do Brasil, apresentando dados curiosos sobre a terra e os seus antigos habitantes. **[3302]**

Leite, Serafim. *Novas cartas jesuíticas: de Nóbrega a Vieira.* São Paulo, Editora Nacional, 1940. 346 p. (Brasiliana, v. 194.)

Este volume vem enriquecer a coleção das *Cartas Jesuíticas*, cuja publicação conjunta foi iniciada em 1931 pela Academia Brasileira de Letras. São cartas inéditas encontradas pelo autor ao realizar pesquisas no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma, para a elaboração da história dos jesuítas no Brasil. **[3303]**

Leite, Serafim. *Páginas de história do Brasil.* Pref. de Afrânio Peixoto. S. Paulo, Editora Nacional, 1937. 262 p. (Brasiliana, v. 93.)

Conteúdo: *Influência religiosa na formação do Brasil -- As primeiras escolas do Brasil -- O primeiro vocabulário tupi-guarani -- O primeiro embarque de órgãos para o Brasil -- A fundação de S. Paulo -- Uma grande bandeira ignorada -- Da vila de São Paulo ao rio de S. Francisco -- Antônio Rodrigues -- Por comissão de Nóbrega... -- A primeira biografia inédita de Anchieta -- Quando nasceu Anchieta? -- Um autógrafo inédito de Anchieta -- Os jesuítas no Brasil e a medicina -- Conquista e fundação do rio de Janeiro -- Derrota de Nassau no cerco da Bahia -- Uma história manuscrita da vice-província do Maranhão.*

O autor, incumbido pela Sociedade de Jesus de escrever a história dos jesuítas no Brasil, reúne neste volume diversos trabalhos avulsos sobre o Brasil colonial, baseados inteiramente em documentos inéditos. **[3304]**

Léry, Jean de. *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil.* Nouvelle édition avec une introduction et notes par Paul Gaffarel. Paris, M DCCC LXXX (1880). 2 v.

Ao lado da obra de Hans Staden e, em menor grau, a de Thevet, o livro de Jean de Léry é das

contribuições mais apreciáveis que se conhecem para o estudo da história do Brasil e seus habitantes ao iniciar-se a colonização européia. A obra do calvinista francês, espírito culto e atilado, supera por essas qualidades às de muitos dos seus contemporâneos. Foi divulgada em várias línguas. Em português, a última tradução publicada é a do Sr. Sérgio Milliet, que saiu em S. Paulo, 1941, na Biblioteca Histórica Brasileira da Livraria Martins, sob a direção do Sr. Rubens Borba de Morais. Essa edição traz texto do colóquio em língua brasílica (tupi) existente no original, restaurado, traduzido e anotado pelo Sr. Plínio Airosa. **[3305]**

Marchant, Alexander. *Feudal and capitalistic elements in the Portuguese settlement of Brazil.* (The Hispanic American Historical Review, XXII, August, 1942, p. 493-512.) (E.S.) **[3306]**

Marchant, Alexander. *From barter to slavery; the economic relations of the Portuguese and Indians in the settlement of Brazil, 1500-1580.* Baltimore, Maryland, John Hopkins Press, 1942. 160 p. (*John Hopkins Univ. Studies in History and Political Science*, v. 60, nº I.)

Excelente e bem documentada monografia. Traduzida e publicada na Brasiliana com um prefácio de Carlos Lacerda. (E.S.) **[3307]**

Marchant, Alexander. *Tiradentes in the Conspiracy of Minas.* (The Hispanic American Historical Review, XXI, May 1941, p. 239-257.) (E.S.) **[3308]**

Martin, Percy Alvin. *Federalism in Brazil.* (The Hispanic American Historical Review, XVII, may, 1938, p. 143-163.) (E.S.) **[3309]**

Merea, Paulo. *A solução tradicional da colonização do Brasil.* (Hist. da Colon. Port. do Brasil, v. III, P. 165-188, 1923).

Estudam-se neste trabalho as doações de capitanias como sistema tradicional de colonização e a aplicação do sistema ao Brasil, analisando, depois, o aspecto jurídico e administrativo das capitanias, os direitos de Portugal com relação ao Brasil e a política de monopólio. **[3310]**

Métraux, A. *La civilisation materielle des tribus Tupi-Guarani.* Paris, 1928. 331 p.

Ao contrário das obras de muitos antropologistas modernos que só indiretamente interessam ao historiador, este livro do Prof. Métraux é sob muitos aspectos um trabalho de história. Trata-se de uma hábil compilação de dados de cronistas antigos e etnólogos recentes acerca das tribos indígenas que entraram em contato mais íntimo com os primeiros colonizadores do Brasil. **[3311]**

Métraux, A. *Migrations historiques des Tupis-Guarani.* Paris, 1927. 45 p.

Desenvolvendo a engenhosa tese de que os povos tupi-guaranis viviam obcecados pela idéia da existência de um paraíso terrestre, situado ora a leste, além dos mares, ora a oeste, além das montanhas, o autor analisa detidamente as migrações desse grupo indígena que precederam e sucederam ao descobrimento do Brasil pelos portugueses. **[3312]**

Métraux, A. *La religion des Tupinamba.* Paris, 1928. Baseada principalmente em informes dos antigos cronistas e viajantes, esta obra sobre a religião dos tupinambás serve de complemento

ao volume que escreveu o autor sobre a civilização material das tribos tupi-guaranis. **[3313]**

Nóbrega, Manuel da. *Cartas do Brasil: 1549-1560.* Nota preliminar de Afrânio Peixoto, prefácio de Vale Cabral e biografia do P. Antônio Franco. Rio, Academia Brasileira, 1931. 260 p. (*Cartas Jesuíticas*, v. 1.)

Assim como as demais *Cartas Jesuíticas*, as que foram escritas por Manuel da Nóbrega, entre 1549 e 1560, e que foram reunidas e publicadas pela Academia Brasileira de Letras, constituem uma das fontes para a história do Brasil quinhentista. **[3314]**

Nowell, Charles E. *The discovery of Brazil -- accidental or intentional.* (The Hispanic American Historical Review, XVI, Aug. 1936, p. 311-338.) (E.S.) **[3315]**

Pereira, F. M. Esteves. *O descobrimento do Rio da Prata.* (Hist. da Colon. Port. do Brasil, v. II, 349-390, 1923.)

Estudo sobre o problema do reconhecimento do estuário do Rio da Prata, que o autor atribui a duas armadas: a armada portuguesa de D. Nuno Manuel e a castelhana de Solís. Reprodução fac-similar da *Nova Gazeta Alemã.* **[3316]**

Prado, J. F. de Almeida. *Pernambuco e as capitanias do norte do Brasil, 1530-1630.* São Paulo, 1939-42. 4 v.

Nestes quatro volumes que, juntamente com o já publicado sobre primeiros povoadores do Brasil e outros ainda em preparo, deverão constituir uma extensa história da formação da sociedade brasileira, o autor estuda, com pormenores, a vida política, social e econômica das capitanias do norte do Brasil durante o primeiro século da colonização. A obra é muito bem documentada e oferece, ao fim de cada volume, uma bibliografia exaustiva da matéria estudada no texto. **[3317]**

Prado, J. F. de Almeida. *Primeiros povoadores do Brasil, 1500-1530.* 2ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 1939. 312 p. (Brasiliana, v. 37.)

O autor estuda a formação da nacionalidade brasileira: o português na era dos descobrimentos, as primeiras expedições ao Brasil, os povoadores europeus pré-coloniais e o elemento indígena. **[3318]**

Sampaio, Teodoro. *O sertão antes da conquista.* (Rev. Inst. Hist. Geo. S. Paulo, v. 5, p. 79-94, 1900.)

Interessante estudo sobre os primeiros tempos da capitania de São Vicente, antes das penetrações bandeirantes. **[3319]**

Silva, Inácio Aciòli de Cerqueira. *Memórias históricas e políticas da província da Bahia; com anotações do Dr. Brás do Amaral.* Bahia, Imprensa Official, 1919-1940. 6 v. **[3320]**

Sousa, Bernardino José de. *O pau-brasil na história nacional.* São Paulo, Editora Nacional, 1939. 270 p. (Brasiliana, v. 162.)

O autor realiza um estudo sobre o comércio do pau-brasil nos tempos coloniais e até meados do século 19. **[3321]**

Sousa, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587.* Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários

por Francisco Adolfo de Varnhagen. 3ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1938. 494 p. (Brasiliana, v. 117.)

A obra de Gabriel Soares de Souza é um dos documentos mais preciosos e completos da vida brasileira no século 16. Divide-se em duas partes: *Roteiro geral da costa brasílica* e *Memorial e declaração das grandezas da Bahia*. A primeira é consagrada à descrição do litoral brasileiro e a segunda, um estudo minucioso sobre a região da Bahia, com informes sobre os habitantes da terra. **[3322]**

Sousa, Pero Lopes de. *Diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530, sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão...* Lisboa, Tip. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

O MS foi publicado pela primeira vez por Varnhagen em 1839. Há segunda edição feita no Rio em 1847 (Tip. de Freitas Guimarães & Cia.), por ordem da Assembléia Provincial de S. Paulo. Terceira edição na Rev. do Inst. Hist. Geo. Bras., t. 24. Quarta ed. Rio, Typ. D. L. dos Santos, 1867, acompanhada de vários documentos e notas. Finalmente, a melhor edição é a série de Eduardo Prado (Rio, Leuzinger, 1927) em 2 v., sendo um de texto e outro de documentos; pref. de Capistrano de Abreu e comentários de Eugênio de Castro. Em 1940 foi reimpressa, com acréscimos, esta edição pela Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses. **[3323]**

Staden, Hans. *Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser-Leuthen in der Newenwelt Amerika gelegen.* (Reprodução fac-símile da primeira edição, publicada em Marburgo, 1557, trazendo em anexo um estudo sobre a obra de Staden, de autoria do Dr. Richard N. Wegner.) Francfort sobre o Reno, 1927.

A interessante obra do aventureiro alemão que esteve prisioneiro entre os índios tamoios e pôde observar de perto seus hábitos e costumes, foi uma das primeiras que se escreveram sobre o Brasil. É hoje largamente conhecida pelas numerosas traduções que dela se fizeram em várias línguas. Em português já teve três traduções diferentes em cinco edições. A mais recente foi publicada em São Paulo, 1942, pela Sociedade Hans Staden, numa tradução de Guiomar de Carvalho Franco, precedida de introdução e acompanhada de notas de Francisco de Assis Carvalho Franco. **[3324]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *História seiscentista da vila de S. Paulo.* São Paulo, Tip. Ideal, 1926-30. 4 v.

Os quatro volumes que Afonso de E. Taunay dedica à história da cidade de São Paulo no século 17 foram escritos à vista de avultada documentação inédita ou mal conhecida. **[3325]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *S. Paulo no século 16.* Tours, Arrault, 1921. 292 p.

Complemento de *São Paulo nos primeiros anos*, encerra este volume a história propriamente dita da vida de São Paulo durante o século XVI, baseada principalmente nos documentos publicados por iniciativa do se-

nhor Washington Luís Pereira de Sousa. **[3326]**

Taunay, Afonso de Escragnolle. *São Paulo nos primeiros anos: ensaio de reconstituição social.* Tours, Arrault, 1920. 218 p.

A publicação oficial das atas da municipalidade paulistana, determinada pelo Senhor Washington Luís quando prefeito da cidade, sugeriu ao Sr. Afonso de E. Taunay o presente livro, primeiro de uma série sobre a cidade de S. Paulo. *S. Paulo nos primeiros anos*, constitui um ensaio de reconstituição social. **[3327]**

Thevet, A. *Les singularités de la France antartique.* Nouvelle édition avec notes et commentaires par Paul Gaffarel. Paris, 1878. 459 p.

Menos importante do que a obra de seu contraditor, Jean de Léry, para o conhecimento do Brasil francês no século 16, a de Thevet é, entretanto, digna do interesse de todos quantos se dedicam ao estudo da vida brasileira ao início da colonização. **[3328]**

Vasconcelos, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil.* Lisboa, MDCCCLXV (1865). 2 v.

A Crônica da Companhia, publicada primeiramente em Lisboa, 1663, foi reimpressa no Rio de Janeiro, em 1864, e em Lisboa em 1865. A edição de Lisboa, prefaciada por Inocêncio Francisco da Silva, vem precedida das *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil*, cuja primeira edição é de 1668, e acompanhada dos versos de Anchieta em louvor da Virgem Maria. Da *Crônica* diz o moderno historiador da Companhia de Jesus, Dr. Serafim Leite, que é valiosa contribuição e, nalguns casos, fonte para a história geral do Brasil, do qual escreve (o autor) mais do que com simpatia, com amor. **[3329]**

Vasconcelos, Simão de. *Vida do p. João de Almeida da Companhia de Jesus na província do Brasil, composta pelo P. Simão de Vasconcelos.* Lisboa, 1658. 406 p.

Embora publicada posteriormente à *Vida de Anchieta*, do mesmo autor, esta obra é como que um prosseguimento da mesma, no relato das atividades dos jesuítas no sul do Brasil até o ano de 1654, em que morreu o Padre João de Almeida. Seu interesse para o historiador decorre quase apenas do período que abrange o relato. **[3330]**

Vasconcelos, Simão de. *Vida do venerável padre José de Anchieta.* Prefácio de Serafim Leite. Rio de Janeiro, 1943. 2 v.

Dessa obra que se pode considerar, talvez, menos de história ou biografia do que de hagiografia, só houve uma edição, a de Lisboa, 1663, até que a reimprimiu em 1943 o Instituto Nacional do Livro, do Rio de Janeiro. Oferece, em todo o caso, um quadro curioso da vida brasileira e da ação dos jesuítas em fins do século 16. **[3331]**

Williams, Mary Wilhelmine. *The Treaty of Tordesillas an the Argentine-Brazilian boundary settlement.* (The Hispanic American Historical Review, V. feb. 1922, p. 3-23.) (E.S.) **[3332]**

Vilhena de Morais, Eugênio.

vide

Morais, Eugênio Vilhena de.

. . . .

Independência, Primeiro Reinado, Regência *

Otávio Tarquínio de Sousa

INDEPENDÊNCIA

A independência do Brasil, na feição particular que assumiu em confronto com a dos demais países da América, só poderá ser bem estudada depois de um conhecimento mais profundo da estada de D. João VI entre nós. Tão grande foi a influência da vinda da família real portuguesa sobre os sucessos de nossa emancipação nacional, que não escapou aos primeiros cronistas e historiadores, contemporâneos dos acontecimentos. Quem talvez, antes de qualquer outro, teve noção disso foi José da Silva Lisboa no trabalho intitulado *Prosperidade do Brasil pelos Liberais Princípios da Nova Legislação*, publicado em 1811. Mas é na *Memória dos benefícios políticos do Governo de el-rei nosso Senhor D. João VI,* escrita em 1818 para comemorar a coroação do monarca a 6 de fevereiro desse ano, que o futuro Visconde de Cairu alude expressa e longamente à suspensão do sistema colonial, decorrente de um conjunto de medidas, cuja principal se corporizou no decreto de 28 de janeiro de 1808: de abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações amigas.

Silva Lisboa, espírito culto, adepto do liberalismo econômico e de tal maneira admirador de Adam Smith que não hesitou em chamá-lo de "Segundo Pai da Gente Civilizada", pressentiu o alcance da resolução de D. João – para que concorreu com os seus conselhos – estabelecendo a liberdade de comércio. Sua *Memória dos benefícios...*, feita numa intenção de panegírico, com louvores tão desmedidos ao rei que rebaixou o autor a um papel menos decente de cortesão, tem na historiografia relativa ao

(*) A bibliografia foi organizada por Alice Canabrava e Rubens Borba de Morais.

período entre 1808 e 1821 um lugar de considerável relevo. Cronologicamente será a primeira obra em que alguns dos aspectos mais importantes do reinado brasileiro de D. João VI se deixam entrever. É o caso, por exemplo, da influência inglesa nessa fase preparatória de nossa independência política.

Adversário convicto da Revolução Francesa, detestando a "galomania que tentou nivelar todas as classes e indivíduos", vendo nos soldados de Napoleão outros "vândalos", Silva Lisboa, católico fervoroso, emprestou à Inglaterra o papel de instrumento providencial para a salvação do mundo. Palavras textuais suas: "A adorável Providência nessa tremenda crise [as guerras napoleônicas e suas imediatas conseqüências na Europa] preparou os expedientes de transmudar o caos em ordem: ela permitiu que o Governo Britânico se mostrasse a Potestade Tutelar da Sociedade e Civilização." E fez, no seu tom grandíloquo, uma defesa irrestrita do tratado de comércio de 19 de fevereiro de 1810 com a Inglaterra. Todo um capítulo do livro é consagrado à justificação do que parecia a Silva Lisboa o benefício máximo do Governo de D. João VI. Ao tempo em que foi escrita a *Memória* já se criticava severamente aquele ato internacional. O menos que se dizia era que ele liquidara a indústria de Portugal e não passava de "odioso monopólio extorquido por um governo que sofria a ditadura do corpo mercantil do país". O futuro Visconde de Cairu, invocando as circunstâncias políticas em que fora assinado o tratado de 1810, procurou mostrar que não seria prudente desgostar "um tão grande freguês, generoso amigo e forte companheiro". Aos que se espantavam das mercadorias inglesas pagarem no Brasil 15% de direitos, ao passo que as que vinham de Portugal incorriam numa tributação de 16% e as dos outros países na de 24%, Silva Lisboa advertia que nas negociações diplomáticas só se atende à "aritmética política" não aos cálculos da "tabuada vulgar". Chegava a dizer: "no sistema de esclarecida finança, dois e dois, em vez de somar quatro, freqüentemente dão menos de um".

Aplaudindo de modo tão completo e irrestrito a política inglesa que D. João VI se viu forçado a seguir, depois que tergiversar e iludir se tor-

nara impossível em face da invasão do território metropolitano, Silva Lisboa não se esqueceu de invocar fatos em abono de seus pontos de vista: primeiro, a maior exportação de gêneros brasileiros graças aos navios ingleses; depois, o fortalecimento do crédito do recém-fundado Banco do Brasil; em seguida, a melhoria das condições de vida em alguns lugares, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro e seus arredores, onde as casas rústicas e urbanas se tornaram mais confortáveis devido ao grande número de negociantes ingleses que se estabeleceram no país. Digno de menção também é que na *Memória dos benefícios políticos do Governo de el-rei Nosso Senhor D. João VI* fosse examinado o problema da abolição do tráfico de escravos, apontado antes como uma causa de pobreza do que de enriquecimento do Brasil. É verdade que no tratado de 1810 a Inglaterra incluíra cláusula sobre a gradual extinção do tráfico, e José da Silva Lisboa, como defensor extremado e sincero desse tratado, seria apenas coerente. Mas não o moveu somente a preocupação de ser lógico, de não cair em contradição. O combate que deu ao tráfico dos negros encontrava apoio em convicções arraigadas e até em mal definidos preconceitos raciais. Silva Lisboa queria a "extirpação do cancro" da escravidão (terá sido o primeiro a usar essa expressão que depois se transformou num lugar-comum?), arrolando os motivos de natureza econômica, social e moral que o induziam a detestar o trabalho servil. Para o autor da *Memória dos benefícios...* a importação dos africanos se fazia com "muito risco e grossos fundos" e dela se originava a "inércia" dos brasileiros que, querendo "viver à custa do suor alheio", afirmavam que "sem africanos não podia florescer o Brasil". Mas a sua antipatia pelos negros era indisfarçável. Não desejava que "a melhor região da América se convertesse em Negrícia e que a Terra de Santa Cruz passasse à metamorfose de Guiné Ocidental".

Bastava que, não obstante os elogios desmarcados a D. João VI, autor de tudo, inspirador de tudo, Silva Lisboa abordasse os temas da influência inglesa e da abolição da escravidão, para que a sua *Memória dos benefícios...* merecesse particular relevo na historiografia sobre o Brasil de

1808 a 1821. Não fica nisso, porém, o interesse que ela encerra para os estudiosos dessa fase da nossa História; há um outro ponto que deve ser posto em foco: Silva Lisboa, bom brasileiro, em 1818, quatro anos apenas antes da Independência, não sonhava com a emancipação total do seu país. Não a desejava. Parecia-lhe suficiente a situação de reino-unido a que fora o Brasil elevado em 1815. "O sistema colonial cessou com a lei da união do Brasil ao original patrimônio da monarquia, corrigindo-se assim radicalmente as anomalias que antes por extremo desigualavam a sorte dos filhos a respeito dos pais nascidos na metrópole..." – proclamava satisfeito e tão aferrado a essa solução, que julgava a independência norte-americana um "hórrido parricídio nacional de infiéis vassalos e filhos desnaturados".

Essa posição conformista não foi apenas do autor da *Memória dos benefícios...* nem se explicará só pelos seus pendores de áulico: foi de um grande número de contemporâneos, dos mais esclarecidos, num equívoco que se prolongaria até as vésperas da ruptura definitiva com Portugal.

Outro livro que constitui fonte valiosa de informações e dados sobre o período que precedeu imediatamente a Independência é o do padre Luís Gonçalves dos Santos, intitulado *Memórias para servir à História do Reino do Brasil*. Menos importante do ponto de vista de crítica histórica do que o de José da Silva Lisboa, o trabalho de Luís Gonçalves dos Santos é talvez, sem exagero, o maior, o mais copioso rol dos acontecimentos do Brasil e particularmente do Rio de Janeiro entre 1808 e 1821. Exaustivamente, sem medo de alongar-se nos pormenores menos significativos, o autor das *Memórias para servir à História do Reino do Brasil* escreveu a crônica quase dia a dia de todas as ocorrências do reinado brasileiro de D. João VI. Assuntos de natureza política e administrativa, festas, cerimônias religiosas, divertimentos populares, descrições do Rio e de suas ruas, tudo isso procurou fixar, mais entusiasmado ainda do que Silva Lisboa com o príncipe português que veio fundar no Brasil um grande Império. O livro inteiro trai por isso a preocupação de apologia, de aplauso sem restrições, no mesmo espírito louvaminheiro da *Memória*

dos benefícios... do futuro Visconde de Cairu. Mas é obra de consulta obrigatória, onde há muito que colher.

Noutro tom, com outra largueza de vistas, tendo já distância que lhe permitia apreciar bem os fatos e os homens e servindo-se de algumas das melhores fontes sobre a matéria, historiador com o gosto da pesquisa direta e do documento original, deixou-nos Francisco Adolfo de Varnhagen na sua *História Geral do Brasil* (tomo V da 3ª edição integral, com as preciosas notas de Rodolfo Garcia) o primeiro estudo capaz de ser considerado a história da época de D. João VI. Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, foi o verdadeiro renovador, senão o criador da historiografia brasileira. Ao lado dele, Luís Gonçalves dos Santos e José da Silva Lisboa (este um homem de imenso saber), não passam de simples cronistas, sem conhecimento ou pouco preocupados com os métodos elementares de investigação e estudo dos fatos históricos e cuidando antes de tudo de exaltar os feitos dos grandes homens, do grande homem que quiseram ver em D. João VI.

Na apuração da verdade acerca dos acontecimentos brasileiros entre 1808 e 1821, Varnhagen pôs a mesma diligência, a mesma curiosidade, o mesmo espírito que o animaram ao escrever toda a *História Geral do Brasil*, livro que sob certos aspectos não foi até agora superado. Esse empenho de conhecer e reconstituir o passado não exclui lacunas e defeitos decorrentes, já de sua concepção do trabalho histórico, já do seu feitio pessoal. Na obra considerável que deixou, Varnhagen não chegou a indicar as características do processo de formação da sociedade brasileira, não teve visão de conjunto. Na historiografia brasileira em geral a sua contribuição consistiu principalmente em procurar e reunir os dados, os elementos, os testemunhos, os documentos indispensáveis à reconstituição do passado do Brasil. Nisso foi inexcedível, e a parte de sua *História Geral*, referente à estada de D. João VI entre nós, representa copioso repositório de informações da maior utilidade. Nas sete seções em que se divide o livro, numa arrumação muitas vezes imprópria, os fatos se acumulam bem averiguados, embora aqui e ali submetidos a um julga-

mento nem sempre seguro. Mas os antecedentes da regência de D. João ainda em Portugal, a sua chegada aqui e os atos que se seguiram, a situação em que se encontrava a colônia prestes a ser elevada a reino, o episódio da revolução republicana de 1817 em Pernambuco, as tentativas de exploração de minas de ferro e de fundições, o desenvolvimento intelectual do Brasil através de escritores, viajantes e do jornalismo nascente, tudo isso Varnhagen procurou estudar com abundância de pormenores e o que fez continua de pé.

O grande livro, entretanto, sobre essa época, só foi escrito quase um século depois: é o *D. João VI no Brasil*, de Oliveira Lima. Retomando os caminhos que o Visconde de Porto Seguro percorrera, alargando-os, procurando novos, dando às suas pesquisas um sentido mais profundo, Oliveira Lima pôde escrever a obra de maior importância até hoje no tocante ao período de 1808 a 1821. As melhores fontes, todas elas emprestam ao livro uma autoridade sem par. Nada escapou ao investigador meticuloso, que se deteve longamente nos arquivos e bibliotecas do Brasil, de Portugal, da Inglaterra, dos Estados Unidos e conseguiu fazer um levantamento geral dos múltiplos aspectos da vida brasileira de então – a terra, o homem, a sociedade, os costumes, a economia. Não se contentando com a mera história cronológica e a exibição dos fatos, o autor de *D. João VI no Brasil* dispôs-se a interpretá-los, mostrando as transformações que se operaram na comunidade brasileira com a transmigração da família real portuguesa, e as repercussões dos acontecimentos que se desenrolaram em outros lugares. Lucidamente, soube perceber os conflitos dos interesses da sociedade que se formavam aqui com os da metrópole que a explorava, sob certos pontos de vista, como uma feitoria de comércio. Depois do seu livro não poderá haver mais dúvida sobre a verdadeira significação da época de D. João VI, em que foram lançadas as bases da emancipação do Brasil.

Historiador e biógrafo, Oliveira Lima soube recriar para o monarca português e os políticos que o cercaram o ambiente de vida em que se moveram, dando-nos deles imagens verídicas, sem os embelezamentos do panegírico ou as deformações tendenciosas da sátira.

A influência inglesa na vinda de D. João VI para o Brasil e nos sucessos políticos posteriores, e os efeitos do tratado de comércio de 1810 mereceram no livro o lugar que a sua importância exigia. O mesmo se poderá dizer das questões diplomáticas em conseqüência da posição de Portugal na tragédia européia, das relações com a Espanha, das intrigas platinas e do surto imperialista concretizado na tomada de Caiena e na conquista da Banda Oriental.

Mais do que tudo isso, porém, *D. João VI no Brasil* tem o mérito de proporcionar aos estudiosos o panorama de toda a vida brasileira de então: a vida social e íntima ao cabo de três séculos de colonização e de opressão, a vida econômica sob o signo da exploração agrícola latifundiária e do trabalho escravo, o fim do regime colonial ao menos na sua feição mais dura, os ecos na América portuguesa das mudanças operadas pela abolição do monopólio e pelo advento da liberdade comercial de que tanto se beneficiaria a Inglaterra, a propagação das novas doutrinas políticas no meio brasileiro. E ainda nos dá a conhecer alguns dos efeitos mais diretos da transferência da família real para cá no processo de diferenciação nacional brasileira, a independência retardada no sentido em que evoluiu a das colônias espanholas, mas recebendo por outro lado um grande impulso, a europeização ou reeuropeização mais intensa do Brasil como resultado da vinda de D. João VI e da predominância inglesa assegurada com o tratado de comércio de 1810. O livro de Oliveira Lima é o ponto mais alto da historiografia a respeito da fase preparatória da emancipação brasileira.

Para o estudo propriamente da Independência, cumpre destacar as três obras que até agora melhor trataram do assunto: a *História da Independência do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen; *O Movimento da Independência, 1821-1822*, de Oliveira Lima; e *A Elaboração da Independência*, de Tobias Monteiro.

O primeiro deles é, como tudo que escreveu o seu autor, um livro largamente documentado, cheio de ótimas informações, feito com a paciência e com o propósito de abranger todos os acontecimentos. Muitos

pontos obscuros encontraram a devida explicação, outros começaram a ser esclarecidos. Varnhagen salienta com razão um fato que nem sempre se tinha querido reconhecer: a posição conformista, em face de Portugal, pouco antes da ruptura definitiva, de grande número de brasileiros. Com a elevação do Brasil à categoria de reino, com a permanência da Corte do Rio de Janeiro, com as indiscutíveis vantagens que para a antiga colônia trouxera o regime inaugurado depois da vinda da família real, muita gente, da mais esclarecida, julgou possível e desejável que continuasse a união, em pé de igualdade com Portugal. Varnhagen chega a dizer que nessa corrente estiveram "todos os indivíduos mais respeitáveis, tanto funcionários como escritores ou simples pensadores". O certo é que foi um equívoco bastante generalizado e de que participaram as figuras mais eminentes do movimento libertador, inclusive José Bonifácio, como timbra destacar, não sem segunda intenção, o Visconde de Porto Seguro.

A maneira por que o grande historiógrafo aprecia a ação e a personalidade de José Bonifácio impõe as maiores reservas. Ao homem verdadeiramente notável que ligou para sempre o seu nome à história da independência brasileira, Varnhagen procura amesquinhar o mais possível. As idéias principais das *Instruções do Governo de São Paulo aos deputados às Cortes de Lisboa*, geralmente atribuídas a José Bonifácio, seu redator, não são dele, não são do homem de alto saber, cientista de renome nos meios cultos do mundo, professor da Universidade de Coimbra, membro e secretário da Academia das Ciências de Lisboa, com dez anos de viagens por toda a Europa e mais de trinta e seis de ausência do Brasil sempre no desempenho de importantes funções técnicas e administrativas: em "grande parte não passam do desenvolvimento de muitas idéias do folheto *Oliva* nelas (*Instruções*) citado". Maior do que José Bonifácio seria pois, o Sr. *Oliva*, a quem pertenceriam "em grande parte" as admiráveis *Instruções* aos deputados paulistas às Cortes de Lisboa!...

Em nada também influiu, segundo Varnhagen, o chamado patriarca da Independência, na decisão do príncipe-regente D. Pedro, de ficar

no Brasil. A carta de 24 de dezembro de 1821, da Junta de São Paulo, redigida por José Bonifácio, "sabemos não ter sido ela que contribuiu à resolução do príncipe", afirma o historiador parcial, acrescentando: "nenhum outro mérito lhe cabe mais que o da energia e veemência da linguagem, se é que essa veemência foi mais profícua que nociva no Brasil". E por que resolveu D. Pedro ficar? Porque lhe foi mostrada uma carta de Tomás Antônio Vila Nova Portugal, antigo ministro de D. João VI, escrita a um amigo, em que dizia a este que, se o príncipe "quisesse salvar seu pai, e aos reinos de Portugal e do Brasil e também a si próprio, não devia por forma alguma deixar o Brasil...". Em diversas outras partes do livro Varnhagen não esconde má vontade em relação a José Bonifácio e uma irreprimível ojeriza a seus irmãos Martim Francisco e Antônio Carlos. A *História da Independência do Brasil*, posto que de consulta obrigatória, deve ser lido com as restrições que o estudo objetivo da História exige dos que se esforçam por atingir o mais possível a verdade.

Livro que ninguém dispensará é *O Movimento da Independência, 1821-1822*, de Oliveira Lima. Seria exagero dar-lhe valor igual ao *D. João VI no Brasil*, do mesmo autor. Mas tem o mesmo rigor crítico, as mesmas qualidades na exposição das matérias, o mesmo dom de fixar as linhas mestras dos acontecimentos. Apoiado nas melhores fontes, não desprezando nenhum fato, Oliveira Lima consegue fazer do estudo da independência brasileira qualquer coisa de vivo, em que se percebe, ora mais na superfície, ora subterraneamente, as forças de naturezas várias que determinaram a nossa emancipação. As características principais do movimento de separação da metrópole, nas suas diferentes fases, não lhe escaparam. Ninguém terá, talvez, discernido mais nitidamente o caráter de transação entre o elemento nacional mais avançado e o elemento reacionário, representado pelos portugueses do comércio e da alta administração, que assumiu a independência processada à sombra do trono de um filho de D. João VI; e transação também entre os que sonhavam com governo republicano, como acontecera com as antigas colônias de

toda a América, e os que, sem fugir às idéias políticas do momento, mais realisticamente queriam a ruptura com Portugal sem o desmembramento do Brasil, sem riscos maiores para a unidade nacional.

O conhecimento profundo do reinado brasileiro de D. João VI facilitou muito a Oliveira Lima a compreensão dos sucessos de 1821-1822. Sem falar no simples fato da vinda para o Brasil da família real portuguesa e de sua permanência aqui, já por si de grande importância, lembra o atilado autor de *O Movimento da Independência* a espécie de monarquia, o novo Império que o Bragança fundara em terras da América: "monarquia híbrida, misto de absolutismo e de democracia; absolutismo dos princípios, temperado geralmente pela brandura e bondade do príncipe, e democracia das maneiras, corrigido o abandono bonacheirão pela altivez instintiva do soberano".

Apreciando a revolução liberal portuguesa de 1820, pelas repercussões que teve no Brasil, Oliveira Lima define-a com justeza como obra da burguesia de negociantes e lavradores, de mãos dadas com o exército enciumado, uma e outro sofrendo os inconvenientes da tutela britânica e da primazia brasileira. A seu ver, a miséria financeira e econômica e as humilhações decorrentes da predominância que lograra o reino americano explicam aquele surto revolucionário, a que não faltou o contágio do exemplo espanhol.

Houvesse embora nos homens do liberalismo luso fundos ressentimentos contra o Brasil, nem por isso, inicialmente, deixou de ter aqui reflexos simpáticos o movimento de 1820. Havia tanta gente satisfeita com as inovações trazidas por D. João VI, e com o regime de reino-unido, que a primeira impressão lhe foi francamente favorável: sem romper os vínculos que ligavam os dois reinos – Brasil e Portugal – ia inaugurar-se uma era de liberdade, de governo representativo, de garantias constitucionais. Muito acertadamente Oliveira Lima chama o ano de 1821 de "ano do constitucionalismo português", tempo em que se cuidava possível manter a união com a ex-metrópole, num engano a que se deixaram arrastar personagens as mais diferentes, do maduro José Bonifácio, com a sua

enorme experiência, ao jovem Evaristo da Veiga, rapaz do Rio de Janeiro, caixeiro de livraria com fumos de poeta e patriota. Só quando as Cortes de Lisboa patentearam os verdadeiros móveis da revolução de 1820, nas chamadas medidas recolonizadoras, foi que os sucessos políticos começaram a ter entre nós um colorido nativista e separatista mais intenso, e que se iniciou, com as representações populares de que resultou a permanência ou a "ficada" entre nós do príncipe D. Pedro, já em 1822, o "ano do constitucionalismo brasileiro".

Em *O Movimento da Independência* está por assim dizer completo o processo de nossa emancipação, com as suas peculiaridades, cada fase bem delimitada, cada fator devidamente destacado, cada influência analisada como merece. O papel do príncipe-regente e o seu feitio psicológico, o papel de José Bonifácio, a ação do grupo da Maçonaria são apreciados em suas exatas proporções, num empenho visível de evitar conceitos parciais, julgamentos apaixonados. E seguindo o próprio exemplo em *D. João VI no Brasil*, não se circunscreveu ao âmbito meramente político, interessando-se também pela história social e econômica da época. Capítulos como "A Sociedade Brasileira. Nobreza e Povo" constituem novidade em nossa historiografia, máxime no tempo em que Oliveira Lima escreveu o seu livro.

Obra de grande vulto, abrangendo já a fase inicial do Primeiro Reinado, é *A Elaboração da Independência* (tomo n. I da *História do Império*) de Tobias Monteiro. Sem este livro, o de Oliveira Lima e o de Varnhagen, só se poderá estudar a história da independência brasileira recorrendo às fontes primárias, aos documentos originais. Tobias Monteiro, tanto quanto os dois outros historiadores citados, tem o gosto – mais do que isso – a volúpia da pesquisa, perseguido que é, como já confessou, pelo demônio da exatidão; e o que *A Elaboração da Independência* revela como trabalho de investigação, paciência em recolher os informes ainda aparentemente sem valor, argúcia na reconstituição e interpretação dos fatos, não pode deixar de ser posto em relevo.

Convencido de que a independência brasileira, na sua etapa decisiva, começou com a chegada da família real portuguesa, Tobias Monteiro principia a sua narrativa analisando as complicações da política européia que colocaram Portugal entre as ameaças napoleônicas e as imposições da aliança inglesa, e forçaram a solução da vinda de D. João para o seu domínio americano. A esse respeito se sucedem páginas de grande penetração. Segue-se o exame, ou melhor, a dissecação das personalidades de D. João, de D. Carlota Joaquina, a Corte portuguesa vista a uma luz crua, que tem a particularidade de revelar, de preferência, as deformações, as fealdades, os estigmas mórbidos. O autor de *A Elaboração da Independência*, sem *parti-pris* certamente, mas com uma disposição de pouca simpatia, instaura o julgamento da família real portuguesa, enumerando-lhe as taras, os vícios, as fraquezas. Em toda essa primeira parte do livro – mais de um terço dele – há um excesso de minúcias de caráter privado, prejudicando obra de tanto mérito e dando-lhe tons de história íntima e escandalosa. Felizmente isso acaba quando Tobias Monteiro entra a historiar os acontecimentos mais proximamente ligados à Independência. Aqui o seu trabalho cresce de valor e consegue realizar qualquer coisa que não foi superado até agora. A ação do Príncipe D. Pedro, desde a partida do pai para Lisboa, é exposta de uma maneira que se pode chamar, sem ênfase, de magistral. Quanto ao papel de José Bonifácio, bem se percebe que Tobias Monteiro, embora sem lhe recusar, como fizeram e fazem ainda hoje inimigos póstumos dos Andradas, uma grande importância, é dos que se inclinam a conceder ao grupo de Ledo e José Clemente mais do que merece. E na apreciação sobre o comportamento pessoal, o feitio psicológico, o caráter do ministro da Independência e de seus irmãos, há muita coisa certa, procedente, fundada, ao lado de graves injustiças.

Como quer que seja, o livro de Tobias Monteiro é, na bibliografia histórica relativa aos acontecimentos da emancipação brasileira, desses trabalhos que nenhum estudioso poderá dispensar.

Além dos livros de Varnhagen, Oliveira Lima e Tobias Monteiro, sem dúvida os trabalhos de maior valor sobre a Independência, há vá-

rios outros (não falando nas obras gerais de história do Brasil) cuja leitura é necessária à compreensão desse período histórico por esclarecerem aspectos particulares dos acontecimentos, tornarem acessíveis alguns dos documentos capitais e fornecerem informações mais minuciosas acerca de personagens que desempenharam papel de maior ou menor relevo. É o caso das *Cartas e mais peças oficiais dirigidas a Sua Majestade o Senhor D. João VI pelo príncipe real o senhor D. Pedro de Alcântara*..., não só na edição oficial feita em 1822 pela Imprensa Nacional de Lisboa, como na tradução francesa de Eugéne Monglave (Paris, de I'Imprimerie de A. Henry Tenon, 1827). Nessa correspondência muitos episódios de 1821-1822 encontram explicação fácil: nela D. Pedro vai contando ao pai tudo que se passa e fixando com mais ou menos abandono as suas reações diante dos fatos. Importante também para o estudo da época é a *Correspondência oficial das províncias do Brasil durante a legislatura das Cortes de Lisboa*..., bem como os ofícios e cartas dos agentes diplomáticos acreditados no Rio de Janeiro, sobretudo o da Áustria, Barão Wenzel de Mareschal, e o da França, Coronel Maler. As informações enviadas aos seus governos por esses dois diplomatas, empenhados em conhecer tudo, em penetrar os segredos das antecâmaras, são por vezes verdadeiramente preciosas. Um e outro estavam em situação de saber o que ocorria, sobretudo o primeiro, dada a sua condição de agente da Áustria, acompanhando de perto a princesa D. Leopoldina.

Não se poderá abrir mão também de alguns dos trabalhos de Melo Morais, sobretudo a *História do Brasil Reino e Brasil Império* e o *Brasil Histórico*. São obras fragmentárias, escritas sem nenhum método, em que os assuntos se misturam e se repetem. Mas abrigam uma imensa cópia de documentos (nem sempre fielmente transcritos), de testemunhos e de referências, úteis por certo ao estudioso que saiba escolher, peneirar, distinguir.

Do mesmo gênero é a contribuição de Meneses Drummond nas *Anotações* à própria biografia, anotações que se alongam por mais de 140 páginas em contraste com o estudo biográfico que não chega a 5! Mas o

testemunho de Drummond é o de um contemporâneo, que tomou parte nos sucessos e viveu na intimidade de pessoas influentes como José Bonifácio. E já que vem à baila o nome do homem que teve o papel mais eminente, ao lado de D. Pedro, na emancipação do Brasil, não devem ser omitidas as *Cartas Andradinas*, peças de correspondência particular, em que aparecem, vistos através da crítica ferina e pouco serena dos irmãos Andradas, os homens e os fatos do momento.

Outras cartas que servem a quem quiser de preferência dedicar-se à história íntima e social da época em que se preparou a Independência, são as de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, português a princípio pouco simpático ao Brasil e que acabou brasileiro, oficial maior da Secretaria dos Negócios do Império.

Parece inútil dizer que a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* contém sobre a fase da Independência alguns estudos de consulta obrigatória. O tomo especial intitulado *O Ano da Independência* reúne uma série de conferências pronunciadas em 1922, e algumas valem como interpretações do processo de nossa separação de Portugal. Muitos são, nessa venerável revista de 106 anos, os ensaios e achegas sobre aspectos, episódios e acontecimentos do tempo da emancipação brasileira. Na leitura dela, como na das revistas do Instituto Histórico de São Paulo, Ceará e Rio Grande do Sul e Arqueológico de Pernambuco, o pesquisador não perderá seu tempo.

Não se poderá também ter uma informação completa acerca da mentalidade dominante na época sem a consulta de jornais como *O Revérbero Constitucional Fluminense, O Despertar Brasiliense, O Espelho, A Malagueta, Correio do Rio de Janeiro*, sem falar no *O Patriota* e no grande *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário*, redigido em Londres, de 1808 a 1822, por Hipólito da Costa, de tão larga influência.

Um exame atento dos documentos oficiais da fase dramática da Independência é absolutamente necessário: os manifestos de 1 a 6 de agosto de 1822, o último sobretudo, que exprime todo o ressentimento de três séculos de opressão colonial e a certeza de que chegara para o Brasil a hora de sua libertação.

Finalmente, para se ter um conhecimento em profundidade do estado econômico, social e político do país, ao cabo de três séculos de colonização, há um livro que se impõe – *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior. Não se trata de obra que se enquadre precisamente na historiografia da Independência, mas seria do maior proveito lê-la com o vagar e a atenção que merece. O autor promete novos tomos, pois que o seu objetivo é "explicar o Brasil de nossos dias através da análise da sua evolução histórica desde as vésperas da Independência". A continuação da obra virá esclarecer certamente muitos pontos mal examinados do período de nossa história que vai de 1808 a 1822. Um deles, que está a pedir um exame detido, é o da influência inglesa na nossa emancipação. Há muito que pesquisar nessa matéria.

PRIMEIRO REINADO

O Primeiro Reinado caracterizou-se por uma constante instabilidade política e social.

A preocupação maior dos homens que fizeram a Independência, com a transação da monarquia constitucional, foi manter e tornar mais vigorosa a unidade brasileira. Certo, esta não se reduziu a uma construção artificial dos estadistas da época, e tinha a prepará-la fatores vários de ordem econômica e cultural. Mas, em boa parte, tornou-se mais fácil graças à solução adotada: a permanência do príncipe-regente, transformado em Imperador, evitou sérios riscos de desmembramento do Brasil.

Não obstante, no reinado de D. Pedro I as crises se sucederam e assumiram, às vezes, aspectos dramáticos. Se triunfou a monarquia, se se conseguiu abafar as reivindicações mais extremadas – federalistas e republicanas – foi a princípio com um mínimo de repúdio da ideologia política divulgada no mundo ocidental, com a vitória da Revolução Francesa. A Metternich o regime brasileiro pareceu "uma república onde todo mundo governa".

Dir-se-ia que as instituições liberais encontrariam plena expansão quando se reuniu a 3 de maio de 1823 a Assembléia Constituinte. Mas

não seria assim: seis meses depois, o golpe de violência do monarca, dissolvendo-a, antes de concluída a grande lei esperada, deixou fora de dúvida o que Dom Pedro I, a despeito dos seus tons românticos e do seu liberalismo sentimental, mais profundamente desejava – outorgar uma Constituição, sobrepondo-se ao país, arvorando-se em seu mandatário presumido e exclusivo.

E foi o que aconteceu. Veio a Constituição de 25 de março de 1824, dádiva do monarca. Era um diploma liberal, posto que concentrasse grande força na pessoa do Imperador, a enfeixar dois poderes, o Executivo e o Moderador.

Não se resignaram todavia os mais radicais e fizeram a revolução de 1824, com a malograda Confederação do Equador, expressão das tendências mais profundamente nativistas do Nordeste brasileiro.

Implacável foi a reação de D. Pedro I. Quem dissera "amo a liberdade e se me visse obrigado a governar sem um constituição, imediatamente deixaria de ser Imperador", suspendeu as garantias da Carta que outorgara, não hesitou em armar cadafalsos e daí em diante governou sempre ao sabor dos seus maus e bons impulsos.

A historiografia relativa ao Primeiro Reinado é menos importante do que a do período anterior. É preciso voltar à obra de Tobias Monteiro, *A Elaboração de Independência.* Aí se estuda com minúcias o que se poderia chamar de coroamento da ação emancipadora com a derrota dos redutos portugueses da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Pará. Os primeiros tempos do novo Império, os Andradas no Governo, a reunião e a dissolução da Constituinte são apreciados sempre com o apoio de abundante documentação. Mas os julgamentos a respeito dos Andradas estarão longe de merecer adesão irrestrita.

Na continuação de sua *História do Império,* no Tomo I, que tem o subtítulo "O Primeiro Reinado", Tobias Monteiro examina judiciosamente a Constituição de 25 de março de 1824, escreve o que de melhor até agora existe sobre a revolução de 1824, embora subestimando o movimento liberal do Nordeste, e traça de modo admirável o quadro das

negociações para o reconhecimento do Império. Em 1927, ao sair *A Elaboração da Independência*, o autor prometeu estudar, em vários volumes, o Primeiro Reinado, a Regência, o Segundo Reinado. É pena que, decorridos dezessete anos, só tenham aparecido dois volumes e a matéria versada não vá além dos pontos acima apreciados. O Primeiro Reinado, no seu conjunto, está ainda sem um estudo feito de acordo com os atuais métodos de historiografia. Até agora, o melhor trabalho a respeito é o do inglês João Armitage, na *História do Brasil desde o Período da Chegada da Família de Bragança em 1808 até a Abdicação de D. Pedro I em 1831.*

Armitage veio para o Brasil como empregado de uma casa inglesa do Rio (filial de Philips, Wood & Cia, da Inglaterra) e aqui se pôs a observar a vida política e social do país. Cedo se tornou amigo de alguns dos jornalistas e homens públicos que almejavam a implantação das práticas liberais e democráticas, entre os quais Evaristo da Veiga. Decidido a escrever alguma coisa sobre os fatos cujo desenrolar presenciava, Armitage procurou o mais possível ser imparcial extraindo dos documentos e testemunhos o máximo de verdade. Seu livro, sobretudo no que diz respeito aos sucessos entre 1828 e 1831, vale como o depoimento pessoal de um espírito lúcido e honesto. No inglês que acompanhou atentamente os sucessos dos dias turvos do fim do reinado de D. Pedro I e assistiu, como habitante do Rio de Janeiro, aos distúrbios, aos motins, às arruaças, às rusgas dos primeiros anos da Regência, houve o desejo sincero de fixar o que viu, de investigar as causas de tamanha agitação, de julgar com serenidade os homens que representaram os papéis mais importantes. Cronista arguto e de inteira boa fé, Armitage poderá uma vez por outra ser menos exato ou menos justo por falta de melhores informações ou por não ter conseguido vencer de todo as prevenções do tempo em que redigiu o seu livro. Mas isso acontece raramente. O trabalho histórico – trabalho de amador, feito porém com a maior consciência – desse comerciante inglês que se interessou deveras pela vida política do Brasil, tem incontestável merecimento. Alguns perfis, como o de Bernardo Pereira de Vasconcelos, abonam o seu senso crítico e o seu

gosto literário. O ambiente do tempo é reconstituído com fidelidade e os julgamentos das personagens mais influentes – D. Pedro I, José Bonifácio, Evaristo da Veiga – ainda hoje nos parecem muito próximos da verdade.

Os gabos que podem ser feitos ao pequeno mas substancioso livro de Armitage, sobretudo no que diz respeito à exatidão dos informes e dados, não se ajustam à obra vasta de Pereira da Silva – *História da Fundação do Império Brasileiro*, continuada com o *Segundo Período do Reinado de Dom Pedro I no Brasil* (1825-1831). Talvez se fale mal desses livros mais do que na realidade merecem. Mas é incontestável que inspiram confiança restrita pelos erros e enganos de fato e pela superficialidade de opiniões em que muitas vezes incidem.

Na bibliografia histórica do Primeiro Reinado não deverá passar sem menção o trabalho de José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu, *História dos Principais Sucessos Públicos do Império do Brasil.* Uma reserva preliminar se impõe a esse livro: trata-se de obra de encomenda escrita por incumbência do Governo de então, de acordo com a portaria de 7 de janeiro de 1825, do ministro do Império Estêvão Ribeiro de Resende, e dedicada ao Imperador D. Pedro I. Homem sem dúvida de alto valor intelectual, Silva Lisboa fez com D. Pedro I o que já fizera com D. João VI: desandou no panegírico, numa tal preocupação de louvor desmedido, que lhe valeu, malgrado contestações de admiradores póstumos, a merecida fama de áulico, de adulador. Essa sua *História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil*, extremamente rara, vale mais pelos documentos e atos oficiais que transcreve do que pelos juízos parciais que a excluem do rol dos verdadeiros trabalhos de historiografia. Falta-lhe distância dos acontecimentos. Falta-lhe independência de opinião.

O Primeiro Reinado Estudado à luz da Ciência ou a Revolução de 7 de Abril de 1831 Justificada pelo Direito e pela História, de Luís Francisco da Veiga, já pelo título deixa entrever o seu feitio, o que realmente é: muito mais um panfleto do que uma obra histórica. Embora deva ser lido, porque ajuda a conhecer certos aspectos de reinado de D. Pedro I, é livro em que a

paixão nem sequer busca disfarçar-se. O tom é nitidamente de obra partidária, de ataques enfáticos e de defesas cheias de calor. Há muita sinceridade em Luís Francisco da Veiga, mas há também um dos piores defeitos em quem se abalança a escrever trabalhos de historiografia: o vezo da declamação.

Alguns estudos especializados sobre aspectos do Primeiro Reinado colocam-se entre o que existe de melhor a respeito desse período. É o caso, por exemplo de *O Reconhecimento do Império* de Oliveira Lima, de *A Batalha do Passo do Rosário* de Tasso Fragoso e de *Formação Constitucional do Brasil,* de Agenor de Roure. Não obstante o tom apologético, convém destacar pela documentação abundante de que se socorre *A Confederação do Equador* de Ulisses Brandão. Outros ensaios, publicados de preferência na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, trazem bons subsídios para o esclarecimento de certas particularidades do reinado de D. Pedro I. Menos valiosos não são os livros de Alberto Rangel – *D. Pedro I e a Marquesa de Santos, Textos e Pretextos, No Rolar do Tempo* e *Trasantontem.*

A verdade, entretanto, é que ainda não apareceram estudos definitivos sobre essa fase da História do Brasil. O qüinqüênio de lutas de 1826 e 1831, desde a abertura da Assembléia Legislativa até a abdicação do primeiro imperador, está à espera de um exame mais atento e demorado. Há muitos problemas históricos exigindo a atenção dos estudiosos. Para só falar em três ou quatro dos mais interessantes, cumpriria apreciar: o recrudescimento de ardor nativista, quando se começou a pensar que a independência com o trono de D. Pedro I fora um equívoco senão um ludíbrio: o acirramento do ódio contra os antigos dominadores, representados agora pelos portugueses do comércio, os "pés-de-chumbo", sustentáculos da monarquia, por parte do elemento que se tinha na conta de genuinamente brasileiro, de vários tons de pigmentação, mestiços já em plena ascensão social, ou, em maior número, constituindo um resíduo socialmente instável; a predominância política dos traficantes de escravos; os conflitos entre as influências urbanas e os interesses dos proprietários territoriais, senhores de engenho e fazendeiros; as repercussõ-

es no Brasil dos movimentos de idéias e das mudanças políticas de outros povos. Os historiadores que se dedicarem à tarefa de esclarecer esses e outros pontos do Primeiro Reinado não poderão dispensar a consulta dos Anais da Assembléia Constituinte de 1823, da Câmara e do Senado, a partir de 1826, dos jornais do Rio de Janeiro e das principais cidades, das províncias – que manancial não é uma *Aurora Fluminense*! – dos numerosos panfletos que então se publicaram. E a leitura dos livros dos viajantes estrangeiros que nos visitaram.

REGÊNCIA

Inaugura-se no Brasil um dos períodos mais intensos e agitados de sua história – a Regência.

Pedro I abdicara em favor de seu filho que contava apenas cinco anos de idade. Subsistiria a monarquia?

Salvo raras personagens mais apegadas à instituição por tradições de família, favores recebidos ou motivos de ordem sentimental, não havia no Brasil, principalmente na gente moça que em grande maioria assumia a direção política do país, partidários fervorosos do trono. Todos esses jornalistas, escritores e políticos que passaram a exercer funções de governo, tinham sido formados ao influxo da ideologia liberal, fosse de molde francês, inglês ou norte-americano; todos queriam governo representativo, garantias individuais. Os mais avançados iam francamente até a república, que era o figurino institucional do continente, e sonhavam com a federação segundo o modelo adotado pelos americanos-do-norte.

Era inevitável, pois, a divisão, o dissídio, a formação de grupos ou partidos, conforme as tendências, num ou noutro sentido. E surgiram então ou liberais-moderados e os liberais-exaltados. Estes, preponderantes na hora do preparo e do desencadeamento da ação revolucionária, no momento mesmo do triunfo tinham sido superados pelos primeiros. Repetindo e atitude de José Bonifácio e dos outros políticos da Independência, os "moderados", pelos mesmos motivos, pelos mesmos re-

ceios de desmembramentos e sucessão evitaram a república, não quiseram "o governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra", fazendo do 7 de Abril a *journée des dupes* dos liberais puros, como confessaria mais tarde um dos enganados do dia. (Teófilo Otoni, *Circular dos Senhores Eleitores...*)

Nenhum dos liberais-moderados, dos que se opuseram ao estabelecimento do "governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra", seria entusiasta do trono do imperador de cinco anos. Monarquistas práticos, sem unção, sem poesia, viam no trono um expediente político oportunista, qualquer coisa como um aparelho ortopédico destinado a consolidar a unidade do país, atacada por tantas forças de dispersão. Só por esses motivos de ocasião resistiram aos "exaltados", recuaram talvez de propósitos anteriormente manifestados, e venceram.

Mas isso não aconteceu sem lutas aspérrimas, o país do norte ao sul em convulsões freqüentes, motins e sedições se sucedendo, largos movimentos separatistas como a Revolução Farroupilha rio-grandense e a Sabinada, sangrentos levantes, mal disfarçando conflitos de classes ou de raças, como a Cabanagem, a Balaiada e a insurreição dos africanos na Bahia.

O estudo da época regencial, em sua maior parte, está ainda por fazer-se. Trabalhos abrangendo todo o quase decênio há apenas dois – *História do Brasil de 1831 a 1840 -- Governos Regenciais durante a Minoridade*, de Pereira da Silva, e *História Pátria -- o Brasil de 1831 e 1840*, de Moreira de Azevedo.

Falar mal dos livros históricos de Pereira da Silva é como que obrigatório. Mas este, em que trata do período regencial, sem conseguir fixar-lhe os traços fundamentais, não será tão ruim, como se diz, às vezes de oitiva. A leviandade de Pereira da Silva, por muitos exagerada, não o impediu de escrever um livro que ainda presta os seus serviços. Desde que se tenha o cuidado de conferir as informações que dá com os documentos do tempo, será de apreciável utilidade.

A obra de Moreira de Azevedo, história cronológica em que sumaria os principais acontecimentos de cada ano, desde a eleição da regência

provisória a 7 de abril de 1831 até a proclamação antecipada da maioridade de D. Pedro II a 23 de julho de 1840, menos minuciosa do que a de Pereira da Silva e por isso mesmo menos sujeita a equívocos, será também como aquela da consulta proveitosa. Moreira de Azevedo, sem ter propriamente a paixão da pesquisa pessoal, documentava-se, lia jornais, discursos parlamentares e atos oficiais do tempo.

Outro livro cuja consulta deve ser recomendada é o de Aurelino Leal – *Do Ato Adicional à Maioridade.* Há nele algumas páginas de aguda penetração sobre a história constitucional e política dos tempos regenciais, o estudo consciencioso dos episódios culminantes, o esboço dos perfis dos homens mais influentes.

Quem pretender examinar minuciosamente certos movimentos insurrecionais da época da Regência não poderá prescindir de obras como *Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará, desde o Ano de 1822 até 1835*, de Domingos Antônio Raiol, *A História da Grande Revolução (o Ciclo Farroupilha)*, de Alfredo Varela, *A Sabinada*, de Luís Viana Filho. O livro de Raiol, para o tempo em que foi escrito, é na verdade admirável, sobretudo por ter sabido vislumbrar o sentido de revolução social da Cabanagem; o de Varela, embora fastidioso e interminável, constitui uma contribuição a que não se pode recusar merecimento; o de Luís Viana Filho expõe, com discernimento do historiador que busca os melhores documentos e sabe interpretá-los, as feições mais típicas do movimento baiano de 1837.

O certo, entretanto, é que mais do que o Primeiro Reinado, a Regência está a exigir estudos em profundidade, estudos gerais e não apenas em torno de episódios.

Para reconstituí-la, será necessário acentuar o imenso esforço de transação que a princípio a caracterizou, com a preservação da monarquia em prejuízo das reivindicações liberais, com o estabelecimento de uma verdadeira república provisória com o predomínio da Câmara dos Deputados. Mas o estudioso concluirá sem dificuldade que a experiência republicana não foi das mais animadoras: as taras que provinham da so-

ciedade colonial com o seu regime de propriedade e de trabalho, o seu binômio – senhor e escravo, que se pretendia dar às instituições liberais a amplitude preconizada pelos [moderados] como que se exacerbaram em todas as suas conseqüências no momento em "exaltados". E o resultado foi realmente um estado quase generalizado de desordem.

Sinal inquietante, a estudar mais longamente, da quase anarquia da era regencial, se encontrará na indisciplina militar. O exército no que dizia respeito propriamente à tropa, aos soldados, fora recrutado em grande parte naquele elemento da população ainda socialmente indefinido, sem posição estável, egressos do cativeiro, gente desocupada dos centros urbanos ou dos clãs rurais, indivíduos sem virtudes militares, nem cidadãs, desvairados pela exaltação da vitória revolucionária. Grande parte da oficialidade reagiu, e houve até, no Rio de Janeiro, a organização de um numeroso corpo de oficiais-soldados, composto de meio milhar de oficiais, de todas as patentes, que se colocou ao serviço do governo, na repressão das arruaças e motins. Mas a indisciplina militar constitui uma das causas mais sérias das desordens do período regencial, forçando, como medidas extremas, a quase dissolução da tropa regular, e a criação, para substituí-la, da Guarda Nacional.

Outro ponto a desenvolver na história da Regência será o caráter social de vários dos seus movimentos revolucionários, de indissimulável luta de classes, como a Cabanagem, por motivo da opressão que os antigos dominadores, malgrado a independência política do país, continuaram a exercer sobre elementos menos favorecidos da população, mas já em fase de ascensão, desejosos de uma vida melhor.

Também necessitará de exame atento a reação conservadora que se operou mais nitidamente a partir de 1834 e atingiu ao auge em 1837 com a queda do regente Feijó e a subida ao governo do chamado partido do "regresso". Não se deverá investigá-la apenas nos seus aspectos políticos; cumprindo vê-las nos seus motivos mais profundos, como o triunfo dos que detinham no Brasil a propriedade territorial, dos senhores de engenho e fazendeiros, latifundiários e escravocratas. Convirá não es-

quecer que a despeito de toda a ideologia liberal levada a extremos, e da lei de 7 de novembro de 1831, que proibira o tráfico africano, os escravos continuaram a afluir, sempre em números ascendentes. (Entre 1830 e 1839 desembarcaram no Brasil mais de 400.000.) A lavoura do café tomara vulto, avassalara a Província do Rio de Janeiro, e começava a invadir as limítrofes.

Cresciam assim interesses que reclamavam ordem, estabilidade, autoridade resguardada. A prova estaria nas eleições de 1836, dando maioria aos "regressistas". Esboçava-se o futuro partido conservador do Segundo Reinado, apoiado na aristocracia rural, que passaria a predominar. A escolha de Pedro de Araújo Lima, em substituição de Feijó no lugar de Regente, do futuro Marquês de Olinda, tão expressivo daquela classe, era mais uma prova do novo rumo. O Nordeste, antes libertário, juntava-se ao Centro-Sul propugnador de uma autoridade mais forte. Os homens que governaram com Araújo Lima foram Bernardo Pereira de Vasconcelos, escravocrata confesso, com o seu refrão – "a África civiliza o Brasil", Honório Hermeto e Rodrigues Torres, ligados ao café fluminense.

Descobrirá o estudioso desse importante aspecto da fase regencial que, como já acontecera no Primeiro Reinado, os escravocratas, os componentes da denominada aristocracia rural, de mãos dadas com os traficantes de negros africanos, acabaram por predominar. E não poderá enganar-se com o golpe da maioridade antecipada de D. Pedro II, promovido pelos liberais em 1840: ao poder voltaram naturalmente os "regressistas", dentro de poucos meses, e fizeram-no mais forte, mais defendido por leis e reformas de espírito reacionário, que asseguraram, em meio de crises mais ou menos graves, o longo reinado do segundo imperador, cujo epílogo, numa coincidência a ser assinalada, logo se seguiu à abolição da escravidão no Brasil.

A história da Regência, feita mediante o exame atento dos pontos acima mencionados e de outros menos importantes, imporá a consulta dos jornais e panfletos do tempo (só jornais montam a mais de 200, mas bastará ler a terça parte ou a metade deles), os Anais da Câmara e do Se-

nado, os livros dos viajantes estrangeiros, as correspondências dos agentes diplomáticos acreditados no Rio de Janeiro, a sempre indispensável *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a do Instituto Histórico de São Paulo, etc.

Talvez, sob alguns pontos de vista, seja a Regência a época mais interessante da História do Brasil, e por estar persuadido disso, já escreveu o autor destas notas quatro livros a respeito de homens e fatos a ela ligados, como trabalhos preparatórios de um estudo de conjunto – *Bernardo Pereira de Vasconcelos e Seu Tempo*, *Evaristo da Veiga*, *História de Dois Golpes de Estado* e *Diogo Antônio Feijó*.

. . . .

Bibliografia

Acióli, Hildebrando de. *O reconhecimento da independência do Brasil.* Pref. do Dr. José Francisco da Rocha Pombo. Rio, Imprensa Nacional, 1927. 254 p.

Trata-se do reconhecimento da nossa independência pela Inglaterra, e divide-se em três partes: 1ª, Brant e Gameiro em Londres; 2ª, A missão Stuart; 3ª, Apêndice (trechos das instruções de Canning a Stuart. A diplomacia da independência e quadro cronológico do reconhecimento da independência. **[3333]**

Acióli, Hildebrando de. *O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.* S. Paulo. Editora Nacional, 1936. 180 p. (Brasiliana, v. 55).

O autor estuda neste trabalho as negociações entabuladas para o reconhecimento de nossa independência pelos Estados Unidos, principalmente a obra de Silvestre Rabelo. Interessantes são os capítulos sobre a "doutrina de Monroe em face da Inglaterra" e "a doutrina de Monroe" e o Brasil. **[3334]**

Andrada e Silva, José Bonifácio de.

vide

Silva, José Bonifácio de Andrada e. *O ano da independência.* Tomo especial da Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. Rio, 1922. 530 p.

Contém as conferências pronunciadas no Instituto Histórico, durante o ano de 1922, em comemoração do Centenário da Independência, sobre fatos relativos a esse acontecimento.

Algumas dessas conferências valem como interpretação de aspectos do processo da emancipação brasileira: a maioria tem mérito informativo. **[3335]**

Araripe, Tristão de Alencar (Júnior). *Notícia sobre a maioridade.* (In Rev. Inst. Hist. Bras., tomo 44, 2ª parte, p. 167-268). Rio, 1881. **[3336]**

Notícia sobre a maioridade. Rio de Janeiro, H. Laemmert & cia., 1882. 57 p.

Subsídio importante para o estudo do movimento maiorista. O trabalho é acompanhado das atas do Clube da Maioridade, sociedade secreta fundada para promover a medida. **[3337]**

Armitage, John. *História do Brasil desde a chegada da real família de Bragança em 1808, até a abdicação do Imperador D. Pedro I, em 1831.* Trad. do inglês para um brasileiro. Rio, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 323 p. **[3338]**

História do Brasil, 2ª edição brasileira organizada por Eugênio Egas. São Paulo, 1914. **[3339]**

História do Brasil, 3ª edição. Rio, Zélio Valverde, 1943.

Obra de grande importância para o estudo da época. Recomendável sobretudo pela exatidão dos informes e julgamento de certas personagens. O autor, comerciante no Rio de Janeiro, foi testemunha de muitos

dos acontecimentos de que se ocupa e figurou no círculo de amigos de Evaristo da Veiga, um dos homens mais influentes do tempo. **[3340]**

Assis Cintra

vide

Cintra, Assis.

Azeredo, Carlos Magalhães de. *O reconhecimento da independência pela Santa Sé* (An. 2º Congr. Hist. Nac., III, p. 61-90. Rio, 1942).

Trabalho bastante documentado, sendo mesmo o único existente sobre o assunto. **[3341]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *História pátria: o Brasil de 1831 a 1840.* Rio, Garnier, 1884. 424 p. ilus.

Estudo cronológico dos acontecimentos políticos entre 1831 e 1840. Vale como subsídio para o conhecimento da época ainda a exigir maior exame. **[3342]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Motim político de 17 de abril de 1832 no Rio de Janeiro.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., t. 38, 2ª parte, 1875).

Estudo breve sobre a tentativa de restauração de D. Pedro I, em que José Bonifácio teria tomado parte, segundo a acusação que lhe fez o ministro da Justiça, Diogo Antônio Feijó. **[3343]**

Azevedo, Manual Duarte Moreira de. *Sedição militar de julho de 1831, no Rio de Janeiro.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. t. 37, 2ª parte, 1874, p. 179).

Exposição sucinta da sedição militar de meados de julho de 1831, no Rio de Janeiro. Primeira manifestação grave de indisciplina reinante no Exército. **[3344]**

Bahia. Arquivo do Estado. *A revolução de 7 de novembro de 1837 (Sabinada).* Bahia, Escola Tip. Salesiana e Comp. Ed. Gráfica, 1937-1938. 2 v.

Coletânea de estudos e documentos sobre a revolução baiana de 1837. Posteriormente apareceu um terceiro volume. **[3345]**

Beviláqua, Clóvis. *O reconhecimento da independência pelos estados platinos.* (An. 2º Congr. Hist. Nac., III, p. 37-44. Rio, 1942)

Trabalho ligeiro, resumindo as negociações realizadas para o reconhecimento da nossa independência pelos países do Prata. **[3346]**

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *História da independência do Brasil.* (Separata da Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., tomo 94, vol. 148. Rio, 1927). 239 p.

Boa contribuição para a história da independência. **[3347]**

Boiteux, Lucas Alexandre. *A esquadra nas lutas da independência* (An. 1º Cong. Hist. Nac. V. Rio, 1917, p. 49-110).

Trata da participação da esquadra na guerra da independência. O autor é um especialista em questões históricas a que se prende o aspecto marítimo. **[3348]**

Brandão, Ulisses. *A confederação do Equador.* Edição comemorativa do 1º centenário. Pernambuco. Oficinas gráficas da repartição de publicações oficiais, 1924. 374 p.

Estuda longamente a revolução pernambucana de 1824, num tom apologético, embora não dispense farta documentação. **[3349]**

Brígido, J. *Os precursores da independência: homens e fatos do Ceará.* Fortaleza, Tip. Universal, 1899. 203 p.

Contribuição apreciável para o conhecimento de aspectos regionais do movimento da independência. **[3350]**

Calmon, Pedro.

vide

Bittencourt, Pedro Calmon Moniz de. *Cartas de D. Pedro, Principe-Regente do Brasil a seu pai D. João VI, Rei de Portugal: 1821-1822.* Edição preparada por Eugênio Egas. S. Paulo, Tip. Brasil, 1916. 158 p.

Além da correspondência de D. Pedro, contém ainda numerosos documentos de interesse para a história da independência. **[3351]**

Cartas e mais peças oficiais dirigidas, a sua majestade o Senhor D. João VI, *pelo Príncipe Real o Senhor D. Pedro de Alcântara e juntamente os ofícios e documentos, que o general comandante da tropa expedicionária existente da província do Rio de Janeiro tinha dirigido ao governo.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1822. 72 p.

Documentos de grande importância para o estudo da independência brasileira. **[3352]**

Carvalo, M. E. Gomes de. *Os deputados brasileiros nas cortes gerais de 1821.* Porto, Lello, 1912. 432 p.

Trabalho de valor informativo, contendo boa contribuição para a história da independência. **[3353]**

Castelo Branco, Pandiá Toutphoeus. *A corte portuguesa no Brasil.* (An. 1º congr. hist. bras., I, p. 417-434. Rio, 1915)

Rápido trabalho em que o autor estuda as condições materiais e culturais do Brasil no início do século XIX e os proveitos colhidos pelo país da permanência no Rio de Janeiro da corte portuguesa. **[3354]**

Castro, Augusto Olímpio Viveiros de. *Manifestação de sentimento constitucional no Brasil-Reino -- A convocação de uma constituinte pelo decreto de 3 de junho de 1822 -- Os deputados brasileiros nas cortes de Lisboa.* (An. 1º Congr. Hist. Nac., III, p. 5-12. Rio, 1916)

Dos diversos temas abordados pelo autor, merece destaque especial o primeiro, em que estuda as manifestações de sentimento constitucional durante o Brasil-Reino. O autor nega que nesse período houvesse a manifestação daquele sentimento, o que, a seu ver, só houve por ocasião do movimento da independência. **[3355]**

Cavalcanti, Manuel Tavares. *A ação revolucionária dos "exaltados"; a reação do governo; colaboração do parlamento.* (An. 2º Congr. Hist. Nac. I, p. 639-654. Rio, 1934)

Trata ligeiramente dos golpes de 3 e 17 de abril de 1832 e da participação neles do partido denominado "exaltado". **[3356]**

Cintra, Assis. *D. Pedro I e o grito da independência.* S. Paulo, Comp. Melhoramentos, 1921. 234 p. ilus.

Contém a reprodução de diversas cartas, proclamações, representações e outros documentos pessoais do primeiro imperador do Brasil. **[3357]**

Cintra, Assis. *O homem da independência.* S. Paulo, Comp. Melhoramentos, 1921. 346 p.

O autor trata de maneira depreciativa da personalidade de José Bonifácio e reivindica para Joaquim Gonçalves Ledo as honras de fator

máximo da independência brasileira. Livro parcial, em que a paixão não se esconde. **[3358]**

Cockrane, Lord. *Narrativa de serviços no libertar-se o Brasil da dominação portuguesa, prestados pelo almirante conde de Dundonald.* Trad. de A. R. Saraiva. Londres, James Ridgway, 1859.

Trabalho muito útil para o conhecimento das guerras da independência e seus feitos navais. **[3359]**

Correspondência oficial das províncias do Brasil durante a legislatura das cortes constituintes de Portugal nos anos de 1821-1822, *precedida das cartas dirigidas a el-Rei Dom João VI, pelo Príncipe Real D. Pedro de Alcantara, como regente.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1872. 446 p.

Contém documentos de grande interesse para a história da independência. **[3360]**

Declaração da maioridade de S. M. Imperial o Senhor Dom Pedro II desde o momento em que essa idéia foi aventada no Corpo legislativo até o ato de sua realização. Rio de Janeiro, Tip. da Assoc. do Despertador, 1840. 127 p.

Este volume, organizado, segundo parece certo, pelo Deputado Cônego José Antônio Marinho, um dos participantes do movimento maiorista e depois primeiro historiador da revolução liberal de 1842, reúne todos os discursos e atos do golpe parlamentar de 1840 de que resultou a antecipação do Segundo Reinado. **[3361]**

Deiró, Eunápio. *O sete de abril.* (Rev. Inst. Hist. Geo. São Paulo, v. 11, p. 15-19, 1907)

Rápido artigo narrando os acontecimentos da abdicação. **[3362]**

Documentos sobre a independência (Rev. Inst. Hist. Geo. S. Paulo, v. 10, p. 325-480. São Paulo, 1906).

Coletânea de documentos referentes a acontecimentos da independência em São Paulo. **[3363]**

Drummond, A. M. V. de. *Anotações de A. M. V. de Drummond à sua biografia.* (Extraídas do vol. 13 dos Anais da Biblioteca Nacional.) Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1890. 149 p.

Contém valiosas informações sobre o período da independência, dissolução da Constituinte e vários episódios do Primeiro Reinado. O autor era íntimo amigo dos Andradas. **[3364]**

Edmundo, Luís. *A Corte de D. João no Rio de Janeiro.* W. M. Jackson inc. 1942. 3 v.

Estudo sobre a época de D. João VI no Rio de Janeiro, homens e costumes. **[3365]**

Fazenda, José Vieira. *Aspectos do período regencial.* (in Rev. Inst. Hist. e Geo. Bras. tomo 77, 1ª parte, p. 41-65. Rio de Janeiro, 1915)

Neste trabalho são estudados rapidamente, mas com conhecimento do assunto, alguns dos aspectos da vida brasileira no tempo da regência, particularmente no Rio de Janeiro, de cuja crônica o autor foi dos melhores conhecedores. **[3366]**

Fragoso, Augusto Tasso. *A batalha do passo do Rosário.* Rio. Imprensa Militar, 1922. 387 p.

Estudo dos mais completos acerca dessa batalha de desfecho tão discutido. O autor sustenta seus pontos

de vista com serenidade e grande conhecimento do tema. **[3367]**

Fragoso, Augusto Tasso. *A revolução Farroupilha, 1835-1845; narrativa sintética das operações militares.* Rio, Of. Gráf. da Emp. Almanaque Laemmert Ltda., 1939. 304 p.

Como informa o subtítulo do livro, o seu objeto é a parte militar da revolução. Obra notável de um verdadeiro técnico, que foi chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro. **[3368]**

Ganns, Cláudio. *A proclamação da maioridade.* (Separata do vol. 175 da Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.) Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941. 50 p.

Narrativa minuciosa e honesta dos sucessos políticos que culminaram na antecipação da maioridade de D. Pedro II. **[3369]**

Guimarães, A. C. d'Araújo. *A corte no Brasil: figuras e aspectos.* Porto Alegre, Globo, 1936. 246 p.

Trabalho de divulgação, escrito para o grande público, sobre figuras e aspectos da Corte brasileira durante D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II. Todavia, o capítulo *Esplendor Fluminense* contém algumas informações interessantes sobre a vida social do Rio de Janeiro do século passado. **[3370]**

Homem de Melo, Francisco Inácio Marcondes.

vide

Melo, Francisco Inácio Marcondes Homem de.

Leal, Aurelino. *Do ato adicional à maioridade: história constitucional e política.* Rio, 1915. 201 p.

Estudo crítico feito por um jurista-historiador dos atos e acontecimentos da política brasileira de 1834 a 1840. **[3371]**

Lima, Alexandre José Barbosa (Sobrinho). *A ação da imprensa em torno da Constituinte: o Tamoio e a Sentinela.* (An. 2º Congr. Hist. Nac. I, Rio, 1934, p. 339-410)

Trata dos primórdios da imprensa no Brasil e mais particularmente de sua ação na época da primeira Constituinte. Estudo de grande equilíbrio, em que homens e coisas aparecem em suas dimensões exatas. **[3372]**

Lima, Manuel de Oliveira. *Dom João VI no Brasil.* Rio, *Jornal do Comércio,* 1909. 2 v.

Obra fundamental para o estudo do período vivido pela Corte portuguesa no Brasil, 1809-1821. Um dos melhores trabalhos de historiografia brasileira e verdadeira revisão histórica do julgamento de D. João VI. **[3373]**

Lima, Manuel de Oliveira. *O império brasileiro.* S. Paulo. Melhoramentos, s. d. 252 p.

Síntese histórica sobre o período imperial.

Obra de valor indiscutível em que o autor fixa alguns dos aspectos mais característicos da vida brasileira entre 1822 e 1889. **[3374]**

Lima, Manuel de Oliveira. *O movimento da independência.* S. Paulo, Comp. Melhoramentos, 1922. 380 p.

A obra de Oliveira Lima constitui um dos trabalhos mais completos sobre o movimento da independência, desde a partida de D.

João VI para Lisboa até o 7 de setembro de 1822. Nela não há apenas a narrativa dos fatos, há a sua interpretação, muitas vezes feliz. Leitura obrigatória. **[3375]**

Lima, Manuel de Oliveira. *O papel de José Bonifácio no movimento da independência.* (Rev. Inst. Hist. Geo. São Paulo, v. 12, p. 412-425, 1907).

Rápida apreciação sobre a obra de José Bonifácio, melhor estudada pelo autor no livro *O movimento da independência.* **[3376]**

Lima, Manuel de Oliveira. *O reconhecimento do Império: história diplomática do Brasil.* Paris-Rio, Garnier, 1901. 376 p.

Trabalho fundamental sobre o reconhecimento da independência brasileira. **[3377]**

Magalhães, Domingos José Gonçalves de. *Memória histórica e documentada da revolução da província do Maranhão desde 1839 até 1840.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. t. 10, p. 263-363. Rio de Janeiro, 1848.)

Documento interessante, porque Magalhães, depois Visconde de Araguaia, acompanhou o futuro Duque de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva, na expedição militar mandada ao Maranhão para debelar o movimento que se chamou de Balaiada. **[3378]**

Manning, William Ray. *Diplomatic correspondence to the United States concerning the independence of the Latin American nations.* V. II. New York, 1925.

A II parte, p. 669-868, consiste de "Comunicações do Brasil", correspondente aos anos 1808-1828. Valioso material fonte. (E.S.) **[3379]**

Marques, Francisco Xavier Ferreira. *Ensaio histórico sobre a independência.* Rio, Franc. Alves, 1924. 200 p.

Estudo rápido sobre o movimento da independência. **[3380]**

Marrocos, Luís Joaquim dos Santos. *Cartas escritas do Rio de Janeiro a sua família em Lisboa, de 1811 a 1821.* (Anais da Biblioteca Nacional, vol. 56, 1934 Rio, 1939).

Interessante para o conhecimento de aspectos íntimos e pormenores da vida do Rio ao tempo de D. João. **[3381]**

Melo, Francisco Inácio Marcondes Homem de. *A Constituinte perante a história.* Rio, Tip. da Atualidade, 1863. 199 p.

Primeiro estudo mais desenvolvido sobre a Constituinte de 1823. **[3382]**

Melo, Jerônimo de Avelar Figueira de. *Alguns documentos relativos ao período da independência.* (Rev. Inst. Hist. Geo. São Paulo, v. 15, p. 369-378, 1910.)

Contém quatro cartas datadas de Pernambuco e encontradas no Arquivo de Viena, referentes a fatos ocorridos naquela região brasileira nas vésperas da independência. **[3383]**

Melo, Jerônimo de Avelar Figueira de. *A correspondência do Barão Wenzel de Marschall, agente diplomático da Áustria no Brasil de 1821 a 1931.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., t. 77, v. 129 e t. 80, v. 134, 1914-1919.)

De grande utilidade para o conhecimento do processo de nossa independência, através das confidências e conversas do Príncipe Regente, de José Bonifácio e de outros personagens da época. Espionagem diplomática, num bom sentido. **[3384]**

Melo, Jerônimo de Avelar Figueira de. *Um depoimento sobre o Sete de Abril.* (Rev.

Inst. Hist. Geo. S. Paulo, v. 16, p. 235-244. 1914)

É a carta do ministro austríaco no Rio, Barão de Daiser, ao Barão de Neumann, em Londres, narrando os acontecimentos da abdicação. Documento desfavorável sobre a pessoa do Imperador, por quem nutria grande antipatia, provavelmente oriunda do conhecimento da situação em que viveu nos seus últimos anos a Imperatriz D. Leopoldina. **[3385]**

Meneses, Manuel Joaquim de. *Exposição histórica da maçonaria no Brasil, particularmente na província do Rio de Janeiro, em relação com a independência e a integridade do Império.* Rio de Janeiro. Emp. Nac. do Diário, 1867. 66 p.

A maçonaria teve uma ação imensa na elaboração da independência do Brasil. Este trabalho dá uma idéia aproximada da influência das "lojas" e dos "maçons". **[3386]**

Meneses, Rodrigo Otávio Langaard de. *A balaiada, 1839: depoimento de um os heróis do cerco de Caxias sobre a revolução dos "balaios".* Rio de Janeiro, 1942. 62 p.

Contribuição interessante para o estudo de um dos muitos surtos revolucionários do período regencial. **[3387]**

Meneses, Rodrigo Otávio Langaard de. *O constituinte de 1823.* (An. 1º Cong. Hist. Nac., III, p. 63-84. Rio, 1916.)

Depois de estudar a Constituinte de 1823, seus trabalhos e a sua dissolução, o autor faz um confronto entre o projeto de constituição que se havia organizado para servir de base às discussões e a Carta constitucional que então foi promulgada. Finalmente examina as influências das idéias de Benjamim Constant nesse documento. **[3388]**

Meneses, Rodrigo Otávio Langaard de. *A Constituinte, sua obra legislativa.* (An. 2º Congr. Hist. Nac., I, p. 315-336. Rio, 1934.)

Trabalho ligeiro em que se estuda o ambiente em que foi criada e funcionou a Constituinte de 1823, bem como o espírito que presidiu a sua obra legislativa. **[3389]**

Meneses, Rodrigo Otávio Langaard de. *O reconhecimento da independência pelos Estados Unidos: conferência dada no Instituto Histórico em 26 de junho de 1924.* 34 p.

Trata das negociações para o reconhecimento da nossa independência pelo governo norte-americano. **[3390]**

Monteiro, Tobias. *História do Império.* Rio. Briguiet, 1927-1939. 2 v.

Da obra de grandes proporções em que o autor pretende estudar a história do Império, foram publicadas apenas dois volumes: o primeiro sobre a elaboração da independência e o segundo sobre os primeiros anos do primeiro reinado. É dos trabalhos mais consideráveis da historiografia brasileira. Indispensável . **[3391]**

Morais, Alexandre José de Melo. *Brasil histórico.* Rio. Fauchon & Dupont, 1867-1868. 2 v.

Valioso pelos documentos e informações que contém. **[3392]**

Morais, Alexandre José de Melo. *História do Brasil-Reino e Brasil-Império.* Rio, Pinheiro & C., 1871. 2 v.

Livro indispensável, embora feito sem método; sem atenção acurada.

Vasto repositório de documentos e informações. **[3393]**

Morais, Alexandre José de Melo. *A independência e o império do Brasil.* Rio de Janeiro, Tip. do Globo, 1877. 366 p.

Como todos os trabalhos do autor, este reúne copiosa documentação. Falta-lhe, entretanto, método, espírito crítico e imparcialidade de julgamento. **[3394]**

Nóbrega, Bernardino Ferreira. *Memória histórica sobre as vitórias alcançadas pelos itaparicanos no decurso da campanha da Bahia, quando o Brasil proclamou a sua independência.* Nova edição anotada por Pirajá da Silva. Bahia. 1923.

Contém informações interessantes sobre as guerras da independência. **[3395]**

Norton, Luís. *A corte de Portugal no Brasil.* S. Paulo. Ed. Nacional, 1938. 466 p. ilus. (Brasiliana, v. 124.)

Estudo bastante documentado sobre o período em que a Corte portuguesa esteve no Rio de Janeiro, baseado sobretudo na correspondência da Imperatriz D. Leopoldina e em numerosos documentos diplomáticos. **[3396]**

Oliveira Lima, Manuel de.

vide

Lima, Manuel de Oliveira.

Pedro I, Imperador do Brasil. *Correspondance de Don Pedro Prémier, empereur constitutionnel du Brésil, avec le feu roi de Portugal, Don Jean VI, son père, durant les troubles du Brésil; traduite sur les lettres originales; précédée de la vie de cet empereur et suivie de pièces justificatives, par Eugene de Monglave.* Paris, Tenon, 1827.

De grande utilidade para o estudo da psicologia de D. João VI e D. Pedro I e conhecimento dos antecedentes dos acontecimentos da época da Independência. Convém cotejar essa versão francesa com a publicação original feita em Lisboa, em 1822. **[3397]**

Pinheiro, Joaquim Caetano Fernandes. *Motins políticos e militares no Rio de Janeiro: prelúdios da independência do Brasil.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. t. 37, 2ª parte, 1874, p. 341)

Subsídio para o estudo dos sucessos da independência. **[3398]**

Pinho, José Vanderlei de Araújo. *A sabinada: novos documentos.* (Rev. Inst. Hist. da Bahia, tomo 56, p. 635-793.) Bahia, Sec. Gráf. Escola de Aprendizes e Artífices, 1930.

Contribuição apreciável para o estudo da revolução baiana de 1837. **[3399]**

Piza, Antônio de Toledo. *Episódios da independência.* (Rev. Inst. Hist. Geo. S. Paulo, v. 9, p. 346-357 e v. 10, p. 179-211. São Paulo, 1905-1906.)

Contém: *José Bonifácio e o "Fico" -- A deposição de Martim Francisco e sua deportação para o Rio -- A eleição da Assembléia Constituinte -- A eleição do Governo Provisório.* **[3400]**

Piza, Antônio de Toledo. *Recordações históricas.* (Rev. Inst. Hist. Geo. S. Paulo, v. 10, p. 220-324, 1906.)

Coletânea de diversos artigos sobre fatos ligados à independência e ao primeiro reinado, passados em São Paulo. **[3401]**

Porto Seguro, visconde de.

vide

Varnhagen, Francisco Adolfo de, visconde de Porto Seguro.

Presas, José. *Memórias secretas de D. Carlota Joaquina.* Trad. revista, anotada e prefaciada por R. Magalhães Júnior. Rio. Pongetti-Valverde, 1940. 252 p. (Col. Depoimentos Históricos, 2.)

Trata da personalidade de D. Carlota Joaquina, contendo em anexo cartas íntimas e o manifesto com que D. Carlota se candidatou ao trono da América espanhola. Obra de veracidade muito contestada. **[3402]**

Raiol, Domingos Antônio. *Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará, desde o ano de 1821 até 1835.* Rio, Maranhão e Pará. 1865-1890. 5 v.

Trata minuciosamente dos sucessos políticos do Pará, que assumiram por vezes caráter dramático. Obra de apreciável valor. **[3403]**

Rangel, Alberto. *No rolar do tempo... Opiniões e testemunhos respigados no arquivo do Orsay -- Paris.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1937. 230 p. (Col. Documentos Brasileiros.)

Pesquisas feitas nos arquivos do Ministério dos Estrangeiros da França. Testemunhos nem sempre verídicos de diplomatas franceses sobre homens e coisas do Brasil, mas de muito interesse. **[3404]**

Rangel, Alberto. *Textos e pretextos: incidentes da crônica brasileira à luz de documentos conservados na Europa.* Tours, França, Typ. da Arrault & Cia., 1926.

Estudos todos referentes ao período do primeiro reinado. Comentários da documentação coligida pelo autor em arquivos europeus. **[3405]**

Ribeiro, João Coelho Gomes. *A revolução de 7 de abril de 1831 e seu alcance político.* (Rev. Inst. Hist. Geo. São Paulo, v. 11, p. 3-14. 1907.)

Rápido estudo narrando os acontecimentos da abdicação. **[3406]**

Rodrigo Otávio

vide

Meneses, Rodrigo Otávio Langaard de.

Romero, João. *De D. João VI à independência.* (An. 1º Congr. Hist. Nac., I, p. 1351-1508. Rio, 1915.)

O autor estuda o período vivido pelo Brasil durante a permanência da corte portuguesa no Rio de Janeiro e os preparativos para o movimento da independência. **[3407]**

Roure, Agenor de. *Formação constitucional do Brasil.* Rio de Janeiro, Tip. do *Jornal do Comércio*, 1914. 309 p.

Estuda conscienciosamente a história constitucional do Brasil, de 1821 a 1834. Acompanham o volume várias peças importantes, como o projeto da Constituinte de 1823 e a Constituição do Império de 1824. **[3408]**

Santos, Lúcio José dos. *Viagem do imperador a Minas; a proclamação de Ouro Preto, seus efeitos: efervescência dos ódios nacionalistas.* (An. 2º Congr. Hist. Nac., I, p. 559-592. Rio, 1934.)

Trata detalhadamente de um dos últimos acontecimentos da vida de D. Pedro I no Brasil e um dos que mais apressaram a sua abdicação: a viagem a Minas. **[3409]**

Santos, Luís Gonçalves dos. *Memórias para servir à história do reino do Brasil, divididas em três épocas da felicidade, honra e glória; escritas na corte do Rio de Janeiro no ano de 1821, e oferecidas a S.M. el-rei N.S. D. João VI.* Lisboa, Impressão Régia, 1825. 2 v.

Fonte preciosa de informações e dados sobre a época de que se ocupa. Obra de consulta obrigatória. Foi reeditada por Zélio Valverde (Rio, 1943) com prefácio e notas de Noronha Santos. **[3410]**

Silva, Duarte Leopoldo e. *O clero e a independência.* Rio, Centro D. Vital, 1923. 208 p.

O autor reúne neste volume diversas conferências realizadas por ocasião do Centenário da Independência, em 1922, nas quais procura exaltar a participação do clero, não só naquele movimento, mas também em outros, como, por exemplo, as Guerras dos Mascates e a Inconfidência Mineira. **[3411]**

Silva, Francisco Gomes da. *Memórias.* Prefácio e notas de Noronha Santos. Rio, Pongetti, 1939. 242 p. (Col. Depoimentos Históricos, 1.)

As *Memórias* oferecidas à Nação brasileira, pelo amigo e comparsa de D. Pedro I, Francisco Gomes da Silva, o célebre Chalaça, constituem um curioso documento acerca da vida pública e particular do nosso primeiro imperador. **[3412]**

Silva, João Manuel Pereira da. *História da fundação do império brasileiro.* Rio de Janeiro, Garnier, 1864-1865, 1868. 7 v.

Abrange os acontecimentos políticos do Brasil desde a chegada de D. João, em 1808, até 1825. Livro envelhecido, que suscitou desde o seu aparecimento contestações muitas vezes procedentes. **[3413]**

Silva, João Manuel Pereira da. *História do Brasil de 1831 a 1840. Governos regenciais durante a minoridade.* Rio, Dias da Silva Júnior, 1878. 332 p., 2º ed., 1888.

Primeiro estudo especializado sobre a época regencial. Embora de leitura útil, convém ter cuidado com certos enganos do autor. **[3414]**

Silva, João Manuel Pereira da. *Segundo período do reinado de Dom Pedro I, no Brasil: narrativa histórica.* Rio, Garnier, 1871. 300 p.

Refere-se ao período 1825-1831, ou seja, desde o reconhecimento da Independência por Portugal, até a abdicação de D. Pedro I, formando uma continuação da *História da fundação do império brasileiro.* Este livro, embora útil, deve ser consultado com reservas, como toda obra histórica do autor, que não prima pela fidelidade. **[3415]**

Silva, José Bonifácio de Andrada e. *O patriarca da independência: José Bonifácio de Andrada e Silva, dezembro de 1821 a novembro de 1823.* S. Paulo, Ed. Nacional, 1939. 436 p. (Brasiliana, v. 166.)

Trata da participação de José Bonifácio no movimento da independência até a dissolução da Constituinte. A maior parte do volume é composta de notas e documentos que interessam à história da Independência. **[3416]**

Silva, Luís Antônio Vieira da. *História da independência da província do Maranhão, 1822-1828.* Maranhão, Tip. do Progresso, 1862. 347 p. e 52 documentos.

Estuda aspecto parcial do movimento da independência. Tem acentuado valor informativo. **[3417]**

Sousa, Otávio Tarqüínio de. *História de dois golpes de estado.* Rio, José Olímpio,

1939. 228 p. (Col. Documentos Brasileiros. v. 18.)

Trata da tentativa de golpe de estado de 30 de julho de 1832 (revolução dos três padres) e do movimento em prol da maioridade de D. Pedro II, em 1840. O autor reedita a Constituição de Pouso Alegre, que a Câmara dos Deputados, transformada em Assembléia Constituinte, deveria aprovar por aclamação. **[3418]**

Sousa, Otávio Tarqüínio de. *A mentalidade da Constituinte, 3 de maio a 12 de novembro de 1823.* Rio de Janeiro, A. P. Barthel, 1931. 156 p.

Procura fixar as idéias políticas dominantes na Assembléia Constituinte. **[3419]**

Tasso Fragoso

vide

Fragoso, Augusto Tasso.

Taunay, Afonso de Escrangnolle. *Grandes vultos da independência brasileira: publicação comemorativa do primeiro centenário da independência nacional.* São Paulo, Weiszflog Irmãos, 1922. 230 p.

Obra de divulgação, mas feita com a segurança dos grandes conhecimentos históricos do seu autor. **[3420]**

Teixeira, Henrique Carneiro Leão (Filho). *Tentativa de golpe de estado; a Constituição de Pouso Alegre; a atitude de Honório Hermeto; entendimento entre os liberais.* (An. 2º Congr. Hist. Nac., I, p. 725-748. Rio, 1934.)

Trata da tentativa de golpe de estado de 1832 e outras lutas políticas, todas visando à reforma da Constituição, bem como da reação governamental contra tais movimentos. **[3421]**

Toledo, Francisco Eugênio de. *História da independência do Brasil.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., t. 107, v. 161. Rio, 1930).

Estudo da independência brasileira, nos seus aspectos mais conhecidos. **[3422]**

Valadão, Alfredo. *Da acclamação à maioridade: 1822-1840.* 2ª ed. S. Paulo, Ed. Nacional, 1939. 528 p. (Brasiliana, v. 149.)

Contém a exposição de motivos em torno do 2º Congresso de História Nacional, realizado em 1931, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da abdicação, e mais os seguintes trabalhos: *Tentativa de golpe de estado em 1832; Constituição de Pouso Alegre; Viagem de D. Pedro a Minas; Abdicação;* e *A criação dos cursos jurídicos no Brasil.* **[3423]**

Valadão, Alfredo. *A tentativa de golpe de estado em 1832.* (An. 1º Cong. Hist. Nac. III, Rio, 1916, p. 85-102.)

Estuda a tentativa de golpe de estado de 30 de julho de 1832 para apressar a reforma constitucional. **[3424]**

Varela, Alfredo. *História da grande revolução: o ciclo farroupilha no Brasil.* Edição comemorativa do Centenário, estampada sob os auspícios do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Sul e sob as expensas do governo do estado. Porto Alegre, Globo, 1933. 6 v.

Trabalho exaustivo sobre a revolução rio-grandense. Sobra em minúcias e louvores ao movimento revolucionário o que falta em imparcialidade e boa técnica histórica. Mas é indispensável para o estudo da época. **[3425]**

Varnhagen, Francisco Adolfo de, visconde de Porto Seguro. *História da independência do Brasil.* (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. t. 79, 1916, 598 p.)

Obra fundamental para o estudo de nossa emancipação política, principalmente pelos numerosos documentos contidos no texto. Muitas vezes injusta e apaixonada no julgamento de José Bonifacio e seus irmãos. **[3426]**

Vasconcelos, Salomão de. *O fico: Minas e os mineiros na independencia.* S. Paulo, Ed. Nacional, 1937. 348 p. (Brasiliana, v. 94.)

Neste livro o autor trata da participação dos mineiros no movimento de independência, reinvindicando para o Cons. José Joaquim da Rocha a autoria do movimento chamado "fico", em prol da permanência do Príncipe D. Pedro no Brasil. **[3427]**

Veiga, Luís Francisco da. *O primeiro reinado, estudado à luz da ciência ou a revolução de 7 de abril de 1831 justificada pelo direito e pela história.* Rio, G. Leuzinger & Filhos, 1877. 520 p.

Obra que trai grande paixão contra o Imperador Pedro I, mas interessante como expressão da liberdade de pensamento ao tempo em que foi publicada. **[3428]**

Viana, Luís (Filho). *A sabínada: A república baiana de 1837.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938. 210 p.

Estudo sério acerca da revolução republicana da Bahia, em 1837. **[3429]**

Whitaker, Arthur P. *José Silvestre Rebelo; the first diplomatic representative of Brazil in the United States.* (*The Hispanic American Historical Review*, XX, aug. 1940, p. 380-401) (E.S.) **[3430]**

. . . .

Segundo Reinado *

Caio Prado Júnior

O 2º Reinado é talvez o período mais interessante da evolução brasileira, para aqueles pelo menos que desejam, através da História, obter um conhecimento atual do país. De fato, ele representa, depois de acalmadas as lutas políticas e sociais que vêm desde a Independência, a fase de transição entre o passado colonial e o presente de nossos dias. A significação histórica do Império se mede pelo grau com que se fez aquela transformação da estrutura colonial para a moderna. Muito daquela estrutura permaneceu até hoje: outra parte foi apenas atingida; um último grupo de instituições e elementos sociais, finalmente, sofre mudança radical. A complexidade do Brasil de hoje, em que encontramos lado a lado uma civilização moderna e que se emparelha à dos povos mais desenvolvidos da atualidade, e formas antiquadas que sobraram da colônia, encontra sua explicação na história do Segundo Reinado, onde se situa sobretudo o processo da modificação parcial sofrida pelo país.

Compreende-se assim a dificuldade do assunto, e a razão por que até hoje não foi abordado de uma forma ampla. Não existe ainda uma história, que mesmo aproximadamente se possa chamar completa e recomendável, do 2º Império. Trabalhos parciais e fontes abundantes, eis tudo que se encontra à espera do historiador. Nesta massa considerável de dados esparsos, uma norma sobretudo deve orientar o pesquisador: ela se relaciona com o que foi dito acima – o Império é uma transição entre o passado colonial e o presente moderno. Deve-se pois investigar em que medida as instituições vindas da colônia se transformaram (instituições no sentido mais amplo da palavra, econômicas, sociais e políticas).

(*) A bibliografia foi organizada por Alice Canabrava e Rubens Borba de Morais.

O primeiro capítulo desta pesquisa é naturalmente a questão do trabalho. A colônia foi o regime universal do trabalho escravo; pouco ou nada (a não ser nas funções de direção), pertencia a outro senão o escravo. Coube ao Império transformar o trabalho de servil em livre. Nesta matéria a bibliografia é relativamente abundante. Falta-lhe quase sempre espírito científico. Mas o historiador crítico poderá com algum esforço orientar-se na matéria e compreender o processo difícil e moroso com que se realizou a evolução. Obra fundamental na matéria é a de Perdigão Malheiro (*A Escravidão no Brasil)*, livro já antigo, mas ainda não igualado, em que se encontrará uma análise cuidadosa da situação jurídica e social do escravo brasileiro alguns decênios antes da lei de abolição. Dos demais trabalhos, destacarei aqui apenas a *Campanha da Abolição*, de Evaristo de Morais, em que se estuda a luta, sobretudo parlamentar, em torno da questão servil. Fontes documentais da matéria são escassas. O primeiro governo da República fez destruir todos os documentos existentes nos arquivos públicos relativamente ao assunto: assim procedeu para tornar inviáveis as reivindicações e pedidos de indenização de antigos proprietários de escravos. Nos debates parlamentares, que estão publicados, encontra-se contudo muito material ainda não utilizado. Os arquivos ingleses também possuem muitos documentos relativos ao assunto, porque, sobretudo na fase da extinção do tráfico africano (que só foi efetivamente suprimido em 1850), a política inglesa se interessou consideravelmente pela escravidão no Brasil. Esta documentação inglesa ainda não foi suficientemente trabalhada.

Paralela à questão do trabalho servil, está a imigração européia. Esta foi estimulada sobretudo para substituir o trabalho dos africanos. E seus efeitos gerais foram consideráveis. Basta comparar hoje as regiões para onde afluiu o imigrante europeu (sobretudo o Sul e Centro-Sul), com aquelas onde ele faltou. As diferenças econômicas, sociais, políticas e étnicas são profundas, e em grande parte devido àquela repartição desigual das correntes migratórias da Europa. Não existe ainda trabalho de conjunto sobre a imigração européia. A melhor súmula da matéria en-

contra-se num trabalho de Eduardo Prado, incluído na coleção *Le Brésil en 1889*, reunida por Sra. Ana Néri.

A organização do trabalho livre, condicionada pelos dois fatores apontados, a abolição da escravidão e a imigração européia, é matéria do maior interesse porque, ao contrário do que se poderia imaginar, a lei de 13 de maio de 1888, que libertou o escravo, não resolveu inteiramente o assunto. Até hoje mesmo, continuaram a vigorar em muitas regiões do país certas relações de trabalho que um observador afeito ao que se passa nos países de maior desenvolvimento capitalista, teria dificuldade em classificar entre as formas puras de trabalho assalariado. Em muitos casos o que houve foi mais uma adaptação mais ou menos bem sucedida, do antigo trabalho servil ao estatuto jurídico do homem legalmente livre. Se é verdade que estas formas neo-servis do trabalho brasileiro tendem hoje a desaparecer, não é menos certo que o historiador do Império deverá levar em conta que o processo da Abolição não resolveu inteiramente a questão, e deixou problemas muito complexos para o futuro.

Depois do trabalho, o pesquisador da história do 2º Império terá sua atenção fixada pela grande transformação material do país que se opera naquele período. O Brasil saiu da colônia em condições econômicas precárias. Tudo que diz respeito ao aparelhamento material do país e seus processos produtivos é lamentável. A indústria não passava de um miserável artesanato sem expressão alguma; a exploração da terra se fazia por processos rudimentares e devastadores; a mineração do ouro e dos diamantes (ramo de grande importância na economia colonial), não estava em melhor situação; os transportes e comunicações eram os mais primitivos possíveis, bastando lembrar que não havia em princípios do século passado uma única estrada carroçável em todo o país (a não ser as fornecidas gratuitamente pela natureza), e desconhecia-se quase inteiramente qualquer espécie de veículo. Uma consideração resume todas as outras neste assunto: como forma de energia não se empregava outra que a força humana e animal (e esta mesmo era muito insuficiente pela

qualidade inferior do gado). A utilização da força motriz do vento ou da água era excepcional e praticamente desprezível. Estes índices bastam para fazer uma idéia do baixo nível material legado pela colônia; caberia ao Império erguê-lo; e será esta uma de suas grandes realizações. Ajudou-o naturalmente muito o desenvolvimento da ciência e da técnica modernas; mas fica-lhe o merecimento de ter sabido aproveitar, pelo menos em parte, aquelas conquistas do conhecimento humano. O vapor foi introduzido na navegação (a primeira embarcação a vapor data no Brasil de 1819, mas o progresso apreciável da navegação a vapor pertence à segunda metade do século); e as primeiras estradas de ferro são construídas logo depois de 1850 – por iniciativa e com capitais brasileiros, note-se de passagem. A grande indústria manufatureira (grande mais em oposição ao primitivo artesanato que em termos absolutos) também se inicia sob o 2º Império. Em muitos outros setores o progresso material do país é neste período considerável; mas também aqui a biblioteca especializada é falha. Para estudar e acompanhar convenientemente aquele progresso, será indispensável consultar os relatórios anuais dos Ministérios da Agricultura e Obras Públicas, e da Fazenda, bem como os dos diferentes governos provinciais. É de muita importância nesta matéria a grande coleção de trabalhos publicados pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, bem como os Almanaques das várias exposições nacionais e internacionais em que o Brasil figurou (Rio de Janeiro, 1861 – Viena, 1873 – Rio de Janeiro, 1875 – Filadélfia, 1876 – Paris, 1889). Não se esquecerá também a figura de Mauá, o primeiro grande homem de negócios brasileiro, que espalhou suas empresas industriais e comerciais por todo o Brasil, e ainda no estrangeiro (o Uruguai lhe deve seu primeiro banco). De Mauá, há várias biografias publicadas, destacando-se a de Alberto de Faria, que é apologética, e a de Castro Rabelo, que é uma resposta crítica àquela.

Contribuiu sobretudo para o desenvolvimento econômico do Império a lavoura do café, que, embora de longa data no Brasil, só toma impulso na segunda metade do século passado com a abertura de largos

mercados consumidores na Europa e nos Estados Unidos. Localiza-se sobretudo no vale do rio Paraíba (províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), estendendo-se mais, depois, pelo território paulista. O caso do café, além de seu interesse pelo vulto e importância econômica, tem outra significação para o historiador. O Império, fundando na produção cafeeira suas forças econômicas, mostrará que não conseguiu desvencilhar o país dos quadros coloniais, lançando as bases de uma economia propriamente nacional. Com o café repetir-se-á o mesmo fato já ilustrado anteriormente pelas grandes atividades econômicas da colônia: o pau-brasil, o açúcar, o ouro e diamantes, e o algodão. O Brasil continuará um produtor de matérias-primas para os mercados do exterior, e não superará neste setor, que é fundamental, seu estatuto de colônia. Sobre a história do café no Brasil existe o volumoso trabalho de Afonso de Taunay, que, embora destituído inteiramente de espírito crítico, é um repositório considerável, e por enquanto único de dados sobre a evolução da lavoura cafeeira entre nós. De grande interesse no assunto é o estudo mandado proceder no penúltimo decênio do século passado pelo governo neerlandês, e publicado pelo seu autor (Van Delden Laèrne, *Repport sur la culture du café en Amérique, Asie et Afrique*, La Haye-Paris, 1885).

Depois desta análise das transformações econômicas sofridas pelo país sob o 2º Império, o historiador terá de se ocupar com a evolução de suas instituições políticas e administrativas. Na colônia, viveu o Brasil sob o regime do poder absoluto do rei português, representado no Brasil por vice-reis, capitães-generais e governadores. A lei era praticamente a vontade do monarca e de seus mandatários, que exerciam de fato um poder despótico e sem freios. De instituições representativas a colônia possuía as Câmaras (governos municipais), constituídas por eleição de que participavam os cidadãos mais importantes de cada cidade ou vila. As câmaras tiveram alguma importância e autonomia nos primeiros tempos da colônia; perderam depois toda sua força, e no fim da era colonial tinham-se tornado em simples executores de ordens dos governantes.

Com a independência desaparecerá o poder absoluto dos soberanos. O Brasil será um Império, mas gozará de um regime parlamentar, em cujas câmaras estarão representadas as classes possuidoras do país. O Imperador (o segundo e último, que aqui nos interessa: D. Pedro II) deixará o Parlamento funcionar livremente e abandonará em suas mãos a direção política e administrativa do país. Será acusado de poder pessoal, de intervenção indevida num regime constitucional: a acusação é exagerada. D. Pedro (homem aliás de vistas muito curtas, embora de uma probidade moral elevada), exercerá sempre uma supervisão atenta dos negócios públicos, preocupando-se muito em escolher para os cargos administrativos indivíduos de comprovada honestidade pessoal; procurará abrandar também as paixões partidárias, evitando choques violentos e irreparáveis; mas, no mais, deixou sempre que os estadistas que o rodeavam, selecionados pelo sufrágio popular, e elevados aos postos de governo pela opinião pública (pelo menos a das classes que dominavam econômica e socialmente), dirigissem à sua vontade os negócios governamentais. A imprensa gozou sempre da mais irrestrita liberdade, e o Parlamento, de uma forma geral, funcionou normal e permanentemente. Dele saíam os ministérios que formavam o Poder Executivo e administravam o país. Era mesmo uma questão de honra imitar fielmente as normas parlamentares dos países da Europa, em particular da Inglaterra. Naturalmente faltava ao Brasil maturidade política suficiente para repetir com exatidão o modelo britânico; e o funcionamento das câmaras imperiais terá por isso muito de artificial e cheirando a figurino exótico. É aí mais um aspecto das instituições brasileiras em que o historiador observará o esforço de adaptação da sociedade caótica e instável que nos legou a colônia – e que não conhecera até então em matéria de regime político e administrativo outra coisa que o poder absoluto e despótico dos governantes –, a formas progressivas de organização política. Haverá nesta tentativa de adaptação sucessos apreciáveis, mas também falhas inúmeras. Em geral todos aqueles que se ocuparam do Império têm analisado esta matéria. A contribuição mais importante é sem dúvida o livro de Joaquim

Nabuco, *Um Estadista do Império*. O pesquisador mais minucioso poderá acompanhar o funcionamento do Parlamento imperial nos Anais da Câmara dos Deputados e do Senado que se acham publicados.

A par das instituições políticas, e intimamente ligadas com elas, estão as administrativas e jurídicas. Neste terreno também o Império realizou uma grande transformação. Na colônia, quase toda a administração se resumia na pessoa dos governadores; o aparelhamento burocrático era reduzido, e funcionava sob as ordens diretas e imediatas deles. D. João VI, rei de Portugal, transferindo sua corte para o Brasil em 1808, trará consigo todos os órgãos administrativos de Lisboa. Dizia-se jocosamente na época que o rei (aliás apenas regente quando chegou), se limitara a copiar no Rio de Janeiro o *Almanaque de Lisboa* (o *Almanaque* era uma publicação oficial e anual em que figurava a lista de todos os departamentos da administração pública). E assim foi efetivamente, com grande dano para o país, que teve de suportar um aparelhamento burocrático complexo, altamente dispendioso, inadaptável às condições brasileiras e por isso ineficiente. Coube ao Império a tarefa considerável de transformar estas instituições defeituosas e que não podiam funcionar normalmente no Brasil, em uma administração capaz de dirigir os negócios públicos. O problema foi muito difícil, porque além das instituições, D. João e sua corte trouxeram também o pessoal, que permaneceu quase todo depois da partida do rei e da independência do país. A rotina deste pessoal se transmitirá a seus sucessores do Segundo Reinado. É este um dos motivos principais por que a administração brasileira funcionou sempre muito mal; o esforço de adaptação a processos mais eficientes encontrou grandes obstáculos na tradição que ficara do passado, e marchou por isso muito lentamente. Até hoje ainda nos ressentimos muito deste mal tão antigo, e vindo ainda da colônia.

Mais brilhantes foram as realizações do Império em matéria de legislação. Entramos no Segundo Reinado já com um código criminal e de processo penal que renovavam inteiramente o passado. O Segundo Rei-

nado nos dará um magnífico código de processo civil que durará até há poucos anos. O código comercial, promulgado em 1850, veio, embora modificado em parte, até hoje, e ainda se encontra, em seus traços essenciais, em vigor. A legislação civil teve uma elaboração mais lenta; só a República conseguiu codificá-la, e durante o Império mantiveram-se em vigor as velhas Ordenações do Reino de Portugal que datavam de princípios do século XVII. Houve contudo, paralelamente às obsoletas Ordenações, um trabalho legislativo e de juristas considerável; e pode-se dizer que o Império, embora sem codifidicá-la, chegara no seu termo a elaborar uma nova legislação civil. A República não fez mais que reuni-la em código.

Exatamente como nos demais setores da evolução do Império que vimos analisando, neste da legislação se observará também um esforço nem sempre bem sucedido de se livrar do passado e inaugurar instituições novas e mais compatíveis com a civilização e vida contemporâneas. Os juristas brasileiros, muito apegados ao passado, por via de regra olharão demais para ele, sem enxergar muitas vezes as necessidades presentes. Deixar-se-ão levar também excessivamente pelos exemplos e modelos europeus, onde buscavam de preferência seus conhecimentos, sem considerar suficientemente como eram diversas as condições do Brasil. Teremos assim, em muitas instâncias, um direito artificial e inaplicável. E muitas situações peculiares ao país deixarão de ter uma devida regulamentação jurídica. O caso mais flagrante delas é talvez o regime de terras, tão importante num país agrícola e na maior parte ainda deserto, e que apesar disto nunca foi devidamente tratado nas leis brasileiras. O que sempre tivemos na matéria foi copiado de legislações européias, onde naturalmente a situação é inteiramente outra. A única tentativa séria de regulamentar a propriedade fundiária no Brasil (a lei de terras de 1850) nunca foi efetivamente executada; e por isso sofremos até hoje da maior balbúrdia na matéria. Somente uma pequena fração do território brasileiro (mesmo considerando apenas sua parte ocupada) encontra-se regularmente inscrita e registrada. Basta para verificá-lo consultar a lista

de processos e litígios em torno de questões de terra. Este é apenas um exemplo, entre muitos outros, para ilustrar as falhas da elaboração jurídica do Império. A transformação do direito brasileiro, partindo do velho direito metropolitano, e que o Império em parte realizou, falhou em um sem-número de casos importantes. O historiador tem o maior interesse em analisar e balancear este ativo e passivo de sua obra. Para fazê-lo, não encontrará nenhum trabalho de conjunto; mas poderá utilizar-se da copiosa produção jurídica da segunda metade do século passado, em que avultam os trabalhos de Teixeira de Freitas e Nabuco de Araújo. Os Anais do Parlamento também fornecerão a respeito importante documentação. É também recomendável o *Livro do Centenário dos Cursos Jurídicos*, que inclui um volume sobre a evolução histórica do direito brasileiro, escrito sem critério sociológico, mas útil como súmula do assunto.

Enquanto se transformavam assim as instituições brasileiras no curso do Segundo Reinado, o pensamento do país também sofria uma revolução. Portugal nos legara uma formação mental escolástica. As concepções racionais e científicas, que sobretudo a partir do século XVIII transformam a filosofia européia, não penetraram na Península Ibérica. Especialmente em Portugal, cujo ensino e em particular a Universidade de Coimbra estavam sob orientação dos jesuítas. A grande reforma realizada neste terreno por Pombal veio muito tarde, e quando o Brasil se emancipou não fora ainda capaz de transformar os processos mentais que vinham do passado. É certo que a filosofia enciclopedista do século XVIII, que exerceu grande influência no Brasil, abrira algumas largas brechas na consciência medievalista do país. Mas é propriamente na segunda metade do século passado que o pensamento brasileiro tomará decididamente outro rumo, embora se perceba ainda muito bem o embaraço de sua herança cultural escolástica. É sob uma forma agnóstica que se dará este despertar do país para o pensamento moderno. Um cepticismo religioso que, sem desprezar a tradição católica, a confinará contudo às matérias estritamente da fé e do culto: é esta a fisionomia da consciência

pensante do país sob o Segundo Reinado. O próprio Imperador, grande protetor das letras, e ele mesmo um estudioso, participará deste espírito.

No terreno político, o principal reflexo do novo pensamento será o Positivismo. A doutrina de Augusto Comte encontrou no Brasil uma acolhida que não teve em seu próprio país de origem. O número dos positivistas ortodoxos será sempre muito reduzido. Mas a sua influência é considerável. Pode-se dizer que aquela doutrina forma o único corpo de idéias mais ou menos completo e coerente que existiu no Brasil na segunda metade do século passado. O positivismo tornou-se mesmo em ação política efetiva, sobretudo depois que penetra nas Forças Armadas pela palavra de Benjamim Constant Botelho de Magalhães, positivista convicto que utilizou para a propaganda de suas idéias a cátedra de matemática que ocupava na Escola Militar. É sob a égide do Positivismo que se proclamará a República no Brasil; e isto particularmente pela participação que neste acontecimento tiveram oficiais militares. A evolução do Positivismo não pode por isso escapar à atenção do historiador do Segundo Império. A doutrina conta aliás entre nós com uma bibliografia avultada. Organizados no Apostolado Positivista, seus adeptos no Brasil se davam a uma propaganda ativa sob a forma de publicações; são particularmente importantes suas circulares anuais. Dois nomes se destacam nesta propaganda, o dos grandes mestres do Positivismo no Brasil: Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

A todas estas transformações da estrutura econômica e política do Brasil durante o período do Segundo Reinado, e na sua feição ideológica, correspondem naturalmente profundas modificações sociais – relações de classe e categorias sociais, sua psicologia e modos de vida. A sociedade brasileira adquire um tom inteiramente novo e bem diverso do que fora na colônia. A elevação do padrão de existência (pelo menos nas classes superiores e certas camadas médias), fruto do progresso econômico; o desenvolvimento da cultura; um ritmo de vida mais acorde com o momento internacional; o largo contato com o mundo exterior – coisa

que a colônia não conhecera; a grande afluência de imigrantes europeus, tanto das classes inferiores como das médias e mesmo superiores – o que a colônia também não teve, a não ser de portugueses; tudo isto e outros fatores conexos revolucionam completamente a sociedade brasileira no curto espaço de meio século apenas. Mas ao lado dos aspectos desta revolução que se podem considerar favoráveis, há que enxergar também as crises de ajustamento a uma nova ordem ainda mal assimilada. Daí os conflitos de toda espécie – econômicos, sociais, políticos e psicológicos – que mantidos em relativa quietude pelo governo paternal do segundo imperador e a linha geral conservadora de seu reinado, irromperão com violência sob a República, tornando tão difícil sua estabilização e comprometendo seu desenvolvimento normal. O pesquisador encontrará um bom resumo da evolução social do 2º Império, em seus diferentes aspectos e setores, no pequeno livro de Oliveira Lima, *O Império Brasileiro*. Um trabalho recente que analisa, embora superficialmente e sem espírito crítico, a vida social das classes superiores do Império, é *Salões e Damas do Segundo Reinado*, de Vanderlei Pinho. O mais será encontrado nos diferentes setores, analisados acima, e que fornecem os dados necessários para se concluir sobre o conjunto da profunda transformação social operada sob o Segundo Império.

. . . .

Bibliografia

Araújo, José Tomás Nabuco de. *Justa apreciação do predomínio do partido Praieiro; ou, História da dominação da Praia.* Pernambuco, Tip. União, 1847. 96 p. **[3431]**

Azevedo, Manuel Duarte Moreira de. *Rio da Prata e Paraguai: quadros guerreiros.* Rio Laemmert, 1871. 200 p.

Trabalho rápido sobre os fatos principais da guerra no Prata e no Paraguai, mais com o intuito de glorificar os heróis. **[3432]**

Barreto, Mário. *El centauro de Ibicui.* Rio, Of. do Centro da boa imprensa, 1930. 188 p.

Trabalho de caráter polêmico, em resposta ao livro de Juan E. O'Leary, do mesmo título. **[3433]**

Barreto, Mário. *A campanha lopezguaia.* Rio, Of. do Arquivo Nacional, 1928. 3 v.

Obra de polêmica, em resposta a autores paraguaios, com abundância de documentos. **[3434]**

Bastos, Aureliano Cândido Tavares. *Os males do presente e as esperanças do futuro.* Rio, Tip. de Quirino & irmão, 1861. 35 p.

Reeditado em 1939 pela Cia. Editora Nacional, na Coleção Brasiliana, v. 151, juntamente com outros panfletos de Tavares Bastos: Memória sobre a imigração, A situação do Partido Liberal, e A reforma eleitoral e parlamentar e a constituição da magistratura. **[3435]**

Bastos, Aureliano Cândido Tavares. *A província: estudo sobre a descentralização no Brasil.* 2ª edição feita sobre a 1ª edição, de 1870. S. Paulo, Ed. Nacional, 1937. 386 p. (Brasiliana, v. 105)

É um dos trabalhos mais notáveis aparecidos no século passado sobre a situação política e administrativa do Brasil. **[3436]**

Bastos, Aureliano Cândido Tavares. *O vale do Amazonas: estudo sobre a livre navegação do Amazonas, estatística, producções, comércio, questões fiscais do vale do Amazonas: com um pref. contendo o decreto que abre aos navios de todas as nações os rios Amazonas, Tocantins e São Francisco.* Rio, B. L. Garnier, 1866. 369 p. **[3437]**

Bormann, José Bernardino. *A campanha do Uruguai. 1864-5.* Rio, Imprensa Nacional, 1907. 296 p.

Obra de valor informativo.

[3438]

Bormann, José Bernardino. *História da guerra do Paraguai.* Curitiba, Impressora paranaense, 1897. 3 v.

Obra valiosa, baseada em documentos oficiais, na imprensa da época e em depoimentos de pessoas que participaram da guerra. **[3439]**

Bormann, José Bernardino. *Rosas e o exército aliado: campanha de 1851-52.* Rio, 1912. 2 v.

O autor trata unicamente do período decorrido de 1820 a 1850, expondo os fatos principais de maneira sintética, constituindo uma súmu-

la dos acontecimentos mais importantes do período citado. **[3440]**

Box, Pelham Horton. *The origins of the Paragyayan War* (Univ. III. Studies in the Social Sciences, v. XV, n.os 3 (set) e 4. (dec.) Urbana, Illinois, 1927, 345 p.)

Apresentação erudita, intensivamente documentada, baseada em grande parte em fontes de manuscritos nos arquivos governamentais de Washington e Londres, relativa à "diplomacia tortuosa e emaranhada encerradas nas relações entre o Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil durante o quarto de século que precedeu a devastadora Guerra do Paraguai". (E. S.) **[3441]**

Brasil. Exército. *Campanha do Paraguai: diários do exército em operações, sob o commando em chefe do Exmº Sr. marechal do Exército marquês de Caxias; julho a dezembro de 1867.* Rio, Imprensa Militar, 1925. 222 p.

Trabalho fundamental para o conhecimento das campanhas militares no período acima mencionado, sob o comando-em-chefe de Caxias. **[3442]**

Brito, Lemos. *Solano López e a guerra do Paraguai: réplica ao livro de igual título do escritor mexicano D. Carlos Pereyra.* Rio, Tip. da Escola 15 de novembro de 1927. 308 p.

Obra de polêmica, em que o autor refuta a Carlos Pereyra na sua obra sobre a guerra do Paraguai. **[3443]**

Carcano, Ramón. *Guerra del Paraguai: origines y causas.* B. Aires, Domingo Viau & Cia., 1939. 504 p.

Trabalho de grande mérito, indispensável para o estudo das causas da guerra com o Paraguai. **[3444]**

Cerqueira, Dionísio de. *Reminiscências da campanha do Paraguai.* Rio. 1910. 360 p.

Como o título indica, o volume encerra as reminiscências pessoais de um oficial que participou da fase mais intensa da guerra com o Paraguai, apresentando, portanto, grande interesse. **[3445]**

Costa, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguai e Paraguai, contendo considerações sobre o exército do Brasil e suas campanhas no sul até 1852; Campanha do estado oriental em 1865; Marcha do exército pelas províncias argentinas; Campanha do Paraguai; Operações do exército e da esquadra; acompanhada do juízo crítico sobre todos os acontecimentos que tiveram lugar nesta memorável campanha.* Rio, Livr. de A. G. Guimarães, 1870-1871. 4 v.

[3446]

Docca, Emílio Fernandes de Souza. *Causas da guerra com o Paraguai: autores e responsáveis.* P. Alegre, Livr. Americana, 1919. 232 pp.

Trata dos antecedentes da guerra, desde o fim da questão com o Prata. **[3447]**

Dornas, João (Filho). *O padroado e a igreja brasileira.* S. Paulo, Ed. Nacional, 1938. 304 p. (Brasiliana, v. 125).

Estudo das relações entre a igreja e o estado durante o período imperial, principalmente com referência à questão religiosa. **[3448]**

Eu, conde D'.

vide

Orleans, Gastão de, conde d'Eu.

Figueiredo, Afonso Celso de Assis, visconde de Ouro Preto. *Advento da ditadura militar no Brasil* (*Rev.*

Inst.Hist. Geo, Brasil. t. 96, v. 150. 1924). **[3449]**

Fix, Teodoro. *Guerra do Paraguai.* Trad. de A. J. Fernandes dos Reis. Rio, Garnier, s.d. 262 p.

Trabalho resumido, baseado em grande parte na obra de Schneider. **[3450]**

Fragoso, Augusto Tasso. *A batalha de passo do Rosario.* Rio, Imprensa militar, 1922. 390 p.

Trata de um dos últimos episódios da campanha da Cisplatina: a batalha chamada de Ituzaingó ou de passo do Rosário: obra de valor informativo, mas bastante documentada, com mapas, croquis, etc. **[3451]**

Fragoso, Augusto Tasso. *História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai.* Rio, Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934. 5 v.

Trabalho de grande mérito e vastas proporções, copiosamente documentado e com numerosos mapas referentes às campanhas militares. **[3452]**

Galvão, Rufino Enéias Gustavo. *Campanha do Paraguai, 1867-1868.* Rio, 226 p. Imprensa Militar, 1922.

Notas extraídas do diário do visconde de Maracaju, referentes aos episódios de Curupaiti, Humaitá e Angustura. **[3453]**

Gama, Aníbal. *A Marinha brasileira na pacificação interna do Brasil* (An. Congr. Inter. Hist. Amer., VII, 275-454. Rio, 1928).

Trata da ação da marinha em todas as lutas internas do Brasil, antes e depois da independência. Trabalho de valor informativo. **[3454]**

Garmendia, José Inácio. *Campaña de Humaytá,* 2ª edicion. Buenos Aires, Jacobo Pauser, 1901. 262 p.

Contém boas informações sobre alguns episódios da campanha paraguaia, tais como a passagem do rio Paraná, os combates de Estero Bellaco e a batalha de Tuiuti. **[3455]**

Grossi, Vincenzo. *Storia della colonizazione italiana nello stato di S. Paulo.* 2ª ed. riveduta dall'autore. Milano, Albrighi, Segati, 1914. 558 p.

Obra de propaganda. Contém, entretanto, dados úteis. **[3456]**

Guajará, Barão de.

vide

Raiol, Domingos Antônio, barão de Guajará.

Hill, Lawrence Francis. *The abolition of the African slave trade to Brazil. (The Hispanic. American historical,* XI, may 1931, p. 169-197). (E.S.) **[3457]**

Hill, Lawrence Francis. *The Confederate exodus to Latin America.* Austin (Texas), 1936. 94 p.

Relato erudito e documentado da emigração para a América Latina do sul dos Estados Unidos, depois da Guerra Civil. As páginas 39-75 são dedicadas ao Brasil. Apareceu originalmente, em forma de artigo, no *Southwestern Historical Quartely,* XXXIX (Austin, Texas, 1935-1936). (E.S.) **[3458]**

Hoonholtz, Antônio Luís von. *Memórias do almirante barão de Tefé: a batalha naval do Riachuelo,* contada à família em carta íntima poucos dias depois desse feito. Rio, Garnier, s.d. 168 p.

Carta íntima escrita pelo 1º T.te Antônio Luís von Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguari* a

seu irmão Frederico José von Hoonholtz, residente no Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1865, narrando a batalha de Riachuelo, no dia 11 daquele mesmo mês. Constitui, portanto, valiosa peça documental. **[3459]**

Jaceguai, Artur. *Reminiscências da guerra do Paraguai;* pref. do contra-almirante Raul Tavares. Rio, 1935. 326 p.

Obra valiosa pelas muitas informações referentes à primeira fase da guerra. **[3460]**

Jouroan, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguai,* pelo 1º Tenente E. C. Jourdan, membro da Com. de Engenheiros do Exército. Rio, Tip. Perseverança, 1871. 157 p. **[3461]**

Jouroan, Emilio Carlos. *História das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai,* 1864-1870. Rio, Imprensa Nacional, 1893. 3. v.

É apenas a reedição ampliada de um trabalho publicado em 1871; obra medíocre, quer pelo texto, quer pelo estilo. **[3462]**

Lamas, Pedro S. *Etapas de una gran politica: el sitio; la alianza; Caseros; el Paraguay.* Sceaux, Imprenta Charaire, 1908. 324 p.

Livro de recordações pessoais, contém, entretanto, alguma coisa interessante sobre a questão do Prata. **[3463]**

Lemos, Brito.

vide

Brito, Lemos.

Lobo, Hélio. *As portas da guerra; do ultimatum Saraiva,* 10 de agosto de 1864, à convenção da Villa União, 20 de fevereiro de 1865. Rio, Imprensa Nacional, 1916. 270 p.

Trabalho valioso para o estudo da última fase da questão do Prata, o *plano inclinado* que conduziu à guerra. **[3464]**

Manchester, Alan Krebs. *The paradoxical Pedro, first Emperor of Brazil. (The Hispanic American historical review,* XII, may, 1932, p. 176-197) (E.S.) **[3465]**

Manchester, Alan Krebs. *The rise of the Brazilian aristocracy. (The Hispanic American historical review,* XI, may, 1931, p. 145-168) (E.S.) **[3466]**

Manning, William Ray. *An early diplomatic controversy between the United States and Brazil. (The Hispanic American historical review,* I**,** may, 1918, p. 123-145) (E.S.) **[3467]**

Marinho, Joaquim Saldanha. *A Igreja e o Estado, por Ganganelli,* pseud. Rio, Tip. imp. e const. de J. Villeneuve & Cia. Tip. Perseverança, 1873-1876. 4 v.

Obra fundamental para o estudo das relações entre a Igreja e o Estado durante o Império, principalmente sobre a questão religiosa. **[3468]**

Marinho, José Antônio. *História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais.* 2ª. edição. Pref. de J. Rodrigues de Almeida. Lafaiete, Minas, Tip. Almeida, 1939. 398 p.

Trabalho fundamental para estudo da revolução liberal de Minas Gerais, em 1842. Publicação pela 1ª vez em 1844. **[3469]**

Martin, Percy Alvin. *Causes of the collapse of the Brazilian Empire. (The Hispanic American historical review,* IV, feb. 1921, p. 4-48) (E.S.) **[3470]**

Martin, Percy Alvin. *The influence of the United States on the opening of the Amazon to the world's commerce. (The Hispanic*

American historical review, I, may 1918, p. 146-162). (E.S.) **[3471]**

Martin, Percy Alvin. *Slavery and abolition in Brazil. (The Hispanic American historical review*, XIII, may 1933, p. 151-196). (E.S.). **[3472]**

Melo, Jerônimo Martiniano Figueira de. *Chronica da rebelião Praieira em 1848 e 1849*, Rio, Tip. do Brasil de J. J. da Rocha, 1850. 428-184 p.

Contém numerosos documentos justificativos; trabalho fundamental para o estudo desse movimento revolucionário em Pernambuco. **[3473]**

Melo, Urbano Sabino Pessoa de. *Apreciação da revolta Praieira em Pernambuco.* Rio, Tip. do Correio Mercantil de Rodrigues e C. 1849. 423 p. **[3474]**

Montenegro, J. Artur. *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai:* 1ª série. Pref. de R. Farias Brito, Rio Grande, Livr. Rio-Grandense, 1900. 116 p.

Trabalho de vulgarização sobre alguns episódios da Guerra do Paraguai. **[3475]**

Nabuco de Araújo, José Tomás.

vide

Araújo, José Tomás Nabuco de. *Negócios do Rio da Prata:* discussão sobre várias questões pendentes entre o Governo Imperial e a Confederação Argentina, e artigos publicados no *Jornal do Comércio* sobre cada uma delas. Rio, Tip. de J. Villeneuve, 1850. 134 p. **[3476]**

Oliveira, Antônio José Dias de. *Guerra do Paraguai; a campanha das cordilheiras; fim da guerra; golpe de vista sobre a formação da nacionalidade paraguaia* (An. 1º Congr. Hist. Nac. Rio, 1917, v. 5, p. 295-366).

Guerra do Paraguai. **[3477]**

Orleans, Gastão d', Conde d'Eu. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul: agosto a novembro de 1865.* Pref. e 19 cartas do príncipe, comentadas por Max Fleiuss. S. Paulo, Ed. Nacional, 1936. 290 p. (Brasiliana, v. 61).

É a narrativa da viagem do genro de D. Pedro II ao teatro da guerra com o Paraguai. Interessante pela forma de diário, o que permitiu ao príncipe acompanhar e narrar detalhadamente os acontecimentos, principalmente a rendição de Estigarribia em Uruguaiana. **[3478]**

Ouro Preto, Visconde de.

vide

Figueiredo, Afonso Celso de Assis, Visconde de Ouro Preto. *Papeles del tirano del Paraguay tomados por los aliados en el asalto de 27 de diciembre de 1868.* B. Aires. Imprensa Buenos Aires, 1869. 140 p.

Encerra valiosos e interessantes documentos. **[3479]**

Pinho, José Vanderlei de Araújo. *A política no Império: homens e fatos.* Rio, 1930. 167 p.

Estudos bem documentados sobre a infância e mocidade de Saraiva. O incidente Caxias e a queda de Zacarias em 1868, e a queda do gabinete Itaboraí. **[3480]**

Pinto, J. A. (Júnior). *Movimento político da província de São Paulo em 1842.* Primeira parte: causas que ocasionarão o movimento. Santos, Tip. do *Diário de Santos*, 1879. 86 p. **[3481]**

Raiol, Domingos Antônio, barão de Guajará. *Abertura do Amazonas; extrato dos debates no Parlamento brasileiro acerca do projeto de lei sobre a abertura do rio Amazonas à navegação e ao comércio do*

mundo; reflexões sobre a colonização, liberdade religiosa e varios outros assuntos. Pará, Tip. do *Jornal do Amazonas,* 1867. 121 p. **[3482]**

Rebaudi, A. *Guerra del Paraguay: la conspiración contra S.E. el presidente de la republica, mariscal don Francisco Solono López.* Buenos Aires, Imprensa Constancia, 1917. 160 p.

Contém alguns documentos valiosos. **[3483]**

Rocha, Justiniano José da. *Ação; reação; transação: duas palavras acerca da atualidade do Brasil.* Rio, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1855.

A edição mais recente foi feita pela *Revista do Brasil* (fase Tarqüínio de Sousa), nº 15, p. 81-101, ano de 1939. É um dos panfletos mais notáveis sobre a situação do Brasil em meados do século XIX. **[3484]**

Schneider, L. *A guerra da tríplice aliança: Império do Brasil, República Argentina e República Oriental do Uruguai, contra o governo da República do Paraguai, 1864-1870;* trad. de Manuel Tomás Alves Nogueira, an. por J. M. da Silva Paranhos. Rio, Tip. Americana, 1875-1876. 2 v. **[3485]**

Sceber, Francisco. *Cartas sobre la guerra del Paraguay, 1865-1866.* Buenos Aires, L. J. Rosso, 1907. 182 p.

Contém boas informações sobre a primeira fase da guerra do Paraguai. **[3486]**

Seidler, Carl Friedrich Gustav. *Dez anos no Brasil.* Tradução e notas do general Bertoldo Klinger; pref. e notas do Coronel F. de Paula Cidade. S. Paulo, Martins s.d. 322 p. (Biblioteca Histórica Brasileira, v. 8).

Obra escrita mais com o intuito de atacar e desmoralizar que criticar imparcialmente o Brasil, encerra, todavia, um depoimento valioso sobre a vida brasileira durante o 1º Império, quando o autor viveu no Rio de Janeiro como oficial do corpo de mercenários de D. Pedro I. **[3487]**

Silva, José Luís Rodrigues da. *Recomendações da campanha do Paraguai,* Pref. de João Maia. S. Paulo, Melhoramentos, 1924. 130 p.

Livro de recordações pessoais, contém valiosas informações sobre a vida íntima dos acampamentos do Exército. **[3488]**

Sousa, Bernardo Xavier Pinto de. *História da revolução de Minas Gerais em 1842, exposta em um quadro cronológico, organizado de peças oficiais das autoridades legítimas, dos atos revolucionários da liga facciosa; de artigos publicados nas folhas periódicas, tanto da legalidade como do partido insurgente, e de outros documentos sobre a mesma revolução.* Rio de Janeiro, Tip. de Barroso e Comp., 1843. 352, 46 p.

Obra clássica para o estudo da Revolução de 1842, em Minas Gerais. **[3489]**

Sousa, Antônio Fernandes de. *A invasão paraguaia em Mato Grosso; edição comemorativa do bicentenário da fundação da cidade de Cuiabá.* Cuiabá Tip. de J. Pereira Leite, 1919. 140 p.

Contém alguns documentos interessantes sobre os primeiros tempos da Guerra do Paraguai. **[3490]**

Sousa, Otaviano Pereira de. *História da Guerra do Paraguai (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.,* t. 102, v. 156. 192) 7. **[3491]**

Spalding, Walter. *A invasão paraguaia no Brasil; prefácio e notas com muita documen-*

tação inédita. São Paulo, Ed. Nacional, 1940. 634 p. (Brasiliana, v. 185).

Encerra este volume numerosa documentação inédita e de grande valor para o melhor conhecimento da Guerra do Paraguai: correspondência do Presidente da Província do Rio Grande do Sul, correspondência do Tenente-General Caldwell, relatório da Comissão de Engenheiros do Exército em operações no Rio Grande do Sul, correspondência de Davi Canabarro e de Osório além de outros documentos referentes à rendição de Uruguaiana e à invasão dos paraguaios em Mato Grosso. **[3492]**

Tasso Fragoso

vide

Fragoso, Augusto Tasso.

Taunay, Alfredo de Escragnolle, Visconde de. *Cartas da campanha.* Pref. Afonso de E. Taunay. S. Paulo, Melhoramentos, 1922. 200 p.

Contém a correspondência do autor referente aos dois últimos anos da Guerra do Paraguai. **[3493]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, Visconde de. *Diário do Exército.* Pref. de Afonso de E. Taunay. S. Paulo Melhoramentos, 1926. 2 v.

É o documento mais importante existente sobre a última fase da Guerra do Paraguai; compreende duas partes: A campanha da cordilheira, e de Campo Grande a Aquidabã, e foi redigido pelo então Tenente Alfredo de Escragnolle Taunay, por incumbência do próprio Conde d'Eu, comandante-em-chefe do Exército Brasileiro nas operações finais da guerra paraguaia. **[3494]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *Dias de guerra e de sertão.* 3ª edição. Pref. de Afonso de E. Taunay. São Paulo, Melhoramentos, 1927. 158 p.

Contém trechos do diário do autor referentes à campanha do Paraguai. **[3495]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *Em Mato Grosso invadido.* Pref. Afonso de E. Taunay. S. Paulo, Melhoramentos, 1929. 152 p.

Contém algumas impressões interessantes referentes à campanha militar no sul de Mato Grosso, formando um complemento ao livro *Dias de guerra e de sertão.* Contém ainda os anexos ao Relatório da Comissão de Engenheiros, publicado sob o título de *Marcha das forças.* **[3496]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *Marcha das forças; expedição de Mato Grosso, 1865-66; do Rio de Janeiro ao Coxim.* Pref. de Afonso de E. Taunay. Rio, Melhoramentos, 1928. 150 p.

Contém o relatório geral da Comissão de Engenheiros junto às forças em expedição para Mato Grosso, publicado originariamente na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro.* Valioso subsídio para a história da Guerra do Paraguai e particularmente dos acontecimentos que se prendem à retirada da Laguna. **[3497]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *Recordações de guerra e de viagem.* Pref. Afonso de E. Taunay. S. Paulo, Melhoramentos, 1924. 188 p.

Contém algumas reminiscências da campanha da cordilheira, além de notas avulsas da viagem do autor à

Europa. Como todos os trabalhos do visconde de Taunay, é importante para o conhecimento da fase final da Guerra do Paraguai. **[3498]**

Taunay, Alfredo de Escragnolle, visconde de. *Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai.* Traduzido da 5ª edição francesa por Afonso de E. Taunay. 7ª ed. brasileira ilus. e acrescida de avultada documentação. São Paulo, Melhoramentos, 1925. 290 p.

A retirada da Laguna é o mais conhecido e o mais popular dos trabalhos de Taunay e refere-se a um dos episódios mais notáveis da Guerra do Paraguai. Escrito originariamente em francês, dele foram feitas diversas traduções e numerosas edições, sendo a que mencionamos a melhor de todas pela vasta documentação acrescentada pelo Dr. Afonso de E. Taunay. **[3499]**

Tavares, Raul. *A marinha brasileira na Guerra do Paraguai.* (An. Congr. Inter. Hist. Amer., VII, p. 453-564, Rio, 1928.)

Estudo desenvolvido de um dos capítulos da historia militar brasileira, com abundância de informações. **[3500]**

Teixeira, Rafael Danton Garrastazu. *Resumo da Guerra do Paraguai.* 2ª edição. Rio, Imprensa Militar, 1931. 216 p.

Trabalho exclusivo de história militar; valor informativo. **[3501]**

Titara, Ladislau dos Santos. *Memórias do grande Exército Alliado libertador do Sul da América, na guerra de 1851 a 1852, contra os tiranos do Prata, é bem assim dos fatos mais graves, e notáveis, que precederam-na, desde vinte annos, e dos que mais influíram para a política enérgica, que ultimamente o Brasil adotou, a fim de dar paz, e segurança aos estados vizinhos; incluindo-se também noções exatas, e documentos da Batalha de Ituzaingó em 1827, e de seu resultado.* Rio Grande do Sul, Tip. de B. Berlink, 1852. 296 p.

Obra clássica sobre o assunto.

[3502]

Torres Homem, Francisco Sales. *O libelo do povo, por Timandro, pseud.* Rio, Tip. do Correio Mercantil, 1849. 96 p. **[3503]**

Torres Homem, Joaquim de Sales. *Annais das guerras do Brasil com o Estado do Prata e Paraguai.* Rio, Imprensa Nacional, 1911. 310 p.

Compõe-se a obra de três partes: 1) antecedentes dos tempos coloniais, 2) constituição dos estados sul-americanos e 3) guerras contra o império. **[3504]**

Vasconcelos, Gensérico de. *História militar do Brasil.* Rio, Imprensa Militar, 1921. 560 p.

Compreende duas partes: a primeira, sobre o fator militar na organização da nacionalidade brasileira, e a segunda sobre a campanha platina contra o Uruguai e a Argentina em 1851-1852. Trabalho de valor informativo, do ponto de vista militar, principalmente. **[3505]**

Versen, Max von. *História da Guerra do Paraguai e episódios de viagem na América do Sul.* Trad. de Manuel Tomás Alves Nogueira. (Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., t. 76, v. 128, 1913.) **[3506]**

Williams, Mary Wilhelmine. *Dom Pedro the magnanimous, second emperor of Brazil.* Chapell Hill, Univ. North Carolina press, 1937. 414 p.

Esta é a melhor biografia de Dom Pedro II publicada em qualquer língua. Obra notável de pessoa profundamente erudita. Ao escrever a obra, a falecida Williams fez uso de raras fontes inéditas, bem como de outras já publicadas. Trabalho objetivo, compreensivo e de fácil leitura. (E.S.)

[3507]